HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

MAGISTERIUM

O DESAFIO *de* FERRO
A LUVA *de* COBRE
A CHAVE *de* BRONZE
A MÁSCARA *de* PRATA
A TORRE *de* OURO

Galera junior

Obras das autoras publicadas pela Galera Record:

Série **Magisterium**
O desafio de ferro
A luva de cobre
A chave de bronze
A máscara de prata
A torre de ouro

Holly Black

Série **O Povo do Ar**
O príncipe cruel
O rei perverso
A rainha do nada
O canto mais escuro da floresta
Como o rei de Elfhame aprendeu a odiar histórias
Zumbis x unicórnios

Cassandra Clare

Série **Os Instrumentos Mortais**
Cidade dos ossos
Cidade das cinzas
Cidade de vidro
Cidade dos anjos caídos
Cidade das almas perdidas
Cidade do fogo celestial

Série **As Peças Infernais**
Anjo mecânico
Príncipe mecânico
Princesa mecânica

Série **Os Artifícios das Trevas**
Dama da meia-noite
Senhor das sombras
Rainha do ar e da escuridão

Série **As Últimas Horas**
Corrente de ouro

Série **As Maldições Ancestrais**

Os pergaminhos vermelhos da magia

O livro branco perdido

O códex dos Caçadores de Sombras

As crônicas de Bane

Uma história de notáveis Caçadores de Sombras e seres do Submundo: contada na linguagem das flores

Contos da Academia dos Caçadores de Sombras

MAGISTERIUM

O DESAFIO de FERRO

HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

Galera junior

HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

O DESAFIO de FERRO

MAGISTERIUM

LIVRO 1

Tradução
Raquel Zampil

1ª edição

GALERA
junior

RIO DE JANEIRO
2021

PARA SEBASTIAN FOX BLACK,
SOBRE O QUAL NINGUÉM ESCREVEU
UMA MENSAGEM AMEAÇADORA NO GELO.

↑≋△○@

SUMÁRIO

PRÓLOGO

À distância, o homem lutando para escalar a face branca da geleira talvez parecesse uma formiga rastejando lentamente pela lateral de um prato fundo. A favela de La Rinconada era uma coleção de pontos espalhados muito abaixo, e o vento ia aumentando de intensidade à medida que ele ganhava altitude, soprando rajadas de neve em seu rosto e congelando as mechas úmidas dos cabelos pretos. Apesar dos óculos de proteção, ele franziu o rosto contra os ofuscantes reflexos do pôr do sol.

Ainda assim, o homem não tinha medo de cair, embora não usasse cordas nem linhas de segurança, somente grampos e um único machado de gelo. Seu nome era Alastair Hunt, e ele era um mago. Enquanto escalava, dava forma e moldava a substância congelada da geleira sob suas mãos. Apoios para pés e mãos surgiam à medida que ele avançava pouco a pouco em seu caminho ascendente.

Quando alcançou a caverna, a meio caminho do topo, estava parcialmente congelado e totalmente exausto de curvar sua vontade para domar o pior dos elementos. Exercer a magia de maneira tão contínua minava sua energia, mas ele não ousara diminuir o ritmo.

A caverna se abria como uma boca na encosta da montanha, impossível de ser vista de cima ou de baixo. Ele içou o corpo sobre a borda da abertura e arquejou, inspirando profundamente e amaldiçoando-se por não ter chegado antes, por ter permitido ser enganado. Em La Rinconada, as pessoas tinham visto a explosão e sussurrado sobre o que ela significava, o fogo dentro do gelo.

Fogo dentro do gelo. Tinha de ser um pedido de socorro... ou um ataque. A caverna estava repleta de magos velhos demais ou jovens demais para lutar, os feridos e os doentes, mães de crianças muito pequenas que não podiam ser deixadas para trás — como a mulher e o filho do próprio Alastair. Eles haviam se escondido ali, em um dos lugares mais remotos da terra.

Mestre Rufus insistira que, de outro modo, estariam vulneráveis, reféns do destino, e Alastair confiara nele. Depois, quando o Inimigo

da Morte não apareceu no campo para encarar a campeã dos magos, uma garota Makar em quem eles haviam depositado todas as suas esperanças, Alastair se dera conta de seu erro. Ele chegara a La Rinconada o mais depressa que pôde, voando a maior parte do caminho no dorso de um elemental do ar. De lá, seguira a pé, pois o controle do Inimigo sobre os elementais era imprevisível e forte. Quanto mais alto ele subia, mais assustado ficava.

Que eles estejam bem, pensou ao entrar na caverna. *Por favor, que eles estejam bem.*

Deveria ouvir o choramingo de crianças. Deveria ouvir o burburinho de conversas nervosas e o zumbido da magia dominada. Em vez disso, havia apenas o uivo do vento que varria o pico deserto da montanha. As paredes da caverna eram de gelo branco salpicado de vermelho e marrom nos pontos em que o sangue tinha respingado e derretido em manchas. Alastair tirou os óculos de proteção e os largou no chão, avançando pela passagem, lançando mão dos resquícios de seu poder para se acalmar.

As paredes da caverna emitiam um sinistro brilho fosforescente. Longe da entrada, aquela era a única luz que havia, o que provavelmente explicava por que ele tropeçou no primeiro corpo e quase caiu de joelhos. Alastair afastou-se com um grito, então estremeceu ao ouvir a própria voz ecoar. A maga caída parecia irreconhecível de tão queimada, mas usava a pulseira de couro com a grande peça de cobre martelada que a identificava como aluna do segundo ano do Magisterium. Não devia ter mais que 13 anos.

Já devia estar acostumado com a morte a esta altura, disse a si mesmo. Eles estavam em guerra com o Inimigo fazia uma década que, às vezes, parecia um século. Primeiro, tinha sido considerado impossível — um único jovem, mesmo sendo um dos Makaris, planejando conquistar a morte. Mas à medida que o poder do Inimigo aumentava, e crescia seu exército de Dominados pelo Caos, a ameaça havia se tornado inescapavelmente cruel... culminando naquele impiedoso massacre dos mais indefesos, dos mais inocentes.

Alastair se aprumou e adentrou ainda mais na caverna, procurando desesperadamente por um rosto acima de todos. Forçou sua passagem entre os corpos dos Mestres idosos do Magisterium e

do Collegium, filhos de amigos e conhecidos, e magos que tinham sido feridos em batalhas anteriores. Entre eles jaziam os corpos despedaçados dos Dominados pelo Caos, os olhos revirados escurecidos para sempre. Embora estivessem despreparados, os magos provavelmente se lançaram em uma luta e tanto para conseguir matar tantos integrantes das forças do Inimigo. Com o terror lhe agitando as entranhas, os dedos das mãos e dos pés dormentes, Alastair passou por cima de tudo ali, cambaleando... até que a viu.

Sarah.

Ele a encontrou caída no fundo da caverna, encostada a uma parede de gelo embaçado. Seus olhos estavam abertos, fitando o nada. As duas íris estavam turvas e os cílios, grudados com o gelo. Ele se abaixou e acariciou com os dedos seu rosto gelado. Respirou fundo, seu soluço cortando o ar.

Mas onde estava o filho deles? Onde estava Callum?

A mão direita de Sarah segurava uma adaga. Ela havia se destacado na moldagem de minérios obtidos das profundezas do solo. Ela mesma tinha feito a adaga em seu último ano no Magisterium. A arma tinha um nome: Semíramis. Alastair sabia o quanto Sarah estimava aquela faca. *Se eu tiver de morrer, que seja empunhando minha própria arma*, sempre lhe dizia. Mas ele não queria que ela morresse de jeito nenhum.

Seus dedos roçaram o rosto gelado.

Um choro o fez dar meia-volta. Naquela caverna cheia de morte e silêncio, um choro.

Uma criança.

Ele se virou, procurando desesperadamente a origem do frágil choramingo. Parecia vir de perto da entrada da caverna. Ele refez o caminho pelo qual viera, tropeçando em cadáveres, alguns rígidos e congelados como estátuas — até que, de repente, outro rosto conhecido o fitou do meio da carnificina.

Declan. O irmão de Sarah, ferido na última batalha. Pelo visto, fora estrangulado por um uso particularmente cruel da magia do ar; o rosto estava azul e os olhos, injetados por vasos rompidos. Um de seus braços estava aberto, e, embaixo dele, protegido do chão gelado da caverna por uma manta feita no tear, estava o filho bebê

de Alastair. Enquanto ele o olhava com espanto, o menino abriu a boca e soltou outro choro baixo e fraco.

Como que num transe, tremendo de alívio, Alastair se curvou e levantou o filho. O menino olhou para ele com grandes olhos cinzentos e abriu a boca para gritar de novo. Quando a manta caiu para o lado, Alastair entendeu o porquê. A perna esquerda do bebê pendia em um ângulo horrível, como um galho de árvore partido.

Alastair tentou evocar a magia da terra para curar o menino, mas só lhe restava poder suficiente para amenizar um pouco a dor. Com o coração disparado, tornou a envolver bem seu filho na manta e ziguezagueou pela caverna até onde Sarah estava. Segurando o bebê como se ela pudesse vê-lo, ele se ajoelhou ao lado do corpo.

— Sarah — sussurrou, as lágrimas espessas em sua garganta. — Vou contar a ele que você morreu o protegendo. Vou criá-lo na lembrança do quanto você foi corajosa.

Os olhos da mulher o fitavam, vazios e pálidos. Ele apertou a criança junto ao corpo e estendeu o braço para lhe tirar Semíramis da mão. Foi então que viu que o gelo perto da lâmina estava estranhamente marcado, como se ela o tivesse arranhado enquanto morria. Mas as marcas eram propositais demais para isso. Ao inclinar-se mais para perto, percebeu que eram palavras... palavras que sua mulher tinha gravado no gelo da caverna com as últimas forças.

Enquanto lia, sentiu cada palavra como três fortes golpes no estômago.

MATE O MENINO

CAPÍTULO UM

Callum Hunt era uma lenda em sua pequena cidade da Carolina do Norte, mas não por bons motivos. Famoso por afugentar professores substitutos com comentários sarcásticos, também era especialista em aborrecer diretores e inspetores escolares, além das senhoras da cantina. Os orientadores, que sempre começavam querendo ajudá-lo (afinal, a mãe do pobre garoto havia morrido), acabavam por esperar que ele nunca mais tornasse a aparecer em suas salas. Não havia nada mais constrangedor do que ser incapaz de dar uma resposta rápida a um garoto de 12 anos cheio de raiva.

A perpétua expressão fechada, os cabelos pretos despenteados e os olhos cinzentos desconfiados de Call eram bem conhecidos de seus vizinhos. Ele gostava de andar de skate, embora tivesse demorado um pouco para pegar o jeito; vários carros ainda exibiam as marcas de algumas de suas primeiras tentativas. Era visto com frequência à espreita diante da vitrine da loja de livros e revistas em quadrinhos, da galeria e da loja de video games. Até o prefeito o conhecia. Seria difícil esquecê-lo depois que passou furtivamente pelo atendente do pet-shop durante a Parada de Primeiro de Maio e pegou uma toupeira, cujo destino seria alimentar uma jiboia. Ele lamentara pela criatura cega e enrugada que parecia incapaz de cuidar de si mesma — em nome da justiça, também libertara todos os camundongos brancos que teriam sido os próximos no cardápio da cobra.

Ele jamais imaginara que os camundongos fossem investir enlouquecidos contra os pés dos participantes do desfile, mas camundongos não são muito espertos. Tampouco imaginara que os espectadores fugissem dos camundongos, mas as pessoas também não são muito espertas, como o pai de Call explicara quando tudo terminou. Não era culpa de Call se o desfile tinha sido arruinado, mas todos — especialmente o prefeito — agiram como se fosse. Além do mais, seu pai obrigara Call a devolver a toupeira.

O pai de Call não aprovava furtos.

Em sua opinião, eram tão nocivos quanto magia.

↑≋∆○@

Callum se mexia irrequieto na cadeira dura em frente à sala do diretor, perguntando-se se estaria de volta à escola no dia seguinte e se alguém sentiria sua falta se ele não estivesse. Muitas e muitas vezes, recordou as diferentes maneiras de não passar na prova do mago — de preferência, da forma mais espetacular possível. Seu pai tinha listado centenas de vezes as formas de ser reprovado: *Esvazie totalmente sua mente. Ou concentre-se em alguma coisa oposta ao que aqueles monstros querem. Ou foque sua mente na prova de outra pessoa em vez da sua.* Call esfregou a panturrilha, que estivera rígida e dolorida na aula daquela manhã; ficava assim às vezes. Quanto mais alto ele se tornava, mais ela parecia doer. Pelo menos na parte física da prova do mago — fosse ela qual fosse — seria fácil ser reprovado.

Mais adiante no corredor, podia ouvir as outras crianças na aula de educação física, os tênis guinchando na madeira lustrosa do piso, as vozes elevadas enquanto gritavam provocações uns para os outros. Ele queria ao menos uma vez conseguir jogar. Podia não ser tão rápido quanto os outros meninos ou manter o equilíbrio tão bem, mas estava cheio de energia inquieta. Fora dispensado da exigência da educação física por causa da perna; até o ensino fundamental, quando tentava correr, pular ou subir em algum brinquedo na hora do recreio, um dos inspetores se aproximava e o lembrava de que precisava ir mais devagar para não se machucar. Se ele insistisse, eles o faziam entrar.

Como se alguns hematomas fossem a coisa mais terrível que poderia acontecer a alguém. Como se sua perna fosse piorar.

Call suspirou e olhou através das portas de vidro da escola, para o lugar onde seu pai em breve encostaria o carro. Ele dirigia o tipo de carro impossível de passar despercebido, um Rolls-Royce Phantom 1937, prata brilhante. Ninguém mais na cidade tinha um daqueles. O pai de Call era dono de uma loja de antiguidades na rua principal, a Agora e Sempre; não havia nada de que ele gostasse mais do que pegar objetos velhos e quebrados e deixá-los brilhantes, como novos. Para manter o carro funcionando, precisava fazer manutenção quase todo fim de semana. E vivia pedindo a Call

que o lavasse e passasse algum estranho tipo de cera para carros, para evitar a ferrugem.

O Rolls-Royce funcionava perfeitamente... ao contrário de Call. Ele baixou os olhos para os tênis enquanto batia com os pés no chão. Quando usava jeans como aqueles, não dava para perceber nada de errado com sua perna, mas sem dúvida ficava evidente no instante em que ele se levantava e começava a andar. Quando bebê, tinha passado por sucessivas cirurgias e todos os tipos de fisioterapia, mas nada tinha realmente ajudado. Ele ainda mancava e arrastava um pouco a perna, como se tentasse se equilibrar em um barco sendo jogado de um lado para o outro.

Quando era mais novo, às vezes brincava que era um pirata ou mesmo um bravo marinheiro com uma perna de pau, naufragando com o navio após uma longa batalha de canhões. Brincava de piratas e ninjas, caubóis e exploradores alienígenas.

Mas jamais brincadeiras que envolvessem magia.

Jamais.

Ele ouviu o ronco de um motor e começou a se levantar — só para voltar a se sentar, aborrecido. Não era seu pai; só um Toyota vermelho comum. Um instante depois, Kylie Myles, uma aluna de sua turma, passou depressa por ele, com uma professora a seu lado.

— Boa sorte nos testes de balé — desejou a Sra. Kemal, e virou-se para voltar para a sala de aula.

— Ok, obrigada — respondeu Kylie, e depois olhou de um jeito estranho para Call, como se o estivesse avaliando.

Kylie *nunca* olhava para Call. Aquela era uma das características que a definiam, assim como os cabelos louros brilhantes e a mochila de unicórnio. Nos corredores, o olhar da garota passava direto por ele, como se fosse invisível.

Com um meio aceno ainda mais estranho e surpreendente, ela se dirigiu para o Toyota. Ele viu seus pais nos bancos dianteiros, parecendo ansiosos.

Não era possível que estivesse a caminho do mesmo lugar que ele, era? Não podia estar a caminho do Desafio de Ferro. Mas se estivesse...

Ele se levantou. Se ela ia para lá, alguém deveria alertá-la.

Muitas crianças acham que se trata de algo para quem é especial, dissera o pai de Call, a repugnância evidente em sua voz. *Os pais pensam assim também. Especialmente nas famílias em que a aptidão mágica remonta a gerações. E algumas famílias nas quais a magia se extinguiu quase totalmente veem o fato de terem uma filha ou filho mágico como a esperança de um retorno ao poder. Mas são as crianças sem nenhum parente mágico que merecem mais compaixão. São elas que pensam que vai ser como nos filmes.*

Não tem nada a ver com os filmes.

Nesse momento, o pai de Call encostou o carro junto ao meio-fio em frente à escola com um guinchar de pneus, bloqueando a visão que Call tinha de Kylie. Call mancou na direção das portas e saiu da escola, mas, quando alcançou o Rolls-Royce, o Toyota dos Myles já virava a esquina, saindo do seu ângulo de visão.

E lá se foi a oportunidade de adverti-la.

— Call.

O pai saíra do carro e estava encostado na porta do lado do passageiro. Seus cabelos pretos desgrenhados — os mesmos cabelos escuros embaraçados de Call — estavam ficando grisalhos nas têmporas, e ele vestia um blazer de *tweed* com cotoveleiras, apesar do calor. Call sempre achara que o pai se parecia com o Sherlock Holmes da antiga série da BBC; às vezes as pessoas se surpreendiam por ele não falar com sotaque britânico.

— Está pronto?

Call encolheu os ombros. Como poderia estar pronto para algo que tinha potencial para estragar sua vida inteira caso desse as respostas erradas? Ou certas, no caso.

— Acho que sim.

O pai abriu a porta.

— Ótimo. Entre.

O interior do Rolls-Royce era tão impecável quanto o exterior. Call ficou surpreso de encontrar seu velho par de muletas jogado no banco detrás. Fazia anos que não precisava delas, não desde que caíra de um trepa-trepa e torcera o tornozelo — o tornozelo da perna *boa*. Quando o pai de Call entrou no carro e deu a partida, Call apontou para elas e perguntou:

— Para que isso?

— Quanto pior você parecer, maiores as chances de o rejeitarem — respondeu o pai em tom sombrio, olhando para trás quando dava a partida.

— Isso soa como trapaça — objetou Call.

— Call, as pessoas trapaceiam para *vencer*. Não se trapaceia para perder.

Call revirou os olhos, deixando o pai acreditar no que quisesse. Tudo que sabia com certeza era que de jeito nenhum ele iria usar aquelas muletas se não precisasse. Mas não queria discutir o assunto, não naquele dia, quando o pai tinha queimado a torrada no café da manhã, o que era bastante incomum, e sido ríspido com Call quando ele reclamou de precisar ir à escola para sair poucas horas depois.

Agora o pai estava curvado sobre o volante, os maxilares cerrados e os dedos da mão direita segurando com força a alavanca de câmbio, mudando a marcha com violência desnecessária.

Call tentou fixar o olhar nas árvores do lado de fora, cujas folhas começavam a amarelar, e se lembrar de tudo que sabia sobre o Magisterium. Da primeira vez que o pai disse alguma coisa sobre os Mestres e como eles escolhiam seus aprendizes, ele sentara Call em uma das grandes poltronas de couro em seu escritório. O cotovelo de Call tinha sido enfaixado e o lábio estava cortado, consequências de uma briga na escola, e ele não estava com energia para ouvir nada. Além disso, o pai parecia tão sério que Call ficara assustado. E foi assim também que seu pai falou, como se fosse contar a Call que ele estava com uma doença terrível. Acabou que a doença era o potencial para a magia.

Call tinha se encolhido na cadeira enquanto o pai falava. Estava habituado a ser provocado; as outras crianças achavam que a perna fazia dele um alvo fácil. Normalmente conseguia convencê-las do contrário. Daquela vez, porém, fora um bando de garotos mais velhos que o havia encurralado atrás do galpão perto do trepa-trepa no caminho da escola para casa. Eles o empurraram e avançaram sobre ele com os insultos de sempre. Callum tinha aprendido que a maioria das pessoas recuava quando ele partia para a briga, então tentara acertar o garoto mais alto. Aquele havia sido seu primeiro erro. Logo eles o atiraram no chão, um deles sentando-se sobre

seus joelhos enquanto outro o esmurrava no rosto, tentando obrigá-lo a pedir desculpas e admitir que era um palhaço manco.

— Me desculpem por eu ser incrível, seus perdedores — dissera Call pouco antes de apagar.

Ele devia ter ficado desacordado por apenas um minuto, porque, quando abriu os olhos, pôde ver as figuras dos meninos em retirada já longe. Estavam fugindo. Call mal podia acreditar que sua frase de efeito tinha funcionado tão bem.

— Está certo — dissera, sentando-se. — É melhor correrem!

Então ele olhou ao redor e viu que o chão de concreto ao seu redor tinha rachado. Uma longa fissura ia dos balanços até a parede do galpão, dividindo a pequena construção ao meio.

Ele estava deitado exatamente no caminho do que parecia ter sido um miniterremoto.

Ele achou aquilo a coisa mais impressionante que já acontecera. O pai discordou.

— A magia é de família — disse o pai de Call. — Nem todos de uma mesma família necessariamente a terão, mas parece que você talvez tenha. Infelizmente. Lamento muito, Call.

— Então a rachadura no chão... está dizendo que eu fiz aquilo?

Call se sentira dividido entre uma alegria vertiginosa e um horror extremo, mas a alegria estava vencendo. Podia sentir os cantos da boca se levantando, e tentava forçá-los de volta para baixo.

— É isso que os magos fazem?

— Os magos recorrem aos elementos, terra, fogo, água e ar, e até ao vazio, que é a fonte da magia mais poderosa e terrível de todas: a magia do caos. Podem usar a magia para muitas coisas, inclusive para partir a própria terra, como você fez. — O pai assentiu para si mesmo. — No começo, quando a magia aparece, ela é muito intensa... É o poder em estado bruto... Mas o equilíbrio é o que modera a aptidão mágica. É preciso muito estudo para ter tanto poder quanto um mago recém-despertado. Jovens magos têm pouco controle. Mas, Call, você precisa lutar contra isso. E nunca deve usar sua magia de novo. Se usar, os magos vão levá-lo embora para os túneis.

— É onde fica a escola? O Magisterium fica no subterrâneo? — perguntara Call.

— Oculto sob a terra, onde ninguém pode encontrá-lo — respondeu o pai, em tom grave. — Não há luz lá embaixo. Nem janelas. O lugar é um labirinto. Você pode se perder nas cavernas e morrer, sem que ninguém jamais saiba.

Call passou a língua nos lábios repentinamente secos.

— Mas você é um mago, não é?

— Não uso minha magia desde que sua mãe morreu. Nunca mais vou usá-la.

— E mamãe foi para lá? Para os túneis? De verdade?

Call estava ansioso por ouvir qualquer coisa sobre a mãe. Não sabia muito sobre ela. Algumas fotografias amareladas num velho álbum, mostrando uma linda mulher com os cabelos pretos como os de Call e olhos de uma cor que ele não conseguia definir. Sabia que não devia fazer perguntas demais sobre ela ao pai, que nunca falava sobre a mãe de Call a menos que fosse absolutamente necessário.

— Sim, foi — confirmou o pai. — E foi por causa da magia que ela morreu. Quando entram em guerra, o que é frequente, os magos não se importam com as pessoas que morrem como consequência. E essa é outra razão para você não atrair a sua atenção.

Naquela noite, Call acordou gritando, acreditando que estava aprisionado sob a terra, que se empilhava sobre ele, como se estivesse sendo enterrado vivo. Por mais que se debatesse, não conseguia respirar. Depois, sonhou que fugia de um monstro feito de fumaça, cujos olhos giravam com mil cores diferentes e maléficas... mas ele não conseguia correr rápido o bastante por causa da perna. No sonho, ele a arrastava atrás de si como um peso morto, até que desmaiou, com o hálito quente do monstro em seu pescoço.

Outras crianças da turma de Call tinham medo do escuro, do monstro debaixo da cama, zumbis ou assassinos com machados gigantescos. Call tinha medo de magos, e, mais ainda, de ser um deles.

Agora ia encontrá-los. Os mesmos magos que eram o motivo da morte de sua mãe e de seu pai quase nunca rir e não ter nenhum amigo, sentado no escritório em que transformara a garagem, consertando joias, móveis e carros caindo aos pedaços. Call achava

que não precisava ser um gênio para entender por que o pai era obcecado por consertar coisas quebradas.

Passaram a toda velocidade por uma placa que dava boas-vindas à Virgínia. Tudo parecia igual. Ele não sabia o que esperar, mas tinha saído raras vezes da Carolina do Norte. As viagens para fora de Asheville eram pouco frequentes, na maioria das vezes para ir a encontros de permuta de peças de carros e feiras de antiguidade, onde Call perambulava entre montes de prataria escurecida, coleções de *cards* de beisebol em capas de plástico e cabeças de iaque empalhadas, antigas e esquisitas, enquanto o pai negociava alguma coisa inútil.

Ocorreu a Call que, se ele não trapaceasse no exame, talvez nunca mais fosse a um desses encontros de permuta. Sentiu um aperto no estômago e um calafrio o fez estremecer até os ossos. Forçou-se a pensar sobre o plano que o pai lhe incutira: *Esvazie totalmente sua mente. Ou concentre-se em alguma coisa oposta ao que aqueles monstros querem. Ou foque sua mente na prova de outra pessoa em vez da sua.*

Ele suspirou. O nervosismo do pai começava a afetá-lo. Ia dar tudo certo. Era fácil ser reprovado.

O carro saiu da rodovia e pegou uma estrada estreita. A única placa tinha o símbolo de um avião, com as palavras CAMPO DE AVIAÇÃO FECHADO PARA REFORMAS abaixo.

— Aonde estamos indo? — perguntou Call. — Vamos pegar um *avião* para algum lugar?

— Espero que não — murmurou o pai.

O pavimento da estrada passara abruptamente de asfalto para terra. Enquanto seguiam aos solavancos pelos poucos metros seguintes, Call se agarrava à porta para não sair voando nem bater com a cabeça no teto. Rolls-Royces não foram feitos para rodar em estradas de terra.

De repente, a rua alargou e as árvores se dispersaram. Estavam agora em um imenso espaço aberto. No meio, havia um enorme hangar feito de aço corrugado. Estacionados ao redor estavam cerca de uma centena de carros, desde picapes malconservadas até sedãs quase tão elegantes quanto o Rolls-Royce e muito mais

novos. Call viu pais com os filhos mais ou menos da sua idade, caminhando apressados para o hangar.

— Acho que estamos atrasados — disse Call.

— Ótimo.

O pai pareceu sentir uma satisfação lúgubre. Estacionou o carro e saiu, gesticulando para que Call o seguisse. Call estava contente por ver que o pai aparentemente havia se esquecido das muletas. O dia estava quente, e o sol batia nas costas da camiseta cinza de Call. Ele enxugou a palma das mãos suadas na calça jeans enquanto atravessavam o terreno e passavam pela grande e escura abertura que era a entrada do hangar.

Lá dentro, encontraram o caos. Crianças andavam de um lado para o outro, suas vozes ecoando no espaço imenso. Havia arquibancadas montadas ao longo de uma parede de metal, e, embora pudessem acomodar muito mais pessoas do que as presentes, pareciam pequenas diante da imensidão do recinto. Uma fita de um azul vivo marcava xis e círculos no piso de concreto.

Do outro lado, em frente a um conjunto de portas de hangar que outrora se abriam para deixar sair os aviões para as pistas, estavam os magos.

CAPÍTULO DOIS

Eram apenas seis magos, mas pareciam o suficiente para preencher o espaço com sua presença. Call não tinha certeza de como imaginara a aparência que eles teriam — sabia que seu pai era um mago, e ele era bastante comum, apesar do *tweed*. Ele presumiu que a maioria dos outros magos fosse muito mais esquisitos. Talvez com chapéus pontudos. Ou com estrelas prateadas estampadas nas vestes. Torcera para que algum deles fosse verde.

Para sua decepção, eles tinham um aspecto absolutamente normal.

Eram três mulheres e três homens, todos usando largas túnicas pretas com mangas compridas e cinto sobre calças do mesmo tecido. Tinham algemas de couro e metal nos pulsos, mas Call não sabia dizer se havia algo de especial sobre elas ou se eram apenas uma tendência da moda.

O mais alto dos magos, um homem grande, com ombros largos, nariz aquilino e cabelos castanhos despenteados, raiados de mechas prateadas, se adiantou e dirigiu-se às famílias nas arquibancadas.

— Sejam bem-vindos, aspirantes, e sejam bem-vindas, famílias de aspirantes, à tarde mais importante da vida de seus filhos.

Certo, pensou Call. *Nenhuma pressão ou coisa parecida*.

— Todos eles sabem que estão aqui para tentar entrar para a escola de magia? — perguntou Call baixinho.

O pai balançou a cabeça.

— Os pais acreditam no que desejam acreditar e ouvem o que desejam ouvir. Se querem que o filho seja um atleta famoso, eles acreditam que ele está entrando em um programa de treinamento exclusivo. Se esperam que a filha seja neurocirurgiã, é um pré-pré-preparatório para a escola de medicina. Se querem que o filho seja um homem rico, então acreditam que se trata de uma espécie de escola preparatória, onde ele vai conviver com os ricos e poderosos.

O mago continuou, explicando como a tarde transcorreria e quanto tempo demoraria:

— Alguns de vocês viajaram uma longa distância para dar esta oportunidade aos seus filhos, e queremos estender nossa gratidão a...

Call podia escutá-lo, mas ouvia também outra voz, que parecia vir de todos os lugares e de nenhum lugar ao mesmo tempo.

Quando Mestre North terminar de falar, todos os aspirantes devem se levantar e se dirigir até a frente. O Desafio está prestes a começar.

— Ouviu isso? — perguntou Call ao pai, que assentiu.

Call olhou os rostos ao redor, voltados para os magos, alguns apreensivos, outros sorridentes.

— E os candidatos?

O mago — Call achava que ele devia ser Mestre North, segundo a voz sem corpo — estava finalizando seu discurso. Call sabia que deveria começar a descer as arquibancadas, pois demoraria mais que os outros. Mas queria saber a resposta.

— Qualquer um com poder, por menor que seja, consegue ouvir Mestre Phineus. E a maioria dos aspirantes experimentou algum tipo de ocorrência mágica antes. Alguns já adivinharam o que são, outros têm certeza, e os demais estão prestes a descobrir.

Houve uma movimentação ruidosa quando os jovens se levantaram, sacudindo as arquibancadas de metal.

— Então este é o primeiro teste? — perguntou Call ao pai. — Se ouvimos Mestre Phineus?

O pai mal pareceu registrar o que ele estava dizendo. Parecia distraído.

— Acho que sim. Mas os outros testes serão muito piores. Apenas lembre-se do que eu falei e logo tudo estará terminado.

Ele segurou o pulso de Call, o que o surpreendeu. Sabia que o pai se importava com ele, mas não era muito chegado a contatos físicos na maior parte do tempo. Ele apertou forte a mão de Call e a soltou depressa.

— Agora vá.

Enquanto Call descia as arquibancadas, as outras crianças eram separadas em grupos. Uma das magas acenou para Call, indicando um grupo na ponta. Todos os outros aspirantes sussurravam entre si, aparentemente nervosos, mas cheios de expectativa. Call viu

Kylie Myles a dois grupos do dele. Ele se perguntou se deveria gritar para ela que na verdade não estava ali para os testes da escola de balé; ela, porém, estava sorrindo e conversando com alguns dos outros aspirantes, então duvidou de que ela o teria escutado.

Testes para a escola de balé, pensou ele, sombrio. *É assim que pegam você.*

— Sou Mestra Milagros — dizia agora a maga que orientara Call, enquanto encaminhava habilmente seu grupo para fora do grande recinto e os levava por um corredor longo, pintado com uma cor suave. — Para este primeiro teste, vocês permanecerão juntos. Por favor, venham comigo, mantendo a ordem.

Call, quase o último, apressou-se para alcançar o grupo. Sabia que estar atrasado era provavelmente uma vantagem se ele queria que pensassem que ele não ligava para os testes ou não sabia o que estava fazendo, mas odiou os olhares que recebeu quando ficou para trás. Na verdade, ele avançou tão depressa que acidentalmente esbarrou no ombro de uma menina bonita, com grandes olhos escuros. Ela lhe dirigiu um olhar irritado por baixo da cortina de cabelos, ainda mais escuros que os olhos.

— Desculpe — disse Call, automaticamente.

— Estamos todos nervosos — respondeu a menina, o que foi engraçado, porque ela não aparentava nervosismo. Parecia completamente calma. Suas sobrancelhas formavam arcos perfeitos. Não havia um grão de poeira em seu suéter cor de caramelo, nem nos jeans de aspecto caro. Usava um delicado pendente de filigrana em forma de mão ao redor do pescoço, que Call reconheceu de visitas a antiquários como sendo a Mão de Fátima. Os brincos de ouro em suas orelhas bem podiam ter um dia pertencido a uma princesa, ou mesmo a uma rainha. Imediatamente Call se sentiu inibido, como se estivesse coberto de pó.

— Ei, Tamara! — chamou um garoto asiático alto, com cabelos pretos escorridos cortados a navalha, e a menina afastou-se de Call.

O garoto disse mais alguma coisa, zombando enquanto falava, mas Call não conseguiu ouvir e ficou preocupado, achando que fosse algo sobre como ele era um aleijado que vivia esbarrando nas pessoas. Como se fosse o monstro de Frankenstein. O ressentimento borbulhou em seu cérebro — especialmente porque

Tamara não tinha olhado para ele como alguém que notara sua perna. Ela havia se irritado, como se ele fosse um garoto normal. Ele lembrou a si mesmo que, tão logo fosse reprovado nos testes, não precisaria tornar a rever nenhuma daquelas pessoas.

Além disso, eles iam morrer no subterrâneo.

O pensamento o fez seguir em frente por uma série infinita de corredores até uma grande sala branca onde carteiras estavam dispostas em fileiras. Era parecida com todas as salas em que Call havia feito um teste padronizado. As carteiras tinham mesas simples de madeira, presas a cadeiras frágeis. Cada uma continha um caderno azul, etiquetado com o nome da criança, e uma caneta sobre ele. Houve certa algazarra quando todos saíram de carteira em carteira, procurando os respectivos nomes. Call encontrou o seu na terceira fileira e deslizou para o assento, atrás de um garoto de cabelos claros e ondulados que usava um agasalho de time de futebol. Estava mais para um aficionado por esportes do que para um candidato à escola de magos. O garoto sorriu para Call, como se estivesse genuinamente feliz por estar sentado perto dele.

Call não se deu ao trabalho de retribuir o sorriso. Abriu o caderno azul, olhando as páginas com perguntas e círculos vazios para *A*, *B*, *C*, *D* ou *E*. Imaginara que as provas seriam assustadoras, mas o único perigo aparente era o de morrer de tédio.

— Por favor, mantenham os cadernos fechados até o início da prova — disse Mestra Milagros na frente da sala.

A Mestra era alta, com uma aparência extremamente jovem, que lembrava a Call um pouco sua professora substituta. Ela transmitia a mesma sensação de tenso constrangimento, como se não estivesse acostumada a passar muito tempo com crianças. Seus cabelos eram pretos e curtos, com uma mecha cor de rosa.

Call fechou o caderno e olhou à sua volta, percebendo que tinha sido o único a abri-lo. Decidiu que não contaria ao pai o quanto fora fácil evitar ser aceito.

— Em primeiro lugar, sejam todos bem-vindos ao Desafio de Ferro — prosseguiu Mestra Milagros, pigarreando. — Agora que estamos longe dos seus guardiões, podemos explicar com mais detalhes o que vai acontecer hoje. Alguns de vocês receberam convites para inscrição em uma escola de música ou uma escola

especializada em astronomia, matemática avançada ou equitação. Mas, como vocês já devem ter presumido a esta altura, na verdade estão aqui a fim de serem avaliados para admissão no Magisterium.

Ela ergueu os braços, e as paredes pareceram sumir. Em seu lugar, agora havia pedras brutas. As crianças permaneceram em suas carteiras, mas o chão sob elas se transformara em pedra salpicada de mica, que cintilava como se coberta de glitter. Estalactites brilhantes pendiam do teto como pingentes de gelo.

O garoto louro respirou fundo. Por toda a sala, Call ouvia exclamações abafadas de espanto.

Era como se estivessem dentro das cavernas do Magisterium.

— Que legal — disse uma menina bonita com contas brancas na ponta das tranças.

Nesse momento, apesar de tudo que o pai tinha lhe contado, Call quis entrar para o Magisterium. O lugar já não parecia escuro nem assustador, mas, sim, fantástico. Era como ser um explorador ou ir para outro planeta. Ele pensou nas palavras do pai:

Os magos vão tentar você com belas ilusões e mentiras elaboradas. Não se deixe envolver.

Mestra Milagros continuou, a voz ganhando confiança:

— Alguns de vocês são alunos de legado, cujos pais ou outros membros da família frequentaram o Magisterium. Outros foram escolhidos porque acreditamos que têm potencial para se tornar magos. Mas nenhum de vocês tem lugar assegurado. Só os Mestres sabem o que torna um candidato perfeito.

Call levantou a mão e, sem esperar ser chamado, perguntou:

— E se alguém não quiser ir?

— Por que alguém não ia querer ir para a escola de pôneis? — perguntou a si mesmo um menino com uma cabeleira castanha, sentado na diagonal de Call. Ele era baixo e pálido, com pernas magricelas e braços que se projetavam de uma camiseta azul com a estampa desbotada de um cavalo.

Mestra Milagros aparentemente estava tão irritada que se esqueceu de ficar nervosa.

— Drew Wallace — disse ela. — Isto aqui não é uma escola de pôneis. Vocês estão sendo testados para sabermos se possuem as qualidades que os permitirão ser escolhidos como aprendizes, e

para acompanhar seu professor ou professora, chamados de Mestre ou Mestra, ao Magisterium. E, se possuírem um grau suficiente de magia, a *frequência não é opcional.* — Ela dirigiu a Call um olhar furioso. — O Desafio é para sua própria segurança. Aqueles de vocês que são alunos de legado conhecem os perigos que os magos não treinados representam a si mesmos.

Um murmúrio percorreu a sala. Call percebeu que diversas crianças encaravam Tamara. Ela estava sentada muito ereta na cadeira, os olhos fixos adiante, o queixo projetado para a frente. Ele conhecia aquele olhar. Era o mesmo olhar que ele exibia quando as pessoas cochichavam sobre sua perna, sua mãe morta ou seu pai esquisitão. Era o olhar de alguém que tentava fingir não saber que estavam falando sobre ela.

— E o que acontece se você não for admitido no Magisterium?

— Boa pergunta, Gwenda Mason — disse Mestra Milagros, encorajadora. — Para ser um mago bem-sucedido, é preciso três qualidades. Uma é o poder intrínseco da magia. Isso todos vocês têm, em algum grau. A segunda é o conhecimento para usar esse poder. Isso podemos dar a vocês. A terceira é o controle... e isso, isso precisa vir de dentro de vocês. Agora, em seu primeiro ano, como magos não treinados, vocês chegam ao ápice do próprio poder, mas não têm conhecimento nem controle. Se aparentemente vocês não tiverem aptidão para o conhecimento nem para o controle, não terão lugar no Magisterium. Nesse caso, vamos garantir que vocês e suas famílias estejam permanentemente a salvo da magia ou de qualquer perigo de sucumbir aos elementos.

Sucumbir aos elementos? O que isso *significava?,* perguntou-se Call. Outras pessoas pareciam igualmente confusas.

— Isso significa que não passei em um dos testes? —perguntou alguém.

— Espere, o que ela quer dizer com isso? — perguntou outra criança.

— Então aqui não é mesmo uma escola de pôneis? — perguntou Drew, melancólico.

Mestra Milagros ignorou tudo isso. As imagens da caverna lentamente se apagaram. Eles se encontravam na mesma sala branca em que sempre estiveram.

— A caneta em frente a vocês é especial — explicou ela, parecendo ter se lembrado de ficar nervosa novamente.

Call se perguntou quantos anos ela teria. Sua aparência era jovem, ainda mais por causa do cabelo cor-de-rosa, mas ele imaginou que ela precisava ser uma maga muito talentosa para ser Mestra.

— Se vocês não usarem a caneta, não poderemos ler as provas. É preciso sacudi-la para ativar a tinta. E lembrem-se de incluir seus cálculos nas respostas. Podem começar.

Call tornou a abrir o caderno. Ele estreitou os olhos e leu a primeira pergunta:

> 1. Um dragão e um dragonete partiram às 14 horas da mesma caverna, seguindo na mesma direção. A velocidade média do dragão é 48 km/h mais lenta do que o dobro da velocidade do dragonete. Em duas horas, o dragão está 32 km à frente do dragonete. Calcule a velocidade de voo do dragão, considerando que o dragonete está empenhado em uma vingança.

Vingança? Call fitou a página com surpresa, depois a virou. A pergunta seguinte não era melhor.

> 2. Lucretia está se preparando para semear vários tipos de beladona no outono. Ela vai plantar quatro canteiros de beladona comum, com 15 plantas em cada canteiro. Ela estima que 20 por cento do campo será ocupado com uma plantação de controle de falsa-beladona. Quantos pés de beladona haverá ao todo? Quantos pés de falsa-beladona serão plantados? Se Lucretia for uma maga da terra que cruzou três dos portões, quantas pessoas ela pode envenenar com a beladona antes de ser apanhada e decapitada?

Call ficou surpreso com a prova. Ele realmente tinha de se esforçar para descobrir quais respostas estavam erradas, para não acertar acidentalmente? Seria melhor apenas escrever a mesma coisa várias vezes, imaginando que receberia uma nota baixa?

Conforme a lei das probabilidades, de qualquer modo acertaria cerca de 20 por cento da prova, e isso era mais do que ele queria.

Enquanto ponderava freneticamente sobre o que fazer, ele pegou a caneta, sacudiu-a e tentou marcar o papel.

Não funcionou.

Tentou de novo, pressionando com mais força. Nada. Olhou em volta, e aparentemente a maioria das outras crianças estava escrevendo bem, embora algumas poucas parecessem também lutar com suas canetas.

Pelo visto, ele não ia se sair mal na prova como uma pessoa normal, não mágica — ele não ia nem mesmo conseguir *fazê-la*. Mas e se os magos o obrigassem a refazer o teste repetidas vezes caso alguém o deixasse em branco? Isso não seria o mesmo que se recusar a comparecer?

Franzindo a testa, tentou se lembrar do que Milagros tinha dito sobre a caneta. Algo sobre sacudi-la para ativar a tinta. Talvez ele não a tivesse sacudido o suficiente.

Apertou a caneta na mão e a sacudiu com força, a irritação com a prova acrescentando uma energia extra ao vigor do seu pulso. *Vamos*, pensou ele. *Vamos, coisa estúpida, FUNCIONE!*

A tinta azul explodiu da ponta da caneta. Ele tentou deter o fluxo, pressionando os dedos contra o ponto onde ele pensava que a rachadura podia estar... mas isso só fez a tinta jorrar com mais força. Ela espirrou nas costas da cadeira à sua frente; o garoto louro, sentindo a tempestade de tinta que acabara de ser desencadeada, abaixou-se para escapar do alcance da sujeira. Mais tinta do que parecia possível sair de uma caneta tão pequena jorrava para todos os lados, e as pessoas começavam a encará-lo com raiva.

Call largou a caneta, que imediatamente parou de soltar tinta. Mas o estrago estava feito. Suas mãos e sua carteira, seu caderno de provas e seus cabelos, tudo estava coberto de tinta. Tentou limpá-la dos dedos, mas só conseguiu deixar marcas de mão azuis por toda a camiseta.

Ele esperava que a tinta não fosse venenosa, pois com certeza tinha engolido um pouco.

A turma inteira estava olhando para ele. Até mesmo Mestra Milagros o observava, com espanto escancarado, como se ninguém jamais tivesse conseguido destruir uma caneta tão completamente. Todos estavam em silêncio, exceto o magricela que estivera conversando com Tamara antes. Ele tinha se inclinado para sussurrar algo para a garota outra vez. Tamara não sorriu, mas pelo sorriso falso no rosto do garoto e pelo brilho de superioridade nos olhos dela, Call podia dizer que estavam zombando dele. Sentiu a ponta das orelhas ficando vermelhas.

— Callum Hunt — disse Mestra Milagros, em choque —, por favor... por favor, saia da sala e vá se limpar, depois aguarde no corredor até o grupo se juntar a você.

Call se levantou com dificuldade, mal percebendo que o garoto louro que quase tinha se ensopado de tinta lhe dirigiu um sorriso de simpatia. Ele ainda podia ouvir risadinhas quando saiu batendo a porta — e ainda podia se lembrar do olhar de deboche de Tamara. Quem ligava para o que ela pensava? Quem ligava para o que *qualquer um* deles pensava, estivessem tentando ser simpáticos ou maldosos? Eles não tinham importância. Não faziam parte da sua vida. Nada daquilo fazia.

Só mais algumas horas. Repetiu isso para si mesmo diversas vezes enquanto estava no banheiro, fazendo o melhor possível para limpar a tinta com sabão e ásperas toalhas de papel. Ele se perguntou se a tinta era mágica. Com certeza não queria sair. Parte dela tinha secado em seus cabelos pretos, e ainda havia marcas de mão azul-escuras em sua camiseta branca quando saiu do banheiro e encontrou os outros aspirantes à sua espera no corredor. Ele os escutou murmurando entre si sobre o “maluco da tinta”.

— Ficou bem com essa camiseta — disse o garoto de cabelos pretos.

Call achou que ele parecia rico, rico como Tamara. Não saberia dizer por que exatamente, mas as roupas dele eram o tipo de roupa esportiva e sofisticada que custa muito dinheiro.

— Para o seu bem, espero que o próximo teste não envolva explosões. Ou, ah, não... Espero que *envolva*.

— Cale a boca — murmurou Call, ciente de que aquela não era a melhor resposta.

Ele se encostou na parede até que Mestra Milagros, reaparecendo, mandou que todos se aquietassem. Todos ficaram em silêncio enquanto ela chamava os nomes em grupos de cinco, direcionando cada grupo para um corredor e dizendo que esperassem do outro lado. Call não fazia ideia de como o hangar conseguia abrigar aquela rede de corredores. Provavelmente essa era uma daquelas coisas que o pai dizia ser melhor não pensar a respeito.

— Callum Hunt! — chamou ela, e Call saiu arrastando os pés para juntar-se ao seu grupo, no qual também estavam, para seu desalento, o garoto de cabelos pretos, que se chamava Jasper deWinter, e o garoto louro em quem espirrara tinta, que era Aaron Stewart. Jasper fez um estardalhaço ao abraçar Tamara e desejar-lhe boa sorte antes de se dirigir devagar para o seu grupo. Uma vez lá, ele imediatamente começou a conversar com Aaron, dando as costas para Call, como se ele não existisse.

As outras duas crianças no novo grupo de Call eram Kylie Myles e uma garota com jeito nervoso chamada Celia alguma coisa, que tinha uma cabeleira louro-escura e uma presilha de flor azul na franja.

— Ei, Kylie — chamou Call, pensando que agora seria a oportunidade perfeita para avisá-la de que o quadro do Magisterium que Mestra Milagros estava criando para eles era mera ilusão. Ele sabia de fonte confiável que as cavernas verdadeiras estavam cheias de becos sem saída e peixes cegos.

Ela tinha um ar constrangido.

— Você poderia, por favor... não falar comigo?

— O quê? — Eles tinham começado a andar pelo corredor, e Call mancava mais depressa para acompanhá-los. — Está falando sério?

Ela deu de ombros.

— Você sabe como é. Estou tentando causar uma boa impressão, e falar com você não vai ajudar. Desculpe!

Então saiu saltitando à frente para alcançar Jasper e Aaron. Call olhou fixamente para sua nuca, como se pudesse furá-la de tanta raiva.

— Espero que o peixe cego coma você! — gritou ele atrás dela.

Ela fingiu não ter escutado.

Mestra Milagros dobrou uma última esquina, guiando-os para uma sala imensa montada como um ginásio. Do centro do teto alto pendia uma grande bola vermelha, suspensa bem acima de suas cabeças. Ao lado da bola havia uma longa escada de cordas com degraus de madeira que pendia do teto até o chão.

Aquilo era ridículo. Ele não podia subir aquela escada com sua perna. Era para ele ser *reprovado* nesses testes de propósito, e não para sair-se tão mal que jamais teria conseguido ingressar na escola de magia para início de conversa.

— Agora vou deixá-los com Mestre Rockmaple — disse Mestra Milagros depois que o último grupo de cinco chegou, indicando um mago baixo, com uma barba ruiva rente e um nariz avermelhado. Ele segurava uma prancheta e tinha um apito pendurado no pescoço, como um professor de educação física, embora usasse o mesmo traje preto que os outros magos.

— Esta prova é enganosamente simples — disse Mestre Rockmaple, alisando a barba de um jeito pensado para parecer ameaçador. — Basta subir a escada de corda e pegar a bola. Quem gostaria de ser o primeiro?

Várias crianças levantaram a mão.

Mestre Rockmaple apontou para Jasper. O garoto saltou para a corda como se o fato de ter sido escolhido primeiro fosse alguma espécie de indicação do quão incrível era, e não apenas uma medida da ansiedade com que balançara a mão. Em vez de subir logo, ele deu a volta na escada, olhando para a bola com ar pensativo, batendo com o dedo no lábio inferior.

— Você está pronto mesmo? — perguntou Mestre Rockmaple, as sobrancelhas ligeiramente erguidas. Algumas crianças riram.

Jasper, nitidamente aborrecido por ter sido alvo das risadas quando estava levando tudo muito a sério, lançou-se violentamente para a escada de corda pendente no ar. Assim que subiu de um degrau para o outro, a escada pareceu aumentar, de modo que quanto mais subia, mais tinha de subir. Finalmente, a escada o derrotou e ele se desequilibrou e desabou no chão, cercado de espirais de corda e degraus de madeira.

Isso foi engraçado, pensou Callum.

— Muito bem — disse Mestre Rockmaple. — Quem gostaria de ser o próximo?

— Deixe-me tentar de novo — pediu Jasper, um gemido permeando sua voz. — Eu sei como fazer agora.

— Temos muitos aspirantes esperando a vez — argumentou Mestre Rockmaple, que aparentava estar se divertindo.

— Mas *não é justo*. Alguém vai acertar, e depois todos vão saber como se faz. Estou sendo punido por ter sido o primeiro.

— A mim pareceu que você quis ser o primeiro. Mas muito bem, Jasper. Se houver tempo depois que todos os demais terminarem e você ainda quiser, poderá tentar novamente.

Tudo indicava que Jasper teria outra chance. Call presumiu que, pela maneira como ele estava agindo, seu pai provavelmente era alguém importante.

A maioria das outras crianças não se saiu muito melhor do que ele, algumas chegando à metade da subida e em seguida deslizando para baixo outra vez, e uma delas nem chegou a sair do chão. Celia foi quem chegou mais longe antes de se soltar e cair sobre um colchonete. Sua presilha de flor ficou meio estropiada. Embora ela não quisesse demonstrar que estava chateada, Call sabia que estava pela maneira como continuava ansiosamente tentando colocar a presilha de volta no lugar.

Mestre Rockmaple olhou sua lista.

— Aaron Stewart.

Aaron parou em frente à escada de corda, flexionando os dedos das mãos como se estivesse prestes a entrar em uma quadra de basquete. Ele tinha um ar esportivo e confiante, e Call sentiu aquela familiar e rapidamente sufocada dor da inveja em seu estômago, que ele sempre sentia quando olhava crianças jogando basquete ou beisebol, totalmente à vontade com seu corpo. Esportes de equipe não eram uma opção para Call; a oportunidade para constrangimentos era grande demais, mesmo que lhe deixassem jogar. Garotos como Aaron nunca tiveram de se preocupar com coisas desse tipo.

Aaron correu na direção da escada e se lançou sobre ela. Subiu rápido, os pés empurrando enquanto os braços o puxavam para cima num movimento único e fluido. Movia-se tão depressa que

subia mais rápido do que a corda caía. E foi subindo cada vez mais alto. Callum prendeu a respiração e percebeu que, ao seu redor, todos tinham baixado a voz.

Aaron, sorrindo feito um doido, alcançou o topo. Bateu na bola com a lateral de uma das mãos e a soltou do teto, antes de deslizar de volta pela escada, caindo de pé como um ginasta.

Algumas das outras crianças explodiram em aplausos espontâneos. Até Jasper parecia estar feliz por ele, adiantando-se, relutante, para dar tapinhas em suas costas.

— Muito bem — parabenizou Mestre Rockmaple, usando exatamente as mesmas palavras e o mesmo tom que usara com todos os outros.

Callum achou que o velho mago rabugento estava provavelmente apenas irritado por alguém ter passado em seu teste estúpido.

— Callum Hunt — chamou o mago em seguida.

Callum deu um passo à frente, desejando ter se lembrado de trazer um atestado médico.

— Não posso.

Mestre Rockmaple olhou-o de cima a baixo.

— Por que não?

Ah, pare com isso. Olhe para mim. Basta olhar para mim. Call levantou a cabeça e encarou desafiadoramente o mago.

— Minha perna. Não posso fazer exercícios físicos.

O mago deu de ombros.

— Então não faça.

Call reprimiu uma explosão de raiva. Sabia que as outras crianças estavam olhando para ele, algumas com pena e outras com irritação. A pior parte era que, normalmente, ele não perderia a oportunidade de fazer qualquer tipo de exercício. Estava apenas tentando fazer o que fosse preciso para *ser reprovado*.

— Não estou dando *desculpa* — disse ele. — Os ossos da minha perna foram estilhaçados quando eu era bebê. Passei por dez cirurgias e, como resultado, tenho sessenta parafusos de ferro para manter minha perna no lugar. Precisa ver as cicatrizes?

Callum esperava fervorosamente que Mestre Rockmaple respondesse que não. Sua perna esquerda era um emaranhado de

marcas de incisões e um feio tecido enrugado. Nunca deixava ninguém vê-la; nunca usara short, jamais, desde que tinha idade bastante para saber o que significavam os olhares de estranhos para sua perna. Ele não sabia por que dera tantas explicações, sabia apenas que estava com tanta raiva que não fazia ideia do que falava.

Mestre Rockmaple, que mantivera o apito em uma das mãos, girou-o, pensativo.

— Estes testes não são totalmente óbvios — disse. — Ao menos tente, Callum. Se não conseguir, passamos para o próximo.

Call jogou as mãos para o alto.

— Está bem. *Está bem*.

Ele andou na direção da escada de corda e a segurou com uma das mãos. Deliberadamente pôs a perna esquerda no degrau mais baixo e apoiou ali seu peso, esticando o corpo para cima.

A dor atravessou sua panturrilha e ele voltou para o chão, ainda agarrado à escada. Podia ouvir Jasper rindo atrás de si. Sua perna doía e sua barriga estava dormente. Olhou novamente a escada, depois a bola de borracha vermelha no alto e sentiu a cabeça começar a latejar de dor. Anos e anos sendo obrigado a sentar-se nas arquibancadas, a claudicar atrás de todos quando estavam correndo na pista, vieram à tona por trás dos seus olhos, e Call fitou furiosamente a bola que ele sabia que não podia alcançar, pensando: *odeio você, odeio você, odeio você...*

Ouviu-se um estouro seco, e a bola vermelha pegou fogo. Alguém gritou, talvez Kylie, mas Call esperava que fosse Jasper. Todos, inclusive Mestre Rockmaple, ficaram olhando enquanto a bola vermelha queimava alegremente até o fim, como se estivesse repleta de fogos de artifício. O cheiro horrível da combustão de substâncias químicas perigosas encheu o ar, e Call saltou para trás quando um pedaço grande de plástico derretido despencou no chão. Ele se afastou com dificuldade quando mais gosma começou a pingar da bola em chamas, atingindo o ombro de sua camiseta.

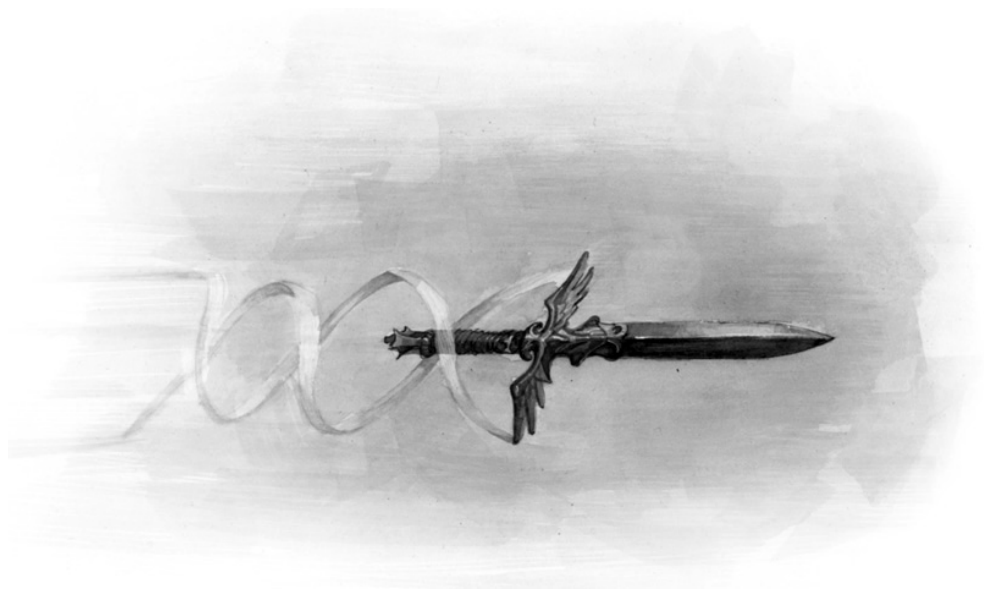
Tinta *e* gosma. Aquele foi um grande dia para ele se sentir na moda.

— Saiam — disse Mestre Rockmaple quando as crianças começaram a tossir e se engasgar com a fumaça. — Saiam todos

daqui!

— Mas e a minha vez? — protestou Jasper. — Como vou ter minha segunda chance agora que o maluco destruiu a bola? Mestre Rockmaple...

— EU DISSE SAIAM! — rugiu o mago, e as crianças saíram correndo do salão, Call por último, intensamente consciente de que Jasper *e* Mestre Rockmaple olhavam para ele com algo muito semelhante a ódio.

Como o cheiro de queimado, a palavra *maluco* pairava no ar.

CAPÍTULO TRÊS

Mestre Rockmaple marchava, irritado, conduzindo o grupo por um corredor, distante da sala da prova. Andavam todos tão depressa que era impossível para Call acompanhá-los. Sua perna doía mais do que nunca, e ele cheirava como uma fábrica de pneus incendiada. Mancava atrás do grupo, perguntando-se se algum dia, na história do Magisterium, alguém teria bagunçado tanto assim aquele teste. Talvez eles o deixassem voltar para casa mais cedo, para sua segurança e a de todos os outros também.

— Você está bem? — perguntou Aaron, ficando para trás a fim de poder caminhar ao lado de Callum.

Ele sorriu com simpatia, como se não houvesse nada de estranho em conversar com Call, quando o restante do grupo o evitava como a uma praga.

— Tudo bem — respondeu Call, rangendo os dentes. — Nunca estive melhor.

— Não faço ideia de como você fez aquilo, mas foi *épico*. A expressão no rosto de Mestre Rockmaple era tipo... — Aaron tentou imitá-la, franzindo o cenho, arregalando os olhos e deixando o queixo cair.

Call começou a rir, mas rapidamente se conteve. Não queria gostar de nenhum dos outros candidatos, especialmente não do supercompetente Aaron.

Eles viraram na curva do corredor. O restante da turma estava esperando. Mestre Rockmaple pigarreou, aparentemente prestes a repreender Call, quando percebeu Aaron parado ao seu lado. Deixando de lado o que pretendia falar, o mago abriu a porta para uma nova sala.

Call entrou com o restante do grupo. Era um espaço industrial sem graça como aquele onde haviam estado para a primeira prova, com fileiras de carteiras e uma única folha de papel sobre cada uma delas.

Quantos testes escritos vão ser?, Callum queria perguntar, mas não achou que Mestre Rockmaple estivesse disposto a responder.

Nenhuma das carteiras tinha nome, então ele se sentou em uma e cruzou os braços diante do peito.

— Mestre Rockmaple! — chamou Kylie, sentando-se. — Mestre Rockmaple, eu não tenho caneta.

— Não vai precisar de uma — disse o mago. — Este é um teste da habilidade de controle da sua magia. Vocês vão usar o elemento ar. Concentrem-se no papel à sua frente até serem capazes de erguê-lo da carteira, usando apenas a energia dos seus pensamentos. Elevem o papel para o alto, sem deixar que ele oscile ou caia. Uma vez concluída a tarefa, levantem-se e juntem-se a mim na frente da sala.

O alívio inundou Call. Tudo que ele precisava fazer era não deixar o papel subir pelo ar, o que lhe pareceu bem simples. A vida inteira ele conseguira não fazer com que folhas de papel voassem pela sala de aula.

Aaron estava sentado em sua direção, na fileira seguinte. Estava com a mão no queixo, os olhos verdes estreitados. Quando Call o olhou de lado, o papel sobre a carteira de Aaron ergueu-se no ar, perfeitamente nivelado. Pairou por um momento antes de esvoaçar de volta à carteira. Com um sorriso, Aaron se levantou para ficar com Mestre Rockmaple na frente da sala.

Call ouviu uma risada à sua esquerda. Olhou e viu Jasper pegar o que parecia ser um alfinete comum e furar o dedo. Uma gota de sangue surgiu e Jasper enfiou o dedo na boca e o sugou. *Que esquisitão*, pensou Call. Então Jasper afundou de volta na cadeira, fazendo o tipo posso-fazer-mágica-com-as-mãos-atadas. E talvez pudesse mesmo, pois o papel em sua carteira estava se dobrando e amassando — enrolando-se numa nova forma. Com mais algumas dobras e pregas, ele se transformou em um avião de papel, que decolou da carteira de Jasper e atravessou a sala voando, acertando a testa de Call. Ele deu um tapa no avião, que caiu no chão.

— Jasper, já chega — censurou Mestre Rockmaple, embora sem transparecer irritação nenhuma. — Venha até aqui.

Call voltou a atenção para o seu papel enquanto Jasper seguia até a frente da sala. Ao redor de Callum as crianças estavam

olhando e sussurrando diante do papel sobre a carteira, tentando *fazê-lo* se mover.

Fique parado, pensou ele com raiva para o papel em sua carteira. *Não se mexa*. Ele se imaginou segurando-o contra a madeira, a mão espalmada, impedindo o papel de se mover. *Cara, isto é uma idiotice,* pensou. *Que forma de desperdiçar o dia*. Mas ficou onde estava, concentrando-se. Dessa vez ele não estava só. Diversas outras crianças não conseguiam mover o papel, incluindo Kylie.

— Callum? — chamou Mestre Rockmaple, parecendo exausto.

Call recostou-se na cadeira.

— Não consigo.

— Se ele não consegue, *realmente* não consegue — disse Jasper. — Dê logo um zero a esse palhaço e vamos embora, antes que ele crie um vendaval e a gente morra cortado com papel.

— Muito bem — disse o mago. — Vamos lá, vamos deixar a sala limpa para o grupo seguinte.

Aliviado, Call esticou o braço para o papel em sua carteira e congelou. Desesperadamente, arranhou as bordas do papel com as unhas, mas, de alguma forma, ele não sabia como, o papel tinha afundado na madeira da carteira e ele não conseguia pegá-lo.

— Mestre Rockmaple, tem algo errado com meu papel.

— Todo mundo debaixo das carteiras! — exclamou Jasper, mas ninguém estava prestando atenção a ele. Todos olhavam para Call.

Mestre Rockmaple andou com impaciência até ele e observou o papel, que havia, de fato, se fundido à carteira.

— Quem fez isso? — perguntou Mestre Rockmaple. Ele parecia surpreso. — Alguém quis pregar uma peça?

Todos na turma ficaram em silêncio.

— *Você* fez isso? — perguntou Mestre Rockmaple a Call.

Só estava tentando impedir que o papel se mexesse, pensou Call, sentindo-se infeliz, mas não podia dizer isso.

— Eu não sei.

— Não sabe?

— Não sei. Talvez o papel tenha algum defeito.

— É só um papel! — gritou o mago, e depois se controlou. — Está certo. Tudo bem. Sua nota é zero. Não, espere, você vai ser o

primeiro aspirante da história do Magisterium a receber uma nota negativa em uma das provas do Desafio de Ferro. Menos dez. — Ele balançou a cabeça. — Acho que todos podemos nos sentir gratos, porque a última prova é feita individualmente.

Àquela altura, Callum estava grato porque em breve tudo estaria terminado.

↑≋△○@

Dessa vez, os aspirantes ficaram em pé no corredor, do lado de fora de uma porta dupla, esperando ser chamados. Jasper estava conversando com Aaron, olhando para Call como se ele fosse o assunto.

Call suspirou. Aquele era o último teste. Parte da tensão se esvaiu do garoto com o pensamento. Não importava como se sairia, um último teste não ia fazer tanta diferença na sua nota horrível. Em menos de uma hora, estaria voltando para casa com o pai.

— Callum Hunt — chamou uma maga que não tinha se apresentado antes. Ela usava um elaborado colar em forma de serpente e lia algo na prancheta. — Mestre Rufus o aguarda lá dentro.

Ele se afastou da parede onde estava encostado e a seguiu pelas portas duplas. A sala era ampla, vazia e mal-iluminada. Um único mago encontrava-se sentado no piso de madeira ao lado de uma grande tigela também de madeira. A tigela estava cheia de água, e uma chama queimava no centro, sem pavio nem vela.

Call parou e olhou, sentindo um pequeno formigamento na nuca. Ele tinha visto muitas coisas esquisitas naquele dia, mas aquela era a primeira vez, desde a ilusão da caverna, que ele realmente sentia a presença de magia.

O mago falou:

— Sabia que, para ter uma boa postura, as pessoas costumavam praticar equilibrando livros na cabeça? — A voz soou baixa e retumbante, o som de um incêndio distante. Mestre Rufus era um homem grande, negro, e tinha uma careca lisa como uma noz de macadâmia. Ele ficou em pé em um movimento único e fácil, erguendo a tigela em seus dedos largos e calejados.

A chama não tremeu. No máximo, brilhou um pouco mais forte.

— Não eram garotas que faziam isso? — perguntou Call.

— Faziam o quê? — Mestre Rufus franziu o cenho.

— Andar com livros na cabeça.

O mago dirigiu-lhe um olhar que fez Callum ter a sensação de que dissera algo decepcionante.

— Pegue a tigela — disse ele.

— Mas a chama vai se apagar — protestou Call.

— Esse é o teste — retrucou Rufus. — Veja se você consegue manter a chama queimando, e por quanto tempo.

Ele estendeu a tigela para Call.

Até então, nenhum dos testes tinha sido o que Call esperava. Ainda assim, conseguira fracassar em todos — fosse porque se esforçara para isso ou porque não servia para ser um mago. Havia em Mestre Rufus algo que o fez querer se sair melhor, mas isso não importava. De jeito nenhum ele iria para o Magisterium.

Call pegou a tigela.

Quase de imediato, a chama aumentou, como se Call tivesse girado o botão de uma lâmpada a gás muito forte. Ele pulou e deliberadamente inclinou a tigela para o lado, tentando respingar água na chama. No entanto, ao invés de se apagar, ela queimou através da água. Em pânico, Call sacudiu a tigela, jogando mais ondinhas sobre o fogo, que começou a crepitar.

— Callum Hunt. — Era Mestre Rufus olhando-o de cima, o rosto impassível, os braços cruzados sobre o peito largo. — Estou surpreso com você.

Call não disse nada. Ele segurava a tigela com a água respingando e a chama crepitando.

— Dei aulas a seu pai e sua mãe no Magisterium — disse Mestre Rufus. Ele parecia sério e triste. A chama criava sombras escuras sob seus olhos. — Eles foram meus aprendizes. Os melhores de sua turma, as melhores notas no Desafio. Sua mãe teria ficado desapontada se visse o filho tentando de maneira tão óbvia ser reprovado em um teste, simplesmente porque...

Mestre Rufus não concluiu a frase, porque, à menção da mãe de Call, a tigela de madeira rachou — não ao meio, mas em uma dúzia de pedaços pontiagudos, afiados o bastante para perfurar a palma

das mãos de Call. Ele largou o que estava segurando, e observou cada parte da tigela pegar fogo e queimar calma e gradativamente, como pequenas piras espalhadas a seus pés. Enquanto olhava as chamas, porém, não sentiu medo. Pareceu-lhe que, naquele momento, o fogo o convidava a entrar na labareda, a afogar a raiva e o medo em sua luz.

As chamas aumentaram enquanto ele corria os olhos pela sala, inflamando a água derramada como se fosse gasolina. Tudo que Call sentia era uma raiva terrível e arrebatadora por esse mago ter conhecido sua mãe, por esse homem à sua frente talvez ter tido alguma coisa a ver com a sua morte.

— Pare! Pare com isso agora! — gritou Mestre Rufus, agarrando as duas mãos de Call e batendo uma na outra. O choque fez doer os cortes recentes.

Abruptamente, todas as chamas se apagaram.

— Me solte! — Call puxou as mãos, libertando-as de Mestre Rufus, e limpou as palmas ensanguentadas na calça, acrescentando outra camada de manchas. — Não tive a intenção de fazer isso. Nem sei o que aconteceu.

— O que aconteceu é que você fracassou em outro teste — retrucou Mestre Rufus, a raiva substituída pelo que parecia uma curiosidade fria. Ele estava analisando Call como um cientista examina um inseto espetado em um quadro.

— Você pode voltar e juntar-se ao seu pai na arquibancada para aguardar a nota final.

Felizmente havia uma porta do outro lado da sala, então Call pôde sair por ela, sem ter de encarar nenhum dos outros aspirantes. Podia imaginar a expressão no rosto de Jasper se visse o sangue em suas roupas.

Suas mãos tremiam.

As arquibancadas estavam cheias de pais com ar entediado, e alguns irmãos mais novos perambulavam por ali. O zumbido baixo das conversas ecoava no hangar, e Call se deu conta de que os corredores, por sua vez, pareciam estranhamente silenciosos — foi um choque tornar a ouvir o barulho das pessoas. Os aspirantes saíam por cinco portas diferentes, em um fluxo lento, indo ao encontro de suas famílias. Três quadros brancos foram instalados

na base das arquibancadas, e neles os magos estavam registrando as notas à medida que chegavam. Call não olhou para eles. Seguiu direto até o pai.

Alastair tinha um livro no colo, fechado, como se pretendesse lê-lo, mas não tivesse começado. Call percebeu o alívio que surgiu no rosto do pai quando ele se aproximou, substituído de imediato por preocupação após observar mais atentamente o filho.

Alastair se levantou de um salto, o livro caindo ao chão.

— Callum! Você está coberto de sangue e tinta, e cheirando a plástico queimado! O que aconteceu?

— Estraguei tudo. Eu... eu acho que realmente estraguei tudo. — Call podia ouvir a própria voz tremendo. Continuava a ver os restos da tigela queimando e a expressão no rosto de Mestre Rufus.

Seu pai pôs uma reconfortante mão em seu ombro.

— Está tudo bem, Call. Você *devia mesmo* estragar tudo.

— Eu sei, mas achei que eu... — Ele enfiou as mãos nos bolsos, lembrando-se de todos os sermões que escutara do pai sobre como devia tentar ser reprovado. Mas nem precisara tentar. Ele fracassara em tudo porque não sabia o que estava fazendo, porque era ruim em magia. — Pensei que tudo seria diferente.

Seu pai baixou a voz.

— Sei que ninguém se sente bem ao fracassar, seja no que for, Call, mas é o melhor a fazer. Você foi muito bem.

— Se com "muito bem" você quer dizer "uma porcaria"... — murmurou Call.

O pai sorriu.

— Por um minuto fiquei preocupado quando você obteve a nota máxima no primeiro teste, mas depois eles a retiraram. Nunca vi ninguém *perder* pontos antes.

Call franziu a testa. Sabia que seu pai via aquilo como um elogio, mas ele não se sentia elogiado.

— Você ficou em último lugar. Há crianças sem nenhuma magia que se saíram melhor. Acho que você merece um sundae a caminho de casa, o maior que encontrarmos. O seu favorito, com *butterscotch*, pasta de amendoim *e* jujubas de urso. Ok?

— Sim — respondeu Call, sentando-se. Ele estava se sentindo tão mal que nem a ideia de jujubas de urso cobertas de pasta de

amendoim e *butterscotch* o animava. — Ok.

Seu pai sentou-se de novo também. Assentia com a cabeça para si mesmo agora, com ar satisfeito. Ficou ainda mais satisfeito quando mais notas chegaram.

Call se permitiu olhar para os quadros brancos. Aaron e Tamara estavam no topo, suas notas totais, idênticas. Para sua irritação, Jasper estava três pontos abaixo, em segundo lugar.

Ah, bem, pensou Call. O que ele esperava? Os magos eram uns idiotas, como seu pai dissera, e os mais idiotas de todos os idiotas tiraram as melhores notas. Era de se esperar.

Embora nem *todos* os melhores fossem babacas. Kylie se saiu mal, enquanto Aaron foi muito bem. Isso era bom, supôs Call. Parece que Aaron havia realmente desejado sair-se bem. Exceto, é claro, que se sair bem significava ir para o Magisterium, e o pai de Call sempre dissera que isso era uma coisa que ele não desejaria nem ao seu pior inimigo.

Call não tinha certeza se estava feliz ou triste por Aaron, que pelo menos tinha sido legal com ele. A única coisa que sabia era que estava ficando com dor de cabeça de tanto pensar no assunto.

Mestre Rufus surgiu de uma das portas, andando a passos largos. Não disse nada em voz alta, mas todos os presentes fizeram silêncio como se ele tivesse falado alto. Examinando o salão, Call via alguns rostos conhecidos — Kylie parecendo ansiosa, Aaron mordendo o lábio. Jasper estava pálido e tenso, enquanto Tamara aparentava estar tranquila e controlada, nem um pouco preocupada. Estava sentada no meio de um casal elegante, de cabelos escuros, cujas roupas de cores claras ressaltavam a pele negra. A mãe usava um vestido marfim e luvas, enquanto o pai vestia um terno de cor creme.

— Aspirantes deste ano — disse Mestre Rufus, e todos se inclinaram para a frente ao mesmo tempo —, obrigado por estarem conosco hoje e por se esforçarem tanto no Desafio. Os agradecimentos do Magisterium também se estendem a todas as famílias que trouxeram seus filhos e esperaram que eles terminassem.

Ele colocou as mãos atrás das costas, o olhar percorrendo as arquibancadas.

— Há nove magos aqui, e cada um deles está autorizado a escolher até seis candidatos. Esses candidatos serão seus aprendizes pelos cinco anos que passarão no Magisterium, portanto, essa não é uma escolha a que um Mestre faça sem preocupação. Vocês também devem entender que existem mais crianças aqui do que as que vão se qualificar para vagas no Magisterium. Se você não for selecionado, é porque não é indicado para este tipo de treinamento. Por favor, entendam que existem muitos motivos possíveis pelos quais você pode não ser indicado, e uma exploração mais profunda de seus poderes poderia ser mortal. Antes de partirem, um mago vai explicar suas obrigações relativas à confidencialidade e lhes dar os meios para protegerem a si mesmos e a suas famílias.

Ande logo e acabe com isso, pensou Call, mal prestando atenção ao que Rufus dizia. Os outros candidatos também se mexiam desconfortavelmente em seus lugares. Jasper, sentado entre a mãe asiática e o pai branco, ambos exibindo cortes de cabelo sofisticados, tamborilava os dedos sobre os joelhos. Call olhou de relance para o pai, que fitava Rufus com uma expressão que Call nunca vira em seu rosto antes. Era como se ele estivesse pensando em atropelar o mago com o Rolls-Royce remodelado, mesmo que isso estragasse a transmissão novamente.

— Alguém tem perguntas? — indagou Rufus.

O salão ficou em silêncio. O pai sussurrou para Call:

— Está tudo bem — disse ele, embora Call não tivesse feito nada que indicasse que ele achava que *não estava* tudo bem. A pressão dos dedos do pai no ombro de Call se tornou mais forte. — Você não vai ser escolhido.

— Muito bem! — retumbou Rufus. — Vamos começar o processo de seleção! — Ele recuou até ficar diante do quadro com as notas. — Aspirantes, quando dissermos seus nomes, por favor, levantem-se e aproximem-se de seu novo Mestre. Quando o mago sênior se apresentar depois de Mestre North, que não assumirá nenhum aprendiz, darei início à seleção. — Seu olhar percorreu a plateia. — Aaron Stewart.

Houve aplausos esparsos, mas não da família de Tamara. Ela continuava sentada incrivelmente imóvel e rígida, como se estivesse

embalsamada. Seus pais pareciam furiosos. O pai inclinou-se para a frente, a fim de dizer algo em seu ouvido, e Call a viu encolher-se em resposta. Talvez ela fosse humana, afinal.

Aaron levantou-se. *Uma escolha totalmente inesperada*, pensou Call com sarcasmo. Aaron era parecido com o Capitão América, com seus cabelos louros, corpo atlético e comportamento ostensivamente virtuoso. Call queria atirar o livro do pai na cabeça de Aaron, mesmo ele sendo legal. O Capitão América era legal também, mas isso não significava que você quisesse concorrer com ele.

Então, com um sobressalto, Call se deu conta de que, embora outras pessoas na plateia estivessem aplaudindo, Aaron não tinha ninguém da família sentado ao seu lado. Ninguém para abraçá-lo ou dar tapinhas em suas costas. Devia ter vindo sozinho. Engolindo em seco, Aaron sorriu e depois desceu os degraus entre as arquibancadas para ficar ao lado de Mestre Rufus.

Rufus pigarreou.

— Tamara Rajavi — disse ele.

Tamara ficou em pé, o cabelo escuro esvoaçante. Seus pais aplaudiram educadamente, como se estivessem na ópera. Tamara não parou para abraçar nenhum dos dois, simplesmente caminhou com firmeza e parou ao lado de Aaron, que lhe dirigiu um sorriso de parabéns.

Call se perguntou se os outros magos ficaram irritados porque Mestre Rufus foi o primeiro a escolher e mirou direto nos primeiros da lista. Call teria se incomodado.

Os olhos escuros de Mestre Rufus vasculharam o recinto mais uma vez. Call podia sentir o silêncio sobre cada um dos presentes enquanto esperavam que Rufus chamasse o próximo nome. Jasper já estava metade fora do assento.

— E meu último aprendiz será Callum Hunt — anunciou Mestre Rufus, e o mundo de Call caiu.

Alguns dos outros aspirantes arquejaram, surpresos, e murmúrios confusos vieram da plateia enquanto cada um dos presentes procurava o nome de Call nos quadros brancos e o encontravam em último lugar, com uma nota negativa.

Call fitou Mestre Rufus. Mestre Rufus o encarou de volta, com um olhar sem expressão. A seu lado, Aaron dirigia a Call um sorriso de encorajamento, enquanto Tamara olhava para ele com total espanto.

— Eu disse *Callum Hunt* — repetiu Mestre Rufus. — Callum Hunt, por favor, desça até aqui.

Call começou a se levantar, mas o pai o empurrou de volta a seu assento.

— De jeito nenhum — disse Alastair Hunt. — Isso já foi longe demais, Rufus. Não pode ficar com ele.

Mestre Rufus olhava para eles como se não houvesse mais ninguém no salão.

— Vamos, Alastair, você conhece muito bem as regras. Pare de fazer escândalo por uma coisa inevitável. O menino precisa receber ensinamentos.

Magos subiam as arquibancadas de ambos os lados de onde Call estava sentado, com o pai o segurando no lugar. Os magos, com suas roupas pretas, pareciam tão sinistros quanto o pai os havia descrito. Davam a impressão de estarem prontos para uma batalha. Quando chegaram à fileira de Call, eles pararam, aguardando o primeiro movimento do pai.

Alastair desistira da magia fazia anos; devia estar completamente sem prática. Não havia chance de os outros magos não acabarem com ele.

— Eu vou — disse Call ao pai, virando-se para ele. — Não se preocupe. Não sei o que estou fazendo. Vou ser expulso. Eles não vão me querer por muito tempo, e então irei para casa e tudo voltará a ser o mesmo...

— Você não entende — disse o pai de Call, puxando-o e forçando-o a se levantar. Todos no salão os observavam, e não era para menos. Seu pai parecia perturbado, os olhos arregalados. — Venha. Vamos ter de correr.

— Eu *não posso* — lembrou ele ao pai, que já não o escutava.

Alastair o puxou pelas arquibancadas, saltando de banco em banco. As pessoas abriam caminho para eles, esquivando-se para o lado ou levantando-se. Os magos nos degraus correram na direção

dos dois. Call seguia cambaleando, concentrado em manter o equilíbrio enquanto desciam.

Tão logo chegaram ao chão do hangar, Rufus se colocou na frente do pai de Call.

— Chega — disse Mestre Rufus. — O menino fica aqui.

O pai de Call deteve-se bruscamente. Ele pôs os braços ao redor de Call por trás, o que foi esquisito — seu pai praticamente nunca o abraçava, mas aquilo estava mais para um golpe de luta livre. A perna de Call doía da corrida pelas arquibancadas. Ele tentou se virar para olhar o pai, mas ele encarava Mestre Rufus.

— Você já não matou gente o suficiente da minha família? — perguntou.

Mestre Rufus baixou a voz para que a multidão sentada nas arquibancadas não os pudesse ouvir, embora Aaron e Tamara obviamente pudessem.

— Você não ensinou nada a ele — disse. — Um mago sem treinamento andando por aí é como uma falha na terra esperando para se abrir e, se isso acontecer, ele vai matar muitas outras pessoas, além de si mesmo. Então não me venha falar de morte.

— Ok — cedeu o pai de Call. — Eu mesmo vou ensiná-lo. Vou levá-lo e treiná-lo. Vou prepará-lo para o Primeiro Portal.

— Você teve doze anos para isso e não o fez. Lamento, Alastair. É assim que tem de ser.

— Olhe estas notas... ele não deveria se qualificar. Ele não quer se qualificar! Certo, Call? Certo? — Alastair o sacudia enquanto falava.

O menino não conseguia falar nada, mesmo que quisesse.

— Solte-o, Alastair — disse Mestre Rufus, sua voz profunda cheia de tristeza.

— Não — retrucou o pai de Call. — Ele é meu filho. Tenho direitos. Eu decido o futuro dele.

— Não — disse Mestre Rufus. — Não decide.

O pai de Call saltou para trás, mas não depressa o bastante. Call sentiu que braços o agarravam enquanto dois magos o arrancavam das mãos do pai. Alastair gritava e Call se debatia, mas não surtia o menor efeito conforme era arrastado para perto de Aaron e Tamara. Ambos pareciam absolutamente horrorizados.

Call enfiou o cotovelo pontudo em um dos magos que o seguravam. Ouviu um grunhido de dor, e seu braço foi puxado para trás das costas. Ele estremeceu e se perguntou o que os pais nas arquibancadas, que estavam ali para mandar os filhos à escola de aerodinâmica, estariam pensando agora.

— Call! — O pai estava sendo contido por dois outros magos. — Call, não escute nada do que eles dizem! Eles não sabem o que estão fazendo! Não sabem nada sobre você!

Estavam arrastando Alastair para a saída. Call não podia acreditar no que estava acontecendo.

De repente, alguma coisa cintilou no ar. Ele não tinha visto o braço do pai se soltar dos magos. Agora uma adaga voava em sua direção. Ela vinha reta e com precisão, seu alcance maior do que o de qualquer outra. Call não conseguia desviar os olhos da faca enquanto girava no ar, vindo direto para ele, a lâmina na frente.

Sabia que devia fazer alguma coisa

Sabia que tinha de sair do caminho.

Mas, por algum motivo, não conseguia.

Seus pés pareciam enraizados ali.

A lâmina parou a centímetros de Call, colhida no ar por Aaron, tão facilmente como se ele estivesse colhendo uma maçã do galho mais baixo do pé.

Todos ficaram parados por um momento, olhando. O pai de Call havia sido levado pelos magos através das portas da outra ponta do hangar. Tinha desaparecido.

— Tome — disse uma voz ao lado de Call. Era Aaron, estendendo-lhe a adaga.

Ele nunca vira nada como aquilo antes. Era prata cintilante e havia espirais e arabescos no metal. O cabo tinha o formato de um pássaro de asas abertas. A palavra *Semíramis* estava gravada na lâmina com uma letra elaborada.

— Acho que é sua, certo? — disse Aaron.

— Obrigado — respondeu Call, pegando a faca.

— *Aquele* era seu pai? — perguntou Tamara em voz baixa, sem o encarar. Sua voz estava cheia de uma fria desaprovação.

Alguns dos magos observavam Call, como se achassem que ele era doido e entendessem como ele ficara daquele jeito. Sentiu-se

melhor com a lâmina nas mãos, mesmo que só tivesse usado facas para passar pasta de amendoim no pão ou cortar o bife.

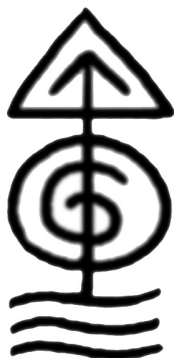
— Sim — respondeu ele. — Ele está preocupado com a minha segurança.

Mestre Rufus assentiu para Mestra Milagros e ela deu um passo à frente.

— Lamentamos muito essa interrupção. Agradecemos por terem ficado em seus lugares e mantido a calma — disse ela. — Esperamos que a cerimônia prossiga sem mais atrasos. Vou selecionar meus aprendizes agora.

A plateia silenciou novamente.

— Escolhi cinco — continuou Mestra Milagros. — O primeiro será Jasper deWinter. Jasper, por favor, desça e fique ao meu lado.

Jasper se levantou e caminhou até seu lugar ao lado de Mestra Milagros, com um único olhar cheio de ódio na direção de Call.

CAPÍTULO QUATRO

O sol estava começando a se pôr quando todos os Mestres finalizaram a escolha de seus aprendizes. Muitas crianças foram embora chorando, incluindo, para a satisfação de Call, Kylie. Ele teria trocado de lugar com ela em um segundo, mas, como isso não era permitido, pelo menos ele conseguiu deixá-la realmente irritada sendo forçado a ficar. Era a única vantagem que lhe ocorria e, à medida que se aproximava a hora de partirem para o Magisterium, ele se apegava a qualquer conforto.

Para sua frustração, os avisos do pai sobre o Magisterium sempre foram vagos. Ali parado, chamuscado, ensanguentado e encharcado de tinta azul, com a perna doendo cada vez mais, Call não tinha nada para fazer a não ser repassar aqueles avisos em sua mente. *Os magos não se preocupam com nada nem com ninguém, exceto com o avanço de seus estudos. Eles roubam crianças de suas famílias. Eles são monstros. Eles fazem experimentos em crianças. É por causa deles que sua mãe está morta.*

Aaron tentou puxar conversa, mas Call não estava com vontade de conversar. Ficou brincando com o cabo da adaga, que havia enfiado no cinto, e tentou parecer assustador. Aaron acabou desistindo e começou a conversar com Tamara. Ela sabia muito sobre o Magisterium, por meio de uma irmã mais velha que, segundo a garota, era o máximo em absolutamente tudo na escola. Tamara jurou que seria ainda melhor, o que soou preocupante para Call. Aaron parecia feliz apenas pela chance de frequentar a escola de magia.

Call se perguntou se deveria alertá-los. Então lembrou-se do tom horrorizado de Tamara quando viu quem era seu pai. *Esqueça*, pensou ele. Por ele, eles poderiam ser comidos por dragonetes voando a 40 quilômetros por hora e obcecados por vingança.

Por fim, a cerimônia acabou e todos foram conduzidos para o estacionamento. Os pais abraçaram e se despediram dos filhos com beijos lacrimosos, entregando-lhes malas, sacos de lona e pacotes com lanches. Call ficou por ali com as mãos nos bolsos. Não apenas

seu pai não estava presente para se despedir, como Call também não tinha bagagem. Depois de alguns dias sem trocar de roupa, seu cheiro ia ficar ainda pior do que agora.

Dois ônibus escolares amarelos os aguardavam, e os magos começaram a dividir os alunos em grupos de acordo com seus Mestres. Cada ônibus transportava vários grupos. Os aprendizes de Mestre Rufus foram colocados com os de Mestra Milagros, Mestre Rockmaple e Mestre Lemuel.

Enquanto Call esperava, Jasper foi até ele. Suas malas pareciam tão caras quanto suas roupas, e exibiam um monograma com suas iniciais — *JDW* — no couro. Ele exibia um sorriso de escárnio estampado no rosto enquanto encarava Call.

— Aquela vaga no grupo do Mestre Rufus — disse Jasper. — Aquela vaga era *minha*. E você a pegou.

Embora devesse ter ficado feliz em irritar Jasper, Call estava cansado de ver as pessoas agindo como se o fato de ter sido escolhido por Rufus fosse uma grande honra.

— Olha, eu não fiz nada para que isso acontecesse. Eu nem queria ser escolhido, ok? Eu não quero estar aqui.

Jasper tremia de raiva. De perto, Call viu com espanto que sua mala, embora sofisticada, tinha buracos no couro que haviam sido cuidadosa e repetidamente remendados. Os punhos da camisa de Jasper também eram cerca de um centímetro mais curtos do que deveriam, percebeu Call, como se suas roupas fossem de segunda mão ou tivessem ficado pequenas para ele. Call podia apostar que até o nome do garoto era de segunda mão, para combinar com o monograma.

Talvez sua família houvesse tido dinheiro no passado, mas parecia que não tinha mais.

— Você é um mentiroso — disse Jasper em tom desesperado. — Você fez alguma coisa. Ninguém acaba sendo escolhido por acaso pelo Mestre de maior prestígio no Magisterium, então pode parar de tentar me enganar. Quando chegarmos à escola, terei como missão recuperar essa vaga. Você vai *implorar* para voltar para casa.

— Espere — disse Call. — Se implorar, eles te deixam ir para casa?

Jasper olhou para Call como se este tivesse acabado de soltar um monte de frases desconexas.

— Você não tem ideia do quanto isso é importante — disse ele, segurando a alça da mala com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Nenhuma ideia. Não suporto nem estar no mesmo ônibus que você. — Ele girou e se afastou de Call, marchando em direção aos Mestres.

Call sempre odiara ônibus escolares. Ele nunca sabia ao lado de quem deveria se sentar, porque nunca teve um amigo no trajeto — ou melhor, nunca teve um amigo. As outras crianças achavam que ele era estranho. Mesmo durante o Desafio, mesmo entre pessoas que queriam ser *magos*, ele parecia se destacar como estranho. Naquele ônibus, pelo menos, havia espaço suficiente para que ele tivesse uma fileira de assentos só para si. *O fato de eu cheirar a pneus queimados provavelmente tem algo a ver com isso,* pensou ele. Mas mesmo assim foi um alívio. Ele só queria ser deixado sozinho para pensar sobre o que acabara de acontecer. Gostaria que o pai tivesse lhe dado um telefone no último aniversário, como ele havia implorado. Ele só queria ouvir a voz do pai. Queria que sua última lembrança do pai não fosse Alastair sendo arrastado aos gritos. Tudo que ele queria era saber o que fazer a seguir.

Quando pegaram a estrada, Mestre Rockmaple se levantou e começou a falar sobre a escola, explicando que os alunos do Ano de Ferro permaneceriam na escola durante o inverno, porque não era seguro que voltassem para casa parcialmente treinados. Também disse a eles que trabalhariam com seus mestres durante toda a semana, teriam palestras com outros mestres às sextas e participariam de uma espécie de grande teste uma vez por mês. Call achou difícil se concentrar nos detalhes, em especial quando Mestre Rockmaple listou os Cinco Princípios da Magia, que aparentemente tinham todos a ver com equilíbrio. Ou natureza. Ou alguma coisa. Call tentou prestar atenção, mas as palavras pareciam se perder antes que ele pudesse memorizá-las.

Depois de uma hora e meia de viagem, os ônibus fizeram uma parada de descanso, e Call percebeu que, além de não ter bagagem, também não tinha dinheiro. Fingiu não estar com fome

nem sede enquanto todos os outros compravam chocolates, batata frita e refrigerantes.

Quando reembarcaram no ônibus, Call sentou-se atrás de Aaron.

— Sabe para onde estão nos levando? — perguntou Call.

— Para o Magisterium — respondeu Aaron, parecendo um pouco preocupado com o cérebro de Call. — Você sabe, a *escola*. Onde vamos ser *aprendizes*.

— Mas onde fica exatamente? Onde estão os túneis? — insistiu Call. — E você acha que eles nos trancam nos quartos à noite? As janelas têm grades? Ah, espera, não... porque não tem nenhuma janela, certo?

— Hã... — disse Aaron, estendendo o saco aberto de batata frita com sabor de pão de alho e queijo. — Quer?

Tamara se inclinou do outro lado do corredor.

— Você é mesmo perturbado? — perguntou ela. Dessa vez, suas palavras não soavam como um insulto. Eram mais como se ela quisesse sinceramente discutir o assunto.

— Vocês sabem que, quando chegarmos lá, vamos morrer, não sabem? — disse Call, alto o suficiente para que todo o ônibus ouvisse.

Suas palavras foram recebidas com um silêncio retumbante.

Por fim, Celia o rompeu.

— Todos nós?

Algumas das outras crianças riram.

— Bem, não, nem todos nós, é *óbvio* — disse Call. — Alguns de nós. Mas isso ainda é ruim!

Todos encaravam Call novamente, exceto Mestre Rufus e Mestre Rockmaple, que estavam sentados na frente e nesse momento não prestavam atenção ao que as crianças faziam nos fundos. Call fora tratado como louco mais vezes naquele dia do que em toda a sua vida, e estava ficando cansado disso. Só Aaron não o olhava como se ele fosse louco. Em vez disso, ele mastigava uma batata frita.

— Então, quem te disse isso? — perguntou ele. — Sobre nós morrermos.

— Meu pai — respondeu Call. — Ele frequentou o Magisterium, então sabe do que está falando. Ele diz que os magos vão fazer experimentos na gente.

— Aquele cara que estava gritando com você no Desafio? Que jogou a faca? — indagou Aaron.

— Ele não costuma agir assim — murmurou Call.

— Bem, obviamente ele frequentou o Magisterium e ainda está vivo — observou Tamara. Ela agora falava numa voz mais baixa. — E minha irmã está lá. E os pais de alguns de nós também estudaram lá.

— Sim, mas minha mãe está morta — argumentou Call. — E meu pai odeia tudo que tem a ver com a escola. Ele nem fala sobre ela. Diz que minha mãe morreu por causa do Magisterium.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Celia. No seu colo, havia um pacote de chicletes aberto, e Call ficou tentado a pedir um, pois eles o lembraram do sundae que nunca iria ganhar e também porque ela parecia gentil, como se estivesse fazendo a pergunta porque queria que ele não se preocupasse com os magos, e não porque pensava que ele fosse maluco e esquisito. — Quero dizer, ela teve você, então não morreu no Magisterium, certo? Ela deve ter se formado primeiro.

Sua pergunta surpreendeu Call. Ele havia reunido todas as informações sem pensar muito sobre a linha do tempo. Em algum lugar houve uma luta, parte de uma guerra mágica. Seu pai sempre foi vago sobre os detalhes. Ele havia se concentrado no fato de que os magos tinham permitido que aquilo acontecesse.

Quando os magos vão para a guerra, o que acontece com frequência, eles não se importam com as pessoas que morrem por causa do conflito.

— Uma guerra — disse ele. — Houve uma guerra.

— Bem, isso não é muito específico — observou Tamara. — Mas se foi com sua mãe, tem de ser a Terceira Guerra dos Magos. A guerra do Inimigo.

— Tudo que sei é que eles morreram em algum lugar da América do Sul.

Celia arquejou.

— Então ela morreu na montanha — disse Jasper.

— Montanha? — perguntou Drew lá atrás, parecendo nervoso. Call lembrava-se dele como o garoto que havia perguntado sobre a escola de pôneis.

— O Massacre Gelado — disse Gwenda. Ele se lembrou da maneira como ela havia se levantado quando foi escolhida, sorrindo como se fosse seu aniversário, suas muitas tranças com contas balançando em torno do rosto. — Você não sabe de nada? Não ouviu falar do Inimigo, Drew?

A expressão de Drew pareceu congelar.

— Qual inimigo?

Gwenda suspirou, irritada.

— O *Inimigo da Morte*. Ele é o último dos Makaris e a razão da Terceira Guerra.

Drew ainda parecia confuso. Call também não tinha certeza de ter entendido o que Gwenda dissera. Makaris? Inimigo da Morte? Tamara olhou para trás e viu a expressão dos dois.

— A maioria dos magos pode acessar os quatro elementos — explicou ela. — Lembra-se do que Mestre Rockmaple disse sobre recorrermos ao ar, à água, à terra e ao fogo para fazer magia? E todas aquelas coisas sobre a magia do caos?

Call se lembrou de algo da palestra na frente do ônibus, algo sobre caos e devastação. Havia soado ruim na ocasião e não soava nem um pouco melhor agora.

— Eles criam algo do nada, e é por isso que os chamamos de Makaris. Que significa criadores. Eles são poderosos. E perigosos. Como o Inimigo.

Um arrepio percorreu a espinha de Call. A magia parecia ainda mais assustadora do que seu pai dissera.

— Ser o Inimigo da Morte não deve ser tão ruim assim — disse ele, principalmente para ser do contra. — Não é como se a morte fosse algo maravilhoso. Afinal, quem gostaria de ser o Amigo da Morte?

— A questão não é essa. — Tamara cruzou as mãos no colo, nitidamente irritada. — O Inimigo era um grande mago... talvez até o melhor. Mas enlouqueceu. Ele queria viver para sempre e fazer os mortos voltarem à vida. É por isso que o chamam de Inimigo da Morte, porque ele tentou vencer a morte. Começou a trazer o caos

para o mundo, colocando o poder do vazio em animais... e até mesmo em pessoas. Quando ele colocava um pedaço do vazio nas pessoas, isso as transformava em monstros irracionais.

Do lado de fora do ônibus, o sol havia se posto, e apenas uma mancha vermelha e dourada no horizonte dava indícios que a noite caíra havia pouco. À medida que o ônibus avançava, adentrando a escuridão, Call podia ver mais e mais estrelas no céu pela janela do ônibus. Ele só conseguia distinguir formas vagas na floresta por onde passavam — até onde Call podia ver, eram apenas escuridão folhosa e rochas.

— E é provavelmente o que ele ainda está fazendo — disse Jasper. — Esperando para romper o Tratado.

— Ele não foi o único Makari de sua geração — afirmou Tamara, como se contasse uma história que aprendera mecanicamente ou recitasse um discurso já ouvido muitas vezes. — Havia outro. Era a nossa campeã, e seu nome era Verity Torres. Ela era apenas um pouco mais velha do que somos agora, mas muito corajosa, e liderou as batalhas contra o Inimigo. E estávamos ganhando. — Os olhos de Tamara brilhavam enquanto ela falava de Verity. — Mas então o Inimigo cometeu a maior traição que alguém poderia cometer. — Ela tornou a baixar o volume da voz para que os Mestres na frente do ônibus não pudessem ouvir. — Todos sabiam que uma grande batalha estava por vir. Nosso lado, o dos magos bons, esconderam suas famílias e filhos em uma caverna remota para que não pudessem ser usados como reféns. O Inimigo descobriu onde ficava a caverna e, em vez de comparecer ao campo de batalha, ele foi até lá para matar todos eles.

— Esperava que morressem facilmente — acrescentou Celia, entrando na conversa com sua voz suave. Era óbvio que ela também tinha ouvido a história muitas vezes. — Eram apenas crianças e idosos e algumas mães com bebês. Eles tentaram detê-lo. Mataram os Dominados pelo Caos na caverna, mas não eram fortes o suficiente para destruir o Inimigo. No fim, todos morreram e ele fugiu. Foi tão brutal que a Assembleia ofereceu uma trégua ao Inimigo e ele aceitou.

Fez-se um silêncio perplexo.

— Nenhum dos magos bons sobreviveu? — perguntou Drew.

— Todo mundo sobrevive na escola de pôneis — murmurou Call. De repente, ele estava feliz por não ter tido dinheiro para comprar comida na parada do ônibus, pois tinha certeza de que teria colocado tudo para fora agora. Ele sabia que a mãe havia morrido. Sabia até que ela morrera em uma batalha. Mas nunca tinha ouvido os detalhes.

— O quê? — Tamara se virou para ele, uma fúria gelada no rosto. — O que você disse?

— Nada. — Call recostou-se no assento com os braços cruzados. Pela expressão da garota, ele sabia que tinha ido longe demais.

— Você é inacreditável. Sua mãe morreu durante o Massacre Gelado, e você faz piada com o sacrifício dela. Age como se fosse culpa dos magos, e não do Inimigo.

Call desviou o olhar, o rosto quente. Ele sentia vergonha do que dissera, mas também sentia raiva, porque devia saber dessas coisas, não devia? Seu pai devia ter lhe contado. Mas não contou.

— Se sua mãe morreu na montanha, onde você estava? — interrompeu Celia, evidentemente tentando acalmar os ânimos. A flor em seu cabelo ainda estava amassada por causa da queda no Desafio, e uma das pontas se encontrava ligeiramente chamuscada.

— No hospital — respondeu Call. — Minha perna ficou machucada quando eu nasci, e eu fiz uma cirurgia. Acho que ela devia ter ficado na sala de espera do hospital, mesmo que o café fosse ruim. — Era sempre assim quando ele estava chateado. Era como se não conseguisse controlar as palavras que saíam de sua boca.

— Você é uma vergonha — cuspiu Tamara, não mais a garota fria e contida que tinha sido durante o Desafio. Seus olhos faiscavam de raiva. — Metade dos alunos de legado do Magisterium perdeu alguém da família na montanha. Se continuar falando assim, alguém vai afogar você em uma piscina subterrânea e ninguém vai lamentar, eu inclusive.

— Tamara — interveio Aaron. — Estamos todos no mesmo grupo de aprendizes. Dê um tempo a ele. A mãe dele morreu. Ele pode sentir o que quiser sobre isso.

— Minha tia-avó morreu lá também — disse Celia. — Meus pais falam dela o tempo todo, mas eu não a conheci. Não estou com raiva de você, Call. Eu só queria que isso não tivesse acontecido com nenhum de nós. Nem com nenhum deles.

— Bem, eu estou com raiva — disse um garoto no fundo do ônibus. Call achava que seu nome era Rafe. Ele era alto, tinha uma moita de cabelos escuros e encaracolados, e usava uma camiseta com uma caveira sorridente que brilhava com um tom levemente verde na luz fraca do ônibus.

Call se sentiu ainda pior. Ele quase disse algo para se desculpar com Celia e Rafe, mas Tamara virou-se para Aaron e disse ferozmente:

— Mas é como se ele não se importasse. Eles foram heróis.

— Não, não foram — explodiu Call antes que Aaron pudesse falar. — Eles foram vítimas. Foram mortos por causa da *magia*, e isso não pode ser consertado. Nem mesmo pelo seu Inimigo da Morte, certo?

Fez-se um silêncio estupefato. Até mesmo quem estava envolvido em outras conversas, em outras partes do ônibus, se voltou boquiaberto para Call.

O pai havia culpado os outros magos pela morte de sua mãe. E ele confiava no pai. Sim, confiava. Mas com todos os olhos voltados para ele, Call não sabia o que pensar.

O silêncio foi quebrado apenas pelo som do ronco de Mestre Rockmaple. O ônibus havia entrado em uma estrada de terra irregular.

Muito baixinho, Celia disse:

— Ouvi dizer que há animais Dominados pelo Caos perto da escola. Dos experimentos do Inimigo.

— Cavalos? — perguntou Drew.

— Espero que não — disse Tamara, com um tremor.

Drew parecia desapontado.

— Você não ia querer ter um cavalo Dominado pelo Caos. As criaturas Dominadas pelo Caos são os servos do Inimigo. Elas têm um pedaço do vazio no interior, e isso as torna mais espertas do que os outros animais, porém sanguinárias e insanas. Apenas o Inimigo ou um de seus servos pode controlá-las.

— Então seriam como cavalos-zumbis possuídos pelo mal? — perguntou Drew.

— Não exatamente. Você as reconheceria pelos olhos. Seus olhos cintilam... pálidos, com espirais de cores dentro deles. Fora isso, parecem comuns. Essa é a parte assustadora — acrescentou Gwenda. — Espero que a gente não tenha de sair muito.

— Eu, sim — afirmou Tamara. — Espero que a gente aprenda a reconhecê-los e matá-los. Eu quero fazer *isso*.

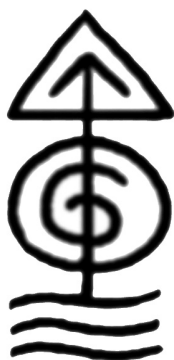
— Ah, certo — disse Call baixinho. — E *eu* sou o louco. Nenhum motivo para se preocupar no velho Magisterium. Escola de pôneis do mal, aqui vamos nós.

Mas Tamara não estava prestando atenção. Inclinada para o corredor, escutava Celia dizer:

— Ouvi dizer que há um novo tipo de Dominado pelo Caos que não se pode identificar pelos olhos. A criatura nem sabe o que é até o Inimigo obrigá-la a fazer o que ele quer. Então, assim, o seu gato pode estar espionando você ou...

O ônibus parou com um solavanco. Por um segundo, Call pensou que talvez eles tivessem entrado em outro posto de gasolina, mas então Mestre Rufus se levantou.

— Chegamos — anunciou ele. — Por favor, saiam do ônibus em uma fila organizada.

E, por alguns minutos, tudo foi realmente normal, como se Call estivesse apenas em uma excursão da escola. As crianças pegaram sua bagagem e se dirigiram à frente do ônibus. Call desceu logo depois de Aaron e, como não precisava pegar nenhuma bagagem, foi o primeiro a realmente dar uma olhada à sua volta.

CAPÍTULO CINCO

Call estava parado diante da encosta quase perpendicular de uma montanha. À esquerda e à direita estendia-se uma floresta, mas à sua frente havia maciças portas duplas. Eram de um tom desgastado de cinza, com dobradiças de ferro que se transformavam em espirais curvas, dobrando-se uma para dentro da outra. Call imaginou que à distância, ou sem a luz dos faróis do ônibus, elas seriam praticamente invisíveis. Gravado na pedra, acima das portas, estava um símbolo desconhecido:

Abaixo dele, as palavras: *O fogo quer queimar, a água quer correr, o ar quer levitar, a terra quer unir, o caos quer devorar.*

Devorar. A palavra provocou um calafrio por todo o seu corpo. *Última chance para fugir*, pensou ele. Mas ele não era muito rápido e, de qualquer maneira, não havia para onde correr.

As outras crianças tinham pegado suas bagagens e agora estavam paradas ali, como ele. Mestre Rufus foi até as portas, e todos se calaram. Mestre North deu um passo à frente.

— Vocês estão prestes a entrar no Magisterium — disse ele. — Para alguns de vocês, pode ser a realização de um sonho. Para outros, esperamos que seja o início de um. Para todos vocês, eu digo: o Magisterium existe para sua própria segurança. Vocês têm um grande poder e, sem treinamento, esse poder é perigoso. Aqui, vamos ajudá-los a aprender a ter controle e ensiná-los sobre a importante história de magos como vocês, que remonta ao início

dos tempos. Cada um de vocês tem um destino único, fora do caminho normal que poderiam ter trilhado, um destino que vão encontrar aqui. Devem ter intuído isso quando viram as primeiras manifestações do seu poder. Mas, parados na entrada da montanha, imagino que ao menos alguns de vocês estejam se questionando no que foi que se meteram.

Alguns dos garotos riram, pouco à vontade.

— Há muito tempo, bem no princípio, os primeiros magos se perguntaram praticamente a mesma coisa. Intrigados pelos ensinamentos dos alquimistas, particularmente Paracelso, eles procuraram explorar a magia elemental. Tiveram um sucesso limitado, até que um alquimista percebeu que seu filho pequeno conseguia fazer com facilidade os mesmos exercícios com os quais ele lutava para executar. Os magos descobriram que a magia podia ser realizada por aqueles com um poder inato, e melhor ainda pelos mais novos. Depois disso, descobriram novos alunos para ensinar e com quem aprender, procurando em toda a Europa crianças com poder. Muito poucas o têm, talvez uma em cada vinte e cinco mil, mas os magos reuniram as que puderam e fundaram a primeira escola de magia. Ao longo do caminho, escutaram histórias de meninos e meninas sem treinamento que tinham incendiado casas e morrido queimados em meio às chamas, que tinham se afogado em tempestades, sido carregados por tornados ou sugados por sumidouros. Com os ensinamentos, os magos aprenderam a andar ilesos através da lava, a explorar as mais profundas partes do mar sem tanque de oxigênio, e até mesmo a voar.

Algo saltou dentro de Call ao ouvir o que Mestre North dizia. Ele se lembrou de pedir ao pai, quando era muito pequeno, para balançá-lo no ar, mas o pai se recusou e mandou-o parar de fingir. Ele realmente poderia aprender a voar?

Se você pudesse voar, sussurrou uma pequena e traiçoeira parte de seu cérebro, *não importaria tanto o fato de não poder correr*.

— Aqui vocês vão encontrar elementais, criaturas de grande beleza e perigo que existem em nosso mundo desde a aurora dos tempos. Vocês vão esculpir a terra, o ar, a água e o fogo, curvando-os à sua vontade. Vão estudar nosso passado enquanto se tornam

nosso futuro. Vão descobrir o que o seu eu comum nunca teria tido o privilégio de ver. Vão aprender coisas importantes e fazer coisas mais importantes ainda. Sejam bem-vindos ao Magisterium.

Aplausos soaram. Call olhou à sua volta. Os olhos de todos brilhavam. E, por mais que ele lutasse contra a sensação, tinha certeza de que seus olhos brilhavam também.

Mestre Rufus adiantou-se.

— Amanhã vocês verão mais da escola, mas, esta noite, sigam seus Mestres e acomodem-se em seus quartos. Por favor, não se afastem enquanto eles os guiam pelo Magisterium. O sistema de túneis é complexo, e até que vocês o conheçam bem, é fácil se perder.

Perdido nos túneis, pensou Call. Era exatamente isso que ele temia desde que ouvira falar pela primeira vez daquele lugar. Estremeceu ao recordar do pesadelo em que estava preso no subterrâneo. Algumas de suas dúvidas estavam ressurgindo, os avisos do pai ecoando em sua cabeça.

Mas eles vão me ensinar a voar, pensou, como se estivesse argumentando com alguém que não estava ali.

Mestre Rufus ergueu uma de suas mãos grandes, os dedos espalmados, e sussurrou algo. O metal de sua pulseira começou a brilhar, como se estivesse extremamente quente. Um instante depois, com um rangido alto e agudo que pareceu quase um grito, as portas começaram a se abrir.

Uma luz se derramou pela fresta entre elas, e as crianças avançaram, entre arquejos e exclamações. Call entreouviu muitos “Legal!” e “Incrível!”.

Um minuto depois, ele teve de admitir, contrariado, que aquilo *era* mesmo incrível.

Havia um hall de entrada imenso, maior do que qualquer ambiente coberto que Call pudesse imaginar. Poderia conter três quadras de basquete e ainda sobraria espaço. O piso era da mesma mica cintilante que ele vira na ilusão no hangar, mas as paredes eram de calcário, o que dava a impressão de que milhares de velas derretidas tinham coberto as paredes com cera gotejante. Estalagmites se erguiam ao longo dos limites da sala, e imensas estalactites pendiam, em alguns lugares quase tocando umas às

outras. Havia um rio, de um azul vivo e brilhante como uma safira luminosa, que atravessava o amplo espaço, fluindo através de um arco em uma parede e saindo por outro, com uma ponte de pedra entalhada cruzando-o. Nas laterais da ponte, viam-se desenhos gravados, desenhos que Call ainda não reconhecia, mas que lhe lembravam os desenhos na faca que seu pai jogara para ele.

Call ficou para trás quando todos os aprendizes do Desafio entraram, formando um nó no meio da sala. Sua perna estava rígida da longa viagem de ônibus, e ele sabia que se moveria mais devagar ainda. Esperava que não fosse uma caminhada muito longa até onde iriam dormir.

As portas enormes se fecharam atrás deles com um estrondo que fez Call pular de susto. Ele se virou bem a tempo de ver uma fileira de estalactites de pontas afiadas, uma após a outra, despencar do teto e fincar-se no chão com um baque surdo, bloqueando as portas.

Drew, atrás de Call, engoliu em seco ruidosamente.

— Mas... como vamos sair?

— Não vamos — respondeu Call, feliz por ter uma resposta para aquilo, pelo menos. — Não vamos sair nunca mais.

Drew se afastou. Call pensou que não podia culpá-lo, embora ele estivesse ficando um pouco cansado de ser tratado como maluco por apontar o óbvio.

A mão de alguém puxou sua manga.

— Vamos.

Era Aaron.

Call virou-se e viu que Mestre Rufus e Tamara estavam começando a sair dali. Tamara tinha uma arrogância em seu andar que não estivera ali antes, sob o olhar vigilante dos pais. Resmungando baixinho, Call seguiu os três através de um dos arcos, adentrando os túneis do Magisterium.

Mestre Rufus ergueu a mão, e uma chama surgiu em sua palma, tremeluzindo como uma tocha. Call se lembrou do fogo repousando sobre a água no teste final. Ele se perguntou o que devia ter feito para realmente fracassar — fracassar de tal maneira que o impedisse de acabar ali.

Andaram em fila por um corredor longo e estreito que cheirava ligeiramente a enxofre. Ele saía em outra sala, esta com uma série de piscinas, uma das quais borbulhava, lamacenta, e outra cheia de peixes cegos e pálidos, que se dispersaram tão logo ouviram o som de passos humanos.

Call queria fazer uma piada sobre peixes cegos Dominados pelo Caos serem indetectáveis se fossem servos do Inimigo da Morte, porque, bem, não tinham olhos, mas acabou assustando a si mesmo, imaginando-os espionando os alunos.

Em seguida, chegaram a uma caverna com cinco portas no fundo. A primeira era feita de ferro; a segunda, de cobre; a terceira, de bronze; a quarta, de prata; e a última, de ouro reluzente. Todas as portas refletiam o fogo na mão de Mestre Rufus, fazendo as chamas dançarem estranhamente no espelho de suas superfícies polidas.

Bem no alto, acima deles, Call pensou ver o clarão de alguma coisa brilhando, alguma coisa com uma cauda, alguma coisa que se moveu rapidamente para as sombras e desapareceu.

Mestre Rufus não os levou para dentro da caverna por nenhuma das portas, mas continuaram andando até chegar a uma grande sala redonda, de pé-direito alto, com cinco passagens em forma de arco que levavam a diferentes direções.

No teto, Call avistou um grupo de lagartos com pedras preciosas nas costas, algumas parecendo queimar com chamas azuis.

— Elementais — ofegou Tamara.

— Por aqui — disse Mestre Rufus, as primeiras palavras que ele falava, sua voz ecoando no espaço vazio.

Call se perguntou onde estariam os outros magos. Talvez fosse mais tarde do que pensava e eles estivessem dormindo, mas o vazio dos quartos pelos quais passaram lhe deu a impressão de que estavam totalmente sozinhos ali, no subterrâneo.

Por fim, Mestre Rufus parou em frente a uma grande porta quadrada, com um painel de metal onde normalmente haveria uma aldrava. Ele ergueu o braço e sua pulseira tornou a brilhar, dessa vez com um rápido clarão. Alguma coisa estalou dentro da porta, e ela se abriu.

— Podemos fazer isso? — perguntou Aaron com assombro na voz.

Mestre Rufus sorriu para ele.

— Sim, vocês certamente serão capazes de entrar no próprio quarto com suas pulseiras, embora não possam ir a todos os lugares. Entrem e vejam onde vão passar o Ano de Ferro de seu aprendizado.

— Ano de Ferro? — repetiu Call, pensando nas portas.

Mestre Rufus entrou, fazendo um movimento circular com o braço para mostrar o que parecia uma combinação de sala de estar e área de estudos. As paredes da caverna eram altas e arqueadas, elevando-se até um domo. Do centro do domo pendia um imenso candelabro de cobre, do qual saía uma dúzia de braços curvos, cada um gravado com desenhos de chamas, cada um sustentando uma tocha acesa. No chão de pedra estavam três carteiras agrupadas em um círculo largo e dois amplos sofás aveludados, um de frente para o outro, diante de uma lareira grande o bastante para assar um boi. Não apenas um boi. Um *pônei*. Call pensou em Drew e disfarçou um sorriso de esguelha.

— É impressionante — disse Tamara, virando-se para olhar tudo.

Por um instante, ela pareceu uma criança comum, e não a integrante de uma antiga família de magos.

Veios brilhantes de quartzo e mica cruzavam as paredes de pedra e, quando a luz da tocha os iluminou, eles formaram um padrão de cinco símbolos como os que havia acima da entrada: um triângulo, um círculo, três linhas onduladas, uma seta apontando para cima e uma espiral.

— Fogo, terra, água, ar e caos — disse Aaron.

Ele devia estar prestando atenção, no ônibus.

— Muito bem — parabenizou Mestre Rufus.

— Por que estão dispostos assim? — perguntou Call, apontando.

— Porque assim os símbolos formam um quincunce. E, agora, isto é para vocês.

Ele pegou três pulseiras de uma mesa que parecia entalhada em um único bloco de pedra. Eram faixas largas de couro com uma tira

de ferro presa na borda e fechadas com uma fivela do mesmo metal.

Tamara pegou a sua como se fosse um objeto sagrado.

— Uau.

— São mágicas? — perguntou Call, observando a sua com ar cético.

— Estas pulseiras marcam seu avanço ao longo do Magisterium. Desde que passem no teste de fim de ano, vocês vão ganhar um metal diferente. Ferro, depois cobre, bronze, prata e, finalmente, ouro. Quando concluírem seu Ano de Ouro, serão considerados não mais aprendizes, e sim magos artífices, aptos a ingressar no Collegium. Respondendo à sua pergunta, Call, sim, elas são mágicas. Foram feitas com um modelador de metal e funcionam como chaves, permitindo a vocês o acesso às salas de aula nos túneis. Vocês vão receber metais e pedras adicionais para prender na pulseira, simbolizando suas realizações, de maneira que, quando se formarem, ela será um reflexo de sua trajetória aqui.

Mestre Rufus seguiu até uma pequena cozinha. Acima de um fogão de aparência estranha, com círculos de pedra onde normalmente estariam os queimadores, ele abriu um armário e dali tirou três pratos de madeira vazios.

— Em geral achamos melhor deixar os novos aprendizes se acomodarem em seus quartos na primeira noite, em vez de sobrecarregá-los no Refeitório, então vocês comerão aqui esta noite.

— Esses pratos estão *vazios* — ressaltou Call.

Rufus pôs a mão no bolso e dele tirou um pacote de mortadela e um pão de forma, duas coisas que não poderiam ter cabido ali.

— Sim, estão. Mas não por muito tempo.

Ele abriu a mortadela e fez três sanduíches, colocando cada qual em um prato e depois cortando-os cuidadosamente em dois.

— Agora, visualizem seu prato predileto.

Call olhou de Mestre Rufus para Tamara e Aaron. Seria algum tipo de magia que eles deveriam fazer? Estaria Mestre Rufus sugerindo que, se você imaginasse algo delicioso enquanto comia o sanduíche de mortadela, ele ficaria mais gostoso? Ele podia *ler a*

mente de Call? E se os magos estivessem monitorando seus pensamentos o tempo todo e...

— Call — entoou Mestre Rufus, fazendo-o dar um pulo. — Algum problema?

— O senhor pode ouvir meus pensamentos? — deixou escapar Call.

Mestre Rufus piscou para ele uma vez, devagar, como um dos sinistros lagartos no teto do Magisterium.

— Tamara, eu posso ler os pensamentos de Call?

— Magos só podem ler seus pensamentos se você os projetar — respondeu ela.

Mestre Rufus assentiu.

— E o que você acha que ela quer dizer com “os projetar”, Aaron?

— Pensar com muita força? — respondeu ele após um momento.

— Sim — disse Mestre Rufus. — Então, por favor, pensem com muita força.

Call pensou em seus pratos prediletos, visualizando-os várias vezes em sua mente. Mas a todo momento ele se distraía com outras coisas, coisas que seriam muito engraçadas se ele imaginasse. Como uma torta assada dentro de um bolo. Ou trinta e sete bolinhos empilhados no formato de uma pirâmide.

Então Mestre Rufus ergueu as mãos, e Call se esqueceu de pensar no que quer que fosse. O primeiro sanduíche começou a se espalhar, tentáculos de mortadela se desenrolando, espirais crescendo pelo prato. Aromas deliciosos vinham dele.

Aaron se inclinou para a frente, nitidamente faminto apesar dos salgadinhos que havia comido no ônibus. A mortadela se transformou em uma travessa, uma tigela e uma jarra — a tigela estava cheia de macarrão com queijo coberto com farinha de rosca dourada, fumegante, como se tivesse acabado de sair do forno; a travessa tinha brownie com sorvete; e a jarra continha um líquido cor de âmbar que Call deduziu que fosse suco de maçã.

— Uau! — exclamou Aaron, pasmo. — É exatamente o que visualizei. Mas é real?

Mestre Rufus assentiu.

— Tão real quanto o sanduíche. Vocês podem recordar o Quarto Princípio da Magia: *você pode mudar a forma de uma coisa, mas não sua natureza essencial.* E, uma vez que não alterei a natureza do alimento, ele foi realmente transformado. Agora você, Tamara.

Call se perguntou se aquilo significava que o macarrão com queijo de Aaron teria gosto de mortadela. Mas ao menos parecia que Call não era o único que não se lembrava dos princípios da magia.

Tamara deu um passo à frente para pegar sua bandeja enquanto sua comida se transformava. Agora ali estava uma travessa de sushi com um montinho de uma massa verde em uma ponta, e uma pequena tigela de molho de soja na outra. Acompanhava outro prato com três bolinhos doces de arroz cor-de-rosa. Ela recebeu também chá verde quente, e parecia feliz com aquilo.

Então chegou a vez de Call. Ele estendeu a mão para sua bandeja com ceticismo, incerto do que iria encontrar. Mas ali estava, de fato, seu jantar favorito: tiras de frango com molho *ranch*, uma tigela de espaguete ao sugo e um sanduíche de pasta de amendoim com flocos de milho de sobremesa. Em sua caneca havia chocolate quente com chantili coberto por marshmellows coloridos.

Mestre Rufus tinha uma expressão satisfeita.

— Agora, deixo vocês para se acomodarem. Alguém virá encontrá-los daqui a pouco com suas coisas...

— Posso ligar para meu pai? — perguntou Call. — Quero dizer, existe um telefone que eu possa usar? Não estou com o meu.

Depois de um período de silêncio, Mestre Rufus disse, com mais gentileza do que Call esperava:

— Telefones celulares não funcionam no Magisterium, Callum. Estamos muito abaixo da superfície para isso. Nem temos telefones convencionais. Usamos os elementos para nos comunicar. Sugiro que dê um tempo para Alastair se acalmar e depois você e eu vamos contatá-lo juntos.

Call engoliu qualquer protesto. Não tinha sido um não cruel, mas era um não definitivo.

— Agora — prosseguiu Mestre Rufus —, espero vocês três acordados e vestidos às nove, amanhã. Além disso, espero que estejam com a mente afiada e prontos para aprender. Temos muito

trabalho para fazer juntos, e eu lamentaria muito se vocês não estivessem à altura da promessa demonstrada no Desafio.

Call imaginou que ele estivesse se referindo a Tamara e Aaron, pois, se ele se mostrasse à altura da sua promessa, significaria incendiar o rio subterrâneo.

Depois que Mestre Rufus saiu, eles se sentaram nos bancos de estalagmite à mesa de pedra lisa para comer juntos.

— E se você ganhasse molho *ranch* no seu espaguete? — perguntou Tamara, olhando para o prato de Call com seus hashis parados no ar.

— Ficaria ainda mais delicioso — respondeu Call.

— Que nojo — disse Tamara, mergulhando o wasabi no molho de soja, sem respingar nenhuma gota fora do prato.

— Onde você acha que eles conseguiram peixe fresco para o seu sushi, uma vez que estamos em uma caverna? — perguntou Call, colocando uma tira de frango na boca. — Aposto que levaram uma rede para uma daquelas piscinas subterrâneas e pegaram qualquer coisa presa a ela. *Glurp-lurp.*

— Pessoal — disse Aaron, como se estivesse sofrendo —, vocês estão me fazendo desistir do meu macarrão.

— *Glurp-lurp!* — repetiu Call, fechando os olhos e balançando a cabeça para a frente e para trás, como um peixe subterrâneo.

Tamara pegou sua bandeja e foi para um dos sofás, onde se sentou de costas para Call e começou a comer.

Eles terminaram suas refeições em silêncio. Apesar de quase não ter comido o dia inteiro, Call não conseguiu terminar o jantar. Imaginou o pai em casa, comendo na mesa bagunçada da cozinha. Sentiu saudade de tudo aquilo, mais do que já sentira de qualquer outra coisa. Então empurrou a bandeja e se levantou.

— Vou para a cama. Qual é o meu quarto?

Aaron recostou-se na cadeira e olhou na direção dos quartos.

— Nossos nomes estão nas portas.

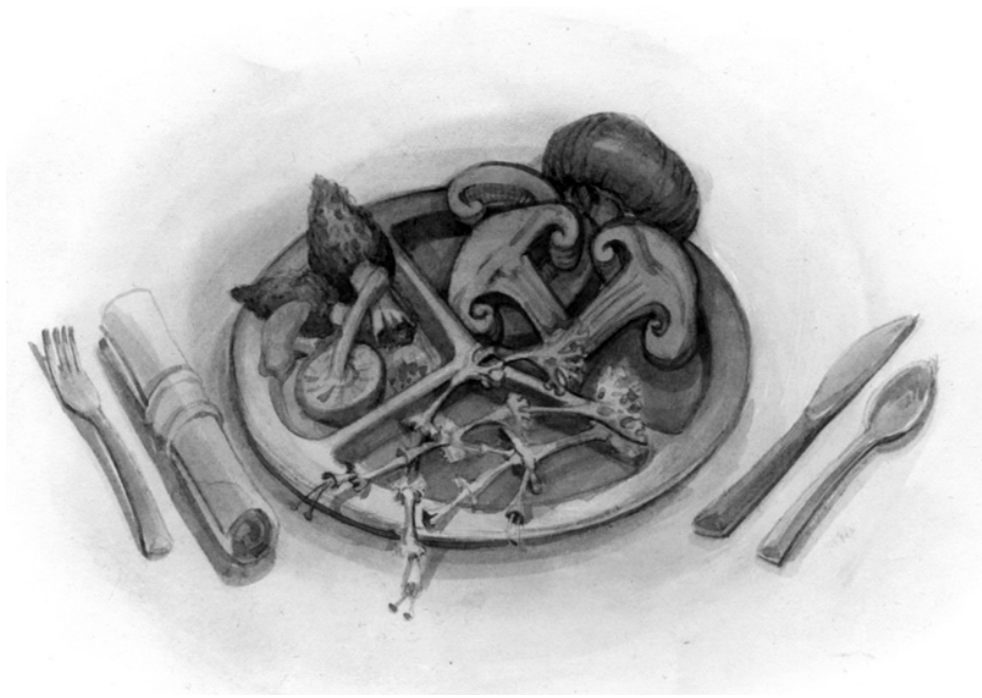
— Ah... — disse Call, sentindo-se tolo e um pouco assustado.

Seu nome estava lá, destacado em veios de quartzo. *Callum Hunt.*

Ele entrou. Era um quarto luxuoso, muito maior do que seu quarto em casa. Um tapete espesso cobria o chão de pedra. Era

tecido com os padrões repetidos dos cinco elementos. A mobília parecia feita de madeira petrificada e exibia um suave brilho dourado. A cama era imensa e estava coberta com mantas azuis grossas e grandes travesseiros. Havia um armário e uma cômoda com gavetas, mas, como Call não tinha nenhuma roupa para guardar e nada por chegar, ele se jogou na cama e cobriu o rosto com o travesseiro. Isso só ajudou um pouco. Vindo da sala comum, ele podia ouvir os risinhos de Tamara e Aaron. Eles não tinham conversado assim antes. Deviam estar esperando que ele saísse.

Sentiu que alguma coisa o espetava na lateral do corpo. Ele tinha se esquecido da faca que o pai lhe dera. Tirando-a do cinto, ele a examinou à luz da tocha. *Semíramis.* Call se perguntou qual seria o significado daquela palavra, e se passaria os próximos cinco anos sozinho naquele quarto com sua adaga esquisita, enquanto os outros riam dele. Com um suspiro, largou a lâmina sobre a mesinha de cabeceira, enfiou os pés sob os cobertores e tentou dormir.

Mas horas se passaram antes que conseguisse.

CAPÍTULO SEIS

Call acordou com um barulho, como se alguém estivesse gritando em seu ouvido. Ele se jogou para o lado e despencou da cama, caindo agachado e batendo o joelho no chão da caverna. O ruído horrível continuava, ecoando através das paredes.

A porta do quarto se abriu de supetão quando os gritos começaram a se extinguir ao longe. Aaron apareceu, seguido por Tamara. Os dois vestiam o uniforme do primeiro ano: túnica de algodão cinza com calça larga do mesmo tecido. Ambos usavam a pulseira de ferro: Tamara, no pulso direito, e Aaron, no esquerdo. Tamara tinha feito duas tranças nos cabelos escuros, uma de cada lado da cabeça.

— Ai! — disse Call, sentando-se nos calcanhares.

— Foi só o sino — explicou Aaron. — Significa que está na hora do café da manhã.

Call jamais fora acordado para a escola por um alarme. Seu pai sempre o despertava, sacudindo-lhe o ombro gentilmente até Call se virar, sonolento e resmungando. Ele engoliu em seco com força, sentindo uma falta imensa de casa.

Tamara apontou para alguma coisa atrás de Call, erguendo as sobrancelhas bem-feitas.

— Você dormiu com sua *faca*? — perguntou ela.

Um olhar para a cama mostrou que o punhal que o pai lhe dera tinha sido derrubado da mesinha de cabeceira — provavelmente atingido por um braço agitado durante a noite — e ido parar em seu travesseiro. Ele sentiu o rosto arder.

— Algumas pessoas têm bichos de pelúcia — comentou Aaron, dando de ombros. — Outras têm facas.

Tamara atravessou o quarto e foi sentar-se na cama de Call, pegando a faca enquanto ele se levantava. Call não se segurou no pé da cama para manter o equilíbrio, por mais que quisesse. Com as roupas amassadas por ter dormido com elas e os cabelos espetados para todos os lados, estava ciente de que os dois o

observavam e do quão lentamente ele tinha de se mover para evitar torcer a perna, que já doía.

— O que está escrito? — perguntou Tamara, levantando a faca e inclinando-a. — Na lateral. Semi... ra... mis?

De pé, Call disse:

— Aposto que está pronunciando errado.

— E eu aposto que você nem sabe o que o nome significa. — Tamara sorriu, debochada.

Não havia ocorrido a Call que a palavra na lâmina fosse o *nome* do punhal. Ele não pensava em facas como coisas com nomes. No entanto, lembrou-se que o Rei Arthur tinha Excalibur e, no *Hobbit*, Bilbo tinha Ferroada.

— Você deveria chamá-la de Miri, para abreviar — sugeriu Tamara, devolvendo-a a ele. — É uma bela faca. Muito bem-feita.

Call examinou sua expressão para saber se era de zombaria, mas Tamara parecia falar sério. Aparentemente, ela respeitava uma boa arma.

— Miri — repetiu ele, virando a faca várias vezes na mão, de modo a fazer a luz refletir na lâmina.

— Vamos, Tamara — chamou Aaron, puxando a manga da garota. — Deixe o Call se vestir.

— Não tenho uniforme — admitiu Call.

— Claro que tem. Está bem ali. — Tamara apontou para o pé da cama enquanto Aaron a puxava para fora do quarto. — Todos recebemos. Devem ter sido trazidos por elementais do ar.

Tamara estava certa. Alguém havia deixado um uniforme caprichosamente dobrado, do tamanho perfeito para Call, em cima das cobertas, junto de uma bolsa de couro. Quando isso tinha acontecido? Enquanto ele dormia? Ou será que não havia notado aquelas coisas na noite anterior? Ele se vestiu com cuidado, sacudindo primeiro o uniforme para o caso de haver algum botão ou ponta afiada que pudesse espetá-lo. O tecido era liso e macio, totalmente confortável. As botas que encontrou ao lado da cama eram pesadas e sustentavam o tornozelo fraco de Call com o aperto de um torno mecânico, estabilizando-o.

O único problema é que a roupa não tinha bolsos para guardar Miri. Acabou enrolando a faca em sua meia usada e a enfiou no

cano da bota. Depois, passou a alça da bolsa de couro pela cabeça e foi para a sala compartilhada, onde Tamara e Aaron estavam sentados diante de um Mestre Rufus de cara fechada e braços cruzados.

— Os três estão atrasados — disse ele. — O alarme é o chamado para o café da manhã no Refeitório. Não é seu despertador pessoal. É melhor que isso não se repita, ou vão ficar sem o café da manhã.

— Mas nós... — começou Tamara, direcionado o olhar até Call.

Mestre Rufus a encarou, imobilizando-a.

— Vai me dizer que estavam prontos e outra pessoa os atrasou, Tamara? Porque, nesse caso, eu lhe diria que é responsabilidade dos meus aprendizes cuidar uns dos outros, e que a falha de um é a falha de todos. Então, o que você ia falar?

Tamara baixou a cabeça, as tranças balançando.

— Nada, Mestre Rufus — respondeu.

Ele assentiu, abriu a porta e passou depressa para o corredor, esperando que o seguissem. Call mancou na direção da porta, esperando fervorosamente evitar se meter em mais encrencas antes de comer alguma coisa.

De repente, Aaron apareceu ao seu lado. Call quase soltou um grito de susto. Aaron tinha aquele hábito espantoso, pensou ele, de surgir do nada perto dele como um ímã. Ele esbarrou em Call e lançou um olhar significativo para a própria mão. Call acompanhou seu olhar e viu que havia algo pendurado nos dedos de Aaron. Era a pulseira de Call.

— Coloque — sussurrou Aaron. — Antes que Rufus veja. Temos de usá-la o tempo todo.

Call resmungou, mas pegou a pulseira e a prendeu no pulso, onde ela cintilou em cinza metálico, como uma algema.

Faz sentido, pensou Call. *Afinal, sou um prisioneiro aqui.*

Como Call tinha imaginado, o Refeitório não ficava longe. À distância, não parecia muito diferente da cantina da sua escola: a algazarra da conversa de crianças, o ruído dos talheres.

O Refeitório ficava em outra grande caverna com mais dos pilares gigantescos que se assemelhavam a sorvete derretido transformado em pedra. Lascas de mica brilhavam na rocha, e o

teto da caverna desaparecia nas sombras acima de sua cabeça. No entanto, era muito cedo ainda para Call ficar demasiadamente deslumbrado com a grandeza. Ele só queria mesmo voltar a dormir e fingir que o dia anterior não havia acontecido, e que ele estava em casa com o pai, esperando o ônibus para levá-lo à sua escola normal, onde o deixavam vestir roupas normais, dormir em uma cama normal e comer comida normal.

Certamente não era comida normal que o aguardava no Refeitório. Caldeirões de pedra fumegantes ao longo de uma das laterais continham uma variedade de pratos de aparência exótica: tubérculos roxos ensopados, verduras tão escuras que chegavam quase a ser pretas, líquen felpudo e um chapéu de cogumelo com pintas vermelhas tão grande quanto uma pizza, fatiado como uma torta. Uma tigela com um chá marrom, onde boiavam pedaços de casca de árvore em infusão. Alunos, em uniformes azuis, verdes, brancos, vermelhos e cinza, cada cor denotando um ano diferente no Magisterium, serviam a bebida em xícaras de madeira entalhada. Suas pulseiras brilhavam em ouro, prata, cobre e bronze, muitas enfeitadas com pedras de cores variadas. Call não tinha certeza do que as pedras significavam, mas pareciam bem legais.

Tamara já estava se servindo de uma porção das coisas verdes. Aaron, porém, fitava as opções com a mesma expressão de horror de Call.

— Por favor, me diga que Mestre Rufus vai transformar isto em outra coisa — pediu Aaron.

Tamara segurou o riso, com um ar quase de culpa. Call teve a sensação de que ela não vinha de uma família em que as pessoas riam muito.

— Vocês vão ver — disse ela.

— Vamos? — questionou Drew, a voz esganiçada.

Ele parecia um tanto perdido sem sua camiseta de pônei, agora vestido simplesmente com a túnica cinza de gola alta e a calça do uniforme dos alunos do Ano de Ferro. Hesitante, ele estendeu a mão para pegar uma tigela de líquen, derrubou-a e depois saiu de perto, fingindo que não tinha sido ele.

Uma das magas atrás das mesas — Call a tinha visto, com seu elaborado colar de cobra, no Desafio — suspirou e foi limpar a

bagunça. Call piscou quando teve a impressão de que o colar de cobra se mexera por um segundo. Depois, concluiu que estava vendo coisas. Provavelmente sofria com a abstinência da cafeína.

— Onde fica o café? — perguntou ele a Aaron.

— Não se pode beber café — respondeu o menino, olhando de esguelha enquanto pegava uma fatia de cogumelo. — Faz mal para você. Prejudica o seu desenvolvimento.

— Mas em casa eu tomava café o tempo todo — protestou Call. — Sempre tomo café. Bebo *espresso*.

Aaron deu de ombros, o que aparentemente era sua resposta padrão ao ser apresentado a alguma nova maluquice relacionada a Callum.

— Tem aquele chá esquisito.

— Mas eu adoro café — insistiu Call, queixoso, em direção ao lodo verde à sua frente.

— Sinto falta de bacon — disse Celia, que estava atrás de Call na fila. Em seu cabelo estava uma nova presilha brilhante, dessa vez no formato de joaninha. Apesar da aparência alegre do enfeite, ela parecia desolada.

— A abstinência de cafeína faz você perder a cabeça! — Call disse a ela. — Eu poderia me descontrolar e matar alguém.

Ela riu como se ele tivesse feito uma piada realmente engraçada. Talvez ela pensasse isso mesmo. Ela era bonita, ele percebeu, com os cabelos louros e as sardas salpicadas sobre o nariz levemente queimado de sol. Ele lembrou que, ao lado de Jasper e Gwenda, ela era um dos aprendizes de Mestra Milagros. Uma onda de simpatia tomou conta dele ao pensar que ela teria de viver no mesmo recinto que um traste como Jasper.

— Ele *poderia* mesmo matar alguém — disse Tamara, tranquila, olhando por cima do ombro. — Ele tem uma faca enorme na...

— Tamara! — interrompeu Aaron.

Ela lhe dirigiu um sorriso inocente antes de voltar para a mesa de Mestre Rufus com seu prato. Pela primeira vez, Call se perguntou se tinha algo em comum com Tamara, afinal — um instinto para criar problemas.

O salão estava cheio de mesas de pedra em torno das quais grupos de aprendizes sentavam-se em bancos, alguns do Segundo

e do Terceiro Ano com seus Mestres e outros, sem. Todos os alunos do Ano de Ferro estavam agrupados com seus Mestres: Jasper, Celia, Gwenda e um menino chamado Nigel com Mestra Milagros, o rosa de seu cabelo muito vivo naquele dia; Drew, Rafe e uma garota chamada Laurel com Mestre Lemuel, com sua expressão rabugenta. Somente uns poucos alunos de uniformes brancos e vermelhos, do Quarto e do Quinto Ano, estavam presentes, e todos estavam reunidos em um canto, aparentemente tendo uma conversa muito séria.

— Onde está o restante dos alunos mais velhos? — perguntou Call.

— Em missões — respondeu Celia. — Os aprendizes mais velhos têm aulas em campo, e alguns magos adultos vêm aqui para usar as instalações para pesquisas e experimentos.

— Estão vendo? — disse Call, baixando a voz. — *Experimentos!*

Celia não pareceu particularmente preocupada. Ela se limitou a sorrir para Call e seguiu para a mesa do seu Mestre.

Call deixou-se cair em uma cadeira entre Aaron e Mestre Rufus, que já estava sentado diante de um desjejum austero, contendo uma porção de líquen. O prato de Call estava coberto de cogumelos e coisas verdes — ele não se lembrava de ter se servido daquilo. *Devo estar pirando*, pensou. Em seguida, pôs na boca uma garfada de cogumelos.

O sabor explodiu na sua língua. E até que era gostoso. Muito *gostoso*. Crocante nas bordas e adocicado, como xarope de bordo servido com linguiça, quando tudo se misturava.

— Hum — gemeu Call, dando outra garfada.

As verduras estavam cremosas e suculentas, como mingau com açúcar mascavo. Aaron as devorava aos montes, com ar espantado. Ele esperava ver Tamara rindo, debochando de sua surpresa, porém ela nem o estava olhando. Ela acenava para o outro lado do salão, para uma garota alta e magra, com os mesmos cabelos longos e escuros e as sobrancelhas perfeitas. Uma pulseira de cobre brilhou no pulso da garota quando ela ergueu o braço em um gesto preguiçoso.

— Minha irmã — disse Tamara, com orgulho. — Kimiya.

Call olhou para a garota, sentada a uma mesa com alguns outros alunos vestidos de verde e Mestre Rockmaple, e depois de novo para Tamara. Ele se perguntou qual a sensação de ser feliz ali, estar alegre por ter sido escolhido, em vez de achar que fora um terrível acidente. Tamara e a irmã pareciam acreditar piamente que aquele era um bom lugar — que não era o covil do mal descrito por seu pai.

Mas por que o seu pai mentiria?

Mestre Rufus estava cortando o líquen em seu prato de um jeito muito estranho, fatiando-o em porções individuais de pão. Depois, ele cortou cada um desses pedaços individuais ao meio, e de novo ao meio. Aquilo perturbou Call de tal maneira que ele se virou para Aaron e perguntou:

— Tem alguém da sua família aqui?

— Não — respondeu Aaron, desviando o olhar, como se não gostasse de falar sobre o assunto. — Não tenho família em lugar nenhum. Ouvi falar do Magisterium por uma garota que eu conhecia. Ela viu um truque que eu fazia às vezes, quando estava entediado: levantava partículas de poeira, fazendo-as dançar no ar e assumir formas. Ela disse que tinha um irmão que estudara aqui, e, embora não devesse contar a ela sobre a escola, ele contou. Depois que ele se formou e ela foi morar com ele, comecei a treinar para o Desafio.

Call olhou para Aaron por cima de sua pilha de cogumelos. Havia alguma coisa naquela maneira despreocupada demais de contar a história que fez Call imaginar se não haveria algo além do que ele contara. Mas não quis perguntar. Ele detestava quando as pessoas se intrometiam na sua vida. Talvez Aaron detestasse isso também.

Aaron e Call ficaram em silêncio, remexendo a comida no prato. Tamara voltou a comer. Do outro lado do salão, Jasper deWinter agitava os braços, evidentemente tentando chamar a atenção da garota. Call cutucou-a com o cotovelo e ela o olhou de cara feia.

Rufus pôs na boca um pedaço pequeno e preciso de líquen.

— Estou vendo que vocês três já se tornaram bastante próximos.

Ninguém disse nada. Os gestos de Jasper para Tamara estavam se tornando mais exagerados. Ele parecia nitidamente querendo

incitá-la a fazer algo, embora Call não soubesse exatamente o quê. Saltar no ar? Atirar longe o mingau?

Tamara virou-se para Mestre Rufus e respirou fundo, como que se preparando para fazer algo que particularmente não queria.

— O senhor acha que algum dia poderia reconsiderar sobre Jasper? Sei que era o sonho dele ser escolhido pelo senhor, e há lugar para mais um em nosso grupo...

Ela parou de falar, provavelmente porque Mestre Rufus a encarava como uma ave de rapina prestes a arrancar a cabeça de um rato.

Quando ele por fim falou, seu tom era frio, mas não zangado:

— Vocês três são uma equipe. Vão trabalhar juntos e lutar juntos, e, sim, até mesmo comer juntos pelos próximos cinco anos. Escolhi vocês não apenas como indivíduos, mas como uma combinação. Ninguém mais vai se juntar a vocês, porque isso alteraria a combinação. — Ele se levantou, empurrando a cadeira para trás com firmeza. — Agora, levantem-se! Vamos para nossa primeira aula.

A educação de Call no uso da magia estava prestes a começar.

CAPÍTULO SETE

Call estava preparado para uma caminhada longa e terrível pelas cavernas, mas Mestre Rufus os conduziu em linha reta por um corredor, até chegarem a um rio subterrâneo.

O lugar lembrava a Call um túnel de metrô em Nova York; ele tinha ido à cidade com o pai à procura de antiguidades, e se lembrava de olhar para a escuridão, à espera de ver o brilho das luzes que sinalizavam a chegada de um trem. Seu olhar seguiu o rio da mesma maneira, embora agora ele não tivesse certeza do que estava procurando ou o que poderia sinalizar. Uma parede íngreme de rocha se erguia atrás deles, e a água fluía rapidamente, passando por eles e chegando a uma caverna menor, onde podiam ver apenas sombras. Um cheiro de mineral úmido pairava no ar, e ao longo da margem havia sete barcos cinzentos amarrados em uma fileira; construídos com pranchas de madeira, uma sobreposta à outra nas laterais, que se encontravam na frente, fixadas com rebites de cobre, fazendo com que parecessem minúsculos navios vikings. Call olhou à sua volta, procurando remos, um motor ou até mesmo uma vara, mas não viu nada que pudesse impulsionar os barcos.

— Vão em frente — disse Mestre Rufus. — Entrem.

Aaron subiu no primeiro barco, estendendo a mão para ajudar Call a embarcar. Ressentido, Call aceitou. Tamara subiu atrás dos garotos, também parecendo um pouco nervosa. Assim que ela se acomodou, Mestre Rufus entrou no barco.

— Esta é a forma mais comum de nos deslocarmos pelo Magistério: através dos rios subterrâneos. Até que vocês aprendam a navegar, vou conduzi-los pelas cavernas. Com o tempo, cada um de vocês vai aprender os caminhos, assim como aprender a fazer com que a água os leve aonde quiserem.

Mestre Rufus inclinou-se sobre a lateral do barco e sussurrou para a água. Houve uma ondulação suave na superfície, como se o vento a tivesse agitado, embora não houvesse brisa no subsolo.

Aaron se inclinou para a frente no intuito de fazer outra pergunta, mas de repente o barco começou a se deslocar e ele foi lançado para trás no assento.

Uma vez, quando Call era bem mais novo, o pai o levara a um grande parque com brinquedos cuja partida era assim. Ele havia chorado durante todo o tempo, em todos eles, totalmente apavorado, apesar da música alegre e dos animados bonecos dançantes. E eram brinquedos em um parque. Mas aquilo, aquele lugar, era real. Call ficava pensando em morcegos e rochas pontiagudas e em como em cavernas, às vezes, havia penhascos e buracos que despencavam um milhão de metros abaixo do nível do mar. Como eles conseguiriam evitar esse tipo de coisa? Como saberiam se estavam indo na direção certa no escuro?

Na escuridão, o barco cortava a água. Era a escuridão mais densa que Call já havia visto. Ele não conseguia nem enxergar a mão na frente do rosto. Sentiu o estômago revirar.

Tamara soltou um leve ofegar. Call ficou feliz por não ser apenas ele que se perturbara.

Então, por todos os lados, a caverna cintilou, ganhando vida. Eles entraram em uma câmara onde as paredes brilhavam com um musgo verde-claro, bioluminescente. A própria água se transformava em luz onde a proa do barco a tocava; quando Aaron arrastou a mão pelo rio, ela também se acendeu ao redor de seus dedos. Ele jogou água no ar e o líquido se transformou em uma cascata de faíscas.

— Maneiro — sussurrou Aaron.

Até que era mesmo maneiro. Call começou a relaxar conforme o barco deslizava silenciosamente pela água brilhante. Eles passavam por paredes de rocha listradas em dezenas de cores e salas onde longas trepadeiras claras pendiam do teto, arrastando gavinhas no rio. Em seguida, deslizavam novamente para um túnel escuro e emergiam em uma nova câmara de pedra, onde estalactites de quartzo brilhavam como lâminas de faca, ou onde a pedra parecia crescer naturalmente na forma de bancos curvos, até mesmo de mesas — eles passaram por dois Mestres silenciosos em um câmara, jogando dama com peças flutuantes. “Ganhei!”, disse um

deles, e os discos de madeira começaram a se reorganizar, arrumando o tabuleiro para o início de uma nova partida.

Como se dirigido por uma mão invisível, o barco atracou perto de uma pequena plataforma com degraus de pedra, oscilando suavemente no lugar.

Aaron saltou do barco primeiro, seguido por Tamara e depois Call. Aaron estendeu a mão para ajudá-lo, mas Call a ignorou de propósito. Ele usou os braços para se lançar por cima da lateral do barco, aterrissando desajeitadamente. Por um momento, pensou que fosse cair de costas no rio, criando um grande borrifo bioluminescente. Uma grande mão apertou seu ombro, equilibrando-o. Ele ergueu os olhos, surpreso ao ver Mestre Rufus observando-o com uma expressão estranha.

— Não preciso da sua ajuda — disse Call, espantado.

Rufus não disse nada. Call não conseguiu ler seu semblante quando ele tirou a mão de seu ombro.

— Venham — chamou, e seguiu por um caminho plano que cortava a margem coberta de seixos. Os aprendizes apressaram-se para segui-lo.

O caminho levava a uma sólida parede de granito. Quando Rufus tocou a pedra, ela ficou transparente. Call nem ficou surpreso. Passara a esperar por coisas estranhas. Rufus atravessou a parede como se ela fosse feita de ar, e Tamara foi logo atrás. Call olhou para Aaron, que deu de ombros. Respirando fundo, Call os seguiu.

Ele emergiu em uma câmara cujas paredes eram de rocha nua. O chão era de pedra completamente lisa. No centro da câmara havia um monte de areia.

— Primeiro, quero repassar com vocês os Cinco Princípios da Magia. Vocês talvez se lembrem de alguns deles da sua primeira palestra no ônibus, mas não espero que nenhum de vocês... nem mesmo você, Tamara, independentemente de quantas vezes seus pais a tenham treinado... os compreenda de fato até que tenham aprendido muitas outras coisas. No entanto, podem anotá-los, e espero que reflitam sobre eles.

Call remexeu na bolsa e tirou o que parecia ser um caderno costurado à mão e uma daquelas canetas irritantes do Desafio. Ele a sacudiu de leve, esperando que dessa vez não explodisse.

Mestre Rufus começou a falar e Call se esforçou para escrever bem rápido. Ele anotou:

1. O poder vem do desequilíbrio; o controle vem do equilíbrio.

2. Todos os elementos agem de acordo com sua natureza: o fogo quer queimar, a água quer correr, o ar quer levitar, a terra quer unir, o caos quer devorar.

3. Em toda magia há uma troca de poder.

4. Você pode mudar a forma de uma coisa, mas não sua natureza essencial.

5. Todos os elementos possuem um contrapeso. O fogo é o contrapeso da água. O ar é o contrapeso da terra. O contrapeso do caos é a alma.

— Durante os testes — prosseguiu Mestre Rufus —, todos vocês demonstraram poder. Porém, sem foco, o poder não é nada. O fogo pode queimar sua casa ou aquecê-la; a diferença está na sua habilidade em controlá-lo. Sem foco, trabalhar com os elementos é muito perigoso. Não preciso dizer a alguns de vocês o quão perigoso.

Call ergueu os olhos, esperando que Mestre Rufus o estivesse encarando, já que Mestre Rufus parecia estar sempre de olho em Call quando dizia algo sinistro. Dessa vez, porém, ele olhava para Tamara, cujas bochechas coraram e o queixo se ergueu, desafiador.

— Quatro dias por semana, vocês três vão treinar comigo. No quinto dia, haverá uma palestra de um dos outros magos, e então, uma vez por mês, vocês participarão de um exercício em que vão colocar em prática o que aprenderam. Nesse dia, poderão competir ou colaborar com outros grupos de aprendizes. Os fins de semana e as noites são para praticar e estudar. Vocês têm a biblioteca e também as salas de prática, além da Galeria, onde podem passar tempo. Vocês querem fazer alguma pergunta antes de começarmos a primeira lição?

Ninguém falou. Call queria dizer que adoraria que ele desse as indicações de como chegar àquela tal Galeria, mas se conteve. Ele se lembrou de ter dito ao pai, no hangar, que ia ser expulso do Magisterium, mas acordou naquela manhã com a sensação de que essa talvez não fosse uma boa ideia. Tentar ser reprovado nos testes diante de Rufus não funcionara, afinal, então se comportar mal talvez também não desse certo. Estava claro que Mestre Rufus não o deixaria se comunicar com Alastair até que Call se consolidasse como aprendiz. Por mais que isso o aborrecesse, ele provavelmente deveria se comportar da melhor maneira possível até que Rufus relaxasse e o deixasse entrar em contato com o pai. Então, quando ele *pudesse* finalmente falar com Alastair, eles planejariam a fuga.

Ele só queria se sentir um pouco mais entusiasmado com a ideia de fugir.

— Muito bem. Vocês conseguem adivinhar por que arrumei a sala dessa forma, então?

— Imagino que precise de ajuda para fortificar seu castelo de areia? — respondeu Call em um murmúrio. Aparentemente, nem mesmo seu melhor comportamento era muito bom. Aaron, de pé ao lado dele, abafou uma risada.

Mestre Rufus ergueu uma única sobrancelha, mas não fez nenhum comentário sobre a resposta de Call.

— Quero que vocês três se sentem em um círculo ao redor da areia. Podem se sentar da maneira que ficarem mais confortáveis. Quando estiverem prontos, devem se concentrar em mover a areia com a mente. Sintam o poder no ar à sua volta. Sintam o poder da terra. Sintam-no subir pelas solas dos pés e no ar que inspirarem. Agora *concentrem-se*. Grão por grão, vocês vão separar a areia em duas pilhas: uma escura e outra clara. Podem começar!

Ele disse isso como se estivessem em uma corrida e ele tivesse dado o sinal de largada, mas Call, Tamara e Aaron apenas ficaram olhando para ele, horrorizados. Tamara foi a primeira a recuperar a voz.

— Separar a areia? — perguntou ela. — Mas não deveríamos aprender algo mais útil? Como lutar contra elementais rebeldes ou pilotar o barco ou...

— Duas pilhas — disse Rufus. — Uma clara, uma escura. Comecem agora.

Ele se virou e se afastou. A parede tornou-se transparente outra vez quando ele se aproximou dela, depois voltou a ser de pedra quando ele a atravessou.

— Não temos nem um kit de ferramentas? — perguntou Tamara, com tristeza, depois que ele se foi.

Os três estavam sozinhos em um espaço sem janelas e sem portas. Call ficou contente por não sofrer de claustrofobia, caso contrário, estaria subindo pelas paredes.

— Bem — disse Aaron —, acho melhor a gente começar.

Nem mesmo ele conseguia soar entusiasmado.

O chão estava frio quando Call se sentou, e ele se perguntou quanto tempo levaria até que a umidade fizesse sua perna doer. Tentou ignorar esse pensamento quando Tamara e Aaron se sentaram, formando um triângulo ao redor do monte de areia. Os três ficaram olhando para ele. Finalmente, Tamara estendeu a mão e um pouco de areia subiu no ar.

— Claro — disse ela, mandando um grão girando para o chão. — Escuro. — Ela mandou aquele para o chão também, um pouco afastado. — Claro. Escuro. Escuro. Claro.

— Não acredito que estava preocupado que a escola de magia poderia ser perigosa — comentou Call, olhando para o monte de areia.

— Você pode morrer de tédio — argumentou Aaron.

Call deu uma risadinha.

Tamara olhou para eles, infeliz.

— Esse pensamento é a única coisa que vai me fazer prosseguir.

Por mais difícil que Call tivesse imaginado que mover minúsculos grãos de areia com a mente fosse, era ainda mais difícil. Ele se lembrou das vezes em que movera coisas antes, como ele havia acidentalmente quebrado a tigela durante o teste com Mestre Rufus e a sensação de um zumbido na mente que tivera. Ele se concentrou naquele zumbido enquanto olhava para a areia, e ela começou a se mover. Tinha a sensação que operava um dispositivo com controle remoto — não eram seus dedos pegando a areia, mas,

ainda assim, era ele quem fazia aquilo acontecer. Suas mãos estavam úmidas e o pescoço, tenso; fazer um único grão pairar no ar por tempo suficiente para ver se era claro ou escuro parecia complicado. Pior ainda era colocá-lo no chão sem bagunçar a pilha que já estava ali. Mais de uma vez, sua concentração diminuiu e ele deixou cair um grão na pilha errada. Em seguida, ele teve de encontrá-lo e pegá-lo de volta, o que exigia tempo e ainda *mais* concentração.

Não havia relógios na sala de areia, e nenhum dos três usava relógio, então Call não tinha ideia do tempo passado. Finalmente, outro aluno apareceu — ele era alto e magro, vestido de azul, com uma pulseira de bronze que indicava que estava no Magisterium havia três anos. Call pensou que talvez fosse um dos alunos sentados com a irmã de Tamara e Mestre Rockmaple no Refeitório, naquela manhã.

Call estreitou os olhos para ver se ele parecia particularmente sinistro, mas o garoto apenas sorriu debaixo de um emaranhado de cabelos castanhos despenteados e pousou aos pés deles uma sacola de tecido com líquen e sanduíches de queijo, assim como uma jarra de cerâmica repleta de água.

— Comam tudo, crianças — disse ele, e saiu por onde viera.

Call percebeu que estava faminto. Estivera se concentrando por horas e seu cérebro parecia confuso. Estava exausto, cansado demais para conversar enquanto comia. Pior, enquanto estudava a areia restante, viu que haviam juntado apenas uma pequena parte do monte. O que ainda sobrava parecia enorme.

Aquilo não estava dando certo. Não foi no que pensou quando se imaginou fazendo mágica. Era horrível.

— Vamos — disse Aaron. — Ou vamos ter de jantar aqui embaixo.

Call tentou se concentrar, focando sua atenção em um único grão, mas sua mente acabou se desviando para a raiva. A areia explodiu, todas as pilhas voando para os lados, grãos batendo nas paredes e tornando a cair em uma bagunça, com tudo misturado. Todo o árduo trabalho que tiveram estava desfeito.

Tamara prendeu a respiração, horrorizada.

— O que... o que você *fez*?

Até Aaron olhou para Call como se fosse estrangulá-lo. Era a primeira vez que Call via Aaron parecer zangado.

— Eu... eu... — Call queria pedir desculpas, mas reprimiu as palavras. Ele sabia que elas não fariam diferença. — Aconteceu.

— Vou matar você — disse Tamara com muita calma. — Vou separar seus órgãos em pilhas.

— Ai — disse Call, quase acreditando nela.

— Tudo bem — apaziguou Aaron, respirando fundo para se acalmar, as mãos nos cabelos, como se estivesse tentando empurrar toda aquela raiva de volta para dentro. — Tudo bem, simplesmente vamos ter de fazer tudo de novo.

Tamara chutou a areia, então se agachou e recomeçou o tedioso trabalho de mover grãos individuais com a mente. Ela nem olhava na direção de Call.

Call tentou se concentrar novamente, os olhos queimando. Quando Mestre Rufus chegou e disse que eles estavam liberados para o jantar e, depois, para voltar a seus quartos, a cabeça de Call latejava, e ele concluiu que nunca mais queria saber de praia. Aaron e Tamara não olharam para ele enquanto caminhavam pelos corredores.

O Refeitório estava cheio de alunos conversando amigavelmente, muitos deles rindo e gargalhando. Call, Tamara e Aaron pararam à porta atrás de Mestre Rufus, lançando um olhar vago à frente. Os três tinham areia no cabelo e manchas de sujeira no rosto.

— Vou comer com os outros Mestres — informou Mestre Rufus. — Aproveitem o restante da noite como quiserem.

Movendo-se de forma automática, Call e os outros fizeram seus pratos — sopa de cogumelo, pilhas de líquens de diferentes cores e um pudim opalescente de sobremesa — e foram se sentar a uma mesa com outro grupo de alunos do Ano de Ferro. Call reconheceu alguns deles, como Drew, Jasper e Celia. Ele se sentou na frente da garota, e ela não virou a sopa em sua cabeça imediatamente — uma coisa que tinha realmente acontecido em sua última escola —, o que lhe pareceu um bom sinal.

Os Mestres sentaram-se juntos a uma mesa redonda do outro lado do salão, provavelmente discutindo novas torturas para os

alunos. Call tinha certeza de que podia ver vários deles sorrindo de maneira sinistra. Enquanto observava, três pessoas trajando uniformes verde-oliva — duas mulheres e um homem — entraram no Refeitório. Eles se curvaram profundamente diante da mesa dos Mestres.

— São membros da Assembleia — informou Celia a Call. — É nosso conselho de administração, criado depois da Segunda Guerra dos Magos. Eles esperam descobrir que uma das crianças mais velhas é um mago do caos.

— Como aquele Inimigo da Morte? — perguntou Call. — O que vai acontecer se encontrarem magos do caos? Vão matá-los ou algo do tipo?

Celia baixou a voz.

— Não, claro que não! Eles *querem* encontrar um mago do caos. Dizem que é preciso um Makar para deter um Makar. Como o Inimigo é o único dos Makaris ainda vivo, ele está em vantagem em relação a nós.

— Se eles *acharem* que alguém aqui tem esse poder, vão verificar — disse Jasper, mudando de lugar para ficar mais perto da conversa. — Estão desesperados.

— Ninguém acredita que o Tratado vá durar — disse Gwenda. — E se a guerra recomeçar...

— Bem, o que os faz pensar que alguém aqui poderia ser o que estão procurando? — perguntou Call.

— Como eu disse — respondeu Jasper —, eles estão desesperados. Mas não se preocupe, suas notas são péssimas. Magos do caos têm de ser verdadeiramente *bons* em magia.

Por um minuto, Jasper tinha se comportado como um ser humano normal, mas aparentemente esse minuto passara. Celia o olhou com raiva.

O grupo começou a conversar sobre suas primeiras aulas. Drew contou que Mestre Lemuel tinha sido muito severo durante a aula deles, e queria saber se os Mestres dos outros também eram assim. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, vários descrevendo aulas que pareciam muito menos frustrantes e mais divertidas do que as de Call.

— Mestra Milagros nos deixou pilotar os barcos — exultou Jasper. — Passamos por pequenas cascatas. Foi como fazer rafting em corredeiras. Incrível.

— Legal — disse Tamara, sem entusiasmo.

— Jasper fez a gente se perder — disse Celia, mastigando com tranquilidade um pedaço de líquen. Os olhos de Jasper brilharam de irritação.

— Só por um minuto — argumentou ele. — Não foi um problema.

— Mestre Tanaka nos ensinou a fazer bolas de fogo — disse um menino chamado Peter, e Call lembrou que Tanaka era o nome do Mestre que tinha escolhido os aprendizes depois de Milagros. — A gente segurou o fogo sem se queimar. — Os olhos dele faiscaram.

— Mestre Lemuel atirou pedras na gente — disse Drew.

Todos olharam para ele.

— O quê? — perguntou Aaron.

— Drew — sibilou Laurel, outra aprendiz de Mestre Lemuel. — Não foi isso. Ele estava mostrando como mover pedras com a mente. Drew entrou no caminho de uma delas.

Isso explica o hematoma na clavícula de Drew, pensou Call, sentindo-se um pouco enjoado. Ele se lembrou dos avisos do pai sobre como os Mestres não se importavam caso os alunos se machucassem.

— Amanhã vai ser com metal — disse Drew. — Aposto que ele vai atirar facas na gente.

— Eu preferia que atirassem facas em mim do que passar o dia todo em uma pilha de areia — confessou Tamara, seca. — Pelo menos vocês podem se esquivar das facas.

— Parece que Drew não consegue — comentou Jasper com um sorriso debochado. Pela primeira vez, ele estava provocando alguém que não era Call, mas o garoto não sentiu nenhum prazer nisso.

— Não é possível que só existam aulas aqui — disse Aaron, um tom ríspido na voz normalmente tranquila. — Certo? Deve ter alguma coisa divertida. O que era aquele lugar de que Mestre Rufus falou?

— E se a gente fosse para a Galeria depois do jantar? — sugeriu Celia, falando diretamente com Call. — Lá tem jogos.

Jasper pareceu aborrecido. Call sabia que devia ir com Celia para a Galeria, o que seja que aquilo fosse. Qualquer coisa que deixasse Jasper com raiva valia a pena, e, além disso, precisava aprender a navegar pelo Magisterium, elaborar um mapa, como se fazia nos video games.

Precisava de uma rota de fuga.

Call balançou a cabeça e deu uma garfada no líquen. Tinha gosto de bife. Olhou rapidamente para a mesa de Aaron, que também parecia cansado. Call sentia o corpo pesado. Só queria dormir. Começaria a procurar uma saída do Magisterium no dia seguinte.

— Acho que não estou a fim de jogos — disse a Celia. — Outra hora.

↑≋△○@

— Talvez hoje tenha sido um teste — disse Tamara enquanto eles se encaminhavam para seus quartos após o jantar. — Tipo, da nossa paciência ou da nossa capacidade de seguir ordens. Talvez amanhã o treinamento comece pra valer.

Aaron, passando uma das mãos ao longo da parede conforme caminhava, demorou um pouco para responder.

— É. Talvez.

Call não disse nada. Estava cansado demais.

A magia, ele começava a descobrir, era trabalho duro.

↑≋△○@

No dia seguinte, as esperanças de Tamara foram frustradas quando eles voltaram para o lugar que Call apelidara de Sala de Areia e Tédio para terminar de separar os grãos. Eles ainda tinham muita areia pela frente. Call se sentiu culpado novamente.

— Mas, quando terminarmos — disse Aaron a Mestre Rufus —, poderemos fazer outra coisa, certo?

— Concentrem-se na tarefa presente — respondeu o mago enigmaticamente, atravessando a parede.

Suspirando, os três se sentaram para trabalhar. A separação da areia prosseguiu pelo restante da semana, com Tamara passando o tempo todo depois das aulas com a irmã ou Jasper ou outros alunos com legado com aparência de ricos, e Aaron passando seu tempo com *todo mundo*, enquanto Call ficava emburrado no quarto. A separação de areia continuou por outra semana depois daquela — a pilha de areia para separar parecia cada vez maior, como se alguém não quisesse que aquele teste terminasse. Call tinha ouvido dizer que havia um método de tortura que consistia em uma única gota de água pingando na testa da pessoa sem parar, até ela enlouquecer. Ele nunca tinha entendido como aquilo funcionava, mas agora sim.

Tem que haver um jeito mais fácil, pensou ele, mas a parte astuta de sua mente devia ser a mesma parte usada para a magia, porque ele não conseguia pensar em nada.

— Olhem — disse Call finalmente —, vocês são bons nisto, certo? Os melhores magos nos testes. Primeiros lugares.

Os outros dois o fitaram, sem expressão. Aaron parecia ter sido atingido na cabeça por uma rocha em queda quando ninguém estava olhando.

— Acho que sim — disse Tamara, com certo desânimo. — Os melhores do nosso ano, de qualquer maneira.

— Ok, bem, eu sou péssimo. O pior. Fiquei em último lugar e já estraguei tudo pra gente, então, obviamente, eu não sei nada. Mas tem de existir uma maneira mais rápida. Alguma coisa que a gente deveria fazer. Alguma lição que deveríamos estar aprendendo. Conseguem pensar em algo? *Qualquer coisa?* — Um tom de súplica soara em sua voz.

Tamara hesitou. Aaron balançou a cabeça.

Call viu a expressão da garota.

— O que foi? Existe *mesmo* alguma coisa?

— Bem, existem alguns princípios mágicos, algumas... formas especiais de aproveitar os elementos — disse ela, as tranças pretas balançando enquanto mudava de posição. — Coisas que Mestre Rufus provavelmente não quer que a gente saiba.

Aaron assentiu, ansioso, a esperança de sair daquela sala iluminando seu rosto.

— Sabem aquilo que Rufus falou sobre sentir o poder na terra e tudo mais? — Tamara não os encarava. Ela fitava as pilhas de areia como se estivesse concentrada em algo distante. — Bem, existe uma maneira de ter mais poder, rápido. Mas vocês precisam se abrir ao elemento... e, bem, comer um grão de areia.

— Comer areia? — estranhou Call. — Você não pode estar falando sério.

— É meio perigoso, por causa de toda aquela coisa de Primeiro Princípio da Magia. Mas funciona pelo mesmo motivo. Você fica mais perto do elemento. Por exemplo, se está fazendo magia da terra, você come pedras ou areia; magos do fogo podem comer fósforos, magos do ar podem consumir sangue para obter oxigênio. Não é uma boa ideia, mas...

Call pensou em Jasper rindo por causa do dedo com sangue no Desafio. Seu coração começou a bater forte.

— Como sabe disso?

Tamara olhou para a parede e respirou fundo.

— Meu pai. Ele me ensinou. Disse que era para emergências, mas ele considera ir bem em um teste uma emergência. No entanto, nunca fiz isso, porque tenho medo. Se você consegue muito poder e não é capaz de controlá-lo, pode ser tragado para dentro do elemento. Ele queima toda a sua alma e a substitui por fogo, ar, água, terra ou caos. Você se torna uma criatura daquele elemento. Como um elemental.

— Como um daqueles lagartos? — perguntou Aaron.

Call sentiu alívio por não ter sido ele a fazer aquela pergunta.

Tamara balançou a cabeça.

— Existem elementais de todos os tamanhos. Pequenos como aqueles lagartos ou grandes e inchados pela magia, como dragonetes, dragões e serpentes marinhas. Ou mesmo do tamanho de humanos. Então precisaríamos tomar cuidado.

— Posso tomar cuidado — disse Call. — E você, Aaron?

Aaron passou as mãos cheias de areia pelo cabelo louro e deu de ombros.

— Qualquer coisa é melhor do que isto. E se a gente acabar mais depressa do que Mestre Rufus espera, ele vai ter de dar outra coisa pra gente fazer.

— Ok. Vamos lá. É agora ou nunca.

Tamara lambeu a ponta do dedo e tocou a pilha de areia. Alguns grãos ficaram grudados. Em seguida, ela levou o dedo à boca.

Call e Aaron a imitaram. Quando Call enfiou o dedo molhado na boca, não pôde deixar de imaginar o que teria pensado se uma semana antes alguém lhe dissesse que estaria sentado em uma caverna subterrânea, comendo areia. O gosto da areia não era ruim — na verdade, não tinha gosto de nada. Ele engoliu os grãos ásperos e esperou.

— E agora? — perguntou depois de alguns segundos. Estava começando a ficar um pouco nervoso. Nada tinha acontecido com Jasper no Desafio, disse a si mesmo. Nada aconteceria a eles.

— Agora vamos nos concentrar — disse Tamara.

Call olhou para a pilha de areia. Dessa vez, ao enviar pensamentos na direção da pilha, pôde sentir cada um dos mínimos grãos. Pedaços minúsculos de conchas cintilaram em sua mente, além de pedaços de cristal e pedras amareladas e irregulares. Ele tentou se imaginar pegando a pilha de areia inteira nas mãos. Seria pesada, e a areia escorreria entre seus dedos, acumulando-se no chão. Ele tentou excluir tudo ao seu redor — Tamara e Aaron, a pedra fria debaixo de si, a leve corrente de ar na sala — e afunilar sua concentração às duas únicas coisas que importavam: ele mesmo e a pilha de areia. A areia era completamente sólida e leve, como isopor. Seria fácil erguê-la. Ele podia erguê-la com uma das mãos. Com um dedo. Com um... pensamento. Ele a visualizou subindo e se separando...

A pilha de areia deu um solavanco, espalhando alguns grãos do topo, e, então, subiu. Pairou sobre os três, como uma pequena nuvem de tempestade.

Tamara e Aaron ficaram olhando. Call jogou-se para trás, apoiando-se nas mãos. Suas pernas estavam dormentes, formigando. Provavelmente ficara sentado de mau jeito. Estava concentrado demais para perceber.

— Sua vez — disse ele, e teve a sensação de que as paredes estavam mais perto, de que podia sentir a pulsação da terra debaixo do corpo. Perguntou-se como seria afundar no chão.

— Claro — disse Aaron.

A nuvem de areia se dividiu em duas metades, uma composta de areia mais clara, e a outra, mais escura. Tamara levantou a mão e desenhou uma lenta espiral no ar. Call e Aaron observaram, maravilhados, a areia formar um redemoinho e depois diferentes desenhos acima deles.

A parede se escancarou ruidosamente. Mestre Rufus estava parado no limiar, o rosto semelhante a uma máscara. Tamara soltou um gritinho agudo, e a pilha de areia, que pairava no ar, despencou, soltando pequenas nuvens de poeira que fizeram Call engasgar.

— O que vocês fizeram? — perguntou Mestre Rufus.

Aaron estava pálido.

— Eu... não tivemos a intenção...

Mestre Rufus fez um gesto ríspido na direção deles.

— Aaron, fique quieto. Callum, venha comigo.

— O quê? — começou Call. — Mas eu... isso não é justo!

— Venha. Comigo — respondeu Rufus. — *Agora.*

Call levantou-se com cuidado, sentindo pontadas na perna fraca. Olhou de relance para Aaron e Tamara, mas eles tinham os olhos voltados para baixo, para as próprias mãos, não para ele. *E lá se vai a lealdade*, pensou Call, seguindo Mestre Rufus para fora do salão.

↑≋△○◎

Rufus guiou Call por alguns corredores sinuosos até sua sala. Não era o que Call esperava. A mobília era moderna. Estantes de aço revestiam uma das paredes, e um sofá de couro elegante, grande o suficiente para permitir um cochilo, ocupava a outra. Afixadas de um dos lados da sala estavam páginas e mais páginas do que pareciam equações rabiscadas, mas com marcações estranhas no lugar dos números. Elas pendiam acima de uma mesa de trabalho de madeira rústica, cuja superfície estava toda manchada e coberta de facas, béqueres e corpos empalhados de animais esquisitos. Ao lado de modelos de engrenagens que

lembravam cruzamentos de ratoeiras com relógios, havia um animal vivo em uma pequena jaula — um daqueles lagartos com chamas azuis no dorso.

A mesa de Rufus estava encostada em um canto, uma escrivaninha antiga que destoava do restante da sala. Sobre ela havia um pote de vidro contendo um minúsculo tornado que girava sem parar.

Call não conseguia tirar os olhos dele, esperando que ele irrompesse do pote a qualquer momento.

— Sente-se, Callum — disse Mestre Rufus, indicando o sofá. — Quero explicar por que trouxe você para o Magisterium.

CAPÍTULO OITO

Call o encarou. Após duas semanas separando areia, ele não acreditava mais na ideia de que Rufus algum dia seria honesto ou direto com ele. Na verdade, percebeu, desistira da noção de um dia realmente descobrir por que ele estava no Magisterium, afinal.

— Sente-se — repetiu Rufus, e dessa vez Call se sentou, estremecendo ao sentir uma pontada na perna.

O sofá era confortável depois de horas sentado em um chão de pedra, e Call afundou nele.

— O que está achando da nossa escola até agora?

Antes que Call pudesse responder, ouviu-se o barulho de ventania. Surpreso, ele percebeu que vinha do jarro sobre a mesa de Mestre Rufus. O pequeno tornado ali dentro estava escurecendo e se condensando. Um instante depois, tinha assumido a forma da miniatura de um membro da Assembleia, de uniforme verde-oliva. Era um homem de cabelos muito escuros. Ele olhou à sua volta.

— Rufus? — chamou. — Rufus, você está aí?

Rufus soltou uma exclamação de impaciência e virou o jarro de boca para baixo.

— Agora não — disse ao jarro, e a imagem se transformou outra vez em tornado.

— É como se fosse um telefone? — perguntou Call, assombrado.

— Um pouco como um telefone — respondeu Rufus. — Como eu disse antes, a concentração de magia elemental no Magisterium interfere com a maioria das tecnologias. Além disso, preferimos fazer as coisas do nosso jeito.

— Meu pai deve estar muito preocupado, sem notícias minhas por tanto... — começou Call.

Mestre Rufus encostou-se em sua mesa, cruzando os braços sobre o peito largo.

— Primeiro — disse ele —, quero saber o que você pensa do Magisterium e do seu treinamento.

— É fácil — respondeu Call. — Chato e inútil, mas fácil.

Rufus abriu um leve sorriso.

— O que você fez lá fora foi muito inteligente — argumentou ele. — Você quer me irritar porque pensa que, se fizer isso, vou mandá-lo para casa. E acredita que quer ser mandado de volta.

Na verdade, Call tinha desistido desse plano. Dizer coisas desagradáveis, para ele, era algo natural. Ele deu de ombros.

— Você deve se perguntar por que escolhi você — disse Rufus. — Você, o último de todos os classificados. O menos competente de todos os magos em potencial. Deve imaginar que foi porque vi algo em você. Um potencial que os outros Mestres deixaram passar. Um poço de habilidade ainda não explorado. Até mesmo alguma coisa que me fizesse lembrar de mim mesmo.

Seu tom era levemente debochado. Call ficou calado.

— Escolhi você — continuou Rufus — porque realmente tem habilidade e poder, mas também uma imensa raiva. E quase nenhum controle. Eu não quis que você fosse um fardo para os outros magos. E nem que um deles o escolhesse pelos motivos errados. — Seus olhos se voltaram rapidamente para o tornado, girando no jarro de cabeça para baixo. — Há muito anos, cometi um erro com um aluno. Um erro que teve consequências graves. Ensinar você é a minha penitência.

Call teve a sensação de que seu estômago queria se enroscar dentro de si, como um cachorrinho ferido. Machucava saber que era tão desagradável a ponto de ser a punição de alguém.

— Então me mande para casa — explodiu ele. — Se você só me aceitou porque não acha que um dos outros magos deva ser obrigado a me ensinar, me mande para casa.

Rufus balançou a cabeça.

— Você ainda não entendeu — disse ele. — Magia sem controle, como a sua, é um perigo. Mandá-lo para casa, para sua cidadezinha, seria equivalente a jogar uma bomba no local. Mas não se engane, Callum. Caso você persista na desobediência, caso se recuse a aprender a controlar sua magia, vou mandá-lo para casa, sim. Mas primeiro vou interditar sua magia.

— Interditar minha magia?

— Sim. Até o mago passar pelo Primeiro Portal, ao fim do seu Ano de Ferro, sua magia pode ser interditada por um dos Mestres.

Você se tornaria incapaz de acessar os elementos, incapaz de usar seus poderes. E tiraríamos suas lembranças da magia também, de maneira que você sentiria falta de alguma coisa, alguma parte essencial sua, mas não saberia o quê. Passaria a vida atormentado pela perda da algo que não se lembrava de ter perdido. É isso o que quer?

— Não — sussurrou Call.

— Se eu achar que você está prejudicando o progresso dos outros ou que é impossível treiná-lo, acabou para você aqui. Mas, se conseguir completar este ano e passar pelo Primeiro Portal, ninguém jamais poderá tirar sua magia. Conclua este ano e poderá abandonar o Magisterium se quiser. Terá aprendido o suficiente para não representar mais um perigo para o mundo. Pense nisso, Callum Hunt, enquanto separa sua areia do jeito que instruí. Grão por grão. — Mestre Rufus hesitou, depois fez um gesto, indicando que Call podia ir. — Pense nisso e faça sua escolha.

↑≋△○@

Concentrar-se em mover a areia continuou a ser exaustivo, ainda mais porque Call tinha ficado muito satisfeito com a esperteza deles em encontrar uma solução melhor. Pela primeira vez, havia sentido que talvez pudessem formar uma equipe de verdade, quem sabe até ser amigos.

Agora Aaron e Tamara se concentravam em silêncio e, quando Call olhava para eles, não o encaravam. Provavelmente estavam zangados com ele, pensou o menino. Foi ele que insistiu para que alguém encontrasse uma maneira melhor de fazer o exercício. E, apesar de ter sido ele que fora levado para a sala de Rufus, os três teriam problemas. Talvez Tamara tenha até pensado que ele a entregara para o Mestre. Além disso, fora sua magia que espalhara as pilhas dos três naquele primeiro dia. Ele era um fardo para o grupo e todos sabiam disso.

Tudo bem, pensou Call. *Mestre Rufus disse que tudo que preciso fazer é concluir este ano, então é isso o que vou fazer. E vou ser o melhor mago daqui, só porque ninguém acredita que eu possa ser. Nunca tentei antes, mas agora vou tentar. Vou ser melhor que vocês*

dois, e depois, quando eu tiver impressionado vocês e vocês quiserem de verdade que eu seja seu amigo, vou virar as costas e dizer que não preciso de vocês nem do Magisterium. Assim que eu passar pelo Primeiro Portal e eles não puderem mais interditar minha magia, vou para casa e ninguém vai poder me impedir.

É o que vou contar ao papai também, assim que eu pegar naquele telefone de tornado.

Ele passou o restante do tempo movendo areia com a mente, mas, em vez de fazer como no primeiro dia, lutando para capturar cada grão, empurrando-o com todo o esforço desesperado do cérebro, naquele dia ele se permitiu experimentar. Tentou um toque cada vez mais leve, tentou rolar a areia em vez de erguê-la no ar. Depois, tentou mover mais de um grão de areia por vez. Ele tinha feito isso antes, afinal. A questão era que ele havia pensado na areia como uma única coisa — uma nuvem de areia —, em vez de trezentos grãos individuais.

Talvez pudesse fazer o mesmo agora, pensando em todos os grãos escuros como uma coisa só.

Ele tentou, *forçando* a mente, mas eram grãos demais, e perdeu o foco. Desistiu daquela ideia e se concentrou em cinco grãos de areia escura. Esses ele conseguiu mover, rolando-os juntos na direção da pilha.

Ele se inclinou para trás, impressionado, sentindo que tinha feito algo incrível. Queria dizer alguma coisa a Aaron, mas, manteve a boca fechada e praticou sua nova técnica, aperfeiçoando-se cada vez mais, até mover vinte grãos por vez. No entanto, não conseguia mais do que isso, por mais que se esforçasse. Aaron e Tamara viram o que ele estava fazendo, mas nenhum dos dois comentou nem tentou imitá-lo.

Naquela noite, Call sonhou com areia. Estava sentado em uma praia, tentando construir um castelo para uma toupeira resgatada numa tempestade, mas o vento continuava a soprar a areia para longe enquanto a água chegava cada vez mais perto. Finalmente, frustrado, ele se levantou e chutou o castelo, que desmoronou e se transformou em um monstro imenso, com enormes braços e pernas de areia. A criatura começou a persegui-lo pela praia, sempre prestes a agarrá-lo, mas sem jamais conseguir, enquanto gritava

com a voz de Mestre Rufus: *Lembre-se do que seu pai disse sobre a magia, garoto. Ela vai te custar tudo.*

↑≋∆○@

No dia seguinte, Mestre Rufus não os guiou e partiu como de costume. Em vez disso, sentou-se em um canto na extremidade da Sala de Areia e Tédio, pegou um livro e um embrulho de papel manteiga e começou a ler. Depois de umas duas horas, ele abriu o embrulho. Era um sanduíche de queijo e presunto no pão de centeio. Como ele parecia indiferente ao método de Callum para mover mais de um grão por vez, Aaron e Tamara começaram a fazer assim também. Então tudo passou a andar mais rápido.

Nesse dia, eles conseguiram separar toda a areia antes da hora do jantar. Mestre Rufus deu uma olhada no que tinham conseguido, assentiu, satisfeito, e chutou tudo, formando novamente uma grande pilha.

— Amanhã, vocês vão separar em cinco gradações de cor — disse ele.

Os três gemeram em uníssono.

↑≋∆○@

As coisas continuaram nessa rotina por mais uma semana e meia. Fora da aula, Tamara e Aaron ignoravam Call, e Call os ignorava também. Mas eles ficaram melhores na habilidade de mover areia — melhores, mais precisos e mais capazes de se concentrar em múltiplos grãos de uma só vez.

Enquanto isso, às refeições, eles ouviam sobre as aulas dos outros aprendizes, as quais pareciam mais interessantes que areia — especialmente quando o tiro saía pela culatra. Como quando Drew ateou fogo em si mesmo e conseguiu queimar por inteiro um dos barcos e chamuscar o cabelo de Rafe antes de conseguir apagar o fogo. Ou quando os alunos de Milagros e Tanaka estavam praticando juntos e Kai Hale colocou um lagarto elemental por dentro da gola da camisa de Jasper. (Call achou que Kai merecia uma medalha.) Ou quando Gwenda decidiu que gostava tanto de

um dos recheios da pizza de chapéu de cogumelo que queria mais, e inflou de tal maneira o cogumelo que este empurrou todo mundo — até os Mestres — para fora do Refeitório por vários dias, até que seu crescimento foi controlado e eles puderam abrir o caminho de volta.

Na noite em que foi possível usar o Refeitório de novo, o jantar foi líquen e mais pudim — não havia cogumelo em nenhum lugar. O interessante sobre o líquen era que ele nunca tinha o mesmo sabor — às vezes tinha gosto de bife, outras, de taco de peixe ou de legumes com molho apimentado, mesmo que fosse da mesma cor. Naquela noite, o pudim cinza tinha gosto de *butterscotch*. Quando Celia surpreendeu Call se servindo pela quarta vez, ela bateu no pulso do menino com a colher, brincando.

— Olha, você devia vir para a Galeria — disse ela. — Tem uns lanches ótimos lá.

Call encarou Aaron e Tamara, na mesa, e ambos deram de ombros, não se opondo. Os três ainda estavam agindo com frieza uns com os outros, falando apenas o necessário. Call se perguntou se eles planejavam perdoá-lo algum dia, ou se ficariam assim, e o clima entre eles seria de constrangimento pelo restante do tempo que ele passasse ali.

Call largou a tigela sobre a mesa, e alguns minutos depois se viu fazendo parte de um animado grupo de alunos do Ano de Ferro a caminho da Galeria. Call percebeu que, enquanto seguiam, os cristais cintilantes nas paredes davam a impressão de que o corredor estava coberto por uma fina camada de neve.

Ele se perguntou se algum desses corredores levaria à sala de Mestre Rufus. Nem um dia se passava sem que pensasse em se esgueirar até lá para usar o telefone de tornado. Mas até que Mestre Rufus lhes ensinasse a controlar os barcos, Call precisaria de outra rota.

Eles andavam por uma parte desconhecida dos túneis, uma que se inclinava suavemente para cima, com um atalho sobre um lago subterrâneo. Pela primeira vez, Call não se importou com a distância extra, porque essa parte das cavernas tinha um monte de coisas legais para ver — uma formação calcária de calcita branca que parecia uma cachoeira congelada, concreções na forma de

ovos fritos e estalagmites que haviam se tornado azuis e verdes por causa do cobre na rocha.

Call, andando mais devagar que os outros, ficou para trás, e Celia diminuiu o passo para conversar com ele. Ela apontava para coisas que ele nunca vira antes, como os buracos no alto das rochas, onde morcegos e salamandras viviam. Atravessaram uma grande sala circular de onde saíam duas passagens. Uma tinha a palavra *Galeria* escrita acima dela em cristal de rocha faiscante. Acima da outra lia-se *O Portão das Missões*.

— O que é aquilo? — perguntou Call.

— É outra saída das cavernas — respondeu Drew, que entreouvia. Em seguida, ele pareceu estranhamente culpado, como se não devesse ter contado.

Talvez Call não fosse o único a não entender as regras da escola de magia. Quando olhou mais de perto, viu que Drew aparentava estar tão exausto quanto ele.

— Mas você não pode simplesmente sair — acrescentou Celia, dirigindo a Call um olhar irônico, como se achasse que cada vez que ouvia falar de uma nova saída, ele avaliava se poderia ou não escapar por ela.

— É só para aprendizes em missão.

— Missão? — indagou Call, enquanto seguiam os demais em direção à Galeria.

Ele lembrou que ela dissera algo sobre missões antes, quando explicou por que nem todos os aprendizes estavam no Magisterium.

— Tarefas para os Mestres. Combater elementais. Combater os Dominados pelo Caos — disse Celia. — Você sabe, coisas de magos.

Certo, pensou Call. *Colha algumas beladonas e mate um dragonete no caminho de volta. Sem problemas.* Mas ele não queria que Celia ficasse zangada, porque ela era praticamente a única pessoa que ainda falava com ele, então guardou esses pensamentos para si mesmo.

A Galeria era imensa, com um teto pelo menos trinta metros acima deles e um lago em uma das extremidades, estendendo-se na distância, com várias ilhotas pontilhando a superfície. Alguns alunos brincavam dentro d’água, que fumegava suavemente. Um

filme passava em uma parede de cristal — Call havia visto o filme, mas tinha certeza de que o que estava acontecendo na tela não se passara na versão a que assistira.

— Adoro essa parte — disse Tamara, correndo para onde os alunos tinham se acomodado em fileiras de cogumelos enormes e de aparência aveludada.

Jasper apareceu e afundou no cogumelo do lado dela. Aaron, ligeiramente confuso, seguiu-os mesmo assim.

— Você precisa provar as bebidas gasosas — disse Celia, puxando Call até uma saliência de pedra onde uma enorme suqueira de vidro, cheia do que parecia ser água, encontrava-se ao lado de três estalactites.

Ela pegou um copo, encheu-o na torneira e o enfiou sob uma das estalactites. Um líquido azul jorrou na água, espalhando-a, e um minirredemoinho apareceu dentro do copo, misturando o líquido azul e o transparente. Borbulhas subiram à superfície.

— Experimente, vamos! — encorajou-o Celia.

Call olhou desconfiado para a bebida, mas pegou o copo e bebeu o líquido em grandes goles.

Foi como se cristais de blueberry, caramelo e morango explodissem em sua boca.

— Isto é *fantástico* — disse ele quando acabou de beber.

— O verde é o meu favorito — disse Celia, sorrindo com um copo que acabara de servir. — Tem gosto de pirulito derretido.

Havia montes de outros lanches interessantes na saliência de rocha — tigelas com pedras brilhantes que eram nitidamente feitas de açúcar, pretzels enrolados em forma de símbolos alquímicos cujos pequenos cristais de sal cintilavam, e uma tigela com o que à primeira vista pareciam batatinhas fritas crocantes, mas eram de um dourado mais escuro quando se olhava de perto. Call experimentou uma. O gosto era quase o mesmo de pipoca amanteigada.

— Venha — chamou Celia, lhe agarrando o pulso. — Estamos perdendo o filme.

Ela o puxou em direção aos cogumelos aveludados.

Call a seguiu um pouco relutante. As coisas ainda estavam tensas com Tamara e Aaron. Ele achava que talvez fosse melhor evitá-los e explorar a Galeria sozinho. Mas ninguém estava

prestando atenção nele; estavam todos assistindo ao filme projetado na parede oposta. Jasper a todo momento se inclinava para dizer coisas no ouvido de Tamara, fazendo-a rir, e Aaron estava de conversa com Kai, do seu outro lado. Felizmente, havia alunos mais velhos em número suficiente a fim de tornar mais fácil para Call não se sentar perto demais dos outros aprendizes do seu grupo sem parecer intencional.

Quando relaxou em seu lugar, Call se deu conta de que o filme não estava sendo exatamente *projetado*. Um bloco sólido de ar colorido pairava contra a parede de rocha, cores girando para dentro e para fora com uma velocidade inacreditável, criando a ilusão de uma tela.

— Magia de ar — disse, meio para si mesmo.

— Alex Strike faz os filmes. — Celia abraçava os joelhos, absorta na tela. — Você deve saber quem ele é.

— Por que eu saberia?

— Ele é do Ano de Bronze. Um dos melhores alunos. Às vezes ele auxilia Mestre Rufus. — Havia admiração na voz da garota.

Call olhou para trás, por cima do ombro. Nas sombras atrás das fileiras de almofadas de cogumelos havia uma cadeira mais alta. O garoto magro de cabelos castanhos que tinha levado sanduíches para eles nos últimos dias estava sentado ali, os olhos absortos na tela adiante. Seus dedos se moviam para a frente e para trás, um pouco como um titereiro. Conforme ele os movia, as formas na tela se modificavam.

Isso é muito legal, disse a vozinha traiçoeira dentro de Call. *Quero fazer isso*. Ele empurrou a voz para baixo. Ele iria embora assim que passasse pelo Primeiro Portal de Magia. Nunca seria do Ano de Cobre ou do Ano de Bronze, nem de nenhum outro além daquele.

Quando o filme terminou — Call tinha quase certeza que em *Star Wars* não havia uma cena de Darth Vader dançando em trenzinho com os ewoks, mas ele só assistira ao filme uma vez —, todos se levantaram e aplaudiram. Alex Strike jogou o cabelo para trás e sorriu. Quando viu Call olhando para ele, cumprimentou-o com a cabeça.

Logo todos se espalharam pelo salão para brincar com outras coisas divertidas. Era como um parque *indoor,* pensou Call, só que sem supervisão. Havia uma piscina de água quente que borbulhava com várias cores. Alguns dos alunos mais velhos, incluindo a irmã de Tamara e Alex, nadavam na água, divertindo-se ao fazer dançar pequenos redemoinhos pela superfície. Call ficou um tempo com as pernas dentro da água — era gostoso, depois de tanto andar — e, em seguida, juntou-se a Drew e Rafe para alimentar os morcegos domesticados, que pousavam em seus ombros enquanto eles lhes davam pedaços de frutas. Drew ria quando as asas macias dos morcegos roçavam de leve seu rosto. Depois, Call fez um grupo com Kai e Gwenda para participar de um jogo estranho, que consistia em bater com o taco em uma bola de fogo azul que ele descobriu que era fria quando bateu em seu peito. Cristais de gelo grudaram em seu uniforme cinza, mas ele não ligou. A Galeria era tão divertida que ele se esqueceu de suas preocupações com Mestre Rufus, com seu pai, com magia interditada e até mesmo com a possibilidade de Aaron e Tamara o odiarem.

Será que vai ser difícil abandonar isso tudo?, se perguntou. Imaginou-se como um mago, brincando em fontes borbulhantes e conjurando filmes do nada. Imaginou-se sendo bom nesse negócio, até mesmo um dos Mestres. Em seguida, porém, pensou no pai sentado à mesa da cozinha, sozinho, preocupado com ele, e sentiu-se péssimo.

Quando Drew, Celia e Aaron decidiram voltar para os quartos, ele os acompanhou. Se fosse dormir tarde, estaria de mau humor pela manhã, e além disso não tinha certeza de saber o caminho sem eles. Eles refizeram seus passos pelas cavernas. Era a primeira vez em dias que Call se sentia relaxado.

— Cadê Tamara? — perguntou Celia enquanto caminhavam.

Call a tinha visto falando com a irmã quando saíram, e estava prestes a responder quando Aaron disse:

— Discutindo com a irmã.

Call ficou surpreso.

— Sobre o quê?

Aaron deu de ombros.

— Kimiya estava dizendo a Tamara que não devia perder tempo, brincando na Galeria, em seu Ano de Ferro. Disse que ela devia estar estudando.

Call franziu a testa. Ele sempre quis ter um irmão ou irmã, mas de repente estava reconsiderando a ideia.

Ao seu lado, Aaron ficou tenso.

— Que barulho é esse?

— Está vindo do Portão das Missões — respondeu Celia, com ar preocupado.

No instante seguinte, Call também ouviu: passos na pedra, de pés calçando botas, o eco de vozes reverberando nas paredes de rocha. Alguém pedindo por socorro.

Aaron saiu correndo pela passagem que levava ao Portão das Missões. Os demais hesitaram antes de segui-lo, Drew ficando para trás e acompanhando o passo apressado de Call. A passagem começou a se encher de gente que os empurrava ao passar, quase derrubando Call. Alguma coisa se fechou em torno de seu braço e ele se viu puxado para trás, contra uma parede.

Aaron. Aaron havia se espremido contra a rocha e observava, sua boca uma linha fina, enquanto um grupo de alunos mais velhos — alguns usando pulseiras de prata, outras de ouro — vinha mancando pela passagem. Alguns vinham carregados em macas improvisadas com galhos. Um garoto caminhava apoiado por dois outros aprendizes — a frente de seu uniforme tinha sido toda queimada, e a pele por baixo estava vermelha e cheia de bolhas. Todos tinham os uniformes chamuscados e o rosto sujo de fuligem escura. A maioria sangrava.

Drew estava com cara de quem ia chorar.

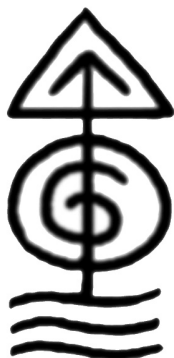
Call ouviu a voz de Celia, que havia se colado à parede ao lado de Aaron, sussurrar alguma coisa sobre elementais do fogo. Call olhou quando um garoto passou em uma maca, contorcendo-se de agonia. A manga do uniforme tinha sido consumida pelo fogo, e seu braço parecia aceso por dentro, como um graveto em uma fogueira.

O fogo quer queimar, pensou Call.

— Vocês! Vocês do Ano de Ferro! Não deviam estar aqui!

Era Mestre North, franzindo a testa enquanto se separava do grupo dos feridos. Call não sabia dizer como ele os avistara nem por

que ele estava ali.

Eles não esperaram um novo aviso. Saíram em debandada.

CAPÍTULO NOVE

O dia seguinte foi de mais areia e mais cansaço. Naquela noite, no Refeitório, Call sentou-se pesadamente à mesa com seu prato de líquen e um monte de biscoitos, que pareciam cintilar com pedaços cristalinos. Celia mordeu um deles e o barulho era de vidro se quebrando.

— É seguro comer estes biscoitos, não é? — perguntou Call a Tamara, que estava se servindo de uma espécie de pudim roxo que tingiu seus lábios e sua língua de índigo-escuro.

Ela revirou os olhos. Havia manchas escuras sob eles, mas, a não ser por isso, ela estava serena como sempre. O ressentimento apertou o peito de Call. Tamara era um robô, concluiu. Um robô sem sentimentos. E desejou que ela sofresse um curto-circuito.

Celia, vendo a ferocidade com que ele olhava para Tamara, tentou dizer alguma coisa, mas sua boca estava cheia de biscoito. Alguns lugares adiante, Aaron estava falando.

— Tudo que fazemos é dividir areia em pilhas. Por horas e horas. Quero dizer, tenho certeza de que existe um motivo para isso, mas...

— Bem, lamento muito por vocês — interrompeu Jasper. — Os aprendizes de Mestre Lemuel estão lutando contra elementais, e temos feito coisas incríveis com Mestra Milagros. Conjuramos bolas de fogo, e ela nos mostrou como usar o metal que existe na terra para levitar. Consegui ficar a dois centímetros do chão.

— Uau — disse Call, a voz gotejando desprezo. — Dois centímetros!

Jasper girou rapidamente na direção de Call, os olhos cintilando de raiva.

— É por sua causa que Aaron e Tamara têm de sofrer. Porque você se saiu muito mal nos testes. É por isso que seu grupo inteiro está preso na caixa de areia enquanto nós já entramos em campo.

Call sentiu o sangue afluir ao seu rosto. Não era verdade. Não podia ser. Ele viu Aaron, mais à frente na mesa, balançar a cabeça

e começar a falar. Mas Jasper não se calava. Com uma careta de desdém, ele acrescentou:

— Se eu fosse você, Hunt, não seria tão arrogante com relação à habilidade de levitar. Se você aprendesse a levitar, talvez não atrasasse tanto Tamara e Aaron, mancando atrás deles.

No instante em que as palavras deixaram sua boca, o próprio Jasper pareceu chocado, como se nem mesmo ele esperasse ir tão longe.

Não era a primeira vez que alguém dizia algo assim para Call, mas a sensação era sempre a de um balde de água fria atirado em seu rosto.

Aaron estava sentado muito ereto, os olhos arregalados. Tamara bateu a mão na mesa.

— Cala a boca, Jasper! Não estamos separando areia por causa de Call, mas por minha causa! A culpa é minha, ok?

— O quê? Não! — Jasper estava totalmente confuso. Evidentemente, sua intenção não era irritar Tamara. Talvez estivesse até mesmo tentando impressioná-la. — Você foi muito bem no Desafio. Todos nós fomos, menos Call. Ele pegou meu lugar. Seu Mestre ficou com pena e quis...

Aaron se levantou, segurando com firmeza um garfo. Estava furioso.

— Não era o *seu* lugar — disse ele rispidamente a Jasper. — Não é uma questão só de pontos. A questão é a quem o Mestre quer ensinar. E estou vendo exatamente por que Mestre Rufus não quis *você*.

Ele falou alto o suficiente para chamar a atenção das pessoas nas mesas próximas. Com um último olhar de repulsa para Jasper, Aaron atirou na mesa o garfo que segurava e saiu pisando duro, os ombros rígidos.

Jasper virou-se novamente para Tamara.

— Acho que você tem dois malucos no seu grupo, e não só um.

Tamara dirigiu a Jasper um olhar demorado. Então pegou sua tigela de pudim e a virou na cabeça do garoto. A gosma roxa escorreu pelo rosto dele, que soltou um grito de surpresa.

Por um momento, Call ficou chocado demais para reagir. Mas depois caiu na gargalhada. Assim como Celia. O riso se espalhou

pela mesa enquanto Jasper tentava tirar a tigela da cabeça. Call riu ainda mais alto.

Tamara, porém, não estava rindo. Era como se não pudesse acreditar que perdera a compostura tão completamente. Ela ficou parada, imóvel, por um longo momento, e, em seguida, levantou-se e correu para a porta na mesma direção de Aaron. Do outro lado do salão, sua irmã, Kimiya, a observou sair com ar reprovador, os braços cruzados sobre o peito.

Jasper jogou a tigela sobre a mesa e lançou a Call um olhar de puro ódio e agonia. Seus cabelos estavam cobertos de pudim.

— Podia ter sido pior — comentou Call. — Podiam ser aquelas coisas verdes.

Mestra Milagros surgiu ao lado de Jasper. Ela empurrou alguns guardanapos para ele e exigiu saber o que tinha acontecido. Mestre Lemuel, que estava sentado à mesa mais próxima, levantou-se e aproximou-se para fazer um sermão a todos, e Mestre Rufus juntou-se a eles, o rosto impassível como sempre. O blá-blá-blá dos adultos continuou, mas Call não estava prestando atenção.

Nos seus doze anos de vida, Call não se lembrava de ninguém, exceto o pai, tê-lo defendido. Nem quando chutavam sua perna fraca por baixo durante o futebol, ou riam dele por ficar de fora durante as aulas de educação física, ou quando era escolhido por último em todos os jogos. Ele se lembrou de Tamara virando o pudim na cabeça de Jasper e depois de Aaron dizendo *Não é uma questão só de pontos. A questão é a quem o Mestre quer ensinar*, e ele sentiu um calorzinho acender dentro de si.

Em seguida, pensou no real motivo para Mestre Rufus querê-lo como aprendiz, e o calor se apagou.

Call voltou sozinho para o quarto, através de passagens de pedra cheias de ecos. Quando chegou, Tamara estava sentada no sofá, as mãos envolvendo uma xícara de pedra fumegante. Aaron conversava com ela em voz baixa.

— Ei — disse Call, parando sem jeito no vão da porta, sem saber se devia ficar ou sair. — Obrigado por... bem, só obrigado.

Tamara ergueu os olhos para ele, fungando.

— Você vai entrar ou não?

Como ficaria ainda mais estranho continuar ali no corredor, Call deixou a porta se fechar às suas costas e seguiu para o quarto.

— Call, fique — pediu Tamara.

Ele se virou para encarar a menina e Aaron, que estava sentado no braço do sofá, alternando olhares ansiosos entre Call e Tamara. O cabelo escuro da garota ainda estava perfeito e suas costas, empertigadas, mas o rosto estava manchado, como se tivesse chorado. Os olhos de Aaron mostravam preocupação.

— O que aconteceu com a areia foi minha culpa — disse Tamara. — Me desculpem. Me desculpem por ter criado um problema para vocês. Me desculpem por ter sugerido uma coisa tão perigosa para começo de conversa. E me desculpem por não ter dito nada antes.

Call deu de ombros.

— Eu pedi a vocês para dar uma ideia, qualquer ideia. Não é culpa sua.

Ela lhe dirigiu um olhar estranho.

— Mas eu pensei que você estivesse com raiva.

Aaron assentiu com a cabeça, concordando.

— É, achamos que estava chateado com a gente. Você não falou praticamente nada durante *três semanas inteiras*.

— Não — retrucou Call. — Vocês é que não falaram *comigo* durante *três semanas inteiras.* Eram vocês que estavam com raiva.

Os olhos verdes de Aaron se arregalaram.

— Por que estaríamos com raiva de você? Foi você quem ficou encrencado com Rufus, e não nós. Você não colocou a culpa em nós, mesmo podendo.

— Eu é que devia ter agido diferente — disse Tamara, apertando a xícara com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos. — Vocês dois não sabem quase nada sobre magia, sobre o Magisterium, sobre os elementos. Mas eu sei. Minha... irmã mais velha...

— Kimiya? — perguntou Call, confuso.

Sua perna estava doendo. Ele se sentou na mesa de centro, esfregando o joelho por cima do uniforme de algodão.

— Eu tinha outra irmã — revelou Tamara, sussurrando.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Aaron, baixando a voz para se igualar à dela.

— O pior — respondeu Tamara. — Ela se tornou uma daquelas coisas que eu estava contando a vocês: um humano elemental. Existem grandes magos que podem nadar na terra como se fossem peixes, fazer punhais de pedra dispararem das paredes, provocar relâmpagos ou criar redemoinhos gigantescos. Ela queria ser um dos grandes, então expandiu sua magia até ser possuída por ela.

Tamara balançou a cabeça, e Call se perguntou o que ela estaria vendo enquanto contava a eles.

— A pior parte é o orgulho que meu pai sentia da minha irmã no início, quando ela estava se saindo muito bem. Ele dizia a Kimiya e a mim que devíamos ser mais como ela. Agora ele e minha mãe nunca falam sobre ela. Nem mesmo mencionam seu nome.

— E qual é o nome dela? — perguntou Call.

Tamara pareceu surpresa.

— Ravan.

A mão de Aaron pairou no ar por um segundo, como se quisesse tocar o ombro de Tamara, mas não tivesse certeza se deveria.

— Você não vai acabar como ela — disse ele. — Não precisa se preocupar.

Ela balançou a cabeça de novo.

— Eu disse a mim mesma que não seria como meu pai ou minha irmã. Disse a mim mesma que nunca correria riscos. Queria provar que podia fazer tudo do jeito certo, e não pegar nenhum atalho. E *ainda assim* ser a melhor. Mas então eu peguei, sim, um atalho, e ensinei vocês a pegá-lo também. Eu não provei nada.

— Não diga isso — pediu Aaron. — Você provou uma coisa hoje.

Tamara fungou.

— O quê?

— Que Jasper fica mais bonito com pudim no cabelo — sugeriu Call.

Aaron revirou os olhos.

— Não era isso o que eu ia dizer... embora, com certeza, lamento ter perdido essa cena.

— Foi demais — disse Call, sorrindo.

— Tamara, você provou que se importa com os amigos. E nós nos importamos com você. E não vamos deixar você pegar mais nenhum atalho. — Ele olhou para Call — Certo?

— Certo — concordou Call, estudando a ponta de sua bota, na dúvida se era a melhor pessoa para essa tarefa. — E, Tamara...?

Ela esfregou o canto do olho com a manga.

— O que foi?

Ele não ergueu os olhos e podia sentir o calor do constrangimento subindo pelo pescoço, deixando as orelhas vermelhas.

— Ninguém nunca me defendeu como vocês fizeram esta noite.

— É sério que você acabou de dizer uma coisa boa para nós? — perguntou Tamara. — Está se sentindo bem?

— Não sei — respondeu Call. — Acho que preciso me deitar.

Mas Call não foi se deitar. Ficou acordado conversando com os amigos por boa parte da noite.

CAPÍTULO DEZ

Passado o primeiro mês, Call não se importava se estava prestes a ser derrotado pelos outros aprendizes em qualquer desafio que fossem enfrentar, desde que isso significasse o fim da Sala de Areia e Tédio. Ele se encontrava sentado, exaurido, em um triângulo com Aaron e Tamara, separando as pilhas claras das escuras, e as mais ou menos claras das mais ou menos escuras, como se estivessem fazendo aquilo por um milhão de anos. Aaron tentou puxar assunto, mas Tamara e Call estavam entediados demais para responder com mais do que grunhidos. No entanto, agora às vezes eles se entreolhavam e sorriam os sorrisos secretos da amizade verdadeira. Uma amizade exausta, mas ainda assim real.

Na hora do almoço, as portas se abriram, mas, dessa vez, não era Alex Strike. Era Mestre Rufus, que carregava em uma das mãos uma grande caixa de madeira da qual se projetava uma corneta, e na outra, um saco com alguma coisa colorida.

— Continuem, crianças — disse ele, colocando a caixa sobre uma pedra próxima.

Aaron ficou intrigado.

— O que é aquilo? — perguntou a Call com um sussurro.

— Um gramofone — respondeu Tamara, que continuava a separar a areia, mesmo enquanto olhava para Rufus. — Ele toca música, mas funciona com magia, e não com eletricidade.

Nesse instante, uma música começou a sair da corneta do gramofone. Tocava muito alto, e não era nada que Call reconhecesse de imediato. O som era repetitivo e pulsante, incrivelmente irritante.

— Não é o tema do *Cavaleiro Solitário*? — perguntou Aaron.

— É a Abertura da ópera *Guilherme Tell* — gritou Mestre Rufus acima da música, saltitando pela sala. — Escutem estas cornetas! Fazem o sangue pulsar nas veias! Pronto para fazer magia!

O que aquilo fez, porém, foi tornar muito, muito, *muito* difícil pensar. Call se viu fazendo força para se concentrar, o que, por sua vez, transformou em um grande desafio colocar no ar um único

grão. Justamente quando ele achava que tinha a areia sob controle, a música aumentava e seu foco se dispersava.

Ele resmungou, frustrado, e abriu os olhos, vendo Mestre Rufus tirar do saco uma minhoca vermelho-beterraba. Call esperou sinceramente que fosse uma minhoca de jujuba, porque Mestre Rufus começou a mastigar uma das extremidades.

Call se perguntou o que aconteceria se, em vez de tentar mover a areia, ele se concentrasse em bater com o gramofone na parede da caverna. Ele ergueu os olhos e viu Tamara fuzilando-o com o olhar.

— Nem *pense* nisso — disse ela, como se estivesse lendo sua mente. Ela estava vermelha, os cabelos escuros grudados na testa enquanto lutava para se concentrar na areia apesar da música.

Uma minhoca azul atingiu Call na lateral da cabeça, fazendo-o derrubar em seu colo a areia que flutuava no ar. A minhoca caiu no chão e ali ficou. *Ok, é definitivamente comestível*, pensou Call, pois não tinha olhos e parecia gelatinosa.

Por outro lado, isso descrevia muitas coisas no Magisterium.

— Não consigo fazer isto — disse Aaron, ofegante. Ele estava com as mãos erguidas, a areia girando; seu rosto estava vermelho por causa da concentração. Uma minhoca cor de laranja quicou no seu ombro.

Rufus estava com o saco aberto e atirava punhados de minhocas.

— Aah! — exclamou Aaron.

As minhocas não machucavam, mas realmente assustavam. Uma minhoca verde estava presa no cabelo de Tamara, que parecia à beira das lágrimas.

A porta se abriu novamente. Dessa vez *era* Alex Strike. Ele trazia um saco na mão e exibia um sorriso estranho, quase malicioso, enquanto olhava de Rufus, ainda arremessando minhocas, para os aprendizes, que lutavam tanto quanto podiam para se concentrar.

— Entre, Alex! — chamou Rufus alegremente. — Pode deixar os sanduíches ali! Aprecie a música!

Call se perguntou se Alex estaria recordando o próprio Ano de Ferro. Esperava que Alex não estivesse visitando os outros grupos

de aprendizes, os que estavam aprendendo coisas legais, como fogo ou levitação. Se Jasper descobrisse qualquer detalhe do que Call teve de fazer naquele dia, nunca pararia de debochar dele.

Não importa, disse Call a si mesmo, com severidade. *Concentre-se na areia.*

Tamara e Aaron estavam movendo grãos, rolando-os e puxando-os pelo ar. Mais devagar do que antes, mas continuavam focados, trabalhando até mesmo quando eram acertados nas costas ou na cabeça por uma minhoca de jujuba. Tamara agora tinha uma azul emaranhada em uma de suas tranças e nem parecia perceber.

Call fechou os olhos e focou a mente.

Sentiu o tapa frio e úmido de uma minhoca na bochecha, mas dessa vez não deixou a areia cair. A música martelava em seus ouvidos, mas ele deixou tudo isso passar por ele. Primeiro, um grão após o outro e depois, conforme crescia sua confiança, cada vez mais areia.

Mestre Rufus vai ver só, pensou ele.

Outra hora se passou antes do intervalo para o almoço. Quando recomeçaram, o mago os bombardeou com valsas. Enquanto seus aprendizes separavam areia, Rufus fazia palavras cruzadas, sentado em um pedregulho. Ele não pareceu se incomodar quando permaneceram muito além do horário e perderam o jantar no Refeitório.

Os três se arrastaram de volta aos quartos, cansados e sujos, e encontraram a mesa posta com comida na sala compartilhada. Call descobriu que surpreendentemente estava de bom humor, levando-se em conta o dia que passaram, e Aaron fez com que ele e Tamara morressem de rir no jantar com sua imitação de Mestre Rufus valsando com uma minhoca.

Na manhã seguinte, Mestre Rufus apareceu à porta logo depois do alarme, usando braçadeiras que identificariam sua equipe durante o primeiro teste. Todos gritaram. Tamara gritou porque estava feliz, Aaron porque gostava de ver outras pessoas felizes e Call porque tinha certeza de que iam morrer.

— O senhor sabe que tipo de teste vai ser? — perguntou Tamara, ansiosa, girando a braçadeira no pulso. — Ar, fogo, terra ou

água? Pode nos dar uma pista? Só uma minúscula, um tiquinho assim...

Mestre Rufus olhou-a com expressão severa, até ela parar de falar.

— Nenhum aprendiz recebe informação antecipada de como serão testados — disse ele. — Isso conferiria uma vantagem injusta. Vocês devem vencer pelos próprios méritos.

— Vencer? — indagou Call, atônito. Não lhe ocorrera que Mestre Rufus estivesse esperando que eles vencessem o teste. Não depois de um mês inteiro de areia. — Não vamos *vencer*. — Ele estava mais preocupado se iriam *sobreviver*.

— Esse é o espírito. — Aaron disfarçou um sorriso.

Já estava usando sua braçadeira, logo acima do cotovelo. De algum modo, ele conseguiu fazer aquilo parecer ser algo descolado. Call prendera a sua no antebraço e tinha certeza de que parecia uma atadura.

Mestre Rufus revirou os olhos. Call estava preocupado que os cantos de sua boca se curvassem para cima em um sorriso involuntário, como se ele estivesse realmente começando a entender as expressões de Mestre Rufus e respondendo a elas.

Talvez, quando chegassem ao Ano de Prata, Mestre Rufus transmitiria complexas teorias de magia simplesmente ao erguer uma única sobrancelha espessa.

— Venham — chamou o mago.

Com um movimento dramático, ele deu meia-volta e os guiou pelo que Call começava a considerar como o corredor principal. O musgo fosforescente piscava e faiscava enquanto eles desciam por uma escada em espiral que Call nunca tinha visto antes e que ia dar em uma caverna.

Em sua outra escola, ele sempre quisera ter permissão para fazer esportes. Ao menos ali estavam lhe dando uma chance. Agora cabia a ele continuar.

A caverna era do tamanho de um estádio, com estalactites e estalagmites imensas se projetando de cima e de baixo, como dentes. A maioria dos outros aprendizes do Ano de Ferro já estava lá, com seus Mestres. Jasper conversava com Celia, gesticulando feito louco e apontando as estalagmites em um canto, onde tinham

se desenvolvido juntas em uma complicada forma circular. Mestra Milagros pairava ligeiramente acima do chão, encorajando uma das crianças a pairar com ela. Todos se movimentavam com uma energia nervosa. Drew parecia especialmente inquieto, sussurrando com Alex. O que fosse que Alex estivesse dizendo, Drew não parecia contente.

Avançando um pouco mais pela caverna, Call olhou ao redor, tentando prever o que poderia acontecer. Ao longo de uma das paredes havia uma grande caverna com algo semelhante a barras na entrada, como uma gaiola feita de calcita. Olhando para ela, Call se perguntou, preocupado, se o teste seria ainda mais assustador do que ele esperava. Ele esfregou a perna distraidamente e imaginou o que seu pai diria.

Esta é a parte em que você morre, provavelmente.

Ou, talvez, fosse uma oportunidade para mostrar a Tamara e Aaron que ele era alguém que valia a pena defender.

— Aprendizes do Ano de Ferro! — anunciou Mestre North, enquanto mais alguns alunos ainda entravam aos poucos atrás de Mestre Rufus. — Eis seu primeiro exercício. Vocês vão combater elementais.

Arquejos de medo e empolgação se espalharam pelo local. O ânimo de Call sucumbiu. Eles estavam falando sério? Nenhum dos aprendizes estava preparado para aquilo, ele podia apostar. Olhou para Aaron e Tamara para ver se eles discordavam. Ambos haviam empalidecido. Tamara segurava com força a própria braçadeira.

Call tentou freneticamente recordar a palestra de Mestre Rockmaple de duas sextas-feiras atrás, sobre os elementais. *Dispersar elementais rebeldes antes que possam fazer algum mal é uma das tarefas importantes de responsabilidade dos magos*, disse ele. *Caso se sintam ameaçados, eles podem se dispersar de volta em seu elemento. E precisam de muita energia para se condensar outra vez.*

Então, tudo que tinham de fazer era assustar os elementais. Ótimo.

Mestre North franziu a testa, como se tivesse acabado de perceber que os alunos estavam preocupados.

— Vocês vão se sair bem — assegurou ele.

Call achou a frase de um otimismo infundado. Ele os imaginou caídos no chão, todos mortos, enquanto dragonetes sedentos de vingança mergulhavam no ar acima deles, com Mestre Rufus balançando a cabeça e dizendo: *Quem sabe ano que vem os aprendizes sejam melhores.*

— Mestre Rufus — sibilou Call, tentando manter a voz baixa. — Não podemos fazer esse teste. Não treinamos...

— Vocês sabem o que precisam saber — retrucou Rufus, enigmático. Ele se virou para Tamara. — O que os elementos querem?

Tamara engoliu em seco.

— *O fogo quer queimar* — disse ela. — *A água quer correr, o ar quer levitar, a terra quer unir, o caos quer devorar.*

Rufus pousou a mão no ombro da menina.

— Pensem nos Cinco Princípios da Magia e no que ensinei a vocês, e vão se sair bem.

Tendo dito isso, ele se afastou a passos largos para juntar-se aos outros magos na outra extremidade da caverna. Eles haviam esculpido as pedras, transformando-as em bancos, e sentaram-se ali, aparentemente confortáveis. Outros magos estavam chegando e acomodando-se atrás deles. Havia também alguns outros alunos mais velhos com Alex, a luz da caverna refletindo em suas pulseiras.

Os aprendizes do Ano de Ferro se encontravam no meio da sala quando as luzes diminuíram, até estarem cercados de escuridão e silêncio. Lentamente, os grupos de aprendizes começaram a se juntar em uma única e grande massa, de frente para a grade deslizante, enquanto esta se abria para o desconhecido.

Por um longo momento, Call fitou a escuridão além, até começar a se perguntar se haveria algo ali. Talvez o teste fosse verificar se os aprendizes realmente acreditavam que os magos fariam algo tão ridículo quanto deixar crianças de doze anos lutar contra dragonetes em um combate de gladiadores.

Então, ele viu olhos brilhantes no escuro. Grandes pés dotados de garras esmagaram ruidosamente o chão quando três criaturas emergiram da caverna. Eram da altura de dois homens e se erguiam nas patas traseiras, os corpos curvados para a frente, arrastando

atrás de si caudas cheias de espigões. No lugar dos braços, asas imensas agitavam o ar. Bocas largas e cheias de dentes tentavam morder o teto.

Todos os avisos do pai de Call martelavam dentro de sua cabeça, e ele teve a sensação de que não conseguiria respirar. Nunca sentira tanto medo na vida. Todos os monstros da sua imaginação, cada fera escondida nos armários ou embaixo das camas ficaram pequenos diante dos pesadelos que, famintos, avançavam raspando o chão na sua direção.

O fogo quer queimar, pensou Call. *A água quer correr. O ar quer levitar. A terra quer unir. O caos quer devorar. Call quer viver.*

Jasper, aparentemente possuído por completo de um sentimento diferente quanto à sua sobrevivência, separou-se do grupo de aprendizes e, com um grande uivo, correu na direção dos dragonetes. Ele ergueu a mão e a estendeu, a palma voltada para os monstros.

Uma bolinha de fogo disparou de seus dedos e passou voando ao lado da cabeça de um dos dragonetes.

A criatura rugiu, furiosa, e Jasper hesitou. Tornou a estender a mão com a palma para a frente, mas agora apenas uma fumaça se ergueu dali. Nada de fogo.

Um dragonete avançou para Jasper abrindo a boca, uma densa névoa azul jorrando de suas mandíbulas. A névoa flutuou lentamente em ondas pelo ar, mas não devagar o bastante para que Jasper pudesse se esquivar. Ele rolou para o lado, mas a névoa passou por cima dele, cercando-o. Um instante depois, ele subia através dela, flutuando como uma bolha de sabão.

Os outros dois dragonetes saltaram para o ar.

— Ah, droga — disse Call. — Como esperam que a gente lute contra isso?

Um lampejo de raiva passou pelo rosto de Aaron.

— Não é justo.

Jasper agora estava gritando, oscilando para a frente e para trás na respiração do dragonete. Preguiçosamente, a primeira criatura o golpeou com a cauda. Call não pôde reprimir uma centelha de pena. Os outros aprendizes estavam imóveis, olhando para cima.

Aaron respirou fundo e disse:

— É agora ou nunca.

Enquanto Call e os outros assistiam, ele correu e atirou-se na cauda do dragonete mais próximo. Conseguiu pegá-la no movimento descendente, e o dragonete soltou um grito de surpresa que soou como um trovão. Aaron agarrava-se obstinadamente enquanto a cauda se agitava, lançando-o para cima e para baixo, como se ele estivesse montando um cavalo chucro. Em sua bolha, Jasper subiu e ficou quicando entre as estalactites do teto, gritando e esperneando.

O dragonete moveu a cauda como um chicote, e Aaron saiu voando. Tamara arquejou. Rufus estendeu a mão, disparando partículas de cristais de gelo, que se juntaram em pleno ar, formando uma espécie de mão que apanhou Aaron a centímetros do chão, e ali ficou.

Call sentiu uma explosão de alívio no peito. Não tinha se dado conta até aquele momento do quanto o preocupara a ideia de que os Mestres não ergueriam um só dedo para ajudá-los — que simplesmente os deixariam morrer.

Aaron tentava se soltar dos dedos de gelo. Alguns dos outros aprendizes do Ano de Ferro se moveram em bando, avançando sobre o segundo dragonete. Gwenda fez o fogo surgir entre as mãos, azul como a chama no dorso dos lagartos. O dragonete bocejou para eles, preguiçosamente, soprando lentos tentáculos de fumaça. Um a um, eles começaram a se elevar no espaço, gritando. Celia disparou uma rajada de gelo ao subir, mas errou, atingindo o espaço à esquerda da cabeça do segundo dragonete, fazendo-o rugir.

— Call!

Ele se virou ao ouvir o sussurro urgente de Tamara, bem a tempo de vê-la mergulhar por trás de um agrupamento de estalagmites. Call começou a segui-la, mas se deteve ao ver Drew parado, imóvel, afastado do grupo.

Call não foi o único a notar. O terceiro dragonete, estreitando os olhos amarelos de predador, torceu o corpo para encarar o assustado aprendiz.

Drew baixou os dois braços com força, a palma das mãos voltadas para o chão, enquanto murmurava freneticamente. Então

começou a subir lentamente, elevando-se até a altura dos olhos do dragonete.

Ele está fingindo ter sido atingido pela fumaça, percebeu Call. *Esperto*.

Drew invocou uma bola de vento para suas mãos e mirou. O dragonete bufou, surpreso, quebrando a concentração de Drew e fazendo-o girar no ar como um cata-vento. Sem perder tempo, o dragonete lançou a cabeça para a frente e pegou com o bico a barra da perna da calça de Drew. O tecido se rasgou enquanto Drew chutava o ar desesperadamente.

Call correu para ajudar, exatamente quando o segundo dragonete mergulhava do teto da caverna, direto para ele.

— Corra, Call! — gritou Drew. — Vá!

Era uma boa sugestão, pensou Call, se ao menos ele *pudesse* correr. Ao tentar correr no chão irregular, torceu a perna fraca e tropeçou, endireitando-se rapidamente, mas não o suficiente. Os frios olhos pretos do dragonete estavam grudados nele, as garras estendidas enquanto se aproximava cada vez mais. Call disparou numa corrida bamboleante, a perna doendo cada vez que o pé tocava o chão de pedra. Ele não era veloz o bastante. Olhando por sobre o ombro, ele tropeçou e foi parar longe, chocando-se contra cascalho e pedras afiadas.

Ele rolou, ficando de costas, e o dragonete lançou-se sobre ele. Uma parte de Call lhe dizia que os Mestres interfeririam antes que qualquer coisa mais grave acontecesse, mas outra parte, muito maior, gritava de medo. O dragonete ocupou todo o seu campo de visão, as mandíbulas se abrindo, revelando uma garganta escamosa e dentes afiados...

Call estendeu o braço. Ele sentiu uma explosão de calor ao seu redor. Uma onda de areia e pedras subiu em cascata do chão, martelando o peito do dragonete.

O monstro foi jogado para trás, batendo com violência contra a parede da caverna, antes de desabar no chão. Surpreso, Call levantou-se lentamente. Quando estava de pé, olhou à sua volta com um novo olhar.

Ah, pensou ele, ao ver o caos se desdobrar para todos os lados, o fogo atravessando o ar e os aprendizes rodando em círculos ao

perder a concentração, sua própria magia jogando-os de um lado para outro. Ele então compreendeu, de repente, por que haviam praticado na sala de areia por tanto tempo. Contrariando as expectativas, a magia se tornara automática para Call. Ele conhecia a concentração necessária.

Seu dragonete tentava se levantar, mas agora Call estava pronto. Ele se concentrou, estendendo a mão, e três estalactites partiram e se soltaram do teto, caindo ruidosamente e prendendo o dragonete ao chão pelas asas.

— Ha! — exclamou Call.

O monstro abriu a boca e Call começou a recuar, ciente de que não seria rápido o bastante para evitar o sopro.

— Me dê a Miri! — gritou Tamara, saindo das sombras. — Depressa!

Levando a mão ao cinto, ele puxou a faca e a jogou para ela. A boca do dragonete estava aberta, e a fumaça começava a sair em espirais. Com dois passos rápidos, Tamara atravessou a fumaça até o dragonete e se preparou para cravar a lâmina em seu olho. Quando a faca estava prestes a tocá-lo, o monstro desapareceu em uma grande rajada de fumaça azul, retornando ao seu elemento com um uivo de fúria. Tamara começou a subir pelo ar.

Call agarrou a perna da garota. Era um pouco como segurar a corda de uma bola de gás, pois ela continuou a flutuar pelo ar.

Tamara olhou para baixo e sorriu para ele. Estava suja de poeira e areia, o cabelo solto esvoaçando ao redor do rosto.

— Olhe — disse ela, apontando com Miri, e Call se virou a tempo de ver Aaron, livre do gelo, lançar uma torrente de pedrinhas sobre um dragonete.

Celia, de um ponto mais alto, lançou também uma chuva de pedras. No ar, estas se uniram em um rochedo enorme, que dispersou a criatura com um único golpe, antes de se despedaçar ao bater na parede do outro lado.

— Só falta um — disse Call, ofegante.

— Não mais — retrucou Tamara, alegremente. — Peguei dois. Embora você tenha dado uma ajudinha com o segundo.

— Eu poderia soltar você neste instante. — Call lhe deu um puxão ameaçador na perna.

— Está bem, está bem, você ajudou muito! — Tamara riu no momento em que os aplausos encheram o ar.

Os Mestres batiam palmas — olhando, Call se deu conta, para ele, Tamara, Aaron e Celia. Aaron respirava pesadamente, olhando das mãos para o lugar onde o dragonete havia desaparecido, como se não conseguisse acreditar que havia atirado um rochedo. Call sabia como ele se sentia.

— Iu-hu! — gritou Tamara, agitando os braços para cima e para baixo, suspensa no ar.

No instante seguinte, os aprendizes que haviam flutuado para o teto começaram a descer devagar, e Call soltou o tornozelo de Tamara para que ela pudesse aterrissar em pé. Ela lhe devolveu Miri enquanto os outros aprendizes pousavam, alguns rindo e outros — como Jasper — em silêncio e emburrados.

Tamara e Call foram até Aaron em meio ao burburinho. Todos davam vivas e tapinhas nas costas deles. Era um pouco como Call sempre imaginara que seria vencer um jogo de basquete, apesar de nunca ter vencido um. Ele nem mesmo jogara em um time.

— Call — disse uma voz atrás dele.

Ele se virou e viu Alex, com um largo sorriso no rosto.

— Eu estava torcendo por vocês — disse ele.

Call ficou surpreso.

— Por quê? — Afinal, eles não se falavam muito, ou melhor, nunca se falavam.

— Porque você é como eu. Eu sei.

— Ah, até parece — replicou Call. Isso era ridículo. Alex era o tipo de cara que, fora dali, teria empurrado Call em uma poça de lama. O Magisterium era diferente, mas não podia ser assim *tão* diferente.

— Não fiz nada de mais — continuou Call. — Só fiquei parado ali até lembrar de correr... só que aí lembrei também que não *consigo* correr.

Ele viu Mestre Rufus contornando a multidão para se aproximar de seus aprendizes. Ele exibia um sorrisinho, o que, para Mestre Rufus, era equivalente a saltar e dar piruetas pelos corredores.

Alex abriu um sorriso.

— Não precisa correr — disse ele. — Aqui eles vão ensinar você a lutar. E, acredite, vai ser bom nisso.

↑≋∆○@

Call, Tamara e Aaron voltaram para seus quartos sentindo que, pela primeira vez desde que chegaram ao Magisterium, tudo se encaixava. Eles tinham se saído melhor do que os outros grupos de aprendizes, e todo mundo sabia disso. O melhor de tudo: Mestre Rufus tinha providenciado pizza para eles. Pizza *de verdade*, tirada de uma *caixa de papelão*, com queijo derretido e muitas coberturas que não eram líquen nem cogumelos roxos nem nenhuma outra coisa esquisita cultivada no subterrâneo. Comeram na sala compartilhada, disputando quem engolia mais fatias. Tamara ganhou, porque foi quem comeu mais rápido.

Os dedos de Call ainda estavam um pouco gordurosos quando abriu a porta do quarto. Abarrotado de pizza, refrigerante e risos, ele se sentia bem, como há muito tempo não se sentia.

Mas, no instante em que viu o que o aguardava na cama, tudo mudou.

Era uma caixa — uma caixa de papelão fechada com muita fita adesiva, com seu nome escrito na inconfundível caligrafia fina e angulosa do pai:

CALLUM HUNT
O MAGISTERIUM
LURAY, VA

Por um momento, Call ficou parado, olhando. Então andou devagar até a caixa e a tocou, correndo os dedos pelas dobras cobertas com fita adesiva. Seu pai sempre usava a mesma fita resistente para embalar caixas, como quando enviava alguma encomenda para fora da cidade. Eram praticamente impossíveis de abrir.

Call tirou Miri do cinto. A lâmina afiada da faca cortou o papelão como se fosse uma folha de papel. Roupas se espalharam sobre a cama — jeans, casacos e camisetas, pacotes de sua jujuba

predileta, um despertador a corda e um exemplar de *Os três mosqueteiros*, que Call e o pai estavam lendo juntos.

Quando Call pegou o livro, um bilhete dobrado caiu do meio das páginas. Call o pegou e leu:

Callum,

Sei que não é culpa sua. Amo você e lamento por tudo o que aconteceu. Mantenha a cabeça erguida na escola.

Com amor,
Alastair Hunt

Ele assinara o nome completo, como se Call fosse alguém que ele mal conhecesse. Segurando a carta nas mãos, Call deixou-se afundar na cama.

CAPÍTULO ONZE

Call não conseguiu dormir nessa noite. Estava tenso por causa da luta, e sua mente ficava repassando as palavras do bilhete do pai, tentando decifrar seu significado. Não ajudou o fato de ter comido imediatamente todos os pacotes de jujuba que ganhara, exceto um, deixando-o pronto para bater no teto da caverna sem precisar do sopro de nenhum dragonete para impulsioná-lo. Se o pai tivesse mandado seu skate (e era irritante que não o tivesse feito), Call estaria fazendo manobras pelas paredes com ele.

O pai dissera no bilhete que não estava zangado, e as palavras escolhidas também não pareciam conter raiva, mas deixavam transparecer algo mais. Tristeza. Frieza, quem sabe. Distância.

Talvez ele estivesse preocupado com a possibilidade de os magos roubarem e lerem a correspondência de Call. Talvez ele tivesse medo de escrever algo pessoal demais. Era um eufemismo dizer que seu pai, às vezes, era um pouco paranoico, ainda mais no que dizia respeito a magos.

Se Call pudesse ao menos falar com ele, só por um segundo. Queria tranquilizá-lo, dizer que estava bem e que ninguém tinha aberto o pacote antes dele. Até ali, o Magisterium não era tão ruim assim. Era até meio divertido.

Se ao menos tivesse um telefone...

A mente de Call foi na mesma hora para o minúsculo tornado na mesa de Mestre Rufus. Se esperasse até lhe ensinarem a pilotar os barcos para chegar até lá sorrateiramente, talvez tivesse de esperar uma eternidade para falar com o pai. Ele provara no teste que podia adaptar sua magia a muitas situações para as quais não tivera treino específico. Talvez pudesse se adaptar a essa também.

Depois de tanto tempo alternando apenas os dois uniformes, era incrível ter um monte de roupas para escolher. Parte dele queria colocá-las todas de uma vez e sair desfilando pelo Magisterium como um pinguim.

No fim, ele escolheu um jeans preto e uma camiseta também preta com uma estampa desbotada do Led Zeppelin, a roupa que

ele considerou mais adequada para andar de fininho pelo lugar. No último instante, prendeu a bainha de Miri em uma volta do cinto e saiu pela penumbra da sala compartilhada.

Olhando à sua volta, ele de repente se deu conta de quantas coisas suas e de Tamara estavam espalhadas pelo cômodo. Ele havia deixado o caderno na bancada, a bolsa jogada ao acaso no sofá, uma de suas meias no chão ao lado de um prato de biscoitos cristalinos mordidos. Tamara tinha ainda mais coisas espalhadas — livros de casa, laços de cabelo, brincos pendentes, canetas com pontas de penas e pulseiras. De Aaron, porém, não havia nada. Seus poucos pertences estavam em seu quarto, que ele mantinha superlimpo, a cama tão bem-feita quanto se estivessem em uma escola militar.

Ele podia ouvir a respiração estável de Tamara e Aaron vindo dos quartos. Por um momento, perguntou-se se não deveria simplesmente voltar para a cama. Ele ainda não conhecia muito bem os túneis e lembrou-se de todos os avisos sobre acabar perdido. Sabia também que não deviam sair do quarto tão tarde sem permissão de seu Mestre; então ele estava se arriscando a se encrencar.

Respirando fundo, expulsou todas as dúvidas da mente. Conhecia o caminho para a sala de Mestre Rufus durante o dia. Só precisava descobrir como comandar os barcos.

O corredor no qual ficava a sala compartilhada estava iluminado pelo brilho fraco das rochas, e sobre ele havia caído um silêncio absoluto e assustador, pontuado apenas por gotas distantes de sedimentos pingando de estalactites em estalagmites.

— Tudo bem — murmurou Call. — É agora ou nunca.

Ele começou a descer o caminho que sabia que levava ao rio. Seus passos ressoavam em um padrão rítmico no silêncio.

A câmara pela qual o rio corria era ainda menos iluminada do que o corredor. A água era um fluxo pesado e agitado de sombras. Com cuidado, Call seguiu pelo caminho rochoso até onde um dos barcos estava amarrado na margem do rio. Ele tentou se firmar, mas a perna ruim fraquejou e Call teve de ficar de joelhos para embarcar.

Parte da palestra de Mestre Rockmaple sobre elementais havia tratado daqueles que viviam na água. Segundo ele, com frequência

podiam ser facilmente persuadidos com uma pequena dose de poder a cumprir as ordens de um mago. O único problema era que Mestre Rockmaple tinha falado na teoria, mas não explicara nenhuma *técnica*. Call não tinha ideia de como fazer isso.

O barco oscilou sob seus joelhos. Imitando Mestre Rufus, ele se inclinou sobre a borda e sussurrou:

— Ok, eu me sinto muito idiota fazendo isso. Mas, hã, talvez você possa me ajudar. Estou tentando descer o rio e não sei como... Olhe, você pode tentar evitar que o barco bata nas paredes e gire? Por favor?

Os elementais, onde quer que estivessem e o que quer que estivessem fazendo, não ofereceram nenhuma resposta.

Felizmente, a corrente já seguia na direção que ele queria ir. Inclinando-se para fora do barco, com a base da palma da mão ele tomou impulso para afastar-se da margem do rio, fazendo o barco se balançar na direção do centro do rio. Ele viveu um momento de sucesso inebriante, antes de perceber que não tinha como *parar* o barco.

Reconhecendo que não havia muito que pudesse fazer, Call jogou-se sobre o assento na popa e resignou-se a se preocupar com isso no fim do trajeto. A água batia na lateral do barco, e, de vez em quando, um peixe se erguia, pálido e brilhante, e disparava pela superfície antes de desaparecer nas profundezas novamente.

Infelizmente, ele não parecia ter dito a coisa certa ao sussurrar para os elementais. O barco girava na água, deixando Call tonto. A certa altura, ele teve de empurrar uma estalagmite para evitar que o barco espiralasse.

Por fim, ele chegou a um trecho da margem que reconheceu, perto da sala de Rufus. Ele olhou ao redor, à procura de uma maneira de se aproximar da margem. A ideia de enfiar a mão na água fria e escura não lhe agradava muito, mas ele o fez mesmo assim, remando freneticamente.

A proa bateu na margem e Call percebeu que teria de pular na água rasa, pois não conseguia obrigar o barco a encostar em uma saliência como Mestre Rufus fazia. Preparando-se, ele passou a perna por cima da lateral do barco e afundou imediatamente no

lodo. Perdeu o equilíbrio, caiu e bateu com a perna ruim na lateral do barco. Por um longo momento, a dor o deixou sem fôlego.

Quando se recuperou, percebeu que a situação era ainda pior. O barco havia deslizado para o meio do rio, para fora de seu alcance.

— Volte — gritou ele para o barco. Então, percebendo seu erro, concentrou-se na água propriamente. Mesmo se esforçando, tudo que conseguia fazer era agitar a água um pouco. Ele tinha passado um mês trabalhando com areia e nem um dia com os outros elementos.

Estava encharcado e o barco logo sairia de vista, desaparecendo em um túnel e se aprofundando nas cavernas. Gemendo, ele andou patinando até a margem. Seu jeans estava pesado e sujo, agarrando-se às pernas. Também ficaram frios. Ele teria de andar todo o caminho de volta assim... isso se conseguisse encontrá-lo.

Expulsando da mente as preocupações sobre a volta, Call seguiu para a pesada porta de madeira da sala de Mestre Rufus. Prendendo a respiração, ele experimentou a maçaneta. A porta se abriu sem nenhum rangido.

O pequeno tornado ainda girava na mesa de tampo corrediço de Mestre Rufus. Call deu um passo em sua direção. O pequeno lagarto na gaiola estava na bancada de trabalho como antes, as chamas tremeluzindo ao longo de suas costas. Ele observava Call com olhos luminosos.

— Me deixe sair — pediu o lagarto. Sua voz era rouca e sussurrante, mas as palavras soaram claras.

Call o fitou, confuso. Os dragonetes não tinham falado durante o exercício; ninguém dissera absolutamente nada sobre elementais *falando*. Talvez os elementais do fogo fossem diferentes.

— Me deixe sair — repetiu ele. — A chave! Vou dizer onde ele guarda a chave e você me deixa sair.

— Não vou fazer isso — disse Call ao lagarto, franzindo a testa. Ele ainda não conseguira superar o fato de que o animal falava. Afastando-se dele, aproximou-se do tornado na mesa.

— Alastair Hunt — sussurrou ele para a areia girando.

Nada aconteceu. Talvez não fosse tão fácil quanto ele esperara.

Call colocou a mão na lateral do vidro. O mais intensamente que pôde, ele visualizou o pai. Imaginou o perfil aquilino de seu pai e o som familiar de quando ele consertava coisas na garagem. Ele imaginou os olhos cinzentos de Alastair e a maneira como sua voz se elevava quando ele estava torcendo por um time ou como baixava quando ele falava sobre coisas perigosas, como magos. Imaginou seu pai lendo um livro para ele dormir, como sempre fizera, e como seus casacos de lã cheiravam a fumaça de cachimbo e a produtos de limpeza de madeira.

— Alastair Hunt — repetiu ele, e dessa vez a areia em movimento se contraiu e se solidificou. Em segundos, estava olhando para a figura do pai, os óculos no alto da cabeça. Ele vestia um blusão de moletom e jeans, e tinha um livro aberto no colo. Era como se Call tivesse acabado de entrar em um cômodo e encontrasse o pai lendo.

O pai se levantou abruptamente, olhando em sua direção. O livro escorregou, desaparecendo de vista.

— Call? — perguntou o pai, a incredulidade evidente na voz.

— Sim! — respondeu Call, empolgado. — Sou eu. Recebi as roupas e sua carta, e queria encontrar uma forma de entrar em contato com você.

— Ah — disse o pai, semicerrando os olhos como se estivesse tentando ver Call melhor. — Bem, isso é bom, isso é muito bom. Fico feliz que suas coisas tenham chegado a você.

Call assentiu. Algo no tom cauteloso do pai diminuiu o prazer que Call sentiu ao vê-lo.

O pai colocou os óculos no lugar.

— Você parece bem.

Call olhou para as próprias roupas.

— Sim. Estou bem. Aqui não é tão ruim assim. Quero dizer, pode ser entediante às vezes... e assustador outras vezes, mas estou aprendendo coisas. Não sou um mago tão ruim. Quero dizer, até agora.

— Nunca pensei que você não tivesse habilidade, Call. — O pai se levantou e pareceu se mover na direção de onde Call se encontrava. Sua expressão era estranha, como se ele estivesse se

preparando para uma tarefa difícil. — Onde você está? Alguém sabe que está falando comigo?

Call balançou a cabeça.

— Estou na sala do Mestre Rufus. Eu estou, hã, pegando emprestado sua miniatura de tornado.

— Seu o quê? — As sobrancelhas do pai de Call franziram, mostrando sua confusão, e então ele suspirou. — Deixe pra lá... Fico feliz de ter a oportunidade de lembrá-lo do que é importante. Os magos não são o que parecem. A magia que eles estão ensinando é perigosa. Quanto mais você aprender sobre esse mundo mágico, mais será atraído para ele... atraído para seus conflitos antigos e tentações perigosas. Mesmo que esteja achando divertido... — O pai de Call disse a palavra *divertido* como se fosse venenosa. — Mesmo que esteja fazendo amigos, não se esqueça de que essa vida não é para você. Precisa sair daí assim que puder.

— Está me dizendo para fugir?

— Seria o melhor para todos — disse Alastair com toda sinceridade.

— Mas e se eu decidir que quero ficar aqui? — perguntou Call. — E se eu decidir que estou feliz no Magisterium? Você ainda vai me deixar voltar para casa de vez em quando?

Fez-se silêncio. A pergunta pairava no ar entre eles. Mesmo que se tornasse um mago, ainda queria ser filho de Alastair também.

— Eu não... eu... — O pai respirou fundo.

— Sei que você odeia o Magisterium porque mamãe morreu no Massacre Gelado. — Call falava rapidamente, querendo proferir as palavras antes que sua coragem fraquejasse.

— *O quê?* — Os olhos de Alastair se arregalaram. Ele parecia furioso... e apavorado.

— E eu entendo por que você nunca me falou sobre isso. Não estou com raiva. Mas aquilo foi uma guerra. Eles estão em um período de trégua agora. Nada vai acontecer comigo aqui no...

— Call! — berrou Alastair. Seu rosto estava pálido. — Você não pode, em hipótese alguma, ficar na escola. Você não entende... é perigoso demais. Call, precisa me escutar. Você não sabe o que você é.

— Eu... — Call foi interrompido pelo barulho de algo quebrando atrás dele. Girou o corpo e viu que o lagarto conseguira, de alguma forma, derrubar sua gaiola da borda da bancada de trabalho e estava caído de lado no chão, coberto por um monte de papéis e os restos de um dos modelos de Rufus. Dentro da gaiola, o elemental murmurava palavras estranhas como *Splerg!* e *Gelferfren!*

Call voltou ao tornado, mas era tarde demais. Sua concentração tinha sido quebrada. O pai havia desaparecido, suas últimas palavras pairando no ar.

Não sabe o que você é.

— Seu lagarto estúpido! — gritou Call, chutando uma perna da bancada de trabalho. Mais papéis caíram no chão.

O elemental ficou quieto. Call deixou-se cair na cadeira de Rufus, apoiando a cabeça entre as mãos. O que seu pai ia dizer? O que aquelas palavras significavam?

Call, você precisa me escutar. Não sabe o que você é.

Um arrepio desceu pela espinha de Call.

— Me deixe sair — repetiu o lagarto.

— Não! — gritou Call, feliz por ter um alvo para sua raiva. — Não, não vou deixar você sair, então pare de pedir!

De sua gaiola, o lagarto observou, com olhar intenso, Call se ajoelhar e começar a recolher papéis e engrenagens do modelo. Estendendo a mão para um envelope, os dedos de Call se fecharam em um pequeno pacote que também devia ter caído da mesa. Ele o puxou em sua direção, quando notou a inconfundível letra fina e angulosa do pai mais uma vez. Estava endereçado a William Rufus.

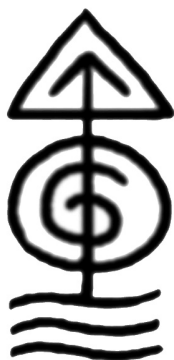
Ah, Call pensou. *Uma carta do papai. Isso não pode ser bom.*

Deveria abrir? A última coisa de que ele precisava era seu pai dizendo coisas malucas para Mestre Rufus e implorando que Call fosse mandado para casa. Além disso, Call já estava enrascado mesmo por bisbilhotar, então talvez a encrenca não fosse muito maior por abrir correspondência.

Ele cortou a fita com a ponta irregular de uma engrenagem e desdobrou um bilhete muito parecido com o que recebera. Dizia:

Rufus,

Se algum dia você confiou em mim, se teve alguma lealdade a mim pelo tempo que fui seu aluno e pela tragédia que compartilhamos, precisa interditar a magia de Callum antes do fim do ano.

Alastair

CAPÍTULO DOZE

Por um longo momento, Call ficou com tanta raiva que sentiu vontade de quebrar alguma coisa, e, ao mesmo tempo, seus olhos ardiam como se estivesse prestes a chorar.

Tentando dominar sua fúria, Call puxou o objeto que estava dentro do pacote, debaixo da carta do pai. Era a pulseira de um aluno mais velho, do Ano de Prata, ornada com cinco pedras — uma vermelha, uma verde, uma azul, uma branca e uma preta como as piscinas de água escura que percorriam as cavernas. Call ficou olhando a pulseira. Seria de seu pai, do tempo em que ele estudou no Magisterium? Por que Alastair a enviaria para Rufus?

Uma coisa é certa, pensou Call. *Mestre Rufus nunca vai receber esta carta*. Ele enfiou a carta e o envelope no bolso e colocou a pulseira no braço. Como era grande demais para ele, empurrou-a mais para cima no braço, acima do seu punho, e puxou a manga da camisa sobre ela.

— Você está roubando — disse o lagarto.

As chamas, azuis com lampejos de verde e amarelo, ainda queimavam em seu dorso, criando sombras que dançavam pelas paredes.

Call parou bruscamente.

— E daí?

— Me deixe sair — disse o lagarto. — Senão, vou contar que você roubou as coisas de Mestre Rufus.

Call gemeu. Onde estava com a cabeça? O elemental não só sabia que ele tinha aberto o pacote, mas também o que dissera ao pai. Ele ouvira o aviso enigmático que o pai lhe dera. Call não podia permitir que ele repetisse aquelas coisas para Mestre Rufus.

Ele se ajoelhou e ergueu a gaiola pela alça de ferro na parte de cima, colocando-a de volta na bancada de trabalho de Rufus. Examinou o lagarto mais de perto.

Seu corpo era mais comprido do que uma das botas de seu pai. Lembrava uma versão em miniatura de um dragão-de-komodo — tinha até mesmo uma barba de escamas e sobrancelhas —, sim,

definitivamente tinha sobrancelhas. Seus olhos eram grandes e vermelhos, brilhando constantemente como brasas numa fogueira. A gaiola tinha um leve cheiro de enxofre.

— Roubando — disse o lagarto. — Você está roubando, furtando, e seu pai quer que você fuja.

Call não sabia o que fazer. Se deixasse o elemental sair da gaiola, a criatura ainda poderia contar a Mestre Rufus o que vira. Não podia correr o risco de ser descoberto. Não queria ter sua magia interditada. Não queria decepcionar Aaron e Tamara, logo agora que começavam a ser amigos.

— Isso mesmo — disse Call. — E adivinha o que mais vou roubar? *Você*.

Correndo um último olhar pela sala, Call saiu, levando a gaiola do lagarto. O elemental corria de um lado para outro lá dentro, fazendo a gaiola chacoalhar. Call não se importava.

Ele andou até a água, na esperança de que outro barco tivesse flutuado até ali. Não havia nada além do rio subterrâneo se chocando contra uma praia de pedras. Call se perguntou se conseguiria nadar de volta, mas a água estava gelada e a correnteza levava na direção errada, e ele nunca fora um bom nadador. Além disso, tinha de pensar no lagarto, e duvidava de que a gaiola flutuasse.

— As correntezas do Magisterium são escuras e estranhas — disse o elemental, os olhos vermelhos brilhando na escuridão.

Call inclinou a cabeça, estudando a criatura.

— Você tem nome?

— Só o nome que você me der — respondeu o lagarto.

— Cabeça de Pedra? — sugeriu Call, olhando para as pedras de cristal na cabeça do lagarto.

Uma pequena nuvem de fumaça saiu dos ouvidos do lagarto. Ele parecia irritado.

— Você disse que eu devia lhe dar um nome — lembrou Call, agachando na margem com um suspiro.

O lagarto espremeu a cabeça entre as barras. Sua língua projetou-se para fora, envolveu um peixe minúsculo e o puxou para a boca. Então mastigou ruidosamente, com satisfação perturbadora.

Isso aconteceu tão rápido que Call deu um pulo, quase derrubando a gaiola. Aquela língua era assustadora.

— Labareda? — sugeriu ele, em pé, fingindo que não estava apavorado. — Cara de Peixe?

O lagarto o ignorou.

— Warren? — sugeriu Call. Era o nome de um dos caras que às vezes jogavam pôquer com o pai nas noites de domingo.

O lagarto assentiu, satisfeito.

— Warren — disse ele — Estamos por aí, debaixo da terra, onde as criaturas vivem, se esgueiram, espreitam e se escondem!

— Hã, ótimo — disse Call, apavorado.

— Existem outros caminhos além do rio. Você não sabe o caminho de volta para o seu ninho, mas eu sei.

Call fitou o elemental, que o espiava através das barras de pedra da gaiola.

— Um atalho de volta para o meu quarto?

— Para qualquer lugar. Todos os lugares! Ninguém conhece o Magisterium melhor que Warren. Mas você me deixa sair da gaiola. Você concorda em me tirar daqui.

Até que ponto Call confiava em um lagarto esquisito que não era um lagarto de verdade?

Talvez, se *bebesse* um pouco da água — que era nojenta, cheia de peixes cegos, enxofre e minerais estranhos —, talvez ele se saísse melhor com a magia. Como acontecera com a areia. Como ele não deveria fazer. Talvez pudesse inverter a correnteza e trazer o barco até ele.

Ah, claro. Ele não tinha a menor ideia de como fazer aquilo.

Call, precisa me escutar. Você não sabe o que você é.

Aparentemente, ele não sabia um monte de coisas.

— Tudo bem — concordou Call. — Se você me levar de volta ao meu quarto, deixo você sair da gaiola.

— Me deixe sair agora — pediu o elemental, tentando um tom convincente. — Poderíamos ir mais rápido.

— Bela tentativa. — Call bufou. — Para que lado?

O pequeno lagarto o orientou, e ele se pôs a caminho, as roupas ainda molhadas e frias coladas à pele.

Eles passaram por lençóis de rocha que pareciam se fundir um no outro, colunas e cortinas de calcário, caindo como tecido drapeado. Passaram por um córrego de lama borbulhante, serpenteando entre os pés de Call. Warren insistiu para que seguissem em frente, a chama azul em seu dorso transformando a gaiola em uma lanterna.

A certa altura, o corredor ficou tão estreito que Call teve de se virar de lado e se espremer entre os lençóis de rocha. Finalmente, ele irrompeu do outro lado como a rolha lançada de uma garrafa, um grande rasgo na camisa, que ficara presa na ponta de uma pedra.

— Shhh — sussurrou Warren, agachando-se à frente dele. — Silêncio, pequeno mago.

Call estava parado no canto escuro de uma enorme caverna cheia de ecos de vozes. A caverna era quase circular, o teto de pedra formando uma imensa abóbada. As paredes eram decoradas com formações de pedras preciosas que ilustravam vários símbolos estranhos, possivelmente alquímicos. No centro, havia uma mesa de pedra retangular com um candelabro que se projetava dela, cada uma das doze velas derramando grossas lágrimas de cera. As grandes cadeiras de espaldar alto ao redor da mesa acomodavam Mestres que pareciam eles próprios formações de rocha.

Call espremeu-se mais contra a parede nas sombras, temendo ser visto, pressionando a gaiola atrás de si para escondê-la da luz.

— O jovem Jasper mostrou coragem ao atirar-se na frente dos dragonetes — disse Mestre Lemuel, olhando de relance para Mestra Milagros, a diversão evidente em seu rosto. — Mesmo que não tenha tido sucesso.

A raiva correu pelas veias de Call. Ele, Tamara e Aaron tinha trabalhado duro para se saírem bem naquele teste e eles estavam falando de *Jasper*?

— A bravura só tem utilidade até certo ponto — disse Mestre Tanaka, o Mestre alto e magro que ensinava Peter e Kai. — Os alunos que voltaram da nossa mais recente missão tinham muita bravura, e apesar disso aqueles foram alguns dos piores ferimentos que vi desde a guerra. Por pouco, não voltam vivos. Nem mesmo os alunos do quinto ano estavam preparados para elementais trabalhando juntos daquele jeito...

— O Inimigo está por trás disso — interrompeu Mestre Rockmaple, passando a mão pela barba avermelhada.

A imagem dos alunos feridos, ensanguentados e queimados, chegando pelo portão, se fixara na memória de Call, e ele ficou satisfeito em saber que não era daquele jeito que os alunos retornavam de uma típica missão.

— O Inimigo está rompendo a trégua de formas que ele acredita que não seremos capazes de ligar a ele. Está se preparando para voltar à guerra. Aposto. Enquanto nos iludimos pensando que ele está em seu santuário distante, trabalhando em seus horríveis experimentos, está, na verdade, forjando armas maiores e mais devastadoras, sem falar nas alianças.

Mestre Lemuel bufou.

— Não temos prova disso. Poderia ser simplesmente uma mudança entre os elementais.

Mestre Rockmaple girou o corpo, virando-se para ele.

— Como pode confiar no Inimigo? Qualquer um que não esquive de instilar o vazio dentro de animais e até de crianças, que massacrou os mais vulneráveis entre nós, é capaz de qualquer coisa.

— Não estou dizendo que confio nele! Só não quero entrar em pânico prematuramente achando que a trégua foi interrompida. Imaginem se *nós* a interrompermos por causa dos nossos medos e, com isso, incitarmos uma nova guerra, ainda pior do que a última.

— Tudo seria diferente se tivéssemos um Makar do nosso lado. — Mestra Milagros prendeu a mecha de cabelo cor-de-rosa atrás da orelha nervosamente. — Este ano os alunos iniciantes tiveram notas excepcionais no Desafio. Será possível que nosso Makar esteja entre eles? Rufus, você teve experiência no assunto.

— É muito cedo para afirmar qualquer coisa — disse Rufus. — O próprio Constantine só começou a mostrar sinais de afinidade com a magia do caos aos 14 anos.

— Talvez você apenas tenha se recusado a procurar esses sinais na época, assim como se recusa a fazê-lo agora — argumentou Mestre Lemuel, em tom provocativo.

Rufus balançou a cabeça. Seus traços pareciam brutos sob a luz bruxuleante.

— Não importa — disse ele. — Precisamos de um plano diferente. A Assembleia precisa de um plano diferente. É um fardo pesado demais para se colocar nos ombros de qualquer criança. Devemos nos lembrar da tragédia de Verity Torres.

— Concordo, é necessário um plano — disse Mestre Rockmaple. — Qualquer que seja o estratagema do Inimigo, não podemos simplesmente enterrar a cabeça na areia e agir como se ele fosse sumir. Mas também não podemos esperar para sempre alguma coisa que pode nunca acontecer.

— Chega de bate-boca — interrompeu Mestre North. — Mestra Milagros dizia mais cedo que descobriu um possível erro no terceiro algoritmo para incorporar ar ao metal. Pensei em discutirmos a anomalia.

Anomalia? Considerando que não fazia sentido se arriscar a ser descoberto para ouvir algo que ele não ia mesmo entender, Call retornou ao espaço entre as rochas e se contorceu até sair do outro lado, com a mente cheia com as palavras do pai. O que ele dissera mesmo? *Quanto mais você aprender sobre esse mundo mágico, mais será atraído para ele... atraído para seus conflitos antigos e tentações perigosas.*

A guerra com o Inimigo tinha de ser o conflito de que falava o pai de Call.

Warren enfiou o nariz escamoso entre as barras, a língua se agitando no ar.

— Vamos por um novo caminho. Caminho melhor. Menos Mestres. Mais seguro.

Call resmungou e seguiu as instruções de Warren. Estava começando a se perguntar se Warren sabia mesmo aonde estavam indo, ou se apenas guiava Call mais para o fundo das cavernas. Talvez ele e Warren passassem o resto de suas vidas vagando pelo emaranhado de cavernas. Eles se tornariam uma lenda para os novos aprendizes, que falariam sobre o aluno perdido e seu lagarto das cavernas engaiolado, em voz baixa e cheia de pavor.

Warren apontou e Call escalou a lateral de uma pilha de pedras, espalhando lascas no ar.

Os corredores agora eram maiores, com zigue-zagues de desenhos faiscantes que provocavam a mente de Call, como se

pudessem ser lidos se ao menos ele soubesse como. Passaram através de uma caverna cheia de plantas subterrâneas esquisitas: grandes samambaias com pontas vermelhas em piscinas imóveis de água cintilante, longas frondes de líquens descendo do teto e roçando os ombros de Call. Ele olhou para cima e pensou ver um par de olhos faiscantes desaparecendo nas sombras. Ele parou.

— Warren...

— Aqui, aqui — insistiu o lagarto, vibrando a língua na direção de um portal em arco na outra extremidade da câmara. Alguém tinha gravado palavras na parte mais alta:

Pensamentos são livres e não são sujeitos a regras.

Além do arco, uma luz diferente tremulava. Call seguiu naquela direção, vencido pela curiosidade. A luz emitia um brilho dourado, como o do fogo, embora, ao passar pela porta, não estivesse mais quente do que do outro lado. Call se viu em outro amplo espaço, uma caverna que descia em espiral por um caminho íngreme e sinuoso. Ao longo das paredes havia prateleiras com milhares e milhares de livros, a maioria com páginas amareladas e encadernações antigas. Call foi para o centro do recinto, onde a ladeira começava, e olhou pela borda. Havia vários níveis, todos iluminados com a mesma luz dourada e dotados de mais prateleiras.

Call tinha encontrado a biblioteca.

E havia outras pessoas ali também. Podia ouvir os ecos de uma conversa sussurrada. Mais Mestres? Não. Dando uma olhada, ele viu Jasper três níveis abaixo, com seu uniforme cinza. Celia de pé na frente do garoto. Devia ser muito, muito tarde, e Call não fazia ideia da razão de eles estarem fora de seus quartos.

Jasper tinha um livro aberto sobre uma mesa de pedra, a mão estendida diante dele. Abria os dedos repetidamente, cerrando os dentes e apertando os olhos, até Call começar a se preocupar com a possibilidade de ele explodir a própria cabeça, tentando forçar a magia. Diversas vezes uma centelha ou uma lufada de fumaça surgia entre seus dedos, e nada mais. Jasper parecia prestes a gritar de decepção e frustração.

Celia andava para lá e para cá do outro lado da mesa.

— Você prometeu que, se eu o ajudasse, você me ajudaria, mas são quase duas horas da manhã e você não me ajudou em *nada*.

— Ainda estamos em *mim*! — gritou Jasper.

— Tudo bem — disse Celia pacientemente, sentando-se em um banco de pedra. — Tente outra vez.

— Tenho de acertar isto — disse Jasper em voz baixa. — Eu preciso. Sou o melhor. Sou o *melhor* mago do Ano de Ferro no Magisterium. Melhor que Tamara. Melhor que Aaron. Melhor que Callum. Melhor que todo mundo.

Call não tinha certeza se pertencia àquela lista de pessoas que Jasper evidentemente achava que não eram melhores do que ele, mas ficou lisonjeado. Também se sentiu um pouco desapontado por Celia estar ali com o garoto.

Warren se remexeu na gaiola. Call se virou para ver o que estava acontecendo.

O lagarto fitava uma ilustração emoldurada de um homem de imensos olhos vermelho-alaranjados, espiralados, ampliados e representados em diagrama em um lado do corpo. *Dominado pelo Caos,* pensou Call. Ele estremeceu diante da visão — sentiu algo mais, algo que não conseguia identificar, como se o interior de sua cabeça estivesse coçando ou se estivesse com fome ou sede.

— Quem está aí? — perguntou Jasper, olhando para cima. Levantou a mão, defensivamente, protegendo parte do rosto.

Sentindo-se um tolo, Call acenou.

— Sou eu. Eu... me perdi... e vi luz vindo daqui, então eu...

— Call? — Jasper se afastou do livro, agitando as mãos. — Você estava me espionando! — gritou. — Você me seguiu até aqui?

— Não, eu...

— Você vai dedurar a gente? É essa a ideia? Você vai me ferrar para eu não me dar melhor que vocês no próximo teste? — perguntou Jasper com desdém, apesar de estar evidentemente abalado.

— Se a gente quiser se dar melhor que você no próximo teste, tudo que a gente precisa fazer é esperar o próximo teste — respondeu Call, incapaz de resistir.

Jasper parecia prestes a explodir.

— Vou contar a todo mundo que você estava andando às escondidas por aí à noite!

— Tudo bem — disse Call. — Vou contar a todo mundo a mesma coisa sobre você.

— Você não teria coragem — disse Jasper, agarrando a borda da mesa.

— Não teria, não é, Call? — perguntou Celia.

Subitamente, Call não queria mais estar ali. Não queria estar brigando com Jasper nem ameaçando Celia, perambulando no escuro ou se escondendo em um canto enquanto os Mestres falavam de coisas que faziam os pelos de sua nuca arrepiar. Queria estar na cama, pensando na conversa com o pai, tentando descobrir o que Alastair quisera dizer e se havia alguma maneira de aquilo não ser tão ruim quanto parecia. Além disso, queria vasculhar o fundo de sua caixa em busca das últimas jujubas.

— Olhe, Jasper — disse ele —, não peguei seu lugar de propósito. A esta altura, você devia ao menos ser capaz de ver que eu realmente, de verdade, não queria seu lugar.

Jasper baixou a mão. Seu cabelo estava crescendo, perdendo o corte sofisticado, as mechas escuras caindo sobre os olhos.

— Será que você não entende? Isso piora tudo.

Call olhou espantado para ele.

— O quê?

— Você não sabe — disse Jasper, cerrando os punhos. — Não sabe de nada. Minha família perdeu tudo na Segunda Guerra dos Magos. Dinheiro, reputação, tudo.

— Jasper, pare! — Celia fez um movimento na direção dele, nitidamente tentando interromper aquele discurso dramático. Não funcionou.

— E se eu conseguir ter sucesso — disse Jasper —, se eu for *o melhor*, tudo isso poderia mudar. Mas, para você, estar aqui não significa *nada*.

Ele bateu com a mão na mesa. Para a surpresa de Call, faíscas voaram dos dedos de Jasper, que puxou a mão de volta, olhando-a fixamente.

— Acho que você conseguiu — disse Call. Sua voz soava estranha, suave depois de toda a gritaria de Jasper. Por um

segundo, os dois meninos se olharam. Então Jasper se virou e Call, meio sem jeito, dirigiu-se para a porta da biblioteca.

— Sinto muito, Call! — gritou Celia. — Jasper estará menos doido pela manhã.

Call não respondeu. Não era justo, pensou; Aaron, que não tinha família, Tamara, com sua família assustadora, e agora Jasper. Em breve não sobraria ninguém para ele odiar sem se sentir mal por isso.

Ele pegou a gaiola e seguiu para a passagem mais próxima.

— Sem mais desvios — disse ao lagarto.

— Warren conhece o melhor caminho. Às vezes o melhor caminho não é o mais rápido.

— Warren não devia falar sobre si mesmo na terceira pessoa — disse Call, mas deixou que o elemental o guiasse pelo restante do caminho até o seu quarto. Quando Call levantou a pulseira para abrir a porta, o lagarto falou:

— Me deixe sair — disse ele.

Call parou.

— Você prometeu. Me deixe sair. — O lagarto olhou para ele, implorando com seu olhar intenso.

Call pousou a gaiola no chão de pedra diante da sua porta e se ajoelhou ao seu lado. Quando levava a mão ao trinco, ele se deu conta de que não tinha feito a única pergunta que deveria ter feito desde o início.

— Hã... Warren, *por que* Mestre Rufus mantinha você em uma gaiola na própria sala?

As sobrancelhas do elemental se ergueram.

— Trapaceiro — respondeu ele.

Call balançou a cabeça, sem saber de qual dos dois Warren falava.

— O que isso significa?

— Me deixe sair — insistiu o lagarto, sua voz rouca soando mais como um silvo. — Você prometeu.

Com um suspiro, Call abriu a gaiola. O lagarto subiu correndo pela parede para uma reentrância cheia de teias de aranha no teto. Call mal podia enxergar o fogo em seu dorso. Call pegou a gaiola e

a guardou atrás de um grupo de estalagmites, esperando poder se livrar de vez dela na manhã seguinte.

— Ok, bem, boa noite — disse Call antes de entrar. Quando a porta se abriu, o elemental entrou correndo na frente dele.

Call tentou enxotá-lo para fora de novo, mas Warren o seguiu até o quarto e se enroscou em uma das pedras brilhantes na parede, tornando-se quase invisível.

— Vai passar a noite aqui? — perguntou Call.

O lagarto permaneceu imóvel como uma rocha, os olhos vermelhos semicerrados, a língua aparecendo ligeiramente na lateral da boca.

Call estava exausto demais para se preocupar se ter um elemental, mesmo um adormecido, por perto era seguro. Empurrando a caixa e todas as coisas que seu pai tinha mandado para o chão, ele se enroscou na cama, uma das mãos fechada sobre a pulseira de Alastair, os dedos percorrendo as pedras lisas enquanto ele mergulhava em um sono pesado. Seu último pensamento antes de apagar foi sobre os olhos brilhantes e espiralados do Dominado pelo Caos.

CAPÍTULO TREZE

Call acordou no dia seguinte com medo de que Mestre Rufus dissesse alguma coisa sobre os papéis espalhados, o modelo quebrado e o envelope desaparecido da sua sala... e com mais medo ainda de que falasse sobre o elemental desaparecido. Ele se arrastou até o Refeitório, mas, ao chegar, entreouviu uma discussão acalorada entre Mestre Rufus e Mestra Milagros.

— Pela última vez, Rufus — dizia ela em um tom muito ofendido —, *eu não estou com seu lagarto!*

Call não sabia se sentia culpado ou se ria.

Depois do café da manhã, Rufus os levou até o rio, onde os instruiu a praticar: pegar a água, atirá-la no ar e apanhá-la sem se molhar. Logo Call, Tamara e Aaron estavam sem fôlego, rindo e ensopados. Quando o dia terminou, Call se sentia exausto — tanto que o que tinha acontecido na véspera parecia distante e irreal. Ele voltou para o quarto, querendo pensar e tentar entender a carta do pai e a pulseira, mas se distraiu com o fato de Warren ter comido um de seus cadarços, sugando-o como se fosse espaguete.

— Lagarto burro — murmurou, escondendo a braçadeira que ele havia usado no exercício do dragonete e a carta amassada do pai na última gaveta de sua mesa e fechando-a com um empurrão para que o elemental não as comesse também.

Warren não disse nada. Seus olhos tinham adquirido uma cor acinzentada. Call suspeitou que o cadarço não estivesse lhe fazendo bem.

A maior distração a tentar entender o que seu pai tinha querido dizer acabou sendo, para surpresa de Call, as aulas. Não havia mais Sala de Areia e Tédio; em seu lugar, uma lista de novos exercícios que fizeram as semanas seguintes passar rapidamente. O treinamento ainda era duro e frustrante, mas, à medida que Mestre Rufus revelava mais sobre o mundo da magia, Call se via cada vez mais fascinado.

Mestre Rufus ensinou-os a sentir sua afinidade com os elementos e a entender melhor o significado por trás do que ele

chamava de poema, o qual, junto do restante dos Cinco Princípios da Magia, Call podia agora recitar dormindo.

O fogo quer queimar.
A água quer correr.
O ar quer levitar.
A terra quer unir.
O caos quer devorar.

Eles aprenderam a acender pequenas chamas e a fazê-las dançar na palma das mãos. Aprenderam a criar ondas nas piscinas da caverna e a chamar os peixes claros (embora não a operar os barcos, o que continuava a irritar Call sem-fim). Eles até começaram a aprender a atividade preferida de Call: levitar.

— Foco e treino — disse Mestre Rufus, levando-os a uma sala coberta com colchonetes estofados com musgo e folhas de pinheiro colhidas nas proximidades do Magisterium.

— Não existem atalhos, magos. Apenas foco e treino. Então comecem!

Eles se revezaram, tentando puxar a energia do ar ao redor e usá-la para impulsioná-los para cima a partir da sola dos pés. Era muito mais difícil se equilibrar do que Call tinha imaginado. Diversas vezes eles caíram rindo nos colchonetes, um por cima do outro. Aaron terminou com uma das tranças de Tamara na boca, e Call, com o pé da menina no pescoço.

Finalmente, quase no fim da aula, Call conseguiu pairar no ar, trinta centímetros acima do chão, sem oscilar. Não havia gravidade puxando sua perna, nada que pudesse impedi-lo de se elevar de lado pelo ar, exceto sua falta de prática. Sonhos do dia em que poderia voar pelos corredores do Magisterium, muito mais rápido do que algum dia poderia correr, explodiram em sua mente. Seria como fazer manobras no skate, só que melhor, mais rápido, mais alto e com acrobacias ainda mais loucas.

Então Tamara lhe fez uma careta, e ele perdeu a concentração, caindo pesadamente sobre o colchonete. Ficou deitado ali por um segundo, só respirando.

Durante aqueles momentos em que pairara no ar, sua perna não doera nem um pouco.

Nem Tamara nem Aaron tinham conseguido levitar antes do fim da aula, mas Mestre Rufus aparentava estar se divertindo com a falta de progresso dos pupilos. Diversas vezes ele afirmou que era a coisa mais engraçada que via em muito tempo.

Mestre Rufus garantiu aos três que, até o fim do ano, eles seriam capazes de invocar uma explosão de cada elemento, caminhar através do fogo e respirar debaixo da água. Em seu Ano de Prata, eles seriam capazes de convocar os poderes menos evidentes dos elementos — transformar ar em ilusões, fogo em profecias, terra em ligação e água em cura. A ideia de ser capaz de fazer essas coisas empolgava Call, mas, sempre que pensava no fim do ano, ele se lembrava das palavras do pai na carta para Rufus.

Você precisa interditar a magia de Callum antes do fim do ano.

Magia da terra. Se ele chegasse ao Ano de Prata, talvez aprendesse o que ligar coisas acarretava.

Em uma das palestras de sexta-feira, Mestre Lemuel falou mais sobre contrapesos, advertindo que, se eles usassem suas forças além do normal e sentissem que estavam sendo atraídos por um elemento, deviam recorrer ao oposto deste, assim como tinham recorrido à terra quando lutavam contra um elemental do ar.

Call perguntou como eles poderiam recorrer à *alma*, uma vez que ela era o contrapeso do caos. Mestre Lemuel respondeu bruscamente que, se Call estivesse combatendo um mago do caos, não importaria a que ele recorresse, porque iria morrer de qualquer forma. Drew dirigiu-lhe um olhar compreensivo.

— Tudo bem — disse ele, baixinho.

— Pare com isso, Andrew — disse Mestre Lemuel com voz gélida. — Sabe, houve um tempo em que os aprendizes que não demonstravam respeito por seus Mestres eram açoitados.

— Lemuel — disse Mestra Milagros com ansiedade, percebendo os olhares horrorizados no rosto dos seus alunos —, eu não acho...

— Infelizmente, isso foi séculos atrás — disse Mestre Lemuel. — Mas posso lhe assegurar, Andrew, que, se continuar a cochichar pelas minhas costas, vai se arrepender de ter ingressando no

Magisterium. — Seus lábios finos se curvaram em um sorriso. — Agora venha até aqui e demonstre como você recorre à água quando está usando o fogo. Gwenda, poderia ajudá-lo com o contrapeso, por favor?

Gwenda caminhou até a frente; depois de hesitar, Drew foi até ela, arrastando os pés, os ombros caídos. Ele aguentou firme vinte minutos de provocações impiedosas de Lemuel quando não conseguiu extinguir a chama em sua mão, embora Gwenda estivesse segurando uma tigela de água para ele, com tanto entusiasmo e esperança que parte derramou nos tênis do menino.

— Vamos, Drew! — sussurrava ela até que, a certa altura, Mestre Lemuel mandou que se calasse.

Isso fez com que Call apreciasse mais Mestre Rufus, até mesmo quando ele deu uma palestra sobre os deveres dos magos, a maioria dos quais parecia realmente óbvia, como manter a magia em segredo, não usar magia para ganhos pessoais ou fins maléficos e compartilhar todo o conhecimento colhido no estudo da magia com o restante da comunidade dos magos. Aparentemente, os magos que chegavam a Mestres no estudo dos elementos eram obrigados a aceitar aprendizes como parte de "compartilhar todo o conhecimento" — o que significava que havia diferentes Mestres no Magisterium em épocas diferentes, embora aqueles que encontravam sua vocação como professores ficassem ali em caráter permanente.

Ser forçado a aceitar aprendizes explicava muita coisa sobre Mestre Lemuel.

Call estava mais interessado na segunda palestra de Mestre Rockmaple sobre os elementais. Em sua maioria, como ele descobriu, não eram criaturas dotadas de consciência. Alguns mantinham a mesma forma durante séculos, enquanto outros se alimentavam de magia para se tornar maiores e perigosos. Sabia-se até que alguns poucos haviam absorvido magos. Depois de escutar isso, pensar em Warren fez Call tremer. O que exatamente ele soltara no Magisterium? O que exatamente estava dormindo acima de sua cama e comendo seus cadarços?

Call também aprendeu mais sobre a Terceira Guerra dos Magos, mas nada disso o ajudou a entender por que o pai queria que sua

magia fosse interditada.
Tamara ria mais à medida que o tempo passava, muitas vezes com uma expressão de culpa, ao passo que, estranhamente, Aaron se tornava mais sério enquanto os três se adaptavam cada vez mais ao Magisterium. Call se deu conta de que havia aprendido a andar pelas cavernas, e de que não tinha mais medo de se perder a caminho da biblioteca, das salas de aula ou até da Galeria. Nem achava mais esquisito comer cogumelos e pilhas de líquen que tinham um gosto delicioso de frango assado, espaguete ou macarrão chinês.
Ele e Jasper ainda mantinham distância, mas Celia continuou a ser sua amiga, agindo como se nada de estranho houvesse acontecido naquela noite.
Call começou a temer o fim do ano, quando seu pai ia querer que ele voltasse para casa em definitivo. Pela primeira vez na vida, tinha amigos de verdade, amigos que não achavam que ele era esquisito demais ou problemático por causa da perna. E ele tinha magia. Não queria abrir mão de nada disso, apesar de ter prometido.
Era difícil acompanhar a passagem das estações no subterrâneo. Às vezes, Mestre Rufus e os outros Mestres os levavam ao exterior para fazer vários exercícios com a terra. Era sempre legal ver no que os outros alunos se aperfeiçoavam. Quando Rufus lhes mostrou como misturar a magia elemental para fazer as plantas crescerem, Kai Hale fez uma única muda brotar e crescer tanto que, no dia seguinte, Mestre Rockmaple teve de sair com um machado e cortá-la. Celia conseguiu convocar animais do subterrâneo (embora, para decepção de Call, nenhuma toupeira). E Tamara parecia incrível no uso do magnetismo da terra para encontrar caminhos quando todos se perdiam.
Quando o mundo lá fora começou a pegar fogo com as cores do outono, as cavernas ficaram mais frias. Grandes tigelas metálicas cheias de pedras quentes ladeavam os corredores, aquecendo o ar, e havia sempre um fogo aceso na Galeria quando eles assistiam a filmes ali.
O frio não incomodava Call. Era como se, de alguma forma, ele estivesse aumentando sua resistência. Tinha certeza de que

crescera pelo menos dois centímetros. E conseguia caminhar distâncias maiores, apesar da perna, provavelmente porque Mestre Rufus gostava de levá-los para caminhar pelas cavernas ou escalar entre as grandes rochas na superfície.

Às vezes, à noite, Call tirava a pulseira da mesinha de cabeceira e lia as duas cartas do pai. Queria poder contar a ele sobre as coisas que andava fazendo, mas nunca o fez.

O inverno já ia adiantado quando Mestre Rufus anunciou que estava na hora de eles começarem a explorar as cavernas sozinhos, sem sua ajuda. Ele já lhes mostrara como encontrar o caminho entre as grutas mais profundas, usando a magia da terra para acender pedras e marcar o caminho de volta.

— O senhor quer que a gente se perca de propósito? — perguntou Call.

— Mais ou menos isso — respondeu Rufus. — O ideal é que vocês sigam minhas instruções, encontrem a sala designada e voltem sem se perder. Mas essa parte depende de vocês.

Tamara bateu palmas e deu um sorriso levemente diabólico.

— Parece divertido.

— *Juntos* — disse-lhe Mestre Rufus. — Nada de sair correndo e deixar aqueles dois tropeçando por lá no escuro.

O sorriso dela se apagou um pouco.

— Ah, ok.

— Podíamos fazer uma aposta — sugeriu Call, pensando em Warren. Se pudesse usar alguns dos atalhos que o lagarto lhe mostrara, poderia encontrar o caminho mais depressa. — Ver quem chega primeiro.

— Vocês ouviram o que eu disse? — perguntou Mestre Rufus. — Eu falei...

— Juntos — completou Aaron. — Vou cuidar para ficarmos juntos.

— Faça isso — disse Mestre Rufus. — Agora, eis sua tarefa. Nas profundezas do segundo nível das cavernas, há um lugar chamado Poço das Borboletas. Ele é alimentado por uma fonte que está na superfície. A água ali é pesada, cheia de minerais que a tornam excelente para forjar armas, como a faca em seu cinto. — Ele fez um gesto indicando Miri, o que levou Call a tocar seu cabo,

constrangido. — Essa lâmina foi forjada aqui, no Magisterium, com água do Poço das Borboletas. Quero que vocês três encontrem o lugar, peguem um pouco de água e voltem para me encontrar aqui.

— Vamos levar um balde? — perguntou Call.

— Acho que você sabe a resposta para essa pergunta, Callum.

Rufus tirou um pergaminho enrolado de seu uniforme e o entregou a Aaron.

— Aqui está o seu mapa. Sigam-no com precisão para chegar ao Poço das Borboletas, mas lembrem-se de acender algumas pedras para marcar o caminho. Não se pode sempre contar com um mapa para trazê-los de volta.

Mestre Rufus se acomodou em uma grande pedra, que suavemente modificou sua forma até se tornar uma poltrona.

— Vocês vão se revezar carregando a água. Se a derramarem, simplesmente vão ter de voltar para buscar mais.

Os três aprendizes se entreolharam.

— Quando começamos? — perguntou Aaron.

Mestre Rufus tirou um livro pesado do bolso e começou a ler.

— Imediatamente.

Aaron abriu o papel sobre uma pedra diante de si, franzindo a testa, e depois olhou para Mestre Rufus.

— Ok — disse ele rapidamente. — Vamos descer e seguir para leste.

Call se aproximou, olhando o mapa por cima do ombro de Aaron.

— Passando pela biblioteca parece ser o caminho mais rápido.

Tamara virou o mapa com um sorriso irônico.

— Agora o norte está realmente apontando para o norte. Isso deve ajudar.

— A biblioteca ainda é o caminho certo — disse Call. — Então, não ajudou tanto assim.

Aaron revirou os olhos e ficou de pé, dobrando o mapa.

— Vamos embora antes que vocês dois peguem bússolas e comecem a medir as distâncias com um barbante.

Eles partiram, primeiro atravessando as partes conhecidas da caverna. Passaram por dentro da biblioteca, descendo por suas espirais, como se estivessem navegando o interior da concha de um

náutilo. O ponto mais profundo levava aos níveis inferiores das cavernas.

O ar ficou mais pesado e frio, e o cheiro de minerais pairava denso no ar. Call sentiu a mudança de imediato. A passagem em que eles se achavam era apertada e estreita, o teto baixo. Aaron, o mais alto dos três, quase precisou se curvar para prosseguir.

Finalmente, a passagem se abriu para uma caverna maior. Tamara tocou uma das paredes, acendendo um cristal e iluminando as raízes. Elas pendiam em cipós assustadores e quase tocavam a superfície do riacho cor de laranja berrante que fumegava com odor de enxofre, enchendo a sala com cheiro de queimado. Cogumelos enormes cresciam ao longo das margens, listrados em tons de verde, turquesa e púrpura anormalmente vivos.

— O que será que acontece se a gente comer um? — pensou Call em voz alta enquanto abriam caminho com cuidado entre as plantas.

— Eu não tentaria descobrir — respondeu Aaron, erguendo a mão.

Na semana anterior, ele aprendera sozinho a fazer uma bola de fogo azul brilhante e estava muito empolgado com isso. Agora ficava o tempo todo fazendo bolas de fogo brilhantes, mesmo quando não precisavam de luz nem coisa parecida. Ele segurou o fogo no alto com uma das mãos e o mapa com a outra.

— Por ali — disse, indicando a passagem que virava para a esquerda. — Pela Sala das Raízes.

— As salas têm nome? — estranhou Tamara, pisando cuidadosamente entre os cogumelos.

— Não, eu é que estou chamando assim. Quero dizer, não vamos esquecer se ela tiver um nome, certo?

Tamara franziu as sobrancelhas, ponderando.

— Acho que sim.

— Melhor que Poço das Borboletas — disse Call. — Afinal, que tipo de nome é esse para um lago que é bom para fazer armas? Devia se chamar Lago Matador. Ou Tanque dos Esfaqueados. Ou Poça Assassina.

— É — disse Tamara secamente. — E nós podemos começar a chamar você de Mestre Óbvio.

A câmara seguinte tinha estalactites grossas, brancas como gigantescos dentes de tubarão, agrupadas como se realmente estivessem presas à mandíbula de algum monstro enterrado ali havia muito tempo. Depois de passarem sob essas projeções assustadoramente afiadas, Call, Aaron e Tamara atravessaram uma abertura estreita e circular. Ali, a rocha era pontilhada de formações cavernosas que pareciam ter sido roídas na pedra, como se estivessem em uma espécie de cupinzeiro gigante. Call se concentrou e um cristal do outro lado da sala começou a brilhar, para que eles não esquecessem que tinham vindo por esse caminho.

— Este lugar está no mapa? — perguntou ele.

Aaron semicerrou os olhos.

— Está! Na verdade, estamos quase chegando. Só falta uma sala para o sul...

Ele desapareceu por um arco escuro, reaparecendo um momento depois, corado com a sensação de triunfo.

— Encontrei!

Tamara e Call se juntaram a ele. Por um momento, ficaram em silêncio. Mesmo depois de ver tantos tipos de câmaras subterrâneas espetaculares, entre as quais a biblioteca e a Galeria, Call sabia que estava diante de algo muito especial. De uma abertura no alto da parede, uma torrente de água jorrava, derramando-se em uma imensa piscina com um brilho azul, como se acesa por dentro. As paredes eram cobertas por líquen verde-vivo, e o contraste entre o verde e o azul dava a Call a sensação de estar dentro de uma imensa bola de gude. O ar cheirava a um condimento desconhecido e tentador.

— Hum… — disse Aaron depois de alguns minutos. — *É* meio esquisito que este lugar se chame Poço das Borboletas.

Tamara foi até a borda.

— Acho que é porque a água é da cor de borboletas.

— Sim, que se chamam justamente borboletas-azuis — completou Call. Seu pai sempre fora um entusiasta das borboletas. Ele tinha uma coleção inteira delas, presas sob um vidro em cima da mesa.

Tamara estendeu a mão. A piscina estremeceu, e uma esfera de água se elevou. Mesmo enquanto se deslocava e ondulava pela superfície, ela mantinha a forma.

— Aí está — disse Tamara, um pouco sem fôlego.

— Excelente — disse Aaron. — Quanto tempo você acha que pode sustentá-la?

— Não sei. — Ela jogou para trás uma trança preta e espessa, tentando não deixar nenhum fio em seu rosto. — Aviso quando a minha concentração começar a ceder.

Aaron assentiu, alisando o mapa contra uma das paredes úmidas.

— Agora só precisamos encontrar o caminho…

Nesse instante, o mapa em suas mãos pegou fogo.

Aaron gritou e tirou os dedos das páginas escurecidas faiscando pelo ar e caindo no chão em uma chuva de cinzas. Tamara gritou, perdendo o foco. A água que ela mantinha suspensa se esparramou sobre seu uniforme e virou uma poça aos seus pés.

Os três se entreolharam com olhos arregalados. Call endireitou os ombros.

— Acho que foi isso que Mestre Rufus quis dizer — observou ele. — Vamos ter de seguir nossas pedras acesas, marcas ou o que for para voltarmos. O mapa só serviu para chegarmos aqui.

— Deve ser fácil — disse Tamara. — Quero dizer, eu só acendi uma pedra, mas vocês acenderam outras, certo?

— Eu acendi uma também — disse Call, olhando, esperançoso, na direção de Aaron.

Aaron não retornou o olhar.

Tamara franziu a testa.

— Ai, tudo bem. Vamos encontrar o caminho de volta. Vocês levam a água.

Dando de ombros, Call foi até o lago e concentrou-se em formar uma bola. Invocou o ar ao redor para movimentar a água e sentiu o empurra-e-puxa dos elementos dentro de si. Ele não era tão bom quanto Tamara, mas conseguiu. Sua bola pingou só um pouco enquanto pairava no ar.

Aaron franziu a testa e apontou.

— Entramos por ali. Por este caminho. Eu acho...

Tamara seguiu Aaron e Call foi atrás, a bola de água girando acima de sua cabeça como se ele tivesse uma nuvem de tempestade particular. A sala seguinte era familiar: o riacho subterrâneo, os cogumelos coloridos. Call andava entre eles com cautela, com medo de que a qualquer momento sua bola de água despencasse diretamente em sua cabeça.

— Vejam — disse Tamara. — Tem pedras acesas ali...

— Acho que aquilo é só bioluminescência — disse Aaron, a preocupação transparecendo em sua voz. Ele deu uma pancadinha nas pedras e virou-se para Tamara dando de ombros. — Não sei.

— Bom, eu sei. Vamos por aqui.

Ela saiu andando com passos determinados. Call a seguiu, esquerda-direita-esquerda, por uma caverna cheia de imensas estalactites em forma de folhas, *não derrube a água*, viraram uma esquina percorrendo uma abertura entre rochas, *mantenha o foco, Call*. Havia pedras afiadas por toda parte, e Call quase deu de cara com uma parede, porque Tamara e Aaron pararam abruptamente. Estavam discutindo.

— Eu disse a você que era só líquen brilhando — protestou Aaron, evidentemente frustrado. Encontravam-se em uma grande câmara, no centro da qual havia uma cisterna de pedra borbulhando suavemente. — Agora estamos perdidos.

— Bem, se você tivesse se lembrado de acender as pedras enquanto a gente andava...

— *Eu* estava lendo o mapa — disse Aaron, exasperado.

De certo modo, pensou Call, era até legal saber que Aaron podia ficar irritado e ser pouco razoável. Então Aaron e Tamara olharam furiosamente para Call, que quase derrubou o globo giratório que vinha equilibrando. Aaron teve de estender a mão para estabilizar a água. O globo pairou no ar entre eles, soltando gotinhas.

— O que foi? — disse Call.

— Bem, *você* tem alguma ideia de onde estamos? — perguntou Tamara.

— Não — admitiu Call, olhando as paredes lisas ao redor. — Mas tem de existir um jeito de encontrar o caminho de volta. Mestre Rufus não mandaria a gente aqui para nos perder e morrermos.

— Isso é muito otimista, vindo de você — disse Tamara.

— Engraçado. — Call fez uma careta para mostrar a ela exatamente o quanto a situação não era engraçada.

— Parem com isso, vocês dois — disse Aaron. — Discutir não vai levar a gente a lugar algum.

— Bem, seguir você vai nos levar a *algum lugar* — disse Call. — E esse *algum lugar* é tão longe quanto se pode chegar de onde precisamos estar.

Aaron balançou a cabeça, decepcionado.

— Por que você tem de ser tão idiota? — perguntou ele a Call.

— Porque você nunca é — respondeu Call, com firmeza. — Tenho de ser idiota por nós dois.

Tamara suspirou e, um instante depois, riu.

— Podemos admitir que somos todos responsáveis? *Todos* nós erramos.

Aaron parecia não querer admitir isso, mas finalmente assentiu.

— É, eu esqueci que não era permitido usar o mapa no caminho de volta.

— Sim — disse Call. — Eu também. Desculpem. Você é boa em encontrar caminhos, não é, Tamara? E aquela história de usar o metal da terra?

— Posso tentar — admitiu Tamara, a voz um pouco desanimada. — Mas isso só vai me dizer para que lado fica o norte, e não como essas passagens se cruzam. Mas em algum momento temos de chegar a um ponto conhecido, certo?

Era assustador pensar em vagar pelos túneis, pensar nos poços de escuridão onde eles poderiam cair, nas piscinas de lama que sugavam e no estranho vapor sufocante que subia delas. Mas Call não tinha um plano melhor.

— Ok — disse ele.

E recomeçaram a andar.

Era exatamente sobre isso que o pai de Call o tinha alertado.

— Sabe do que sinto saudade? — perguntou Aaron enquanto andavam, tomando cuidado ao passar por depósitos minerais que pareciam tapeçarias esfarrapadas. — Pode parecer ridículo, mas estou com saudade de comer fast-food. Tipo o hambúrguer mais gorduroso possível e um monte de batata frita. Até do cheiro sinto falta.

— Sinto saudade de deitar na grama do quintal — disse Call. — E dos video games. Definitivamente sinto falta dos video games.

— Eu tenho saudade de navegar à toa na internet — comentou Tamara, para surpresa de Call. — Não faça essa cara... Eu morava num lugar igual às cidades em que vocês foram criados.

Aaron riu.

— Não igual à minha.

— Quero dizer — continuou ela, assumindo o controle do globo de água giratório azul —, cresci em uma cidade cheia de pessoas que não eram magos. Tinha uma livraria onde os poucos magos se encontravam ou deixavam recados uns para os outros, mas, além disso, era normal.

— Só estou surpreso de seus pais deixarem você entrar na internet — disse Call.

Era uma forma tão comum e simples de passar o tempo. Quando pensava na garota fora do Magisterium, se divertindo, ele a imaginava montando um cavalo de polo, embora ele não soubesse exatamente em que um cavalo de polo era diferente de um cavalo comum.

Tamara sorriu para ele.

— Bem, eles não *deixavam* exatamente...

Call queria saber mais sobre o assunto, mas, quando abriu a boca para perguntar, prendeu a respiração ao ver a impressionante câmara que acabava de surgir à sua frente.

CAPÍTULO CATORZE

A caverna era bem grande, o teto esculpido e abobadado como o de uma catedral. Havia cinco arcos altos, cada qual ladeado por pilastras de mármore e incrustado com um metal diferente: ferro, bronze, cobre, prata ou ouro. As paredes também eram de mármore, marcadas com milhares de impressões de mãos humanas, um nome gravado sobre cada uma.

Uma estátua de bronze de uma menina com cabelos longos e fustigados pelo vento encontrava-se no centro da sala. Seu rosto estava voltado para o alto. A placa ao pé da estátua dizia: *Verity Torres*.

— Que lugar é este? — indagou Aaron.

— É o Hall dos Graduados — respondeu Tamara, girando sobre si mesma, com expressão de assombro. — Quando os aprendizes se tornam magas e magos artífices, eles vêm aqui e pressionam a palma da mão contra a pedra. Todos que já se formaram no Magisterium estão aqui.

— Minha mãe e meu pai — disse Call, caminhando pela sala, procurando o nome deles. Encontrou o do pai, *Alastair Hunt*, no alto da parede, alto demais para Call alcançar. Seu pai deve ter levitado para colocar a mão ali. Um sorriso fez subir o canto da boca de Call ao imaginar o pai, uma versão muito jovem de seu pai, voando, só para mostrar que podia.

Ficou surpreso ao ver que a impressão da mão de sua mãe não estava ao lado da do pai, pois presumiu que eles tinham se apaixonado quando ainda eram estudantes — mas talvez as impressões não funcionassem assim. Levou alguns minutos, até que finalmente a encontrou, em uma parede do outro lado — *Sarah Novak*, impressa na base de uma estalagmite, o nome gravado com uma ponta fina, como se tivesse sido feito com uma arma. Call se agachou e pousou a mão no lugar em que a mão de sua mãe havia estado. As mãos dela tinham o mesmo formato das suas; os dedos dele se encaixavam perfeitamente nos dedos fantasmas de uma

garota morta havia muito tempo. Aos doze anos, suas mãos eram tão grandes quanto as dela tinham sido aos dezessete.

Ele queria sentir alguma coisa ao pousar a mão dentro da de sua mãe, mas não tinha certeza se sentia algo diferente.

— Call — chamou Tamara.

Ela o tocou de leve no ombro. Call olhou para trás, para seus dois amigos. Ambos tinham a mesma expressão preocupada no rosto. Ele sabia o que estavam pensando, sabia que lamentavam por ele. Ele se levantou de repente, desvencilhando-se da mão de Tamara.

— Estou bem — disse ele, pigarreando.

— Vejam isto.

Aaron estava parado no meio da câmara, em frente a um grande arco feito de uma pedra branca que brilhava suavemente. Entalhadas na frente do arco estavam as palavras *Prima Materia*. Aaron passou por baixo do arco, saindo do outro lado com um ar curioso.

— É uma passagem para lugar nenhum.

— *Prima materia* — murmurou Tamara, e seus olhos se arregalaram. — É o Primeiro Portal! Ao fim de cada ano no Magisterium, você passa por um portão. É quando você já aprendeu a controlar sua magia, a usar seus contrapesos corretamente. Depois, você ganha a braçadeira do Ano de Prata.

Aaron empalideceu.

— Quer dizer que eu acabo de passar pelo portão antes da hora? Isso vai me criar problemas?

Tamara encolheu os ombros.

— Acho que não. Não parece ativado.

Todos olharam para o portão, estreitando os olhos. Ele se erguia ali, um arco de pedra em uma sala escura. Call teve de concordar que não parecia exatamente em funcionamento.

— Você viu alguma coisa assim no mapa? — perguntou Call.

Aaron balançou a cabeça.

— Não lembro.

— Então, mesmo tendo encontrado um marco, estamos tão perdidos quanto antes? — Tamara chutou a parede.

Alguma coisa caiu. Uma coisa grande, semelhante a um lagarto, com olhos brilhantes e chamas ao longo do dorso e... sobrancelhas.

— Ah, meu Deus — disse Tamara, os olhos se arregalando.

A bola de água deu um perigoso mergulho na direção do chão enquanto Aaron olhava a criatura, e dessa vez Call teve de estabilizá-la.

— Call! Sempre perdido, Call. Você devia ficar no quarto. Está quente lá — disse Warren.

Tamara e Aaron se viraram para Call, com os olhos disparando pontos de exclamação e de interrogação em sua direção.

— Este é Warren — disse Call. — Ele é, hã, um lagarto que eu conheço.

— É um elemental do fogo! — exclamou Tamara. — O que você está fazendo, criando amizade com um elemental? — Ela olhou fixo para Call.

Call abriu a boca para negar a relação com Warren — afinal, eles não eram *íntimos*! Mas essa não pareceu a melhor maneira de persuadir Warren a ajudá-los — e Call sabia que, àquela altura, eles realmente precisavam da ajuda do lagarto.

— Mestre Rufus não disse que alguns deles estavam interessados, você sabe, em... absorver? — O olhar de Aaron acompanhou o lagarto.

— Bem, ele ainda não me absorveu — retrucou Call. — E ele dormiu no meu quarto. Warren, pode nos ajudar? Estamos perdidos. Perdidos de verdade. Precisamos que você nos leve de volta.

— Atalhos, caminhos escorregadios, Warren conhece todos os lugares escondidos. O que vocês dão em troca do caminho de volta?

O lagarto correu para perto deles, espalhando o cascalho com os pés.

— O que você quer? — perguntou Tamara, vasculhando os bolsos. — Tenho chiclete, um elástico de cabelo e só.

— Eu tenho comida — ofereceu Aaron. — Balas, principalmente. Da Galeria.

— Estou segurando a água — disse Call. — Não posso ver o que tenho nos bolsos. Mas, hã, você pode ficar com meus cadarços.

— Todos! — disse o lagarto, a cabeça balançando para cima e para baixo de empolgação. — Vou ficar com todos quando chegarmos lá, e então meu Mestre vai ficar contente.

— O quê? — Call franziu a testa, na dúvida se tinha entendido direito o que o elemental falou.

— Seu Mestre vai ficar satisfeito quando você voltar — disse o lagarto. — Mestre Rufus. Seu Mestre.

Ele então correu pela parede da caverna, tão rápido que Call ficou ofegante ao acompanhá-lo e manter a bola de água se movendo no ar ao mesmo tempo. Algumas gotas se perderam na correria.

— Venham! — disse ele para Tamara e Aaron, sua perna doendo com o esforço.

Dando de ombros, Aaron o seguiu.

— Bem, eu prometi a ele o meu chiclete — disse Tamara, trotando atrás deles.

Seguiram Warren por uma sala rajada de enxofre, laranja e amarela, e estranhamente lisa em todos os lados. Call teve a sensação de estarem andando pela garganta de um gigante. O chão parecia desagradavelmente úmido por causa do líquen avermelhado, denso e esponjoso. Aaron quase tropeçou, e os pés de Call afundaram no piso, fazendo a bola de água oscilar enquanto ele se reequilibrava. Tamara a estabilizou com um movimento dos dedos enquanto passavam para uma caverna cujas paredes estavam cobertas de formações cristalinas que pareciam pingentes de gelo. Uma enorme massa de cristais pendia do centro do teto, como um lustre, brilhando levemente.

— Não viemos por este caminho — reclamou Aaron, mas Warren não parou, exceto para dar uma mordida em um dos cristais pendentes ao passar por eles.

Ele passou direto por todas as saídas óbvias e seguiu para um buraco pequeno e escuro, que veio a ser um túnel quase sem luz. Tiveram de ficar de quatro e engatinhar, o globo de água oscilando precariamente entre eles. O suor escorria pelas costas de Call por causa da posição desconfortável, sua perna o estava matando, e ele começou a temer que Warren os estivesse levando numa direção completamente errada.

— Warren... — começou ele.

Ele se calou quando a passagem de repente se alargou em uma vasta câmara. Levantou-se devagar, a perna ruim a castigá-lo por forçá-la tanto. Tamara e Aaron o seguiram, pálidos com o esforço de engatinhar e equilibrar a água ao mesmo tempo.

Warren correu para um arco que levava para fora da câmara. Call o seguiu tão rápido quanto a perna permitia.

Ele estava tão distraído pelo esforço que não percebeu quando o ar ficou mais quente, cheirando a queimado. Aaron exclamou:

— Estivemos aqui antes, estou reconhecendo a água!

Só então Call olhou para cima e viu que estavam de volta à sala com o riacho laranja fumegante e os imensos cipós que pendiam como tentáculos.

Tamara suspirou com evidente alívio.

— Isto é ótimo. Agora é só...

Ela se interrompeu e deu um grito quando uma criatura se ergueu do riacho fumegante, fazendo-a cambalear para trás e Aaron soltar um berro. A bola de água que vinha se sustentando entre eles desabou no chão. A água chiou como se tivesse sido jogada em uma frigideira quente.

— Sim — disse Warren. — Exatamente como ele me ordenou. Ele me disse pra trazer vocês de volta, e agora estão aqui.

— Ele disse a você — repetiu Tamara.

Call fitava boquiaberto o imenso ser elevando-se do riacho, que tinha começado a ferver, com grandes bolhas vermelhas e laranja surgindo na superfície com a ferocidade da lava. A criatura era formada por pedras aglomeradas e escuras, como se fosse feita de estilhaços de rocha denteada, mas tinha um rosto humano, o rosto de um homem, as feições aparentemente talhadas no granito. Seus olhos eram meros buracos para a escuridão.

— Saudações, Magos de Ferro — disse a criatura, a voz ecoando como se falasse de uma grande distância. — Vocês estão longe de seu Mestre.

Os aprendizes estavam sem voz. Call podia ouvir a o som áspero da respiração de Tamara no silêncio.

— Vocês não têm nada para me dizer? — A boca de granito da criatura se movimentou: era como assistir a uma pedra rachar e se

partir. — Já fui como vocês, crianças.

Tamara emitiu um som horrível, meio soluço meio engasgo.

— Não — disse ela. — Você não pode ser um de nós... não pode estar falando ainda. Você...

— O que é isso? — sibilou Call. — O que é isso, Tamara?

— Você é um dos Devorados — disse Tamara, a voz falhando. — Consumido por um elemento. Não é mais humano...

— Fogo — sussurrou a coisa. — Eu me tornei fogo há muito tempo. Eu me dei a ele, e ele a mim. Ele queimou o que era humano e fraco.

— Você é imortal — disse Aaron, seus olhos muito grandes e verdes no rosto pálido e sujo.

— Sou muito mais do que isso. Sou eterno. — O Devorado se inclinou para Aaron, aproximando-se o suficiente para que a pele do garoto começasse a se avermelhar, como acontece quando se fica perto do fogo.

— Aaron, não! — disse Tamara, dando um passo à frente. — Ele está tentando queimar você, absorver você! Afaste-se dele!

O rosto da garota brilhou na luz trêmula, e Call percebeu que havia lágrimas em suas bochechas. De repente ele pensou na irmã de Tamara, consumida por elementos, condenada.

— Absorver *vocês*? — O Devorado riu. — Olhem para si mesmos, pequenas faíscas trêmulas, que ainda nem cresceram direito. Não há muita vida para espremer de vocês.

— Você com certeza quer alguma coisa de nós — disse Call, esperando que o Devorado desviasse sua atenção de Aaron. — Ou não teria se dado o trabalho de aparecer.

A coisa se virou para ele.

— O aprendiz-surpresa de Mestre Rufus. Até as pedras cochicham sobre você. O maior dos Mestres fez escolhas estranhas este ano.

Call não podia acreditar. Até o Devorado sabia sobre suas péssimas notas no Desafio.

— Eu vejo através das máscaras de pele que vocês usam — continuou o Devorado. — Vejo seu futuro. Um de vocês vai fracassar. Um de vocês vai morrer. E um de vocês já está morto.

— O quê? — A voz de Aaron se elevou. — O que isso quer dizer: “já está morto”?

— Não dê ouvidos a ele! — gritou Tamara. — Ele é uma coisa, não é humano...

— E quem ia querer ser humano? Os corações humanos se partem. Os ossos humanos se despedaçam. A pele humana pode se rasgar. — O Devorado, já próximo de Aaron, estendeu a mão para tocar seu rosto. Call deu um salto à frente, o mais rápido que sua perna lhe permitiu, chocando-se com Aaron, ambos caindo e rolando contra uma das paredes. Tamara girou para encarar o Devorado, a mão erguida. Uma massa de ar rodopiante cresceu em sua palma.

— Basta! — rugiu uma voz vinda do arco.

Mestre Rufus estava parado ali, ameaçador e terrível, o poder parecendo jorrar do mago.

A coisa deu um passo atrás, encolhendo-se.

— Não quero fazer mal a ninguém.

— Vá embora — disse Mestre Rufus. — Deixe meus aprendizes em paz ou vou dispersá-lo como faria com qualquer elemental, não importa quem você foi um dia, Marcus.

— Não me chame por um nome que não é mais meu — disse o Devorado. — Seu olhar caiu sobre Call, Aaron e Tamara enquanto afundava de volta no poço sulfuroso. — Vocês três, nós nos veremos de novo.

E desapareceu numa ondulação da água, mas Call sabia que ele permanecia em algum lugar sob a superfície.

Mestre Rufus pareceu momentaneamente perturbado.

— Venham comigo — chamou, levando os aprendizes através de um arco baixo.

Call olhou para trás à procura de Warren, mas o elemental já se fora. Call ficou brevemente decepcionado. Queria gritar com Warren por traí-los... e também para desconvidá-lo *para sempre* do seu quarto.

Mas, se Mestre Rufus visse Warren, ficaria óbvio que fora Call quem o roubara de sua sala. Então talvez fosse bom ele ter desaparecido.

Por algum tempo eles andaram em silêncio.

— Como o senhor soube onde nos encontrar? — perguntou Tamara, por fim. — Que uma coisa ruim estava acontecendo?

— Vocês não acham que eu os deixaria perambularem pelas profundezas do Magisterium sem supervisão, acham? — perguntou Rufus. — Mandei um elemental do ar seguir os três. Ele me avisou quando vocês foram atraídos para a caverna do Devorado.

— Marcus, o Devorado, nos contou algumas... ele nos falou do nosso futuro — disse Aaron. — O que aquilo significa? Aquele... o Devorado foi mesmo um dia um aprendiz como nós?

Pela primeira vez, pelo que Call podia lembrar, Rufus pareceu desconfortável. Era incrível. Ele finalmente exibia uma expressão.

— O que quer que ele tenha dito não significa nada. Ele enlouqueceu totalmente. E, sim, suponho que ele tenha sido um aprendiz como vocês um dia, mas tornou-se um dos Devorados muito depois disso. Era um Mestre quando aconteceu. O meu Mestre, na verdade.

Eles seguiram em silêncio todo o caminho de volta ao Refeitório.

↑≋△○@

Naquela noite, durante o jantar, Call, Aaron e Tamara tentaram agir como se o dia tivesse sido normal. Sentaram-se à longa mesa com os outros aprendizes, mas não falaram muito. Rufus estava ali perto, dividindo uma pizza de líquen com Mestra Milagros e Mestre Rockmaple, com ar taciturno.

— Parece que sua aula sobre orientação não foi muito boa — disse Jasper, com um sorriso irônico, os olhos escuros saltando de Tamara para Aaron e Call.

De fato, estavam todos exaustos e sujos, com o rosto manchado. Tamara tinha os olhos fundos, como se houvesse tido um pesadelo.

— Ficaram perdidos nos túneis?

— Encontramos um dos Devorados — contou Aaron. — Lá embaixo, nas cavernas profundas.

As conversas na mesa ganharam vida.

— Um dos *Devorados*? — perguntou Kai. — Eles são mesmo como dizem? Monstros horrendos?

— Ele tentou absorver vocês? — Os olhos de Celia estavam arregalados. — Como vocês escaparam?

Call viu que as mãos de Tamara tremiam ao segurar os talheres. Então disse bruscamente:

— Na verdade, ele nos contou nosso futuro.

— Como assim? — perguntou Rafe.

— Disse que um de nós iria fracassar, um de nós iria morrer e um de nós já estava morto — revelou Call.

— Acho que sabemos quem vai fracassar — observou Jasper, olhando fixo para ele.

Call de repente se lembrou de que não tinha contado a ninguém sobre o episódio de Jasper na Biblioteca, e começou a reconsiderar essa decisão.

— Obrigado, Jasper — disse Aaron. — Sempre contribuindo.

— Não devem deixar isso perturbar vocês — disse Drew, sério. — É só bobagem. Não significa nada. Nenhum de vocês vai morrer, e obviamente vocês não estão mortos. Pelo amor de Deus!

Call saudou Drew com o garfo.

— Obrigado.

Tamara pousou os talheres na mesa.

— Com licença — disse, e deixou o salão.

Imediatamente, Aaron e Call se levantaram para segui-la. Estavam na metade do corredor, já fora do Refeitório, quando Call ouviu alguém chamar seu nome. Era Drew, que vinha correndo atrás deles.

— Call — disse ele. — Posso falar com você um segundo?

Call e Aaron se entreolharam.

— Vá em frente — disse Aaron. — Vou ver como está Tamara. Encontro você no quarto.

Call virou-se para Drew, afastando dos olhos os cabelos embaraçados e cheios de poeira das cavernas.

— Está tudo bem?

— Tem certeza de que foi uma boa ideia? — Os olhos azuis de Drew estavam arregalados.

— O quê? — Call estava confuso.

— Contar a todo mundo sobre isso. Sobre o Devorado! Sobre a profecia!

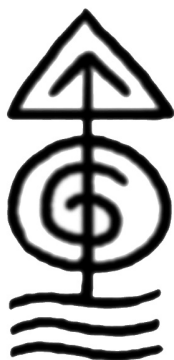
— Você mesmo disse que era bobagem — protestou Call. — Que não significava nada.

— Eu só disse isso porque... — Drew examinou o rosto de Call, sua expressão passando de confusa para preocupada, então para aterrorizada.

— Você não sabe — disse ele, por fim. — Como pode não saber?

— Não saber o quê? — perguntou Call. — Você está me assustando, Drew.

— Quem *é* você? — perguntou Drew, quase em um sussurro, e então recuou um passo. — Eu estava errado sobre tudo — disse. — Preciso ir.

Deu meia-volta e saiu correndo. Call o observou se afastar, totalmente confuso. Resolveu perguntar a Tamara e Aaron sobre isso, mas, quando chegou ao quarto, a exaustão havia visivelmente vencido a ambos. A porta de Tamara estava fechada, e Aaron adormecera em um dos sofás.

CAPÍTULO QUINZE

Call acordou com o ruído de alguém se movendo do lado de fora de sua porta. Seu primeiro pensamento foi de que Tamara ou Aaron estavam trabalhando até tarde na sala compartilhada. No entanto, os passos eram pesados demais para ser de um de seus amigos, e as vozes elevadas que vieram em seguida pareciam definitivamente adultas.

Ele não pôde deixar de ouvir a voz de Alastair em sua cabeça. *Eles não têm piedade, nem mesmo por crianças.*

Call permaneceu deitado, acordado, olhando para o alto até que um dos cristais incrustados nas paredes brilharam. Ele tirou Miri da gaveta e deslizou da cama, estremecendo quando os pés descalços tocaram a pedra fria do piso. Sem os cobertores pesados, ele podia sentir o ar frio através do pijama fino.

Ele ergueu Miri assim que a porta se abriu. Três Mestres estavam no vão da porta, olhando para ele. Vestiam seus uniformes pretos e os rostos exibiam expressões graves e sérias.

O olhar de Mestre Lemuel passou do rosto de Call para a lâmina.

— Rufus, seu aprendiz está bem treinado.

Call não sabia o que dizer sobre isso.

— Mas esta noite você não vai precisar de nenhuma arma — disse Mestre Rufus. — Deixe Semíramis na cama e venha conosco.

Olhando para seu pijama de LEGO, Call fez uma careta.

— Não estou vestido.

— Bem treinado em prontidão — disse Mestre North. — Não tanto em obediência. — Ele estalou os dedos. — Solte a faca.

— North — disse Mestre Rufus. — Deixe a disciplina dos meus aprendizes comigo. — Ele se aproximou de Call, que não sabia o que fazer. Entre o comportamento bizarro de Drew, os avisos do pai e a assustadora profecia do Devorado, ele se sentia extremamente perturbado. Não queria abrir mão de sua adaga.

A mão de Rufus fechou-se em torno do pulso de Call e ele soltou Miri. Não sabia o que mais poderia fazer. Call conhecia Mestre Rufus. Vinha fazendo refeições com ele havia meses e recebendo

seus ensinamentos. Rufus era uma pessoa. Rufus o salvara do Devorado. *Ele não me machucaria*, disse Call a si mesmo. *Não faria isso. Não importa o que meu pai disse.*

Uma expressão estranha cruzou o rosto de Rufus e desapareceu imediatamente.

— Venha — chamou ele.

Call seguiu os Mestres até a sala compartilhada, onde Tamara e Aaron já esperavam. Ambos estavam de pijama — Aaron vestia uma camiseta praticamente transparente de tanto lavar e uma calça de moletom com um buraco no joelho. Os cabelos louros estavam espetados como penugem de pato, e ele mal parecia acordado. Tamara parecia tensa. Seus cabelos estavam cuidadosamente trançados, e ela usava um pijama cor-de-rosa, na frente do qual se lia: EU LUTO COMO UMA GAROTA. Sob essas palavras, havia uma serigrafia de garotas de desenho animado executando movimentos ninja mortais.

O que está acontecendo?, perguntou Call a eles somente com o movimento dos lábios.

Aaron deu de ombros e Tamara balançou a cabeça. Nitidamente, eles não sabiam mais que ele. Embora Tamara parecesse saber o suficiente para parecer à beira de um ataque de nervos.

— Sentem-se — ordenou Mestre Lemuel. — Por favor, não vamos perder tempo.

— Você pode ver nitidamente que nenhum deles estava tentando... — disse Mestre Rufus numa voz baixa que sumiu no fim, como se ele não quisesse dizer o restante em voz alta.

— Isto é muito importante — informou Mestre North enquanto Call, Aaron e Tamara se sentavam juntos em um dos sofás.

Tamara abriu um imenso bocejo e esqueceu de cobrir a boca, o que significava que estava muito cansada.

— Vocês viram Drew Wallace? — continuou Mestre North. — Várias pessoas nos disseram que ele saiu do refeitório com vocês e parecia perturbado. Ele disse alguma coisa a vocês? Discutiu seus planos?

Call franziu a testa. A última vez que vira Drew fora tão estranho que era difícil falar a respeito.

— Que planos? — perguntou ele.

— Falamos sobre nossas aulas — respondeu Aaron voluntariamente. — Drew nos seguiu até o corredor... Ele queria falar com Call.

— Sobre o Devorado. Acho que ficou apavorado de verdade. — Call não sabia mais o que dizer. Não tinha outra explicação para o comportamento de Drew.

— Obrigado — agradeceu Mestre North. — Agora precisamos que vocês voltem ao quarto e vistam o uniforme. Vamos precisar da sua ajuda. Drew deixou o Magisterium em algum momento depois das dez da noite, e foi somente graças a outro aprendiz, que se levantou à meia-noite para tomar um copo de água e encontrou seu bilhete, que descobrimos que ele se foi.

— O que dizia o bilhete? — perguntou Tamara.

Mestre Lemuel olhou para ela de cara feia, e Mestre North pareceu surpreso por ser interrompido. Evidentemente, nenhum deles conhecia Tamara muito bem.

— Que ele estava fugindo do Magisterium — respondeu Mestre Lemuel em voz baixa. — Vocês sabem o quanto é perigoso magos semitreinados à solta pelo mundo? Isso para não falar dos animais Dominados pelo Caos que habitam as florestas vizinhas.

— Temos de encontrá-lo — disse Mestre Rufus, assentindo lentamente. — A escola inteira vai ajudar na busca. Dessa forma podemos cobrir o terreno mais depressa. Espero que a explicação seja suficiente, Tamara. Porque o tempo neste caso é de máxima importância.

Enrubescendo, Tamara se levantou e se dirigiu ao seu quarto, e Aaron e Call ao deles. Call vestiu lentamente suas roupas de inverno: o uniforme cinza, um suéter grosso e um casaco de moletom com capuz e zíper. A adrenalina de ser acordado pelos magos começava a se dissipar e ele ia percebendo que tinha dormido muito pouco, mas a ideia de Drew perambulando no escuro o fez despertar. Que motivo Drew teria para fugir?

Quando foi pegar sua pulseira, os dedos de Call tocaram a de Alastair e o misterioso bilhete para Mestre Rufus. Ele recordou as palavras de seu pai: *Call, você precisa me escutar. Não sabe o que você é. Precisa sair daí assim que puder*.

Era ele quem deveria estar fugindo, não Drew.

Depois de uma batida, a porta de seu quarto se abriu e Tamara entrou. Ela estava de uniforme, e o cabelo havia sido arrumado em duas tranças bem apertadas em torno de sua cabeça. Ela parecia bem mais desperta do que ele se sentia.

— Call — chamou ela. — Vamos lá, temos de... O que é isso?

— Isso o quê? — Ele seguiu o olhar dela e percebeu que ainda estava com a gaveta aberta, a pulseira e o bilhete de Alastair totalmente à vista. Ele pegou a pulseira e se inclinou para trás, fechando a gaveta com o seu peso. — Eu... é a pulseira do meu pai. De quando ele frequentou o Magisterium.

— Posso ver? — Tamara não esperou resposta, simplesmente estendeu o braço e pegou a pulseira da mão do garoto. Seus olhos escuros se arregalaram enquanto ela a examinava. — Ele deve ter sido um aluno muito bom.

— O que te faz dizer isso?

— Essas pedras. E este... — Ela se interrompeu, piscando. — Esta pulseira não pode ser a do seu pai.

— Bem, acho que podia ser da minha mãe...

— Não — disse Tamara. — Nós vimos as impressões das mãos deles no Hall dos Graduados. Os dois se formaram, Call. Esta pulseira pertenceu a alguém que parou no Ano de Prata, quem quer que tenha sido. Não há ouro. — Ela a devolveu a Call. — Era de alguém que nunca se formou no Magisterium.

— Mas... — Call se interrompeu quando Aaron entrou, o cabelo ondulado colado na testa. Aparentemente tinha jogado água no rosto para despertar.

— Vamos, pessoal — chamou ele. — Mestre Lemuel e Mestre North foram na frente, mas Rufus parece prestes a arrombar a porta.

Call enfiou a pulseira no bolso, sentindo o olhar curioso de Tamara enquanto seguiam Mestre Rufus pelos túneis. A perna de Call estava rígida, como acontecia quase todas as manhãs, por isso ele tinha de seguir em um ritmo mais lento. Aaron e Tamara, porém, tiveram o cuidado de seguir na mesma velocidade que ele. Pela primeira vez, não ficou bravo com isso.

Na saída, encontraram o restante dos aprendizes liderados por seus Mestres, inclusive Lemuel e North. Os outros alunos pareciam

tão confusos e preocupados quanto os aprendizes de Mestre Rufus.

Mais algumas voltas e chegaram a uma porta. Mestre Lemuel a abriu e eles entraram em outra caverna, na qual se via uma abertura na extremidade por onde o vento soprava. Eles iam sair — e não pelo mesmo caminho pelo qual tinham entrado naquele primeiro dia. Essa caverna era aberta na outra ponta. Um par de gigantescos portões de metal havia sido engastado na pedra.

Os portões tinham sido evidentemente fabricados por um Mestre do metal. Eram de ferro forjado, terminando em pontas afiadas que quase roçavam o teto da caverna. De um lado ao outro dos portões, o metal formava palavras: *Conhecimento e ação são uma só coisa.*

Era o Portão das Missões. Call lembrou-se do menino amarrado à maca de galhos, com a pele queimada, e percebeu que, na confusão, não havia prestado atenção ao portão propriamente dito.

— Call, Tamara, Aaron — disse Mestre Rufus. Ao seu lado estava Alex, alto, com seus cabelos encaracolados, parecendo estranhamente sombrio. Ele usava o uniforme e um casaco grosso semelhante a um manto. E luvas nas mãos. — Alexander guiará vocês. *Não* saiam de perto dele. O restante de nós estará a uma curta distância, de onde ouviremos se gritarem. Queremos que cubram a área próxima a uma das saídas menos usadas do Magisterium. Procurem qualquer vestígio de Drew e, se o virem, chamem por ele. Acreditamos que é mais provável que ele confie em um de seus colegas do Ano de Ferro do que em um Mestre ou mesmo um aluno mais velho, como Alex.

Call se perguntou por que os Mestres achavam que era mais provável Drew confiar em outro aluno do que neles. Ele se perguntou se sabiam mais sobre o motivo da fuga de Drew do que revelavam.

— O que fazemos então? — perguntou Aaron.

— Assim que o avistarem, Alex fará um sinal para os Mestres. Basta mantê-lo falando até chegarmos. Vocês e os aprendizes de Mestra Milagros vão para o leste. — Ele acenou para alguém do outro lado do terreno lotado, e Mestra Milagros avançou em sua direção, seguida por Celia, Jasper e Gwenda. — Os alunos do Ano de Bronze vão para o oeste, os do Ano de Cobre vão para o norte e

os dos Ano de Prata e de Ouro que não estiverem ajudando os Mestres vão para o sul e para o norte.

— E quanto aos animais Dominados pelo Caos na floresta? — indagou Gwenda. — Eles não são perigosos para nós também?

Mestra Milagros olhou na direção de Alex e de outro estudante mais velho.

— Vocês não estarão sozinhos. Fiquem todos juntos e nos sinalizem imediatamente se houver um problema. Estaremos por perto.

Alguns dos grupos de aprendizes já estavam adentrando a noite — conjurando bolas brilhantes que voavam pelo ar como lanternas sem corpo. Um zumbido baixo de sussurros e murmúrios os acompanhava à medida que caminhavam para a floresta escura.

Call e os outros seguiram Alex. Quando o último aprendiz passou pelo portão, este se fechou com um som perturbadoramente definitivo atrás do grupo.

— É o som que ele faz normalmente — explicou Alex, vendo a expressão de Call. — Venham... vamos por aqui.

Ele se dirigiu para a floresta, por um caminho escuro. Call tropeçou em uma raiz. Aaron, sempre procurando uma desculpa, conjurou sua bola de energia azul cintilante, parecendo satisfeito por ser útil. Ele sorria enquanto a esfera girava acima de seus dedos, iluminando o espaço ao redor.

— Drew! — chamou Gwenda. Ecos de outros alunos do Ano de Ferro podiam ser ouvidos a distância. — Drew!

Jasper esfregou os olhos. Estava vestindo o que parecia ser um casaco forrado de pele e um chapéu com protetores de orelha que era um pouco largo para sua cabeça.

— Por que temos de ser colocados em perigo só porque um nerd decidiu que não aguentava mais? — perguntou ele.

— Não entendo por que ele sairia no meio da noite — comentou Celia, abraçando o próprio corpo e tremendo, apesar da comprida parca azul brilhante. — Nada disso faz sentido.

— Não sabemos mais do que vocês — disse Tamara. — Mas, se Drew fugiu, ele deve ter tido uma razão.

— Ele é um covarde — rebateu Jasper. — Essa é a única razão possível para partir.

O solo da floresta estava coberto por uma fina camada de neve, e os galhos das árvores pendiam baixo à volta dos alunos, a luz azul de Aaron iluminando apenas o suficiente para realçar o aspecto sinistro da vegetação.

— Do que você acha que ele deve ter medo? — perguntou Call.

Jasper não respondeu.

— Temos de ficar juntos — disse Alex, conjurando três bolas de chamas douradas que começaram a girar em torno deles, marcando os limites do grupo. — Se vocês virem ou ouvirem alguma coisa, me digam. Não saiam correndo.

Folhas congeladas estalaram sob os pés de Tamara quando ela recuou para andar ao lado de Call.

— Então — disse ela baixinho —, por que você achou que aquela pulseira pertencia ao seu pai?

Call olhou para os outros, tentando decidir se estavam a uma distância segura para que não o ouvissem.

— Porque veio dele.

— Ele a mandou para você?

Call balançou a cabeça.

— Não exatamente. Eu... a encontrei.

— Encontrou? — Tamara parecia muitíssimo desconfiada.

— Sei que você acha que ele é louco...

— Ele atirou uma faca em você!

— Ele atirou a faca para mim — replicou Call. — E então mandou esta pulseira para o Magisterium. Acho que ele está tentando dizer a eles... avisá-los sobre alguma coisa.

— Como o quê?

— Algo sobre mim — disse Call.

— Você está dizendo que está em perigo?

Tamara parecia alarmada, mas Call não respondeu. Ele não sabia como contar mais a ela sem revelar tudo. E se realmente houvesse algo errado com ele? Se Tamara descobrisse, ela guardaria seu segredo, independentemente do quanto ruim?

Ele queria confiar na amiga. Ela já havia contado a ele mais sobre a pulseira do que Call descobrira em meses apenas examinando-a.

— Do que vocês estão falando? — indagou Aaron, ficando para trás para se juntar a eles.

Tamara imediatamente se calou, seus olhos indo de um para o outro. Call podia ver que ela não contaria nada a Aaron, a menos que ele dissesse que estava tudo bem. Isso provocou uma sensação estranhamente agradável em sua barriga. Ele nunca tivera amigos que guardassem seus segredos.

— Estamos falando sobre isto — disse ele, puxando a pulseira do bolso e entregando-a a Aaron, que a examinou enquanto Call explicava toda a história: a conversa com o pai, o aviso de que Call não sabia o que ele era, a carta que Alastair enviara a Rufus, a mensagem com a pulseira: *Interdite sua magia*.

— Interditar sua magia? — A voz de Aaron se elevou.

Tamara pediu que ele falasse baixo. Aaron voltou a falar com um sussurro áspero:

— Por que ele pediria a Rufus para fazer isso? É loucura!

— Eu não sei — sussurrou Call em resposta, dirigindo um olhar ansioso à frente.

Alex e os outros não pareciam estar prestando atenção no trio enquanto subiam uma colina baixa atravessada por grandes raízes de árvores, chamando o nome de Drew.

— Não entendo nada disso — disse Call.

— Bem, evidentemente a pulseira era uma mensagem para Rufus — argumentou Tamara. — Significa alguma coisa. Só não sei o quê.

— Talvez se soubéssemos a quem pertenceu — ponderou Aaron. Ele entregou a pulseira de volta a Call, que a prendeu em seu braço, acima da própria pulseira, debaixo da manga.

— Alguém que não se formou. Alguém que deixou o Magisterium aos dezesseis ou dezessete anos... ou alguém que morreu aqui. — Tamara mexeu no braço do amigo e observou o bracelete novamente, franzindo a testa diante das pequenas medalhas com símbolos. — Não sei exatamente o que isso significa. Excelência em alguma coisa, mas em quê? Se soubéssemos, isso nos diria algo. E eu também não sei o que essa pedra preta significa. Nunca vi uma assim antes.

— Vamos perguntar a Alex — sugeriu Aaron.

— De jeito nenhum — replicou Call, sacudindo a cabeça e olhando, desconfiado, para os outros que marchavam pela neve no escuro. — E se houver mesmo algo errado comigo e ele puder descobrir só de olhar para a pulseira?

— Não há nada de errado com você — afirmou Aaron em tom resoluto. Mas Aaron era o tipo de pessoa que tinha fé nos outros e acreditava em coisas assim.

— Alex! — chamou Tamara em voz alta. — Alex, podemos te perguntar uma coisa?

— Tamara, não — sibilou Call, mas o aluno mais velho já havia ficado para trás a fim de alcançá-los.

— O que foi? — perguntou ele, os olhos azuis curiosos. — Está tudo bem com vocês?

— Eu só estava me perguntando se poderíamos ver sua pulseira — disse Tamara, com um olhar de reprimenda na direção de Call.

Call relaxou.

— Ah. Claro — concordou Alex, soltando a pulseira e entregando-a a ela. A peça consistia em três faixas de metal, a última de bronze. Também tinha várias pedras preciosas engastadas: vermelha e laranja, azul e índigo e escarlate.

— Para que servem estas? — perguntou Tamara com ingenuidade, embora Call tivesse a sensação de que ela provavelmente sabia a resposta.

— A realização de diferentes tarefas. — Alex falava em um tom prosaico. Ele não estava se gabando. — Esta é por usar o fogo com êxito para afastar um elemental. Esta, por usar o ar para criar uma ilusão.

— O que significaria se você tivesse uma preta? — perguntou Aaron.

Os olhos de Alex se arregalaram. Ele abriu a boca para responder no mesmo instante em que Jasper gritou:

— Vejam!

Uma luz forte brilhou no topo da colina oposta à deles. Enquanto olhavam, um grito cortou a noite, agudo e terrível.

— Fiquem aqui! — ordenou Alex e começou a correr, escorregando pela encosta da colina em que estavam, seguindo em

direção à luz. De repente, a noite estava cheia de ruídos. Call podia ouvir outros grupos gritando e chamando uns aos outros.

Algo deslizou pelo céu acima deles — algo escamoso e semelhante a uma cobra —, mas Alex não estava olhando para cima.

— Alex! — gritou Tamara, mas o garoto mais velho não a ouviu.

Ele havia alcançado a outra colina e começava a escalada. A sombra escamosa encontrava-se sobre sua cabeça, mergulhando e investindo.

Todas as crianças agora gritavam por Alex, tentando avisá-lo — todas elas, exceto Call, que começou a correr, ignorando a dor da torção em sua perna quando ele escorregou e quase rolou encosta abaixo. Ouviu Tamara berrar seu nome e Jasper gritar: “Temos de ficar *aqui*”, mas Call não diminuiu a velocidade. Ele seria o aprendiz que Aaron pensava que era, aquele com quem não havia nada de errado. Ele faria o tipo de coisas que resultam em conquistas heroicas misteriosas engatadas na sua pulseira. Ele ia se jogar direto na luta.

Ele tropeçou em uma pedra solta, caiu e rolou até o sopé da colina, batendo o cotovelo com força na raiz de uma árvore. *Ok*, pensou, *não foi o melhor começo.*

Levantou-se cambaleando e começou a subir novamente — ele podia ver as coisas mais nitidamente agora, com a luz que descia do topo do monte. Era uma luz clara e cortante, que dava a cada pedra e a cada buraco um relevo nítido. A subida ficava mais íngreme à medida que Call se aproximava do topo; ele caiu de joelhos e escalou assim os últimos metros, rolando para a superfície plana do topo da elevação.

Algo passou por ele então, algo enorme, que provocou uma lufada de ar que lançou sujeira em seus olhos. Call engasgou e tornou a ficar de pé, cambaleando.

— Socorro! — Ele ouviu uma voz fraca chamando. — Por favor, me ajude!

Call olhou ao redor. A luz brilhante tinha desaparecido; havia apenas a luz das estrelas e o luar para iluminar o topo da colina coberto por um emaranhado de raízes e arbustos.

— Quem está aí? — perguntou.

Call ouviu um ruído que pareceu um soluço.

— Call?

Ele começou a andar cegamente em direção à voz, avançando em meio à vegetação rasteira.

Atrás dele, as pessoas gritavam seu nome. Ele chutou algumas pedras para o lado e quase escorregou por um pequeno declive. Então se viu dentro de uma depressão escondida nas sombras do solo, forrada de arbustos espinhosos. Uma figura encolhida encontrava-se caída no lado oposto.

— Drew? — chamou Call.

O garoto franzino esforçou-se para se virar. Call podia ver que um de seus pés estava preso no que parecia ser a toca de um roedor, torcido em um ângulo feio e de aspecto doloroso.

Às suas costas, duas bolas de brilho suave iluminaram a noite. Call olhou para trás e percebeu que elas flutuavam acima da colina onde os outros alunos estavam. Ele mal conseguia vê-los de onde se encontrava, e não tinha certeza se eles podiam vê-lo.

— Call? — As lágrimas no rosto de Drew reluziam ao luar.

Call aproximou-se dele rapidamente.

— Você está preso? — perguntou.

— É c-claro — sussurrou Drew. — Eu tento fugir, e isto é o mais longe que consigo chegar. É hu-humilhante.

Ele estava batendo os dentes. Vestia apenas uma camiseta fina e jeans. Call não podia acreditar que ele havia planejava fugir do Magisterium vestido assim.

— Me ajude — pediu Drew, tremendo. — Me ajude a me soltar. Tenho de continuar correndo.

— Mas eu não entendo. O que houve de errado? Pra onde você vai?

— Não sei. — O rosto de Drew se contorceu. — Você não tem ideia de como Mestre Lemuel é. Ele... ele descobriu que, às vezes, quando estou sob muito estresse, eu me saio melhor. Muito melhor. Sei que é estranho, mas sempre fui assim. Em um dia de teste eu me saio melhor do que na prática normal. Então ele deduziu que poderia me fazer melhorar, me mantendo sob estresse o tempo todo. Eu mal... quase nunca durmo. Ele só me deixa comer às vezes, e nunca sei quando isso vai ser. Ele fica me apavorando,

invocando ilusões de monstros e elementais enquanto eu estou sozinho no escuro, e eu... eu quero me aprimorar. Quero ser um mago melhor, mas eu simplesmente... — Ele desviou o olhar e engoliu em seco, seu pomo de adão subindo e descendo. — Eu não consigo.

Call o observou com mais atenção. Era verdade que Drew não parecia mais o menino que ele havia conhecido no ônibus a caminho do Magisterium. Estava mais magro. Muito mais magro. Dava para ver como o jeans ficava largo, preso por um cinto puxado até o último buraco. Suas unhas foram roídas e ele estava com olheiras escuras.

— Ok — disse Call. — Mas você não vai conseguir ir a lugar nenhum com isto. — Ele se inclinou para a frente e colocou a mão no tornozelo de Drew, que estava quente ao toque.

Drew gritou.

— Isso dói!

Call examinou o tornozelo, que aparecia abaixo da bainha do jeans de Drew. Estava inchado e escuro.

— Eu acho que você deve ter quebrado um osso.

— V-você acha? — Drew parecia em pânico.

Call se voltou para dentro de si mesmo, através de si mesmo, mergulhando no chão em que estava ajoelhado. *A Terra quer unir*. Ele a sentiu ceder sob seu toque, criando um espaço onde a magia poderia se espalhar, da mesma forma que a água subia para preencher um buraco aberto na areia da praia.

Call canalizou a magia através de si mesmo, de sua mão, deixando-a fluir para Drew. Drew arquejou.

Call afastou a mão.

— Desculpe...

— Não. — Drew olhava para ele com admiração. — Está doendo menos. Está funcionando.

Call nunca havia feito magia assim antes. Mestre Rufus já tinha falado sobre cura, mas eles nunca haviam praticado. No entanto, ele conseguiu. Talvez, de fato, não houvesse nada de errado com ele.

— Drew! Call! — Era Alex, seguido por um reluzente globo de luz que iluminava as pontas de seus cabelos como um halo. Ele

derrapou no declive, quase atropelando os dois. Seu rosto estava pálido ao luar.

Call se afastou.

— Drew está preso. Acho que o tornozelo dele está quebrado.

Alex se curvou sobre o menino mais novo e tocou a terra que prendia sua perna. Call se sentiu estúpido por não ter pensado na mesma coisa enquanto o solo esfarelava e Alex puxava os braços de Drew sob os ombros, soltando-o. Drew gritou de dor.

— Você não me ouviu? O tornozelo dele está *quebrado*... — começou Call.

— Call. Não há tempo. — Alex se ajoelhou para erguer Drew nos braços. — Temos de sair daqui.

— O q-quê? — Drew parecia quase atordoado demais para raciocinar. — O que está acontecendo?

Alex corria os olhos pela área com ansiedade. Call de repente se lembrou de todos os avisos sobre o que espreitava na floresta fora das cavernas da escola.

— Os Dominados pelo Caos — disse Call. — Eles estão aqui.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Um uivo baixo atravessou a noite. Alex começou a subir o aclive, gesticulando, impaciente, para que Call o seguisse. Com dificuldade, Call subiu atrás do rapaz, a perna doendo.

Quando chegaram ao topo, Call viu Aaron e Tamara vindo pela crista da colina, com Celia, Jasper e Rafe logo atrás. Estavam ofegantes e alertas.

— Drew! — Tamara engasgou, fitando a figura inerte nos braços de Alex.

— Animais Dominados pelo Caos — disse Aaron, parando em frente a Call e Alex. — Estão vindo pelo outro lado da colina.

— De que tipo? — perguntou Alex, com urgência.

— Lobos — respondeu Jasper, apontando.

Ainda carregando Drew nos braços, Alex virou-se e olhou, com expressão de horror. O luar mostrava formas escuras saindo da floresta e avançando na sua direção. Cinco lobos esguios, com a pelagem da cor de um céu tempestuoso. Seus focinhos farejavam o ar, os olhos faiscando, selvagens e estranhos.

Alex curvou-se e pôs Drew cuidadosamente no chão.

— Escutem — gritou ele para os outros alunos, que se aproximavam em grupo, temerosos. — Façam um círculo ao nosso redor enquanto curo Drew. Eles sentem a presença dos fracos, dos feridos. Vão atacar.

— Só precisamos manter longe os Dominados pelo Caos até os Mestres chegarem — disse Tamara, correndo para a frente de Alex.

— Certo, mantê-los longe, *muito* simples — repetiu Jasper, asperamente, mas entrou na formação com os demais, criando um círculo com seus corpos, de costas para Alex e Drew. Call se viu ombro a ombro com Celia e Jasper. Os dentes de Celia batiam.

Os lobos Dominados pelo Caos apareceram, selvagens, espalhando-se pelo topo da colina como sombras. Eram imensos, muito maiores do que qualquer lobo que Call já vira. Grossos fios de baba pendiam de suas mandíbulas abertas. Seus olhos queimavam e giravam, despertando outra vez aquela sensação dentro da

cabeça de Call, a coceira-queimação-sede. *Caos*, pensou ele. *O caos quer devorar*.

Por mais apavorantes que fossem, quanto mais Call os observava, mais via beleza em seus olhos: eram como o interior de um caleidoscópio, mil cores diferentes ao mesmo tempo. Ele não conseguia desviar o olhar.

— Call! — A voz de Tamara atravessou seus pensamentos, e, com um solavanco, Call retornou para o corpo, percebendo de repente que saíra da formação e estava vários passos à frente do grupo. Ele não tinha se afastado dos lobos. Tinha *se aproximado* deles.

A mão de alguém agarrou seu pulso. Era Tamara, apavorada, mas determinada.

— PARE! — ordenou ela, e começou a tentar arrastá-lo de volta para junto dos demais.

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Tamara puxou Call; ele resistiu. Sua perna fraca cedeu e ele caiu, os cotovelos batendo dolorosamente no chão rochoso. Tamara levou a mão para trás e fez um gesto como se fosse lançar uma bola de beisebol. Um círculo de fogo disparou de sua palma na direção de um lobo que repentinamente estava muito perto.

O fogo explodiu em seu pelo, e o lobo uivou, mostrando uma boca cheia de dentes afiados. Mas ele continuou avançando — na verdade, seu pelo agora estava eriçado como se tivesse sido eletrificado. A língua vermelha pendia de sua boca enquanto o animal se aproximava cada vez mais. Estava a poucos metros de Call, que lutava para firmar as pernas, Tamara se abaixou para passar as mãos sob seus braços, tentando puxá-lo para cima. Os Dominados pelo Caos não eram facilmente afugentados, como um dragonete. Eles não se importavam com nada, a não ser dentes, sangue e loucura.

— Tamara! Call! Voltem para cá! — gritou Aaron, assustado.

Os lobos Dominados pelo Caos se aproximavam, cercando Call e Tamara, o grupo de aprendizes esquecido. Alex estava no meio, segurando Drew, que continuava inconsciente. Alex aparentava estar paralisado, olhos e boca abertos.

Call conseguiu se levantar, empurrando Tamara para trás de si. Ele encarou o lobo que estava mais próximo, sustentando seu olhar. Os olhos do animal ainda giravam, mesclando vermelho e dourado, a cor do fogo.

É isso, pensou Call. Sua mente parecia ter ficado mais lenta. Era como se ele estivesse se movimentando dentro da água.

Meu pai estava certo. O tempo todo, ele estava certo. Vamos morrer aqui.

Ele não estava com raiva... mas também não sentia medo. Tamara lutava para puxá-lo para trás. Mas ele não conseguia se mexer. Não queria se mexer. O mais estranho dos sentimentos pulsava dentro de si, como um nó sob as suas costelas. Podia sentir a estranha pulseira em seu braço latejar.

— Tamara — sussurrou ele. — Volte.

— Não!

Ela deu um puxão na parte detrás de sua blusa. Call tropeçou... e o lobo saltou sobre eles.

Alguém, talvez Celia ou Jasper, gritou. O lobo voou pelo ar, terrível e belo, sua pelagem soltando faíscas. Call começou a levantar as mãos.

Uma sombra atravessou a visão de Call. Alguém deslizando e parando entre ele e o lobo, alguém de cabelos claros, alguém que fincou os pés e estendeu os dois braços como se não conseguisse deter o lobo apenas com as mãos. *Alex*, pensou Call de início, atordoado, e, em seguida, com uma sensação gelada de choque: *Aaron*.

— Não! — gritou, lançando-se para a frente, mas Tamara não o soltou. — Aaron, *não*!

Os outros aprendizes gritavam também, chamando Aaron. Alex saíra do lado de Drew e abria caminho entre os aprendizes.

Aaron não se mexeu. Ele tinha os pés fincados tão firmemente no chão que era como se tivessem criado raízes ali. Suas mãos estavam erguidas, com a palma para a frente, e do centro delas começou a se derramar algo semelhante a fumaça, a mais escura que Call já vira, densa e sinuosa, e Call soube, sem imaginar como, que aquela era a substância mais escura do mundo.

Com um uivo, o lobo se contorceu, virou de lado e despencou no chão, perto de Tamara e Call. Seu pelo estava todo eriçado e os olhos giravam enlouquecidamente. Os outros lobos uivaram e ganiram, unindo seus bramidos à loucura da noite.

— Aaron, o que está fazendo? — perguntou Tamara tão baixo que Call não tinha certeza se Aaron a tinha escutado. — É você quem *está* fazendo isso?

Mas Aaron não parecia ouvir. A escuridão vertia de suas mãos; seu cabelo e sua roupa estavam grudadas no corpo por causa do suor. A escuridão agora girava mais rápido, tentáculos aveludados saídos dela se enrolando na matilha de Dominados pelo Caos. O vento ficou mais forte, fazendo estremecer as árvores. O chão tremeu. Os lobos tentaram voltar, correr, mas estavam cercados pela escuridão — escuridão que se tornara uma coisa sólida, uma prisão que encolhia cada vez mais.

O coração de Call batia descontroladamente. Ele sentiu um terror repentino e pulsátil diante da ideia de estar preso dentro daquela escuridão, do nada que se fechava, apagando-o, consumindo-o.

Devorando-o.

— Aaron! — gritou ele, mas o vento açoitava as árvores, abafando o som. — Aaron, *pare*!

Call podia ver os olhos cintilantes, em pânico, dos lobos Dominados pelo Caos. Por um momento, eles se voltaram para ele, faíscas na escuridão. Então o breu se fechou ao seu redor, e eles desapareceram.

Aaron caiu de joelhos, como se tivesse sido baleado. E ficou ali ajoelhado, ofegante, uma das mãos na barriga, enquanto o vento amainava e o chão se acomodava. Os aprendizes olhavam em total silêncio. Os lábios de Alex estavam se movendo, sem que nenhuma palavra saísse deles. Call procurou os lobos, mas agora só havia uma massa de escuridão, dissipando-se como fumaça, onde antes as criaturas haviam estado.

— Aaron! — Tamara afastou-se de Call e correu para Aaron, curvando-se para pousar a mão em seu ombro. — Ah, meu Deus, Aaron, Aaron...

Os outros aprendizes tinham começado a sussurrar.

— O que está acontecendo? — indagou Rafe, em tom de lamento. — O que houve?

Tamara estava dando tapinhas nas costas de Aaron, tentando acalmá-lo. Call sabia que devia se juntar a ela, mas estava imobilizado. Não conseguia parar de pensar em como Aaron ficara pouco antes de a escuridão devorar o lobo, a maneira como pareceu invocar alguma coisa, chamar alguma coisa — e foi *essa coisa* que veio.

Ele pensou no poema.

O fogo quer queimar, a água quer correr, o ar quer levitar, a terra quer unir. Mas o caos, o caos quer devorar.

Call olhou para trás, para a confusão de alunos. A distância, além deles, podia ver luzes se deslocando velozmente — as bolas luminosas criadas pelos Mestres, vindo em sua direção. Ele podia ouvir o som de suas vozes. Drew tinha uma expressão estranha no rosto, resignada e um tanto perdida, como se a esperança o tivesse abandonado. Havia lágrimas em suas bochechas. Celia encarou Call, e depois olhou para Aaron, como se perguntasse a Call: *Ele está bem?*

Aaron tinha o rosto enterrado nas mãos. A postura destravou os pés de Call, e ele correu a curta distância até o amigo, caindo de joelhos ao seu lado.

— Você está bem? — perguntou.

Aaron ergueu o rosto e assentiu com a cabeça devagar, ainda atordoado.

Tamara encontrou o olhar de Call por cima da cabeça de Aaron. Seus cabelos haviam se soltado das tranças e caíam sobre os ombros. Ele não pensava que um dia a veria tão desarrumada.

— Você não compreende — disse ela a Call em voz baixa. — Aaron é o que eles vêm procurando. Ele é o...

— Eu ainda estou aqui, você sabe, não? — disse Aaron, com a voz tensa.

— O Makar — concluiu Tamara, com um sussurro quase inaudível.

— *Não* sou — protestou Aaron. — Não posso ser. Não sei nada sobre caos. Não tenho nenhuma afinidade...

— Aaron, filho. — Uma voz suave cortou a frase do garoto.

Call olhou para cima e viu, para sua surpresa, que era Mestre Rufus. Os outros Mestres também estavam ali, as bolas de luz criadas por eles parecendo vagalumes enquanto corriam entre os alunos, conferindo se havia feridos e procurando acalmá-los. Mestre North pegara Drew do chão e o carregava nos braços, a cabeça do menino pousada em seu peito.

— Eu não queria... — começou Aaron, parecendo infeliz. — O lobo estava ali, e de repente *não estava*.

— Você não fez nada de errado. Ele teria atacado você se não tivesse agido. — Mestre Rufus estendeu a mão e gentilmente puxou Aaron, ajudando-o a se pôr de pé. Call e Tamara deram um passo atrás. — Você salvou vidas, Aaron Stewart.

Aaron soltou um soluço entrecortado. Parecia estar tentando se recompor.

— Estão todos olhando para mim, todos os outros alunos — sussurrou ele.

Call se virou para olhar, mas sua visão foi subitamente bloqueada pelo aparecimento de dois Mestres. Mestre Tanaka e uma mulher que ele vira uma vez antes, com um grupo de alunos do Ano de Ouro, e cujo nome ele desconhecia.

— Eles estão olhando para você porque você é o Makar — disse a maga, com os olhos fixos em Aaron. — Porque você pode usar o poder do caos.

Aaron não disse nada. Parecia ter levado um tapa no rosto.

— Estávamos à sua espera, Aaron — disse Mestre Tanaka. — Você não faz ideia de há quanto tempo.

Aaron estava ficando tenso, com cara de quem estava prestes a sair correndo. *Deixem o pobre em paz,* Call queria dizer. *Não veem que ele está ficando assustado?* Aaron tinha razão: Todos olhavam para eles agora — os outros alunos, reunidos, seus Mestres. Até mesmo Lemuel e Milagros desviaram os olhos de seus aprendizes tempo suficiente para encarar Aaron. Somente Rockmaple tinha ido embora — retornara ao Magisterium para cuidar de Drew, supôs Call.

Rufus pousou a mão no ombro de Aaron em um gesto protetor.

— Haru — disse ele, fazendo um sinal com a cabeça para Mestre Tanaka. — E Sarita. Obrigado por suas palavras gentis.

Ele não parecia particularmente grato.

— Parabéns — disse Mestre Tanaka. — Ter um Makar como aprendiz... é o sonho de todo Mestre. — Ele parecia bastante amargo, e Call se perguntou se estaria zangado com aquela história de escolher primeiro no Desafio. — Ele deve vir conosco. Os Mestres precisam falar com ele...

— Não! — exclamou Tamara, e imediatamente cobriu a boca com a mão, como se estivesse surpresa com a própria explosão. — Eu só quis dizer...

— Foi um dia estressante para os alunos, especialmente para Aaron — disse Rufus aos dois Mestres. — Estes aprendizes, a maioria deles do Ano de Ferro, acabam de ser atacados por uma alcateia de lobos Dominados pelo Caos. O menino pode voltar para sua cama?

A mulher que ele chamara de Sarita negou com a cabeça.

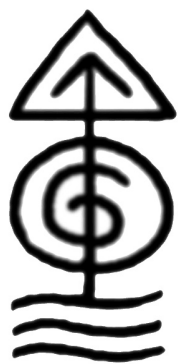
— Não podemos deixar um mago do caos sem controle andando por aí, sem nenhum entendimento de seus poderes. — Ela parecia lamentar realmente. — Fizemos uma varredura completa na área, Rufus. O que quer que tenha acontecido com esses lobos foi uma anomalia. O maior perigo para Aaron no momento, e para todos os outros alunos, é Aaron.

Ela estendeu a mão.

Aaron olhou para Rufus, aguardando sua permissão. Rufus assentiu, com ar cansado.

— Vá com eles — disse. E deu um passo atrás.

Mestre Tanaka chamou Aaron com um gesto, e o menino foi até ele. Ladeado pelos dois Mestres, ele caminhou na direção do Magisterium, parando apenas uma vez a fim de olhar para Call e Tamara.

Call não pôde deixar de pensar que ele parecia muito pequeno.

CAPÍTULO DEZESSETE

Assim que Aaron se foi, o restante dos Mestres começou a agrupar os aprendizes em fileiras, com os do Ano de Ferro no centro e os mais velhos nas fileiras externas. Tamara e Call ficaram um pouco à parte, observando os outros correrem de um lado para o outro. Call se perguntou se ela sentia o mesmo que ele — a ideia de encontrar o Makar que todos procuravam parecia uma coisa distante, impossível, e agora ele era justamente Aaron, seu amigo Aaron. Call olhou para trás, para o local onde os lobos estavam antes de Aaron mandá-los para o vazio, mas o único sinal da matilha eram as pegadas enormes na neve. As marcas de patas ainda brilhavam com uma luz fraca e discreta, como se cada uma tivesse sido feita com fogo e ainda guardasse um pouco desse calor em seu interior.

Enquanto Call olhava para lá, algo pequeno disparou entre as árvores, como uma sombra se deslocando. Ele estreitou os olhos, tentando ver melhor, mas não houve mais movimentos. O que quer que fosse tinha ido embora ou nunca estado lá. Ele estremeceu, lembrando-se de *algo* enorme que sentira roçar nele quando estava correndo até Drew. Acontecimentos recentes o haviam deixado hiperconsciente de cada brisa aleatória. Talvez estivesse imaginando coisas.

Mestra Milagros afastou-se do grupo de aprendizes, agora reunidos em um arremedo de ordem, e foi até Tamara e Call, com uma expressão gentil.

— Precisamos voltar agora. É improvável que haja mais Dominados pelo Caos por aí, mas não podemos ter certeza. É melhor nos apressarmos.

Tamara acenou com a cabeça, parecendo mais abatida do que Call lembrava de tê-la visto, e começou a caminhar penosamente pela neve. Juntando-se aos outros aprendizes do Ano de Ferro no centro do grupo, eles começaram a jornada de volta ao Magisterium. Os Mestres haviam assumido postos fora do grupo, as bolas brilhantes criadas por eles lançando fragmentos de luz pela madrugada. Celia, Gwenda e Jasper caminhavam ao lado de Rafe e

Kai. Jasper havia colocado seu casaco forrado de pele sobre Drew quando ele estava deitado no chão, um gesto atipicamente simpático de sua parte, e que o deixou tremendo no ar gelado da manhã.

— Drew disse por que fugiu? — perguntou Celia a Call. — Você ficou lá embaixo com ele antes de Alex chegar. O que ele lhe disse?

Call balançou a cabeça. Ele não tinha certeza se era segredo.

— Pode contar pra gente — disse Celia. — Não vamos rir dele nem fazer bullying.

Gwenda olhou para Jasper e ergueu as sobrancelhas.

— A maioria de nós, pelo menos.

Jasper olhou para Tamara, que não disse nada.

Mesmo que Jasper fosse quase sempre um idiota, nesse momento, lembrando que Tamara e ele foram bons amigos no Desafio de Ferro, Call sentiu pena dele. Lembrou da ocasião em que o vira na biblioteca, esforçando-se para fazer uma chama acender, e na maneira como Jasper tinha gritado, mandando-o ir embora. Call se perguntou se Jasper, como Drew, havia pensado em fugir.

Ele lembrou de Jasper dizendo que somente os covardes deixavam o Magisterium. Então parou de sentir pena.

— Ele me disse que Mestre Lemuel era duro demais com ele — contou Call. — Que o desempenho dele é melhor sob estresse, então Lemuel está sempre tentando aterrorizá-lo para que melhore.

— Mestre Lemuel faz esse tipo de coisa com todos nós: saltar de trás das paredes, gritando, e dar treinamentos no meio da noite — argumentou Rafe. — Ele não está sendo mau. Está tentando nos preparar.

— Certo — disse Call, pensando nas unhas roídas e nos olhos assombrados de Drew. — Ele fugiu sem motivo. Afinal, quem não gostaria de ser perseguido em meio à neve por uma matilha de lobos Dominados pelo Caos se tivesse a chance?

— Talvez você não soubesse a gravidade da situação, Rafe — interveio Tamara, parecendo perturbada. — Já que Mestre Lemuel não é assim com você.

— Drew está *mentindo* — insistiu Rafe.

— Ele disse que Mestre Lemuel não o deixava comer — acrescentou Call. — E ele está mesmo mais magro.

— O quê? — perguntou Rafe rispidamente. — Isso não aconteceu. Vocês o viram no Refeitório com o restante de nós. E, de qualquer forma, Drew nunca me contou nada disso. Ele teria dito algo.

Call deu de ombros.

— Talvez ele achasse que você não acreditaria nele. E parece que estava certo.

— Eu não teria... eu não... — Rafe olhou para os outros, mas eles desviaram o olhar, constrangidos.

— Mestre Lemuel não é legal — disse Gwenda. — Talvez Drew não visse escolha, a não ser fugir.

— Não é assim que os Mestres devem agir — ponderou Celia. — Ele deveria ter contado a Mestre North. Ou a alguém.

— Talvez ele pense que *é* assim que os Mestres agem — replicou Call. — Levando-se em conta que ninguém explicou exatamente para a gente como eles *devem* agir.

Ninguém tinha nada a dizer diante disso. Por algum tempo, eles caminharam em silêncio, as botas pisoteando a neve. De esguelha, Call continuava a ver a pequena sombra que os acompanhava, indo de árvore em árvore. Ele quase a apontou para Tamara, só que ela não tinha dito uma só palavra desde que os Mestres levaram Aaron de volta ao Magisterium. Ela parecia perdida nos próprios pensamentos.

O que seria? Não parecia grande o suficiente para ser ameaçador. Talvez fosse um pequeno elemental, como Warren, ansioso para se revelar. Talvez *fosse* Warren, assustado demais para se desculpar. O que quer que fosse, Call não conseguia tirá-lo da cabeça. Então atrasou o passo, até ficar para trás do restante do grupo. Os outros estavam cansados e distraídos o suficiente para que, alguns momentos depois, ele conseguisse ir em direção às árvores sem que ninguém percebesse.

A floresta estava silenciosa, a luz dourada do sol nascente fazendo a neve brilhar.

— Quem está aí? — chamou Call baixinho.

Um focinho apareceu por trás de uma das árvores. Algo peludo e de orelhas pontudas surgiu, espiando Call com os olhos dos Dominados pelo Caos.

Um filhote de lobo.

A criatura ganiu um pouco e recuou, sumindo do seu campo de visão. O coração de Call martelava no peito. Ele deu meio passo à frente, estremecendo quando sua bota quebrou um galho. O filhote de lobo não tinha ido longe. Call pôde vê-lo encolhido contra a árvore, o pelo marrom pálido agitado pela brisa da manhã. Ele farejou o ar com o focinho preto e úmido.

Não parecia ameaçador. Parecia um cachorro. Um filhote de cachorro, na verdade.

— Está tudo bem — disse Call, tentando dar um tom tranquilizador à sua voz. — Venha aqui. Ninguém vai te machucar.

A cauda pequena e felpuda do lobo começou a abanar. Ele cambaleou na direção de Call através das folhas mortas e da neve com patas não muito firmes.

— Ei, lobinho — disse Call, baixando a voz.

Ele sempre quis um cachorro, queria desesperadamente, mas o pai nunca o deixou ter animais de estimação. Incapaz de se conter, Call estendeu a mão e acariciou a cabeça do lobo, seus dedos afundando no pescoço do filhote, que abanou a cauda ainda mais rápido e ganiu.

— Call! — Alguém, Celia, ele pensou, chamou lá da frente. — O que você está fazendo? Aonde você foi?

Os braços de Call se moveram contra a sua vontade, como se ele fosse uma marionete manipulada por cordas, e o menino estendeu as mãos para pegar o lobo e enfiá-lo dentro do casaco. Ele gemeu e cravou as garrinhas na camisa de Call enquanto este fechava o zíper do casaco. Call olhou para o próprio corpo — não dava, de fato, para ver que algo estava errado, disse a si mesmo. Só parecia ter uma barriguinha.

— Call! — Celia chamou novamente.

Ele hesitou. Tinha certeza total e absoluta de que levar um animal Dominado pelo Caos para o Magisterium era uma infração passível de expulsão. Talvez até de interdição da magia. Era uma coisa insana para se fazer.

Então o lobinho esticou o pescoço e lambeu a parte inferior de seu queixo. Ele se lembrou dos lobos desaparecendo na escuridão que Aaron havia conjurado. Seria um deles a mãe desse filhote? Seria ele agora órfão de mãe... exatamente como Call?

Então respirou fundo e, fechando o zíper do casaco até o alto, saiu mancando atrás dos outros.

— Onde você estava? — perguntou Tamara a ele. Ela havia saído de seu estado de choque e agora parecia irritada. — A gente estava começando a se preocupar.

— Prendi o pé em uma raiz — respondeu Call.

— Da próxima vez, grite ou algo assim. — Tamara parecia muito cansada e distraída para considerar sua história com atenção.

Jasper, olhando para ele, exibia uma expressão estranha no rosto.

— Estávamos falando sobre Aaron — disse Rafe. — Sobre o quanto é estranho que ele não soubesse que era capaz de usar a magia do caos. Eu nunca teria imaginado que ele era um Makar.

— Deve ser assustador — observou Kai. — Usar o tipo de magia que o Inimigo da Morte. Quero dizer, a sensação não deve ser nada boa, certo?

— É apenas *poder* — disse Jasper em um tom superior. — Não é a magia do caos que torna o Inimigo o monstro que ele é. Ele se tornou assim porque foi corrompido por Mestre Joseph e enlouqueceu totalmente.

— O que você quer dizer com ele foi corrompido por Joseph? Esse era o Mestre dele? — perguntou Rafe, parecendo preocupado, como se talvez pensasse que Mestre Lemuel, sendo horrível, pudesse torná-lo um vilão também.

— Ah, conte logo a história, Jasper — disse Tamara, cansada.

— Ok — concordou Jasper, parecendo grato por ela estar falando com ele. — Para aqueles que não sabem de nada, o que é constrangedor, aliás, o nome verdadeiro do Inimigo da Morte é Constantine Madden.

— Belo começo — disse Celia. — Nem todo mundo é um aluno com legado, Jasper.

Embaixo da jaqueta de Call, o lobo se contorceu. Call cruzou os braços sobre o peito e torceu para que ninguém percebesse que

seu casaco estava se mexendo.

— Você está bem? — perguntou Celia. — Você parece um pouco...

— Estou *bem* — insistiu Call.

Jasper prosseguiu:

— Constantine tinha um irmão gêmeo chamado Jericho, e, como todos os magos que se saem suficientemente bem no Desafio, eles ingressaram no Magisterium quando tinham doze anos. Naquela época, havia muito mais foco em experimentos. Mestre Joseph, o Mestre de Jericho, era superinteressado na magia do caos. Mas, para fazer todos os experimentos que desejava, precisava de um Makar para acessar o vazio. Não podia fazer isso sozinho.

A voz de Jasper tornou-se baixa e sinistra.

— Imaginem o quanto ele ficou feliz quando Constantine se revelou um Makar. Jericho não precisou de muitos argumentos para concordar em ser o contrapeso do irmão, e os outros Mestres tampouco precisaram de muitos argumentos para deixar Mestre Joseph trabalhar com os dois irmãos fora do ensino regular. Ele era um especialista em magia do caos, embora ele mesmo não pudesse realizá-la, e Constantine tinha muito a aprender...

— Isso não parece bom — disse Call, tentando ignorar que, embaixo do casaco, o lobinho estava mastigando um de seus botões, o que fazia cócegas enlouquecidamente.

— Não parece mesmo — acrescentou Tamara. — Jasper, isso não é uma história de fantasmas. Você não precisa contar dessa forma.

— Não estou contando de forma alguma, mas da maneira que aconteceu. Constantine e Mestre Joseph foram ficando cada vez mais obcecados com o que poderia ser feito com o vazio. Eles tiraram pedaços do vazio e os colocaram dentro de animais, tornando-os Dominados pelo Caos, como aqueles lobos lá atrás. A distância, pareciam animais normais, mas eram mais agressivos e o cérebro deles estava embaralhado. O caos puro em seu cérebro o deixa louco. O vazio é como tudo e nada ao mesmo tempo. Ninguém consegue ter o caos na cabeça por muito tempo sem enlouquecer. Certamente não um esquilo.

— Existem esquilos Dominados pelo Caos? — perguntou Rafe.

Jasper não respondeu. Ele estava concentrado.

— Talvez seja por isso que Constantine fez o que fez. Talvez o vazio o tenha enlouquecido. Não sabemos de fato. Só sabemos que ele tentou um experimento que ninguém havia tentado antes. Era difícil demais. Quase o matou e destruiu seu contrapeso.

— Você quer dizer o irmão dele — comentou Call. Sua voz ficou um pouco estranha no final da frase, mas o lobo escolheu aquele momento para parar de morder e começar a lamber seu peito. Call tinha certeza de que o filhote estava babando.

— Sim. Ele morreu no chão da sala de experimentos. Dizem que seu fantasma...

— Cale a boca, Jasper — disse Tamara, que caminhava abraçada a outra garota do Ano de Ferro, cujos lábios tremiam.

— Bem, seja como for, Jericho foi morto. E talvez vocês pensem que isso seria o bastante para deter Constantine, mas só o fez piorar. Tornou-se uma obsessão para ele encontrar uma maneira de trazer o irmão de volta. De usar a magia do caos para trazer os mortos de volta.

Celia assentiu.

— Necromancia. Isso é totalmente proibido.

— Ele não teve sucesso. Mas conseguiu introduzir a magia do caos em seres humanos vivos, criando assim o primeiro Dominado pelo Caos. A magia aparentemente expulsava a alma das pessoas de modo que elas não sabiam mais quem eram. E o obedeciam cegamente. Não era o que Constantine queria, e talvez essa não fosse sua intenção, mas o fato é que ele não parou ali seus experimentos. Finalmente, os outros Mestres descobriram o que ele estava fazendo. E começaram a tentar descobrir uma maneira de arrancar sua magia, mas não sabiam que Mestre Joseph ainda era leal a ele. Mestre Joseph o tirou de lá... explodiu uma das paredes do Magisterium e levou Constantine com ele. Muitas pessoas dizem que a explosão quase matou os dois e que Constantine ficou com cicatrizes horríveis. Agora ele usa uma máscara de prata para cobrir as cicatrizes. Os animais Dominados pelo Caos que ele criou e que sobreviveram fugiram com a explosão também, e é por isso que há tantos na floresta aqui por perto.

— Então, o que você está dizendo é que o Inimigo da Morte é da maneira que é por causa do Magisterium — disse Call.

— Não — replicou Jasper. — Não foi isso que eu...

O Portão das Missões surgiu em seu campo de visão, distraindo Call com a promessa de que, se conseguisse chegar ao quarto, seria um milhão de vezes mais fácil esconder o lobo. Pelo menos, seria mais fácil escondê-lo de todas as pessoas, exceto de seus colegas de quarto. Ele pegaria um pouco de água e comida para o filhote e então... e então resolveria o que fazer.

Os portões estavam abertos. Eles passaram sob as palavras “*Conhecimento e ação são uma só coisa”* e entraram nas cavernas do Magisterium, onde uma rajada de ar quente atingiu Call no rosto, apresentando-lhe outro problema. Lá fora, ele estava congelando. Ali dentro, enquanto caminhavam em direção aos quartos, com o casaco fechado até o queixo, estava superaquecendo rapidamente.

— Então, o que Constantine queria? — perguntou Rafe.

— O quê? — Jasper parecia distraído.

— Em sua história. Você disse “Não era o que ele queria”. Os Dominados pelo Caos. Por que não?

— Porque ele queria o irmão de volta — respondeu Call. Não conseguia acreditar que Rafe estava sendo tão estúpido. — Não alguns... zumbis.

— Eles não são como zumbis — discordou Jasper. — Eles não comem pessoas, os Dominados pelo Caos. Eles simplesmente não têm lembranças nem personalidade. Eles são... vazios.

Eles estavam quase na área dos quartos do Ano de Ferro agora, e havia braseiros espaçados ao longo dos corredores, cheios de pedras incandescentes. Ter uma trouxinha peluda enfiada no casaco estava elevando a temperatura de Call. Além disso, a respiração do filhote era quente em seu pescoço. Na verdade, Call pensou que o lobo devia estar dormindo.

— Como você sabe tanto sobre o Inimigo da Morte? — perguntou Rafe, um tom duro na voz.

Call não ouviu a resposta de Jasper porque Tamara estava sibilando em seu ouvido.

— Você está bem? — perguntou ela. — Está ficando roxo.

— Estou bem.

Ela o olhou rapidamente.

— Tem alguma coisa dentro do seu casaco?

— Meu cachecol — respondeu ele, esperando que ela não se lembrasse de que ele não o estava usando antes.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Por que você faria isso?

Ele deu de ombros.

— Estava com frio.

— Call...

Mas eles haviam chegado aos quartos. Com enorme gratidão, Call abriu a porta com a pulseira, e ele e Tamara entraram. Ela estava se despedindo dos outros quando ele bateu a porta atrás de si e cambaleou em direção ao quarto.

— Call! — chamou Tamara. — Você não acha que deveríamos... eu não sei, conversar? Sobre Aaron?

— Mais tarde — arquejou Call, quase caindo no quarto e fechando a porta com um chute. Ele se jogou de costas no momento em que o lobo pôs a cabeça para fora da gola do casaco e olhou à sua volta.

Livre, parecia loucamente animado, indo de um lado para o outro no quarto, as unhas fazendo ruído na pedra. Call rezou para que Tamara não ouvisse enquanto o filhote farejava debaixo da cama de Call, ao redor do armário e em cima do pijama que Call largara no chão quando fora acordado mais cedo.

— Você precisa de um banho — disse ele ao lobo.

O filhote parou de rolar, ficando de pernas para o ar, e abanou o rabo, a língua pendurada no canto da boca. Enquanto observava seus estranhos olhos mutantes, Call se lembrou das palavras de Jasper.

Eles não têm lembranças nem personalidade. São... vazios.

Mas o lobo tinha muita personalidade. O que significava que Jasper não entendia tanto sobre o que significava ser Dominado pelo Caos quanto pensava. Talvez fossem assim quando o Inimigo os criou, talvez até tenham ficado vazios por toda a vida, mas o filhote de lobo já havia nascido com o caos dentro dele. Ele estava crescendo assim. Não era o que eles pensavam.

As palavras do pai voltaram a ele, fazendo-o estremecer de uma forma que não tinha nada a ver com o frio.

Não sabe o que você é.

Afastando esse pensamento, Call subiu na cama, tirou as botas e pressionou o rosto no travesseiro. O lobo saltou ao lado dele, cheirando a folhas de pinheiro e terra recém-revolvida. Por um momento, Call se perguntou se o lobo iria mordê-lo. Mas o filhote se acomodou ao seu lado, girando duas vezes no mesmo lugar antes de deitar o corpinho junto à barriga de Call. Com o peso quente do lobo Dominado pelo Caos colado nele, Call mergulhou imediatamente no sono.

CAPÍTULO DEZOITO

Call sonhou que estava preso sob o peso de um enorme travesseiro felpudo. Acordou grogue, agitando os braços, e quase acertou o filhote de lobo deitado em seu peito e que o olhava, ansioso, com enormes olhos cor de fogo.

A plena e esmagadora consciência do que tinha feito atingiu Call, e ele saiu de baixo do lobo, tão rápido que deslizou para fora da cama e foi parar no chão. A dor ao bater com o joelho na pedra fria fez com que ele despertasse de vez. Então se viu ajoelhado, fitando diretamente os olhos do filhote de lobo, que tinha se aproximado da beirada da cama e o encarava.

— Mruf — grunhiu o filhote.

— Shhhh — sibilou Call. Seu coração estava disparado. O que ele fizera? Tinha mesmo trazido um animal Dominado pelo Caos para dentro do Magisterium? Ele bem podia ter tirado toda a roupa, coberto o corpo com líquen e corrido pelas cavernas gritando ME EXPULSEM! INTERDITEM MINHA MAGIA! ME MANDEM PARA CASA! Daria no mesmo.

O filhote choramingou. Seus olhos rodopiavam feito cata-ventos, fixos em Call. A língua projetou-se para fora e, em seguida, tornou a sumir.

— Puxa vida — murmurou Call. — Você está com fome, não é? Ok. Vou arrumar alguma coisa para você comer. Fique aqui. Isso. Bem aqui.

Ele se levantou e olhou o despertador na mesinha de cabeceira. Onze horas, e o alarme ainda não tinha disparado. Estranho. Abriu a porta do quarto silenciosamente, e no mesmo instante se deparou com Tamara, já de uniforme, tomando café da manhã na mesa da sala compartilhada. Era uma variedade de comidas de aparência deliciosamente normal: torradas com manteiga, linguiça, bacon, ovos mexidos e suco de laranja.

— Aaron voltou? — perguntou Call, fechando a porta do quarto com cuidado ao passar, então encostando-se nela, no que esperava ser uma pose despreocupada.

Tamara engoliu a torrada que tinha mordido e balançou a cabeça.

— Não. Celia passou aqui antes e disse que as aulas de hoje foram canceladas. Não sei o que está havendo.

— Acho melhor eu trocar de roupa — disse Call, esticando a mão para pegar uma linguiça da mesa.

Tamara olhou para ele.

— Você está bem? Está agindo engraçado.

— Estou bem. — Call pegou outra linguiça. — Já volto.

Então correu para o quarto, onde o filhote de lobo estava deitado em cima de uma pilha de roupas, agitando as patas no ar. Assim que viu Call, ficou de pé e correu para ele. Call prendeu a respiração ao lhe oferecer a linguiça. O lobo cheirou a comida e a engoliu de uma só vez. Call lhe deu a segunda linguiça, observando, desolado, enquanto ela desaparecia igualmente rápido. Passando a língua no focinho, o lobo aguardava com expectativa.

— Ah — disse Call —, acabou. Espere que vou pegar mais alguma coisa.

Vestir um uniforme limpo deveria ter levado segundos, mas não com o lobo saltando por todo o quarto. Revitalizado pelas linguiças, ele roubou a bota de Call e a arrastou pelos cadarços para debaixo da cama, mastigando o couro. E então, depois que Call pegou a bota de volta, o lobo agarrou a bainha de sua calça e começou a brincar de cabo de guerra.

— *Pare!* — implorou Call, puxando, mas isso só pareceu deixar o lobo mais empolgado. Ele pulava na frente de Call, louco para brincar.

— Eu já volto — prometeu Call. — Fique quieto. E depois vou levar você para dar um passeio.

O lobo inclinou a cabeça para o lado e voltou a rolar de costas pelo chão.

Call aproveitou esse momento para sair do quarto, fechando a porta rapidamente.

— Ah, ótimo — disse Mestre Rufus, afastando-se da parede oposta para encarar Call. — Você está pronto. Temos uma reunião à qual comparecer.

O coração de Call quase saiu pela boca ao vê-lo. Tamara, limpando as migalhas de torrada do uniforme, olhou para Call de um jeito estranho.

— Mas eu ainda não tomei café — protestou Call, olhando para a comida. Se ele conseguisse pegar mais alguns punhados de linguiça e levar para o quarto, poderia ser o suficiente para o lobo aguentar até ele voltar da reunião. Na outra escola, as reuniões em geral eram palestras de uma hora sobre como coisas ruins poderiam acontecer se você tomasse atitudes erradas, ou sobre qual era o problema com o bullying, ou, pelo menos uma vez, os horrores dos ácaros no colchão. Ele não achava que seria como essas, mas esperava que terminasse rápido. Tinha certeza de que o lobo precisaria passear muito, muito em breve. Caso contrário... Bem, Call preferia nem pensar nessa possibilidade.

— Você comeu duas linguiças — disse Tamara, sem ajudar muito. — Não pode estar morrendo de fome.

— Comeu mesmo? — disse Mestre Rufus, secamente. — Nesse caso, vamos, Callum. Alguns membros da Assembleia dos Magos estarão presentes. Não queremos nos atrasar, pois tenho certeza de que vocês podem adivinhar o assunto.

Call estreitou os olhos.

— Cadê o Aaron? — perguntou ele, mas Mestre Rufus não respondeu, apenas os conduziu para o corredor, onde se juntaram ao fluxo de pessoas que passavam pelas cavernas.

Call jamais vira tanta gente nos corredores da escola. Mestre Rufus se pôs atrás de um grupo de alunos mais velhos acompanhados por seus Mestres, que seguiam na direção sul.

— Sabe para onde estamos indo? — perguntou Call a Tamara.

Ela balançou a cabeça. Estava mais séria do que de costume. Call se lembrou da garota na noite anterior, agarrando-o pelos braços e tentando arrastá-lo para longe do lobo Dominado pelo Caos. Ela arriscara a vida por ele. Call nunca tivera amigos como ela *ou* Aaron. Agora que os tinha, não sabia muito bem o que fazer com eles.

Chegaram a um auditório circular, com alguns bancos de pedra se erguendo do chão em toda a volta do palco redondo. Mais para o fundo, Call viu um grupo de mulheres e homens de uniforme verde-

oliva e imaginou que fossem os membros da Assembleia que Mestre Rufus havia mencionado. Ele levou os dois a um lugar mais adiante e ali, finalmente, viram Aaron.

Ele estava na primeira fila, sentado ao lado de Mestre North, longe o bastante para que Call não pudesse falar com ele sem gritar. Na verdade, só conseguia ver a nuca de Aaron, seus finos cabelos louros espetados. Aparentemente, era o mesmo de sempre.

Um dos Makaris. Um Makar. Soava como um título agourento. Call pensou em como as sombras tinham envolvido os lobos na noite anterior, e em como Aaron parecera horrorizado depois que tudo terminou.

O caos quer devorar.

Não parecia o tipo de poder que alguém como Aaron, de quem todo mundo gostava e que gostava de todo mundo, devesse ter. Melhor pertencer a alguém como Jasper, que provavelmente estaria muito interessado em dar ordens na escuridão e em introduzir a magia do caos em animais esquisitos.

Mestre Rufus se levantou e subiu ao palco, dirigindo-se ao centro para tomar seu lugar no estrado.

— Alunos do Magisterium e membros da Assembleia — começou ele. Seus olhos escuros varreram o salão. Call sentiu seu olhar demorar-se nele e em Tamara por um momento, antes de prosseguir: — Todos vocês conhecem a nossa história. Os Magisteriums existem desde o tempo de nosso fundador, Phillippus Paracelso. Eles existem para ensinar jovens magos a controlar seus poderes e promover uma comunidade de aprendizado, magia e paz, bem como criar uma força para que possamos defender nosso mundo.

"Todos vocês conhecem a história do Inimigo da Morte. Muitos perderam membros da família na Grande Batalha ou no Massacre Gelado. Todos também têm conhecimento do Tratado — o acordo entre a Assembleia e Constantine Madden que assegura que, se nós não o atacarmos nem às suas forças, ele não nos atacará."

— Muitos de vocês — acrescentou Mestre Rufus, seus olhos escuros percorrendo o auditório — também acreditam que o Tratado está errado.

Murmúrios tomaram conta da plateia. O olhar de Tamara moveu-se rapidamente pelos membros da Assembleia, sentados. Ela estava ansiosa, e Call percebeu de repente que dois dos integrantes da Assembleia eram os pais de Tamara. Ele os vira antes, no Desafio de Ferro. Agora estavam sentados muito eretos, as expressões pétreas enquanto olhavam para Rufus. Call podia *sentir* a desaprovação emanando do casal em ondas.

— O Tratado significa que precisamos confiar no Inimigo da Morte: confiar que ele não nos atacará, que não usará esse hiato sem batalhas para aumentar suas forças. Mas o Inimigo não é confiável.

Houve um zumbido entre os membros da Assembleia. A mãe de Tamara estava com a mão no braço do marido, que tentava se levantar. Tamara parecia congelada.

Mestre Rufus elevou a voz.

— Não podemos confiar no Inimigo. Digo isso como alguém que conheceu Constantine Madden quando ele era aluno do Magisterium. Fechamos os olhos ao aumento no número de ataques de elementais, inclusive um na noite passada, a alguns metros das portas do Magisterium, e de ataques às nossas linhas de suprimento e abrigos. Fechamos os olhos não porque acreditamos nas promessas de Constantine Madden, mas porque o Inimigo é um Makar, um dos poucos já nascidos entre nós para controlar a magia do vazio. No campo de batalha, seus Dominados pelo Caos derrotaram o único outro Makar do nosso tempo. Sempre soubemos que, sem um Makar, estaríamos vulneráveis ao Inimigo e, desde a morte de Verity Torres, aguardamos o nascimento de outro.

Muitos outros alunos agora, sentados, dobravam o corpo para a frente. Estava claro que, enquanto alguns deles tinham ouvido falar no que acontecera na véspera do lado de fora dos portões, ou sabiam porque estiveram lá, outros apenas começavam a imaginar o que Rufus estava prestes a dizer. Call viu um grupo de alunos do Ano de Prata inclinando-se para Alex, um deles puxando sua manga e perguntando, sem emitir som: *Você sabe do que se trata?* Ele balançou a cabeça. Os membros da Assembleia, enquanto isso, cochichavam entre si. O pai de Tamara agora estava recostado na cadeira, mas sua expressão era intensa.

— Tenho a satisfação de anunciar — disse Rufus — que descobrimos a existência de um Makar, aqui no Magisterium. Aaron Stewart, pode se levantar, por favor?

Aaron ficou de pé. Vestia o uniforme preto, e a pele sob seus olhos estava escura pela exaustão. Call se perguntou se eles o tinham deixado dormir. Pensou no quanto Aaron tinha lhe parecido pequeno na noite anterior, ao ser levado da colina. Parecia franzino agora, embora fosse um dos garotos mais altos do Ano de Ferro.

Ouviram-se muitos arquejos na plateia e muitos sussurros. Depois de, nervoso, correr o olhar pelo auditório por um momento, Aaron começou a se sentar, mas Mestre North balançou a cabeça e fez um gesto indicando que ele deveria permanecer de pé.

Tamara tinha as mãos fechadas sobre o colo e olhava, preocupada, de Mestre Rufus para seus pais, em silêncio e com os lábios contraídos. Call jamais havia se sentido tão feliz por não ser o centro das atenções. Era como se todas as pessoas no auditório estivessem devorando Aaron com os olhos. Somente Tamara estava distraída, provavelmente preocupada, porque sua família parecia prestes a subir no palco e acertar Mestre Rufus com uma estalactite.

Um dos membros da Assembleia desceu de seu banco e levou Aaron para o palco. Quando ele avistou Tamara e Call, sorriu um pouco, erguendo as sobrancelhas como se para dizer, *Que loucura*.

Call sentiu os cantos da boca se erguerem em resposta.

Mestre Rufus saiu do palco e foi sentar-se ao lado de Mestre North, no espaço deixado por Aaron. Mestre North inclinou-se e sussurrou algo para Rufus, que assentiu. De todas as pessoas no auditório, North era o único que não parecia nem um pouco surpreso com o discurso.

— A Assembleia dos Magos gostaria de reconhecer formalmente a afinidade de Aaron Stewart com a magia do caos. Ele é o nosso Makar!

O membro da Assembleia que fez o anúncio sorriu, mas Call podia ver que o sorriso saiu forçado. Provavelmente reprimia alguma coisa que queria dizer a Mestre Rufus; nenhum deles pareceu gostar do discurso. No entanto, ele recebeu aplausos, puxados por Tamara e Call, que bateram os pés e assoviaram como

se estivessem em uma partida de hóquei. Os aplausos continuaram até que o membro da Assembleia fez um gesto pedindo silêncio.

— Agora — disse ele —, espera-se que todos vocês entendam a importância dos Makaris. Aaron tem uma responsabilidade com o mundo. Somente ele pode desfazer o dano que o pretenso Inimigo da Morte provocou, livrar a terra da ameaça dos animais Dominados pelo Caos e nos proteger das sombras. Ele deve garantir que o Tratado continue a ser respeitado, para que a paz prevaleça.

Nesse ponto, o membro da Assembleia se permitiu um olhar sombrio na direção de Mestre Rufus. Aaron engoliu em seco.

— Obrigado, senhor. Farei o meu melhor.

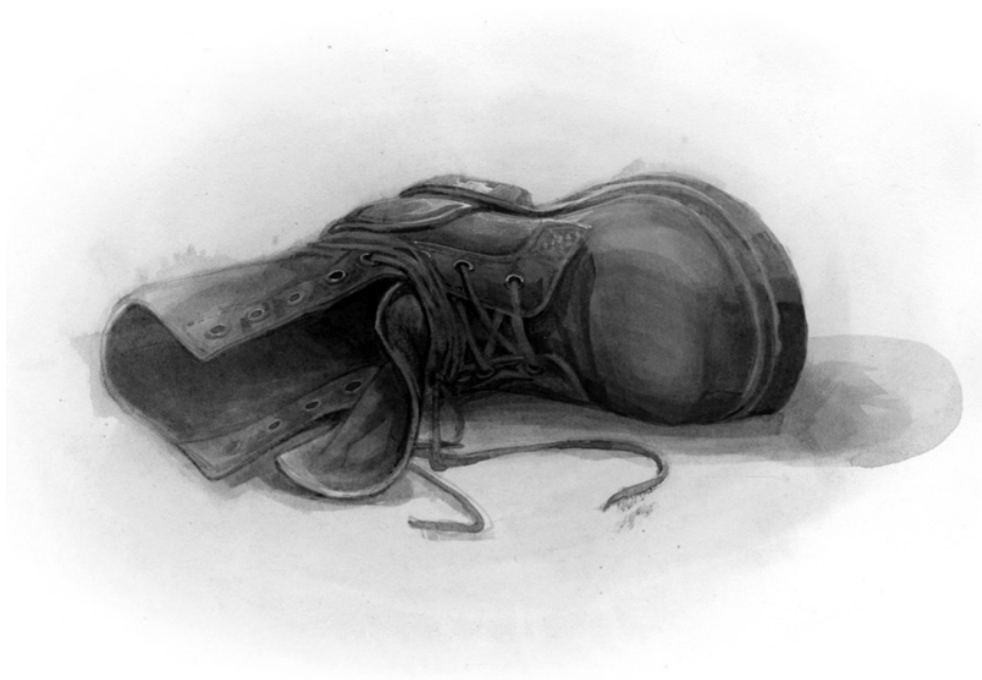
— Mas nenhum caminho difícil é trilhado sozinho — prosseguiu o membro da Assembleia, olhando para os demais presentes no auditório. — Será responsabilidade de todos os seus colegas cuidar de você, apoiá-lo e defendê-lo. Ser um Makar pode ser um fardo pesado, mas não terá de carregá-lo sozinho, não é? — Nas duas palavras finais, a voz do membro da Assembleia se elevou.

O público aplaudiu novamente, dessa vez a si mesmos, como uma promessa. Call aplaudiu o mais forte que pôde.

Levando a mão a um dos bolsos do uniforme, o membro da Assembleia tirou uma pedra escura, segurando-a diante de Aaron.

— Guardamos isto por mais de uma década, e é uma grande honra para mim ser a pessoa que vai entregá-la a você. Você vai reconhecê-la como uma pedra de afinidade, que se ganha quando conquista o Domínio de um elemento. A sua é o ônix preto, pelo domínio do vazio.

Call inclinou-se para a frente a fim de ter uma visão melhor, e as batidas do seu coração assumiram um ritmo irregular. Porque ali, na palma da mão daquele membro da Assembleia, estava uma pedra que era gêmea da que se encontrava na pulseira que seu pai enviara a Mestre Rufus. O que significava que a pulseira um dia pertencera a um Makar. Houve apenas dois Makaris nascidos na época de seu pai, portanto somente dois possíveis donos para a pulseira: Verity Torres ou Constantine Madden.

Ele parou de aplaudir. As mãos caíram em seu colo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Após a cerimônia, Aaron foi rapidamente levado pela Assembleia. Mestre Rufus levantou-se de novo para anunciar que eles teriam o dia de folga. Todos pareceram ficar mais animados com isso do que com o fato de Aaron ser um Makar. Os alunos imediatamente se espalharam, a maioria seguindo para a Galeria, deixando Call e Tamara caminhando sozinhos em direção aos quartos, ao longo de cavernas tortuosas iluminadas por cristais reluzentes.

Tamara falou durante a maior parte do caminho de volta, cheia de empolgação, evidentemente aliviada por seus pais não terem contestado abertamente Mestre Rufus. A princípio ela não pareceu notar que Call respondia basicamente com grunhidos e ruídos evasivos. Era visível que ela acreditava que ter Aaron como o Makar seria incrível para os três. Ela disse que eles não deveriam se preocupar com política, que deveriam pensar em como iriam receber tratamento especial e todas as melhores missões. Ela estava contando a Call como um dia faria uma caminhada sobre o fogo em um vulcão, quando por fim se interrompeu e colocou as mãos nos quadris.

— Por que você está sendo tão desagradável? — perguntou ela.

Call ficou mordido.

— Desagradável?

— Qualquer um pensaria que você não está feliz por Aaron. Você não está com ciúmes, está?

Ela estava tão enganada que, por um minuto, Call não pôde fazer nada a não ser gaguejar.

— Ah, sim, quero todos lá me olhando como... como...

— Tamara?

Jasper estava esperando na porta deles com expressão infeliz.

Tamara se empertigou. Call sempre ficava impressionado com o fato de que ela conseguia parecer ter 1,80 metro, quando na realidade era mais baixa do que ele.

— O que você quer, Jasper?

Ela parecia frustrada por não poder continuar interrogando Call. Pela primeira vez na vida, Call pensou que Jasper poderia ter alguma utilidade.

— Posso falar com você por um segundo? — perguntou ele. Parecia tão infeliz que Call se sentiu mal por ele. — Tenho um monte de aulas extras e... preciso muito da sua ajuda.

— Da minha não? — perguntou Call, lembrando da noite na biblioteca.

Jasper o ignorou.

— Por favor, Tamara. Sei que fui um idiota, mas queria que fôssemos amigos de novo.

— Você não foi um idiota comigo — disse ela. — Peça desculpas a Call e vou pensar no assunto.

— Desculpe — pediu Jasper, olhando para baixo.

— Tanto faz — disse Call. Não era um pedido de desculpas de verdade (e Tamara nem sabia da vez em que Jasper gritou para que ele fosse embora da biblioteca), então Call não achou que tinha de aceitar. Mas pensou que, se Tamara fosse com Jasper, ele ganharia tempo para lidar com o lobo. Tempo de que precisava desesperadamente. — Você devia ajudá-lo, Tamara. Ele precisa de muita, muita, *muita* ajuda. — Seus olhos encontraram os de Jasper.

Tamara suspirou.

— Ok, tudo bem, Jasper. Mas você tem de ser civilizado com os meus amigos, não só comigo. Chega de comentários sarcásticos.

— Mas... e ele? — objetou Jasper. — Ele faz comentários sarcásticos o tempo todo.

Tamara olhou de Call para Jasper. E tornou a suspirar.

— Que tal vocês dois pararem de fazer comentários sarcásticos?

— Nunca! — disse Call.

Tamara revirou os olhos e seguiu Jasper pelo corredor, prometendo a Call que o veria no jantar.

Isso deixou Call sozinho em seu quarto com um filhote Dominado pelo Caos se contorcendo. Pegando o lobo e enfiando-o outra vez no casaco, apesar de alguns ganidos de protesto, Call se dirigiu ao Portão das Missões, andando o mais rápido possível, sem que a perna lhe causasse problemas. Ele temia que a porta que dava para o lado de fora da caverna estivesse trancada, mas

acabou sendo fácil abri-la por dentro. Os portões de metal estavam fechados, mas Call não precisava ir tão longe. Torcendo para que ninguém os visse, Call tirou o lobo de dentro do casaco. O animalzinho andou de um lado para o outro, olhando, nervoso, para o metal e farejando o ar antes de finalmente fazer xixi em uma moita de ervas daninhas congeladas.

Call lhe deu mais alguns instantes antes de colocá-lo de volta debaixo do casaco.

— Vamos — disse ele ao filhote. — Precisamos voltar antes que alguém nos veja. E antes que alguém jogue fora as sobras do café da manhã.

Ele voltou pelos corredores, curvando-se ao passar por outros aprendizes para que eles não notassem a forma se movimentando sob seu casaco. Ele mal conseguiu voltar para o quarto antes que o lobo saltasse, querendo a liberdade. Em seguida, ele ficou à vontade, derrubando a lixeira e comendo os restos do café da manhã de Tamara que ainda estavam ali.

Por fim, Call conseguiu forçá-lo de volta ao quarto, para onde trouxe uma tigela de água, dois ovos crus e uma única salsicha fria que havia sido deixada no balcão. O lobo engoliu a comida, com casca e tudo. Em seguida, brincaram de cabo de guerra com um dos cobertores da cama.

No momento em que conseguiu soltar o cobertor e o lobo lançou-se novamente sobre ele, Call ouviu a porta externa se abrir. Alguém estava entrando na sala compartilhada. Ele fez uma pausa, tentando descobrir se Tamara havia mais uma vez percebido que Jasper era um idiota e voltado mais cedo, ou se Aaron tinha retornado. No silêncio, ele ouviu o som distinto de algo sendo jogado contra uma parede. O lobo pulou da cama e se enfiou ali embaixo, ganindo baixinho.

Call foi até a porta do seu quarto. Abrindo, ele viu Aaron sentado no sofá, tirando uma das botas. A outra se encontrava do outro lado da sala. Havia uma marca de sujeira na parede onde ela havia batido.

— Hã, você está bem? — perguntou Call.

Aaron pareceu surpreso ao vê-lo.

— Não pensei que fosse encontrar algum de vocês aqui.

Call pigarreou. Ele se sentiu estranhamente sem jeito. Perguntou-se se Aaron ficaria ali com eles agora que era o Makar ou se seria levado para algum tipo de aposento luxuoso próprio para um "herói que tem de salvar o mundo".

— Bem, Tamara foi para algum lugar com Jasper. Acho que voltaram a ser amigos.

— Tudo bem — disse Aaron, sem muito interesse. Era o tipo de coisa sobre a qual ele normalmente gostaria de falar. Havia outras coisas sobre as quais Call queria conversar com Aaron também, como o lobo e o comportamento estranho dos pais de Tamara, e a pedra preta na pulseira de Aaron, e o que significava a presença de uma semelhante na pulseira que o pai de Call tinha enviado para Rufus, mas Call não sabia como começar. Ou se deveria.

— Então — disse ele —, você deve estar muito animado com tudo essa... coisa da magia do caos.

— Claro — respondeu Aaron. — Estou superempolgado.

Call sabia reconhecer o sarcasmo quando o ouvia. Por um momento, ele não conseguiu acreditar que estivesse vindo de Aaron. Mas lá estava Aaron, olhando para sua bota, o maxilar cerrado. Parecia definitivamente chateado.

— Quer que eu te deixe em paz para jogar a outra bota? — perguntou Call.

Aaron respirou fundo.

— Desculpe — disse ele, esfregando o rosto com a mão. — É que não sei se quero ser um Makar.

Call ficou tão surpreso que, por um instante, não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Por que não? — Finalmente conseguiu dizer.

Aaron era perfeito para o papel. Ele era exatamente o que todos achavam que um herói deveria ser — legal, corajoso e capaz de atitudes heroicas, como correr direto para uma matilha de lobos Dominados pelo Caos, em vez de fugir como uma pessoa normal e sã.

— Você não entende — disse Aaron. — Todo mundo está agindo como se fosse uma ótima notícia, mas não é para mim. A última Makar morreu aos 15 anos e, tudo bem, ela postergou a guerra e

fez o Tratado acontecer, mas, ainda assim, morreu. E de uma forma horrível.

O que estava de acordo com tudo que o pai de Call já tinha dito sobre os magos.

— Você não vai morrer! — Call disse a Aaron com firmeza. — Verity Torres morreu em uma batalha, uma grande batalha. Você está no Magisterium. Os Mestres não vão deixar você morrer.

— Você não sabe disso — replicou Aaron.

Foi por isso que sua mãe morreu. Por causa da magia, soou a voz do pai de Call em sua cabeça.

— Ok, tudo bem. Então você deveria fugir — sugeriu Call de repente.

Aaron levantou a cabeça bruscamente. Call agora tinha sua atenção.

— Eu não vou fugir!

— Bem, você *poderia* — disse Call.

— Não, não poderia. — Os olhos verdes de Aaron estavam brilhando. Ele parecia zangado de verdade agora. — Não tenho para onde ir.

— Como assim? — perguntou Call, mas, lá no fundo, ele sabia, ou imaginava: Aaron nunca falava de sua família, nunca dizia nada sobre a vida em sua casa...

— Você não percebe *nada*? — questionou Aaron. — Você não se perguntou onde meus pais estavam no Desafio? Eu não tenho pais. Minha mãe morreu, meu pai fugiu. Não tenho a menor ideia de onde ele está. A última vez que o vi eu tinha 2 anos. Eu venho de um lar provisório. De vários. Ou eles cansavam de cuidar de mim ou os cheques do governo não eram suficientes e, então, me empurravam para a próxima família. Conheci a garota que me contou sobre o Magisterium no meu último lar provisório. Ela era alguém com quem eu podia conversar... até que o irmão da garota se formou aqui e a levou embora. Pelo menos, você sempre teve seu pai. Estar no Magisterium é a melhor coisa que já me aconteceu na vida. Não quero ir embora.

— Sinto muito — murmurou Call. — Eu não sabia.

— Depois que ela me contou sobre o Magisterium, vir para cá se tornou meu sonho — disse Aaron. — Minha *única* chance. Eu sabia

que teria de pagar ao Magisterium por todas as coisas boas que fez por mim — acrescentou ele baixinho. — Só não pensei que seria tão cedo.

— É horrível pensar assim — comentou Call. — Você não deve sua vida inteira a ninguém.

— Claro que devo — insistiu Aaron, e Call percebeu que nunca conseguiria convencer Aaron de que isso não era verdade. Ele pensou no amigo no palco, com todos aplaudindo, ouvindo que ele era a sua única chance. Para uma pessoa tão boa quanto Aaron, não havia a menor hipótese de empurrar essa responsabilidade para outro, mesmo que isso fosse possível. Era isso que o tornava um herói. Eles tinham a pessoa perfeita no lugar certo.

E como Call era seu amigo — quer Aaron quisesse que ele fosse ou não —, ele iria se certificar de que não o obrigassem a fazer nada estúpido.

— E não sou só eu — disse Aaron, cansado. — Sou um mago do caos. Vou precisar de um contrapeso. Um contrapeso *humano*. Quem vai querer isso voluntariamente?

— É uma honra — disse Call. — Ser o contrapeso de um Makar. — Disso, pelo menos, ele sabia. Tinha sido parte do blá-blá-blá animado de Tamara.

— O último contrapeso humano morreu quando a Makar morreu na batalha — argumentou Aaron. — E todos nós sabemos o que aconteceu antes disso. Foi assim que o Inimigo da Morte matou seu irmão. Não consigo ver ninguém fazendo fila para o cargo.

— Eu vou — disse Call.

Aaron parou abruptamente de falar, várias expressões se alternando em seu rosto. A princípio, ele pareceu incrédulo, como se suspeitasse de que Call estivesse fazendo piada ou falando aquilo apenas para ser do contra. Então, quando percebeu que Call falava sério, ele pareceu horrorizado.

— Você não pode! — exclamou Aaron. — Não ouviu nada do que acabei de dizer? Você poderia *morrer*.

— Bem, então não me mate — replicou Call. — Que tal termos como meta não morrer? Nós dois. Juntos. Não morrendo.

Aaron não disse nada por um longo momento e Call se perguntou se ele estava tentando pensar em uma maneira de dizer

a Call que agradecia a oferta, mas tinha alguém melhor em mente. Aquilo era uma honra, como Tamara dissera. Aaron não precisava aceitar Call, que não era ninguém especial.

Ele estava prestes a abrir a boca e dizer tudo isso quando Aaron ergueu os olhos. Seus olhos tinham um brilho suspeito e, por um segundo, Call pensou que talvez Aaron nem sempre tivesse sido o cara popular que era bom em tudo. Talvez, nos vários lares provisórios, ele se sentisse sozinho, com raiva e triste, como Call.

— Tudo bem — disse Aaron. — Se você ainda quiser. Quando chegar a hora, quero dizer.

Antes que Call pudesse dizer mais alguma coisa, a porta se abriu bruscamente e Tamara entrou. Seu rosto se iluminou quando viu Aaron. Ela correu e lhe deu um abraço que quase o derrubou do sofá.

— Você viu a cara de Mestre Rufus? — perguntou ela. — Ele está tão orgulhoso de você! E a Assembleia inteira compareceu, até meus pais. Todos eles aplaudindo. Você! Aquilo foi *incrível*.

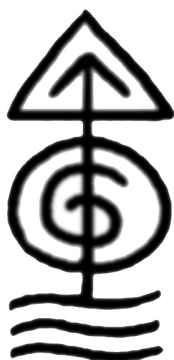
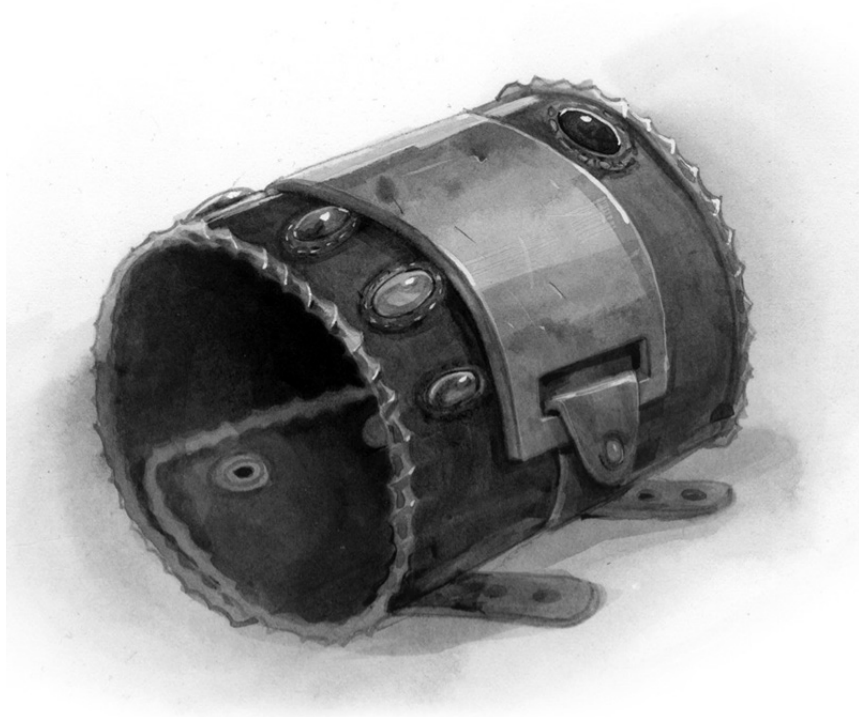
— Foi mesmo incrível — concordou Aaron, finalmente começando a sorrir de verdade.

Ela bateu nele com uma almofada.

— Não fique convencido — advertiu ela.

Os olhos de Call e os de Aaron se encontraram acima da almofada, e eles sorriram um para o outro.

— Não existe a menor chance de isso acontecer por aqui — replicou ele.

Nesse momento, do quarto de Call, o lobo Dominado pelo Caos começou a latir.

CAPÍTULO VINTE

Tamara levantou-se de um salto e olhou ao redor da sala como se esperasse que alguma coisa saísse das sombras e avançasse sobre ela.

A expressão de Aaron tornou-se cautelosa, mas ele permaneceu sentado.

— Call — disse ele —, isso está vindo do seu quarto?

— Hã, talvez? — replicou Call, tentando desesperadamente pensar em alguma explicação para o ruído. — É o... toque do meu celular?

Tanara franziu a testa.

— Celulares não funcionam aqui embaixo, Callum. E você já disse que não tem um.

Aaron ergueu as sobrancelhas.

— Tem um *cachorro* aí dentro?

Alguma coisa caiu no chão e os latidos aumentaram, acompanhados pelo som de unhas arranhando a pedra.

— O que está acontecendo? — perguntou Tamara, andando até a porta de Call e abrindo-a de supetão. Então ela gritou e recuou até a parede. Indiferente, o lobo passou por ela aos pulos e entrou na sala compartilhada.

— Isso é um... — Aaron se levantou, a mão indo inconscientemente para o pulso, buscando a pulseira com a pedra preta do vazio.

Call pensou na escuridão envolvendo os lobos na noite anterior, levando-os para o nada. Então correu o mais rápido que pôde para proteger o filhote com seu corpo, abrindo bem os braços.

— Eu posso explicar — disse Call, desesperado. — Ele não é mau! É apenas um cachorro comum!

— Essa coisa é um *monstro* — afirmou Tamara, pegando uma das facas em cima da mesa. — Call, não me diga que você o trouxe para cá de *propósito*.

— Ele estava perdido, chorando lá fora, no frio — argumentou Call.

— Que ótimo! — exclamou Tamara. — Meu Deus, Call, será que você não pensa, nunca pensa? Essas coisas são cruéis... elas matam pessoas!

— Ele não é cruel — disse Call, ajoelhando-se e segurando o filhote pela nuca. — Acalme-se, garoto — disse ele com a maior firmeza de que foi capaz, curvando-se para olhar bem no focinho do lobo. — Eles são nossos amigos.

O filhote parou de latir, olhando para Call com seus olhos caleidoscópicos. E então lambeu seu rosto. Call se virou para Tamara.

— Está vendo? Ele não é mau. Estava apenas excitado por ter ficado trancado no quarto.

— Saia da minha frente — disse Tamara, brandindo a faca.

— Tamara, espere — pediu Aaron, aproximando-se deles. — Admita: é estranho que ele não esteja atacando Call.

— Ele é só um bebê — disse Call. — E está assustado.

Tamara bufou.

Call pegou o lobo no colo e o virou de costas, embalando-o como se fosse um bebê. O lobo se remexeu.

— Está vendo? Veja estes olhos grandes.

— Você pode ser expulso da escola por causa dele — avisou Tamara. — *Todos nós* podemos ser expulsos.

— Menos Aaron — disse Call, e Aaron se encolheu.

— Call — disse ele. — Você não pode ficar com ele. *Não pode*.

Call segurou o lobo mais apertado.

— Bem, eu vou ficar.

— Não pode — insistiu Tamara. — Mesmo que o deixemos viver, temos de levá-lo para fora do Magisterium e deixá-lo lá. Ele não pode ficar aqui.

— Então é melhor matá-lo — disse Call. — Porque ele não vai sobreviver lá fora. E eu não vou deixar você levá-lo. — Ele engoliu em seco. — Então, se você quer que ele saia, pode me dedurar. Vá em frente.

Aaron respirou fundo.

— Ok, então, qual o nome dele?

— Devastação — respondeu Call no mesmo instante.

Tamara deixou a mão cair lentamente ao lado do corpo.

— Devastação?

Call ficou vermelho.

— É de uma peça de que meu pai gostava. "Grita devastação!, e deixa escapar os cães de guerra." Definitivamente, ele é, sei lá, um dos cães de guerra.

Devastação aproveitou a oportunidade para arrotar.

Tamara suspirou, e seu rosto se abrandou. Ela estendeu a outra mão, a que não segurava a faca, para acariciar o pelo do filhote.

— E então... o que ele come?

Acabou que Aaron tinha guardado bacon no refrigerador e o doou para Devastação. E Tamara, depois de ter sido babada e ter visto um lobo Dominado pelo Caos se deitar de costas para ela coçar sua barriga, anunciou que eles deviam encher os bolsos com qualquer coisa que se assemelhasse vagamente a carne e que pudessem trazer do Refeitório, incluindo peixes cegos.

— Mas precisamos conversar sobre a pulseira — disse ela, enquanto jogava uma bolinha de papel para Devastação buscar.

Ele, porém, pegou a bola de papel e a levou para debaixo da mesa, começando a rasgá-la com seus dentinhos.

— A pulseira que o pai de Call mandou para ele.

Call concordou. Com todo o tumulto sobre Aaron e Devastação, ele tinha conseguido empurrar para o fundo da mente a constatação do que a pedra de ônix significava.

— Ela não poderia ter pertencido a Verity Torres, certo? — perguntou ele.

— Ela tinha quinze anos quando morreu — disse Tamara, sacudindo a cabeça. — Mas deixou a escola no ano anterior, portanto sua pulseira seria do Ano de Bronze, e não de Prata.

— Mas, se não é dela... — disse Aaron, engolindo em seco, incapaz de pronunciar as palavras.

— Então é de Constantine Madden — afirmou Tamara, com objetividade. — Faria sentido.

Call sentiu calor e frio por todo o corpo. Era exatamente o que vinha pensando, mas, agora que Tamara dissera em voz alta, ele não queria acreditar.

— Por que meu pai teria a pulseira do Inimigo da Morte? *Como* ele poderia tê-la?

— Qual a idade do seu pai?

— Trinta e cinco — respondeu Call, perguntando-se o que isso tinha a ver.

— Basicamente a mesma idade de Constantine Madden. Eles devem ter frequentado a escola na mesma época. E o Inimigo poderia ter deixado sua pulseira para trás quando fugiu do Magisterium.

Tamara se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Ele rejeitou tudo que dizia respeito à escola. Não ia querer a pulseira. Talvez seu pai a tenha apanhado, ou encontrado. Talvez eles até... se conhecessem.

— Não tem como. Ele teria me contado — retrucou Call, sabendo, mesmo enquanto falava, que não era verdade. Alastair nunca mencionava o Magisterium, exceto vagamente e para descrever o quanto era sinistro.

— Rufus disse que *ele* conheceu o Inimigo. E aquela pulseira era para ser um recado para Rufus — disse Aaron. — Tinha de ter algum significado para seu pai e para Rufus. Faria mais sentido se ambos o conhecessem.

— Mas qual era o recado? — perguntou Call.

— Bem, era sobre você — respondeu Tamara. — *Interdite sua magia*. Certo?

— Para que me mandassem para casa! Para que eu ficasse em segurança!

— Pode ser — refletiu Tamara. — Ou talvez tivesse a ver com manter outras pessoas a salvo *de você*.

O coração de Call falhou uma batida.

— Tamara — disse Aaron. — É melhor explicar o que está querendo dizer.

— Desculpe, Call — disse ela, e realmente parecia lamentar. — Mas o Inimigo inventou os Dominados pelo Caos aqui, no Magisterium. E nunca ouvi falar de um animal Dominado pelo Caos que fosse amigável com alguém ou alguma coisa, exceto com outros Dominados pelo Caos.

Aaron tentou protestar, mas Tamara ergueu a mão.

— Lembra o que Celia disse naquela primeira noite no ônibus? Sobre um rumor de que alguns dos Dominados pelo Caos têm olhos

normais? E que, se alguém nascesse Dominado pelo Caos, é possível que essa pessoa não fosse vazia por dentro. Que talvez ela parecesse normal. Como Devastação.

— Call não é um dos Dominados pelo Caos! — protestou Aaron, elevando a voz. — Essas coisas que Celia estava dizendo, sobre criaturas Dominadas pelo Caos parecerem normais, não existem provas de que sejam verdade. E, além disso, se Call fosse um Dominado pelo Caos, ele saberia. Ou eu saberia. Sou um dos Makaris, então, eu deveria saber, certo? Ele não é. Simplesmente não é.

Devastação correu até Call, como se sentisse que algo estava errado. Ele choramingou um pouco, os olhos girando.

As palavras de Alastair ecoaram na mente de Call.

Call, precisa me escutar. Não sabe o que você é.

— Ok, então o que eu sou? — perguntou ele, encostando-se no lobo, pressionando o rosto no pelo macio.

Mas ele podia ver no rosto de seus amigos que eles não sabiam.

↑≋△○@

À medida que as semanas transcorriam, eles não encontravam novas respostas, mas era fácil para Call deixar as perguntas sumirem de sua mente para poder se concentrar nos estudos. Com Aaron treinando não só para ser mago, mas também para ser um Makar, Mestre Rufus tinha de dividir seu tempo. Embora eles treinassem juntos na maior parte do tempo, Call e Tamara muitas vezes ficavam sozinhos, pesquisando sobre magia nas bibliotecas, pesquisando histórias da Segunda Guerra dos Magos e examinando desenhos das batalhas ou fotografias das pessoas envolvidas, procurando os diversos pequenos elementais que povoavam o Magisterium, como treino, e finalmente aprendendo a pilotar um barco através das cavernas. Às vezes, quando Mestre Rufus precisava levar Aaron a algum lugar ou fazer alguma coisa que demoraria o dia inteiro, Call e Tamara se juntavam ao grupo de outro Mestre.

A empolgação por Aaron ser um Makar havia sido levemente ofuscada pela notícia de que Mestre Lemuel estava sendo obrigado

a deixar o Magisterium. As acusações de Drew tinham sido ouvidas pela Assembleia, e eles determinaram que não se podia mais confiar alunos a Mestre Lemuel, apesar de ele negar com firmeza as acusações, e apesar das afirmações de Rafe em seu favor. Seus aprendizes foram divididos entre os outros Mestres, ficando Drew com Mestra Milagros, Rafe com Mestre Rockmaple e Laurel com Mestre Tanaka.

Drew saiu da Enfermaria uma semana depois que a notícia sobre Mestre Lemuel se espalhou. No jantar, ele fora até as outras mesas e se desculpara com todos os aprendizes. Desculpou-se várias vezes com Aaron, Tamara e Call. Este pensou em perguntar a Drew o que ele tinha tentado lhe dizer no corredor naquela noite, mas raramente Drew estava sozinho, e Call não sabia exatamente como formular a pergunta.

Tem alguma coisa errada comigo?

Tem alguma coisa perigosa em mim?

Como você poderia saber o que eu não sei?

Às vezes, Call se sentia desesperado a ponto de querer escrever ao pai e perguntar sobre a pulseira. Mas então teria de confessar que havia escondido a carta que o pai enviara a Rufus. Além disso, não recebera mais notícias de Alastair, exceto por outro pacote de balas de gelatina e um novo casaco de lã que chegaram no Natal. Um cartão acompanhava, assinado: *Com amor, Papai*. E mais nada. Sentindo-se vazio, Call enfiou o cartão na gaveta, com as outras cartas.

Felizmente, Call tinha algo mais que ocupava boa parte de seu tempo: Devastação. Alimentar um lobo Dominado pelo Caos em crescimento e mantê-lo escondido exigia muita dedicação e ajuda de Tamara e Aaron. Também exigia ignorar Jasper lhe dizendo, todos os dias, que ele cheirava a cachorro-quente, quando levava comida do Refeitório escondida nos bolsos. Havia ainda o problema de sair sorrateiramente pelo Portão das Missões para passeios regulares. Mas, quando o inverno deu lugar à primavera, ficou claro para Call que agora Aaron, e até Tamara, pensavam em Devastação como seu cachorro também. Muitas vezes, ao voltar da Galeria, ele encontrava Tamara enroscada no sofá, lendo, com o lobo como um cobertor deitado sobre os seus pés.

CAPÍTULO VINTE E UM

Finalmente o tempo esquentou o suficiente para eles começarem a ter aulas ao ar livre quase diariamente. Em uma tarde luminosa, Call e Tamara foram para a margem da floresta estudar com a turma de Mestra Milagros enquanto Rufus levava Aaron para um treinamento especial.

Eles não se afastaram muito dos portões do Magisterium, mas a vegetação havia crescido o suficiente para bloquear a visão de quase toda a entrada da caverna. O ar quente cheirava a alecrim, valeriana e beladona, que cresciam no terreno, e havia no chão uma pilha crescente de jaquetas e casacos leves enquanto os aprendizes corriam ao sol, brincando de pegar bolas de fogo, usando o ar para controlar a maneira como estas se deslocavam.

Call e Tamara juntaram-se a eles com entusiasmo. Era divertido concentrar-se em erguer uma esfera em chamas e depois lançá-la entre as mãos. Call se esforçava para aproximá-la ao máximo das mãos, mas sem tocar as palmas de fato. Gwenda havia se queimado uma vez e agora tomava cuidado extra; sua bola de fogo mais pairava do que se movia. Embora Call e Tamara tivessem chegado depois, o exercício era bem parecido com os que Mestre Rufus os fizera praticar — principalmente os da areia, que estavam para sempre gravados na mente deles — e então eles aprenderam rapidamente.

— Muito bem — elogiou Mestra Milagros, andando entre eles. Ela havia tirado os sapatos e a camisa do uniforme preto, deixando à mostra uma camiseta com um arco-íris na frente. — Agora quero que vocês criem *duas* bolas. Dividam sua atenção.

Call e Tamara assentiram. Dividir a atenção era instintivo para eles, mas alguns dos outros aprendizes precisavam fazer um grande esforço. Celia conseguiu, assim como Gwenda, mas uma das esferas de Jasper estourou, chamuscando seu cabelo.

Call riu, recebendo um olhar sombrio.

Logo, porém, todos estavam jogando duas bolas de fogo no ar, e em seguida três, não exatamente como malabares, mas algo que se

aproximava de uma versão em câmera lenta. Depois de alguns minutos, Mestra Milagros os interrompeu novamente.

— Por favor, escolham um parceiro — disse ela. — O aprendiz que ficar sem par vai praticar comigo. Vamos jogar nossa bola para o parceiro e pegar a que ele jogar para nós. Portanto, apaguem todas as bolas em suas mãos, exceto uma. Prontos?

Celia bateu na manga de Call timidamente.

— Pratica comigo? — perguntou ela.

Tamara suspirou e foi praticar com Gwenda, deixando Jasper como parceiro de Mestra Milagros, já que Drew havia se queixado de dor de garganta e ficara em seu quarto. O fogo andava de um lado para o outro, cortando o ar preguiçoso da primavera.

— Você é muito bom nisso! — exclamou Celia, radiante, enquanto Call conduzia o fogo em loopings antes de levá-lo logo acima das mãos de Celia.

Ela era o tipo de pessoa simpática, que distribuía elogios com facilidade, mas ainda assim era bom ouvir — mesmo que Tamara estivesse revirando os olhos pelas costas de Celia.

— Muito bem! — Mestra Milagros bateu palmas para chamar a atenção de todos. — Ela parecia um pouco descontente; havia uma queimadura em sua manga, onde Jasper devia ter acertado uma bola de fogo. — Agora que todos vocês estão acostumados a usar ar e fogo juntos, vamos adicionar algo ainda mais difícil. Venham por aqui.

Mestra Milagros os conduziu morro abaixo, até um riacho que borbulhava nas rochas. Quatro grossas toras de carvalho balançavam na água, visivelmente sob efeito de magia para que permanecessem no lugar, visto que a corrente fluía em torno delas. Mestra Milagros apontou para as toras.

— Vocês vão subir em uma dessas — disse ela. — Quero que vocês usem água e terra para se equilibrar sobre as toras, ao mesmo tempo em que mantêm pelo menos três bolas de fogo no ar.

Houve um murmúrio de protesto e Mestra Milagros sorriu.

— Tenho certeza de que vocês conseguem — encorajou ela, conduzindo os alunos em direção aos troncos.

Quando Call avançou, ela pousou a mão em seu ombro.

— Call, me desculpe, mas acho melhor você ficar aqui. Com sua perna, não creio que seja seguro que faça o exercício — disse ela baixinho. — Estive pensando em uma versão que poderia se adequar melhor a você. Deixe-me ajudar os outros a começar e, então, explico.

Jasper, passando por eles, olhou por cima do ombro e riu.

Call sentiu uma fúria vermelha e cega ferver dentro dele. De repente, estava de volta à aula de educação física no 6º ano, sentado nas arquibancadas enquanto todos os outros escalavam cordas, ou faziam dribles com bolas de basquete, ou ainda saltavam de um lado para o outro no tatame.

— Eu posso fazer — assegurou ele.

Mestra Milagros deu um passo em direção à margem do riacho, os pés descalços afundando na lama. Ela sorriu.

— Eu sei, Call, mas o exercício vai ser muito difícil para todos os aprendizes e seria ainda mais difícil para você. Acho que ainda não está pronto.

Assim, Call observou os outros aprendizes patinarem na água ou levitaram de modo desajeitado até o seu tronco, oscilando à medida que Mestra Milagros liberava a magia que mantinha a madeira no lugar. Ele podia ver a tensão no rosto dos colegas enquanto tentavam mover a tora contra a corrente, manter-se de pé e fazer uma bola de fogo levitar. Celia caiu quase imediatamente no riacho, encharcando o uniforme — sem conseguir parar de rir. Era um dia quente e Call podia apostar que cair na água era gostoso.

Jasper, surpreendentemente, saiu-se muito bem no exercício. Ele conseguiu se equilibrar no tronco e manter-se de pé enquanto conjurava sua primeira bola de fogo. Ele a jogava entre uma mão e outra, rindo e olhando na direção de Call, fazendo-o pensar no que ele dissera no refeitório.

Se você aprendesse a levitar, talvez não atrasasse tanto seus colegas, mancando atrás deles.

Call era um mago melhor do que Jasper; ele sabia disso. E não suportava que Jasper pensasse o contrário.

Dando risadinhas, Celia tornou a subir no tronco, mas seus pés estavam molhados e ela escorregou outra vez, quase de imediato. Ela mergulhou de volta na água e Call, tomado por um impulso que

não conseguiu controlar, avançou correndo e pulou no tronco abandonado. Afinal, ele já havia andado de skate antes — mal, admitiu. Mas andara e podia fazer o exercício também.

— Call! — gritou Mestra Milagros, mas ele já estava no meio do rio. Era muito mais difícil do que parecia da margem. O tronco rolou sob seus pés, e ele teve de estender as mãos, recorrendo à magia da terra, para manter o equilíbrio.

Celia emergiu na frente dele, jogando para trás o cabelo molhado. Vendo Call, ela arquejou. O susto de Call foi tão grande que sua magia o abandonou. A tora rolou adiante, Célia mergulhou na direção da margem com um grito e a perna ruim de Call deslocou-se debaixo do garoto. Ele tombou para a frente e caiu na água.

A água era escura, gelada e mais profunda do que ele imaginara. Call se virou, tentando nadar até a superfície, mas seu pé ficou preso entre duas pedras. Ele chutou desesperadamente, mas a perna ruim não era forte o suficiente para libertar a boa. A dor percorreu a lateral de seu corpo enquanto ele tentava se libertar, e ele gritou — silenciosamente, debaixo d'água, bolhas escapando de seus lábios.

De repente, uma mão segurou seu braço e o puxou para cima. Ele sentiu mais dor quando seu pé se soltou do leito do riacho, e então ele se viu na superfície, arquejando. A pessoa que o puxara nadava, atravessando o riacho, e Call podia ouvir os outros aprendizes gritando sem parar enquanto ele era jogado na margem, tossindo e cuspindo água.

Ele olhou para cima e viu olhos castanhos raivosos e cabelos pretos gotejando.

— Jasper? — disse Call, incrédulo, depois tossiu de novo, a boca se enchendo de água. Estava prestes a se virar de lado e cuspir, quando Tamara apareceu de repente, caindo ao seu lado de joelhos.

— Call? Call, você está bem?

Call engoliu a água, torcendo para que não houvesse girinos.

— Estou bem — respondeu ele, a voz rouca.

— Por que você teve de se exibir assim? — perguntou Tamara com raiva. — Por que os meninos são sempre tão burros? Depois

que Mestra Milagros disse especificamente para você não fazer isso! Se não fosse por Jasper...

— Ele seria comida de peixe — completou Jasper, espremendo a água de seu uniforme.

— Bem, eu não iria tão longe — disse Mestra Milagros. — Mas, Call, foi uma atitude muito, muito tola.

Call olhou para si mesmo. Uma das pernas de sua calça estava rasgada, ele havia perdido um pé de sapato e o sangue escorria de seu tornozelo. Pelo menos era sua perna boa, pensou ele, então ninguém podia ver a confusão de músculos retorcidos que era a outra.

— Eu sei — disse ele.

Mestra Milagros suspirou.

— Você pode ficar de pé?

Call tentou se levantar. Imediatamente, Tamara estava ao lado dele, oferecendo um braço para ele se apoiar. Ele o aceitou, aprumou-se — e gritou quando a dor o atingiu. A sensação era de que alguém havia enfiado uma faca em seu tornozelo esquerdo: uma dor quente e nauseante.

Mestra Milagros se abaixou e tocou o tornozelo de Call com dedos frios.

— Não está quebrado, mas foi uma torção grave — decretou ela depois de um momento. Ela tornou a suspirar. — A aula acabou por hoje. Call, vamos para a Enfermaria.

↑≋△○@

A Enfermaria vinha a ser uma sala grande, de pé-direito alto, totalmente livre de estalagmites, estalactites ou qualquer coisa que borbulhasse, gotejasse ou fumegasse. Havia longas fileiras de camas, arrumadas com lençóis brancos, como se os Mestres esperassem que uma grande quantidade de crianças feridas pudesse ser levada para lá a qualquer minuto. No momento, não havia ninguém além de Call.

O mago encarregado era uma mulher alta e ruiva, que tinha uma cobra enroscada nos ombros. O padrão das escamas do réptil

mudava conforme ele se movia, passando de manchas de leopardo para listras de tigre e trêmulos pontos cor-de-rosa.

— Coloque-o ali — instruiu a mulher, apontando solenemente enquanto os aprendizes carregavam Call em uma maca feita de galhos que Mestra Milagros havia criado. Se a perna de Call não doesse tanto, teria sido interessante vê-la usar magia da terra para quebrar os galhos e prendê-los com raízes longas e flexíveis.

Mestra Milagros supervisionou a maneira como colocaram Call em uma cama.

— Obrigada, alunos — agradeceu ela, enquanto Tamara hesitava, ansiosa. — Agora vamos, deixem Mestra Amaranth trabalhar.

Call se apoiou nos cotovelos, ignorando a dor lancinante na perna.

— Tamara...

— O que foi? — Ela se virou, os olhos escuros arregalados. Todo mundo estava olhando para eles. Call tentou se comunicar com ela com os olhos. *Cuide de Devastação. Providencie comida suficiente.*

— Ele está ficando vesgo — disse Tamara a Mestra Amaranth, preocupada. — Deve ser a dor. A senhora não pode fazer nada?

— Não com todos vocês aqui. Xô! Xô! — Amaranth agitou a mão e os aprendizes saíram apressados com Mestra Milagros, Tamara parando na porta a fim de lançar outro olhar preocupado a Call.

Ele caiu de volta na cama, pensando em Devastação, enquanto Mestra Amaranth cortava seu uniforme, mostrando hematomas roxos na extensão da perna. Sua perna *boa*. Por um momento, o pânico cresceu em seu peito, dando-lhe a sensação de estar sufocando. E se ele não pudesse mais andar?

A Mestra deve ter visto um pouco do medo em sua expressão, porque ela sorriu, tirando um rolo de musgo de uma jarra de vidro.

— Você vai ficar bem, Callum Hunt. Já curei ferimentos piores do que este.

— Então não é tão ruim quanto parece? — Call ousou perguntar.

— Oh, não — respondeu ela. — É tão ruim quanto parece. Mas eu sou muito, muito boa no que faço.

Um tanto tranquilizado, e decidindo que seria melhor não fazer mais perguntas, Call deixou que ela cobrisse sua perna com o musgo de um tom verde vívido e, em seguida, envolvesse tudo com lama. Por fim, ela lhe deu um gole de um líquido leitoso, que tirou a maior parte da dor e o fez se sentir um pouco como se flutuasse em direção ao teto da caverna, como se o hálito do dragonete o tivesse atingido afinal.

Sentindo-se muito tolo, Call adormeceu.

↑≋△○@

— *Call* — sussurrou uma garota, bem perto de seu ouvido, soprando seu cabelo e fazendo cócegas em seu pescoço. — Call, acorde.

Em seguida, outra voz. A de um menino dessa vez.

— Talvez devêssemos voltar. Isto é... o sono não ajuda na cura ou algo assim?

— Sim, mas não ajuda a *gente* — disse a primeira voz, dessa vez mais alto e mais rabugenta. Tamara. Call abriu os olhos.

Tamara e Aaron estavam ali, Tamara sentada ao lado dele na cama, sacudindo suavemente seu ombro. Aaron ergueu Devastação, que babava, arfava e abanava o rabo. Ele tinha uma coleira improvisada em torno do pescoço.

— Eu ia levá-lo para passear — disse Aaron. — Mas, como não há ninguém além de você na Enfermaria, pensamos em trazê-lo primeiro para uma visita.

— Também trouxemos seu jantar do refeitório — informou Tamara, apontando um prato coberto por guardanapo na mesinha de cabeceira. — Como você está?

Call experimentou mover a perna dentro do molde de lama. Não doía mais.

— Eu me sinto um imbecil.

— Não foi culpa sua — disse Aaron ao mesmo tempo que Tamara dizia: — Bem, deveria mesmo.

Eles se entreolharam e, então, olharam para Call.

— Desculpe, Call, mas não foi sua *melhor* ideia — disse Tamara. — Você simplesmente roubou o tronco de Celia. Não que ela não vá

gostaaaaar de você de qualquer maneira.

— Hein? Ela não gosta — protestou Call, horrorizado.

— Gosta, sim. — Tamara sorriu. — Você poderia bater na cabeça dela com uma tora e ela ainda ficaria toda: *Call, você é tão bom com essa coisa de magia*. — Ela olhou para Aaron, cuja expressão dizia a Call que ele concordava com Tamara e achava tudo hilário.

— Seja como for — continuou Tamara —, nós não queremos que você seja esmagado por um tronco. Precisamos de você.

— Isso mesmo — concordou Aaron. — Você é meu contrapeso, lembra?

— Só porque ele se ofereceu primeiro — disse Tamara. — Você deveria ter feito testes para o papel. — Call tinha receado que Tamara pudesse ficar com ciúmes quando descobrisse que Aaron o escolhera como seu contrapeso, mas sobretudo ela parecia pensar que, por mais que gostasse de Call, Aaron provavelmente poderia ter conseguido alguém melhor. — Aposto que Alex Strike ainda está disponível. E, além de tudo, ele é bonitinho.

— Que seja — disse Aaron, revirando os olhos. — Eu não queria Alex. Queria Call.

— Eu sei — admitiu Tamara. — Ele vai ser bom nisso — acrescentou ela inesperadamente, e Call dirigiu um sorriso agradecido aos dois. Mesmo deitado ali, com a perna enrolada na lama, era bom ter amigos.

— E eu aqui preocupado, achando que vocês iam esquecer Devastação — disse Call.

— Sem chance — rebateu Aaron alegremente. — Ele comeu as botas de Tamara.

— Minhas botas favoritas. — Tamara deu um tapa de leve em Devastação, que se esquivou, tentou se dirigir à porta e olhou tristemente para Call na cama. Um leve gemido saiu de sua garganta.

— Acho que ele quer dar um passeio agora — comentou Call.

— Eu vou levá-lo. — Aaron correu até a porta e enrolou a ponta livre da corda em seu pulso. — Ninguém está nos corredores agora porque é a hora do jantar. Eu volto já.

— Se você for pego, vamos fingir que não o conhecemos! — disse Tamara, bem-humorada, quando a porta se fechou atrás dele. Ela pegou o prato na mesinha de cabeceira de Call e puxou o guardanapo. — Líquen delicioso — disse ela, equilibrando o prato na barriga de Call. — Seu tipo favorito.

Call pegou um pedaço do vegetal e mordeu, pensativo.

— Eu me pergunto se vamos todos estar tão acostumados com líquen que, quando voltarmos para casa, não vamos querer pizza ou sorvete. Vou acabar na floresta, comendo musgo.

— Todo mundo na sua cidade vai pensar que você é maluco.

— Todo mundo na minha cidade já pensa que eu sou louco.

Tamara puxou uma de suas tranças e brincou com a ponta, pensativa.

— Você vai ficar bem quando for para casa nas férias de verão?

Call tirou os olhos do líquen.

— Como assim?

— Seu pai — disse ela. — Ele odeia tanto o Magisterium, mas você... você não. Pelo menos eu não acho que odeie. E você vai voltar no próximo ano. Não é isso exatamente que ele não queria?

Call não disse nada.

— Você vai voltar no ano que vem, não é? — Ela se inclinou para a frente, preocupada. — Call?

— Eu quero — respondeu ele. — Quero, mas temo que ele não me deixe. E talvez haja uma razão para ele não deixar... mas eu não quero saber. Se há algo errado comigo, quero que Alastair guarde para si.

— Não há nada de errado com você, exceto que quebrou a perna — disse Tamara, mas ela ainda parecia ansiosa.

— E que sou um exibido — emendou Call, tentando aliviar o clima.

Tamara lhe jogou um pedaço de líquen e ficaram conversando um pouco sobre como todos estavam reagindo ao novo status de celebridade de Aaron — inclusive o próprio Aaron. Tamara estava preocupada com ele, mas Call garantiu a ela que Aaron saberia lidar com tudo.

Então Tamara começou a contar como seus pais estavam animados por ela estar no mesmo grupo do Makar, o que era bom,

porque ela queria que eles se orgulhassem dela, e ruim, porque significava que estavam ainda mais preocupados do que o normal que ela se comportasse de maneira exemplar em todos os momentos. E a ideia deles de exemplar nem sempre era igual à da menina.

— Agora que existe um Makar, o que isso significa para o Tratado? — perguntou Call, pensando no discurso de Rufus e na forma como os membros da Assembleia reagiram a ele na reunião.

— Nada no momento — respondeu Tamara. — Ninguém vai querer fazer um movimento contra o Inimigo da Morte enquanto Aaron for tão jovem... Bem, quase ninguém. Mas, assim que o Inimigo souber de sua existência, se é que já não sabe, quem pode dizer o que fará.

Depois de alguns minutos de conversa, Tamara olhou o relógio.

— Aaron já foi há muito tempo — disse ela. — Se ele ficar por lá mais tempo, o jantar vai chegar ao fim e ele será pego voltando pelos corredores. Talvez seja melhor eu ir ver como ele está.

— Certo — disse Call. — Vou com você.

— Acha uma boa ideia? — Tamara ergueu uma sobrancelha, olhando a perna do amigo. Parecia muito ruim, assim envolta em musgo e selada com lama. Call experimentou mexer os dedos dos pés. Nada doeu.

Ele deslizou as pernas pela borda da cama, fazendo o gesso de musgo e lama rachar.

— Não posso mais ficar aqui deitado. Vou acabar ficando maluco. E minha perna está coçando. Quero tomar um pouco de ar.

— Ok, mas vamos ter de ir devagar. E, se alguma coisa doer, você precisa parar, descansar e depois voltar imediatamente para cá.

Call assentiu. Ele se levantou, apoiado na coluna da cama. Assim que ele se endireitou, o gesso quebrou ao meio e caiu, deixando sua panturrilha nua sob a perna cortada da calça.

— Esse é um look que combina com você — disse Tamara, dirigindo-se para a porta. Call calçou rapidamente as meias e as botas, que haviam sido deixadas debaixo da cama. Ele prendeu as partes cortadas das calças nas meias para que não ficassem

balançando e pegou Miri, deslizando-a pelo cinto. Então seguiu Tamara e deixaram a Enfermaria.

Os corredores estavam silenciosos, pois os alunos estavam no Refeitório. Call e Tamara tentaram fazer o mínimo de barulho possível enquanto se dirigiam ao Portão das Missões. Call não se sentia muito firme. Ambas as pernas doíam um pouco, embora ele não fosse dizer isso a Tamara. Ele achou que sua aparência devia estar muito bizarra, com as calças cortadas do joelho para baixo e o cabelo todo arrepiado, mas, felizmente, não havia ninguém para vê-lo. Eles encontraram o Portão das Missões e saíram silenciosamente para a escuridão.

A noite estava quente e clara, e a lua no céu delineava as árvores e os caminhos ao redor do Magisterium.

— Aaron! — chamou Tamara em voz baixa. — Aaron, cadê você?

Call se virou, examinando a floresta. Havia algo um pouco sinistro nas árvores, as sombras espessas entre elas, os galhos chacoalhando ao vento.

— Devastação! — chamou ele.

Houve um silêncio, e então Devastação irrompeu de entre as árvores, os olhos cintilantes girando como fogos de artifício. Ele correu até Call e Tamara, arrastando a guia improvisada atrás de si. Call ouviu Tamara arquejar.

— Cadê o Aaron? — perguntou ela.

Devastação choramingou e ficou de pé nas patas traseiras, arranhando o ar. Praticamente seu corpo todo vibrava, o pelo arrepiado, as orelhas girando descontroladamente. Ele gania e dançava na direção de Call, colocando o focinho frio na mão do garoto.

— Devastação. — Call enfiou os dedos no pescoço do lobo, tentando fazê-lo se acalmar. — Você está bem, garoto?

Devastação tornou a gemer e se afastou, escapando das mãos de Call. Então correu em direção à floresta, parou e olhou para trás, para eles.

— Ele quer que a gente o siga — disse Call.

— Você acha que Aaron está ferido? — perguntou Tamara, olhando ao redor freneticamente. — Será que um elemental o

atacou?

— Venha — chamou Call, atravessando o terreno escuro, ignorando a fisgada nas pernas.

Devastação, com a certeza de que eles o seguiam, disparou como um tiro, ziguezagueando entre as árvores, apenas um borrão marrom ao luar.

O mais rápido que podiam, Tamara e Call o seguiram.

MOUNTAIN
BOWLING

CAPÍTULO VINTE E DOIS

As pernas de Call doíam. Ele estava acostumado a sentir dor em uma delas, mas nas duas ao mesmo tempo era uma sensação nova. Ele não sabia como equilibrar seu peso e, embora tivesse apanhado um galho enquanto caminhava pela floresta e o estivesse usando sempre que percebia que ia cair, nada ajudava a aliviar a queimação nos músculos.

Devastação liderava o grupo, com Tamara bem à frente de Call, olhando para trás com frequência, a fim de se certificar de que ele ainda estava atrás dela, e, de vez em quando, diminuindo o passo, impaciente. Call não sabia a distância que já tinham percorrido — com a dor crescente, o tempo começava a parecer impreciso —, mas, quanto mais se distanciavam do Magisterium, mais alarmado Call ficava.

Não porque não confiasse em Devastação para levá-los a Aaron. Não, o que o preocupava era como Aaron podia ter ido tão longe — e por quê. Teria alguma enorme criatura, como um dragonete, voado com ele em suas garras? Teria Aaron se perdido na floresta?

Perdido, não. Devastação o teria guiado para a saída. Então o que teria acontecido?

Eles alcançaram o alto de uma colina, e as árvores começavam a rarear ao longo da descida até uma autoestrada que serpenteava através da floresta. Do outro lado, mais uma colina se erguia, bloqueando o horizonte.

Devastação latiu uma vez e começou a descer. Tamara virou-se e correu até Call.

— Você tem de voltar — disse ela. — Está com dor e não fazemos ideia da distância a que Aaron pode estar. Você deve ir para o Magisterium e contar a Mestre Rufus o que aconteceu. Ele pode trazer os outros.

— Não vou voltar — disse Call. — Aaron é meu melhor amigo e não vou deixá-lo se ele estiver em perigo.

Tamara pôs a mão no quadril.

— *Eu* sou a melhor amiga dele.

Call não sabia direito como essa coisa de melhor amigo funcionava.

— Ok, então eu sou o melhor amigo dele que não é uma garota.

Tamara balançou a cabeça.

— Devastação é o melhor amigo dele que não é uma garota.

— Bem, de qualquer maneira eu não vou embora — decidiu Call, fincando o galho na terra. — Não vou deixá-lo nem vou deixar você. Além disso, faz sentido você voltar, não eu.

Tamara olhou para ele com uma das sobrancelhas erguida.

— Por quê?

Call disse o que ambos provavelmente estavam pensando, mas nenhum dos dois queria pronunciar em voz alta.

— Porque vamos nos meter em uma encrenca muito grande por causa disso. Devíamos ter procurado Mestre Rufus no instante em que Devastação apareceu sem Aaron...

— Não tivemos tempo — argumentou Tamara. — E teríamos de contar a eles sobre Devastação...

— *Vamos* ter de contar a eles sobre Devastação. Não tem outro jeito de explicar o que aconteceu. Vamos ter problemas, Tamara, só depende do tamanho. Por ter um animal Dominado pelo Caos, por não corrermos para os Mestres no segundo em que algo aconteceu ao Makar, por tudo. Problema dos grandes. E, se isso vai recair sobre um de nós, deve ser sobre mim.

Tamara ficou calada. Call não conseguia decifrar a expressão da garota nas sombras.

— É você que tem pais que se importam se você fica no Magisterium e com seu desempenho aqui — argumentou ele, sentindo-se cansado. — Não eu. Foi você que tirou notas altas no Desafio, não eu. Foi você que queria ajuda para se manter dentro das regras e não pegar atalhos... Bem, aqui estou eu tentando ajudar. Você pertence a este lugar. Eu não. Você se preocupa se vai se meter em encrenca. Para mim, não importa. Não tenho importância.

— Isso não é verdade — disse Tamara.

— O que não é verdade? — Call percebeu que fizera um discurso e tanto, e não tinha certeza da parte que ela estava contestando.

— Eu não sou essa pessoa. Talvez eu quisesse ser, mas não sou. Meus pais me criaram para fazer o que tem de ser feito, não importa o que aconteça. Eles não se preocupam com as regras, só com as aparências. Esse tempo todo venho dizendo a mim mesma que vou ser diferente deles, diferente da minha irmã, ser aquela que mantém uma conduta exemplar. Mas acho que me enganei, Call. Não me importo com regras nem com aparências. Não quero ser aquela pessoa que apenas faz o que precisa ser feito. Quero fazer a coisa certa. Não me importa se tivermos de mentir, trapacear, pegar atalhos ou quebrar as regras para isso.

Ele olhou para ela, deslumbrado.

— Sério?

— Sim — respondeu Tamara.

— Isso é demais — disse Call.

Tamara começou a rir.

— O quê?

— Nada. É que você sempre me surpreende.

Ela puxou a manga dele.

— Então vamos embora.

Eles desceram a colina rapidamente, Call tropeçando algumas vezes e apoiando-se com força no cajado improvisado, uma vez quase empalando a si mesmo. Chegando à rodovia, encontraram Devastação à espera na beira da estrada, ofegando de ansiedade enquanto um caminhão passava lenta e ruidosamente. Call se pegou observando o veículo se afastar. Era estranho estar perto de carros depois de tanto tempo.

Tamara respirou fundo.

— OK, não vem nada, então... vamos.

Ela disparou pela rodovia, com Devastação em seus calcanhares. Call mordeu o lábio com força e os seguiu, cada passo uma onda de agonia perna acima e pela lateral do corpo. Quando chegou do outro lado, estava ensopado de suor... não da corrida, mas por causa da dor. Seus olhos ardiam.

— Call...

Tamara estendeu a mão e a terra se agitou sob seus pés. Um instante depois, um jato fino de água surgiu do chão, como se ela tivesse derrubado um hidrante. Call pôs as mãos na água e jogou

no rosto, enquanto Tamara juntou as palmas e bebeu. Era bom ficar quieto, só por um momento, até as pernas pararem de tremer.

Call ofereceu água a Devastação, mas o lobo andava de um lado para o outro, olhando entre eles e o que parecia ser uma estrada de terra a distância. Call enxugou o rosto na manga e partiu atrás do lobo.

Ele e Tamara caminhavam em silêncio. Ela diminuíra o ritmo para sincronizarem os passos — e também, imaginou ele, porque devia estar ficando cansada também. Ele podia ver que ela estava tão ansiosa quanto ele; mastigava a ponta de uma de suas tranças, algo que ela só fazia quando estava verdadeiramente em pânico.

— Aaron vai ficar bem — garantiu Call, enquanto começavam a seguir pela estrada de terra, ladeada por cercas vivas. — Ele é um Makar.

— Assim como Verity Torres, e nunca encontraram a cabeça dela — retrucou Tamara, que aparentemente não acreditava nessa história de se manter positivo.

Seguiram um pouco mais adiante, até a estrada se estreitar e se transformar em um caminho. Call respirava forte e tentava fingir que estava tudo bem, apesar da dor quente subindo pelas pernas a cada passo. Era como andar sobre cacos de vidro, só que o vidro parecia estar dentro dele, cortando dos nervos até a pele.

— Detesto dizer isso — admitiu Tamara —, mas acho que não podemos ficar em campo aberto assim. Se houver um elemental mais adiante, vai nos avistar. Vamos ter de nos manter na floresta.

O chão seria mais irregular na floresta. Ela não disse isso, mas certamente sabia que Call iria mais devagar e seria mais cansativo para ele, que ali ele estaria mais sujeito a tropeçar e cair, especialmente no escuro. Ele suspirou, trêmulo, e concordou com a cabeça. Ela estava certa — ficar em campo aberto seria perigoso demais. Não importava se o outro caminho seria mais difícil. Ele disse que não a deixaria nem a Aaron, e manteria sua palavra.

Passo a passo, a mão do menino dolorosamente buscando apoio nos troncos das árvores, os dois seguiram Devastação, que os guiava por um caminho paralelo à estrada de terra. Finalmente, a distância, Call avistou uma construção.

Era imensa e parecia abandonada, as janelas fechadas com tábuas de madeira, e a pavimentação escura de um estacionamento vazio estendia-se à sua frente. Um sinal luminoso se elevava acima das árvores próximas, retratando uma enorme bola de boliche apagada e um único pino derrubado. BOLICHE DA MONTANHA, dizia. O sinal parecia não ser aceso havia muitos anos.

— Está vendo o que estou vendo? — perguntou Call, imaginando se a dor lhe provocava alucinações. Mas por que ele imaginaria algo assim?

— Estou — respondeu Tamara. — Uma antiga pista de boliche. Deve haver uma cidade não muito longe daqui. Mas como Aaron poderia estar aí? E não diga nada do tipo “melhorando sua pontuação” ou “talvez ele esteja em uma liga de boliche” ou coisa parecida. O assunto aqui é sério.

Call encostou-se na casca áspera de uma árvore próxima e resistiu à urgência de se sentar. Temia não conseguir se levantar de novo.

— Estou falando a sério. Pode ser difícil de ver no escuro, mas estou usando a minha cara supersséria. — Ele queria que as palavras saíssem com leveza, mas a voz soava tensa.

Eles se aproximaram da construção, Call semicerrando os olhos, tentando ver se havia luz por trás de alguma das portas ou das tábuas que fechavam as janelas. Deram a volta até os fundos do prédio. Estava ainda mais escuro ali, porque a pista de boliche bloqueava a iluminação da estrada distante. Havia caçambas de lixo empoeiradas e vazias à luz fraca da lua.

— Não sei... — começou Call, mas Devastação pulou, tocando a parede com as patas dianteiras e choramingando.

Call inclinou o pescoço e olhou para cima. Havia uma janela acima deles, quase completamente fechada com tábuas, mas Call pensou ver um pouco de luz escapando entre elas.

— Aqui.

Tamara empurrou uma das caçambas alguns centímetros, aproximando-a da parede. Depois de subir ali, estendeu a mão para ajudar Call a fazer o mesmo. Ele largou a vara e escalou a caçamba pelo lado, içando-se inteiramente com a força dos braços, as botas batendo contra o metal e produzindo um eco.

— Shhh — sussurrou Tamara. — Olhe.

Definitivamente, havia luz vazando entre as tábuas, que estavam pregadas à parede por pregos enormes e de aspecto muito resistente. Tamara olhou para eles desconfiada.

— Metal é magia da terra... — começou ela.

Call tirou Miri do cinto. A lâmina pareceu murmurar em sua mão enquanto ele enfiava a ponta sob um dos pregos e puxava. A madeira se rasgou como um papel, e o prego tamborilou ao bater na tampa da caçamba.

— Legal — sussurrou Tamara.

Devastação saltou sobre a caçamba enquanto Call soltava os outros pregos e retirava a madeira, revelando os restos quebrados de uma janela. Os painéis de vidro estavam faltando, assim como o caixilho. Além da janela, ele podia ver um corredor mal iluminado, não muito abaixo. Devastação esgueirou-se pela abertura, pulou os poucos centímetros até o chão do corredor e deu meia-volta, olhando com expectativa para Tamara e Call.

Call deslizou Miri de volta para o cinto.

— Aqui vamos nós — disse ele, e subiu pela janela. A queda foi leve, mas, mesmo assim, provocou ainda mais dor em suas pernas. Ainda se encolhia em agonia quando Tamara juntou-se a ele, caindo silenciosamente apesar das botas.

Olharam ao redor. Não se assemelhava em nada ao interior de uma pista de boliche. Eles se encontravam em um corredor cujo piso e as paredes eram feitos de madeira escurecida, como se tivesse havido um incêndio ali. Call não sabia explicar exatamente como, mas *sentia* a presença da magia. O ar no local parecia carregado com ela.

O lobo partiu pelo corredor, farejando o ar. Call o seguiu, o coração disparado de pavor. Quando passaram pelo Portão das Missões, atrás de Devastação, jamais teria passado por sua cabeça que acabariam em um lugar como esse. Mestre Rufus ia matá-los quando voltassem. Ia pendurá-los pelos dedos dos pés e obrigá-los a fazer exercícios com areia até seu cérebro escorrer pelo nariz. Isso se conseguissem salvar Aaron do que quer que o tivesse capturado; se não conseguissem, Mestre Rufus ia fazer muito pior.

Call e Tamara ficaram em silêncio absoluto ao passarem por um quarto com a porta entreaberta, mas Call não pôde deixar de espiar lá dentro. Por um instante, achou que estivesse olhando para manequins, alguns em pé, eretos, e outros encostados nas paredes, mas então se deu conta de duas coisas: primeira, de que estavam todos de olhos fechados, o que seria muito estranho para manequins; e segunda, que o peito deles subia e descia conforme respiravam.

Call ficou imóvel, aterrorizado. O que ele estava olhando? O que eram aquelas coisas? Tamara virou-se e o encarou de modo questionador. Ele fez um gesto na direção do quarto e viu o olhar de horror lhe cruzar o rosto quando ela seguiu seu gesto. Tamara tapou a boca com a mão. Em seguida, lentamente, afastou-se da porta, sinalizando para que Call fizesse o mesmo.

— Dominados pelo Caos — sussurrou, quando estavam longe o suficiente e ela havia parado de tremer.

Call não sabia como ela podia ter certeza sem ver os olhos das criaturas, mas concluiu que não queria saber tanto assim, a ponto de perguntar. Já estava tão apavorado que tinha a sensação de que qualquer movimento ia fazê-lo perder o controle. A última coisa que precisava era de mais informações apavorantes.

Se os Dominados pelo Caos estavam ali, isso significava que o lugar era um posto avançado do Inimigo. Todas aquelas histórias que Call escutara, que pareciam falar de alguma coisa que acontecera muito tempo atrás, e que não o tinham preocupado, agora inundavam sua mente.

O Inimigo havia capturado Aaron. Porque Aaron era um Makar. Eles tinham sido idiotas deixando-o sair do Magisterium sozinho. Era evidente que o Inimigo teria descoberto sobre ele e ia querer destruí-lo. Provavelmente ia matar Aaron, se já não o tinha feito. A boca de Call estava seca como papel, e ele se esforçava para se concentrar no ambiente em meio ao pânico.

O teto do corredor ia ficando mais alto à medida que penetravam mais no prédio. Ao longo das paredes, a madeira escurecida deu lugar a painéis de madeira comuns, com um estranho papel de parede na parte de cima — uma estampa de vinhas que, se examinasse cuidadosamente, Call podia jurar ver insetos se

movimentando ali dentro. Tremendo, tentou ignorar tudo, exceto manter o silêncio enquanto continuava a andar.

Passaram por diversos quartos fechados até que Devastação parou diante de uma porta dupla, ganiu e voltou-se para Call e Tamara, em expectativa.

— Shhh — disse Call, baixinho, e o lobo silenciou, batendo uma vez com a pata no chão.

As portas eram enormes, feitas de uma madeira escura e sólida, que exibia um padrão de marcas queimadas, como se tivessem sido lambidas pelo fogo. Tamara pôs a mão na maçaneta, girou-a e espiou lá dentro. Então, fechou-a de novo, devagar, e virou-se para Call com os olhos arregalados. Ele pensou que nunca a tinha visto tão assustada, nem mesmo pelos Dominados pelo Caos.

— Aaron — sussurrou ela, mas não estava exultante como ele teria esperado, nem um pouco feliz. Na verdade, parecia prestes a vomitar.

Call passou por ela para olhar.

— Call — sussurrou ela em tom de advertência. — Não... tem mais alguém aí.

Mas Call já estava se inclinando para a frente, o olho colado na rachadura da porta.

O espaço do outro lado era imenso, elevando-se até as vigas maciças e largas que se entrecruzavam no teto. As paredes estavam cobertas de jaulas vazias, empilhadas como caixotes. Jaulas feitas de ferro. As barras finas pareciam manchadas com alguma coisa escura.

De uma das vigas pendia Aaron. Seu uniforme estava rasgado e o rosto, arranhado e ensanguentado, mas, fora isso, parecia ileso. Estava pendurado de cabeça para baixo, com uma pesada corrente presa a um grilhão em um de seus tornozelos, subindo até uma polia aparafusada no teto. Aaron se debatia debilmente, fazendo oscilar as correntes de um lado para o outro.

De pé logo abaixo de Aaron estava um garoto — pequeno, magro e familiar —, olhando para cima com um sorriso maléfico.

Call sentiu seu estômago revirar. Era *Drew*, olhando para Aaron acorrentado, sorrindo. Tinha um pedaço de corrente enrolado em um dos pulsos. E o usava para baixar Aaron na direção de um

grande recipiente de vidro cheio de uma escuridão que girava e rugia. Quando Call olhou para a escuridão, ela pareceu se mexer e mudar de forma. Um olho alaranjado se projetou das sombras, injetado com veias verdes pulsantes.

— Você sabe o que tem no recipiente, não é, Aaron? — perguntou Drew, seus lábios retorcidos em um sorriso sádico. — É um amigo seu. Um elemental do caos. E ele quer te sugar, até você secar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Tamara, que havia se abaixado ao lado de Call, emitiu um som estrangulado.

— Drew — ofegou Aaron, obviamente sentindo dor. Ele levou a mão à algema em seu tornozelo, então caiu para trás quando o elemento do caos ergueu um tentáculo de sombra, que foi tomando uma forma mais definida à medida que se aproximava de Aaron, até estar quase sólido, roçando sua pele. Ele tentou se afastar e gritou de agonia. — Drew, me solte...

— O quê? Você não consegue se libertar, Makar? — zombou Drew, puxando a corrente para que Aaron ficasse alguns metros fora do alcance do elemental do caos. — Eu achei que você fosse poderoso. Especial. Mas você não é especial de fato, é? Nada especial.

— Eu nunca disse que era — replicou Aaron, a voz sufocada.

— Você sabe como era ter de fingir ser ruim com a magia? Que eu era um bobalhão? Ouvir Mestre Lemuel lamentar ter me escolhido? Fui mais bem treinado do que todos vocês, mas não podia demonstrar, ou Lemuel teria adivinhado quem realmente me treinou. Tive de ouvir os Mestres contarem sua versão estúpida da história e fingir que concordava, embora soubesse que, se não fosse pelos magos e pela Assembleia, o Inimigo teria nos dado os meios de viver para sempre. Você sabe como foi descobrir que o Makar era um garoto idiota, vindo de lugar nenhum, que nunca faria nada com seus poderes, exceto o que os magos lhe dissessem para fazer?

— Então você vai me matar — disse Aaron. — Por causa de tudo isso? Porque eu sou um Makar?

Drew limitou-se a rir. Call se virou e viu que Tamara tremia, os dedos entrelaçados com força.

— Temos de entrar lá — sussurrou ele. — Temos de fazer alguma coisa.

Ela se levantou, sua pulseira brilhando nas sombras.

— As vigas. Se subirmos, podemos puxar Aaron e tirá-lo do alcance daquela coisa.

O pânico o inundou. Porque o plano era bom, mas, quando ele imaginou a escalada, a tentativa de equilibrar seu peso enquanto avançava pela viga, soube que não conseguiria. Ele escorregaria. Cairia. Durante toda a árdua jornada pela floresta, com as pernas rígidas e doloridas, ele tinha dito a si mesmo que ajudaria a salvar Aaron. Agora, quando estava bem diante de seu amigo — Aaron em perigo, Aaron precisando ser salvo —, ele era um inútil. O desespero era tão terrível que ele considerou não dizer nada, apenas tentar escalar e torcer pelo melhor.

Mas a lembrança do medo no rosto de Celia, quando ela emergiu no rio e viu Call perder o controle do tronco e jogá-lo em sua direção, fez com que ele se decidisse. Se piorasse as coisas, fingindo que poderia ajudar, estaria apenas colocando Aaron em mais perigo.

— Eu não posso — disse Call.

— O quê? — perguntou Tamara, então olhou para sua perna e pareceu constrangida. — Ah. Certo. Bem, apenas fique aqui com Devastação. Eu volto já. Provavelmente é melhor apenas com uma pessoa de qualquer maneira. Mais furtivo.

Pelo menos, ele conseguira parecer capaz por um tempo, pensou Call. Pelo menos, Tamara pensara nele como uma pessoa que podia fazer coisas e ficou surpresa quando ele não conseguiu. Não era um grande consolo, mas era alguma coisa.

Então, de repente, Call se deu conta do que *poderia* fazer.

— Eu vou distraí-lo.

— O quê? Não! — disse Tamara, sacudindo a cabeça para dar ênfase. — É muito perigoso. Ele tem um elemental do caos.

— Devastação ficará comigo. E não vamos conseguir libertar Aaron de outra forma. — Call a olhou nos olhos e torceu para que ela pudesse ver que ele não iria recuar. — Confie em mim.

Tamara assentiu. Então, dirigindo um rápido sorriso a ele, ela passou silenciosamente pela porta, o ruído de suas botas tão leve que, depois de dois passos, ele não conseguia mais distingui-lo misturado às risadas de Drew e do rugir do elemental do caos. Ele

contou até dez — *um mil, dois mil, três mil* — e então escancarou a porta o máximo que pôde.

— Ei, Drew — chamou Call, abrindo um sorriso. — Isto aqui com certeza não me parece uma escola de pônei.

Drew recuou tão forte com o susto que puxou a corrente, erguendo Aaron vários metros acima. Aaron gritou de dor, fazendo Devastação rosnar.

— *Call?* — disse Drew, incrédulo, e Call lembrou-se daquela noite na depressão no solo fora do Magisterium, Drew tremendo e gritando por Call, o tornozelo quebrado. Atrás dele, Call podia ver Tamara começando a escalar a parede oposta, usando as jaulas empilhadas como uma espécie de escada, enfiando as botas entre as barras, movendo-se silenciosamente como um gato. — O que está fazendo aqui?

— É sério? O que *eu* estou fazendo aqui? — perguntou Call. — O que *você* está fazendo aqui? Além de tentar servir um de seus colegas do Magisterium como jantar para um elemental do caos. Afinal, o que Aaron fez a você? Venceu você em um teste? Pegou o último pedaço de líquen no jantar?

— Cala a boca, Call.

— Você acha mesmo que não vai ser pego?

— Não fui pego até aqui. — Drew parecia estar se recuperando da surpresa. Ele dirigiu a Call um sorriso maldoso.

— Foi tudo apenas encenação... todas aquelas coisas sobre Mestre Lemuel, todas aquelas vezes que você fingiu ser um aluno normal? Você sempre foi um espião do Inimigo? — Call não estava apenas ganhando tempo; estava curioso. Drew parecia o mesmo (cabelos castanhos emaranhados, magro, grandes olhos azuis, sardas), mas havia algo por trás de seus olhos que Call não tinha visto antes, algo feio e escuro.

— Os Mestres são tão idiotas — respondeu Drew. — Sempre preocupados com o que o Inimigo estava fazendo fora do Magisterium, preocupados com o Tratado. Nunca pensaram que poderia haver um espião entre eles. Mesmo quando escapei do Magisterium para enviar uma mensagem ao Inimigo, o que eles fizeram? — Ele arregalou os olhos azuis e, por um momento, Call teve um vislumbre do menino no ônibus, parecendo nervoso por

causa da escola de magia. — “Oh, Mestre Lemuel é tão mau. Ele me *assusta*.” E eles o demitiram! — Drew riu, a máscara inocente escorregando novamente, mostrando a frieza ali embaixo.

Devastação rosnou com isso, deslizando entre Drew e Call.

— Que mensagem você estava passando para o Inimigo? — Call quis saber. Para seu alívio, Tamara estava quase nas vigas. — Era sobre Aaron?

— O Makar — respondeu Drew. — Todos esses anos, os magos esperaram por um Makar, mas eles não eram os únicos. Nós também estávamos esperando. — Ele puxou a corrente que segurava Aaron, que emitiu um gemido de dor, mas Call não ergueu os olhos. Ele não podia. Ele continuou olhando para Drew, como se pudesse fazer com que Drew prestasse atenção apenas nele.

— Nós? — disse Call. — Só estou vendo um maluco aqui. Você.

Drew ignorou a ironia. Ele ignorou até Devastação.

— Você não está pensando que sou eu o responsável por este lugar — disse ele. — Não seja burro, Call. Aposto que você viu os Dominados pelo Caos, os elementais. Aposto que você pode sentir. Você *sabe* quem está no comando do show.

Call engoliu em seco.

— O Inimigo — disse ele.

— O Inimigo... não é o que você pensa. — Drew sacudiu a corrente preguiçosamente. — Nós poderíamos ser amigos, Call. Tenho ficado de olho em você. Poderíamos estar do mesmo lado.

— Não poderíamos mesmo. Aaron é meu amigo. E o Inimigo o quer morto, não é? Ele não quer que outro Makar o desafie.

— Isso é tão divertido. Você não sabe de nada. Você acha que Aaron é seu amigo. Acha que tudo o que lhe disseram no Magisterium é verdade. Não é. Eles disseram a Aaron que o manteriam seguro, mas não mantiveram. Não puderam. — Ele puxou a corrente que segurava Aaron, e Call se encolheu, esperando o grito de dor do garoto.

Que não veio. Call ergueu os olhos. Aaron não estava mais pendurado. Tamara o havia puxado até a viga e estava ajoelhada, debruçada sobre ele, seus dedos trabalhando febrilmente para desfazer a corrente em torno de seu tornozelo.

— Não! — Drew puxou a corrente mais uma vez com fúria, mas Tamara a tinha partido na ponta. Drew soltou a corrente quando ela caiu.

— Olhe, agora nós vamos embora — disse Call. — Vou sair daqui e...

— Vocês não vão embora! — gritou Drew, correndo para pousar a mão no recipiente de vidro.

Foi como se ele tivesse enfiado uma chave na fechadura e aberto uma porta, mas de forma mais violenta. O recipiente se estilhaçou, lançando vidro em todas as direções. Call ergueu as mãos para cobrir o rosto enquanto cacos de vidro, como uma chuva de agulhas minúsculas, perfuravam seus antebraços. Um vento parecia soprar pela sala. Devastação estava choramingando e, em algum lugar, Tamara e Aaron gritavam.

Lentamente, Call abriu os olhos.

O elemental do caos crescia à sua frente, enchendo sua visão com sombras. A escuridão da criatura agitava-se com rostos semiformados e bocas cheias de dentes. Sete braços com garras se estendiam para ele de uma só vez, alguns escamosos, outros peludos e outros ainda pálidos como carne morta.

Call teve ânsia de vômito e cambaleou para trás. Sua mão tateava cegamente a lateral do corpo — seus dedos fechando-se em torno do punho de Miri, e ele puxou a lâmina de sua bainha, brandindo-a à frente em um arco grande e curvo.

Miri cravou em *alguma coisa* — alguma coisa que cedeu sob a lâmina como fruta podre. Uivos saíram das muitas bocas do monstro do caos. Agora havia um longo corte em um de seus braços, a escuridão derramando-se da ferida e girando no ar, como fumaça de um incêndio. Outro braço tentou agarrá-lo, mas Call caiu no chão e o membro conseguiu apenas roçar seu ombro. No entanto, onde tocou, seu braço ficou imediatamente dormente e Miri caiu de seus dedos.

Call lutou para se apoiar no cotovelo, tentando passar a mão boa por cima do corpo para procurar Miri. Mas não havia tempo. O elemental se lançou, avançando pelo chão em sua direção como uma mancha de óleo, uma enorme língua parecida com a de um sapo deslizando para fora, indo na direção de Call...

Com um uivo, Devastação se jogou no ar, aterrissando diretamente nas costas do elemental. Seus dentes afundaram na superfície lisa, as garras perfurando a escuridão turva. O monstro teve um espasmo, aprumando-se. Cabeças explodiram por todo o corpo, braços tentavam agarrar Devastação, mas o lobo se manteve firme, montado no monstro.

Vendo sua chance, Call conseguiu se levantar com dificuldade e agarrou Miri com a mão boa. Ele se lançou para a frente e cravou a faca no que ele pensava ser o flanco do elemental.

A lâmina saiu coberta de uma substância preta gotejante, a meio caminho entre a fumaça e o óleo. O elemental do caos rugiu e se debateu, arremessando Devastação longe. O lobo voou e atingiu o chão do outro lado da sala, perto de um par de portas. Ele deu um gemido e depois ficou quieto.

— Devastação! — gritou Call, correndo na direção do seu lobo.

Ele estava no meio do caminho, quando ouviu um rosnado às suas costas. Então girou e deparou com o elemental do caos. A raiva vertendo do garoto — se a criatura tivesse ferido Devastação, ele a cortaria em mil pedaços oleosos e nojento. Call seguiu em frente, Miri brilhando em sua mão.

O elemental do caos se encolheu, a escuridão acumulando-se ao seu redor, como se não estivesse mais tão ansioso para lutar.

— Ande, seu covarde — gritou Drew, chutando o elemental do caos. — Pegue-o! Não o deixe escapar, seu grande e estúpido monte...

O elemental do caos saltou — mas não em Call. Girando, ele investiu contra Drew. Drew gritou uma vez, e então o elemental já estava em cima dele, rolando sobre o menino como uma onda. Call estava paralisado, com Miri na mão. Ele pensou na dor gelada que o atingiu com apenas um toque da substância da criatura do caos. E agora aquela substância estava descendo sobre Drew, que se debatia e se retorcia em suas garras, revirando os olhos.

— Call! — A voz arrancou Call de seu choque: era Tamara, gritando para ele das vigas. Ela estava de joelhos e Aaron se encontrava ao seu lado. A algema e as correntes formavam uma pilha retorcida: Aaron estava livre, embora em seus pulsos tivessem vestígios de sangue onde ele evidentemente tinha sido amarrado,

provavelmente quando o arrastaram do Magisterium, e Call podia apostar que os tornozelos estariam em pior estado. — Call, dê o *fora* daí!

— Não posso! — Call apontou com Miri: o elemental do caos e Drew estavam entre ele e a porta.

— Vá por ali — disse Tamara, apontando as portas atrás dele. — Procure qualquer coisa... uma janela, qualquer coisa. Encontramos você lá fora.

Call assentiu, levantando Devastação. *Por favor,* pensou ele. *Por favor.* O corpo em seus braços estava quente, e, enquanto apertava o lobo junto ao peito, ele podia sentir a batida constante do coração de Devastação. O peso extra fazia doer ainda mais suas pernas, mas ele não se importou.

Ele vai ficar bem, disse a si mesmo com firmeza. *Agora vá.*

Olhando para trás, viu que Tamara e Aaron desciam rapidamente, já perto da outra porta. Mas, ao virar-se novamente, o elemental do caos se erguia de onde estava curvado sobre Drew. Várias bocas se abriram e uma língua roxa em forma de chicote projetou-se para sentir o ar com sua ponta bifurcada. Então ele começou a se mover em direção a Call.

Call gritou e saltou para trás. Devastação estremeceu em seus braços, latiu e saltou para o chão. Então correu em direção às portas na outra extremidade da sala, Call em seu encalço. Eles se lançaram contra as portas juntos, quase arrancando-as das dobradiças.

Devastação parou, derrapando. Call quase caiu por cima do filhote, mal conseguindo evitar a queda.

Ele correu os olhos pela sala — parecia muito o laboratório do Dr. Frankenstein. Provetas com líquidos de cores estranhas borbulhavam por toda parte, maquinários enormes pendiam do teto, girando e virando, e jaulas de elementais de vários tamanhos, muitos deles brilhando intensamente, forravam as paredes.

Então Call ouviu às suas costas um grunhido forte e borbulhante. O elemental do caos os havia seguido até aquela sala e vinha atrás deles, uma nuvem escura e maciça coberta de garras e dentes. Call recomeçou a corrida irregular, lançando no chão provetas cheias de líquidos enquanto disparava na direção do que parecia ser uma

coleção de armas antigas expostas em uma das paredes. Se ele atacasse o elemental com aquele machado de aspecto robusto, talvez...

— Pare! — Um homem com túnica preta de capuz saiu de trás de uma enorme estante de livros. Seu rosto estava envolto em trevas, e ele brandia um cajado enorme encimado por uma pedra de ônix. Devastação, ao vê-lo, soltou um gemido e mergulhou sob uma das mesas mais próximas.

Call ficou paralisado. O estranho passou por ele sem olhar, e ergueu o cajado.

— Já chega! — gritou ele com uma voz profunda, e voltou a ponta de ônix do cajado para o elemental.

A escuridão explodiu da ponta, atravessando a sala em direção ao monstro, atingindo-o em cheio. A escuridão foi aumentando, envolvendo o elemental, engolindo-o até não restar nada. Ele deu um último grito, horrível e gorgolejante, e desapareceu.

O homem se virou para Call e puxou lentamente o capuz de suas vestes. Seu rosto estava meio escondido por uma máscara de prata que cobria seus olhos e nariz. Abaixo dela, Call podia ver a saliência de um queixo, um pescoço riscado por cicatrizes brancas.

As cicatrizes eram novas, mas a máscara era familiar. Call já a tinha visto antes em imagens. Tinha ouvido sua descrição. Uma máscara usada para cobrir as cicatrizes de uma explosão que quase matara aquele que agora a envergava. Uma máscara usada para aterrorizar.

Uma máscara usada pelo Inimigo da Morte.

— Callum Hunt — disse o Inimigo. — Eu esperava que fosse você.

O que quer que Call esperava que o Inimigo dissesse não era isso. Ele abriu a boca, mas apenas um sussurro saiu.

— Você é Constantine Madden — disse ele. — O Inimigo da Morte.

O Inimigo se moveu em direção a ele, um redemoinho de preto e prata.

— Levante-se — ordenou ele. — Deixe-me olhar para você.

Lentamente, Call se levantou e encarou o Inimigo da Morte. A sala estava quase silenciosa. Até os gemidos de Devastação

pareciam fracos e distantes.

— Olhe só para você — disse o Inimigo. Havia um estranho tipo de prazer em sua voz. — É uma pena a sua perna, claro, mas isso não vai ter importância no fim. Suponho que Alastair preferiu deixá-lo como estava a se envolver com magia de cura. Ele sempre foi teimoso. E agora é tarde demais. Você já pensou nisso, Callum? Que talvez, se Alastair Hunt fosse um pouco menos teimoso, você pudesse andar direito?

Call não tinha pensado nisso. Mas agora o pensamento se alojou como um pedaço de gelo frio em sua garganta, sufocando suas palavras. Ele deu um passo para trás, até que suas costas bateram em uma das longas mesas cheias de frascos e pipetas. Ele ficou paralisado.

— Mas os seus olhos... — E agora o Inimigo parecia exultante, embora Call não conseguisse atinar o que haveria em seus olhos que fosse digno de alguém exultar. Ele se sentia tonto e confuso. — Dizem que os olhos são as janelas da alma. Fiz muitas perguntas a Drew sobre você, mas nunca pensei em perguntar sobre seus olhos. — Ele franziu a testa, a pele com cicatrizes esticando sob a máscara. — Drew — disse ele. — Onde *está* o garoto? — Ele elevou a voz e chamou: — Drew!

Houve silêncio. Call se perguntou o que aconteceria se ele se esticasse, pegasse um dos recipientes ou jarros e o jogasse no Inimigo... ele conseguiria ganhar tempo? Ele poderia correr?

— *Drew!* — tornou a chamar o mago, e agora havia algo mais em sua voz: um toque de alarme. Ele passou por Call, impaciente, transpondo as portas duplas e entrando na câmara de madeira além.

Houve um longo momento do silêncio mais absoluto. Call olhou ao redor, desesperado, tentando ver se havia alguma outra porta, alguma outra saída, além daquela por onde entrou. Não havia. O que se via ali eram apenas estantes com pilhas de livros empoeirados, mesas lotadas de materiais alquímicos e, no alto das paredes, pequenos elementais de fogo posicionados em nichos de cobre martelado iluminando a sala com seu brilho. Os elementais olhavam para Call com seus olhos pretos e vazios enquanto ele

ouvia o barulho vindo da outra sala: um grito prolongado de dor e desespero.

— *DREW!*

Devastação uivou. Call pegou uma das provetas de vidro e cambaleou até a porta dupla. A dor atravessava sua perna, subindo para o corpo, como lâminas de barbear cortando suas veias. Ele queria se jogar no chão; queria deitar e deixar a inconsciência dominá-lo. Ele agarrou o batente da porta e olhou.

O Inimigo estava de joelhos, Drew em seu colo, inerte e irresponsivo. Sua pele já havia começado a adquirir um tom azulado frio. Ele nunca mais acordaria.

O coração de Call teve um sobressalto de horror. Ele não conseguia desviar o olhar do Inimigo curvado sobre o corpo de Drew, o cajado jogado no chão ao seu lado. As mãos cobertas por cicatrizes corriam pelos cabelos de Drew, repetidamente.

— Meu filho — sussurrou ele. — Meu pobre filho.

Seu filho?, pensou Call. *Drew é filho do Inimigo da Morte?*

De repente, a cabeça do Inimigo se ergueu. Mesmo através da máscara, Call podia sentir seus olhos: estavam fixos em Call, eram pretos e tinham a fúria de um laser.

— *Você* — sibilou ele. — Você fez isso. Libertou o elemental que matou meu filho.

Call engoliu em seco e recuou, mas o Inimigo já estava se levantando, agarrando seu cajado. Ele o brandiu na direção de Call, que tropeçou, a proveta voando de sua mão e se espatifando no chão. Ele caiu apoiado em um joelho, a perna dobrada, gritando de dor.

— Eu não... — começou ele. — Foi um acidente...

— Levante-se — rosnou o Inimigo. — Levante-se, Callum Hunt, e me enfrente.

Devagar, Call se levantou e encarou o homem com a máscara de prata do outro lado da sala. Call tremia por inteiro: de dor nas pernas e tensão no corpo, de medo e adrenalina e do desejo frustrado de correr. No rosto do Inimigo havia uma expressão fixa de fúria, seus olhos brilhantes de raiva e dor.

Call queria abrir a boca, queria dizer algo em sua própria defesa, mas não havia nada. Drew encontrava-se imóvel, com os olhos

vazios, entre os restos do recipiente de vidro destruído — ele estava morto, e a culpa era de Call. Ele não podia se explicar, não podia se defender. Estava enfrentando o Inimigo da Morte, que havia matado exércitos inteiros. Ele não hesitaria diante de um único garoto.

A mão de Call escorregou do punho de Miri. Só havia uma coisa a fazer.

Respirando fundo, ele se preparou para morrer.

Esperava que Tamara e Aaron tivessem passado pelos Dominados pelo Caos, saído pela janela e de volta ao caminho em direção ao Magisterium.

Esperava que, uma vez que Devastação era Dominado pelo Caos, o Inimigo não fosse muito duro com ele por não ser um cão zumbi maligno.

Esperava que seu pai não ficasse muito bravo com ele por ir para o Magisterium e ser morto, como ele sempre avisara que aconteceria.

Esperava que Mestre Rufus não desse seu lugar para Jasper.

O mago estava perto o suficiente para que Call pudesse sentir o calor de sua respiração, ver a torção de sua boca estreita, o brilho de seus olhos e os tremores que percorriam todo o seu corpo.

— Se você vai me matar — disse Call —, vá em frente. Faça isso logo.

O mago ergueu seu cajado — e o jogou de lado. Então caiu de joelhos, a cabeça baixa, toda a sua postura de súplica, como se implorasse por misericórdia.

— Mestre, meu Mestre — murmurou ele. — Me perdoe. Eu não vi.

Call olhava para ele, confuso. O que ele queria dizer?

— Isto é um teste. Um teste da minha lealdade e do meu comprometimento. — O Inimigo respirou fundo, produzindo um som áspero. Estava óbvio que mal conseguia se controlar, e devido a pura força de vontade. — Se você, meu Mestre, decretou que Drew deveria morrer, então sua morte deve ter um propósito maior. — As palavras pareciam arrancadas de sua garganta, como se doesse pronunciá-las. — Agora eu também tenho um interesse pessoal em nossa busca. Meu Mestre é sábio. Como sempre, ele é sábio.

— O quê? — disse Call com a voz trêmula. — Não estou entendendo. Seu Mestre? Você não é o Inimigo da Morte?

Para absoluto choque de Call, o mago ergueu as mãos e tirou a máscara prateada, deixando à mostra o rosto sob ela. Era um rosto cheio de cicatrizes, um rosto velho, enrugado, curtido pelo tempo. Era um rosto estranhamente familiar, mas não o rosto de Constantine Madden.

— Não, Callum Hunt. Eu não sou o Inimigo da Morte — disse ele. — É você.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— O q-quê? — Call estava boquiaberto. — Quem é você? Por que está me dizendo isso?

— Porque é a verdade — respondeu o mago, segurando a máscara de prata em sua mão. — Você é Constantine Madden. E, se me olhar de perto, vai saber meu nome também.

O mago ainda estava ajoelhado aos pés de Call, a boca começando a se retorcer em um sorriso amargo.

Ele é louco, pensou Call. *Tem de ser*. *O que ele está dizendo não faz nenhum sentido*.

Mas a familiaridade do seu rosto... Call o tinha visto antes, ao menos em fotografias.

— Você é Mestre Joseph — disse Call. — Foi professor do Inimigo da Morte.

— Fui *seu* professor — corrigiu Mestre Joseph. — Posso me levantar, Mestre?

Call não respondeu. *Estou preso*, pensou. *Preso aqui com um mago louco e um cadáver*.

Aparentemente tomando o silêncio por permissão, Mestre Joseph se levantou com certo esforço.

— Drew disse que suas lembranças se foram, mas eu não podia acreditar. Pensei que, quando me visse, quando eu lhe contasse a verdade sobre você, poderia recordar alguma coisa. Não importa. Pode não lembrar, mas eu lhe garanto, *Callum Hunt*, a centelha de vida dentro de você... a *alma*, se preferir... e tudo que anima a casca que é o seu corpo pertencem a Constantine Madden. O verdadeiro Callum Hunt morreu choramingando quando era um bebê.

— Isso é loucura — argumentou Call. — Coisas assim não acontecem. Ninguém pode simplesmente trocar almas.

— É verdade, não posso — concordou o mago. — Mas *você* pode. Se me permite, Mestre?

Ele estendeu a mão. Passado um momento, Call se deu conta de que ele estava pedindo permissão para segurar a sua mão. Call sabia que não devia tocar Mestre Joseph. Grande parte da magia

era transmitida pelo toque: tocando elementos, extraindo o poder dos mesmos através de si. No entanto, por mais insanas que fossem, havia algo nas palavras de Mestre Joseph que atraía Call, alguma coisa que sua mente não conseguia abandonar.

Devagar, ele estendeu a mão e Mestre Joseph a pegou, envolvendo com seus dedos grossos e marcados por cicatrizes os menores de Call.

— *Veja* — sussurrou ele, e um choque elétrico atravessou o corpo de Call.

Diante de seus olhos, tudo ficou branco e, de repente, foi como se ele estivesse assistindo a cenas projetadas em uma enorme tela na sua frente.

Ele viu dois exércitos se enfrentando em uma vasta planície. Era uma guerra de magos — explosões de fogo, setas de gelo e violentas rajadas de vento corriam entre os combatentes. Call viu rostos familiares: um Mestre Rufus muito mais jovem, Mestre Lemuel adolescente, os pais de Tamara e, montando um elemental do fogo e liderando todos eles, Verity Torres. A magia do caos se derramava sombriamente de suas mãos estendidas enquanto ela atravessava como um raio o campo de batalha.

Mestre Joseph se ergueu no ar, um pesado objeto em sua mão. Tinha um brilho cor de cobre e assemelhava-se a uma pata de cobre, com dedos esticados como garras. Ele reuniu uma rajada de magia do vento e a lançou pelo ar. Ela se enterrou na garganta de Verity.

A garota caiu para trás, o sangue jorrando em fitas pelo ar, e o elemental do fogo que montava uivou e empinou. Um raio lançou-se de suas garras e atingiu Mestre Joseph, que caiu, sua máscara de prata se deslocando e revelando seu rosto.

— Não é Constantine! — gritou uma voz rouca. A voz de Alastair Hunt. — É Mestre Joseph!

A cena mudou. Mestre Joseph estava em pé em uma sala de mármore escarlate, gritando com um grupo de magos encolhidos.

— Onde está ele? Exijo que me digam o que aconteceu com ele!

Passos pesados vieram da porta aberta. Os magos se afastaram, criando um corredor pelo qual marcharam quatro dos Dominados pelo Caos, carregando um corpo. O corpo de um jovem

de cabelos louros, um grande ferimento no peito, as roupas ensopadas de sangue. Eles o pousaram aos pés de Joseph.

Mestre Joseph desmoronou, pegando nos braços o corpo do rapaz.

— Mestre — sussurrou ele. — Oh, meu Mestre, inimigo da morte...

O rapaz abriu os olhos. Eles eram cinzentos — Call nunca tinha visto os olhos de Constantine Madden antes, nunca pensara em perguntar de que cor eram. Tinham o mesmo cinza dos olhos de Call. Cinzentos e vazios como um céu de inverno. Seu rosto coberto por cicatrizes estava flácido, sem emoção.

Mestre Joseph arquejou.

— O que é isso? — perguntou ele, virando-se para os outros magos com fúria no rosto.

— Seu corpo vive, ainda que por um fio, mas sua alma... onde está sua alma?

A cena mudou mais uma vez. Call estava parado em uma caverna escavada no gelo. As paredes eram brancas, mudando de cor onde as sombras as tocavam. O chão estava coberto de corpos: magos caídos, alguns de olhos abertos, outros em poças de sangue congelado.

Call sabia onde estava. O Massacre Gelado. Ele fechou os olhos, mas não fez diferença — ainda podia ver, pois as imagens estavam dentro de sua mente. Ele observou Mestre Joseph andar com cuidado entre os cadáveres, parando aqui e ali para virar um corpo e olhar seu rosto. Depois de alguns momentos, Call se deu conta do que ele fazia. Estava examinando as crianças mortas, sem tocar nos adultos. Finalmente, ele parou e fixou o olhar, e Call viu o que ele observava. Não era um corpo, mas um conjunto de palavras entalhadas no gelo.

MATE A CRIANÇA

As cenas mudaram novamente, e agora elas voavam, velozes, como folhas na brisa: Mestre Joseph em cidades pequenas e grandes, uma após outra, procurando, sempre procurando,

examinando os registros de nascimento em um hospital, registros de propriedades, qualquer possível pista...

Mestre Joseph no piso de concreto de um playground, observando um grupo de meninos ameaçando outro menor. De repente, o chão sob os pés das crianças tremeu e se sacudiu, e uma imensa rachadura dividiu o playground quase ao meio. Quando os valentões fugiram, o menino menor, caído no chão, se levantou, olhando ao redor, perplexo. Call se reconheceu. Magrinho, cabelos escuros, os olhos cinzentos como os de Constantine, a perna ruim torcida debaixo do corpo.

Ele sentiu Mestre Joseph começar a sorrir...

Call voltou à realidade com um choque, como se tivesse desabado de uma grande altura sobre o próprio corpo. Cambaleou para trás, arrancando sua mão da de Mestre Joseph.

— Não — disse, sufocado. — Não, eu não entendo...

— Ah, acho que entende, sim — rebateu o mago. — Acho que você entende muito bem, Callum Hunt.

— Pare com isso — disse Call. — Pare de me chamar de Callum Hunt assim... é sinistro. Meu nome é Call.

— Não, não é — disse Mestre Joseph. — Esse é o nome que pertence àquele corpo, à casca que usa. Um nome que você vai descartar quando estiver pronto, assim como vai descartar esse corpo e entrar no de Constantine.

Call ergueu as mãos no ar.

— Não posso fazer isso! E sabe por quê? Porque Constantine Madden *ainda está por aí*. Eu realmente não entendo como posso ser essa pessoa que comanda exércitos, cria elementais do caos e faz lobos gigantes com olhos bizarros, quando essa pessoa já existe e é OUTRO! — Call estava gritando, mas sua voz soava suplicante, até mesmo para os próprios ouvidos. Ele só queria que tudo isso parasse. Não podia deixar de ouvir o terrível eco infinito das palavras de seu pai.

Call, precisa me escutar. Não sabe o que você é.

— Ainda está por aí? — repetiu Mestre Joseph com um sorriso amargo. — Ah, a Assembleia e o Magisterium acreditam que Constantine ainda age ativamente no mundo, porque foi isso que os

fizemos acreditar. Mas quem o viu? Quem falou com ele desde o Massacre Gelado?

— Pessoas o viram... — começou Call. — Ele se reuniu com a Assembleia! Ele assinou o Tratado.

— Mascarado — disse Mestre Joseph, segurando a máscara de prata que usava quando Call o viu. — Eu me fiz passar por ele na batalha com Verity Torres; sabia que podia fazer de novo. O Inimigo permaneceu oculto desde o Massacre Gelado, e, quando foi obrigado a aparecer, assumi seu lugar. Mas o próprio Constantine? Foi mortalmente ferido há doze anos, na caverna onde Sarah Hunt e muitos outros morreram. No entanto, quando sentiu que a vida o deixava, ele usou o que já tinha aprendido, o método de deslocar a alma para outro corpo a fim de se salvar. Exatamente como sabia tirar um pedaço de caos e colocar dentro dos Dominados pelo Caos, ele pegou a própria alma e a instilou dentro do melhor recipiente disponível. Você.

— Mas eu nunca estive no Massacre Gelado. Nasci em um hospital. Minha perna...

— Uma mentira que Alastair Hunt contou para você. Sua perna foi quebrada quando Sarah Hunt o deixou cair no gelo — disse Mestre Joseph. — Ela sabia o que tinha acontecido. A alma de seu filho fora expulsa do corpo, e a alma de Constantine Madden tomou seu lugar. Seu filho se tornara o Inimigo.

Call escutou um rugido em seus ouvidos.

— Minha mãe não...

— Sua *mãe*? — disse Mestre Joseph com sarcasmo. — Sarah Hunt era apenas a mãe da casca que contém você. Até ela sabia disso. Ela não teve forças para matá-lo, mas deixou um recado. Um recado para aqueles que viriam ao campo de batalha depois que ela estivesse morta.

— As palavras no gelo — murmurou Call. — Sentiu-se tonto e enjoado.

— *Mate a criança* — disse Mestre Joseph, com uma satisfação cruel. — Ela as arranhou no gelo com a ponta dessa faca que você carrega. Foi seu último ato neste mundo.

Call sentiu-se prestes a vomitar. Ele levou a mão atrás de si, buscando a borda de uma mesa e se apoiou ali, respirando forte.

— A alma de Callum Hunt está morta — disse Joseph. — Forçada a deixar o seu corpo, aquela alma secou e morreu. A alma de Constantine Madden fincou raízes e cresceu, recém-nascida e intacta. Desde então, seus seguidores trabalham para fazer parecer que ele não partiu deste mundo, para que você ficasse em segurança. Protegido. Para que você tivesse tempo de amadurecer. Para que pudesse viver.

Call quer viver. Isso era o que Call tinha acrescentado, como brincadeira, ao Poema em sua mente; agora não parecia uma piada. Agora, horrorizado, ele se perguntava até que ponto era verdade. Seu desejo de viver era tanto, a ponto de roubar a vida de outra pessoa? Teria sido ele mesmo que fizera isso?

— Eu não lembro nada sobre ser Constantine Madden — sussurrou Call. — A vida inteira fui apenas eu...

— Constantine sempre soube que podia morrer — argumentou Joseph. — Era seu maior medo, a morte. Ele tentou repetidamente trazer o irmão de volta, mas jamais conseguiu recuperar sua alma, tudo que fazia de Jericho quem ele era. Então decidiu fazer tudo que fosse preciso para permanecer vivo. Todo esse tempo, Call, esperamos que você tivesse idade suficiente. E aqui está você, quase pronto. Logo a guerra vai recomeçar, de verdade... e dessa vez temos certeza de que vamos vencer.

Os olhos de Mestre Joseph brilhavam com alguma coisa muito semelhante à loucura.

— Não vejo por que você acha que algum dia eu estarei do seu lado — disse Call. — Vocês pegaram Aaron...

— Sim — disse Joseph —, mas queríamos *você*.

— Então você fez todo esse esforço, o sequestro, só para me fazer vir até aqui para... o quê? Para me dizer tudo isso? Por que não me contou antes? Por que não me pegou antes que eu fosse para o Magisterium?

— Porque pensamos que você *soubesse* — resmungou Mestre Joseph. — Pensei que você estivesse se escondendo de propósito, permitindo que sua mente e seu corpo crescessem para que pudesse novamente se tornar o formidável adversário da Assembleia que foi antes. Não o abordei porque imaginei que, se desejasse ser abordado, teria entrado em contato comigo.

Call soltou uma risada amarga.

— Quer dizer que você não se aproximou de mim porque não queria estragar meu disfarce, e todo esse tempo eu nem mesmo sabia que estava disfarçado? Isso é hilário demais.

— Não vejo nada de engraçado nisso. — Mestre Joseph não alterou sua expressão. — É uma sorte que meu filho... que Drew tenha descoberto que você não fazia ideia de quem realmente é, ou você poderia ter se revelado inadvertidamente.

Call encarou Mestre Joseph.

— Você vai me matar? — perguntou ele, bruscamente.

— Matar você? Eu estava *esperando* por você — disse Joseph. — Todos esses anos.

— Bem, todo esse seu plano estúpido não serviu para nada, então — disse Call. — Vou voltar e contar a Mestre Rufus quem eu sou realmente. Vou contar a todo mundo no Magisterium que meu pai tinha razão, e que eles deviam ter dado atenção a ele. E vou deter você.

Mestre Joseph sorriu, balançando a cabeça.

— Acho que conheço você bem o bastante, qualquer que seja sua aparência, para saber que não vai fazer isso. Você vai voltar, terminar seu Ano de Ferro e, quando retornar para o Ano de Cobre, conversaremos de novo.

— Não, não vamos conversar. — Call se sentiu infantil e pequeno, o peso do horror começando a esmagá-lo. — Vou contar a eles...

— Contar a eles quem você é? Vão interditar sua magia.

— Não vão...

— Vão, sim — insistiu Mestre Joseph. — Se não o matarem. Vão interditar sua magia e mandá-lo para um pai que agora sabe, com certeza, que não é seu pai.

Call engoliu em seco. Ele não tinha pensado, até aquele momento, em qual seria a reação de Alastair a essa revelação. Seu pai, que tinha implorado a Rufus que interditasse sua magia... por via das dúvidas.

— Vai perder seus amigos. Acha mesmo que eles deixariam você se aproximar de seu precioso Makar, sabendo quem você é? Vão criar Aaron Stewart para ser seu inimigo. É o que eles vêm

procurando todo esse tempo. É isso que Aaron é. Ele não é seu companheiro. É a sua destruição.

— Aaron é meu amigo — disse Call, com um tom de desesperança. Ele percebia como sua voz soava, mas não conseguia evitar.

— Como quiser, Call. — Mestre Joseph tinha o olhar sereno de um homem que sabia do que estava falando. — Parece que seu amigo tem algumas escolhas a fazer. Assim como você.

— Eu escolho — disse Call. — Eu escolho voltar para o Magisterium e contar a verdade a eles.

Joseph abriu um sorriso reluzente.

— É mesmo? — replicou ele. — É fácil me desafiar aqui. Não esperaria menos de Constantine Madden. Você sempre foi desafiador. Entretanto, no fim das contas, quando precisar fazer sua escolha, vai realmente desistir de tudo que lhe importa em nome de um ideal abstrato que só compreende parcialmente?

Call balançou a cabeça.

— Mas eu teria de abrir mão de qualquer jeito. Você não vai exatamente me deixar voltar para o Magisterium.

— Claro que vou — assegurou Mestre Joseph.

Call deu um pulo para trás, batendo dolorosamente o cotovelo na parede.

— *O quê?*

— Ah, meu Mestre — disse em voz baixa o mago mais velho. — Você não vê...

Ele não terminou a frase. Com um terrível estrondo, o telhado se abriu ao meio. Call mal teve tempo de olhar para o alto antes que tudo acima explodisse com uma chuva de estilhaços de madeira e concreto. Ele ouviu o grito rouco de Mestre Joseph, um instante antes que uma montanha de detritos se derramasse entre eles, encobrindo o mago. O chão se dobrou sob Call, que caiu de lado, esticando o braço para segurar Devastação, que se contorcia, em pânico.

O prédio tornou a se sacudir, e Call enterrou o rosto no pelo do lobo, tentando não sufocar no denso redemoinho de poeira. Talvez o mundo estivesse acabando. Talvez os aliados de Mestre Joseph

tivessem decidido explodir o lugar. Ele não sabia e quase não se importava.

— Call?

Acima do zumbido em seus ouvidos, Call ouviu a voz familiar. Ele rolou o corpo, uma das mãos ainda agarrando o pelo de Devastação, e viu o que havia partido o prédio ao meio.

O enorme anúncio luminoso, onde se lia BOLICHE DA MONTANHA, tinha atravessado o telhado, cortando o prédio ao meio como um machado que se crava em um bloco de concreto. Aaron estava agachado no alto do letreiro luminoso, como se o estivesse montando no momento da queda, com Tamara logo atrás. O letreiro luminoso faiscava e chiava onde fios elétricos haviam se rompido e dobrado.

Aaron saltou para o chão e correu para Call, abaixando-se para segurar seu braço.

— Call, venha!

Incrédulo, Call tentou se levantar, deixando Aaron puxá-lo. Devastação choramingou e pulou, colocando as patas dianteiras na cintura de Aaron.

— Aaron! — gritou Tamara.

Ela estava apontando para algo atrás deles. Call virou-se e tentou enxergar através das nuvens de pó e entulho. Não havia sinal de Mestre Joseph. Mas isso não significava que estivessem sozinhos. Call virou-se de novo para Aaron.

— Dominados pelo Caos — disse, preocupado.

O corredor estava cheio deles, marchando sobre os escombros, com um andar estranhamente regular, seus olhos turbulentos queimando como fogueiras.

— Venha! — Aaron virou-se e correu na direção do letreiro luminoso, pulando sobre ele e estendendo a mão a fim de puxar Call para cima.

O letreiro luminoso ainda estava preso à base. A parte principal tinha desabado sobre o prédio na diagonal, como uma colher caída dentro de um caldeirão e que ficara apoiada na borda. Tamara já estava subindo correndo pelas palavras BOLICHE DA MONTANHA, com Devastação em seus calcanhares. Call começou a segui-la, mancando, quando se deu conta de que Aaron não o acompanhava.

Ele girou o corpo rapidamente, fagulhas saltando dos fios a seus pés.

O cômodo abaixo deles se enchia depressa de Dominados pelo Caos, que metodicamente seguiam na direção do letreiro luminoso. Vários deles já escalavam o letreiro. Aaron estava parado poucos metros acima destes, olhando para baixo.

Tamara já havia subido pelo letreiro luminoso o bastante para pular para o telhado.

— Venham! — Ele a ouviu gritar, quando ela percebeu que eles não a haviam seguido e que ela não tinha como voltar para o luminoso.

— Call! *Aaron*!

Aaron, porém, não se mexia. Ele se equilibrava no luminoso como se este fosse uma prancha de surf, e tinha uma expressão sombria no rosto. Seus cabelos estavam brancos do pó do concreto, o uniforme cinza, rasgado e ensanguentado. Lentamente, ele levantou a mão e, pela primeira vez, Call viu não o seu amigo, mas o Makar, o mago do caos, alguém que um dia poderia vir a ser tão poderoso quanto o Inimigo da Morte.

Alguém que seria inimigo do Inimigo.

Seu inimigo.

A escuridão partiu da mão de Aaron como um raio sombrio: disparou à frente e envolveu os Dominados pelo Caos em tentáculos de sombra. Quando a escuridão os tocava, as luzes em seus olhos se apagavam, e eles escorregavam para o chão, flácidos e vencidos.

É o que eles vêm procurando todo esse tempo. Sua destruição. É isso que Aaron é.

— Aaron! — gritou Call, deslizando pelo letreiro luminoso na direção do garoto.

Aaron não se virou, nem mesmo pareceu ouvi-lo. Continuava no mesmo lugar, a luz sombria explodindo de sua mão, abrindo um caminho através do céu. Sua figura era aterrorizante.

— Aaron — ofegou Call, e tropeçou em um nó de fios partidos.

Uma dor excruciante atravessou sua perna quando seu corpo se torceu e ele caiu, derrubando Aaron no chão e parcialmente o imobilizando debaixo de si. A luz sombria sumiu quando as costas

de Aaron bateram no metal do luminoso, suas mãos presas entre ele e Call.

— Me deixe em paz! — gritou Aaron, parecendo fora de si, como se talvez, em sua fúria, tivesse esquecido quem Call e Tamara eram. Ele se contorceu debaixo de Call, tentando libertar as mãos.

— Eu preciso... eu preciso...

— Você precisa *parar* — disse Call, agarrando Aaron pela frente do uniforme. — Aaron, não pode fazer isso sem um contrapeso. Você vai morrer.

— Não importa — disse Aaron, lutando para se livrar de Call.

Call não o soltou.

— Tamara está esperando. Não podemos abandoná-la. Você tem de vir. Vamos. *É preciso*.

Aos poucos a respiração de Aaron foi se acalmando, seus olhos focalizando Call. Atrás dele, mais Dominados pelo Caos se aproximavam, rastejando sobre os cadáveres de seus companheiros, os olhos cintilando no escuro.

— Ok — disse Call, saindo de cima de Aaron, forçando-se a se erguer e a se apoiar na perna dolorida. — Ok, Aaron. — Ele estendeu a mão. — Vamos.

Aaron hesitou, mas depois levantou a mão e deixou que Call o ajudasse a se levantar. Call o soltou e virou-se, começando a subir novamente no anúncio luminoso. Dessa vez, Aaron o seguiu. Subiram alto o bastante para saltar até o telhado ao lado de Tamara e Devastação. Ao bater nas telhas, Call sentiu o impacto percorrer suas pernas e todo o seu corpo, até os dentes.

Tamara assentiu, aliviada, ao vê-los, mas seu rosto ainda mostrava tensão — os Dominados pelo Caos ainda estavam atrás deles. Ela girou, correu para a beirada do telhado inclinado e mais uma vez saltou, dessa vez sobre a caçamba. Call cambaleou atrás dela.

E lá se foi ele, descendo pela lateral do prédio, o coração disparado, em parte por medo do que os perseguia e em parte por um medo do qual nem mesmo a mais veloz das corridas o ajudaria a escapar. Seus pés bateram com força na tampa de metal da caçamba e ele caiu de joelhos, sentindo as pernas como se fossem feitas de sacos de areia — pesadas, dormentes e não muito sólidas.

Ele conseguiu rolar até passar sobre a borda, e se manteve em pé, apoiando-se na lateral de metal, tentando recuperar o fôlego.

Um segundo depois, ouviu Aaron saltar no chão ao seu lado.

— Você está bem? — perguntou Aaron, e Call sentiu uma onda de alívio, mesmo no meio de todo o resto: Aaron parecia Aaron de novo.

Ao ouvir o som de batidas metálicas, Call e Aaron se viraram para ver que Tamara afastara a caçamba do prédio. Os Dominados pelo Caos, sem ter sobre onde saltar, se aglomeravam, confusos, na beirada do telhado.

— Eu... eu estou bem. — Call olhou de Aaron para Tamara, que o fitavam com expressões idênticas de preocupação. — Não posso acreditar que vocês voltaram por minha causa — acrescentou Call. Ele se sentia tonto e enjoado, e tinha certeza de que, se desse um único passo à frente, cairia novamente. Pensou em dizer a eles que deviam deixá-lo e correr, mas não queria ser abandonado.

— Claro que voltamos — disse Aaron, franzindo a testa. — Afinal, você e Tamara vieram até aqui para me resgatar, não foi? Por que não faríamos o mesmo por você?

— Você é importante, Call — disse Tamara.

Call queria dizer que salvar Aaron era diferente, mas não conseguiu encontrar um jeito de explicar por quê. Sua cabeça estava girando.

— Bem, foi muito impressionante... o que vocês fizeram com o anúncio luminoso.

Tamara e Aaron se entreolharam rapidamente.

— Não era o que estávamos tentando fazer — admitiu Tamara. — Queríamos chegar ao topo dele para avisar o Magisterium. A magia da terra saiu um pouco do controle e... bem... Ah, funcionou, certo? É isso que importa.

Call assentiu. Era o que importava.

— Obrigado pelo que você fez lá em cima também — agradeceu Aaron, colocando a mão no ombro de Call e lhe dando tapinhas desajeitados. — Eu estava com tanta raiva... se você não tivesse me impedido de continuar a usar a magia do caos, não sei o que teria...

— Ah, pelo amor de Deus. Por que os garotos têm de falar dos seus sentimentos o tempo todo? É nojento! — interrompeu Tamara. — Ainda há Dominados pelo Caos tentando vir atrás de nós! — Ela apontou para o alto, onde olhos brilhantes e giratórios os observavam da escuridão no telhado. — Vamos, chega, temos de dar o fora daqui.

Ela começou a andar, as longas tranças escuras balançando às suas costas. Preparando-se para a infinita caminhada de volta ao Magisterium, Call tomou impulso, afastando o corpo da parede e deu um único passo excruciante antes de apagar. Ele não chegou nem a sentir a cabeça bater no chão.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Call acordou mais uma vez na Enfermaria. Como os cristais nas paredes estavam escuros, ele imaginou que provavelmente fosse noite. Estava todo dolorido. Além disso, estava com a sensação de que tinha más notícias para dar a alguém, embora não conseguisse lembrar o quê. Suas pernas doíam, e havia cobertores embolados à sua volta — estava na cama, machucado, mas não conseguia se lembrar como. Ele tinha se exibido durante aquele exercício com o tronco e tinha caído no rio, levando Jasper — logo Jasper, entre todas as pessoas — a salvá-lo. E havia mais... Tamara, Aaron e Devastação e uma caminhada pela floresta, mas talvez isso tivesse sido um sonho. Era o que parecia agora.

Ao se virar de lado, viu Mestre Rufus sentado em uma cadeira perto da cama, a metade do rosto nas sombras. Por um momento, Call se perguntou se Mestre Rufus estaria dormindo, até que viu um sorriso curvar a boca do mago.

— Sentindo-se um pouco mais humano? — perguntou Mestre Rufus.

Call assentiu e fez um esforço para se sentar. No entanto, à medida que o sono foi se dissipando, todas as lembranças voltaram com força: Mestre Joseph com sua máscara de prata, Drew sendo devorado, Aaron pendurado nas vigas com algemas cortando sua pele e Call recebendo a notícia de que tinha a alma de Constantine Madden dentro de si.

Ele deixou-se cair de volta na cama.

Tenho que contar a Mestre Rufus, pensou*. Não sou uma pessoa ruim. Vou contar a ele.*

— Está com fome? — perguntou Mestre Rufus, pegando uma bandeja. — Eu trouxe chá e sopa.

— Chá, talvez.

Call pegou a caneca de cerâmica e deixou que aquecesse suas mãos. Tomou um gole para experimentar, e o sabor reconfortante da hortelã o fez se sentir mais desperto.

Mestre Rufus tornou a deixar a bandeja de lado e virou-se para estudar Call com seus olhos encapuzados. Call segurava a caneca como se ela fosse um colete salva-vidas.

— Me desculpe perguntar, mas é preciso. Tamara e Aaron me contaram o que sabiam sobre o lugar onde Aaron estava sendo mantido, mas ambos me disseram que você ficou lá dentro mais tempo, e que esteve em um quarto no qual não entraram. O que você pode me dizer sobre o que viu?

— Eles contaram sobre Drew? — perguntou Call, estremecendo com a lembrança.

Mestre Rufus assentiu.

— Pesquisamos o que pudemos, e descobrimos que o nome e a identidade de Drew Wallace, na verdade todo o seu passado, consistiam em falsificações muito convincentes, destinadas a colocá-lo dentro do Magisterium. Não sabemos qual era seu verdadeiro nome ou por que o Inimigo o enviou para cá. Se não fossem você e Tamara, o Inimigo teria tido sucesso em nos desferir um golpe terrível e, quanto a Aaron, estremeço em pensar no que poderiam ter feito ao Makar.

— Então não estamos encrencados?

— Por não me informarem que Aaron tinha sido sequestrado? Por não contarem a ninguém aonde vocês tinham ido? — A voz de Mestre Rufus transformou-se em um rosnado. — Desde que nunca mais façam nada semelhante, estou disposto a deixar passar esse comportamento tolo de vocês dois, à luz do êxito que tiveram. Parece bobagem discutir sobre como exatamente você e Tamara salvaram nosso Makar. O importante é que vocês o salvaram.

— Obrigado — agradeceu Cal, na dúvida se estava sendo repreendido ou não.

— Mandamos alguns magos até a pista de boliche abandonada, mas não sobrou muita coisa por lá. Algumas gaiolas vazias e equipamentos destruídos. Havia um cômodo grande que era uma espécie de laboratório. Esteve nesse cômodo?

Call assentiu, engolindo em seco. Aquele era o momento. Abriu a boca para dizer as palavras*: Mestre Joseph estava lá e me disse que sou o Inimigo da Morte*.

Mas as palavras não saíam. Era como se ele estivesse parado à beira de um penhasco, e tudo em seu corpo o incitasse a se atirar, mas sua mente não permitia. Se repetisse o que Joseph tinha dito, Mestre Rufus o odiaria. Todos o odiariam.

E para quê? Mesmo que ele tivesse sido Constantine Madden um dia, não se lembrava de nada. Ele ainda era Callum, não era? Ainda era a mesma pessoa. Ele não se tornara mau. Não desejava prejudicar o Magisterium. E o que era uma alma, afinal? Ela não lhe dizia o que fazer. Ele podia tomar as próprias decisões.

— Sim, tinha um laboratório com muitas coisas borbulhantes e elementais nos nichos que iluminavam o lugar inteiro. Mas não havia ninguém lá. — Call engoliu em seco, preparando-se para a mentira. Seu coração disparou. — O lugar estava vazio.

— Mais alguma coisa? — indagou Mestre Rufus, estudando Call intensamente. — Algum detalhe que acredita que possa nos ajudar? Qualquer coisa, por menor que seja?

— Havia Dominados pelo Caos — respondeu Call. — Muitos. E um elemental do caos. Ele me encurralou dentro do laboratório, mas foi aí que Aaron e Tamara entraram pelo telhado, então...

— Sim, Tamara e Aaron já me contaram de sua impressionante façanha com o anúncio luminoso. — Mestre Rufus sorriu, mas Call podia ver que ele ocultava sua decepção. — Obrigado, Call. Você se saiu muito bem.

Call assentiu. Ele jamais se sentira tão mal.

— Lembro que, quando chegou ao Magisterium, você me perguntou várias vezes se poderia falar com Alastair — disse Mestre Rufus. — Eu nunca atendi, *formalmente*, ao seu pedido. — Ele disse isso com uma ênfase que fez Call enrubescer e se perguntar se finalmente, agora, ele ia se encrencar por ter invadido a sala de Rufus. — Mas vou atendê-lo agora.

Ele pegou um globo de vidro na mesinha de cabeceira e o entregou a Call. Um pequeno tornado já girava ali dentro.

— Acredito que você saiba como usá-lo. — Então se levantou e andou até a extremidade oposta da Enfermaria, as mãos unidas atrás das costas. Call demorou um instante para se dar conta do que ele estava fazendo: dando-lhe privacidade.

Call segurou o globo de vidro transparente e o estudou. Era como se uma imensa bolha de sabão tivesse endurecido no ar, tornando-se sólida e transparente. Ele se concentrou em pensar no pai — bloqueando pensamentos sobre Mestre Joseph e Constantine Madden, e pensando apenas no pai, no cheiro de panquecas e fumo de cachimbo, na mão de Alastair em seu ombro quando ele fazia alguma coisa certa, do pai explicando meticulosamente geometria, a matéria de que Call menos gostava.

O tornado começou a se condensar e tomou a forma de seu pai, vestido com jeans manchado de óleo e camisa de flanela, os óculos no alto da cabeça, uma chave inglesa em uma das mãos. *Ele deve estar na garagem, trabalhando em um de seus carros antigos*, pensou Call. O pai ergueu os olhos, como se alguém tivesse chamado seu nome.

— Call? — disse ele.

— Pai — respondeu Call. — Sou eu.

O pai pousou a chave inglesa em algum lugar, o que a fez desaparecer da imagem. Ele girou no mesmo lugar, como se estivesse tentando ver Call, embora fosse evidente que não podia.

— Mestre Rufus me contou o que aconteceu. Fiquei muito preocupado. Você foi para a Enfermaria...

— Ainda estou aqui — disse Call, e em seguida acrescentou: — Mas estou bem. Fiquei um pouco machucado, mas estou legal. — Sua voz saiu fraca, até mesmo para os próprios ouvidos. — Não se preocupe.

— Não posso evitar — disse o pai rispidamente. — Ainda sou seu pai, mesmo que você esteja longe, na escola. — Ele olhou ao redor e depois encarou Call, como se pudesse vê-lo. — Mestre Rufus disse que você salvou o Makar. Isso é incrível. Você fez o que um exército inteiro não pôde fazer por Verity Torres.

— Aaron é meu amigo. Acho que a gente o salvou, mas foi por causa da amizade, e não porque ele é o Makar. E a gente não sabia contra o que ia lutar.

— Estou contente por você ter amigos aí, Call. — Os olhos do pai estavam sérios. — Pode ser difícil ser amigo de alguém tão poderoso.

Call pensou na pulseira na carta enviada por seu pai, nos milhares de perguntas sem respostas que tinha. *Você era amigo de Constantine Madden?*, ele queria perguntar, mas não podia. Não agora, e não com o risco de Rufus escutar.

— Rufus também contou que um dos outros alunos do Magisterium estava lá — continuou seu pai. — Alguém trabalhando para o Inimigo.

— Drew... sim. — Call balançou a cabeça. — A gente não sabia.

— Não é culpa sua. Às vezes as pessoas não mostram seu verdadeiro rosto. — O pai suspirou. — Então, esse aluno, Drew, estava lá, mas o Inimigo não?

Não existe Inimigo. Todos esses anos você vem combatendo um fantasma. Uma ilusão que Mestre Joseph queria que você visse. Mas não posso contar isso porque, se o Inimigo não é Constantine Madden, então quem é ele?

— Acho que a gente não teria conseguido escapar se ele estivesse lá — argumentou Call. — Acho que tivemos sorte.

— E esse Drew... ele não disse nada a você?

— Como assim?

— Alguma coisa sobre... sobre você — respondeu o pai, com cautela. — É estranho o Inimigo deixar um Makar capturado protegido somente por um aluno.

— Tinha um monte de Dominados pelo Caos também — explicou Call. — Mas não, ninguém me disse nada. Eram apenas Drew e os Dominados pelo Caos, e eles não falam muito.

— Não. — O pai quase deu um sorriso. — Não falam mesmo, não é? — Ele tornou a suspirar. — Sinto falta de você aqui, Callum.

— Também sinto sua falta. — Call sentiu a garganta apertar.

— Vejo você quando terminarem as aulas — disse o pai.

Call assentiu com a cabeça, sem confiar na voz, e passou a mão pela superfície do globo. A imagem de seu pai se desfez. Ele ficou sentado, olhando para o dispositivo. Agora que não havia nada dentro dele, podia ver um pouco de seu reflexo no vidro. Os mesmos cabelos pretos, os mesmos olhos cinzentos, os mesmos queixo e nariz ligeiramente pontudos. Tudo era familiar. Ele não era parecido com Constantine Madden. Era parecido com Callum Hunt.

— Eu fico com isto — disse Rufus, pegando o globo de sua mão. Ele estava sorrindo. — É provável que você fique aqui um dia ou dois, para descansar e se curar totalmente. Enquanto isso, há duas pessoas que estão esperando muito pacientemente para vê-lo.

Mestre Rufus foi até a porta da Enfermaria e a escancarou.

Tamara e Aaron entraram correndo.

↑≋△○@

Estar na Enfermaria porque você se feriu ao fazer algo incrível era totalmente diferente de estar na Enfermaria porque fez uma burrice. Os colegas de iam visitá-lo o tempo todo. Todos queriam ouvir a história vezes sem conta, todos queriam ouvir como os Dominados pelo Caos foram assustadores e como Call enfrentara um elemental do caos. Todos queriam ouvir sobre o anúncio luminoso rompendo o telhado e rir na parte em que Call desmaiou.

Gwenda e Celia levaram para ele barras de chocolate que receberam de casa. Rafe levou um baralho e eles jogaram cartas sobre os cobertores. Call nunca se dera conta de quantas pessoas no Magisterium sabiam quem ele era. Até mesmo alguns dos alunos mais velhos passaram para vê-lo, como a irmã de Tamara, Kimiya, que era superalta e tão séria que assustou Call quando lhe disse que estava muito contente por Tamara tê-lo como amigo, e Alex, que levou um saco das balas de goma favoritas de Call, e o avisou, rindo, que toda essa coisa de herói estava pegando mal para o restante da escola.

Até Jasper o visitou, o que foi extremamente embaraçoso. Ele entrou, parecendo nervoso e puxando o cachecol de caxemira esfarrapado que usava por cima do uniforme.

— Trouxe um sanduíche da Galeria para você — disse ele, entregando-o a Call. — É de líquen, claro, mas o gosto é de atum. Eu odeio atum.

— Obrigado — agradeceu Call, pegando o sanduíche, que estava estranhamente quente, o que o fez pensar que provavelmente estivera no bolso de Jasper.

— Eu só queria lhe dizer — começou Jasper — que todo mundo está falando do que você fez, resgatando Aaron, e eu queria que

você soubesse que eu também achei que foi uma boa coisa. O que você fez. E que está tudo bem. Que você tenha ficado com o meu lugar com Mestre Rufus. Porque talvez você o mereça. Então não estou com raiva de você. Não mais.

— É um jeito de fazer tudo girar em torno de você, Jasper — disse Call, que teve de admitir que estava saboreando aquele momento.

— Certo — disse Jasper, puxando o cachecol com tanta fúria que uma parte dele quase se rasgou. — Legal falar com você. Aproveite o sanduíche.

Ele saiu meio cambaleante, e Call se divertiu observando-o. Percebeu que estava contente porque, ao que parecia, Jasper não o odiava mais. Por via das dúvidas, porém, jogou fora o sanduíche.

Tamara e Aaron o visitavam tanto quanto lhes permitiam, jogando-se na cama de Call como se ela fosse um trampolim, ansiosos para atualizá-lo sobre tudo que acontecia enquanto ele estava de cama. Aaron explicou como ele se responsabilizara por Devastação perante os Mestres, alegando que, como o Makar, ele precisava estudar uma criatura Dominada pelo Caos. Eles não gostaram da ideia, mas permitiram, e a partir de então o lobo seria uma presença permanente no alojamento dos três. Tamara disse que a maneira como estavam deixavam Aaron fazer o que queria iria subir à cabeça do garoto, e deixá-lo ainda mais irritante que Call. Eles falavam e riam tão alto que Mestra Amaranth antecipou a alta de Call só para ter um pouco de paz e sossego. O que provavelmente foi uma boa medida, pois Call estava ficando acostumado com a ideia de passar o dia todo deitado, com as pessoas trazendo coisas para ele. Mais uma semana e ele talvez nunca mais saísse dali.

Cinco dias depois de voltar do complexo do Inimigo, Call retomou seus estudos. Entrou no barco com Aaron e Tamara um pouco travado; a perna machucada estava quase recuperada, mas ainda era difícil se movimentar. Quando chegaram diante da sala de aula, Mestre Rufus os aguardava.

— Hoje vamos ter uma atividade um pouco diferente — avisou ele, fazendo um gesto na direção do corredor. — Vamos visitar o Hall dos Graduados.

— Já estivemos lá — confessou Tamara, antes que Call pudesse cutucá-la.

Se Mestre Rufus queria levá-los numa viagem de campo em vez de passar exercícios chatos, era melhor acompanhá-lo. Além disso, Mestre Rufus não sabia que os três tinham estado no Hall dos Graduados, pois na ocasião estavam ocupados se perdendo e fracassando em uma tarefa.

— Ah, é mesmo? — replicou Mestre Rufus, começando a andar. — E o que vocês viram lá?

— A impressão das mãos de pessoas que frequentaram o Magisterium antes — respondeu Aaron, acompanhando. — Alguns parentes. A mãe de Call.

Eles passaram por uma porta que Mestre Rufus abriu com sua pulseira e desceram uma escada em espiral feita de pedra branca.

— Algo mais?

— O Primeiro Portal — respondeu Tamara, olhando em volta confusa. Eles não tinham tomado esse caminho antes. — Mas não estava ativado.

— Ah. — Mestre Rufus passou a pulseira diante da parede sólida e observou enquanto ela tremeluzia e desaparecia, revelando outra sala além. Rufus sorria, para a surpresa do trio. — Sim, existem algumas rotas que atravessam a escola e que vocês ainda não conhecem.

Eles entraram em uma sala pela qual Call se lembrava de ter passado quando pensou que estivessem perdidos, com longas estalactites e lama fumegante aquecendo o ar. Ele se virou, perguntando-se se seria capaz de refazer o caminho até a porta que Mestre Rufus tinha acabado de mostrar a eles, mas, mesmo se pudesse, não tinha certeza se sua pulseira a abriria.

Passaram por outra porta e se viram dentro do Hall dos Graduados. Uma das arcadas parecia turva com alguma substância, algo membranoso e vivo. As palavras esculpidas — *Prima Materia* — brilhavam com uma luz estranha, como se iluminadas de dentro das ranhuras das letras.

— Ah — disse Call. — O que é isto?

O sorrisinho no rosto de Mestre Rufus se transformou em um largo sorriso.

— Estão todos vendo? Ótimo. Achei que veriam. Isso significa que vocês estão prontos para atravessar o Primeiro Portal, o Portal do Controle. Depois que passarem por ele, serão considerados magos por direito próprio, e eu lhes darei o metal para sua pulseira, que formalmente lhes confere o status de alunos do Ano de Cobre. Quão longe vocês chegarão em seus estudos desse ponto em diante vai depender de vocês, mas acredito que todos os três estão entre os melhores aprendizes a que já tive o prazer de ensinar. Espero que deem continuidade aos estudos.

Call olhou para Tamara e Aaron. Eles estavam sorrindo um para o outro e para ele. Então Aaron ergueu a mão, hesitante.

— Mas eu pensei... quero dizer, isto é ótimo, mas não deveríamos atravessar o portal no fim do ano? Quando nos formarmos?

Mestre Rufus ergueu as duas sobrancelhas espessas.

— Vocês são aprendizes. Isso significa que aprendem o que estão preparados para aprender e que atravessam os portais quando estão prontos, e não depois, e certamente não antes. Se conseguem ver o portal, então estão prontos. Tamara Rajavi, você primeiro.

Ela deu um passo à frente, muito ereta, e caminhou até o portal com uma expressão de espanto no rosto, como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo. Estendendo a mão, ela tocou o centro, que girava, e emitiu um som agudo, recolhendo os dedos, surpresa. Ela olhou rapidamente para Call e Aaron, e depois, ainda sorrindo, atravessou o portal, desaparecendo de vista.

— Agora você, Aaron Stewart.

— Ok — disse Aaron, assentindo com a cabeça e aparentando certo nervosismo.

Ele enxugou a palma das mãos na calça cinza do uniforme, como se estivessem suadas. Aproximando-se do portal, ele jogou os braços para o alto e lançou-se no que quer que estivesse além, como um jogador de futebol americano fazendo um *touchdown*.

Mestre Rufus balançou a cabeça, divertindo-se, mas não comentou de outro modo a técnica de Aaron para cruzar o portal.

— Callum Hunt, sua vez — disse ele.

Call engoliu em seco e cruzou a sala em direção ao portão. Lembrou-se do que Mestre Rufus dissera quando contou a Call por que motivo o escolhera como aprendiz. *Até o mago passar pelo Primeiro Portal, ao fim do seu Ano de Ferro, sua magia pode ser interditada por um dos Mestres. Você se tornaria incapaz de acessar os elementos, incapaz de usar seus poderes.*

Se sua magia fosse interditada, Callum não poderia se tornar o Inimigo da Morte. Não poderia nem se tornar *como* ele.

Foi isso que o pai pediu a Mestre Rufus que fizesse, enviando junto a pulseira de Constantine Madden como um aviso. Parado ali diante do portal, Call finalmente admitiu para si mesmo: Tamara tinha razão quando disse que o objetivo do aviso de seu pai não era manter Call a salvo. Era manter as outras pessoas a salvo *dele*.

Aquela era a última chance de Call — sua chance final. Se ele atravessasse o Portal do Controle, sua magia não poderia mais ser interditada. Não haveria mais nenhuma maneira fácil de pôr o mundo a salvo do menino. De garantir que ele nunca poderia se voltar contra Aaron. De garantir que ele nunca se tornaria Constantine Madden.

Ele pensou como seria voltar para a escola normal, onde não tinha nenhum amigo, passar fins de semana sob o olhar sombrio do pai. Pensou em nunca mais ver Aaron e Tamara, e em todas as aventuras que os dois viveriam sem ele. Pensou em Devastação em seu quarto, em casa, e em como o lobo seria infeliz. Pensou em Celia, Gwenda e Rafe, e até em Mestre Rufus, pensou no Refeitório, na Galeria e em todos os túneis que ele nunca exploraria.

Talvez, se contasse, as coisas não acontecessem do jeito que Mestre Joseph descreveu. Talvez não interditassem sua magia. Talvez o ajudassem. Talvez até mesmo dissessem a ele que toda aquela história da alma era impossível — que ele era apenas Callum Hunt e que não havia nada a temer, porque ele não iria se tornar um monstro com uma máscara de prata.

Mas talvez não fosse suficiente.

Dando um passo adiante, respirando fundo e baixando a cabeça, Call atravessou o Portal do Controle. A magia o envolveu, pura e poderosa.

Ele podia ouvir Tamara e Aaron do outro lado, rindo.

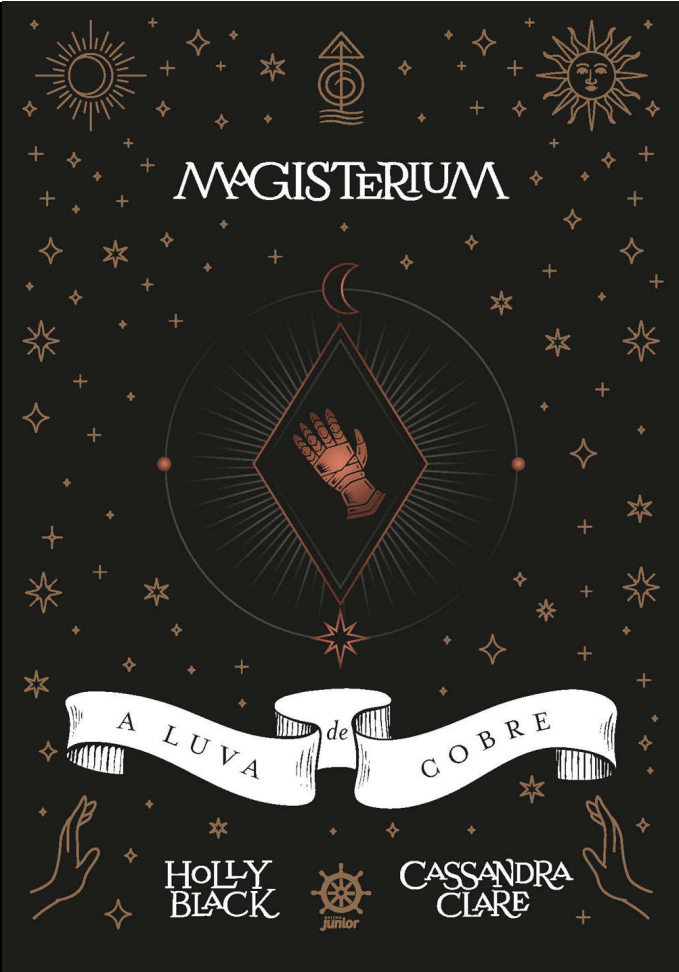
E sem que tivesse a intenção, apesar da coisa horrível que estava fazendo, Call começou a sorrir.

MAGISTERIUM

A LUVA de COBRE

HOLLY BLACK

CASSANDRA CLARE

Galera Junior

HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

A LUVA de COBRE

MAGISTERIUM

LIVRO 2

Tradução
Rita Sussekind

7ª edição

GALERA
junior

RIO DE JANEIRO
2021

Para Ursula Annabel Link Grant, metade garotinha de 5 anos,
metade fogo

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

Call tirou um pequeno círculo de pepperoni gorduroso da fatia de pizza e deslizou a mão para baixo da mesa. Imediatamente, seus dedos ganharam um banho de língua quando Devastação, o lobo Dominado pelo Caos, provou a comida.

— Não alimente essa coisa — disse o pai, ríspido. — Vai acabar arrancando sua mão um dia desses.

Call afagou a cabeça de Devastação, ignorando o pai. Ultimamente, Alastair não andava feliz com Call. Não queria ouvir sobre os meses que passou no Magisterium. Detestava o fato de Call ter sido escolhido como aprendiz por Rufus, seu antigo mestre. E vivia pronto para arrancar os cabelos desde que Call voltou para casa com um lobo Dominado pelo Caos.

Durante toda a vida de Call, sempre foram apenas ele, o pai e as histórias de Alastair sobre como sua antiga escola era horrível; a mesma escola que Call agora frequentava, apesar dos esforços árduos do menino para não ser aceito. Call esperava que o pai estivesse irritado quando voltou de seu primeiro ano no Magisterium, mas não tinha imaginado como se *sentiria* ao ter de conviver com o pai tão irritado. Eles costumavam se dar bem sem esforço. Agora tudo parecia... tenso.

Call torcia para que fosse apenas por causa do Magisterium. Porque a outra opção seria Alastair saber que Call era secretamente mau.

Toda a questão de ser-secretamente-mau também perturbava Call. Muito. Ele tinha começado a fazer uma lista mental — qualquer evidência o indicando como um Suserano do Mal ia para uma coluna, e qualquer evidência do contrário, para outra. Tinha se habituado a consultar a lista antes de tomar qualquer decisão. Um Suserano do Mal tomaria a última xícara de café do bule? Que livro um Suserano do Mal pegaria na biblioteca? Vestir-se totalmente de preto era uma atitude típica de um Suserano do Mal, ou uma escolha legítima que facilitava a vida no dia de lavar roupa? A pior parte é que ele tinha certeza de que o pai estava jogando o mesmo

jogo, somando e conferindo seus pontos de Suserano do Mal cada vez que olhava em sua direção.

Mas Alastair podia apenas desconfiar. Não tinha como ter certeza. Havia coisas que só Call sabia.

Call não conseguia parar de pensar no que Mestre Joseph havia lhe dito: que ele, Callum Hunt, tinha a alma do Inimigo da Morte. Que ele *era* o Inimigo da Morte, alguém destinado ao mal. Mesmo na cozinha aconchegante pintada de amarelo onde ele e o pai haviam feito milhares de refeições juntos, as palavras ecoavam em seus ouvidos.

A alma de Callum Hunt está morta. Arrancada de seu corpo, essa alma murchou e morreu. A alma de Constantine Madden se enraizou e cresceu, renascida e intacta. Desde então, seus seguidores fazem de tudo para que pareça que ele não sumiu do mundo, para que você continue seguro.

— Call? — chamou o pai, encarando-o de forma estranha.

Não olhe para mim, Call queria dizer. E, ao mesmo tempo, queria perguntar: *o que vê quando me olha?*

Ele e Alastair dividiam a pizza favorita de Call, pepperoni com abacaxi, e, em uma noite normal, conversariam sobre a última vez que Call voltou à cidade, ou sobre qualquer que fosse o projeto da vez do pai na garagem, mas Alastair estava calado e Call não conseguia pensar em nada para dizer. Sentia saudades dos melhores amigos, Aaron e Tamara, mas não podia falar sobre eles na frente do pai, pois faziam parte do mundo de magia que Alastair odiava.

Call deslizou da cadeira.

— Posso ir ao quintal com Devastação?

Alastair fez uma careta para o lobo, um bicho que outrora fora um filhote adorável, mas que tinha crescido e se tornado um monstro adolescente de patas altas, que ocupava boa parte do espaço embaixo da mesa. O lobo olhou para o pai de Call com seus olhos de Dominado pelo Caos, a língua pendurada na boca. Ganiu suavemente.

— Muito bem. — Alastair soltou um suspiro longo e sofrido. — Mas não demore. E fique longe das pessoas. A maneira mais

segura de impedir que os vizinhos façam escândalo é controlar as circunstâncias sob as quais Devastação é visto.

Devastação levantou-se de um pulo, as unhas estalando sobre o linóleo enquanto corria para a porta. Call sorriu. Ele sabia que ter a devoção de uma fera Dominada pelo Caos contabilizava muitos pontos na escala de Suserano do Mal, mas não conseguia se arrepender de ter ficado com ele.

Lógico, este provavelmente era o problema de ser um Suserano do Mal. Você não se arrepende das coisas certas.

Call tentou não pensar naquilo enquanto saía. Era uma tarde quente de verão. O quintal estava tomado pela grama por cortar. Alastair não era muito meticuloso nos cuidados com o gramado; estava sempre mais preocupado em manter os vizinhos longe do que em trocar dicas de jardinagem. Call se distraiu jogando um graveto para Devastação, fazendo o lobo buscá-lo, com o rabo abanando, os olhos iluminados. Ele correria com Devastação se pudesse, mas a perna prejudicada o impedia de se locomover com velocidade. Devastação parecia entender isso e raramente corria para muito longe.

Depois que Devastação brincou um pouco, os dois atravessaram a rua juntos até o parque e Devastação correu em direção a alguns arbustos. Call checou os bolsos para ver se tinha sacos plásticos. Suseranos do Mal definitivamente não limpavam a sujeira de seus cachorros, então, cada passeio contava um ponto na coluna do bem.

— Call?

Call se virou, surpreso. Ficou ainda mais espantado ao ver quem falava com ele. Os cabelos louros de Kylie Myles estavam presos com duas presilhas em formato de unicórnio, e ela segurava uma coleira rosa. Na outra ponta da mesma via-se o que parecia ser uma peruca branca, mas que talvez fosse um cachorro.

— Você... huh — gaguejou Call. — Você sabe meu nome?

— Tenho a sensação de que não o tenho visto por aqui ultimamente — respondeu Kylie, aparentemente decidindo ignorar sua confusão. Ela abaixou a voz. — Você foi transferido? Para a escola de balé?

Call hesitou. Kylie esteve com ele no Desafio de Ferro, a prova de admissão para o Magisterium, mas ele passou e ela não. Kylie foi levada pelos magos até outra sala, e ele não a via desde então. Ela evidentemente se lembrava de Call, considerando que olhava para ele com uma expressão confusa, mas não sabia ao certo o que ela achava que havia lhe acontecido. A menina certamente teve as lembranças adulteradas antes de ser mandada de volta ao mundo das pessoas comuns.

Em um momento de insanidade, ele se imaginou contando tudo para ela. Contando sobre como tentaram entrar em uma escola de *magia*, e não de *balé*, sobre como Mestre Rufus o havia escolhido, apesar de ele ter tido uma pontuação muito menor que a dela. Será que ela acreditaria se ele contasse sobre como era a escola e sobre como era poder fazer fogo com as mãos e voar pelo ar? Pensou em contar a ela que Aaron era seu melhor amigo e também um Makar, o que era *muito relevante*, porque significava que era um dos poucos magos vivos que conseguiam fazer magia com o elemento caos.

— A escola vai bem — resmungou ele, dando de ombros, sem saber ao certo o que mais poderia dizer.

— Fiquei surpresa por você ter passado. — Kylie olhou para a perna dele e em seguida caiu em um silêncio desconfortável.

Ele sentiu uma onda familiar de raiva e se lembrou exatamente da sensação de frequentar sua antiga escola e ninguém acreditar em sua capacidade de fazer qualquer atividade física. Desde que Call se lembrava, a perna esquerda sempre foi mais curta e mais fraca que a outra. Andar lhe causava dor, e nenhuma das incontáveis cirurgias a que foi submetido deram resultado. Seu pai sempre dissera que ele tinha nascido assim, mas Mestre Joseph contou algo diferente.

— A questão é a força na parte superior do corpo — declarou Call com arrogância, sem saber ao certo o que aquilo significava.

Ela fez que sim com a cabeça, embora houvesse arregalado os olhos.

— Como é? A escola de balé?

— Difícil — respondeu ele. — Todo mundo dança até sofrer um colapso. Nós nos alimentamos apenas de shakes de ovos crus e

proteína de trigo. Toda sexta-feira fazemos um concurso de dança, e o vencedor ganha uma barra de chocolate. E também temos de assistir a filmes de dança constantemente.

Ela estava prestes a retrucar alguma coisa, mas foi interrompida por Devastação, que saía dos arbustos. Ele trazia o graveto nos dentes, e os olhos esbugalhados brilhavam em tons de laranja, amarelo e vermelho fogo. Enquanto Kylie o encarava, os olhos dela se arregalavam cada vez mais. Call percebeu o quanto Devastação deveria parecer enorme para ela, considerando que ele não era um cachorro nem qualquer bicho de estimação normal.

Kylie gritou. Antes que Call pudesse dizer qualquer outra palavra, ela correu para a rua. Seu cachorro branco, que parecia um esfregão, mal conseguiu acompanhá-la.

E lá se ia qualquer possibilidade de manter uma boa imagem com os vizinhos.

Quando Call chegou em casa, tinha decidido que entre a mentira para Kylie e o susto que lhe deu, precisava subtrair todos os pontos que se deu por limpar o cocô de Devastação.

A coluna de Suserano do Mal ganhava naquele dia.

— Tudo bem? — perguntou o pai, analisando a expressão de Call quando ele fechou a porta.

— Tudo — respondeu Call, desanimado.

— Ótimo. — Alastair limpou a garganta. — Pensei em sairmos hoje. Para o cinema.

Call ficou chocado. Não tinham feito quase nada desde que ele voltara da escola para as férias de verão. Alastair, dia após dia, parecendo imerso nas sombras, ia da sala de TV para a garagem, onde consertava carros antigos, deixando-os novos em folha para em seguida vendê-los para colecionadores. Às vezes, Call pegava seu skate e andava a esmo pela cidade, mas nada parecia muito divertido em comparação ao Magisterium.

Ele já tinha até começado a sentir falta do líquen.

— A que filme você quer assistir? — perguntou Call, considerando que Suseranos do Mal não levam em conta as escolhas cinematográficas dos outros. Aquilo tinha de contar para alguma coisa.

— Tem um novo. Com espaçonaves — respondeu o pai, surpreendendo Call com a escolha. — E talvez você possa deixar esse seu monstro no canil. Pode trocar por um poodle. Ou até mesmo um pit-bull. Qualquer bicho que não esteja contaminado com raiva.

Devastação olhou malignamente para Alastair, os olhos misteriosos girando com as pupilas coloridas. Call pensou no cachorro-peruca de Kylie.

— Ele não tem raiva. — Call afagou a nuca de Devastação. O lobo se abaixou e rolou sobre as costas, com a língua para fora, para que Call o acariciasse na barriga. — Ele pode ir? Poderia nos esperar no carro, com os vidros abertos.

Franzindo a testa, Alastair fez que não com a cabeça.

— De jeito nenhum. Deixe essa coisa amarrada na garagem.

— Ele não é uma *coisa*. E aposto que ia gostar de pipoca. E bala.

Alastair olhou o relógio, em seguida apontou para a garagem.

— Bem, então de repente você pode trazer um pouco para essa coisa.

— *Ele*! — Com um suspiro, Call conduziu Devastação até a oficina de Alastair na garagem. Era um espaço grande, maior que o maior quarto da casa, e tinha cheiro de óleo, gasolina e madeira antiga. O chassi de um Citroën se apoiava em alguns blocos de madeira, sem os pneus e sem os assentos. Pilhas de manuais de conserto amarelados encontravam-se sobre bancos antigos, enquanto faróis foram pendurados em caibros. Um rolo de corda quase ocultava uma montanha de chaves de fenda. Call usou a corda para amarrar um nó frouxo na coleira do lobo.

Ele se ajoelhou diante de Devastação.

— Estaremos na escola em breve — sussurrou. — Com Tamara e Aaron. E logo tudo vai voltar ao normal.

O cachorro ganiu como se houvesse entendido. Como se sentisse tanta falta do Magisterium quanto Call.

↑≋△○@

Call teve dificuldades para se concentrar no filme, apesar das espaçonaves, dos alienígenas e das explosões. Ficou pensando na maneira como assistiam a filmes no Magisterium, com um mago do ar projetando as imagens em uma das paredes da caverna. Como os filmes eram controlados pelos magos, tudo podia acontecer. Ele já tinha visto *Guerra nas Estrelas* com seis finais diferentes, e filmes em que os alunos do Magisterium eram projetados na tela, combatendo monstros, carros voadores e se transformando em super-heróis.

Em comparação, aquele filme parecia um pouco insípido. Call se concentrou nas partes em que teria feito diferente enquanto tomava três raspadinhas de maçã azeda e comia dois baldes de pipoca com manteiga. Alastair olhava fixamente para a tela, com uma expressão de singelo horror, sem sequer virar quando Call ofereceu amendoim coberto com chocolate. Por ter tido de comer todos os lanches sozinho, Call estava numa onda de açúcar quando voltaram para o carro de Alastair.

— Gostou? — perguntou o pai.

— Foi bem legal — disse Call, sem querer que Alastair pensasse que ele não apreciava o fato de o pai ter se obrigado a assistir a um filme que jamais veria por conta própria. — A parte em que a estação espacial explode foi demais.

Fez-se um silêncio, não o bastante para ser desconfortável, até Alastair falar de novo.

— Sabe, não tem motivo para você voltar ao Magisterium. Já aprendeu o básico. Pode praticar aqui, comigo.

Call sentiu um aperto profundo no peito. Já tinham tido aquela conversa, ou variações sobre o mesmo tema, umas cem vezes, e nunca acabava bem.

— Acho melhor eu voltar — insistiu Call, da forma mais neutra possível. — Já passei pelo Primeiro Portal, então é melhor terminar o que comecei.

A expressão de Alastair se tornou sombria.

— Não é bom para crianças ficarem confinadas no subterrâneo. Mantidas como vermes sinistros. Com a pele ficando pálida e cinza. Com os níveis de Vitamina D caindo. A vitalidade sendo sugada do corpo...

— E por acaso estou *cinza*? — Call raramente prestava atenção à própria aparência além do básico: certificar-se de que as calças não estavam do avesso e o cabelo não estava em pé; estar *cinza* parecia péssimo. Olhou subitamente para as próprias mãos, mas ainda pareciam ter o tom rosado de sempre.

Alastair estava agarrando o volante, frustrado, quando viraram na própria rua.

— O que tem naquela escola para você gostar tanto?

— Do que *você* gostava? Você estudou lá, e sei que não odiou tudo. Conheceu a mamãe...

— Sim — concordou Alastair. — E também tinha amigos. Era disso que eu gostava. — Era a primeira vez que Call se lembrava de ouvir o pai dizendo que gostou de alguma coisa na escola.

— Também tenho amigos por lá — disse Call. — Não tenho aqui, mas tenho lá.

— Todos os amigos que estudaram comigo estão mortos agora, Call — retrucou Alastair, e Call sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Pensou em Aaron, Tamara e Celia, mas logo teve de parar. Era horrível demais.

Não só a ideia de todos morrendo.

Mas a ideia de morrerem por sua culpa.

Por causa de seu segredo.

Do mal dentro dele.

Pare, disse a si mesmo. Já estavam em casa. Alguma coisa parecia errada para Call. Estranha. Ficou olhando ao redor por um instante antes de perceber o que era. Tinha deixado a porta da garagem fechada, com Devastação preso lá dentro, mas agora ela estava aberta, formando um grande quadrado preto.

— Devastação! — Call segurou a maçaneta e quase caiu no chão, a perna fraca falhando. Ouviu o pai chamar seu nome, mas não se importou.

Ele correu, mancando, para a garagem. A corda continuava ali, mas uma extremidade estava cheia de franjas, como se tivesse sido cortada por uma faca — ou um dente afiado de lobo. Call tentou imaginar Devastação sozinho na garagem, no escuro. Latindo e esperando que Call respondesse. O menino começou a sentir um frio no peito. Devastação não tinha ficado preso muitas vezes na

casa de Alastair, e isso provavelmente o assustou. Talvez tivesse roído a corda e se jogado contra a porta até abri-la.

— Devastação! — chamou Call de novo, mais alto. — Devastação, estamos em casa! Pode voltar agora!

Ele se virou, mas o lobo não saiu dos arbustos, não surgiu das sombras que estavam começando a se formar entre as árvores.

Estava ficando tarde.

O pai de Call chegou atrás dele. Ele olhou para a corda roída e a porta aberta, e suspirou, passando a mão pelos cabelos grisalhos.

— Call — começou ele gentilmente. — Call, ele se foi. Seu lobo se foi.

— Você não tem como saber disso! — gritou Call, virando-se para encarar Alastair.

— Call...

— Você sempre odiou Devastação! — Call se irritou. — Você provavelmente está feliz por ele ter sumido.

A expressão de Alastair enrijeceu.

— Não estou feliz por você estar triste, Call. Mas, sim, aquele lobo nunca foi um bicho de estimação. Podia ter matado ou machucado alguém. Um de seus amigos ou, Deus me livre, você. Só espero que corra para a floresta e não saia por aí comendo os vizinhos.

— Cale a boca! — ordenou Call, apesar de haver algo de confortante naquela ideia. Caso Devastação comesse alguém, Call poderia encontrá-lo por conta da provável comoção. Call afastou esse pensamento, colocando-o na coluna do Suserano do Mal.

Ideias como aquela não ajudavam em nada. Call tinha de encontrar Devastação *antes* que essas coisas horríveis acontecessem.

— Devastação nunca machucou ninguém! — Foi o que Call disse.

— Sinto muito, filho. — Para surpresa de Call, Alastair pareceu sincero. — Sei que há muito tempo você queria um animal de estimação. Talvez se eu tivesse permitido que ficasse com aquela toupeira... — Ele suspirou novamente. Call ficou imaginando se o pai o tinha impedido de ficar com a toupeira porque Suseranos do Mal não devem ter bichos de estimação. Porque Suseranos do Mal

não amam nada, principalmente criaturas inocentes, como animais. Como Devastação.

Call ficou imaginando o quão assustado Devastação estaria. Ele não ficava sozinho desde que o menino o encontrou, quando era apenas um filhote.

— Por favor — implorou Call. — Por favor, me ajude a encontrar Devastação.

Alastair fez que sim com a cabeça uma vez, um movimento ríspido com a mandíbula.

— Entre no carro. Podemos chamá-lo enquanto dirijo devagar pelo quarteirão. Pode ser que não esteja longe.

— Certo — concordou Call. Ele olhou para a garagem, com a sensação de que estava deixando alguma coisa escapar, como se fosse enxergar o lobo se olhasse bastante.

Mas independentemente de quantas voltas deram, e de quanto chamaram, Devastação não apareceu. Foi ficando cada vez mais escuro, e eles voltaram para casa. Alastair preparou espaguete para o jantar, mas Call não conseguiu comer nada. Fez Alastair prometer que ajudaria a espalhar cartazes de cão perdido no dia seguinte, apesar de Alastair achar que uma foto de Devastação faria mais mal que bem.

— Animais Dominados pelo Caos não devem ser bichos de estimação, Callum — insistiu Alastair após limpar o prato intocado de Call. — Eles não ligam para as pessoas. Não *são capazes* disso.

Call não respondeu, mas foi deitar com um nó na garganta e uma sensação de pavor.

↑≋△○@

Um ruído estridente e um ganido despertaram Call de um sono inquieto. Ele se levantou na cama, procurando Miri, a faca que sempre mantinha na cabeceira. Arrastou as pernas para fora da cama e fez uma careta quando seus pés tocaram o chão frio.

— Devastação? — murmurou.

Pensou ter ouvido outro ganido distante. Espiou pela janela, mas tudo que conseguia enxergar eram árvores sombrias e escuridão.

Foi para o corredor. A porta do quarto do pai estava fechada, e a linha entre a base da porta e o chão, escura. Apesar de que ele poderia ainda estar acordado, Call sabia. Às vezes Alastair passava a noite acordado, consertando coisas na oficina.

— Devastação? — sussurrou Call novamente.

Não houve ruído em resposta, mas arrepios dominaram os braços de Call. Ele conseguia *sentir* que seu lobo estava perto, que Devastação estava ansioso, assustado. Call seguiu na direção da sensação, apesar de não conseguir explicá-la. Ela o conduzia pelo corredor, para a escada do porão. Call engoliu em seco, agarrou Miri e começou a descer.

Ele sempre se sentiu desconfortável em relação ao porão, que era cheio de peças velhas de carros, móveis quebrados, casas de boneca, bonecas que precisavam de conserto e antigos brinquedos de lata que às vezes apresentavam algum sopro de vida.

Uma barra de luz amarela emergiu de baixo da porta da adega, transformada em outro dos depósitos de Alastair, repleta de mais quinquilharias que ele ainda não havia consertado. Call se encheu de coragem e mancou pelo salão, abrindo a porta.

Não se mexeu. O pai tinha trancado.

O coração de Call acelerou.

Não havia razão para o pai trancar um monte de velharia semiconsertadas. Absolutamente nenhuma.

— Pai? — chamou Call através da porta, imaginando se Alastair estaria ali por algum motivo.

Mas ele ouviu algo muito diferente se mexer do outro lado. A fúria inflou dentro dele, terrível e sufocante. Call pegou sua pequena faca e tentou pressioná-la contra o espaço da porta, tentando afastar a tranca.

Após um instante tenso, a ponta de Miri tocou o ponto certo e a tranca soltou. A porta se abriu.

A adega não era mais como Call lembrava. O lixo havia sido removido, deixando espaço para o que parecia ser um escritório de um mago. Havia uma mesa em um canto, com pilhas de livros antigos ao redor, e uma pequena cama no outro. E, bem no centro do cômodo, preso com algemas horrorosas e uma focinheira horrível de couro, estava Devastação.

O lobo pulou em direção a Call, ganindo, e foi puxado de volta pelas correntes. Call se ajoelhou, tocando os pelos de Devastação com os dedos enquanto tateava em busca da abertura da coleira. Estava tão feliz em ver Devastação e tão furioso com o pai pelo que havia feito que por um instante não reparou no detalhe mais importante.

Porém, ao examinar o recinto em busca das chaves que soltariam o lobo, finalmente viu o que devia ter notado em primeiro lugar.

A cama do outro lado também tinha algemas.

Algemas do tamanho exato para um menino prestes a completar 13 anos de idade.

CAPÍTULO DOIS

Call não conseguia desviar o olhar das algemas. O coração parecia pequeno demais em seu peito, batendo desesperadamente, sem fazer o sangue circular pelas veias. As algemas feitas de ferro, com símbolos alquímicos gravados — evidentemente o trabalho de um mago —, estavam cravadas na parede atrás deles. Uma vez que prendessem alguém, seriam impossíveis de abrir...

Atrás de Call, Devastação emitiu um ruído choroso. Call se forçou a desviar o olhar e se concentrou em libertar o lobo. A focinheira saiu com facilidade, mas, assim que o menino a retirou, Devastação começou a latir descontroladamente, como se estivesse tentando contar a Call como acabou acorrentado no porão.

— Shhhh — pediu Call em pânico, agarrando o focinho de Devastação, tentando mantê-lo quieto. — *Não acorde papai*.

Devastação ganiu enquanto Call tentava se recompor. O piso do depósito era de concreto, e Call esticou o braço para extrair um pouco da magia da terra a fim de romper as correntes do lobo. A magia, quando veio, pareceu fraca: a concentração de Call estava dispersa, e ele sabia disso. Simplesmente não conseguia acreditar que o pai encenou a tristeza pelo sumiço de Devastação, que o levou para dar voltas pela rua e deixou que chamasse pelo lobo, embora soubesse o tempo todo onde ele estava, depois de tê-lo acorrentado no porão.

Exceto que seu pai não podia ter acorrentado Devastação pessoalmente. Alastair esteve com o filho o tempo todo. Então devia ter sido outra pessoa. Um amigo do pai? A mente de Call disparou. Alastair não tinha amigos.

Seu coração também se acelerou ao pensar nisso, e a intensa combinação de medo e magia arrebentou a corrente de Devastação. O lobo estava livre. Call correu para o outro lado da adega até a mesa de Alastair e pegou os papéis espalhados sobre o tampo. Estavam todos preenchidos pela caligrafia do pai: páginas de anotações e desenhos. Havia um esboço dos portões do Magisterium, de um prédio de pilares, que Call não conhecia, e do

hangar onde foi realizado o Desafio de Ferro. Mas a maioria dos desenhos era de uma estranha coisa mecânica, que parecia a luva de uma antiga armadura de metal, coberta por símbolos estranhos. Teria sido legal se alguma coisa naquilo não tivesse causado arrepios na espinha de Call.

Os desenhos estavam ao lado de um livro que explicava um ritual bizarro e perturbador. O tomo era coberto por couro preto rachado, e seu conteúdo, horripilante. Explicava como a magia do caos podia ser colhida e utilizada por alguém que não fosse Makar — através da remoção do coração ainda pulsante de uma criatura Dominada pelo Caos. Uma vez que a pessoa estivesse em posse da manopla e do coração, a magia do caos podia ser arrancada de um Makar, destruindo-o completamente.

Porém, se essa pessoa não fosse um mago do caos, se não fosse um Makar, ela sobreviveria.

Olhando para as algemas na cama, Call deduziu quem serviria de cobaia para o experimento. Alastair se valeria do caos para executar uma forma obscura de cirurgia mágica em Call, uma que poderia matá-lo se ele realmente fosse o Inimigo da Morte e possuísse as habilidades do Makar do Inimigo.

Call achava que Alastair desconfiava da verdade sobre ele, mas, ao que parecia, ele já estava além da desconfiança. Mesmo que Call sobrevivesse à cirurgia mágica, sabia que aquele se tratava de um teste no qual fracassaria. Ele possuía a alma de Constantine Madden, e o próprio pai o queria morto por isso.

Ao lado do livro, havia um bilhete na letra de Alastair: *Tem de funcionar com ele. Precisa funcionar.* “Precisa” estava sublinhado várias vezes e, ao seu lado, uma data de setembro.

Era a data em que Call voltaria ao Magisterium. As pessoas da cidade sabiam que ele passaria o verão em casa, e provavelmente imaginariam que ele retornaria para a escola de balé, exatamente como as outras crianças voltavam para a escola pública. Se Call simplesmente desaparecesse em setembro, ninguém acharia nada de estranho nisso.

Call olhou para as algemas novamente. Sentiu-se nauseado. Só faltavam duas semanas para setembro.

— Call.

Call se virou. O pai estava na porta, ainda vestido com as mesmas roupas, como se jamais houvesse planejado dormir. Os óculos estavam apoiados no nariz. Ele parecia totalmente normal e um pouco triste. Call o encarou, incrédulo, enquanto o pai esticava a mão para ele.

— Call, não é o que você pensa...

— Diga que não mandou trancarem Devastação aqui — sussurrou Call. — Diga que nenhuma dessas coisas é sua.

— Não fui eu quem o acorrentou. — Foi a primeira vez que Alastair não se referiu a Devastação como *coisa*. — Mas meu plano é necessário, Call. É por você, para seu próprio bem. Existem pessoas terríveis no mundo, e elas farão coisas com você. Elas irão usá-lo. Não posso permitir.

— E para evitar isso você fará uma coisa terrível antes?

— É para seu próprio bem!

— Isso é mentira! — gritou Call. Ele soltou Devastação, que rosnou. As orelhas estavam grudadas na cabeça, e o lobo olhava fixamente para Alastair com as pupilas multicoloridas. — Tudo que você já me disse na vida é mentira. Mentiu sobre o Magisterium...

— Não menti sobre o Magisterium! — Alastair se irritou. — Era o pior lugar para você. *É* o pior lugar para você!

— Porque você acha que sou Constantine Madden! — berrou Call. — Você acha que sou o Inimigo da Morte!

Foi como se ele tivesse contido um tornado: fez-se um silêncio súbito e carregado, horrível. Nem Devastação emitiu qualquer som enquanto a expressão de Alastair ruía e seu corpo caía contra a porta. Quando respondeu, falou de forma muito suave. Foi pior, de certa forma, que a raiva.

— Você *é* Constantine Madden. Não é?

— Não sei! — Call se sentiu perdido, desolado. — Não me lembro de ser ninguém que não eu mesmo. Mas, se realmente sou ele, então você deveria me ajudar a saber o que fazer com isso. Em vez disso, está amarrando meu cachorro e...

Call olhou para as algemas de seu tamanho e engoliu o resto das palavras.

— Quando vi o lobo, foi então que eu *soube.* — Alastair manteve o mesmo tom baixo de voz. — Antes eu suspeitava, mas conseguia

me convencer de que *você* não podia ser como *ele*. Mas Constantine tinha um lobo exatamente como Devastação quando tínhamos sua idade. O lobo o acompanhava a todos os cantos. Exatamente como Devastação faz com você.

Call sentiu um tremor lhe atravessar a pele.

— Você disse que era amigo de Constantine.

— Éramos parte do mesmo grupo de aprendizes. Tutelados pelo Mestre Rufus — Aquilo era mais do que Alastair jamais havia compartilhado sobre seu tempo no Magisterium. — Rufus escolheu cinco alunos em meu Desafio de Ferro. Sua mãe. O irmão dela, Declan. Constantine Madden. O irmão de Constantine, Jericho. E eu. — Era dolorido para Alastair contar aquelas coisas para o filho, Call conseguia perceber. — Ao final de nosso Ano de Prata, só quatro de nós estavam vivos, e Constantine já começara a usar a máscara. Cinco anos depois, todos tinham morrido, exceto eu e ele. Depois do Massacre Gelado, ele raramente voltou a ser visto.

Foi no Massacre Gelado que a mãe de Call morreu. E sua perna acabou destruída. Quando Constantine removeu a alma do menino chamado Callum Hunt e inseriu a própria no corpo da criança. Mas essa nem era a pior parte do que Call sabia. A pior coisa foi o que o Mestre Joseph contou sobre sua mãe.

— Sei o que ela escreveu na neve — revelou Call. — Ela escreveu "*Mate a criança*". Estava falando de mim.

O pai não negou.

— Por que não me matou?

— Call, eu jamais machucaria você...

— Sério? — Call pegou um dos desenhos da luva. — O que é isso? Para que ia usar isso? Jardinagem?

A expressão de Alastair se tornou sombria.

— Call, me dê isso aqui.

— Você ia me acorrentar para eu não fazer nada enquanto você arrancasse o coração do Devastação? — Call apontou para as algemas. — Ou para eu não resistir quando fizesse o mesmo comigo?

— Não seja ridículo!

Alastair deu um passo à frente, e foi então que Devastação avançou, rosnando. Call gritou, e Devastação tentou se conter no

meio de um pulo, girando desesperadamente. Bateu na lateral de Alastair, jogando-o para trás. O pai de Call caiu sobre uma pequena mesa, que quebrou. Lobo e homem rolaram no chão.

— Devastação! — repetiu Call aos berros. O lobo rolou de cima de Alastair e voltou para seu lugar ao lado de Call, ainda rosnando. Alastair se pôs de joelhos e se levantou devagar, sem muito equilíbrio.

Call foi automaticamente na direção do pai. Alastair olhou para ele, e havia algo no rosto do pai que o garoto jamais esperou ver:

Medo.

Aquilo deixou Call furioso.

— Vou embora — disparou. — Eu e Devastação vamos embora e nunca mais vamos voltar. Você perdeu a chance de nos matar.

— Call! — Alastair levantou uma das mãos em alerta. — Não posso permitir que faça isso.

Call ficou imaginando se Alastair sempre sentiu alguma coisa estranha quando olhava para ele, alguma sensação horrível de que havia algo errado. Sempre pensou em Alastair como seu pai, mesmo depois do que o Mestre Joseph contou, mas era possível que Alastair não pensasse mais em Call como seu filho.

Call olhou para a faca que tinha nas mãos. Lembrou-se do dia do Desafio e ficou imaginando se Alastair teria jogado a faca *para* ele, ou *nele*. *Mate a criança*. Lembrou-se de Alastair escrevendo a Mestre Rufus para pedir que interditasse a magia de Call. De repente, as ações de Alastair começaram a fazer um sentido horrível.

— Pode ir — disse Call a Devastação, apontando com a cabeça para a porta que levava à bagunça que era o resto do porão. — Vamos sair daqui.

Devastação se virou e foi embora. Call começou a seguir cuidadosamente o lobo.

— Não! Você não pode ir! — Alastair pulou para cima de Call, agarrando-o pelo braço. O pai não era um homem grande, mas era esguio, alto e rijo. Call escorregou e caiu feio no concreto, aterrissando de mal jeito sobre as pernas. Sentiu a dor subir pelo corpo, fazendo com que a visão se tornasse turva. Acima dos latidos de Devastação, Call ouviu o pai dizendo: — Você não pode voltar ao

Magisterium. Tenho de resolver isso. Prometo que *vou* resolver isso...

Você está dizendo que vai me matar, pensou Call. *Está dizendo que meu problema se resolverá quando eu morrer*.

Call foi dominado pela fúria, por todas as mentiras que Alastair contou e continuava contando até aquele momento, pelo nó de pavor que carregava dentro de si desde que o Mestre Joseph revelou quem ele realmente era, pela ideia de que todos de quem gostava poderiam odiá-lo se soubessem.

A raiva transbordou do menino. A parede atrás de Alastair de repente estalou, uma rachadura se espalhou pela lateral, e tudo no recinto começou a se mover. A mesa de Alastair voou contra uma parede. A cama explodiu junto ao teto. Alastair olhou em volta, espantado, exatamente quando Call lançou magia na direção do pai. Alastair voou pelo ar e bateu contra a parede rachada, a cabeça fez um barulho horrível antes do corpo inteiro cair, flácido, no chão.

Call se levantou, trêmulo. Alastair estava inconsciente, imóvel, os olhos fechados. O garoto aproximou-se um pouco mais e encarou o corpo. O peito do pai ainda subia e descia. Continuava respirando.

Permitir que a raiva escapasse tanto ao controle a ponto de derrubar o próprio pai com magia definitivamente entrava na coluna ruim da lista de Suserano do Mal.

Call sabia que precisava sair da casa antes que Alastair acordasse. Cambaleou para fora da sala, empurrando a porta a fim de fechá-la atrás de si; Devastação o seguia de perto.

No porão havia um baú de madeira, cheio de quebra-cabeças e velhos jogos de tabuleiro com peças faltando, ao lado de uma estranha composição de cadeiras quebradas. Call empurrou tudo aquilo para a porta da adega. Pelo menos atrasaria Alastair, pensou, ao subir as escadas.

Correu para o quarto e vestiu um casaco sobre o pijama, colocando os pés em um par de tênis. Devastação o rodeou, latindo suavemente, enquanto o menino enchia uma bolsa de pano com algumas roupas escolhidas a esmo. Em seguida, foi para a cozinha e pegou várias batatinhas e biscoitos. Esvaziou a lata em cima da geladeira, onde Alastair guardava o dinheiro das compras — mais

ou menos quarenta dólares em notas amassadas de cinco e de um. Enfiou tudo na bolsa, guardou Miri na bainha e colocou a faca sobre seus outros pertences antes de fechar o zíper.

Colocou a bolsa sobre um dos ombros. A perna doía, e ele estava meio trêmulo por conta da queda e do recuo da magia que ainda ecoava por seu corpo. A luz do luar entrava pelas janelas e iluminava todo o recinto com um brilho branco. Call olhou em volta, imaginando se algum dia voltaria a ver a cozinha, a casa ou o pai.

Devastação ganiu, as orelhas abaixadas. Call não conseguia ouvir nada, mas isso não significava que Alastair não estava acordando. Afastou os pensamentos desobedientes, agarrou os pelos do pescoço de Devastação e saiu da casa sem fazer barulho.

↑≋△○@

As ruas da cidade estavam vazias sob a escuridão das primeiras horas do dia, mas Call se manteve nas sombras mesmo assim, caso Alastair resolvesse sair de carro procurando por ele. O sol nasceria em breve.

Mais ou menos vinte minutos após a fuga, seu telefone tocou. Quase saltou para fora do próprio corpo antes de conseguir silenciá-lo.

A tela informava que a ligação vinha de casa. Alastair definitivamente estava acordado e tinha saído do porão. O alívio sentido por Call logo se transformou em puro medo. Alastair ligou outra vez. E mais uma.

Call desligou o celular e o jogou fora, caso o pai pudesse rastrear sua localização como os detetives da TV.

Precisava decidir para onde ir — e rápido. As aulas no Magisterium só começariam em duas semanas, mas sempre havia alguém por perto. Tinha certeza de que Mestre Rufus o deixaria ficar em seu velho quarto até Tamara e Aaron aparecerem; e o protegeria contra o pai se fosse necessário.

Então Call se imaginou apenas com as companhias de Devastação e de Mestre Rufus, andando pelas cavernas ecoantes da escola. Pareceu-lhe deprimente. Para completar, ele não sabia como poderia chegar sozinho a um sistema de cavernas remotas na

Virgínia. Foi uma estrada longa e empoeirada até a Carolina do Norte no velho Rolls Royce de Alastair no início do verão, uma viagem que ele não tinha ideia de como refazer.

Tinha trocado mensagens com os amigos, mas não sabia onde Aaron ficava quando não estava na escola; Aaron era meio misterioso quanto à própria localização. A família de Tamara vivia nos arredores de Washington. De qualquer forma, Call tinha certeza de que havia mais ônibus para Washington que para qualquer local próximo ao Magisterium.

Já estava com saudades do telefone.

Tamara tinha mandado um presente adiantado pelo seu aniversário — uma coleira de couro e uma guia para Devastação —, e o pacote veio com o endereço do remetente. Ele se lembrava do endereço porque a casa tinha um nome, *As Arestas*, e Alastair riu porque disse que era isso que pessoas ricas faziam, davam nomes às próprias casas.

Call poderia ir até lá.

Com mais propósito do que vinha sentindo em semanas, Call seguiu para a rodoviária. Era uma pequena construção com dois bancos do lado de fora e uma saleta climatizada, na qual uma senhora se sentava e entregava bilhetes por trás do vidro. Um senhor já estava sentado em um dos bancos, o chapéu inclinado sobre a cabeça, como se estivesse tirando um cochilo.

Mosquitos zumbiam pelo ar enquanto Call se aproximava da senhora.

— Humm — começou Call. — Preciso de uma passagem de ida para Arlington.

Ela o olhou fixamente, contraindo os lábios cobertos por uma camada de batom.

— Quantos anos você tem? — perguntou a senhora.

— Dezoito. — Ele torceu para que houvesse soado confiante. Parecia muito possível que ela não fosse acreditar nele, mas às vezes as pessoas mais velhas não eram muito boas em avaliar a idade dos outros. Ele tentou se espichar de um jeito que o deixasse mais alto.

— Humm — declarou ela, afinal. — Quarenta dólares para uma passagem sem reembolso, preço adulto. Está com sorte, seu ônibus

sai em meia hora. Mas não permitimos cães, a não ser que seja um cão-guia.

— Ah, sim. — Call olhou rapidamente para Devastação. — Ele é um cão de serviço. Inclusive, realmente *prestou serviço*, serviu à Marinha, para falar a verdade.

As sobrancelhas da mulher se ergueram.

— Ele salvou um homem. — Call arriscou a história enquanto contava o dinheiro e o entregava para a mulher. — De um afogamento. E tubarões. Bem, só um tubarão, na verdade, mas era bem grande. Ele recebeu uma medalha e tudo.

Ela o encarou longamente, em seguida olhou para a postura de Call.

— Então você precisa de um cachorro para ajudar com sua perna, certo? Bastava ter dito. — Ela deslizou o bilhete para ele.

Envergonhado, Call pegou o papel e se virou sem responder. A compra custou quase todo o seu dinheiro, deixando-o apenas com um dólar e algumas moedas. Com isso, ele comprou dois chocolates na máquina e sentou para esperar o ônibus. Devastação deitou ao seu lado.

Assim que chegasse à casa de Tamara, prometeu a si mesmo, as coisas iriam melhorar. Ficaria tudo bem.

CAPÍTULO TRÊS

No ônibus, Call cochilou algumas vezes com o rosto contra a janela. Devastação havia se encolhido aos seus pés, e também impediu que qualquer pessoa sentasse ao seu lado.

Sonhos inquietos invadiram a mente de Call enquanto dormia. Sonhou com neve e gelo, e magos mortos, espalhados pelo chão. Sonhou que estava olhando para o próprio reflexo no espelho, mas não era mais seu rosto, e sim o de Constantine Madden. Sonhou que estava preso por algemas a uma parede, com Alastair prestes a cortar seu coração.

Acordou com um grito, apenas para se descobrir piscando para o motorista do ônibus, que estava inclinado sobre ele, o rosto enrugado traduzindo preocupação.

— Estamos em Arlington, garoto — informou o homem. — Todo mundo já desceu. Alguém vem buscar você?

Call murmurou algo como “claro” e saltou, cambaleando. Devastação o seguiu.

Havia um orelhão na esquina. Call o encarou. Tinha a vaga ideia de que podia utilizá-lo para contatar o serviço de informações e conseguir o número das pessoas, mas não fazia ideia de como. Sempre usava a internet para esse tipo de coisa. Estava prestes a ir até o telefone quando um taxi preto e vermelho parou na esquina e vários alunos de alguma fraternidade saltaram. O motorista saiu, tirando as bagagens do porta-malas.

Call correu até ele, ignorando os puxões na perna. Inclinou-se na janela.

— Sabe onde fica a Arestas?

O taxista ergueu uma das sobrancelhas.

— Sei. É um lugar bem chique. Uma casa antiga.

Call sentiu o coração acelerar.

— Pode me levar até lá? E meu cachorro?

O motorista franziu o rosto para Devastação. O lobo estava cheirando as rodas do carro.

— Chama essa coisa de cachorro?

Call ficou imaginando se deveria usar a desculpa do cão-guia outra vez. Mas em vez disso falou:

— Devastação é de uma raça rara.

O homem resmungou.

— Nisso eu acredito. Sim, podem entrar. Contanto que nenhum de vocês dois sofra de enjoo no carro, serão melhores passageiros que os garotos que acabaram de saltar.

Poucos instantes depois, Call sentava no banco traseiro. Devastação pulou ao seu lado. As almofadas estavam rasgadas, exibindo o enchimento, e Call tinha quase certeza de que uma mola espetava suas costas. O taxi não parecia ter cintos ou amortecedores. Eles foram balançando e se batendo pelas ruas, com Call sendo jogado de um lado para o outro, como uma bola de pinball. Apesar das promessas de Call, Devastação parecia um pouco nauseado.

Finalmente, chegaram ao topo de uma colina. Diante deles havia uma cerca de ferro e um enorme portão ornado, aberto. Um gramado cuidadosamente aparado se estendia até o outro lado, como um mar verde. Ele pôde ver pessoas uniformizadas se apressando e carregando bandejas. Franziu os olhos, tentando descobrir o que acontecia. Talvez os pais de Tamara estivessem dando uma festa?

Então viu a casa ao fim de uma estradinha curva. Era grandiosa o suficiente para que Call pensasse nos programas que Alastair gostava de assistir na BBC. Era o tipo de lugar onde duques e duquesas viviam. Call sabia que Tamara era *rica*, mas imaginava que ela tivesse dinheiro como algumas pessoas da sua antiga escola — pessoas que tinham telefones novos ou tênis legais que todo mundo queria. Só naquele momento ele percebeu que não fazia ideia do tipo de riqueza que Tamara possuía.

— São trinta pratas — disse o motorista.

— Hum, pode me levar até a casa? — pediu Call, decidido a achar Tamara. Ela definitivamente tinha condições de lhe emprestar aquele dinheiro.

— Você só pode estar brincando. — O motorista seguiu pelo caminho. — Vou deixar o taxímetro ligado.

Alguns outros carros estavam entrando atrás do taxi, BMWs, Mercedes e Aston Martins reluzentes, pretos e prateados. Definitivamente havia alguma festa — pessoas se aglomeravam no jardim ao lado da casa, separadas da grama por baixas cercas vivas. Call podia ver luzes piscando e ouvir uma música ao longe.

Saltou do carro. Um homem branco e de ombros largos, com a cabeça raspada, de terno preto e sapatos brilhantes, consultava uma lista de nomes e autorizava a entrada de pessoas na casa. O sujeito não se parecia em nada com o pai de Tamara, e, por um instante, Call entrou em pânico, pensando estar no lugar errado.

Então Call percebeu que o cara só podia ser um mordomo — ou coisa parecida. Um mordomo que olhou para Call com tanta hostilidade, como se quisesse lembrá-lo de que ele estava de pijama sob o casaco, que os cabelos provavelmente ainda estavam arrepiados do ônibus e que ele trazia consigo um lobo grande e inadequado para festas.

— Posso ajudar? — ofereceu o mordomo. Usava um crachá que dizia Stebbins em letras elegantes.

— A Tamara está? — perguntou Call. — Preciso falar com ela. Sou um amigo da escola e...

— Sinto muito — respondeu Stebbins em um tom que deixava perceptível que não sentia coisa alguma. — Há um evento sendo realizado. Posso verificar se seu nome está na lista, mas, caso contrário, temo que terá de voltar outra hora.

— *Não posso* voltar outra hora — insistiu Call. — Por favor, apenas diga a Tamara que preciso da ajuda dela.

— Tamara Rajavi é uma moça muito ocupada — retrucou Stebbins. — E esse animal precisa usar uma coleira, ou terá de removê-lo do perímetro.

— Com licença. — Uma mulher alta e bem-vestida, com cabelos completamente prateados, saltou de um Mercedes e subiu os degraus atrás de Call. Ela mostrou um convite cor de creme na mão enluvada de preto, e de repente Stebbins virou todo sorrisos.

— Seja bem-vinda, senhora Tarquin. — Ele abriu a porta. — O senhor e a senhora Rajavi ficarão muito felizes em vê-la...

Call foi com tudo, desviando de Stebbins. Ouviu o homem gritar atrás dele e de Devastação, mas eles estavam ocupados correndo

pelo imenso corredor de mármore, coberto com belos tapetes, em direção às portas de vidro que se abriam para o pátio onde a festa acontecia.

Pessoas chiques ocupavam um quadrado de grama emoldurado por altas cercas vivas. Havia piscinas retangulares e grandes urnas de pedra repletas de rosas. As cercas eram podadas em formato de símbolos alquímicos. Mulheres usavam longos vestidos floridos e chapéus cheios de laços, enquanto os homens trajavam ternos em tons neutros. Call não conseguiu identificar ninguém, mas passou por uma cerca em forma de um grande símbolo do fogo e tentou se afastar da casa, para onde os aglomerados de pessoas eram mais densos.

Um dos criados, um rapaz de cabelos cor de areia que equilibrava uma bandeja com taças cheias do que parecia ser champanhe, correu para interceptar Call.

— Com licença, senhor, mas acho que tem alguém procurando por você. — O garçom fez um sinal com a cabeça em direção à entrada, onde Stebbins se encontrava apontando diretamente para Call e falando furiosamente com outro empregado.

— Eu conheço a Tamara. — Call olhou freneticamente ao redor. — Se ao menos eu pudesse falar com ela...

— Temo que seja uma festa apenas para convidados — disse o garçom, parecendo lamentar um pouco por Call. — Se puder me acompanhar...

Finalmente, Call avistou alguém que conhecia.

Um menino asiático alto estava em um pequeno grupo com outros jovens mais ou menos da idade de Call. Usava um tenho creme de linho, os cabelos escuros perfeitamente alinhados. Jasper deWinter.

— Jasper! — gritou Call, acenando a mão freneticamente. — Oi, Jasper!

Jasper olhou para ele, e seus olhos arregalaram. Ele foi em direção a Call. Estava com um copo de suco no qual pedaços de fruta verdadeira boiavam. Call nunca sentiu tanto alívio em ver alguém. Começou a reconsiderar todas as coisas ruins que já tinha pensado sobre Jasper. Jasper era um herói.

— Senhor deWinter — disse o garçom. — Conhece este menino?

Jasper tomou um gole do suco, os olhos castanhos percorrendo Call da cabeça aos pés, dos cabelos emaranhados aos tênis sujos.

— Nunca o vi na vida.

Os pensamentos positivos de Call sobre Jasper evaporaram em um sopro.

— Jasper, seu mentiroso...

— Provavelmente é um dos garotos locais tentando entrar aqui por causa de alguma aposta. — Jasper cerrou os olhos para Call. — Sabe como os vizinhos ficam curiosos em relação ao que se passa na Arestas.

— De fato — murmurou o garçom. Seu olhar solidário desapareceu, e ele encarava Call como se este fosse um inseto boiando em um coquetel.

— Jasper — disse Call, entre os dentes —, quando voltarmos à escola, vou te matar por isso.

— Ameaças de morte — retrucou Jasper. — A que ponto nós chegamos.

O garçom tentou segurar uma risada. Jasper sorriu para Call, nitidamente se divertindo.

— Ele parece um pouco maltrapilho — prosseguiu Jasper. — Talvez devesse dar a ele camarões e suco antes de mandá-lo embora.

— Seria muita gentileza sua, senhor deWinter — disse o garçom, e Call estava prestes a fazer alguma coisa, possivelmente explodir, quando de repente ouviu uma voz chamar seu nome.

— Call, Call, *Call*! — Era Tamara, destacando-se entre a multidão. Trajava um vestido florido de seda, mas, se usara algum chapéu cheio de laços, tinha caído. O cabelo estava sem as tranças habituais, derramando-se em cachos sobre as costas. Ela se jogou em Call e o abraçou com força.

Ela cheirava bem. Como sabonete de mel.

— Tamara! — Call tentou dizer, mas ela o apertava com tanta força que tudo que ele conseguiu pronunciar foi um grunhido. Ele a afagou nas costas, desconfortável. Devastação, em êxtase por ver Tamara, corria ao redor da garota.

Quando Tamara soltou Call, o garçom estava olhando para eles com a boca aberta. Jasper parecia congelado no lugar, a expressão fria.

— Jasper, você é um idiota. — E essas foram as únicas palavras que a garota lhe dirigiu. — Bates, Call é um de meus melhores amigos. Ele está *absolutamente* convidado para a festa.

Jasper virou-se e desapareceu. Call estava prestes a gritar algum insulto para ele quando Devastação começou a latir. Ele saltou, rápido demais para que Call o agarrasse. O menino ouviu os outros convidados engasgarem ao fugirem do lobo. Então escutou alguém gritar “Devastação!”, e a multidão se afastou o suficiente para que Call pudesse ver o lobo empinado, as patas no peito de Aaron. O garoto sorria e afagava o pelo de Devastação.

O frisson entre os convidados aumentou. Algumas pessoas pareciam alarmadas, outras praticamente gritavam.

— Ah, não. — Tamara mordeu o lábio.

— O que foi? — Call já havia começado a caminhar, ansioso para chegar até Aaron. Tamara o pegou pelo pulso.

— Devastação é um lobo Dominado pelo Caos, Call, e está subindo no Makar deles. Vamos!

Tamara o puxou para a frente, e, de fato, foi muito mais fácil para Call passar pela multidão com Tamara o guiando como um reboque. Convidados gritavam e corriam na direção oposta. Tamara e Call alcançaram Aaron justamente quando dois adultos muito elegantes, parecendo preocupados, também o alcançaram — um homem bonito, com um terno branco, e uma bela mulher de aparência severa, com longos cabelos escuros, decorados com flores. Seus sapatos nitidamente tinham sido feitos por um mago do metal: pareciam de prata e tiniam como sinos quando ela andava. Call não conseguia nem imaginar quanto tinham custado.

— *Saia!* — O homem se irritou, empurrando Devastação, o que foi uma atitude mais ou menos corajosa, Call pensou, apesar de o único perigo que Aaron corria era o de ser lambido até a morte.

— Pai, mãe. — Tamara conseguiu falar, sem fôlego. — Lembram... Falei a vocês sobre Devastação. Ele é tranquilo. É seguro. É como... nosso mascote.

O pai a encarou como se ela não houvesse explicado nada daquilo, mas sua interrupção deu a Aaron tempo de abaixar e pegar Devastação pelo cangote. Ele enterrou os dedos no pelo do lobo, esfregando as orelhas do animal. Devastação botou a língua para fora, feliz.

— É incrível como ele responde a você, Aaron. Ele com toda a certeza parece domado. — A mãe de Tamara sorriu para Aaron. O resto da festa começou a soltar gritinhos e a aplaudir, como se Aaron tivesse executado um milagre, como se o comportamento normal de Devastação fosse um indício de que o Makar deles iria triunfar sobre as forças do caos.

Call, atrás de Tamara, se sentiu invisível e incomodado com aquilo. Ninguém se importava com o fato de que Devastação era *seu* cachorro e tinha passado o verão perfeitamente domado por *ele*. Ninguém se importava com o fato de que ele e Devastação tinham ido ao parque todas as sextas nos últimos dois meses e jogado frisbee até Devastação acidentalmente quebrar o disco em dois, ou que, uma vez, Devastação lambeu suavemente o sorvete de uma garotinha, em vez de ter mordido a mão dela de uma vez, como teria acontecido se Call não houvesse lhe dito para não fazer essas coisas, o que definitivamente lhe deu pontos, porque um Suserano do Mal jamais teria feito uma coisa dessas.

Ninguém se importava a não ser que Aaron estivesse envolvido. Aaron estava perfeito, com um terno ainda mais chique que o de Jasper e um novo corte de cabelo idiota, que fazia com que seus cabelos lhe caíssem sobre os olhos. Call notou, satisfeito, que havia manchas de pata perto de um dos bolsos do paletó metido à besta.

Call sabia que não devia se sentir assim. Aaron era seu amigo. Aaron não tinha família, nem mesmo um pai que tentasse matá-lo. Era bom que as pessoas gostassem dele. Significava que Devastação poderia ficar na festa e que alguém provavelmente emprestaria trinta dólares a Call sem grandes reclamações.

Quando Aaron sorriu para Call, todo o rosto brilhando, Call se forçou a retribuir.

— Por que não encontra algumas roupas de festa para seu amigo? — sugeriu a mãe de Tamara, com um aceno entretido para Call. — E, Stebbins, pague o taxi que o trouxe, pois está parado nos

portões há horas. — Ela sorriu para Call. Ele não sabia ao certo o que concluir sobre aquela mulher. Parecia amigável e receptiva, mas Call achou que havia algo não muito sincero em sua simpatia. — Mas volte logo. Os feitiços já vão começar.

Aaron chamou Devastação para dentro da casa.

— Call pode pegar algumas de minhas roupas — disse ele.

— É, venha nos contar o que aconteceu. — Tamara conduziu o grupo. — Não que não estejamos felizes em vê-lo, mas o que você está fazendo aqui? Por que não ligou para avisar que vinha?

— É por causa de seu pai? — perguntou Aaron, lançando um olhar solidário a Call.

— É — respondeu ele lentamente. Atravessaram as imensas portas de vidro e entraram em uma sala enorme com piso de mármore, cheia de tapetes caros em cores que lembravam pedras preciosas. Enquanto subiam uma escadaria ridiculamente linda forjada em ferro, Call contou uma história sobre como Alastair o proibira de voltar ao Magisterium. Essa parte foi suficientemente verdadeira; Tamara e Aaron sabiam que Alastair sempre odiara a ideia de Call frequentar a escola de magos. Era possível elaborar a história até a parte em que tiveram uma briga horrível, e ainda a razão pela qual Call temeu que o pai fosse trancá-lo no porão e deixa-lo lá. Para conseguir mais solidariedade, acrescentou que Alastair detestava Devastação e o tratava mal.

Quando terminou, Call já tinha quase se convencido de que tudo aquilo era verdade. Aquela história parecia muito mais crível que a realidade.

Tamara e Aaron emitiram todos os ruídos corretos de solidariedade e fizeram dezenas de perguntas, de modo que ele quase se sentiu aliviado quando Tamara se retirou para que Call pudesse se trocar. Ela levou Devastação consigo. Call seguiu Aaron até o quarto que o garoto ocupava, e sentou na cama king size posicionada no centro do cômodo. As paredes eram cobertas por objetos antigos, com aparência de caros, que, Call desconfiava, deixariam Alastair tentado: grandes placas talhadas de metal, azulejos pintados com estampas angulares e lascas brilhantes de seda e metal emolduradas. Havia grandes janelas com vista para o

gramado abaixo. Sobre a cama, pendia um lustre com cristais azuis em forma de sinos.

— Que lugar incrível, não? — Aaron nitidamente ainda estava um pouco impressionado. Foi até o imponente armário de madeira no canto e o abriu. Pegou uma calça branca, um paletó e uma camisa, e os trouxe para Call.

— O que foi? — disse um pouco constrangido quando Call não se mexeu para pegar.

Call percebeu que encarava Aaron.

— Você não falou que se hospedaria na casa de Tamara — disse.

Aaron deu de ombros.

— É estranho.

— Não significa que precisa ser segredo!

— Não era segredo — respondeu Aaron calorosamente. — Só não tive a chance de contar.

— Você nem parece você. — Call pegou as roupas.

— Como assim? — Aaron soou surpreso, mas Call não entendia como ele poderia estar. Call nunca o viu com roupas tão chiques quanto as que ele usava naquele momento, nem mesmo quando foi declarado Makar diante de todo o Magisterium e da Assembleia. Seus novos sapatos provavelmente custaram centenas de dólares. Ele estava bronzeado e saudável. Tinha cheiro de loção pós-barba, apesar de não precisar se barbear. Provavelmente passou todo o verão correndo no jardim com Tamara, fazendo refeições balanceadas. Nada de pizza no jantar para o Makar. — Está falando das roupas? — Aaron as puxou, um pouco envergonhado. — Os pais de Tamara insistiram que eu as aceitasse. E me senti muito estranho andando de um lado para o outro de calça jeans e camiseta quando todo mundo parece tão...

— Rico? — perguntou Call. — Bem, pelo menos você não apareceu por aqui de pijama.

Aaron sorriu.

— Você sempre sabe causar impacto na entrada — argumentou ele. Call concluiu que Aaron se referia a quando se conheceram no Desafio de Ferro e Call fez com que a carga de uma caneta explodisse em si próprio.

Call pegou as roupas novas e foi para o banheiro se trocar. Ficaram, como ele desconfiou que ficariam, grandes demais. Aaron tinha muito mais músculos que ele. Conformou-se em puxar as mangas do paletó praticamente até os cotovelos e em passar os dedos molhados pelo cabelo até não estarem mais arrepiados.

Quando voltou, Aaron estava perto da janela, olhando para a grama. Havia um grande chafariz no centro, e algumas crianças se reuniam ao redor, lançando punhados de alguma espécie de substância que fazia a água brilhar em diferentes cores.

— Então, gosta daqui? — perguntou Call, fazendo o melhor possível para não soar rancoroso. Aaron não tinha culpa de ser o Makar. Aaron não tinha culpa de nada.

Aaron afastou um pouco do cabelo louro do rosto. A pedra preta na pulseira em seu pulso, a que significava que ele podia praticar a magia do caos, brilhava.

— Sei que não estaria aqui se não fosse o Makar — declarou ele, quase como se soubesse o que Call estava pensando. — Os pais de Tamara são legais. Muito. Mas sei que não seria assim se eu fosse só Aaron Stewart de um orfanato qualquer. É bom para eles, politicamente, serem próximos do Makar. Mesmo que ele só tenha 13 anos. Disseram que eu podia ficar o quanto quisesse.

Call sentiu o rancor começar a falhar. Ficou imaginando quanto tempo Aaron teria esperado para ouvir aquilo, que poderia ficar em algum lugar pelo tempo que quisesse. Imaginou que provavelmente fazia muito tempo.

— Tamara é sua amiga — disse ele. — E não por razões políticas ou por você ser quem é. Ela era sua amiga antes de qualquer pessoa saber que você era o Makar.

Aaron sorriu.

— E você também.

— Achei você legal — confessou Call, e Aaron sorriu novamente.

— Só que, na escola, ser o Makar era uma coisa — continuou Aaron. — Mas, neste verão, tem sido uma questão de fazer truques e frequentar festas como esta. Ser apresentado a várias pessoas, e todas elas ficam muito impressionadas por me conhecerem e me tratam como se eu fosse especial. É... divertido. — Ele engoliu em

seco. — Sei que eu não queria ser o Makar quando descobri, mas não consigo deixar de pensar que minha vida poderia ser bem legal. Quero dizer, se não fosse pelo Inimigo. É ruim que eu me sinta assim? — Os olhos dele investigaram o rosto de Call. — Não posso perguntar a ninguém além de você. Ninguém mais me daria uma resposta direta.

E foi então que o ressentimento de Call simplesmente se dissolveu. Lembrou-se de Aaron sentado no sofá do quarto deles na escola, ainda pálido e chocado por ter sido arrastado para a frente de todo o Magisterium, a fim de que os Mestres pudessem anunciá-lo como a grande esperança que os guiaria contra o Inimigo.

Havia um inimigo, Call sabia agora. Só que não era quem eles pensavam que fosse. E *havia* pessoas que queriam Aaron morto. Essas não parariam. A não ser que o Inimigo ordenasse que parassem...

Se Call era o Inimigo, bem, então Aaron estava seguro, certo? Se Mestre Joseph precisava de Call para montar um ataque, então azar do Mestre. Call jamais faria nada para ferir um de seus amigos. Porque ele *tinha* amigos. E isso era algo que os Suseranos do Mal definitivamente não tinham, certo?

Subitamente, pensou no pai caído inconsciente no chão. Jamais imaginaria que um dia fosse machucar o pai.

— Não é ruim achar legal ser o Makar — falou Call afinal. — Você deve se divertir. Contanto que não se esqueça de que o "se não fosse pelo Inimigo" é um "se" e tanto.

— Eu sei — respondeu Aaron suavemente.

— E contanto que não fique esnobe. Mas não precisa se preocupar com isso, porque tem a mim e a Tamara para lembrá-lo de que continua sendo o mesmo perdedor de antes.

Aaron abriu um sorriso torto.

— Obrigado.

Call não sabia ao certo se Aaron estava sendo sarcástico ou sincero. Ia abrir a boca para explicar a questão quando Tamara apareceu na porta e os encarou.

— Prontos? Sinceramente, Call, quanto tempo você demora para se vestir?

— Estamos prontos — disse Aaron, afastando-se da janela.

Lá fora, Call podia ver magia faiscando sobre o gramado.

CAPÍTULO QUATRO

Call entendeu por que os vizinhos quereriam entrar de penetras na festa. Quando voltou com Aaron, Tamara e um recém-escovado Devastação de coleira nova, o menino se deu conta da magnitude do evento e ficou impressionado.

Mesas cobertas com toalhas estavam cheias de travessas de comida — pequenas linguiças de frango envoltas em massa folhada, frutas cortadas em formato de luas, estrelas e sóis, saladas de ervas e tomates picados, blocos de queijo e biscoitos, camarão em espetinhos, escalopes defumados, atum grelhado, formas de gelatina com pedaços de carne e latinhas frias, contendo pequenas contas pretas em potes de gelo, que Call concluiu ser caviar.

Esculturas de gelo do tamanho de leões retratavam manticoras, suas asas cristalinas enviando uma brisa fria pelo ar; sapos de gelo saltavam de mesa em mesa, e navios piratas voavam pelo céu antes de aterrissarem no chão sobre pedras de gelo. Na mesa central, um chafariz de gelo jorrava coquetel de frutas em vez de água. Quatro pavões de gelo estavam empoleirados nas bordas da escultura, utilizando garras brilhantes para servir bebidas aos convidados em copos também feitos de gelo.

Ao lado do banquete havia uma fila de topiários esculpidos em formas elaboradas — flores, símbolos, estampas e letras. Flores resplandecentes cobriam cada arca, mas a visão mais brilhante de todas era um imenso castelo, repleto de detalhes, do qual vertia uma cachoeira de fogo líquido. Flamejava e piscava na grama onde meninas descalças, com vestidos de festa, corriam de um lado para o outro, colocando as mãos nas faíscas, que corriam por suas peles sem parecer queimá-las. Como que para deixar bem clara a questão, uma placa que flutuava no ar acima da cachoeira informava: crianças, por favor, brinquem com fogo.

Call meio que queria correr ali também, mas não sabia ao certo se podia, ou se aquela era uma diversão destinada apenas a crianças pequenas. Devastação farejava a grama em busca de pedaços de comida. Tamara havia colocado um laço cor-de-rosa em

volta do pescoço do lobo. Call ficou imaginando se Devastação estaria se sentindo humilhado. Não parecia.

— Tem frequentado festas assim o verão inteiro? — perguntou Call a Aaron.

Aaron parecia um pouco desconfortável.

— Basicamente.

— Frequento festas assim desde que nasci. — Tamara os arrastou para longe dali. — São apenas festas. Logo ficam chatas. Agora vamos, os feitiços na verdade são legais. Não vão querer perder.

Passaram pelos topiários e pela cachoeira de fogo, pelas mesas e pelo aglomerado de pessoas, até um pedaço de grama, onde um pequeno grupo havia se reunido. Call percebeu que eram magos não só pelas pulseiras que brilhavam em seus pulsos, mas também pela atmosfera de confiança e poder.

— O que vai acontecer? — perguntou Call.

Tamara sorriu.

— Os magos vão se exibir.

Como se tivesse ouvido, um dos magos, um homem compacto de pele marrom-clara, levantou a mão. A área ao redor dos magos começou a ficar lotada quando o senhor e a senhora Rajavi chamaram o resto dos convidados.

— Esse é Mestre Cameron — sussurrou Tamara, olhando para o mago, cuja mão havia começado a brilhar. — Ele é professor lá da escola e faz truques com...

De repente, uma onda se elevou da mão do mago. Foi como se a grama se tornasse um oceano à beira de um maremoto. Foi crescendo e crescendo até se elevar sobre eles, sombreando a festa, grande o suficiente para derrubar a casa e inundar o terreno. Call respirou fundo.

O ar cheirava a maresia. Dentro da onda, ele viu coisas se movendo. Enguias e tubarões abrindo a boca. Um esguicho salgado atingiu o rosto de Call enquanto a coisa toda caía... e logo em seguida desapareceu.

Todos aplaudiram. Call teria aplaudido também se não estivesse segurando a coleira de Devastação em uma das mãos. Devastação gania e farejava o próprio pelo. Detestava ficar molhado.

— Água — concluiu Tamara com uma risada. — Uma vez, quando estava muito calor, ele veio e fez um chuveiro enorme perto da piscina. Todos nós corremos pela água até Kimiya.

— Como assim, até Kimiya? — Uma voz provocadora se fez ouvir. — Gosto de água tanto quanto qualquer pessoa! — A irmã mais velha de Tamara, com um vestido e sandálias prateados, tinha chegado por trás deles. Segurando sua mão, estava Alex Strike, prestes a ingressar no quarto ano do Magisterium e um assistente costumaz de Mestre Rufus. Estava vestido de forma casual, com jeans e camiseta, e ainda ostentava uma pulseira de bronze no pulso, considerando que ainda não tinha recebido uma de prata. Ele sorriu para Call.

— Oi, esguicho — cumprimentou ele.

Call sorriu um pouco desconfortável. Alex sempre fora gentil com ele, mas Call não sabia que Alex estava namorando a irmã mais velha de Tamara. Kimiya era muito bonita e popular, e Call sempre tinha a sensação de que ia cair ou atear fogo em si mesmo quando estava perto dela. Fazia sentido que duas pessoas populares ficassem juntas, mas também o deixava mais consciente sobre várias coisas — sua perna manca, os cabelos desalinhados, o fato de que estava ali com as roupas que pegou emprestadas de Aaron.

Mestre Cameron encerrou sua apresentação com um floreio — gotículas brilhantes que gritavam para os convidados. Todos suspiraram, antecipando que se molhariam, mas a água evaporou a poucos centímetros da multidão, transformando-se em linhas de vapor colorido. O senhor e a senhora Rajavi puxavam os aplausos quando outra bruxa entrou em cena, uma mulher alta, com um cabelo prateado magnífico. Call reconheceu a mulher que tinha passado por ele imperiosamente na entrada.

— Anastasia Tarquin — explicou Tamara com um sussurro. — Ela é madrasta de Alex.

— Isso mesmo — confirmou Alex. Sua expressão ao olhar para a mulher era neutra. Call ficou imaginando se o amigo gostava dela. Quando Call era mais novo, queria que o pai se casasse de novo para que tivesse uma madrasta; parecia melhor que não ter mãe alguma. Só depois de crescido foi que imaginou como teria sido se o pai houvesse casado com uma pessoa de quem ele não gostasse.

Anastasia Tarquin ergueu as duas mãos, imponente, varinhas finas de metal em cada uma. Quando as soltou, elas se alinharam no ar na frente dela. Ela estalou os dedos, e uma delas vibrou, emitindo uma única nota musical perfeita. Call pulou, surpreso.

Alex olhou para ele.

— Maneiro, né? Quando você domina o metal, consegue fazê-lo vibrar na frequência que quiser.

As outras varinhas também começaram a tremer, como diferentes cordas de violão sendo tocada, emitindo uma torrente musical. Call gostava de música tanto quanto qualquer pessoa, mas jamais *pensara* naquela possibilidade antes, sobre como a magia alquímica podia ser usada não apenas para fortalecer e defender o mago, ou para atacar e guerrear, mas para fazer arte. A música era como chuva rompendo o ar úmido; fez Call pensar em cachoeiras, neve e gelo flutuando no oceano.

Quando a última nota acabou de soar, as varinhas de metal despencaram, derretendo, como água de chuva afundando na lama. A senhora Tarquin fez uma reverência e se retirou em meio a uma salva de palmas. Enquanto saía, deu uma piscadela na direção de Alex. Talvez se dessem bem, afinal.

— E agora — disse o senhor Rajavi —, talvez nosso Makar, Aaron Stewart, pudesse nos agraciar com um pouco de magia do caos?

Call sentiu Aaron enrijecer ao seu lado enquanto todos aplaudiam, entusiasmados. Tamara se virou e afagou um dos ombros de Aaron. Ele a olhou por um segundo, mordendo o lábio, antes de se ajeitar e ir para o centro do círculo do mago.

Ele parecia muito pequeno ali.

Fazendo truques e indo a festas, foi o que Aaron disse a Call, mas Call não pensou que se referisse a *truques* de fato. Call não tinha ideia do que um mago do caos podia fazer de bonito ou artístico. Ele se lembrou da escuridão devoradora e em espiral na qual os outros lobos Dominados pelo Caos desapareceram; lembrou-se do elemental do caos com bocas largas e molhadas; e estremeceu com uma sensação que era parte pavor e parte ansiedade.

Aaron ergueu as mãos, os dedos bem separados. Ele conjurou a Escuridão.

Um silêncio se espalhou sobre a festa enquanto mais gente se juntava ao grupo, olhando para o Makar e as sombras crescentes ao seu redor. A magia do caos vinha do vazio, vinha do nada. Era criação e destruição ao mesmo tempo, e Aaron a comandava.

Por um instante, até Call teve um pouco de medo dele.

As sombras congelaram nas formas gêmeas de dois elementais do caos. Eram criaturas finas e esguias, que lembravam cachorros feitos inteiramente de escuridão, menores que o do covil de Mestre Joseph. Mesmo assim, os olhos brilhavam com a loucura do vazio.

Engasgos dominaram a festa. Tamara agarrou o braço de Call.

Call, por sua vez, ficou boquiaberto. Aquilo não parecia ser um truque. Aquelas coisas pareciam perigosas. Olhavam para a multidão como se estivessem loucos para devorar a todos e, em seguida, palitar os dentes com os ossos das pessoas enquanto escolhiam sua próxima refeição.

As figuras começaram a deslizar sinuosamente pela grama.

Tudo bem, Aaron, pensou Call. *Pode dispensá-los. Faça-os sumir. Faça alguma coisa.*

Aaron levantou as mãos. Fios de escuridão começaram a subir dos dedos dele em espiral. O menino tinha o cenho franzido de concentração. Ele esticou... Devastação começou a latir descontroladamente, espantando tanto Call quanto Aaron. Call percebeu o momento em que a concentração de Aaron lhe escapou e as sombras sumiram de seus dedos.

O que quer que ele pretendesse fazer, não aconteceu. Em vez disso, um dos elementais do caos pulou para o ar, na direção da mãe de Tamara. Ela arregalou os olhos, a boca se abrindo em um terror assombrado. Uma das mãos da mulher se ergueu, e uma chama surgiu no meio da palma.

Aaron caiu de joelhos, sacudindo as duas mãos. A escuridão se expandiu, cercando o elemental. A criatura desapareceu, junto de sua gêmea. Os elementais do caos se foram, sumindo nas sombras que evaporaram e na luz do sol que voltou. Call percebeu que era um dia de verão novamente, um dia de verão em uma festa chique no jardim. Não sabia ao certo se houvera de fato algum perigo real.

Todos começaram a rir e a aplaudir. Até a senhora Rajavi parecia entretida.

Aaron arfava. Seu rosto estava pálido, com um rubor agitado nas bochechas, como se estivesse doente. Ele não parecia alguém que acabara de realizar um truque. Parecia mais alguém que tinha acabado de fazer a mãe de sua amiga ser devorada.

Call se virou para Tamara.

— O que foi aquilo?

Os olhos dela brilharam.

— Como assim? Ele foi sensacional!

— Ele podia ter morrido! — sibilou Call para ela, contendo-se antes de acrescentar que a mãe dela provavelmente também podia ter sido devorada. Aaron se pôs de pé e começou a abrir caminho pela multidão em direção a eles. Não estava avançando muito rápido, considerando que todo mundo queria se aproximar dele para cumprimentá-lo e afagá-lo nas costas.

Tamara zombou.

— Foi só um truque de festa, Call. Todos os outros magos estavam perto. Teriam interferido se algo tivesse dado errado.

Call sentiu o gosto amargo da raiva no fundo da garganta. Ele sabia, e Tamara também, que magos não eram infalíveis. Nem sempre interferiam para conter as coisas a tempo. Ninguém interferiu para conter Constantine Madden quando ele exagerou tanto na magia do caos a ponto de matar o irmão e quase destruir o Magisterium. Ele ficou tão ferido e marcado pelo que aconteceu que passou a usar sempre uma máscara de prata para cobrir o rosto depois disso.

Devia detestar a própria aparência.

Call levantou a mão para tocar a pele intacta do próprio rosto exatamente quando Aaron se aproximou deles, enrubescido e com o olhar desgovernado.

— Podemos sentar em algum lugar? — pediu ele, baixo o suficiente para que as palavras não alcançassem a multidão. — Preciso recuperar o fôlego.

— Claro. — Call se posicionou um pouco à frente de Aaron ao se inclinar para Devastação. — Me puxe até o chafariz — sussurrou ele para o lobo, e Devastação o rebocou. A multidão mais que

depressa abriu caminho para permitir que Devastação passasse, e Call, Tamara e Aaron o seguiram. Call tinha consciência de que Alex os olhava com solidariedade, apesar de Kimiya já ter voltado sua atenção para o próximo truque de magia.

Faíscas coloridas se ergueram no ar atrás deles enquanto circulavam a cerca viva em forma de escudo e dirigiam-se a um chafariz redondo, feito de pedra amarela e com uma aparência envelhecida, que fez Call imaginar se havia sido trazido de algum outro lugar. Aaron sentou na borda, esfregando as mãos nos cacheados cabelos louros.

— Detesto meu corte de cabelo — comentou ele.

— Está legal — garantiu Call.

— Você não acha isso de verdade — refutou Aaron.

— Na verdade, não. — Call ofereceu a Aaron o que imaginava ser um sorriso solidário. Talvez não tenha sido muito bem-sucedido. — Tudo bem?

Aaron respirou fundo.

— Eu só...

— Você soube? — Uma voz adulta flutuou pelo ar, através das folhas. Era profunda e grave. Call já a ouvira antes. — Alguém invadiu o Magisterium na semana passada. Tentaram roubar o Alkahest.

Call e Aaron trocaram um olhar e depois se voltaram para Tamara, que estava completamente imóvel. Ela colocou um dos dedos sobre os lábios, um sinal para que os dois ficassem quietos.

— Alguém? — repetiu uma voz leve e feminina. — Você quer dizer os capangas do Inimigo. Quem mais? Ele quer começar uma nova guerra.

— Nenhum Alkahest vai salvá-lo uma vez que nosso Makar esteja treinado e pronto. — Foi a resposta do homem.

— Mas, se ele conseguir consertá-lo, a tragédia de Verity Torres pode se repetir — observou uma terceira voz, cautelosa. Era uma voz de homem, aguda e nervosa. — Nosso Makar é jovem, como ela era. Precisamos de tempo. O Alkahest é poderoso demais para algum de nós tentar roubá-lo inconsequentemente.

— Vão levar o Alkahest para algum lugar mais seguro — disse a voz feminina outra vez. — Foram tolos de o deixarem exposto.

— Até termos certeza de que está em algum lugar protegido, a segurança do nosso Makar tem que ser nossa prioridade máxima — retrucou a primeira pessoa.

Aaron estava congelado no lugar, a água borbulhante do chafariz soava alto nos ouvidos de Call.

— Achei que ter um Makar por perto fosse *nos* deixar mais seguros — argumentou a voz nervosa. — Se estivermos ocupados cuidando dele, quem cuidará de nós?

Call se levantou, atingido pelo pensamento de que estavam a segundos de ouvir um dos magos falando alguma coisa negativa sobre Aaron. Alguma coisa pior que uma mera especulação sobre os planos do Inimigo de matá-lo.

Call desejou poder dizer a Aaron que tinha certeza de que o Inimigo da Morte não tinha tentado roubar o Alkahest — o que quer que fosse aquilo — e, no momento, também não estava planejando nada mais grave que uma vingança contra Jasper.

Evidentemente, ele não fazia ideia do que Mestre Joseph estava aprontando. Então talvez os capangas do Inimigo da Morte *estivessem* por trás da tentativa de roubo, o que era menos tranquilizante. Mestre Joseph tinha muito poder por si só. Há 13 anos ele já se virava muito bem sem a ajuda de Constantine Madden, por mais que dissesse que precisava de Call.

— Vamos — disse Tamara em voz alta, pegando o braço de Aaron e o afastando dali. Ela devia estar pensando a mesma coisa que Call. — Estou morrendo de fome. Vamos procurar alguma coisa para comer.

— Certo — disse Aaron, apesar de Call ter percebido que ele não estava com o menor ânimo para pensar em comida. Mesmo assim, seguiu Call e Tamara até a mesa do bufê e assistiu enquanto Call enchia três pratos com torres de camarões, escalopes, linguiças e queijo.

As pessoas não paravam de cumprimentar Aaron, parabenizando-o por seu controle sobre os elementais do caos, querendo convidá-lo para coisas, ou contar alguma história sobre seu envolvimento na última guerra. Aaron foi educado, acenando com a cabeça até para as histórias mais chatas.

Call preparou um prato de queijo para Tamara, essencialmente porque tinha certeza de que os Suseranos do Mal não faziam pratos para os outros. Suseranos do Mal não se importavam se seus amigos tinham fome.

Tamara pegou o prato de queijo, deu de ombros e comeu um damasco seco que estava em uma bandeja ali perto.

— Isso aqui está um porre — sussurrou ela. — Não dá para acreditar que Aaron não morreu de tédio.

— Temos de fazer alguma coisa. — Call jogou um camarão empanado no ar e o pegou com a boca. — Pessoas como Aaron são supersimpáticas até de repente explodirem e banirem algum velho irritante para o vazio.

— Isso não é verdade. — Tamara revirou os olhos. — Você poderia fazer isso, mas Aaron não.

— Ah, não? — Call ergueu as sobrancelhas. — Dê uma boa olhada na cara dele e repita isso.

Tamara examinou Aaron por um longo momento. Ele estava imerso em uma conversa com um velho mago magricela, que vestia um terno cor-de-rosa, e seus olhos pareciam vítreos.

— Tudo bem. Sei aonde podemos ir. — Ela dispensou o prato preparado por Call e pegou Aaron por uma das mangas. Ele se virou para a amiga, surpreso. Em seguida, desamparado deu de ombros, sinalizando para o adulto com quem conversava, enquanto ela o arrastava para dentro da casa.

Call abandonou a comida pela metade em um corrimão de pedra e correu atrás de ambos. Tamara lhe lançou um sorriso brilhante e louco enquanto puxava Aaron para dentro, Devastação trotando atrás deles.

— Para onde vamos? — perguntou Aaron.

— Por aqui. — Tamara os conduziu pela casa até chegarem a uma biblioteca alinhada com livros elegantes. Vitrais protegidos por grades faziam com que raios brilhantes de luz entrassem no salão, e o chão era coberto por tapetes vermelhos. Tamara atravessou a sala em direção a uma enorme lareira, flanqueada por urnas de pedra, esculpidas em ágata colorida. Cada uma tinha uma palavra marcada.

Tamara pegou a primeira e a rodou de modo que a palavra ficasse de frente para eles. *Prima*. Ela mexeu a segunda, girando-a até a segunda palavra também ficar diante deles. *Materia*.

Prima materia, Call sabia, era um termo alquímico. Significava a primeira substância do mundo, a substância da qual tudo que não era caos — terra, ar, fogo, água, metal e almas — originava-se.

Eles ouviram um clique agudo, e uma parte da parede se abriu para um corredor de pedra iluminado.

— Uau! — exclamou Call.

Ele não sabia exatamente para onde esperava que Tamara fosse levá-los — talvez para seu quarto, ou para um canto tranquilo da casa. Não tinha imaginado uma porta secreta.

— Quando ia me contar sobre isso? — Aaron correu até Tamara. — Estou morando aqui há um mês!

Tamara parecia radiante por ter sido capaz de esconder um segredo dele.

— Não posso mostrar para ninguém. Tem sorte por estar vendo agora, *Makar*.

Aaron mostrou a língua para ela.

Tamara riu e entrou no corredor, esticando o braço para pegar uma tocha da parede. A chama emitia um brilho dourado-esverdeado e um leve odor sulfúrico. Ela seguiu pelo corredor, parando ao perceber que os meninos não a seguiram prontamente. Ela estalou os dedos, os cachos balançando.

— Vamos — ordenou ela. — Vamos logo, seus lerdinhos.

Eles se entreolharam, deram de ombros e foram atrás da amiga.

Enquanto caminhavam, com Devastação farejando tudo atrás deles, Call percebeu por que os corredores eram tão estreitos: atravessavam toda a casa, como veias ao lado dos ossos, para que qualquer um nos recintos públicos pudesse ser espionado. E, em intervalos regulares, havia portinholas que se abriam para o que pareciam ser dutos de ar, cobertos por elaborados registros de ferro.

Call abriu uma delas e espiou a cozinha, onde os funcionários preparavam jarras frescas de limonada com água de rosas e colocavam quadradinhos de atum em folhas individuais, pousadas sobre travessas de vidro. Ele abriu mais uma e viu Alex e a irmã de

Tamara abraçados em um sofá, ao lado de duas estátuas metálicas de cachorros. Enquanto assistia, Alex se inclinou e beijou Kimiya.

— O que você está fazendo? — perguntou Tamara, baixinho.

— Nada! — Call fechou a portinhola. Caminhou mais um pouco sem cair em tentação, mas fez uma pausa ao escutar os pais de Tamara. Quando parou, ouviu a senhora Rajavi comentar alguma coisa sobre os convidados da festa. Call sabia que devia seguir Tamara, mas estava se coçando para saber mais.

Aaron parou e se virou para o amigo. Call o chamou com um gesto, e Aaron e Tamara se juntaram a ele na portinha. Aaron a abriu silenciosamente com seus dedos ágeis, e todos espiaram.

— Provavelmente não deveríamos... — Tamara começou a falar, mas a curiosidade pareceu se sobrepor às objeções no meio da frase. Call ficou imaginando com que frequência ela fazia isso sozinha, e quais segredos teria descoberto assim.

A mãe e o pai de Tamara estavam no escritório, com uma mesa de madeira entre eles. Sobre esta havia um tabuleiro de xadrez, mas Call não viu os cavalos, as torres e os peões habituais; em vez disso, as peças tinham formas que ele não reconhecia.

— ...Anastasia, evidentemente — concluiu o senhor Rajavi. Tinham chegado no meio da frase dele.

A senhora Rajavi fez que sim com a cabeça.

— Claro. — Ela pegou uma taça vazia que repousava em uma badeja de prata, e, enquanto assistiam, a taça se encheu com um líquido claro. — Só queria que tivesse algum jeito de não convidar os deWinter para essas coisas. Aquela família acredita que, se fingir o bastante, ainda serão os tempos de glória do empreendimento da magia, talvez ninguém note como as roupas e a conversa deles desbotaram. Graças aos céus, Tamara deu um gelo no filho deles quando as aulas começaram.

O senhor Rajavi bufou.

— Os deWinter ainda têm amigos na Assembleia. Não seria prudente descartá-los por completo.

Aaron pareceu decepcionado por flagrar apenas fofocas, mas Call estava em êxtase. Os pais de Tamara eram incríveis, concluiu ele. Qualquer um que quisesse excluir Jasper de uma festa era gente boa para ele.

A senhora Rajavi fez uma careta.

— Evidentemente estão tentando jogar o filho mais novo para o caminho do Makar. Provavelmente torcendo para que se eles se tornarem amigos, parte da glória vai transbordar para ele também e, por extensão, para a família.

— Pelo que Tamara contou, Jasper fracassou em encantar Aaron — comentou o senhor Rajavi secamente. — Acho que não tem nada com que se preocupar, querida. É Tamara quem está no grupo de aprendizes de Aaron, e não Jasper.

— E Callum Hunt, obviamente. — A mãe de Tamara tomou um gole da taça. — O que você acha dele?

— Ele lembra o pai. — O senhor Rajavi franziu o rosto. — Uma infelicidade o caso de Alastair Hunt. Ele era um mago do metal bastante promissor quando estudava com Mestre Rufus.

Call congelou. Aaron e Tamara olhavam para ele, apreensivos, enquanto o senhor Rajavi prosseguia.

— Foi levado à loucura pela morte da esposa no Massacre Gelado, pelo que dizem. Resmunga sobre não utilizar magia, desperdiçando a própria vida. Mesmo assim, não há motivo para não darmos as boas-vindas ao filho dele. Mestre Rufus deve ter visto alguma coisa nesse garoto para escolhê-lo como aprendiz.

Call sentiu a mão de Tamara em seu braço, afastando-o da portinhola. Aaron fechou-a atrás deles enquanto prosseguiam pelo corredor. Call afundou os dedos na pelugem de Devastação para se sentir seguro. Seu estômago parecia oco, e ele ficou aliviado quando chegaram a uma porta estreita, que levava ao que parecia um outro escritório.

A luz verde-dourada da tocha mostrava grandes sofás confortáveis no meio do recinto, uma mesa de centro e uma escrivaninha. Em uma parede havia uma prateleira de livros, mas os tomos ali não eram os mesmos volumes vistosos e elegantes que Call viu na biblioteca. Aqueles pareciam mais antigos, mais empoeirados e gastos. Algumas lombadas estavam rasgadas. Alguns eram apenas manuscritos, amarrados com cordas.

— Para que serve esse lugar? — perguntou Call, enquanto Devastação pulava em um dos sofás, circundando-o algumas vezes antes de se jogar em uma posição propícia para um cochilo.

— Reuniões secretas — explicou Tamara, com os olhos brilhando. — Meus pais acham que eu não sei, mas eu sei. Existem livros sobre técnicas perigosas de magia aqui, e todo tipo de registro, datados de muitos anos. Houve um tempo em que os magos podiam lucrar com a magia, quando tinham negócios enormes. Então aprovaram as Leis de Empreendimento. Não é mais permitido usar magia para ganhar dinheiro no mundo normal. Algumas famílias perderam tudo.

Call ficou imaginando se tinha sido isso o que acontecera com a família de Jasper. Ficou imaginando se a família Hunt também havia ganhado dinheiro daquela forma — ou se a família de sua mãe também se enveredara por aqueles caminhos. Percebeu que não sabia quase nada sobre eles.

— Então *como* os magos ganham dinheiro? — Aaron olhou em volta, com certeza pensando na casa imensa onde estavam e na festa de que tinham acabado de participar.

— Podem trabalhar para a Assembleia ou arrumar um emprego normal — explicou Tamara. — Mas, se já tiverem dinheiro, podem investir.

Call ficou imaginando como Constantine Madden tinha ganhado dinheiro, mas então se deu conta de que ele provavelmente não achava que estava sujeito às Leis de Empreendimento, considerando que declarou guerra aos outros magos. O que trouxe Call à razão pela qual tinha vindo até a casa de Tamara.

— Acha que alguma das pessoas da festa vai para o Magisterium? De repente eu posso pegar carona com alguém.

— Uma carona? Para o Magisterium? Mas não tem ninguém lá — disse Aaron.

— Alguém tem de estar — insistiu Call. — E preciso ficar em algum lugar. Não posso voltar para casa.

— Não seja ridículo — retrucou Tamara. — Pode ficar aqui até as aulas começarem. Podemos nadar na piscina e treinar magia. Já falei com meus pais. Arrumamos um quarto de hóspedes para você e tudo.

Call esticou o braço para afagar a cabeça de Devastação. O lobo nem abriu os olhos.

— Acha que seus pais não se importam?

Todos ouviram os pais dela falando sobre ele, afinal.

Tamara balançou a cabeça.

— Estão felizes em recebê-lo. — O tom de voz de Tamara deixava nítido que eles recebiam Call por alguns bons motivos e por outros motivos não tão bons assim.

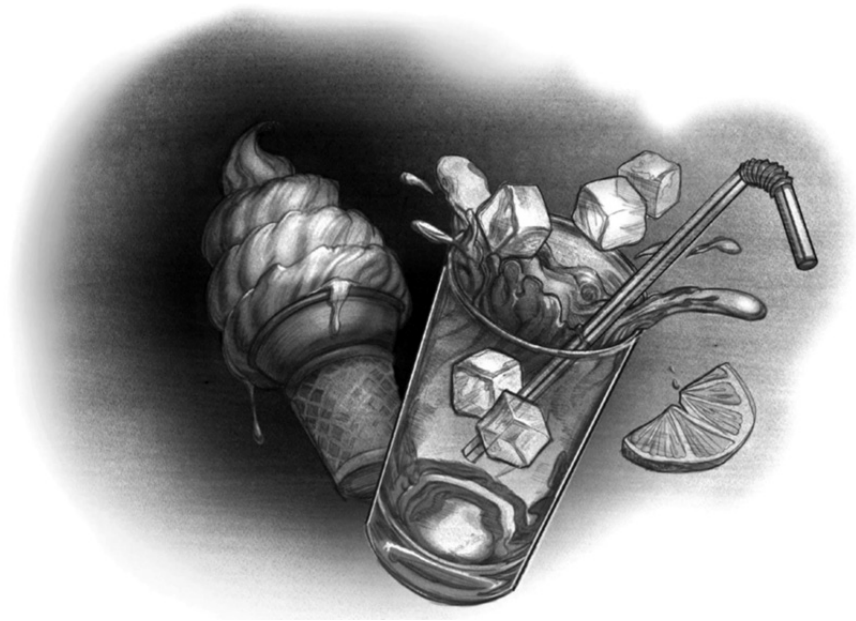
Mas era um lugar para ficar. E não tinham falado nada de mal sobre ele, não realmente. Disseram que Mestre Rufus devia tê-lo escolhido por um bom motivo.

— Você pode ligar para Alastair — sugeriu Aaron. — Para ele não se preocupar. Quero dizer, mesmo que ele não queira que você volte ao Magisterium, ele precisa saber que você está seguro.

— É. — Call lembrou do pai jogado contra a parede da adega, imaginando o quanto Alastair se dedicaria a ir atrás dele para matá-lo. — Talvez amanhã. Depois que descobrirmos mais segredos sobre Jasper. E comermos toda a comida do bufê. E nadarmos na piscina.

— E podemos treinar um pouco de magia. — Aaron abriu um sorriso. — Mestre Rufus vai ser pego de surpresa. Vamos atravessar o Segundo Portal antes de todo mundo.

— Contanto que seja antes de Jasper... — completou Call.

Tamara soltou uma gargalhada. Devastação rolou sobre as costas, roncando levemente.

CAPÍTULO CINCO

O tempo em Arestas deu a Call um novo senso de apreciação sobre como é ser rico.

Um sino o acordava para o café da manhã, que era servido em um grande salão ensolarado, com vista para o jardim. Apesar de o café da manhã dos pais de Tamara ser uma refeição simples, composta apenas por pão e iogurte, eles serviam mesas impressionantes para os convidados. Havia suco fresco e pratos quentes, como ovos e torradas, em vez de cereal seco e leite. Havia manteiga em pequenos recipientes, em vez de um tablete cheio de migalhas que era utilizado em todas as refeições. Devastação tinha suas próprias vasilhas, com carne cortada, apesar de não ter permissão para dormir dentro da casa. Ele passava a noite nos estábulos, sobre uma montanha de palha fresca, e deixava os cavalos nervosos.

Call não conseguia acreditar que estava em um lugar onde havia um estábulo com cavalos.

Havia roupas também — compradas numa loja de departamentos, no tamanho de Call, e passadas antes de serem penduradas no armário do quarto que ele ocupava. Camisas brancas. Jeans. Calções de banho.

Tamara provavelmente cresceu vivendo daquela forma. Ela tratava o mordomo e a empregada com uma familiaridade confortável. Pedia chá gelado na piscina e deixava toalhas no chão, certa de que alguém as cataria.

Os pais de Tamara até se dispuseram a dizer a Alastair que Call estava viajando com eles, e que o levariam direto ao Magisterium quando voltassem. A senhora Rajavi relatou que Alastair pareceu perfeitamente agradável ao telefone e queria que Call se divertisse. Call não achava de fato que Alastair tinha ficado feliz em receber aquela ligação, mas os Rajavi eram poderosos o suficiente para fazer com que o garoto acreditasse que o pai não viria atrás dele desde que estivesse sob seus cuidados. E uma vez que chegasse ao Magisterium, definitivamente estaria seguro.

Ele não sabia ao certo o que faria ao fim do ano escolar, mas ainda faltava tempo o bastante para que ele não precisasse se preocupar com aquilo.

Apesar do desconforto em relação ao próprio pai, Call permitiu que os dias se passassem em horas de sol, piscina, gramado e sorvete. Ficou um pouco sem graça na primeira vez que usou calções na piscina em forma de concha, percebendo que Aaron e Tamara jamais viram suas pernas. A esquerda era mais fina que a direita, e cheia de cicatrizes que, com o tempo, desbotaram de um vermelho furioso para um rosa-claro. Não era assim tão ruim, pensou ele, ansioso, ao sentar e olhar a própria perna no quarto. Mesmo assim, não era nada que gostasse de mostrar às pessoas.

Mas nenhum dos dois pareceu notar. Apenas riram e jogaram água nele, e logo Call estava sentado na grama com os dois, junto com Alex e Kimiya, tomando sol e entornando goles de chá gelado com menta e açúcar. Na verdade, ele estava até ficando um pouco bronzeado, coisa que quase nunca acontecia. Não que aquilo fosse algo inesperado, considerando que estudava em uma escola subterrânea.

Às vezes, Aaron jogava tênis com Alex, sempre que Alex se desgrudava do rosto de Kimiya. Tênis mágico se parecia muito com tênis normal na opinião de Call, exceto que toda vez que a bola ia longe, Alex a trazia de volta com um estalar de dedos.

Apesar de terem prometido treinar magia, não praticaram muita coisa. Uma ou duas vezes saíram da casa e invocaram fogo, conjurando bolas em chamas que podiam ser facilmente manipuladas; ou utilizaram a magia da terra para extrair filamentos de ferro do solo. Uma vez, praticaram levitação de pedras pesadas, mas, quando uma voou perigosamente perto da cabeça de Aaron, a senhora Rajavi apareceu e os repreendeu por terem colocado o Makar em perigo. Tamara simplesmente revirou os olhos.

Certa tarde, quando o ar estava cheio de abelhas, Call estava saindo da sala de café da manhã em direção à escadaria quando ouviu o senhor Rajavi em uma das outras salas. Sua voz estava baixa, mas, na medida em que Call avançou, escutou-o sendo interrompido por uma exclamação de Alex. O garoto não estava gritando, mas a fúria transparecia em sua voz.

— O que está tentando dizer, exatamente, senhor?

Call se aproximou, sem saber ao certo que tipo de conversa estava xeretando. Ele disse a si mesmo que fazia aquilo para o caso de estarem falando sobre Aaron, mas, na verdade, estava mais preocupado em descobrir se conversavam sobre *ele*.

Será que Alastair poderia ter dito mais alguma coisa para a senhora Rajavi ao telefone, algo que ela não houvesse contado a Call? Os magos já achavam que Alastair era louco, mas qualquer coisa que ele dissesse sobre Call tinha a vantagem de ser verdade.

— Gostamos muito de tê-lo como nosso convidado — dizia a senhora Rajavi. — Mas Kimiya ainda é jovem, e achamos que vocês estão andando rápido demais.

— Só estamos pedindo que deem um tempo durante o ano letivo — completou o senhor Rajavi.

Call respirou aliviado. Não estavam falando sobre Aaron, ou Call, ou nada importante. Apenas sobre namoro.

— E isso não tem nada a ver com o fato de que minha madrasta se opôs à sua última proposta na Assembleia, certo? — Alex parecia furioso. Call concluiu que talvez fosse importante, afinal.

— Muito cuidado — alertou o senhor Rajavi. — Lembra daquela conversa que já tivemos a respeito?

— Que tal respeitar a vontade de sua filha? — pediu Alex, elevando a voz. — Kimiya? Diga a ele!

— Não posso acreditar que isso esteja acontecendo — disse Kimiya. — Só quero que todas as pessoas parem de gritar umas com as outras. — Após tantos anos discutindo com o pai, que culminaram na mais terrível briga na qual não conseguia pensar sem ficar nauseado, Call sabia que aquilo não ia acabar bem. Respirando fundo, abriu a porta da sala e olhou para os quatro com a expressão mais confusa que conseguiu exibir.

— Ah, oi — disse Call. — Desculpe. Essa casa é tão grande que fico dando voltas.

— Callum. — A senhora Rajavi forçou um sorriso.

Kimiya parecia pronta para chorar. Alex parecia pronto para bater em alguém; Call reconheceu a expressão.

— Ah, oi, Alex. — Call tentou pensar em um bom motivo para arrastá-lo de lá antes que ele fizesse alguma coisa de que se

arrependeria. — Pode vir comigo um segundo? Aaron queria, hum, perguntar uma coisa.

Alex voltou àquela expressão furiosa para Call, e, por um instante, o garoto não sabia se tinha tomado a decisão certa. Mas então Alex fez que sim com a cabeça e respondeu:

— Claro.

— Fico feliz que tenhamos tido essa conversa — disse o senhor Rajavi a ele.

— Eu também — rebateu Alex, entre dentes. Então ele saiu, forçando Call a se apressar para alcançá-lo.

Alex saiu para o gramado, em direção ao chafariz. Quando chegou ali, chutou com força e gritou uma coisa que Alastair tinha proibido Call de falar por toda a vida.

— Desculpe — disse Call. Ao longe, pôde ver Aaron e Tamara jogando gravetos para Devastação em um dos gramados. Felizmente estavam fora do alcance auditivo.

— Aaron não quer me ver, quer? — perguntou Alex.

— Não — respondeu Call. — Desculpe outra vez.

— Então por que me tirou de lá? — Alex não parecia irritado, apenas curioso.

— Nada de bom ia acontecer — declarou Call com firmeza. — Esse é o tipo de briga que ninguém ganha.

— Talvez — falou Alex lentamente. — Eles... me deixam tão irritado. Só se importam com as aparências. Como se eles fossem perfeitos e todas as outras pessoas fossem ruins.

Call franziu a testa.

— O que quer dizer?

Alex deu uma olhada para Aaron e diminuiu a voz ainda mais.

— Nada. Não quero dizer nada.

Alex com certeza achou que Call não conseguiria entender. Seria inútil explicar que podia parecer que os pais de Tamara gostavam dele, mas que não gostariam se soubessem a verdade. Talvez nem gostassem de Aaron se ele não fosse o Makar. Mas Alex jamais acreditaria que uma criança como Call pudesse ter segredos suficientes para que alguém se importasse, mesmo que ele tivesse.

↑≋∆O@

Apenas alguns dias depois, Call teve de arrumar as roupas novas e se preparar para o retorno à escola. Ele se entupiu de linguiças e ovos no café da manhã, sabendo que levaria um tempo até ver comida que não era preparada à base de líquen novamente. Aaron e Tamara já estavam com os uniformes verdes do segundo ano do Magisterium, enquanto Alex e Kimiya usavam o branco do quarto ano e olhavam um para o outro.

Call estava ali sentado com jeans e camiseta, sentindo-se deslocado.

Alex lançou um olhar de viés para Call, como se quisesse dizer *você também nunca vai ser bom o suficiente para eles*.

O senhor Rajavi olhou para o relógio.

— Hora de irmos. Call?

— Oi? — Call se virou para o pai de Tamara.

— Cuide-se. — Havia alguma coisa na voz do senhor Rajavi que o deixou incerto sobre a real gentileza por trás daquelas palavras, mas talvez ele só estivesse se deixando atingir por Alex.

Todos foram para o vestíbulo, onde Stebbins, com sua careca brilhante, ajeitava as malas. Aaron e Call exibiam bolsas novas, enquanto Tamara e Kimiya traziam malas de couro de cobra combinando. Alex tinha uma mala com suas iniciais, ATS. Ele a pegou e foi para a porta.

Uma vez lá fora, Alex começou a andar pelo caminho da entrada. Call percebeu com um susto que havia um Mercedes branco esperando na entrada, o motor ligado. A madrasta de Alex viera.

Kimiya pigarrou. Stebbins parecia ansioso.

— Belo carro — elogiou Call.

— Cale a boca — murmurou Tamara. — Só porque você é obcecado por *carros.* — Ela lançou a Stebbins um estranho olhar de aviso, que Call não teve a chance de analisar. Havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

Kimiya estava correndo atrás de Alex, ignorando o fato de que todo mundo passara a olhar para os dois.

— O que houve? — perguntou ela ao alcançá-lo. — Achei que fosse de ônibus com a gente.

Ele parou no meio do caminho e se virou para ela.

— Estou *mantendo a distância*, exatamente como seu pai queria. Anastasia vai me levar ao Magisterium. Acabou o verão. Acabou a gente.

— Alex, não faça isso — disse ela, parecendo espantada com a raiva dele. — Podemos conversar sobre isso...

— Já conversamos o suficiente. — Ele soava como se estivesse engasgando de dor. — Você devia ter me defendido. Devia ter *nos* defendido. — Alex colocou a mochila nos ombros. — Mas não defendeu. — Ele se virou e seguiu até o carro.

— Alex! — gritou Kimiya. Mas ele não respondeu. Chegou ao Mercedes e entrou. O carro acelerou, levantando poeira.

— Kimiya! — Tamara começou a correr para a irmã, mas a mãe a pegou pelo pulso.

— Dê um momento a ela. Provavelmente Kimiya quer ficar sozinha.

O olhar da senhora Rajavi era luminoso e severo. Call decidiu que jamais se sentira tão desconfortável na vida. Ficou se lembrando de Alex dizendo "Kimiya, diga a eles", e Kimiya não dizendo o que ele obviamente queria que ela dissesse. Ela só podia ter medo dos pais. Call não sabia se podia culpá-la por isso.

Após alguns minutos, um ônibus escolar amarelo passou pelos portões da Arestas. Kimiya voltou para a casa, esfregando os olhos na manga e fungando, desconsolada. Pegou as malas sem olhar para ninguém.

Quando a mãe esticou o braço para colocar a mão em seu ombro, Kimiya afastou-a.

Call se ajoelhou para abrir o zíper da bolsa e se certificar de que tinha tudo de que precisava. Fechou novamente, mas não antes de a senhora Rajavi ver sua faca, brilhando sobre as roupas.

— É a Semíramis? — perguntou ela.

Call assentiu, fechando a bolsa apressadamente.

— Era de minha mãe.

— Eu sei. Lembro quando ela a fez. Ela era uma maga do metal muito talentosa. — A mãe de Tamara inclinou a cabeça para o lado.

— Semíramis é o nome de uma rainha assíria que se transformou em uma pomba quando morreu. Callum também quer dizer *pomba*. Pombas representam paz, o que sua mãe mais queria na vida.

— Suponho que sim. — Call se sentiu ainda mais desconfortável por ter atraído a atenção da senhora Rajavi e também um pouco triste por aquela mulher saber mais sobre sua mãe que ele próprio.

A senhora Rajavi sorriu para ele, tirando uma mecha dos cabelos pretos dos olhos.

— Ela devia amá-lo muito. E você deve sentir muita saudade.

Call mordeu a parte interna da bochecha, lembrando-se das palavras que a mãe marcou no gelo da caverna onde morreu.

Ela devia ter levado um tempão escolhendo seu nome. Provavelmente fez uma lista, discutiu alguns favoritos várias vezes com Alastair antes de se decidir por Callum. Callum, que significava pombas, paz e o fim da guerra. E então Constantine Madden matou o filho dela e roubou aquele pequeno corpo para si. Call era o oposto de tudo que ela gostaria que fosse.

Call percebeu que se mordia com tanta intensidade que o interior da boca estava sangrando.

— Obrigado, senhora Rajavi. — Ele se forçou a dizer. Então, mal vendo para onde ia, embarcou no ônibus. Devastação o seguiu, deitando no corredor, de modo que todo mundo teve de passar por cima dele.

Havia alguns garotos já sentados. Aaron estava perto da frente. Ele chegou para o lado, abrindo espaço para Call se sentar ao seu lado e observar enquanto o senhor e a senhora Rajavi se despediam de Tamara.

Call pensou nas histórias de Tamara sobre os pais e a terceira irmã que se tornou uma das Devoradas. Ele se lembrou do quanto pareceram frios no Desafio. Será que estavam fingindo ser uma família perfeita por causa de Aaron, tentando agir como os pais imaginários que ele nunca teve?

Qualquer que fosse a impressão que pretendiam causar, Call não sabia dizer se haviam sido bem-sucedidos. Kimiya estava sentada no fundo do ônibus e chorou o caminho inteiro até o Magisterium.

↑≋∆O@

Call se lembrou da primeira vez em que chegou ao Magisterium e como as cavernas pareceram estranhas e diferentes, brilhando com lodo luminescente, os rios subterrâneos que serpenteavam em margens cobertas de limo, e as estalactites brilhantes penduradas como presas no teto.

Agora se sentia em casa. Um grupo risonho e tagarela de alunos transbordava pelos portões. As pessoas corriam de um lado para o outro se abraçando. Jasper atravessou a sala para cumprimentar Tamara, apesar de, pensou Call, irritado, mal fazer duas semanas desde que ele a vira pela última vez. Todo mundo se reuniu em torno de Aaron, até alunos do quarto e quinto anos, com suas pulseiras de prata e ouro, dando tapinha nas costas e afagando seu cabelo.

Call sentiu uma mão em seu ombro. Era Alex, que tinha chegado ao Magisterium antes do ônibus lerdo em que vieram.

— Lembre-se. — Ele olhou para Aaron. — Independentemente do frisson que façam por causa dele, você continua sendo o melhor amigo.

— Certo. — Call ficou imaginando se Alex estava triste com o fim do namoro, mas sem transparecer.

Alguém estava correndo para Call em meio à multidão.

— Call! Call! — Era Celia, os selvagens cabelos louros domados em um rabo de cavalo. Ela parecia muito feliz em vê-lo, o rosto todo brilhando. Alex se afastou com um sorriso entretido.

— Seu verão foi bom? — perguntou Celia. — Soube que foi para a casa de Tamara. Foi mesmo incrível? Você foi à festa? Soube que foi uma festa e tanto. Viu os truques dos magos? Realmente tinham manticoras congeladas?

— Eram manticoras feitas de gelo... não manticoras de verdade congeladas. — Call ficou tonto tentando acompanhar a linha de pensamento de Celia. — Quero dizer, eu acho. Manticoras existem?

— Parece sensacional. Jasper me contou tudo.

— Jasper é um... — Call olhou para o rosto sorridente de Celia e resolveu não explorar o assunto Jasper. Celia gostava de todo

mundo; parecia ser da natureza dela. — É. Então, por que você não foi?

— Ah. — Celia enrubesceu e desviou o olhar. — Não é nada. Meus pais não se dão muito bem com os da Tamara. Mas eu gosto dela — acrescentou a menina mais que depressa.

— Não teria problema se não gostasse — garantiu ele.

Ela pareceu confusa, e Call queria bater em si mesmo. O que ele sabia sobre o que seria problema ou não? Ele era a pessoa que mantinha uma lista mental sobre comportamentos potencialmente ruins. Tudo bem se ela não gostasse de Tamara? Tamara não era sua melhor amiga, assim como Aaron? Devastação de repente latiu e colocou as patas na camisa de Celia, interrompendo o assunto. Ela riu.

— Callum Hunt! — Mestre Rufus abria caminho pela multidão até eles. — Mantenha seu lobo Dominado pelo Caos em silêncio, por favor. — O mago lançou um olhar para Devastação, que deslizou pelo o chão, parecendo receber uma punição. — Tamara, Aaron, Call, me acompanhem até seus aposentos.

Aaron sorriu para Call enquanto levantavam as respectivas bolsas para os respectivos ombros e seguiam Mestre Rufus pelos túneis. Sabiam o caminho, e Call descobriu que não se sentia mais nervoso com as estalactites gotejantes e o frio silencioso das cavernas.

Tamara observou uma piscina onde peixes claros nadavam para frente e para trás. Call teve a impressão de ter visto uma forma cristalina correndo na parede atrás dele. Seria Warren? Ou outro elemento? Ele franziu o rosto, lembrando-se do pequeno lagarto.

Finalmente, estavam diante de seus velhos quartos. Mestre Rufus saiu da frente para permitir que Tamara acenasse sua nova pulseira de cobre na frente da porta, que se destrancou instantaneamente, permitindo que entrassem nos aposentos.

Os quartos estavam exatamente como quando chegaram para o Ano de Ferro. O mesmo lustre esculpido com desenhos de chama, o mesmo semicírculo de escrivaninhas, o mesmo par de sofás peludos, um diante do outro, e a mesma enorme lareira. Símbolos marcados em mica e quartzo brilhavam quando a luz os atingia, e três portas adornadas com seus nomes levavam aos quartos.

Call soltou um longo suspiro e se jogou em um dos sofás.

— O jantar será servido no Refeitório em meia hora. Depois vocês devem guardar suas coisas e deitar cedo. Os alunos do primeiro ano chegaram ontem. Amanhã as aulas começam — informou Mestre Rufus, lançando um olhar demorado a cada um deles. — Alguns dizem que o Ano de Cobre do aprendizado é o mais fatigante. Sabem por quê?

Os três se entreolharam. Call não fazia ideia de qual seria a resposta desejada por Mestre Rufus.

O professor meneou a cabeça para o silêncio deles, nitidamente satisfeito.

— Porque agora que já sabem o básico, vamos sair em missões. As aulas aqui serão dedicadas a deixarem todos em dia com matemática e ciência, assim como alguns novos truques, mas o verdadeiro aprendizado vai ser no campo. Começaremos essa semana com algumas experiências.

Call não fazia ideia do que concluir sobre o novo currículo, mas o fato de que Mestre Rufus estava feliz com isso só podia ser um mau sinal. Sair das salas claustrofóbicas e úmidas do Magisterium parecia legal, mas Call já se enganara outras vezes. Durante um de seus “exercícios externos”, ele quase se afogou sob uma pilha de troncos, e justo Jasper teve de puxá-lo para a superfície.

— Arrumem as coisas — ordenou Mestre Rufus com o habitual aceno régio de cabeça e saindo da sala.

Tamara arrastou a mala para o quarto dela.

— Call, é melhor vestir o uniforme antes do jantar. Devem ter deixado algum para você no seu quarto, como no ano passado. Ninguém pode ir ao Refeitório de jeans e uma camiseta que diz o doutor macaco sabe o que você fez.

— O que isso quer dizer, aliás? — Aaron quis saber.

Call deu de ombros.

— Não sei. Comprei num bazar de caridade. — Ele se espreguiçou. — Talvez eu tire um cochilo.

— Não estou cansado. Vou para a biblioteca. — Aaron abandonou a bolsa na sala e seguiu em direção à porta.

— Você quer descobrir sobre o Alkahest — supôs Call. Evidentemente era alguma espécie de arma, mas nenhum deles

tinha conseguido concluir exatamente o que era ou o que fazia. Ninguém parecia querer responder nenhuma pergunta a respeito, apenas usavam os termos mais vagos possíveis. E a biblioteca da casa dos Rajavi também não ajudou muito.

Call detestava admitir, mas ficou aliviado. Quanto mais falavam sobre o Alkahest, o Inimigo e seus possíveis planos, mais Call tinha a impressão de que ia ser pego.

— Preciso proteger as pessoas — explicou Aaron. — E não posso fazer isso sem conhecer qual é a ameaça.

Call suspirou.

— Podemos procurar alguma pista depois de desfazermos a mala?

— Você não precisa ir — disse Aaron. — Não vou correr nenhum perigo na biblioteca.

— Não seja idiota — retrucou Tamara. — É lógico que nós vamos. Call só precisa vestir o uniforme.

— É — concordou Call, com entusiasmo obviamente forçado, dirigindo-se ao quarto e jogando a bolsa na cama.

Teve um pouco de dificuldade para calçar as grandes botas que usavam no Magisterium a fim de se proteger contra as pedras e a água — e, ocasionalmente, lava —, mas concluiu que logo se acostumaria a elas de novo. Quando voltou para a sala compartilhada, Aaron e Tamara estavam empoleirados no encosto do sofá, compartilhando um saco de Ruffles. Tamara ofereceu uma batata a ele.

Call pegou o saco, enfiou um punhado de batatas na boca e foi para a porta. Aaron e Tamara o seguiram, e Devastação correu atrás deles, latindo. Quando saíram para o corredor, Devastação estava na frente.

— Biblioteca! — informou Call ao lobo. — Biblioteca, Devastação!

No caminho, Call jurou que seria útil. Afinal, o que fazia dos Suseranos do Mal pessoas ruins era a forma como agiam, não seus pensamentos secretos. E não havia nenhum Suserano do Mal que ajudasse os outros.

Era um alívio enorme poder caminhar pelos corredores do Magisterium abertamente com Devastação, em vez de precisar

escondê-lo no quarto. Os outros alunos olhavam com uma mistura de respeito, medo e admiração quando viam o lobo Dominado pelo Caos à frente deles.

Obviamente também se impressionavam com Aaron e a pedra preta em sua pulseira. Mas Devastação pertencia a Call.

Não que alguém achasse isso. *O lobo de Aaron*, ouviu os alunos sussurrando uns para os outros enquanto passavam. *Olha o tamanho! Aaron deve ser muito poderoso para conseguir controlá-lo.*

— Você se esqueceu de sua pulseira. — Aaron abriu um sorriso de lado, colocando a nova pulseira de cobre em um dos pulsos de Call. — De novo. Não me faça ter de lembrá-lo sempre.

Call revirou os olhos, fechando a pulseira. A sensação era confortável. Familiar.

Chegaram à biblioteca, que tinha a forma do interior de uma concha: uma sala em espiral que se estreitava na medida em que seguia até o nível mais baixo, onde havia longas mesas. Como as aulas ainda não tinham começado, o local estava vazio.

— Por onde começamos? — pensou Call em voz alta, olhando para a quantidade de livros que se espalhava por todos os lados.

— Bem, não sou nenhuma especialista em bibliotecas, mas *A* de *Alkahest* me parece uma boa aposta. — Tamara, avançou na frente deles. Ela obviamente estava animada por ter voltado à escola.

A biblioteca se dividia em seções e subseções. Eventualmente encontraram um livro chamado *Alkahests e outros índices da magia* em uma prateleira alta, o que exigiu que Aaron subisse em uma cadeira para alcançá-la.

Trouxeram o livro para uma das mesas grandes, e Aaron o abriu com cuidado. A lombada estava empoeirada.

Call tentou ler sobre o ombro de Aaron, captando algumas palavras. Um Alkahest, o livro dizia, era um solvente universal, uma substância que dissolvia todas as coisas, desde ouro e diamantes até a magia do caos. Enquanto Call franzia a testa, sem saber ao certo o que aquilo tinha a ver com o que escutaram, Aaron virou a página e eles viram um desenho do Alkahest, que não era uma substância, mas uma luva enorme — uma manopla — feita de cobre.

Composta por uma combinação de forças elementares, a manopla era uma arma criada para um propósito — extrair do Makar a habilidade de controlar o caos. Em vez de controlar o vazio, o Makar seria destruído pelo mesmo. A manopla podia ser feita por qualquer mago, mas precisava do coração vivo de uma criatura dominada pelo caos para lhe dar poder.

Call respirou fundo. Tinha visto a mesma manopla no desenho na horripilante sala de ritual montada na adega do pai. O Alkahest era a razão pela qual Alastair queria cortar o coração de Devastação.

Alastair devia ter tentado roubar a manopla da escola.

A cabeça de Call voou. Ele agarrou a ponta da mesa para se manter de pé. Aaron virou a página.

Havia uma foto em preto e branco da manopla em uma caixa de vidro, provavelmente em seu esconderijo na escola. Uma breve história era descrita em uma barra lateral ao lado da foto. O artefato havia sido criado por um grupo de pesquisadores que se autointitulavam a Ordem da Desordem. Mestre Joseph e Constantine Madden já tinham feito parte da equipe, na esperança de alcançar a profundidade da magia do caos e encontrar uma forma de permitir que mais magos acessassem o vazio. Quando Constantine Madden se dissociou e se tornou o Inimigo da Morte, a Ordem teve a esperança de que o Alkahest pudesse contê-lo.

Aparentemente, o Alkahest caiu nas mãos do Inimigo perto do fim da guerra, permitindo que seus capangas matassem Verity Torres no campo de batalha enquanto Constantine Madden conduzia mais de suas forças para a montanha, em La Rinconada, para o Massacre Gelado.

O livro dizia que a Ordem da Desordem ainda existia, pesquisando animais Dominados pelo Caos, apesar de ninguém saber ao certo quem passara a ser o líder da organização.

— Os magos vão descobrir quem tentou pegar o Alkahest — concluiu Tamara. — E agora ele está em um local mais seguro.

— Se alguém do pessoal de Constantine puser as mãos nisso, a próxima vez que eu vir a luva será quando estiver apontada para mim — bufou Aaron, preocupado. — Vamos ver se esse livro diz alguma coisa sobre como destruir o Alkahest.

Call queria dizer alguma coisa, tranquilizar Aaron, falar que não eram os capangas do Inimigo que estavam atrás da manopla; era só Alastair. Mas antes que ele pudesse decidir, Mestre Rufus apareceu, descendo as escadas da biblioteca. Seus três aprendizes se viraram, olhando, culpados, para ele, apesar de não haver nenhum motivo para tanto. Estavam em uma *biblioteca, pesquisando*. Rufus ficaria feliz da vida com isso.

Ele não parecia feliz, mas, sim, preocupado. Espiando sobre o ombro de Tamara, ele franziu o rosto e disse:

— Aaron, o Alkahest está trancado. A Assembleia o levou para um cofre fabricado por magos do metal durante a última guerra. Está no subterrâneo, embaixo de um lugar que você já visitou, e está completamente seguro.

— Eu só queria saber mais sobre o assunto — explicou Aaron.

— Entendo. — Mestre Rufus cruzou os braços sobre o peito. — Bem, não estou aqui para interromper os estudos de vocês. Estou aqui para falar com Callum.

— Comigo? — perguntou Call.

— Com você. — Mestre Rufus se afastou alguns passos dos outros, e Call o seguiu, relutante.

— Devastação, fique aí — murmurou Call. Ele não sabia ao certo o que o mago ia lhe dizer, mas dava para perceber que não era coisa boa.

— Seu pai está aqui para vê-lo — anunciou o Mestre.

— O quê? — Call não devia parecer chocado, mas era exatamente assim que se sentia. — Achei que pais não pudessem vir ao Magisterium.

— Não podem. — Mestre Rufus olhou para Call, como se estivesse tentando discernir a resposta para alguma pergunta. — Mas o Magisterium também não tem o hábito de sequestrar alunos. Presumo que você não tenha chegado aqui pelo método tradicional; Alastair nos informou que não conversaram antes de você sair de casa. Ele disse que você fugiu.

— Ele não me quer aqui — disse Call. — Ele me quer longe do Magisterium.

— Conforme você sabe — Rufus lembrou-lhe gentilmente —, isso não é possível para um mago que passou pelo Primeiro Portal.

Você precisa completar seu treinamento.

— Eu quero ficar. Não quero voltar com ele. Não preciso, preciso?

— Não. — Entretanto, pela forma como Mestre Rufus pronunciou a palavra, a resposta não pareceu tão definitiva. — Mas, como eu disse, não temos a intenção de roubar crianças dos pais. Achei que ele já tivesse se acostumado à ideia de você ser meu aprendiz.

— Na verdade, não — retrucou Call.

— Eu vou com você se quiser — ofereceu Mestre Rufus. — Quando você for falar com ele.

— Não quero falar com ele — decidiu Call. Parte dele queria encontrar o pai desesperadamente, queria se certificar de que ele estava bem após o horror de vê-lo caído contra uma parede. Mas ele sabia que não podia. Seria impossível os dois terem uma conversa que não envolvesse as palavras *Constantine*, *Alkahest* ou *me matar*.

Havia segredos demais que as pessoas podiam ouvir.

— Quero que peça para ele ir embora — disse Call ao professor.

Mestre Rufus olhou longamente para Call. Em seguida suspirou.

— Tudo bem. Farei o que está me pedindo.

— Você não parece querer fazer isso.

— Alastair já foi meu aluno um dia. Ainda tenho grande estima por ele. Torci para que o fato de você frequentar esta escola pudesse suavizar o ódio que ele tem dos magos e do Magisterium.

Call não conseguia pensar em nenhuma palavra para rebater o discurso do professor, por isso simplesmente balançou a cabeça.

— Por favor, faça com que ele vá embora — sussurrou.

Mestre Rufus assentiu e se virou para sair da biblioteca. Call olhou novamente para Aaron e Tamara. Ambos estavam inclinados sobre a mesa, as faces tingidas de verde pelas lâmpadas. Eles o encaravam, preocupados. Pensou em ir até eles, mas não estava com vontade de lidar com as perguntas que viriam. Em vez disso, virou e correu para fora da biblioteca o mais depressa que sua perna permitiu.

CAPÍTULO SEIS

Call vagou pelos corredores do Magisterium, dirigindo-se para os lagos frios e os rios que corriam pelas cavernas. Por fim, parou ao lado de um deles, tirou as botas e mergulhou os pés na água lamacenta.

Mais uma vez ficou pensando se ele era ou não uma boa pessoa. Sempre se considerou um garoto tranquilo, igual à maioria das pessoas. Não era terrível, mas também não era ótimo. Normal.

Mas Constantine Madden era um assassino. Um louco perverso que criou monstros e tentou enganar a morte. E Call era Constantine. Então isso não o tornava responsável por tudo que Constantine já tinha feito, mesmo que não se lembrasse?

E agora Call preocupava Aaron, que se preparava para uma ameaça que sequer existia, apenas porque era egoísta.

Call chutou a água, espalhando gotas pra todo lado e assustando os peixes pálidos e sem olhos que tinham se reunido em volta de seus pés.

Exatamente naquele momento um lagarto caiu do teto na pedra ao lado de Call.

— Argh! — gritou Call, levantando-se de um pulo. — O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui — respondeu Warren, com a língua para fora, pronto para lamber o próprio olho. — Estou olhando você.

Porque aquilo não era nem um pouco bizarro.

Call suspirou. A última vez em que tinha visto o lagarto, Warren conduziu Call, Tamara e Aaron para a sala de um dos Devorados, um mago que tinha usado tanta magia do fogo que se tornara um elemental. O alerta do Devorado soou novamente nos ouvidos de Call: *Um de vocês vai fracassar. Um de vocês vai morrer. E um de vocês já está morto*.

Agora ele sabia qual dos três era ele. Callum Hunt já estava morto.

— Vá embora — avisou ao lagarto. — Vá embora, ou eu o afogo no rio.

Warren o encarou com olhos arregalados antes de subir pela parede.

— Não sou a única coisa que está observando você — disse ele, antes de desaparecer pela escuridão.

Com um suspiro, Call pegou as botas e voltou descalço para seus aposentos. Lá, se jogou em um dos sofás e ficou observando a lareira, se concentrando em não pensar nada de mal até Tamara e Aaron voltarem com Devastação trotando atrás deles. Aaron trazia um grande prato de líquen.

Apesar de tudo, o estômago de Call roncou ao sentir o cheiro de frango frito que vinha da massa esverdeada.

— Você não apareceu no jantar — disse Tamara. — Rafe e Kai mandaram oi.

— Está tudo bem? — perguntou Aaron.

— Está. — Call pegou uma garfada de líquen e acrescentou mais uma mentira à lista crescente do Suserano do Mal.

↑≋△○@

As aulas começaram na manhã seguinte. Pela primeira vez, tinham uma sala de aula só para eles. Ou uma caverna de aula, ele supôs. Era grande, com paredes desiguais de pedra e uma depressão circular no centro. O círculo era um banco afundado, ao redor do qual podiam sentar para as aulas. Havia também uma piscina para praticar magia da água e para oferecer um contrapeso ao fogo. Além disso, havia um fosso de terra queimada. E — provavelmente só para Aaron — havia um pedestal feito de ferro, sobre o qual havia uma pedra preta, símbolo do vazio.

Aaron, Tamara e Call sentaram no banco enquanto Mestre Rufus alisava um pedaço de uma das paredes. Enquanto gesticulava, faíscas voavam de seus dedos, traçando letras sobre a pedra.

— Ano passado vocês atravessaram o Portal do Controle. Dominaram sua magia. Este ano vamos começar a trabalhar no controle dos próprios elementos.

Rufus começou a andar de um lado para o outro. Ele sempre fazia isso quando pensava.

— Alguns Mestres separam os alunos quanto tem um mago do caos em seu grupo. Eles o ensinam individualmente por acharem que um mago do caos pode interromper o equilíbrio do grupo de aprendizes.

— O quê? — Aaron parecia horrorizado.

— Eu não vou fazer isso. — Rufus franziu a testa para eles. Call ficou imaginando como era para ele ser o Mestre que tinha acabado com o Makar em seu grupo. A maioria dos Mestres mataria para ter essa oportunidade, mas a maioria dos mestres não era Rufus. Ele havia sido o professor de Constantine Madden, e aquilo deu muito errado. Talvez não quisesse mais correr riscos. — Aaron vai ficar com o grupo. E entendo que Call será seu contrapeso, certo?

Aaron olhou para Call como se estivesse esperando que o amigo retirasse a oferta.

— Eu serei — assegurou Call. — Quero dizer, se ele ainda quiser.

Isso fez com que Aaron abrisse um sorriso torto.

— Eu quero.

— Ótimo — assentiu Mestre Rufus. — Então trabalharemos exercícios de contrapeso, todos nós. Terra, ar, água e fogo. Aaron, quero que você seja proficiente em tudo isso antes de tentar utilizar Call como seu contrapeso.

— Porque eu poderia machucá-lo — concluiu Aaron.

— Poderia *matá-lo* — corrigiu Mestre Rufus.

— Mas não vai — garantiu Tamara a Aaron. Call fez uma careta, imaginando o quão próximos os dois tinham se tornado durante o verão, e se havia outra razão pela qual Aaron não havia mencionado a estadia na casa de Tamara.

Tamara olhou para Call com uma expressão estranhamente intensa.

— Não vou deixar nada de mal acontecer a você.

— Tenho certeza de que ninguém acha que você machucaria um amigo *de propósito.* — Mestre Rufus olhava para Call. — E vamos nos certificar de que nenhum de vocês se machuque por *acidente*.

Call bufou. Era exatamente aquilo que ele queria aprender. Como não machucar ninguém, nunca, nem por acidente.

Aaron pareceu horrorizado.

— Posso simplesmente não ter um contrapeso, já que ele pode *morrer*?

Mestre Rufus olhou para ele com alguma coisa que poderia ser pena.

— A magia do caos exige muito do Makar, e nem sempre é fácil perceber quando você está exagerando. Você *precisa* de um contrapeso para sua própria segurança, mas seria melhor se você nunca necessitasse fazer uso de um.

Call tentou sorrir para Aaron de forma a encorajá-lo, mas o amigo não o encarava.

Mestre Rufus seguiu enumerando o resto dos estudos daquele ano. Partiriam em missões na floresta que cercava o Magisterium e fariam pequenas tarefas — moveriam os cursos dos rios, apagariam labaredas, observariam os arredores e colheriam itens para análises mais cuidadosas. Algumas das missões incluiriam outros grupos de aprendizes, e, eventualmente, todos os alunos do Ano do Cobre seriam enviados juntos para capturar elementos rebeldes.

Call pensou em acampar sob as estrelas com Tamara, Aaron e Devastação. Parecia incrível. Poderiam esquentar marshmallows — ou ao menos torrar líquen — e contar histórias de fantasmas. Até o Ano de Cobre acabar e o verão recomeçar, poderiam fingir que o resto do mundo e todas as expectativas que ele envolvia não existiam.

↑≋△○@

Naquela noite, Call estava a caminho do Portão das Missões com Devastação quando Celia o alcançou. Ela havia trocado o uniforme que usava durante as horas escolares e trajava uma saia cor-de-rosa felpuda e uma blusa listrada de rosa e verde.

— Está indo para a Galeria? — perguntou ela, um pouco ofegante. — Podemos ir juntos.

Normalmente ele adorava as piscinas quentes, as bebidas gasosas e os filmes da Galeria, mas não sabia se queria ficar perto de tanta gente naquele momento.

— Só estava levando Devastação para dar uma volta.

— Vou junto. — Ela sorriu para ele, como se realmente achasse que ficar lá fora no escuro infestado de mosquitos com ele fosse tão divertido quanto a Galeria. Ela se abaixou para afagar a cabeça de Devastação.

— Hum, tudo bem. — Call não conseguia esconder a própria surpresa. — Ótimo.

Saíram e ficaram observando enquanto Devastação farejava pedaços de ervas daninhas. Vagalumes iluminavam o ar, como faíscas de uma fogueira.

— Gwenda trouxe um animal clandestinamente esse ano — informou Celia, de forma abrupta. — O nome dele é Bola de Pelo. Ela disse que como vocês têm um lobo o furão dela não será problema. O bicho nem é Dominado pelo Caos. Mas Jasper é alérgico, então não sei se Gwenda poder manter Bola de Pelo, independentemente do que diga.

Call sorriu. Qualquer coisa que fosse ruim para Jasper, tinha de ser boa para o mundo.

— Acho que gosto de Bola de Pelo.

No fim das contas, Celia se mostrou uma excelente fonte de informação. Ela contou a Call qual aprendiz estava sofrendo com uma coceira estranha, quem tinha piolho de caverna, que aluno do Ano de Ferro supostamente fez xixi na cama. Celia sabia que Alex e Kimiya tinham terminado e que Alex estava chateado. Ela também acusou Rafe de não valer nada.

— Como assim? Ele cola nas provas? — perguntou Call, confuso.

— Não. — Celia riu. — Ele beijou uma garota *na boca* depois que contou para outra garota que gostava dela. É Susan DeVille quem cola em provas. Ela escreve as respostas no pulso com tinta invisível e depois usa magia para transformar em tinta roxa.

— Você sabe tudo — comentou Call, impressionado. Ele não fazia a menor ideia de que aprendizes estavam confessando para outros aprendizes que gostavam uns dos outros. — E Jasper? Conte-me alguma coisa ruim sobre Jasper.

Ela o olhou com reprovação.

— Jasper é legal. Não sei de nada ruim sobre ele.

Call suspirou desapontado, justamente quando Devastação voltou com um galho enorme e cheio de folhas na boca. Largou-o aos seus pés, abanando o rabo, como se tivesse trazido um graveto de tamanho normal e quisesse que Call o arremessasse.

Após um momento de silêncio espantado, tanto Call quanto Celia começaram a rir.

Depois daquela noite, Celia se tornou companhia quase constante nas caminhadas noturnas de Devastação. Às vezes, Tamara e Aaron também iam, mas, como Tamara levava Devastação para passear de manhã e Aaron tinha muito trabalho extra por ser o Makar, na maioria das vezes eram apenas Call e Celia.

Certa noite, perto do fim de setembro, outra pessoa se juntou a Call na trilha fora da escola. Por um segundo, quando viu um menino pulando na direção dele de calça jeans e casaco — o calor tinha dado trégua e definitivamente havia um frio no ar —, pensou que fosse Aaron, mas, ao se aproximar, Call percebeu que era Alex Strike.

Ele parecia desalinhado e um pouco pálido, apesar de que podia ser só uma questão de o bronzeado do verão estar desbotando. Call estava parado no caminho segurando a coleira de Devastação, esperando enquanto Alex se aproximava. Call ficou definitivamente confuso. Desde o começo das aulas, Alex sequer havia sorrido para ele no Refeitório, e, se Alex ainda andava ajudando Mestre Rufus, Call não o viu. Presumiu que Alex estivesse evitando o grupo por causa de Kimiya, e também porque, bem, Alex era um dos garotos mais populares da escola e provavelmente não tinha tempo para um bando de alunos do Ano de Cobre.

Mas agora Alex definitivamente estava procurando por ele. Levantou a mão para cumprimentá-lo ao se aproximar de Call e Devastação.

— Oi, Call. — Ele se abaixou para afagar o lobo. — Devastação, quanto tempo.

Devastação ganiu, parecendo mortalmente ofendido.

— Achei que estivesse nos evitando — comentou Call. — Por causa de Kimiya.

Alex se recompôs.

— Você em algum momento não fala o que está pensando?

— Essa, de algum jeito, parece uma pergunta capciosa — refletiu Call.

Devastação puxou a coleira, e Call começou a caminhar pela trilha, seguindo lobo. Alex trotou atrás dele.

— Na verdade era sobre a Kimiya que eu queria conversar com você — revelou Alex. — Você sabe que a gente terminou...

— Todo mundo sabe. — Call fechou o zíper do casaco de capuz. Chovera recentemente, e as árvores estavam pingando.

— Tamara comentou alguma coisa sobre Kimiya com você? Sobre se ela ainda está com raiva de mim?

Devastação puxou a coleira. Call o soltou, e o lobo correu atrás de alguma coisa, provavelmente um esquilo.

— Acho que Tamara nunca me falou nada sobre Kimiya e você — respondeu Call, confuso. O primeiro instinto era dizer que não havia razão para lhe perguntar o que quer que fosse, porque ele não entendia nada sobre garotas e muito menos sobre namoro. Além disso, Tamara nunca mencionava as escolhas amorosas da irmã. E Kimiya era tão bonita que provavelmente já tinha outro namorado àquela altura.

Porém, o segundo instinto dizia que o primeiro era coisa de Suserano do Mal. Suseranos do Mal não ajudavam os outros com suas vidas amorosas.

Ele, Call, poderia ajudar Alex.

— Tamara tem um certo temperamento — continuou Call. — Quero dizer, ela se irrita com facilidade. Mas não permanece irritada por muito tempo. Então, se Kimiya for como a irmã, provavelmente não está mais irritada. Você pode tentar falar com ela.

Alex fez que sim com a cabeça, mas não parecia que Call estava falando nada que ele já não tivesse pensado.

— Ou você pode tentar *não* falar com ela — continuou Call. — Quando eu não falo com Tamara, ela vem e me bate, então essa pode ser uma forma de Kimiya vir até você primeiro. Além disso, uma vez que ela te bater, o gelo se quebra.

— Ou meu ombro — completou Alex.

— Quero dizer, se não funcionar, então, como dizem, “se você ama alguém, liberte-o, não prenda no subterrâneo ou em uma

caverna”.

— Não acho que a citação seja assim, Call.

Call olhou para Devastação correndo pela grama.

— Só não mostre a ela quem você é de verdade — disse Call. — Finja que é uma pessoa que ela pode amar, e aí ela vai amar. Porque, de qualquer jeito, as pessoas amam quem elas pensam que as outras pessoas são.

Alex soltou um assobio.

— Quando você se tornou tão cínico? Herdou de seu pai?

Call fez uma careta. Não sentia mais a menor vontade de ajudar.

— Isso não tem nada a ver com meu pai. Por que trazê-lo para a conversa?

Alex recuou, levantando as mãos.

— Ei, tudo que sei é o que as pessoas dizem. Que ele foi amigo do Inimigo da Morte um dia. Já fez parte do grupo de magos dele. E agora odeia os magos e tudo que se relacione a magia.

— E daí se odeia? — Call se irritou.

— Ele já procurou alguém? Algum mago? Alguém de quem costumava ser amigo?

Call balançou a cabeça.

— Acho que não. Ele tem uma vida diferente agora.

— É horrível quando as pessoas são solitárias — comentou Alex. — Minha madrasta ficou solitária quando meu pai morreu, até entrar para a Assembleia. Agora ela é feliz controlando a vida de todo mundo.

Call queria negar que Alastair não era feliz com seus novos amigos nerds e que nada sabiam sobre magia. Mas lembrou-se da rigidez na mandíbula do pai, na quietude ao longo dos anos, na forma assombrada que ele assumia algumas vezes, como se os fardos que carregava fossem pesados demais para suportar.

— É — falou Call afinal, estalando os dedos. Devastação correu pela montanha em sua direção, as garras arranhando a terra molhada. Tentou não pensar no pai, sozinho, em casa. No que o pai pensou quando Mestre Rufus disse que Call não queria nem o ver. — É horrível.

Pensou nisso no dia seguinte enquanto ouvia a aula de Mestre Rufus sobre o uso avançado de elementos. Mestre Rufus

caminhava de um lado para o outro na frente da turma, explicando como elementais rebeldes eram perigosos e normalmente precisavam ser eliminados, porém ocasionalmente os magos os consideravam úteis quando os enfeitiçavam para lhes servir.

— Voar, por exemplo, exaure nossas energias mágicas — disse o Mestre Rufus.

Aaron levantou a mão, um reflexo dos anos passados na escola pública.

— Mas controlar os elementais também não gasta energia mágica?

Mestre Rufus fez que sim com a cabeça.

— Interessante sua pergunta. Sim, gasta energia, mas não de forma contínua. Uma vez que você domina um elemental, mantê-lo exige menos energia. Quase todos os magos têm um ou dois elementais a seu dispor. E escolas como o Magisterium têm muitos.

— O quê? — Call olhou ao redor, meio que esperando ver um dragonete aquático tentando quebrar a parede de pedra.

Mestre Rufus ergueu uma das sobrancelhas.

— Como você acha que os uniformes ficam limpos? Ou os quartos de vocês, aliás?

Call nunca tinha pensado muito naquele tipo de coisa, mas ficou nervoso. Será que alguma criatura como Warren estava esfregando suas cuecas? Ficou ligeiramente alarmado com aquilo. Mas talvez isso fosse apenas um preconceito de espécie. Talvez precisasse abrir mais a cabeça.

Lembrou-se de Warren mastigando os peixes cegos. Talvez não.

Mestre Rufus prosseguiu, chegando ao ponto que queria.

— E, evidentemente, há os elementais que usamos em exercícios, embora alguns também sejam utilizados para a defesa da escola. Elementais antigos, que dormem profundamente nas cavernas, à espera.

— À espera do quê? — perguntou Call, com olhos arregalados.

— A invocação para a batalha.

— Está falando sobre se a guerra começar de novo. — A voz de Aaron não expressava nenhuma emoção. — Eles serão enviados para combater o inimigo.

Mestre Rufus fez que sim com a cabeça.

— Mas como vocês conseguem fazer para que eles os obedeçam? — insistiu Call. — Por que concordariam em ficar tanto tempo dormindo, e depois acordar só para a luta?

— Eles estão ligados ao Magisterium por uma antiga magia elemental — explicou Rufus. — Os primeiros magos que fundaram a escola os capturaram, eliminaram seus poderes e os posicionaram a muitos quilômetros debaixo da terra. Eles despertam ao nosso comando e são controlados por nós.

— E no que isso nos difere do Inimigo e dos Dominados pelo Caos? — De algum jeito, Tamara pegou as duas tranças e as transformou em um coque torto preso por uma caneta.

— Tamara! — retrucou Aaron. — É completamente diferente. Os Dominados pelo Caos são do mal. Exceto Devastação — acrescentou ele, mais que depressa.

— Então o que são essas coisas? Criaturas boas? — Tamara quis saber. — Se são boas, por que mantê-las presas no subterrâneo?

— Não são nem más, nem boas — respondeu Rufus. — São muitíssimo poderosas, como os Titãs gregos, e não se importam nem um pouco com os seres humanos. Aonde vão, a morte e a destruição seguem em seu encalço, não porque queiram matar, mas porque não entendem nem reconhecem o que fazem. Culpar um grande elemental por destruir uma cidade seria o mesmo que culpar um vulcão por entrar em erupção.

— Então eles precisam ser controlados para o bem de todos. — Call foi capaz de ouvir a dúvida e a desconfiança na própria voz.

— Um dos elementais metálicos, Automotones, escapou depois da batalha de Verity Torres com o Inimigo — lembrou Rufus. — Ele destruiu uma ponte. Os carros que estavam sobre ela caíram na água. Pessoas se afogaram antes de ele ser devolvido ao seu lugar debaixo do Magisterium.

— Ele não foi punido? — Tamara parecia particularmente interessada no tema.

Rufus deu de ombros.

— Como eu disse, seria como punir um vulcão por entrar em erupção. Precisamos dessas criaturas. São tudo o que temos para igualarmos a força dos Dominados pelo Caos de Constantine.

— Podemos ver alguma? — perguntou Call.

— O quê? — Rufus fez uma pausa, com a caneta em uma das mãos.

— Quero ver uma. — Nem Call sabia ao certo por que estava pedindo aquilo. Alguma coisa o atraía na ideia de uma criatura que não era nem boa, nem ruim. Que nunca tinha de se preocupar com o próprio comportamento. Uma força da natureza.

— Daqui a algumas semanas vocês começarão a ter missões — disse Rufus. — Ficarão sozinhos fora do Magisterium, viajando, conduzindo projetos. Caso sejam bem-sucedidos nessas tarefas, não vejo razão para que não possam ver um elemental adormecido.

Bateram à porta e, depois que Rufus autorizou a entrada, a empurraram. Rafe entrou. Ele parecia muito mais feliz desde a saída de Mestre Lemuel do Magisterium, mas Call ficou imaginando se ele havia ficado com medo de voltar à escola após a morte de Drew.

— Mestre Rockmaple mandou isso para você. — Ele estendeu um papel dobrado para Mestre Rufus.

O professor o leu e, em seguida, amassou o bilhete em uma das mãos. O papel pegou fogo, escurecendo até se transformar em cinzas.

— Obrigado — agradeceu ele a Rafe com um aceno de cabeça, como se queimar correspondências fosse uma atitude totalmente razoável. — Diga ao seu mestre que o encontrarei no almoço.

Rafe se retirou, com os olhos arregalados.

Call queria desesperadamente saber o que havia naquele papel. O problema de guardar um grande segredo era que toda vez que alguma coisa acontecia, Call se preocupava com a possibilidade de ter alguma coisa a ver com ele.

Entretanto, Mestre Rufus sequer olhou em sua direção ao retomar a aula. Como nada de especial aconteceu nos dias subsequentes, Call esqueceu de se preocupar.

Na medida em que as semanas passavam e as folhas nas árvores começavam a ficar amarelas, vermelhas e laranjas, como um fogo conjurado, ficava cada vez mais fácil para Call se esquecer de que tinha um segredo.

CAPÍTULO SETE

Conforme o tempo esfriava, Call começou a usar moletons e casacos nos passeios com Devastação, que nunca havia vivenciado o outono de fato e estava se divertindo muito, se escondendo em pilhas de folhas, deixando só as patas de fora.

— Ele acha que não conseguimos vê-lo? — perguntou Celia, curiosa, certa noite, depois que Devastação pulou na lateral de uma colina e caiu em uma pilha enorme de folhas. Só o rabo era visível, saindo da ponta do monte.

— Só estou vendo o rabo — disse Call. — Ele está indo muito bem, na verdade.

Celia riu. Apesar de no início Call estranhar o fato de Celia rir de tudo, estava começando a achar bem legal a mania da amiga. Ela vestia um casaco vermelho peludo e estava com as bochechas coradas e bonitas.

— Então, como seu pai reagiu quando você levou Devastação para casa? — perguntou ela, pegando do chão um punhado de folhas amarelas, douradas e vermelhas.

Call escolheu cuidadosamente as palavras.

— Não muito bem. Quero dizer, moramos em uma cidade pequena. Seria complicado manter qualquer animal de estimação em segredo, e, apesar de ninguém saber o que é um Dominado pelo Caos, todo mundo sabe o que é um lobo grande.

— É. — Celia arregalou os olhos, solidária. — Ele deve ter ficado com medo de alguém machucar Devastação.

Celia era tão *gentil*, pensou Call. Nunca ocorreu a ela que o próprio Alastair pudesse machucar Devastação. O que era impressionante, considerando que a única vez em que ela viu Alastair, no dia do Desafio de Ferro, ele estava com os olhos arregalados e empunhava uma faca. Por reflexo, Call tocou o cabo de Miri, que escapava do bolso interior do casaco.

— Essa era a faca de sua mãe, não é? — perguntou Celia, tímida.

— É. Ela a fez quando era aluna do Magisterium. — Ele engoliu em seco. Tentava não pensar muito na mãe, em se ela o amaria independentemente das impressões digitais de sua alma.

— Sei que ela morreu no Massacre Gelado — disse Celia. — Sinto muito.

Call limpou a garganta.

— Tudo bem. Foi há muito tempo. Eu nunca a conheci, na verdade.

— Também não conheci minha tia — confessou ela. — Eu era bebê quando ela morreu no Massacre Gelado. Mas se eu tivesse a chance de me vingar um dia, eu...

Ela se interrompeu, parecendo envergonhada. Devastação havia se libertado das folhas e trotava pela colina, com gravetos presos em sua pelagem.

— Você o quê? — perguntou Call.

— Eu mataria o Inimigo da Morte com minhas próprias mãos — declarou, decidida. — Eu o odeio tanto.

Call sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Celia olhava para as folhas em sua mão, deixando-as cair como confete. Ele conseguia perceber que os lábios dela tremiam, que ela estava a um segundo de chorar. Outra pessoa, um amigo melhor, teria dado um passo à frente e posto um braço em volta da garota, talvez lhe afagado os ombros. Mas Call ficou paralisado. Como poderia confortar Celia por algo que ele mesmo tinha feito?

Se descobrisse a verdade, ela o detestaria.

↑≋△○@

Naquela noite, Call teve um sonho. Ele estava andando de skate por sua cidade com Devastação, que tinha o próprio skate verde e dourado, com rodas dentadas. Ambos estavam de óculos escuros, e, sempre que passavam por alguém na rua, essa pessoa começava a aplaudir espontaneamente e jogava punhados de balas para eles, como se estivessem em um desfile de dia das bruxas.

— Oi, Call — disse Mestre Joseph, aparecendo subitamente no meio da rua. Call tentou passar direto por ele quando tudo ficou

branco, como se estivessem em uma folha de papel. Devastação tinha sumido.

Mestre Joseph sorriu para Call. Ele usava as longas vestes da Assembleia e estava com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

Call começou a recuar.

— Saia de meu sonho. — Ele olhou ao redor, descontrolado, em busca de alguma coisa, qualquer coisa que pudesse usar como arma. — Saia de minha cabeça!

— Temo que não possa fazer isso. — Havia uma mancha escura na frente das vestes de Mestre Joseph. Parecia água suja. Call se lembrou dele segurando o corpo sem vida de seu filho, Drew, como a água tinha caído sobre Mestre Joseph e como ele chorara com soluços horrorosos.

Depois, ele se levantou e chamou Call de "Mestre". Disse que não tinha problema Drew estar morto, porque Call era Constantine Madden, e, se Constantine Madden queria Drew morto, então devia ter bons motivos para isso.

— Isso não é real — insistiu Call, apontando para a própria perna, que não estava cheia de cicatrizes nem fina, e não doía nada. — O que significa que você não é real.

— Ah, mas sou. — Mestre Joseph estalou os dedos, e a neve começou a cair, cobrindo os cabelos de Call e se prendendo em seus cílios. — Tão real quanto isso. Tão real e terrível quanto a escolha que Alastair Hunt precisa fazer.

— O quê? Que escolha? — perguntou Call, sugado para a discussão apesar de tudo.

Mestre Joseph prosseguiu, como se Call não tivesse falado nada.

— Por que você continua no Magisterium, onde só vão desprezá-lo? Você pode ficar com o homem que o criou e comigo, seu amigo leal. Pode ficar seguro. Podemos começar a reconstruir seu império. Se você concordasse, eu poderia levá-lo hoje.

— Não — respondeu Call. — Jamais irei com você.

— Ah, vai sim. Talvez não agora, mas um dia você irá. Eu o conheço, entende, muito melhor do que você mesmo se conhece.

Quando Call acordou, ainda sentia a ferroada fria da neve em seu rosto e estremeceu. Colocou a mão na bochecha. A mão voltou

molhada. Ele tentou dizer a si mesmo que havia sido só um sonho, mas sonhos não derretiam em sua pele.

↑≋△○@

Na aula seguinte, Call levantou a mão antes que Mestre Rufus começasse a falar. As sobrancelhas do professor se ergueram. Tamara pareceu surpresa, e Aaron estava ocupado demais procurando alguma coisa na mochila para prestar atenção.

— Não precisa fazer isso — retrucou Mestre Rufus. — São só vocês três aqui.

— É um hábito. — Call balançou um pouco os dedos, um truque que todos que queriam uma autorização para ir ao banheiro conheciam bem.

Mestre Rufus suspirou.

— Tudo bem, então, Call. O que você quer?

Ele abaixou a mão.

— Quero saber como impedir que as pessoas nos encontrem.

Mestre Rufus passou a mão no rosto, como se tivesse ficado um pouco desconcertado pela pergunta.

— Não sei se entendi o que quer, ou por que precisa saber disso. Tem alguma coisa que queira me contar?

Tamara olhou com aprovação para Call.

— É uma coisa inteligente. Se soubéssemos nos esconder melhor, Aaron estaria mais seguro.

Call podia não ser esperto o suficiente para pensar naquilo, mas era esperto o bastante para ficar calado.

Aaron finalmente levantou o olhar ao ouvir o próprio nome, piscando algumas vezes, como se estivesse tentando entender do que estavam falando.

— O elemento ar é o que nos permite comunicação a grandes distâncias — explicou Mestre Rufus. — Então é o elemento da terra que bloqueia essas comunicações. Você pode enfeitiçar uma pedra para proteger a pessoa que a veste, ou a carrega consigo. Agora me diga por que escolhemos construir a escola onde a construímos.

— Para que a localização embaixo da pedra protegesse a escola de ser encontrada? — arriscou Aaron. — Mas e aquele telefone de

tornado que você deixa Call usar?

E meu sonho?, pensou Call, mas manteve-se em silêncio.

Mestre Rufus meneou a cabeça.

— Sim, a terra ao redor do Magisterium é enfeitiçada. Existem áreas de acesso onde podemos estabelecer contato com o mundo exterior. Talvez devêssemos fazer para nosso Makar uma pedra especificamente enfeitiçada contra vidência. Juntem-se que eu lhes mostro como fazê-lo. Mas, Call e Tamara, se eu descobrir que estão utilizando essa pedra para escapar por aí ou esconder alguma coisa, estarão mais encrencados do que podem imaginar. Vou trancá-los no subterrâneo como um daqueles elementais sobre os quais conversamos.

— E Aaron? Por que ele não foi incluído no sermão? — Tamara franziu o cenho.

Mestre Rufus olhou na direção de Aaron e em seguida voltou-se novamente para Tamara e Call.

— Porque individualmente você e Call podem causar problemas, mas juntos são ainda piores.

Aaron riu. Call tentou não olhar na direção de Tamara. Temeu que, se o fizesse, fosse descobrir que ela estava chateada por Mestre Rufus pensar que ela se parecia com Call em alguma coisa.

↑≈△○@

O dia em que tudo começou a se desenrolar para Call não foi tão diferente de muitos outros dias. Ele estava lá fora com o grupo de Mestra Milagros — Jasper, Nigel, Celia e Gwenda. Treinavam jogar raios de fogo uns contra os outros. A manga de Call já estava queimada, e, com sua perna, ele precisava fazer muitos desvios a fim de evitar queimaduras. Aaron, que Call de repente percebeu ser um traidor malvado e corrupto, fugia do caminho na metade das vezes, em vez de usar magia.

Por fim, Call sentou em um tronco, arfando. Jasper olhou para ele como se estivesse considerando atear fogo no assento, mas pareceu desistir da ideia quando Tamara jogou uma explosão de calor em sua direção.

— O mais importante — disse Mestre Rufus, sentando ao lado de Call — é sempre controlar as circunstâncias. As outras pessoas vão *reagir* a elas, mas, se você *controlá-las*, terá vantagem.

Isso soava perturbadoramente parecido com o que Alastair havia lhe dito no último verão. *A maneira mais segura de impedir que os vizinhos façam escândalo é controlar as circunstâncias sob as quais Devastação é visto*. Era fácil pensar que o treinamento de Alastair no Magisterium não o tinha afetado em nada, mas Mestre Rufus também foi seu professor.

— O que isso quer dizer? — perguntou Call.

Mestre Rufus suspirou.

— Se você não consegue pular como os outros, leve-os por um caminho em que tenham a mesma desvantagem. Para uma árvore. Um rio. Ou, melhor ainda, leve-os a um território em que você terá a vantagem. Crie sua própria vantagem.

— Não existe território no qual eu tenha vantagem — murmurou Call.

Entretanto, passou o dia todo pensando no que o Mestre Rufus dissera, enquanto comia batatas roxas no Refeitório, enquanto andava com Devastação e, depois, enquanto olhava para o teto desigual de pedra em seu quarto à noite.

Ficou pensando no pai *controlando as circunstâncias* e procurando um *território no qual tivesse vantagem*. Ficou pensando nas correntes na casa do pai e no desenho do Alkahest em sua escrivaninha. Só conseguia chegar à mesma conclusão.

Tinha quase certeza de que havia sido seu pai quem tentara roubar o Alkahest, mas aquilo também significava que havia sido seu pai quem *fracassara* naquela missão. Mas... e se o fracasso tivesse sido proposital?

E se Alastair tivesse fracassado, sabendo que os magos levariam o Alkahest para fora da escola, para um local mais seguro? E se ele já soubesse qual seria o provável local seguro que usariam — um território onde ele tinha a vantagem?

Em casa, ao lado dos desenhos do Alkahest, havia um mapa com o hangar onde foi realizado o Desafio de Ferro.

Call até então imaginava de onde Alastair tirara aquilo. Os pais de Tamara disseram que Alastair era um grande mago do metal, e

Mestre Rufus havia garantido que o Alkahest estava seguro, em um cofre criado por magos do metal, embaixo de um local onde as crianças já estiveram. O hangar era feito quase todo de metal. Talvez Alastair — sendo um grande mago do metal — tivesse sido uma das pessoas que ajudara a construir o cofre, umas das pessoas que sabia exatamente como entrar no Hangar e abri-lo.

Se tudo aquilo fosse verdade, então Alastair não tinha falhado na tentativa de roubo. Se tudo aquilo fosse verdade, o Alkahest estava mais vulnerável que nunca.

Call ficou deitado sem dormir por um bom tempo naquela noite, olhando a escuridão.

↑≋△○@

Call passou quase todo o dia seguinte em um torpor. Não conseguiu prestar atenção na aula quando Mestre Rufus tentava ensiná-los a levitar objetos usando magia da terra e do metal, e derrubou uma vela acesa na cabeça de Tamara. Esqueceu de passear com Devastação, o que resultou em desagrados para o tapete de seu quarto. No Refeitório, distraiu-se com um aceno de Celia e quase esbarrou em Aaron.

Aaron tropeçou, segurando-se na beirada de uma das mesas de pedra, na qual havia enormes caldeirões de sopa.

— Tudo bem — disse ele com firmeza, tirando das mãos de Call seu prato de sopa. — Chega.

Fervorosamente, Tamara fez que sim com a cabeça.

— Já passou dos limites.

— O que foi? — Call estava alarmado; Aaron tinha ficado muito sério, empilhando comida rapidamente no prato de Call. Montanhas de comida. — O que está acontecendo?

— Você está muito estranho — respondeu Tamara, que também estava com um prato cheio. — Vamos voltar ao quarto para conversar sobre isso.

— O quê? Eu não... eu não... — Mas Call foi levado pela determinação dos amigos, como uma mariposa em uma ventania. Carregando pratos, Tamara e Aaron o levaram para fora do

Refeitório pelos corredores, até o quarto, e o empurraram para dentro, ainda sob protestos.

Pousaram os pratos sobre a mesa e foram pegar talheres. Segundos depois, estavam reunidos em volta da comida, espetando pizza de líquen com o garfo e comendo purê de batatas.

Hesitante, Call pegou o garfo.

— Como assim, estou estranho?

— Distraído — explicou Tamara. — Não para de derrubar e de esquecer coisas. Você chamou Mestre Rufus de Jasper, e Jasper de Celia. E se esqueceu de passear com Devastação.

Devastação latiu. Call o olhou sombriamente.

— Além disso, fica olhando para o nada, como se alguém tivesse morrido. — Aaron entregou um garfo a Call. — O que está acontecendo? E não diga que não é nada.

Call olhou para eles. Seus amigos. Estava tão cansado de mentir. Não queria ser como Constantine Madden. Queria ser uma boa pessoa. A ideia de contar a verdade era horrível, mas ser bom não era para ser uma coisa divertida, era?

— Prometem que não vão contar a ninguém? — perguntou Call aos dois. — Prometem e juram pela... pela honra de magos?

Call se sentiu um tanto orgulhoso daquilo, considerando que tinha acabado de inventar. Tanto Call quanto Tamara pareceram impressionados.

— Com certeza — respondeu Tamara.

— Definitivamente! — Aaron fez coro.

— Acho que foi meu pai quem tentou roubar o Alkahest — confessou Call.

Aaron derrubou o prato de líquen na mesa.

— *O quê*?

Tamara parecia absolutamente horrorizada.

— Call, não brinque com isso.

— Não estou brincando — disse Call. — Não faria isso. Acho que ele tentou roubar o Alkahest da escola, e acredito que vai tentar de novo. Desta vez, ele pode conseguir.

Aaron o encarou.

— Por que seu pai faria isso? Como você sabe?

Call contou a eles sobre o que achou no porão, sobre Devastação ter sido acorrentado, sobre os livros abertos com as ilustrações do Alkahest. Contou também sobre o mapa do hangar.

— Ele arrancaria o coração de Devastação para ativar o dispositivo? — O rosto de Tamara estava esverdeado.

Ao ouvir o próprio nome, o lobo olhou para Call e ganiu. Call fez que sim com a cabeça.

— Mas você não o viu em lugar algum? O Alkahest em si? — perguntou Aaron.

Call fez que não com a cabeça.

— Eu não sabia que era uma coisa real. Não sabia o que ele estava fazendo, ou para que queria Devastação. — Ele não mencionou as algemas do tamanho de um menino na parede. Estava preparado para contar parte da verdade, mas não toda. Não sabia exatamente em que posição aquilo se encaixava na tabela do Suserano do Mal, mas não se importava.

— Por que seu pai ia querer matar Aaron? — indagou Tamara.

— Ele não ia querer — respondeu Call rapidamente. — Tenho total e completa certeza de que meu pai não está trabalhando para o Inimigo da Morte.

— Mas então por que ele...? — Tamara balançou a cabeça. — Não entendo. Seu pai odeia magia. Por que ele estaria tentando ativar um Alkahest se não quisesse...

Call estava começando a entrar em pânico. Por que Tamara não acreditava nele? Uma pequena parte dele sabia que deixar de fora a parte da história em que Call era o Inimigo da Morte dificultava explicar por que Alastair não queria o Alkahest por causa de Aaron.

— Ele odeia o Magisterium. — Call cerrou os punhos embaixo da mesa. — Talvez ele só queira enlouquecer os magos. Assustar.

— Talvez ele queira matar o Inimigo — sugeriu Aaron. — Talvez esteja tentando se livrar dele para que você fique seguro.

— O Inimigo está por aí há dezenas de anos — disse Tamara. — E Alastair simplesmente teve essa ideia? E é uma coincidência o fato de que no instante em que um novo Makar aparece, ele comece a trabalhar em um dispositivo que assassina justamente o Makar?

— Talvez ele esteja tentando se livrar de *mim* para que Call fique seguro. — Os olhos verdes de Aaron escureceram. — Quase causei

a morte de vocês dois quando me sequestraram, e Call concordou em ser meu contrapeso. Isso é perigoso.

— Como Call disse, Alastair detesta magos. Não acho que ele se importe com a guerra. Se ele derrubar o Magisterium, Call não terá mais de vir para cá, e isso é o que ele mais quer na vida. — Tamara mordeu uma unha, nervosa. — Precisamos contar a alguém.

— O quê? — Call se sentou, ereto. — Tamara, eu juro, Alastair não está trabalhando para o Inimigo!

— E daí? — disse Tamara com um fio de voz. — Ele está tentando roubar um dispositivo mágico poderoso. Mesmo que seu pai só queira guardá-lo para dormir melhor à noite, o Alkahest é muito valioso e extremamente mortal. E se o Inimigo souber que Alastair está com ele? Ele mataria seu pai para pegar o Alkahest. Contar aos outros magos vai ajudar a protegê-lo.

Call se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Não. Eu vou até meu pai e vou dizer que sei dos planos dele. Assim ele não vai poder continuar com essa ideia, e o Alkahest permanecerá seguro.

— Isso é muito arriscado — retrucou Aaron. — Seu pai ia arrancar o coração de Devastação. Não acho que você deva chegar perto dele sozinho. Ele jogou uma faca em você, lembra?

— Ele estava jogando *para* mim — corrigiu Call, apesar de não acreditar mais nisso.

Tamara respirou fundo.

— Sei que não quer colocar seu pai em encrenca, mas ele cavou a própria cova.

— Ele é meu *pai*. Eu deveria ser a pessoa que decide. — Call olhou para Tamara. Os olhos escuros da menina estavam fixos nele. Call respirou fundo e usou sua última carta. — Vocês juraram que guardariam meu segredo. Juraram pela própria honra.

A voz de Tamara falhou.

— Call! E se você estiver enganado quanto a ele querer machucar Aaron? E se estiver enganado em relação a seu pai? Pode estar. Nem sempre se conhece a própria família como se pensa.

— Então você estava mentindo — disse Call. — Mentiu na minha cara. Você não tem honra alguma.

Aaron se levantou.

— Gente, calma...

— Olhe, eu vou contar para Mestre Rufus — declarou Tamara. — Eu sei que você não quer que eu faça isso, sei que eu disse que não faria, mas preciso.

— Não precisa. — Call elevou a voz. — Se você se importasse com alguma coisa além de avançar no Magisterium, não contaria. Você teoricamente é minha amiga. Teoricamente deve manter a palavra.

— Aaron é seu amigo! — gritou ela. — Não se importa com o que o Inimigo pode fazer com ele?

— Se Call diz que o pai não está trabalhando para o Inimigo, eu acredito — falou Aaron apressadamente. — Eu é que estou correndo perigo, então a escolha deve ser minha...

A face de Tamara estava rubra, e ela trazia lágrimas nos olhos. Call percebeu que, de qualquer maneira, ela sempre colocaria Aaron na frente dele.

— Você vai se permitir correr perigo! — berrou ela. — Você é assim! E Call sabe disso. — Ela se voltou para Call. — Como você ousa se aproveitar disso. Vou contar para o Mestre Rufus. Eu vou. E, se alguma coisa acontecer com Aaron por causa do Alkahest, então... a culpa é sua!

Ela virou e saiu do quarto. Call percebeu que estava tão ofegante quanto se estivesse correndo. E em seguida estava *realmente* correndo, correndo atrás de Tamara.

— Devastação — gritou ele. — Vamos! Atrás dela! Quero dizer, não a machuque. Só estropie um pouco!

Devastação uivou, mas Aaron — após lançar um olhar enojado para Call — o pegou pela coleira. O Makar se jogou sobre o lobo enquanto Call saltitava pelo corredor a tempo de ver as tranças de Tamara dobrando o fim do corredor. Ele foi atrás dela, mas sabia que com sua perna jamais conseguiria alcançá-la.

A fúria inflou em seu peito enquanto ele corria. Tamara era desconfiada e uma péssima pessoa. Ele esperava que os amigos fossem ficar bravos, mas não que fossem *traí-lo*. Puxões ardentes

de dor subiam por sua perna; ele escorregou e caiu de joelhos, e por um instante — só um instante — pensou exatamente no que faria se tivesse duas pernas boas, se pudesse deixar a dor para trás. O que ele não faria por isso? Será que chegaria a matar? Será que pararia de se importar com sua lista de Suserano do Mal?

— Call? — Sentiu a mão sobre seu ombro, e depois sobre seu braço, puxando-o para cima. Alex Strike, alinhado como sempre, com o uniforme em perfeito estado, parecia preocupado. — O que você está fazendo?

— Tamara... — engasgou Call.

— Ela foi na direção do escritório de Rufus. — Alex apontou para um par de portas de ferro e cobre. — Tem certeza de que deve...

Mas Call já estava desviando dele. Sabia exatamente onde ficava o escritório de Rufus. Correu pelo último corredor e abriu a porta.

Tamara estava no centro do recinto, sobre um tapete circular. Rufus se apoiava sobre a mesa, iluminado pelo brilho das luzes atrás dele. Parecia muito sério.

Call parou. Seu olhar ia de Tamara para Rufus.

— Não pode — disse ele para Tamara. — Não pode contar para ele.

Tamara ajeitou os ombros.

— Preciso, Call.

— Você *prometeu.* — A voz de Call falhava. Ele meio que pensou que Aaron o teria seguido, mas não foi o caso, e, de repente se sentiu terrivelmente sozinho, encarando tanto Tamara quanto Rufus, como se fossem inimigos. Sentiu uma onda de raiva por Tamara. Não queria ter raiva dela, ou esconder coisas de Rufus. Jamais queria estar naquela posição. E nunca quis pensar que não podia confiar na amiga.

— Parece que tem alguma coisa séria acontecendo aqui — atestou Rufus.

— Nada — negou Call. — Não tem nada de errado.

Rufus olhou de um para o outro, de Call para Tamara. Call sabia em qual dos dois ele confiaria. Sabia até em qual dos dois deveria confiar.

— Tudo bem — falou Tamara. — Vou contar. Foi Alastair Hunt quem tentou roubar o Alkahest, e, se não o contivermos, ele vai tentar outra vez.

Mestre Rufus ergueu as sobrancelhas.

— Como sabe disso?

— Porque — continuou Tamara, mesmo enquanto Call a fuzilava com o olhar — Call contou.

CAPÍTULO OITO

Os magos mandaram Tamara de volta para o quarto. Ela saiu sem olhar para Call, a cabeça baixa, os ombros curvados. Ele não disse nada a ela. Teve de ficar e responder perguntas intermináveis sobre o que tinha visto e o que não tinha visto, sobre o comportamento de Alastair, e se ele tinha falado sobre Constantine Madden. Perguntara a Call se ele sabia que o pai já tinha sido amigo de Constantine, principalmente se Alastair já tinha falado sobre a mãe de Call, Sarah, de forma que sugerisse que queria trazê-la dos mortos.

— Dá para fazer isso? — perguntou Call. Mas ninguém respondeu diretamente.

Call pôde perceber que enquanto Aaron — e até mesmo Tamara — acreditou que Alastair não estava trabalhando com o Inimigo, todos os Mestres tinham certeza de que ele era um traidor. Ou louco. Ou um traidor louco.

Se Call quisesse tirar a credibilidade de Alastair, para tornar impossível que alguém acreditasse nele caso alegasse que Call tinha a alma de Constantine Madden, não podia ter feito um trabalho melhor. Essa parte deveria tê-lo deixado feliz, mas não foi o caso. Nada o deixou feliz. Estava furioso consigo mesmo e ainda mais furioso com Tamara.

Já era tarde quando finalmente o dispensaram, e Mestre Rufus o acompanhou até o quarto.

— Agora entendo por que você não quis ver seu pai quando ele veio procurá-lo — disse Mestre Rufus.

Call não respondeu. Adultos tinham um talento incrível para constatar o óbvio e também para compartilhar suas conclusões sempre que chegavam a alguma.

— Você precisa saber que não está encrencado, Callum — continuou Rufus. — Ninguém esperaria que você fosse violar o segredo de seu pai, mas esse fardo jamais deveria ter sido posto em seus ombros.

Call ficou em silêncio. Tinha passado horas falando, e não tinha mais nada a dizer.

— Seu pai se tornou muito excêntrico depois da guerra. Talvez nenhum de nós quisesse enxergar o quão extremo seu comportamento havia se tornado. Trabalhar com os elementos, como nós fazemos, traz muitos perigos. Podemos curvar o mundo à nossa vontade. Mas os reflexos na mente podem ser enormes.

— Ele não é louco. — Call se irritou.

O Mestre Rufus pausou e olhou para Call por um longo instante.

— Eu tomaria muito cuidado falando isso em algum lugar onde alguém pode escutá-lo — aconselhou Mestre Rufus. — É melhor que o mundo pense que ele é louco do que pense que ele está trabalhando com o Inimigo.

— Você acha que ele é louco?

— Não consigo imaginar Alastair trabalhando com Constantine — respondeu Rufus após uma pausa. — Fui professor dos dois. Eram, de fato, amigos. Ninguém se sentiu mais traído por Constantine ter escolhido o lado do mal que Alastair. Ninguém ficou mais determinado a destruí-lo, principalmente depois que Sarah foi morta. Não existe traição maior que a de um amigo.

Call olhou para Rufus, sentindo-se tonto. Ele pensou em Aaron, que tinha nascido para destruir Call. Destinado a esse ato, mesmo que não soubesse disso.

— Algumas pessoas são destinadas a ser amigas, e outras, inimigas — concluiu Rufus. — No fim das contas, o universo se ajeita.

— Tudo em equilíbrio — murmurou Call. Era um ditado alquímico.

— Exatamente. — Rufus colocou a mão no ombro de Call, o que, para sua surpresa, foi o suficiente para fazê-lo saltar. — Você vai ficar bem?

Call fez que sim com a cabeça e entrou em seus aposentos. Estavam vazios. Tanto Tamara quanto Aaron já tinham ido para os respectivos quartos, as portas estavam trancadas. Ele foi para o próprio quarto e deitou na cama, totalmente vestido. Devastação já estava dormindo nas cobertas. Call tirou Miri da bainha e a segurou

onde pudesse vê-la, onde pudesse enxergar as espirais e curvas de metal dobrado na lâmina. *Paz*.

Ele deixou a mão cair para o lado e fechou os olhos, exausto demais para perder tempo se despindo.

↑≋△○@

Ele acordou no dia seguinte com os gritos do primeiro sinal, o que significava que já estava atrasado para o café da manhã. Não tinha comido muito na noite anterior e estava tonto, como se tivesse levado muitos socos no estômago em vez de apenas perdido uma refeição.

Ele vestiu um uniforme limpo e calçou as botas.

Nem Tamara, nem Aaron estavam esperando por ele na sala compartilhada. Ou tinham decidido que o odiavam, ou nem sabiam que ele voltara na noite anterior.

Com o lobo Dominado pelo Caos em seu encalço, Call iniciou a caminhada a passos duros para o Refeitório. O lugar já estava lotado de vários aprendizes. Alunos do Ano de Ferro vestidos de preto andavam por ali, ainda fazendo caretas pela bagunça das pilhas de comidas de líquen de diferentes cores, boquiabertos com as grandes fatias de cogumelo tostando na grelha. Alguns dos aprendizes dos anos de Prata e Ouro sentavam em grupos, tinham voltado das missões e olhavam em volta com desdém, como se já fossem Mestres.

Aaron estava sentado a uma mesa com outros alunos dos Anos de Cobre. Celia estava lá, assim como Gwenda, Rafe, Laurel e Jasper. Os pratos na frente deles estavam limpos.

Tamara ocupava outra mesa com Kimiya e os amigos dela. Call ficou imaginando se ela estaria contando sobre Alastair e ele, e sobre como ela era uma heroína, mas a essa altura não havia nada que Call pudesse fazer a respeito. Com um suspiro, ele começou a montar um prato de batatas roxas que tinham um certo cheiro de mingau, e um pouco de líquen de bacon para Devastação. Ele comeu em pé, para não ter de se sentar perto de ninguém. Não sabia se seria bem recebido em algum lugar.

Quando o segundo alarme soou, Call se dirigiu para onde Mestre Rufus sentava com os outros Mestres.

— Ah — disse Mestre Rufus, chamando Tamara e Aaron com um aceno. — Hora de começar as aulas.

— Oba — disse Call com sarcasmo. Mestre Rufus lhe lançou um olhar de censura e se levantou para levá-los do Refeitório. Call, Aaron e Tamara o seguiram, como a cauda relutante e miserável de um cometa.

— Tudo bem? — perguntou Aaron, batendo o ombro no de Call enquanto Mestre Rufus os conduzia por uma escadaria de pedra, talhada na rocha. Os degraus desciam em espiral. Pequenas salamandras brilhantes corriam pelo teto. Call pensou mais uma vez em Warren.

— Depende — disse Call. — Você está do meu lado ou do dela?

Ele olhou para Tamara cujos lábios enrijeceram. Ela parecia estar pensando em empurrar Call pela escada.

Aaron estava visivelmente chateado.

— Precisa haver lados?

— Quando ela entrega meu pai, sim, tem de haver lados! — sibilou Call. — Nenhum amigo de verdade faria isso. Ela prometeu guardar segredo e mentiu. É uma mentirosa.

— E ninguém que realmente fosse amigo de Aaron protegeria alguém que está tentando matá-lo! — disparou Tamara.

— E mais uma vez, *mentirosa*, se você realmente fosse minha amiga, acreditaria em mim quando digo que não é isso que Alastair está tentando fazer!

Um olhar pior que o de raiva cruzou o rosto de Tamara. Era pena.

— Você não é objetivo, Call.

— Nem você! — Call começou a gritar, mas Mestre Rufus havia se virado e estava olhando ameaçadoramente para os três.

— Não quero mais uma palavra sobre Alastair Hunt saindo da boca de nenhum de vocês — decretou ele. — Ou vão separar areia em vez de jantar.

Call tinha passado a primeira semana no Magisterium separando grãos de areia de diferentes cores e pensou consigo mesmo que preferiria cuidar de elementais do caos. Ele calou a boca, e Aaron e

Tamara fizeram o mesmo. Tamara parecia impiedosa, e Aaron, abatido. Ele estava roendo as unhas, coisa que só fazia quando estava muito chateado.

— Agora — continuou Mestre Rufus, virando-se. Call percebeu que tinham ido até uma grande gruta sem que ele sequer notasse. As paredes eram cobertas por lodo azul da cor do céu. Mestre Rufus começou a andar de um lado para o outro, com as mãos para trás. — Todos nós sabemos que a fim de usar um elemento, é preciso um contrapeso, algo que os mantenha em equilíbrio para que um elemento não possa controlá-lo. Certo?

— Impede que você seja Devorado. Como aquele cara do fogo. — Aaron referia-se ao sujeito monstruoso e em chamas que conheceram nas profundezas das cavernas, abaixo do Magisterium.

Mestre Rufus fez uma cara de dor.

— Sim, aquele ser outrora foi Mestre Marcus. Ou, como você colocou, "o cara do fogo". Mas tem mais que isso, não?

— É um oposto. — Tamara mexeu nas tranças. — Para puxá-lo em outra direção. Como o contrapeso do fogo é a água.

— E o contrapeso do caos é? — Rufus encarou Aaron.

— Call — respondeu Aaron. — Quero dizer, *meu* contrapeso é Call. Não o de todo mundo. Mas o contrapeso do caos é uma pessoa. Mas... nem sempre Call.

— Eloquente como sempre — disse Rufus. — E existe um problema com um contrapeso?

— Às vezes é difícil encontrar um? — Aaron com certeza estava chutando, mas Call concluiu que ele devia estar certo. Encontrar fogo parecia uma coisa difícil. Talvez magos adultos andassem com isqueiros.

— Limita seu poder — disse Tamara. Mestre Rufus moveu a cabeça na direção da menina, indicando que ela havia dado uma resposta melhor.

— Limitar o poder é parte do que lhe dá segurança — explicou ele. — Agora, qual é o *oposto* de um contrapeso?

Tamara respondeu aquela também, se exibindo.

— O que fizemos com a areia no ano passado.

Call queria fazer uma careta para ela, mas tinha quase certeza de que seria pego. Este era o problema de só existirem três alunos

na turma.

Mestre Rufus fez que sim com a cabeça.

— Aceleração solidária, como chamamos. Muito perigosa porque o aproxima muito do elemento. Ele lhe dá poder, mas o preço pode ser muito alto.

Call torceu para que aquele não fosse o começo de um sermão sobre como ele tinha sido um problema antes e ainda era um problema agora.

Mas Mestre Rufus prosseguiu.

— O que quero que façam é praticar usando seus contrapesos. Primeiro, peguem alguma coisa para representar cada um dos elementos. Aaron, isso vai ser particularmente difícil para você, uma vez que escolheu Call como seu contrapeso.

— Ei! — retrucou Call.

— Só quis dizer que trabalhar com um contrapeso humano é desafiador. Agora, vão encontrar seus contrapesos.

Call caminhou pela borda da gruta, encontrando uma pedra. O ar estava sempre ao seu redor, então ele concluiu que isso ele já tinha. Fogo e água eram mais difíceis, mas ele utilizou magia para transformar um pouco da água da piscina lamacenta da caverna em uma bola que manteve flutuando perto da cabeça. Depois pegou uma vinha e a acenderia com fogo quando chegasse a hora.

Ele voltou para onde os outros estavam. Claro, eles completaram o exercício antes dele.

— Muito bem — elogiou Mestre Rufus. — Vamos começar pela magia do ar. Vou usar essa magia para levantar cada um de vocês pelos ares, mas segurem seus contrapesos. Será seu único contato com a magia da terra. Desçam quando sentirem que precisam usar o contrapeso.

Um por um, eles foram elevados. Call pôde sentir o assovio do vento ao seu redor, a atração emocionante do voo, deixando-o ansioso. Voar era sua parte preferida da magia. No ar, sua perna nunca incomodava. Ele começou a usar a magia do ar, formando padrões de cor, nuvens e cada vez mais entendia como uma pessoa podia ser Devorada. Tinha a impressão de que virar parte do ar não seria difícil. Ele poderia relaxar e ser soprado como uma folha

errante. Todas as suas preocupações e medos também seriam soprados para longe.

Tudo que ele tinha de fazer era derrubar aquele pedaço de pedra.

— Call! — Mestre Rufus estava olhando para ele. — O exercício acabou.

Call se virou e viu que Tamara e Aaron já estavam no chão. Ele esticou a pedra para baixo e permitiu que o peso de sua conexão com a terra o preenchesse, abaixando-o lentamente até estar mais uma vez de pé, com a perna doendo, como sempre.

Rufus lançou a Call um olhar calculado.

— Muito bem, pessoal — disse ele. — Agora, Aaron, vamos tentar um exercício envolvendo o caos. Coisa pequena.

Aaron assentiu, parecendo nervoso.

— Não precisa se preocupar. — Rufus indicou que deveriam abrir espaço no centro do recinto. — Se entendi bem, você derrotou muitos Dominados pelo Caos quando lutou com Mestre Joseph no ano passado.

— Sim, mas... — Aaron mordeu uma unha. — Foi sem contrapeso.

— Não, não foi. Call estava lá.

— É verdade — acrescentou Tamara. — Call estava praticamente segurando você.

— Call pode ter usado a magia dele de forma instintiva — cogitou Rufus. — O contrapeso do caos é um ser humano porque o contrapeso do vazio é a alma. Quando você usa a magia do caos, procura uma alma humana para equilibrá-lo. Sem um contrapeso, você pode facilmente utilizar cem por cento do potencial de sua própria magia e morrer.

— Isso parece... ruim — concluiu Aaron. Ele foi para o centro da caverna, e, após um segundo, Call se juntou a ele. Eles ficaram ali, desconfortáveis, ombro a ombro. — Mas não quero machucar Call.

— Não vai. — Mestre Rufus foi até o canto da gruta e voltou carregando uma jaula. Nela, havia um elemental, um lagarto com espinhos curvos nas costas. Seus olhos eram dourado-brilhantes.

— *Warren*? — perguntou Call.

Mestre Rufus colocou a jaula no chão.

— Você vai fazer este elemental desaparecer. Mandá-lo para o reino do caos.

— Mas é *Warren* — protestou Call. — Nós conhecemos esse lagarto.

— É, não sei se quero fazer... isso — declarou Aaron. — Não posso fazer uma pedra desaparecer ou outra coisa?

— Quero vê-lo trabalhar com algo mais substancial que isso — insistiu Rufus.

— Warren não quer ser desaparecido — disse o lagarto. — Warren tem coisas importantes a dizer.

— Ouviu só? Ele tem coisas importantes para nos dizer — falou Aaron.

— Ele também é um mentiroso — observou Tamara.

— Bem, sobre ser mentiroso você entende, certo? — disparou Call.

As bochechas de Tamara ficaram vermelhas, mas ela o ignorou.

— Lembra quando Warren nos levou até a caverna errada e o Devorado quase nos matou?

Aaron desviou o olhar para Call.

— Não quero fazer isso — sussurrou.

— Você não pode — murmurou Call baixinho.

— Tenho de fazer *alguma coisa*. — Aaron soava ligeiramente apavorado.

— Desapareça com a jaula — respondeu Call, mantendo a voz baixa.

— O quê?

— Você ouviu. — Call agarrou o braço de Aaron. — Vá.

Os olhos de Mestre Rufus se cerraram.

— Call...

Aaron levantou uma das mãos. Uma linha escura se desenrolou de sua palma, em seguida explodiu, espalhando-se, cercando a jaula, escondendo Warren da vista. Call sentiu um ligeiro puxão dentro de si, como se houvesse um elástico nas suas costelas e Aaron o estivesse puxando. Era isso que significava ser um contrapeso?

A fumaça começou a se dissipar. Call abaixou a mão, a tempo de ver a cauda de Warren desaparecer pela rachadura na parede da

gruta. A jaula havia desaparecido, e o espaço que ocupava estava agora vazio.

Rufus ergueu as sobrancelhas.

— Não pretendia que mandasse a jaula para o caos também, mas... bom trabalho.

Tamara olhava para o lugar onde antes estava a jaula de Warren. Sob outras circunstâncias, Call poderia ter lançado a ela um olhar reconfortante, mas não depois de tudo que acontecera.

— Qual é o limite para o poder de Aaron? — perguntou ela de repente. — Tipo, o que ele pode fazer? Poderia mandar todo o Magisterium para o vazio?

Mestre Rufus se voltou para ela, franzindo as sobrancelhas, surpreso.

— Existem três coisas que fazem um mago se destacar. Uma delas é a capacidade de controle, outra, a imaginação, e a terceira é o reservatório de poder. Um de nossos desafios é descobrir a resposta para sua pergunta. O que Aaron pode fazer até precisar do contrapeso para puxá-lo de volta? O que Call pode fazer? O que você pode fazer? Só existe uma forma de descobrir: treino. Agora vamos tentar trabalhar com a terra.

Call suspirou. Ao que parecia, não iam acabar tão cedo.

↑≋△○@

Depois que os exercícios finalmente terminaram, os três aprendizes voltaram da gruta. Call estava exausto e tinha ficado para trás. A perna doía, assim como a cabeça, e ele parou perto de uma piscina de peixes cegos.

— Vocês têm uma vida boa — disse a eles, enquanto os peixes nadavam apáticos e pálidos nas sombras iluminadas pelo lodo.

A superfície da água de repente se rompeu, e um peixe subiu para o ar, sugado por uma língua rosa e comprida. Call levantou o olhar para ver Warren pendurado em uma estalactite.

O elemental piscou para ele.

— O fim está mais próximo do que você imagina — avisou ele.

— O quê? — perguntou Call, com a impressão de que não tinha ouvido direito.

— O fim está mais próximo do que você imagina — repetiu o lagarto. Em seguida, correu pela formação rochosa para o teto da caverna.

— Ei, nós o ajudamos! — gritou Call para ele, mas Warren não voltou.

↑≋△○ⓔ

No jantar, Call se sentou com Aaron, Jasper e Celia, enquanto Tamara, mais uma vez, sentou com a irmã. Call praticamente podia sentir as ondas de gelo que irradiavam das costas de Tamara, cada vez que olhava na direção da garota.

— Por que você não para de olhar para Tamara? — perguntou Celia, espetando um cogumelo amarelo com o garfo.

— Porque ela mandou os magos investigarem o pai dele — respondeu Jasper.

Call ficou espantado, voltando o olhar para ele. Jasper abriu um sorriso angelical.

— Investigá-lo por quê? — Celia arregalou os olhos.

Call não falou nada. Se começasse a explicar ou a fabricar desculpas só pioraria as coisas. Em vez disso, ficou imaginando como Jasper sabia sobre aquelas coisas. Talvez ele e Tamara estivessem juntos. Seria bem feito para Tamara acabar com alguém como Jasper.

Jasper estava prestes a fazer um novo comentário, mas Aaron o censurou com um “cale a boca”.

— Não sei o que ele fez — admitiu Jasper. — Mas ouvi alguns dos magos conversando. Estavam dizendo que a equipe de buscas que mandaram atrás dele não encontrou nada. Aparentemente, Alastair desapareceu.

— Desapareceu? — ecoou Celia, olhando para Call, esperando que ele dissesse alguma coisa.

Call fez uma careta em direção ao prato. Pequenas rachaduras apareceram nas bordas da cerâmica graças à intensidade de sua fúria. Ele era um mago do segundo ano, já havia atravessado o Portal do Controle; sabia que não podia perder a calma daquele jeito. Mesmo com raiva, não queria que Jasper parasse de falar, não

quando aquele garoto parecia saber mais sobre o que estava acontecendo com Alastair do que ele próprio.

— É, acho que alguém avisou a ele — continuou Jasper, o olhar desviando para Call. A implicação daquelas palavras era clara.

— Call não alertou ninguém — retrucou Aaron. — Ele estava com a gente o tempo todo. E pare de agir como se soubesse de tudo, quando na verdade não sabe.

— Sei mais que você — retrucou Jasper com desdém na direção de Aaron. — Sei que não se pode confiar nele.

Um calafrio subiu pela espinha de Call, porque Jasper tinha razão.

Nem mesmo Call conseguia confiar em si mesmo.

↑≋△○@

Naquela noite, Call se jogou no sofá da sala compartilhada. Rufus tinha pedido que lessem sobre a era do Barão Ladrão da política da magia, que tinha durado até poucas décadas antes, mas Call não conseguia se concentrar. As palavras nadavam pela página, as bordas do livro ocasionalmente se acendiam com pequenas chamas que ele rapidamente apagava. Raiva e medo queimaram a lombada do livro com cinzas escuras que mancharam seus dedos.

Tamara se recolheu depois do jantar, e Aaron tinha ido à biblioteca fazer o dever de casa. Tinha convidado Call, mas isso porque Aaron era educado e não conseguia deixar de ter atitudes gentis. Call sabia que estaria melhor sozinho. Só ele e Devastação no sofá, o lobo encolhido a seus pés, arfando suavemente, os olhos brilhando na luz fraca da sala.

No instante em ele estava certo de que ia atear fogo no livro outra vez, a porta se abriu. Era Alex Strike, os cabelos castanhos bagunçados, como sempre — Call sabia bem o que era aquilo — e uma expressão estranha no rosto.

Call guardou o livro de história debaixo de uma almofada e se sentou, ereto, com cuidado para não desalojar Devastação. Por ser assistente de Rufus, Alex era uma das únicas pessoas além do

professor com acesso aos aposentos dos alunos. Mesmo assim, ele jamais entrara daquele jeito antes.

— O que houve? — perguntou Call.

Alex se sentou no sofá em frente a Call, olhando para as portas fechadas dos quartos de Tamara e Aaron.

— Seus colegas de quarto saíram?

Call fez que sim com a cabeça, sem saber direito em que aquela conversa daria. Talvez estivesse encrencado. Talvez Alex tivesse algum recado de Rufus. Talvez houvesse alguma espécie de trote no Magisterium com alunos do segundo ano que envolvia alunos amarrados a estalactites durante toda a noite.

— É sobre seu pai — começou Alex. — Sei sobre o Alkahest. Sei que os magos estão procurando por ele.

Call olhou para Devastação, que rosnou baixinho.

— E daí? *Todo mundo* sabe disso. — Call pensou em Jasper.

Alex balançou a cabeça.

— Não sobre o grau de seriedade da questão.

— Não foi meu pai — garantiu Call. — Não como estão dizendo. Ele não está trabalhando com o Inimigo. Ele não está trabalhando com ninguém.

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Alex, como se talvez só então houvesse percebido o quão perigoso era falar sobre aquele assunto com Call.

— Eu acredito em você — declarou Alex afinal. — Por isso você precisa avisar para seu pai continuar escondido. Se o encontrarem, vão matá-lo.

— O quê? — perguntou Call, apesar de ter ouvido com clareza.

Alex balançou a cabeça.

— O Alkahest *sumiu*. Se foi ele quem pegou, não vão perder tempo com prisão. Ele vai morrer assim que for encontrado. Por isso achei que você devia saber. Avise a ele, antes que seja tarde demais.

Call ficou imaginando como Alex poderia saber daquilo tudo, em seguida lembrou que a madrasta dele era da Assembleia. Então, o que perguntou foi:

— Por que está me ajudando?

— Porque você me ajudou. Preciso ir.

Call meneou a cabeça, e Alex saiu.

Se Alastair fosse assassinado pelos magos, seria culpa de Call. Ele tinha de fazer alguma coisa, mas, quanto mais pensava no assunto, mais tinha certeza de que não havia como dar o recado para Alastair em segurança. Mestre Rufus devia estar obviamente de olho nele — e usaria qualquer tentativa de contato para pegar Alastair se pudesse. Mas, se Call conseguisse encontrar o pai a tempo, talvez pudesse alertá-lo pessoalmente.

Pensar em Alastair fez com que Call se lembrasse da sala no porão, preparada para um ritual, e a algema pequena, do tamanho de um menino, no canto. Isso fez com que Call se lembrasse de como Devastação ganiu e do barulho que a cabeça do pai fez ao bater contra a parede.

Se ele encontrasse o pai, e o pai estivesse com o Alkahest, o que Alastair faria com ele?

Call sabia que tinha de se concentrar. Conhecia o pai melhor que ninguém. Deveria conseguir adivinhar onde o pai estaria se escondendo. Seria um local fora do circuito, algum que conhecesse bem. Um local onde magos não pensariam em procurar. Um que não pudesse ser facilmente rastreado.

Call se sentou, ereto.

Alastair comprava vários carros antigos detonados para conseguir peças — carros demais para guardar na garagem da casa, ou em sua loja, então ele tinha alugado o celeiro dilapidado de uma senhora a mais ou menos 65 quilômetros de onde moravam... e pagava em dinheiro. O celeiro seria um esconderijo perfeito — Alastair até dormia lá às vezes, quando trabalhava até tarde.

Call saiu do sofá, fazendo Devastação cair com um resmungo irritado. Ele esticou o braço e afagou a cabeça do lobo.

— Não se preocupe, garoto — disse ele. — Você vem comigo.

Foi para o quarto e pegou a bolsa de lona que estava embaixo da cama. Colocou algumas roupas rapidamente, guardou Miri e, após um instante de consideração, voltou à sala principal para guardar o que tinha sobrado das Ruffles. Precisaria de alguma coisa para comer na estrada.

Estava colocando a bolsa no ombro quando a porta se abriu novamente e Tamara e Aaron entraram. Aaron carregava uma pilha

de livros, dele e de Tamara, e ela ria de alguma coisa que ele tinha acabado de dizer. Por um instante, antes de encontrarem Call, pareciam distraídos e felizes, e ele sentiu o estômago apertar. Não precisavam dele, não como amigo, nem como parte do grupo de aprendizes, nem como nada além de uma causa de brigas e discussões.

Tamara o viu primeiro, e o sorriso abandonou seu rosto.

— Call.

Aaron fechou a porta atrás de si e soltou os livros. Quando ele se ajeitou, estava olhando para as botas nos pés de Call e para a bolsa em sua mão.

— Aonde você vai? — perguntou Aaron.

— Passear com Devastação. — Call apontou para o lobo, que trotava alegremente entre eles.

— E precisou fazer uma mala com roupas suficientes para uma semana para isso? — Tamara apontou para a bolsa de lona. — O que está acontecendo, Call?

— Nada. Olhem, vocês não precisam... não precisam saber sobre isso. Assim, quando Mestre Rufus perguntar o que aconteceu comigo, não precisarão mentir.

Tamara balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Somos um grupo. Contamos as coisas uns para os outros.

— Por quê? Para você espalhar todos os nossos segredos? — perguntou Call, vendo Tamara se encolher. Ele sabia que estava sendo babaca, mas não conseguia se conter. — De novo?

— Depende do que você vai fazer. — A mandíbula de Aaron estava rija, de um jeito que Call raramente via. Normalmente Aaron era tão compreensivo, tão imensamente *gentil* que Call frequentemente se esquecia de que, por baixo, havia o aço que fazia dele o Makar. — Porque, se for alguma coisa que o coloque em perigo, aí eu mesmo contarei para os Mestres. E você pode se irritar comigo em vez de se irritar com ela.

Call engoliu em seco. Aaron e Tamara o encararam, bloqueando a porta.

— Vão matar meu pai — disse Call.

As sobrancelhas de Aaron se ergueram.

— O quê?

— Alguém, e eu não vou dizer quem, vocês vão ter de confiar em mim, disse que o Alkahest desapareceu. E como meu pai fugiu, não vão prendê-lo ou julgá-lo...

— O Alkahest desapareceu? — interrompeu Tamara. — Seu pai realmente o roubou?

— Existe uma prisão de magos? — perguntou Aaron, os olhos arregalados.

— Mais ou menos. Tem o Panóptico — respondeu Tamara, sombria. — Não sei muito sobre isso, mas é um lugar onde sempre ficam de olho na pessoa. Ela nunca fica sozinha. Se seu pai realmente fez isso...

— Não tem importância — retrucou Call. — Ele vai ser morto.

— Como você sabe disso? — perguntou Tamara.

Call olhou para ela por um longo instante.

— Um amigo, um amigo *de verdade* me contou.

Ela empalideceu.

— E o que você vai fazer?

— Tenho de encontrá-lo e recuperar o Alkahest antes que isso aconteça. — Call ajeitou a bolsa no ombro. — Se eu o devolver à escola, posso convencer os magos de que meu pai não representa qualquer ameaça a eles, ou a você. Eu juro, Aaron, meu pai jamais o machucaria. Eu *juro* que não.

Aaron esfregou o rosto com as mãos.

— Nós também não queremos que seu pai se machuque.

— *Morrer*, não é *se machucar* — insistiu Call. — Se não o encontrarmos, ele vai ser morto.

— Eu vou com você — disse Tamara. — Posso arrumar a mala em dez minutos.

Não quero que venha. Call apenas pensou. Nem mesmo sabia se era verdade. Mas tinha certeza de que ainda estava com raiva. Fez que não com a cabeça.

— Por que você faria uma coisa dessas?

— A culpa disso tudo é minha. Você tem razão. Mas eu posso ajudar a despistar os magos enquanto você procura seu pai, e posso ajudar a convencer o Magisterium a aceitar de volta o Alkahest e parar de persegui-lo. Meus pais são da Assembleia. —

Ela deu um passo em direção ao próprio quarto. — Só preciso de dez minutos.

— Vocês não acham que vou ficar aqui enquanto os dois saem em uma missão, acham? — retrucou Aaron. — Na última vez, vocês dois me salvaram. Agora posso ajudar na salvação.

— Você *definitivamente* não pode vir — disse Call. — Você é o Makar. É valioso demais para sair por aí procurando meu pai, principalmente quando todo mundo acha que ele vai machucá-lo.

— Eu sou o Makar — declarou Aaron, e Call teve a impressão de ter escutado em suas palavras a sombra de todas as coisas que Aaron tinha ouvido naquele verão. — Sou o Makar e tenho a obrigação de proteger as pessoas, não o contrário.

Call suspirou e sentou no sofá. Imaginou a longa jornada que teria de encarar, ônibus e caminhadas, a solidão, e ninguém além de Devastação para lhe fazer companhia. Nada que pudesse distraí-lo da voz em sua cabeça que dizia: *seu pai vai morrer. Seu pai talvez o queira morto*. Depois pensou em ter Aaron e Tamara consigo, a presença firme de Aaron, as observações engraçadas de Tamara, e se sentiu relutantemente mais leve.

— Tudo bem — concordou ele com a voz áspera. Não queria deixar seu alívio transparecer. — Só não demorem muito. Se vamos, precisamos sair daqui agora. Antes que alguém perceba.

Com um ganido, Devastação deitou no chão, perceptivelmente desapontado pelo excesso de conversa. Ele era um lobo de ação.

Alguns minutos depois, Aaron e Tamara surgiram com as próprias bolsas.

— Ainda bem que fizemos essas pedras para impedir que Aaron seja rastreado — observou Tamara, e abriu a mão, mostrando uma pilha delas. — E ainda bem que eu gosto de treinar.

Call se levantou com um suspiro.

— Vocês dois têm certeza disso?

— Temos, Call — garantiu Aaron, e Tamara fez que sim com a cabeça.

Devastação latiu uma única vez, como se ele também tivesse certeza.

↑≈△○@

O único portão do Magisterium que ficava aberto a noite inteira era o Portão das Missões, pelo qual os alunos mais velhos saíam e voltavam de missões e batalhas. Call, Aaron e Tamara foram passeando, como se estivessem indo para a Galeria comer balas ou assistir a um filme. Passaram por Celia, Rafe e Jasper, que conversavam compenetrados, e alguns alunos mais velhos, que riam e falavam sobre suas próprias aulas.

O corredor se bifurcava, um caminho levava à Galeria, outro, ao Portão das Missões. Aaron parou por um instante, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém de espreita antes de seguir pelo corredor que levava ao lado de fora. Tamara e Call se apressaram atrás dele, tão rápido que acabaram esbarrando um no outro e em Devastação. Quando conseguiram se recompor, todos estavam rindo, até Tamara e Call. Aaron parecia satisfeito.

Essa satisfação, entretanto, não durou muito tempo. Foram na ponta dos pés pelo corredor. O ar se tornava cada vez mais quente, e Call podia sentir o cheiro de pedra aquecida pelo sol, líquen e ar fresco. O corredor ia subindo, e era possível ver as estrelas além do Portão das Missões.

De repente, as estrelas sumiram. Uma figura esguia se elevou diante deles, sorrindo.

— Legal encontrá-los por aqui — disse Jasper.

— Essa frase é um lugar-comum dos vilões e já foi excessivamente utilizada. Sabe disso, Jasper — retrucou Call.

— Por que você está aqui? — Quis saber Aaron. — Estava nos seguindo?

— Porque eu sabia que eventualmente Call iria fazer alguma coisa — respondeu Jasper. — Sabia que a máscara ia cair. O que você esperava que eu fizesse? Nada?

— É, Jasper. — A voz de Tamara estava tomada pelo sarcasmo. — Sabe, pessoas normais, que não são psicopatas, não esperam o pior dos outros logo de cara.

Jasper cruzou os braços.

— Ah, é? Então me diga: aonde vocês vão?

— Não é de sua conta — respondeu Call. — Vá embora, Jasper.

— Isso tem a ver com o pai de um certo alguém que fugiu? — Jasper moveu uma das sobrancelhas para Call. — Os magos não

ficariam felizes se soubessem que vocês estão indo atrás dele. Mestre Rufus...

— Vamos matá-lo — sugeriu Call.

Devastação rosnou.

— Mestre Rufus? — Aaron pareceu alarmado.

— Não, óbvio que não é Mestre Rufus! Estou falando de Jasper — respondeu Call. — Podemos enterrar o corpo embaixo de uma pilha de pedras. Quem ficaria sabendo?

— Call, não seja ridículo — retrucou Tamara.

— Devastação poderia matá-lo — sugeriu Call. O lobo se virou ao ouvir o próprio nome, parecendo interessado pela possibilidade. Apesar de o lobo Dominado pelo Caos ter crescido no verão, Call não sabia se ele de fato conseguiria matar alguém, mas certamente poderia levar Jasper para fora e segui-lo pelo Magisterium algumas vezes.

— E *eu* é que sou o psicopata? — resmungou Jasper.

Call não entendia o que significava o fato de que ter agido como um verdadeiro Suserano do Mal para cima de Jasper, e mesmo assim não conseguir impressioná-lo.

Aaron ergueu uma das mãos. Por um instante, Call achou que Aaron fosse acalmá-los, dizer que Call tinha de parar com as ameaças a Jasper e que todos deveriam voltar aos próprios quartos. Em vez disso, chamas pretas faiscaram entre os dedos de Aaron, formando uma teia de escuridão.

— Não me obrigue a machucá-lo. — Aaron olhava diretamente para Jasper, com o caos queimando na palma da mão. — Porque eu realmente poderia fazer isso.

Call ficou tão chocado que nem conseguiu reagir.

Jasper empalideceu, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Tamara deu um tapa no ombro de Aaron.

— Pare com isso. Você não pode simplesmente invocar o caos cada vez que lhe der na telha.

Aaron cerrou a mão em punho, e a escuridão se foi, mas ele não pareceu menos assustador por isso.

Tamara apontou para Jasper.

— Vamos ter de levá-lo conosco.

— Levar Jasper com a gente? Está brincando — disse Call. — Ele vai estragar tudo!

Ela colocou as mãos nos quadris.

— Isso não é uma festa, Call.

— E eu não vou a lugar nenhum com vocês — interrompeu Jasper, começando a se arrastar pela parede da caverna. — Não sei o que está acontecendo, mas não me importo mais. Vocês enlouqueceram. Vou esquecer que vi qualquer coisa. Eu juro.

— Ah, mas não vai, não — falou Aaron. — Você vai contar aos magos na primeira oportunidade.

Jasper pareceu revoltado.

— Não vou.

— É óbvio que vai — disse Call.

Tamara tirou uma pedra do bolso e a colocou no uniforme de Jasper.

— Vamos.

— Concordo. — Aaron pegou Jasper pela parte de trás do colarinho do uniforme. Jasper gritou e sacudiu os braços. A expressão de Aaron era sombria. — Você vem junto. Agora, pode começar a andar.

CAPÍTULO NOVE

Viajar para longe do Magisterium não foi tarefa fácil. Tiveram de atravessar a floresta até a rodovia, guiando-se pelo mapa no celular de Tamara. Pelo caminho, podiam encontrar elementais e animais Dominados pelo Caos. Além disso, ainda havia a possibilidade de se perderem.

Mesmo assim, o clima estava agradável, e, com o canto das cigarras e as reclamações de Jasper soando em seu ouvido, Call não se incomodou com a caminhada. Pelo menos até a perna ruim começar a enrijecer e ele se dar conta de que, mais uma vez, atrasaria o resto do grupo. Mesmo em uma missão para salvar o próprio pai.

Se fossem apenas Aaron e Tamara acelerando na frente, Tamara carregando um graveto pesado e o fincando na terra para auxiliá-la, como se ela se achasse o Gandalf, os cabelos louros de Aaron brilhando ao luar, talvez Call tivesse reclamado. Mas a ideia de dar a Jasper um motivo extra para desdenhá-lo o enervava demais. Ele cerrou os dentes, ajeitou a mochila no ombro e ignorou a dor.

— Você acha que vai ser expulso? — perguntou Jasper casualmente. — Quero dizer, por ajudar o Inimigo. Ou pelo menos o capanga do Inimigo.

— Meu pai não é um capanga do Inimigo.

Jasper prosseguiu, ignorando Call.

— Você está me sequestrando. Colocando o Makar em perigo...

— Estou bem aqui, você sabe muito bem disso — retrucou Aaron. — Posso tomar minhas próprias decisões.

— Não sei bem se a Assembleia concordaria com isso — argumentou Jasper. Já tinham passado a parte da floresta em que as árvores eram mais jovens graças ao fogo e à destruição provocados por Constantine Madden, quinze anos antes. As árvores no trecho que atravessavam agora eram enormes e com galhos espessos. A luz do luar penetrava as folhas e atingia os pelos de Devastação. — Call, talvez você consiga o que quer. Pode de fato

conseguir ser expulso do Magisterium. Pena que é tarde demais para interditar sua magia.

— Cale a boca, Jasper — ordenou Tamara.

— E, Tamara, bem, sua família já se desgraçou antes. Pelo menos estão acostumados.

Tamara lhe bateu na nuca.

— Cale a boca. Se você falar demais, vai se desidratar.

— Ah — reclamou Jasper.

— Shhiii! — pediu Aaron.

— Já entendi. — O tom de Jasper era amargo. — Tamara já me mandou calar a boca.

— Não! Estou falando com *todos*, fiquem quietos. — Aaron se agachou atrás da raiz coberta de lodo de uma árvore. — Tem alguma coisa ali.

Jasper imediatamente se jogou de joelhos no chão. Tamara arregaçou as mangas e se agachou, formando uma concha com uma das mãos. O fogo já se acendia em sua palma.

Call hesitou. Sua perna estava dura, e ele temeu não conseguir se levantar outra vez, pelo menos não com elegância, caso se abaixasse.

— Call, *se esconde* — sibilou Tamara. A luz entre as palmas se ampliava, formando um quadrado brilhante. — Não banque o herói.

Call quase não conseguiu conter a risada sarcástica ao ouvir aquilo.

O quadrado brilhante se elevou, e Call percebeu que Tamara tinha esculpido a energia do ar em algo que funcionava como a lente de um telescópio. Todos se inclinaram para a frente enquanto o vale abaixo deles se tornava visível.

Olhando através da lente mágica de Tamara, eles conseguiram enxergar uma clareira circular, com casas pequenas de madeira, pintadas em cores brilhantes, espaçadas de forma equidistante. Uma grande construção de madeira se encontrava ao centro. Havia uma placa sobre a porta. Para a surpresa de Call, a lente mágica de Tamara permitiu que ele conseguisse ler as palavras ali escritas. pensamentos são livres e não são sujeitos a regras.

— É o que está escrito na entrada do Magisterium — concluiu ele, surpreso.

— Bem, pelo menos em uma das entradas — disse uma voz atrás dele.

Ele se virou. Havia um homem entre as folhas caídas e as samambaias, vestido com um uniforme preto de Mestre. Jasper engasgou e recuou até bater no tronco de uma árvore.

— Mestre Lemuel — atestou Call. — Mas eu achei que você... Pensei que eles...

— Tivessem me demitido do Magisterium?

Nenhum deles falou por um longo instante. Finalmente, Aaron fez que sim com a cabeça.

— Bem, sim.

— Me ofereceram uma licença, e eu aceitei. — Lemuel franziu a testa para eles. — Aparentemente, não fui o único.

— Estamos em uma missão — mentiu Tamara com grande convicção e sem qualquer traço de irritação. — Isso é *óbvio*. Do contrário, por que traríamos Jasper conosco?

Ela era uma ótima mentirosa, pensou Call. Ele agia como se isso fosse ruim. Mas, naquele momento, ele ficou satisfeito.

Jasper abriu a boca para protestar — ou possivelmente dar com a língua nos dentes — quando Aaron o pegou pelo ombro. Com força.

Mestre Lemuel bufou.

— Como se eu me importasse? Não me importa. Podem fugir do Magisterium se quiserem. Utilizem a magia de vocês para entrar em boates. Divirtam-se com elementais. Não tenho mais aprendizes dos quais cuidar, graças aos céus, e certamente não tenho a menor intenção de cuidar de nenhum de vocês.

— Hum, tudo bem — disse Call. — Então está tudo certo?

— Que lugar é esse? — perguntou Aaron, esticando o pescoço para olhar em volta.

— Um enclave de indivíduos com pensamentos semelhantes. — Mestre Lemuel fez um gesto de desdém com as mãos. — Agora sigam em frente. Vão.

— Quem está aí? — perguntou uma mulher mais velha, com sardas e pele bronzeada de sol, usando um vestido de linho cor de açafrão. Seus cabelos brancos estavam presos em uma trança. — Você está aterrorizando essas crianças?

— Nós o conhecemos — revelou Tamara. — Do Magisterium.

— Ora, vamos! — A mulher os chamou. — Venham tomar alguma coisa gelada. Caminhar pela floresta dá sede.

Call olhou para Tamara e Aaron. Se Jasper começasse a reclamar sobre ser um prisioneiro, será que Mestre Lemuel acharia engraçado? Será que ele sabia que o Alkahest tinha sido roubado? Call tinha certeza de que esta parte ele não acharia engraçada.

— É melhor irmos — desconversou Tamara. — Obrigada por tudo, mas...

— Ah, não, não aceito não como resposta. — A mulher deu o braço para Aaron, e Aaron, sempre educado, deixou que ela o conduzisse até o acampamento. — Meu nome é Alma. Sei o tipo de comida horrível que servem no Magisterium. Será apenas uma visita rápida e depois vocês podem seguir.

— Hum, Aaron — disse Call. — Estamos com um pouco de pressa.

Aaron pareceu desamparado. Ele nitidamente não queria ser grosso. Pressão social era aparentemente sua kriptonita.

Mestre Lemuel parecia mais contrariado que satisfeito, o que provavelmente significava que aquilo não era nenhuma espécie de armadilha. Com um suspiro e um olhar cúmplice a Tamara, ele seguiu Alma e Aaron pelo singelo declive que levava a uma das casas, dotada de uma pequena varanda e estrelas azuis na porta. Lá dentro, Call pôde ver uma pequena cozinha, com longas prateleiras de madeira alinhadas, exibindo garrafas rotuladas a mão. Um forno a lenha soltava fumaça em um dos cantos, uma rede balançava em outro, e uma mesa com uma pintura peculiar cercada por cadeiras se encontrava no centro do recinto. A mulher abriu um armário, cheio de gelo seco. Ela colocou a mão ali dentro e pegou uma jarra de limonada; o vidro parecia embaçado graças ao frio, e várias rodelas de limão flutuavam lá dentro.

Ela pegou alguns copos descombinados e começou a servi-los. Aaron pegou um, tomou tudo, em seguida fez uma careta de dor.

— Meu cérebro congelou — explicou ele.

Call pensou, incomodado, em casas feitas de pão de ló e em velhinhas, e não bebeu nada. Não confiava em Mestre Lemuel e, definitivamente, não confiava em ninguém capaz de aturar o Mestre.

Contudo, ele se sentou em uma das cadeiras e esfregou a perna. Não se lembrava de nada ruim que acontecia quando alguém sentava nos contos de fadas.

— Então, este lugar — começou Tamara. — O que é?

— Ah, sim — respondeu a mulher. — Vocês viram a placa acima de nossa Casa Grande?

— “Pensamentos são livres e não são sujeitos a regras” — repetiu Tamara.

A mulher fez que sim com a cabeça. O Mestre Lemuel os seguiu até a casa.

— Alma, conheço essas crianças. Não são só encrenca, elas são o epicentro da encrenca. Não conte nada a eles de que vá se arrepender depois.

A mulher acenou vagamente para ele e, em seguida, voltou-se para os meninos. Ela apontou para Devastação, que ganiu um pouco e foi para trás da cadeira de Call.

— Nós estudamos os Dominados pelo Caos. Vejo que tem um lobo, um jovem lobo. O Inimigo pôs o caos tanto em humanos quanto em animais, mas, ao passo que o caos pareceu afetar a retórica e a inteligência das pessoas, os animais reagiram de outra forma. Continuaram procriando, de modo que as criaturas Dominadas pelo Caos dos dias de hoje jamais conheceram os comandos de um Makar, pois não havia um, até agora.

Ela olhou para Aaron.

— Devastação obedece a Call, não a mim — corrigiu Aaron. — E Call não é o Makar.

— Isso é muito interessante para nós — observou Alma. — Como encontrou Devastação, Call?

— Ele estava na neve. — Call afagou os pelos de Devastação com as costas dos dedos. — Salvei a vida dele.

Tamara o olhou, incrédula, como se achasse que Devastação fosse ter ficado bem sem ele.

— Devastação nasceu Dominado pelo Caos — atestou Alma. — Não existem humanos assim. Humanos não podem ter o caos introduzido em seus corpos. Humanos Dominados pelo Caos são criados a partir dos recém-mortos.

Aaron estremeceu.

— Parece nojento. Como zumbis.

— É nojento, de certa forma — concordou Alma. — Existe um velho ditado alquímico que diz: “todo veneno é também uma cura; só depende da dose”. O Inimigo conseguiu curar a morte, mas a cura foi pior que a condição original.

— Mestra Milagros também diz isso. — Jasper fechou os olhos. — Você era professora no Magisterium?

— Era — respondeu Alma. — Na mesma época em que Mestre Joseph estava lá, fazendo experimentos com a magia do vazio. Muitos de nós estávamos. Ajudei com algumas das experiências.

Tamara derrubou o copo de limonada.

— Você ficou olhando enquanto Constantine introduzia o caos nas pessoas, em animais? Por que alguém faria isso?

— A Ordem da Desordem — sussurrou Call. Eles só podiam fazer parte dela. No livro dizia que eles tinham passado a pesquisar animais Dominados pelo Caos. Onde mais os encontrariam, a não ser no bosque ao redor do Magisterium? Eram os criadores do Alkahest.

Alma sorriu para ele.

— Vejo que já ouviu falar de nós. Nunca se perguntou o que Mestre Joseph e Constantine Madden estavam tentando fazer?

— Estavam tentando fazer com que ninguém mais tivesse de morrer — disse Call.

Todos lhe lançaram um olhar estranho.

— Bela maneira de prestar atenção às aulas — sussurrou Aaron.

— Somos seres de energia. — Lemuel entrou na conversa. — Quando nossa energia é gasta, nossas vidas se acabam. O caos é uma forma de energia infinita. Se o caos puder ser inserido de forma segura em uma pessoa, ela poderia se alimentar dessa energia eternamente. Jamais morreria.

— Mas não pode ser — retrucou Aaron. — Quero dizer, o caos não pode ser colocado em uma pessoa sem matá-la.

— Isso é o que ainda estamos tentando determinar — disse Alma. — Estamos trabalhando com animais, porque animais parecem reagir ao caos de forma diferente. Seu lobo tem caos dentro de si, nasceu com ele, mas ele continua tendo uma

personalidade, ele tem sentimentos, não tem? Ele é tão vivo quanto você.

— Bem... sim — concordou Call.

— E ele definitivamente nunca vai se descontrolar e devorar a gente — interrompeu Jasper. — Não é?

— Quem sabe? — declarou Mestre Lemuel. Ele certamente parecia mais feliz do que quando era professor no Magisterium, pensou Call. Metade da boca se curvava para cima, como se ele pudesse, de fato, sorrir.

Jasper deslizou pela cadeira.

— Nojento.

Tamara olhou ao redor.

— Então, se estão estudando animais Dominados pelo Caos, vocês os capturam? Os colocam em jaulas?

Alma sorriu e olhou Devastação de um jeito que Call não gostou.

— Então, contem-me sobre a missão de vocês. Qual é a tarefa?

— Achei que tivesse dito não se importar com nosso destino — disse Aaron a Mestre Lemuel.

— Eu não me importo. Não disse que *ninguém* se importava. — O meio sorriso de Lemuel se completou, malicioso. — Não é fácil fugir do Magisterium.

— Drew certamente descobriu *isso* — murmurou Jasper.

Mestre Lemuel enrubesceu.

— Drew não estava tentando fugir. Tudo que ele falou a meu respeito era mentira.

— Olhe, sabemos disso. — Aaron levantou as mãos, pedindo paz. — E *estamos* em uma missão, só não é uma missão que todos da escola saibam. Então, se puderem nos informar qual é o caminho mais rápido para a estrada...

Houve uma comoção do lado de fora.

Um senhor careca e de barba correu para dentro da casa.

— Alma! Lemuel! Os Mestres do Magisterium estão vindo para cá. É uma busca.

Lemuel olhou, presunçoso, para Call e os outros.

— Não estão fugindo, hein?

— Só para registrar — disse Jasper —, essas pessoas me sequestraram e estão me forçando a acompanhá-los em uma

missão tola para...

Tamara abriu a mão. Jasper parou de falar subitamente e começou a se engasgar. Tamara aparentemente havia arrancado as palavras da boca do garoto — literalmente — e levado também o ar que Jasper respirava. Os adultos não pareceram notar, mas Call se impressionou.

— Atrase-os, Andreas — ordenou Alma calmamente.

O homem barbado correu de volta para a direção de onde tinha vindo.

Call se levantou, com o coração na garganta.

— Precisamos sair daqui.

Aaron e Tamara foram atrás dele. Só Jasper permaneceu sentado, ainda ofegando e encarando os outros.

— Vamos nos esconder na floresta — sugeriu Aaron. — Por favor, deixem-nos ir, e nunca falaremos para ninguém sobre esse lugar.

— Posso fazer melhor que isso — prometeu Alma. — Vamos escondê-los. Mas terão de retribuir o favor.

O olhar de Alma voltou-se para Devastação.

— De jeito nenhum. — Tamara colocou uma das mãos sobre o lobo. — Não vamos permitir que faça o que quer que esteja...

— Promete que ele não vai se machucar? — perguntou Call mais que depressa, interrompendo-a. Não queria considerar a hipótese, pensando em como seu pai havia amarrado Devastação, mas ele viu a cobiça com que Alma olhava para o lobo. Precisava concordar, para ganhar tempo até encontrar uma maneira de tirar todos dali, inclusive Devastação.

— Call, você *não pode* — protestou Tamara, com os dedos no pelo de Devastação.

— Lógico que ele pode — disse Jasper. — Acha que ele vai ser leal a alguém ou coisa do tipo? Vamos voltar para o Magisterium.

— *Cale a boca* — ordenou Aaron. — Call, tem certeza...

Alma riu.

— Vocês não entenderam. Não é Devastação que queremos, apesar de ele ser muito interessante. É Aaron.

— Bem, vocês *definitivamente* não podem ficar com Aaron — declarou Tamara.

— Temos muitas teorias, mas não temos como testá-las sem um Makar. Sabemos que não pode ficar agora, Aaron, mas, me prometa que voltará, e deixe o lobo como garantia. Quando retornar, precisaremos apenas de algumas horas de seu tempo. E talvez quando você vir o que pode fazer, como pode ajudar o mundo sendo algo além de uma defesa contra um inimigo com o qual nem estamos mais guerreando, aí talvez decida se juntar a nós.

Nenhum deles falou nada.

— O lobo vai ficar bem — garantiu Alma.

— Tudo bem — concordou Aaron após um longo momento. — Prometo voltar, mas não podem ficar com Devastação. Não precisam de garantia. Vocês têm minha palavra.

— Confiamos em você, Makar, mas nem tanto. Depressa, crianças. Decidam. Podemos escondê-los, ou entregá-los aos magos. Mas devem saber que nosso trato com eles será trocar vocês quatro pelo lobo.

Call não tinha a menor dúvida quanto às palavras de Alma; não àquela altura.

— Tudo bem. Mesmo acordo de antes. Mas Devastação não vai ser cobaia de nenhuma experiência.

Alma pareceu bem satisfeita.

— Ótimo. De acordo. Todos vocês, sigam-me. — Ela os conduziu pela porta dos fundos. Eles correram pelo espaço verde entre as casas.

Call se sentiu terrivelmente exposto. Dava para ver as sombras se movendo pelas árvores que cercavam a clareira, e ouvir as vozes elevadas. Os Mestres gritando seus nomes. Correndo atrás de Tamara, ele viu que ela agarrava o pulso de Jasper, impedindo que ele corresse na direção oposta. Call pensou ter ouvido a voz de Mestre Rufus. Agarrou a coleira de Devastação e o puxou mais para perto. O lobo olhou para ele como se desconfiasse de que algo de ruim estava prestes a acontecer.

Se corressem para a floresta, seriam pegos. A única opção era seguir Alma — que era totalmente assustadora, que já tinha trabalhado com Constantine Madden e com Mestre Joseph, que queria fazer experimentos em Devastação, que provavelmente tinha

todas as qualificações para preencher sua lista de Suserana do Mal — e torcer para que ela cumprisse a promessa de escondê-los.

Com um suspiro, Call seguiu em frente. Alma tirou um molho com várias chaves do bolso do vestido açafrão e destrancou a porta da construção central

Imediatamente, ficaram impressionados com os ruídos de latidos, uivos e choros. A casa em que entraram estava tomada por todos os lados com jaulas de vários tamanhos, e nelas havia animais Dominados pelo Caos. Desde ursos pardos com olhos selvagens e rodopiantes até raposas cinzentas e um único lince que rugiu quando Call entrou.

— Este é o pior zoológico do mundo — comentou Jasper.

A mão de Tamara subiu para cobrir a boca do garoto.

— Então é aqui que você os prende.

Alma levou Call a uma das jaulas.

— Coloque o seu lobo aí dentro. Rápido. Preciso dar um jeito em vocês e depois cuidar dos magos.

— Como podemos ter certeza de que você vai cumprir sua palavra? — Aaron parecia motivado além do medo de ofender.

— Makar, olhe só as criaturas que temos aqui. Foram muito mais perigosas de ser obtidas. São perigosas de ser mantidas. Mas você é mais perigoso que todas elas. Não o trairíamos assim. Precisamos de sua ajuda.

Lá fora, as vozes se tornaram mais altas. Mestre Lemuel discutia com outro mago.

Respirando fundo, Call colocou Devastação na jaula e permitiu que Alma a trancasse. Ela pegou a chave e a colocou no bolso, depois os levou a outra sala. Não tinha janelas e estava cheia de caixas.

— Fiquem aqui até eu voltar para buscá-los. Não vou demorar — garantiu Alma antes de fechar a porta. Ouviram a tranca virar e, em seguida, passos se afastando.

Tamara virou para Call e Aaron.

— Como pôde concordar que eles ficassem com Devastação? Ele é nosso lobo!

— Ele é *meu* lobo — corrigiu Call.

— Não é mais. — Jasper começou a examinar as próprias unhas.

— E *você.* — Tamara se virou para Aaron. — Concordando com uma proposta imbecil. Você dois são idiotas.

Call levantou as mãos.

— O que mais poderíamos fazer? Precisávamos deles para nos esconder, e eles realmente fizeram isso. Se fugirmos e pegarmos Devastação enquanto eles conversam com os Mestres, podemos sair sem que ninguém perceba. E aí Aaron não terá de voltar.

Aaron abriu a boca para falar alguma coisa, mas Call o interrompeu.

— Não diga nada sobre cumprir sua promessa. Não foi uma promessa de verdade.

— Tudo bem — concordou Aaron.

— Vai ser fácil soltar o lobo. Provavelmente tem alguma tranca mágica naquelas jaulas — disse Jasper.

— Ele tem razão — falou Tamara.

— Eu tenho um plano. — Call espiou pelo buraco da fechadura. — Aaron, você consegue abrir essa porta?

— Se está me perguntando se consigo abrir trancas, não consigo.

— Sim, mas você é um Makar — insistiu Call. Pelo buraco da fechadura, dava para ver a sala cheia de jaulas, e Devastação encolhido, parecendo arrasado. — Um Makar pode abrir uma porta ou fazer alguma coisa do tipo.

Aaron olhou para ele como se estivesse falando loucuras. Em seguida, virou e arrombou a porta. A porta explodiu com as dobradiças arrancadas.

— Ou pode fazer isso — completou Call. — Também funciona.

O corpo de Jasper enrijeceu, como se estivesse pensando em fugir.

Tamara virou-se para ele.

— Por favor, não vá. Fique com a gente, tudo bem? Mais um pouco. Sei que não é divertido, mas é realmente importante.

Jasper olhou para ela com uma expressão estranha no rosto, como se Tamara tivesse conseguido dizer a única coisa que pudesse convencê-lo a não fugir dali e dar com a língua nos dentes.

De forma estranha, aparentemente as palavras em questão foram *por favor*.

— Bem, você tem razão quanto a não ser divertido. — Ele se inclinou contra a porta e cruzou os braços sobre o peito.

Call foi até as jaulas. Conforme a previsão de Jasper, as trancas traziam, entrelaçados, vários símbolos alquímicos que ele não reconhecia. E três buracos de fechadura.

— Tamara, o que isso significa? — perguntou ele.

Ela espiou sobre o ombro dele e franziu a testa.

— É protegido contra magia.

— Ah. — Em casa, durante a Parada de Primeiro de Maio, ele tinha soltado um rato toupeira pelado e ratos brancos, sem usar nenhum tipo de magia, apenas engenhosidade. Depois que Aaron abriu a porta e os levou até a sala principal, Call teve a sensação de que tinha que ser ele a abrir as jaulas. De algum jeito.

Aaron agarrou as barras, fechou os olhos e puxou com toda a força de que foi capaz.

— *Esse* é seu plano? — Jasper soltou uma gargalhada. — Está brincando?

— Precisamos de uma chave. — Um pequeno sorriso começou a se formar nos cantos da boca de Aaron. — Ou, bem, muitas chaves.

Um dos ursos rugiu, esticando a pata através das barras da jaula e batendo no ar. Seus olhos eram laranja e flamejantes, ardendo graças ao caos. Aaron olhou para o animal, boquiaberto.

— Nunca vi um desses antes.

Call não sabia se ele estava falando sobre nunca ter visto um urso, ou nunca ter visto um urso Dominado pelo Caos, coisa que ele apostaria que nenhum deles jamais vira.

— Tenho uma ideia. — Tamara lançou um rápido olhar preocupado na direção do urso. — Não podemos usar magia nas trancas, mas...

Call se virou para ela.

— O quê?

— Me dê alguma coisa metálica. Qualquer coisa.

Call ergueu um astrolábio de bronze de uma das mesas e o estendeu para a menina.

Nas mãos de Tamara, o metal começou a derreter. Não, quanto mais Call olhava, mais ele notava que o metal liquidificado estava flutuando *sobre* as mãos dela. Formou uma bolha vermelha ardente, que escurecia ao esfriar no ar, e que flutuava para a jaula de Devastação. Ao chegar lá, três gavinhas de metal líquido se esticaram para os buracos de chaves.

— Jogue água fria. — O corpo de Tamara, estava rígido graças à concentração.

Call puxou água dos potes dos animais, formando uma bola e utilizando a magia do ar para esfriá-la.

— Mais rápido — disse ela, rangendo os dentes.

Ele jogou água no que restava do astrolábio. O metal chiou, e a água evaporou em uma nuvem. Call deu um salto para trás, caindo desconfortavelmente contra uma das jaulas.

Quando a nuvem clareou, Tamara estava segurando uma chave com três segredos.

Devastação gemeu. Tamara pressionou a chave na fechadura e girou; três cliques diferentes soaram — um, dois e, em seguida, um terceiro — e ecoaram por todo o recinto. A jaula se abriu, e Devastação correu, fazendo a porta balançar. Em seguida, mais cliques soaram enquanto todas as jaulas se abriram.

— Talvez não devêssemos ter aberto *todas as três* trancas — disse Call no silêncio enervante que seguiu.

Enquanto os animais se libertavam das jaulas, Jasper começou a gritar. O urso veio correndo. Raposas, cachorros, lobos e furões saíram de suas prisões.

— Vão! — gritou Call. — Vão e ataquem, quero dizer, *distraiam* os Mestres! Levem-nos para longe daqui!

— Isso, vão distraí-los! — acrescentou Tamara.

Os animais Dominados pelo Caos correram para a saída, mal prestando atenção a qualquer um deles. Aaron abriu a porta bem a tempo de eles atravessarem, como trovões.

Ouviram-se gritos vindo de fora, assim como rugidos e grasnados. Call pôde ouvir pessoas correndo e gritando.

Devastação foi para cima de Call, abanando o rabo, lambendo-o vigorosamente. Call se abaixou para abraçá-lo.

— Bom lobo — murmurou ele. — Bom lobo. — Devastação o acariciou com o focinho, os olhos flamejando em um tom amarelado.

— *Abaixe-se*! — gritou Tamara, e esticou o braço para puxar Jasper, que tinha subido na mesa e tentava abrir a janela.

— Estou tentando ajudar! — protestou ele.

Aaron se inclinou pela janela aberta.

— E se alguns dos Dominados pelo Caos atacarem algum dos magos? E se alguém se machucar? Nem todos os animais são como Devastação.

— Não se preocupe com os Mestres — disse Call. — Esses animais não parecem estar na melhor das formas. Aposto que a maioria deles vai correr para a floresta na primeira chance.

— Como a gente deveria estar fazendo — lembrou Tamara, indo em direção à porta e passando por Aaron. — Vamos sair daqui.

Com a cabeça abaixada e os dedos nos pelos de Devastação, Call a seguiu. Aaron vinha atrás de todos, mantendo Jasper à frente.

Eles saíram em uma clareira e congelaram onde estavam. O pequeno acampamento estava totalmente revirado. Os Mestres corriam de um lado para o outro, tentando capturar os fugitivos animais Dominados pelo Caos. Jatos de fogo e gelo voavam pelo ar. Call teve quase certeza de ter visto Mestre Rockmaple sendo perseguido ao redor de uma árvore por um golden retriever Dominado pelo Caos. Mestre North se virou, uma bola brilhante de fogo começando a se elevar da palma de sua mão.

Alma de repente surgiu da pequena casa de madeira onde havia servido limonada. Um redemoinho de ar chicoteava ao seu redor. Ela esticou uma das mãos e liberou uma gavinha de ar, derrubando Mestre North. O raio de fogo se expandiu, alcançando as folhas e os galhos de árvores sobre sua cabeça; estes começaram a queimar enquanto Tamara agarrava Call com firmeza e o puxava para fora da clareira em direção à floresta.

Todos corriam, Tamara, Aaron, Jasper, até mesmo Call, mancando um pouco e ganhando bastante velocidade. Justo quando os sons da luta atrás deles começaram a diminuir, Call escutou uma voz.

— Avisei a Alma que vocês eram encrenca — disse Mestre Lemuel, posicionado sinistramente no caminho deles. — Ela não

quis me ouvir.

Aaron parou onde estava, e os outros quase esbarraram nele. Mestre Lemuel ergueu as sobrancelhas.

— Vou dizer uma coisa, e vocês podem acreditar em mim ou não. Mas nutro ainda menor apreço pelos Mestres do Magisterium do que tenho por vocês. E não quero que eles consigam o que querem. Entendem?

Todos fizeram que sim com a cabeça ao mesmo tempo.

Ele apontou para um riacho estreito que corria pelas árvores. Na verdade, aquele até que era um lugar bem bonito, pensou Call, um lugar que poderia ter apreciado em outras circunstâncias.

— Sigam esse riacho até a estrada — explicou Lemuel. — É o caminho mais rápido. A partir daí, estão por conta própria.

Fizeram silêncio por um tempo. Em seguida Aaron disse:

— Obrigado.

Claro que Aaron agradeceria, pensou Call, enquanto corriam ao longo do riacho. Se alguém estivesse golpeando Aaron na cabeça, ele agradeceria a pessoa por parar.

Caminharam por meia hora em silêncio antes de Jasper se pronunciar.

— Então qual o plano agora? Não é como se fôssemos ficar seguros na estrada. Não têm ônibus, e não temos um carro...

— Eu tenho um plano — declarou Tamara.

Call se virou para ela.

— Tem?

— Eu *sempre* tenho um plano — disse ela, e ergueu as sobrancelhas. — Às vezes, até um *passo a passo*. Eu deveria dar aula a vocês.

— É bom que esse plano seja ótimo. — Aaron sorriu. — Porque você certamente está fazendo muita propaganda.

Tamara pegou o telefone da bolsa, checou a tela e, em seguida, continuou andando.

CAPÍTULO DEZ

A primeira vista da estrada fez Call estremecer ao se lembrar da vez em que tinha passado por ali, quando procurava por Aaron. Ele se se recordava nitidamente da dor nas pernas ao se forçar a acelerar, o pânico de Aaron correndo perigo, e a descoberta de que ele próprio não era a pessoa que sempre achou que fosse.

Jasper agachou e afagou a cabeça de Devastação quando o lobo se aproximou dele. Por um instante, ele não pareceu tão babaca.

Em seguida, percebeu que Call o observava e começou a encará-lo.

Call se sentou no chão, observando os carros ocasionais que passavam por ali. Tamara estava digitando alguma coisa no celular. Ele não sabia ao certo se ela estava pesquisando coisas para a jornada que tinham à frente, ou se simplesmente mandava e-mails para os amigos. Aaron contemplava a distância com a testa franzida, como os heróis dos quadrinhos costumavam fazer. Poderiam fazer um boneco dele naquela posição.

Call ficou imaginando como Aaron ficaria quando descobrisse que Call tinha mentido para ele; mentido muito.

Ainda estava pensando nisso quando um sofisticado carro preto parou diante deles.

A janela se abriu, e o mordomo de Tamara, Stebbins, tirou os óculos e exibiu seus olhos azul-claros.

— Entrem — disse ele. — Temos de ser rápidos.

Jasper se arrastou para o banco de trás.

— Ah, hidratação. — Ele pegou uma garrafa de água de um dos suportes e tomou tudo.

— O cachorro não entra — declarou Stebbins. — Ele vai sujar os assentos, e as unhas podem arranhar o couro.

— Os assentos não são seus — lembrou Tamara, afagando a almofada ao lado dela. O lobo pulou para o carro e, em seguida, se virou, parecendo desconfiado.

Call entrou logo depois, puxando Devastação para seu colo. Era difícil acreditar que o lobo já coubera embaixo de sua camisa. Agora era quase tão grande quanto o próprio Call.

Aaron foi na frente.

— Presumo que vai ser como sempre — disse Stebbins a Tamara, virando o assento. — Qual é o endereço?

Call informou, apesar de não saber o número, só a rua. Stebbins registrou o local em seu GPS aparentemente não mágico.

E então partiram.

— O que é o de sempre? — sussurrou Jasper para Tamara.

— Stebbins participa de corridas com os carros de meus pais. — Ela também manteve a voz baixa. — Eu guardo o segredo.

— Sério? — Jasper franziu a testa para o sujeito no banco da frente, com o que parecia ser um novo tipo de respeito.

Enquanto seguiam, Call se pegou cochilando contra a janela até a cabeça começar a bater no vidro. Estavam seguindo por uma estrada de terra.

Call piscou. Sabia exatamente onde estavam.

— Pode parar aqui — pediu ele.

Strebbins parou o carro, fazendo uma careta.

— Aqui? — perguntou ele, mas Call já estava abrindo a porta. Devastação imediatamente começou a correr em círculos, nitidamente aliviado sair do carro.

Os meninos mal saltaram, e Stebbins já tinha engatado a ré, provavelmente feliz por se livrar deles.

— Está brincando? — declarou Jasper ao ver a paisagem de carros. — Isso é um ferro-velho.

Call o encarou, mas Tamara deu de ombros.

— Ele tem uma certa razão, Call.

Call tentou enxergar aquela área familiar pelos olhos dela. Era bem ruim. Parecia um estacionamento, exceto que os veículos não estavam em filas organizadas. Os carros se encontravam agrupados, praticamente uns por cima dos outros. Alguns tinham sido dirigidos até ali, mas a maioria foi rebocada e largada onde era possível. A ferrugem brotava nos capôs e nas portas, marcando a tinta que um dia já havia sido brilhante. O capim crescera ao redor, um indicador nítido do tempo de abandono.

— Ele mantém isso por causa das peças — explicou Call, constrangido. Sempre achou o pai excêntrico, mas tinha de admitir que possuir diversos veículos em decomposição parecia um pouco pior do que excentricidade. Alastair nunca seria capaz de usar todos os carros que colecionava, nem mesmo para aproveitar as peças, considerando que a maioria estava enferrujada, mas ele continuava colecionando mesmo assim. — Os carros bons, que ele planeja restaurar, estão no celeiro.

Tamara, Aaron e até mesmo Jasper olharam esperançosos na direção para a qual Call apontava, mas a enorme construção cinza não pareceu oferecer conforto a nenhum deles.

Um vento frio cortou o estacionamento. Jasper tremeu de forma exagerada e se encolheu dentro do casaco. Esfregou as mãos teatralmente, como se estivessem escalando o Everest e temesse uma gangrena.

— Cale a boca, Jasper! — Ordenou Call.

— Eu não disse nada! — protestou Jasper.

Aaron acenou em tom de paz.

— Você realmente acha que seu pai pode estar escondido aí?

— Não é um lugar onde a maioria das pessoas procuraria por ele. — Entretanto, àquela altura, Call não tinha mais certeza de nada.

— Isso é certo. — As palavras de Tamara pareciam realmente repletas de sentimento. Ela olhou para a casa da fazenda perto das árvores, uma construção feita de ripas de madeira, com um teto inclinado e remendado. — Não posso acreditar que o dono permita que ele faça isso com sua propriedade.

— É uma senhora — explicou Call. — Não é como se o lugar estivesse em ótimo estado. E ele paga aluguel.

— Acha que ele pode estar por aqui? — perguntou Aaron, esperançoso. O brilho amarelo das janelas parecia convidativo. — Quero dizer, talvez ela deixe que ele durma no quarto de hóspedes.

Call balançou a cabeça.

— Não. Quando ele vem, sempre fica no celeiro. Ele deixa uns sacos de dormir por lá e um fogão portátil. E comida enlatada, também. Mas talvez ela o tenha visto. Ele normalmente dá uma passada na casa.

— Vamos perguntar — sugeriu Aaron. — Ela é uma daquelas senhoras que faz um monte de bolos?

— Não. — Ele não conseguia se lembrar da senhora Tisdale algum dia cozinhando alguma coisa. Aaron pareceu decepcionado. Jasper simplesmente continuou irritado, olhando para o céu, como se esperasse ser salvo por um helicóptero ou um elemental do ar, ou talvez um elemental pilotando um helicóptero.

— Vamos. — Call seguiu em direção à casa. Sua perna não estava apenas doendo; parecia que espetos de fogo disparavam por seus ossos. Ele rangeu os dentes ao subir a escada da frente. Não queria emitir nem um único gemido de dor na frente de Jasper.

Aaron esticou o braço em volta dele e bateu na porta. Ouviram passos lá dentro, e a porta abriu uma fresta, revelando cabelos grisalhos e um par de brilhantes olhos verde-claros.

— Vocês são um pouco baixos para serem vendedores de porta em porta, não? — cacarejou uma voz de senhora.

— Senhora Tisdale — começou Call. — Sou eu, Callum Hunt. Estou procurando meu pai. Ele está aqui?

A porta se abriu mais um pouco. A senhora Tisdale usava um vestido xadrez, botas velhas e um xale cinza.

— Por que ele estaria aqui? — perguntou ela. — Acha que decidi vendê-lo em troca de peças?

Assim que ela entrou em seu campo visual, Devastação começou a latir como um louco. Ele rosnava como se quisesse arrancar o braço da senhora Tisdale.

— Há dias que ele não aparece em casa. — Call agarrou a coleira de Devastação e fingiu que o lobo não estava babando. — Achei que talvez...

— E os magos não conseguiram encontrá-lo — acrescentou Tamara. — Eles estão procurando por ele.

Todos viraram para ela, em choque.

— *Tamara*! — repreendeu Aaron.

Ela deu de ombros.

— Que foi? Ela é maga. Dá para ver! Dá para sentir o cheiro de magia nesta casa.

— Ela tem razão — concordou Jasper.

— Para de puxar o saco, Jasper — alertou Call.

— Não estou puxando o saco; você é que é burro. E esse seu bicho de estimação é um monstro.

A senhora Tisdale olhou de Devastação para Tamara e para Call.

— Suponho que seja melhor vocês entrarem. Todos, menos o lobo.

Call se virou para Devastação.

— Qual é seu problema?

O lobo ganiu, mas viu a senhora Tisdale e começou a rosnar outra vez.

— Tudo bem — falou Call, afinal, apontando para um ponto do gramado. — Fique aqui e espere por nós.

Devastação sentou contra a vontade, ainda rosnando.

Eles se apressaram para entrar na casa, que cheirava a poeira e gatos, mas que não era um odor desagradável para Call. Por mais que doesse a possibilidade de Jasper ter razão, era bom se aquecer. Ela os conduziu até a cozinha, onde colocou uma chaleira no fogão.

— Agora me digam por que eu não devo contatar o Magisterium e mandar que busquem alguns alunos encrenqueiros?

Call não sabia ao certo o que dizer.

— Porque meu pai não ia querer que você fizesse isso?

— E porque estamos em uma missão — completou Tamara, apesar de, daquela vez, não ter soado tão convincente.

— Uma missão? Para encontrar Alastair? — A senhora Tisdale pegou cinco xícaras no armário.

— Ele está correndo perigo — informou Aaron.

— Você abandonou a magia, não foi? — perguntou Jasper. — Como o pai de Call.

— Nada disso importa. — A senhora Tisdale se voltou para Call. — Seu pai se meteu em algum tipo de encrenca?

Call assentiu veementemente.

— Precisamos muito encontrá-lo. Se você souber se alguma coisa...

Ele viu o momento em que ela cedeu.

— Ele esteve aqui na semana passada. Passou alguns dias no celeiro. E pagou dois meses adiantado, coisa que não costuma fazer. Mas realmente não sei onde está agora. E não gosto da ideia

de vocês quatro aqui sozinhos. — Ela lançou um olhar afiado a Jasper. — Posso ter abandonado a magia, mas isso não quer dizer que sou orgulhosa demais para ligar para o Magisterium.

— Que tal se dormirmos no celeiro e prometermos voltar de manhã? — propôs Call.

A senhora Tisdale suspirou, evidentemente desistindo.

— Se prometerem não arrumar nenhuma encrenca...

— Ou na casa — disse Jasper. — Talvez a gente possa ficar na casa. Onde é quente, e não assustador.

— Vamos, Jasper. — Aaron o pegou pelo braço. Ele se calou, como se já tivesse decidido que nem a senhora Tisdale estava do seu lado.

No ar noturno, os carros lembravam a Call criaturas sombrias e esqueléticas, como ossos de dinossauros acumulados na terra.

Devastação os seguia, quieto. Os olhos claros voltando para a casa, a língua para fora, como se estivesse com fome. Os outros pareciam compartilhar do presságio do lobo. Tamara olhou em volta com um tremor e conjurou uma pequena bola de fogo. A bola foi dançando à frente deles, no caminho até o celeiro, iluminando placas espalhadas, pneus e latas cheias de parafusos.

Call ficou feliz quando chegaram à construção, a porta pintada de vermelho segura por uma barra de metal. De perto, era fácil perceber que o metal tinha levado um banho de óleo recentemente. Aaron se pôs a trabalhar levantando a barra e abrindo a porta.

O velho celeiro repleto de vigas era um local familiar para Call. Era onde ficavam os carros bons, todos sob tapetes manchados de óleo. Era onde ele e o pai passavam boa parte do tempo quando iam ali. Call trazia uma pilha de livros, ou o Game Boy, e ficava sentado em algum canto enquanto o pai trabalhava.

Eram lembranças boas, mas, naquele momento, pareciam tão vazias e esqueléticas quanto a paisagem de carros do lado de fora.

— Lá em cima. — Call foi até a escada. Colocou o pé no degrau mais baixo e quase sofreu um colapso quando uma onda de dor subiu por sua perna. Ele reprimiu o gemido que queria emitir, mas viu o olhar solidário de Aaron assim mesmo. Ele não olhou para Jasper, apenas esticou os braços para se apoiar nas mãos e tirar o máximo de peso possível da perna. Os outros o seguiram.

Estava escuro no mezanino coberto por palha, e Call piscou os olhos por um momento, sem enxergar nada até Tamara aparecer com a bola de fogo dançando sobre sua cabeça, como uma lâmpada em um desenho animado. Os outros dois vieram em seguida, se espalhando pelo recinto estreito. Não havia muita coisa ali — uma mesa, um pequeno fogão e duas camas estreitas, com cobertores dobrados aos pés. Tudo estava incrivelmente arrumado, e, se a senhora Tisdale não tivesse contado a eles, Call não teria suposto que Alastair estivera ali recentemente.

Jasper se jogou em uma das camas.

— Vamos comer? Sabem, deve transgredir alguma lei me raptar e não me alimentar.

Tamara suspirou, em seguida olhou esperançosa para Call.

— Tem um fogão. Tem alguma comida?

— Tem, um pouco. Basicamente enlatados. — Call enfiou um dos braços embaixo da cama do pai, a procura das cestas que ele guardava ali. Logo surgiram algumas latas de ravióli, garrafas de água, pacotinhos de carne seca, um canivete, garfos e duas barras grandes de chocolate.

Call sentou em uma das camas com Tamara, e Jasper o encarava da outra. Aaron abriu várias das latas de ravióli com grande eficiência e as aqueceu no fogareiro — aceso com magia — enquanto Tamara desdobrava um mapa dos arredores que havia encontrado entre as coisas de Alastair. Ela contemplou o mapa, pensativa, o nariz enrugado.

— Consegue entender o que tem aí? — Call espiou sobre o ombro dela. Ele esticou um dos braços para o mapa. — Acho que isso é uma rodovia.

Ela tirou a mão dele.

— Não é uma rodovia, é um rio.

— Na verdade, é uma autoestrada. Me dê isso aqui — Jasper estendeu uma das mãos. Tamara hesitou. — Para onde você está tentando ir?

— Estávamos tentando chegar aqui — respondeu Call. — Mas agora eu não sei.

— Bem, se seu pai não está aqui, ele deve ter ido para algum lugar. — Aaron trouxe as latas aquecidas de ravióli. Eles as

pegaram, ansiosos, colocando panos em volta das mãos para não se queimarem. Call distribuiu garfos, e eles começaram a comer.

Jasper fez uma careta ao comer a primeira garfada, mas depois começou a enfiar a massa na boca.

— Talvez a gente possa fazer a senhora Tisdale contar alguma coisa — disse Call, mas com uma sensação fria no estômago. Alastair nitidamente estava fugindo, mas para onde iria? Ele não tinha amigos próximos, até onde Call sabia, ou nenhum outro esconderijo.

Aaron e Tamara conversavam baixinho, e Jasper olhava o mapa. Call deixou de lado a lata de ravióli meada e se levantou, indo até a mesa de Alastair. Abriu a gaveta principal.

Confirmando suas expectativas, estava cheia de chaves de carros. Chaves individuais, em sua maioria, presas a chaveiros de couro que identificavam o fabricante do carro: Volkswagen, Peugeot, Citroën, MINI Cooper e até um Aston Martin. A maioria coberta de poeira, mas não a do Martin. Call pegou a chave — o Martin era um dos preferidos do pai, apesar de ele ainda não o ter colocado para andar. Certamente não teria ficado trabalhando no carro quando estava ali, fugindo para salvar a própria vida.

Talvez Alastair pretendesse dirigir o Martin. Era um belo carro de fuga, capaz de fazer curvas acentuadas e até de despistar magos. Se fosse esse o caso, Call imaginou que o pai poderia ter deixado o carro pronto para ser usado. Lógico, seria ilegal um *deles* dirigir, mas essa era a menor de suas preocupações.

Ele foi até a escada com um suspiro e iniciou o árduo processo de descida. Ao menos com os outros ainda lá em cima, ele podia ficar livre para descer devagar e fazer quantas caretas quisesse.

— Call, aonde você vai? — gritou Tamara.

— Pode mandar um pouco de luz aqui para baixo? — pediu Call.

Ela suspirou.

— Por que eu? Você sabe fazer fogo flutuar tão bem quanto eu.

— Você faz melhor — respondeu Call, de uma forma que torceu para que tivesse sido persuasiva. Ela pareceu irritada, mas mandou uma esfera de fogo lá para baixo do mesmo jeito. A bola pairou pelo ar como um lustre, largando brasas ocasionalmente.

Call tirou o tapete do Aston Martin. O carro era azul-esverdeado, e a pintura brilhava; tinha bancos de couro cor de marfim, com poucos cortes. O piso parecia em boas condições também. O pai dizia que normalmente o piso era a primeira coisa a sucumbir à ferrugem.

Call sentou no lugar do motorista e colocou a chave na ignição. Fez uma careta. Precisaria se esticar muito para alcançar o freio ou o acelerador. Aaron provavelmente conseguiria; ele era mais alto. Call girou a chave, mas nada aconteceu. O velho motor se recusou a ganhar vida.

— O que está fazendo?

Call pulou e quase bateu a cabeça no teto do carro. Ele se inclinou para fora da porta aberta e viu Aaron ao lado do banco do motorista, aparentando curiosidade.

— Olhando — respondeu Call. — Não sei exatamente o que estou procurando. Meu pai definitivamente mexeu neste carro antes de partir.

Aaron se inclinou para baixo e assobiou.

— É um belo carro. Está funcionando?

Call fez que não com a cabeça.

— Dê uma olhada no porta-luvas — sugeriu Aaron. — Meu pai adotivo deixava tudo no porta-luvas dele.

Call esticou um dos braços e abriu o compartimento. Para sua surpresa, estava cheio de papéis. Não eram quaisquer papéis, ele percebeu logo ao pegá-los. Eram cartas. Alastair era um dos poucos adultos das relações de Call que mantinha correspondência manuscrita em vez de e-mails, então ele não se surpreendeu com aquilo.

O que o surpreendeu foi o remetente. Ele abriu uma delas e olhou a parte inferior, a assinatura ali, uma assinatura que fez seu estômago embrulhar.

Mestre Joseph A. Walther

— O que foi? O que foi? — perguntou Aaron, e Call olhou para ele. Ele devia estar com uma expressão de choque no rosto, porque

Aaron recuou e gritou para os outros lá em cima: — Ele achou alguma coisa! Call achou alguma coisa!

— Não, não achei. — Call saiu aos tropeços do carro, as cartas amassadas embaixo do braço. — Não encontrei nada.

Os olhos verdes de Aaron pareciam perturbados.

— O que é isso, então?

— Coisas pessoais. Anotações de meu pai.

— Call. — Era Tamara, na beirada do mezanino. Era possível ver Jasper atrás dela. — Seu pai é um criminoso procurado. Ele não tem "coisas pessoais".

— Ela tem razão. — A voz de Aaron soou digna de pena. — Qualquer coisa pode ser relevante.

— Tudo bem. — Call queria ter sido mais esperto, queria ter adivinhado o esconderijo do pai no lugar de Aaron, queria não ter de compartilhar aquelas cartas com os outros. — Só que eu sou quem vai lê-las. Mais ninguém.

Call manteve as cartas embaixo do braço enquanto subia novamente a escada, seguido por Aaron. Jasper tinha descoberto como as luzes de emergência funcionavam, e o andar de cima estava todo iluminado. Call sentou em uma das camas, e os outros três se ajeitaram na outra.

Era estranho ver a letra de Mestre Joseph assim. Era espetada e esguia, e ele assinou cada carta com o nome inteiro, com a inicial do meio e tudo. Havia quase uma dúzia delas, datadas nos últimos três meses. E estavam repletas de linhas perturbadoras.

Existe uma forma de nós dois conseguirmos o que queremos.

Você quer seu filho ressuscitado dos mortos, e nós queremos Constantine Madden.

Você não entende a dimensão do poder do Alkahest.

Nunca nos entendemos antes, Alastair, mas agora você perdeu muita coisa. Imagine se Sarah pudesse voltar para você. Imagine poder ter de volta tudo o que perdeu.

Roube o Alkahest, traga-o para nós, e todo o seu sofrimento terá fim.

Nada fazia sentido algum. Alastair ia usar o Alkahest para matá-lo, não ia? Ele queria destruir o Inimigo da Morte.

Call se lembrou do espanto no rosto do pai ao atingir a parede, lembrou-se da sensação de raiva incontrolável. E se houvesse se enganado com relação a Alastair? E se Alastair não tivesse mentido quando disse que não ia matar Call?

Mas, se Alastair queria se livrar dele e recuperar a alma do *verdadeiro* filho, era tão ruim quanto. Talvez ele não quisesse matar Call diretamente, mas colocar sua alma de volta em Constantine Madden parecia muito com morrer.

— O que foi? — Tamara estava tão inclinada para fora da cama, que estava prestes a cair. — Call, o que está escrito aí?

— Nada — respondeu Call, sombrio, dobrando a carta mais incriminadora e guardando-a no bolso. — São várias dicas sobre o cultivo de begônias.

— Mentiroso — declarou Jasper de forma sucinta, pegando uma das cartas da cama. Começou a ler em voz alta, arregalando os olhos. — Calma aí, estas aqui... realmente, de verdade mesmo, não são sobre begônias!

Foi horrível. Tamara e Aaron nitidamente não tinham acreditado nele, mas o olhar de traição nas faces dos dois foi quase tão horrível quanto a expressão convencida de Jasper. Pior, eles leram tudo. Linha por linha. O conteúdo era bizarro; apesar de, para o alívio de Call, nada nas cartas se referir diretamente ao fato de que ele possuía a alma de Constantine Madden. Quem poderia saber o que eles teriam pensado se tivessem pegado a carta em seu bolso?

— Então ele realmente *tem* o Alkahest e vai *dá-lo* ao inimigo? — Jasper parecia apavorado. — Pensei que você tivesse dito que ele fora acusado injustamente.

— Vejam esta aqui — disse Tamara. — Alastair deve ter concordado, porque Mestre Joseph está escrevendo sobre como vai entrar em contato com ele e como vão se encontrar. Está marcado para daqui a dois dias.

— Temos de voltar ao Magisterium — declarou Aaron. — Precisamos contar para alguém. Call, eu acreditei em você sobre seu pai, mas talvez você tenha se enganado.

— Não podemos correr o risco de o Alkahest cair nas mãos do Inimigo — acrescentou Tamara. — Significa que Aaron pode ser morto. Você entende isso, não entende, Call?

Call olhou para o fogo ardendo nas lâmpadas. Será que tinha entendido errado tudo que estava acontecendo com seu pai? Tinha presumido que o pai era uma boa pessoa, que estava do lado do Magisterium e dos Mestres, do lado dos que combatiam Constantine Madden a qualquer custo. Mas agora parecia que seu pai era má pessoa e estava do lado de Mestre Joseph, afinal, e disposto a fazer todo o necessário para recuperar a alma do filho. O que não era a pior coisa do mundo, dependendo do ponto de vista. Mas, se Alastair havia decidido se alinhar com Mestre Joseph, Call tinha a obrigação moral de permitir que seguisse em frente ou deveria impedi-lo?

A cabeça de Call doía.

— Não quero que nada de mal aconteça a Aaron. — Essa era a única certeza que tinha. — Jamais quis.

Aaron pareceu arrasado.

— Bem, não vamos chegar a lugar algum esta noite — atestou o Makar. — Está tarde, e estamos todos cansados. Talvez se dormirmos por algumas horas, possamos concluir alguma coisa amanhã de manhã.

Eles olharam para as duas camas. Cada qual era grande o suficiente para um adulto ou duas crianças.

— Quero aquela — disse Jasper. Apontou para Tamara e Call e acrescentou: — E quero Aaron, porque você é estranho, e você é uma garota.

— Posso dormir no chão — ofereceu Aaron, olhando para a expressão no rosto de Tamara.

— Isso só beneficia Jasper — retrucou Tamara, irritada, e foi para a cama da esquerda. — Tudo bem, Call; a gente dorme por cima das cobertas. Não se preocupe.

Call achou que talvez devesse se oferecer para dormir no chão, como Aaron havia feito, mas não queria. A perna já estava doendo, e, além disso, ele sabia que às vezes tinham ratos escondidos no celeiro.

— Tudo bem. — Ele deitou ao lado dela.

Foi estranho.

Na outra cama, Jasper e Aaron estavam tentando dividir um único travesseiro. Houve um grito abafado, como se alguém tivesse

levado um soco. Call deu o travesseiro da cama dele para Tamara e deitou sobre o próprio braço.

Fechou os olhos, mas o sono não veio. Era desconfortável ter de ficar em um lado da cama, se certificando de que nem os pés invadissem o espaço de Tamara. Não ajudava o fato de ficar enxergando as palavras nas cartas de Mestre Joseph, registradas por trás de suas pálpebras.

— Call?

Ele abriu os olhos. Tamara olhava para ele a alguns centímetros de distância, os olhos grandes e escuros.

— Por que você é tão importante? — sussurrou ela.

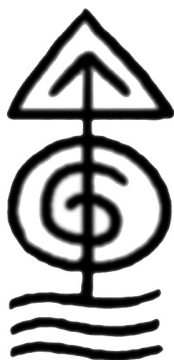
Ele sentiu uma lufada morna do hálito dela em sua bochecha.

— Importante? — repetiu. Jasper tinha começado a roncar.

— Todas essas cartas — explicou ela. — De Mestre Joseph. Achei que seriam sobre Aaron. Ele é o Makar. Mas eram sobre você. *Call é a coisa mais importante*.

— Bem... acho que é por ele ser meu pai — disse Call, atrapalhando-se com as palavras. — Então eu sou importante para ele.

— Não parecia esse tipo de importância — discordou Tamara suavemente. — Call, você sabe que pode nos contar qualquer coisa, não sabe?

Call não sabia ao certo como responder. Ainda estava tentando decidir quando Devastação começou a uivar.

CAPÍTULO ONZE

— Devastação, quieto! Shhhhiiii! — pediu Call, mas o lobo continuou latindo, cheirando entre as portas do celeiro, arranhando a madeira com as patas.

— O que você está vendo, rapaz? — perguntou Aaron. — Tem alguma coisa aí fora?

Tamara deu um passo em direção ao lobo.

— Talvez seu pai tenha voltado.

O coração de Call começou a bater violentamente. Ele correu para a porta que Devastação estava farejando e puxou-a, abrindo o celeiro para o ar frio lá de fora.

Devastação correu. A noite estava quieta. A lua brilhava no céu. Call teve de apertar os olhos para ver seu lobo correndo pela grama em direção à fila de carros destruídos, parecendo corcunda e irreal na escuridão.

— O que é isso? — Era Jasper. A voz num sussurro assustado. Ele apontava para algo. Aaron deu um passo à frente. Estavam todos em volta de Call, diante da porta aberta do celeiro. Call olhou para onde Jasper indicava. De início, não viu nada; em seguida, observando com mais atenção, viu alguma coisa desviando pela lateral de um dos carros.

Tamara se engasgou. A coisa estava se levantando, parecendo crescer a cada instante, inchando diante deles. Brilhava ao luar — um monstro feito de metal, escuro e aparentemente molhado, como se a superfície estivesse cheia de óleo. Os olhos eram como duas enormes lanternas, brilhando na escuridão. E a boca... Call ficou olhando enquanto a imensa mandíbula se abria, alinhada com fileiras de dentes metálicos, afiados como os de tubarão, e, em seguida, se fechava sobre o capô de um Citroën antigo.

O carro fez um terrível barulho de trituração. A criatura jogou a cabeça para trás, engolindo. Cresceu ainda mais enquanto o carro desaparecia em sua boca gigante. Um instante depois, o carro sumiu e a criatura pareceu crescer ainda mais.

— É um elemental — concluiu Tamara, nervosa. — Do ferro. Deve estar extraindo poder de todos esses carros e essa sucata.

— Melhor sairmos daqui antes que note nossa presença — disse Jasper.

— Covarde — censurou Call. — É um elemental à solta. Cuidar disso não é sua função?

Jasper esticou os ombros e o encarou.

— Olhe, aquela coisa não tem *nada a ver* conosco. Precisamos defender *pessoas*, mas não quero morrer protegendo a coleção de seu pai. Ele vai ficar melhor sem todos esses carros, caso não seja executado por trabalhar com o Inimigo, o que é uma possibilidade muito grande; e para nós o melhor é sair daqui!

— Cale a boca. Apenas cale a boca. — Aaron levantou uma das mãos. O metal em seu pulso brilhou. Call conseguia ver o que parecia uma sombra se elevando de sua palma, encobrindo parcialmente a mão.

— Pare! — Tamara agarrou o pulso de Aaron. — Você não aprendeu direito a usar a magia do vazio. E o elemental é grande demais. Pense no tamanho do buraco que teria de abrir para se livrar dele.

Aaron pareceu se irritar.

— Tamara...

— Hum, pessoal — interrompeu Jasper. — Entendo que estão discutindo, mas acho que ele acabou de nos ver.

Jasper estava certo. Os olhos de farol brilhavam na direção deles. Tamara soltou Aaron quando a criatura começou a se mover. Então, inesperadamente, ela se voltou para Call.

— O que faremos?

Call estava surpreso demais com o pedido por instruções e não conseguiu responder. O que não foi problema, porque Aaron já estava falando.

— Temos de buscar a senhora Tisdale e protegê-la. Se essa criatura veio parar aqui por acaso, então talvez coma alguns carros e vá em paz. Mas, se não for isso, precisamos estar prontos.

— Elementais do ferro são raros. — Jasper pegou a bolsa de Tamara. — Não sei muito a respeito deles, mas sei que não gostam

de fogo. Se ele começar a vir atrás de nós, eu lanço uma tela de fogo. Tudo bem?

— Posso fazer isso. — Tamara amarrou a cara.

— Não importa quem vai fazer! — retrucou Aaron, exasperado. — Agora vamos!

Todos começaram a correr para a casa principal. Call, um pouco mais lento, seguia na retaguarda, não só porque a perna doía, mas porque estava preocupado com Devastação. Ele queria chamá-lo, se certificar de que seu lobo estava bem, mas atrair chamar a atenção do elemental. E ele não sabia se conseguiria fugir correndo, caso precisasse. Tamara, Aaron e Jasper já estavam muito mais rápidos que ele.

A criatura continuava a se mover, às vezes parcialmente escondida pelos carros, às vezes terrivelmente clara. Não se movia depressa, mais parecia um gato perseguindo sua presa. Vinha lentamente, a cada abocanhada de metal.

Enquanto Call se aproximava da casa da senhora Tisdale, percebeu que alguma coisa estava errada. A luz escapava da casa, não só das janelas, mas de toda a frente. A porta e parte da parede tinham sumido. Fios e pedaços de madeira pendiam do buraco que restava.

Aaron foi o primeiro a correr pelos degraus.

— Senhora Tisdale! — gritou ele. — Senhora Tisdale, você está bem?

Call foi atrás, a perna doendo. A mobília estava revirada, uma mesa de centro havia sido destruída. Um sofá pegava fogo, as chamas se elevavam de um canto escurecido. A senhora Tisdale se encontrava no chão, com um terrível corte no peito. Sangue ensopava o tapete abaixo dela. Call encarou a cena, horrorizado. Misturado ao sangue, havia pedaços brilhantes de metal.

Aaron caiu de joelhos.

— Senhora Tisdale?

Ela estava com os olhos abertos, mas não parecia conseguir fixar o olhar em nada.

— Crianças... — disse ela com uma terrível voz sussurrada. — Crianças, eles estão atrás de vocês.

Call se lembrava um pouco da magia de cura. Já tinha visto Alex utilizá-la para curar o calcanhar quebrado de Drew uma vez, extraindo poderes de ligação e cura da terra. Ele se agachou ao lado de Aaron, tentando extrair o que fosse possível. Se conseguisse curá-la, então talvez sua magia servisse para mais do que Alastair pensava.

Talvez ele fosse bom.

Pressionando os dedos gentilmente sobre a clavícula da idosa, ele direcionou a energia para ela. Tentou senti-la vindo do chão, tentou pensar em si próprio como um condutor. Mas, após um instante, ela empurrou a mão dele.

— Tarde demais para isso — informou a senhora Tisdale. — Vocês ainda podem escapar. Precisam correr. Call, eu estava lá na noite em que você achou que tivesse perdido Devastação. Fui eu que o acorrentei. Sei o que está em jogo.

Call se afastou dela, confuso.

— Do que ela está falando? — perguntou Tamara. — Do que você está falando, senhora Tisdale?

— É só um elemental. Podemos nos livrar dele. Podemos ajudá-la. — Aaron olhou, descontrolado, para Tamara e Jasper. — Talvez devêssemos pedir ajuda ao Magisterium...

— Não! — A senhora engasgou. — Não sabem o que *é* aquela criatura? Se chama Automotones, é um monstro antigo e terrível, foi capturado pelos magos do Magisterium há centenas de anos. — Filetes de sangue surgiram nos cantos de sua boca. Ela respirava com dificuldade. — Se está aqui agora, é porque aqueles... aqueles... aqueles *magos* o soltaram para caçá-los. Para matá-los!

Com um tremor, Call se lembrou da aula de Mestre Rufus sobre os elementais presos sob o Magisterium. Como eram aterrorizantes. E impossíveis de ser contidos.

— Para caçar *Alastair*, você quer dizer? — perguntou Jasper.

— Ele invadiu a casa — sibilou ela. — Exigiu que eu contasse onde *vocês* estavam. Não Alastair. Vocês quatro. — Os olhos dela se fixaram em Aaron. — É melhor correr, Makar.

A face de Aaron estava pálida de choque.

— Fugir do Magisterium? E não do Inimigo?

A boca da senhora se curvou em um estranho sorriso.

— Você nunca poderá escapar do Inimigo da Morte, Aaron Stewart — afirmou ela, e, apesar de parecer estar falando com Aaron, ela olhava para Call. Ele a encarou de volta enquanto os olhos dela se apagavam.

— Cuidado! — gritou Tamara.

O monstro metálico — Automotones — entrou na casa pela parede quebrada. Estava verdadeiramente imenso agora. Esticou-se, as mãos lisas e enormes arrancando o teto, abrindo um buraco entre o andar superior e o inferior em busca de espaço para si. Call gritou e caiu de lado, por pouco não sendo esmagado por uma cômoda. O móvel se estilhaçou no chão, espalhando roupas.

De repente, uma tela de fogo apareceu, como uma parede viva de chamas, queimando o chão e acendendo o que restava do teto. Jasper controlava o fogo com esforço perceptível enquanto Automotones rugia e estalava.

— Vá! — gritou Jasper para Call. — Corra! Eu sigo você.

Call se sentiu mal por tê-lo chamado de covarde. Levantando-se do chão, ele cambaleou para os fundos da casa.

Aaron e Tamara foram em seu encalço. Tamara tinha invocado uma bola de fogo, que brilhava em sua mão. Ela jogou a cabeça para trás, as tranças voando na direção de onde Jasper estava.

— Vamos, Jasper — incentivou Aaron. — Agora!

Jasper liberou sua parede de fogo e correu em direção a eles. O elemental do ferro os perseguia. Tamara jogou a chama que invocara na barriga do monstro enquanto Jasper cambaleava para o gramado com Call.

Jasper estava nitidamente exausto pelo esforço que fizera a fim de sustentar a tela de fogo. Conseguiu correr alguns metros no gramado e caiu. Call deu um passo até ele, mas não tinha ideia do que fazer. Não tinha como carregar Jasper e correr; mal conseguia correr sem o peso extra de outra pessoa nos ombros.

Tamara correu pelo gramado, com Aaron logo atrás. Em seu encalço vinha o Automotones. Correndo e arranhando enquanto as chamas ardiam ao redor — o fogo de Jasper evidentemente havia incendiado alguns dos móveis, e agora as cortinas e provavelmente as paredes queimavam. A fazenda toda iria arder como uma tocha.

— Jasper! — Call alcançou o braço de Jasper e tentou ao menos levantá-lo. Ele conseguiu se ajoelhar e, em seguida, soltou um berro de pavor. Call se virou e viu o elemental do ferro se erguer sobre eles, bloqueando a luz da lua. As patas da criatura desciam sobre os dois. Pareciam enormes alicates de metal, prestes a se fechar sobre Call e Jasper, prestes a cortá-los ao meio.

Call se lembrou de estar no terrível escritório do pai durante o verão, lembrou-se da raiva que sentiu e de como tinha olhado para Alastair e simplesmente a *canalizara*. Ele tentou concentrar todo o horror, o medo e a raiva que estava guardando e *direcioná-los* contra o Automotones.

O monstro voou para trás, emitindo um ruído que parecia o de um carro enferrujado sendo destruído. O ruído se transformou em um rugido furioso enquanto o Automotones se voltava para Tamara e Aaron. Aaron foi para a frente de Tamara, levantando uma das mãos, mas o monstro o empurrou dali como se ele fosse um inseto, e agarrou Tamara, levantando-a no ar.

— Tamara! — Call começou a correr em direção ao elemental, por um instante se esquecendo de que ele era aterrorizante, enorme e um verdadeiro assassino. Em sua mente, ele enxergou apenas o alicate metálico se fechando em volta de Tamara, esmagando-a. Ele tinha uma vaga noção de Aaron correndo e gritando, e também de que Tamara estava lutando, ainda que em silêncio, na garra da criatura. De repente, o Automotones balançou e tropeçou. Tamara se libertou, caindo na grama.

O elemental se contorceu, e Call viu que Devastação havia pulado nas costas do monstro, as garras Dominadas pelo Caos enterradas na pele de metal, dentes rasgando. O ruído do metal sendo rompido preencheu a noite.

Mas a criatura se sacudiu e Devastação perdeu o equilíbrio, as patas arranhando desesperadamente o ar. Ele estava se segurando pelos dentes, porém logo acabou se soltando. O lobo voou em direção à casa, ao fogo, ganindo ao cair.

Invocando o ar, ignorando o elemental e a luta, Call se concentrou em seu lobo. Concentrou-se em formar uma almofada macia de vento para pegar Devastação. Ao longe, ouviu a criatura se aproximar; vagamente, entendeu que estava colocando todos em

perigo para se certificar de que seu animal de estimação não se machucasse, mas não se importava com isso.

Devastação caiu no ar mágico de Call, como se fosse uma rede, quicando um pouco, as patas balançando, os olhos brilhantes arregalados. Lentamente, Call foi abaixando o lobo para o chão, com cuidado, com muito cuidado...

Foi então que o elemental o atingiu. A sensação foi a de ter sido esmagado por uma onda gigante. Ouviu Tamara gritar seu nome, e, em seguida, voava para trás, atingindo o chão com força o suficiente para enviar uma onda de choque por seu corpo. Ele rolou, cuspindo terra e grama, e viu o elemental do ferro se erguer sobre ele. Parecia enorme, tão grande quanto o céu que se expandia sobre seu corpo. Call lutou para se levantar, a perna ruim tremendo, mas caiu de volta na grama. Ao longe, pôde ver Tamara correndo em sua direção, cordas de fogo pendendo de suas mãos, mas sabia que ela estava longe demais para chegar até ele a tempo. O Automotones já se abaixava acima dele, as mandíbulas repletas de dentes afiados abertas.

Call agarrou a terra, tentando conectar-se a ela para invocar sua magia, mas não havia tempo. Dava para sentir o cheiro de metal e ferrugem enquanto o elemental abria a boca para engoli-lo.

— Pare!

O elemental virou a cabeça para trás. Call se virou para ver Aaron atrás dele, as mãos esticadas. Brilhando em sua palma havia uma nuvem de escuridão oleosa que jorrava para cima. A expressão em seu rosto era uma que Call não se lembrava de já ter visto antes. Seus olhos ardiam como ferretes, e uma careta formou em seu rosto algo perturbadoramente parecido com um sorriso.

O vazio preto e oleoso voou da mão de Aaron direto para a garganta do Automotones. Por um instante, nada mudou. Em seguida, a criatura começou a vibrar, metal contra metal. Call ficou olhando. O elemental parecia estar sendo esmagado por uma enorme mão invisível, o metal sendo sugado por dentro. A criatura abriu a boca, e Call viu o vazio fumegando e borbulhando em seu interior. Ele percebeu o que estava acontecendo. O elemental estava entrando em colapso, cada junta e parafuso, cada placa e

motor era sugado para o crescente vazio que Aaron havia jogado em sua garganta.

Call sentiu uma mão em seu ombro, e logo Aaron o puxava para cima. A expressão assustadora tinha desaparecido. Ele parecia apenas sério, assistindo, enquanto o Automotones soltava um último uivo e desaparecia na escuridão, chiando.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Jasper, correndo. — Para onde foi? Morreu?

Call olhou para a casa em chamas, para a destruição dos carros. Não se importava com o destino do Automotones. O importante era que estavam todos em segurança.

— Está no vazio. — O tom de Aaron era seco. — Não vai voltar.

— Vamos — disse Tamara. — Precisamos nos afastar do fogo.

Começaram a voltar pelo celeiro, com Devastação correndo na frente deles. O ar estava cheio de fumaça, e o brilho do fogo que ardia atrás deles deixou o céu claro como o dia.

— O que precisamos fazer é voltar para o Magisterium. — Jasper estava sem fôlego. — Mostrar o que encontramos. O pai de Call está em *contato direto* com os *servos do Inimigo*, lembram? Ele vai levar o Alkahest para eles. Precisamos de ajuda.

— Não vamos voltar ao Magisterium — decidiu Aaron. A voz dele continuava a mesma, seca e dura. Call teve a sensação de que ele estava segurando o que quer que estivesse sentindo, contendo com força. — *Eles* mandaram essa coisa atrás de nós.

— Atrás de Alastair, você quer dizer — corrigiu Tamara. — Você não acredita naquela senhora, acredita?

— Sim, acredito.

— Ela não tem motivos para mentir — concordou Call.

Agora a voz de Aaron começou a falhar um pouco.

— Se eles não a mandaram, por que a criatura atacou a senhora Tisdale? Por que nos atacou? Deveria ter recebido instruções para não nos atacar.

— Talvez tenha resolvido que se não conseguiam nos recuperar, seria melhor nos matar que permitir que caíssemos nas mãos do Inimigo — deduziu Jasper. Todos o olharam surpresos. — É o tipo de coisa que a Assembleia faria — acrescentou, dando de ombros.

— Achei que você quisesse voltar — disse Call.

— Eu quero. Mas vocês realmente criaram um grande problema agora. — Jasper revirou os olhos para Call, como se ele fosse idiota, uma expressão com a qual Call estava muito familiarizado. — Quanto mais tempo passarmos longe, mais eles vão se convencer de que é melhor minimizar o prejuízo. Eliminar primeiro Aaron, depois o resto de nós, para que não restem testemunhas e seja apenas uma tragédia. Se Constantine Madden pusesse as mãos em Aaron, poderia matá-lo, ou poderia fazer uma lavagem cerebral nele. Talvez seja isso que eles temam. Talvez tenham medo de que, perdendo Aaron para Constantine, percam a guerra.

— Não ter Aaron faria com que perdessem a guerra! — disse Tamara. — Ele é o Makar!

Chegaram ao celeiro. A face de Jasper parecia esculpida em pedra sob a luz bruxuleante.

— Acho que vocês não entendem como eles pensam.

— Chega! — Call se virou para os outros. — Vocês que voltem para a escola. Acho que posso deter meu pai, só preciso encontrá-lo em tempo. Tenho de falar com ele. Preciso tentar. Mas a coisa está ficando perigosa demais para vocês me acompanharem.

Eles nunca vão entender, pensou. *Meu pai quer o filho de volta. Ele acha que se entregar o Alkahest para Mestre Joseph, Joseph poderá me consertar. Poderá me tornar Callum Hunt novamente. Mas Mestre Joseph está enganando meu pai, está tentando ludibriá-lo. Provavelmente vai matá-lo assim que conseguir o Alkahest.*

Mas Call não podia contar isso a eles, nada disso.

Você não pode escapar do Inimigo da Morte.

— Nem pensar. — Tamara cruzou os braços sobre o peito. — Não é seguro você ir, não é seguro para nenhum de nós. Você nem sabe para onde Alastair está se dirigindo.

— Acho que sei, na verdade. — Call abriu a porta do celeiro e entrou mancando. O restante deles, até mesmo Devastação, esperou na entrada enquanto ele pegava as cartas de Mestre Joseph. Quando voltou, ergueu uma delas para a luz.

— Têm números embaixo do nome de Mestre Joseph — observou ele. — Em todas as cartas.

— É, provavelmente a data — cogitou Jasper.

Call leu os números.

— 45. 1661. 67. 2425.

— Data? Só se for em Marte — zombou Tamara, se aproximando. — É...

— São coordenadas — explicou Call. — Latitude e longitude. Era assim que meu pai programava o GPS do carro. Esses números ajudam a encontrar os lugares. Joseph está dizendo a meu pai onde ele está.

— Então sabemos para onde vamos — disse Aaron. — Só precisamos encontrar alguma coisa em que possamos colocar essas coordenadas...

— Aqui. — Tamara pegou o telefone. Mas, quando tocou a tela, ela não acendeu. — Ah, acho que fiquei sem bateria.

— Qualquer computador em qualquer cybercafé serviria. — Call dobrou os papéis. — Mas não tem “nós”. Eu vou sozinho.

— Não vamos deixá-lo sozinho, e você sabe disso. — Aaron levantou uma das mãos para conter o protesto de Call. — Olhe, quando chegarmos à escola, talvez seu pai já tenha encontrado Mestre Joseph. Pode não haver tempo para nada, mesmo que a gente consiga convencer os magos de que sabíamos o que estávamos fazendo.

— Se formos atrás de Joseph e recuperarmos o Alkahest, aí voltaremos por cima — acrescentou Tamara. — Além disso, já mandaram um monstro atrás de nós. Até sabermos se podemos confiar neles, o único caminho é seguir em frente.

Call olhou para Jasper.

— Você não precisa ir. — Ele estava se sentindo mal de verdade por ter arrastado Jasper para aquela confusão.

— Ah, eu vou — garantiu Jasper. — Se estamos sendo perseguidos por monstros, eu fico com o Makar.

— Como os magos do Magisterium podem ser os mocinhos se mandaram um monstro nos matar só porque fugimos? — perguntou Aaron. — Nós somos crianças.

— Não sei. — Call estava começando a se preocupar com a possibilidade de não existirem mocinhos. Só pessoas com listas de Suseranos do Mal mais compridas ou mais curtas.

Tamara suspirou e passou a mão no cabelo.

— Agora precisamos encontrar uma cidade, algum lugar onde possamos conseguir roupas novas e comida. Estamos com cara de que ateamos fogo em nós mesmos e depois rolamos na lama. Não estamos em condições de nos misturar com as pessoas.

Ao ouvir as palavras *rolar na lama*, foi exatamente isso que Devastação começou a fazer. Call tinha de reconhecer que Tamara estava certa. Estavam sujos, e não como atores de cinema com manchas artísticas na bochecha. Os uniformes estavam rasgados e cobertos de sangue, óleo e gosma de elemental.

— Acho melhor começarmos a andar. — Jasper soou desanimado.

— Não vamos andar — disse Aaron. — Vamos de carro. Tem trezentos deles por aqui.

— Sim, mas a maioria dos que não foram comidos não *funcionam* — observou Call. — E os poucos que *de fato* funcionam, não têm chave.

— Oras — retrucou Aaron. — Eu não tenho um pai presidiário à toa. Acho que consigo fazer uma ligação direta em um desses.

Ele caminhou até onde estavam os carros com passos confiantes.

— Esse é nosso Makar — zombou Jasper. — Magia do caos *e* roubo de carros.

— Achei que seu pai tinha fugido. — Call correu atrás de Aaron. — E que você não sabia onde ele estava.

Aaron deu de ombros.

— Acho que ninguém gosta de admitir que o pai está na cadeia.

Naquele momento, um pai encarcerado não parecia a pior coisa do mundo para Call, mas ele sabia que era melhor ficar calado.

Call ajudou Aaron a escolher o carro menos destruído de que se lembrava de Alastair ter comprado. Um Morris Minor, verde esmeralda, que contrastava com os bancos de couro vermelho. Era um dos carros mais novos de Alastair, fabricado em 1965, e, ao contrário de muitos dos outros, não precisava de um novo motor.

— Mesmo assim não é um carro veloz — alertou Call. — Digo, provavelmente teremos de andar a menos de 65 quilômetros por hora, mesmo na estrada. E não tem GPS. Talvez ele fosse instalar em algum momento, mas não deve ter tido tempo.

— O que acontece se não ficarmos a menos de 65 quilômetros por hora? — perguntou Tamara.

Call deu de ombros.

— Talvez exploda? Não sei.

— Ótimo — disse Jasper. — Algum de vocês, seus inúteis, sabe dirigir?

— Na verdade não. — Aaron se abaixou no assento, cortando fios com a faca de Call e os amarrando novamente em uma nova combinação.

— Como você pode saber ligar um carro sem chave, mas não sabe dirigir? — Jasper soltou um suspiro.

— Boa pergunta — murmurou Aaron, esticando a cabeça. Ele estava muito suado e um pouco trêmulo. — Talvez você devesse perguntar para meu pai. Ele não chegou a me ensinar antes de ser preso.

— Já dirigi carrinhos de golfe antes — lembrou Tamara. — Qual é a diferença?

O motor ganhou vida, roncando sob as mãos capazes de Aaron.

— Eu dirijo — disse Call. O pai o havia ensinado... mais ou menos. Ele estava tão encrencado que dirigir um carro sem registro e sem seguro, ainda por cima sem habilitação, faria pouca diferença. Além disso, ele era o Inimigo da Morte, um fora da lei, um rebelde. Transgredir a lei provavelmente era só a ponta do iceberg de suas maldades.

Devastação latiu, como se concordasse com ele. O lobo havia ocupado o banco da frente e não parecia inclinado a deixar que mais ninguém sentasse ali.

Aaron se inclinou sobre o capô, parecendo exausto. Ele olhou na direção de Call, mas seus olhos não pareciam capazes de focar.

— É estranho, não? Todo mundo espera que eu seja um herói, e meu pai é um criminoso.

— Bem, considerando que estamos atrás de meu pai porque ele roubou uma espécie de artefato mágico, não estou exatamente em posição de julgar. — Call sorriu, mas Aaron não pareceu notar.

— É só... Não sei. Constantine Madden foi um Makar do mal. Talvez eu também me torne mau. Talvez esteja em meu sangue.

Call balançou a cabeça, tão surpreso por esse pensamento que inicialmente não soube como responder.

— Hum, não... Acho que você não é assim.

— Vamos, pessoal, entrem no carro — disse Tamara. — Aaron, você está bem?

Aaron fez que sim com a cabeça, entrando desajeitadamente no banco de trás. Jasper e Tamara encheram uma mala com o resto de suas coisas. Por sorte, como tinham saído da cama para combater o Automotones, as mochilas permaneceram em segurança no celeiro.

Agora tudo que Call precisava fazer era não bater. Alastair já o tinha deixado dirigir antes, guiando o volante de um dos velhos carros enquanto o pai o rebocava, ou dando uma volta na fazenda para estacionar uma nova aquisição. Mas nada daquilo equivalia a dirigir sozinho.

Call entrou e ajeitou o banco, puxando-o para a frente de modo que seus sapatos alcançassem os pedais. *Acelerador*, disse a si mesmo. *Freio.*

Em seguida, ajustou os retrovisores, porque era isso que Alastair sempre fazia em um carro novo — torceu para que o gesto transmitisse a Aaron e Tamara, e até mesmo a Jasper, a confiança de que Call sabia o que estava fazendo. Entretanto, aqueles movimentos familiares o fizeram pensar no pai, e um pânico desesperado o dominou.

Ele nunca seria a pessoa que seu pai amava. Essa pessoa estava morta.

— Vamos. — Jasper se sentou no banco de trás. Aparentemente tinham deixado Devastação ficar com o banco da frente. — Se é que você sabe dirigir.

— Eu sei. — Call soltou a marcha e lançou o carro para a rodovia.

O Morris Minor visivelmente precisava de novos amortecedores. Cada desnível na estrada fazia as crianças pularem. E consumia tanto combustível que Call percebeu que precisariam fazer muitas paradas. Ele agarrou o volante, apertou os olhos para a estrada e torceu que tudo desse certo.

No banco de trás, Aaron caiu em um sono inquieto, sem parecer se incomodar com os solavancos da estrada. Ele foi sacudido de um

lado para o outro, mas não acordou.

— Ele está bem? — perguntou Call.

Tamara tocou a testa de Aaron com a parte interna do pulso.

— Não sei. Não está com febre, mas está um pouco mole.

— Talvez tenha usado magia demais — cogitou Jasper. — Dizem que o custo de usar magia do vazio é alto demais.

Levaram vinte minutos para encontrar os limites de uma cidadezinha. Call abasteceu o Morris enquanto Tamara e Jasper entravam para pagar.

— Acha que o atendente notou algo de estranho em vocês? — perguntou Call quando voltaram. Afinal, estavam com roupas queimadas e sujas de lama. E eram crianças, mal tinham 13 anos. Definitivamente novos demais para dirigir.

Jasper deu de ombros.

— Ele estava assistindo a TV. Acho que não se importou com nada além do fato de que pagamos pela gasolina.

— Vamos. — Tamara se sentou ao lado de Aaron, que continuava dormindo. — Antes que ele pare para pensar no assunto.

Tamara utilizou o mapa para guiar Call pela cidade, até chegarem a uma loja de esportes, com um grande estacionamento vazio. O lugar estava fechado. Call parou bem devagar e com todo o cuidado em uma vaga vazia. Aaron continuava dormindo. Tamara bocejou.

— Talvez devêssemos deixá-lo descansar — sugeriu Tamara.

— É — concordou Jasper. — Estou totalmente acordado e alerta, mas a magia do caos é difícil para o Makar.

Call revirou os olhos, mas ele estava tão exausto quanto os outros. Permitiu-se tirar um cochilo, deitando a cabeça em Devastação. Um instante mais tarde, tinha caído num sono inquieto. Quando despertou, Aaron estava acordado e Tamara perguntava se ele estava bem, enquanto uma luz esverdeada entrava pelas janelas.

— Não sei — respondeu Aaron. — Estou me sentindo meio estranho. E tonto.

— Talvez precise comer. — Call se espreguiçou.

Aaron sorriu enquanto Jasper e Tamara saltavam do carro.

— Comer parece uma boa.

— Fique aí, rapaz — disse Call a Devastação, coçando o lobo atrás das orelhas. — Sem latir. Trago um sanduíche.

Deixou a janela do carro aberta, caso Devastação precisasse de ar fresco. Torceu para que ninguém tentasse roubar o carro, principalmente pela segurança do próprio ladrão. Nenhuma pessoa normal, nem mesmo um ladrão de carros, estava preparado para a surpresa de enfrentar um lobo Dominado pelo Caos.

A rua tinha algumas outras lojas, inclusive um brechó que Tamara viu com grande entusiasmo.

— Perfeito — disse ela. — Podemos arranjar roupas novas. Aaron, se não estiver disposto...

— Vou ficar bem. — Aaron ainda parecia exausto, mas conseguiu sorrir mesmo assim.

— Nenhuma roupa vai ajudar a deixar aquele seu carro mais discreto — comentou Jasper, com seu talento natural de estragar qualquer humor.

— Podemos comprar um cachecol para ele — sugeriu Call.

A loja era cheia de prateleiras de roupas antigas e usadas, e todos os tipos de bugigangas de segunda mão que Call reconhecia das incursões de seu pai a feiras de antiguidades e lojas de quinquilharias. Três bases de máquinas de costura tinham sido transformadas em um balcão. Atrás deste havia uma mulher de cabelos brancos curtos e óculos roxos. Ela olhou para eles.

— O que aconteceu com vocês quatro? — perguntou a senhora, com as sobrancelhas se erguendo.

— Surfe na lama? — Aaron arriscou, apesar de não parecer muito seguro.

Ela fez uma careta, como se não tivesse acreditado nele, ou estivesse com nojo de tê-los em sua loja, trazendo lama e tocando nas coisas com dedos sujos. Talvez ambos.

Call não demorou para encontrar a roupa perfeita. Calça jeans, do tipo que ele usava em casa, e uma camiseta azul com a frase eu não acredito em magia, estampada com uma fada achatada no canto inferior direito.

Aaron começou a rir quando viu.

— Tem alguma coisa muito errada com você.

— Bem, e você parece que está saindo para a aula de yoga — rebateu Call. Aaron tinha escolhido uma calça de moletom cinza e uma camiseta com o símbolo do yin-yang. Tamara havia encontrado um jeans preto e uma túnica de seda grande, que mais parecia um vestido. Jasper, de algum jeito, acabou com uma calça cáqui, um blazer do tamanho certo e óculos escuros de lente espelhada.

O total das roupas foi vinte dólares, o que fez com que Tamara franzisse a testa e contasse em voz alta. Jasper se inclinou sobre ela e exibiu seu sorriso mais charmoso para a mulher de óculos.

— Sabe me informar onde conseguimos arrumar uns sanduíches? — perguntou ele. — E internet?

— Bits and Bytes, a dois quarteirões na rua principal. — Ela apontou para o monte de uniformes verdes, lamacentos e descartados. — Suponho que eu possa jogar isso fora? Que tipo de roupa é essa, aliás?

Call olhou para as roupas quase com arrependimento. Os uniformes os marcavam como alunos do Magisterium. Sem eles, tudo que restava eram as pulseiras.

— Uniformes de caratê — respondeu ele. — Foi assim que nos sujamos. Ninjas do caratê.

— Na lama — interrompeu Aaron, sustentando sua versão.

Tamara os arrastou para fora da loja pelas costas das camisas. A rua principal estava essencialmente deserta. Alguns carros passavam, mas ninguém prestou atenção neles.

— Ninjas do caratê na lama? — Tamara olhou sombriamente para Aaron e Call. — Será que poderiam tentar ser discretos? — Ela parou na frente de um caixa eletrônico. — Preciso sacar dinheiro.

— Por falar em ser discreto, soube que dá para rastrear o cartão de crédito — lembrou Jasper. — Você sabe, usando a internet.

Call ficou imaginando se teria jogado o telefone fora por nada.

— A *polícia* pode — corrigiu Aaron. — Não o Magisterium.

— Como você sabe?

— Bem, temos de arriscar — concluiu Tamara. — Gastamos todo o resto do dinheiro, aqueles vinte, e vamos precisar de mais para gasolina e comida.

Mesmo assim, a mão dela tremeu um pouco ao pegar o dinheiro e guardar na carteira.

O Bits and Bytes era, na verdade, uma loja de sanduíches com uma fileira de computadores, onde era possível alugar tempo de internet por um dólar a hora.

Aaron foi comprar sanduíches enquanto Call logava em uma das máquinas. Ele procurou *latitude* e *longitude* no Google, o que o levou a uma página que calculava as duas coisas. Ele clicou na pesquisa e digitou os números que tinha.

Em seguida, prendeu a respiração.

O mapa mostrou uma localização rapidamente, apesar de não haver endereço associado, só as palavras *Ilha do Monumento, Harpswell, Maine*. De acordo com o mapa, não havia estradas nem casas. E ele duvidava que existisse alguma balsa.

Pior, quando ele procurou as direções, o computador informou que ficava a uma distância de quinze horas de carro. Quinze horas! E Alastair havia partido antes deles. E se já estivesse lá? E se tivesse ido de avião?

Por um instante, um pânico terrível tomou conta de Call. A tela diante dos olhos dele piscou. As luzes tremeram. Jasper olhou na direção de Call, fazendo uma careta.

— Talvez alguém tenha atravessado o Portal do Controle antes da hora — murmurou.

— Calma! — Aaron colocou a mão no ombro do amigo, apaziguando-o.

Call se levantou de repente, arfando.

— Eu preciso...

— Precisa o quê? — Aaron o olhou de um jeito estranho.

— Imprimir. Preciso imprimir. O caminho. — Call cambaleou até a caixa registradora. — Vocês têm impressora?

A menina atrás do balcão fez que sim com a cabeça.

— Mas são três dólares por folha.

Call olhou para Tamara.

— Podemos?

Ela suspirou.

— É uma despesa necessária. Vá em frente.

Call mandou imprimir as direções. Agora os três olhavam para ele.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Aaron.

— É no Maine — respondeu Call. — Quinze horas de carro.

Aaron levantou o olhar do sanduíche de presunto e provolone, com uma expressão de choque.

— Sério?

— Podia ser pior — ponderou Jasper, surpreendendo a Call. — Poderia ser no Alasca.

Tamara olhou ao redor e depois se voltou novamente para Call. Os olhos castanhos estavam muito sérios.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho certeza de que preciso — garantiu ele.

Ela deu uma mordida no sanduíche.

— Bem, comam, todos — incentivou ela. — Acho que vamos viajar para o Maine.

↑≋△○@

Depois do almoço, voltaram ao carro, jogando as mochilas na mala. Call deu uma volta com Devastação e o alimentou com dois sanduíches de rosbife. Em seguida inclinou uma garrafa de água para que ele pudesse tomar um pouco. O lobo Dominado pelo Caos comeu e bebeu com surpreendente delicadeza.

Call dirigiu, com Tamara de copiloto enquanto Jasper e Aaron deitavam em Devastação e cochilavam. Jasper devia estar exausto para se dignar a dormir sobre um animal Dominado pelo Caos.

Horas se passaram assim.

— Você sabe que também pode ser preso por andar *abaixo* do limite de velocidade — comentou Tamara, seu refrigerante, quente, no suporte ao lado dela. A garota desfazia as tranças, e Call ficou surpreso pelo quanto seu cabelo era longo quando estava solto, preto e brilhante até a cintura.

Call pressionou um pouco mais o acelerador, e o Morris avançou. Enquanto o velocímetro subia, o carro começou a tremer.

— Hum — disse Tamara. — Talvez seja melhor a gente tentar a sorte com a polícia.

Ele lançou a ela um rápido sorriso.

— Você realmente acha que o Magisterium mandou o monstro atrás da gente?

— Não acho que Mestre Rufus faria isso — respondeu Tamara, hesitante. Quando falou novamente, as palavras saíram em enxurrada. — Mas não garanto nada em relação aos outros. Não faz o menor sentido para mim. Call, se você soubesse de alguma coisa... você contaria, não contaria?

— Como assim?

— Nada. — Os dedos começaram a refazer uma longa trança.

Call se concentrou na estrada, no borrão de linhas e em manter a distância dos outros carros.

— Qual é a próxima saída? — perguntou ele. — Precisamos abastecer.

— Call — insistiu Tamara. Agora ela estava brincando com a pulseira. Ele gostaria que ela se calasse. — Você sabe que se tivesse algum segredo que você quisesse me contar, eu o guardaria. Não contaria para ninguém.

— Como não falou sobre meu pai? — Call se arrependeu imediatamente. Os olhos de Tamara se arregalaram, depois ficaram furiosos.

— Você *sabe* por que eu fiz aquilo. Ele tentou roubar o Alkahest! Estava colocando Aaron em perigo! E as coisas acabaram sendo muito piores do que a gente imaginava. Ele não tinha boas intenções.

— Nem tudo é sobre Aaron — explodiu Call, o que o deixou se sentindo ainda pior. E Aaron não tinha culpa de ser quem era. Call ficou apenas feliz por Aaron estar dormindo, a cabeça loura apoiada no pelo de Devastação.

— Então o que é, Call? — perguntou Tamara. — Porque eu tenho a sensação de que você sabe.

Parecia que as palavras estavam subindo pela garganta de Call. Ele não sabia se queria gritar com Tamara ou desembuchar tudo só pelo alívio de não ter mais de guardar o segredo. Foi então que, do nada, o carro começou a sacudir com toda a intensidade.

— Call, devagar! — pediu Tamara.

— Eu *estou* devagar! — protestou ele. — Talvez seja melhor encostar...

De repente e sem aviso, Mestre Rufus apareceu, surgindo entre Call e Tamara no banco da frente.

— Alunos. — Aparentemente ele não estava nada satisfeito. — Vocês gostariam de se explicar?

CAPÍTULO DOZE

Call e Tamara gritaram. O carro guinou para um dos lados, as mãos de Call perdidas no volante. Isso fez Tamara berrar ainda mais. Os brados acordaram Jasper e Aaron, que acrescentaram as próprias vozes à algazarra. Devastação começou a latir. Durante a comoção, Mestre Rufus simplesmente flutuou no centro do carro, parecendo irritado e transparente.

Esse foi o choque final. Call freou com força, e o carro cantou pneu até parar no meio da estrada. De repente, todo mundo parou de gritar. Fez-se um silêncio mórbido. Mestre Rufus continuou transparente.

— Você está morto? — perguntou Call com voz trêmula.

— Ele não está *morto.* — Jasper conseguiu soar convencido e irritado, apesar de estar visivelmente apavorado. — Está ligando de um telefone etéreo. É assim que funciona.

— Ah. — Call arquivou o conhecimento de que a coisa que ele sempre chamou de tornado-telefone na verdade tinha outro nome. Imaginou Mestre Rufus segurando a jarra de vidro no colo, encarando-a com um ar maligno. — Então você está em outro lugar? — perguntou a Rufus. — Não está... aqui de fato?

— Não importa onde estou. O que importa é que vocês estão muito encrencados — respondeu Mestre Rufus. — Muito encrencados e correndo muito perigo. Callum Hunt, você já está por um fio. Aaron Stewart, você é um Makar e tem responsabilidades, responsabilidades que incluem *se comportar como uma pessoa responsável*. E você, Tamara Rajavi, de vocês três, eu esperava mais de você.

— Mestre Rufus — começou Jasper, com o mais doce dos tons de dedo-duro. — Gostaria de dizer que eu nunca...

— Quanto a você, Jasper deWinter — Mestre Rufus o interrompeu. — Talvez eu tenha me enganado a seu respeito. Talvez você realmente seja mais interessante do que eu imaginava. Mas vocês quatro precisam voltar ao Magisterium imediatamente.

Jasper pareceu horrorizado, provavelmente por vários motivos.

— Você está no Magisterium? — insistiu Call.

Mestre Rufus pareceu muito irritado com a pergunta.

— De fato estou, Callum. Depois de passar quase todo o dia de ontem e todo o dia de hoje procurando por vocês sem resultado, um de vocês deve ter perdido a proteção contra rastreamento. Vejo que estão em alguma espécie de veículo. Encostem, digam onde estão, e magos aparecerão em breve.

— Acho que não podemos fazer isso — disse Call, com o coração acelerado.

— E por que não? — As sobrancelhas do Mestre Rufus tremeram com uma irritação pouco contida.

Call hesitou.

— Porque estamos em uma missão — respondeu Tamara rapidamente. — Vamos recuperar o Alkahest.

— Eu sou o Makar — declarou Aaron. — Minha obrigação é salvar as pessoas. Elas não têm de me salvar, elas detestam ter de me salvar. E já me disseram muitas vezes que não posso vencer sozinho, então Call está aqui como meu contrapeso. Tamara veio porque é inteligente e habilidosa. E Jasper...

— É o alívio cômico — murmurou Call.

— Também sou seu amigo, seu idiota! — disparou Jasper. — Posso ser inteligente!

— Enfim. — Aaron tentou recuperar o controle da situação. — Somos uma equipe e vamos resgatar o Alkahest, então, por favor, não mandem mais elementais atrás de nós.

— Mandar mais elementais atrás de vocês? — Mestre Rufus pareceu verdadeiramente confuso. — O que quer dizer com isso?

— Você sabe o que quero dizer — respondeu Aaron com a voz seca que utilizava quando ficava irritado e não queria demonstrar. — Todos nós sabemos. O Automotones quase nos matou, e ele veio do Magisterium. Vocês o soltaram para nos caçar.

Agora Mestre Rufus pareceu chocado.

— Deve haver algum engano. O Automotones está aqui. Ele é nosso prisioneiro. Está aqui há centenas de anos.

— Não é engano. Talvez os outros magos não tenham contado para você, porque somos seus aprendizes. Mas aconteceu. E o

Automotones matou uma mulher também. Incendiou a casa dela. — A voz de Tamara tremeu.

— Isso é mentira — retrucou Mestre Rufus.

— Não estamos mentindo — garantiu Aaron. — Mas suponho que isso signifique que você confia tanto na gente quanto a gente em você.

— Então estão mentindo para vocês — concluiu Mestre Rufus. — Eu não sei, ainda não entendo, mas vocês precisam voltar ao Magisterium. Agora é mais urgente que nunca. É o único lugar onde posso protegê-los.

— Não vamos voltar. — Surpreendentemente, foi Jasper que falou. Ele se voltou para Call. — Desligue o telefone.

Call ficou olhando para o Rufus fantasmagórico.

— Eu, hum, não sei fazer isso.

— Terra! — gritou Tamara. — Terra é o oposto do ar!

— Certo. Eu, hum... — Call esticou o braço e pegou Miri da capa no cinto. Metal tinha propriedades de magia da terra. — Desculpe. — Ele esfaqueou o fantasma Rufus.

Rufus desapareceu com um estalo, como uma bolha estourando.

Tamara gritou.

— Eu não o matei, matei? — Call olhou ao redor para as expressões de choque de todos. Só Devastação parecia inabalado. Tinha voltado a dormir.

— Não — respondeu Jasper. — É só que a maioria das pessoas usa o poder da terra para interromper a conexão. Mas acho que isso é muito controle para se esperar de você, seu maluco.

— Não sou maluco — resmungou Call, guardando a faca.

— Você é um pouquinho maluco — disse Aaron.

— Ah, sim, bem, quem perdeu a pedra de proteção? — perguntou Call. — Quem se esqueceu de transferi-la para as roupas novas?

Tamara resmungou, frustrada.

— Foi assim que os magos nos encontraram! Jasper, foi você?

Jasper levantou as mãos, espantado.

— Para *isso* que servia aquela pedra? Ninguém me avisou!

— Agora não é o momento para nos preocuparmos com isso — insistiu Aaron. — Cometemos erros. O mais importante é nos

escondermos dos magos da melhor maneira possível.

Call tentou levar o carro para a estrada novamente quando percebeu que o motor tinha morrido.

Aaron precisou refazer a ligação direta, enquanto todos prendiam a respiração, considerando que não teriam outra opção de carro se o Morris falhasse. Porém, alguns instantes mais tarde, Aaron o fez funcionar outra vez.

Tamara não tinha mais nenhuma pedra, então foram se revezando com as que tinham, para que os magos não conseguissem rastrear a pessoa certa, na hora certa.

Call dirigiu pelo resto do dia e da noite, com os outros se revezando para dormir. Só Call não o fez. A cada parada ele comprava mais café, até ter a sensação de que sua cabeça ia girar e se soltar do pescoço.

A paisagem tinha mudado, tornando-se mais montanhosa. O ar estava mais fresco, e pinheiros tomaram os lugares das amoreiras e cornisos.

— Posso dirigir um pouco — ofereceu Tamara na saída de um posto no Maine. O dia estava amanhecendo, e Call já havia se flagrado pelo menos uma vez dirigindo com apenas um olho aberto.

Aaron tinha comprado um chocolate e um pão doce, e estava colocando a barra no pão para fazer uma espécie bizarra de cachorro-quente de açúcar. Call aprovou. Jasper comeu um biscoito salgado e ficou encarando os outros.

— Não. — Call tomou um gole do café. Um dos olhos tremia um pouco, mas ele ignorou. — Pode deixar.

Tamara deu de ombros e entregou o mapa para Jasper. Estava na vez de ele ser o navegador.

— Eu me recuso. — Jasper observava Call. — Você precisa dormir. Vai cair num precipício, e vamos todos morrer, tudo porque você se recusa a dormir um pouco. Então tire logo esse cochilo!

— Eu ponho o despertador — ofereceu Tamara.

— Eu não acharia ruim dar uma esticada nas pernas — comentou Aaron. — Vá em frente. Pode deitar no banco de trás.

Agora que eles falaram, Call estava mesmo se sentindo um pouco tonto.

— Tudo bem. — Ele bocejou. — Mas só vinte minutos. Papai dizia que era o tempo ideal para um cochilo.

— Vamos levar Devastação para um passeio de verdade — informou Tamara. — Nos vemos em vinte minutos.

Call foi para o banco de trás. Mas, quando fechou os olhos, o que viu foi Mestre Rufus, e isso o fez arregalar os olhos enquanto pegava Miri e esfaqueava a imagem. A expressão lembrou a do pai de Call, logo antes de ele jogá-lo contra a parede.

Apesar da exaustão, Call não conseguia impedir que o cérebro mostrasse essas imagens sem parar.

E assim que ele as espantava, novas entravam no lugar. Imagens de coisas que ainda não tinham acontecido, mas que poderiam acontecer. O olhar de traição no rosto de Aaron quando descobrisse quem era Call de verdade, o olhar de fúria de Tamara. A certeza convencida de Jasper de que sempre tivera razão em relação a Call.

Finalmente desistiu de dormir e saltou do carro. A luz da manhã tingia a grama, e a canção distante dos pássaros pairava no ar. Aaron, Tamara e Devastação tinham sumido, mas Jasper estava sentado em cima de uma velha mesa de piquenique. Faíscas voavam de seus dedos enquanto ele ateava fogo em uma pinha e a via queimar.

— Você deveria estar dormindo — comentou Jasper.

— Eu sei. Mas quero conversar sobre uma coisa com você enquanto os outros não estão aqui.

Jasper apertou os olhos.

— Ah, pelas costas dos seus amigos? Isso vai ser interessante.

Call se sentou à mesa de piquenique. O vento estava mais forte e soprava seus cabelos nos olhos.

— Quando a gente chegar ao destino do mapa, com sorte meu pai vai estar lá, e ainda vai ter o Alkahest. Mas preciso conversar com ele... sozinho.

— Sobre o quê?

— Ele vai me ouvir, mas não se achar que um bando de aprendizes vai atacá-lo. E não quero Aaron se aproximando muito, caso meu pai *tente* machucá-lo. E preciso que você, Tamara e Aaron fiquem longe, pelo menos até eu acabar a conversa.

— Por que está me dizendo isso? — Jasper ainda parecia desconfiado, embora parecesse quase convencido a seguir o plano de Call.

Call não podia falar a verdade: que era mais fácil mentir para ele do que para os amigos.

— Porque você se importa em proteger Aaron muito mais do que se importa em me proteger.

— É verdade. Ele é o Makar. Você é só... — Ele olhou com curiosidade para Call. — Não sei o que você é.

— É, bem, eu também não.

Antes que Jasper pudesse dizer qualquer outra coisa, Tamara e Aaron surgiram entre as árvores, com Devastação, animado, ao lado deles.

Call deslizou para fora do banco.

— Por que ele está tão satisfeito?

— Ele comeu um esquilo. — Tamara não parecia aprovar aquilo.

Enquanto Call voltava para o carro, abaixou-se para afagar a cabeça de Devastação e sussurrou:

— Bom menino. Ótimos instintos de caça. Nós comemos esquilos, e não pessoas, certo?

— Nunca é cedo demais para começar a moldar o caráter dele — disse Aaron.

— Exatamente o que eu estava pensando.

Juntos, Call e Aaron ajudaram a levantar um relutante Devastação para o banco de trás. Jasper e Tamara entraram em seguida, e Aaron sentou no banco do carona.

Assim que todos se acomodaram, as portas do carro fecharam ao mesmo tempo.

— O que está acontecendo? — Tamara agarrou a porta do lado dela, mas não conseguiu abri-la. Nenhuma das portas abriu. — Ligue o carro, Aaron!

Aaron alcançou os cabos próximos a Call, tentando acender uma faísca. Nada aconteceu. Nenhum ruído de motor ligando. Tentou de novo, e mais outra vez. O suor começou a escorrer pelas costas de Call. O que estava acontecendo?

Do banco de trás, Jasper gritou:

— Eu tentei usar magia do metal, e as faíscas machucaram minha mão em vez de funcionar.

— Deve estar bloqueada — sugeriu Tamara.

Alguma coisa veio para a frente do para-brisa. Call gritou, e Aaron caiu para trás, derrubando os fios.

Dois enormes elementais do ar tinham surgido na frente do carro. Um deles parecia um cavalo de seis patas, caso cavalos tivessem o dobro do tamanho normal. O outro parecia um brontossauro alado. Ambos tinham rédeas e selas. Mestre Rockmaple estava montado em um, e Mestra Milagros no outro.

— Estamos muito ferrados — constatou Jasper.

Mestra Milagros desceu de seu cavalo de seis patas e foi em direção ao carro. Levantou as mãos, abriu os dedos e conjurou longos fios brilhantes de metal. Eles envolveram a frente do carro, e em segundos as portas estavam amarradas.

Enquanto executava a magia metálica, Milagros olhou para as crianças através do vidro. Balançou a cabeça em reprovação, mas Callum teve a impressão de que ela talvez estivesse achando aquilo tudo... engraçado.

Ela moveu a boca sem emitir nenhum som e marchou de volta até seu elemental. Jogou uma corda de ferro para Rockmaple e montou novamente, segurando a corda sobre a sela.

— Ai, meu Deus! — exclamou Tamara. — Temos de sair daqui.

Ela se jogou contra a porta, mas o carro já estava subindo, como a cesta de um balão. Todos no carro gritaram quando mapas, latas vazias de refrigerante e embalagens de chocolate voavam para o painel, caíam dos suportes e sacudiam pelo carro.

— O que eles estão fazendo? — gritou Call sobre o ruído do vento.

— Nos levando para o Magisterium, o que você acha? — berrou Jasper em resposta.

— Vão nos levar voando para a Virgínia? Alguém normal não pode acabar, vocês sabem, vendo a gente?

— Provavelmente estão usando magia do ar para nos camuflar — respondeu Tamara. Em seguida gritou quando o carro balançou sobre a floresta. Tudo que Call conseguia ver abaixo deles eram quilômetros de árvores verdes.

— Nos filmes, as pessoas fingem passar mal para serem liberadas pelos carcereiros — disse Aaron. — Talvez um de nós possa tentar vomitar ou começar a espumar.

— Como se fôssemos animais raivosos? — sugeriu Call.

— Não temos tempo para discutir. — Tamara alcançou a própria bolsa, completamente em pânico, e retirou uma garrafinha de um líquido claro. — Eu tenho sabão. Rápido, Jasper, beba. Você definitivamente vai espumar.

— Eu *não* vou beber isso — retrucou Jasper. — Sou um deWinter. Nós não espumamos.

Aaron apertou os olhos na direção dos elementais do ar que puxavam o carro, como um trenó, como se estivesse reconsiderando o próprio plano.

— Não tenho certeza de que nos ouviriam se gritássemos, de qualquer jeito.

— Espere. — Call se virou em seu assento. — Passei a vida vendo meu pai trabalhar em carros. Sabe o que estraga primeiro? O chão. Vejam. Está enferrujado, certo? Tudo que precisamos fazer é chutar.

Por um instante, todos o encararam. Em seguida Tamara começou a chutar o chão com raiva. Devastação pulou no assento, ganindo, enquanto Aaron subia no banco do passageiro para ajudar. Após três chutes o pé dele atravessou o metal.

— Vai dar certo! — gritou Jasper, tomado pela surpresa.

Mais alguns chutes e conseguiram arrancar parte do piso do carro. Tamara olhou para Call, depois para Aaron.

— Prontos? — perguntou ela.

— Estou com Devastação — respondeu Call.

— Espera, e quem está comigo? — Jasper quis saber, mas Call o ignorou e, segurando o lobo e a mochila, saltou para o nada abaixo do carro. Devastação latiu, as patas balançando e a cauda sacudindo.

Acima dele, Call viu Tamara saltando, os cabelos voando pelo céu azul. Um instante mais tarde, teve a impressão de flagrar Aaron empurrando Jasper pelo buraco. Em seguida, Aaron apareceu, sacudindo pelo vento.

Call reuniu o ar, tecendo uma rede invisível de magia ao redor e abaixo dele. Sua queda perdeu velocidade, e Devastação parou de latir enquanto desciam suavemente para a floresta lá embaixo.

Call caiu de costas no chão, mas o impacto foi leve. Ele soltou Devastação, que rolou, ficando de pé, os olhos selvagens e rodopiantes. Call não sabia muito bem onde estavam e se amaldiçoou por isso. Em seu pânico, esquecera o mapa. Porém, um instante depois, percebeu que não teria conseguido se localizar no mapa de qualquer jeito. Mesmo que o pegasse, teria sido inútil.

Ao lado de Call, Devastação ganiu, olhando para o alto, como se pudesse ser forçado a voar de novo a qualquer instante. Ele latiu enquanto Tamara descia graciosamente, a trança escura flutuando ao redor da cabeça. Ela desceu sobre um tronco caído, com um sorriso enorme no rosto.

— Isso foi incrível. Sempre achei que gostasse mais de magia do fogo, mas o ar...

BAM! Jasper caiu numa pilha de pinhas. Um instante depois, Aaron aterrissou ao lado dele, com os braços cruzados, parecendo furioso.

— Você me deixou cair! — resmungou Jasper.

— Não deixei! — Aaron se defendeu. — Ele falou que era capaz de fazer isso sozinho! Que ficaria bem!

— Ele me parece bem — zombou Call. Tamara lhe lançou um olhar de reprovação e correu para Jasper, que se sentou.

— Ai — murmurou Jasper, caindo de novo. — Ai, ai, ai.

Tamara se inclinava sobre Jasper, que tentava atrair a máxima atenção que conseguisse.

— Que dor. — Ele se queixou. — Que agonia.

— Aaron, você não tem um kit de primeiros socorros na mochila? — indagou Tamara.

— Tenho, mas deixei a mochila para trás. — Aaron olhou para o céu. — Quanto tempo será que vão levar para perceber que estão rebocando um carro vazio?

— Provavelmente não muito — disse Tamara. — Precisamos nos esconder.

— Certo. Para trás, Tamara, Jasper. — Aaron esticou a mão e pegou o pulso de Call. — Call. Fique aí.

Confuso, Call obedeceu enquanto Tamara, Jasper e Devastação se afastaram um pouco. Aaron parecia exausto. Call desconfiou que todos sentiam o mesmo. Os efeitos colaterais da magia do ar estavam começando a atingi-lo, drenando a adrenalina que sustentara até ali. Nenhum cochilo de vinte minutos ajudaria. Ele teve a sensação de que podia cair.

Aaron respirou fundo e levantou a mão que não estava segurando o pulso de Call. Seus dedos brilharam com uma luz escura. A escuridão se espalhou, como ácido tomando conta do chão, dissolvendo-o.

Call pôde sentir o puxão dentro dele que significava que Aaron o estava utilizando para trabalhar o caos. Os olhos de Aaron estavam fechados, os dedos se enterrando na pele de Call.

— Aaron? — chamou Call, mas Aaron não reagiu. O solo estava turbulento aos pés deles, como um redemoinho. Era difícil ver o que acontecia, mas a força daquilo sacudiu o chão. Tamara agarrou Jasper para se manter de pé.

— *Aaron*! — Pela primeira vez, Call conseguiu imaginar como o irmão do Inimigo da Morte, Jericho, havia morrido. Constantine pode ter ficado tão envolvido na magia que executava que se esqueceu do irmão até ser tarde demais.

Aaron soltou o braço de Call. Estava arfando. A poeira da terra agitada tinha começado a baixar. Call e os outros viram que Aaron tinha arrancado um pedaço do chão, abrindo uma espécie de buraco, escondido por uma pedra coberta de grama.

— Você abriu uma caverna suja para nós — disse Jasper. — Hum.

Os cabelos suados de Aaron estavam grudados na testa, e, quando ele olhou para Jasper, Call pensou que talvez estivesse considerando seriamente a hipótese de fazê-lo desaparecer no vazio.

— Vamos descansar — sugeriu Tamara. — Call, sei que está com pressa de chegar a Alastair, mas estamos todos cansados e a magia do ar nos esgotou. — Sua pele parecia ter assumido um tom levemente cinzento, assim como a de Jasper. — Vamos nos esconder até recuperarmos as forças.

Call queria protestar, mas não conseguia. Estava cansado demais. Ele se arrastou para o buraco e se jogou no chão. Queria um cobertor... e esse foi seu último pensamento antes de cair no sono, tão rápida e profundamente quanto se tivesse levado um golpe na cabeça.

Quando acordou, o sol se punha em um fulgor laranja. Tamara dormia ao seu lado, com uma das mãos em Devastação. Do outro lado, Aaron se mexia, inquieto, com os olhos fechados. Jasper também dormia, o casaco enrolado sob a cabeça, como um travesseiro.

Call ouviu um ruído do lado de fora. Ficou imaginando se seria alguma espécie de animal.

Revirando a mochila, encontrou uma barra de chocolate pela metade e a comeu depressa. Não sabia ao certo há quanto tempo estava descansando, mas se sentia mais desperto e alerta que nunca desde que embarcou nessa missão. Uma estranha calma se apoderou dele.

Eu deveria abandoná-los aqui, pensou.

Haviam ido longe bastante. Ele nunca tivera amigos assim, amigos dispostos a arriscar tudo para ajudá-lo. Não queria retribuir levando-os até um destino cruel.

Então Call ouviu outro barulho, dessa vez mais próximo. Não parecia um animal, e sim um rebanho, avançando de forma lenta e silenciosa pela vegetação.

Revisou o plano rapidamente.

— Tamara, acorde — sussurrou Call, cutucando-a com o pé. — Tem alguma coisa lá fora.

Ela rolou e abriu os olhos.

— Hein?

— Lá fora — repetiu ele em voz baixa. — Alguma coisa.

Ela cutucou Aaron, e ele chamou Jasper, ambos bocejando e resmungando por terem sido acordados.

— Não estou ouvindo nada — reclamou Jasper.

— Vamos ver — sussurrou Aaron. — Vamos.

— E se forem os magos? — perguntou Tamara baixinho. — Talvez seja melhor ficarmos aqui.

Call balançou a cabeça.

— Se eles nos encontrarem aqui, não teremos para onde correr. Estamos literalmente contra a parede.

Ninguém podia negar aquilo, então pegaram as coisas e, puxando Devastação, saíram da caverna. A noite começava a cair.

— Você está louco — reclamou Jasper. — Não tem nada lá.

Mas então todos ouviram um ruído que vinha de dois lugares ao mesmo tempo.

— Talvez os magos tenham nos encontrado — cogitou Aaron. — Talvez pudéssemos...

Mas não foi um mago que saiu da folhagem.

Foi um humano Dominado pelo Caos quem surgiu, com uma expressão indolente, encarando-os com olhos brilhantes, que giravam multicoloridos como um caleidoscópio. Ele era enorme e trajava roupas pretas rasgadas. Olhando de perto, Call percebeu que eram os restos de um uniforme. Um uniforme rasgado, sujo de lama e manchado de sangue. Havia um símbolo no peito, mas à sombra, Call não conseguia identificar do que se tratava.

Jasper estava completamente pálido. Jamais vira um Dominado pelo Caos antes, percebeu Call.

Call vira apenas o suficiente para ficar horrorizado quando outro apareceu à esquerda. Ele se virou, pegando Miri exatamente quando um terceiro Dominado saía de trás de uma moita à direita. E depois mais um, e outro, e outro, todos pálidos e com olhos fundos, uma enxurrada de Dominados pelo Caos avançando de todos os lados.

O exército do Inimigo era mais numeroso que eles.

— O... o que a gente faz? — gaguejou Jasper. Ele tinha pegado um graveto do chão e fazia marcações nele. Tamara estava formando uma bola de fogo entre as mãos. Ela não tremia, mas a expressão no rosto era de pânico.

— Atrás de mim — ordenou Aaron. — Todos vocês.

Jasper obedeceu alegremente. Tamara continuava trabalhando na bola de fogo, mas ela já estava atrás de Aaron. A maioria dos Dominados pelo Caos estava reunida do outro lado da clareira, encarando-os com os olhos de redemoinho. O silêncio era sombrio.

— Eu não. — Call não estava com medo. Não sabia por quê. — Você não pode. Eu sou seu contrapeso e posso ver que você não

descansou o suficiente. Acabou de usar magia do caos. Está muito cedo para usá-la de novo.

A mandíbula de Aaron estava rígida.

— Preciso tentar.

— São muitos — argumentou Call, enquanto o exército avançava. — O caos vai consumi-lo.

— Eu levo o exército comigo — insistiu Aaron, sombrio. — Melhor isso que o Alkahest, certo?

— Aaron...

— Sinto muito. — Aaron correu em direção a eles, saltando sobre os espinhos.

Tamara levantou o olhar que estava na bola de fogo e gritou:

— Aaron, abaixe-se!

Ele se abaixou. Ela lançou a bola de fogo, que passou como um arco sobre a cabeça de Aaron, aterrissou na massa de Dominados pelo Caos e explodiu. Alguns dos Dominados pegaram fogo, mas isso não os deteve. As expressões não mudaram, mesmo enquanto caíam, ainda em chamas.

Call passou então a sentir mais medo do que se lembrava de já ter sentido. Aaron se aproximava da primeira linha do exército inimigo. Ele levantou uma das mãos, o caos começava a girar e a crescer em sua palma, como um pequeno furacão, girando para cima...

Os Dominados pelo Caos alcançaram Aaron. Pareceram engoli-lo por um instante, e o estômago de Call revirou.

Call começou a tropeçar em direção a eles, mas logo parou. Pôde ver Aaron novamente, imóvel, parecendo espantado. Os Dominados caminhavam ao seu redor, sem qualquer indício de que iriam tocá-lo, como um fluxo de água que se separa ao passar por uma pedra em um riacho.

Eles ignoraram Aaron, e Call pôde ouvir Jasper e Tamara ofegando, pois os Dominados pelo Caos passaram a seguir na direção deles. Talvez quisessem eliminar primeiro os mais fracos antes de cuidarem de Aaron. Call era o único com uma faca, apesar de não saber exatamente o quanto Miri ajudaria. Ficou imaginando se morreria ali, protegendo Tamara e Jasper — e Aaron. Era uma

maneira heroica de partir, pelo menos. Talvez provasse que ele não era o que seu pai pensava.

Os Dominados pelo Caos alcançaram Tamara e Jasper. Aaron tentava abrir caminho para chegar aos amigos. O primeiro dos Dominados, o homem gigantesco com pulseiras de espetos, parou na frente de Call.

Call cerrou o punho ao redor de Miri. Qualquer que fosse o fim, ele cairia lutando.

O Dominado pelo Caos falou. A voz soava rouca e enferrujada pela falta de uso.

— Mestre. — Ele fixou os olhos de tormenta em Call. — Esperamos tanto tempo por você.

O primeiro Dominado pelo Caos se ajoelhou diante de Call. E em seguida o próximo, e o seguinte, até que todos estivessem de joelhos, com Aaron entre eles, olhando incrédulo para Call do outro lado da clareira.

CAPÍTULO TREZE

— Mestre — disse o líder dos Dominados pelo Caos (pelo menos foi o que Call presumiu que ele fosse). — Quer que matemos o Makar para você?

— Não — respondeu Call rapidamente, horrorizado. — Não, só... fiquem onde estão. Parados — acrescentou, como se estivesse falando com Devastação.

Nenhum dos Dominados se mexeu. Aaron começou a caminhar em direção a Call, as botas esmagando os espinhos das pinhas. Ele navegou com destreza entre o exército ajoelhado.

— O que está acontecendo? — perguntou Jasper.

Call sentiu um aperto no ombro. Ao se virar, viu que era Tamara. Ela olhava fixamente para os Dominados pelo Caos, porém logo em seguida desviou o olhar e o fixou em Call.

— Diga o que significa isso — exigiu ela. — Diga o que você representa para eles.

Estava na voz dela. Mesmo que não soubesse a resposta, já desconfiava. Call achou que Tamara fosse ficar furiosa ao descobrir. Mas não foi o caso. Ela parecia incrivelmente triste, o que era pior ainda.

— Call? — Aaron estava a poucos centímetros dele, mas parecia uma longa distância. Ficou ali parado, incerto, tentando não olhar para os Dominados, que permaneciam de joelhos, à espera de um comando. Call olhou para eles, alguns corpos jovens e outros velhos, mas nenhum com menos de 14 anos. Nenhum mais novo que ele.

Tamara balançou a cabeça.

— Você ficou com raiva de mim por mentir para você. Não minta para nós agora.

Fez-se uma pausa terrivelmente torturante. Jasper olhava para Call (e continuava agarrando o graveto, como se aquilo fosse protegê-lo). Mas Aaron encarava o amigo, esperançoso, como se julgasse que Call pudesse elucidar tudo, e aquilo era o pior de tudo.

— Eu sou o... Inimigo da Morte — revelou Call. Os Dominados pelo Caos emitiram um ruído, uma espécie de suspiro longo, todos de uma vez. Nenhum deles se mexeu, mas aquilo era uma péssima ilustração do que Call dizia. — Sou Constantine Madden, ou o que restou dele.

— Isso não é possível — falou Aaron lentamente, como se achasse que Call tinha batido a cabeça com muita força. — O Inimigo da Morte está vivo. Está em guerra conosco!

— Não, Mestre Joseph está — corrigiu Call. Ele continuou, passando à frente a explicação que tinha recebido, a que ele próprio não queria entender. — O Inimigo da Morte estava morrendo no Massacre Gelado. Ele fez com que sua própria alma entrasse no corpo de um bebê. — Call engoliu em seco. — O bebê era eu. Minha alma é a alma de Constantine Madden. Eu *sou* Constantine.

— Você quer dizer que *você* matou o verdadeiro Callum Hunt e pegou o lugar dele — acusou Jasper. Uma chama se acendeu em sua mão, espalhando-se pelo graveto que segurava, até a ponta pegar fogo. Provavelmente foi a melhor demonstração de magia que Jasper já conseguira, mas ele mal pareceu notar. — Rápido, temos de destruí-lo antes que nos mate, antes que mate o Makar. Aaron você precisa correr!

Aaron permaneceu onde estava, olhando para Call com uma mistura de tristeza e incredulidade.

— Mas você não pode ser — falou Aaron afinal. — Você é meu melhor amigo.

O líder dos Dominados pelo Caos se levantou. Os outros Dominados o acompanharam, como um exército de marionetes. Começaram a marchar em direção a Jasper, passando por Call, como se ele não estivesse ali.

— *Esperem* — gritou Call. — Não! Parem, todos.

Nada aconteceu. Os guerreiros de olhares mortos continuaram em marcha. Não se movimentavam depressa, mas avançavam firmemente em direção a Jasper, que não recuava. A chama na mão do menino ainda ardia, e ele estava com uma expressão terrível no rosto, como se estivesse pronto para morrer lutando. Nada parecido com o Jasper que passou a viagem reclamando, o Jasper que

resmungava por causa de pequenos ferimentos. Esse Jasper parecia destemido.

Mas Call sabia que aquela atitude não faria bem algum a Jasper. Por mais destemido que fosse, não teria o que fazer contra centenas de Dominados pelo Caos. Call sentira pavor antes, quando o obedeceram; mas naquele momento estava assustado porque eles *não* o obedeciam.

— Parem! — repetiu ele, com voz ressonante. — Vocês, nascidos do caos e do vazio, parem! Eu ordeno!

Eles pararam. Jasper arfava. Tamara se encontrava ao lado dele, a luz brilhando na palma da mão. Aaron também se colocara perto deles. Seu coração batia acelerado. Seus amigos, enfileirados contra ele.

— Eu não sabia. — Call podia ouvir a súplica na própria voz. — Quando ingressei no Magisterium, eu não sabia.

Todos o encararam. Finalmente, Tamara falou:

— Acredito em você, Call.

Call engoliu em seco e prosseguiu:

— Na maior parte do tempo, nem parece possível. Eu não vou machucar ninguém, certo? Mas, Jasper, se você me atacar, os Dominados pelo Caos vão matá-lo. Não sei se consigo contê-los.

— Então, quando você descobriu? — perguntou Aaron. — Que você era... o que você é?

— No boliche, ano passado. Mestre Joseph me contou, mas eu não quis acreditar. Mas acho que meu pai sempre desconfiou.

— E foi por isso que ele fez tanto escândalo quando você não fracassou em entrar no Magisterium — relembrou Jasper. — Porque ele sabia que você era mau. Ele sabia que você era um monstro.

Call se encolheu.

— Por isso ele queria que Mestre Rufus interditasse seus poderes — acrescentou Aaron.

Call não sabia o quanto queria que Aaron contrariasse Jasper até ele não fazê-lo.

— Ouçam, essa é a parte que eu não podia explicar, porque não teria feito sentido antes. Meu pai não quer machucar Aaron com o Alkahest. Ele quer usá-lo para me consertar.

— Consertar? — repetiu Jasper. — Ele deveria matá-lo.

— Talvez — disse Call. — Mas ele definitivamente não merece morrer por causa disso.

— Tudo bem, então o que você quer, Call? — indagou Aaron.

— As mesmas coisas que sempre quis! — gritou Call. — Quero recuperar o Alkahest para devolver à escola. Quero salvar meu pai. Não quero mais guardar segredos terríveis!

— Mas você não quer derrotar o Inimigo da Morte — retrucou Jasper.

— Eu *sou* o Inimigo da Morte! — berrou Call mais uma vez. — Nós já derrotamos o Inimigo! Eu estou *do lado de vocês*.

— Sério? — Jasper balançou a cabeça. — Então, se eu dissesse que quero ir embora, você mandaria os Dominados pelo Caos me impedirem?

Call hesitou por um longo momento, com Tamara e Aaron olhando para ele. Finalmente, Call falou:

— Sim, eu impediria.

— Foi o que pensei.

— Estamos muito perto do fim! — Call tentou explicar. — Muito perto de meu pai. Ele ainda está com o Alkahest. Ainda vai entregá-lo a Mestre Joseph. E o Mestre Joseph não vai utilizá-lo para me matar; ele me quer vivo. Vai matar meu pai, vai matar Aaron, e quem pode saber o que vai fazer depois. *Temos* de ir até o fim.

Ele os encarou, querendo que entendessem. Após um longo, longo momento, Tamara assentiu discretamente.

— Então, o que faremos agora?

Call se voltou para os Dominados pelo Caos.

— Levem-nos até Mestre Joseph — ordenou Call. — Levem-nos até lá, não nos machuquem e não contem que estamos indo.

Os Dominados começaram a caminhar, ladeando Call. Aaron, Tamara e Jasper estavam sendo conduzidos, agrupados, cercados. Seguiram por uma trilha estreita, ladeada por corpos que pareciam cadáveres; Call se lembrou de pinturas bíblicas do Mar Vermelho se abrindo. Não havia para onde ir que não o caminho direcionado pelos Dominados pelo Caos, e não havia ritmo de caminhada que não o deles.

Marcharam pela floresta escura em silêncio, com o estalo das pinhas sob os pés. Devastação foi andando contente, sentindo-se

em casa com outros de sua espécie. A cada passo, Call sentia uma terrível solidão o dominar. Depois disso, não teria como voltar ao Magisterium. Não teria mais amigos; não teria mais aulas com Mestre Rufus; não teria mais refeições de líquen no Refeitório, ou brincadeiras com Celia na Galeria.

Ao menos Devastação iria com ele, apesar de Call não saber para onde.

Caminharam pelo que pareceu um longo tempo, longo o bastante para que a perna de Call doesse intensamente. Ele conseguia se sentir desacelerando, sentir a maioria dos Dominados pelo Caos diminuindo o ritmo para que ele não ficasse para trás.

Então, basicamente, *ele* estava ditando o ritmo.

Aaron apareceu ao lado dele.

— Você iria ser meu contrapeso — disse ele, e só quando usou o pretérito que Call percebeu, com um aperto no coração, o quanto queria isso.

— Eu não sabia quando me ofereci.

— Não quero lutar contra você — prosseguiu Aaron. Jasper e Tamara estavam na frente, Tamara conversava, exasperada, com Jasper. — Eu não quero, mas é o que vai acontecer, não é? É nosso destino: matar um ao outro.

— Você não acredita de verdade que eu quero te matar, acredita? — disse Call. — Se eu quisesse, já poderia ter feito isso. Poderia ter te matado enquanto você dormia. Poderia ter matado você um milhão de vezes. Poderia ter arrancado sua cabeça!

— Isso é bem convincente — murmurou Aaron. — Tamara!

Ela recuou para andar com eles. Jasper continuou na frente, com alguns Dominados pelo Caos ao seu lado.

— Por que você falou aquilo antes? — perguntou Aaron. — Que você acreditava em Call?

— Porque ele tentou escapar do Magisterium — explicou Tamara. — Ele realmente não queria entrar. Se ele soubesse que era Constantine Madden, teria tentado se dar bem com os Mestres para espioná-los. Em vez disso, irritou todo mundo. Para completar, Constantine Madden era famoso por seu charme, e obviamente este não é o caso de Call.

— Obrigado. — Call fez uma careta de dor por causa da perna. Não sabia por quanto tempo aguentaria continuar sem descansar. — Isso alegrou meu coração.

— E, ainda — continuou Tamara —, existem coisas que não se pode fingir.

Antes que pudesse perguntar o que ela queria dizer com aquilo, Call tropeçou em uma raiz e caiu de joelhos. Os Dominados pelo Caos pararam subitamente, os que estavam na frente de Jasper se viraram e o detiveram com as mãos em seu peito.

Call resmungou e rolou, tentando se levantar.

Um dos Dominados o ergueu, segurando-o com a mesma facilidade com que Call teria segurado um gato. Era embaraçoso e, ainda mais vergonhoso, um alívio.

— Nós o carregaremos pelo restante do caminho, Mestre — disse o Dominado.

— Essa provavelmente não é a melhor das ideias — retrucou Call. — Os outros...

Um dos Dominados agarrou Tamara, colocando-a sobre suas costas. Ela se debateu.

— Call! — gritou ela, em pânico.

Dois deles levantaram Aaron, enquanto um quinto ergueu Jasper, que chutava o ar.

— Vamos carregar todos — informou o Dominado que segurava Call, mas isso não pareceu o acalmar em nada. — Iremos mais rápido assim.

Call ficou tão surpreso que não deu nenhuma ordem, nem mesmo quando os Dominados aceleraram o ritmo. Eles começaram a apertar o passo e, em seguida, a correr, com Devastação em seu encalço. Correram sem parar, cobrindo uma faixa tão extensa de território que Call não conseguia se imaginar cruzando a pé.

Àquela distância, Call imaginava que os Dominados pelo Caos cheirassem à podridão. Afinal, eles deveriam ser mortos, reanimados por magia do vazio. Mas o cheiro era mais de cogumelo, não era desagradável, apenas estranho.

Aaron parecia desconfortável. Tamara aparentemente estava ao mesmo tempo animada e apavorada. Mas a expressão de Jasper

era impossível de ser interpretada por Call, um vazio que poderia representar medo ou desespero ou nada.

— Call, o que eles estão fazendo? — gritou Tamara para ele.

Call deu de ombros, incomodado.

— Nos carregando? Acho que estão tentando ajudar.

— Não gosto disso — declarou Aaron, aparentando estar em um passeio particularmente vertiginoso.

Os Dominados iam cada vez mais rápido, a magia os impulsionava para a frente, pela floresta, sobre folhas caídas, pelos riachos e por cima das pedras, por arbustos, samambaias e espinheiros. Em seguida, tão depressa quanto começaram, os Dominados pararam.

Call logo se viu de pé, sendo derrubado na areia de uma praia, a fração de lua acima deles projetava uma trilha de prata sobre a água.

Os Dominados começaram a caminhar mais próximos uns dos outros, a trilha se estreitava na medida em que atravessavam a praia. Call pôde escutar o oceano, a batida das ondas.

Três barcos a remos estavam amarrados em uma doca na praia, balançando gentilmente com a maré. Se Call apertasse os olhos, poderia enxergar um pedaço de terra ao longe, visível apenas graças ao reflexo entrecortado do luar.

— Ilha do Mal? — perguntou Jasper.

Call riu, surpreso por Jasper ter dito alguma coisa. Ele provavelmente estava falando sério, concluiu Call, pois parecia improvável que ele desenvolvesse um senso de humor justo naquele momento.

— Dominados — disse Call —, como atravessamos?

Com essas palavras, três deles entraram no mar. Primeiro, a água batia nas coxas, depois nas cinturas, nos pescoços, depois cobriu as cabeças completamente.

— Esperem! — berrou Call, mas eles já tinham seguido. Será que tinha acabado de matá-los? Será que sequer morriam?

Um instante mais tarde, mãos pálidas se ergueram do mar, soltando as cordas que prendiam os barcos. Depois, puxados por mãos invisíveis, os barcos flutuaram para a costa. Os Dominados emergiram das profundezas, as faces impassíveis como sempre.

— Hum — murmurou Aaron.

— Acho que a gente deve embarcar. — Tamara foi até um dos barcos. — Aaron, entre no barco com Call.

— Qual é o sentido disso? — Jasper quis saber.

Tamara olhou para os Dominados.

— Para o Makar não se afogar antes que Call possa contê-los.

Jasper abriu a boca para protestar, e a fechou de novo.

Call subiu rapidamente no barco. Aaron o seguiu.

Jasper se ajeitou no segundo barco. Tamara pegou Devastação e foi para o terceiro.

Os Dominados pelo Caos os arrastaram pelo mar.

Apesar de já ter passeado muito de carro com Alastair, os únicos barcos em que Call já tinha andado foram balsas que transportavam carros antigos ou algum outro objeto de algum local remoto onde Alastair o adquirira. Isso e os barquinhos que navegavam os túneis do Magisterium.

Call jamais estivera tão perto da água, no mar aberto. As ondas eram pretas em todas as direções, os esguichos gelados em suas bochechas, salgados o suficiente para fazerem sua boca arder.

Estava assustado. Os Dominados pelo Caos eram assustadores, e o fato de que o obedeciam não fazia deles menos monstruosos. Seus amigos queriam ficar longe dele — talvez até machucá-lo. E em breve encontraria seu pai e Mestre Joseph, ambos imprevisíveis e perigosos.

Aaron estava sentado encolhido na proa do barco. Call queria falar alguma coisa para ele, mas supôs que nada do que dissesse seria bem recebido.

Os Dominados pelo Caos andavam ao lado deles, embaixo da água, empurrando os barcos. Call conseguia ver as cabeças sob as ondas.

Finalmente, o pedaço de terra à frente deles se transformou em uma paisagem. A ilha era pequena, não tinha mais que poucos quilômetros, e parecia coberta por árvores. Os Dominados pelo Caos puxaram uma pequena plataforma para a praia com suas mãos molhadas. Call saltou do barco, com Aaron logo atrás, e os dois se juntaram a Tamara e Jasper na costa. Tamara segurava nos pelos de Devastação para conter o lobo. Devastação latiu e correu

para Call. Todos ficaram assistindo enquanto ondas e mais ondas de Dominados vinham como piratas afogados em uma história de fantasmas.

— Mestre — disse o líder, quando todos se reuniram. Ele tinha se posicionado ao lado de Call, como um guarda-costas. — Sua tumba.

Primeiro Call achou que havia ouvido errado. *Sua casa*, foi o que a criatura pareceu dizer por um instante esperançoso. Mas não foi nada disso.

Call tropeçou, quase caindo na areia.

— Tumba? —Aaron o olhou de um jeito estranho.

— Sigam — ordenou o líder dos Dominados, partindo pelo bosque. O resto do exército se agrupou ao redor, os corpos pingando, e levaram Call e os outros por uma trilha. Não havia muita luz, mas a passagem era larga, com pedras brancas que delimitavam as bordas do caminho.

Call ficou imaginando o que aconteceria se ordenasse que os Dominados andassem em fila. Será que obedeceriam? Seriam obrigados a obedecê-lo?

Então, com esse pensamento em mente, ele começou a imaginar outras coisas estranhas e engraçadas para ordenar aos Dominados; dançar em fila ou pular em um pé só. Imaginou todo o exército do Inimigo da Morte saltando em um pé só para a batalha.

Um risinho louco escapou de sua boca. Tamara olhou para ele, preocupada.

Nada como seu Suserano do Mal rindo, pensou ele e, em seguida, teve de conter outro impulso completamente inapropriado de uma gargalhada nervosa.

Foi quando a trilha fez uma curva súbita, e ele viu uma construção enorme de pedra cinza. Parecia velha e gasta pelos anos e pela maresia. Duas portas em forma de lua crescente formavam a entrada; no alto destas havia uma aldrava na forma de uma cabeça humana. O arco era marcado por palavras em latim: ultima forsan. ultima forsan. ultima forsan.

— O que significa? — pensou alto Call.

— Significa “a hora está mais próxima do que imagina” — respondeu o líder —, Mestre.

— Acho que significa alguma coisa sobre a última hora — falou Tamara. — Meu latim não é muito bom.

Call olhou para ela, confuso.

— Significa "a hora está mais próxima do que imagina".

Jasper pareceu surpreso.

— É mesmo. Significa isso.

— Call, por que perguntou se já sabia? — disse Aaron.

— Porque eu não sabia até ele me contar! — respondeu Call, exasperado. Apontou para o líder dos Dominados pelo Caos. — Vocês não ouviram?

Fez-se um novo silêncio terrível.

— Call. — Tamara começou a falar lentamente. — Você está dizendo que essas *coisas* estão falando com você? Sabíamos que você estava falando com eles, mas não os ouvimos responder.

— Basicamente ele. — Call apontou para o líder, que parecia impassível. — Mas sim. Consigo ouvi-los e... vocês não o ouviram na clareira? Quando ele me chamou de "mestre"?

Tamara balançou a cabeça.

— Eles não estão falando palavras — sussurrou ela. — Só resmungando e rugindo.

— E emitindo ruídos estranhos como gritos abafados — acrescentou Aaron.

— A mim parece que falam nossa língua com perfeição — retrucou Call.

— É porque você é como eles — disparou Jasper. — As almas deles são todas vazias, e eles não têm nada por dentro, e nem você. Você não é nada além do Inimigo.

— O Inimigo fez essas criaturas. — Aaron enfiou as mãos nos bolsos. — Ele teria de entendê-los porque eles o serviam. E você entende porque...

— Porque eu *sou* ele — completou Call. Não era nada que não soubessem, apenas mais uma prova assustadora. — Sou tão horrível que estou chocando a mim mesmo — murmurou.

— Mestre — disse o líder. — Sua tumba o espera.

Ele notoriamente esperava que Call entrasse naquele enorme mausoléu. E Call teria de fazê-lo. Aquele era o destino deles. Era ali que Mestre Joseph encontraria Alastair.

Call ajeitou os ombros e caminhou para a porta. Devastação saltitava ao lado dele, nitidamente sentindo-se em casa. Atrás do lobo vieram Aaron, Tamara e Jasper.

— Ai, meu Deus. — Ele ouviu a voz horrorizada de Tamara. Demorou um segundo para perceber a que ela estava reagindo. O que ele julgara ser uma aldrava em forma de cabeça era, na verdade, uma cabeça humana decepada, pregada na porta, como se fosse a cabeça de um cervo.

Pertencia a uma menina, uma menina que não parecia muito mais velha que eles. Uma menina que teria morrido recentemente. Mal pareceria morta, não fosse pelo fato de a pele ao redor da base do pescoço ter sido cortada de forma irregular. Os cabelos cor de mogno, soprados pelo vento, batiam ao redor de sua face estranhamente familiar.

Lágrimas arderam nos olhos de Tamara, descendo pelas bochechas. Ela as limpou com as costas das mãos, mas fora isso mal parecia notar que estavam caindo.

— Não pode ser. — Ela se aproximou da porta.

Call teve a sensação de já ter visto aquele rosto antes, mas onde? Talvez na festa na casa dos Rajavi? Talvez fosse uma das amigas de Tamara? Mas por que a cabeça dela estaria exibida ali, como um troféu macabro?

— Verity Torres — informou Jasper em voz baixa, as palavras saindo quase como um sussurro. — Não encontraram o corpo em lugar algum.

Call ficou abalado pelo quão perdido Aaron parecia, tremendo em sua camisa fina; olhando para a última Makar que defendeu o Magisterium. Se ele tivesse sido da geração anterior, seria ele ali. Sua cabeça estaria pendurada sobre aquela porta, como um aviso terrível.

— Não! — Aaron piscou violentamente, como se não conseguisse se livrar da visão diante de si. — Não, não pode ser ela. Não pode.

Call teve a sensação de que ia vomitar.

Os olhos da cabeça se abriram para exibir bolas de gude leitosas, sem pupilas ou íris.

Tamara soltou um soluço. Jasper colocou a mão na boca.

Os lábios mortos se moveram, e as palavras saíram.

— Como meu nome significa verdade, eu garanto que sou os restos mortais de Verity Torres. Aqui dormem os mortos, e os mortos os guardam. Se desejam entrar, três charadas apresentarei. Respondam corretamente e poderão seguir.

Call olhou desamparado para os outros. Estivera contando com o fato de ser Constantine Madden para entrar ali, mas a cabeça de Verity Torres nitidamente não o reconheceu.

— Charadas — repetiu Tamara com a voz trêmula. — Tudo bem. Podemos matar charadas.

— Como você chama aquilo que nunca pode estar abaixo dos outros membros? — perguntou a menina com uma voz estranha, que não se encaixava com o movimento da boca.

— Ah, não, isso não tem graça — retrucou Call. — Não é uma boa piada.

— Do que você está falando? — perguntou Aaron. — Qual é a resposta? O céu?

Tamara pareceu ainda mais perturbada.

— A *cabeça* — disse ela. — Cabeça. Entenderam?

Verity Torres soltou uma risadinha rouca. Sua expressão, entretanto, não era risonha. Seus olhos permaneceram brancos e vazios.

— Quem fez isso com você? — perguntou Aaron subitamente. — *Quem*?

— Só pode ter sido Mestre Joseph — respondeu Tamara. — Constantine já havia deixado o campo de batalha. Ele estava nas cavernas durante o Massacre Gelado...

— Ocupado roubando corpos de outras pessoas para habitar — interrompeu Jasper. Apesar de as palavras terem doído, Call foi atingido pelo alívio de saber que Constantine Madden não podia ter sido o responsável por aquele horror, pois estava ocupado renascendo como Callum. Lógico, o Inimigo tinha feito outras coisas terríveis. Mas não aquilo.

— Esta não foi uma charada verdadeira. — A cabeça ignorou a pergunta de Aaron. — Foi só um treino.

— Temos de sair daqui — balbuciou Jasper, apavorado. — Temos de ir.

— Para onde? Há centenas de Dominados pelo Caos atrás de nós. — Aaron ajeitou os ombros. — Pode fazer a charada.

— Então vamos em frente — continuou Verity. — O que começa e não tem fim, mas é o fim de tudo que começa?

— A morte — respondeu Call. Aquela foi fácil. Ele ficou satisfeito. *Bom em charadas* não se encaixava em lugar algum da lista de Suserano do Mal.

Ouviu-se um clique, um ruído de moagem, uma tranca que se soltava do outro lado da porta.

— Agora a segunda charada. Eu o deixo exausto, no entanto você sofre quando voo. Você vai me matar, mas eu nunca vou morrer.

O próprio Inimigo, Call pensou. Mas essa não era uma boa resposta de charada, era?

Eles trocaram olhares. Foi Tamara quem respondeu.

— O tempo.

Mais um som de arranhando a madeira.

— E agora a última — informou Verity. — Aceite e vai perder ou ganhar mais que todos os outros. O que é?

Silêncio. A mente de Call estava acelerada. *Perder ou ganhar, perder ou ganhar.* Charadas eram sempre sobre algo maior do que pareciam ser. Amor, morte, riqueza, fama, vida. Não se ouvia qualquer barulho, a não ser os grunhidos distantes dos Dominados e a própria respiração de Call. Até uma voz aguda e trêmula cortar o silêncio.

— O risco — disse Jasper.

A cabeça de Verity Torres soltou um suspiro de decepção, aqueles terríveis olhos se fecharam, e um último clique soou. A porta se abriu. Call não conseguia enxergar nada além de sombras. De repente, estava tremendo, com mais frio do que jamais havia sentido.

Perigo.

Ele olhou para Aaron e Tamara, respirou fundo e atravessou a porta.

A tumba era parcamente iluminada por pedras que lembravam as pedras brilhantes no interior do Magisterium, posicionadas ao

longo da parede. Ele conseguiu identificar um corredor que levava ao que pareciam cinco câmaras.

Ao se virar, ele vislumbrou o imenso grupo de figuras horríveis que o encaravam com olhos brilhantes. O líder fixou o olhar em Call.

O menino tentou manter a voz firme.

— Fiquem aqui, filhos do caos. Eu volto.

Todos eles inclinaram as cabeças ao mesmo tempo. De forma perturbadora, Call viu que Devastação estava entre eles. Seu lobo também havia abaixado a cabeça. Uma onda de tristeza atravessou o corpo de Call. E se Devastação só tivesse ficado com ele porque era obrigado? Porque foi para isso que havia sido criado? Aquilo era mais que Call julgava ser capaz de aguentar.

— Call? — chamou Tamara. Ela estava na metade do corredor, com Aaron e Jasper ao lado. — Acho melhor você ver isso aqui.

Ele olhou novamente para o exército. Será que estava sendo ridículo, não levando pelo menos um deles consigo para protegê-lo? Ele apontou para o líder.

— Menos você. Você vem comigo.

Tentando tirar Devastação da cabeça, ele mancou para dentro do mausoléu. O líder dos Dominados pelo Caos o seguiu, e Call ficou observando enquanto ele fechava as portas com cuidado atrás de si, bloqueando o mundo exterior.

O líder se virou e olhou com expectativa para Call, aguardando instruções.

— Você vai me seguir, me proteger se alguém tentar me machucar.

A criatura assentiu.

— Você tem nome?

O Dominado fez que não com a cabeça.

— Muito bem. Vou chamá-lo de Stanley. É estranho você não ter um nome.

Stanley não esboçou qualquer reação, de forma que Call se virou e foi andando pelo corredor. Estava na metade do caminho quando ouviu Tamara chamar seu nome outra vez.

— Call! Você *precisa* ver isso.

Call se apressou para alcançá-la. Encontrou-a com Aaron e Jasper, agrupados diante de uma alcova. Enquanto ele e Stanley se

aproximavam, os três abriram caminho, dando acesso a Call.

Dentro da alcova havia um pedestal de mármore... e, sobre o pedestal, o corpo de um menino morto com cabelos castanho-escuros. Estava com os olhos fechados, os braços alinhados nas laterais. O corpo perfeitamente preservado, mas perceptivelmente morto. A pele branca como cera, e o peito imóvel. Apesar de alguém tê-lo vestido com roupas brancas de funeral, ainda usava a pulseira que o marcava como aluno do Ano de Cobre.

Talhado na parede atrás dele, seu nome: *Jericho Madden*. Empilhados em volta do corpo, diversos objetos. Um cobertor velho ao lado de uma porção de cadernos e livros empoeirados, uma pequena bola brilhante que parecia quase desprovida de energia, uma faca dourada e um anel brilhante com um símbolo que Call não reconhecia.

— Claro — sussurrou Tamara. — O Inimigo da Morte não teria construído um mausoléu para si mesmo. Ele não achava que um dia fosse morrer. Construiu esse lugar para o irmão. E reuniu suas posses no túmulo.

Aaron encarou o corpo, fascinado.

Call não conseguiu falar. Sentiu alguma coisa se contorcer dentro de si, uma dor ansiosa de algo que ele esperava sentir quando viu a impressão da palma de sua mãe do Hall dos Graduados. Uma conexão de amor, família e passado. Não conseguia parar de olhar para o menino no pedestal, ou de se lembrar das histórias que tinha escutado: aquele era o irmão que Constantine queria ressuscitar, o irmão cuja morte o fez realizar experimentos com o vazio e criar os Dominados pelo Caos, o irmão cuja morte o fez transformar a própria morte em seu inimigo.

Call ficou imaginando se algum dia amaria alguém com aquela intensidade, a ponto de abdicar de tudo pela pessoa, de querer incendiar o mundo para recuperá-la.

— Eles eram tão jovens — comentou Aaron. — Jericho devia ter nossa idade. E Verity era só um pouco mais velha. Constantine nunca passou dos 20.

A Guerra dos Magos consumiu a todos como uma fogueira. Era horrível pensar naquilo. Porém, ao mesmo tempo, Call jamais ouvira

alguém pronunciar o nome de Constantine com tanta compaixão antes.

Lógico que foi Aaron. Ele tinha compaixão por todos.

— Aqui. — Jasper tinha se afastado um pouco no corredor e olhava para outra alcova. As estranhas pedras brilhantes nas paredes projetavam uma luz sombria sobre seu rosto. — Alguém que conhecemos.

Call sabia quem encontrariam antes mesmo de chegar ali. Um menino magro, com lisos cabelos castanhos, sardento, os olhos azuis fechados para sempre.

Drew.

Lembrou-se do corpo de Drew, da última vez em que o viu e da forma como Mestre Joseph lançou um feitiço para fechar os ferimentos, apesar de Drew já estar morto. O corpo parecia curado, mesmo que o espírito não estivesse mais ali.

Também tinha bens funerários; roupas dobradas e brinquedos preferidos, a estatueta de cavalo e uma foto em que aparecia com um dos braços em volta de um sorridente Mestre Joseph, o outro em uma pessoa diferente — alguém que fora cortado da foto.

Call estava prestes a pegar a fotografia e examiná-la mais de perto quando ouviu vozes distantes e abafadas vindo de debaixo deles.

— Ouviram isso? — sussurrou ele, afastando-se do corpo de Drew pelo corredor.

Escadas estavam ocultadas pelas sombras. Pareciam esculpidas em pedra sólida. Call levou um instante para perceber que deviam ter sido criadas por magia.

A hora está mais próxima do que você imagina.

Call desceu pelos degraus. Os outros seguiram com cautela. Ele alcançou a base da escada e olhou em volta do recinto sombrio e cavernoso. A escuridão ali embaixo era mais profunda, as pedras brilhantes nas paredes, mais espaçadas.

E então ele viu. O último corpo — o próprio Constantine. Estava deitado sobre um pedestal de mármore, os braços cruzados sobre o peito. Tinha cabelos castanho-escuros e feições angulosas. Podia ter sido bonito, não fossem as marcas lívidas de queimaduras que cobriam o lado direito do rosto e desapareciam para dentro do

colarinho. Não eram tão ruins quanto Call havia imaginado, no entanto, após ouvir tantas histórias sobre o rosto queimado do Inimigo e a máscara que ele usava. Constantine parecia essencialmente normal. Terrivelmente normal. Poderia ser qualquer um que passava na rua. Qualquer pessoa.

Call se aproximou. Stanley o seguiu.

— O que está vendo? — sussurrou Aaron mais de longe, nas escadas.

— Shhh — chiou Call de volta, indo até o corpo de Constantine. — Fique aí. — Ainda conseguia ouvir as vozes vindas das paredes. Seriam fantasmas sussurrantes? Sua imaginação? Ele não tinha mais certeza de nada. Não conseguia parar de olhar para o corpo. *Sou eu*, pensou. *Esse foi meu primeiro rosto, antes de eu me tornar Callum Hunt*.

Ele foi tomado por uma tontura. Cambaleou novamente para trás, contra a parede, para um canto oculto pelas sombras, justamente quando uma porta invisível se abriu e Mestre Joseph entrou, seguido pelo pai de Call.

O coração de Call disparou violentamente no peito. Era tarde demais para conter Alastair.

CAPÍTULO CATORZE

Mestre Joseph estava exatamente como da última vez em que Call o vira: o mesmo bastão, o mesmo uniforme, o mesmo brilho insano no olhar.

— Você está com o Alkahest, que bom — disse ele a Alastair. — Eu sabia que trabalharíamos melhor juntos. De verdade, queremos a mesma coisa.

Alastair, por outro lado, parecia exausto. As roupas pareciam sujas; ele usava jeans velhos e uma jaqueta surrada. A barba estava por fazer.

— Não queremos a mesma coisa. Só quero meu filho de volta.

Meu filho. Por um segundo, quando Call viu o pai, sentiu uma onda de alívio. Uma sensação de familiaridade. Agora parecia que tinha levado um soco no peito. Ele sabia quem o pai queria de volta, e não era ele.

O olhar de Mestre Joseph se desviou para as sombras, onde Call e Stanley se encontravam. Call congelou, tentando ficar o mais imóvel possível. Não queria nem respirar por medo de ser notado. Aaron e os outros deviam ter sentido que alguma coisa estava errada, porque permaneceram na segurança da escada. Como sempre, Stanley acompanhou Call e também permaneceu parado.

Alastair seguiu o olhar do Mestre Joseph para onde Call e Stanley estavam escondidos.

— Os Dominados pelo Caos. Não deveria simplesmente deixá-los soltos assim.

— Todo túmulo precisa de sentinelas — retrucou Mestre Joseph. Talvez fosse normal encontrar Dominados pelo Caos aleatórios vagando pelo mausoléu de Constantine Madden. Talvez ele só estivesse distraído por Alastair. — Seu menino está morto. Mas ele pode ser reerguido. Você reergueu Constantine, o maior mago de nosso tempo, talvez de todos os tempos, e que voltará a sê-lo. Assim que retornar ao próprio corpo, ele poderá devolver a alma de seu filho ao dele. Se você realmente resgatou o Alkahest, então só precisamos de Callum.

— Preciso de uma demonstração de que o Alkahest não irá matá-lo logo de cara — avisou Alastair. — Eu disse que não o traria até você se não soubesse que ele ficaria seguro.

— Ah, não se preocupe — garantiu o Mestre Joseph. — Eu me certifiquei de que Callum se juntasse a nós.

Alastair deu um passo em direção a Mestre Joseph, e Call viu que Alastair estava com o Alkahest na mão esquerda. O metal brilhava quando ele mexia os dedos, exatamente como vira no desenho.

— Como assim?

— Ele fugiu do Magisterium para procurá-lo, é lógico. Está tentando salvá-lo da ira dos magos. Eu sabia para onde ele ia, então deixei um rastro que o traria diretamente até nós. Cheguei a enviar acompanhantes que o trouxessem em segurança até aqui. Prometo, Alastair, trabalhei muito pela segurança de Callum. Ele significa muito mais para mim do que para você.

O coração de Call bateu forte no peito. Pensou nas cartas; latitude e longitude marcadas cuidadosamente em cada uma, a menção de uma data específica para o encontro, um encontro que acontecia bem a tempo de eles chegarem. Call achou que tivesse tido sorte, que estava um passo à frente dos adultos. Mas tinha caído direitinho na armadilha de Mestre Joseph.

Por um instante, Call perdeu a calma. Era apenas um menino. Seus amigos eram crianças, mesmo que um deles fosse o Makar. E se estivessem tentando abraçar o mundo com as pernas? E se não pudessem ajudar?

Alastair começou a falar, e, por um instante, Call nem conseguiu se concentrar.

— Posso garantir que está errado. Callum significa muito mais para mim do que jamais significará para você. Fique longe dele. Não sei se ele é o maior mago da geração dele ou nada disso, mas ele é um bom menino. Ninguém o corrompeu como você fez com os irmãos Madden. Eu me lembro deles, Joseph, e me lembro do que fez com eles.

Call sentiu uma dor no peito. Alastair não *parecia* detestar Call, apesar de ter vindo aqui trocá-lo por um novo filho.

— Pare de balançar o Alkahest de um lado para o outro. Você sabe que essa coisa não pode me machucar. — Mestre Joseph ergueu o bastão. — Por mais que eu quisesse ter a habilidade de utilizar a magia do caos, não a tenho, então não adianta me ameaçar com isso. A única razão pela qual os Dominados pelo Caos me ouvem é porque Constantine assim comandou.

— Não estou aqui para ameaçá-lo, Joseph. — Alastair deu um passo em direção ao corpo de Constantine Madden.

Mestre Joseph fez uma careta.

— Tudo bem. Basta. Dê-me o Alkahest. Gostaria de recompensá-lo, mas não pense nem por um instante que eu não hesitaria em matá-lo se você se rebelar. Muito conveniente, morrer em um mausoléu. Não terá de ser levado longe para ser enterrado.

Alastair deu mais um passo cuidadoso em direção ao corpo.

Mestre Joseph ergueu uma das mãos, e uma dúzia de cordas finas, que pareciam prata, surgiram da escuridão. Elas envolveram Alastair, amarrando-o, como uma aranha faz com uma mosca antes de devorá-la. Alastair gritou de dor, lutando para libertar a mão enluvada.

Call precisava fazer alguma coisa.

— Pare! — gritou ele. — Deixe meu pai em paz! Stanley, faça alguma coisa! Pegue-o!

Tanto Mestre Joseph quanto Alastair ficaram olhando enquanto se tornava evidente que tinham confundido Call com um Dominado pelo Caos parado ao pé da escada. Stanley começou a avançar em direção a Mestre Joseph, mas o comando de Call foi impreciso, pois ele não sabia ao certo o que o Dominado pelo Caos poderia fazer de fato. Mestre Joseph certamente não parecia preocupado; ignorava Stanley, como se ele não estivesse lá.

Em vez disso, começou a sorrir.

— Estamos descendo — sussurrou Aaron. Call virou a cabeça sem querer e viu Tamara, Jasper e Aaron descendo pelas escadas. Acenou para que ficassem para trás.

— Ahhh, Callum, que bom que veio — disse Mestre Joseph. — Vejo que trouxe amigos, apesar de eu não estar vendo quais. Aquele leal Makar está com você? Que surpresa agradável.

Stanley já tinha quase chegado onde Mestre Joseph estava. *Poderíamos ganhar a guerra*, pensou Call. *Se eu ordenar que Stanley o mate, a guerra será vencida*.

Mas será? Será que a guerra poderia ser vencida pelo bem se o Inimigo continuava vivo?

— Call? — chamou Alastair, ainda apavorado. — Saia daqui!

Tamara e Jasper desceram o último degrau aos tropeços. Ambos estavam nitidamente espantados com a visão do corpo do Inimigo e de quem estava ao lado dele. Aaron tentou passar por eles, mas Tamara e Jasper o bloquearam.

— Deixem-me passar. — Aaron esticou o pescoço para ver o que estavam olhando.

— Sem chance — sussurrou Tamara, severa. — O pai de Call está com o Alkahest. Aquela coisa pode matá-lo.

— Papai tem razão. Vocês precisam sair daqui — disse Call. — Levem Aaron para algum lugar seguro.

Call viu a indecisão nos rostos deles, e ele também estava dividido. Não queria colocá-los em perigo, mas também não sabia se seria tão corajoso sem eles.

— Olhem! — Jasper apontou. Stanley alcançara Mestre Joseph. O Dominado o pegou pelos pulsos e os segurou nas costas do Mestre, mantendo-o imobilizado.

Mestre Joseph não se mexeu. Agia como se nada estivesse acontecendo. Como se não estivesse sendo preso contra a vontade. Como se Call não tivesse acabado de imobilizá-lo. Em vez disso, ficou encarando o menino de onde estava, os olhos intensos fulminando Call.

— Não há necessidade disso, Callum — retrucou Mestre Joseph. — Constantine, sou seu servo mais devoto.

— Ouvi o que falou para meu pai — avisou Call. — E eu não sou Constantine.

— E ouviu o que seu pai me falou. O que ele estava pronto para fazer. Sua única verdadeira casa é aqui, comigo.

Call foi para onde o pai estava. Alastair, com a luva de cobre firme na mão, continuava combatendo as cordas que o prendiam. Ele se encolheu quando viu Call se aproximando.

— Call! — grunhiu ele. — Fique longe de mim!

Call hesitou. Seu pai estava com medo? Será que odiava Call?

— Nós vamos soltar você — murmurou Tamara, enquanto ela e Jasper iam até Alastair.

— Vocês deveriam fazer o que Call está dizendo. Saiam daqui! — gritou Alastair, enquanto Tamara se abaixava para inspecionar a corda de prata que o amarrava. Era mágica e não tinha nós. Call torceu para que Tamara soubesse soltá-la, porque ele não fazia a menor ideia. — Levem-no com vocês! Ninguém está seguro aqui, muito menos Call.

— Você quer dizer muito menos Aaron. Entregue o Alkahest — disse Jasper, incorrigivelmente prático. — Entregue, e podemos todos sair juntos. — Ele colocou a mão no braço de Tamara. — Não o solte até que ele entregue.

A atenção de Mestre Joseph permaneceu em Call.

— Achou engraçado? — perguntou ele. — A cabeça de Verity Torres? As charadas? Foi você quem elaborou a planta deste lugar, da entrada. Lógico, não teria sido a cabeça *dela* naquela época, mas foi um improviso engraçado, você não acha?

Call não estava com nenhuma vontade de rir. Teve tanta certeza de que tinha sido uma coisa boa conseguir desvendar algumas das charadas, mas aparentemente ele era bom nesse tipo de coisa porque era um sujeito que achava cabeças decepadas hilárias.

— Dê o Alkahest a Jasper, pai — gritou Callum, perdendo a paciência com tudo aquilo.

Contudo, Alastair virou a cara como se não quisesse olhar para Call. Estava segurando o Alkahest contra o próprio corpo, desviando quando Tamara tentava tocá-lo.

— Deixe o Alkahest comigo! — berrou ele. — Saiam daqui! Levem Call e o Makar!

Aaron tinha ido para o lado do corpo de Constantine Madden e olhava para ele, espantado. Call mancou em direção ao amigo. Conseguia imaginar o que Aaron estava pensando: que aquelas eram as mãos que tinham matado Verity Torres, que tinham destruído mil magos. As mãos de um Makar, como as dele.

— O Inimigo morreu há treze anos — falou Aaron secamente. — Como pode parecer que não está morto? Como eles podem estar assim?

— Você acha que este é um simples mausoléu — disse Joseph.

— Certamente é o que parece — concordou Call. — Com todos esses corpos e tudo mais.

— Esta foi sua última fortaleza contra a morte — explicou Mestre Joseph. — Foi aqui que aprendeu a utilizar o vazio para preservar corpos, suspensos, sem vida, mas intactos. Aqui preservou o corpo de seu irmão para o dia em que pudesse reerguê-lo. Aqui, utilizei a mesma magia para conservar seu corpo...

— Não é meu corpo! — gritou Call. — O que precisa acontecer para você desistir? Eu não me lembro de nada! Nunca vi este lugar antes! Não sou quem você quer que eu seja, e não vou me transformar nele!

Mestre Joseph sorriu, um sorriso largo.

— Levei anos para ajudá-lo a aperfeiçoar sua magia no Magisterium. Quando trabalhamos com o caos, juntos. Pelas costas de seu Mestre. Você se irritava e gritava comigo assim mesmo. *Não sou o que você quer que eu seja*. Era exatamente o que me dizia antes. Depois que devolvermos sua alma a seu corpo, acredito que se lembrará de mais. Talvez esta vida se torne a que parece um sonho. — Ele tentou avançar, mas Stanley o conteve. — Porém mesmo que nunca se lembre, não pode mudar sua própria natureza, Constantine.

— Não o chame assim. — A voz de Aaron era fria como gelo. — As pessoas mudam o tempo todo. E isso é doentio. Essa coisa toda é doentia. Constantine Madden colocou a própria alma no corpo de Cal. Tudo bem, ninguém pode mudar isso. Deixe Call em paz. Deixe que os mortos continuem mortos.

O rosto de Mestre Joseph se contorceu.

— Você fala como se já tivesse sentido a dor de uma perda de verdade.

Aaron se virou. Poucas vezes Call o vira com aquela expressão. Não era mais Aaron. Era o Makar, o manejador do caos. Suas palmas começaram a escurecer.

— Sei muito sobre perdas — garantiu ele. — Você não sabe nada a meu respeito.

— Sei sobre Constan... sobre Call — disse Joseph. — Não quer sua mãe de volta, Call? Não quer que ela volte a viver?

— Não se atreva a falar de Sarah! — berrou Alastair. Ou ele tinha arrancado as cordas de metal, ou Tamara e Jasper tinham conseguido soltá-lo. De qualquer forma, Alastair continuava com o Alkahest.

Ele correu até Call.

Naquele instante de parar o coração, Call soube que iria morrer. Lembrou-se das correntes que o pai havia preparado no porão da própria casa, lembrou-se do que Mestre Joseph havia lhe contado, das palavras talhadas no gelo pelas mãos de sua própria mãe, com a mesma lâmina que Alastair havia jogado nele. *mate a criança*.

Finalmente, treze anos depois, Alastair ia fazê-lo.

Call não se mexeu. Se seu próprio pai realmente o odiava com todas as forças, se Alastair estava preparado para tirar a sua vida, então talvez ele fosse mesmo monstruoso demais para viver. Talvez *devesse* morrer.

Tudo desacelerou ao redor de Call: Aaron, Tamara e Jasper correndo em sua direção, mas longe demais para alcançá-lo a tempo, Mestre Joseph se debatendo e gritando nas garras do Dominado pelo Caos.

— Solte-me, eu ordeno. — Call ouviu o Mestre Joseph dizer, e, para o choque de Call, Stanley o soltou. O velho mago correu para cima do menino, jogando-se sobre ele para protegê-lo do próprio pai. Os joelhos de Call falharam, e ele caiu, o corpo de Mestre Joseph o prendia no chão.

Mas Alastair não se deteve. Ele passou correndo por Call e por Mestre Joseph e foi direto para o corpo preservado do Inimigo da Morte. Lá, ele parou.

— Joseph, você realmente achou que pudesse me tentar a trair *meu próprio filho*? Assim que recebi seus recados sobre colocar a alma dele no corpo deste homem maligno, eu soube o que precisava fazer. — Com isso, ele ergueu o Alkahest, brilhante e lindo sob a luz fraca, e o abaixou com força, enfiando a mão coberta de metal sobre o coração de Constantine Madden.

Mestre Joseph gritou, empurrando Call, que tossiu e rolou sobre os joelhos.

Uma luz brilhou debaixo da pele do Inimigo da Morte — e, onde ela brilhava, o corpo começou a escurecer, como se fosse fogo.

Alastair uivou de dor enquanto o Alkahest se avermelhava com o calor. Estava gritando quando soltou a manopla, a mão inteiramente coberta por queimaduras vermelhas.

— Pai! — Call se levantou, cambaleando. O recinto estava preenchido por um fedor de queimadura que irritou seus olhos.

— Não! NÃO! — Mestre Joseph pegou seu bastão e foi até o corpo de Constantine. Tirou o Alkahest, gritando de dor quando sua mão fechou sobre o metal quente. Nem assim o soltou. Em vez disso, balançou o bastão, e dele explodiu magia, cercando o Inimigo, tentando conter a força que devorava o corpo de Constantine. A energia estalou no recinto enquanto ele repetia sem parar o feitiço de preservação.

Call mancou para a frente e então parou, dominado por uma onda de tontura. As bordas da visão começavam a escurecer. *O que está acontecendo comigo?,* pensou, ao cair de joelhos. Não sentia dor, mas seu corpo tremia, como se estivesse sendo destruído com Constantine.

— Corra, Call! — gritou Alastair, segurando o braço queimado. — Afaste-se do túmulo!

— Eu... não consigo — engasgou Call, e então havia figuras ao seu redor, Aaron, Tamara, Jasper e mais alguém estavam tentando ajudá-lo a se levantar, mas as pernas não funcionavam. — Vão — sussurrou. — Vão sem mim.

— Nunca. — Um punho o agarrou pelo braço, e ele percebeu que era Aaron.

— O que está acontecendo com ele? — O sussurro assustado de Jasper foi afogado pelos gritos de Mestre Joseph. O peito de Constantine Madden sofria um colapso, como um balão cujo ar era extraído.

— Pegue o Makar e os amigos! — ordenou Mestre Joseph para Stanley. — Mate todos, exceto Callum!

O Dominado pelo Caos partiu em direção a eles. Call ouviu o grito assustado de Tamara e sentiu os braços dela ao seu redor. Todos tentavam puxá-lo para a escada, mas ele era um peso morto. Call escorregou das mãos deles e atingiu o chão em frente aos degraus.

Então tudo pareceu sumir, as vozes dos amigos desbotando até se transformarem em silêncio. Tudo que ele podia fazer era tentar continuar respirando enquanto um redemoinho de escuridão se erguia diante de seus olhos, um negror tão puro que ele só tinha visto antes quando saía das mãos de Aaron, a escuridão completa do vazio. O caos o preencheu, seus pensamentos foram rasgados por ele, as respostas dominadas pelo poder que se expandia em seu interior.

Lentamente, o ar voltou ao corpo de Call. Ele levantou a cabeça, seu rosto estava molhado.

O recinto se tornara um verdadeiro caos. Stanley havia obedecido ao comando de Mestre Joseph e atacado os amigos de Call. Ele se ergueu sobre Tamara, que estava recuando, invocando o fogo. Ela lançou as chamas, mas pareceu apenas chamuscar de leve o Dominado pelo Caos, deixando uma marca no peito de Stanley, embora ele mal notasse.

Aaron pulou nas costas de Stanley, o braço se fechando no pescoço do Dominado, apertando-o, como se tentasse arrancar a cabeça de Stanley. Jasper estava utilizando magia do ar e da terra ao mesmo tempo, a fim de jogar poeira nos olhos da criatura. Stanley se sacudiu, mas parecia mais irritado que prejudicado.

Alastair e Mestre Joseph lutavam pelo Alkahest. Mestre Joseph atingiu o pai de Call com o bastão. Ele cambaleou para trás, o rosto ensanguentado.

— Deixe-o em paz — gritou Call, engatinhando em direção ao pai.

Mestre Joseph pronunciou uma palavra, e as pernas de Alastair falharam. Ele caiu no chão.

O corpo de Constantine estava parcialmente queimado, o peito côncavo e escurecido. Call pôde ver os ossos queimados das costelas através da pele incinerada. De repente, uma nova onda de magia o inundou, voltando a imobilizá-lo. Parecia que ele estava assistindo a uma coisa irreal, acontecendo ao longe.

— Call. — A voz de Tamara cortou a fumaça na mente do menino. — Call, você precisa fazer alguma coisa. Ordene que o Dominado pare.

— Tem alguma coisa errada comigo — sussurrou Call, com pontos dançando em sua visão. A pressão dentro dele continuava se expandindo, ultrapassando os limites do controle. Ele não sabia o que era, mas parecia que alguma coisa ia quebrá-lo.

Tamara apertou o punho ao redor do braço dele.

— Não tem nada de errado com você — garantiu ela. — Nunca teve. Você é Callum Hunt. Agora diga para aquela *coisa* parar de nos atacar. Sua ordem está acima da de Mestre Joseph. Você pode contê-la.

Então Call levantou uma das mãos, pretendendo lançá-la à frente para conter Stanley, querendo mandar o Dominado pelo Caos parar. Mas, ao levantar a mão, a pressão dentro dele rompeu a casca fina de controle, como uma explosão em câmera lenta. Ele ficou olhando, em choque, enquanto seus dedos encolhiam e esticavam, e, pela primeira vez na vida, Callum Hunt invocou o caos para o mundo.

Escuridão explodiu da palma de sua mão. As sombras se elevaram, cercando Stanley, cercando-o com laços de escuridão. O Dominado voltou seus olhos torturados para Call, que pôde sentir a sensação de traição que emanava deles. Stanley começou a gritar, e Call entendeu os grunhidos como palavras. Cada uma delas perfurava seus ouvidos: *Mestre, você me criou, então por que me destrói?*

As sombras colidiram, acabando com Stanley.

A escuridão espalhou seus tentáculos em busca de novas presas. Esticou-se, espalhando-se em direção aos outros, a Tamara, Jasper, Mestre Joseph, que se virou e correu, agarrando o Alkahest, desaparecendo pela porta na parede da qual ele e Alastair surgiram. O pai de Call tentou contê-lo, mas era tarde demais. A porta se fechou atrás de Joseph, trancando-se automaticamente.

Call não parecia conseguir conter a magia do caos que fluía de dentro dele, como um rio, e ele sentiu que fluía com ele. Lembrou-se de como era voar sem um contrapeso, flutuar sem qualquer preocupação humana.

Sentiu a mão de Aaron em suas costas, puxando-o para a realidade, forçando-o a se concentrar.

E, de algum jeito, isso permitiu que Call desligasse a torrente. Não conseguia revertê-la, mas, pelo menos, não estava mais saindo dele, como se fosse seu próprio sangue. Tremendo, ele olhou ao redor. O caos que tinha liberado havia se transformado em sombras vivas, sombras que ultrapassavam as bordas do recinto. A escuridão se espalhava inexoravelmente, devorando as paredes da tumba e os pilares que sustentavam o teto, mastigando a massa que unia os tijolos subterrâneos, até eles começarem a soltar e cair.

— Temos de sair daqui! — Alastair virou-se de costas para a porta pela qual Mestre Joseph escapara, e correu para a escada, acenando para que os outros o seguissem. — Todos vocês, vamos!

Tamara se levantou, puxando Call com ela. A garota, Jasper, Aaron e Call começaram a correr em direção a Alastair e à escada. Ali perto, um pedaço do teto cedeu, e pedras caíram, quase colidindo com um pedaço de sombra preta que se espalhava. Jasper gritou e deu um salto para trás.

A escuridão avançou para cima deles. Aaron esticou uma das mãos, e um raio de luz preta brilhou de sua palma, atingindo a sombra e a envolvendo. Call olhou para Aaron, impressionado.

— Caos contém caos — explicou Aaron.

— E não sei fazer magia do caos — sussurrou Call.

— Parece que *sabe* — observou Aaron, e havia alguma coisa em sua voz, um divertimento sombrio e talvez algo menos confortável.

O rosto de Tamara estava manchado.

— A magia do caos está devorando todo esse mausoléu. Aaron, você consegue contê-la até sairmos?

— Acho que sim. — Aaron olhou para as sombras e para a magia que engatinhava e as aprofundava, arrastando tudo que tocava com o vazio. — Mas Call liberou muita energia caótica... não sei.

— Apenas tente. — Call estava se sentindo melhor sem o caos em sua mente, bloqueando seus pensamentos, mas ainda conseguia sentir alguma coisa chiando dentro de si, algo que não estava ali antes.

— Callum — começou Alastair, mas Call o interrompeu.

— Pai, preciso que os tire daqui. Agora.

— E você? — perguntou Tamara. — Nem pense em ficar para trás.

Call olhou nos olhos de Tamara, querendo que ela acreditasse nele, confiasse nele só dessa vez.

— Não vai acontecer. Vão. Seguirei logo atrás.

Como você chama aquilo que nunca pode estar abaixo dos outros membros?, pensou Call sombriamente. *Uma cabeça. Cabeça. Entenderam?*

Tamara deve ter visto alguma coisa no rosto de Call, porque assentiu uma única vez. Jasper já estava passando por Alastair. Aaron parecia menos certo, mas, com a magia do caos queimando as paredes ao redor, estava muito ocupado. Ele expelia cada vez mais magia, empurrando o vazio enquanto subiam as escadas.

Call só tinha alguns instantes até Alastair perceber que ele não os seguia.

Ele sacou Miri da bainha e foi até os restos de Constantine Madden sobre o pedestal de mármore.

CAPÍTULO QUINZE

Call correu pelas escadas o mais rápido que conseguia, xingando a própria perna por atrapalhá-lo enquanto as paredes eram devoradas pelo nada. Ao redor, a escuridão quase o alcançava, como se quisesse puxá-lo para um abraço eterno. A magia do caos que ele tinha liberado, mas não fazia ideia de como conter.

— Call — gritava Alastair do corredor, as mãos erguidas para segurar o teto acima deles com magia. — Call, onde você está? Call!

Ele correu para o pai, as pedras girando sobre eles, pedras que teriam caído se o pai não tivesse voltado para buscá-lo.

— Aqui — respondeu ele, sem fôlego. — Estou bem aqui.

— Agora vamos juntos. — Alastair esticou um dos braços, e Call viu que a mão queimada do pai havia se curado; não completamente, mas as marcas pretas borbulhantes se transformaram em pele vermelha e apenas machucada. — Magia de cura — explicou Alastair ao ver a expressão surpresa de Call. — Vamos, apoie-se em mim.

— Tudo bem. — Call permitiu que o pai deslizasse um dos braços sobre seus ombros e o ajudasse a passar pelos corpos de Drew e Jericho, pela cabeça risonha de Verity, até o gramado onde Jasper, Tamara e Aaron aguardavam; Aaron com as duas mãos erguidas, obviamente fazendo tudo que estava ao seu alcance para conter a magia do caos que tentava destruir a tumba. Assim que viu Call e Alastair, caiu de joelhos.

A escuridão rugiu como as cinzas de um vulcão. Call e Alastair pararam. Call desabou sobre o pai enquanto assistiam ao jazigo perpétuo do Inimigo da Morte ser devorado pela magia do caos. Uma escuridão espessa e oleosa cobriu a construção. Tentáculos deslizavam do lado de fora, como plantas. Enquanto assistia, Call percebeu que aquela massa não era de fato preta — era algo mais escuro, algo que seus olhos tentavam traduzir em algum termo que fizesse sentido, porque o que ele estava vendo era simplesmente o *nada*. E tudo o que o nada tocava deixava de existir, até estarem

olhando para a terra lisa, onde um dia existiu um mausoléu, a risada estranha e terrível de Verity ainda pairando no ar.

— Acabou? — perguntou Jasper.

Aaron o olhou, exaurido.

— O mausoléu foi para o mesmo lugar ao qual mandei o Automotones.

— *Automotones*? — Alastair pareceu chocado pela declaração. — Mas ele está preso nas profundezas do Magisterium.

— *Estava* — corrigiu Call. — O Magisterium o mandou atrás da gente.

Alastair respirou fundo, de um jeito que só fazia quando estava irritado, surpreso ou os dois. Deu alguns passos para longe do resto do grupo, obviamente tentando clarear as ideias. Call ajeitou a mochila no ombro. Estava exausto.

Mestre Joseph havia escapado — e, pior, tinha escapado com o Alkahest, o dispositivo que Call tentara manter longe dele. O exército enorme de Dominados pelo Caos tinha desaparecido. Mestre Joseph provavelmente ordenou que o levassem de volta à costa. Provavelmente também tinha levado todos os barcos, só por ser um babaca.

De repente, Call se lembrou de que Devastação estava com os Dominados pelo Caos, e, se Mestre Joseph conseguia comandar todos eles, provavelmente também conseguiria controlar o lobo.

— Devastação! — gritou ele. O pânico lhe subia pelo peito. — Devastação!

Como pôde deixar seu lobo de fora do mausoléu? Tinha deixado Devastação para trás, como se ele fosse um cachorro, quando ele era muito mais que isso.

Call correu pela trilha de volta à praia, a perna doendo, praticamente se debulhando em lágrimas, chamando pelo lobo. Era mais uma coisa para a qual não estava preparado, mais uma coisa que não podia suportar.

— Call! — gritou o pai. Call se virou e viu Alastair parecendo exausto, caminhando pela trilha com Devastação logo atrás. Call o encarou. A mão que não havia sido queimada estava enterrada no pelo de Devastação, e havia cinzas na pelagem do lobo, mas fora isso ele não parecia ferido. — Ele está bem. Você correu antes de

podermos avisar, mas ele tentou voltar ao mausoléu. Tivemos de contê-lo, mas não foi fácil.

— Seu pai o conteve — falou Aaron.

Devastação deu alguns passos em direção a Call, que estendeu os braços. O lobo correu para ele, lambendo o rosto do dono.

— Isso é muito mais comovente que o que você passou comigo — disse Tamara. Ela cuidava dos cortes e arranhões de Aaron, utilizando a magia da terra para curar os piores. Já tinha consertado o lábio sangrento de Jasper.

Call afagou a cabeça de Devastação.

— Eu deveria saber que Mestre Joseph não iria sequestrá-lo. Ele só gosta de coisas mortas e estranhas.

— Somos todos estranhos — observou Tamara. Ela examinou Aaron. Ele tinha usado o que só podia ser uma quantidade imensa de magia caótica sem um contrapeso e, apesar de ainda estar de pé, parecia à beira de um colapso. — Bem, não está mais sangrando, mas não sei o suficiente sobre magia de cura para checar se você está com alguma torção ou alguma coisa quebrada ou...

— Alguém vai falar sobre o fato de que Call é um Makar? — perguntou Jasper, interrompendo o assunto.

Todos pareceram horrorizados.

— Jasper! — disse Tamara.

— Ah, desculpe. Não sabia que estávamos fingindo que não aconteceu. — Ele se voltou para Call. — Você já sabia que era um Makar? Ah, espere, esqueça, lembrei que não posso acreditar em nada do que diz.

— Ele não sabia — garantiu Alastair. — A magia do caos estava no corpo de Constantine, e, quando o corpo foi destruído, a magia foi liberada. Deve ter sido atraída pela alma de Call. Quando Constantine se tornou um Makar, foi porque seu irmão estava em perigo. Jericho foi atacado por um elemental rebelde nas cavernas, e Constantine o fez desaparecer.

Tamara apertou os olhos na direção do pai de Call.

— Como sabe disso?

— Porque eu fazia parte do grupo de aprendizes dele — respondeu Alastair. — Éramos cinco. Sarah, Declan, Jericho,

Constantine e eu. Rufus era nosso Mestre.

Aaron, Tamara e Jasper o encararam.

— Dizem que Constantine obteve resultados perfeitos no Desafio de Ferro. Resultados perfeitos — enfatizou Jasper.

— Éramos os melhores de nosso ano. — Alastair soou cansado e distante, como se estivesse falando sobre alguma coisa que tinha acontecido há um milhão de anos.

— Você era amigo de Constantine? Amigo próximo? — Aaron quis saber. Apesar de estar bagunçado, sangrento e sujo, ele parecia pronto para se defender, para defender a todos eles.

— Ele, Jericho e Sarah eram meus melhores amigos. Vocês sabem como são os grupos de aprendizes.

— Por falar nisso... — Tamara lançou um olhar preocupado para Aaron. — Precisamos descobrir como tirar este grupo de aprendizes daqui.

— Boa lógica — murmurou Call. Tamara olhou feio para ele.

— Magia da água. — Alastair foi andando até a beira da praia. — Peguem um pouco de madeira. Vamos montar uma jangada.

De repente, a praia toda se acendeu como se um farol a tivesse iluminado. Call cambaleou para trás, agarrando a mochila, os dedos enterrados na alça. Ele ouviu Jasper gritar alguma coisa, e, em seguida, os magos estavam voando sobre eles.

Mestre North, Mestre Rockmaple, Mestra Milagros e Mestre Rufus pairavam no ar.

— Pai — gritou Call, correndo para Alastair. — Eles vão matá-lo, você precisa fugir. Posso tentar segurá-los!

— Não! — insistiu Alastair contra o vento. — Mereço a punição por ter roubado o Alkahest, mas não sou eu quem está correndo perigo de verdade...

— CALLUM — chamou Mestre Rufus. — TAMARA. AARON. ALASTAIR. JASPER. NÃO RESISTAM.

E, com isso, o ar girou em volta de Call, engrossando e os levantando para o céu. Apesar do que Mestre Rufus disse, ainda assim Call resistiu.

— O mausoléu devia estar nos escondendo deles — cogitou Tamara. — Devia ter um feitiço antirrastreamento sob o lugar, da

mesma forma que no Magisterium. Mas agora que o mausoléu foi destruído, eles nos encontraram.

— Não nos machuquem! — implorou Jasper. — Nós nos rendemos!

Mestre North ergueu as mãos, e, das nuvens, surgiram três elementais longilíneos, que pareciam enguias. Eram grandes e plácidos, até abrirem as enormes bocas. Ele viu um deles engolir Aaron. Um instante mais tarde, o segundo elemental acelerava em sua direção, com uma barriga enorme o esperando.

— Aaaargh! — grunhiu Call ao ir para dentro dele. Esperava aterrissar no estômago da criatura, mas o lugar onde caiu parecia suave, amorfo e seco, como imaginou que seria deitar em nuvens, apesar de ele saber que nuvens na verdade eram feitas de água.

Devastação veio rolando atrás dele, parecendo muito assustado. O lobo Dominado pelo Caos uivou, e Call correu para tentar acalmá-lo. Call não sabia ao certo se Devastação se acostumaria a voar. Então veio Alastair, as mãos ainda levantadas, como se estivesse no meio de um feitiço.

O elemental começou a se movimentar, nadando pelo céu, seguindo os magos de volta ao Magisterium. Call sabia para onde estava indo porque conseguia enxergar através da criatura em certos pontos. Sua pele era opaca e nebulosa em alguns lugares, e translúcida em outros. Mas, onde quer que ele tocasse, o elemental parecia uma coisa sólida. — Pai? — chamou Call. — O que está acontecendo?

— Acho que os magos querem se certificar de que não iremos escapar, então criaram uma prisão *dentro* de um elemental. Impressionante! — Alastair se sentou na barriga de nuvem da criatura. — Vocês quatro devem ser bem escorregadios.

— Acho que sim. — Call sabia o que precisava contar ao pai, o que queria dizer desde que encontrou as cartas para Mestre Joseph. — Sinto muito pelo que aconteceu. Você sabe, neste verão.

Alastair olhou para Devastação, que tentava ficar de pé, mas as patas escorregavam. Call seguiu o olhar e se lembrou de que não se arrependia de tudo.

— Sinto muito também, Callum — respondeu Alastair. — Você deve ter se assustado muito com o que viu na garagem.

— Temi que você fosse machucar Devastação — disse Call.

— Só isso?

Call deu de ombros.

— Achei que você fosse usar o Alkahest para testar sua teoria sobre mim. Tipo, se eu morresse, então eu realmente era...

Alastair o interrompeu.

— Eu entendi. Não precisa falar mais nada. Não quero que ninguém nos ouça.

— Quando começou a desconfiar?

Call percebeu o cansaço no rosto de Alastair.

— Há muito tempo. Talvez desde que eu deixei a caverna.

— Por que não disse nada, pelo menos para mim?

Alastair olhou em volta, como se estivesse tentando determinar se o elemental estaria ouvindo a conversa.

— De que adiantaria? — respondeu, afinal. — Achei que era melhor que você não soubesse. Talvez fosse melhor que jamais soubesse. Mas não podemos falar mais sobre isso agora.

— Você está bravo comigo? — A voz de Call saiu fraca.

— Pelo que aconteceu no depósito? Não, estou bravo comigo mesmo. Desconfiei que Mestre Joseph estivesse tentando entrar em contato; me preocupei com a possibilidade de ele já ter posto as garras em você. Achei que, se você soubesse mais, poderia se sentir tentado pela ideia do poder. E, depois que ele começou a escrever para mim, tive medo do que ele poderia querer fazer com você. Mas me esqueci do medo que você devia estar sentindo.

— Achei que tivesse machucado você de verdade. — Call deixou a própria cabeça cair sobre a maciez da parede do elemental. A adrenalina abandonava rapidamente seu corpo, deixando apenas a exaustão no lugar. — Achei que eu fosse tão terrível quanto...

— Estou bem — disse Alastair. — Está tudo bem, Callum. As pessoas não iniciam guerras porque se irritam ou perdem o controle sobre a própria magia.

Callum não tinha certeza se isso era verdade, mas estava cansado demais para discutir.

— Você nunca deveria ter ido ao mausoléu, Callum, você sabe disso, não sabe? Devia ter me deixado cuidar das coisas. Se

Joseph tivesse conseguido fazer o que planejou, quem sabe o que teria feito com você. — Alastair estremeceu.

— Eu sei — respondeu Call. Se sua alma tivesse sido transportada para o corpo de Constantine, talvez todas as suas lembranças como Callum tivessem desaparecido, o que, quando se permitiu pensar a respeito, parecia um destino muito pior que a morte.

Mas, quanto mais longe vagavam seus pensamentos, mais a exaustão tomava conta de seu corpo. Lembrou-se de como Aaron se sentiu esgotado após usar a magia do caos em Automotones.

Vou só fechar os olhos por um instante, disse ele a si mesmo.

Quando Call acordou, foi porque havia braços em torno dele, e ele se movia. Percebeu que estava sendo carregado sobre as pedras do lado de fora do Magisterium. Abriu um dos olhos e observou ao redor.

A luz da manhã queimou os olhos de Call. Imaginou que devia ser mais ou menos a hora do café da manhã. Os Mestres North e Rockmaple estavam atrás dele, observando junto a enormes elementais. Pareciam severos e firmes. Devastação, Tamara, Aaron e Jasper seguiam Mestre Rufus por uma trilha até um portão na parede do Magisterium. Alastair ia atrás, e ele estava carregando Call de um jeito que não fazia desde que o filho era pequeno, deixando que a cabeça encostasse em seu ombro.

A mochila. Call tentou pegá-la, e percebeu que o pai também a carregava em um dos ombros. Suspirou aliviado.

— Quer descer? — perguntou Alastair em voz baixa.

Call não disse nada. Parte dele queria descer sobre seus pés imperfeitos. Outra parte pensou que aquela provavelmente seria a última vez em que seu pai o carregaria.

As pedras tinham dado lugar a um gramado ao lado do Magisterium. Estavam diante de duas portas de cobre, talhadas em forma de curvas que pareciam chamas.

Sobre a porta as palavras: aquele que não ama nada não entende nada.

Call respirou fundo.

— Sim.

O pai o colocou no chão, e a dor habitual subiu por sua perna. Alastair lhe entregou a mochila, e Call a ajeitou sobre um dos ombros.

— Jamais vi essa porta antes — comentou Tamara.

— Esta é a entrada para o Magisterium utilizada pela Assembleia — informou Mestre Rufus. — Nunca imaginei que algum de vocês fosse ter motivo para usá-la.

Durante o tempo em que esteve no Magisterium, Call havia sentido muita coisa em relação àquele lugar. Começou com medo, depois passou a se sentir em casa, depois aquilo se tornou um refúgio onde podia se proteger do pai, e agora, mais uma vez, era um lugar em que ele não sabia se podia confiar.

Talvez Alastair estivesse certo o tempo todo, afinal. Certo em relação a tudo.

Mestre Rufus tocou o bracelete nas portas, e elas se abriram. O corredor ali dentro não se parecia em nada com os outros corredores do Magisterium, com as paredes de pedra habituais e o chão de terra. Aquele corredor era revestido com cobre polido, e a cada passo Call via símbolos de um elemento — ar e metal, fogo e água, terra e caos —, com palavras em latim abaixo.

Rufus chegou a um ponto na parede que parecia exatamente igual a todos os outros. Encostou o bracelete outra vez, e então um pedaço de metal do tamanho de uma porta deslizou para expor uma sala. Era uma sala de paredes nuas, com pedra aparente, ladeada por um longo banco de pedra.

— Vocês, esperem aí — ordenou ele. — Mestre North e Mestre Rockmaple logo estarão de volta para acompanhá-los à sala de reunião. A Assembleia está reunida agora para decidir o que fazer com vocês.

Tamara engoliu em seco. Seus pais eram da Assembleia. Jasper parecia apavorado, e até Aaron estava desconfortável.

— Eu levo Devastação. — declarou Rufus, e levantou a mão antes que Call pudesse protestar. — Ele estará perfeitamente seguro nos aposentos de vocês, o que é mais do que eu poderia oferecer se o levássemos conosco. A Assembleia não morre de amores por animais Dominados pelo Caos.

Ele estalou os dedos, e Devastação trotou para perto dele. Call lançou um olhar sombrio de traição para o lobo.

— Alastair — chamou Rufus. — Venha até aqui um instante.

Alastair pareceu surpreso, em seguida se aproximou de Rufus. Os dois se entreolharam. A mudança na expressão de Rufus foi sutil, mas Call teve a impressão de perceber, no rosto do Mestre, que o Alastair que ele via era muito diferente do homem que Call enxergava quando olhava para o pai. Parecia que ele via um menino, talvez da idade de Call, com cabelos escuros e olhos travessos.

— Seja bem-vindo de volta ao Magisterium, Alastair Hunt — saudou Rufus. — Este lugar sentiu sua falta.

Quando Alastair olhou de volta para Mestre Rufus, não exibia raiva na expressão. Parecia apenas esgotado, o que fez o estômago de Call revirar.

— Não senti a menor falta daqui — retrucou. — Olhe, toda essa situação é culpa minha. Deixe as crianças voltarem para seus quartos e me ponha diante da Assembleia. Não me importo com o que farão.

— É um bom plano — declarou Jasper, levantando-se.

— Sente-se, deWinter — ordenou Mestre Rufus. — Tem sorte por Mestra Milagros não estar aqui. Ela queria pendurá-los no Poço sem Fundo.

— No *quê*? — Call perguntou. Jasper se sentou mais que depressa enquanto Mestre Rufus se inclinava para a frente a fim de dizer alguma coisa a Alastair, algo que Call não conseguiu ouvir. Mestre Rufus recuou com Devastação e, mais uma vez, tocou o bracelete na parede. A porta se fechou, trancando-os na sala.

Call respirou fundo. Estava satisfeito por poder falar diante da Assembleia. Precisava ficar. Precisava explicar antes que outra pessoa o fizesse. Precisava mostrar o que não acreditariam de outra forma.

Olhando para Jasper, Call tentou adivinhar o que ele poderia contar à Assembleia. Definitivamente falaria sobre o sequestro — então Call tinha de falar primeiro, para transmitir o que precisava antes de os guardas o arrastarem. Jasper olhou para ele com olhos pensativos.

— O que vamos falar? — perguntou ele. — Quero dizer, qual é o plano, sobre contar para a Assembleia?

— Contaremos a verdade — respondeu Call. — Contaremos tudo.

— Tudo? — Aaron pareceu espantado. Call sentiu o estômago apertar ainda mais. Será que Aaron estava pronto para mentir por ele?

— Call tem razão — concordou Alastair. — Pensem em termos práticos. A pior coisa a se fazer é cair em contradição lá dentro. Só se contarmos exatamente a verdade contaremos a mesma história.

— Não sei por que estamos ouvindo os conselhos de um criminoso procurado — murmurou Jasper.

— Todos nós somos criminosos procurados, Jasper — rebateu Tamara, e, em seguida, afagou o ombro de Call. — Vai ficar tudo bem.

— É melhor confortar o vilão aí — declarou Jasper. — Ele é frágil. O papai dele o carregou como uma princesa até aqui.

— Ah, não enche — reclamou Aaron. — Você fica babaca sempre que está nervoso.

Call olhou para Jasper, surpreso. Será que aquilo era verdade? Pela experiência de Call, Jasper era desagradável em boa parte do tempo, mas Call certamente sabia o que era ter uma boca com vontade própria. Call disse muitas coisas antes de pensar melhor no assunto.

Ele não queria admitir que tinha algo em comum com Jasper, principalmente com algo de que não gostava em Jasper.

Constantine Madden era charmoso, Tamara dissera.

A porta se abriu, e Mestre North entrou.

— A Assembleia vai ouvi-los agora — informou ele.

Seja charmoso, pensou Call. *Se você é Constantine, então extraia alguma vantagem disso. Seja charmoso*.

Todos se levantaram e seguiram Mestre North pelo corredor de cobre, atravessando um arco até uma grande sala circular. Call já havia estado ali antes, mas disfarçou o fato de que reconhecia aquele lugar. Ele estava vagando pelo Magisterium quando descobriu que uma reunião de magos acontecia ali. Entretanto,

aquela provavelmente não era a melhor hora para falar que andara bisbilhotando.

Joias decoravam as paredes da caverna, formando constelações. O centro do salão era dominado por uma grande mesa redonda, com um buraco bem no meio. Parecia feita de um pedaço de tronco, mas a árvore devia ser enorme — maior que a maior das sequoias. Call não pôde deixar de sentir vontade de passar os dedos no tampo.

Em um dos lados estavam sentados os membros da Assembleia, com suas vestes cor de azeitona, alternados com magos do Magisterium, que trajavam preto. Pareciam peças de xadrez.

Mestre North fez um gesto, e uma parte da mesa se levantou como uma fatia de bolo sendo cortada. Gesticulou para Call e os outros caminharem pelo buraco no círculo. Após um instante de hesitação, Alastair deu o primeiro passo, e as crianças o seguiram. Assim que o último deles — Jasper — entrou no círculo formado pela mesa, a seção que se levantou voltou para o lugar. Call e os amigos estavam presos no círculo da mesa, completamente cercados pela Assembleia.

Call olhou em volta, para as faces presunçosas dos adultos. Bem, talvez nem todos parecessem presunçosos. Mestre Rufus, Mestre North, Mestre Rockmaple e Mestra Milagros pareciam tensos, e os pais de Tamara, preocupados. Além dos professores e dos Rajavi, a única integrante da Assembleia que Call reconheceu foi a madrasta de Alex, a senhora Tarquin. Ela estava sentada imponente como uma rainha, os cabelos prateados ajeitados no alto da cabeça. Ninguém se apresentou.

— Por onde começar — disse um senhor com roupas da Assembleia. — Desde Constantine Madden não temos um problema tão grande, um golpe tão forte contra o Magisterium, e tudo que ele representa, como aconteceu nesta semana.

— Nunca tivemos a intenção de macular o Magisterium — declarou Tamara.

— Sério? — O senhor pulou ao ouvir aquelas palavras, como um gato saltaria sobre um rato. — Sabe como é desmoralizante para os

outros aprendizes ouvirem que nosso Makar fugiu da escola? Pensou nisso, Aaron Stewart?

— Eu não fugi, Deputado Graves. — Aaron se ajeitou em seu lugar. Ainda estava com a roupa do brechó, apesar de coberta de sujeira e sangue. Ele era um menino de 13 anos de idade, e seu corte de cabelo idiota tinha crescido um pouco, mas, quando falava, todos olhavam para ele. Call viu as expressões dos integrantes da Assembleia se tornando mais suaves. Queriam ouvir Aaron. Era isso que Constantine possuía. Foi a isso que Tamara se referiu quando falou que o Inimigo era *charmoso*. — Durante o verão, conversei com muitos membros desta Assembleia e muitos magos da comunidade. Todos destacaram que eu era a única arma capaz de deter o Inimigo. Bem, me parece correto garantir a todos que não me escondo no Magisterium quando precisam de mim.

Fez-se um breve silêncio, e Graves limpou a garganta.

— Seu entusiasmo é admirável, mas, se realmente achou que era necessário para conter Alastair Hunt, por que você não lidou com ele quando o alcançou? Por que ele continua com você?

Uma chama de raiva inflou no peito de Call.

— Não é assim — retrucou Tamara. — Vocês precisam ouvir a história toda.

— Tamara Rajavi, achávamos que, depois do que aconteceu com sua irmã, você teria mais juízo — censurou Mestre North. O rosto de Tamara desmoronou. A chama no peito de Call ardeu ainda mais quente.

— E você, Callum Hunt — apontou Mestre North. — Permitimos seu ingresso no Magisterium apesar dos resultados lamentáveis no Desafio de Ferro, e é assim que retribui? Considere descartada sua inscrição para atuar como contrapeso do Makar, e considere-se um rapaz de sorte se isso for tudo que lhe acontecer.

As mãos do Mestre Rufus estavam cerradas. Call teve a sensação de estar se engasgando com água fervente.

— Vocês não têm o direito de punir a nenhum de nós. — Os olhos de Jasper ardiam. — Mandaram um elemental para nos matar!

— Jasper! — Mestra Milagros parecia horrorizada. — Você entende onde está, o que isso significa? Mentir não vai ajudar.

— Ele não está mentindo — disse Call. — E sabemos que o Magisterium não se importa com a verdade. O que aconteceu com Mestre Lemuel? Ele não machucou Drew de verdade, então por que não o deixaram voltar? Por que ele tem de ficar com uns malucos que fazem experiências com animais no meio da floresta?

Mestre Rufus suspirou.

— Ele escolheu não voltar, Call.

Call mordeu a língua.

— Mentir certamente não vai ajudar a petição de seus pais para reingresso na Assembleia — disse a senhora Rajavi a Jasper, com a voz baixa, em seguida se voltou para Alastair. — E onde está o Alkahest? Por que não o vejo sobre a mesa?

— Está com Mestre Joseph — respondeu Alastair secamente. Call se encolheu. Se ele não era particularmente charmoso, sabia a quem culpar por não o ensinar.

— Mestre Joseph? — repetiu a senhora Tarquin calmamente. — O braço direito do Inimigo da Morte? Aquele que o conduziu para o caminho do mal?

Graves se levantou.

— Vocês permitiram que este traidor entregasse o Alkahest ao Inimigo? Devíamos trancar Alastair e todos vocês com ele...

— O Inimigo da Morte não está com o Alkahest — interrompeu Call. — Ele não tem nada. E não é graças a nenhum de vocês.

Graves cerrou os olhos.

— Como sabe tanto sobre o que o Inimigo tem ou não?

— *Callum* — alertou Alastair.

Mas Call não ia parar. Havia se preparado para esse momento. Alcançou a mochila e pegou um punhado de cabelo. Engolindo a raiva e a náusea, ele puxou a cabeça de Constantine Madden da mochila.

Colocou a cabeça sobre a mesa, diante de Mestre Graves. Não havia sangue; o ferimento no pescoço de Constantine parecia cauterizado onde Call o cortou com Miri. O rosto do Inimigo estava sujo de cinzas, mas continuava perfeitamente reconhecível como Constantine Madden.

— Porque meu pai o matou — revelou Call. — Ele usou o Alkahest.

Toda a Assembleia se calou. A senhora Tarquin emitiu um ruído engasgado e virou o rosto. Mestre Rufus estava estranhamente chocado. O Deputado Graves parecia prestes a ter um enfarte, enquanto os Rajavi olhavam para Tamara como se jamais a tivessem visto antes.

Aaron cortou o silêncio com a voz mais alta, ainda que falhando levemente.

— Você *cortou* a *cabeça* dele?

Call supôs que aquilo não fosse exatamente um ato charmoso. A cabeça encarava os membros da Assembleia, que a olhavam com horror e receio, como se esperassem que ela fosse começar a falar. Call percebeu que havia um pedaço de bala laranja e um pelinho presos na bochecha do Inimigo, mas não queria chamar mais atenção dando um peteleco na cabeça para limpar aquilo.

— Achei que pudéssemos precisar de provas — explicou Call.

— Eu *toquei* nessa mochila! — lembrou Tamara. — É a coisa mais nojenta que eu já...

Alastair soltou uma gargalhada e, uma vez que ele começou a rir, não parecia capaz de parar. Lágrimas escorreram por suas bochechas. Limpou os olhos e se apoiou na mesa para não cair. Tentou falar, mas nem conseguiu pronunciar as palavras.

Call torceu para que a visão da cabeça de Constantine Madden não tivesse enlouquecido ninguém permanentemente, muito menos o pai. Muitas pessoas no recinto pareciam um pouco perturbadas.

— Callum. — Mestre Rufus aparentemente havia sido o primeiro a se recuperar. — Como Alastair matou o Inimigo da Morte?

— Ele manipulou Mestre Joseph a levá-lo até o local onde Constantine estava. — Call tomava cuidado para não mentir. — Em seguida, usou o Alkahest no Inimigo. Depois disso, Constantine morreu. — Call não mencionou o fato de que ele já estava morto *antes* disso. — Estava cheio de Dominados pelo Caos ao nosso redor. Nós ajudamos a combatê-los, mas, quando o fizemos, o mausoléu foi destruído.

— E o Alkahest se perdeu? — perguntou Mestra Milagros.

Call fez que sim com a cabeça. Tinha quase certeza de que a Assembleia deveria estar fazendo mais perguntas, mas todos os membros pareciam chocados demais para interromper.

— Achamos que Mestre Joseph escapou com ele quando o local estava em ruínas.

Finalmente as risadas de Alastair cessaram.

— O que aconteceu com o corpo do Inimigo? — Quis saber Mestre North.

— Desapareceu com o resto do mausoléu. O caos, hum... devorou tudo.

Mestre Rufus assentiu.

— Não foi isso que aconteceu. — Jasper balançou a cabeça. — Você está excluindo coisas importantes.

Call sentiu o pai ficar tenso. Os dedos de Alastair se enterraram em seu ombro. Deu para ver que Tamara tinha prendido a respiração e Aaron lançava olhares afiados na direção de Jasper.

— E o que é? — perguntou o Deputado Graves, parecendo se recuperar de choques inumeráveis.

— O motivo pelo qual o mausoléu foi destruído é Call — continuou Jasper. *Porque Call é o Inimigo da Morte. Porque Call é Constantine Madden renascido e, assim como Constantine, destruiu o Magisterium, Call destruiu o mausoléu. Interditem a magia dele; matem-no.* Call ficou encarando em um pavor congelado enquanto Jasper prosseguia. — Call utilizou magia do caos para manter os Dominados afastados. Saiu um pouco do controle, porque foi a primeira vez que ele a usou. — Jasper lançou a todos eles um olhar presunçoso, como se soubesse do pânico que estavam sentindo. — É isso mesmo. Call é um Makar, como Aaron. Agora temos dois.

Call soltou um suspiro de alívio. Os integrantes da Assembleia olhavam para Jasper como se ele tivesse desenvolvido uma segunda cabeça.

Finalmente, de verdade, Jasper o surpreendeu.

Naquele instante, Anastasia Tarquin se levantou. Estava com a coluna ereta, os cabelos prateados brilhavam. Olhou diretamente para Call enquanto falava.

— O Inimigo está morto, afinal. Graças a vocês cinco. — Ela fez um gesto na direção de Call, Alastair, Tamara, Jasper e Aaron. — Verity Torres e os muitos que pereceram no Massacre Gelado finalmente foram vingados.

Call pensou na cabeça de Verity, pregada na porta do mausoléu, e engoliu em seco.

As palavras da senhora Tarquin pareceram despertar o Deputado Graves do choque.

— Anastasia está certa — declarou ele. — O Tratado está, então, anulado. O Alkahest deve ser recuperado, mas, por enquanto, este é um momento de celebração. A guerra acabou.

Os demais membros da Assembleia começaram a murmurar, os sorrisos se espalhando em suas faces. Mestra Milagros começou a aplaudir, e o movimento logo se espalhou. Membros da Assembleia e Mestres se levantavam para aplaudi-los. Tamara pareceu surpresa; Jasper, convencido, e Alastair, aliviado. Então Call olhou para Aaron. Aaron não estava sorrindo. Exibia uma expressão estranha e conflituosa no rosto, como se estivesse imaginando, sabendo o que sabia sobre Call, se estava fazendo uma coisa horrível em esconder o que descobrira.

Mas talvez Aaron não estivesse pensando nisso. Talvez estivesse exausto e não pensasse em nada.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Depois daquele dia, as coisas aconteceram rapidamente. Alastair foi levado pelo Mestre Rufus para dormir em um quarto de Mestres extra; as crianças, mandadas para seus aposentos para tomarem banho e descansar, o que significava que Call estava a) separado de Jasper e b) novamente com Devastação, ambas coisas boas.

Assim que Call, Tamara e Aaron voltaram à sala compartilhada para despencar no sofá e poltronas, Alex Strike chegou, trazendo comida do Refeitório — pratos de madeira e vasilhas empilhadas com diferentes espécies de cogumelos, líquens e sobremesas, coisas com sabores que variavam entre nachos e uma gosma roxa, que Tamara achava parecida com caramelo salgado, a um cogumelo com gosto de frango empanado.

Após comer bastante, Call cambaleou para a cama e caiu, exausto. Não sonhou — ou, se o fez, não se lembrava no dia seguinte.

Quando acordou, percebeu que os lençóis estavam sujos de fumaça e terra. Não conseguia se lembrar da última vez em que tinha tomado um banho de verdade, e decidiu que seria melhor tomar um, antes que Mestre Rufus desse uma boa olhada nele e o jogasse em uma das piscinas sujas do Magisterium.

Olhando para Devastação, percebeu que o lobo estava em condições ainda piores; os pelos, pretos de tanta sujeira.

O banheiro, uma gruta no corredor principal, era compartilhado por dois quartos diferentes de aprendizes. Tinha três câmaras — uma com vasos sanitários, outra com pias e espelhos, e mais uma com piscinas mornas, que borbulhavam suavemente, e riachos cujo fluxo caía sobre eles, como chuva morna. Paredes de pedra separavam engenhosamente todas as áreas individuais de banho, para que mais pessoas pudessem se banhar ao mesmo tempo, sem precisarem se ver nuas.

Call foi até uma das piscinas, pendurou a toalha em um gancho, tirou as roupas sujas de civil com as quais havia dormido, e entrou. A água estava tão quente que inicialmente foi quase desconfortável,

até seus músculos relaxarem. Aí foi incrível. Até a perna estava bem.

— Entre — disse ele a Devastação.

O lobo hesitou, farejando o ar. Depois, lambeu a água, desconfiado. Em outros tempos, aquilo teria irritado Call, mas, naquele momento, ficava aliviado por Devastação não o obedecer logo de imediato.

— Call? — Ele ouviu alguém o chamar. A voz vinha do outro lado da parede de pedra do seu cubículo de banho. Uma voz feminina muito familiar.

— Tamara? — A voz dele ficou um pouco esganiçada. — Estou tomando banho.

— Eu sei — disse ela. — Mas não tem mais ninguém aqui e precisamos conversar.

— Não sei se você sabe disso — retrucou ele —, mas a maioria das pessoas toma banho *sem* roupa.

— Estou do outro lado da parede! — Ela soou exasperada. — Está muito úmido aqui, e meu cabelo não está bem com isso, então podemos só conversar?

Call tirou o próprio cabelo preto do rosto.

— Tudo bem, então. Pode falar.

— Você me chamou de mentirosa. — A dor na voz dela era indisfarçável.

Call se contorceu. Devastação o olhou com severidade.

— Eu sei.

— E depois descobri que você é mais mentiroso ainda — falou ela. — Você mentiu sobre tudo.

— Menti para proteger meu pai!

— Mentiu para se proteger. — Ela se irritou. — Poderia ter nos contado que era o Inimigo...

— Tamara, *cale a boca*.

— Call, detesto ter de dizer isso, mas o banheiro não é um lugar cheio de pessoas bisbilhotando. Somos só nós dois.

— Não sou o Inimigo da Morte. — Call fez uma careta para o próprio reflexo na água. Cabelos pretos, olhos cinzentos. Continuava sendo Callum Hunt. Não, não era.

— Você podia ter nos dito a verdade sobre o que Mestre Joseph falou, mas não o fez.

— Não queria que você me odiasse. Você é minha melhor amiga — confessou Call.

Tamara emitiu um ruído duvidoso.

— Aaron é seu melhor amigo, *mentiroso*.

— Você é minha melhor amiga menina — insistiu Call. — Eu não queria que nenhum de vocês dois me odiasse. Preciso de ambos.

Quando Tamara voltou a falar, pareceu menos irritada.

— Então acho que o que eu queria dizer é que não quero nunca mais que a gente minta um para o outro.

— Mas podemos continuar mentindo para outras pessoas? — Call olhou para Devastação, que balançou as orelhas.

— Se for importante... Mas não um para o outro, nem para Aaron. Só falamos a verdade. Tudo bem?

— Tudo bem — concordou Call, e Devastação latiu.

— Call, tem alguém na banheira com você?

Call suspirou. Não achou que aquela história de falar a verdade fosse atingi-lo tão depressa.

— Devastação — admitiu.

— Call! Que *nojo*.

E então ela começou a rir. Após um segundo, Call também estava rindo.

↑≋△○@

Depois que Tamara saiu e Call terminou o banho, ele voltou para o quarto de roupão e vestiu um uniforme. Quando ressurgiu, Aaron já estava lá, limpo, vestido e comendo o que parecia ser uma pera muito clara.

— O que *é* isso? — perguntou Call.

Aaron deu de ombros.

— Fruta mágica da caverna. Um dos grupos de aprendizes do Ano de Prata plantou. Tem gosto de queijo, mas também de maçã. Quer uma?

Call fez uma careta. Atrás de Aaron, viu que a mesa tinha uma pilha de frutas estranhas, algumas bebidas, balas da Galeria e o que

pareciam ser alguns cartões artesanais. Um único peixe cego flutuava em uma vasilha de vidro.

Aaron seguiu seu olhar.

— Sim, algumas pessoas ficaram preocupadas com a gente. São presentes de “melhoras”, eu suponho.

— Presentes de “voltem para cá” — corrigiu Call.

Aaron sorriu. Alguns minutos depois, Tamara saiu do quarto. Os cabelos não haviam sido nem um pouco afetados: estavam presos em tranças perfeitas e enrolados na cabeça, como uma coroa. Brincos de ouro pendiam de suas orelhas, balançando enquanto ela se movia. Tamara sorriu para Call, e, quando o fez, ele sentiu o estômago revirar. O garoto desviou rapidamente o olhar, sem saber exatamente por quê.

— Prontos para o Refeitório? — perguntou ela.

Aaron deu uma última mordida na fruta mágica da caverna, dobrando o miolo em duas metades e abocanhando-o de uma só vez. Ele olhou para Devastação, que estava bem fofo depois do banho. Cheirava um pouco a sabonete de chá verde e não parecia feliz com isso.

— Ei, fofucho — chamou ele.

O lobo Dominado pelo Caos, que aterrorizava os alunos do Ano de Ferro, olhou com suas pupilas rodopiantes e envergonhadas. Call esticou um dos braços para afagá-lo na cabeça.

— Vamos pegar algumas linguiças para você no Refeitório — prometeu. — Você também merece celebrar.

Foram para o corredor e descobriram que Jasper estava ali, esperando por eles.

— Hum, oi — começou Jasper. — Já ia bater na porta de vocês. Todo mundo no meu grupo de aprendizes está estranho e me encarando. Quero dizer, eu sou um herói, mas acho que eles não se sentem muito bem com esse fato.

— Você definitivamente é alguma coisa — disse Aaron.

Jasper deu de ombros.

— Enfim, eu não queria ir sozinho para o Refeitório.

Jasper os acompanhou enquanto desciam pelo corredor, conversando com Tamara. Na verdade, tinha começado a parecer que o lugar de Jasper era com eles, o que parecia um mau sinal

para Call. Por outro lado, não podia destratar Jasper quando este estava, contra todas as possibilidades, guardando seu segredo.

Mas, às vezes, Jasper olhava enviesado para Call, que ficava imaginando se o segredo se tornaria tentador demais. Se Call o irritasse — e Call tinha total certeza de que eventualmente irritaria Jasper, assim como tinha certeza de que Jasper provavelmente o irritaria — será que ele conseguiria manter a boca fechada? Se estivesse tentando impressionar outro aluno, realmente seria capaz de resistir à tentação?

Call engoliu em seco.

— Você não vai contar para ninguém, vai?

— Contar o quê? — perguntou Jasper com um meio sorriso.

Call não ia falar em voz alta de jeito nenhum.

— A coisa!

Jasper ergueu uma das sobrancelhas.

— Contanto que eu continue me beneficiando.

— Temos de entrar em um acordo — afirmou Tamara. — Ninguém diz nada sobre Call. Não sabemos em quem podemos confiar aqui.

Jasper não respondeu, e não havia como fazê-lo, não havia como extorquir uma promessa, mesmo que conseguissem fazê-lo prometer, não tinham motivo para acreditar em sua palavra.

Call estava praticamente em pânico quando chegaram ao Refeitório. Haviam se atrasado, então o local já parecia cheio. Aromas de cebola grelhada e molho barbecue preenchiam o ar, apesar de os alunos carregarem pratos de pudins cinzentos, líquen e cogumelos. A boca de Call começou a ficar com água na boca, mesmo tendo acabado de comer.

Depois que os primeiros aprendizes os viram, palavras foram murmuradas e todo mundo levantou a cabeça. Todo o Refeitório caiu em silêncio. Call, Tamara, Aaron e Jasper estavam desconfortáveis na entrada, sentindo o peso de centenas de olhares sobre eles. Pessoas que conheciam, pessoas que não conheciam. *Todo mundo* estava os encarando.

Em seguida, a sala explodiu em aplausos. Alunos que Call não reconhecia assobiavam e aplaudiam de pé, gritando e entoando que a guerra havia chegado ao fim.

Mestre Rufus subiu na mesa dos mestres, erguendo-se sobre todos. Bateu palmas, e, imediatamente, toda a sala ficou em silêncio. Os alunos continuavam mexendo as bocas, continuavam a aplaudir, mas nada além da voz de Mestre Rufus era audível.

— Hoje recepcionamos de volta ao Magisterium quatro alunos que conquistaram uma vitória sem precedentes na história da Assembleia — começou ele. — Jasper deWinter; Tamara Rajavi; nosso Makar, Aaron Stewart; e nosso *mais novo* mago do caos, Callum Hunt. Por favor, os recebam.

O silêncio se dissipou apenas o bastante para um rugido ensurdecedor varrer o recinto.

— O Inimigo da Morte, que buscava tornar a si e a seus seguidores imortais, aquele que derrotou a própria morte, agora a encontrou. Temos não um, mas dois Makars nesta geração de magos. Todos os alunos daqui de alguma forma contribuíram para isso. Temos muita sorte.

Pessoas assobiaram e aplaudiram. Do outro lado, Alex Strike deu uma piscadela para Call sob os bagunçados cabelos castanhos.

— Agora, devemos nos lembrar de que, mesmo com o fim da guerra, ainda não conquistamos a paz. O Inimigo pode ter sido destruído, mas seus seguidores permanecem. Ainda há batalhas a serem lutadas, e, como magos do Magisterium, é a obrigação de vocês lutá-las.

Dessa vez houve um murmúrio ainda mais dominado pelos aplausos. Ótimo.

Mestre Rufus tem razão, pensou Call, sombrio. *Mais do que imagina*.

— Agora, Call, Tamara, Aaron, e Jasper. — Rufus virou-se para os quatro. — Ergam seus braceletes, neles encontrarão uma nova pedra, uma tanzanita que representa as maiores vitórias conquistadas em nome do Magisterium.

Call levantou o pulso e ficou encarando o bracelete. Era verdade. Havia ali uma pedra de um tom de azul muito escuro, quase roxo, que brilhava com intensidade. Ao lado dela, havia também uma nova pedra. Uma pedra preta, representando seu novo status de Makar, um mago capaz de conjurar a magia do caos.

Jasper cerrou o punho e vibrou. De repente, o recinto estava cheio de pessoas gritando:

— *O Inimigo está morto! O Inimigo está morto!*

Só Tamara e Aaron não cantaram junto. Olharam para Call — Tamara preocupada e Aaron inquieto. Eles, Jasper e Alastair eram os únicos que sabiam, pensou Call. O Inimigo da Morte não estava nem um pouco mais morto que antes. Não dá para matar o monstro quando esse monstro está dentro de você.

Rufus abaixou as mãos, um gesto que pareceu libertar os alunos dos lugares. Todos começaram a correr para Call e seus amigos, com tapinhas nas costas e perguntas sobre o Inimigo e a batalha. Call girou em um mar de corpos, tentando manter o equilíbrio. Kimiya estava abraçando Tamara e chorando. Alex apertava a mão de Aaron. E, em seguida, Celia apareceu na frente de Call, os olhos emoldurados em vermelho, alcançando o braço dele. Aliviado, ele se virou para a menina, pensando que pelo menos ela seria normal.

Então Celia deu um beijo na boca de Call.

Ele arregalou os olhos. Os dela estavam fechados enquanto ela se inclinava para ele. Call tinha consciência de que as pessoas o encaravam — Tamara em choque, e Aaron, ao lado dela, aos risos. Call tinha certeza de que Aaron ria do fato de que Call, não fazendo ideia de onde colocar as mãos, balançava os braços como uma lula embaixo da água.

Finalmente, Celia recuou.

— Você é um herói. — Os olhos de Celia brilhavam. — Sempre soube.

— Hum — gemeu Call. Então havia sido seu primeiro beijo. Foi... suave?

Ela começou a ficar vermelha.

— É melhor eu ir — disse ela, e se perdeu na multidão.

— *Olhe só* Jasper. — Aaron se aproximou de Call e o segurou por um dos ombros. — Que metido.

Naquele instante, Jasper passou por eles sobre os ombros de Rafe enquanto as pessoas vibravam e cantavam “ele é um bom companheiro”. Estampava um imenso sorriso no rosto.

Call também sorriu, sentindo-se imediatamente melhor. Jasper não falaria nada nem tão cedo, não se dedurar Call significasse abrir

mão de tudo aquilo. Seu segredo estava seguro.

— Com licença. — Mestre Rufus apontou para Call. — Preciso de você um instante. Quero dizer, se não estiver muito ocupado.

Call engoliu um rosnado de humilhação. Será que Mestre Rufus tinha visto o beijo de Celia? Será que faria algum comentário embaraçoso sobre o assunto? Call torceu desesperadamente que não.

Mestre Rufus o levou até uma mesa no canto, bloqueada por uma pedra. À mesa, um homem alto, de cabelos escuros e bem barbeado, comia um prato de cogumelos, como se sua vida dependesse daquilo. Alastair.

Call não conseguia se lembrar de nenhum outro pai que recebera autorização para entrar no Magisterium, ainda mais duas vezes. Entretanto, pensando bem, as circunstâncias da presença do pai ali eram muito diferentes.

— Fazia muito tempo que eu não sentava nesse Refeitório. — Alastair tomou um grande gole de um suco esverdeado que Call jamais tinha ousado experimentar. — Este é o líquen de minha juventude.

— Hum... É mesmo? — Call imaginou se aquela coisa tinha propriedades viciantes, considerando que seu pai estava atacando o copo. — Não é tão ruim depois de um tempo.

— Hum! — ecoou Alastair. Em seguida, engolindo uma última garfada, ele se levantou. — Call, eu não posso ficar, mas Mestre Rufus concordou que vocês dois podem me acompanhar até lá fora.

— Tudo bem — aquiesceu Call. — Mas tem de ir assim tão depressa? Agora?

— Temo que sim. Ainda existem questões com a Assembleia. Mais perguntas a serem respondidas. E deixei meus assuntos em desordem. Mas nos vemos nas férias de inverno, e teremos muito o que conversar.

Call suspirou, mas, depois das coisas horríveis que seu pai havia dito sobre o Magisterium, não se surpreendeu que ele estivesse ansioso em partir. Call ficou imaginando se ele tinha visitado o Hall dos Graduados e visto a mão da esposa — Call não sabia mais se podia pensar nela como sua mãe —, mas não conseguiu perguntar.

Caminharam juntos em silêncio para fora do Refeitório e seguiram pelos longos corredores, que levavam aos portões principais do Magisterium. Alastair estava com uma das mãos no ombro de Call. Mestre Rufus seguia um pouco atrás.

Na saída, Alastair se virou e envolveu Call nos braços, apertando-o com força. Call congelou um pouco enquanto a mão do pai o acariciava na cabeça. Alastair não era um sujeito muito afetuoso, mas Call ouviu o pai engolir em seco ao afastá-lo e olhar para a pulseira em seu pulso. Levantou gentilmente a mão de Call.

— Constantine Madden tinha a mesma pedra preta na pulseira — disse ele, e Call se contorceu por dentro. — Mas nunca teve esta. — Alastair passou o dedo pela pedra roxo-azulada. — A tanzanita. Esta pedra indica extrema coragem. A única outra pessoa que conheci que a tinha foi Verity Torres.

— Não sou um herói — retrucou Call. — Mas não vou ser como Constantine. Prometo.

Alastair soltou o pulso de Call e sorriu um de seus sorrisos raros e tortos.

— Você se arriscou muito, ficando para trás no mausoléu. Mas eu jamais me esquecerei do olhar no rosto do Deputado Graves, não enquanto eu viver.

Call não pôde conter o sorriso. Alastair o tocou mais uma vez no ombro e começou a caminhar até o carro preto que o aguardava do lado de fora do portão.

— Cuide-se — aconselhou Mestre Rufus.

Alastair parou por um momento e olhou para Rufus, depois para Call.

— Cuide de meu filho.

Mestre Rufus fez que sim com a cabeça. Em seguida, com uma espécie de aceno para os dois, Alastair entrou no carro, que partiu com os pneus chiando no cascalho.

Call deu meia-volta para voltar ao Refeitório, mas Mestre Rufus o deteve com a mão.

— Call, precisamos conversar.

O garoto se voltou, morto de medo. Ficou imaginando o que Alastair teria contado a ele.

— Hum, tudo bem. Sobre o quê?

— Tem uma coisa que eu não queria falar na frente dos outros alunos.

Call ficou tenso. Não podia ser coisa boa.

— Call, há um espião no Magisterium. Pode ser alguém do lado do Inimigo. Alguém que agora está trabalhando para Mestre Joseph, provavelmente. Ou pode ser alguém que não confie em magos do caos.

— Como assim?

— Você talvez se lembre, das aulas de seu Ano de Ferro sobre as origens da magia, que nem todos os lugares do mundo recebem bem os Makars. Alguns magos acreditam que ninguém deve trabalhar com a magia do caos e que os que o fazem devem ser interditados ou mortos.

Call tinha uma vaga lembrança sobre isso, alguma coisa sobre a Europa não gostar de Makars.

— Mas por que o senhor acharia que existe um espião aqui?

— *Automotones*. — Rufus cuspiu o nome. — Os magos daqui jamais enviariam elementais tão perigosos para buscar vocês. Ele era muito poderoso e muito violento. E se tivéssemos o enviado, jamais o faríamos com ordens de machucá-los. Nem mesmo a Alastair. Alguém aqui enviou-o com ordens de matar o Makar. Achávamos que fosse Aaron, mas agora que você é um Makar, sem dúvida a mesma pessoa o quer morto também.

Um tremor gelado atravessou o corpo de Call. Quem quer que tivesse enviado o elemental atrás deles, não teve a menor preocupação com a segurança de Call. O que significava que *não podia* ser um dos capangas de Mestre Joseph, considerando que o próprio Mestre se jogou na frente Call para mantê-lo vivo. O que queria dizer que Mestre Rufus tinha razão.

— Volte para o Refeitório — ordenou o professor. — Seus amigos o esperam. Teremos tempo para discutir o futuro quando as aulas começarem amanhã. Você voltou bem a tempo de sair com os outros alunos do Ano de Cobre em sua segunda missão.

— Segunda missão? — perguntou Call, espantado.

Mestre Rufus assentiu.

— Sim, encontrar sapos com bolinhas na floresta ao redor da escola.

— O senhor só pode estar brincando! Nós matamos o Inimigo da Morte. Isso não conta nada?

— É evidente que conta. — Mestre Rufus abriu um raro sorrisinho. — Conta como sua *primeira* missão. Vocês já foram dispensados da primeira. Agora vá.

— Amanhã — repetiu Call. Ele voltou pelos corredores do Magisterium, passando por cristais brilhantes e formações rochosas, a mente girando com pensamentos desconfortáveis.

— Callum Hunt — chamou uma voz.

Aquela era uma voz que ele conhecia bem. Call parou onde estava, levantando o olhar até encontrar um lagarto brilhante na parede, observando-o com as pálpebras semiabertas. A língua comprida de Warren atacou o ar.

— O fim está mais próximo do que imagina, *Makar* — disse o elemental.

Em seguida Warren correu, deixando Call encarando a pedra.

MAGISTERIUM

A CHAVE de BRONZE

HOLLY BLACK

CASSANDRA CLARE

junior

HOLLY BLACK

CASSANDRA CLARE

A CHAVE de BRONZE

MAGISTERIUM

LIVRO 3

Tradução
Rita Sussekind

4ª edição

GALERA
junior
RIO DE JANEIRO
2021

Para Jonah Lowell Churchill, que pode ser o gêmeo do mal.

↑≋△○@

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

Call fez alguns ajustes finais no robô pouco antes de enviá-lo ao "anel" — um pedaço do chão da garagem demarcado com giz azul. Ele considerava aquela a zona de luta dos robôs que ele e Aaron construíram com muito esforço usando peças de carro, magia metálica e muita fita adesiva. Naquele chão ensopado de gasolina, um dos robôs seria tragicamente reduzido a pedacinhos, e o outro sairia vitorioso. Um se ergueria, enquanto o outro sucumbiria. Um...

O robô de Aaron avançou fazendo barulho. Um dos bracinhos disparou, oscilou e decapitou o robô de Call. Faíscas riscaram o ar.

— Não é justo! — gritou Call.

Aaron riu. Ele estava com uma mancha de sujeira na bochecha e parte do cabelo ficou arrepiada depois que passou as mãos na cabeça, frustrado. O calor implacável da Carolina do Norte o havia deixado com o nariz queimado de sol e as bochechas sardentas. Ele não se parecia em nada com o Makar elegante que havia passado o último verão em festas nos jardins, conversando com adultos chatos e importantes.

— Acho que construo robôs melhor do que você — disse Aaron em tom despreocupado.

— Ah, é? — retrucou Call, voltando se concentrar. Seu robô começou a se mover, lentamente no início, depois mais depressa à medida que a magia metálica reanimava seu corpo decapitado. — Toma *essa*.

O robô de Call levantou um braço e o fogo que lançou foi como água saindo de uma mangueira. A labareda atingiu o robô de Aaron, cujo corpo começou a esfumaçar. Aaron tentou invocar a magia da água para extingui-la, mas era tarde demais — o Silver Tape estava em chamas. Seu robô desabou em uma pilha de peças fumegantes.

— Yay! — gritou Call, que nunca seguiu os conselhos de seu pai sobre ser um vencedor humilde. Devastação, o lobo Dominado pelo Caos de Call, acordou de repente quando uma faísca caiu em seu pelo. Começou a latir.

— Ei! — gritou Alastair, o pai de Call, correndo para fora da casa e olhando em volta com olhos ligeiramente arregalados. — Nada de lutas tão perto do meu carro! Eu acabei de consertar esse troço!

Apesar da bronca, Call sentia-se relaxado. Ele tinha passado praticamente as férias inteiras assim, relaxado. Tinha até parado de se atribuir pontos na escala de Suserano do Mal. Até onde o mundo sabia, o Inimigo da Morte, Constantine Madden, estava morto, derrotado por Alastair. Só Aaron, Tamara, o falso amigo Jasper DeWinter e o pai de Call sabiam a verdade — que Call *era* Constantine Madden renascido, mas sem suas lembranças, e, com sorte, sem sua inclinação para o mal.

Considerando que o mundo achava que Constantine estava morto e os amigos de Call não se importavam, Call estava seguro. Aaron, apesar de ser Makar, podia voltar a brincar com ele. Os dois voltariam ao Magisterium em breve, e desta vez seriam alunos do Ano de Bronze, o que significava que mexeriam com magias bem legais — feitiços de luta e feitiços de voo.

Tudo estava melhor. Tudo estava ótimo.

Além disso, o robô de Aaron estava destruído e soltando fumaça.

De verdade, era difícil para Call imaginar como as coisas poderiam ficar melhores.

— Espero que estejam lembrados — disse Alastair. — Hoje é a festa no Magisterium. Vocês sabem, a que vai nos homenagear.

Aaron e Call se olharam, horrorizados. Tinham se esquecido, é óbvio. Os últimos dias se passaram em um borrão de skate, sorvete, filmes e videogame, e ambos tinham apagado completamente o fato de que a Assembleia daria uma festa da vitória na escola, reconhecendo que o Inimigo da Morte tinha sido derrotado após treze longos anos de guerra fria.

A Assembleia tinha escolhido cinco pessoas para homenagear: Call, Aaron, Tamara, Jasper e Alastair. Call tinha ficado surpreso por Alastair ter concordado em ir — ele odiava mágica, o Magisterium, e tudo que tinha a ver com magos desde que Call se entendia por gente. Call desconfiava que Alastair tivesse concordado por querer ver a Assembleia aplaudindo Call e concordando em uníssono que ele era um garoto do bem. Que ele era um herói.

Call engoliu em seco, nervoso de repente.

— Não tenho o que vestir — disse em tom de objeção.

— Nem eu. — Aaron parecia espantado.

— Mas a família da Tamara não comprou todas aquelas roupas chiques no ano passado? — perguntou Call.

Os pais de Tamara ficaram tão animados com a ideia de a filha ser amiga de um Makar — um dos raros magos capazes de controlar a magia do caos — que praticamente adotaram Aaron, levando-o para casa e gastando dinheiro com cortes de cabelo caros, roupas e festas.

Call ainda não conseguia entender por que Aaron tinha resolvido passar as férias com ele, e não com os Rajavi, mas Aaron foi muito firme em relação a isso.

— Nada mais está cabendo — Aaron respondeu. — Só tenho calças jeans e camisetas.

— Então iremos ao shopping — disse Alastair, mostrando as chaves do carro. — Vamos, meninos.

— Os pais da Tamara me levaram na Brooks Brothers — disse Aaron enquanto caminhavam para a coleção de carros reformados de Alastair. — Foi meio estranho.

Call pensou no pequeno shopping local e sorriu.

— Bem, se prepare para outro tipo de coisa estranha — falou. — Vamos voltar no tempo, só que sem magia.

↑≋△○@

— Acho que eu talvez seja alérgico a esse tecido — disse Aaron, em frente a um espelho nos fundos da JL Dimes. Vendiam tudo na loja: tratores, roupas, lava-louças baratos. Alastair sempre comprava seus macacões de trabalho aqui. Call detestava.

— Ficou bom — disse Alastair, que tinha pegado um aspirador de pó em algum momento enquanto passeavam pela loja, e o estava examinando, provavelmente interessado nas peças. Ele também tinha escolhido um paletó para si, mas ainda não tinha experimentado.

Aaron deu mais uma olhada no terno cinza de tecido preocupantemente lustroso. A calça estava larga na altura dos

calcanhares, e as lapelas lembravam barbatanas de tubarões.

— Muito bem — disse Aaron com suavidade, sempre muito consciente de que tudo comprado para ele era um favor. Ele sabia que não tinha dinheiro e nem pais para tal, portanto era sempre grato.

Tanto Aaron quanto Call perderam suas mães. O pai de Aaron estava vivo, mas preso, coisa que Aaron não gostava que as pessoas soubessem. Call não achava que isso fosse algo muito sério, provavelmente porque o segredo que ele mesmo guardava era muito maior.

— Não sei, pai — disse Call, semicerrando os olhos para o espelho. O paletó que vestia era de poliéster azul-escuro e estava justo demais embaixo dos braços. — Acho que os tamanhos não estão certos.

Alastair suspirou.

— Um terno é um terno. Aaron vai crescer e caber no dele. E o seu, bem... Talvez devesse experimentar outra coisa. Não adianta comprar uma coisa que só vai servir para uma única noite.

— Vou tirar uma foto — Call disse, pegando o celular. — Tamara pode ajudar a escolher. Ela sabe como se vestir para eventos chiques de magos.

O celular emitiu um som de vento quando Call enviou a foto para Tamara. Alguns segundos depois ela respondeu: *Aaron parece um vigarista que passou por um raio encolhedor, e você parece aluno de Collegium católico.*

Aaron olhou para as ombreiras no paletó de Call e fez uma careta para a mensagem.

— Então? — perguntou Alastair. — Podemos colocar fita adesiva na barra da calça. Para ficar do tamanho certo.

— Ou — disse Call — podemos ir a outra loja e não passar vergonha na frente da Assembleia.

Alastair olhou de Call para Aaron e, depois de um suspiro, cedeu e deixou o aspirador de pó de lado.

— Ok. Vamos.

Foi um alívio sair daquele shopping superaquecido e abafado. Após um rápido trajeto de carro, Call e Aaron estavam diante de um brechó que vendia todo tipo de peças *vintage*, desde capachos a

cômodas e máquinas de costura. Call tinha estado ali antes com o pai e se lembrava de que a dona, Miranda Keyes, adorava roupas antigas. Estava sempre vestindo alguma peça do tipo, sem dar muita importância à combinação de cores e estilos, o que significava que frequentemente era vista andando por aí com uma saia poodle, botas compridas e brilhantes e uma blusa curta de lantejoulas com uma estampa de gatos mal-humorados.

Mas Aaron não sabia disso. Ele estava olhando ao redor da loja, sorrindo com hesitação, e isso fez o coração de Call afundar. Seria ainda pior que na JL Dimes. O que começou como uma coisa engraçada agora estava começando a deixar Call nauseado. Ele sabia que seu pai era "excêntrico" — o que é uma forma gentil de dizer "esquisito" — e nunca se incomodou com isso, mas não era justo que Aaron tivesse que parecer "excêntrico" também. E se Miranda só tivesse smokings de veludo vermelho ou coisa pior?

Já era ruim o bastante que Aaron tivesse que passar o verão tomando limonada em pó em vez de feita com limões frescos, como na casa de Tamara; dormindo em um catre militar que Alastair tinha montado no quarto de Call; correndo por um jardim onde a irrigação do gramado era feita por uma mangueira com furinhos em vez de *sprinkler*; e comendo cereal comum no café da manhã, em vez de ovos preparados a seu gosto por um chef. Se Aaron chegasse na festa parecendo um bobo, talvez fosse a gota d'água. Call talvez perdesse a Guerra de Melhor Amigo de vez.

Alastair saiu do carro. Call seguiu o pai e Aaron para dentro, com um mau pressentimento.

Os ternos ficavam no fundo da loja, atrás das mesas com instrumentos musicais de bronze esquisitos e uma tigela feita em jade cheia de chaves enferrujadas. Era bem parecida com a loja do próprio Alastair, Agora e Sempre. A única diferença era o teto, que ali era cheio de casacos de pele e cachecóis de seda enquanto a loja de Alastair era especializada em antiguidades mais industriais. Miranda veio dos fundos e conversou com Alastair por alguns minutos sobre o que tinha trazido de Brimfield — uma enorme feira de antiguidades no norte — e quem tinha encontrado lá. O pavor de Call aumentou.

Finalmente, Alastair conseguiu dizer a ela o que precisavam. Ela analisou cada um dos meninos com um olhar firme, como se estivesse observando através deles e enxergando outra coisa. Fez o mesmo com Alastair até que, estreitando os olhos, voltou a desaparecer nos fundos da loja.

Aaron e Call se distraíram vagando pelo local, procurando pelo objeto mais estranho. Aaron tinha achado um despertador em formato de Batman que dizia "ACORDE, GAROTO PRODÍGIO" ao ser pressionado no topo, e Call tinha desenterrado um casaco feito de pirulitos presos e colados um no outro quando Miranda ressurgiu, cantarolando, com uma pilha de roupas que empilhou no balcão.

A primeira coisa que puxou foi um paletó para Alastair. Parecia feito de cetim com uma estampa sutil em verde-escuro e forro de seda brilhante. Era definitivamente velho e estranho, mas de um jeito não constrangedor.

— Agora — disse ela apontando para Call e Aaron — é a vez de vocês.

Entregou a cada um deles um terno de linho dobrado. O de Aaron era creme e o de Call, cinza.

— Da cor dos seus olhos, Call — disse Miranda, satisfeita consigo mesma, enquanto Call e Aaron vestiam os ternos por cima das bermudas e camisetas. Ela bateu as mãos e gesticulou para que se olhassem no espelho.

Call encarou o próprio reflexo. Ele não entendia muito de moda, mas o terno cabia e ele não estava bizarro. Na verdade parecia até um pouco adulto. Aaron também. As cores claras deixavam ambos parecendo bronzeados.

— São para alguma ocasião especial? — perguntou Miranda.

— Pode-se dizer que sim — disse Alastair, parecendo satisfeito. — Os dois vão receber prêmios.

— Por, hum, serviços comunitários — disse Aaron, encontrando os olhos de Call pelo espelho. Call supôs que fosse parcialmente mentira, apesar de a maioria dos serviços comunitários não envolver cabeças decapitadas.

— Fantástico! — disse Miranda. — Os dois estão muito bonitos.

Bonitos. Call nunca pensou isso a respeito de si. *Aaron* era o bonito. Call era o baixinho, manco e com feições muito marcantes e

intensas. Mas ele supunha que vendedoras tinham que dizer ao cliente que ele estava bonito. Por capricho, Call pegou o celular, tirou foto dos reflexos dele e de Aaron e mandou para Tamara.

Um minuto depois veio a resposta. *Legal*. Em anexo veio um videozinho de alguém caindo da cadeira, surpreso. Call não conseguiu segurar o riso.

— Eles precisam de mais alguma coisa? — perguntou Alastair. — Sapatos, abotoaduras... qualquer coisa?

— Bem, camisas, obviamente — disse Miranda. — Tenho belas gravatas...

— Não preciso que compre mais nada para mim, senhor Hunt — disse Aaron, parecendo ansioso. — De verdade.

— Ah, não se preocupe com isso — respondeu Alastair com um tom de voz surpreendentemente leve. — Eu e Miranda estamos no mesmo ramo. Chegaremos a um acordo.

Call olhou para Miranda, e a viu sorrindo.

— Fiquei de olho em um broche vitoriano que vi na sua loja.

Ao ouvir isso, Alastair enrijeceu um pouco a expressão em seu rosto, mas quase imediatamente depois relaxou e riu.

— Bem, se for pelo broche, definitivamente vamos levar as abotoaduras. E sapatos também, se você tiver.

Quando saíram, estavam com sacolas enormes cheias de roupas, e Call estava se sentindo muito bem. Eles voltaram para casa com o horário apertado para tomar banho e pentear o cabelo. Alastair saiu do quarto fedendo a algum perfume velho, e parecendo mal-humorado com seu novo paletó e uma calça que provavelmente encontrou no fundo do armário. Murmurando, começou imediatamente a procurar as chaves do carro. Call mal conseguia reconhecê-lo como o mesmo pai que trabalhava em casa vestindo camisa de lã e macacão jeans, o pai que tinha passado as férias ajudando os dois a fazer robôs com peças sobressalentes.

Ele parecia um estranho e isso fez com que Call começasse a pensar no que estava prestes a acontecer.

Call tinha passado as férias inteiras sentindo-se muito convencido pelo falecimento do Inimigo da Morte. Morto havia anos, conservado em um túmulo esquisito a ponto de dar medo, Constantine Madden esperava para ter sua alma devolvida ao

corpo. Mas, como ninguém sabia disso, todo o mundo dos magos esperava que Constantine reiniciasse a Terceira Guerra dos Magos. Quando Callum levou a cabeça decapitada do Inimigo para o Magisterium, prova de que ele estava incontestavelmente morto, todo o mundo dos magos suspirou de alívio.

O que eles não sabiam era que a alma de Constantine ainda vivia — em Call. Esta noite o mundo dos magos homenagearia o Inimigo da Morte em pessoa.

Apesar de Call não ter qualquer desejo de machucar ninguém, a ameaça de uma Terceira Guerra dos Magos estava longe do fim. O substituto imediato de Constantine, Mestre Joseph, tinha o controle do exército Dominado pelo Caos do falecido. E detinha também o poderoso Alkahest, capaz de destruir dominadores do caos, como Aaron — e Call. Se Mestre Joseph se cansasse de esperar que Call debandasse para o seu lado, talvez atacasse por conta própria.

Call se apoiou na mesa da cozinha. Devastação, que estava dormindo embaixo dela, ergueu a cabeça com olhos perturbadoramente reluzentes, como se pudesse sentir a inquietação de Call. Isso deveria ter feito com que se sentisse melhor, mas na verdade o deixou até um pouco pior.

Ele quase conseguia ouvir a voz de Mestre Joseph: *muito bem, você fez todo o mundo dos magos baixar a guarda, Call. Não consegue fugir da sua própria natureza.*

Ele afastou o pensamento com determinação. Tinha se empenhado durante as férias para não prestar atenção em si mesmo em busca de sinais de que talvez estivesse ficando malvado. Passou todo aquele período dizendo a si mesmo que era Callum Hunt, filho de Alastair Hunt, e que não cometeria os mesmos erros de Constantine Madden. Ele era uma pessoa diferente. Era *mesmo.*

Alguns minutos depois, Aaron saiu do quarto de Call, elegante em seu terno creme. O cabelo louro estava penteado para trás e até as abotoaduras brilhavam. Parecia tão feliz como quando vestia os ternos de grife presenteados pela família de Tamara.

Ou pelo menos parecia feliz até ver Call e hesitar.

— Tudo bem? — perguntou Aaron. — Você parece um pouco enjoado. Você não é do tipo que tem pânico de subir no palco, né?

— Talvez — disse Call. — Não estou acostumado a pessoas me olhando muito. Quer dizer, as pessoas me olham por causa das minhas pernas às vezes, mas não é uma olhada *boa*.

— Tente pensar nisso como a cena final de *Star Wars* quando todo mundo está comemorando e a Princesa Leia coloca medalhas no Han e no Luke.

Call ergueu uma das sobrancelhas.

— Quem é a Princesa Leia nesse cenário? O Mestre Rufus?

Mestre Rufus era o professor do grupo de aprendizes no Magisterium. Era um sujeito rígido e sábio, todo enrugado, e tinha bem mais cabelo grisalho do que a Princesa Leia.

— Depois da cerimônia — disse Aaron —, ele vai vestir o biquíni dourado.

Devastação latiu. Alastair ergueu as chaves do carro, triunfante.

— Ajudaria se eu prometesse a vocês que a noite vai ser chata e tediosa? Em teoria, essa festa é para nos homenagear, mas garanto que, em essência, é para a Assembleia parabenizar a ela mesma.

— Parece que você já foi a alguma dessas antes — disse Call, desencostando-se da mesa. Parecendo ansioso, passou a mão pelo paletó para alisá-lo; linho é um tecido que enruga rápido. Mal podia esperar para voltar a usar jeans e camiseta.

— Você viu a pulseira que Constantine usava quando estudávamos juntos no Magisterium — disse Alastair. — Ele ganhou muitos prêmios e distinções. Todo o nosso grupo de aprendizes ganhou.

Call tinha visto a pulseira, era verdade. Alastair a enviara ao Mestre Rufus no ano em que Call estava no Magisterium. Todos os alunos recebiam pulseiras de couro e metal: o metal mudava sempre que o aluno iniciava um novo ano escolar, e a pulseira também era ornada com pedras, cada qual representando uma conquista ou um talento. A de Constantine tinha uma quantidade de pedras que Call jamais havia visto.

Call esticou-se para tocar sua própria. Ainda mostrava o metal de um aluno Cobre do segundo ano. Assim como a de Aaron, a dele brilhava com a pedra preta do Makar. Os olhos de Call encontraram os de Aaron quando ele abaixou a mão, e deu para perceber que o amigo sabia o que ele estava pensando — aqui estava ele, Call,

recebendo um prêmio, sendo homenageado por fazer o bem, e ainda assim isso o fazia igual a Constantine Madden.

Alastair balançou as chaves do carro, despertando Call do devaneio.

— Vamos — disse Alastair. — A Assembleia não gosta quando os homenageados se atrasam.

Devastação os acompanhou até a porta, depois sentou ruidosamente e soltou um ganido fino.

— Ele pode ir? — perguntou Call ao passarem pela porta. — Ele vai se comportar. E ele também merece um prêmio.

— De jeito nenhum — disse Alastair.

— É porque você não confia nele perto da Assembleia? — perguntou Call, embora não tivesse certeza de querer ouvir a resposta.

— É porque não confio na Assembleia perto dele — respondeu Alastair com um olhar firme. Depois saiu, deixando Call sem escolha além de segui-lo.

CAPÍTULO DOIS

O Collegium, como o Magisterium, era construído de forma a ser escondido de quem não era mago. Ficava sob o litoral da Virgínia, os corredores descendo em espiral sob a água. Call já tinha ouvido falar a respeito da localização, mas mesmo assim não estava preparado para Alastair pará-lo enquanto caminhavam sobre um píer e apontar para uma grade no chão, parcialmente escondida sob folhas e sujeira.

— Se colocarem a orelha perto dela, quase sempre dá para ouvir uma palestra incrivelmente chata. Mas hoje talvez escutem música. — Apesar de não ser um discurso particularmente elogioso ao Collegium, Alastair falou aquilo com certo saudosismo.

— Mas você nunca frequentou esse lugar, certo? — perguntou Call.

— Não como aluno — respondeu ele. — Houve toda uma geração de nós que basicamente não o fez. Estávamos ocupados demais morrendo na guerra.

Às vezes Call pensava, impiedosamente, que todos deveriam ter deixado Constantine Madden quieto. Ele tinha feito experimentos terríveis, é óbvio, inserindo o caos nas almas de animais e criando os Dominados pelo Caos. Ele tinha reanimado os mortos, é óbvio, procurando uma maneira de reverter a morte e trazer seu irmão de volta. Ele estava transgredindo a lei dos magos, é óbvio. Mas talvez se todos o tivessem deixado em paz, muitos ainda estivessem vivos. A mãe de Call ainda estaria viva.

O verdadeiro Call também estaria, Call não pôde deixar de pensar.

Mas como não podia falar nada a respeito disso, então não disse nada a respeito de nada. Aaron estava olhando as ondas ao sol poente. Ter Aaron em casa durante as férias de verão foi como ter um irmão, uma pessoa com quem fazer piadas, alguém que estava sempre ali para assistir um filme ou destruir robôs. Mas à medida que vieram percorrendo o caminho até o Collegium, Aaron foi ficando mais quieto. Quando Alastair parou seu Rolls-Royce

Phantom 1937 prateado perto da calçada e eles passaram por uma estátua grande e estranha de Poseidon, Aaron já tinha parado de falar completamente.

— Tudo bem com você? — perguntou Call enquanto caminhavam.

Aaron deu de ombros.

— Não sei. É só que eu estava preparado para ser o Makar. Eu sabia que era perigoso e fiquei assustado, é lógico, mas entendia o que tinha que fazer. E quando as pessoas me davam coisas, eu entendia o motivo. Entendia o que eu devia a elas em troca. Mas agora não sei o que significa ser um Makar. Quer dizer, se não há mais guerra contra o Inimigo, isso é ótimo, mas sendo assim, o que eu...

— Chegamos — disse Alastair, parando. Ondas quebravam nas pedras pretas, lançando esguichos de água salgada e formando pequenas piscinas com espuma. Call sentiu as gotículas como uma lufada fria em seu rosto.

Ele queria dizer alguma coisa para tranquilizar Aaron, mas o amigo não estava mais olhando em sua direção. Estava franzindo o rosto para um caranguejo apressado. O bicho atravessou uma trança de algas, enrolada em um pedaço de corda velha, as pontas esfarrapadas flutuando na água como o cabelo solto de alguém.

— É seguro? — Foi o que Call perguntou no fim das contas.

— Tão seguro quanto qualquer coisa relacionada a magos — disse Alastair, batendo com o pé no chão em um ritmo rápido e repetitivo. Por um instante nada aconteceu; em seguida veio um som arranhado, e um bloco quadrado de pedra deslizou lateralmente, revelando uma longa escadaria em caracol. Ela espiralava cada vez mais para baixo, como a da biblioteca do Magisterium, a única diferença é que aqui não havia fileiras de livros, apenas degraus e, ao fundo, dava para ver um pedaço quadrado do chão de mármore.

Call engoliu em seco. Qualquer um acharia a caminhada longa, mas para ele, parecia impossível. A perna estaria cheia de cãibras antes da metade do caminho. Se ele tropeçasse, seria uma queda assustadora.

— Hum — disse Call. — Acho que não consigo...

— Pode levitar — disse Aaron quietamente.

— Quê?

— Levitação é magia do ar. Estamos cercados por pedras; terra e pedra. É só empurrar e você vai se erguer. Não precisa voar, só flutuar alguns centímetros acima do chão.

Call olhou para Alastair. Ele ainda era cauteloso em relação a fazer mágica perto do pai, depois de passar tantos anos ouvindo Alastair falar que magia era uma coisa maléfica, que magos eram malvados e que queriam matá-lo. Mas Alastair, olhando para a longa escada, apenas fez que sim com a cabeça brevemente.

— Eu vou na frente — disse Aaron. — Se você cair, eu seguro.

— Ao menos vamos cair juntos. — Call começou a descer, colocando um pé cuidadosamente na frente do outro. Conseguia ouvir o barulho de vozes e de talheres tilintando num ponto bem distante abaixo. Então respirou fundo e se esforçou para tocar a força da terra: alcançá-la e atraí-la para si, depois afastá-la, como se estivesse dentro da água, se distanciando da borda de uma piscina.

Ele sentiu a puxada nos músculos e depois uma leveza quando seu corpo se elevou para o ar. Como Aaron havia instruído, ele não tentou subir mais do que alguns centímetros. Com espaço suficiente apenas para se distanciar dos degraus, Call flutuou para baixo. Apesar de querer dizer a Aaron que não ia cair, era bom saber que se isso acontecesse, alguém estaria preparado para segurá-lo.

Os passos firmes de Alastair também o tranquilizavam. Foram descendo com cuidado, Alastair e Aaron andando e Call flutuando pouco acima dos degraus. A alguns metros do fim da descida, Call foi diminuindo suavemente a altura da flutuação. Então tocou o degrau e tropeçou. Foi Alastair que se esticou para pegá-lo pelo ombro.

— Segura aí — disse ele.

— Estou bem — disse Call com mau humor, e desceu mancando rapidamente os últimos degraus. Seus músculos doíam um pouco, mas nada como a dor que estaria sentindo se tivesse descido a pé. Aaron, que já tinha chegado ao chão, lançou um sorriso largo para ele.

— Olha só — disse ele. — O Collegium.

— Uau! — Call nunca tinha visto nada parecido. Os ambientes do Magisterium costumavam ser magníficos, e alguns eram mesmo enormes, mas eram sempre cavernas subterrâneas talhadas em pedra natural. Aquilo ali era diferente.

Um grande salão se abria diante deles. As paredes, o chão e as colunas que sustentavam o teto eram todos de mármore branco com pontinhos dourados. Uma tapeçaria com o mapa do Collegium decorava uma das paredes. Um extenso palanque percorria uma das laterais do recinto e havia bandeirinhas multicoloridas por toda a parede atrás dele. Exibiam citações de Paracelso e de outros alquimistas famosos, impressas em letras douradas. *Tudo é relacionado*, dizia uma. *Fogo e terra, ar e água. É tudo uma coisa só, não são quatro, nem duas, nem três, mas uma. Onde não estão juntas, nada mais são do que pedaços incompletos*.

Um enorme lustre pendia do teto. Cristais espessos balançavam como lágrimas, lançando luzes em todas as direções sobre a multidão de pessoas — membros da Assembleia com túnicas douradas, Mestres do Magisterium vestidos de preto e todos os demais em seus ternos e vestidos elegantes.

— Chique — disse Alastair, num tom sombrio. — Chique até demais.

— É — disse Call. — O Magisterium é uma pocilga. Eu não fazia ideia.

— Não tem nenhuma janela — disse Aaron, olhando ao redor. — Por que não há janelas?

— Provavelmente porque estamos embaixo da água — respondeu Call. — A pressão quebraria o vidro, não?

Antes que pudessem continuar com as especulações, o Mestre North, diretor do Magisterium, saiu do meio da multidão e veio até eles.

— Alastair. Aaron. Call. Estão atrasados.

— Trânsito submarino — disse Call.

Aaron o cutucou com o cotovelo.

O Mestre North o olhou com dureza.

— Enfim, ao menos estão aqui. Os outros estão esperando com a Assembleia.

— Mestre North — disse Alastair, com um cumprimento curto de cabeça. — Peço desculpas pelo nosso atraso, mas somos os homenageados. Não poderiam começar sem a gente, certo?

O Mestre North sorriu um sorriso discreto. Tanto ele quanto Alastair davam a impressão de que logo ficariam exaustos em virtude do esforço de agir civilizadamente.

Aaron e Call trocaram um olhar antes de seguirem os adultos pelo recinto. À medida que a aglomeração foi ficando mais densa, as pessoas começaram a pressionar o grupo, encarando Aaron e Call. Um senhor barrigudo de meia-idade pegou Call pelo braço.

— Obrigado — sussurrou o homem antes de soltá-lo. — Obrigado por matar Constantine.

Não matei. Call avançou com dificuldade enquanto mãos se esticavam em sua direção. Ele apertou algumas, evitou tantas, fez um *high-five* e então se sentiu meio bobo.

— É assim que é a sua vida o tempo todo? — perguntou para Aaron.

— Até as férias passadas não — respondeu Aaron. — Mas achei que você quisesse ser herói.

Suponho que seja melhor do que ser vilão, Call pensou, mas deixou as palavras morrerem antes de saírem da boca.

Finalmente chegaram ao local onde a Assembleia os aguardava, separada do restante da sala por cordas prateadas flutuantes. Anastasia Tarquin, uma das integrantes mais poderosas da Assembleia, conversava com a mãe de Tamara. Tarquin era extremamente alta, mais velha e tinha um denso cabelo prateado e brilhoso penteado para cima, e a mãe de Tamara tinha que esticar o pescoço para falar com ela.

Tamara estava com Celia e Jasper, os três rindo de alguma coisa. Era a primeira vez que Call via Tamara desde o começo das férias. Ela estava com um vestido amarelo luminoso que fazia sua pele marrom brilhar. O cabelo caía em ondas pesadas e escuras ao redor do rosto e pelas costas. Celia tinha feito alguma coisa esquisita, elegante e complicada no cabelo louro. Vestia uma peça em tecido verde e leve feito espuma do mar e que parecia flutuar ao seu redor.

As duas viraram na direção de Call e Aaron. O rosto de Tamara se iluminou e Celia sorriu. Call se sentiu um pouco como se alguém o tivesse chutado no peito. Estranhamente, não foi uma sensação desagradável.

Tamara correu para Aaron e deu um rápido abraço nele. Celia ficou para trás como se tivesse sido atingida por um timidez súbita. Foi Jasper quem veio até Call e deu um cutucão em seu ombro, o que foi um alívio, considerando que nada no garoto fazia Call ter a sensação de que seu mundo estivesse inclinando para o lado. Jasper parecia convencido como sempre, o cabelo escuro arrepiado com gel.

— Então, como vai o sinistrão em pessoa? — Jasper sussurrou, fazendo Call se encolher. — Você é a estrela do espetáculo.

Call detestava o fato de que Jasper soubesse a verdade sobre ele. Mesmo que tivesse quase certeza de que Jasper jamais revelaria o segredo, isso não impedia que ele fizesse comentários e o provocasse em todas as oportunidades.

— Vamos — disse o Mestre Rufus. — O tempo está passando. Temos uma cerimônia a qual comparecer, querendo ou não.

Com isso, Call, Aaron, Tamara, Jasper, Mestre Rufus, Mestra Milagros e Alastair foram conduzidos ao palanque. Celia deu tchauzinho para o grupo.

Call sabia que estavam encrencados quando viu cadeiras no palanque. Cadeiras significavam cerimônia longa. Ele estava certo. A cerimônia passou em um borrão, mas foi um borrão longo e tedioso. Vários membros da Assembleia fizeram discursos sobre o quão fundamentais eles tinham sido na missão.

— Eles não teriam conseguido sem mim — disse uma integrante loura da Assembleia, que Call nunca tinha visto antes. Mestre Rufus e Mestra Milagros foram celebrados por terem aprendizes tão magníficos. Os Rajavi foram celebrados por terem criado uma filha tão corajosa. Alastair foi celebrado por sua diligência ao liderar a expedição. Call e Aaron receberam créditos por serem os maiores heróis de sua geração.

Foram aplaudidos e beijados nas bochechas e afagados nas costas. Alastair recebeu uma medalha pesada que agora balançava

em seu pescoço. Tinha começado a parecer um pouco incomodado quando se levantaram para a sexta rodada de aplausos.

Ninguém mencionou cabeças decapitadas nem todo o mal entendido em que acharam que Alastair estava trabalhando para o Inimigo, nem como ninguém no Magisterium sequer sabia que os meninos fariam parte da missão. Todos agiram como se tudo tivesse sido planejado.

Todos receberam as pulseiras do Ano de Bronze e pedras de berilo vermelhas como demonstração do valor de seu feito. Call ficou imaginando o que exatamente a pedra vermelha significava — todas as cores tinham um significado: amarelo para cura, laranja para coragem e por aí vai.

Call deu um passo a frente para que o Mestre Rufus colocasse a pedra em sua pulseira. O berilo vermelho se encaixou com um clique, como uma fechadura sendo trancada. *Callum Hunt, Makar!*, alguém no recinto gritou. Mais alguém se levantou e gritou o nome de Aaron. Call deixou que os gritos o lavassem como uma maré descontrolada. *Call e Aaron! Makaris, Makaris, Makaris!*

Call sentiu uma mão esfregar seu ombro. Era Anastasia Tarquin.

— Na Europa — disse ela —, quando descobrem que alguém é mago do caos, eles não o celebram. Eles o matam.

Chocado, Call virou para encará-la, mas Anastasia já se afastava em meio à multidão de membros da Assembleia. Mestre Rufus, que evidentemente não tinha escutado aquilo — ninguém além de Call tinha — avançou em direção a Aaron e Call.

— Makaris — disse ele. — Isso não é apenas uma celebração. Temos algo a discutir.

— Aqui? — perguntou Aaron, nitidamente espantado.

Rufus balançou a cabeça.

— É hora de vocês verem algo que pouquíssimos aprendizes podem ver. A Sala de Guerra. Venham comigo.

Tamara ficou olhando para Aaron e Call com preocupação enquanto eram conduzidos em meio aos presentes.

— A Sala de Guerra? — murmurou Aaron. — Que sala é essa?

— Não sei — Call sussurrou de volta. — Achei que a guerra tivesse acabado.

Familiarizado com o lugar, Mestre Rufus os conduziu para trás das cordas flutuantes, evitando os olhares da multidão. Chegaram a uma porta na parede oposta. Era feita de bronze, navios de mastro alto navegando, canhões e explosões no mar esculpidos no metal.

Rufus abriu a porta e os três entraram na Sala de Guerra. Call ouviu sua própria voz perguntando por que não havia janelas no salão. Resposta: porque havia muitas janelas na Sala de Guerra. O chão era de mármore, mas todas as outras superfícies eram de um vidro que brilhava sob uma luz enfeitiçada. Além dele, Call viu criaturas marinhas nadando: peixes com listras de cores brilhantes, tubarões com olhos pretos como carvão e arraias nadando graciosamente.

— Uau — disse Aaron, esticando o pescoço. — Olha para cima.

Call viu a água acima deles, brilhando com a luz da superfície. Um cardume prateado passou com pressa e depois, seguindo algum sinal invisível, todos os peixes viraram aceleraram em outra direção.

— Sentem-se — disse Graves, o velho, rabugento e malvado membro da Assembleia. — Sabemos que estamos em uma comemoração, mas temos assuntos a tratar. Mestre Rufus, você e seus dois aprendizes podem se acomodar aqui. — Ele indicou as cadeiras ao seu lado.

Call e Aaron trocaram um olhar relutante antes de irem para as próprias cadeiras. O resto dos membros da Assembleia estava se organizando ao redor da mesa, conversando sobre amenidades. Acima deles, visível através do vidro, uma enguia passou nadando e agarrou um peixe lento. Call ficou imaginando se seria um mau presságio.

Uma vez que o recinto ficou em silêncio, Graves voltou a falar:

— Graças aos esforços de nossos homenageados da noite, trataremos de um assunto muito diferente do que poderíamos ter imaginado. Constantine Madden está morto. — Ele olhou em volta como se estivesse esperando a informação ser assimilada. Call não conseguia deixar de pensar que, se a ficha ainda não tinha caído, não cairia nunca, considerando a quantidade de vezes que a frase “O Inimigo da Morte está morto!” tinha sido repetida durante a cerimônia. — Mesmo assim — Graves bateu com a mão na mesa,

fazendo Call pular de susto — *não podemos* descansar! Constantine Madden pode ter sido derrotado, mas seu exército continua a solta. Temos que atacar agora e acabar com os Dominados pelo Caos e com todos os aliados de Constantine.

Um murmúrio percorreu o recinto.

— Ninguém conseguiu detectar qualquer sinal dos Dominados pelo Caos desde a morte de Madden.

Vários magos pareceram esperançosos com esta informação, mas Graves apenas balançou a cabeça, sombrio.

— Eles estão por aí em algum lugar. Temos que reunir equipes para caçá-los e destruí-los.

Call se sentiu um pouco enjoado. Os Dominados pelo Caos eram basicamente zumbis sem consciência, seres cuja humanidade tinha sido completamente afastada para dar lugar ao caos. Mas ele já tinha ouvido as criaturas falando. Já tinha visto elas em movimento, e até mesmo ajoelhadas diante dele. A ideia de uma pira com seus corpos em chamas fazia seu estômago embrulhar.

— E animais Dominados pelo Caos? — perguntou Anastasia Tarquin. — A maioria deles nunca serviu ao Inimigo da Morte. São apenas descendentes das infelizes criaturas que o fizeram. Ao contrário dos humanos transformados em Dominados pelo Caos, eles são seres vivos, e não corpos reanimados.

— São perigosos mesmo assim. Eu voto que exterminemos todos — disse Graves.

— Devastação não! — berrou Call antes que pudessem contê-lo.

Os membros da Assembleia viraram em sua direção. Anastasia tinha um leve sorriso no rosto, como se tivesse gostado da explosão. Ela parecia alguém que não se importava quando as coisas não saíam do jeito esperado por todos. Seu olhar desviou para Aaron, procurando pela reação dele.

— O animal de estimação dos Makaris — disse ela, olhando para Call. — Certamente Devastação pode ser poupado.

— E a Ordem da Desordem vem estudando feras Dominadas pelo Caos. Mantendo algumas em cativeiro para legitimar a pesquisa que estão fazendo — acrescentou Rufus.

A Ordem da Desordem era um pequeno grupo de magos rebeldes que viviam na floresta ao redor do Magisterium, estudando

magia do caos. Call não sabia ao certo o que pensava sobre eles. Tinham tentado forçar Aaron a ficar por lá para ajudá-los em seus experimentos com o caos. Também não tinham sido gentis em relação a isso.

— Sim, sim — disse Graves, dispensando aquela informação. — Talvez alguns possam ser preservados, apesar de eu nunca ter gostado muito da Ordem da Desordem, como bem sabem. Precisamos ficar de olho nessa gente, para ter certeza de que nenhum dos conspiradores de Constantine esteja se escondendo entre eles. E precisamos encontrar Mestre Joseph. Não podemos esquecer de que ele ainda é perigoso e certamente tentará usar o Alkahest contra nós.

Anastasia Tarquin fez uma breve anotação. Muitos outros magos cochicharam entre si; alguns estavam sentados com a coluna muito reta, tentando parecer importantes. Mestre Rufus assentia, mas Call desconfiava de que ele também não gostava muito de Graves.

— Por fim, temos que nos certificar de que Callum Hunt e Aaron Stewart utilizem suas habilidades de Makar a serviço da Assembleia e da comunidade de magos como um todo. Mestre Rufus, é fundamental que você nos forneça relatos regulares a respeito dos estudos destes jovens, à medida que forem avançando nos anos de Bronze, Prata e Ouro, preparando-se para o Collegium.

— Eles são *meus* aprendizes. — Mestre Rufus ergueu uma sobrancelha. — Preciso ter autonomia para ensiná-los da forma que achar melhor.

— Podemos discutir isso mais tarde — disse Graves. — Antes de serem alunos do Magisterium, eles são Makaris. Seria bom que tanto você quanto eles se lembrassem disso.

Aaron lançou um olhar preocupado a Call. Mestre Rufus parecia ameaçador.

Graves continuou.

— Em virtude da proximidade do Magisterium com a maioria dos animais Dominados pelo Caos, vamos esperar que a escola tome iniciativa em relação à ideia de destruí-los ou não.

— Não é possível que você espere que os alunos do Magisterium passem o tempo de aula assassinando animais —

protestou Mestre Rufus, levantando. — Sou fortemente contrário a essa sugestão. Mestre North?

— Concordo com Rufus — disse Mestre North após uma pausa.

— Não são animais. São monstros — argumentou Graves. — A floresta nos arredores do Magisterium é habitada há anos por vários deles e até o momento não tratamos a situação com a seriedade devida, já que o Inimigo sempre poderia ter feito coisas piores. Mas agora... agora temos uma chance de exterminá-los.

— Eles podem ser monstros — disse Rufus —, mas se parecem com animais. E há aqueles, como Devastação, que nos fazem parar e pensar se não poderiam ser salvos em vez de destruídos. Certamente todo o mundo dos magos tem interesse em que nossos alunos aprendam a ser misericordiosos. Constantine Madden — acrescentou ele, com a voz baixa — nunca foi.

Graves lançou a ele um olhar cheio de algo que se parecia muito com ódio.

— Tudo bem — disse ele com a voz entrecortada. — A remoção dos animais Dominados pelo Caos será feita por uma equipe liderada por mim e por outros integrantes da Assembleia. Por favor, não espere que eu receba qualquer reclamação sobre como estamos ocupando a floresta onde seus alunos treinam. Isso é mais importante que a sua escola.

— É evidente — disse o Mestre Rufus, ainda com a mesma voz baixa. Call tentou captar seu olhar, mas Rufus estava imperturbável.

— Isso nos deixa com um último tópico de discussão — disse Graves. — O espião.

Desta vez o murmúrio que correu pela mesa foi de fato muito alto.

— Temos motivo para acreditar que há um espião no Magisterium — declarou Graves. — Alguém libertou o monstro elemental Automotones e o enviou para assassinar o Makar Aaron Stewart.

Todos olharam para Call e Aaron.

— Sim — disse Call. — Isso aconteceu.

Graves fez que sim com a cabeça.

— Vamos colocar diversas armadilhas contra espiões na escola e Anastasia vai ficar de guarda nos túneis onde os grandes

elementais são mantidos. O espião será pego, e cuidaremos dele.

Armadilhas contra espiões?, disse Aaron para Call apenas com o movimento dos lábios. Call tentou não rir, porque o que ele estava imaginando era um grande buraco no chão escondido com papéis importantes ou coisa do tipo. Mas considerando que, para variar, a Assembleia e o Magisterium pareciam ter um plano para cuidar do verdadeiro perigo, talvez Call pudesse passar seu Ano de Bronze apenas aprendendo coisas e se envolvendo em encrencas normais e divertidas, em vez das que acabam com o mundo e tudo mais.

Desde que mantivesse Devastação longe da floresta e dos assassinos de animais.

Desde que o Mestre Joseph não voltasse.

Desde que realmente não houvesse nada de errado com sua alma.

Call,
I need to talk
to you alone.
Meet me in
the trophy room.
-- Celia

CAPÍTULO TRÊS

Terminada a reunião com a Assembleia, Call e Aaron ficaram livres para voltar para a festa. Canapés estavam sendo servidos, mas Call estava sem fome. Estava pensando na família caótica de Devastação e em todos os outros animais Dominados pelo Caos na floresta. Call não se lembrava de *ser* Constantine Madden, mas isso não significava que não devesse algo às inocentes criaturas que Constantine havia transformado. Tinha que haver algo que ele pudesse fazer.

— Então, como foi a reunião secreta? — perguntou Jasper, aproximando-se com Celia e Tamara. Os três pareciam alegres e relaxados, como se tivessem rido bastante. Ou talvez dançado. Algumas pessoas tinham começado a dançar do outro lado da festa. Call ficou olhando com desconfiança.

— Estranha — respondeu Aaron, sem perceber o humor de Call. Aaron pegou um salgadinho de queijo da bandeja de um garçom e enfiou na boca. Depois emitiu um ruído abafado, como se tivesse planejado falar mais antes da fome bater.

Call contou tudo.

— Foi sobre pessoas e animais Dominados pelo Caos. Sobre nos livrarmos deles, basicamente.

— Devastação não! — disse Tamara com horror estampado nos olhos escuros. Call ficou feliz por ela ter a mesma reação que ele tivera. Era bom ser lembrado que Devastação também era importante para seus dois melhores amigos.

Mais dois garçons passaram com petiscos em bandejas. Call pegou três torradas de camarão de uma e um espeto de frango de outra. Era melhor tentar comer alguma coisa, pensou, apesar de estar com o estômago embrulhado. Jasper encheu o próprio prato com uma quantidade enorme de itens e começou a comer com a determinação de um tubarão.

— Devastação foi liberado — disse Call. — Mas Graves está basicamente no modo faxina. Quer apagar tudo que restou do tempo do Inimigo da Morte.

Tamara obviamente tinha muitas perguntas.

— Você... — Ela começou, mas em seguida olhou para Celia e pareceu pensar melhor. Celia não estava com eles quando saíram da escola para tentar encontrar Alastair. Ela não conhecia o segredo de Call. — Esquece. Hoje vamos simplesmente nos divertir. Aaron, vamos, vem dançar comigo.

Aaron conseguiu pegar mais um salgadinho de queijo antes de ser puxado por Tamara. Entregou seu prato vazio a Jasper e desapareceu na massa de pessoas dançantes em um giro da saia amarela de Tamara.

Celia lançou a Call um olhar esperançoso que ele fingiu não notar. Com aquela perna, ele não tinha chance de fazer nada além de passar vergonha em uma pista de dança. Call sorriu para ela, mas não disse nada. Depois que o momento constrangedor se estendeu pelo máximo de tempo que um momento constrangedor pode se estender, Celia suspirou.

— Vou buscar alguma coisa para beber — disse ela, então foi em direção a uma enorme vasilha de ponche.

— Incrível, hein? — disse Jasper. — Acho que tudo o que dizem sobre o carisma mortal de Constantine talvez não seja tão verdadeiro.

De todos eles, Jasper era o único que Call às vezes via olhando para ele com desconfiança ou preocupação, como se talvez não o conhecesse.

— Não sou o Inimigo — disse Call baixinho.

— Vamos testar — disse Jasper, olhando para o prato de Call. — O Inimigo da Morte jamais me daria o último espeto de frango.

Call entregou sem dizer nada. Não estava mesmo com fome.

— O Inimigo da Morte também jamais me apresentaria para aquela gata que acabou de acenar para você.

Call olhou surpreso para ver que a menina a quem Jasper se referia era alguém que ele já conhecia, uma amiga de Kimiya, a irmã mais velha de Tamara. Ela tinha um cabelo preto longo e maçãs do rosto bonitas. Ela acenou quando o viu olhando em sua direção.

Call lançou a Jasper seu olhar mais maligno.

— Tem razão — disse ele, saindo para encontrar Alastair. Teve a impressão de tê-lo visto falando com Anastasia Tarquin, o cabelo

prateado despontando acima da multidão. Call estava passando por um aglomerado de pessoas perto da mesa de bebidas quando alguém o cutucou no ombro.

Era a menina que Jasper mencionara, Jennifer Matsui. Ela era do Ano de Ouro, como Kimiya, e de perto era uma cabeça mais alta que Call.

— Callum! — disse ela alegremente. — Parabéns pelo prêmio.

— Obrigado — disse Call, esticando o pescoço para ver Jasper encarando-o do outro lado do salão, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo. — Foi um bom... prêmio.

Não era o que ele queria ter dito, de forma alguma.

— Tenho uma coisa para você — disse ela, diminuindo a voz a um tom baixo e conspirador. — Uma garota loura e bonita me deu.

Ela estendeu um papel dobrado com o nome de Call escrito. Confuso, Call pegou o bilhete. Jennifer soprou um beijo e voltou em meio à multidão para junto de Kimiya e de um grupinho de alunos que ria junto. Call viu um rosto familiar — Alex Strike, um dos poucos alunos mais velhos de quem ele era amigo. Alex e Kimiya tinham terminado no ano anterior, mas pela forma como estavam próximos e rindo juntos, ou tinham reatado, ou ao menos eram amigos outra vez.

Call desdobrou o bilhete.

Call, precisamos falar a sós. Me encontre na Sala de Troféus. Celia.

Por um longo instante, Call ficou ali apenas encarando o papel, o coração acelerado. Tentou dizer a si mesmo que não deveria se preocupar, que Celia era sua amiga e que muitas vezes já tinham levado Devastação para passear nos arredores do Magisterium. Encontrar com ela na Sala de Troféus não era muito diferente. Mas, pela sua experiência, quando alguém diz “precisamos falar a sós”, normalmente o motivo é ruim.

Ou podia ser outra coisa, ligada a *encontros*. Ele já tinha visto alunos do Ano de Bronze de mãos dadas e dividindo bebidas e dando risadinhas pela Galeria. Ele realmente torcia para que não fosse essa a intenção de Celia. Mas e se fosse? E se ele não levasse o menor jeito para a coisa?

Além do mais, ele nem sabia onde ficava a Sala de Troféus.

Suas mãos começaram a suar.

Call cerrou os dentes e limpou as mãos na calça. Jasper não tinha acabado de testar suas tendências a Suserano do Mal? Era nisso que Call tinha que se concentrar. Um Suserano do Mal, mesmo quando não se lembra de que é um Suserano do Mal, não deve ter medo de encontrar com uma amiga que calhava de ser menina. Call ia ficar bem. Estava tudo tranquilo.

Com um otimismo renovado e ligeiramente desesperado, ele foi até o mapa de tapeçaria. Viu Tamara e Aaron ainda na pista, dançando com os outros. Ficou imaginando se teria ocorrido a Tamara convidá-lo para dançar, mas sabia que ela sempre escolheria Aaron primeiro. Já tinha aceitado isso havia um bom tempo. Na verdade, Call nem se importava.

Enfim. Celia tinha dito que queria conversar a sós. Coisa que ele definitivamente deveria obedecer, se o assunto estivesse mesmo relacionado a encontros. O que ele torcia muito para que não estivesse.

De acordo com o mapa, a Sala de Troféus não ficava longe. Call se afastou da multidão, passou por algumas portas e por um corredor de mármore com pequenas alcovas nas paredes, dentro delas manuscritos antigos e artefatos. Ele gostava do ruído estalado que seus sapatos faziam no chão ao caminhar. Parou para olhar uma antiga pulseira que provavelmente era o protótipo da que ele estava usando. O couro estava gasto e muitas pedras estavam faltando. Ele não reconheceu o nome do mago na placa atrás da pulseira, mas a data da morte era 1609, o que parecia ter sido há muito tempo.

Mais alguns passos e Call chegou à Sala de Troféus. Sobre a porta aberta, lia-se PRÊMIOS E HONRAS. Call entrou silenciosamente.

Era uma sala majestosa e escura, menor do que o salão principal. Mas, assim como ele, era iluminada por um lustre enorme, feito com braços feitos de vidro soprado, parecendo tentáculos, cada qual com gotas de cristal penduradas como se fossem gotas de água. As paredes eram cobertas por uma coleção de placas e medalhas que provavelmente foram concedidas a alunos do Collegium.

Call estava completamente sozinho.

Ele deu uma olhada ao redor, examinando as fotos de magos nas paredes, desejando uma janela pela qual pudesse olhar os peixes ou alguma coisa para passar o tempo. Tinha certeza de que Celia logo chegaria.

Após vários minutos, ele pegou o bilhete e releu. Talvez tivesse entendido mal. Talvez ela tivesse escrito que o encontraria em quinze minutos ou uma hora. Mas não, o bilhete não especificava horário algum.

Passados mais alguns minutos, Call concluiu que ela não viria.

Sentiu-se inesperadamente mal-humorado. Se esse tivesse sido seu primeiro encontro, tinha sido um fracasso. Celia provavelmente escreveu o bilhete, esqueceu, e logo achou outro para dançar com ela — alguém que de fato pudesse fazer isso. Talvez estivesse dançando com Jasper. Ou simplesmente estava por aí com algum aluno brilhante do Ano de Ouro, que teria contado a ela tudo sobre suas conquistas, deixando-a tão impressionada a ponto de dar um bolo em Call. Mais tarde ele a encontraria do lado de fora do Magisterium para passear com Devastação e ela diria algo com desdém. *Eu ia te encontrar*, *mas sabe como é... Quando a gente encontra alguém realmente interessante, o tempo voa!*

Call olhou para o próprio reflexo no vidro de uma estante de troféus. Estava com o cabelo arrepiado. Provavelmente ficaria sozinho pelo resto da vida, morreria sozinho, e Alastair o enterraria em um ferro-velho.

A porta abriu. Som de passos. Call girou, mas não era Celia. Eram Tamara e Aaron.

— O que você está fazendo na Sala de Troféus? — perguntou Tamara, franzindo a testa. — Está tudo bem?

Aaron olhou em volta, confuso.

— Está se escondendo?

Call tinha certeza de que nada parecido com isso — levar um bolo e ser humilhado — já havia acontecido com Aaron. E tinha o dobro de certeza de que com Tamara também não.

Pensando bem, o que Aaron e Tamara estavam fazendo aqui, juntos? E se tivessem vindo para ficar de mãos dadas e coisas do tipo? Era ruim o bastante Call ter certeza de que Tamara sempre

escolheria Aaron primeiro, mas, se eles estivessem namorando, Aaron também sempre escolheria Tamara.

— Está tudo bem? — perguntou Aaron, a testa franzida em confusão diante do silêncio de Call. — Seu pai disse que te viu vindo nessa direção.

Call ficou muito aliviado por eles não terem vindo para ficar a sós, mas para encontrá-lo. Agora ele só precisava encontrar uma maneira de explicar o que estava fazendo.

— Bem — disse ele, dando um passo na direção dos dois —, vejam...

Ele foi interrompido por um chiado e um barulho metálico horrível. Call olhou para cima no momento em que o lustre, com seus tentáculos, cristais e tudo mais, começou a cair em sua direção.

— *Call!* — Tamara gritou. O lustre estava exatamente sobre Call. Mas então algo o atingiu violentamente pelo lado. Uma dor subiu por sua perna quando caiu no chão e derrapou, os dedos de alguém enterrando nas costas de seu paletó.

Era Tamara. Ele viu um borrão de seu cabelo preto e do vestido amarelo, e então o lustre atingiu o chão ao lado deles. Foi como uma bomba explodindo. Houve um terrível estilhaço musical. Cacos de cristal explodiram na direção deles. Call tentou encolher o corpo para proteger Tamara, que gritou. Depois disso, de repente tudo ficou muito escuro e quieto.

Por um instante, Call se perguntou se estaria morto. Mas não parecia provável que a vida após a morte fosse estar deitado num chão de mármore ao lado de Tamara, enquanto uma nuvem preta pairava sobre eles. Tamara estava com a respiração ofegante e com os olhos arregalados. Call rolou para o lado de um jeito meio esquisito e a encarou.

Aaron estava de pé na frente deles, com a mão esticada. Caos escuro e nebuloso se derramava de sua mão, formando uma parede ao redor de Tamara e Call. Ele atraía para si os cacos de vidro e de cristal do lustre que flutuavam no ar. Call tentou chamar Aaron, mas o caos conteve sua voz.

Call sentiu um puxão dentro de si — como ele era o contrapeso de Aaron, sentia toda vez que o amigo usava a magia do caos.

Atrás de Aaron, o salão parecia tremular — e em seguida, Aaron abaixou a mão e a escuridão desapareceu.

Call ficou de pé com dificuldade, esticando o braço para ajudar Tamara a se levantar. Um caco de vidro tinha feito um corte na bochecha dela, que sangrava. Tamara pegou seu braço com uma força absurda, mas, agora que estava de pé, Call pensou que talvez a intenção dela fosse impedir que ele não caísse. Aaron estava apoiado na parede, com os olhos arregalados e arfando pelo esforço.

— Mas o que — perguntou ele, rouco — foi isso?

Antes que Call pudesse responder, as portas se abriram e os outros convidados da festa invadiram o recinto.

CAPÍTULO QUATRO

A visão de Call estava turva e isso deixava tudo um pouco surreal. As pessoas entravam, chocadas e boquiabertas. Vozes murmurando e gritando inundaram seu cérebro.

O lustre parecia um enorme animal morto, abatido no meio do salão. Quase todos os braços da peça estavam estilhaçados, e cacos de vidros se espalhavam por todo canto, brilhantes e afiados.

— O que está acontecendo aqui? — gritou um homem de cabelos pretos. Call tinha uma vaga lembrança da cerimônia e achava que ele era um professor do Collegium e se chamava Mestre Sukarno. Era um homem grande, imponente e estava com o rosto rubro de fúria.

— Isso foi magia do caos! — Ele virou para Aaron e Call. — Vocês estavam *brincando* com magia do vazio? São realmente tolos assim? Em todos os lugares esse tipo de magia é estritamente regulamentada, mas aqui nestes salões ela é proibida. Estamos embaixo da água e não podemos arriscar a integridade da estrutura da escola porque crianças arrogantes resolveram se divertir! Poderíamos ter todos nos afogado.

Tamara parecia prestes a explodir de raiva.

— Como *ousa*! — disse ela. — Ninguém estava brincando. Estávamos aqui quando o lustre caiu e quase nos esmagou. Se Aaron não tivesse feito o que fez, eu e Call estaríamos mortos! Não aconteceu nada com seu precioso Collegium! Está tudo bem!

— O que vocês fizeram para o lustre cair? — perguntou o Mestre Taisuke, um dos Mestres do Magisterium. — Ele está pendurado aí há cem anos. Vocês três entram aqui e ele simplesmente cai?

— Basta! — Era a voz do pai de Tamara. Os Rajavi tinham levitado sobre os destroços para chegar até a filha. Do outro lado do recinto, Call conseguia ver Kimiya e Alex juntos, ambos olhando a cena com os olhos arregalados de horror. A mãe de Tamara disparou em direção à filha, puxando-a para longe de Call, afagando seu cabelo e olhando para ela com preocupação. A mulher cuidou do corte na bochecha de Tamara, estancando o sangue com um

guardanapo. Logo depois era Alastair quem abria caminho na multidão para chegar a Call. Ele estava pálido, mais pálido do que Call esperaria. Ele nem se incomodou em levitar, só abriu caminho pelos cristais estilhaçados e pelo metal retorcido, até agarrar Call e puxá-lo para os seus braços.

— Callum — disse ele com a voz áspera. Sobre o ombro do pai, Call podia ver Aaron, ainda apoiado contra a parede. Não havia ninguém ali para cuidar de seus cortes ou abraçá-lo. Com uma expressão estranha no rosto, ele olhava para a própria mão, a que tinha usado para liberar o caos.

— Minha filha não é encrenqueira — irritou-se o Sr. Rajavi. — Caso tenha se esquecido, estamos todos aqui hoje para homenagear o heroísmo dela...

— E o heroísmo de vários outros alunos — acrescentou o Mestre North, que tinha afastado alguns dos curiosos para perto da parede, para que ele e Mestre Rufus pudessem examinar os destroços do lustre.

— Eu fui contra a cerimônia de premiação desde o princípio — disse Taisuke. — Crianças não devem ser recompensadas por desobediência, mesmo que o resultado final seja positivo.

Mentalmente, Call colocou o Mestre Taisuke na categoria Não É Meu Fã. Era uma categoria em expansão.

— Os Makaris, especialmente, deveriam ser controlados — continuou Taisuke. — Como vimos com Constantine Madden, um jovem Makar que não conhece o próprio poder é a coisa mais perigosa do mundo.

— Então você está dizendo que jovens Makaris devem ser mortos, como é o costume em outros países? — perguntou Mestre Rufus. Ele não falou alto, mas a voz soou nítida, poderosa e firme. — Porque alguém tentou fazer isso. O lustre caiu porque mexeram na corrente. Alguém estava tentando assassinar os Makaris.

— Assassinar? — perguntou Mestre Sukarno, murchando um pouco.

Outro professor do Collegium fez um gesto abrupto no ar e disse uma palavra estranha.

Um rugido súbito e ensurdecedor percorreu o salão. Alastair apertou Call ainda mais, os pais de Tamara a agarraram, e o Mestre

Rufus foi na direção de Aaron. Uma espécie de sistema de alarme parecia ter disparado — então de repente um caminho se acendeu diante deles e, na parede, Call viu portas antes ocultas agora iluminarem-se. Ele, Aaron e Tamara foram levados por uma delas, percorreram um corredor e chegaram a uma sala escura e sem janelas, cheia de sofás e cadeiras. Funcionários do Collegium corriam de um lado para o outro, protegendo a área.

Alguém trouxe cobertores e canecas de chá bem doce que pareciam um pedido de desculpas por Mestre Sukarno tê-los acusado de serem delinquentes relapsos. Anastasia Tarquin surgiu com uma barrinha de cereal e a entregou a Aaron, dizendo que usar toda aquela magia caótica, mesmo com um contrapeso, provavelmente o havia deixado exausto.

Por um instante, Call achou que talvez isso significasse que os adultos os deixariam sozinhos. Tamara estava aconchegada em um sofá com os pais, e Aaron estava encolhido em uma poltrona, parecendo arrasado e exausto. Mas, lógico, nada disso importava. Assim que a equipe do Collegium saiu, Mestre Rufus, Mestre North, Anastasia e Graves começaram a fazer inúmeras perguntas desconfortáveis.

Por que Call foi para a Sala de Troféus? Alguém o ameaçou na festa? Ele sabia que Aaron iria atrás dele?

Não fazia sentido se colocar em uma situação constrangedora na frente da equipe de professores do Magisterium e do Collegium, quanto mais da Assembleia, então Call mentiu. Não, ninguém sabia que ele estava indo para a Sala de Troféus. Não, ninguém sabia que Aaron estaria com ele. Ele detestava dançar e estava andando sem rumo, olhando para os objetos antigos. É óbvio que ele não tinha levado um bolo em um possível encontro. Definitivamente ele não era um perdedor cujos amigos quase foram esmagados sob o lustre da derrota.

Depois, Celia e Jasper foram autorizados a entrar. Celia com suas duas mães e Jasper com a mãe e o pai. O Sr. DeWinter deu um empurrãozinho e lançou um olhar severo a Jasper, como se alertando o filho a não fazer qualquer coisa potencialmente humilhante para o nome da família.

Call suspirou, preparado para o pior. Já tinha sido ruim o bastante imaginar Celia explicando por que tinha decidido não ir ao seu encontro, mas ouvir a explicação na frente de todo mundo era como uma bola extra de humilhação em cima de um sundae de vergonha que já era suficientemente grande. Call se perguntou se era ruim desejar ter sido esmagado pelo lustre.

— Vocês são amigos desses três — disse Mestre North a Celia e Jasper, indicando Call, Aaron e Tamara. Celia pareceu satisfeita ao ouvir isso; Jasper, por sua vez, pareceu encarar como uma acusação. — Notaram alguma coisa diferente esta noite? Alguém se comportando de maneira suspeita em relação a eles?

— Jennifer Matsui estava falando com Call — disse Jasper. — O que é estranho porque ela é bonita e popular, enquanto ele é horrível e zero popular — Jasper viu Alastair olhando para ele, e enrubesceu. — Brincadeira. Mas eu não sabia que eles se conheciam.

— Superficialmente — disse Tamara. — Jennifer é amiga da minha irmã.

— Mas ela *não* é amiga do Call — disse Celia, virando-se para ele. — Por que você estava falando com Jennifer, Call?

Call ficou de saco cheio.

— Ela estava entregando o bilhete para mim — disse ele. — O seu bilhete.

— Que bilhete? — Celia pareceu totalmente espantada. — Não escrevi bilhete nenhum.

Call pegou o papel do bolso.

— Então o que é isso?

Celia franziu o rosto para o papel.

— Essa não é a minha letra. E não tem a minha assinatura nem nada; só o meu nome escrito. Ela disse que era meu? — Em seguida, releu as palavras e ruborizou, o pescoço vermelho. — Você foi para a Sala de Troféus porque achou que fosse me encontrar lá?

Tamara fez uma careta.

— Você não contou isso.

— Callum — disse Mestre North, com a voz austera o suficiente para que todos se calassem. — Vamos refazer os acontecimentos

de hoje, lentamente. E, desta vez, *você não vai deixar nenhum detalhe de fora*. Está entendendo? Isso é muito importante.

— Certo — disse Call, resignado. — Foi só que eu...

— Sem desculpas — disse Mestre North. — Comece.

— Eu estava procurando Alastair quando Jennifer Matsui me entregou o bilhete e disse que era de... uma loura bonita — disse Call, desejando saber fazer magia o suficiente para se tornar invisível ou fumaça e descer pelos tacos do chão.

Celia sorriu para ele.

— *Jura?*

Jasper tinha começado a rir em silêncio. Ao ver a expressão de Mestre Rufus, tentou parar, mas não teve muito sucesso.

— Você é a única loura que ele conhece — disparou Tamara, visivelmente menos entretida. Ser quase esmagada por dez toneladas de vidro e cristal pareceu deixá-la menos interessada em fazer Call passar vergonha.

Mestre North esticou a mão para pegar o bilhete das mãos de Celia. Olhou o papel por um instante, depois de volta para ela.

— Você não escreveu isso? Tem certeza?

Celia balançou a cabeça.

— Não escrevi. Quer dizer... — Celia lançou um olhar infeliz para Call. — Estou me sentindo muito mal que alguém tenha tentado usar meu nome para tentar machucar você.

— Tudo bem — disse Call, tentando parecer que não se importava com isso. Depois, percebeu que dizer “tudo bem” depois de quase ser esmagado por um lustre era um pouco bizarro. Desolado, ele olhou para o pai. Alastair deu de ombros.

— Onde está Jennifer Matsui agora? — perguntou Mestre Rufus, inegavelmente impaciente com o vacilo de Call. — Provavelmente foi o responsável por sabotar o lustre quem entregou o bilhete a ela. A não ser que a própria Jennifer tenha feito isso.

— Jennifer? — disse Tamara. — Por que ela faria isso?

Aaron franziu a testa.

— Por que *alguém* iria querer matar Call?

— Bem, ele é um Makar — disse Mestre Rufus. — Assim como você.

Aaron, Tamara e Call se entreolharam rapidamente. Era verdade que Call era Makar, mas, na pergunta de Aaron, Call tinha ouvido outra pergunta implícita, a mesma que todos que conheciam o seu segredo provavelmente estavam se fazendo. Um questionamento que não podiam fazer nem compartilhar. Porque enquanto todos pensavam que a pessoa tentando matar Call estava tentando pegar um dos Makaris, havia outra possibilidade: a de essa pessoa estar tentando matá-lo por saber quem ele realmente era.

Talvez, se a verdade vier à tona, Call pensou*, quem quer que tenha tentado jogar um lustre na minha cabeça receba um prêmio também*.

— Sim, com essa personalidade incrível que ele tem é difícil imaginar quem iria querer uma coisa dessas — disse Jasper.

— Jasper! — disse Tamara, mas Call, pela primeira vez, não se importou. Jasper ser um babaca com ele era normal, e naquele momento, normalidade era tudo que Call queria.

Mas isso não iria acontecer. Um grito parou a sala — seguido de outro e depois mais outro. Alguém no Collegium estava berrando de pavor.

Tamara ficou de pé. A barrinha cereal de Aaron voou. Alastair parecia apavorado.

— O que está acontecendo? — perguntou a senhora Rajavi, virando para olhar para os Mestres.

Call também tinha levantado e foi correndo para a porta. A perna dele doía e assim mesmo ele forçou o movimento — mas ainda não era tão veloz quanto os outros. Podia ouvir vozes, gritos e berros, todos ecoando de um dos lados do Collegium.

Correram por um longo corredor, atravessaram outro salão e voltaram para a Sala de Guerra. Estava cheia de gente. A pessoa ainda gritava. Era Kimiya. Uma de suas mãos estava segurando a frente do vestido, e a outra apontava para cima.

Do outro lado do vidro claro, Call via a água ao redor de todo o Collegium, brilhando em um azul-esverdeado meio embaçado. Os cardumes de peixes tinham desaparecido. Havia apenas a água e um corpo flutuando nela. Uma menina, descalça, com um vestido que a envolvia parcialmente, como alga. Seus cabelos escuros balançavam com a corrente.

Tamara correu na direção da irmã, mas Alex já estava abraçando Kimiya. Ele tinha uma expressão de horror no rosto.

— Jen — disse Kimiya entre soluços, o rosto colado na camisa dele. — Jen...

Call sentiu-se congelar. O corpo na água boiou, virou e Call viu duas coisas: primeiro, que havia uma longa adaga de ferro enfiada no peito da menina morta. Segundo, que o rosto era familiar.

Era Jennifer Matsui, e alguém a tinha matado.

CAPÍTULO CINCO

Ouviu-se uma explosão alta.

— Todo mundo, para *fora*! — gritou o Mestre Graves, que tinha subido na mesa da Sala de Guerra. Estava com uma das mãos levantadas, fogo brilhando de sua palma. — Agora!

O rosto do Mestre Rufus estava enrugado e abatido à luz azul. Call se perguntou se o mestre conhecia Jen Matsui. Ficou imaginando como seria para ele ver um aluno morrer. Mestre Rufus tinha sido professor de Constantine Madden — tinha visto muitos alunos morrerem. Será que estaria acostumado com isso? Pela expressão do mestre, Call supôs que não.

Rufus ergueu a mão e a luz irradiada de seus dedos iluminou uma trilha até as portas.

— Andem — disse ele com um tom que não permitia discussão. Os outros Mestres e vários integrantes da Assembleia foram para a frente da multidão e ajudavam os convidados a sair da Sala de Guerra. Em pânico, as pessoas choravam e gritavam.

Elas inundaram o corredor e depois o salão principal. Anastasia Tarquin estava lá com diversos Mestres, incluindo Taisuke. Então começaram a direcionar as pessoas para a escadaria que levava para fora do Collegium. Call viu Celia desaparecendo pelos degraus com as mães e se perguntou se ela estaria bem. Alastair, que estava com uma das mãos no ombro de Call, o empurrou na direção da saída, gesticulando para que Aaron os seguisse.

Ao olhar para trás, Call viu que Tamara estava tendo uma espécie de conversa intensa com os pais e os DeWinter. A Sra. DeWinter não parecia satisfeita, nem os Rajavi. No entanto, a expressão no rosto do Sr. DeWinter era esquisita, como se ele estivesse satisfeito e não quisesse demonstrar. A multidão se dividia em volta deles à medida que seguia para a saída. Aparentemente, os membros da Assembleia não precisavam seguir ordens.

— A gente nem se despediu da Tamara — disse Call para Alastair.

— Agora não — respondeu ele, empurrando Call com mais força. — Temos que sair daqui antes que...

— Alastair — disse o Mestre Rufus. — Espere.

Alastair parou. Call pôde senti-lo tenso de raiva. Ele virou lentamente, assim como Call e Aaron. As cordas flutuantes tinham subido em torno deles, cercando Aaron, Call e Alastair.

— Você não podem simplesmente ir embora — disse Mestra Milagros. — Call foi atacado, e Jennifer, assassinada. Nossos aprendizes precisam ir para algum lugar onde possamos mantê-los seguros.

— Considerando que vocês sequer conseguem manter a segurança desses garotos em uma festa, acho exagerado prometer que ficarão seguros em algum outro lugar só porque vocês estarão presentes. — A voz de Alastair estava fria.

— As aulas começam em três dias — disse Mestre Rufus. — E tanto eu quanto a Assembleia esperamos encontrar os dois Makaris lá. Vamos mantê-los seguros; vai ter que confiar na gente.

Alastair virou para Rufus, o rosto aceso com a mesma raiva que Call se lembrava de ter visto do Julgamento de Ferro.

— Faz muito tempo que confiei em você, Rufus — disse Alastair. — E veja só o que aconteceu. — Ele esticou a mão e as cordas que os cercavam sucumbiram em cinzas. Faíscas ficaram contidas em seus dedos. Call olhou para Aaron com olhos arregalados. — Avise quando encontrar o responsável, porque até lá, não confio nem um pouco em você. Vamos, meninos.

Alastair foi marchando em direção a escada com Call e Aaron logo atrás. Surpreendentemente as pessoas abriram espaço para que passassem, até os membros da Assembleia. Provavelmente porque todos achavam que era ele a pessoa que tinha cortado a cabeça de Constantine Madden e que parecia pronto a arrancar mais algumas.

Call e Aaron se entreolharam com olhos arregalados enquanto Alastair os arrastava para os degraus.

— Espere! — disse Tamara, correndo para eles e puxando Jasper atrás de si como um rebocador. Os pais dela continuavam no mesmo lugar; tinham afastado Alex de Kimiya e eles mesmo consolavam a filha. — Eu vou com vocês. Nós dois vamos.

— Oi? — disse Jasper. — Nada disso! Não achei que estivesse falando sério. Sua irmã gata precisa de um ombro amigo. Vou me oferecer. Vou me sair bem melhor fazendo isso do que estando em um casebre qualquer que Call e o pai estranho dele...

Tamara deu um chute violento em Jasper, que se calou.

Alastair olhou surpreso para ambos.

— Bem, será bem-vinda, mas acho que seus pais não vão querer. Eu os conheço há muito tempo e ficaria surpreso se concordassem em ter você longe da supervisão deles.

Tamara cerrou a mandíbula, um ar de determinação em cada linha do rosto.

— Temos que fazer turnos para cuidar da segurança do Call. Eu disse isso e eles concordaram.

— Turnos? — repetiu Aaron.

— Tentaram matar Call — disse Tamara. — Isso significa que não podemos tirar os olhos dele. Precisamos ter alguém tomando conta dele o tempo todo, vinte e quatro horas por dia.

— Mesmo quando estou dormindo? — perguntou Call.

Tamara o encarou muito séria.

— Especialmente quando estiver dormindo — respondeu. — Dormindo você fica vulnerável.

Call não ficou muito feliz com o plano.

— O quê? Não! Não quero Jasper olhando para mim enquanto eu durmo, que coisa esquisita. Não quero ninguém me vendo dormir!

— Podemos discutir isso depois — disse Alastair. — Tamara, Jasper, se quiserem vir conosco estamos indo agora.

Call olhou para Aaron, mas ele não estava prestando muita atenção na discussão. Observava algum ponto além deles na Sala de Guerra e ainda mais distante, onde o corpo de Jen flutuava. Call pensou nas férias que passaram, sem preocupações, construindo robôs e correndo pelo jardim com sprinklers improvisados na mangueira. Se perguntou se tinha sido tolo o bastante para achar que as coisas realmente tinham mudado só por ter feito os magos acreditarem nisso.

— Vamos — disse Tamara a Aaron, tocando-o no ombro e atraindo novamente sua atenção para o aqui e agora. Call se

permitiu ser levado pelo pai para as escadas. Passaram pela mesa de bebidas, agora revirada, onde Jen havia entregado o bilhete a Call.

Quando Alastair chegou à escada, ergueu Call no ar, fazendo-o deslizar com facilidade e rapidez sobre os degraus. O gesto foi distraído e sem esforço, assim como quando tinha queimado as cordas de veludo; como se não estivesse prestando atenção ao que estava fazendo. Call estava chocado. Seu pai tinha passado tanto tempo evitando usar mágica que Call não achava que ele se lembrasse de como fazer.

Chegaram ao topo da escada e Alastair colocou Call cuidadosamente no chão. Ele começou a marchar na frente dos quatro, pela orla, em direção ao carro estacionado.

Tinham acabado de passar pela estátua gigante e estranha de Poseidon quando Jasper notou o Rolls-Royce Phantom de Alastair. Ele deu um assobio longo e satisfeito que se encerrou abruptamente — em um ruído engasgado — quando percebeu que o carro que admirava pertencia ao pai de Call.

— Não é o que você esperava? — perguntou Call quando Alastair abriu a porta e os conduziu ao espaçoso banco de trás.

Pela primeira vez na vida, Jasper parecia sem palavras. Todos entraram silenciosamente no carro, Call no banco do carona. Ao se afastarem da calçada, Call olhou para trás e viu um grupo de magos perto do mar, junto à entrada do Collegium. Enquanto observava, um deles entrou na água e desapareceu.

— Magos da água. Vão buscar o corpo da menina — disse Alastair com um tom severo.

Call desviou o olhar. Era difícil acreditar que aquela Jen alegre, que o havia provocado ao entregar o bilhete e que Jasper queria conhecer, estava morta. A noite tinha sido para homenagear o fim da guerra, mas, de algum jeito, esse detalhe tornava os acontecimentos ainda mais grotescos. Será que algum dia poderia haver paz de verdade, Call pensou, uma vez que o Inimigo da Morte não está mesmo morto?

Ao chegarem em casa, Alastair deu um jeito de encontrar travesseiros e cobertores o suficiente para todos eles. Aaron abriu mão de seu catre para que Tamara pudesse ficar entocada; sim, esse era Aaron. Jasper ficou com o sofá, apesar de ter reclamado muito de não ser do tipo sofá-cama, e acusou Devastação de ter deixado pulgas nas almofadas. Call, que sabia muito bem que Devastação não tinha pulgas, tinha voltado a odiar Jasper. Aaron pegou uma pilha de cobertores, fez uma cama improvisada no chão ao pé de Call e foi dormir.

O próprio Call já estava quase dormindo quando ouviu uma batida à porta. Era Tamara, parecendo ligeiramente envergonhada.

— Tem alguma roupa que eu possa usar como pijama? — perguntou ela. — Só tenho isso — indicou o vestido de festa —, e, bem, provavelmente eu não deveria dormir sem...

Call percebeu que estava ruborizado. Desejou que pudesse ser totalmente sem complicações o fato de ter uma menina como melhor amiga. Deveria ser exatamente como era com Aaron. Não deveria importar o fato de que Tamara era uma garota. Mesmo assim Call se sentiu desajeitado e tolo enquanto vasculhava sua gaveta de camisas. Achou uma camiseta grande que dizia BEM-VINDO À CAVERNA LURAY em amarelo fosforescente. Entregou em silêncio.

— Obrigada — disse Tamara. — Vou lavar e devolver...

— Tudo bem, pode ficar com ela...

—... E Call?

— Quer dizer, eu nunca usei mesmo, é grande demais e...

— Call — repetiu ela, olhando para Call com olhos grandes e sérios. — Vamos manter você em segurança, ok?

Call queria poder acreditar.

— Ok — disse ele.

↑≈△○@

No dia seguinte, Call, Tamara e Jasper estavam sentados no jardim. Tamara usando o vestido amarelo e Jasper com uma estranha combinação de peças de roupas dele e de Call. O dia estava muito ensolarado e Tamara olhava com desconfiança para a

limonada em pó que Alastair tinha preparado. Call suspeitava que ela não costumasse beber coisas instantâneas. Jasper olhava com arrogância para o pequeno quintal de Call e para a grama ligeiramente alta.

Não que Alastair parecesse notar. Ele estava sentado em uma pedra, mexendo em um despertador quebrado. Apesar de haver alarmes digitais e celulares hoje em dia, as pessoas pagavam caro por telefones antigos e outras coisas consertadas de modo a funcionarem bem.

— Então o que isso quer dizer? — Tamara perguntou. — Se alguém está tentando machucar Call porque ele é o... — Ela engoliu em seco.

— Inimigo da Morte? — Jasper ofereceu.

— Não acho que seja uma boa ideia ficar repetindo "Inimigo da Morte" — disse Aaron. — É melhor bolarmos um código. Como Capitão Cara de Peixe.

Devastação latiu. Call concordava que o nome era péssimo.

— Por que Capitão Cara de Peixe?

— Bem, você tem uma cara meio de peixe — disse Jasper. — Além do mais, ninguém jamais adivinharia o que estamos falando porque não há nada de assustador nisso.

— Tudo bem, que seja — disse Tamara, parecendo achar tudo aquilo uma perda de tempo. — Então quem será que sabe que Call é o Capitão Cara de Peixe?

— Eu me recuso a ser chamado assim! — disse Call. — Principalmente levando em conta os recentes eventos.

Tamara resmungou como se esta conversa a estivesse atormentando mais do que a Call.

— Tudo bem, como você quer ser chamado?

— Que tal Comandante Cabeça de Vento? — sugeriu Aaron. Jasper riu, cuspindo a limonada.

Call apoiou a cabeça nas mãos e respirou fundo, absorvendo os aromas do verão — o perfume da terra morna, da grama cortada e do óleo de máquina. Não tinha como sair ganhando. Ele ficaria com um nome idiota de qualquer forma.

— Pode ser Capitão Cara de Peixe.

— Ótimo — disse Tamara, revirando os olhos. — Agora podemos conversar sobre quem pode saber sobre Call?

— O pai dele — disse Jasper, e todos olharam para Alastair, que parecia totalmente alheio, assobiando uma canção alegremente e um pouco fora do tom.

— Meu pai não está tentando me matar — disse Call. Há um ano ele não tinha tanta certeza disso, mas agora sim. — E também não acho que seja nenhum de vocês. Nem você, Jasper. Quem mais?

— Algum de nós contou para alguém? — perguntou Tamara, olhando para o grupo.

— Para quem eu contaria? — perguntou Jasper, e em seguida empalideceu com os olhares demorados que recebeu. — Não, ok? Não contei para ninguém! É um segredo grande demais, e eu também me encrencaria.

— Nem eu — disse Aaron.

Tamara suspirou.

— Eu não contei. Mas achei melhor perguntar. Tudo bem, então chegamos ao Mestre Joseph. Ele deve estar muito irritado com Call.

— Achei que ele precisasse de Call — disse Jasper. — O Capitão Cara de Peixe não é, tipo, a razão de viver dele?

Aaron sorriu.

— Acho que ele estava torcendo para Call ser bem mais obediente do que é, ou para que pudesse usá-lo para trazer de volta o Capitão Cara de Peixe com todas as lembranças intactas.

Call, que achava basicamente o mesmo, estremeceu.

— Pode ser que ele me culpe pela morte de Drew.

— Provavelmente ele também me culpa — disse Aaron. — Se faz você se sentir melhor.

Drew era o filho do Mestre Joseph. Ele tinha ido para o Magisterium se passando por um aluno normal, mas seu verdadeiro motivo era se aproximar de Call. Drew até ajudou o pai a sequestrar Aaron e depois o colocou em uma jaula com um elemental do caos que, ironicamente, acabou matando o próprio Drew. Mas Call tinha que admitir que ele também tinha alguma coisa a ver com isso.

— Muito bem — disse Tamara. — Nosso principal suspeito é o Mestre Joseph.

Call balançou a cabeça.

— Não sei. Se ele quisesse me pegar, por que não usar o Alkahest? E, bem, acho que ele ainda não está pronto para desistir. Ele tentou salvar a minha vida no túmulo. Acho que ele ainda tem esperança de que eu vá ficar... mais parecido como o Capitão Cara de Peixe.

— E Warren? — perguntou Aaron. Todos o encararam por um longo instante.

Call olhou para ele do mesmo jeito que Tamara tinha olhado para a limonada.

— Você acha que um lagarto está tentando me matar? E que ele forjou um bilhete de Celia?

— Ele é um elemental! E estava a serviço do Devorado que nos deu aquela profecia arrepiante. — Aaron suspirou. — Ok, é uma teoria muito maluca.

— Tudo bem — disse Tamara. — Temos que pensar fora da caixa. Por mais improvável que seja, temos que colocar todas as nossas ideias na mesa. Ou, pelo menos, nesse gramado.

— Não temos nenhum suspeito — disse Call. — Não temos ideias. Não sabemos nem por que estavam atrás de mim. Talvez seja porque sou um Makar. Talvez não tenha nada a ver com o fato de ser o Capitão Cara de Peixe. Talvez a pessoa que tentou me esmagar com um lustre seja a mesma que soltou Automotones para nos matar.

— É isso que os magos vão presumir. — Tamara suspirou. — Talvez seja isso mesmo.

— Vamos ter que nos manter juntos — disse Aaron, sorrindo para o céu azul. — E vamos dar um jeito nisso, ok? Afinal, somos heróis, certo? Ganhamos medalhas. A gente consegue.

Em dado momento Call produziu um baralho e todos jogaram algumas rodadas de um jogo que envolvia dar tapas nas mãos uns dos outros. Falaram sobre voltar para o Magisterium e sobre o que pretendiam alcançar naquele ano. Devastação perseguiu várias abelhas, avançando nelas até que, preguiçosas, retiravam-se do seu alcance. Ao cair da tarde, Stebbins chegou com malas para Tamara e um recado dos pais dela que só poderia ser transmitido confidencialmente. Jasper usou um dos telefones fixos consertados por Alastair, em estilo castiçal, para ligar para casa. Depois de

desligar, relatou com tristeza que a família mandaria seus pertences direto para o Magisterium. Call ficou imaginando se ele teria tentado convencer os pais a proibi-lo de ficar aqui. Também se perguntou se os pais de Jasper o teriam obrigado a vir, mas rapidamente afastou a ideia.

— Tá olhando o quê? — perguntou Jasper quando notou Call olhando em sua direção.

— Nada — respondeu Call. A última coisa que precisava era ter que se preocupar com Jasper.

Naquela noite todos jantaram do lado de fora, em pratos de papel. Alastair assou carne, que foi servida com milho amanteigado, ervilhas e fatias frias de melancia. Tamara jogou melancia em Aaron, que ficou com caroços por dentro da blusa. Devastação subiu em Jasper quando ele se recusou a lhe dar um pedaço de carne. Eles brincaram de ver quem conseguia fazer faíscas sobre os carvões na grelha. Foi quase uma festa, exceto pelo fantasma da morte de Jen, que os impedia de rir alto ou de se esquecer por muito tempo de que poderiam ser os próximos.

↑≋△○@

Dois dias depois, Alastair levou todos ao Magisterium. Call foi no carona, olhando pela janela enquanto Aaron cochilava no banco de trás. Tamara estava ouvindo música no celular e Jasper lia o mais novo quadrinho encontrado no quarto de Call, pelo qual estava obcecado. Devastação estava esticado ao longo dos colos, dormindo.

— Me avisa se quiser voltar para casa — disse Alastair a Call pela milionésima vez. — Você já fez o suficiente. Sabe bastante mágica, o suficiente para controlar suas habilidades. Não precisa do Magisterium.

Call se lembrou de Graves insistindo para que o Mestre Rufus o atualizasse sobre a evolução dos Makaris. Ele se lembrou de todas as referências a países onde magos com a habilidade de controlar o caos eram mortos ou privados da magia — apesar de ser uma festa para homenageá-los. Enquanto Constantine Madden estava vivo, Makaris eram ótimos. Eram armas muito necessárias. Eles

significavam o fim da guerra. Mas com Constantine Madden morto, Aaron e Call não passavam de lembretes da guerra e de como ela poderia retornar. Call duvidava que fosse poder abandonar o Magisterium, independente do que Alastair acreditasse.

— Tudo bem, pai — disse Call. — Vou ficar bem.

À medida que se aproximavam do Magisterium, as estradas se tornavam mais estreitas e curvas. Não tinham nenhuma sinalização: só aqueles que sabiam onde o Magisterium ficava conseguiam encontrá-lo. Call sempre ficava imaginando que tipo de magia impedia que andarilhos e pessoas normais fossem parar lá. Alguma coisa avançada, ele supunha. Alguma coisa relacionada à terra. As floresta ficava mais densa às margens da estrada. Call não conseguia deixar de pensar na Ordem da Desordem — era evidente que a Assembleia sabia sobre eles e tolerava sua existência, mas ele não conseguia entender o motivo.

Ouviram um apito à frente e isso trouxe a atenção de Call de volta para a estrada. Pararam o carro em uma clareira, onde um ônibus escolar já havia chegado. Alunos saltavam dele, carregando malas e bolsas. O portão principal da escola estava aberto; por ele, Call podia ver magos em vestes de um preto sóbrio e vários alunos de uniforme — vermelho, branco, azul, verde e cinza — misturados a alunos que tinham acabado de chegar e ainda vestiam jeans e camiseta.

Aaron acordou e ele, Jasper e Tamara começaram a se cutucar, inclinando-se para as janelas ao reconhecerem colegas dos anos anteriores — Celia lançou a eles um sorriso reservado ao atravessar os portões com Gwenda, que era do mesmo grupo de aprendizes que ela e Jasper. Alex Strike conversava com Anastasia Tarquin, que tinha estacionado seu Mercedes branco ao lado do ônibus escolar. Call já tinha visto aquele carro antes: era o mesmo que ela dirigia quando foi buscar Alex na casa dos Rajavi no ano passado. Call quase tinha se esquecido: Anastasia Tarquin era madrasta de Alex.

Anastasia emergiu do carro em um terninho branco, elegante como sempre. Alex gesticulava para ela, parecendo irritado, quando uma van preta parou ao lado deles. A porta traseira se abriu e dois jovens musculosos saltaram, para deleite de alguns dos alunos do

Magisterium. Começaram levar móveis volumosos pelos portões — uma mesa, uma luminária e um sofá perfeitamente branco.

— O que está acontecendo ali? — Alastair pensou alto enquanto todos saltavam do Rolls-Royce. Call se espreguiçou para relaxar a musculatura. Devastação fez o mesmo.

— A Assembleia colocou Anastasia na escola para ficar de olho nas coisas — respondeu Alex, que tinha abandonado a madrasta para cumprimentá-los. Ele cumprimentou Call e Aaron com um *high-five* e sorriu para Tamara. — Ela vai ficar no antigo escritório do Mestre Lemuel. Anastasia leva isso muito a sério e... Bem, podemos dizer que ela também exagera nas malas.

— Ela vai procurar o espião? — perguntou Alastair.

— Acho que não devemos falar sobre isso — disse Alex, olhando para Jasper com preocupação. — Quer dizer, ninguém deveria saber.

Alastair ergueu as sobrancelhas e disse:

— Ainda bem que Anastasia está sendo bem discreta.

Alex olhou para a madrasta, que estava supervisionando o carregamento de várias malas enormes para dentro das cavernas. Estavam todas cobertas de carimbos antigos de lugares distantes — México, Itália, Austrália, Riviera Francesa, Provença, Cornualha.

— A história que vai acobertá-la é que ela veio para cá a fim de garantir que o processo de expulsão dos animais Dominados pelo Caos da floresta corra bem.

Call colocou a mão nas costas de Devastação, com a intenção de tranquilizá-lo. Devastação olhou para ele, começando a abanar o rabo. Uma onda de raiva o percorreu ao pensar que alguém poderia querer machucá-lo.

É bom que não, pensou.

Alastair voltou-se para Call.

— Se mudar de ideia, sabe como me encontrar — disse, e então abraçou Call com força. Força um pouco demais, para falar a verdade, deixando o garoto preocupado com as costelas.

— Tchau, pai — disse Call com a voz esganiçada. Mesmo com o aperto um pouco exagerado, era a primeira vez que Alastair aceitava bem que ele fosse para o Magisterium. A sensação era ótima.

Tamara tinha encontrado Kimiya e as duas estavam rindo. Jasper tinha ido em direção a Celia e Gwenda. Aaron, o único que tinha ficado à espera de Call, lançou a ele um sorriso de lado. Call ficou imaginando quão difícil deveria ser para Aaron ficar o tempo todo perto das famílias de outras pessoas.

— Passa isso pra cá — disse Aaron, colocando a bolsa de Call no ombro e levantando a própria bagagem com a outra mão. Ele começou a caminhar na direção da escola, aparentemente nem um pouco abalado pelo peso que carregava. Call foi atrás dele, com a perna dura da viagem, e pensou em como a vida era injusta.

As cavernas eram úmidas, mas legais. Água pingava das estalactites para as estalagmites que pareciam velas derretidas. Lâminas de gipsita pendiam do teto, lembrando bandeiras e faixas de uma festa há muito esquecida. Call passou por tudo aquilo, pela pedra molhada e pelas piscinas que brilhavam por causa da mica, peixes claros nadando à toda velocidade. Ele estava tão acostumado com tudo aquilo que não achava mais realmente estranho. Era só o local onde estudava, tão familiar quanto a batida dos armários de metal e o barulho dos tênis derrapando no chão do ginásio eram há três anos.

Ficou imaginando se veriam Warren, assassino em potencial, e se ele teria alguma coisa horripilante a dizer para eles, mas o lagartinho não estava em lugar nenhum.

Call usou sua pulseira, com todas as suas pedras novas, para tecer o caminho até o quarto. Aaron colocou a mala de Call no sofá com um resmungo que fez o amigo se sentir um pouco melhor em relação às próprias habilidades e um pouco mais culpado quanto à generosidade de Aaron. O quarto parecia menor do que no ano anterior, e ele levou um instante para perceber que foi porque ele mesmo tinha crescido, e não porque o quarto tinha encolhido.

A porta se abriu e Tamara entrou, puxando as malas.

— Eu não sabia para onde vocês dois tinham ido! Simplesmente sumiram! — anunciou, o que era completamente injusto, porque foi ela que sumiu, Call pensou. Ela se virou para Aaron. — E você sabe que não podemos deixar Call sozinho!

— Eu não deixei — disse Aaron.

— Humpf. — Foi o que Tamara disse, antes de entrar no próprio quarto. Call foi para o dele, que estava frio, empoeirado e abandonado, como sempre acontecia no início de um ano escolar. Ele abriu a mala e vestiu o uniforme: azul no terceiro ano. Fechou os punhos da camisa e se olhou no espelho do armário. Houve um tempo em que ele era baixo o suficiente para se enxergar inteiro no vidro; agora, a cabeça estava mais acima e ele tinha que agachar.

Ele foi para a sala compartilhada e encontrou Aaron e Tamara esperando, ambos uniformizados. Após prometer para Devastação que traria algumas sobras pra ele, foram ao refeitório para o jantar. Todos, exceto os alunos do Ano de Ferro — que estavam chegando de seus Julgamentos e normalmente podiam comer no quarto — tomavam seus lugares às mesas de sempre e escolhiam entre as opções do cardápio. Hoje havia um purê arroxeado, cogumelos grandes cortados em fatias tão grossas que quase pareciam de pão, cobertos por uma pasta amarela, e três tipos de líquen — verde vibrante, marrom e vermelho-escuro. Call empilhou tudo no prato, junto com um copo de líquido com uma camada fina de alga por cima.

Era assustador o quanto Call achava o líquen delicioso. Ele levou o garfo à boca como um homem faminto e imaginou se seria possível que o líquen tivesse algum propósito sinistro. Como a capacidade de realizar uma lavagem cerebral que o faria comer tanto que acabaria se tornando uma forma de vida inteiramente baseada em líquen. Seria possível? Ele deu uma olhada longa e desconfiada na próxima garfada antes de comer.

Jasper sentou ao lado de Call, como se fossem amigos, ou coisa do tipo.

— Então, qual é o plano?

— Do que você está falando? — perguntou Call.

— Ah, deixa pra lá — respondeu Jasper, revirando os olhos, e depois virou para Tamara. — Nem sei por que perdi meu tempo perguntando para ele. Qual é o plano?

— Não podemos conversar aqui — disse ela, inclinando-se e baixando a voz. Call não pôde deixar de reparar que o corte sob o olho dela continuava visível, uma linha fina. Toda vez que ele o via,

pensava em seus dedos no paletó dele, puxando-o para a segurança. Pensou no que devia a ela.

Ele devia muito a todos os amigos. Não sabia se um dia seria capaz de retribuir.

Aaron, que estava falando com Rafe — outro aluno do Ano de Bronze — sobre os robôs que ele e Call tiveram que construir no verão, pareceu perceber que tinha algo importante rolando. Interrompeu a conversa com Rafe e juntou-se ao grupo.

— Amanhã — respondeu Tamara —, depois do jantar, vamos nos encontrar na biblioteca. Aí poderemos conversar.

— Do que estamos falando? — perguntou Celia, sentando diante de Call com um prato cheio de purê roxo. — Está acontecendo alguma coisa?

— Não! — Aaron e Jasper falaram ao mesmo tempo.

— Ah claro, não parece nem um pouco suspeito. — Ela se levantou. — Se não queriam que eu me sentasse aqui, era só avisar. Eu vou para outro lugar e...

Call ficou de pé num pulo.

— Não — disse antes de pensar em *como* poderia convencê-la a ficar. — Estávamos falando sobre a Galeria. Mas não decidimos ainda se vamos. Mas, quero dizer, talvez a gente vá. Na Galeria, digo.

— Está me convidando para ir a Galeria com você? — perguntou Celia, com uma expressão impossível de interpretar. A Galeria era o lugar para onde duas pessoas iam quando estavam...

Num encontro. Ela está falando de um encontro. Ela acha que estou convidando-a para sair.

— Eu... não sei? — Call gaguejou.

— Bem, talvez devesse descobrir — disse Celia, jogando o cabelo louro para o lado e saindo para sentar com Rafe, Kai e Gwenda.

— A bola está nas suas mãos, meu amigo — anunciou Jasper assim que Celia ficou fora do alcance da voz.

— Você está misturando as metáforas — disse Call. — Está me dando dor de cabeça.

— Podemos falar sobre salvar a vida de Call de fato, em vez de salvar sua vida amorosa? — disse Tamara, parecendo de saco

cheio. — Até amanhã à noite, um de nós vai ficar com Call o tempo todo. Provavelmente terá que ser Aaron e eu, porque se for você, Jasper, todo mundo vai achar estranho, considerando que você não gosta de Call.

— Lógico que gosta — disse Aaron, parecendo surpreso. — Somos todos amigos.

— Que seja — disse Tamara. — Amanhã, depois do jantar, biblioteca. Levem boas ideias. — Ela olhou para o lado. — Alex Strike está gesticulando para mim. Eu já volto. — Ela se levantou e pegou Aaron pela manga da camisa. — Vamos. Provavelmente ele quer falar com você também.

— Quê...? — Aaron começou a dizer ao ser levantado e puxado para a mesa onde Alex, Kimiya e seus outros amigos do Ano de Ouro estavam sentados. Pareciam um grupo melancólico. Call não podia culpá-los. Perder uma amiga daquele jeito...

— Então, você gosta da Celia ou não? — perguntou Jasper, mastigando um pedaço de líquen. Ele estava com corte de cabelo novo antes da cerimônia. Penteado, o cabelo parecia lambido e uma mecha escura recaiu sobre seus olhos.

— O que você tem a ver com isso? — perguntou Call.

— Talvez *eu* a convide para sair — disse Jasper. — Já pensou nisso?

Call não tinha pensado. Arregalou os olhos.

— Faz o que você quiser — disse por fim.

— Acho que você *realmente* não se importa. — Os olhos de Jasper brilharam, entretidos. — Talvez porque goste da Tamara?

— Jasper...

— Você gosta? Da Tamara?

— Ela é minha melhor amiga — respondeu Call, entredentes.

— Isso não quer dizer nada. — Jasper girou o garfo entre os dedos. — As pessoas vivem gostando umas das outras em grupos de aprendizes. Veja Kimiya e Alex Strike. Ou, você sabe, eu e Celia. Você super poderia gostar da Tamara...

— Que importância isso tem? — Call explodiu de raiva, para a própria surpresa. Ele olhou para Jasper, e com a voz baixa disse: — Você não entende? Isso não importa. Ela sempre vai preferir o Aaron.

Os olhos de Jasper se arregalaram.

— Uau — disse ele. — Parece que acertei uma verdade incômoda aí.

A cabeça de Call estava uma bagunça. Vagamente, através da multidão, ele pôde ver Aaron e Tamara vindo em direção a eles. Estavam rindo, como sempre faziam quando estavam juntos.

— Isso que eu acabei de falar — Call olhou para Jasper —, não repita.

Jasper se inclinou para trás na cadeira.

— Não se preocupe, Callum — disse ele com sarcasmo. — Guardo todos os seus segredos.

CAPÍTULO SEIS

As aulas naquele primeiro dia foram ao ar livre, sob o sol quente, os alunos sentados em um semicírculo de pedras. O Mestre Rufus achava que, como a Assembleia em breve pretendia começar andar pela floresta, era melhor usarem a parte externa o máximo possível até lá. Call sentiu falta do frescor das cavernas. Sua camisa logo ficou molhada de suor. Até o couro cabeludo parecia estar queimando com o sol. O nariz e as bochechas de Aaron já estavam vermelhos, e Tamara estava usando um dos cadernos como chapéu.

— Bem-vindos ao Ano de Bronze do Magisterium — disse Mestre Rufus, andando de um lado para o outro na frente deles, a cabeça careca brilhando. — Vocês podem não ser a *maior* encrenca que já peguei em termos de aprendizes, mas certamente estão quase lá. Vamos tentar conduzir este ano de um jeito diferente.

Considerando que Mestre Rufus se referia a um antigo grupo de aprendizes que incluía o próprio Capitão Cara de Peixe, isso realmente era significativo.

— Todos nós acabamos de receber medalhas! — disse Tamara, que recebeu um olhar severo por interrompê-lo, mas continuou assim mesmo: — Somos o oposto de encrenca.

As sobrancelhas do Mestre Rufus fizeram um movimento complicado, subindo e sacudindo ao mesmo tempo.

— Mesmo assim, vamos tentar nos certificar de que nenhum de vocês seja sequestrado ou partam em missões de resgate ou adotem mais animais Dominados pelo Caos ou abandonem a escola por algum motivo.

Ninguém teve o que responder diante disso.

— Este ano aprenderemos sobre *responsabilidade pessoal*. Vocês podem achar que isso não seja particularmente parecido com uma lição de mágica, mas foi no Ano de Bronze que Constantine iniciou seus experimentos com Mestre Joseph, tentando descobrir um caminho para a imortalidade. Este é o ano em que vocês deixam o básico para trás e começam a focar naquilo em que podem se

especializar. Sendo assim, queremos ter certeza de que todos, mas principalmente Call e Aaron, entendam a amplitude de implicações embutidas em cada especialização. É bom que comecem a pensar nos limites da magia do caos. Em como é irresponsável e desonesto usar métodos que ponham vidas em risco só para descobrir esses limites. Como todas as escolas, estamos sempre interessados em aprendizado, pesquisa e em ampliar os limites do conhecimento. Mas temos de equilibrar isso com a nossa obrigação de proteger o mundo, mesmo que seja de nós mesmos.

— E — Mestre Rufus prosseguiu — quero que se lembrem que, nos anos anteriores, vocês atravessaram os portões da magia antecipadamente. Isso deve lhes ensinar não que são melhores do que os outros alunos, mas que os portões da magia só se abrem quando o aluno está pronto. Se não aprenderem as lições do Ano de Bronze, permanecerão no ano de Bronze até que o façam.

Call olhou para Aaron e Tamara. Pareciam tão assolados quanto o próprio Call. Não sabia ao certo como nenhuma das coisas que o Mestre Rufus estava falando poderia ser ensinada na escola. Era remotamente possível, no entanto, que seu cérebro estivesse ficando lento por insolação.

— Mais uma coisa — disse Mestre Rufus. — Em relação ao espião no Magisterium. Tamara, acho que não falei diretamente com você sobre isso, mas tenho certeza de que Call ou Aaron já lhe informaram, então não vou constranger a nenhum de nós fingindo o contrário. Você tem direito de saber. Contudo, eu insisto, *insisto*, que não tentem capturar o espião por conta própria. Deixem isso conosco.

Nenhum dos dois disse nada.

As sobrancelhas do Mestre Rufus ficaram ainda mais unidas.

— Entenderam?

Call assentiu.

— Com certeza — disse Aaron.

— Tudo bem — disse Tamara.

Foi a cena menos convincente que Call já tinha visto na vida. Ele não sabia ao certo se Mestre Rufus tinha acreditado ou simplesmente desistido quando fez que sim com a cabeça e falou:

— Ótimo! Agora, acho que nossa primeira aula deve ser sobre o elemento água e sobre como equilibrá-la com o ar de modo a podermos respirar quando submersos. Sei exatamente em que lago podemos treinar.

Call ficou de pé num pulo, feliz com a ideia de se refrescar. Só quando começaram a se mover que ele se lembrou do corpo de Jen flutuando no mar e ficou imaginando se haveria algum motivo para o Mestre Rufus ter colocado esta aula no primeiro dia.

Apesar dos pensamentos sombrios de Call, a turma passou um dia agradável boiando na parte rasa de um pequeno lago perto da escola. Mestre Rufus deu a cada aluno um amuleto cheio de ar, de onde poderiam extrair oxigênio enquanto estivessem embaixo da água. Nas primeiras tentativas, Call não conseguiu se concentrar e emergiu, cuspindo e engasgando. Aaron também não se saiu muito bem, mas Tamara pareceu tranquila.

Frustrado, Call por fim pegou o amuleto e mergulhou em direção ao fundo do lago. Ele sempre gostou de nadar — na água, sua perna não doía. Ele manteve os olhos abertos. O água era um pouco lodosa, mas fresca; dava para ver as formas borradas de Tamara e Aaron debaixo dela.

Por algum motivo, Call pensou no pai. Tinha visto nas lembranças de Mestre Joseph como Alastair havia escalado a face de uma geleira para chegar até a cena do Massacre Gelado, onde o Inimigo da Morte tinha matado dezenas de magos indefesos. Alastair tinha feito isso pela mulher e pelo filho; utilizara magia da água para formar apoios para as mãos e os pés na face da geleira. Deve ter sido exaustivo. Deve ter parecido impossível.

Comparado àquilo, isso aqui não era nada.

Call apertou o amuleto com força, tanto que teve a impressão de tê-lo sentido rachar. *Ar,* pensou. Ar ao seu redor, havia ar na água, todos os elementos eram um só, *fogo e terra, ar e água*... *É tudo uma coisa só, não são quatro, nem duas, nem três, mas uma.*

Ele abriu a boca e respirou.

Foi como respirar um ar úmido e pantanoso. Ele engasgou um pouco, deixando o corpo boiar para o alto enquanto o ar preenchia os seus pulmões. A segunda vez que puxou o ar foi mais fácil, e na terceira e na quarta ele estava respirando normalmente. Estava em

pé, no fundo do lago, respirando normalmente. Muito contente, Call jogou o amuleto de lado e começou a emergir até romper a superfície com um grito.

— Consegui! — gritou. — Respirei embaixo da água!

— Eu sei! — disse Tamara, jogando água. — Eu vi!

— Uhul! — disse Aaron. Ele socou a superfície do lago, fazendo-a esguichar para cima. — Você é incrível!

— Alô, *todos* nós somos! — protestou Tamara. Call nadava em círculos, mergulhando para respirar e voltando à tona. Ele esguichou água e sorriu.

Às vezes a mágica era realmente tão incrível quanto ele secretamente torcia para que fosse.

↑≋△○@

Naquela noite, Tamara, Call, Aaron e Jasper eram as únicas pessoas na biblioteca. Os quatro reuniam-se em torno de uma mesa onde uma luz brilhava em um abajur cuja cúpula era a concha de uma lesma marinha enorme. Mantiveram as vozes baixas; o som tendia a ecoar naquela grande sala de pedra.

— Então a questão é saber se a pessoa que tentou matar Call na cerimônia é alguém que estaria no Magisterium — disse Tamara, mexendo em alguns papeis. — Fiz uma lista de todas as pessoas que estudam ou dão aula aqui, assim como membros da Assembleia que têm trânsito livre.

Jasper se inclinou para frente para olhar a lista.

— Você não está nela — disse ele.

— Lógico que não! — Tamara ficou vermelha. — Eu não tentei matar Call.

— Kimiya também não está — disse Jasper. — Nem Aaron.

— Porque eles não estão tentando me matar — disse Call.

— Você não tem como saber — disse Jasper. — A lista deve ser objetiva. Eu também tenho que estar nela.

— Você está — disse Tamara. — Pode acreditar.

Jasper fez uma careta.

— Ótimo.

— Vejam, eu sei que nos metermos onde não somos chamados é a nossa marca registrada — disse Call, interrompendo os amigos. — Mas que tal se dessa vez a gente não tentasse pegar o espião por contra própria? O Mestre Rufus disse que eles têm um plano, a madrasta do Alex está aqui para preparar uma armadilha. Talvez a gente possa deixar isso por conta deles.

Todos encararam Call como se ele tivesse duas cabeças. Finalmente Aaron se manifestou.

— Você bebeu muita água do lago hoje ou coisa do tipo? Você jamais diria uma coisa dessas se fosse um de nós correndo perigo.

— Pense desta forma — disse Jasper. — Se a mesma pessoa que soltou o Automotones tentou derrubar o lustre em você, então qualquer pessoa ao seu lado tem tanta probabilidade de ser assassinada quanto você. Então, pelo meu próprio bem, eu quero investigar.

Call não tinha como argumentar contra uma lógica dessas.

— Estive pensando — disse Tamara. — Precisamos descer nos túneis onde os grandes elementais ficam. Talvez a gente consiga descobrir quem teve acesso ao Automotones e como. Podemos usar essa lista para ver se alguma dessas pessoas esteve lá em baixo; deve haver algum registro de visitantes ou de pessoas autorizadas a entrar.

— Mas será que os magos já não fizeram isso? — perguntou Aaron.

Tamara deu de ombros.

— Mesmo que tenham, eles não vão dar os nomes. Os túneis são um bom lugar para começarmos a reduzir nossa lista de suspeitos.

— Acho que alguém passou as férias lendo livros de mistério — comentou Jasper.

Tamara ofereceu a ele um sorriso cheio de dentes.

— Acho que alguém vai levar um soco na cara.

— Você tem uma ideia melhor? — perguntou Aaron. — Porque se não tiver, não critique.

— E se Call se fizer de isca? — sugeriu Jasper. — Quer dizer, por que termos todo esse trabalho quando podemos fazer o assassino vir até nós? É só espalharmos que Call vai estar em

algum lugar afastado, sozinho, e depois, quando o assassino aparecer para acabar com ele, a gente ataca e...

— Ei, calma aí — disse Call. — Essa ideia é idiota.

— Achei que não fosse para criticar — disse Jasper, sorrindo de satisfação. — Acho que não tem como um plano desses dar errado.

Tamara balançou a cabeça.

— Call pode acabar morrendo!

— Ainda assim pegaríamos o espião — respondeu Jasper, depois fez uma careta após levar um chute violento por baixo da mesa. — Quê? Não são muitos planos que vêm com essa garantia embutida!

— Vamos tentar a estratégia da Tamara primeiro — disse Aaron, que logo depois bocejou e ficou de pé. — Amanhã, depois da aula, a gente se encontra aqui de novo. Podemos olhar os mapas do Magisterium para ver se conseguimos descobrir onde ficam os elementais. Eu fico com o primeiro turno hoje à noite. Tamara, Call, vocês dois podem dormir.

— Então até mais, babacas — disse Jasper que foi embora pela escada em espiral, subindo dois degraus por vez.

Call queria protestar, dizer que era desnecessário que um deles ficasse acordado vigiando, mas ninguém ia dar ouvidos. Ele se levantou com um suspiro e seguiu Tamara e Aaron de volta para os respectivos quartos.

Mas, no meio do caminho, uma ideia súbita o fez parar.

— Eu sei quem teria acesso a esses elementais! — disse Call. — Warren!

No fim das contas, o pequeno lagarto era um elemental do fogo e, apesar de não ser totalmente confiável, ele conhecia as dependências do Magisterium melhor do que qualquer um ou qualquer coisa. Ele já tinha guiado o grupo pelos labirintos antes — é bem verdade que isso os havia colocado no radar de um elemental mais poderoso e sinistro —, mas ainda assim, nada de *tão* ruim aconteceu.

Além disso, no ano anterior eles haviam salvado a vida de Warren. Na ocasião, o Mestre Rufus preparou um teste para a magia do caos em que Aaron deveria mandar o lagarto para o vazio. Call não sabia ao certo o que acontecia com coisas que eram

sugadas para o nada, mas tinha certeza de que não sobreviveriam. Ele tinha ajudado Aaron a fazer algumas mágicas complexas para que o lagarto pudesse escapar. Até onde Call sabia, Warren *estava em dívida* com eles.

— Vamos — disse ele, dando meia-volta no meio do corredor. — Por aqui.

Quanto mais tempo o espião estivesse entre eles, mais tempo os amigos ficariam na cola de Call como se houvesse algo de errado. Ele detestava isso. Não queria que ficassem acordados enquanto ele dormia. Não queria que corressem perigo. Se havia algo a ser feito, ele queria fazer agora.

— Aonde vamos? — Tamara protestou quando viu que iriam voltar pelo caminho percorrido. — Voltar para a biblioteca?

O corredor se dividia em dois. Call foi para a esquerda. Ele se lembrou de como achou que jamais fosse aprender a se localizar nos túneis quando chegou ao Magisterium, com seus corredores que pareciam labirintos passando por baixo e através da montanha. Mas ele aprendeu, e agora caminhar pelos andares superiores do Magisterium era tão familiar quanto andar pelas ruas da cidade onde morava.

— Vamos para o rio? — perguntou Aaron meio que sussurrando. O ar nos túneis começava a ficar mais úmido. Passaram pelos quartos de vários outros grupos de aprendizes, nenhuma luz saindo pela fresta embaixo de cada porta. O Magisterium dormia.

Os rios que corriam pela escola eram seu sistema vascular. Levavam alunos das salas para os portões da área externa, para o refeitório e de volta aos quartos. Pequenos barcos trafegavam por esse sistema, guiados por mágica e assistidos por elementais da água. Na medida em que Call, Aaron e Tamara se aproximaram da água, a caverna se tornou mais fria e Call pôde ouvir o ruído da correnteza.

Aaron e Tamara murmuravam a respeito de Call estar levando-os até um barco. O corredor se abriu em uma praia de pedras subterrânea. Lodo fosforescente se agarrava às paredes e ao teto, iluminando o espaço. Peixes cegos nadavam.

— Warren! — chamou Call. — *Warren!*

Aaron e Tamara trocaram um olhar. Estava nítido que achavam que Call tinha enlouquecido.

— Talvez ele precise dormir — disse Tamara.

— Talvez precise comer — disse Aaron.

— Warren! — Call gritou novamente. — *O fim está mais próximo do que imagina!*

— Lagartos não vêm quando a gente chama — disse Tamara. — Vamos sair daqui, Call...

Alguma coisa se mexeu das pedras acima deles. Então um vislumbre de fogo, uma luz refletindo em algo escamoso. Olhos vermelhos brilharam no escuro. O que parecia um dragão de Komodo minúsculo, com uma barba e uma crista de fogo nas costas, se arrastou na direção deles pelas pedras.

— Warren? — disse Call.

— Ele realmente veio — Aaron pareceu impressionado. — Incrível, Call.

— Sorrateiros. — Warren parecia irritado. — Sorrateiros e incomodando Warren. O que vocês querem, estudantes magos?

— Queremos que nos leve aos elementais adormecidos. Os que são presos pelo Magisterium — respondeu Call.

— Agora? — perguntou Tamara, virando para Call. — Achei que a gente estivesse indo dormir!

— Sim, dormir. Andar furtivamente por aí perigoso — disse Warren. — Túneis muito profundos.

— Você está em dívida com a gente, Warren — disse Call. — Salvamos a sua vida. Não se lembra?

— Já paguei — murmurou Warren. — Avisei. *Ultima Forsan.*

— Isso não ajuda em nada — disse Call. Ele sabia o que *Ultima Forsan* era: a frase em latim gravada no jazigo perpétuo do Inimigo da Morte. Significava *O fim está mais próximo do que imagina.* Call só não conseguia entender como isso poderia ser um alerta útil. — Nos levar até os elementais é o que ajudaria.

— Talvez você não saiba como chegar lá — disse Aaron, provocando o lagarto. Apesar de ter sido ele quem bocejou de sono na biblioteca, agora estava com os olhos brilhando e não parecia nem um pouco cansado. Aaron não era do tipo que gostava de falar sobre fazer coisas, mas sim de fazê-las. — O problema é esse? No

fim das contas talvez você não saiba tanto assim sobre o Magisterium.

Os olhos vermelhos de Warren moveram-se rapidamente.

— Eu sei — disse ele. — Sei tudo. Mas isso é perigoso, pequenos estudantes de magos. Assunto perigoso. Posso levar vocês, mas vão ter que enganar a guardiã.

— A guardiã? — perguntou Tamara, apavorada.

Call também gostaria de maiores elucidações, mas Warren, aparentemente decidindo que sua participação na conversa tinha acabado, pulou para a parede de mica brilhante e correu para cima, antes de disparar na direção da entrada da outra caverna.

— Sigam aquele lagarto! — anunciou Call, indo atrás dele.

Tamara resmungou, mas foi atrás.

Ele tinha se esquecido que se deixar guiar por Warren pelas cavernas do Magisterium — inclusive por algumas passagens que talvez jamais tivessem sido usadas por nenhum mago antes deles — era um exercício frustrante e por vezes assustador. O lagarto os conduziu por penhascos naturais e por lagos que pareciam ser de lama fervente. Warren os guiou por recintos nos quais quase engasgaram com o cheiro de enxofre e nos quais tinham que se encolher e desviar para não serem arranhados por estalactites pontiagudas.

Call não sabia ao certo o quanto tinham andado quando sua perna começou a doer — o tipo de dor muscular violenta que só ia piorar. Ele se sentiu idiota por sugerir que fizessem isso, por pensar que poderia andar tanto. Mas não podia pedir que Warren parasse — o lagarto estava muito adiantado em relação a eles, pulando de rocha em rocha, os cristais brilhando em suas costas.

E se Tamara e Aaron parassem para esperá-lo, Warren podia disparar, deixando o grupo perdido nas cavernas. Isso já tinha acontecido antes.

A título de teste, Call invocou magia do ar, empurrando de leve. Ele se lembrou de como Alastair o levou pelos muitos degraus do Collegium. Ele se lembrou de como havia descido sozinho. Tudo que tinha de fazer era se concentrar e *empurrar*.

Call levitou, rápido o suficiente para ter que morder o lado da bochecha a fim de evitar um grito, mas logo conseguiu se

estabilizar. Estava flutuando só um pouco acima do solo e não tinha nenhum peso na perna. Sentiu-se ótimo.

Call foi então propelindo o corpo com o poder da mente, sem tropeçar mais como Aaron e Tamara. Deslizava sobre a terra como se tivesse sido feito para andar assim. Ao prosseguirem, as passagens se aprofundavam na montanha, as paredes tornavam mais lisas e o chão, mais lustroso. Era como se percorressem o corredor de um museu. As portas na pedra de cada lado eram elegantes, decoradas com símbolos alquímicos e alfabetos que Call não conhecia.

Finalmente, Warren parou diante de uma porta imensa feita com os cinco metais do Magisterium — ferro, cobre, bronze, prata e ouro.

— Aqui, estudantes de magos. Aqui está a porta no caminho do caminho. A guardiã está aqui. Vocês devem enfrentá-la para seguir adiante.

— O que a gente faz?

— Respondam os enigmas — disse Warren, que esticou a língua para capturar um inseto que Call não tinha visto até então e correu pelo teto. — Enigmatizem as respostas dela! — gritou ele antes de desaparecer.

— Droga — disse Aaron. — Isso sempre acontece. Odeio enigmas.

Tamara parecia engolir as palavras *eu sabia* e detestar o gosto delas.

— A gente simplesmente bate? — Call levantou a mão fechada em punho e hesitou.

— Eu bato — Tamara bateu à porta. — Olá? Somos alunos e viemos fazer um projeto...

A porta abriu. Lá dentro, com um terno branco absolutamente intocado, estava Anastasia Tarquin. Sua nuvem de cabelo prateado estava penteada para trás com firmeza e os brincos de prata em suas orelhas pareciam ter sido enfeitiçados para brilhar daquela forma. Suas sobrancelhas feitas se ergueram ao ver o grupo, e a boca comprimiu-se em uma linha fina.

— *Você* é a guardiã? — perguntou Aaron, incrédulo.

— Não sei do que você está falando — disse ela, abrindo mais a porta. Atrás dela, dava para ver um longo corredor que descia. Dois

meninos com idade de frequentar o Collegium, uniformizados, estavam junto às paredes. *Guardas*, Call pensou. — O que eu sei é que vocês não deveriam estar aqui.

— O Mestre Rufus quer que comecemos um projeto — disse Call. — Como Tamara disse. É nosso Ano de Bronze e temos que começar a decidir sobre o nosso futuro e responsabilidades. Como estamos pensando em nos especializar em elementais pensamos em, hum, conhecer alguns.

— Os três? — perguntou Anastasia. — Inclusive os dois mágicos do caos? *Todos* querem se especializar em elementais?

— Estamos pensando. — Aaron respondeu rapidamente. — Não queremos nos precipitar, mas é interessante. Achamos que se pudéssemos ver alguns dos melhores elementais, poderíamos ter certeza do que queremos.

Anastasia Tarquin não pareceu acreditar nem um pouco.

— Temo informar que, apesar de alguns alunos terem sido autorizados a entrar, embora com baixíssima frequência, esse privilégio foi suspenso por motivos que imagino que conheçam.

Automotones. Call se lembrou do enorme monstro de metal vindo para cima deles, rasgando o ar como fogo e garras.

— Agora — disse Anastasia —, a não ser que queiram que eu discuta a questão com Mestre Rufus, sugiro que voltem pelo caminho que vieram, e vamos todos fingir que não nos vimos.

Call olhou de Tamara para Aaron.

— E nada de enigmas — suspirou Aaron. Em seguida, sempre educado, ele virou para Anastasia Tarquin. — Sentimos muito pelo incômodo.

Ela, no entanto, não parecia particularmente encantada por ele. Seus olhos não perderam a rigidez usual.

— Só um instante — disse ela, mas não estava olhando para Aaron. — Callum Hunt. Entre. Gostaria de falar com você. A sós.

— Comigo? — perguntou Call, com a voz levemente esganiçada. Ele não esperava por isso, e com toda a questão do espião, não sabia se queria ficar sozinho com qualquer membro da Assembleia. Mas Anastasia era madrasta de Alex e tinha sido enviada pela Assembleia para protegê-lo. — Tudo bem.

Tamara e Aaron olharam em silêncio para ele. Call tinha toda certeza de que os dois não iriam querer trocar de lugar com ele naquele momento.

Ele passou pela porta que logo em seguida Anastasia fechou com uma batida pesada.

Ela colocou uma das mãos no ombro de Call.

— Você deve estar muito preocupado para vir até aqui procurando respostas — disse ela, sua voz suavizando de um jeito que o deixou nervoso. Call pensou em como as cobras que ele via na televisão faziam uma pequena dança antes de atacarem.

— E eu sei o quanto você é próximo de Aaron. Vocês cuidam um do outro, não é?

— Sim? Quer dizer, sim. Aaron, Tamara e eu. Todos nós.

— É muito bom ter amigos próximos — disse Anastasia, assentindo. — Principalmente quando se tem um pai que não aprova magia.

— Meu pai está começando a ceder — disse Call, tentando adivinhar qual era o assunto.

— Quando me casei com o pai de Alex, jurei que jamais tentaria substituir a mãe dele. Eu tinha meus filhos do primeiro casamento e sabia o quanto era importante não tentar me impor onde não me queriam. Tentei ser amiga, guia, mentora. Alguém que pudesse responder as perguntas dele objetivamente, como muitos adultos não fazem. Eu ficaria feliz em fazer o mesmo por você, se algum dia precisar conversar com alguém.

— Hum, tudo bem — disse Call, confuso com toda aquela conversa. Ele tentou olhar um pouco além de Anastasia, ver o que havia escondido atrás dela. Os dois guardas do Collegium estavam completamente mudos, encostados às paredes da sala como armaduras. Havia um jornal em cima de um sofá, provavelmente onde ela estivera sentada, e um corredor que se estendia atrás. Um brilho vermelho profundo iluminava as paredes. — Então, definitivamente não vai nos deixar entrar?

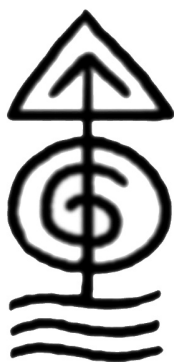
Anastasia pareceu entretida em vez de irritada.

— Você quer que eu diga que deixaria se pudesse, imagino. Mas você não faz ideia do quão perigosos são os grandes elementais.

Seria quase o mesmo que jogá-lo na boca de um vulcão. Um amigo jamais o colocaria em perigo, Callum, você entende?

— Porque eu sou um Makar — disse Call. — Eu entendo, mas...

— Sem “mas”. — Anastasia balançou a cabeça. — Você e Aaron deveriam voltar para dormir. São importantes demais para se arriscarem. Tente se lembrar disto.

Com isso, ela abriu a porta. Quando Call saiu para onde Aaron e Tamara o aguardavam, ouviu a porta bater atrás de si.

CAPÍTULO SETE

— Vocês foram sem mim? — perguntou Jasper, espetando a sobremesa cinza com o garfo.

Era o turno da tarde. Call, Tamara e Aaron dormiram e perderam o café da manhã após a aventura nos túneis na noite anterior. Call sentiu dor e tontura durante a aula e tinha quase jogado uma bola de fogo na cabeça de Tamara e queimado os próprios dedos. Tinha se esquecido de passear com Devastação até a metade da aula e teve que limpar a bagunça que resultou disso. Voltar à escola não estava sendo tão fácil quanto ele tinha imaginado.

— Foi coisa de momento — disse Call em tom conciliatório. Então se lembrou de com quem estava falando. — Quer dizer, não que eu fosse optar por levar você a qualquer lugar que fosse, mas, neste caso, deixar você de lado foi apenas um efeito colateral benéfico.

— Ei — disse Jasper. — Estou tentando salvar sua vida!

— Não ligue para ele — interrompeu Aaron. — Ele fica irritadiço quando está cansado.

— Então o que Anastasia fez com você? — perguntou Jasper. — Meu pai sempre disse que ela é uma espécie de rainha de gelo com o coração de pedra.

— Ela foi muito gentil com Call — disse Tamara. — Foi estranho. Ela não me deu a menor bola e mal olhou para Aaron. Foi só Call, Call, Call.

— Acho que sou o Makar-novidade e você o Makar-não-tão-novidade-assim — desse Call a Aaron. — Eu faço esse uniforme azul parecer *lindo*.

Tamara riu. Aaron suspirou, resignado.

— Uau — disse Jasper, olhando para Call com olhos arregalados. — Você não me disse que ele delirava quando estava cansado.

Call tomou um grande gole da substância marrom que parecia chá em sua caneca de madeira. Torceu desesperadamente para que tivesse cafeína. Ao longo das férias ele pôde tomar quantos

cafés ele quis — Alastair tinha consertado uma máquina antiga que chiava feito um trem —, mas agora, quando ele realmente precisava, não havia café em lugar nenhum.

Ele estava cansado. Cansado de ser vigiado pelos amigos, mesmo que eles só quisessem mantê-lo em segurança. Cansado de ter essa coisa horrível a seu respeito — algo que não podia controlar — pairando sobre si o tempo todo. Ele queria frequentar a escola como uma pessoa normal e, naquele momento, estava disposto a tudo para fazer isso acontecer.

— Certo — disse ele. — Vamos seguir esse seu plano idiota.

— Quê? — perguntou Jasper, franzindo a testa para ele. — Que plano idiota?

Call fez uma breve careta, subiu na cadeira, e da cadeira para a mesa. Por pouco seu pé não aterrissou bem na sobremesa cinza de Jasper. Call examinou o recinto.

— Ah, não — disse Aaron. — Acho que você estava certo sobre ele estar delirando de cansaço.

Vários alunos riam e conversavam uns com os outros. Magos comiam líquen. Até que Rafe viu Call em cima da mesa. Ele soltou um gritinho e cutucou Gwenda, que estava ao seu lado. Um murmúrio percorreu o recinto e logo todos estavam olhando para Call, apontando e sussurrando.

— Call! — Tamara sibilou em um sussurro. — Desce daí!

Call não estava nem aí.

— ADIVINHEM SÓ — gritou ele, a voz alta o suficiente para alcançar todo o refeitório. — ESTAREI NA BIBLIOTECA HOJE À MEIA-NOITE. SOZINHO.

Voltou a sentar. Tamara, Aaron e Jasper olharam para ele. Outros aprendizes olhavam para a mesa deles. Gwenda sussurrou alguma coisa ao ouvido de Celia e as duas começaram a rir. Alex Strike estava com uma expressão estranha e preocupada no rosto. Mestra Milagros olhava para Call como se alguém tivesse deixado ele cair de cabeça quando era pequeno.

— Isso... Isso... O que foi isso? — perguntou Tamara. — Você ficou maluco?

— Ele estava se transformando em isca — disse Aaron, olhando para Call com uma expressão séria. — Espero que tenha sido uma

boa ideia. A desvantagem de avisar a todos que você estará sozinho para que possam atacá-lo é que todos saberão que estará sozinho para ser atacado.

— Pfff — disse Tamara. — Ninguém vai ser burro o suficiente para ir atrás dele por causa dessa declaração pública. Qualquer um seria pego imediatamente.

Call deu de ombros deu uma boa mordida no líquen. Sentia-se estranhamente melhor. As coisas estavam de volta aos devidos lugares — seus amigos o achavam louco, e ele estava prestes a fazer uma tolice. Um sorriso se formou no canto de sua boca.

— Alguém tem que sedar esse cara depressa — disse Jasper. — Sabe-se lá o que ele vai fazer em seguida.

Mas, ou o líquido marrom de Call tinha cafeína ou ter algo a fazer ajudou, porque estava cheio de energia correndo nas veias. Não estava mais cansado. Estava pronto.

↑≋△○@

Call meio que esperava encontrar um grupo de curiosos quando chegou à biblioteca naquela noite, mas o lugar estava vazio. Tamara, Aaron e Jasper fizeram uma varredura, olhando atrás de prateleiras, enquanto Devastação farejava embaixo das mesas. Estava definitivamente deserto.

Call se sentou à uma das mesas, iluminada por uma enorme estalactite que tinha atravessado o centro do tampo de madeira, prendendo a mesa ao chão. Luz girava e brilhava dentro da estalactite.

— Certo — disse Tamara, voltando do andar superior da biblioteca em espiral. — Você está por conta própria.

Aaron colocou a mão no ombro de Call.

— Não se esqueça, Call — disse ele. — Se precisar fazer alguma magia do caos, não tente fazer sozinho. Eu sou seu contrapeso. Estarei ali fora com os outros. Puxa de mim, da minha energia do caos, como puxaria o ar se estivesse embaixo da água.

Call assentiu quando Aaron o soltou e agarrou o pelo de Devastação. Seus olhos verde-escuros estavam preocupados.

— Tente não fazer nenhuma idiotice — disse Jasper. No quesito manifestações de apoio, essa não era uma das piores de Jasper. — Aqui, tente fingir que está lendo alguma coisa em vez de ficar aqui sozinho feito um maluco. — Ele colocou uma porção de livros sobre a mesa na frente de Call e virou para sair.

Call observou enquanto seus amigos saíam do recinto. Um instante depois ele estava sozinho na biblioteca. *Puxa de mim*, Aaron tinha dito. Mas a verdade era que Call ainda tinha medo de usar Aaron como contrapeso. Foi isso o que transformou Constantine no Inimigo da Morte. Todos os magos do caos tinham que ter um contrapeso que fosse um ser humano, uma alma viva que os ancorasse ao mundo real e os impedisse de cair no caos. O de Constantine era seu irmão gêmeo, Jericho. Até que um dia sua mágica saiu do controle. Ele foi dominado e puxou a magia do irmão para tentar se ancorar, mas foi em vão. Tudo que conseguiu foi destruir Jericho.

Call não conseguia imaginar como seria isso, matar acidentalmente alguém que amava. *Mas eu* deveria *saber como é*, pensou. Afinal de contas, isso tinha acontecido com uma alma que agora o habitava e certamente esse tipo de coisa devia deixar marcas. Mas Call não sentia nada quando pensava no assunto, só se preocupava com a possibilidade de cometer o mesmo erro.

Talvez isso fosse prova do que havia de errado com ele. Ele deveria estar com pena de Jericho, que tinha morrido. Mas tinha pena de Constantine.

— Call?

Ele quase saltou para fora do corpo. Ao virar, viu que alguém tinha entrado na biblioteca. Uma loura vestindo jeans e camiseta e com o cabelo preso em dois rabos. Estava com as mãos enfiadas de um jeito meio esquisito nos bolsos traseiros da calça.

— Call? — disse Celia novamente. Ela deu mais um passo, mais para perto dele. Estava vermelha de vergonha, o que imediatamente fez Call enrubescer também, como se fosse algo contagioso como catapora. — Você disse que ia ficar sozinho aqui, então pensei...

— Hum?

No que Celia tinha pensado? Que talvez Call tivesse ficado maluco e precisasse ler levado para a Enfermaria?

— Achei que talvez quisesse falar comigo — disse ela, se empoleirando em uma mesa em frente a ele. — É difícil conversar a sós em qualquer lugar... O refeitório vive cheio, a Galeria também, e não tenho visto você passeando com Devastação ultimamente...

Era verdade. No último ano, durante uma época, Call e Celia passeavam toda noite com Devastação. Mas agora ele não podia mais sair sozinho com o lobo. Tamara e Jasper alternavam-se para acompanhar Call nesses passeios.

— É, eu ando... — A voz de Call falhou. Ele ficou imaginando se seria possível ter uma conversa inteira com frases interrompidas. Se sim, ele e Celia estavam prestes dar um exemplo marcante.

— Onde arrumou? — perguntou Celia, rindo de repente. Call olhou para baixo e percebeu que ela apontava para os livros sobre a mesa.

Elementos de Fogo e Feitiços, uma Cartilha.

A Alquimia do Amor.

Magia da Água e Feitiços de Compromisso: Como Fazê-la Dizer Sim.

Ele ia *matar* Jasper.

— Eu... bem, eu estava só... é para um trabalho — disse Call.

Celia apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou para ele, pensativa.

— Se quer me chamar para sair, Call, é só falar — disse ela. — Estamos no terceiro ano agora, e gosto de você desde o Ano de Ferro.

— *Jura?* — Call estava impressionado.

Ela sorriu com hesitação.

— Você não sabia? Todas aquelas vezes em que levamos Devastação para passear. E o beijo. Achei que você soubesse, mas a Gwenda me disse que eu devia te contar, então aqui estou.

— Ela falou que você devia me contar? — Call se sentiu muito burro por repetir o que Celia dizia, mas sua cabeça tinha ficado completamente vazia. Será que ele tinha que agradecê-la, como se gostar dele fosse um elogio? Não parecia certo. Ele provavelmente deveria dizer que gostava dela também, e ele realmente gostava, mas contar a ela significaria o quê? Que iriam namorar? Teriam que

se beijar? Significaria que não poderiam mais passear com Devastação juntos e se divertir?

Quando Call abriu a boca para dizer alguma coisa — apesar de não saber ao certo o que — Tamara e Jasper vieram subiram a escada correndo. Aaron e Devastação vieram do alto. O lobo Dominado pelo Caos começou a latir. Aaron parecia pronto para briga.

— Pare aí mesmo! — gritou Jasper. Fogo acendeu na palma de Tamara.

Celia girou, com olhos arregalados.

A chama se apagou subitamente. Tamara fechou as duas mãos atrás das costas.

— Ah, oi — disse ela com uma risada constrangida e ligeiramente histérica. — Estávamos só...

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou Aaron. Um pouco da luz da luta ainda brilhava em seus olhos e ele não soava gentil como sempre. Devem ter ficado muito surpresos quando viram que Call não estava sozinho; surpresos e assustados.

— Call estava prestes a me chamar para sair — disse Celia, confusa e visivelmente chateada. — Ou ao menos eu achei que estivesse. O que todos vocês estão fazendo aqui? Por que está todo mundo gritando?

Por um longo instante todos ficaram quietos. Call não fazia ideia de como explicar isso para ela. *Talvez eu devesse simplesmente falar a verdade*, pensou. *Ao menos parcialmente*. Ele não precisava falar sobre a questão do Capitão Cara de Peixe. Mas Call logo percebeu que nada faria sentido se não mencionasse o Capitão Cara de Peixe. Mesmo assim, ele precisava falar alguma coisa. Celia ainda era sua amiga.

— A questão é que tem alguém tentando... — Call começou, seu corpo inteiro ficando vermelho e quente de vergonha. Ele tinha certeza de que ia falar alguma coisa idiota e que Tamara começaria a rir da cara dele. Ele tinha certeza de que Celia não ia entender.

— Eu vim para te convidar para sair comigo — disse Jasper subitamente em voz alta, interrompendo a explicação de Call. — Por isso eu disse “pare aí mesmo”. Porque, hum, eu queria impedir que

ele te convidasse para sair antes que eu tivesse chance. Não saia com ele! Saia comigo.

As sobrancelhas de Aaron se ergueram. Tamara emitiu um ruído engasgado. Call não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Celia olhou surpresa para Jasper.

— Você gosta de mim?

— Gosto! — disse ele, um pouco afobado. — Definitivamente gosto de você.

Call lembrou que quando Jasper perguntou se ele gostava de Celia, quando disse que talvez quisesse convidá-la para sair. Ele queria mesmo? Ou só estava tentando despistá-la do que realmente estava acontecendo? Ou será que estava tentando irritar Call? A última hipótese parecia a mais provável.

Ansiosa, Celia desviou o olhar para Call, como se ele devesse falar ou fazer alguma coisa. Ele retribuiu o olhar com total espanto.

Finalmente, ela suspirou e virou para Jasper.

— Eu adoraria sair com você.

↑≋△○@

— Bem, acho que todos podemos concordar que isso foi uma roubada total — disse Aaron enquanto voltavam para os quartos.

— Não para Jasper — disse Tamara, que, para irritação de Call, parecia achar tudo aquilo um pouco engraçado. Muito engraçado, na verdade. Ela quase explodiu tentando segurar o riso depois que Celia concordou sair com Jasper. Call não sabia quem parecia mais confuso, ele ou Jasper. No entanto, Jasper logo se recuperou e começou a falar a Celia sobre como iriam se divertir na Galeria.

Àquela altura, Call já tinha desistido. Saiu da biblioteca. Aaron, Tamara e Devastação foram atrás.

Tamara dançava com Devastação, fazendo-o pular para colocar as patas em seus ombros.

— Este vai ser o melhor encontro do mundo — disse ela. — Jasper não sabe nada sobre meninas. Provavelmente ele vai dar um buquê de peixes cegos pra ela.

— Não vai ser o melhor encontro do mundo! — Call se irritou. — Jasper está fazendo isso só para me *irritar*. Provavelmente ele vai

ser péssimo com ela. Vai acabar magoando Celia e vai ser tudo minha culpa.

— Ah, Call, pelo amor de Deus. — Tamara bufou. — Ele não vai ser péssimo com Celia. Nem tudo gira ao seu redor.

— *Isso* gira — disse Call.

— Talvez não. — Havia um tom determinado na voz de Tamara. — Talvez ele goste dela.

— Acho que vocês dois estão perdendo o foco aqui — disse Aaron ao dobrarem uma esquina no ponto em que o corredor ficava mais estreito. — E se Celia for a assassina?

— *Quê?* —perguntou Call.

— Bem, ela foi até lá quando soube que você ia estar sozinho na biblioteca — Aaron observou.

— Para ver se eu ia chamá-la para sair — disse Call.

— Essa é a história que ela contou. Aposto que ela blefou quando percebeu alguma coisa errada ao chegar.

— Por que Celia iria querer matar Call? — perguntou Tamara. Eles tinham chegado ao corredor dos quartos, e ela usou a pulseira para abrir a porta. Entraram na sala compartilhada, que estava na penumbra. Devastação rapidamente saltou no sofá e se espreguiçou com vontade, pronto para dormir.

— É — disse Call. — Por que ela iria querer me matar?

— Pode ser que ela esteja à serviço de alguma organização — respondeu Aaron, teimoso. — Gente, Drew tinha uma história totalmente falsa. Ele não era quem dizia ser. Além disso, o Mestre Rufus disse que há um espião entre nós. Pode ser ela.

Call balançou a cabeça, retirando Miri do cinto e colocando a faca sobre a mesa da cozinha.

— Celia vem de uma família tradicional de magos. Ela é quem diz ser.

— Como você sabe? — insistiu Aaron. — Só porque ela contou sobre alguma tia não quer dizer que isso seja verdade. Ou talvez toda a família dela apoie o Inimigo. Lembra que você achou que o bilhete era dela? E se *fosse* mesmo? Seria uma explicação mais simples do que qualquer outra. Além do mais, se dá para perceber que ela é uma espiã, não é das melhores, né?

— Você pode acusar Devastação de ser espião também, que tal? — disse Call. Todos olharam para Devastação, que dormia com a língua pendurada até o chão. As patas balançavam como se ele estivesse indo atrás de um pato imaginário.

— Não estou dizendo que a gente deva arrastar Celia e colocá-la na frente da Assembleia imediatamente — disse Aaron. — Só acho que devemos ficar de olho. Aliás, temos que ficar de olho em qualquer pessoa se comportando de maneira esquisita.

— Querer que Call a convide para sair não é *esquisito* — disse Tamara, esfregando o estômago de Devastação. — Bem, talvez seja um pouco, mas não é ilegal.

— Obrigado — disse Call. — Obrigado pelo apoio. — Call pegou Miri e foi para o quarto. Quando estava quase entrando, virou para Aaron. — Estou indo dormir.

— Eu também. — Aaron cruzou os braços sobre o peito. — Vou dormir no chão do lado de fora do seu quarto. Para o caso de alguma coisa tentar atacar você durante a noite.

Call ficou arrasado.

— Precisa mesmo?

Em resposta, Aaron deitou exatamente onde disse que deitaria, cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos. Devastação deitou ao lado dele.

Traidor, Call pensou. Com um suspiro, entrou no quarto e fechou bem a porta.

O cômodo estava iluminado por uma luz fosforescente fraca. Call tirou as botas e sentou na cama. A perna doía. Sentia-se cansado, desanimado e mais irritado com a questão Celia/Jasper do que imaginava. Viu seu reflexo no espelho do armário. Parecia cansado. O quarto estava cheio de sombras.

Call congelou.

Uma delas se moveu.

CAPÍTULO OITO

Call queria gritar. Ele sabia que *devia* gritar, mas a surpresa e o medo o deixaram sem ar. A sombra se mexeu novamente, desdobrando-se contra a pedra desigual do teto. Ao deslizar mais para perto do lodo fosforescente, Call perdeu a esperança de que fosse apenas um truque da luz.

Era um enorme elemental do ar, veloz como uma chicotada e incorpóreo. Parecia uma enguia imensa vinda da parte mais profunda do oceano — isso se enguias tivessem boca gigante e cheia de dentes em cada lateral do corpo enorme. Movia-se lentamente como o ar úmido e frio que antecede uma tempestade.

— Aaron. — Call tentou gritar, mas sua voz saiu como um suspiro, suave demais para ser ouvida por qualquer um além do elemental. Uma das cabeças da coisa se afastou do teto com um ruído molhado de sucção e lançou-se em direção a Call. Quando a enguia abriu a boca, Call pôde ver que apesar de ser feita de ar, a coisa tinha dentes que pareciam muito reais e muito afiados. A pele em volta da boca era repuxada de modo que a criatura tinha um sorriso perpétuo. Parecia ser capaz de arrancar metade de Call com uma mordida e depois rir disso. Não tinha olhos, apenas entalhes na cabeça.

Miri, ele pensou. A faca que Alastair tinha dado a ele, a que sua mãe fez. Estava em sua cabeceira, a muitos metros de distância. Será que o elemental podia vê-la? Call não tinha como saber. Muito, muito lentamente, ele foi chegando para trás na cama. Esticou o corpo, deitando de um jeito que expunha suas partes mais vulneráveis — o pescoço e a barriga. O elemental se moveu em direção a ele, como se farejasse o ar.

Call engoliu em seco, esticando o braço por cima da cabeça, esticando até seus dedos tocarem a ponta do cabo de Miri.

No outro cômodo, Devastação começou a latir.

O elemental atacou. Um grito explodiu dos pulmões de Call quando ele pegou a lâmina e sentou, atacando às cegas. O imenso peso da criatura o derrubou de volta. O elemental mordeu o ar na

tentativa de abocanhar a cabeça de Call que, naquele exato momento, enterrou a adaga sob a mandíbula da criatura. Ele tentou fechar a boca da enguia com a faca, mas, apesar de a lâmina ter cortado mais profundamente sua carne feita de ar, ela se aproximou.

Ao sentir aqueles dentes horríveis e as garras afiadas arranhando suas roupas e cortando sua pele, Call rolou da cama, sentindo o calor do sangue. Ainda não estava doendo, mas ele tinha a sensação de que logo iria doer.

Isso se ele sobrevivesse.

O elemental chicoteou em círculo, rápido como um tornado, e mergulhou mais uma vez em direção a Call no instante em que o Makar saltou para a porta. Dava para ouvir Devastação latindo sem parar do outro lado, e a voz confusa e sonolenta de Aaron.

— O que está acontecendo? O que houve, garotão?

Call se jogou contra a porta. Não abriu.

— Aaron! — gritou, encontrando a própria voz. — Aaron, tem um elemental aqui dentro! Abra a porta!

— Call? — Aaron soou desesperado. A maçaneta mexeu e a porta sacudiu no quadro, mas não cedeu.

— Está cheia de feitiços de tranca! — gritou Aaron. — Call, saia do caminho! *Para trás*!

Aaron não precisou dizer duas vezes. Call se jogou para longe da porta e rolou contra o armário, abrindo-o quando o elemental mergulhou. A criatura bateu na porta do armário, farpas de madeira voando em todas as direções. Call só teve tempo de pular e se esconder embaixo da cama quando o elemental avançou de novo. Call saiu pelo outro lado, o elemental formando um redemoinho sobre ele. Uma de suas cabeças se lançou contra a cama, mas a outra recuou, sibilando, nitidamente prestes a atacar.

Bem no momento em que Call ergueu Miri, houve uma explosão abafada junto à porta. Isso atraiu a atenção do elemental, que abriu a boca em um gesto grotesco de surpresa. A escuridão consumia as quinas da porta, mas não só isso.

Caos.

Call sentiu o puxão sob as costelas e percebeu o que estava acontecendo. Aaron estava usando seu poder do caos, fazendo Call de contrapeso. Call ficou parado quando a porta começou a ruir.

E então desapareceu, tragada pelo vazio. Aaron entrou no quarto à toda, os olhos arregalados.

— *Makar!* — gritou ele, com a própria mão ainda erguida em invocação, uma luz preta queimando ao redor. — Use sua magia, idiota!

O elemental chicoteava de um lado para o outro, visivelmente confuso com o súbito aparecimento de Aaron. Call se levantou cambaleando e se esticou em direção ao caos. Sentiu a desmaterialização selvagem do vazio se abrindo em um turbilhão. A escuridão derramou-se pelo quarto.

O elemental gritou, expelindo ar, e se encaminhou para a sala compartilhada pelo buraco onde antes havia a porta. Chicoteou o ombro de Aaron ao passar por ele, deslizando para o quarto de Tamara.

No exato instante em que ela abriu a porta a coisa avançou para a sua garganta.

Tamara se jogou no chão, rolando sob a criatura com mais agilidade do que Call jamais teria em mil anos. Devastação foi na direção dela e avançou no elemental. A coisa girou no ar, suas pernas horrorosas estremecendo, sua mandíbula medonha abrindo-se o suficiente para engolir qualquer um deles de uma só vez.

Aaron acrescentou o seu poder ao de Call. O caos cresceu, e tentáculos de um nada oleoso começaram a entrar sinuosamente no quarto. Algo emergiu da abertura no vazio, cor de fumaça e sob o formato grosseiro de um felino monstruosamente elegante com incontáveis olhos.

Um elemental do caos saltava para dentro do cômodo.

Call emitiu um ruído que veio da garganta. Abrir uma passagem para o caos era uma coisa — invocar um elemental do caos era outra.

O elemental do ar girou, sentindo uma nova ameaça. Então emitiu um ruído grave e correu na direção do elemental do caos, no mesmo instante em que o elemental recém-invocado avançava para ele. Encontraram-se no ar. O elemental do caos mordeu a parte inferior do inimigo e o envolveu em seu corpo, apertando com força.

A porta do cômodo se abriu e Mestre Rufus entrou, seguido por Mestra Milagros.

— Call...! — Rufus começou a gritar. Então viu os elementais flutuando, um enroscado no outro. Pareceu quase fascinado por um instante. Em seguida fez um gesto com a mão no ar e soprou.

Seu sopro se tornou uma onda de choque que varreu as criaturas. O quarto inteiro vibrou. Call caiu no chão quando o elemental do ar estremeceu e explodiu em redemoinhos que giraram como tempestades de areia em miniatura. O elemental do caos se chocou contra a parede, como tinta derramada. Não se recompôs.

— Uau — disse Aaron.

Call ficou de pé, seu coração batia forte. Tamara, usando um pijama azul — agora rasgado no joelho — atravessou o cômodo até ele, colocando a mão em seu braço. Call teve que se segurar para impedir uma súbita vontade de se apoiar nela.

Ele olhou para o próprio peito, para a camisa rasgada e o sangue ainda jorrando. Os machucados não eram fundos, mas ardiam como picadas de abelha.

Aaron estava afagando a cabeça de Devastação, encarando pensativamente o ponto onde o elemental do caos tinha estado.

— Nós ouvimos os gritos — disse Mestra Milagros. — Não achamos que... Vocês estão muito machucados?

— Eu estou bem — disse Call.

Mestre Rufus suspirou, obviamente perturbado. Todos estavam, mas era enervante vê-lo em qualquer outro estado não fosse perfeitamente composto. Call se sentiu bobo. Mestre Rufus tinha dito para não investigarem, mas eles o fizeram assim mesmo. E depois Jasper bolou um plano totalmente ridículo. Como nenhum deles percebeu que ao deixar evidente onde Call estaria, *também* deixariam evidente onde ele não estaria? Qualquer um que quisesse invadir o quarto saberia exatamente o momento certo.

— Aprendizes, sentem-se todos — disse o Mestre Rufus. — Podem me contar exatamente o que aconteceu. E depois decidiremos o que fazer em seguida.

Mestra Milagros foi para perto da porta do corredor.

— Eu vou me certificar de que mais ninguém entre ou saia daqui — disse ela. — Absolutamente ninguém.

Soou um pouco paranoica, mas isso foi reconfortante para Call. Ele também estava se sentindo um pouco assim.

Call foi para o sofá com Tamara e Aaron. Tão logo sentaram, Devastação pulou no colo de Call e começou a lamber seu rosto. Tamara fez questão de explicar que estavam todos na biblioteca, estudando com Jasper, e que depois voltaram para os quartos. Ela não mencionou o que Call tinha feito no refeitório, nem o plano de Jasper. Call ficou grato por isso; já estava se sentindo burro e apavorado o suficiente.

Call explicou que a coisa estava em seu quarto e que a porta tinha sido trancada por um feitiço. Quando começou a falar no assunto, sentiu que as mãos começavam a tremer e as enfiou entre os joelhos para esconder isso de Mestre Rufus e dos amigos.

Depois de ouvir sobre o feitiço de tranca, Mestre Rufus foi até a porta inspecionar o que havia sobrado dela. Considerando que Aaron tinha sumido com quase toda a estrutura, não havia muito o que ver.

Após alguns minutos, ele suspirou.

— Vamos trazer uma equipe de magos aqui. E, caso mais alguma coisa tenha sido alterada, vamos mudá-los para outro quarto. Em caráter permanente. Sei que é tarde, mas preciso que peguem o que estavam usando, e apenas isso. Devolveremos o restante dos pertences de vocês assim que confirmarmos que estão limpos.

— Precisamos mesmo fazer isso? —perguntou Tamara.

Mestre Rufus lançou a ela o seu mais severo olhar.

— Precisamos.

Aaron se levantou.

— Estou pronto, então, eu acho. Não mudei de roupa, nem nada. Nem Call.

Tamara pegou o uniforme no quarto e voltou para a área comum, com o sapato na mão. Call olhou em volta, para os símbolos nas paredes, as pedras brilhantes, a lareira gigante. Aquele era o espaço deles, confortável, familiar. Mas não tinha certeza de que poderia voltar a se deitar na cama e olhar para o teto sem ver a criatura. Call estremeceu. Naquele instante, ele sequer sabia se algum dia conseguiria voltar a dormir.

↑≋△○@

O quarto para o qual o Mestre Rufus os levou não parecia muito diferente do deles. Call já sabia que a maioria dos aposentos dos alunos eram iguais — dois a cinco quartos agrupados em torno de uma sala compartilhada onde os alunos podiam comer e trabalhar.

Havia quatro quartos no novo espaço. Cada um pegou um, inclusive Devastação, que deitou no chão ao lado da cama de Call e dormiu com os pés para cima. Call checou para se certificar de que seu lobo estava bem e em seguida voltou para a sala. Tamara e Aaron estavam sentados no sofá. Aaron estava com a manga puxada, o braço para fora. Tamara olhava em tom de crítica para o antebraço dele, onde uma grande mancha vermelha era visível.

— É como uma queimadura, mas sem ser uma queimadura — disse ela. — Talvez alguma espécie de reação por ter sido atingido com toda aquela magia do caos?

— Mas ele é um Makar — protestou Call. — Magia do caos não deveria machucar Aaron. Por que você não mostrou o braço para o Mestre Rufus? — Não parecia um machucado grave, mas Call apostava que estava doendo.

Aaron suspirou.

— Não estava a fim de lidar com isso — respondeu Aaron. — Eles vão ficar ainda mais histéricos, nos restringir ainda mais, mas sabem tanto quanto eu a respeito do que está acontecendo. Vão decidir que outra pessoa deve passar vinte e quatro horas de olho em você, mas ninguém vai fazer um trabalho melhor do que o nosso. Além disso, você também não parece estar se importando com o fato de que está sangrando. — Aaron puxou a manga para baixo. — Eu vou tomar banho — disse. — Ainda estou me sentindo um pouco gosmento por aquela coisa ter tocado em mim.

Tamara deu um tchau cansado enquanto Aaron ia para a porta que os levava até as piscinas de banho.

— Tudo bem? — perguntou a Call quando estavam a sós.

— Acho que sim — respondeu ele. — Não entendo muito bem por que estamos mais seguros nesse quarto.

— Porque menos gente sabe que estamos aqui — disse Tamara. A frase foi curta, mas ela não parecia irritada com Call, só um pouco

cansada. — O Mestre Rufus deve achar que tem muito pouca gente em quem ele pode confiar. O que significa que qualquer um pode ser o espião. Literalmente qualquer um.

— Anastasia... — disse Call, mas de repente a porta se abriu e Mestre Rufus entrou. Seu rosto sombrio era inexpressivo, mas Call já tinha começado a aprender a ler sinais de tensão na postura do professor, na posição dos ombros. Mestre Rufus estava realmente tenso.

— Call — disse ele. — Posso falar com você um minuto?

Call olhou para Tamara, que deu de ombros.

— Seja lá o que for, pode dizer na frente dela — disse.

Mestre Rufus não pareceu satisfeito.

— Call, não estamos em um filme. Ou me deixa falar a sós com você, ou vão passar a próxima semana peneirando areia.

Tamara soltou uma risada de escárnio.

— Minha deixa para ir deitar. — Então levantou, as tranças escuras balançando, e acenou boa noite para Call antes de desaparecer no quarto.

Mestre Rufus não sentou. Apenas se apoiou na mesa.

— Callum — disse ele. — Sabemos que alguém com acesso a magia complexa está atrás de você. Mas o que nós não sabemos é... por que essa pessoa não está atrás de Aaron?

Call se sentiu sombriamente ofendido.

— Eu também sou um Makar!

Mestre Rufus ergueu um dos cantos da boca, o que não ajudou Call a se sentir melhor.

— Suponho que eu tenha que formular melhor. Não estou dizendo que você não seja um alvo valioso, mas é estranho que venham *exclusivamente* atrás de você, principalmente quando Aaron é Makar há mais tempo. Por que não tentar matar os dois?

— Talvez estejam tentando — disse Call. — Quer dizer, Aaron estava por perto nas duas tentativas. Talvez o elemental fosse atrás dele quando acabasse comigo.

— E talvez o lustre precisasse ser ativado por um gatilho para cair e o assassino esperou até que Aaron estivesse presente...?

— Exatamente — disse Call, aliviado por Mestre Rufus ter concluído sozinho. Ele não gostava do termo *assassino*, no entanto.

A palavra percorreu seus pensamento, sibilando como uma cobra. *Assassino* era muito pior que *espião*.

Mestre Rufus franziu a testa.

— Talvez. Mas acho que desde que chegou ao Magisterium, você tem guardado segredos. Primeiro os do seu pai, agora, talvez um que seja seu. Se você sabe quem está atrás de você, ou por que estão atrás de você, me diga para que eu possa protegê-lo melhor.

Call tentou não encarar Mestre Rufus. *Ele não sabe sobre o Capitão Cara de Peixe*, Call lembrou a si mesmo. *Só está fazendo uma pergunta*. Mas mesmo assim Call começou a suar nas mãos e nas axilas. Fez o melhor que pôde para manter a expressão neutra; não tinha certeza se tinha conseguido.

— Não há nada que eu esteja escondendo — disse Call, mentindo tão bem quanto era capaz. — Se alguém está realmente tentando me matar em vez de Aaron, eu não sei o porquê.

— Quem quer que seja, sabia como entrar no seu quarto — disse Mestre Rufus. — Ninguém deveria ser capaz de tal coisa, exceto eu e vocês três. Mesmo assim tinha só um elemental esperando... o do seu teto.

Call estremeceu, mas não falou mais nada. O que poderia dizer?

Mestre Rufus pareceu decepcionado.

— Gostaria que você acreditasse que pode confiar em mim. Espero que entenda a seriedade disto tudo.

Call pensou em Aaron e na estranha queimadura-não-exatamente-queimadura. Pensou no elemental e naqueles olhos terríveis encarando-o no escuro, as garras cravadas em sua pele. Pensou no ano anterior e em todas as coisas que nunca contou ao Mestre Rufus sobre a missão fracassada para recuperar o Alkahest. Se ele fosse uma pessoa melhor, teria confessado tudo ali mesmo. Mas, se ele fosse uma pessoa melhor, o problema talvez sequer existisse.

— Não sei de nada. Não tenho segredos — disse Call ao Mestre Rufus. — Sou um livro aberto.

CAPÍTULO NOVE

Os dias que se seguiram transcorreram normalmente. Call não gostava do quarto novo, que mais parecia um hotel do que um lugar que pertencia a eles. Livros, papéis e roupas novas foram trazidos pelos magos — toda vez que Call passava pela porta antiga, via que estava fechada com uma barra de ferro. Ele tentou usar sua pulseira na fechadura, mas não deu em nada. Não gostava do fato de que Miri estava trancada lá dentro e até agora não tinha criado coragem de pedir a faca aos magos. Por sorte conseguiu ficar com a pulseira de Constantine Madden, mas só porque ele a usava embaixo da sua, enfiada na manga do uniforme ou do pijama. Call sabia que deveria tirá-la, talvez até se livrar dela, mas descobriu que estava tendo dificuldade em lidar com a ideia de abrir mão dela.

Sua antipatia pelo quarto se tornou pior quando Tamara encontrou uma foto, enfiada sob um canto da cama. Era um retrato de Drew, sorrindo para a pessoa atrás da câmera e envolvendo Mestre Joseph com um dos braços. Drew era jovem na foto — talvez uns dez anos de idade — e não parecia o tipo de pessoa que poderia torturar Aaron só por diversão. E Mestre Joseph parecia um daqueles pais mais velhos, com ar de professor, aquele tipo que deseja que os filhos leiam livros infantis no original em francês. Não parecia um psicopata que tinha treinado outro psicopata pior que ele. Não parecia um cara que queria dominar o mundo.

Call não conseguia parar de olhar para a foto. Um dos lados tinha sido rasgado, mas um braço e parte de uma camiseta azul mostravam que havia mais alguém com eles. A camisa tinha listras pretas. Por um instante de horror Call achou que pudesse ser o braço do Inimigo da Morte, mas logo se deu conta de que Constantine Madden teria morrido mais ou menos na época em que Drew nasceu.

Mas não eram só a novidade do quarto, a perda de Miri e a foto que deixavam Call desconfortável. Ele também não gostava de como o Mestre Rufus vinha olhando para ele atualmente. Nem de como Tamara vivia o tempo todo nervosa e olhando por cima do

ombro. Não gostava da ruga de preocupação que recentemente tinha se formado entre as sobrancelhas de Aaron. E em particular não gostava de como seus amigos não o deixavam longe nem por um segundo.

— Oito olhos são melhores do que um — disse Aaron quando Call manifestou a vontade de passear sozinho com Devastação.

— Eu tenho *dois* olhos — disse Call.

— Sim, é óbvio — disse Aaron. — É só um ditado.

— Você está torcendo para encontrar Celia, não está? — perguntou Tamara, fazendo Aaron lançar mais um olhar de reprovação a Call.

O encontro de Celia e Jasper estava marcado para aquela sexta-feira, e Aaron achava que seria a oportunidade perfeita para descobrir se ela era a espiã. Tamara tinha conseguido arrancar de Celia quase todos os detalhes a respeito do encontro. Tinham marcado na Galeria, às oito, depois do jantar, e iriam assistir a um filme.

— Parece inocente — disse Tamara, dando de ombros ao se sentarem para almoçar e espetando o garfo no macarrão de líquen.

— Bem, é lógico que *parece* — disse Aaron. — Ou você acha que ela iria declarar tão cedo suas intenções maléficas? — Ele lançou um olhar a Celia, que ria alegremente com Rafe e Gwenda. Jasper estava sentado com Kai e parecia no meio de uma história animada.

— Se for mesmo coisa da Celia, como ela conseguiu controlar um elemental gigante daqueles? — perguntou Call. — Sem que ele, você sabe, a matasse e comesse?

— Elementais não comem gente — disse Tamara. — Eles absorvem a energia delas.

Call parou por um instante. Estava se lembrando de Drew, que tinha sido morto por um elemental do caos sob o olhar aterrorizado de Call durante seu primeiro ano como aluno. Lembrou-se de como a pele de Drew tinha ficado azul, e depois cinza, seus olhos ficando vazios.

— ... acho estranho. — Call ouviu Aaron dizer quando saiu do devaneio.

— O quê? — perguntou Call.

— O jeito como todo mundo está olhando para a gente — respondeu Tamara com a voz baixa. — Você notou?

Call não tinha notado. Mas agora que Tamara falou, ele percebeu que as pessoas vinham encarando eles três — Aaron, especificamente. E não do jeito como normalmente o encaravam, com admiração ou aquela expressão como quem diz *olha lá o Makar*.

O que estava acontecendo era diferente. As pessoas observavam com olhos semicerrados, falavam em voz baixas. Todos lançavam olhares desconfiados, sussurravam e apontavam. Se dar conta disso deixou Call com uma sensação desconfortável na boca do estômago.

— O que está rolando? — perguntou Aaron, espantado. — Tem alguma coisa no meu rosto?

— Vocês realmente querem saber? — disse uma voz por cima da cabeça deles.

Call olhou para cima. Era Jasper.

— Todo mundo está falando da coisa que quase comeu Call...

— Elementais *não comem pessoas* — insistiu Tamara, cortando a fala de Jasper.

Ele deu de ombros.

— Tudo bem. Que seja. Enfim, as pessoas estão falando que foi Aaron que o invocou. Alguém contou para alguém que ouviram vocês dois brigando e todo mundo viu quando Aaron invocou todas aquelas criaturas do caos nas férias...

Call ficou boquiaberto.

— Isso é ridículo — disse.

Aaron olhou em volta. Quando encontrou os olhares dos outros aprendizes, todos desviaram o rosto. Alguns dos alunos do Ano de Ferro começaram a rir. Um deles começou a chorar.

— Quem está dizendo isso? — perguntou Aaron, voltando-se novamente para Jasper. Estava com as orelhas coradas e uma expressão que dizia que ele gostaria de estar em qualquer outro lugar.

— Todo mundo — respondeu Jasper. — É um boato. Acho que pelo fato dos Makaris serem instáveis e tudo mais, concluíram que você tentou matar Call. Quer dizer, algumas pessoas acham que é

compreensível, porque Call é muito irritante, mas outras acham que está rolando um triângulo amoroso entre vocês e Tamara.

— *Jasper.* — Tamara falou com a voz mais firme possível. — Diga para as pessoas que isso é mentira.

— Qual parte?

— Nada disso é verdade! — retrucou Tamara, elevando a voz de forma dramática.

Jasper ergueu as duas mãos em um gesto de redenção.

— Tudo bem. Mas sabem como é fofoca. Ninguém vai me dar atenção. — E com isso ele se afastou da mesa, de volta para a refeição.

— Não dê ouvidos a ele — disse Tamara a Aaron. — Ele é ridículo e fica maldoso quando está assustado. Provavelmente está nervoso com o encontro e resolveu descontar em você.

Talvez, Call pensou, mas alguma coisa estava realmente acontecendo. As pessoas definitivamente estavam lançando olhares a eles. Call levantou e foi atrás de Jasper, pegando-o pelo cotovelo no momento em que ele chegou a um grande pote de líquido marrom com cheiro de canela e cravo.

— Jasper, espera aí. Você não pode simplesmente contar tudo isso e ir embora. Quem começou o boato? Quem está inventando essas coisas? Você tem que ter no mínimo um palpite.

Jasper franziu a testa o cenho.

— Não fui eu, se é isso que está insinuando... apesar de que devo dizer que me fez pensar. Aaron contou a você e Tamara histórias diferentes sobre o passado dele. Isso é bem suspeito. Não fazemos ideia de onde ele veio, ou quem é a família dele de verdade. Ele simplesmente aparece do nada e pronto! Makar.

— Aaron é uma boa pessoa — disse Call. — Tipo, muito melhor do que nós dois.

Jasper suspirou. Não estava rindo, nem desdenhando, nem fazendo qualquer uma de suas habituais expressões afetadas.

— Você não acha isso suspeito? — perguntou.

— Não — respondeu Call, marchando de volta para a mesa e fervendo de fúria por dentro. Jasper era um idiota. Aliás, todo mundo ali era, exceto ele, Tamara e Aaron. Ele se jogou na cadeira. Tamara

estava inclinada para perto de Aaron, falando com a mão no ombro dele.

— Tudo bem — dizia Aaron com a voz esgotada. — Mas eu realmente acho que temos que sair.

— O que está acontecendo? — perguntou Call.

— Eu só estava falando para ele não se deixar afetar por isso. — Tamara estava com o rosto corado, manchas vermelhas nas bochechas marrons. Call sabia que isso significava que ela estava furiosa.

— É ridículo — disse Call. — Vai passar. Ninguém pode acreditar em uma bobagem dessas por muito tempo.

Mas a expressão de Aaron dizia a Call que ele não estava tranquilo. Seus olhos verdes percorriam o refeitório quase como se ele esperasse que as pessoas fossem começar a jogar coisas nele.

— Eu vou voltar para o quarto — disse Aaron.

— Calma aí — disse Alex Strike, com sua forma comprida e esguia projetando uma sombra na mesa. Sua pulseira do Ano de Ouro brilhou quando ele estendeu a mão. Ao abrir a mão, revelaram-se três pedras redondas e avermelhadas. — São para vocês.

— Está convidando a gente pra jogar bolinha de gude? — Call presumiu.

Alex sorriu.

— São pedras-guia — falou. — Os Mestres vão fazer uma reunião hoje à noite. Vocês foram convidados. — Ele mexeu os dedos. — Uma pedra para cada um.

— Fomos convidados? — Aaron perguntou enquanto eles pegavam as pedras da mão de Alex. Ele parecia nervoso. — Por quê?

— Não faço ideia. Sou apenas o mensageiro.

— O que fazemos com isso então? — perguntou Call, examinando a própria pedra. Perfeitamente redonda e brilhante, realmente parecia muito uma bolinha de gude vermelha. Uma das grandes que se usam para atingir as outras.

— Os Mestres estão mudando os locais das reuniões por questões de segurança — explicou Alex. — Se a pessoa não tiver

uma dessas não consegue encontrar a sala. A reunião começa às seis. Basta deixar a pedra levá-los aonde devem ir.

↑≋△○@

Às seis da tarde, os três, mais Devastação, estavam sentados na nova sala compartilhada, cada um olhando para a pedra na mão. Todos vestiam uniformes escolares de cor azul; Aaron tinha engraxado os sapatos e Tamara estava com o cabelo solto, com presilhas de ouro acima das orelhas. O máximo de concessão que Call fez para ficar chique foi lavar o rosto.

— Opa, opa! — disse Tamara quando sua pedra-guia acendeu como um pisca-pisca de natal. A de Aaron foi a seguinte e depois a de Call. Todos se levantaram.

— Devastação, fique aqui — disse Call.

Após a reunião anterior com a Assembleia, ele não queria dar nenhuma desculpa para se lembrarem da existência de Devastação.

No corredor, Tamara se deixava guiar por sua pedra. Sempre que ia na direção errada, o brilho diminuía.

— O Mestre Rufus devia ter nos dado uma dessas quando fomos para os túneis — disse Call quando partiram. — Em vez daquele mapa que desaparecia.

— Acho que isso teria anulado o propósito da aula — observou Aaron, cobrindo a pedra com a mão em concha para não precisar andar de olhos semicerrados por causa da luz. — Você sabe, a coisa toda de encontrar nosso próprio caminho.

— Não seja arrogante — disse Tamara, fazendo uma curva súbita. Todas as pedras ficaram com o brilho mais fraco.

— Acho que você, hum, virou errado — disse Call, apontando para trás, para a grande sala com uma cachoeira subterrânea que a pedra parecia indicar.

— Vamos — disse ela, avançando meio cambaleante, deixando Aaron e Call sem opção que não segui-la.

Ela passou por uma pequena entrada que levava a um espaço com pé-direito alto. Um pequeno bando de morcegos se amontoou, emitindo chiados uns aos outros. Os bichos faziam todo o lugar feder. Call tampou o nariz com os dedos.

— O que você está fazendo, Tamara? — perguntou Aaron, com a voz baixa.

Ela agachou e rastejou por uma passagem estreita. Call e Aaron trocaram olhares preocupados. Era perigoso explorar as cavernas sem um mapa ou alguma espécie de guia. Havia buracos profundos e lagos de lama fervente, sem falar nos elementais.

Entrando na passagem atrás de Tamara, Call torceu muito para que ela soubesse para onde ia.

A pedra parecia áspera em sua mão enquanto Call engatinhava pelo que parecia um túnel natural. A passagem ficou ainda mais estreita e Call não tinha certeza se iam caber. Seu coração começou a bater forte enquanto a única luz de que dispunham desbotava cada vez mais. Após alguns minutos de tensão a passagem se abriu em uma sala desconhecida, mas que não parecia particularmente perigosa. As pedras brilharam.

— Você vai explicar o que foi isso? — perguntou Call.

Tamara colocou as mãos nos quadris.

— Não fazemos ideia de quem esteja atrás de você. Pode ser um dos Mestres, ou alguém que sabe onde será a reunião. Não podemos pegar a rota direta. Pode ser uma armadilha. O objetivo de pedras como estas é garantir que a gente não se perca independente do caminho.

— Ah, isso foi inteligente — disse Call, tentando ignorar o pânico gelado que se acumulava em seu estômago. Ele queria acreditar que seja lá quem fosse o inimigo, ou inimigos, não seriam Mestres da escola. Ele queria acreditar que era apenas um capanga do Mestre Joseph, ou algum pobre mago que detestava Makaris. Ou talvez um aluno que tivesse irritado muito. Call sabia que conseguia ser muito irritante, principalmente quando se esforçava para isso.

Call ainda estava pensando no assunto quando chegaram à sala que os Mestres tinham escolhido para a reunião. Estavam atrasados, e a reunião já tinha começado. Um grupo de Mestres vestidos de preto estava sentado em um semicírculo lustroso de mármore. Um banco longo e baixo, também de mármore, percorria o exterior desse semicírculo, permitindo que os Mestres encarassem o centro do recinto. As estalactites culminavam em lâmpadas

redondas feitas de pedra clara, cada uma brilhando com uma luz amarelada.

— Tamara, Aaron e Call — entoou Mestre Rufus quando os três entraram. — Por favor, acomodem-se em seus lugares.

Ele indicou três montes de pedras polidas diretamente à frente da mesa dos Mestres. Call ficou encarando. Era para eles *sentarem* naquilo? As pedras não iam simplesmente ceder e se espalhar, derrubando cada um deles no chão e causando constrangimento?

Tamara passou confiante por Call e simplesmente sentou em uma das pilhas. Ela afundou um pouco e cruzou os braços, mas as pedras não se moveram. Aaron foi o próximo e Call, depois dele, se jogou na última pilha. As pedras chiaram e estalaram quando seu peso as deslocou, mas era como sentar em uma cadeira feita de caramelo, só que menos grudento. As pedras se ajustaram ao corpo de Call até que estava sentado da forma mais confortável que sua perna permitia.

— Legal! Precisamos disso na nossa sala compartilhada — disse Call.

— Call — disse Mestre Rufus em tom sombrio. Call teve a sensação de que o mestre ainda achava que ele escondia algo. — Por favor, guarde para você seus comentários sobre a mobília; isso é uma reunião.

Sério? Achei que fosse uma festa! Call teve vontade de dizer, mas não o fez. Definitivamente, a atmosfera não poderia ser menos festiva. Mestre North e Mestra Milagros ladeavam o Mestre Rufus; Anastasia Tarquin estava próxima à beirada da mesa, seu olhar sombrio fixo em Call.

— O que está acontecendo? — perguntou Aaron, olhando em volta. — Estamos encrencados?

— Não — Mestra Milagros disse ao mesmo tempo em que Mestre North disse “talvez” e bufou.

— Só estamos tentando entender como esse ataque pode ter acontecido — disse Mestra Milagros, lançando um olhar de esguelha para Anastasia. — Tínhamos vários seguranças posicionados. Sabemos que vocês já disseram o que aconteceu, mas podem contar de novo, só para constar?

Call tentou relatar tudo, tentou se concentrar em detalhes que pudessem ajudar em vez de causar pavor e desespero, que eram exatamente o que ele sentia. Tamara e Aaron começaram a explicar as próprias partes. Call fez questão de destacar o quão útil Devastação tinha sido, uma vez que ainda estava preocupado com a visão da Assembleia sobre os animais Dominados pelo Caos.

— Alguém deve estar muito determinado. Se algum de vocês faz ideia do porquê, este seria um bom momento para compartilhar — disse Mestre Rufus, mais uma vez lançando um olhar severo para Call, como se novamente o instigasse a confessar. Depois que Call entregou o Inimigo da Morte para a Assembleia, ele achou que seu segredo estivesse salvo, mas agora parecia mais próximo do que nunca de ser revelado. Se ao menos ele pudesse contar aos magos. Se ao menos acreditassem que Call era *diferente* de Constantine.

Call abriu a boca para falar, mas foi em vão. Tamara foi quem respondeu.

— Não fazemos ideia de por que alguém poderia querer machucar Call. Ele não tem inimigos.

— Eu não iria *tão* longe — murmurou Call, e Tamara o chutou. Forte.

— Há um boato correndo entre os alunos — disse Mestra Milagros. — Hesitamos em trazê-lo a vocês, mas precisamos ouvir o que pensam. Aaron, você teve alguma coisa a ver com o ataque do elemental?

— Óbvio que não teve! — gritou Call. Desta vez Tamara não o chutou por se meter na conversa alheia.

— Precisamos ouvir de Aaron — disse Mestra Milagros gentilmente.

Aaron olhou para as próprias mãos.

— Não, eu não fiz isso. Eu não machucaria Call. Não quero machucar ninguém.

— Acreditamos em você, Aaron. Callum é um Makar — disse Mestre Rockmaple, um mago baixo e de barba ruiva. Call não tinha gostado dele no Julgamento de Ferro, mas estava feliz pelo fato de ele acreditar em Aaron. — Existem muitas razões para aqueles que se opõem ao Magisterium e ao que ele representa atacarem um Makar. Acho que nossa primeira preocupação deve ser descobrir

como um elemental malicioso teve acesso ao quarto de um aluno e, mais importante, como podemos garantir que isso nunca mais aconteça.

Call olhou para Aaron. Ele continuava olhando para os próprios dedos, puxando as cutículas. Pela primeira vez, Call notou que as unhas dele estavam completamente roídas.

— Não era um elemental qualquer — disse o Mestre Rufus. — Era um dos grandes elementais. Um dos que estava em nossas próprias celas. Se chamava Skelmis.

Call pensou em Automotones quebrando a casa de um dos amigos do seu pai no ano anterior, louco para destruir Call. Automotones também era um dos grandes elementais. Era perturbador pensar que alguém estava tentando matar Call há mais de um ano e que essa pessoa parecia ser capaz de conseguir as criaturas mais poderosas do Magisterium para isso. Call ficou imaginando se não seria um dos Mestres, afinal. Ele olhou em volta da mesa e estremeceu.

— Agora, talvez precisemos que os três respondam em maiores detalhes — disse Mestre North. — E isso pode levar um tempo. É um inquérito formal sobre Anastasia Tarquin e sobre a hipótese de ela ter sido negligente em sua função de guardiã dos elementais. Mestre Rockmaple vai registrar nossas descobertas e enviá-las à Assembleia.

— Eu já expliquei — disse Anastasia.

Anastasia vestia seu tradicional terno branco, o cabelo cor de gelo estava preso por pentes de marfim. Anéis de ouro branco brilhavam nos dedos. Até a pulseira da mulher era feita de couro cinza claro. A única cor em seu rosto vinha dos olhos, vermelhos por privação de sono e preocupação.

— O elemental Skelmis deve ter sido solto antes de eu colocar os guardas. Só existem duas pedras enfeitiçadas que abrem as criptas onde os elementais estão. Uma delas permaneceu pendurada no meu pescoço. A outra estava no meu quarto, em um cofre fechado por mágica e seguro por três trancas diferentes. Monitorei cuidadosamente todos que entraram e saíram. Vocês viram as anotações. Falaram com os guardas. Colocar a culpa em

mim a fim de ter uma desculpa para expulsar da escola uma integrante da Assembleia não nos ajuda em nada.

— Então só porque você não notou ninguém entrando, ninguém deve ter entrado? É nisso que devemos acreditar? — perguntou Mestre North.

Anastasia se levantou e bateu com as mãos na mesa, fazendo Call saltar.

— Se pretende me acusar de alguma coisa, simplesmente acuse. Acha que estou mancomunada com forças do Inimigo? Acha que coloquei este menino e seus amigos em perigo de propósito?

— Não, é óbvio que não — disse Mestre North, visivelmente espantado. — Não estou acusando você de nada. Estou dizendo que pode se gabar sobre seus guardas o quanto quiser, mas eles não funcionaram.

— Então você só me acha incompetente — disse ele, com a voz gelada.

— O que você prefere? — disse Mestre Rufus, entrando no diálogo. — Porque é uma coisa ou outra. Se Mestre North não diz, eu digo. Era obrigação sua garantir que ninguém libertasse um elemental das criptas subterrâneas. Mesmo assim um deles saiu e quase matou um aluno, um dos meus aprendizes. A culpa é sua, Tarquin, goste você ou não.

— Não é possível — insistiu ela. — Estou dizendo, eu jamais faria nada para machucar Callum ou Aaron. Jamais deixaria um aluno em perigo.

Tamara bufou de escárnio levemente após ser excluída da declaração.

— E mesmo assim eles correram grave perigo — disse o Mestre Rufus. — Então nos ajude a descobrir o que aconteceu.

Anastasia sentou novamente.

— Muito bem. — Ela levou a mão ao pescoço e puxou a corrente de baixo da camisa. Uma gaiola grande fazia as vezes de pingente... e dentro dessa gaiola havia uma chave de bronze cuja cabeça era em formato de cadinho. — Quando assumi a guarda das criptas dos elementais das profundezas, eu me certifiquei de que a chave jamais saísse de perto de mim.

— E quanto à outra? — perguntou Mestre North. — São duas chaves. Você disse que trancou a outra. Alguém poderia ter roubado e depois devolvido?

— É muito improvável — respondeu Anastasia. — A pessoa teria que passar por três tipos diferentes de feitiço de tranca para entrar no meu cofre. E o cofre em si foi trazido para cá junto com o resto dos meus pertences. O próprio Mestre Taisuke me ajudou a colocá-lo na pedra.

— Que tipo de feitiços de tranca? — perguntou Mestra Milagros.

Anastasia hesitou, depois suspirou.

— Suponho que eu vá ter que mudá-los agora, apesar de eu achar muito improvável que alguém tenha feito o que vocês estão sugerindo. Tudo bem. A primeira tranca é uma senha que deve ser dita em voz alta. E não, não vou revelar qual é. Não disse isso a ninguém.

Por um instante, ela encarou a própria mão e suas unhas perfeitas. Anastasia era mais velha do que aparentava ser, mais velha do que Alastair, e, naquele momento, estava parecendo mesmo.

Então ela ergueu a cabeça a sua expressão voltou a ficar séria.

— O segundo é um feitiço bem inteligente, ativado pela senha. Um buraco aparece no cofre, mas se você simplesmente enfiar a mão, um elemental cobra ataca, envenenando o ladrão com uma toxina letal. Para passar por ele, é preciso conjurar fogo dentro da abertura. — Um sorrisinho malicioso se formou no canto de sua boca.

— Legal — disse Aaron baixinho. Call concordou com ele.

— E depois, por último, há um feitiço final, criado por mim. Vocês são as primeiras pessoas para quem conto sobre ele e lamento que depois disso ele precise ser substituído. Depois que o fogo é conjurado, nada muda visualmente. A essa altura a pessoa poderá enfiar a mão pelo buraco desde que o faça lentamente. Se tirar a mão rapidamente, alarmes disparam e o cofre se fecha outra vez. Contudo, é criada a ilusão de um elemental cobra saindo da abertura em posição de ataque, o que torna compreensível a tentação de recolher a mão depressa.

Por um instante todos ficaram em silêncio. Call tinha certeza de que estavam maravilhados com os dispositivos de segurança criados por Anastasia, mas também achava que estavam maravilhados com sua astúcia, pois eram feitiços bem criativos.

— Acabamos, afinal? Algo maléfico está entre nós aqui no Magisterium — disse Anastasia, com a cabeça erguida. — Todos sabemos disso. É por esse motivo que eu vim. Sugiro que a gente descubra a fonte em vez de fazer acusações sem base. Antes que seja tarde.

Mestre North voltou-se para Call, Aaron e Tamara.

— Queremos que entendam que nada parecido aconteceu no Magisterium e vamos nos certificar de que jamais volte a acontecer. Vocês três estão dispensados. Vamos prosseguir com a reunião, mas não duvidem de que vamos descobrir o que aconteceu.

Estava nítido que os magos talvez fossem passar a noite toda discutindo, apesar de não terem nenhuma pista pela qual começar. Call pensou, de repente, em Jericho Madden, e em como a sua morte tinha sido acidental — um experimento que fracassou. Será que houve um inquérito depois? Várias pessoas se acusando inutilmente?

— Ainda acredito que o mais seguro seria *ensiná-los* — disse Anastasia, a irritação em sua voz era inconfundível. — Pode me achar negligente em minhas obrigações, mas isso não quer dizer que não tenha sido relapso nas suas também.

— Eu já os ensino — disse Mestre Rufus, lançando seu olhar mais austero a ela. — Ensino o que eles precisam saber.

— Ah — disse ela, e pareceu explícito que não estava mais incomodada, já que tinha certeza de que estava com a vantagem. — Então Aaron e Callum sabem que têm o poder de remover uma alma de dentro do corpo? Eles sabem como fazer? Que alívio, porque achei que você tivesse tanto medo das habilidades deles que estava planejando não contar, mesmo que isso os matasse.

— Eu liberei nossos alunos — disse Mestre North com exaltação incomum. — Tarquin, deixe os garotos irem embora. Ouse me desafiar de novo e eu vou bani-la da escola, independente das ordens da Assembleia.

Do lado de fora da sala de reunião, Call se voltou para Aaron e Tamara. Tamara ergueu as sobrancelhas em um gesto que parecia capturar o quão completamente estranho tinha sido aquilo tudo. Aaron balançou a cabeça. Viram um caminho familiar após alguns passos, o que foi bom, considerando que as pedras-guia só apontavam em uma direção e ficariam eternamente conduzindo o grupo à sala de reunião.

Finalmente, Aaron falou.

— Ainda bem que saímos de lá antes do encontro de Jasper. Eu estava ficando preocupado.

— Você não acha de verdade que Celia é a espiã, né? — perguntou Call. — Quer dizer, não *pra valer*, certo?

— Sei que você não quer que seja ela — disse Aaron, passando por uma área pantanosa que florescia em azul sob a respiração deles. — Sei que você acha que ela é sua amiga, mas temos que ter cuidado. Celia fez algo estranho na época dos dois ataques. Pode ser coincidência. Ou, talvez não.

— Então como essa coisa toda do encontro com Jasper vai ajudar? — perguntou Tamara. — Mesmo que ela seja a espiã, Jasper não é o alvo.

— Jasper me prometeu que falaria coisas sobre Call. Se ela morder a isca, saberemos.

Tamara revirou os olhos. Ela provavelmente achou que Call não notaria à pouca luz do pântano, mas ele notou.

↑≋△○@

Chegaram sem fôlego à Galeria, que estava iluminada para a noite com riachos reluzentes de lodo, brilhando em azul e verde. Alunos mergulhavam em piscinas fundas de água que brilhavam em turquesa. Call se lembrou da primeira vez em que tinha estado aqui: Celia o tinha convidado durante o Ano de Ferro, e foi uma das coisas no Magisterium que ele gostou muito. Na ocasião ele tinha ficado sem fôlego e percebido que estava diante de coisas que nenhuma pessoa comum jamais veria.

Agora ele olhava para o local com mais familiaridade. Chegava até a reconhecer algumas pessoas — em um canto, estavam Alex,

a irmã de Tamara e outra menina do Ano de Ouro. Gwenda e Rafe pulavam em uma das piscinas, jogando água um no outro. Kai estava perto dos tubos de vidro que liberavam bala que espumava, cavando uma montanha de doces com uma das mãos e segurando um livro com outra.

— Olha só isso! — gritou alguém. Por um segundo Call pensou ter visto uma figura magrinha, de cabelos castanhos e com uma camiseta gasta, acenando para ele. Alguém cujos olhos brilhavam pretos em um rosto pálido demais.

Drew.

Call piscou, e a visão entrou em foco na figura de Rafe, que dava um salto com tudo na piscina, espirrando água para todos os lados. Pessoas bateram palmas e vibraram; Aaron se inclinou e sussurrou para Call e Tamara:

— Lá estão eles.

Ele apontou para onde Jasper e Celia estavam sentados em um grande sofá roxo. Celia estava bonita, com um vestido cor-de-rosa, os cabelos amarrados em um rabo de cavalo. Jasper estava Jasper.

Uma vasilha de pedra flutuava entre eles. Celia colocou os dedos dentro dela e, ao puxá-los de volta, estavam brilhando. Ela os soprou e bolhas multicoloridas subiram em espiral para o teto. Celia riu.

— Putz — disse Call. — Celia está com os olhos esbugalhados para Jasper. Isso é tão estranho... Ela nem *gosta* dele. Ou, pelo menos, se gosta, nunca disse nada.

— Ela está atraindo Jasper para suas garras — disse Aaron.

— Vocês são dois idiotas — disse Tamara, soando resignada. — Vamos.

Sorrateiramente, os três foram até o bar cheio de petiscos e balas que ficava perto da parede. Estava escuro; Call seguiu a luz das presilhas de ouro brilhantes de Tamara. Quando emergiram do outro lado, estavam atrás do sofá roxo, muito mais perto de Jasper e Celia. Era a vez de Jasper colocar os dedos na vasilha, aparentemente. Ele lançou um olhar expressivo a Celia e em seguida soprou os dedos. Bolas em forma de corações subiram para o ar.

— Ah, que nojo — disse Call. — Eu vou vomitar.

Tamara precisou colocar a mão na boca para abafar a risada.

— É um encontro — disse ela quando parou de rir. — Em encontros as pessoas devem se divertir.

— Ou fingir que estão se divertindo — disse Aaron, estreitando os olhos para Celia. Ele realmente parecia acreditar que ela podia ser uma espiã.

— O que tem de divertido em olhar um para a cara do outro? — perguntou Call.

— Certo — disse Tamara, lançando um olhar impenetrável aos meninos. — Se vocês dois engraçadinhos fossem sair com alguém, o que fariam?

Call viu as bochechas de Celia ruborizarem quando Jasper se inclinou e disse alguma coisa para ela. Era estranho assistir. Para começar, era bizarro ver Jasper sendo legal com alguém. Normalmente, mesmo quando ele estava disfarçado de alguém-não-muito-babaca, tinha uma ar de arrogância ao falar. Com Celia, no entanto, parecia agir como uma pessoa normal.

E ela parecia interessada nele.

O que era *totalmente injusto*, considerando que o único motivo pelo qual Jasper a convidou para sair foi acobertar o que estavam realmente fazendo na biblioteca.

Pensando bem, Celia sempre dizia que Call estava exagerando quando ele chamava Jasper de babaca. Talvez ela gostasse mesmo de Jasper! Talvez só estivesse fingindo gostar de Call para se aproximar dele.

— Não sei — disse Aaron. — Faria o que a garota em questão quisesse fazer.

Call tinha se esquecido da pergunta que Aaron estava respondendo. Por um instante, torceu para que Celia fosse a espiã no fim das contas. Seria bem feito para Jasper.

Tamara cutucou Call no ombro.

— Uau. Você realmente deve gostar dela.

— Quê? N-não! — disparou ele. — Eu só estava viajando aqui! Sobre como Jasper é um babaca.

Aaron assentiu vigorosamente. Jasper e Celia estavam mergulhando os dedos ao mesmo tempo e soprando, criando bolhas em formato de borboletas e pássaros que flutuavam. Os dois

começaram a rir quando um dos pássaros de Jasper desceu para comer uma das borboletas de Celia.

Agora está mais real! Call sorriu. Ficou imaginando o que aconteceria se ele conjurasse a ilusão de um gato para perseguir os pássaros.

— Se gosta tanto assim dela, você deveria convidá-la para sair — disse Tamara lentamente, escolhendo as palavras com cuidado. — Quer dizer, acho que ela perdoaria, se você explicasse.

— Explicasse o quê? — perguntou Aaron.

Call ouviu quando Jasper começou a reclamar sobre Fofinho, o furão de Gwenda. Celia tinha contado a Call sobre a reação alérgica de Jasper a Fofinho no *ano passado*, então Jasper sabia que ela sabia. Mesmo assim, Celia fingiu que era uma informação nova. Jasper acreditou. Continuou falando sem parar do furão e sobre como não gostava dele, e ela agiu como se estivesse *fascinada*.

Call queria gritar.

— Ahh, olha — disse Celia quando Jasper finalmente esgotou o assunto do furão. — Alex Strike acabou de colocar um filme. Quer assistir?

Alex era mago do ar, e uma das maneiras com as quais ele demonstrava o próprio talento era formando ar colorido contra a parede da caverna da Galeria, criando a ilusão de filmes populares. Às vezes ele mudava os finais para se divertir. Call tinha uma lembrança nítida de um Ewok, um droide e o fantasma de Darth Vader dançando a conga na versão de Alex do *Retorno de jedi*.

Jasper pegou a mão de Celia e a ajudou a levantar do sofá. Os dois foram para o lado oeste do recinto, onde fileiras de bancos baixos tinham sido armadas. Encontraram dois assentos contíguos quando a luz naquela parte da caverna diminuiu e as primeiras cenas de um filme começaram a passar na parede.

— Lá vamos nós — sussurrou Aaron. — Ela vai se aproveitar do escuro e nocautear Jasper.

Call de repente se cansou daquilo tudo.

— Não, ela não vai — disse. — Eu já fiquei sozinho com ela várias vezes. Se ela quisesse me machucar, poderia ter feito isso. Deveríamos desistir dessa ideia. O único perigo desse encontro é Jasper fazê-la morrer de tédio.

— Ou nós morrermos pelo mesmo motivo — murmurou Tamara. — Call tem razão, Aaron. Jasper prometeu interrogá-la sobre Call, mas acho que podemos afirmar com segurança que ele se esqueceu disso.

Formas se moviam contra a parede, projetando estranhos padrões de luz. Call podia ver Alex sentado no fundo, movendo as mãos lentamente para fazer as imagens dançarem. Pelo que Call podia notar, o filme era uma combinação de *Toy Story* com *Parque dos dinossauros*, onde brinquedos eram perseguidos por velociraptors.

— Não vai dar em nada — disse Call. — Mas tenho uma ideia do que podemos fazer hoje à noite.

Isso fez Aaron olhá-lo surpreso.

— O quê?

— Se alguém foi até as criptas dos elementais e libertou Skelmis, então existem ao menos algumas testemunhas. Tem que haver.

— Os outros elementais — disse Tamara, percebendo de cara o que ele queria dizer. — Eles continuam presos lá embaixo. Provavelmente viram o que aconteceu.

— Mas a Assembleia já não teria perguntado a eles? — indagou Aaron.

— Não necessariamente — respondeu Call. — A maioria das pessoas tem muito medo de elementais. Não os consideram criaturas com as quais se possa conversar. E é difícil enfrentá-los. Mas tendo dois Makaris... e uma vez que esses elementais estão presos...

— É um plano louco — disse Tamara, mas seus olhos castanhos estavam despertos.

— Está dizendo que não quer fazer? — perguntou Call.

— Não — respondeu Tamara. — Só estou falando que é um plano louco. Como chegaríamos lá embaixo?

— Anastasia praticamente nos explicou isso durante a reunião — disse Call. — Ela disse que guarda uma chave no quarto e outra em volta do pescoço. Tudo que precisamos fazer é entrar no quarto dela quando ela não estiver.

— E os guardas? — perguntou Aaron. — Os que ficam na porta?

— A gente se preocupa com isso quando chegar lá — respondeu Call. — Se o espião entrou, tem que haver um jeito. E se não fizermos isso hoje, ela vai mudar as trancas. Não teremos outra chance.

Aaron lançou um último olhar desconfiado a Celia e fez que sim com a cabeça. Juntos, os três foram sorrateiramente para o corredor. Ao partirem na direção dos quartos dos Mestres, Call percebeu que o plano tinha três complicadores. Um, ele não sabia qual era o quarto de Anastasia Tarquin. Dois, ele não tinha como entrar. Três, uma vez lá dentro, teriam que adivinhar a senha dela.

Quão difícil pode ser?, Call se perguntou. A senha provavelmente era alguma coisa óbvia. Alguma coisa que poderiam descobrir só de olhar para os pertences dela.

E o quarto também poderia ser óbvio. Ele olhou para Tamara e Aaron. Ambos pareciam prontos a se deixar convencer de que o plano poderia dar certo. Talvez já tivessem pensado em uma maneira de fazer com que desse. E, seja como for, ao menos estariam fazendo alguma coisa em vez de simplesmente esperando que o espião atacasse outra vez.

Call suspirou. Se os Mestres da Assembleia não conseguiam resolver a situação, então estava por conta deles.

CAPÍTULO DEZ

Não levaram muito tempo para chegar à área dos Mestres. Call nunca tinha ido naquela parte do Magisterium. Apesar de não ser proibido, os únicos alunos que normalmente se aventuravam eram assistentes, como Alex, cumprindo funções ou levando recados. Fora isso, vir até aqui era um convite para encrenca.

Call, inclusive, estava com dificuldades para andar com confiança como normalmente fazia, conforme Tamara o aconselhou. Ele queria se esconder perto das paredes, fugir das vistas, apesar de poucos alunos terem passado por eles. Nenhum Mestre apareceu. Ainda estavam todos enfiados naquela reunião, tentando entender o que tinha dado errado, o que era bom para o plano de Call. Mas, ao mesmo tempo, isso deixou as coisas um pouco assustadoras quando eles viraram nos corredores onde ficavam os aposentos dos Mestres.

Foi divertido tentar adivinhar qual porta era de quem. A do Mestre Rockmaple devia ser a enorme porta cravejada com bronze; a do Mestre North, uma lisa de metal; a do Mestre Rufus, uma de prata escovada. A de Mestra Milagros obviamente era uma com a foto de um gatinho pendurada por um fio e com os dizeres AGUENTE FIRME.

A de Anastasia foi tão fácil de identificar quanto as deles. Um grosso tapete branco tinha sido colocado na frente e a porta em si era feita de mármore claro com veios pretos que pareciam fumaça. Call se lembrou do carregamento de móveis caros e brancos que vira os empregados de Anastasia descarregarem no primeiro dia de aula.

— Esse é o dela — disse Call, apontando. — Tem que ser.

— Concordo — Aaron se aproximou, tamborilou os dedos no mármore. Examinou as beiradas da porta, mas assim como todas do Magisterium, não havia dobradiças, só a parte lisa onde era preciso passar a pulseira para entrar. Em dado momento Aaron deu um passo para trás e levantou a mão. Call sentiu o puxão familiar sob as costelas.

Aaron estava prestes a usar magia do caos.

— Calma — disse Call. — Não... só se for absolutamente necessário.

A sensação de puxão desapareceu, mas Aaron lançou a ele um olhar que quase machucou.

— O que você tem contra magia do caos de repente?

Call tentou colocar seus pensamentos desorganizados em palavras.

— Acho que usar magia do caos faz os Mestres virem correndo — disse ele. — Acho que eles podem sentir de alguma forma, ao menos quando é aqui dentro do Magisterium.

— Achei que tinha sido a bagunça de Skelmis em nosso quarto que fez com que aparecessem tão rápido — disse Tamara pensativamente. — Mas eles realmente chegaram rápido demais para ter sido só um barulho. Call pode estar certo.

— Tudo bem, então — disse Aaron. — O que você sugere?

Passaram os dez minutos seguintes tentando abrir a porta de todos os jeitos que conseguiram pensar. Tamara lançou um feitiço de fogo, mas a porta nem se mexeu. E também não reagiu a congelamento, nem a “abra-te sésamo”, nem ao feitiço de destrancamento que Tamara tinha usado nas jaulas da vila da Ordem da Desordem. Apenas ficou ali parada, sendo a porta que era.

E também não reagia a chutes, Call descobriu.

— Sério? — disse Aaron, depois de terem esgotado as ideias. Os três estavam apoiados contra a parede oposta, suando. Aaron encarou o pôster de gatinho da Mestra Milagros. — Tanta preocupação com o cofre e não conseguimos passar nem da porta.

— Alguém passou pela *nossa* porta — observou Tamara.

— Então é possível — disse Call. — Ou, pelo menos, deveria ser. Quer dizer, sabíamos que não seria fácil. Essas portas são a segurança do Magisterium. Acenar uma pulseira qualquer realmente não deveria abri-las. — Ele passou o braço na frente da porta para enfatizar.

Ouviu-se um clique.

Tamara automaticamente endireitou a postura.

— A porta acabou de...?

Aaron deu dois passos largos pelo corredor e empurrou a porta. Abriu com facilidade. Estava destrancada.

— Não está certo. — Tamara não parecia estar gostando daquilo; parecia incomodada. — O que foi isso? O que aconteceu? — Ela virou para Call. — Você está só com a sua pulseira normal?

— Sim, é óbvio, eu... — Call puxou a manga da blusa térmica. E observou longamente. Sua pulseira estava no lugar, é verdade. Mas ele tinha se esquecido da pulseira que tinha subido pelo braço até a altura do cotovelo.

A pulseira do Inimigo da Morte.

Tamara respirou fundo.

— Isso *também* não faz sentido.

— Vamos ter que tentar entender mais tarde — disse Aaron da entrada. — Não sabemos quanto tempo temos no quarto dela. — Ele parecia agitado, mas muito mais feliz do que há poucos instantes.

Call e Tamara o seguiram para dentro, apesar de a expressão de Tamara ainda ser de preocupação. Call sentiu a pulseira do Inimigo queimar em seu braço. Por que não a deixou em casa, com Alastair? Por que quis usá-la na escola? Ele *detestava* o Inimigo da Morte. Mesmo que de alguma forma fossem a mesma pessoa, ele detestava tudo que Constantine Madden defendia e tudo que ele havia se tornado.

— Uau — disse Tamara, fechando a porta atrás deles. — Olha só esse quarto.

O quarto de Anastasia era impressionante. As paredes cintilavam, repletas de quartzos. Um grosso tapete branco cobria o chão. O sofá era de veludo branco, a mesa e as cadeiras eram brancas. Até os quadros nas paredes eram pintados em tons de branco, creme e prata.

— É como estar dentro de uma pérola — disse Tamara, dando uma volta completa.

— Eu estava pensando que é como estar dentro de uma barra de sabão gigante — disse Call.

Tamara lançou a ele um olhar cansado. Aaron que, perambulava pelo quarto, olhou atrás de um armário de louças (branco e com louças brancas), atrás de uma prateleira (branca, cheia de livros

envoltos em capas brancas), e embaixo de um baú (branco) no chão. Finalmente se aproximou de uma grande tapeçaria pendurada em uma das paredes. Era tecida em fios nas cores creme, marfim e preto, e retratava uma montanha branca de neve.

La Rinconada?, Call ficou imaginando. *O Massacre Gelado?*

Mas não dava para ter certeza.

Aaron puxou a tapeçaria de lado.

— Achei — disse ele, levantando e tirando a peça do lugar. Atrás dela havia um enorme cofre, feito de aço esmaltado. Até isso era branco.

— Talvez a senha seja alguma variação da palavra *branco*? — sugeriu Aaron, olhando ao redor do cômodo. — É definitivamente a praia dela.

Tamara fez que não.

— Seria fácil demais alguém falar essa palavra sem querer aqui dentro.

Aaron franziu a testa.

— Então de repente o oposto? Âmbar-negro? Ônix? Ou uma cor bem brilhante. Rosa néon!

Nada aconteceu.

— O que sabemos sobre ela? — perguntou Call. — Que é membro da Assembleia, certo? É casada com o pai de Alex, cujo sobrenome é Strike, então obviamente ela não usa o nome do marido.

— Augustus Strike — disse Tamara. — Ele morreu há alguns anos, mas já era muito velho. Ela vinha cuidando das coisas dele há anos, meus pais me disseram.

— E ela falou alguma coisa sobre um marido antes de Augustus... e sobre ter filhos — disse Call. — Talvez ela tenha se divorciado, mas se não for isso, duas pessoas que se casaram com ela, morreram. Talvez ela seja uma dessas pessoas que mata os maridos pelo dinheiro.

— Uma viúva negra? — disse Tamara com desdém. — Se ela tivesse matado Augustus Strike, as pessoas saberiam. Ele era um mago muito importante. Ela conseguiu ocupar uma cadeira na Assembleia por causa dele; antes do casamento ela era só uma feiticeira europeia desconhecida.

— Vai ver que ela só é azarada — disse Call. Ele não tinha se tocado de que o pai de Alex estava morto. Imaginou se os pais de Tamara tinham dissuadido Kimiya de namorá-lo graças à ausência de conexões. Agora, Alex e Kimiya pareciam próximos de novo, mas Call não sabia ao certo o que isso significava.

— Alexander — disse ele em voz alta. — Alexander Strike.

Também não era a senha.

— Sabemos exatamente de onde eles vêm? — perguntou Aaron. — A Europa é um lugar bem grande.

— França! — gritou Call. Nada aconteceu.

— Não grite *França*, simplesmente! — Tamara o repreendeu. — Existem vários outros países.

— Vamos dar uma olhada pelo quarto e ver o que conseguimos achar — disse Call, jogando as mãos para o alto. — O que as pessoas usam como senhas? A data do próprio aniversário? Dos aniversários dos bichos de estimação?

Tamara encontrou um caderno, de capa de couro cinza clara, sob uma pilha de livros. Continha anotações sobre as idas e vindas de guardas, nomes de elementais e um bilhete parcialmente redigido para a Assembleia, explicando como as medidas de segurança poderiam melhorar no Magisterium e no Collegium enquanto os Makaris ainda fossem aprendizes.

Tamara foi lendo qualquer coisa que parecesse uma senha, mas o cofre não se alterou.

Aaron descobriu um montinho de fotos. Nelas, várias pessoas de expressão austera, dois bebês e, parada em um dos cantos, uma mulher muito jovem, de cabelo escuro e usando um vestido largo. As fotos eram granuladas e nada nelas era familiar. A paisagem era rural, com campos de flores atrás deles. Será que uma das crianças era Alex? Call não sabia dizer. Ele sempre achava todos os bebês iguais.

Não havia nada escrito nos versos das fotos. Nada que pudesse ajudá-los a descobrir uma senha.

Por fim, Call olhou embaixo da cama. A essa altura ele estava começando a se sentir um pouco desesperado. Estavam tão próximos de conseguir a chave e falar com os elementais, mas,

cada vez mais, ele começava a achar impossível descobrir a senha de uma pessoa que mal conhecia.

Havia alguns sapatos brancos de salto baixo e um único chinelo cor de creme. Atrás deles havia uma caixa de madeira. Provavelmente era a única coisa no quarto que não tinha alguma variação da cor branca. Ao chegar mais perto, Call se perguntou se a caixa era mesmo de Anastasia. Talvez tivesse sido esquecida pelo antigo ocupante do quarto.

Ele a empurrou para o outro lado e deu a volta na cama para inspecioná-la. Madeira gasta e dobradiças enferrujadas — nem um pouco o estilo da ocupante atual.

— O que você encontrou aí? — perguntou Aaron, indo para perto de Call. Tamara sentou ao lado deles.

Call levantou a tampa...

... e Constantine Madden o encarou de volta.

Call sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

Era Constantine na foto, sem dúvida. Ele conhecia aquele rosto tão bem quanto conhecia o próprio, por diversos motivos.

Constantine não estava totalmente visível. Metade do rosto era jovem e ainda bonita. A outra estava coberta por uma máscara de prata. Não era a mesma que o Mestre Joseph usou um dia para enganar a todos se passando pelo Inimigo. Essa era menor — escondia as terríveis queimaduras que Constantine tinha sofrido ao escapar do Magisterium, mas isso era tudo.

Constantine estava de pé no meio de um grupo de magos, todos com o mesmo uniforme verde. Call só reconheceu um deles: Mestre Joseph. Ele também estava mais jovem na foto, os cabelos castanhos em vez de grisalhos.

Os olhos acinzentados e nítidos de Constantine encararam Call. Era como se sorrisse para ele através dos anos. Sorrisse para si mesmo.

— Esse é o Inimigo da Morte — disse Aaron com a voz baixa, inclinando-se sobre o ombro de Call.

— E Mestre Joseph, e vários outros seguidores de Constantine — disse Tamara, com a voz baixa. — Reconheço alguns deles. Estou começando a achar que...

— Que Anastasia Tarquin fazia parte do grupo? — perguntou Call. — Definitivamente tem alguma coisa estranha acontecendo. A pulseira do Inimigo abriu a porta, ela tem fotos dele...

— Pode ser que ela esteja guardando essas fotos não por causa de Constantine — disse Tamara —, mas ser por causa de qualquer uma dessas pessoas.

Call ficou de pé e suas pernas pareciam bambas. Com as mãos em punho junto às laterais do corpo, ele encarou o cofre.

— Constantine — disse ele.

Nada aconteceu. Tamara e Aaron ficaram onde estavam, olhando para Call meio agachados sobre a caixa aberta de Anastasia. Ambos tinham a mesma expressão — aquela que Call entendia como Tendo que Lidar com o Fato De que Call É Mau. A maior parte do tempo eles conseguiam ignorar ou esquecer que a alma de Call era a de Constantine Madden.

Mas nem sempre.

Call pensou nos seguidores do Inimigo da Morte. O que os havia atraído para Constantine? A promessa de vida eterna, de um mundo sem morte. A promessa de que toda perda seria revertida e toda dor apagada. Uma promessa que o Inimigo fez a si mesmo quando seu irmão morreu e que depois estendeu aos seus seguidores. Call nunca tinha experimentado uma perda de verdade e não conseguia imaginar como seria isso — ele sequer lembrava da mãe —, mas dava para imaginar o tipo de seguidores que Constantine sem dúvida atraía. Pessoas de luto, ou que temiam a morte. Pessoas para as quais a determinação de Constantine em recuperar o irmão teria sido um símbolo.

Anastasia tinha perdido vários maridos, afinal. Talvez quisesse um deles de volta.

Call ergueu a mão, olhou para a pulseira do Inimigo, e depois, novamente, para o cofre.

— Jericho — disse ele.

Ouviu-se um clique, e o cofre abriu.

Call, Tamara e Aaron ficaram imóveis com o som. Estava destrancado. Eles conseguiriam descer para ver os elementais. O plano tinha dado certo. No entanto, Call ainda estava nervoso o suficiente para que suas mãos tremessem.

Anastasia parecia uma pessoa gentil e não assassina, mas mesmo assim, ou ela estava tentando matá-lo, ou estava ao seu lado por motivos horríveis. Ele não gostava de nenhuma das opções.

— Então... melhor conjurar fogo na tranca — disse Tamara. — Antes que a elemental cobra venenosa saia.

— Ah, sim. — Call vasculhou seus pensamentos tentando organizá-los. Estalando os dedos, criou uma chama. Em seguida, aproximando-se da abertura do cofre, fez a chama crescer em uma linha longa e fina; como uma flecha sem arco. Ele lançou a chama, que chiou brevemente, parecendo se expandir, e finalmente explodiu no espaço diminuto da abertura. Call não sabia dizer se havia um elemental ali dentro, encolhendo-se. Será que tinha lançado fogo o suficiente para destruí-lo? Será que a criatura tinha sido dissipada ou simplesmente deslizado para algum canto?

Call esticou o braço para enfiá-lo no buraco no cofre.

Não hesite, disse a si mesmo. *Não se mova rápido demais. Se vir uma cobra, é uma ilusão.*

Seus dedos esticaram no momento em que ouviu a respiração de alguém atrás de si.

— Call — disse Aaron em alerta —, não vá rápido demais.

A cabeça da cobra deslizou para fora do buraco quando a mão de Call passou por ele. Era de um verde tóxico, os olhos pretos como duas gotículas de tinta derramada. Uma pequena língua laranja apareceu, farejando o ar.

Os pelos nos braços de Call ficaram arrepiados. A pele retesou com a sensação de uma cobra deslizando sobre ela, fria e seca. Era uma ilusão? Não parecia uma ilusão. Todos os músculos do seu corpo se contraíram quando, contra todos os seus instintos, ele foi mais fundo no cofre. Apalpou por um instante, espirais do que parecia ser uma corda lisa.

Call estremeceu involuntariamente. Fora do cofre, a cobra começou a subir pelo seu braço.

— Anastasia não teria mentido para os Mestres, teria? — perguntou Call com uma voz apenas ligeiramente vacilante. — Isso é uma ilusão, certo?

— Mesmo que não seja, não acho que você deva assustá-la — disse Tamara em tom assertivo, mas parecendo nervosa.

— Tamara! — repreendeu Aaron. — Call, temos certeza. É uma ilusão. Continue. Está quase lá.

Aaron provavelmente deveria ter sido o encarregado de fazer isso, Call pensou. Aaron definitivamente não estaria cogitando soltar um gritinho agudo e correr sem sequer se preocupar com o alarme.

Mas junto com esse pensamento vinha uma pontinha de dúvida. Se Aaron o quisesse morto, que jeito poderia ser mais eficaz do que mandá-lo fazer alguma estupidez? O que poderia ser melhor do que encorajá-lo a ser corajoso e tolo?

Não, Call disse a si mesmo, *Aaron não é assim. Aaron é meu amigo.*

A cobra tinha chegado ao pescoço de Call. Então começou a dar a volta nele, transformando-se em um colar... ou em um nó.

Nesse momento o dedo de Call tocou o que pareceu uma chave. O metal denteado pareceu frio contra a pele. Ele fechou a mão ao redor do objeto.

— Peguei. Eu acho — disse, começando a retirar a mão.

— Devagar! — ordenou Aaron, quase o fazendo saltar.

Ele olhou fixamente na direção de Aaron.

— Estou indo devagar!

— Estamos quase lá — disse Tamara.

O braço de Call emergiu do cofre e depois a mão, a chave dentro nela. Assim que estava livre, a cobra desapareceu em uma lufada de fumaça malcheirosa, e o cofre se soltou.

Conseguiram. Estavam com a chave de bronze.

↑≋△○@

Fecharam a porta do quarto de Anastasia tão rápido quanto puderam e se apressaram para a passagem profunda do Magisterium onde ficavam os elementais. Call olhava o tempo todo para trás, nervoso, quase esperando que Rufus ou um dos outros Mestres tivessem descoberto o que estavam fazendo e estivessem vindo atrás deles.

Mas não havia ninguém. Os corredores estavam quietos, e ficaram ainda mais silenciosos à medida que as pedras ao redor deles iam ficando mais lisas, as paredes e o chão transformando-se num mármore tão polido que chegava a ser escorregadio. Passaram por mais portas talhadas com símbolos alquímicos, mas dessa vez Call não parou para olhá-las. Estava mergulhado em reflexões a respeito de Anastasia Tarquin, da foto em seu quarto. Pensava em Mestre Joseph. Será que Anastasia Tarquin era uma de suas servas? Será que ela era a espiã do Magisterium e estava cuidando de Call porque — apesar de todos os acontecimentos — ele ainda era o Escolhido do Mestre Joseph, a alma do Inimigo da Morte?

Tamara parou diante de uma porta enorme feita com os cinco metais do Magisterium — ferro, cobre, bronze, prata e ouro. Brilhava suavemente à luz ambiente do corredor. Ela virou para olhar para Call e Aaron com uma expressão determinada.

— Deixem que eu cuido disso — disse, e bateu uma vez à porta, com força.

Após uma longa pausa a porta abriu. Um dos jovens guardas de quem Call se lembrava olhou para Tamara com desconfiança.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. Parecia ter mais ou menos dezenove anos, com cabelo preto bagunçado. Os uniformes do Collegium eram azul-escuros, com listras de diferentes cores na manga. Call desconfiava que elas significassem alguma coisa; tudo no mundo dos magos significava. — O que foi, garota?

Foi admirável a forma com que Tamara conseguiu conter a irritação em ser chamada de “garota”.

— Os Mestres querem falar com você — disse ela. — Disseram que é importante.

O menino aumentou a abertura da porta. Atrás dele, Call pôde ver a antessala, com seu sofá e as paredes vermelho-escuras. O túnel que se estendia. Seu coração acelerou. Estavam muito perto.

— E eu tenho que acreditar nisso? — perguntou o guarda. — Por que os Mestres iriam querer que eu abandonasse meu posto? E por que mandariam uma pessoa insignificante como você?

Aaron trocou um olhar com Call. Se o garoto do Collegium não se acalmasse, Call pensou, acabaria no chão, com a bota de Tamara no pescoço.

— Sou assistente do Mestre North — disse Tamara. — Ele pediu para que eu entregasse isso. — Tamara entregou a pedra-guia. Os olhos do menino ficaram arregalados. — Irá levá-lo ao local da reunião; querem que você apresente provas sobre as proteções desse local. Do contrário, pode se encrencar, ou a sua chefe pode se encrencar.

O menino pegou a pedra-guia.

— Não foi culpa dela — disse ele, soando ressentido. — Nem dos guardas. Aquele elemental veio de outro lugar.

— Então vai lá contar isso pra eles — disse Tamara.

Agarrando a pedra-guia, o guarda fechou a porta atrás de si, e Call ouviu os estalos de dezenas de trancas enquanto elas entravam no lugar.

— Deem o fora daqui — disse ele, olhando brevemente para os três, e depois seguiu pelo corredor.

Quando o guarda sumiu de vista, Call pegou a chave no bolso.

Havia um ponto na imensa porta no qual ela se encaixava perfeitamente, e ao ser colocada ali, um traçado de símbolos começou a brilhar por toda a porta. Palavras que Call nunca tinha visto na vida se revelaram: *nem carne, nem sangue, mas espírito*. Enquanto Call tentava entender o que significavam, a porta abriu para dentro.

Eles entraram, passando rapidamente pela antessala até o corredor vermelho-escuro. Era curto e levava a um segundo par de portas imensas e altíssimas, como as de uma catedral gigantesca.

Mas nessas também havia um encaixe, um buraquinho quase pequeno demais para ser notado. Call engoliu em seco e colocou a chave de bronze ali. As portas abriram com um ronco.

Os três entraram.

Call não sabia o que esperar, mas o súbito calor do recinto o surpreendeu. O ar estava carregado e tinha um cheiro azedo e metálico. Parecia haver uma enorme fogueira ardendo, mas não se via fogo algum. Dava para ouvir água correndo ao longe e, mais perto, o rugido de chamas. Portais em arco escavados na pedra levavam a cinco direções diferentes. Na pedra também se liam talhadas algumas palavras conhecidas: O *fogo quer queimar, a água quer correr, o ar quer levitar, a terra quer unir, o caos quer devorar*.

— Qual caminho?

Aaron deu de ombros, depois girou com um braço esticado que apontava aleatoriamente, como um cata-vento.

— Aquele — disse ele quando parou. O arco para o qual apontava parecia o idêntico aos outros.

— Warren? — Call chamou baixinho. Parecia um palpite arriscado achar que o lagartinho poderia ouvi-lo daqui, mas Warren já tinha aparecido em lugares estranhos e horários esquisitos anteriormente. — Warren, precisamos da sua ajuda.

— Não tenho certeza disso — disse Tamara, indo na direção que Aaron escolheu. — Não confio nele.

— Ele não é tão ruim assim — disse Call, embora não conseguisse deixar de pensar em como Warren os tinha levado a Marcus, o antigo Mestre do Mestre Rufus, agora um dos Devorados, atraído pelo elemento do fogo ao usar demais o seu poder. Ainda assim, Marcus não os machucou. Só assustou.

Passado o portal, o caminho estava na penumbra. Não parecia ser um corredor. Estava mais um espaço vazio com pedras derrubadas, cortado por uma trilha que levava a mais escuridão. Havia uma tocha em uma parede, queimando em uma luz verde; Aaron a pegou e foi na frente, com Call e Tamara logo atrás.

A trilha descia e se tornava um ressalto sobre um buraco fundo. O coração de Call começou a bater forte. Ele sabia que havia grandes elementais presos ali, sabia que teoricamente os magos conseguiam se aproximar sem ser devorados — e exatamente isso permitia o aprisionamento dessas criaturas. Mas à luz fraca da tocha de Aaron, Call não conseguia deixar de ter a sensação de que estavam se aproximando da toca de um dragão, e não de um conjunto de celas.

Um pouco mais adiante havia uma alcova na parede. Dentro dela pairava uma serpente alada, coberta de penas cor de laranja, vermelhas e azuis, brilhantes mesmo no escuro.

— O que é isso? — Call perguntou a Tamara.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca vi antes. Parece um elemental do ar.

— Devemos acordá-la? — sussurrou Aaron.

Eles devem estar presos por correntes, certo?, Call pensou, mas não viu nenhuma. Nem barras de prisão, nem nada. Só eles e um elemental mortífero a poucos metros de distância.

— Não sei — respondeu Call, sussurrando. Call vasculhou o cérebro, pensando nos monstros dos livros que já tinha lido, mas não conseguia pensar em como esse se chamava.

Um dos olhos da criatura abriu revelando uma pupila grande e preta; a íris, em um tom intenso de roxo, tinha formato de estrela.

— Crianças — sussurrou a criatura. — Eu gosto de crianças.

A parte “no café da manhã” não foi dita, mas pareceu bem explícita para Call.

— Eu sou Chalcon. Vieram me comandar? — A ansiedade com que perguntou deixou Call nervoso. Ele queria comandá-la. Queria forçá-la a contar a ele tudo o que sabia; ou, melhor ainda, a encontrar e devorar o espião. Mas ele não sabia ao certo qual seria o preço disso. Se tinha uma coisa que aprendeu durante o seu tempo de Magisterium, era que criaturas mágicas eram ainda menos confiáveis do que magos.

— Sou Aaron. — Típico de Aaron se apresentar educadamente para uma serpente flutuante. — Estes são Tamara e Call.

— Aaron — Tamara disse, entre dentes cerrados.

— Estamos aqui para interrogá-lo — prosseguiu Aaron.

— Interrogar Chalcon? — repetiu a serpente. Call ficou se perguntando se a criatura seria inteligente. Definitivamente era grande. Inclusive, Call tinha a impressão de que estava maior do que há poucos segundos.

— Alguém invadiu esse lugar recentemente e libertou um de vocês — disse Aaron. — Você faz ideia de quem possa ter sido?

— Libertou — repetiu Chalcon mais uma vez. — Seria bom ser livre — disse, e então inflou um pouco mais. Call trocou um olhar ansioso com Tamara. Chalcon definitivamente estava aumentando. Aaron, com a tocha erguida diante da criatura, parecia muito pequeno. — Se libertarem Chalcon, ele conta tudo que sabe.

Aaron ergueu uma sobrancelha. Tamara balançou a cabeça.

— Nem pensar — disse ele.

Houve uma batida alta. Chalcon tinha arremetido contra eles de repente, os olhos de estrela ardendo vermelhos de raiva. Aaron deu

um salto para trás, mas a serpente se debatia contra uma barreira invisível, como se uma linha de vidro os separassem.

— Essa coisa não vai nos contar nada — disse Call, chegando para o lado. — Vamos tentar encontrar outro elemental. Alguém mais disposto a colaborar.

Chalcon rosnou quando se afastaram da sua cela. *Isso é uma cela, afinal, não?*, Call pensou, mesmo que não tenha porta ou barras. Sentiu-se um pouco mal pela criatura alada, feita para voar, mas que, em vez disso, estava presa aqui embaixo.

É evidente que, se estivesse livre, Chalcon provavelmente fisgaria Call e o comeria como um falcão caçando um rato.

Eles desceram para um espaço maior — um enorme salão cheio de alcovas, cada uma aprisionando em elemental diferente. Criaturas gritaram e bateram as asas.

— Elementais do ar — disse Tamara. — São todos elementais do ar; as outras entradas deviam levar aos demais elementos.

— Aqui — disse Aaron, apontando para uma cela vazia. — Era aqui que estava Skelmis; o nome dele está marcado na placa. Então os elementais daqui devem ter visto alguma coisa.

Call foi até uma das celas. Nela, uma criatura com três grandes olhos castanhos em longos pedúnculos e um corpo que mais parecia miasma olhou para ele. Ele não sabia nem se aquilo tinha uma boca. Não parecia ter.

— Você viu quem libertou Skelmis? — perguntou Call.

A criatura simplesmente o encarou, flutuando suavemente na prisão. Call suspirou.

Tamara foi até uma cela que abria em um enorme espaço onde três elementais que pareciam enguias nadavam pelo ar. Eram os mesmos elementais que carregaram Call, Tamara, Aaron e Jasper de volta do túmulo do Inimigo da Morte em suas barrigas, só que bem menores agora. Talvez todos os elementais pudessem alterar seus tamanhos, como Chalcon.

Lembrar-se de ter voado dentro de elementais também fez com que Call se lembrasse de onde Jasper estava agora. Em um encontro. Com Celia. Que quase com certeza não estava tentando matar Call, mas que também talvez não fosse mais sua amiga.

— Todos os elementais do ar são muito burros? — perguntou Call, e a irritação com Jasper estava perceptível em sua voz. Tinham pouco tempo até que os Mestres descobrissem quem tinha enviado o guarda e surgissem na cripta, acabando com toda a operação. Se não tivessem nada até esse momento, a encrenca teria sido a troco de nada.

— Pegou pesado — disse Aaron.

— Sim, mas parece justo. — Tamara observava os movimentos plácidos das criaturas que pareciam enguias. — Vamos tentar os elementais da terra. Eles são mais amigáveis.

Voltaram pelo caminho, passaram por Chalcon, que os encarou com um olhar faminto enquanto emitia um chiado sinistro. A perna esquerda de Call parecia cravada de facas. Eles tinham andado bastante, mas subir a ladeira fez seus músculos queimarem. Quando chegaram ao corredor principal, apesar de ser o autor do plano, ele meio que teve vontade de desistir. Tamara examinava a pedra, tentando ver se havia marcas indicando qual entrada levava aos elementais da terra. Aaron estava com a testa franzida, como se estivesse tentando montar todo esse quebra-cabeça.

— Eu os ouço aí, aprendizes — disse alguém da entrada mais distante, uma voz que parecia sinistramente familiar. — Venham me encontrar.

Call congelou. Seria o espião? Será que tinham encontrado a pessoa que o queria morto?

Aaron girou com a tocha. A entrada estava vazia, o espaço além brilhava em um preto-avermelhado muito intenso, parecido com o tom de sangue há muito derramado. O corredor parecia cheio de sombras ameaçadoras.

— Conheço essa voz — sussurrou Tamara. Estava com os olhos arregalados, as pupilas enormes na escuridão.

— Venham me encontrar, crianças de Rufus — disse novamente a voz. — E eu lhes conto um segredo.

Sob o brilho esverdeado da tocha que segurava acima da cabeça, Aaron parecia determinado. O fogo em sua mão estalava.

— Por aqui — disse ele e foi correndo em direção ao som, com Tamara logo atrás.

É isso que os heróis fazem, Call supôs. Correm direto para o perigo e nunca desistem. Call queria desesperadamente ir na outra direção, ou simplesmente deitar e segurar a perna até que parasse de doer, mas ele não deixaria Aaron eventualmente lutar sem seu contrapeso.

Aaron não era seu inimigo.

Call arfou uma vez, tentando ignorar a dor, e então foi atrás deles.

Ficou imediatamente explícito para qual elemento tinham ido. Um calor opressor explodia da entrada e do corredor além. As paredes eram feitas de pedras vulcânicas endurecidas, pretas e cheias de buracos endentados. O rugido do fogo os cercava, com a mesma explosão e impacto de uma cachoeira.

Aaron estava no meio do caminho para o salão, com Tamara ao seu lado. Ele tinha abaixado a mão que segurava a tocha, apesar de ainda projetar uma estranha luz esverdeada sobre eles.

— Call — disse Aaron com um tom estranho na voz. — Call, vem aqui.

Call avançou mancando pelo salão, passando por diferentes celas que encarceravam elementais do fogo. As jaulas não eram fechadas por paredes claras, mas por barras douradas enterradas fundo na terra. Atrás delas dava para ver as criaturas feitas de algo que parecia sombra preta e com olhos ardentes. Uma delas era um círculo de mãos em chamas. Outra era um aglomerado de anéis de fogo, flutuando e pulsando no ar.

O calor era tão opressor que, quando Call alcançou Aaron e Tamara, sua camisa estava ensopada de suor e ele estava prestes a desmaiar. Mas ainda assim conseguiu ver imediatamente por que Aaron e Tamara estavam imóveis. Estavam olhando fixamente através das barras de uma jaula. Lá dentro, um mar de chamas e, no centro, uma garota flutuava.

— Ravan? — disse Tamara com uma voz falha que Call jamais havia escutado. — C-como você está aqui?

Ravan. Call sentiu um choque de horror atravessá-lo. Ravan era irmã de Tamara. Ele sabia que ela tinha sido engolida pelos elementais, tornando-se um dos Devorados, mas jamais lhe ocorreu que ela estivesse aqui.

— Onde mais eu estaria? — perguntou a menina em chamas. — Eles mentem para nós, sabe? Diziam que essa magiazinha de nada que aprendemos no Magisterium é tudo que podemos fazer, mas sou muito mais poderosa agora. Não invoco mais o fogo, Tamara. *Eu sou fogo.* — As íris dos olhos dela piscavam e dançavam com o que inicialmente Call achou que fosse o reflexo das chamas. Até perceber que havia fogo por trás dos olhos dela também. — É por isso que tiveram que me trancar.

— Uma bela reunião de família — disse uma voz do outro lado da sala. Call virou. Marcus, o Devorado, olhava para eles de uma jaula quase idêntica, sorrindo. — Callum Hunt — disse com sua voz estalada e rugida. — Aaron Stewart. Tamara Rajavi. Cá estão. Parece que nem todas as minhas profecias se cumpriram ainda, não é mesmo?

Call se lembrou das palavras de Marcus de dois anos atrás, um terrível eco dos seus medos: *um de vocês irá fracassar. Um irá morrer. E um já está morto.*

Eles sabiam, agora, qual deles já estava morto: Call. Ele tinha morrido como Constantine Madden. *Já está morto*. As palavras pairavam no ar, uma prova terrível de que Marcus tinha dito a verdade.

— Marcus. — Aaron franziu o rosto para ele. — Você disse que tinha um segredo para nós.

Tamara não conseguia desviar os olhos de Ravan. Seus dedos alcançaram a mão em chamas da irmã, como se ela não conseguisse aceitar que ela não era mais humana.

Marcus riu e o fogo em torno dele saltou e dançou, subindo de forma vulcânica. Até Tamara virou para ver, puxando a mão depressa, como se só agora tivesse percebido o que estava prestes a fazer.

— Você procura aquele que libertou Automotones e Skelmis, não? — perguntou Marcus. — O que está tentando matar Callum? Pois são a mesma pessoa.

— Sabemos disso — disse Aaron. — Diga quem é.

— Não vão gostar da resposta. — Marcus sorriu um sorriso de fogo. — É o maior Makar da sua geração.

Tamara pareceu ainda mais abalada.

— *Aaron* está tentando matar Call?

As palavras atingiram Call, fazendo-o sentir como se todo o ar tivesse deixado o recinto. Aaron não podia ser o espião. Mas ao ouvir as palavras de Marcus, Call se sentiu tolo. Eram destinados a serem inimigos. Aaron era destinado a ser o herói, e Call a ser o vilão. Simples assim. Ele nunca tinha tido amigos como Aaron e Tamara antes, e às vezes Call ficava imaginando por que gostavam dele. Talvez a resposta fosse simples. Talvez Aaron não fosse de fato seu amigo.

— Não! — disse Aaron, abrindo os braços em um gesto que quase apagou a chama da tocha. — Óbvio que não estou!

— Então eu estou tentando *me* matar? — perguntou Call a Aaron, sem conseguir botar para fora o que estava pensando. — Isso não faz o menor sentido. Além disso, é impossível alguém me achar o maior Makar da minha geração.

— Você não acha realmente que quero te fazer mal, acha? — perguntou Aaron. — Depois de tudo, tudo, que aprendi sobre você e tive que aceitar...

— Talvez não tenha aceitado!

— O lustre quase caiu em mim também! — gritou Aaron.

— Abram minha jaula — disse Ravan para Tamara, com o rosto pressionado contra as barras. — A minha e de Marcus, e vamos ajudá-los. Você me conhece, Tamara. Posso ser uma criatura diferente agora, mas ainda sou sua irmã. Sinto sua falta. Deixe que eu mostre o que sei fazer.

— Você quer ajudar? — perguntou Aaron. — Faça Marcus contar que não sou o espião!

— Acalmem-se todos vocês! — disse Tamara, voltando o olhar para o Mestre Devorado e depois para a irmã. — Não sabemos quanto disso tudo é verdade. Talvez Marcus esteja inventando. Talvez ele só queira o que todos os elementais aqui querem: um passe de saída.

— Você acha que isso é tudo que eu quero? — Ravan colocou a mão no quadril. — Você se acha ótima, Tamara, mas é igual ao papai. Acha que por quebrar as regras e não ser responsabilizada, pode julgar todos que não têm a mesma sorte. — E, dito isso,

Ravan foi dominada pelo fogo, transformando-se em um pilar flamejante e caindo para trás sobre as chamas.

— Não, espere! — disse Tamara, correndo para a cela da irmã, agarrando as barras quentes por um instante de desespero, apesar de Call ter visto a pele de suas palmas rosada quando ela soltou. Tinha se queimado. — Não quis dizer isso! Volte!

O fogo oscilou, mas não se condensou em nenhuma forma humana. Se Ravan ainda estava lá, não conseguiam identificá-la nas chamas dançantes.

— Sei que não vão me soltar, meus pequenos aprendizes, ainda não, apesar de eu poder lhes ensinar muita coisa. Ensinei Rufus bem, não foi? — Havia algo de faminto no olhar de Marcus que tornava difícil olhar diretamente para o rosto dele. — Bem, e, no entanto, não tão bem assim. Ele não enxerga o que está bem embaixo do nariz dele.

Seu olhar estava fixo em Call, que estremeceu. Ele não conseguia olhar para Tamara e Aaron. Encarou Marcus.

— Você está no Magisterium há muito tempo — disse ele.

— O bastante — disse Marcus.

— Então você conheceu Constantine? O Inimigo?

— Inimigo de quem? — respondeu Marcus com desdém. — Meu é que não é. Sim, conheci Constantine Madden. Eu o alertei, exatamente como fiz com vocês. E ele me ignorou, exatamente como vocês fizeram. — Ele sorriu para Call. — É incomum ver a mesma alma duas vezes.

— Mas ele não era como eu, era? — perguntou Call. — Quer dizer, somos completamente diferentes, não somos?

Marcus apenas sorriu seu sorriso faminto e afundou nas chamas.

CAPÍTULO ONZE

Eles já tinham quase chegado no corredor quando os Mestres entraram explodindo na sala dos guardas, com mágica ardendo das mãos. Estavam de olhos arregalados, prontos para o combate. Ao verem Tamara, Aaron e Call, a bola branca de energia flutuando na frente do Mestre North escorregou e se partiu no chão em um banho de faíscas.

— Aprendizes — demandou. — O que estão fazendo aqui? Expliquem-se!

Mestre Rufus avançou, agarrando o colarinho de Aaron com uma das mãos e o de Call com a outra.

— Dentre todas as coisas imprudentes e ridículas que vocês já fizeram, essa, *essa* foi a pior! Colocaram não só as próprias vidas em risco, mas a de todo o Magisterium.

Tamara, que ainda não estava sendo arrastada pelo Mestre Rufus, ousou falar.

— Achamos que um dos elementais pudesse saber quem soltou Skelmis. Sei que nos fez prometer que não investigaríamos, mas isso foi antes de Call ser atacado!

Mestre Rufus lançou um olhar para ela que fez Call temer que pudesse realmente queimar a pele.

— Então invadiram o quarto de um membro da Assembleia e roubaram uma coisa de um cofre trancado? Algo que poderia ter sido roubado de vocês? Consideraram essa hipótese?

— Hum — disse Tamara, sem ter uma resposta boa.

— Ah, não seja tão duro com eles — disse Anastasia, com a voz tão fria quanto sempre. Com certeza ela sabia que tinham encontrado suas fotos e adivinhado sua senha, mas ainda assim parecia inabalada, como se não tivesse motivo para se sentir culpada ou com medo. — É difícil quando alguém está caçando a gente, nos sentimos desamparados. E eles são heróis afinal, não é? Deve ser duas vezes mais difícil para heróis.

Mestre Rufus estremeceu quando ouviu a palavra *caçando*, mas não diminuiu a força com que segurava Call e Aaron.

Tamara observava Anastasia. Call percebeu que ela estava tentada a dizer algo a respeito do que tinham encontrado no quarto de Anastasia, mas era difícil se colocar contra a única pessoa que está a seu lado. Além disso, Tamara ainda estava perturbada por ter visto a irmã, trancada como uma elemental qualquer.

— Não podemos deixar isso passar — disse Mestre North. — Disciplina é importante para aprendizes e magos em geral. Vamos ter que puni-los.

A mão fria de Anastasia afagou a bochecha de Call. Ele se sentiu ligeiramente congelado.

— Amanhã ainda é tempo, certamente — disse ela. — Eu fui a ofendida, afinal. Mereço ter alguma voz.

— Vou levar esses três até o quarto deles pessoalmente — disse Mestre Rufus. — *Agora*.

Com isso, ele arrastou Call e Aaron para os portões. Tamara foi atrás, provavelmente feliz pelo fato de Mestre Rufus só ter duas mãos. Call olhou para Anastasia; estava junto aos outros magos, mas sem interagir com eles. Seu olhar estava fixo em Aaron, com um fascínio que fez o estômago do garoto revirar sem que ele soubesse exatamente o motivo.

↑≋△○@

Call temia que a qualquer momento Mestre Rufus explodisse pela porta, aos gritos por terem invadido a cripta dos elementais. Dormiu inquieto a noite toda. Acordou várias vezes engasgando, mão no peito, saindo de um sonho em que algo que ele não conseguia ver estava prestes a cair em cima dele.

Devastação, que tinha desistido de dormir no último quarto, lambeu os pés de Call solidariamente cada vez que ele gritou. Era um pouco nojento, mas reconfortante.

Quando o alarme tocou, por mais cansado que estivesse, Call ficou quase aliviado por não ter mais que lutar contra o sono. Bocejando, vestiu o uniforme e foi para a sala compartilhada. Devastação vinha logo atrás, ansioso por um passeio.

Tamara estava sentada em um braço do sofá. Estava de roupão de banho e toalha na cabeça. Aaron estava ao lado dela, com a

cabelo arrepiado da noite de sono. Ao lado deles no sofá estava Mestre Rufus, com o rosto sério. Obviamente estavam esperando Call aparecer.

Bem, ele já imaginava que isso fosse acontecer. Sentou-se pesadamente ao lado de Aaron.

— Sabem que o que fizeram ontem à noite foi imperdoável — disse Mestre Rufus. — Invadiram o quarto de uma integrante da Assembleia e mandaram o guarda para longe do portão da prisão dos elementais; um menino que, por sinal, caiu em uma fenda e quebrou a perna. Se isso não tivesse acontecido, eu teria encontrado vocês bem antes.

— Ele quebrou a perna? — perguntou Aaron, parecendo horrorizado.

— Isso mesmo — disse Mestre Rufus. — Thomas Lachman agora está sob os cuidados do Mestre Amaranth na Enfermaria. Por sorte um aluno o viu. Estava quase inconsciente no fundo de um desfiladeiro seco. Como podem imaginar, após a descoberta desse fato a reunião dos Mestres desandou. Se não tivéssemos tido essa distração, a aventura de vocês no domínio dos elementais teria sido ainda mais curta do que foi. — Ele olhou friamente para os três. — Quero que saibam que eu os responsabilizo pelos ferimentos do rapaz. Se ele tivesse ficado mais tempo lá, poderia ter morrido.

Tamara parecia arrasada. Foi ela que deu a pedra-guia a Thomas.

— Mas nós... nós andamos pelas cavernas o tempo todo e nunca acontece nada.

A expressão do Mestre Rufus ficou ainda mais séria.

— Ele não foi aprendiz aqui. Anastasia o escolheu por ser de fora, por ter sido educado em um Magisterium diferente. Sendo assim, ele não tinha familiaridade com as cavernas como vocês têm.

Espontaneamente, Call se lembrou dos alertas de seu pai sobre o Magisterium e as cavernas: *não tem luz lá embaixo. Nem janelas. O lugar é um labirinto. Você pode se perder e morrer e ninguém jamais ficaria sabendo*.

Bem, ao menos Alastair se enganou quanto a isso, porque encontraram Thomas.

— Sentimos muito — disse Call com sinceridade. De um jeito que Rufus talvez não entendesse, ele lamentava ter ido até as criptas. Queria nunca ter ouvido Marcus dizer que a pessoa tentando matá-lo era o melhor Makar da geração deles. Queria que Tamara não tivesse visto a irmã, ou pelo menos o que restou dela. Ela não chorou e ficou terrivelmente calada quando o Mestre Rufus os deixou no quarto após puxá-los de volta da sala dos guardas. Foi para o próprio quarto e trancou a porta. Call e Aaron se entreolharam por um momento antes de irem para as próprias camas.

— Sentimos muito mesmo — disse Aaron.

— Não é para mim que precisam dizer isso — disse Rufus. — Anastasia já considerou o castigo de vocês e decidiu que devem passar no quarto dela e se desculpar pessoalmente. — Ele ergueu a mão, já impedindo qualquer comentário. — Eu sugeriria que o fizessem esta noite. Deram sorte de escapar tão fácil.

Fácil demais, Call pensou*, e não foi sorte*.

↑≋△○@

Quando Call, Aaron e Tamara entraram no refeitório, um burburinho percorreu o recinto. Aprendizes que estavam enfileirados para encher suas vasilhas com líquen, cogumelos e chá amarelo apimentado congelaram e ficaram encarando o trio.

— O que está acontecendo? — sussurrou Tamara à medida que se apressavam em direção à sua mesa habitual. — Sou eu ou estão todos agindo de um jeito bizarro?

Call olhou em volta. Alex olhava para eles de uma mesa cheia de alunos do Ano de Ouro. Acenou brevemente e depois olhou para baixo, para o próprio prato. Kai, Rafe e Gwenda também encaravam — Gwenda apontou para Celia e depois para Aaron, o que não fez o menor sentido. Quanto à própria Celia, estava sentada com Jasper, de mãos dadas com ele sobre um prato do que pareciam ser folhas molhadas. Pareciam não ter olhos para mais ninguém.

— Acho que nem sei mais o que é normal — disse Aaron baixinho. — Acha que sabem sobre a noite passada? Que invadimos a prisão dos elementais?

— Não sei — respondeu Call. Em circunstâncias normais ele teria ido e perguntado a Jasper, mas aquele Jasper apaixonado parecia incapaz de qualquer coisa que não olhar para Celia, dizer coisas tolas e babar um pouco.

Call se perguntou por quanto tempo Jasper seria um idiota apaixonado. Ficou imaginando se a mesma coisa teria acontecido com ele se tivesse ido no encontro em vez de Jasper.

— Vamos simplesmente sentar — disse Tamara, mas sua voz não estava firme. Ela estava obviamente abalada, de um jeito que Call não via desde quando ela descobriu quem ele realmente era. Desejou que estivessem em algum lugar onde pudessem conversar sobre a irmã dela. Desejou que todos parassem de olhar para eles.

— Tamara — foi Kimiya que falou, parada de braços cruzados diante da mesa deles. — Por que não vem sentar comigo?

Tamara ergueu os olhos bruscamente, seus olhos escuros ficando arregalados. Pareceu perder a fala ao ver a irmã.

— Eu... mas por quê?

— Vamos, Tamara — disse Kimiya. — Não me faça fazer isso na frente de todo mundo.

— Fazer o quê? — perguntou Call, irritado de repente. Kimiya estava agindo como se ele e Aaron não existissem.

— Não quero ir — respondeu Tamara. — Quero sentar com os meus amigos.

Kimiya apontou com o queixo para Aaron.

— Ele não é seu amigo. Ele é perigoso.

Aaron pareceu chocado.

— Do que você está falando?

— Seu pai está preso — disse Kimiya subitamente. Aaron se encolheu como se ela o tivesse estapeado. — O que já é ruim o bastante, mas além disso, você mentiu. Para todo mundo.

— E daí? — disse Call. — Você não tem o direito de saber detalhes da vida particular de Aaron.

— Se ele se hospeda na minha casa eu tenho sim! — Kimiya se irritou. — Meus pais mereciam saber, ao menos. — Ela encarou Aaron. — Depois de tudo que fizeram por você...

Raiva percorreu Call, fervente; parte dela era por Aaron, e parte *de* Aaron. Porque ele não conseguia calar a voz que o irritava por

dentro, dizendo *e se, e se, e se*, e ele detestava todos os aspectos de não confiar em Aaron. Inclusive o próprio Aaron. Ele se levantou, encarando Kimiya.

— Seus pais puxaram o saco de Aaron porque ele é Makar — rosnou. — E agora você vai agir como se isso significasse que Aaron deve alguma coisa? Ele não deve nada a você!

— Parem! Vocês dois, parem! — Tamara virou para a irmã. — Você contou para os nossos pais?

Kimiya pareceu ofendida.

— Lógico que contei. Eles têm o direito de saber que tipo de pessoa é o Makar.

Aaron baixou o rosto para as mãos.

— Dedo-duro. — Tamara se irritou com Kimiya, seu rosto ruborizando. — Quem te contou sobre o pai do Aaron? *Quem*?

— Eu só contei para três pessoas — disse Aaron com a voz abafada. — Call, Jasper e você.

— Bem, não soube por nenhum dos três — disse Kimiya, irritada. — Olha...

— Jasper contou para Celia — disse Alex, surgindo atrás de Kimiya e colocando a mão no braço dela. — E Celia contou para todo mundo. Sinto muito, Aaron.

Aaron ergueu a cabeça. Seus olhos verdes estavam com uma sombra escura.

— O que eu faço agora?

— Todos estão inquietos — disse Alex. — Depois do que aconteceu com Jen, e do ataque do elemental. Querem culpar alguém, e, bem, você é um Makar. Isso o torna potencialmente assustador.

— Eu não fiz mal a Jen! E jamais faria a Call — protestou Aaron. — Nem a ninguém.

Alex pareceu solidário.

— É só segurar a onda — disse ele. — As pessoas vão achar outro assunto. Sempre acham. Vamos, Kimiya.

Com um suspiro relutante, Kimiya se permitiu ser conduzida de volta à mesa dos alunos do Ano de Ouro.

Tamara ergueu o queixo.

— Vamos pegar comida — disse ela —, e se alguém disser alguma coisa na nossa cara, a gente fala uma verdades. Os que sussurrarem pelas nossas costas não merecem nossa atenção. Tudo bem?

Após um instante Aaron se levantou.

— Tudo bem. — Enquanto iam para a mesa de comida, ele falou baixinho com Call. — Obrigado por me defender.

Call assentiu, sentindo-se mal por sequer ter considerado que Aaron pudesse ser o espião.

Mesmo assim, o pensamento não ia embora.

Serviram-se. Call encheu o prato de líquen, cogumelos e batatas, mas os pratos de Tamara e Aaron estavam estranhamente vazios. Os três aprendizes foram para seus lugares de sempre à mesa onde estavam Jasper e Celia, tendo, no entanto, o cuidado de escolher lugares o mais longe possível deles. Celia desviou o olhar de Jasper por tempo o suficiente para olhar na direção deles com pena. O olhar maléfico de Call a fez virar o rosto rapidinho. Ele sempre soube que ela era fofoqueira, mas nunca imaginou que pudesse contar uma coisa dessas para todo mundo. Jasper, é óbvio, provavelmente fez a família de Aaron soar pior do que era, para impressioná-la. Jasper e Celia provavelmente se mereciam. Call torceu para que se beijassem o suficiente para ficarem sem oxigênio e engasgarem.

— Precisamos encontrar o espião — disse Aaron, trazendo os pensamentos de Call de volta ao presente. — Nada disso vai passar até o verdadeiro espião ser pego. E nós, principalmente Call, não estaremos seguros até então.

— Certo — respondeu Call lentamente. — Quer dizer, sou a favor desse plano, exceto pela parte que é apenas uma declaração do objetivo final, e não um plano de fato. *Como* vamos encontrar o espião?

— Anastasia deve saber de alguma coisa — disse Aaron. — Quer dizer, levando em conta o que encontramos no quarto dela, ela tem que estar envolvida de alguma forma.

— A senha dela é o nome do irmão do Inimigo da... — Tamara começou a sussurrar e depois se conteve. — Quer dizer, do Capitão Cara de Peixe. A senha dela é o irmão do Capitão Cara de Peixe.

Ela tem uma foto do Capitão Cara de Peixe no quarto. Ela tem que estar do lado dos seguidores dele. O único problema desta teoria é que não são eles que querem Call morto.

Call abriu a boca para protestar, mas Tamara o interrompeu.

— Ou, pelo menos não o queriam quando Automotones foi enviado para matar Call. Mesmo que Mestre Joseph tenha mudado de ideia desde então.

— Talvez ela *odeie* Mestre Joseph, *odeie* o Inimigo e guarde aquelas coisas para se lembrar da sua missão de vingança — sugeriu Aaron. — Talvez ela tenha enviado Skelmis atrás de Call porque sabe que ele realmente é o Capitão Cara de Peixe.

— Ela não parece esse tipo de pessoa — protestou Call.

— É — disse Aaron parecendo inseguro. — Você disse a mesma coisa de Celia. Pare de agir como se o espião fosse alguém que trata você mal ou que você odeie. Não pode simplesmente acreditar que uma pessoa é realmente sua amiga só porque está agindo como tal!

— Ah, é? — perguntou Call, deixando as palavras de Aaron pairarem no ar.

Aaron suspirou e abaixou a cabeça para a mesa, apoiando-a nas mãos.

— Não foi isso que eu quis dizer. Soou errado.

— Talvez devêssemos soltar minha irmã. Talvez ela possa nos ajudar — disse Tamara em voz baixa.

Call virou para ela, chocado.

— Está falando sério?

— Não sei — disse ela, empurrando algumas verduras no prato com o garfo. — Preciso pensar mais sobre o assunto. Depois que Ravan se tornou uma Devorada, meus pais, os amigos dela, enfim, todos agiram como se ela estivesse morta. Eu estava pensando nela desse modo também. Quer dizer, às vezes eu tentava imaginá-la feliz, nadando na lava de um vulcão ou coisa do tipo, mas nunca imaginei que ela estivesse presa no Magisterium. E agora, depois de ver a verdade, sinto como se todo mundo tivesse mentido para mim. Sinto que não tentamos o suficiente. E sinto como se eu não soubesse como me sentir. — Tamara deu um suspirou entrecortado.

— Se quer soltá-la, vamos soltá-la — disse Call, de coração.

— Mas precisamos ter cuidado — alertou Aaron. — Precisamos saber mais sobre os Devorados. No Ano de Ferro prometemos a você, Tamara, que não deixaríamos que fosse tentada a se tornar um deles. Acho que a promessa se estende a não deixar que você seja tentada *por* eles. Quando se tornam Devoradas, as pessoas continuam sendo quem eram antes? Quanto delas realmente sobra? Se fosse um parente meu ali, eu ia querer acreditar que era ele.

— Tem razão — disse Tamara, embora não parecesse totalmente convencida. — Sei que tem.

— Temos aula de manhã hoje, certo? A primeira coisa que temos que fazer depois disso é ir ao quarto de Anastasia e pedir desculpas — disse Call.

— E se ela for a espiã, também temos que sair vivos de lá — acrescentou Tamara.

— O Mestre Rufus sabe onde estaremos — disse Aaron. — Seria loucura nos atacar. Ela seria pega.

— Depende se ela vai continuar por aqui depois — disse Call. Seu braço doía; ele ainda estava com as duas pulseiras, apesar de agora estar muito mais consciente da que pertencera ao Inimigo. — Vejam, ou ela quer nos pegar e está me tratando bem para nos iludir com uma falsa sensação de segurança, ou está mancomunada com o Mestre Joseph e está me tratando bem *porque* eu sou o Capitão Cara de Peixe. Seja como for, a mulher é perigosa.

— Você não é o Capitão Cara de Peixe — sibilou Tamara.

— Você entendeu. — Call suspirou.

— Vamos entrar e sair rapidinho do quarto — disse Aaron. — Sem comer nada, sem beber nada, e vamos ficar juntos. Pediremos desculpa, e depois vamos. Ficaremos alertas o tempo todo.

Call e Tamara assentiram. Em termos de planos não era o melhor deles, mas com Tamara preocupada com a irmã e todo o recinto sussurrando sobre como magos do caos eram péssimos, era o melhor que conseguiriam bolar. Call não conseguia parar de lembrar o que tinha percebido depois da cerimônia no Collegium: que havia um problema no fato de o Inimigo da Morte ser considerado oficialmente morto e a guerra acabada — neste novo mundo, os Makaris não eram desesperadoramente necessários, e assustavam todo mundo.

↑≋△○@

Call se perguntava como seria a aula do Mestre Rufus naquela manhã, já que os três estavam muito abalados. Para sua surpresa, uma palestrante convidada tinha sido designada para falar ao seu grupo.

Para sua ainda mais extrema surpresa, era alguém que ele conhecia: Alma, da Ordem da Desordem. Na última vez em que a vira, ela estava tentando sequestrar Devastação para incluí-lo em seu grande estábulo de animais Dominados pelo Caos no meio da floresta.

Ela continuava não parecendo uma sequestradora de cachorros. Parecia uma professora do jardim de infância. Seu cabelo branco estava arrumado em um penteado contra a pele negra. Usava camisa cinza sobre uma saia verde. Vários colares de contas de jade pendiam do pescoço. Quando ela os viu três, seu olhar foi imediatamente para Aaron. Alma sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos, que permaneceram profundos e atentos.

— Esta é minha velha amiga, Alma Amdurer — disse Mestre Rufus. — Ela deu aula no Magisterium quando eu era aprendiz e conheceu meu Mestre, Marcus.

Call ficou imaginando se Alma sabia o que tinha acontecido com Marcus. A expressão dela não mudou ao ouvir o nome dele.

— Ela sabe muito sobre magia do caos. Muito mais, sinto dizer, do que eu. Call e Aaron, vocês vão passar a manhã trabalhando com Alma enquanto dou aula para Tamara a sós. Andei pensando muito sobre o que Tarquin disse na reunião com os magos e decidi que, por mais que eu não goste de admitir, ela tinha razão. Vocês precisam saber das coisas, e não acho que sou a pessoa certa para ensiná-los. Alma concordou em vir, mesmo tendo sido chamada em cima da hora. Sendo assim, quero que sejam educados e ouçam com atenção o que ela tem a dizer.

O discurso deixou Call mais do que um pouco nervoso. Alma tinha ficado em êxtase quando Aaron apareceu na Ordem da Desordem. Ela estava louca para colocar as mãos em um Makar. Ele se lembrou dela tentando convencer Aaron a voltar para a

Ordem da Desordem para que pudesse fazer experimentos com ele. Agora, Mestre Rufus estava praticamente entregando-o.

— Tudo bem — disse Aaron lentamente, sem soar muito entusiasmado.

— Mas nós vamos ficar por aqui, certo? — Tamara soou como se compartilhasse das preocupações de Call e não quisesse deixar Aaron sozinho.

— Estaremos na sala ao lado — disse Mestre Rufus. Com um aceno, fez a parede de pedra roncar e se abrir em uma rachadura, cada vez mais ampla, que daria passagem a ele e Tamara. Ele virou para Alma. — Avise se precisar de alguma coisa.

— Ficaremos bem — disse ele, lançando um olhar para Call e Aaron.

Call observou Mestre Rufus e Tamara entrarem na sala ao lado. Pareciam distantes depois que transpuseram a rachadura na pedra. Tamara tentava comunicar alguma coisa a Call através da expressão corporal — olhos arregalados e mãos fazendo um gesto que pareciam um pássaro moribundo — quando a pedra se fechou de volta e os dois desapareceram.

Sem escolha, Call voltou a atenção a Alma.

— Vocês parecem desconfiados — disse ela com uma risada. — Não os culpo. Posso contar algo que talvez os surpreenda? Mestre Rufus não contou a mais ninguém que ia me convidar para dar aula para vocês. Nem para o Mestre North. Nem para a Assembleia. Não contou a ninguém. A Ordem da Desordem não é exatamente respeitável nos dias de hoje, e nem eu.

— Você ameaçou meu lobo — disse Call. — E meu amigo.

Alma continuava sorrindo.

— Espero que seu amigo aqui não leve para o lado pessoal o fato de que você falou primeiro no lobo.

— Não levo — disse Aaron. — Call sabe que eu consigo cuidar de mim mesmo. Mas nenhum de nós confia em você. Espero que não leve *isso* para o lado pessoal.

— Eu não esperaria que confiassem. — Alma recuou até apoiar-se na mesa de pedra de Rufus. Ela cruzou os braços. — Dois Makaris — disse. — A última vez em que houve dois Makaris vivos

ao mesmo tempo eram Constantine Madden e Verity Torres. Findaram protagonizando uma batalha até a morte.

— Bem, isso não vai acontecer com a gente — disse Call. Alma estava começando a irritá-lo.

— Dois Makaris no mesmo Magisterium, no mesmo grupo de aprendizes... sabem o quanto Rufus se encrenca com os outros Mestres por isso? Os outros acham que, de algum modo, ele trapaceou nos Julgamentos de Ferro. — Alma riu. — Principalmente ao ganhar você, Call. Aaron era uma escolha óbvia, mas você é muito diferente.

— Vamos aprender alguma coisa aqui? — perguntou Aaron. — Além de fofocas de professores, quero dizer.

— Pode aprender a lição mais importante da sua vida, Makar — disse Alma em tom ríspido. — Vou ensiná-los a enxergar almas.

Os olhos de Aaron arregalaram.

— Vocês são o contrapeso um do outro — prosseguiu ela. — E ambos são magos do caos. Os dois podem trabalhar a magia do vazio, e é por isso que carregam pedras pretas em suas pulseiras; é isso que, imagino, todos lhe dizem desde que foram revelados como Makaris. Mas existe outra mágica que também podem trabalhar. A da alma humana, que é exatamente o oposto do caos, do nada. A alma é tudo.

Os olhos dela ardiam com uma luz fanática. Call olhou de lado para Aaron; ele parecia fascinado.

— A maioria dos seres humanos nunca vai enxergar verdadeiramente a alma — prosseguiu a mulher. — Trabalhamos como os cegos, no escuro. Mas vocês podem ver. Call e Aaron, olhem um para o outro.

Call virou para olhar para Aaron. Percebeu com surpresa que tinham mais ou menos a mesma altura; ele sempre foi um pouco mais baixo que o amigo. Devia ter espichado alguns centímetros.

— Se olhem — disse Alma. — Concentrem-se no que faz com que seu amigo seja quem *realmente* é. Imaginem que conseguem enxergar através da pele e dos ossos, do sangue e dos músculos. Não estão procurando pelo coração, mas por algo que está além disso. — A voz de Alma tinha uma cadência hipnótica. Call ficou olhando para a frente da camiseta de Aaron. Ficou imaginando o

que deveria ver. Havia uma mancha escura onde Aaron havia entornado chá no refeitório.

Olhou de relance para os olhos de Aaron e descobriu que Aaron estava olhando pra ele. Ambos sorriram, sem conseguir evitar. Call encarou mais. O que fazia Aaron ser *Aaron*? Ele era amigável; sempre sorria para todos; era popular; fazia piadas ruins; seu cabelo nunca arrepiava como o de Call. Era isso? Ou eram as coisas mais sombrias que sabia sobre ele — o Aaron que explodia de raiva, que sabia como fazer uma ligação direta num carro, que detestou quando se descobriu Makar porque não queria morrer como Verity Torres?

Call sentiu sua visão mudar. Continuava olhando para Aaron, mas também estava olhando *dentro* dele. Havia luz no interior de Aaron, de uma cor que Call nunca tinha visto antes. Não conseguia descrever essa nova tonalidade. Estava se movendo e mudando, como um brilho projetado contra uma parede, a luz refletida de um lampião sendo carregado.

Call fez um barulho e pulou para trás em surpresa. A luz e a cor desapareceram e ele descobriu que olhava para Aaron apenas, que por sua vez o encarava com os olhos verdes arregalados.

— Aquela *cor* — disse Aaron.

— Eu também vi! — exclamou Call. Eles riram um para o outro, como dois montanhistas que tinham acabado de chegar ao topo.

— Muito bem — disse Alma, soando satisfeita. — Vocês acabaram de ver a alma um do outro.

— É esquisito — disse Call. — Acho que não devemos mencionar para ninguém.

Aaron fez uma careta para ele.

Call se sentiu inquieto. Ele não tinha conseguido usar uma magia nova na primeira tentativa, mas ver a alma de Aaron fez sua breve desconfiança a respeito dele parecer ridícula. Aaron era seu amigo, seu melhor amigo, seu *contrapeso*. Aaron jamais iria querer machucá-lo. Aaron precisava dele, exatamente como ele precisava de Aaron.

O alívio foi avassalador.

— Acho que é o suficiente por hoje — disse Alma. — Vocês dois se saíram muito bem. Em seguida, quero que interajam com outras

almas. Vão aprender o toque da alma.

— Não vou fazer isso — disse Call. — Não sei o que é, mas não vou gostar.

Alma suspirou como se achasse que Mestre Rufus há tempos vinha sofrendo por ter que aturar Call, o que era muito injusto considerando que antes ela havia dito que os outros Mestres gostariam de tê-lo escolhido.

— É um método para derrubar o oponente sem fazer nenhum mal verdadeiro a ele — disse ela. — Ainda assim vai se opor?

— Como sabemos que não os machuca? — perguntou Aaron.

— Não parece machucar — respondeu Alma. — Mas, como toda magia de alma, não existem estudos o bastante para comprovar totalmente qualquer coisa. Quando Joseph, eu e vários outros começamos nossas pesquisas, achamos que a magia do caos tinha potencial para fazer muito bem ao mundo. Por serem muito poucos Makaris nascidos em cada geração e pela magia do caos sempre ter sido considerada perigosa, não sabemos o suficiente sobre ela.

O maior Makar da sua geração. As palavras voltaram a Call, perturbando-o. Ele não se importava que Aaron fosse melhor do que ele, mas não gostava de ideia de alguém sendo melhor do que Aaron.

Alma continuou, aprofundando-se no assunto.

— Vocês precisam entender como tudo parecia incrível. Estávamos descobrindo coisas inteiramente novas. Ah, magos do caos já tinham visto almas antes; alguns até aprenderam como arrancá-las dos seus corpos. Mas ninguém nunca tinha tentado tocar uma alma. Ninguém nunca tinha tentado colocar o caos em um animal. Ninguém nunca tinha tentado trocar uma alma de um corpo para o outro.

— Então Joseph ficou maluco ou o quê? — perguntou Aaron. — Quer dizer, por que ele não impediu Constantine antes que ele matasse o irmão? Ele estava animado demais com a mágica?

Jericho Madden. Call sentiu sua cabeça flutuar. Apesar de tudo isso ser um passado distante, parecia mais próximo do que nunca. Ultimamente, Call sentia como se isso fosse tirá-lo da própria vida, do jeito que o Mestre Joseph queria tirar sua alma do corpo.

Os olhos de Alma anuviaram.

— Para falar a verdade, olhando em retrospecto para aquele dia, eu não sei o que aconteceu. Repassei várias vezes os eventos na cabeça e não consigo deixar de chegar à conclusão de que Jericho morreu porque Joseph o queria morto.

Isso chamou a atenção de Call.

— Quê?

— Constantine era jovem. Ele tinha outros interesses além do estudo da magia do caos; ou melhor, ele achava que tinha a vida inteira para estudar. E, lógico, Rufus era seu mestre, e não Joseph. Acho que Joseph queria que Constantine tivesse compromisso com a causa.

Call ficou horrorizado.

— O Mestre Joseph arranjou a morte de Jericho para que Constantine se comprometesse mais com a ideia de usar a magia do caos para trazer de volta os mortos?

Alma fez que sim com a cabeça.

— E para que Constantine odiasse o Magisterium, que ele culpava pela morte de Jericó. Não acho que Joseph soubesse que estava criando um monstro, é óbvio. Acho que ele só queria garantir a lealdade de Constantine. Acho que ele queria ser o responsável pelas descobertas, queria que seu nome entrasse para a história.

Call pensou em Mestre Joseph no túmulo, na curva do seu lábio e na luz selvagem que havia em seus olhos. Call não tinha tanta certeza de que Joseph não sabia e não desejava criar um monstro.

— As pessoas se lembram do Inimigo da Morte — disse Alma. — Mas se esquecem do homem que o fez quem ele era. Constantine pode ter sido mau, mas também passou por uma tragédia. Ele queria o irmão de volta. Mestre Joseph, por outro lado, só queria poder. Apenas isso. E pessoas assim são as mais perigosas do mundo.

CAPÍTULO DOZE

— Como estou? — perguntou Call. — Pareço arrependido?

Ele estava diante da porta de Anastasia Tarquin, no corredor que abrigava os aposentos dos Mestres. Call, Aaron e Tamara tinham decidido que deveriam se arrumar um pouquinho antes de encontrarem a integrante da Assembleia. Ela era uma presença relativamente assustadora, com suas joias e sua atitude culta e desdenhosa. Call achou que ela fosse levar o pedido de desculpas mais a sério se eles se arrumassem, então ele e Aaron estavam com os paletós que usaram para a cerimônia de premiação e Tamara estava com um vestidinho preto.

Devastação não foi com eles já que, como Call observou, não tinha razões para se desculpar.

Tamara soltou o ar com força suficiente para afastar um cacho da testa.

— Você está ótimo — disse ela pela enésima vez.

Tamara estremeceu.

— Está frio aqui. Bata na porta de uma vez.

Aaron ergueu uma sobrancelha.

— Está tudo bem?

— Não sei — disse Tamara. — Desde que vi minha irmã, só penso nela — engoliu em seco. — E depois tiveram as aulas de hoje. Não gosto de ser separada de vocês como se houvesse algo de errado com o fato de eu não ser Makar. Além disso, o Mestre Rufus foi duas vezes mais rígido comigo do que normalmente é.

— Bem, vamos repetir a dose na segunda-feira — disse Call. — Alma vai vir nos ensinar uma coisa arrepiante chamada toque da alma.

— Não gosto dela — disse Tamara. — Ela me dá arrepios.

Aaron foi até a porta.

— É melhor acabarmos logo com isso.

Ele bateu. O som pareceu explodir e ecoar no corredor. A porta de Anastasia se abriu. Ela estava diante deles com um roupão de

seda branca magnífico sobre uma camisola ainda mais chique. Seus pés estavam em chinelos de couro branco.

— Estava começando a achar que não viriam — disse ela, erguendo uma sobrancelha prateada.

— Hum — disse Call. — Podemos... entrar? Queremos pedir desculpas.

Anastasia abriu mais a porta.

— Ah, sim. Entrem. — Ela sorriu quando passaram por ela. — Acho que será uma conversa interessante.

Tamara lançou um olhar significativo a Call, que deu de ombros. Talvez Anastasia estivesse decidida a assassiná-los — descobririam de um jeito ou de outro, e isso era um alívio. A integrante da Assembleia fechou a porta pesada atrás de si com uma batida forte e juntou-se ao trio na sala. Ela era alta o bastante para que sua sombra, projetada na parede oposta onde ficava o cofre, fosse enorme. O cofre tinha sido removido; Call ficou imaginando onde os Mestres o teriam colocado.

— Por favor, sentem-se — disse ela. Diamantes brilhavam em suas orelhas e reluziam contra o seu cabelo.

Call, Tamara e Aaron se ajeitaram no sofá branco. Anastasia sentou diante deles em uma cadeira marfim. Sobre a mesa de centro na frente deles havia cinco xícaras de um bule sobre uma bandeja ornada com algo que poderia ser osso.

— Aceitam um pouco? — ela perguntou. — Tenho um de lavanda e capim-limão que podem gostar tendo em vista todos aqueles fungos e líquens que servem no refeitório. — Ela fez uma careta. — Nunca consegui gostar da culinária subterrânea.

Todos se inclinaram para longe.

— Dadas as circunstâncias — disse Tamara —, acho que não queremos.

— Entendo — Anastasia respondeu, com um sorriso forçado. — Mas vejam, isso faz mesmo sentido? Vocês invadiram meu quarto e roubaram meus pertences. Invadiram a prisão dos elementais. Não é mais provável que vocês sejam uma ameaça a mim do que o contrário?

— Somos alunos — disse Tamara, parecendo indignada. — Você é adulta.

— Vocês são Makaris — argumentou Anastasia. — Bem, dois de vocês são. — Ela gesticulou para Call e Aaron. — E foi uma pergunta retórica. Sei que não querem me fazer mal algum. Mas, da mesma forma, não quero fazer mal a vocês. Tudo que eu sempre quis foi protegê-los. Não mereço desconfiança.

As sobrancelhas de Call ergueram-se consideravelmente.

— Sério? Então por que você tem uma foto de Constantine Madden em uma caixa estranha debaixo da cama, e por que a senha do seu cofre é o nome do irmão dele?

— Já eu poderia perguntar como você obteve a pulseira de Constantine Madden, e, de posse dela, o que o fez vesti-la? — Anastasia lançou um olhar significativo a Call.

Call empalideceu, levando a mão à pulseira, guardada sob a manga do paletó. Agora que estava atento, via que a pulseira criava um contorno sutil sob o tecido da camisa.

— Como você sabe?

Anastasia levantou o bule e se serviu de uma xícara. O agradável aroma de capim-limão preencheu o recinto.

— Sem ela vocês não teriam conseguido entrar aqui. O motivo é simples: há muito tempo, usei magia para sincronizar nossas pulseiras. Eu conheci Constantine quando ele era um menino. Eu sei que, para a geração de vocês, imaginar o poderoso Inimigo da Morte como um menino é chocante, mas ele era apenas uma criança quando veio para o Magisterium.

“Eu me sinto parcialmente responsável pelo que aconteceu com ele e Jericho. Lembretes de Constantine de Jericho são lembretes do meu próprio fracasso. — Ela olhou para baixo. — Eu deveria ter percebido o que estava acontecendo, deveria ter impedido Joseph antes que ele levasse os meninos longe demais. De certa forma, sou responsável pela morte de Jericho e pelo que Constantine se tornou. Não vou me permitir esquecer disso.”

Ela tomou um gole de chá.

— Tenho uma dívida com esses meninos. E o meu jeito de pagar é garantindo que a próxima geração de Makaris permaneça intacta. Sou uma velha senhora e já perdi muito, mas antes de morrer, quero saber que vocês dois estão seguros. Callum e Aaron, vocês são minha esperança para um futuro melhor.

— Então é por isso que se ofereceu para vir aqui ajudar a encontrar o espião? —perguntou Tamara.

Ela assentiu lentamente.

— E se eu soubesse quem é, acreditem, eu não hesitaria em agir.

— Sentimos muito — disse Aaron. — Quer dizer, foi isso que viemos dizer, mas sentimos mesmo. Não deveríamos ter bisbilhotado suas coisas, nem invadido seu quarto, nem nada disso. Quer dizer, não podemos nos desculpar por tentar manter Call em segurança, mas sentimos muito pela maneira como fizemos.

Tamara assentiu. Call se sentiu desconfortável por todos estarem dando a cara a tapa por ele.

Anastasia sorriu, do jeito que adultos sorriam quando Aaron ligava o botãozinho do charme. Mas antes que pudesse responder, ouviram uma batida à porta. Call, Aaron e Tamara se entreolharam alarmados.

— Não precisam se preocupar. — Anastasia se levantou. — É nosso quarto convidado. Alguém que chamei para se juntar a nós.

Mestre Rufus?, Call se perguntou. *Alguém da Assembleia?* Mas quando Anastasia abriu a porta, era Alma Amdurer, vestindo um poncho vermelho. Ela entrou no quarto e Anastasia fechou a porta novamente.

— Olá, crianças — disse Alma com um sorriso. — Anastasia já explicou tudo para vocês?

— Não — disse Anastasia, indo para perto de Alma. Com ela toda de branco e Alma de vermelho escuro, elas lembravam as Rainhas Vermelha e Branca de *Alice no País das Maravilhas*. — Achei melhor você fazer isso.

Alma fixou seus olhos escuros neles.

— Vocês sabem, certamente, sobre os planos da Assembleia para pegar os animais Dominados pelo Caos e eliminá-los? — perguntou sem preâmbulos.

Call piscou os olhos, imaginando o que isso teria a ver com Anastasia — ou com qualquer um deles.

— É horrível — disse ele.

Alma sorriu.

— Ótimo. A maioria das pessoas não acha. Mas a Ordem da Desordem concorda, e estamos dispostos a fazer o que for preciso para manter esses animais seguros.

— Bem, gostaríamos de ajudar — disse Aaron. — Mas o que podemos fazer?

— Sabemos quando os animais reunidos aqui na floresta serão transportados — disse Alma. — Precisamos da ajuda de um Makar para levá-los dos veículos de transporte a um lugar seguro.

Tamara levantou a mão, contendo Aaron e Call antes que eles pudessem se oferecer. Seu olhar era impiedoso.

— Nem pensar. É perigoso demais — disse.

Alma olhou intensamente para os três amigos.

— Se vocês se importam com Devastação, então deveriam me ajudar. São irmãos e irmãs dele no caos. E talvez até literalmente.

— Se vamos ajudá-la, e, sim, eu também vou, mesmo não sendo Makar, então precisa fazer algo por nós — disse Tamara.

— Bem, parece justo — concordou Anastasia, com um sorriso discreto.

— Anastasia me contou sobre as dificuldades que estão enfrentando — disse Alma. — E, é lógico, ouvimos coisas. A Ordem não é inteiramente desligada do mundo dos magos. Estaríamos dispostos a ajudá-los a encontrar o espião.

Aaron se sentou ereto.

— O que a faz pensar que pode encontrar o espião?

— Temos uma testemunha que podemos interrogar.

— Mas não há testemunhas! — protestou Call. — A Assembleia não encontrou nenhuma...

— Jennifer Matsui — respondeu Alma calmamente.

Fez-se silêncio.

— Ela está morta — disse Tamara, afinal, olhando para Alma como se ela estivesse louca. — Jen está morta.

— A Ordem estuda magia do caos há anos — explicou Alma. — O tipo de magia praticada pelo Inimigo. A magia da vida e da morte. Mestre Lemuel aprendeu uma forma de conversar com os mortos. Podemos falar com Jennifer Matsui e perguntar quem a atacou se nos ajudarem com os animais Dominados pelo Caos.

Call olhou do rosto espantado de Tamara para Aaron, que parecia esperançoso. Aaron queria encontrar o espião mais do que qualquer um, Call pensou. Mais do que o próprio Call.

— Tudo bem — disse Call. — O que exatamente você precisa que a gente faça?

↑≋△○@

Naquela noite, Call e Tamara foram para a área externa passear com Devastação. Aaron estava disposto a ir, mas ficou óbvio que ele não queria de verdade — estava sentado no sofá, aconchegado com um cobertor, lendo as revistinhas que Alastair mandava para Call. Algumas pessoas quando se irritam andam de um lado para o outro, gritam, mas Aaron se fechava em si mesmo, comportamento que Call achava mais preocupante.

— Não é culpa sua, você sabe — disse Tamara para Call enquanto Devastação farejava um trecho de ervas daninhas. O lobo sabia que assim que escolhesse uma árvore e fizesse o que tinha de fazer, iam levá-lo de volta para dentro, então ele adiava o máximo possível.

— Eu sei disso. — Call suspirou. — Não pedi pra nascer, ou renascer, ou o que quer que seja.

Ela riu. A noite estava clara, as estrelas brilhantes, e o ar menos frio do que deveria estar naquela época do ano. Tamara não estava nem usando casaco.

— Não foi isso que quis dizer.

Respirando fundo, ele continuou.

— Eu só sinto que alguma coisa aconteceu há muito tempo, com Constantine e o Mestre Joseph, e mesmo com o Mestre Rufus e Alastair. Eles descobriram coisas no Magisterium. Coisas importantes. Tipo, a Ordem da Desordem sabe como falar com os mortos? Isso é muito sério. E mesmo assim mais ninguém parece saber dessa informação.

— Ninguém *quer* saber — disse Tamara. — Não, esqueça isso. Aposto que é a Assembleia que não quer que as pessoas saibam.

Call piscou para ela.

— E seus pais? Eles são da Assembleia.

— Eles sequer me deixaram saber sobre Ravan. — Tamara chutou um monte de terra com a bota. — Tem razão. Anastasia e a Ordem da Desordem conheceram Constantine na escola, o que significa que sabem mais sobre o que aconteceu do que a gente. Muito mais.

— E eles sabem mais sobre como a magia do caos realmente funciona — Call chamou Devastação, apressando-o para voltar para dentro. — E talvez saibam algo sobre o espião, também.

— O maior Makar da nossa geração — disse Tamara, pensativa. — Então mais alguém, aqui na escola, está usando magia do caos. Só não foi pego ainda.

— Não por nós — disse Call. — Mas vai ser.

O vento ficou mais forte, soprando as árvores com intensidade o bastante para derrubar uma cascata de folhas sobre eles. Bagunçou o cabelo solto de Tamara e carregou suas vozes quando chamaram um ao outro. Após um instante de frustração, Call apontou para o Magisterium e eles abaixaram as cabeças e voltaram para o portão, com Devastação correndo atrás.

De volta aos corredores escurecidos e passagens estreitas, Call não pôde deixar de pensar no peso que recaía sobre seus ombros à medida que adentravam nas cavernas: o peso de, mais uma vez, não saber em quem podia confiar.

↑≋△○@

Na segunda-feira, Mestre Rufus anunciou que teriam um teste na sexta, em que todo o Ano de Bronze competiria entre si. Mestre Rufus até fez braçadeiras para Tamara, Aaron e Call, declarando-os uma equipe de três pessoas.

Callum resmungou. Ele nunca gostou dos testes, pelo menos desde que teve que lutar contra dragões no seu Ano de Ferro. Após fugir durante o Ano de Cobre e voltar com a cabeça do Inimigo da Morte, ele conseguiu escapar de mais alguns, mas agora parecia que sua sorte em evitar testes tinha acabado.

Aaron estava envolvido demais em sua melancolia por não ser querido, ou pelo menos ser considerado suspeito, por todos na escola. Com ar solene, simplesmente aceitou sua braçadeira. Call

queria dizer para Aaron que ele nunca foi popular e que ainda estava bem, mas temeu que talvez Aaron não achasse suas palavras tão reconfortantes. Ainda assim, o Aaron sorumbático provavelmente tinha menos disposição para discutir do que o Aaron normal.

— Pode nos falar alguma coisa sobre o teste? — perguntou Tamara. — Qualquer coisa?

Mestre Rufus balançou a cabeça.

— Certamente não. Vocês três são considerados, por muitos motivos, um grupo extraordinário. Se não se comportarem bem, vão decepcionar muita gente, inclusive a mim. Espero que façam o melhor. E espero que o façam sem precisar de *dicas*.

Tamara deu de ombros e sorriu.

— Ao menos eu tentei, né?

Mestre Rufus lançou a ela um olhar que dizia que, apesar de poder, ele não se aprofundaria no assunto. Em vez disso, embarcou em uma palestra sobre o que fazer quando se parece ter abundância de magia e um feitiço começa a ficar maior do que deveria. A resposta objetiva: era responsabilidade da pessoa que invocou o poder controlá-lo.

Tudo que aprendiam atualmente era sobre responsabilidade e controle. E nada disso estava ajudando.

↑≋△○@

No caminho de volta para os novos aposentos, os três viram Gwenda espreitando no corredor. Estava frio ali, e ela vestia um casaco pesado e jeans. Tinha uma expressão irritada no rosto, mas se alegrou quando eles se aproximaram, esfregando as mãos pelos braços para se aquecer.

— Estava torcendo para encontrá-los — disse ela.

— O que foi? — perguntou Tamara. Aaron ficou atrás, parecendo preocupado com a possibilidade de ela lhe dar um fora ou encará-lo. Mas ela apenas parecia esperançosa.

— Preciso falar com vocês — disse ela. — Mas podemos entrar no quarto novo de vocês?

Os três se olharam. Call podia ver sua própria faísca de excitação espelhada nos olhos dos amigos. Talvez Gwenda soubesse de alguma coisa sobre o espião. Será que tinha visto alguma coisa ou desconfiado de alguém?

Foram até a sala compartilhada e Call guiou Devastação para ficar de guarda na porta caso alguém tentasse invadir. Devastação assumiu seu posto com o ar vigilante.

— Olhem — disse Gwenda, uma vez que os três tinham se ajeitado no sofá e a olhavam com expectativa —, a questão é...

— Continue, Gwenda — disse Tamara. — Pode nos contar qualquer coisa.

— Quero vir morar com vocês! — disparou Gwenda, um rubor surgindo em sua pele negra. — Sei que aprendizes do mesmo grupo devem compartilhar o quarto, mas eu pesquisei e qualquer aluno pode mudar se quiser. Ouvi dizer que vocês têm um quarto extra, e a questão é que não *suporto* mais!

— Não suporta o quê? — perguntou Aaron.

— Jasper e Celia! — respondeu Gwenda, exasperada. — Eles vivem se abraçando no sofá, se beijando, cochichando baboseiras no ouvido um do outro. É horrível.

— Então diga para pararem — disse Call, decepcionado. Tamara, por outro lado, pareceu entretida.

— Não adianta — argumentou Gwenda. — Eu tentei, Rafe tentou, e não adianta nada. Eles não escutam. É por isso que relacionamentos dentro de grupos de aprendizes são péssimos para todo mundo.

— Teríamos que perguntar ao Mestre Rufus — respondeu Aaron, que sempre caía em histórias tristes e provavelmente estava satisfeito por ela preferir seu passado criminoso a presenciar os beijos de Jasper.

Call ficou encarando. Ele gostava de Gwenda, mas, considerando a quantidade de armações e tramoias que ele, Tamara e Aaron faziam, ele não enxergava como tê-la em seu quarto seria algo além de uma inconveniência.

— Meus pais eram do mesmo grupo de aprendizes quando começaram a se relacionar — disse ele.

— Bem, aposto que quem quer que fosse do grupo deles detestava isso — disse Gwenda, irritada.

Call estava prestes a abrir a boca para dizer que tinham compartilhado o mesmo grupo com o Inimigo da Morte e seu irmão, mas decidiu ficar quieto. Não era exatamente um segredo, mas também não era algo que todo mundo soubesse. Call achava que quanto menos as pessoas fizessem qualquer conexão entre ele e Constantine Madden, melhor.

Além disso, se ela começasse a sugerir que o Inimigo da Morte foi levado a ser um Suserano do Mal por causa do namoro dos pais de Call, ele talvez tivesse que matá-la.

— Gwenda... — Tamara começou, obviamente tendo algumas das mesmas dúvidas de Call.

Houve uma batida na porta. Gwenda deu um salto, em seguida apareceu esperançosa.

— É o Mestre Rufus? — perguntou ela. — Se for, vocês podem perguntar pra ele agora mesmo.

Aaron balançou a cabeça.

— O Mestre Rufus simplesmente entra — respondeu, ficando de pé. Atravessou o recinto e abriu a porta.

Era Jasper.

— Ah, meu Deus — disse Gwenda. — Por que não consigo me livrar de você?

Jasper pareceu confuso.

— Por que alguém ia querer uma coisa dessas?

Ela virou para Call e Tamara.

— Ele vem aqui assim o tempo todo? Aparece assim, sem avisar?

— Constantemente — respondeu Tamara.

— É um problema — reafirmou Call.

Gwenda jogou os braços para o alto em sinal de rendição.

— Deixa pra lá, então — disse ela. — Esqueçam tudo que eu falei.

Ela se retirou do quarto, passando por Jasper, que parecia confuso.

— O que foi isso? — perguntou ele.

— Basicamente você é um saco — respondeu Call. — Mas já sabíamos disso.

Jasper entrou, fechando a porta atrás de si. Estava respirando fundo para dizer alguma coisa quando Devastação saltou, derrubando-o para o chão. Jasper gritou.

— Ops — disse Call. — Pedimos para Devastação cuidar da porta, então...

Jasper gritou um pouco mais, coisa que Call achou desnecessária. Não houve qualquer indício de que Devastação fosse machucá-lo. Devastação conhecia Jasper. Ele estava apenas sentado em cima dele, língua de fora e parecendo pensativo.

— Tire... ele... de... cima... de... mim — Jasper falou entredentes.

Call suspirou e assobiou.

— Vamos, Devastação — disse ele. Quando Devastação saiu de cima de Jasper e foi até Call para receber elogios e afagos, Jasper se levantou, esfregando o casaco exageradamente.

— Tudo bem, Jasper — disse Tamara. — Fala logo. Por que está aqui?

— Ou pode simplesmente se retirar — disse Aaron friamente, levantando. — Isso também é uma possibilidade.

Tamara ergueu as sobrancelhas. Call estava um pouco boquiaberto. Aaron simplesmente não falava assim com as pessoas. Aaron normalmente não olhava para as pessoas do jeito que estava olhando para a Jasper: como se fosse socá-lo na cara.

Call sentiu um desejo enorme por um balde de pipoca.

Jasper pareceu desconfortável.

— Queria pedir desculpas.

Aaron não disse nada.

— Sei que acham que fui eu quem plantei o boato — prosseguiu Jasper. — Quer dizer, não que seja exatamente um boato, sobre seu pai. É a verdade.

Se é que isso era possível, Aaron pareceu ainda mais ameaçador.

— Era segredo — disse ele. — E você sabia disso.

— Sim — Jasper teve a decência de parecer envergonhado.

— E o resto é mentira — disse Aaron sem rodeios. — Eu jamais machucaria Call. Ele é meu melhor amigo. É meu contrapeso.

— Eu sei — disse Jasper, para surpresa de Call. — E eu não disse a ninguém que você faria isso. Não mesmo! Eu contei a Celia a parte sobre seu pai, sim, e não devia ter feito isso. Sinto muito, *mesmo*. É que estavam todos falando de você, e acabei me metendo. Mas eu não disse nada sobre o resto.

— Então você acha que sou o espião? — perguntou Aaron.

Call se lembrou das palavras de Jasper no refeitório: *Aaron contou a você e Tamara histórias diferentes sobre o passado dele. Isso é bem suspeito. Não fazemos ideia de onde ele veio, ou quem é a família dele de verdade. Ele simplesmente aparece do nada e pronto! Makar*.

Jasper olhou para Call. Provavelmente estava se lembrando da mesma coisa.

— Não acho — respondeu Jasper. — Fiquei pensando, depois que os boatos começaram. Mas a única pessoa para quem falei que você poderia ser foi Call.

Aaron lançou um olhar espantado a Call, antes de olhar novamente para Jasper.

— Você não *acha*?

— Não — respondeu Jasper. — Você não é o espião, ok? Não acho que seja, e sinto muito por ter contado para Celia sobre o seu pai. E, se serve de consolo, ela também está arrependida. Ela nunca achou que as coisas fugiriam tanto do controle. Ela contou para duas pessoas e fez com que as duas jurassem segredo, mas a coisa acabou se espalhando.

Aaron suspirou e a raiva o deixou.

— Tudo bem, eu acho. Você realmente não plantou o boato sobre eu estar querendo acabar com Call?

Jasper se endireitou em uma pose estranhamente formal e colocou uma mão no coração.

— Juro pelo nome da família DeWinter.

Call riu com desdém e recebeu uma encarada de Jasper. As coisas quase pareciam normais.

— Ah, não — disse Tamara. — Se quer que fique tudo bem, vai ter que fazer algo por Aaron. E Celia vai ter que ajudar.

— O quê? — Jasper olhou preocupado para Tamara, o que era sempre uma boa conduta, porém especialmente boa no momento,

quando ela o encarava com um brilho no olhar.

— Celia está no circuito do boato — disse Tamara. — Descubra se pode haver outro Makar na escola, ou em algum lugar. Alguém atuando às escondidas. E veja se tem alguém com quem Drew conversava muito, pode ser?

— E descubra quem plantou o boato — acrescentou Call.

Jasper fez que sim com a cabeça, erguendo as mãos para evitar que qualquer um se irritasse com ele.

— Ok.

— Ótimo. Desculpas aceitas. — Aaron se jogou no sofá. — Seja como for, você tem problemas maiores do que nós. Gwenda veio aqui porque quer se mudar do quarto de vocês.

— Por minha causa? — disse Jasper. — Isso é ridículo.

— Talvez ela não seja muito fã de romance — Tamara falou com um sorriso maldoso.

Jasper sentou ao lado de Aaron sem ser convidado.

— Ela só está com inveja porque não tem um namorado como eu. Sou um ótimo namorado. Sei exatamente como manter uma garota feliz.

Tamara revirou os olhos. Call ficou feliz por ela não ter achado o discurso convincente. Após a deserção de Celia, ele não sabia ao certo o que impressionava garotas.

— Como prova do quão arrependido estou, posso oferecer algumas das minhas melhores dicas românticas — sugeriu Jasper.

Call, que estava prestes a se empoleirar em um dos braços do sofá, começou a rir tanto que caiu. Bateu com a perna ruim no chão — o que doeu, mas não o suficiente para impedi-lo de gargalhar.

Tamara estava visivelmente tentando impedir uma risada. Seus lábios não paravam de tremer nos cantos.

— Você está bem? — perguntou Aaron, se inclinando para ajudar Call a levantar.

— Sim! — Call conseguiu responder antes de começar a rir de novo. Ainda rindo, foi em direção ao sofá, para o lado oposto de Aaron. — Tudo bem! Estou bem!

— Em primeiro lugar — disse Jasper, fazendo uma careta para Call, que obviamente não apreciava a sabedoria que ele estava

prestes a compartilhar —, quando forem falar com uma garota, devem olhar em seus olhos. *Sem piscar*. Isso é muito importante.

— Isso não vai fazer a gente começar a lacrimejar? — perguntou Aaron.

— Não se fizerem direito — respondeu Jasper. Call ficou imaginando o que isso poderia significar. Será que a pessoa tinha que desenvolver uma segunda pálpebra, como um lagarto?

— Ok, então a primeira dica é, se você gosta de uma garota, você tem que ficar encarando — disse Call.

— A dica número dois — continuou Jasper — é fazer que sim com cabeça para tudo que ela disser, e rir muito.

— Rir dela? — disse Tamara, duvidosa.

— Como se ela fosse hilária — disse Jasper. — Garotas gostam de achar que estão seduzindo você. Dica três: jogar olhares para ela.

— *Jogar olhares?* — repetiu Aaron, incrédulo. — O que isso significa, exatamente?

Jasper se endireitou, jogando o cabelo para trás. Ele baixou os cílios e encarou os três diretamente, com a boca curvada para baixo, em uma carranca sombria.

— Você tá parecendo um maluco — disse Call.

Jasper cerrou ainda mais os olhos, fechando um deles e encarando com o outro.

— Agora você parece um pirata — disse Tamara.

— Funciona com Celia — disse Jasper. — Ela fica toda derretida quando eu faço isso.

— Ela deve gostar de piratas — disse Aaron.

Jasper revirou os olhos.

— A dica quatro é ter o corte de cabelo certo, mas obviamente isso não tem mais jeito no caso de vocês.

— Não tem nada de errado com o meu cabelo! — disse Aaron.

— O seu está ok — disse Jasper. — Mas o de Call parece que foi cortado com uma pedra afiada.

— Tem uma dica cinco? — perguntou Tamara.

— Compre um calendário com fotos de gatinhos pra ela — respondeu. — Garotas adoram calendários de gatinhos.

Devastação latiu. Tamara soltou uma gargalhada, rolando para o lado do sofá e levantando os pés. Call achava que nunca a tinha visto se divertir tanto.

— Ah, e se sua mente vagar enquanto ela estiver falando, você deve dizer que se distraiu com a beleza dela — acrescentou Jasper. — E o que quer que ela esteja vestindo, diga que é sua cor preferida.

— Ela não vai perceber se você tiver cores favoritas diferentes? — perguntou Aaron.

Jasper deu de ombros.

— Provavelmente não.

Os risinhos de Tamara estavam se transformando em soluços.

— Jasper — disse ela. — Posso te pedir um favor?

— Sim?

— Nunca goste de mim desse jeito.

Jasper pareceu indignado.

— Vocês não entendem — disse ele, se levantando. — Bem, minha missão aqui já foi cumprida. Já pedi desculpas e já dei as dicas.

— *E* prometeu fazer Celia procurar informações úteis — disse Call.

Jasper assentiu.

— Vou falar com ela.

— Não se esqueça de jogar olhares! — Tamara gritou do sofá quando Jasper chegou na porta. Ele fez uma careta ao abrir, em seguida franziu a testa.

— Tem um bilhete preso aqui — disse ele, pegando um pedaço de papel que estava preso à porta. — É para Call e Aaron.

Era um bilhete dobrado, escrito com uma letra tortuosa. *Callum Hunt e Aaron Stewart*.

— Pode me dar — disse Aaron, ficando de pé. Mas Jasper, com um sorriso de lado, já estava tentando abrir.

— Ai! — disse ele, tomando um choque. O papel tinha emitido uma pequena faísca, como um pulso elétrico.

— Está enfeitiçado — disse Tamara, soando contente. — Só Call e Aaron podem abrir.

Jasper pareceu impressionado e com um pouco de inveja.

— Legal — disse ele, jogando o bilhete para Aaron. — Até mais tarde —

E desapareceu para o corredor.

Aaron abriu o bilhete quando a porta se fechou. Suas sobrancelhas baixaram ao ler.

— É de Anastasia Tarquin — disse. — Ela está pedindo para que nós a encontremos no Portão da Missão às dez para meia-noite na sexta-feira. Ela mandou levarmos Devastação.

— É no mesmo dia do teste — disse Tamara, sentando ereta. — Sobre o que ela quer conversar?

— Não acho que queira conversar — falou Aaron, ainda olhando para o papel. — Acho que é quando vamos fazer o que ela pediu. É quando vamos roubar os animais Dominados pelo Caos.

CAPÍTULO TREZE

Faltavam quatro dias para sexta-feira, e Call, Aaron e Tamara passaram todo o tempo se preocupando alternadamente com o plano de Alma e com o teste. Mestre Rufus dizia coisas enigmáticas durante as aulas e passava trabalhos bizarros. Naquela semana, Call aprendeu a (A) pegar um fogo que Tamara lançou contra ele, (B) respirar depois que Aaron usou magia do ar para sugar todo o seu oxigênio, e (C) secar as roupas depois que o Mestre Rufus o ensopou. A última parte, infelizmente, não foi com mágica.

Não ajudou o fato de que estavam todos mal-humorados. Tamara não parava de olhar para chamas de velas e lareiras, como se pudesse ver o rosto da irmã no fogo. Aaron olhava em volta no refeitório como se esperasse que todos fossem jogar comida nele. E Call se assustava com sombras. Estava ficando tão sério que até Devastação estava tenso.

E não ajudava o fato de que Jasper continuava inútil na questão dos boatos. De acordo com Celia, Drew não teve muitos amigos. Ele se mantinha discreto, ocasionalmente procurando alunos mais velhos em busca de conselhos sobre como lidar com Mestre Lemuel. Aparentemente, Alex Strike tinha dito a Drew que ele deveria procurar Mestre North, mas ele não o fez. Provavelmente tinha recebido ordens de ficar na dele, sem reclamar com o diretor da escola.

Quanto ao responsável pelo início dos boatos sobre Aaron, Jasper ainda não sabia nada. Ele prometeu que teria mais informações até o fim da semana.

Quando a noite de quinta-feira chegou, Call estava pronto para sexta, por pior que pudesse ser. Qualquer coisa que o deixasse mais perto de respostas. Mas no refeitório, Mestre Rufus disse que teriam uma aula noturna, pois Alma tinha retornado.

— Tamara, é uma aula sobre magia do caos, então... — disse ele, mas ela o interrompeu.

— Quero assistir, vai ser interessante. Poucas pessoas conseguem ver magia do caos pessoalmente, e eu já vi muita.

Quero saber mais sobre como funciona.

Ele assentiu, apesar de não parecer inteiramente feliz. Mas como a expressão normal do Mestre Rufus normalmente era sombria, talvez isso não significasse nada, é óbvio.

Após terminarem o líquen e os cogumelos, e os sucos cinzentos, eles se reuniram na sala de sempre. Mestre Rufus andou de um lado para o outro. Alma se apoiou em um pequeno bastão e falou:

— Como sabem, o oposto da magia do caos, ou do vazio, é a alma, a qual vocês aprenderam a ver na última aula. Agora quero que aprendam a tocar a alma de outra pessoa com mágica. Um breve toque, apenas.

— Acho que já disse que sou contra isso — disse Call. — É arrepiante e estranho e nem sabemos o que isso faz com a outra pessoa.

Alma soltou um suspiro sofrido.

— Como disse antes, você só deixa a pessoa inconsciente. Nada mais. Mas se fica muito aflito, sugiro que Aaron comece. Ele pode treinar em você.

— Eu, hum... — Call começou.

Tamara se levantou de onde estava, sentada no chão contra uma parede de pedra.

— Eu faço.

— Não pode! — disso Call. — Além disso, por que todo mundo quer me apagar?

— Deve ter a ver com o seu rosto — disse Tamara, balançando a cabeça como se ele estivesse sendo ainda mais ridículo do que o normal. — Mas o que eu quis dizer foi que Aaron pode praticar em mim. Eu me ofereço para ter a alma tocada.

Aaron lançou um olhar incerto a ela.

— Por quê? Não quero machucá-la!

Ela deu de ombros.

— Quero saber como funciona, e talvez eu não perceba muita coisa, mas talvez sim. E se está preocupado em me machucar, eu falo se isso acontecer.

Call hesitou. Ele se sentiu tolo por se opor àquilo. Aprender a fazer uma pessoa dormir com um toque era incrível, desde que não bagunçasse a alma dela. Se alguém o estivesse irritando, um toque

de alma poderia resolver a questão. Ele poderia fazer Jasper desmaiar constantemente.

— Tudo bem, tudo bem — disse Call. — Eu também quero aprender.

Tamara lançou a ele um olhar reprovador, mas Alma era só sorriso.

— É fácil — disse ela.

Não era. Alma conhecia a teoria, mas nunca tinha feito, e a última vez em que fez um Makar experimentar, tinha sido há quase duas décadas. De acordo com ela, o ato necessitava de uma quantidade enorme de foco, primeiro para ver uma alma, e depois para alcançar um mínimo de caos para tocá-la.

Call foi posicionado ao lado de Alma, para sua irritação, enquanto Aaron ficou com Tamara. A ideia de tocar a alma de alguém que ele mal conhecia o deixava inquieto e estranho.

Mas ele tinha que tentar. Fechou os olhos e tentou fazer o que ela mandou, tentou enxergar sua alma como havia feito com a de Aaron. Mas não era a mesma coisa. Aaron era um de seus melhores amigos. Com ela era como brincar de esconde-esconde quando estava tudo escuro, era tatear aleatoriamente. Mas sem muita intenção, Call acabou conseguindo. Não estava apenas tocando na alma da professora; ele pôde sentir o comprimento prateado da alma debatendo-se como um peixe fora da água. Antes de afastar seus pensamentos, sentiu dentro dela uma força de vontade imensa, muita tristeza e um súbito pavor. Engasgando, ele abriu os olhos a tempo de ver que Alma revirava os olhos.

Ela caiu em uma pilha de travesseiros que o Mestre Rufus havia conjurado de outra área do Magisterium.

Ele olhou para ver Aaron pegando Tamara nos braços enquanto ela desmaiava graciosamente. Aaron a segurou por um instante antes que ela abrisse os olhos, risse e se endireitasse, sorrindo para ele.

Rufus tinha se apressado para o lado de Alma.

— Ela continua inconsciente — disse ele. — Mas está bem. — O mago parecia sombrio. — Bom trabalho, pessoal.

Call tinha conseguido. Tinha tocado a alma de alguém. Só não se sentia bem com isso. Nem um pouco.

↑≋∆O@

A sexta-feira amanheceu. Callum foi acordado por Devastação lambendo seus pés descalços, o que continuava nojento e fazia cócegas. Call girou, ainda meio dormindo, tentando proteger os dedos dos pés, colocando-os sob as cobertas. Mas isso só fez Devastação pular na cama e lamber seu rosto.

— Sai...humpf... sai! — falou Call, cobrindo a cabeça com uma das mãos e empurrando o lobo com a outra. Às vezes, saber por onde a língua de Devastação já tinha passado era pior do que não saber.

Vestindo o uniforme, ainda grogue, Call ficou imaginando se poderia tocar a alma de Devastação para fazê-lo dormir por mais quinze minutos, mas concluiu que por Devastação ser Dominado pelo Caos, sua alma já tinha sofrido o bastante.

Call marchou para a sala compartilhada e bateu à porta de Tamara. Era a vez dela o acompanhar na caminhada matutina. Um resmungo veio de dentro e alguns minutos depois ela abriu a porta, parecendo estar com tanto sono quanto ele, usando sua braçadeira roxa. Isso fez Call se lembrar de buscar a dele. Os dois cambalearam para o corredor, segurando uma coleira que ninguém tinha se incomodado em amarrar em Devastação.

— Hoje é o dia — disse Tamara quando estavam na metade do caminho para o Portão da Missão, apontando para a braçadeira. — Todos esperam grandes coisas de nós nesse teste, mas eu andei falando com outros alunos e o Mestre Rufus tem passado tanto tempo nos ensinando sobre *responsabilidade pessoal* e ensinando a vocês dois sobre magia do caos que acho que não estamos prontos.

Call estava concentrado em não tropeçar. Sua perna sempre ficava dura pela manhã e era complicado apoiar muito peso nela antes que a musculatura relaxasse. Ele fez que sim com a cabeça. Call sempre achava que não estava pronto para as coisas, mas não gostava de ver Tamara concordando com ele.

— Talvez a gente possa usar magia do caos — sugeriu ele. — Pode ser nossa arma não tão secreta.

Ela riu.

— Certo, se quiser que todo mundo pense que você trapaceou.

— Isso não é trapacear! É a minha mágica, e de Aaron.

Tamara ergueu as sobrancelhas.

— Era isso que você pensaria se não fosse um Makar?

— Provavelmente não — disse Call, sendo razoável. — Mas eu *sou* um Makar.

Ela fez uma careta para ele, que significava que estava irritada, ou entretida. Call nunca sabia ao certo em que direção a expressão pesava; só sabia que Tamara a usava bastante, principalmente perto dele.

Devastação fez suas necessidades enquanto Call absorveu o ar fresco e chutou algumas folhas. Voltaram para dentro do Magisterium, onde descobriram que suas coisas finalmente tinham sido consideradas inofensivas pelos magos e foram devolvidas. Apesar de Call sentir-se tentado a olhar tudo, pegou Miri, guardou a faca na bainha e foi para o refeitório com Tamara. Encontraram Aaron já sentado à mesa, com Jasper e Rafe. O corpo todo de Aaron estava curvado sobre o prato, como se ele estivesse tentando desaparecer.

Tamara sentou em uma cadeira e olhou para Jasper.

— E então? Descobriu alguma coisa útil?

Jasper ergueu uma das sobrancelhas para ela.

— Vá embora, Rafe — disse ele.

— Por quê? — gritou Rafe. — Pelo amor de Deus, por quê? — Ele pegou o prato e mudou de mesa enquanto Jasper o olhava com as sobrancelhas erguidas.

— Não liguem para ele. Sempre fica de mau humor de manhã — disse. — Enfim, eu falei com Celia. Tive que usar todo o meu charme para arrancar alguma coisa dela.

Aaron pareceu alarmado. Call revirou os olhos.

— Por favor, chega de dicas masculinas — implorou Aaron. — Apenas diga o que ela disse, se é que disse alguma coisa.

Jasper pareceu um pouco desanimado.

— Não existem boatos sobre a existência de outro Makar além de vocês dois. Apesar de aparentemente haver muitas conversas sobre vocês, caso estejam interessados em saber. Histórias sobre como derrubaram o Inimigo. Se vão começar a fazer experiências para testar seus poderes. Se vocês têm namorada.

— Por que teriam? — Tamara pareceu chocada.

— Dê um voto de confiança, Tamara — disse Call.

— Só quis dizer que... Bem, não é como se vocês tivessem *tempo* pra isso.

— Se for amor, a pessoa arruma tempo — falou Jasper, olhando com ar de superioridade.

Tamara resmungou.

— E os boatos? Quem começou?

Jasper balançou a cabeça.

— Ainda não sei. Celia disse que achou que talvez fosse um dos alunos mais velhos.

Tamara respirou fundo.

— Acha que pode ter sido Kimiya? — perguntou. — Ela foi péssima com Aaron.

— Mas por que ela inventaria coisas assim? — perguntou Aaron. — Ela me conhece... pelo menos um pouco.

— Acho que não foi ela — disse Call. — Ela agiu como se estivesse chocada pela possibilidade de Aaron não ser quem ela pensava. Não como alguém que já tinha iniciado um boato sobre ele.

Jasper jogou um cogumelo para o alto e comeu.

— Só faz uma semana. Vou descobrir mais coisas.

— Ótimo — disse Aaron. — Talvez a gente consiga algumas respostas se sobrevivermos ao teste hoje.

Call resmungou. Quase tinha se esquecido do teste.

Mestre Rufus os conduziu quando estavam saindo do refeitório. Estava com um sorriso sinistro no rosto e uma bolsa grande no ombro.

— Vamos, aprendizes. Acho que vão gostar do que temos para vocês hoje.

↑≋△○@

Call não gostou.

Estavam na enorme sala onde muitos dos testes eram realizados, inclusive a luta com dragões no Ano de Ferro. Mas desta vez, o cômodo estava *pegando fogo* — tudo bem, nem todo ele,

mas boa parte. Call sentiu o calor envolvê-lo imediatamente, tostando a camada mais superficial do corpo como um marshmallow prestes a queimar.

Chamas saltitavam no meio da sala, mas não de forma aleatória. Estavam dispostas seguindo um padrão. Linhas de chamas corriam paralelas umas às outras, formando o que pareciam trilhas entre elas. Faziam Call se lembrar dos labirintos que já tinha visto em ilustrações de livros, pessoas vagando por emaranhados feitos de árvores e arbustos. Mas este era feito de chamas vivas.

— Um labirinto de fogo — disse Aaron, olhando fixamente. Tamara também encarava, as chamas refletidas em seus olhos. O fogo subia e descia, espalhando faíscas. Call ficou imaginando se Tamara estaria pensando na irmã.

Uma das alunas do Ano de Ouro, provavelmente aprendiz do Mestre North, passou por eles e entregou ao Mestre Rufus três cantis de uma pilha que estava carregando. Rufus assentiu e se voltou novamente para seus aprendizes.

— São para vocês — disse ele, indicando os cantis, cada qual cuidadosamente marcado com iniciais: *AS. CH. TR.* — A água é o elemento oposto ao fogo. Estão todos cheios com uma pequena quantidade de água que vocês podem extrair enquanto navegam pelo labirinto. Lembrem-se de que podem usar tudo e perfurar as paredes ou economizar a sua mágica. Não vou lhes dizer qual é a solução mais sábia. Vocês devem seguir seu próprio julgamento.

Call tinha quase certeza de que Mestre Rufus *estava* indicando o preferível, mesmo que não quisesse admitir.

— A única coisa absolutamente inadmissível é voar sobre o labirinto. Isso resultará em desqualificação imediata. Entenderam? — Mestre Rufus lançou um olhar severo a cada um deles.

Call assentiu.

— Porque isso seria trapacear?

— Além de perigoso — disse Tamara. — O calor sobe. O ar acima do labirinto estará fervendo.

— Isso mesmo — disse Mestre Rufus. — Mais uma coisa: vocês vão entrar individualmente. — Ele olhou longa e duramente para cada uma das expressões de choque dos três. — Não como um grupo, mas sozinhos.

— Espera. O quê? — perguntou Tamara. — Mas temos que proteger Call! Não temos deixado que ele fique um minuto longe dos nossos olhares.

— Pensamos que fosse um desafio em equipe — observou Aaron. — E as braçadeiras?

O Mestre Rufus olhou em direção a alguns dos outros Mestres que estavam com seus aprendizes, preparando-os para o labirinto. Alguns dos alunos mais velhos costuravam seu caminho em meio a eles, entregando cantis, respondendo perguntas. Eram assistentes. Call viu o brilho de pulseiras douradas e prateadas. Viu Alex e Kimiya, que olhou na direção deles e acenou brevemente para Tamara, que não acenou de volta. Seus olhos escuros estavam impiedosos.

— É um desafio em equipe; suas pontuações formarão uma média — disse o Mestre Rufus. — Este teste é para demonstrar que é importante que todos vocês assumam responsabilidade sobre as educações dos outros aprendizes no seu grupo. E ao passo que é importante que saibam como funcionar em grupo, também é importante que saibam funcionar sozinhos.

“Não se preocupem com Call — acrescentou Mestre Rufus. — Preocupem-se com vocês mesmos e com suas notas. Cada um entrará por uma parte diferente do labirinto. O objetivo é chegar ao meio. A primeira pessoa que conseguir isso terá um dia inteiro de dispensa das aulas e poderá ir para a Galeria junto com o resto da equipe.

Call sentiu uma motivação súbita para vencer. Um dia inteiro de folga, nas piscinas termais, assistindo a filmes e comendo doces com Tamara e Aaron. Seria incrível!

Ele também se sentiu grato por estar por conta própria no teste. Era grato pelo que os amigos estavam fazendo, mas não tinha o costume de ficar acompanhado o tempo todo e estava ficando cansado. O que tinham diante de si era um teste, criado e aplicado pelos mestres. Isso significava que *ninguém* estava seguro. Mas, provavelmente, ele não corria mais perigo do que o restante dos alunos.

A voz de Mestre North veio explodindo pelo campo de fogo, amplificada por magia do ar. Ele repetiu as regras, enfatizando a

parte sobre não voar, e depois começou a indicar os pontos de partida individuais. Call procurou por sua marca de giz: *BY9.*

— Boa sorte — disse ele a Aaron e Tamara, ambos agarrando os próprios cantis e olhando para ele com preocupação. Call sentiu uma onda de calor, e não foi por causa do fogo. Ambos os seus amigos estavam prestes a entrar em um labirinto em chamas, e ambos estavam preocupados com ele, e não com si próprios.

— Cuidado — disse Aaron, dando um tapinha no ombro de Call. Seus olhos verdes eram tranquilizadores.

— A gente consegue — disse Tamara, parte do seu antigo entusiasmo de volta. — Estaremos nos divertindo na Galeria logo, logo.

Ela e Aaron assumiram os respectivos lugares. Call ouviu a voz do Mestre North se elevando sobre os estalos e o clamor das chamas.

— Em suas marcas. Preparar. Valendo!

Os aprendizes dispararam para o labirinto. Havia múltiplas trilhas a percorrer. Call seguiu a própria rota, que o levava para as profundezas do fogo. As chamas ardiam ao seu redor. Os outros alunos eram sombras através do fogo laranja e vermelho.

O labirinto bifurcava em dois caminhos diferentes. Call escolheu o esquerdo aleatoriamente e o seguiu. Seu coração batia forte e sua garganta parecia queimar com o ar superaquecido que ele inalava. Pelo menos não tinha fumaça.

Fogo quer queimar. Ele se lembrou de sua própria resposta irônica naquela primeira vez em que ouviu o poema. *Call quer viver*. Naquele momento, o ardor das chamas diminuiu e Call pôde olhar através do labirinto.

Não viu ninguém. Seu coração acelerou quando percebeu que nenhum outro aluno era visível. Ele parecia sozinho ali dentro, apesar de ainda conseguir ver os Mestres do lado de fora, junto às paredes.

— Aaron? — chamou. — Tamara?

Ele apurou os ouvidos para conseguir escutar acima dos estalos do fogo. Teve a impressão de ter captado seu nome, suave como um sussurro. Ele avançou em direção ao som, exatamente quando as chamas ao seu redor ergueram-se outra vez, agora ardendo tão

altas quanto postes de telefone. Ao quase ser atingido por uma explosão de chama, Call cambaleou; a ponta de uma de suas mangas queimava. Ele apagou a brasa com um tapa, mas seus olhos ardiam, quase cegos, e ele estava tossindo muito.

Ele alcançou o cantil e o abriu com o polegar, esperando ver o brilho familiar da água. Água da qual pudesse extrair, cujo poder ele pudesse usar para reduzir a chama.

Mas estava vazio.

Call sacudiu o cantil perto do ouvido, torcendo para estar errado, torcendo para ouvir o ruído familiar de líquido. Ele sacudiu a boca do cantil sobre a mão, torcendo por uma única gota. Não tinha. Não havia nada dentro dele, exceto um pequeno buraco na base. Parecia ter sido furado.

— Mestre Rufus! — gritou ele. — Meu cantil não tem água! Você precisa parar o teste!

Mas as chamas só aumentavam ao seu redor. Uma explosão voou em sua direção e ele teve que pular para o lado para evitá-la. Call tropeçou e caiu violentamente sobre um joelho, e por pouco não deu de cara com uma parede de fogo. Uma dor subiu pela lateral do corpo. Por um momento, ao se levantar, Call não teve certeza de que sua perna ruim iria segurá-lo.

— Mestre Rufus! — gritou de novo. — Mestre North! Alguém!

Por que ele achou que ficaria bem sozinho? Por que confiou nos Mestres para garantirem sua segurança? Se Tamara ou Aaron estivessem ali, teria como pegar um pouco da água deles! Mas então seus pensamentos mudaram bruscamente de direção: e se os cantis de Aaron e Tamara também estivessem sem água? E se a pessoa que estava atrás dele quisesse se *certificar* de que eles não poderiam ajudar de jeito nenhum?

Tinha que encontrá-los.

Call começou a andar novamente, tentando ignorar o calor que crescia ao seu redor. Bolas de fogo se soltavam de tempos em tempos e voavam em direções aleatórias, como labaredas. Ele desviou de uma ao dobrar uma esquina. Virou mais uma e se viu diante de uma parede de fogo.

Estava em um beco sem saída.

Call freou de repente e virou, pronto para refazer os passos, mas encontrou mais uma parede. O labirinto tinha mudado de forma e parecia buscá-lo com línguas de fogo, queimando-o, deixando o ar com cheiro de cabelo e tecido queimados.

O uivo agoniado de Call foi engolido pelo rugir das chamas. *Óbvio* que o labirinto mudava de forma. Do contrário não haveria necessidade de terem água — tinha que haver pontos em que fosse necessário fazer mágica.

Naquele momento uma das paredes se aproximou. Call pôde ver os rebites de metal em suas botas brilhando em um vermelho alaranjado. A não ser que quisesse virar churrasco, tinha que encontrar uma maneira de sair dali. Não podia voar; Tamara tinha razão, estaria ainda mais quente no ar acima das chamas.

Ar. *Calma*, Call pensou. *Fogo precisa de ar, certo? Fogo se alimenta de ar.*

Ele teve uma ideia.

Ele esticou sua mão esquerda, do jeito que havia visto magos fazerem quando estavam invocando poder para seus feitiços. Como já tinha visto Aaron fazer. Ele esticou, além do fogo ao seu redor, além da pedra sob seus pés. Além da água correndo nos rios e riachos muito acima deles. Além do ar. Ele tocou no espaço que existia e no que não existia, alcançando além do nada. O coração do vazio.

O calor do fogo esmaeceu. Ele não conseguia mais sentir sua pele queimando e ardendo. Aliás, estava com frio. Um frio como o do espaço sideral, onde não havia calor, apenas o nada. No centro de sua palma, um espiral preto começou a dançar. Elevou-se de sua pele como um redemoinho de fumaça libertada.

Fogo quer queimar.

Ar quer levitar.

Água quer correr.

Terra quer unir.

Caos quer devorar.

O caos se ergueu da mão de Call, cada vez mais veloz. Tinha se transformado em um tornado preto, girando ao redor de seu pulso e da mão. Ele conseguia senti-lo, espesso e oleoso como areia

movediça que o sugaria para baixo. Ele ergueu a mão ainda mais, o mais alto que conseguia, até alcançar acima do topo das chamas.

Devore, ele pensou. *Devore o ar*.

A fumaça explodiu para fora. Call engasgou quando um ruído que parecia uma explosão sônica perfurou o ar. As chamas começaram a sacudir de forma selvagem, de um lado para o outro enquanto a fumaça preta corria sobre elas, se espalhando como uma camada de nuvem, devorando o oxigênio. Fogo precisa de oxigênio para sobreviver. Call tinha aprendido isso na aula de ciências. Seu caos sombrio estava comendo o oxigênio que cercava as chamas.

Ele conseguia ouvir outros barulhos agora: outros aprendizes, gritando de surpresa e medo. As chamas emitiram um ruído como se estivessem sendo viradas do avesso — em seguida desapareceram, sucumbindo em pilhas de cinzas queimadas. De repente toda a sala era visível — Call podia ver os outros alunos espalhados pelo chão, alguns agarrando seus cantis, todos olhando em volta, chocados.

A fumaça provocada por Call ainda pairava no ar. Escura e sinuosa, parecia ter dilatado com o ar que engoliu. Call começou a engasgar, lembrando-se de mais uma coisa que aprendeu na aula de ciências. O fogo podia precisar de oxigênio para sobreviver, mas as pessoas também.

A fumaça começou a assentar. Mestre Rufus marchava em direção ao labirinto destruído, gritando:

— Call! Livre-se disso, Call!

Em pânico, Call esticou a mão outra vez, alcançando o caos, tentando puxá-lo de volta para si. Sentiu a energia resistir. Queria empurrar aquilo e se libertar. Queria que o deixasse em paz. Call esticava a mão com tanta força que os dedos estavam se transformando em garras doloridas. *Volte*.

De repente a fumaça escura do caos girou em um redemoinho e avançou para o chão. Call soltou um grito — depois viu que ela ia em direção a Aaron, cuja mão também estava levantada. Se desfez em sua palma e desapareceu.

O Mestre Rufus parou a alguns metros de Call. Aaron abaixou lentamente a mão. Call pôde ver Tamara, suas bochechas

manchadas de cinzas, a boca aberta. Sobre os montes de cinzas e os grupos de alunos assustados, Call e Aaron olharam um para o outro.

↑≋△○@

Naquela noite, Tamara foi a única dos três a descer para o refeitório para jantar. Ela levou comida para Call e Aaron — uma bandeja cheia de líquen, cogumelos, batatas e a sobremesa roxa que Call gostava.

— Como foi? — perguntou Aaron.

Ela deu de ombros.

— Foi tudo bem, eu acho. — Tamara sabia mentir muito bem, então Call ficou de olho nela, pronto para acreditar que independente do que ela dissesse, a verdade era muito pior. — Todo mundo queria fazer perguntas, mas foi só isso.

— Que tipo de perguntas? — Call quis saber. — Tipo, se eu sou maluco? Se estou me tornando mau?

— Não seja paranoico — disse Tamara.

— É, eles provavelmente acham que *eu* sou o maluco — disse Aaron, dando um suspiro. A parte mais estranha foi que Call teve que reconhecer que isso provavelmente era verdade. Apesar de Aaron ter salvado todo mundo — salvado *de Call*, o que fez com que Call se lembrasse da lista de Suserano do Mal do ano passado, já que quase matar todos os grupos de aprendizes do Ano de Cobre teria lhe dado muitos pontos —, seu uso da magia do caos provavelmente ainda assustava a todos.

— Está quase acabando — disse Tamara a eles. — Vamos ajudar Alma, e ela vai entrar em contato com Jennifer pra... Ok, não sei o que ela vai fazer, exatamente. Mas vamos saber quem matou Jennifer, e isso significa que vamos saber quem está atrás de você. Então comam. Vão precisar de força.

— Então, quem ganhou? — perguntou Call.

— Quê? — Tamara pareceu desconcertada. — Como assim?

— Quem ganhou o teste? — repetiu Call. — Quem vai poder ir para a Galeria? Quer dizer, eles escolheram a pessoa mais próxima do centro ou resolveram desistir de tudo?

— Nós vamos — disse Tamara lentamente, como se estivesse tentando ser muito solidária com alguém a quem estava dando uma má notícia. — Você ganhou, Call.

— Ah — disse ele, sem saber muito bem como receber a notícia. Ninguém o parabenizou na hora. Mestre North viera rugindo sobre o que sobrara após o fogo para sacudir os ombros de Call e perguntar no que ele estava pensando. Entretanto, quando Call mostrou a ele o cantil vazio com o buraco no fundo, sua expressão ficou séria e estranha.

Mestre Rufus tinha olhado em volta com frieza, como se estivesse pensando no que faria com o culpado. Call sabia como era a sensação, apesar de ter se preocupado por um instante que o olhar do Mestre Rufus tivesse repousado em Anastasia.

Às vezes quando Call olhava em volta do refeitório, achava impossível que alguém que quisesse matá-lo pudesse se misturar a todo mundo.

— Tamara tem razão — disse Aaron, dando uma garfada generosa no líquen. — Precisamos descansar e nos preparar para hoje à noite. Já usamos magia o suficiente e preciso de um cochilo, ou vou cair no sono abraçando um urso Dominado pelo Caos e serei devorado.

Call, que dormia abraçado com um lobo Dominado pelo Caos com frequência, riu. Em seguida atacou a comida. Ele e Aaron comeram tudo bem rápido. A essa altura ele também estava se sentindo grogue e tonto, como se a pele que habitava não fosse sua. Lembrou-se de Aaron passando mal e desmaiando após usar intensamente a magia do caos, mas ele nunca tinha se sentido assim antes. Ele se levantou e foi deitar.

Quando acordou, enrolado nos lençóis, ainda de uniforme e sapato, sequer conseguia se lembrar de ter deitado. Do lado de fora do quarto ouvia-se vozes. Já devia estar na hora.

Call se levantou e foi para a sala compartilhada.

Alex estava sentado no sofá, conversando com Tamara. Ambos vestiam roupas pretas, como ninjas. O cabelo castanho de Alex estava meio escondido sob um boné escuro e Tamara usava um casaco preto grande demais e legging. Seu cabelo estava preso em tranças sedosas amarradas com laços pretos. Alex sorria para ela

de um jeito diferente, um jeito que Call só o tinha visto sorrir para Kimiya.

Call não gostou disso.

— Minha madrasta me mandou ajudar — disse Alex, voltando-se para Call. — Vocês têm certeza de que querem fazer isso? Participar dessa... travessura noturna? Isso é muito sério.

— Eu não sabia que você ia participar — disse Call, e Alex piscou como se estivesse surpreso pelo tom de Call. Tamara lançou a Call um olhar reprovador.

— Ele é enteado de Anastasia — disse Tamara. — E é mago do ar. Será útil.

Aaron entrou na sala, também de preto, apesar de não ter coberto o cabelo brilhoso. Aaron fez um gesto de cabeça para Call.

— Deixamos que dormisse o máximo possível.

— Vocês usaram muita magia do caos no teste hoje — disse Alex. — Estou vendo que vou ter dificuldade de acompanhá-los.

Call e Aaron trocaram um olhar que dizia que nenhum dos dois estava exatamente ansioso para ser convocado a usar esses poderes de novo. Call estava completamente esgotado.

— É melhor vestir uma roupa escura — disse Alex. — Não queremos ser vistos no caminho.

Call voltou para o quarto e vestiu seu jeans preto e o casaco mais escuro que encontrou, que era azul. Quase se esquecendo, pegou Miri que estava em cima da cabeceira e guardou a faca no cinto da calça jeans. Então acordou Devastação, que dormia em cima da cama com a língua apoiada na colcha.

— Vamos, garoto — disse Call. — Hora da aventura.

Voltou para a sala com Devastação atrás de si. Alex abriu a porta para o grupo sair. Com um olhar na direção de Call, Tamara o seguiu.

Já no corredor, Call olhou em volta, surpreso. Estava tudo normal — as paredes de pedra, os corredores que se estendiam dos dois lados —, mas havia um estranho brilho no ar, como se vibrasse em volta deles.

— Camuflagem — disse Alex em voz baixa. Ele estava com a mão direita levantada, os dedos fazendo uma série de movimentos complexos, como se ele estivesse tocando piano. — Alterar a

estrutura molecular do ar torna mais difícil que as pessoas nos vejam.

Call olhou para Tamara com uma sobrancelha erguida, como se buscasse confirmação. Ela deu de ombros, mas nitidamente estava impressionada. O que também era irritante — se alguém tinha feito alguma mágica impressionante naquele dia, definitivamente tinha sido Call.

Embora ele provavelmente não devesse pensar desta forma.

Mas não pôde deixar de imaginar se Aaron estava pensando o mesmo, considerando que um segundo depois uma brasa brotou da mão de Aaron, iluminando o caminho.

— Vamos — disse ele. — Passaremos pelo Portão da Missão?

Alex assentiu e o grupo foi em frente, a luz de Aaron projetando as sombras de cada um deles contra a parede — Alex, depois Aaron, depois Call e Tamara, e, atrás deles, Devastação trotando.

Encontraram apenas algumas pessoas no caminho para o portão, e exatamente como Alex falou, ninguém pareceu ser capaz de vê-los, ou mesmo suas sombras. Celia estava com Rafe, falando em voz baixa. Quando passaram por ela, Celia franziu a testa, mas, fora isso, não reagiu. Mestre North também passou por eles com o rosto enterrado em uma pilha de papéis. Não ergueu os olhos nenhuma vez.

Call se perguntou quando o Mestre Rufus ensinaria a eles um truque tão incrível quanto esse e percebeu, melancolicamente, que a resposta provavelmente era nunca. Mestre Rufus não era o tipo de pessoa que apostaria contra a sua capacidade de encontrar os próprios aprendizes.

Eles saíram pelo Portão da Missão. Devastação, acostumado a ser levado por esse caminho para passear, foi na direção habitual das árvores e do campo de ervas daninhas. Alex gesticulava na outra direção.

— Por aqui, Devastação. — Call disse no tom mais alto que ousou. — Vamos, garoto.

— Para onde vamos? — perguntou Aaron.

— Alma está esperando — disse Alex, conduzindo-os pela estrada de terra que, no começo de cada ano letivo, o ônibus pegava para subir a colina até o Magisterium. Era uma descida

íngreme, porém rápida. Muito mais rápida do que fugir pela floresta, como fizeram no Ano de Cobre, ou aos tropeços, em pânico, como Call e Tamara fizeram depois que Aaron foi sequestrado no Ano de Ferro.

Estradas são ótimas, Call pensou contemplativo, jurando pegá-las com mais frequência. *Menos sequestros por elementais, mais estradas*.

Dobraram uma esquina e viram uma van perto de um monte de pedras. Alma se debruçou para fora da janela.

— Não achei que fossem ter coragem de aparecer — disse ela resmungando. — Entrem.

Alex abriu a porta da van e eles se empilharam um em cima do outro. Assim que a porta se fechou, Alma deu partida no carro, dirigindo mais depressa do que Call julgava necessário. Devastação começou a ganir.

— Então, acho que conseguiremos ultrapassar o caminhão na Rodovia 211. A questão é como fazê-lo parar sem ser jogando para fora da pista. E antes que digam “e daí, qual o problema?”, isso pode machucar os animais — Alma tinha o péssimo hábito de olhar para eles enquanto falava, checando suas reações. Call queria muito, muito lembrá-la de que precisava olhar para a estrada, mas tinha medo de surpreendê-la e fazer com que ela virasse o volante e os jogasse de um penhasco.

— Tudo bem — disse Call no fim das contas.

— Por que você não podia fazer isso sozinha, você e o resto da Ordem da Desordem? — perguntou Alex.

Alma suspirou, como se a pergunta fosse muito boba.

— De quem você acha que vão desconfiar primeiro? A Ordem atua na floresta em torno do Magisterium desde que fomos autorizados a estar ali, capturando, marcando, e às vezes até abatendo animais Dominados pelo Caos. Mas só quando necessário. A Assembleia sabe que somos firmemente contra o extermínio dessas valiosas cobaias, então nossos membros precisam de álibis à prova de balas.

— É tocante, o quanto ela se importa. — Aaron suspirou para Call, em um raro momento de desdém. Call concordou. Devastação não era uma cobaia valiosa; ele era um lobo de estimação. Call

gostaria que todos os animais tivessem opções melhores do que morrer ou serem usados pela Ordem.

— Mas e o seu álibi? — perguntou Tamara.

— Eu? — disse Alma. — Bem, os registros mostram que eu estava com Anastasia Tarquin, respeitável integrante da Assembleia, esta noite. Ela foi gentil o suficiente para me conceder acesso aos elementais e perdemos a noção do tempo tentando alguns experimentos novo.

— E *nós*? — perguntou Call, voltando ao que considerava ser a questão central.

— Vão ficar de tocaia — disse Alma, saindo da estrada e entrando na via expressa. Passaram voando pelo posto de gasolina onde, no ano anterior, ficaram esperando o mordomo de Tamara, Stebbins, vir buscá-los. A via expressa se abria diante deles. Por um instante, Call fantasiou que estivessem indo a algum lugar só para se divertir. Mas talvez não com Alma. Isso seria estranho.

Alma soltou uma risada cacarejada e parou. Eles saltaram da van, felizes com o ar fresco. Estava frio, e o ar gelava as bochechas e o queixo de Call enquanto ele olhava em volta. Estavam em uma bifurcação, onde a Rodovia 211 e a Rodovia 340 se dividiam. As duas estavam desertas, e a lua, enorme e clara, iluminava as linhas brancas que pintavam o centro do asfalto.

Alma olhou para o relógio.

— Estão a mais ou menos cinco minutos daqui — disse ela. — Não mais do que isso. Temos que descobrir como bloquear a passagem. — ela olhou para Call, como se o imaginasse como um bloqueio adequado na estrada.

— Eu faço — disse Alex e caminhou até o trecho de grama na frente de onde as estradas se dividiam.

— O que ele vai fazer? — sussurrou Tamara, mas Call apenas balançou a cabeça. Ele não fazia ideia. Ficou olhando enquanto Alex erguia as mãos e fazia os mesmos movimentos de pianista.

Cor e luz giraram na frente dele. Alex se inclinou para trás enquanto elas se expandiam. Call assistiu aquilo com uma pontinha de inveja. Aquilo era o que ele sempre achou que a mágica fosse, não a escuridão mortal que se derramava das suas mãos.

— Lá estão eles — sussurrou Tamara, apontando. Como não podia deixar de ser, ao longe Call pôde ver um grande caminhão preto vindo na direção deles, do lado leste. Os faróis pareciam cabeças de alfinete brilhando ao longe, mas aproximavam-se muito rapidamente.

— Depressa, Alexander! — Alma se irritou.

Alex cerrou os dentes. Ele visivelmente estava dando tudo de si, e Call sentiu uma pontada de arrependimento por ter sido impaciente com ele. A luz na frente de Alex tinha escurecido e a cor pareceu solidificar em formas — uma mistura de barreiras de trânsito cor de laranja e amarelas com as palavras ESTRADA FECHADA em letras grandes e pretas. Eram enormes e pareciam assustadoramente sólidas.

— Alex, sai daí! — gritou Tamara. Parecendo cansado, Alex cambaleou em direção a eles. Alma os puxou para trás da van ao mesmo tempo em que o caminhão chegou, parando diante da barricada.

O caminhão em si era um veículo inclassificável com dezoito rodas, sem nada escrito na lateral. Quando o motorista saiu da cabine, parecia totalmente não mágico. Estava até de boné. Então foi até a barricada e franziu o rosto para ela. Do caminhão veio uma voz.

— É só tirar da frente! — disse a voz, nitidamente muito irritada e acostumada a ser obedecida. — Temos hora!

— E se essa estrada estiver fora de uso? — perguntou o sujeito de boné. — As pessoas não colocam essas coisas sem motivo.

Call não sabia ao certo se a ilusão seria capaz de suportar contato físico. Ele tinha que fazer alguma coisa. Olhou para Alma e semicerrou os olhos, de repente ficando muito consciente de por que ela tinha ensinado a ele e Aaron sobre o toque da alma.

— Temos que apagá-los — sussurrou ele.

Aaron assentiu, mas ele já estava parecendo um pouco esgotado. Os dois tinham usado muita magia do caos naquele dia e não seriam capazes de usar um ao outro como contrapesos se ambos estivessem igualmente exaustos. Teriam que tentar não ir longe demais.

A pele de Call formigou. O caos surgiu entre seus dedos com facilidade, por mais que estivesse cansado. Com desconforto, imaginou que talvez a exaustão tornasse a magia mais fácil. Talvez o caos o devorasse sem que ele notasse.

O outro homem saltou da cabine de cara fechada para o motorista. Estava vestido de verde-oliva como os outros membros da Assembleia. Call se lembrou de tê-lo visto antes, mas não exatamente onde. Tamara respirou fundo. Ela conhecia o sujeito, obviamente. Ele provavelmente era alguém importante.

Alex tinha arregalado um pouco os olhos e até Alma parecia pronta para cancelar tudo. Call teve que agir depressa, antes que o pânico os dominasse. Eles tinham vindo aqui para libertar os animais que estavam presos na caçamba do caminhão, animais como Devastação, que corriam perigo. Só de pensar nisso e de ver Devastação agachado na vala, Call foi tomado por uma onda súbita de coragem.

— No três — sussurrou ele para Aaron. — Vamos tocar a alma deles. Você cuida do motorista e eu fico com o de boné.

Os lábios de Aaron se curvaram em um dos lados e Call imaginou se o amigo estaria ansioso para testar o feitiço de verdade. Talvez ele também estivesse pensando nos animais.

Usando sua magia, Call foi em busca da alma do membro da Assembleia. Foi diferente de tocar Alma no ambiente seguro do Magisterium, onde ele poderia levar todo o tempo que precisasse e ela estava preparada para isso. A alma do membro da Assembleia era escorregadia, difícil de agarrar, como se desviasse dele. Ele quase conseguia vê-la — uma coisa prateada que dava impressão de se contorcer em ondas complicadas. Ele expandiu a extensão do poder com rapidez, sem tempo para refinamentos como tivera antes. Sentiu a magia do caos se conectar, mas pareceu mais um tapa do que um toque.

Pelo menos não foi um aperto dessa vez.

O homem caiu. Quando Call trouxe o foco de volta a si mesmo, estava caído no chão, Aaron e Tamara agachados junto a ele.

— Você sabe quem era aquele? — perguntou Tamara. — Sabe quem acabou de derrubar?

Call balançou a cabeça. Óbvio que não sabia.

— O pai de Jasper — respondeu Tamara.

— Uau — Call sabia que o pai de Jasper fazia parte da Assembleia, até o viu na festa onde Jennifer morreu. Não podia acreditar que tinha se esquecido. Agora entendia as expressões de todos. — Sou incrível! Jasper vai ficar completamente irritado.

Ele e Aaron comemoraram com um *high-five*.

— Você é tão imaturo — disse Tamara, esticando a mão para ajudá-lo a se levantar. Devastação latiu e pulou, colocando as patas no peito de Call. Ele coçou a cabeça do lobo e olhou ao redor. O pai de Jasper estava deitado tranquilamente na pista, a roupa verde oliva espalhando-se ao redor dele sobre o asfalto. De perto, era um sujeito relativamente indefinível, de cabelo castanho escuro e barba aparada rente.

O corpo desmaiado do caminhoneiro tinha sido colocado em uma vala do lado da estrada. Enquanto Call observava, Alex saiu da vala e foi até o pai de Jasper. Levitou um pouco o corpo do homem e começou a movê-lo em direção ao acostamento.

Alex parecia exausto, cinza e pálido, como se tivesse esgotado toda sua energia. Call olhou em volta. Onde estava Alma? Ela não deveria estar ajudando Alex?

— Ela está ali. — Aaron apontou, como se tivesse lido os pensamentos de Call. Alma estava na frente da porta do caminhão, fechada por uma corrente e um cadeado enorme. Seu cabelo branco voava ao vento. Ao gesticular, faíscas voavam de suas mãos: magia metálica. O ar cheirava a ferro quente.

— Ah, não — disse Tamara bem na hora em que o cadeado arrebentou e a traseira do caminhão se abriu. Alma agarrou a parte de baixo e empurrou para cima, como se estivesse erguendo uma ponte levadiça.

— Eles estão aqui — gritou ela, e depois berrou.

Uma tempestade de animais Dominados pelo Caos jorrou do caminhão. Devastação soltou um longo uivo quando eles explodiram de seu confinamento — lobos, cachorros, doninhas e ratos, cervos e gambás, até ursos, coisas grandes com olhos multicoloridos e coruscantes.

— Achei que fossem estar enjaulados! — gritou Alma quando os animais começaram a correr em todas as direções. — Depressa!

Temos que cercá-los!

Os animais ignoraram o chamado. Alma correu atrás deles, levitando alguns de volta para o caminhão, mas era difícil contê-los.

— Poderíamos fazê-los desaparecer — disse Aaron. — Para o vazio.

— Não! — disse Call. Ele não poderia fazer isso, mesmo que os animais parecessem assustadores. Mesmo que alguns estivessem vindo na direção deles. Eles três e Devastação recuaram para a van, que de repente pareceu muito pequena para Call.

— Rápido — disse Alex, que veio mancando até eles. Os animais se moviam atrás dele, correndo pela estrada, perseguindo uns aos outros. Ao contrário dos animais normais, eram estranhamente silenciosos. Call pôde ouvir um rosnado baixo, mas vinha de Devastação. — Precisamos criar um feitiço de laços. Dar forma ao ar de modo que se faça uma corrente em torno deles.

— Você consegue? — perguntou Call.

Alex balançou a cabeça.

— Estou exausto. — Ele realmente parecia péssimo. Até o branco de seus olhos parecia cinzento.

— Nós também— disse Aaron, indicando a si mesmo, e Call.

Alex se voltou para Tamara.

— Tamara, eu posso ensinar. Não é tão difícil.

— Eu consigo, mesmo que *seja* difícil — disse ela com a voz firme. — Diga o que fazer.

— Uau — disse Aaron. Alguma coisa passou correndo por ele, lustrosa, escura e com olhos ardentes. Ele pressionou as costas contra a van, puxando Call atrás de si. Devastação parecia pronto para avançar, mas Call o chamou de volta com um comando ríspido.

Alex falava com Tamara em voz baixa e ela assentia ao ouvi-lo. Antes mesmo de Alex acabar de falar, ela ergueu as mãos e começou a movê-las. Ela não mexia os dedos como Alex. Parecia mais estar tocando as cordas de uma harpa. Call concluiu que cada um fazia mágica à sua maneira.

Ele quase pôde sentir o poder irradiando de Tamara. Em vez de ar, no entanto, foi fogo que subiu em brasas, em um círculo amplo ao redor dos animais em fuga. Mas mesmo enquanto a cerca estalava, ganhando vida, encurralando a grande maioria dos bichos,

o resto deles conseguiu se espalhar. Alguns foram para a floresta, outros na direção de qualquer um que vissem. Agora, apavorados pelo fogo, os olhos dos Dominados pelo Caos pareciam insanos e selvagens. Muitos estavam com os dentes à mostra.

O que acontece quando se tem o caos dentro de si?, Call imaginou. Ele queria usar seu poder e tocar uma daquelas almas, para descobrir o que realmente havia sido feito com aqueles animais. Mas não teve tempo de fazer nada além de reagir.

Uma raposa pulou na direção da garganta de Alma e ela a empurrou para longe. Outra mirou suas pernas. Uma cobra disparou pela grama para baixo da van e desapareceu.

— *Cuidado*! — Alex empurrou Tamara para o lado exatamente quando dois ursos pardos enormes foram para cima da van, seus corpos gigantescos como tanques de guerra. Alex e Tamara caíram no chão quando Call jogou as mãos para o alto para atirar neles o que pudesse, fogo ou caos preto, ele não sabia ao certo. De toda forma, foi como raspar o fundo de um poço seco. Suas mãos tremeram e nada aconteceu.

E então o urso foi para cima dele.

Ele ouviu Aaron gritar quando o animal balançou a pata, jogando Call no chão num único golpe. Call rolou para o lado, espantado, e o urso foi para cima dele, rugindo. Call viu Aaron esticar a mão, mas o mesmo parecia acontecer com ele — apenas faíscas sem força saíam de seus dedos. Nada de magia.

Call se esticou por cima do ombro para alcançar Miri ao mesmo tempo em que Devastação pulou. O lobo Dominado pelo Caos fechou a mandíbula no pescoço do urso, enterrando os dentes no pelo espesso. O urso soltou um uivo rosnado. Devastação foi para as costas dele, enterrando as garras e os dentes. O urso sacudiu fortemente seu corpo pesado, tentando se livrar de Devastação, mas o lobo se segurou. Finalmente, o urso conseguiu derrubá-lo. Devastação caiu no chão com um gemido, e o urso se afastou para o meio da estrada.

Call conseguiu soltar Miri e ficar de pé com dificuldade. Uma olhada rápida garantiu que Devastação estava bem. Aaron tinha encontrado um graveto que estava usando para tentar manter o outro urso longe. Alex, que tinha empurrado Tamara para trás da

van, correu de volta para eles, no mesmo instante em que o urso estapeou o graveto da mão de Aaron. Alex empurrou Aaron para fora do caminho e girou para o urso com as mãos esticadas, magia do ar entornando das palmas.

Mas o urso não era um animal comum. Seus olhos giravam em vermelho e laranja enquanto ele usava as garras para atacar Alex, que gritou e caiu ajoelhado. Seu casaco brilhou num tom úmido de vermelho ao luar, com um rasgo no ombro.

— Alex! — Tamara veio correndo em direção a eles. Call poderia ter dito a Alex que ela não ia ficar quieta. Aaron movia as mãos como se tentasse alcançar a magia do caos, mas nada acontecia.

— Aaron! Pega! — gritou Call, lançando Miri para o amigo.

Aaron pegou a faca e empunhou a lâmina contra o urso. Sangue voou em um esguicho quando ela atingiu o corpo da criatura. O urso rugiu, cerrando os olhos. Ao mesmo tempo Tamara se aproximou com mais fogo brotando das mãos.

Encarando o fogo e a lâmina, o urso virou e começou a se afastar rapidamente. Mas o mal já estava feito — a atenção de Tamara tinha sido desviada, e as cercas de fogo tinham começado a cair. Os animais Dominados pelo Caos espalhavam-se ainda mais, e alguns deles avançavam em direção à van com os olhos selvagens vasculhando a noite.

Call foi mancando em direção os amigos ao mesmo tempo em que Alex caiu no chão. Seu casaco estaca ainda mais ensopado de sangue agora. Call ouviu a voz exasperada de Tamara, viu Aaron olhar pra baixo, para as próprias mãos vazias de mágica. Estavam todos esgotados. Não havia nada que pudessem fazer e os animais continuavam vindo.

Mas isso não é exatamente verdade, é?, disse uma vozinha no fundo da mente de Call. Não era como se não houvesse *nada* que ele pudesse fazer. Ele se lembrou do túmulo Dominado pelo Caos do Inimigo. De como tinham escutado sua voz porque sua alma os fez escutar.

Tenho que controlá-los, Call pensou. *Tenho que fazer alguma coisa*.

A alma dele também tinha feito estas criaturas.

— Ei, vocês! — disse ele, a voz saindo fraca e incerta. — Todos vocês! Parem!

Os animais continuaram se movendo. Call engoliu em seco. Ele não podia ser covarde. Estavam todos em perigo. Podiam morrer. Até o pai de Jasper, que estava deitado na vala, desprotegido e, se tivesse sorte, sem ter sido pisoteado por esquilos Dominados pelo Caos.

Call respirou fundo e tocou sua própria alma, uma alma que tinha habitado outro corpo antes do dele. Um corpo que tinha colocado as mãos no caos e colocado essa energia dentro dos animais.

— *Ouçam-me!* — gritou Call. — Dominados pelo Caos! Vocês sabem quem eu sou!

Os animais congelaram. Call também. Podia ouvir seu coração batendo. Estava funcionando? Ele levantou a voz mais uma vez.

— Dominados pelo Caos! Voltem para o caminhão! Obedeçam!

O comando pareceu soar pelo ar mesmo depois que ele parou de falar.

As palavras ecoaram na cabeça de Call. Pontos pretos tinham surgido nos cantos de sua visão. Todos os animais estavam se movendo — parecia que alguns estavam virando, começando a se aglomerar num mesmo sentido —, mas a visão de Call estava borrada. Ele tentou alcançar Aaron, seu contrapeso, mas a magia de Aaron estava tão fraca que ele não conseguiu encontrá-lo. Estava sozinho no escuro sem Aaron. Desesperado, se permitiu cair de costas no nada.

CAPÍTULO CATORZE

Call acordou de repente, engasgando. Estava na Enfermaria. O Mestre Rufus falava com alguém, provavelmente Mestra Amaranth. Ela gostava de andar com cobras no ombro, mas era uma excelente feiticeira da cura.

— Não achei que o teste o tivesse esgotado tanto. Tem certeza de que ele vai ficar bem? — perguntou Rufus.

Ela soou como se já tivesse respondido aquela pergunta antes.

— Ele está bem, só está exausto. Os dois meninos usando as respectivas magias daquele jeito, ao mesmo tempo; não sei se deveria ter deixado que continuassem sendo o contrapeso um do outro. O que acontece se os dois forem longe demais?

— Levarei isto em consideração. — Call sentiu a mão do Mestre Rufus ir até seu ombro, e ele manteve os olhos fechados, fingindo dormir. — É nossa obrigação mantê-lo seguro. Temos que mantê-los todos seguros, ou estaremos condenados a repetir o passado.

— Bem, ao menos ele não é tão tolo quanto o jovem Alex Strike ali, que conseguiu cair em um monte de estalagmites. Juro, os alunos do Ano de Ouro se tornam mais tolos na medida em que se aproximam do portão final.

— Soube do acidente — disse Mestre Rufus, sem muito interesse, mas alguma coisa em sua voz fez com que Call pensasse que ele sabia mais do que estava revelando.

Mestre Rufus apertou o ombro de Call e em seguida deixou a Enfermaria. Call ouviu seus passos à medida que se afastava. Manteve os olhos fechados. Em algum lugar do outro lado do recinto, Mestra Amaranth cantarolava, fazendo algo que envolvia vidros tilintando.

Vou contar até trinta, Call pensou. *Depois finjo acordar. Assim ela não vai saber que eu estava fingindo na frente do Mestre Rufus.*

Ele começou a contar... mas acabou dormindo.

↑≈△○@

Quando acordou de novo, Call viu Tamara diante de si. Quando tentou falar, ela colocou a mão em sua boca. Cheirava a sândalo.

— Consegue levantar? — disse ela num sussurro. — Faça que sim ou que não com a cabeça.

Ele deu de ombros e ela, exasperada, tirou a mão.

— Não acorde Alex e não dê nenhum motivo para a Mestra Amaranth vir até aqui. Ela levou horas para sair.

— Pode deixar. — Call sussurrou de volta e saiu da cama. Suas pernas o sustentaram. Sentia-se muito bem, na verdade. Descansado. Ainda estava com as mesmas roupas de quando tinha desmaiado na via expressa. — O que aconteceu?

— Shhhh. Vamos. — Tamara o levou para fora da Enfermaria. No corredor, Call deu uma última olhada antes de a porta se fechar. Alex aparentou continuar dormindo, com uma atadura no ombro. Mestra Amaranth não estava em lugar nenhum.

Aaron e Alma estavam esperando por eles. Assim como Tamara, Aaron estava com o uniforme escolar. Seus olhos se iluminaram ao ver Call, e ele deu um passo para a frente para lhe dar um tapinha nas costas.

— Você está bem? — perguntou.

— Um pouco dolorido, mas sim, estou melhor — disse Call. Ele olhou para Alma, que usava um vestido flutuante de algodão e casaco cinza longo. Seus braços estavam cheios de curativos.

— Está toda coberta de mordidas de raposa?

A expressão de Alma ficou sombria. Aaron balançou a cabeça e fez um gesto de cortar a garganta para Call, por trás dela.

— Não vamos falar sobre isso! — disse Alma, se irritando.

— Tudo bem. — Call imaginou se Alma teria se arrependido de ter aberto a porta do caminhão. A culpa era basicamente dela por ele e seus amigos quase terem sido mortos por ursos. — Então, o que estão fazendo aqui?

— Vocês cumpriram sua parte do acordo — disse Alma. — Está tudo pronto para eu cumprir a minha.

Isso significava que Jennifer estava em algum lugar por perto. Tinha que estar. Call estremeceu só de pensar. Ele não sabia se estava pronto para ver outra pessoa morta falando. Era muito

parecido com a cabeça de Verity Torres e os enigmas. Tinha sido uma coisa muito Suserano do Mal.

O rosto de Aaron era o de alguém com os mesmos questionamentos. Mas Tamara parecia determinada.

— Ótimo — disse ela. — Vamos acabar logo com isso.

Alma começou a marchar pelo corredor e o trio foi atrás. Ao contrário de Alex, ela não parecia interessada em fazer nenhuma magia complexa de ar para escondê-los. Devia ser tarde e os corredores estavam bem desertos. Eles ficaram perto das paredes e se aproveitaram das sombras.

— Alex está bem? — perguntou Tamara.

Call sentiu sua pele formigar. Era normal que ela se preocupasse com Alex, disse a si mesmo, ainda que jamais tivesse prestado atenção nele antes. Não significava nada.

— Ouvi Rufus e Amaranth conversando mais cedo — disse Call. — Ele vai ficar bem. Então, você sabe, pode avisar para Kimiya.

Tamara pareceu confusa.

— Ela não sabe que ele se feriu.

Call acenou.

— Bem, você nunca sabe o que perdeu quando está desmaiado, certo?

— Shh — disse Alma, indicando que ficassem quietos. Tinham entrado na parte do Magisterium onde ficavam os quartos dos Mestres. Atravessaram em silêncio até o de Anastasia.

Alma bateu à porta com três soquinhos rápidos, parou e bateu novamente. Um instante depois Anastasia abriu a porta. Estava com um vestido branco coberto por uma longa capa, bordada com fios pretos. Seu cabelo prateado estava torcido em um coque. Ela acenou para que todos entrassem e, uma vez lá dentro, Call quase engasgou. O local estava imaculado, assim como antes, mas sobre a mesa de mármore no meio do recinto estava Jennifer.

Ela parecia dormir. Seu cabelo preto e longo formava uma poça em volta da sua cabeça. Estava descalça e com o mesmo vestido manchado de sangue da festa. As mãos estavam cruzadas sobre o peito.

— O corpo estava no Collegium desde o assassinato — disse Alma, trancando a porta. — Eles a preservaram contra a

decomposição, para quando fosse necessária como evidência.

Call ficou imaginando se teria sido assim que Constantine preservou a cabeça de Verity Torres há tantos anos. Ele tinha a impressão de que, independente do que fizesse, estava cada vez mais próximo da vida e das decisões de Constantine. Era como estar em uma rota de colisão com ele mesmo.

— Não vão notar que ela está desaparecida? — perguntou Aaron.

— Vamos devolver antes que qualquer um do Collegium procure por ela — informou Anastasia.

Call pensou na velocidade com que elementais viajavam e na habilidade específica dos membros da Assembleia em controlá-los. Se Anastasia pegasse um dos elementais do Magisterium emprestado, provavelmente conseguiria devolver Jennifer ao Collegium rapidinho. Mas se ela e Alma conseguiam roubar um corpo do Collegium, então o espião provavelmente conseguiu fazer muitas coisas também.

Afinal, ele ou ela era o maior Makar da geração deles.

— Vou explicar o que precisamos fazer — disse Alma para Call e Aaron. — Vocês terão que aprender uma habilidade relativamente difícil, e rápido.

Call se lembrou de Alma tentando ensiná-los sobre o toque da alma. Foi difícil aprender a fazer alguma coisa com alguém que entende a teoria já tinha visto sendo feito, mas nunca realizado a ação pessoalmente. Ele e Aaron levaram horas para aprender. Call não tinha certeza de que teriam horas desta vez.

— E você — disse Anastasia para Tamara — precisa impedir que qualquer pessoa procure por Callum ou Aaron.

— Quê? — perguntou Tamara.

— A Mestra Amaranth provavelmente vai checar os pacientes antes de terminarmos. Vá até lá diga a ela que Callum voltou para o quarto e que irá a Enfermaria amanhã se ela desejar. Precisamos ter certeza de que a escola inteira não entre em frenesi procurando por Call enquanto estamos no meio de um experimento mágico ilícito.

Tamara suspirou.

— Tudo bem. Eu vou.

— Um de nós não deveria ir junto com ela? —perguntou Call. Ele não sabia se gostava da ideia de algum deles vagando sozinho pelo Magisterium com um espião à solta. Olhou para Aaron para ver se ele estava pensando a mesma coisa, mas o amigo estava com o rosto pálido, encarando o corpo de Jen sobre a mesa.

— Eu levo Devastação. Pelo menos assim faço alguma coisa, em vez de apenas ficar parada olhando. Detesto não poder ajudar — disse Tamara indo para a porta. Depois virou para Call, sorrindo, as tranças balançando. — Boa sorte na conversa com os mortos.

Depois que Tamara saiu, Call se sentiu muito sozinho. Eram só ele e Aaron, duas senhoras malucas e um cadáver.

— Muito bem — disse ele. — O que faremos?

— Pelo que sei — disse Alma, lembrando a Call que ela provavelmente não tinha tanta certeza —, você precisa imaginar a magia do caos correndo pelo cérebro do morto, como sangue. Você precisa enviar energia caótica para ele, ativando a mente.

Parecia difícil. E não muito específico.

— Ativando a mente? — repetiu Aaron. Ele parecia tão espantado quanto Call.

— Sim — disse Alma com mais certeza na voz. — A magia do caos aproxima a faísca da vida, permitindo que o morto se comunique.

Anastasia gesticulou para o corpo de Jen sobre a mesa.

— Call e Aaron. Aproximem-se e olhem para a garota.

Incertos, os dois aproximaram-se da mesa. Os olhos de Jen estavam fechados, mas havia uma mancha de sangue em sua bochecha. Call se lembrou dela rindo na cerimônia de premiação. Parecia incompreensível que nunca mais fosse sorrir ou mexer o cabelo ou sussurrar uma mensagem ou correr pelos corredores.

Era isso que Constantine queria conter, pensou. Essa sensação de coisa errada. A perda de uma vida e de seu significado. Ele tentou imaginar se fosse alguém que realmente amava deitado ali; Alastair, Tamara, Aaron. Era difícil não entender a motivação de Constantine.

Ele forçou a mente de volta ao presente. Entender as motivações de Constantine *não* era o que ele deveria estar fazendo. E sim encontrar o espião.

— Alcancem um ao outro — instruiu Alma. — Usem-se como contrapesos. Vocês carregam em si o poder do caos, do verdadeiro nada. O que estão alcançando é a alma. A verdadeira existência. Usem isso para alcançar Jennifer.

Isso fazia um pouco mais de sentido, Call pensou. Talvez. Ele trocou um rápido olhar com Aaron antes de ambos fecharem os olhos.

No escuro, Call se equilibrou. Agora que ele já tinha praticado, era mais fácil cair naquele espaço interior. Era como se tudo fosse embora muito depressa, até a dor mesmo da perna. Tudo ficava escuro e silencioso, mas de um jeito reconfortante, como se enrolar num cobertor familiar. Ele alcançou e sentiu Aaron presente. A vida de Aaron, sua essência, sua confiança alegre que encobria um núcleo mais sombrio de determinação e raiva. Aaron o alcançou de volta, e Call sentiu a força fluir para dentro de si. Conseguia ver Aaron agora, seu contorno brilhante contra a escuridão.

Outro contorno, mais fraco, pareceu flutuar em direção a eles, com um cabelo que parecia ser branco como se num negativo de foto.

Jen.

Os olhos de Call se abriram e ele quase gritou. Jen não tinha se movido na mesa, mas seus olhos estavam bem abertos, as íris pretas cobertas por uma camada. Aaron também encarava aquilo, chocado e um pouco nauseado.

A boca de Jen não se moveu, mas uma voz seca saiu por entre seus lábios.

— Quem me chama?

— Hum, oi? — disse Call. Quando viva, Jennifer sempre o deixou nervoso. Ela era uma das garotas mais velhas e populares e ele tinha muitos problemas para falar com ela. Mas agora, falar com ela dava nervoso de um jeito totalmente diferente.

— Call e Aaron — prosseguiu ele. — Lembra da gente? Queríamos saber se você poderia nos dizer quem matou você?

— Estou morta? — perguntou Jennifer. — Estou me sentindo... estranha.

Ela também soava estranha — havia um vazio em sua voz. Um vácuo. Call não achava que sua alma estava presente, não de

verdade. Era mais como se houvesse traços dela, a lembrança do que foi deixado para trás quando se foi. Só ouvi-la falar já arrepiava Call de um jeito que ele temia ser capaz de começar a gargalhar de pânico. Seu coração bateu forte e ele sentiu como se não conseguisse respirar. Como poderia contar para ela que ela não estava mais viva?

Ele lembrou a si mesmo que não era realmente *ela*. Não tinha sentimentos que pudessem ser feridos.

— Pode nos contar sobre a festa? — perguntou Aaron, educadamente como sempre. Call olhou para o amigo com gratidão. — O que aconteceu naquela noite?

A boca de Jennifer se curvou na sombra de um sorriso.

— Sim, a festa. Eu me lembro. Eu estava me divertindo com meus amigos. Tinha um menino que eu gostava, mas ele estava me evitando e aí... aí as luzes se apagaram. E meu peito doeu. Tentei gritar, mas não consegui. *Kimiya! Kimiya! Fique longe dele!*

— O quê? — perguntou Call. — O que tem Kimiya? O que aconteceu? De quem ela tinha que ficar longe? Não foi ela que fez isso, foi?

Mas Jennifer parecia perdida em lembranças. Seu corpo começou a se debater, as palavras transformando-se em um grito longo e contínuo.

Call tinha que se concentrar na magia. Ele fechou os olhos e tentou voltar a ver aquele contorno desbotado de Jen, aquela versão de negativo de foto. Conseguiu identificá-la no escuro, desbotada e esfarrapada. Se quisesse, poderia fazê-la falar palavras que não eram dela. Mas ele precisava que ela tivesse a própria voz, e não a dele. Então perseguiu aquelas sobras brilhantes de uma alma, feliz por ela só ter sido preservada por pouco tempo depois que a alma partiu. Ele canalizou mais magia caótica para fortalecê-la.

Quando abriu os olhos, as feições de Jen estavam tranquilas.

— Jennifer, está me ouvindo? — perguntou.

— Sim — disse ela, sua voz seca e sem afeto. — O que ordena?

— Quê? — Call olhou para Aaron, que estava muito pálido.

— Ah, não — disse Anastasia, levando as mãos à boca para cobri-la. Os olhos de Alma tinham se arregalado e ela se esticou

como se pudesse impedir algo que já estava feito. — Call, o que você fez?

Call olhou para Jennifer e ela olhou para ele com olhos que estavam começando a girar.

— Call — sussurrou Anastasia. — Ah, não, de novo não... de novo não.

— O quê? — Call estava recuando, uma sensação de choque se espalhando por ele. "*O quê?*" parecia a única coisa que ele conseguia falar ou pensar. — Eu... eu não... eu nunca fiz isso antes...

Mas como Constantine fiz centenas, milhares de vezes.

Jen sentou sobre a mesa. O cabelo peto caindo sobre os ombros brancos como ossos. Seus olhos eram fogo girando.

— Ordene, Mestre — disse ela a Call. — Só desejo servir.

— É você — disse Alma, olhando para Call com horror. — Pequeno Makar... por que ninguém me contou?

Aaron se moveu para bloquear Call dos olhares horrorizados das duas mulheres e da encarada de Jennifer e seus olhos de fogo.

— Nunca deveriam ter sugerido que fizéssemos isso — disse ele furiosamente. — É horrível. Roubar o corpo dela foi horrível.

— Vão embora vocês dois — disse Anastasia. — Cuidaremos disso.

Call sentiu a mão de Aaron em seu ombro, e um instante depois ele tinha sido guiado para fora do quarto e estava de volta ao corredor. Ele puxou as mangas do casaco sobre as mãos. Estava congelando de frio, o corpo todo tremia.

— Não tive a intenção de fazer aquilo — disse ele. — Só estava tentando me prender à alma dela.

Os olhos de Aaron ficaram mais suaves.

— Eu sei. Poderia ter acontecido com qualquer um de nós.

— Não poderia — disse Call. — Eu sou o único de nós dois que é o Inimigo da Morte!

Aaron apertou o ombro de Call e soltou.

— Você não é o Inimigo — disse ele. — O Inimigo foi Makar um dia, assim como eu. Talvez tenha sido um acidente quando ele fez isso pela primeira vez. Existe um motivo — disse ele com a voz mais baixa — pelo qual eles todos têm tanto medo da gente.

Call olhou para trás, para a porta fechada do quarto de Anastasia. *Ah, não, de novo não*, disse ela. Será que ela achava que Call já tinha feito antes, ou ela só estava dizendo *Ah, não, outro Constantine não*?

Ele começou a andar de volta na direção do seu quarto, mancando. Aaron o seguiu, com as mãos enfiadas nos bolsos do uniforme.

— Acho que Anastasia sabe — disse Call. — Quem eu realmente sou. Talvez Alma também.

Aaron abriu a boca como se quisesse dizer *Você é Call*, e depois a fechou novamente. Um segundo depois, ele disse:

— Ela o viu controlando todos aqueles animais Dominados pelo Caos ontem. E você falou umas coisas estranhas antes de desmaiar. Quer dizer, nada muito compreensível, só alguma coisa sobre como os animais deveriam saber quem você era.

— Espero que ela descarte isso como um momento extremamente estranho para alguém se gabar — disse Call. — Alex ouviu?

— Não. Ele estava desmaiado.

Pensar em Alex fez com que Call se lembrasse de Kimiya. Ele ficou todo tenso outra vez.

— Temos que encontrar Tamara. Temos que contar que Jennifer falou sobre a irmã dela.

— Kimiya não assassinou ninguém — disse Aaron com desdém. — Além disso, seria muito estranho se ela de repente fosse a maior Makar da nossa geração. Seria uma bela distração dos magos.

— Não... não acho que tenha sido ela — disse Call, tentando entender seus pensamentos embaralhados. A cabeça dele tinha começado a latejar. — Quer dizer, se Jennifer estava chamando Kimiya, ou queria chamar na hora em que morreu, então talvez Kimiya saiba de alguma coisa. Talvez alguma coisa que ela não tenha achado importante antes.

Aaron assentiu.

— Queria que tivéssemos *respostas*, mas pelo menos temos uma pista.

— Aaron? — Call tinha outra pergunta sobre aquela noite e não sabia ao certo se queria a resposta. — O pai de Jasper está bem?

— Viu, você considera Jasper como amigo! — disse Aaron.

— Se o pai dele estiver machucado por nossa causa, não.

— O pai dele está bem. Nós nos certificamos disso antes de o amarrarmos e vendarmos. Eu o ouvi xingando enquanto íamos embora. — Aaron estava sorrindo, como se tivesse vencido uma aposta. Call ficava feliz por um deles ainda conseguir sorrir.

Eles foram até a Enfermaria, mas Tamara não estava lá, nem Alex. A cama dele estava vazia.

A Mestra Amaranth, que estava refazendo uma das camas com magia do ar, lançou um olhar severo a Call.

— Queria que alguém por aqui me ouvisse quando mando ficar na cama até eu liberar — falou.

— O que aconteceu com Alex? — perguntou Aaron.

— Eu o matei — respondeu Mestre Amaranth, dando uma risada seca ao ver as expressões deles. — Eu dei permissão para que saísse, na verdade; verifiquei os ferimentos e estavam curados. Ele estava bem quando saiu. Ao contrário de você.

— Você viu Tamara Rajavi? — perguntou Call.

— Vi, ela veio me avisar que você tinha voltado para o seu próprio quarto porque não gosta da Enfermaria. Não sei qual é o problema de vocês, meninos. A Enfermaria é o lugar mais seguro da escola inteira. Os elementais daqui garantem isso.

Call olhou em volta desconfortável. Ele nunca percebeu que havia elementais observando os pacientes na Enfermaria. Considerando a quantidade de vezes em que tinha saído daqui, ele supôs que não eram orientados a impedir que as pessoas entrassem e saíssem. Ele não sabia o que observavam — doenças, talvez —, mas se sentiu melhor quanto a estar inconsciente sabendo que não poderiam simplesmente entrar e atacá-lo, pelo menos não sem disparar um alarme.

— Ela disse para onde estava indo? — perguntou Aaron.

Mestre Amaranth olhou para ele confusa.

— Estamos no meio da madrugada. Presumi que estivesse voltando para o quarto para que todos vocês pudessem dormir um pouco antes das aulas. Agora, Callum, já que voltou, talvez devesse considerar passar o resto da noite aqui.

— Não — disse ele, fingindo não estar com dor de cabeça. — Estou me sentindo bem. *Estou* bem.

— Bem, nenhum de vocês deveria vagar pelo corredor tão tarde assim. Voltem para o quarto. Callum, venha me ver amanhã depois da aula. E nada de magia do caos por alguns dias, ok?

Call, pensando na magia que já tinha usado naquela noite, fez que sim com a cabeça, se sentindo culpado.

Eles voltaram para os próprios quartos. Chegaram à porta e Call estava prestas a abri-la com a pulseira quando ouviram passos pesados no corredor. Call e Aaron se viraram e viram Alex correndo em direção a eles. Estava com os olhos arregalados e tinha um hematoma fresco no rosto.

Ele desacelerou e parou, se curvando sobre as mãos apoiadas nos joelhos enquanto recuperava o fôlego.

— Tamara. — Alex engasgou. — Ele levou a Tamara!

Aaron e Call se olharam confusos.

— Do que você está falando? — perguntou Aaron.

— O espião — disse Alex. — Ele pegou a Tamara.

Call ficou rijo. De repente seu coração batia muito rápido na garganta.

— Do que você está falando, Alex? — perguntou.

— Diga exatamente o que aconteceu. — Aaron parecia tão perturbado quanto Call. — *Exatamente*.

— Eu saí da Enfermaria quando acordei — disse Alex. — Vi Tamara indo para o Portão da Missão com Devastação. Fui atrás dela porque queria agradecer pela ajuda de ontem. Gritei para ela, mas ela não me ouviu. Ela foi para o lado de fora, e já estava escuro. Achei que tivesse visto alguma coisa se mexendo nas árvores, então corri para Tamara, mas não cheguei a tempo. Alguém a pegou. Eu não estava perto o suficiente para ver o rosto, mas foi definitivamente um adulto. Joguei mágica, mas a pessoa lançou um raio imenso de alguma coisa em mim e eu caí. Quando consegui me recuperar e ir atrás deles, já tinha perdido o rastro. — A camiseta azul de Alex estava manchada de sangue onde os curativos estavam, em volta do ombro. Ele provavelmente tinha reaberto o ferimento.

— Preciso que vocês dois vão comigo atrás dele — falou. — Seja quem for aquele cara, é poderoso. Não acho que consigo lutar sozinho.

Aaron e Call trocaram um olhar de pânico.

— Temos que contar para alguém — disse Aaron.

— Não temos tempo. — Alex balançou a cabeça loucamente. — Primeiro vamos ter que convencer as pessoas de que estamos falando a verdade, e até lá, qualquer coisa pode ter acontecido com ela.

Call se lembrou da terrível noite em que Aaron foi levado por Mestre Joseph e Drew. Ele se lembrou do terrível elemental do caos. Naquele dia também não teve tempo de avisar a ninguém. Se tivesse esperado, Aaron teria morrido.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos.

Correram atrás de Alex em direção ao Portão da Missão e adentraram na noite. Call corria o mais rápido possível, a perna gritando de dor.

— Por ali — disse Alex, arfando e apontando para uma trilha que seguia pela floresta. O luar iluminava o caminho. De uma forma meio terrível, a noite estava linda, cheia de estrelas e luz branca. Até as árvores pareciam brilhar.

Eles correram para a trilha, finalmente desacelerando quando ela se transformou em pedras e galhos que tornavam correr perigoso. Call tentou imaginar Tamara sendo arrastada por um mago adulto assustador, alguém que a estivesse ameaçando, talvez machucando. Então tentou não imaginar e uma fúria quase o oprimiu.

— Devastação — disse ele de repente.

Alex, que estava avançando o mais depressa possível, virou.

— Quê?

— Você disse que ela estava passeando com Devastação — disse Call. — O cara também levou Devastação?

Alex balançou a cabeça.

— Devastação correu para a floresta.

— Devastação não faria isso — disse Call. — Ele não abandonaria Tamara.

— Talvez a esteja seguindo — disse Aaron. — Devastação sabe ser sorrateiro; ele é muito mais inteligente do que um lobo comum.

— Deve ser isso que está acontecendo — disse Alex. — Não tenha medo, Call. Vamos pegar esse cara.

Call não estava com medo. Ele vasculhou a paisagem em busca de Devastação. Se seu lobo estivesse com Tamara, eles conseguiriam escapar. Tamara e Devastação formavam um belo time.

— Você falou que era um adulto, certo? — perguntou Call, ignorando o comentário condescendente de Alex. Ele era mais velho do que Call, e provavelmente se considerava mais sábio. Talvez fosse, mas não sabia de tudo.

Call pensou sobre de onde estavam vindo. Tinham deixado Anastasia e Alma com uma Jennifer dominada pelo caos, então não podia ser nenhuma das duas. As duas estavam diante de uma crise totalmente diferente e estranha para resolver. Call não conseguia pensar em nenhum outro adulto que estivesse agindo de forma estranha. Mestre Lemuel? Call não o via há um ano e parecia maldoso desconfiar dele só porque nunca se deram muito bem.

— Pode ter sido um dos membros da Assembleia? — perguntou. — Mas por que levariam Tamara?

A resposta veio assim que ele fez a pergunta em voz alta.

Para me atrair para fora do Magisterium.

— Por que você falou que foi o espião? — perguntou Call a Alex. — Ainda não sabemos quem ele é.

— Bem, faz sentido, não? — disse Alex. — Quem mais seria, se não a pessoa que está tentando machucá-lo?

— O que significa que estamos indo para uma armadilha — disse Aaron. — Vamos ter que ter muito cuidado e fazer muito silêncio. Quem quer que seja, sabe que estamos indo. Provavelmente se certificou de que você o visse, Alex. Consegue fazer aquele truque que nos deixa invisíveis outra vez?

— Boa ideia — disse Alex, erguendo as mãos. O ar girou em volta deles, soprando as folhas.

Call franziu o rosto. Fazia sentido que Tamara tivesse sido levada pelo espião e que ele o tivesse feito na frente de Alex, que logo iria buscá-los e levá-los para fora do Magisterium. Mais ou

menos. Fazia *mais ou menos* sentido. Mas como o espião saberia que Alex iria atrás de Aaron e Call em vez dos Mestres?

Como o espião saberia que Alex estava lá?

Isso, por outro lado, tinha uma resposta. O espião, quem quer que fosse, sabia que levar Tamara e Devastação eventualmente tiraria Call e Aaron do Magisterium. Eles iriam procurar a amiga.

Mas eles poderiam ter levado consigo todos os magos do Magisterium.

Pensando bem, Call não se lembrava de ter visto qualquer evidência de explosão do lado de fora. Estava escuro, mas mesmo no escuro não sentia o cheiro de ozônio e madeira queimada que denunciavam o uso de magia.

Ele olhou para Alex e franziu a testa. Estavam longe do Magisterium agora, e estava cada vez mais escuro. A floresta os enclausurava pelos lados e ele não conseguia enxergar a expressão de Alex.

— Este é o caminho para a Ordem da Desordem — disse Aaron, interrompendo os pensamentos cada vez mais perturbadores de Call. — Mas está abandonada. Alma disse que eles foram forçados a sair quando a Assembleia começou a reunir os animais.

— Talvez seja lá que o espião esteja segurando Tamara. — Alex soou animado, mas não como se essa fosse uma grande aventura, e também não como se estivesse em pânico por causa de Tamara. Havia uma ansiedade em sua voz da qual Call não gostou nem um pouco.

A floresta parecia profunda e estranhamente vazia sem os Dominados pelo Caos, ecoando sua ausência. Ocasionalmente, uma coruja distante piava. O vento soprava, empurrando-os. Mas os passos de Call tinham desacelerado e se tornado incertos.

Alex era seu amigo. Quando Call chegou ao Magisterium, Alex foi gentil com ele, apesar de Call ser um garotinho fracote e Alex ser inteligente e legal, cheio de amigos. E Alex desabafou com Call depois de ter seu coração partido por Kimiya. Ele realmente acreditava que Alex gostasse dele.

Mas Alex tinha acesso. Ele era o assistente do Mestre Rufus. Poderia ter obtido o cantil de Call e feito um buraco. Teria tido acesso ao que quer que Rufus tivesse feito para fazer com que suas

pulseiras abrissem a sala compartilhada deles; poderia ter usado isso para esconder Skelmis no quarto de Call. Será que Anastasia poderia tê-lo deixado entrar na prisão dos elementais quando esteve lá? Call supôs que sim; ele era enteado dela, afinal. Será que ela teria notado se ele tivesse desaparecido por um instante? E, além disso, no ano anterior, tinha sido Alex quem disse a Call que os magos tinham decidido matar Alastair, apesar de Mestre Rufus ter dito que isso nunca foi verdade.

Mas por que Alex faria isso? Call olhou para seu rosto impassível enquanto seguiam pelo escuro banhado pela luz da lua. Estavam quase na vila da Ordem. Call conseguia ver a clareira na frente, as sombras das instalações.

Ele se lembrou da boca de Jennifer se mexendo, e das suas últimas palavras: *Kimiya, Kimiya, fique longe dele*. Mas perto de quem Kimiya estava na festa? Quanto a quem ela teria que ser alertada?

Só poderia ser contra seus amigos. E seu namorado.

Alex. Não fazia o menor sentido. Mesmo assim. Algo ainda incomodava Call, vinha incomodando desde que viram Alex na porta do quarto. Sem fôlego, parecendo apavorado, com sangue na camisa azul.

Camisa azul. Engrenagens giraram na mente de Call. A imagem de uma foto rasgada, Drew com Mestre Joseph e mais alguém, alguém de camisa azul com listras pretas nítidas descendo das costuras do ombro.

— Estou com frio — disse Call, de repente. — Alex, me empresta o seu casaco?

Alex pareceu confuso. *Aaron* pareceu confuso. Call não costumava pegar roupas de outras pessoas emprestadas. Mas Alex tirou o casaco ainda assim, e o entregou a Call.

Call parou onde estava. A camisa azul de Alex tinha duas linhas pretas nos ombros.

Os outros dois meninos pararam e olharam para ele. A expressão de Aaron era de preocupação.

A de Alex não.

— Alex — disse Call com a voz tão calma quanto foi capaz —, como você conheceu Drew?

Alex levantou a cabeça lentamente.

— Por que você se importa? — perguntou ele. — Você o matou.

Aaron parou onde estava. O vento uivou pelos galhos das árvores que os cercavam.

— Por que você diria isso, Alex? — Ele olhou de Call para Alex. — O que está acontecendo?

— É ele — disse Call, sentindo-se entorpecido. — Alex é o espião.

Alex deu um passo em direção a Call. Aaron esticou a mão, como se quisesse impedi-lo de se aproximar mais.

— Afaste-se de Call — alertou. — Sou um Makar, Alex. Posso machucá-lo feio.

Mas o menino mais velho o ignorou.

— Drew era como se fosse meu irmão — disse Alex. — O Mestre Joseph me recrutou no meu Ano de Cobre, precisava de um mago do ar talentoso. E não havia ninguém mais talentoso do que eu. Até vocês dois aparecerem.

Call respirou fundo.

— Meu pai era velho — disse Alex. — Mal notou quando entrei no Magisterium. Então Joseph se tornou meu pai. Ele ensinou a mim e a Drew juntos. Nos deu aulas extras. Por isso me tornei bom o bastante para ser assistente de Rufus. E meu Deus, como Joseph riu quando contei isso para ele. — Um sorriso repartiu o rosto bonito de Alex. — Foi mais difícil enganar Anastasia. Mas ela também caiu na minha cena de bom enteado. Estava ocupada demais fingindo se importar com meu pai para prestar atenção em mim. — Os olhos dele ardiam. — Enquanto isso, Joseph me contou tudo. Ele me contou a verdade sobre o Inimigo da Morte. Ele me contou sobre *você.*

— Então você sabia quem eu era esse tempo todo? — perguntou Call.

Alex mal pareceu ouvi-lo.

— Sabe o quão ingrato você é? — disse Alex. — Joseph se importa com você mais do que com qualquer outra coisa. Vocês dois têm poder, mas você, Call, você é especial. Sabe o que significa ser especial? Tem ideia do que está jogando fora?

— Se ser especial significa ser como você — disse Call —, então eu não quero.

O rosto de Alex se contorceu. A mão de Aaron brilhou de forma protetora, o fogo já crescia em sua palma, mas, naquele instante, sombras explodiram da floresta, de ambos os lados deles. Adultos com roupas e máscaras pretas cobrindo seus rostos. Mãos fortes e braços agarraram Call e Aaron.

— Levem-nos até a vila — disse Alex.

Call foi empurrado para a frente, tropeçando. Ele e Aaron foram conduzidos violentamente ao longo do caminho. Não fazia ideia de quem o estava segurando — não era um Dominado pelo Caos; Alex não podia controlar um Dominado pelo Caos.

Ou podia? *O maior Makar da sua geração*.

Não, se Alex fosse usuário do caos, ele teria se gabado disso, Call tinha certeza. Pelo visto uma pessoa não precisava ter nada a ver com o caos para ter ambições de Suserano do Mal.

CAPÍTULO QUINZE

Call tentou se contorcer para fora das garras das pessoas que o seguravam, mas não conseguiu. Eram fortes demais. Ele tentou trazer fogo para as mãos, mas assim que elas faiscaram, alguém o pegou pela nuca e ele perdeu a concentração. A chama se extinguiu.

Um instante depois ele foi arremessado na grama no centro da vila abandonada da Ordem da Desordem, suas construções vazias parecendo sombrias ao luar. Havia trouxas, comida e uma pequena fogueira.

Alex não estava trabalhando sozinho. As figuras mascaradas, quem quer que fossem, deviam estar esperando a invocação dele.

Call rolou para o lado, procurando por Aaron. Ele também estava na grama; uma figura mascarada corpulenta tinha o pé em suas costas. Call tentou se levantar, mas foi empurrado novamente para o chão.

— Deixem ele sentar — disse a voz de Alex. Call lutou para se ajoelhar e ver Alex caminhando em direção a eles. Uma enorme luva de cobre estava em seu braço, cobrindo sua mão até a altura do cotovelo.

O Alkahest. O assassino de Makaris.

O próprio Call tinha usado essa ferramenta para destruir o corpo de Constantine Madden. Não conseguia imaginar o que o seu poder poderia fazer com uma pessoa viva. Pegaria o caos de dentro da sua alma, ou de Aaron, e o usaria para destruí-los de dentro para fora.

— Assustado, Makar? — Alex moveu os dedos metálicos do Alkahest e depois riu da cara de Call, que trocou um rápido olhar com Aaron, ajoelhado ao seu lado. Havia gravetos presos no cabelo louro de Aaron, mas ele não parecia ferido. Por enquanto.

Ao menos não ainda.

Mantenha Alex falando, Call pensou. *Mantenha-o falando e não entre em pânico e não deixe que machuque Aaron.*

— E Tamara? — perguntou Call. — Você a machucou? Ela está aqui?

Isso fez Alex rir ainda mais.

— Você é realmente um idiota, sabia? Não faço ideia de onde Tamara esteja. Não me dei ao trabalho de sequestrá-la. Por que fazer isso se eu podia apenas mentir pra vocês, e vocês caírem na minha mentira? Ela e o seu lobo idiota devem estar dormindo. Acho que vão ficar bem tristes quando acordarem e descobrirem o que aconteceu com vocês.

— O Mestre Joseph sabe que você pegou o Alkahest? — perguntou Aaron. — Foi ele que te mandou fazer isso?

Alex jogou a cabeça para trás, mas dessa vez a risada pareceu forçada.

— Ele não sabe nada sobre o meu plano; eu peguei o Alkahest e deixei uma ilusão no lugar. Não vai durar para sempre, mas o suficiente. Desde que ele começou a me ensinar, eu o ouço falar de você. Sobre como o glorioso Constantine estava voltando, e sobre como tínhamos que nos preparar. O incrível Constantine Madden, tão importante que Drew teve que se infiltrar no Magisterium e fingir que nem me conhecia. E aí surge *você*. Que decepção.

— Sinto muito em ouvir isso — respondeu Call com acidez.

— Então por que quis matá-lo? Vingança? — perguntou Aaron. Call ficou feliz por ele estar seguindo a linha de *mantê-lo falando*, porque Call estava tão atordoado que não estava sendo fácil. — Isso não irritaria o Mestre Joseph?

— Ele só precisa de um Makar — disse Alex, erguendo o Alkahest. — E agora eu descobri como me tornar um. Eu reconfigurei o Alkahest. Ele não vai apenas arrancar a magia do caos de você. Também vai canalizar essa habilidade em mim.

— Isso não é possível! — disse Call, mas ele se lembrava de como o poder tinha vindo a ele quando o corpo de Constantine Madden foi devorado pelo Alkahest. Talvez fosse possível sim.

— Diz o menino que está morto há catorze anos — disse Alex. — Você pensa nele, em algum momento? Pobre Callum Hunt, morto antes mesmo de dizer a primeira palavra. Assassinado por você, Constantine, do mesmo jeito que matou o mais próximo que já tive de um irmão. Assim como matou o seu próprio irmão. Você nunca

deveria ter tido esse poder. E agora vou tirá-lo de você e serei um Inimigo da Morte melhor do que você jamais poderia ter sido.

— Tudo bem — disse Call. — Mas não machuque Aaron.

Aaron emitiu um ruído sufocado. Alex revirou os olhos.

— Isso mesmo, Aaron, seu precioso contrapeso. Foi por isso que jogou tudo fora, Call? Seus *amigos*?

— Joguei o que fora? — perguntou Call, entrando em pânico. Ele tinha que acreditar que alguém do Magisterium viria. Que alguém iria encontrá-los. Alex estava alucinado, fora de si. — Ser Constantine? Eu nunca quis isso.

— Você não deveria machucar Call — disse Aaron. — Deveria arrancar a mágica de mim.

— Toda essa nobreza é muito nauseante — disse Alex, sua pulseira de ouro brilhando quando ele puxou um fio de seu cabelo castanho para trás. Ele parecia espectral ao luar. Como um espírito do mal. — Mas se isso faz com que se sintam melhor, era esse o meu plano. Matar Call, fazer tudo parecer um acidente e depois pegar sua habilidade de Makar, matando Aaron no processo. Mas agora que os dois estão aqui, na minha frente, está difícil escolher.

— O Mestre Joseph vai matar você se fizer mal a Call — argumentou Aaron. — Ele pulou na frente de Call para protegê-lo no túmulo do Inimigo, sabia? Ele teria sacrificado a própria vida por ele!

— Ele sempre achou que Call fosse ceder e querer se unir a ele — disse Alex. — Você quer combater a morte, mas a verdade é que é covarde demais, Call. Alguém que não quer esse poder não deve possuí-lo. Na verdade, estou fazendo um favor ao Mestre Joseph.

Ele foi em direção a Call. Aaron começou a lutar para se levantar, mas foi empurrado novamente para baixo. Fogo preto começou a crescer em suas mãos.

— Fique longe de Call!

Alex girou para cima dele com o Alkahest.

— Não entende? — disse ele com desdém. — Se fizer alguma coisa contra mim, eu mato você e depois mato Call de qualquer jeito. E ainda faço isso lentamente.

Aaron cerrou as mãos em punhos. Call sentiu o corpo todo se contrair enquanto se preparava para pular e tentar correr...

— Pare! — Uma voz soou pela clareira. Era Tamara, com Devastação logo atrás. As orelhas do lobo estavam bem rente à cabeça e ele rosnava. Tamara estava com a mão esticada, e fogo vermelho ardia em sua palma. — Você não pode me ferir com isso, Alex — disse ela. — Não sou Makar.

— Tamara! — gritou Call. — Como você nos achou?

— Devastação — respondeu ela. — Estávamos na sala, e de repente ele começou a rosnar e a se jogar na porta, apesar de eu já ter passeado com ele. Eu abri a porta e ele me trouxe até aqui. — Ela olhou fixamente para Alex. — E ele vai arrancar a garganta de qualquer um que chegar perto de mim, então nem pense nisso — Tamara avançou em direção a eles, e os capangas deram um passo para trás. O fogo ardeu com mais intensidade. Call ficou imaginando quem seriam os encapuzados. Devotos do Mestre Joseph? Pessoas normais que não tinham nada a ver com magia, mas tinham sido enfeitiçadas? Ele tinha que admitir que, considerando o plano louco de Alex, seus capangas e sua ostentação, ele estava acumulando muitos pontos de Suserano do Mal.

Call tentou se levantar, mas estava bem preso. Dava para ver Aaron lutando ao lado.

— Ah, ótimo — disse Alex. — Plateia.

Tamara pareceu furiosa. Call torceu para ver os magos do Magisterium vindo atrás dela, mas não havia ninguém. Isso era culpa dele, ele sabia. Por três anos, Tamara e Aaron vinham guardando segredos, escondendo coisas importantes de todos, inclusive do Mestre Rufus. Eles não pediam ajuda de ninguém, mesmo quando precisavam.

Alex colocou o Alkahest na altura deles e esticou o braço.

— Talvez o Alkahest deva escolher. Talvez eu o envie na direção dos dois para ver o que acontece. Talvez ele puxe a magia de *ambos*. O que acham?

Call esticou o braço e pegou a mão de Aaron, que pareceu surpresou por um segundo. Depois fechou a mão na de Call.

Call queria dizer ao seu melhor amigo o quanto lamentava, que era tudo culpa dele por ser Constantine Madden. Mas Aaron falou antes que ele tivesse a chance.

— Pelo menos vamos morrer juntos — disse Aaron. Depois, inacreditavelmente, sorriu para Call.

Não vamos, Call queria dizer. *Vamos sobreviver*. Mas ao começar a falar, um flash de luz os cegou. Tamara tinha lançado um raio de fogo. Alex desviou, esticando a mão e jogando magia do ar para redirecionar a chama, que voou na direção de Call.

O homem que segurava Call cambaleou para trás e ele afrouxou a pegada. A camisa do capanga agora estava pegando fogo e ele gritava. Call se levantou, ignorando a dor na perna. Ainda segurando a mão de Aaron, ele o puxou para cima também. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo.

— Devastação, *vá*! — gritou Tamara.

Devastação virou um borrão escuro no ar, correndo em direção a Alex. Aaron soltou a mão de Call, e um caos escuro brotou de sua palma. Alex ergueu o braço, o Alkahest brilhando de energia. Aaron lançou a mão para a frente, mas a luz escura que evocou foi parar longe, derrubando uma das figuras encapuzadas, mas errando Alex. A mão de garra do Alkahest se abriu e uma chama acobreada de luz voou de seus dedos.

O tempo pareceu parar. Aquela luz era tudo que o caos não era. Era brilhante e ardente, fria como a ponta de uma faca. Call não teve a menor dúvida de que quando o atingisse, o mataria.

Ele fechou os olhos.

Alguma coisa o empurrou por trás. Ele caiu esparramado, rolando pela grama. O raio de luz o errou por poucos centímetros. Sentiu algo queimar sua bochecha ao cambalear para a frente e depois, rolando de lado, levantou a cabeça e viu o poder atingindo Aaron no peito.

A força do impacto levantou Aaron do chão e o arremessou longe. Ele caiu na grama a vários metros de distância, com os olhos arregalados e vítreos, olhando para o céu.

— Não — disse alguém. — Aaron, não, não, *não*! — Call pensou ter sido a própria voz por um segundo, mas era a de Tamara. Ela estava jogada na grama ao lado dele.

Foi ela que o atingiu. Ela o tirou da rota do Alkahest. Ela salvou a sua vida.

Mas não a de Aaron.

Call tocou a própria bochecha. Estava ardendo. Talvez o Alkahest só tivesse queimado Aaron também. Ele tentou se levantar para ir até o amigo, mas suas pernas não o obedeceram. Em vez disso, ele foi até Aaron usando todos os seus sentidos.

Ele se lembrou do que tinha experimentado antes ao tocar a alma de Aaron. A sensação de vida, de alguma coisa existindo no mundo, vívida e sólida.

Mas não havia nada ali agora. Seu corpo era uma casca. Sua alma tinha ido embora, deixando apenas sombras brilhantes do que Aaron tinha sido.

Call virou para Alex, que tinha tirado o Alkahest do braço. É óbvio — agora poderia machucá-lo também. Agora ele estava com o poder de Aaron. Parecia pulsar, como uma estrela prestes a explodir. Sua pele brilhava e ondulava com listras de luz e escuridão.

— *Poder.* — Alex engasgou. Ele ergueu a mão, escuridão se contorcendo como fumaça. — Posso sentir. O poder do caos, correndo por mim...

— Não se eu puder evitar — disse Call, esticando a mão. Um raio de luz preta voou de sua palma em direção a Alex. Ele tinha certeza de que o mataria, o enviaria gritando para o vazio.

Ficou feliz.

A flecha de magia voou em direção a Alex, mas a mão do garoto subiu e capturou a energia. Ficou olhando pensativo por um segundo, e Call também encarou, com uma sensação ruim na barriga. Alex era um Makar agora. Podia controlar e manipular o caos. E era mais velho e mais experiente do que Call.

E então Alex gritou. Do nada, Devastação tinha aparecido da escuridão e enterrado os dentes em sua perna.

Alex atacou com caos, mas Devastação foi rápido e desviou, ainda rosnando. Ele atacou de novo, e desta vez Alex não teve chance de reagir: Devastação o derrubou no chão, seus dentes rasgando a camisa.

— Tire esse bicho de cima de mim! — gritou Alex. — Tire ele de cima de mim!

Várias das figuras encapuzadas correram; Devastação soltou Alex, que se levantou cambaleando, sangrando em diversos pontos.

Sua pele continuava ondulando, o rosto se contorcendo. Call se lembrou de como tinha sido para ele no túmulo, quando a magia do caos se manifestou. E como se sentiu sem controle, enjoado.

Alex esticou uma das mãos sobre Devastação, mas desta vez a mágica que explodiu deu errado. A escuridão derramou-se por todas as direções. Caiu em linhas que se ergueram pelo ar e nuvens que se elevaram ao céu. Onde ela tocava as coisas começavam a se desfazer. Uma das casas da Ordem da Desordem sucumbiu quando o caos devorou seus alicerces. Três árvores foram inteiramente devoradas. O próprio chão ficou esburacado quando pedaços foram engolidos pelo vazio. Duas das figuras mascaradas gritaram ao serem tragadas antes de o caos dissipar.

Alex olhou para as próprias mãos, horrorizado, mas ao mesmo tempo, nitidamente impressionado também.

— Pegue o Alkahest! — disse em voz rouca para um de seus capangas que ainda restavam. — Temos que sair daqui! — ele olhou para Call por um instante, depois curvou os lábios.

— Cuido de você mais tarde — disse Alex, e então correu da clareira com os capangas atrás dele.

Call mal se importou. Ele virou novamente para ver Tamara ainda agachada sobre o corpo imóvel de Aaron. Quase curvada ao meio, Tamara chorava, o corpo todo tremendo. Devastação foi para perto dela, afocinhando-a no ombro.

Call nem sentiu seus pés se mexerem, mas tinha chegado perto de Aaron, estava ali abaixado ao lado do amigo, diante de Tamara. Ele tocou a mão de Aaron, a mão que tinha agarrado há poucos instantes. Estava fria.

Tamara ainda chorava suavemente. Ela tinha derrubado Call para fora do caminho do Alkahest. Tinha salvado sua vida.

— Por que você fez isso? — perguntou de repente. — Como pôde fazer isso? Aaron é que deveria viver. Não eu. Eu sou o Inimigo da Morte. Não sou bom. Aaron era.

Ela olhou para ele por um longo instante.

— Eu sei — disse ela, com lágrimas nos olhos. — Mas, Call...

Um grito veio de cima do que restava da vila.

— Ali! — Alguém gritou. Entre as árvores, Call pôde ver esferas voadoras. Os magos tinham ido procurá-los, afinal, assim como

procuraram por Drew naquela noite. E chegaram tarde demais, mais uma vez. Sempre tarde demais.

Mestre North, Mestre Rufus, Alma e vários outros Mestres correram para a clareira. North e os outros olhavam boquiabertos para o cenário de destruição, os pedaços de terra que simplesmente desapareceram, as casas sucumbidas e as árvores destruídas. Mas Rufus... Rufus olhava para Aaron. Empurrando os outros de lado, ele correu para o corpo caído, apoiando-se sobre um joelho para sentir o pulso de Aaron.

Call sabia que não sentiria nada. Não havia mais Aaron. Não havia contrapeso da sua própria alma. Só essa sensação de vazio, a sensação de que algo tinha sido arrancado dele e que jamais poderia ser reposto.

Ele agora entendia que Constantine Madden tivesse desejado acabar com o mundo depois que seu irmão morreu.

Rufus fechou os olhos. Seus ombros despencaram. Call achou o mestre muito velho naquele momento. Velho e destruído.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Mestre North. — Parece que houve alguma espécie de batalha. — Ele franziu o rosto para Call. — O que você fez?

Fúria explodiu na cabeça de Call.

— Não fui eu! — gritou ele. — Foram Alex Strike e os... os capangas dele! Ele está com o Alkahest e matou Aaron. E vocês estão permitindo que ele escape! Vocês não deveriam ser nossos professores? Não deixem que ele fuja!

— Não! — disse Alma, marchando em direção a Call, com os olhos brilhando. Ela apontou um dedo comprido para ele. — Eu não vi antes, mas agora o vejo, Constantine. Foi você quem matou Aaron. Você armou isso tudo para esconder seus crimes, inclusive o assassinato de Jennifer.

Os olhos de Call se arregalaram. Ela não podia estar dizendo o que parecia estar dizendo. Ele nem sabia como responder. Não podia, não com o corpo de Aaron ao seu lado.

— Fique quieta — disse Mestre Rufus a Alma. — É óbvio que houve uma batalha, mas não temos motivos para pensar que Call está mentindo. E mesmo que estivesse, Tamara estava aqui como testemunha.

— Call está falando a verdade — acrescentou Tamara. — Foi Alex Strike. Deve ter sido ele o tempo todo.

Alma balançou a cabeça.

— Não acredite em nenhum deles! Nunca pensou em como Callum controla aquele animal Dominado pelo Caos ao seu lado? Ou em como derrotou o próprio Inimigo da Morte? Ou em por que ele não era um Makar no ano passado quando o ano começou, mas se tornou um exatamente depois que Constantine supostamente morreu? Agora temos a resposta. Constantine colocou a própria alma em Callum Hunt. Você está olhando para o monstro em forma de criança. Eu o vi inserir o caos em uma alma e criar um Dominado pelo Caos. Sei o que ele é!

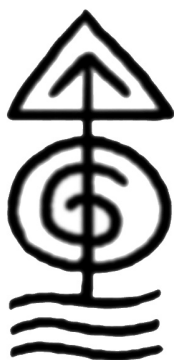
Ela está descontrolada, pensou Call. Ninguém acreditaria nela. Mas ninguém a contradisse, também.

— Não se preocupe, Callum — disse Mestre North, mas havia algo de estranho em sua voz. Um tom de adulação. — Vamos investigar isso. Venha comigo.

— Não posso abandonar Aaron — disse Call a ele.

— Vamos todos voltar para o Magisterium — disse o Mestre North.

— Não! — gritou Call. Ele estava cansado de mentir, cansado de tudo isso. — Vocês têm que ir atrás de Alex! Precisam encontrá-lo! Eu admito, tudo bem? Tudo que Alma está falando é verdade, exceto a parte em que matei Aaron. Não matei! Sim, eu sou o Inimigo da Morte, mas juro que não matei Aaron. Foi Alex. Juro que eu jamais machucaria...

Foi a última coisa que Call disse antes de ser acorrentado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A cela de Call no Panopticon tinha três paredes brancas e uma que era inteiramente transparente, de modo que ele podia ser visto o tempo todo pelos guardas na torre que ficava no centro do presídio. Nenhuma das paredes parecia ser afetada por magia, então independente de quantas vezes ele tentasse queimá-las ou devorá-las, fissurá-las ou congelá-las, nada funcionava. Duas vezes por dia uma caixa branca era empurrada através de uma placa na janela clara. Dentro dela havia água e comida quase sem gosto.

Fora isso, nada mudava.

Não tinham dado a ele livros, nem papéis, ou canetas, nem nada para fazer, então Call passava os dias sentado no colchão, detestando todo mundo e principalmente a si mesmo.

Estava preso havia uma semana. Uma semana revivendo mentalmente aquela batalha final na clareira, imaginando como poderia ter sido diferente, imaginando Aaron vivo — e às vezes, no auge da autopiedade, até se imaginava morto. Às vezes ele acordava de sonhos onde Aaron falava com ele, brincando sobre ir até a Galeria, ou se oferecendo para passear com Devastação. Às vezes ele acordava de sonhos onde Aaron gritava com ele, dizendo que era ele quem deveria ter morrido.

Call quer viver.

Call pensou sem parar no seu acréscimo ao poema. Sua característica definitiva: uma vontade de sobreviver. Era isso que ele pensava. Mas Call não queria ser a pessoa que estava viva porque seu melhor amigo morreu. Ele não sabia se queria viver em um mundo onde Aaron não existia.

Ele queria Aaron de volta. Esse desejo como um rugido em sua alma, a tristeza de uma perda horrível. A constatação do que Constantine devia ter sentido quando perdeu Jericho.

Call não queria entender como Constantine havia se sentido. Talvez fosse melhor ele estar preso, onde não poderia machucar mais ninguém, onde pelo menos estava sendo punido por alguns de seus crimes. Talvez fosse melhor que ninguém viesse vê-lo, nem

mesmo seu próprio pai. E certamente Tamara também não. Ela provavelmente não estava conseguindo lidar com a culpa de ter feito a escolha errada. E nem Mestre Rufus, que provavelmente desejava que Call nunca tivesse ido ao Julgamento de Ferro.

Como alguém poderia ser azarado o suficiente para escolher o Inimigo da Morte como seu aprendiz, não uma, mas *duas* vezes?

↑≋△○@

Call estava deitado no chão, olhando para o teto, quando o som de passos em um horário não usual o fez virar a cabeça. Do lado de fora da cela, com um longo casaco branco, o cabelo sob um chapéu branco, estava Anastasia Tarquin.

Ela olhou para ele e ergueu as duas sobrancelhas em um gesto que lembrava o Mestre Rufus. Dizia: *estou achando graça agora, mas não acharei por muito tempo*.

Call não se importou. Continuou no chão. Uma guarda — uma mulher que empurrava a bandeja de Call com um vigor desnecessário — trouxe uma cadeira para a integrante da Assembleia. Anastasia sentou e a guarda saiu. Call tinha imaginado que eventualmente alguém da Assembleia viria colher alguma espécie de depoimento ou interrogá-lo. Provavelmente deveria estar feliz por ser Anastasia, mas não estava. Não queria falar com ela. Não queria falar com ninguém, e alguém que conhecia era pior do que um estranho.

— Chegue mais perto — disse Anastasia, cruzando as mãos no colo.

Com um suspiro, Call foi até a janela e sentou.

— Tudo bem, mas você vai precisar responder duas perguntas.

— Muito bem — disse ela. — Quais são?

Call hesitou, porque apesar de estar obcecado por essas duas coisas, nas horas mais longas da noite ele não sabia o que faria com as respostas.

— Tamara está bem? — Call conseguiu perguntar, a voz saindo engasgada. — Ela se encrencou muito?

Anastasia deu um sorriso discreto.

— Tamara está segura. Sobre o grau de encrenca, ainda não se sabe. Satisfeito?

— Não — respondeu Call. — Devastação? Ele está bem? Eles o machucaram?

O sorriso de Anastasia não falhou.

— Seu lobo está com os Rajavi, perfeitamente seguro. Pronto?

— Suponho que sim — respondeu Call. Saber que Tamara estava bem e que Devastação estava vivo foi o primeiro alívio que sentiu em muito tempo.

— Ótimo — disse Anastasia. — Não temos muito tempo. Tem algo que preciso te falar. Meu nome não é Anastasia Tarquin.

Call piscou os olhos.

— Quê?

— Há muito tempo eu tive dois filhos que foram para o Magisterium — disse ela. — Não somos uma família de renome. Admito que eu não me sentia confortável com a minha própria mágica e me interessei pouco pelos estudos deles. Não conheci nenhum dos professores, não fui a nenhuma reunião, deixava meu marido cuidar de tudo. Isso se provou um erro fatal. — A mulher respirou fundo. — Quando falei que conhecia Constantine e Jericho Madden, e que tinha uma dívida com eles, eu estava contando apenas parte da verdade. Veja bem, *eu sou a mãe deles*, o que significa que também sou sua mãe, de todas as maneiras relevantes.

O que quer que Call estivesse imaginando ouvir, não era isso. Ele a encarou.

— Mas... mas como? O Magisterium... eles saberiam...

— Não tinha como saberem — disse Anastasia. — Isso tudo foi há muito tempo, e, como eu disse, eu mal conheci os magos. Mas quando meus dois filhos... morreram... o Mestre Joseph entrou em contato comigo. Meu marido, o seu pai, já tinha se matado a essa altura. — Sua voz não tinha emoção. — Joseph me contou o que Constantine tinha feito. Como transferiu a alma. Eu estava determinada a ser presente para o meu filho em seu novo corpo como não tinha sido antes. Deixei o país e voltei para minha terra natal. Lá, roubei identidade de uma mulher que tinha mais ou menos a minha idade: Anastasia Tarquin. Alterei minha aparência. Pratiquei

minha magia com devoção. Depois, retornando como uma poderosa feiticeira do exterior, me casei com Augustus Strike para obter um assento no Conselho. Ninguém adivinhou quem eu era, ou qual era o meu verdadeiro objetivo.

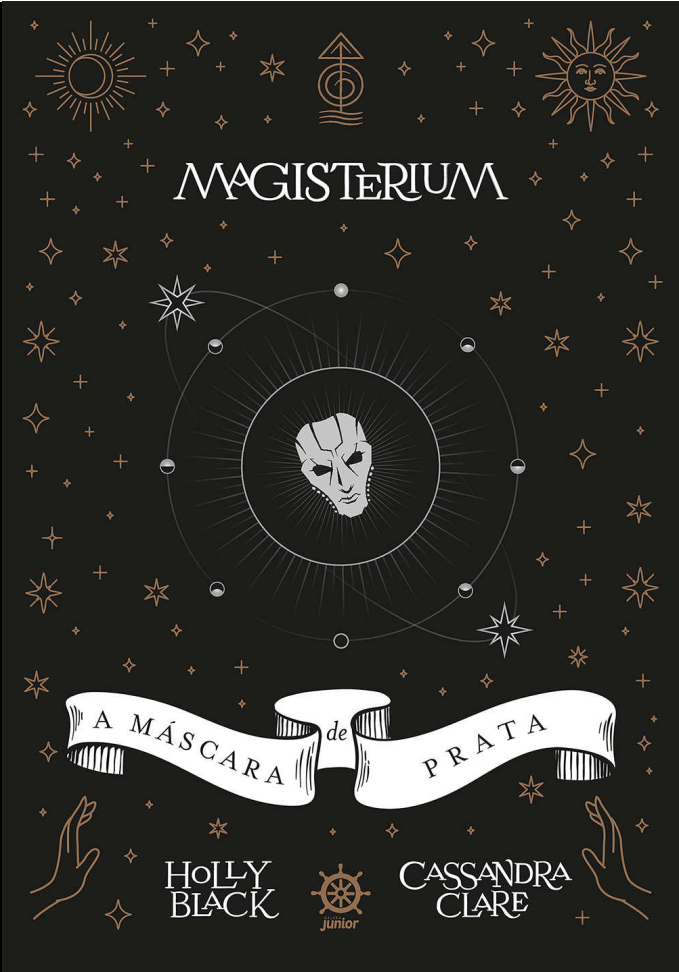
— Seu verdadeiro objetivo? — A mente de Call estava girando.

— Você — disse ela. — Por isso fui para a escola. Por isso ingressei na Assembleia. Foi tudo por você. E isso não mudou — Anastasia se levantou, colocando a mão na janela que não era de vidro, como se tudo que quisesse fosse atravessá-la e tocar a mão de Call. Seus olhos eram tristes, porém cheios de determinação. — Desta vez vou salvá-lo, meu filho. Desta vez vou libertá-lo.

MAGISTERIUM

A MÁSCARA de PRATA

HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

Galera junior

HOLLY BLACK

CASSANDRA CLARE

A MÁSCARA de PRATA

MAGISTERIUM

LIVRO 4

Tradução
Rita Sussekind

2ª edição

GALERA junior

RIO DE JANEIRO
2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B562m

Black, Holly, 1971-

A máscara de prata [recurso eletrônico] / Holly Black, Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Junior, 2021.

recurso digital (Magisterium; 4)

Tradução de: The silver mask
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-068-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Clare, Cassandra, 1973-. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

21-72805 CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:
The Silver Mask

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

Para Elias Delos Churchill, que pode ser o gêmeo do mal.

↑≋△○@

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

A prisão não era como Call havia imaginado.

Ele crescera assistindo a programas sobre crimes na televisão, então acreditava que deveria ter um colega de cela mal-humorado, que mostrasse a ele como as coisas funcionavam e como ficar bombado levantando peso. Call deveria detestar a comida e não provocar ninguém, tendo em mente que poderia ser agredido com uma faca artesanal feita a partir de uma escova de dentes.

Só que, no fim das contas, a única coisa que o presídio mágico tinha em comum com o da televisão era o fato de que o protagonista fora acusado de um crime que não cometera.

Nas manhãs, era acordado quando as luzes fracas do Panóptico se tornavam absurdamente intensas. Piscando e bocejando, ele observava os outros prisioneiros (parecia haver cerca de cinquenta) enquanto saíam de suas celas. Eles seguiam caminho, provavelmente para o café da manhã, mas a bandeja de Call era entregue na porta por dois guardas, um dos quais fazia uma careta. O outro parecia intimidado.

Call, que tinha ficado entediado ao longo dos últimos seis meses, devolveu a careta só para ver o guarda assustado parecer ainda mais assustado.

Nenhum deles o via como um menino de 15 anos, um garoto. Todos pensavam nele como o Inimigo da Morte.

Em todo o tempo que esteve ali, ninguém foi visitá-lo. Nem seu pai. Nem seus amigos. Call tentava se enganar, dizendo que eles não podiam, mas isso também não o reconfortava; provavelmente estavam bastante encrencados. Provavelmente desejavam nunca ter ouvido falar em Callum Hunt.

Call terminou de comer parte da gororoba na bandeja, depois escovou os dentes para tirar o gosto da boca. Os guardas voltaram — era hora do interrogatório.

Todos os dias, ele era levado a uma sala de paredes brancas e sem janelas onde três membros da Assembleia o interrogavam

duramente sobre sua vida. Era a única interrupção da monotonia de seu dia.

Qual é sua primeira lembrança?

Quando percebeu que era mau?

Sei que você diz que não consegue se lembrar de nada sobre ser Constantine Madden, mas e se tentar com mais afinco?

Quantas vezes você se encontrou com Mestre Joseph? O que ele falou para você? Onde fica sua fortaleza? Quais são seus planos?

Qualquer que fosse a resposta, eles revisavam tudo minuciosamente até o próprio Call ficar confuso. O acusavam de mentir com frequência.

Às vezes, quando ficava cansado e entediado, sentia-se tentado a mentir, porque o que eles queriam ouvir era muito óbvio, e parecia que seria mais fácil dizer o que queriam. Mas ele não mentia, porque sua lista de Suserano do Mal estava de volta à ativa e ele estava se dando pontos para tudo o que fazia que parecesse coisa de Suserano do Mal. Mentir definitivamente contava.

Era fácil acumular pontos de Suserano do Mal na prisão.

Seus interrogadores falavam muito sobre o charme avassalador do Inimigo da Morte e sobre como Call não deveria ter permissão para falar com nenhum prisioneiro, por conta do risco de seduzi-los com seus estratagemas maléficos.

O garoto poderia ter achado isso lisonjeiro se não estivesse tão óbvio que seus interrogadores acreditavam que ele escondia deliberadamente esse aspecto da própria personalidade. Se Constantine Madden tinha um carisma avassalador, eles achavam que Call demonstrava exatamente o oposto. Não ficavam ansiosos em vê-lo; e isso era recíproco.

Naquele dia, no entanto, Call teve uma surpresa. Quando entrou para ser interrogado, não encontrou as pessoas de sempre. Em vez disso, do outro lado da mesa branca, viu seu antigo professor, Mestre Rufus, vestido de preto, a careca negra reluzindo sob as luzes excessivamente claras.

Call não encontrava nenhum conhecido havia muito tempo. Teve vontade de pular sobre a mesa e abraçar Mestre Rufus, apesar do

fato de que o Mestre o encarava com uma expressão aborrecida, e de que ele não era muito de abraços.

Call sentou-se na cadeira em frente ao professor. Não podia nem acenar ou oferecer a mão para um cumprimento, considerando que seus punhos estavam amarrados para a frente por uma corrente brilhante de metal incrivelmente duro.

Call pigarreou.

— Como está Tamara? — perguntou. — Bem?

Mestre Rufus olhou para ele por um longo tempo.

— Não sei se devo contar — respondeu, afinal. — Não sei ao certo quem você é, Call.

O garoto sentiu uma dor no peito.

— Tamara é minha melhor amiga. Quero saber como ela está. E Devastação. E até Jasper.

Era estranho não citar Aaron também. Apesar de saber que ele estava morto, apesar de ter repassado as circunstâncias de sua morte repetidas vezes, Call ainda sentia sua falta de um jeito que o tornava mais presente que ausente.

Mestre Rufus apoiou o queixo nos dedos.

— Quero acreditar em você — assegurou. — Mas você mentiu para mim por muito tempo.

— Eu não tive escolha! — protestou Call.

— Teve. Poderia ter me contado a qualquer instante que Constantine Madden vivia dentro de você. Há quanto tempo sabia? Você me manipulou para escolhê-lo como aprendiz?

— No Julgamento de Ferro? — Call não conseguia acreditar. — Eu não sabia de nada naquele momento! Tentei fracassar... eu nem *queria* ir para o Magisterium.

Mestre Rufus ainda parecia cético.

— Foi o fato de tentar fracassar que me chamou a atenção. Constantine saberia disso. Ele saberia como me manipular.

— Não sou ele — disse Call. — Posso ter sua alma, mas não sou ele.

— Vamos torcer para que seja verdade, para seu próprio bem — ameaçou Rufus.

De repente, Call sentiu-se exausto.

— Por que você veio? — perguntou ao professor. — Por que você me odeia?

Isso pareceu fazer Mestre Rufus recuar por um momento.

— Não odeio você — respondeu ele, com mais tristeza que raiva. — Passei a gostar de Callum Hunt... bastante. Mas, outrora, também gostei de Constantine Madden... e ele quase destruiu a todos nós. Talvez seja por isso que vim: para ver se posso confiar em meu próprio juízo de caráter... ou se cometi o mesmo erro duas vezes.

Mestre Rufus parecia tão cansado quanto Call.

— Eles já acabaram os interrogatórios — prosseguiu. — Agora precisam decidir o que fazer com você. Eu pretendia falar na audiência, relatar o que você acabou de me dizer, que pode ter a alma de Constantine, mas que não é ele. Antes eu precisava ver com meus próprios olhos para crer.

— E?

— Ele era muito mais charmoso que você.

— É o que todos dizem — murmurou o garoto.

Mestre Rufus hesitou.

— Você quer sair da prisão?

— Não sei — respondeu Call, após considerar. — Eu... permiti que Aaron fosse morto. Talvez mereça estar aqui. Talvez eu deva ficar.

Após essa admissão, fez-se um silêncio muito, muito longo. Mestre Rufus se levantou.

— Constantine amava o irmão — declarou. — Mas jamais diria que merecia ser punido por sua morte. Era sempre culpa dos outros.

Call não disse nada.

— Segredos machucam quem os guarda mais do que você imagina. Eu sempre soube que tinha segredos, Callum, e torci para que os revelasse para mim. Se fizesse isso, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Call fechou os olhos, temendo que Mestre Rufus estivesse certo. Ele guardou segredos e fez com que Aaron, Tamara e Jasper os guardassem também. Se ao menos tivesse procurado Mestre Rufus. Se ao menos tivesse procurado alguém, talvez as coisas pudessem ter tido outro desfecho.

— Sei que ainda guarda alguns — continuou Mestre Rufus, surpreendendo Call o suficiente para que o menino levantasse os olhos.

— Então, você também acha que estou mentindo? — indagou Call.

— Não. Mas esta pode ser sua última chance de se libertar do fardo. E pode ser a minha última de ajudá-lo.

Call pensou em Anastasia Tarquin e em como havia se revelado mãe de Constantine. Na época, ele não soube o que pensar. Estava revoltado com a morte de Aaron, revoltado por se achar traído por todos em quem acreditara.

Mas de que adiantaria falar isso para Mestre Rufus? Não ajudaria em nada. Apenas machucaria mais alguém, mais uma pessoa que confiou nele.

— Quero lhe contar uma história — disse o professor. — Certa vez, houve um mago, um homem que gostava muito de ensinar e de compartilhar seu amor pela magia. Ele acreditava em seus alunos e em si mesmo. Quando uma grande tragédia abalou essa crença, ele percebeu que estava sozinho, que havia dedicado toda a vida ao Magisterium e que, fora dele, esta era vazia.

Call piscou os olhos. Estava quase certo de que essa história era sobre o próprio Mestre Rufus, e tinha que admitir que jamais havia pensado no professor como alguém com uma vida fora do Magisterium. Nunca pensou nele tendo amigos, uma família ou alguém que o visitasse nas férias, ou a quem alertasse sobre perigos.

— Pode simplesmente dizer que essa história é sobre você — afirmou Call. — Ainda terá efeito emocional.

Mestre Rufus o encarou.

— Tudo bem — concordou ele. — Foi após a Terceira Guerra dos Magos que encarei a solidão da vida que escolhera para mim. E quis o destino que eu me apaixonasse logo depois; em uma biblioteca, pesquisando documentos antigos. — Ele sorriu timidamente. — Mas ele não era mago. Não sabia nada sobre o mundo secreto da magia. E eu não podia contar. Teria violado todas as regras se tivesse dito qualquer coisa sobre o funcionamento de nosso mundo, e ele teria me achado louco. Então, eu disse que

trabalhava no exterior e voltava para casa nas férias. Nós nos falávamos com frequência, mas, essencialmente, eu estava mentindo para ele. Eu não queria mentir, mas mentia.

— Essa não é uma história sobre como é melhor guardar segredos? — argumentou Call.

As sobrancelhas de Mestre Rufus fizeram mais um de seus movimentos improváveis, abaixando-se em um arco realmente impressionante.

— É uma história que pretende demonstrar que eu entendo como é guardar segredos. Entendo como eles protegem as pessoas, e como podem machucar quem os guarda. Call, se existe algo a ser contado, conte, e farei o possível para ajudá-lo.

— Não tenho segredos — disse Call. — Não mais.

Mestre Rufus meneou a cabeça e depois suspirou.

— Tamara está bem — revelou ele a Call. — As aulas sem você e Aaron são solitárias, mas ela está seguindo. Devastação sente sua falta, obviamente. Quanto a Jasper, não sei dizer. Ele fez coisas estranhas com o cabelo ultimamente, mas podem não ter relação com você.

— Certo — comentou Call, um pouco espantado. — Obrigado.

— Quanto a Aaron — continuou Mestre Rufus —, ele foi enterrado com toda a pompa digna de um Makar. Seu funeral contou com a presença de toda a Assembleia e todo o Magisterium.

Call fez assentiu e olhou para o chão. *O enterro de Aaron*. Ouvir Mestre Rufus dizer essas palavras fez com que se tornasse mais real. Esse sempre seria o fator central de sua vida: se não fosse por ele, o melhor amigo ainda estaria vivo.

Mestre Rufus foi até a porta para se retirar, mas parou no meio do caminho, só por um segundo. Quando apoiou a mão na cabeça de Call, o garoto sentiu um aperto na garganta que o surpreendeu.

Quando Call foi escoltado de volta à cela, teve a segunda surpresa do dia. Seu pai, Alastair, estava do lado de fora, esperando por ele.

Alastair fez um breve aceno, e Call mexeu as mãos algemadas. Precisou piscar bastante os olhos, ou o charme devastadoramente pérfido do Inimigo da Morte se dissolveria em lágrimas.

Os guardas de Call o levaram para a cela e o desalgemaram. Eram magos mais velhos, vestidos com o uniforme marrom-escuro do Panóptico. Após soltarem suas mãos, prenderam uma das extremidades de uma algema de metal em sua perna, e a outra em um gancho na parede. A corrente era longa o bastante para que o menino pudesse circular pela cela, mas não o suficiente para que alcançasse as grades ou a porta.

Os guardas saíram da cela, trancaram-na e regressaram às sombras. Mas Call sabia que ainda estavam ali. Aquele era o objetivo do Panóptico: sempre havia alguém de olho.

— Você está bem? — perguntou Alastair com a voz rouca, assim que os guardas saíram. — Eles não te machucaram?

Ele parecia querer pegar o filho no colo e vistoriar seu corpo em busca de ferimentos, como fazia quando o garoto caía de um balanço ou batia de skate em uma árvore.

Call balançou a cabeça.

— Não tentaram me machucar fisicamente nenhuma vez — assegurou ele.

Alastair assentiu. Seus olhos pareciam fundos e cansados por trás dos óculos.

— Eu teria vindo antes — explicou, endireitando-se na cadeira de metal de aparência desconfortável que os guardas tinham colocado do outro lado das grades —, mas não estavam permitindo visitas.

A onda de alívio que Call sentiu foi incrível. De algum jeito, ele conseguira se convencer de que o pai estava feliz com sua prisão. Ou talvez não *feliz*, porém melhor sem ele.

Call ficou muito feliz por isso não ser verdade.

— Tentei de tudo — disse Alastair ao filho.

O menino não sabia como responder. Não havia como dizer quanto lamentava. Também não entendia por que, de repente, passara a poder receber visitas... a não ser que tivesse deixado de ser útil à Assembleia.

Talvez aquelas fossem as últimas visitas que ele receberia na vida.

— Vi Mestre Rufus hoje — revelou ao pai. — Ele disse que os interrogatórios tinham acabado. Isso quer dizer que vão me matar?

Alastair pareceu chocado.

— Não podem fazer isso. Você não fez nada de errado.

— Eles acham que eu matei Aaron! — rebateu Call. — Estou preso! Obviamente acham que eu fiz alguma coisa errada.

E eu fiz *coisa errada*, acrescentou mentalmente. Ainda que tivesse sido Alex Strike quem de fato matou Aaron, ele morreu por ter guardado o segredo de Call.

Alastair balançou a cabeça, descartando as palavras do filho.

— Eles têm medo... medo de Constantine, medo de você... então, estão procurando uma desculpa para manterem você aqui. Não acreditam de fato que tenha sido responsável pela morte de Aaron. — Alastair suspirou. — E, se isso não o conforta, pense: uma vez que eles não entendem como Constantine transferiu a alma para você, tenho certeza de que não querem correr o risco de que a transfira para outra pessoa.

O pai detestava o mundo mágico e não era muito otimista, mas, nesse caso, a aspereza em seu tom fez com que Call se sentisse melhor. Ele definitivamente tinha um bom argumento. Jamais sequer ocorreu a Call transferir sua alma para alguém, ou que os magos pudessem se preocupar com isso.

— Então, vão me manter aqui trancado — disse Call. — E depois vão jogar a chave fora e se esquecer de mim.

Alastair ficou em silêncio por um longo tempo depois disso, o que foi bem menos reconfortante.

— Quando você soube? — perguntou Call, temendo que o silêncio pudesse se alastrar ainda mais.

— Soube o quê?

— Que eu não sou seu filho de verdade.

Alastair fez uma careta.

— Você é meu filho, Callum.

— Você entendeu — retrucou o menino, com um suspiro... embora não pudesse negar que ter sido corrigido o fez se sentir melhor. — Quando você percebeu que eu tinha a alma dele?

— Cedo — respondeu Alastair, surpreendendo Call um pouco. — Eu acho. Eu sabia o que Constantine estava estudando. Parecia possível que ele obtivesse sucesso em transferir a alma para seu corpo.

Callum se lembrou da mensagem derradeira que sua mãe deixara para Alastair, a que Mestre Joseph, instrutor do Inimigo da Morte e seu capanga mais devoto, tinha mostrado a ele, mas que seu pai havia excluído da história:

MATE A CRIANÇA.

Seu corpo ainda gelava ao pensar na mãe escrevendo isso com as últimas forças, no pai lendo aquelas palavras, com um bebê chorando — Call — em seus braços.

Alastair poderia ter simplesmente saído da caverna se tivesse entendido o que aquilo significava. O frio teria se encarregado do resto.

— Por que fez isso? Por que me salvou?

Callum não pretendia que as palavras tivessem soado tão furiosas, mas foi o que aconteceu. Ele *estava* com raiva, apesar de saber que a alternativa seria sua morte.

— Você é meu filho — respondeu Alastair mais uma vez, desamparado. — Independentemente de qualquer outra coisa que seja, você também é meu filho. Almas são maleáveis, Call. Não são imutáveis. Pensei que, se eu o criasse corretamente... se te desse bons conselhos... se o amasse o suficiente, você ficaria bem.

— E veja no que deu — argumentou Call.

Antes que o pai pudesse responder, um guarda surgiu na frente da cela para anunciar que o horário de visitas havia acabado.

Alastair se levantou e, então, com a voz baixa, disse novamente:

— Não sei se fiz alguma coisa certa, Call. Mas, se serve de consolo, acho que você se saiu muito bem.

Com isso, ele se retirou, acompanhado por outro guarda.

Call dormiu melhor naquela noite que em todas as demais que havia passado no Panóptico. A cama era estreita, com um colchão duro; e a cela, fria. À noite, quando fechava os olhos e adormecia, o sonho era recorrente: o raio mágico atingindo Aaron. Seu corpo navegando pelo ar antes de atingir o chão. Tamara se agachando sobre Aaron, chorando. E uma voz dizendo *a culpa é sua; a culpa é sua*.

Mas, naquela noite, ele não sonhou, e, quando acordou, havia um guarda do lado de fora da cela, segurando sua bandeja de café da manhã.

— Você tem outra visita — anunciou o homem, olhando-o de esguelha.

Call tinha quase certeza de que os guardas ainda estavam esperando que ele os assolasse com aquele carisma. Ele se sentou.

— Quem é?

O homem deu de ombros.

— Uma pessoa que estuda em sua escola.

O coração de Call começou a acelerar. Era Tamara. Tinha que ser Tamara. Quem mais o visitaria?

Ele mal notou o guarda entregando a bandeja pela abertura estreita embaixo da porta. Estava ocupado demais endireitando a postura e passando os dedos pelos cabelos emaranhados, tentando se acalmar e pensar no que dizer para ela quando entrasse.

Oi, como você está, sinto muito por ter deixado seu melhor amigo morrer...

A porta se abriu, e a visita entrou, caminhando entre dois guardas. Era mesmo alguém que estudava no Magisterium, isso era verdade.

Mas não era Tamara.

— Jasper? — perguntou Call, incrédulo.

— Eu sei. — Jasper ergueu as mãos para conter os agradecimentos. — Você obviamente está chocado com minha gentileza em vir até aqui.

— Hum. — Foi a resposta de Call.

Mestre Rufus tinha razão quanto a Jasper: parecia que ele não penteava o cabelo havia anos. Estava espetado em todas as direções. Call encarou Jasper. Será que ele realmente tinha se esforçado para deixá-lo assim? De propósito?

— Presumo que você tenha vindo me dizer quanto a escola inteira me detesta.

— Eles não se importam tanto com você — disse Jasper, evidentemente mentindo. — Você não causou tanta impressão assim. Na verdade, estão todos tristes por Aaron. Pensavam em você como seu assistente, sabe? Como parte do cenário.

Pensam em você como seu assassino. Era isso que Jasper queria dizer, ainda que não verbalizasse.

Depois disso, Call não conseguiu perguntar por Tamara.

— Você se encrencou muito? — Foi o que perguntou no fim das contas. — Quero dizer, por minha causa.

Jasper esfregou as mãos no jeans de marca.

— Basicamente queriam saber se você tinha nos enfeitiçado para nos manter em servidão maligna. Eu disse que você não é um mago suficientemente bom para isso.

— Obrigado — agradeceu Call, sem saber ao certo se estava sendo sincero ou não.

— Então, como é a vida no velho Panóptico? — perguntou Jasper, olhando em volta. — Parece muito, hum, estéril aqui. Conheceu algum criminoso de verdade? Fez uma tatuagem?

— Jura? — exigiu Call. — Jura que você veio até aqui para saber se eu fiz uma tatuagem?

— Não — respondeu o menino, deixando as desculpas de lado. — Na verdade vim porque... bem... Celia terminou comigo.

— Oi? Não acredito.

— Eu sei! Também não! — Jasper se sentou na cadeira desconfortável dos visitantes. — Éramos perfeitos juntos.

Call desejou conseguir alcançar Jasper para poder estrangulá-lo.

— Eu quis dizer que não estou acreditando que você passou por seis pontos de verificação e uma revista potencialmente constrangedora só para vir até aqui reclamar de sua vida amorosa!

— Você é o único com quem posso conversar, Call.

— Porque estou preso por essa corrente e não posso sair?

— Exatamente. — Jasper pareceu gostar. — Todo mundo foge quando me vê. Mas eles não entendem. Preciso recuperar Celia.

— Jasper — começou Call. — Me diga uma coisa e, por favor, seja honesto.

O garoto assentiu.

— Isso é mais uma estratégia de tortura da Assembleia até eu liberar informações?

No exato momento em que essas palavras foram ditas, um fio fino de fumaça se ergueu do térreo, seguido pelo estalo de chamas. Ao longe, um alarme começou a soar.

O Panóptico estava pegando fogo.

CAPÍTULO DOIS

Os dois guardas que trouxeram Jasper para a cela de Call agora conversam um com o outro aos sussurros. Do outro lado da prisão, começaram gritos que depois cessaram de forma abrupta.

— Acho melhor eu ir nessa. — Parecendo ansioso, Jasper se levantou e olhou ao redor.

— Não! — disse rispidamente um dos guardas. — Isto é uma emergência. Nenhum visitante circula sozinho. Para sua própria segurança, você terá que nos seguir enquanto escoltamos o prisioneiro para um veículo de evacuação.

— Você quer que eu fique perto do Inimigo da Morte enquanto ele está fora da cela? — perguntou Jasper, como se tivesse algo com que se preocupar. — Como é que *isso* pode ser seguro?

Call revirou os olhos.

Um dos guardas desativou uma parte da parede elementar e entrou na cela de Call, prendendo-o com algemas novas.

— Vamos — chamou o guarda. — Você caminha entre nós, e o aprendiz vai na frente.

Call parou onde estava.

— Há algo de errado — declarou ele.

— O presídio está pegando fogo — disse Jasper, olhando atrás de si. — Eu diria que algo está errado, sim.

— Há semanas que ouço um bando de magos falando sobre quanto este lugar é invulnerável — prosseguiu Call. — Como nada pode invadir ou destruir esta estrutura. Não deveria estar pegando fogo.

Os guardas pareciam cada vez mais nervosos.

— Fique quieto e venha — exigiu um deles, puxando o garoto pelo braço.

— “O fogo quer queimar”— anunciou Jasper, olhando fixamente para Call.

Ele estava citando o poema, as cinco linhas de texto que descreviam a magia elementar. Os guardas o encararam. Provavelmente se lembraram dos tempos de escola.

O ar se tornava mais quente do lado de fora da cela. A essa altura, as pessoas corriam pelos corredores, gritando. Todas as outras celas foram esvaziadas, e os prisioneiros marchavam em fila para as saídas.

— Eu sei disso — disse Call. — Mas este lugar não deveria queimar.

— Fomos alertados sobre sua lábia — comentou um dos guardas, empurrando o prisioneiro para a sua frente. — Cale a boca e ande.

Pedaços de pedra e metal derretido começavam a cair do telhado. Nesse ponto, Call decidiu parar de se preocupar com o motivo e começou a se preocupar em escapar vivo. Call, Jasper e os dois guardas se apressaram pelo corredor, que estava ficando cada vez mais quente. Call continuou aos tropeços, a perna ruim lançando dores terríveis pelo corpo. Ele não andava tanto assim havia meses.

Ouviu-se uma batida. À frente, parte do chão se desintegrava em um chafariz de cinzas e pedaços de pedra incandescente. Call observou aquilo e soube que estava certo; não era um incêndio normal.

Apenas torceu para sobreviver e poder dizer *eu avisei*.

Os guardas o soltaram. Por um instante, Call pensou que fossem tentar uma rota alternativa pelo presídio, mas, em vez disso, ambos correram, quase derrubando Jasper. Saltaram sobre o chão que desmoronou totalmente, aterrissando em segurança do outro lado. Eles se levantaram e se limparam.

— Ei! — gritou Jasper, parecendo incrédulo. — Não podem simplesmente nos largar aqui!

Um dos guardas pareceu envergonhado. O outro apenas os encarou.

— Meus pais morreram no Massacre Gelado — disse ele. — Por mim, você pode morrer queimado, Constantine Madden.

Call se encolheu.

— Mas e eu? — gritou Jasper, enquanto os guardas se afastavam. — Eu não sou o Inimigo da Morte!

Mas eles tinham desaparecido. Jasper girou, tossindo. E olhou de maneira acusatória para Call.

— A culpa é toda sua — acusou ele.

— É bom vê-lo encarando a morte corajosamente, Jasper.

O lado bom de sua presença, pensou Call, era que Jasper jamais o fazia se sentir culpado, mesmo quando provavelmente deveria. Era impossível não acreditar que Jasper merecia tudo que lhe acontecia.

— Use sua mágica do caos! — Jasper tossiu. O ar estava denso de fumaça e fuligem. — Devore as paredes ou o fogo ou alguma coisa!

Call estendeu as mãos. Os punhos estavam acorrentados. Um mago de seu nível não conseguia fazer mágica sem as mãos.

Jasper murmurou um xingamento e girou, esticando o braço direito. O ar diante de si pareceu vibrar e, em seguida, solidificar. Uma ponte se ergueu sobre a parte ruída do chão, brilhando no ar.

Call não parou para se maravilhar com o fato de que Jasper tinha feito alguma coisa útil; não apenas útil, mas impressionante. Ele correu tão rápido quanto a perna permitia, reservando o direito de ficar impressionado mais tarde.

Nem Call nem Jasper sabiam ao certo onde ficava a saída, mas o fogo havia reduzido as opções. Correram pelo caminho desobstruído. Call cerrou os dentes por causa da dor e tentou ao máximo não tropeçar. O ar estava quente o bastante para que até abrir a boca e falar doesse.

Eles chegaram a uma porta aberta que parecia pesada, mágica e quase impossível de ser atravessada a tempo, caso estivesse fechada. Com alívio, eles atravessaram. Jasper derrubou o bloqueio, fechando a porta ao passar, e obtendo um pouquinho de alívio do calor e da fumaça.

Call arfava, as mãos nos joelhos. Pareciam estar em uma das passagens de fundos do Panóptico. Dava para sentir o cheiro de água sanitária e sabão em pó misturado à fumaça e ao fogo. Corredores se abriam em todas as direções, e não havia janelas. Um enorme pilar de fogo se formou de repente no corredor à frente.

Jasper cambaleou para trás e gritou.

Era o fim. Morreriam queimados, presos no corredor entre as chamas. Call se lembrou de ter navegado por um labirinto de fogo no ano anterior, lembrou-se de como extraiu do caos para esgotar

todo o ar da sala; um ato desesperado que funcionou para apagar o fogo, mas que também acabou com todo o oxigênio que precisavam para respirar. Sem a intervenção de Aaron, teriam morrido.

Call desejou ter sua magia naquele instante, mesmo que se lembrasse do mau uso que havia feito dela.

O fogo quer queimar. A água quer correr. O ar quer levitar. A terra quer unir. O caos quer devorar.

E a linha do poema que ele tinha acrescentado, só para fazer graça:

Call quer viver.

A ideia o assombrava. Ele puxou suas amarras, mas estavam firmes como nunca, sua mágica fora de alcance. O fogo diante de si se desenrolava, como uma cobra, cada vez mais alto, espalhando-se da parte superior feito o capelo de uma naja.

Então um rosto se formou em meio ao fogo — um rosto familiar. O rosto de uma garota, feito totalmente de chamas.

— Makar — disse a irmã de Tamara, Ravan.

Ravan fora consumida pelo elemento que ali presenciavam, e continuava vivendo como uma Devorada do Fogo, um elementar com a alma de uma pessoa. Ou uma pessoa com uma alma de elemento. Call uma vez invadiu uma prisão de elementares com Aaron e Tamara, onde viu os Devorados do Ar, do Fogo, da Terra e da Água. Até onde sabia, jamais existira um Devorado do Caos. A ideia era aterrorizante.

— Não há tempo a perder — instruiu Ravan. — Através do terceiro conjunto de portas à direita encontrarão uma saída.

Seu rosto desapareceu, perdendo-se nas chamas. O fogo mudou de forma e se tornou um arco brilhante e ardente.

— O. Quê. Foi. Isso? — perguntou Jasper.

— Um elementar do fogo — disse Call, sem querer implicar Tamara quando não fazia ideia do que estava se passando. — Eu a conheço. Ela mora no Magisterium.

— Então, isso é um plano de fuga? Você me fez participar de sua fuga idiota? — gritou Jasper, com a voz falhando. — Isso realmente é tudo culpa sua, Call. Eu...

— Cale a boca, Jasper — interrompeu Call, empurrando o garoto para a terceira porta. — Você pode gritar comigo quando estiver fora

do prédio em chamas.

— Mais uma vez varrido pela vassoura cruel do destino — murmurou Jasper, enquanto continuavam.

Conforme Ravan havia instruído, eles atravessaram o corredor e depois viraram à direita para duas portas duplas com uma longa barra de madeira que as fechava. Jasper agarrou a barra e a empurrou para o lado. Call se lançou contra as portas, que se abriram.

Luz do sol e ar. Jasper se jogou para fora e depois gritou. Fez-se um barulho de algo batendo.

— Degraus! — alertou ele. — Cuidado com os degraus.

Atrás de Call, tudo era fogo. Ele respirou fundo e seguiu Jasper para o lado de fora. *Havia* degraus, um breve lance de escadas para baixo. Jasper, já tendo descido, esfregava o joelho. Mas havia também luz do sol e ar fresco, e nuvens e todas as coisas que Call não via há muito tempo. Ele respirou com ânsia e depois respirou de novo.

— Vamos — chamou Jasper. — Antes que alguém veja você.

Enquanto se afastavam da prisão, a fumaça diminuiu. Call olhou para trás.

O Panóptico era um enorme círculo cinzento de pedras atrás dos dois, em forma de um balde de cabeça para baixo. Chamas de cor laranja saíam pelas janelas e pelo telhado.

Chegaram a um gramado verde. Não havia janelas na cela de Call, mas, se houvesse, teria sido esta sua vista: um verde liso, uma grade ao longe e árvores além.

Também era possível ver uma cena de completo caos. Grupos de prisioneiros acorrentados, cercados por guardas. Outros eram levados para vans. Magos com túnicas verde-azeitona da Assembleia corriam pela grama, balançando os braços, tentando direcionar guardas, oficiais e prisioneiros em pânico e cobertos de fuligem.

Um dos Membros da Assembleia viu Call e gritou chamando por guardas.

— Onde está meu transporte? — indagou Jasper, tossindo. — Preciso sair daqui.

— Você vai simplesmente me *largar*? — perguntou Call.

— Você sabe o que acontece se eu ficar com você. Vou ser arrastado para algum show de horrores, com cabeças decapitadas e Dominadas pelo Caos. Não, obrigado. Tenho que reconquistar Celia. Não quero morrer.

— Pelo menos tire isso de mim. — Call esticou as mãos algemadas. — Me dê uma chance, Jasper.

Os guardas vinham na direção de Call agora, falando entre si, como se planejassem uma estratégia. Mas não se moviam rápido o bastante e, com Call de costas, não conseguiam ver o que Jasper estava prestes a fazer.

— Tudo bem — aquiesceu ele, se esticando para agarrar os punhos de Call. — Espere... do que elas são *feitas*? Nunca vi um metal assim.

— Vocês dois. — Uma voz latiu. Call praticamente saltou para fora do próprio corpo. A voz era de uma integrante da Assembleia em seu terno branco: *Anastasia Tarquin*. Por um instante, Call ficou paralisado com uma mistura de alívio e medo. Os cabelos prateados estavam puxados para trás, e os olhos claros ardiam. — Venham até aqui. Agora. Agora. — Ela estalou os dedos, olhando para Call de maneira impessoal, como se não o conhecesse. — Imediatamente.

Os guardas pararam de avançar, parecendo aliviados por outra pessoa cuidar da situação.

Xingando baixinho, Jasper seguiu Call e permitiu que Anastasia os guiasse pela grama.

— Transportando o Makar — avisou ela, levantando a mão cada vez que alguém parecia se aproximar ou questionar. — Temos que tirá-lo daqui o mais rápido possível. Saia do caminho!

Uma van bege estava estacionada na extremidade oposta do gramado. Anastasia abriu as portas de trás e empurrou Call para dentro. Ele não conseguia ver o motorista.

Jasper parou.

— Não tem motivo para eu entrar em um veículo com prisioneiros...

— Você é testemunha. — Anastasia se irritou. — Entre DeWinter, ou contarei a seus pais que você não colaborou com a Assembleia.

Com os olhos arregalados, Jasper seguiu Call. A van tinha bancos dos dois lados e barras acima da cabeça nas quais algemas poderiam ser presas para manter os prisioneiros no lugar. Call e Jasper sentaram-se frente a frente. Ninguém prendeu as algemas de Call. Em vez disso, as portas se fecharam, deixando-os em uma escuridão fria.

— Estranho — comentou Call.

— Vou registrar uma queixa — retrucou Jasper, em um tom resignado. — Para alguém. Alguém vai ouvir sobre isso.

A van arrancou, fez algumas curvas e depois acelerou no que parecia uma rodovia. Call não fazia ideia de para onde estavam indo. Ele sequer sabia ao certo onde ficava o Panóptico, quanto mais o destino dos prisioneiros em situações adversas

Ficou confuso com as presenças de Anastasia e Ravan. Anastasia lhe dissera ser mãe de Constantine Madden, e, como Call tinha a alma de Constantine, ela o ajudaria. Anastasia era encarregada dos elementares do Magisterium. Talvez tivesse armado tudo. Mas, se fosse verdade, qual seria o próximo passo? Toda a Assembleia estaria procurando por Call. Ela não poderia simplesmente levá-lo a algum lugar remoto até a poeira baixar. Toda a questão do Inimigo da Morte jamais seria esquecida.

Ele repassou o envolvimento de Anastasia, a probabilidade de isso ser uma fuga, seu medo de nunca mais voltar a ver o pai, a preocupação de que Mestre Rufus, novamente, acreditasse que Call havia mentido, e o medo de passar mal caso fizessem mais uma curva daquele jeito. Nenhuma conclusão. Foi com o coração pesado que sentiu a van parar. As portas de trás se abriram, e a luz entrou, fazendo Call piscar.

O motorista surgiu diante das portas abertas. Tirou a boina. Tranças longas e escuras caíram sobre seus ombros, e um sorriso familiar iluminou seu rosto. O coração de Call deu cambalhotas no peito.

O motorista era Tamara.

CAPÍTULO TRÊS

Call olhou fixamente para Tamara, completamente chocado. Ela estava diferente. Ou não; talvez a imagem na memória dele tivesse perdido a nitidez ao longo dos últimos seis meses. Mas Call não achava que fosse isso. Ele pensava tanto na garota que não conseguia conceber qualquer esquecimento a seu respeito. Não que isso tivesse alguma importância... tinha? Call percebeu que ainda a encarava e que Tamara provavelmente estava esperando que ele dissesse alguma coisa. Foi salvo por Devastação, que pulou na van com um latido alto e começou a lamber vigorosamente o rosto do menino.

— Jasper — disse Tamara, franzindo o rosto para o outro passageiro da van. — O que está fazendo aqui?

— Você perdeu a cabeça? Você organizou uma fuga da cadeia? — perguntou Jasper, transbordando de fúria. — E sequer me contou para que eu pudesse visitar Call *outro dia*?

— Desculpe por não ter checado sua agenda social. — Tamara revirou os olhos, subindo na van e empurrando Devastação de cima de Call, com os dedos no pelo do lobo em um gesto amigável...

Call não conseguia falar. Tinha tanto a dizer que acabou ficando preso entre o pensar e o verbalizar. Estava tão feliz só de olhar para Tamara, tão feliz por ela ainda gostar dele o suficiente para ajudá-lo. E, mesmo assim, ele sabia que não haviam desculpas suficientemente grandes para dar a ela.

Tamara olhou para ele e sorriu suavemente.

— Oi, Call.

Ele teve a sensação de mal conseguir engolir. O rosto da amiga tinha mudado sutilmente nos últimos seis meses, mas, de perto, ela parecia menos diferente do que ele imaginava. Ainda tinha os mesmos olhos grandes, escuros e solidários.

— Tamara. Você... planejou isso tudo? — perguntou ele, a voz rouca.

— Não sem ajuda — respondeu ela, chamando Call para fora da van. Ele pulou para perto dela, esticando a perna dolorida.

Eles estavam em frente a um chalé bonitinho, no centro de uma clareira. Havia um pequeno lago ao lado, com uma ponte que o atravessava. Em frente à casa, estava Anastasia Tarquin, seu carro branco estacionado na entrada.

Anastasia continuava com o terninho branco, agora sujo de fuligem. Ela olhou para Call daquele jeito que o deixava incrivelmente nervoso, como se estivesse vendo uma leoa vindo em sua direção na savana.

— Vou ficar na van — avisou Jasper, sem fôlego. — Mais tarde vocês podem me deixar em algum lugar. Tipo um posto de gasolina, sei lá. Eu volto sozinho.

— Anastasia me ajudou — explicou Tamara, basicamente para Call. — Ela me deixou descer para falar com Ravan. — A menina olhou para baixo. — Fiquei sem ter muito com quem conversar, depois que Aaron morreu, e você... se foi.

— Podia ter conversado comigo — disse Jasper, ainda na van.

— Você só queria falar sobre Celia — rebateu Tamara. — E ninguém falava comigo sobre Call porque...

— Porque acham que eu sou o Inimigo da Morte — argumentou Call. — E que eu desejava Aaron morto.

— Nem todos pensam isso — disse Tamara, com voz baixa. — Mas a maioria, sim.

— Call, Tamara — chamou Anastasia da varanda. — Entrem. — Ela cerrou os olhos. — Você também, Jasper.

Resmungando, Jasper finalmente saltou da van do presídio.

— Quando foi que aprendeu a dirigir? — perguntou Call.

— Kimiya me ensinou — respondeu Tamara, enquanto subiam os degraus da frente. — Eu disse a ela que precisava me distrair por causa... você sabe. De você e Aaron.

Você e Aaron. Aaron tinha morrido, e Call estava ali, vivo, mas deve ter parecido como uma morte em vida para Tamara, já que estivera preso no Panóptico, com todos acreditando que ele fosse mau.

Call percebeu o quão apavorado ficara com a possibilidade de que Tamara acreditasse nisso também. Sentiu-se quase fraco com o alívio de perceber que, aparentemente, não era esse o caso.

Por dentro, a casa tinha uma sala bonita, com cortinas de renda e mesinhas cobertas por tecidos bordados. Havia uma jarra de limonada sobre uma mesa de centro. Era um ambiente receptivo, mas do mesmo modo que a casa da bruxa coberta de doces também o era. Mesmo assim, não reclamaria. Não estava preso, e Tamara estava ali. Tinham até trazido Devastação.

— Me deixe ver essas algemas — pediu Tamara, quando Call sentou no primeiro sofá que via em meses. Quem imaginaria que seria possível sentir saudade de sofás? Tamara franziu a testa. — De que elas são feitas? Isto não é metal.

— Não é possível removê-las sem ferramentas especiais — informou Anastasia. — Infelizmente não tenho nenhuma aqui. — Ela se levantou. — Call, venha comigo. Vou ver se consigo improvisar alguma coisa.

Sem saber quanto tempo teria com Tamara, ele relutou em abrir mão da presença da amiga, mas as algemas realmente precisavam sair. A contragosto, ele se levantou e seguiu Anastasia até a cozinha.

Ela apontou para um banco. Havia uma bolsa preta grande e pesada na bancada, parecendo um kit antiquado de instrumentos médicos. Enfiando a mão ali dentro, Anastasia pegou alguns cristais que, depois, pousou sobre uma bandeja. Então, ligou o maçarico embaixo destes.

Enquanto aqueciam, ela se virou para Call.

— Foi uma pena não termos conseguido resgatá-lo antes. Sei que a espera foi dura.

Call se remexeu no assento. Anastasia frequentemente agia como se soubesse o que ele estava pensando ou sentindo. Às vezes tinha razão, outras não, mas sua convicção jamais se abalava.

Anastasia também tinha outra convicção, uma que mencionou para ele na única vez que o visitou no Panóptico. Ela acreditava que, por ser a mãe de Constantine Madden, também era mãe de Call.

Call não achava que as coisas funcionavam assim, mas sabia que não deveria discutir com Anastasia. Ela parecia absolutamente

certa disso. Ele decidiu que, simplesmente, nunca mais tocaria no assunto, e torcia para que ele jamais ressurgisse.

— Tamara, é óbvio, ficou arrasada por não poder visitar — acrescentou.

Call queria acreditar.

— Ela é uma boa amiga.

— Amiga? — Anastasia deu uma risada barulhenta. — Ela gosta de você. Acho uma graça.

Call encarou a mulher, os pensamentos girando. Tamara não gostava dele! Isso era ridículo. Tamara era linda, inteligente, rica e tinha sobrancelhas perfeitas.

Desde que a conhecera, ele soube que ela era muita areia para seu caminhãozinho. Ele se lembrou de tê-la visto dançando com Aaron no início do Ano de Bronze. Formavam um belo casal. E Call sabia que jamais formariam um belo casal. Se dançassem juntos — mesmo que ele conseguisse acompanhar com sua perna —, tinha certeza de que pisaria no pé da menina.

Os cristais começaram a fazer um barulho estranho e choroso, e Anastasia desligou o fogo.

— Terra e fogo juntos — explicou. — É mais fácil extrair assim.

Então, estendeu uma das mãos e *derreteu* a corrente que ligava as algemas. Call precisou desviar muito rápido de um respingo de metal líquido. A gota atingiu o linóleo e soltou fumaça, escurecendo o plástico ao redor dos respingos.

Anastasia franziu o rosto para o chão.

— Isto é tudo que posso fazer por agora, mas deve ajudar com sua mobilidade até podermos remover as algemas propriamente ditas.

Call mal prestava atenção. Observava o chão que derretia, pensando: poderia ser verdade? Será que Tamara realmente gostava dele? Anastasia era um pouco estranha e, talvez, meio maluca. Provavelmente, não sabia do que estava falando.

Mas e se soubesse?

— Volte para a sala — disse Anastasia. — Eu já vou, depois que arrumar as coisas.

Mecanicamente, Call voltou para onde Tamara e Jasper discutiam a respeito da casa.

— Anastasia encontrou esta casa onde podemos nos esconder dos magos — dizia Tamara. — Ela ergueu uma magia de disfarce no ar em volta a fim de impedir que seja encontrada. Aqui estamos seguros para planejar os próximos passos.

Call a encarou, como se ela não fosse uma de suas melhores amigas. Como se não tivesse compartilhado um aposento com ela nos últimos três anos. Não, Tamara não podia gostar dele. Inclusive, se gostava de alguém, era de Aaron.

— Quanto tempo você tem até precisar voltar ao Magisterium? — perguntou Call de repente. — Quero dizer, vão perceber que você sumiu.

Ótimo, ele pensou. *Está parecendo que quero me livrar dela*. Ele teve o pensamento aterrorizante de que pudesse ficar tão travado diante de Tamara como tinha ficado com Celia quando descobriu que ela queria sair com ele. E se ele arruinasse a amizade? E se fizesse papel de bobo?

Tamara não o encarou.

— Não posso voltar, Call.

— E *eu*? — gritou Jasper. — E quanto à minha volta para a escola? Eu tenho que voltar! Celia está lá!

Call não conseguia processar direito o sacrifício que Tamara estava planejando fazer.

— Nunca mais? — perguntou a ela. — Você nunca mais vai poder voltar para a escola?

Talvez ele realmente tivesse um charme avassalador no fim das contas. Talvez ela gostasse mesmo dele. Ou talvez fosse uma grande amiga de verdade.

Talvez ele jamais fosse saber.

Tamara olhou demoradamente para Call.

— Não vou ficar lá, aprendendo mágica, enquanto os aprendizes falam que os magos vão te pegar e arrancar sua cabeça. Não vou voltar, a não ser que você volte comigo. E, para isso acontecer, temos que limpar seu nome.

Call engoliu em seco. Ele sabia que os outros alunos diriam coisas horríveis a seu respeito, mas não tinha pensado na parte de arrancarem sua cabeça. Pior, ele não achava que *houvesse* uma

maneira de limpar seu nome — não enquanto todos pensavam que seu nome secreto era *Constantine Madden*.

— Vocês estão se ouvindo? — perguntou Jasper. — Como planejam fazer isso?

— Ainda não sei — admitiu Tamara. — Mas Ravan ajudou antes, e vai ajudar com isso.

— *Ravan*? — perguntou Jasper. — Aquela era no Panóptico era *Ravan*? Tamara, você não pode confiar em um Devorado, mesmo que ela um dia tenha sido sua irmã!

A mente de Call girava, ainda pensando no que Tamara havia feito ao tirá-lo da prisão. E logo com Anastasia Tarquin. Como Tamara e Anastasia foram trabalhar juntas? O que Anastasia queria?

Enquanto Jasper e Tamara discutiam, Call se flagrou olhando para a amiga, decorando suas feições — os olhos, o tom de voz quando se irritava, a curva de sua boca enquanto sorria. Ele temia que fosse perdê-la de novo. Estava acostumado a uma vida atribulada e seus improváveis esquemas de fuga. Estava acostumado a arrastar um Jasper indisposto para o referido esquema. Mas, antigamente, Aaron estava com eles.

Call sempre presumiu que todos concordavam com Aaron, e como ele gostava de Call, as pessoas o aturavam também.

Sem ele, tudo parecia estranho e errado. Desequilibrado. Incerto.

Sem Aaron, será que Tamara continuaria gostando de Call? Será que conseguiriam continuar amigos agora que eram apenas dois, e não três?

O pensamento em Aaron se fechou, como um punho frio, no coração de Call. Aaron deveria estar ali, discutindo sobre o que todos fariam. Em vez disso, ele estava morto. Call e Tamara tinham sido deixados para trás, juntos. Pensar nisso fez o coração de Call acelerar, de nervoso e algo mais.

Anastasia Tarquin voltou para a sala. Atrás dela, vinha uma figura familiar, vestindo túnicas pesadas. Tamara engasgou e levantou um pouco do sofá.

Era Mestre Joseph.

Call se levantou, pronto para atacar, mas nenhum Caos saiu de seus dedos. Mesmo sem a corrente, de algum modo as algemas o impediam de utilizar qualquer magia.

Tamara engasgou. Jasper recuou alguns passos e, depois, congelou, encarando. Óbvio, na última vez que vira o professor de Constantine, o túmulo do Inimigo da Morte estava ruindo a seu redor.

— O que — começou Jasper, com a voz sufocada — *ele* está fazendo aqui?

— Anastasia? — chamou Tamara, levantando a voz. — O que está acontecendo?

— Temo não ter sido totalmente honesta com você — respondeu a mulher. — Nem sobre mim, nem sobre meus motivos para soltar Call. Veja bem, antes de me chamar Anastasia Tarquin, eu tinha outro nome: Eliza Madden. Eu era a mãe de Constantine e Jericho Madden.

O coração de Call despencou.

Os olhos de Tamara ficaram gigantescos.

— *O quê?*

— Sim — disse Anastasia. — Tenho certeza de que nunca pensou no Inimigo da Morte como alguém que tivesse mãe, mas ele tem. Perdi meus dois filhos, mas não perderei Call. Não vou permitir que os magos o trancafiem até apodrecer. E, certamente, não vou permitir que o condenem à morte após um julgamento teatral.

— Me condenar à... *morte*? — repetiu Call.

Será que era o medo de Anastasia falando, ou ela sabia de alguma coisa? Será que era verdade?

— Íamos limpar seu nome! Em vez disso, você vai jogá-lo de volta nas mãos do monstro responsável pela perda de seu filho? — perguntou Tamara, gesticulando para Mestre Joseph.

— Isso é mentira — disse Mestre Joseph.

Ele mexeu as mãos e lançou Tamara de volta ao sofá, seu corpo batendo nas almofadas.

— Deixe Tamara em paz! — gritou Call, esquecendo-se de todo o resto.

Devastação começou a rosnar, e fogo faiscou do centro da palma da mão de Jasper.

Mestre Joseph olhou para eles com pena.

— Torcia para que viessem por vontade própria, mas sou plenamente capaz de levá-lo à força.

O rosto de Anastasia parecia mármore.

— Você não vai machucar Callum — disse ela. — Joseph!

Ela não podia realmente confiar em Mestre Joseph, podia? Call tentou se levantar, mas foi derrubado por outra onda lançada por ele. Mais uma vez, Mestre Joseph girou o punho e um vórtice de vento se ergueu de seus dedos e espiralou em direção a eles.

Call e Tamara estavam grudados no sofá, Jasper preso à parede. Até Devastação foi derrubado e choramingava e rosnava com a força do vento.

A porta abriu atrás de Mestre Joseph. Através dela, vieram os Dominados pelo Caos — os seguidores zumbis sem mentes do Inimigo da Morte. Um dos grandes crimes de Constantine foi fabricá-los; e também, de acordo com pessoas como Mestre Joseph, uma de suas grandes conquistas.

Implacavelmente, os Dominados pelo Caos cercaram Call, Tamara e Jasper, pegando-os pelos braços e marchando com eles para fora. Uma vez lá, pararam, formando um círculo espaçado. Pareciam totalmente bizarros e deslocados na bela clareira com a pequena casinha no meio.

Anastasia e Mestre Joseph estavam na varanda. A mulher olhava para Call com o mesmo apetite de antes. Outro carro despontou na entrada. Devastação, latindo e rosnando, correu em volta do círculo, sem conseguir se aproximar.

Por que os Dominados pelo Caos tinham parado? Call sabia que eles não tomavam as próprias decisões; eram cascas de seres humanos que tiveram o caos forçado para dentro de suas almas e, portanto, obedeciam totalmente a seu Mestre.

Seu Mestre. Constantine Madden tinha feito os Dominados pelo Caos. Ele era o Makar, seu Mestre. Era a única coisa mais ou menos boa de se ter a alma de Constantine.

Call pigarreou. Isso seria constrangedor.

— Me soltem — exigiu ele. — Sou seu Mestre. Sou o Inimigo da Morte. A alma dele é igual a minha. Me soltem, Dominados pelo Caos.

Nas últimas duas vezes que tinha feito isso, funcionou.

Daquela vez, nada aconteceu.

Parecia que Call batia contra uma parede. Os Dominados pelo Caos simplesmente o encararam, os olhos reluzentes girando como os de Devastação.

Talvez fosse por causa das algemas, pensou Call, tentando contorcer as mãos para retirá-las dos punhos.

Então, a porta do carro recém-chegado abriu, revelando um menino alto com cabelos castanhos desgrenhados. Vestia uma jaqueta de couro e um sorriso cruel.

Alex Strike. O assassino de Aaron e o único outro mago do caos que Call conhecia.

Um rugido saiu da garganta de Call quando ele avançou para cima de Alex. Atrás dele, Tamara gritava e chutava os Dominados pelo Caos que a seguravam.

— Eu vou te matar! — Havia lágrimas no rosto de Call enquanto ele se lançava contra Alex. — Eu vou te matar!

— Detenham Call — pediu Alex, preguiçosamente.

Segundos depois, o menino sentiu que uma dúzia de Dominados pelo Caos o segurava, as garras como ferro.

Os olhos de Alex dançaram.

— Eu fiz estes — disse ele, indicando os Dominados pelo Caos na clareira. — Eu sou seu Makar, não você nem Constantine. Eles obedecem *a mim*.

— Basta! — exigiu Anastasia, da varanda. — Você não vai ferir Call. *Ninguém* vai feri-lo. Alex, você entendeu? Precisamos deixar nossas diferenças para trás.

Alex a encarou com olhos afiados, depois encarou Mestre Joseph, como se esperasse ouvir alguma coisa diferente.

Em vez disso, Mestre Joseph sorriu para todos eles, como se tudo estivesse indo muito bem.

— Sim, ninguém vai machucar ninguém. Vamos todos voltar para a fortaleza em paz. Temos muito a discutir. O futuro pelo qual tanto esperamos finalmente chegou.

Alex assumiu uma expressão petulante, mas nenhum dos adultos pareceu notar.

Os olhos de Anastasia estavam fixos em Call.

— Sei que provavelmente está muito chateado comigo agora, mas sei o que é melhor para você. Você precisa de proteção. Os magos só entendem demonstrações de força. Você se colocou a sua mercê, e viu só o que aconteceu?

— Ravan vai ficar sabendo! — gritou Tamara. — Quando eu não me encontrar com ela como disse que faria, ela vai saber que você nos traiu. Ela vai contar para alguém.

Anastasia balançou a cabeça e estalou a língua, como se Tamara tivesse algum retardo.

— Quem vai acreditar nela? Ravan é uma elemental fugitiva que ateou fogo a um presídio.

Tamara pareceu derrotada e furiosa consigo mesma. Call queria dizer que ela não tinha culpa pelo plano ter tido um desvio de rota, que esse tipo de coisa sempre acontecia quando ele estava envolvido. Mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, a coisa morta que o segurava começou a arrastá-lo para a van. Em poucos instantes, estavam lá dentro com Devastação.

— Sério? — perguntou Jasper, sombriamente, de um dos bancos. — Reuniões clandestinas com os capangas do Inimigo da Morte definitivamente não vão limpar seu nome, Call. Pelo contrário. Isso é o oposto de limpar seu nome.

— Ninguém planejou isso, Jasper! — Tamara se irritou.

— Mestre Joseph planejou — rebateu ele, de modo muito incisivo. Call estava acostumado a comentários críticos, mas, dessa vez, era diferente. Jasper estava certo.

Frustrado, Devastação uivou e andou de um lado para o outro naquele espacinho antes de se ajeitar na perna de Call.

Call esperava ouvir alguém sentando no banco do motorista, dando partida no motor, mas, em vez disso, sentiu a van inteira ser suspensa no ar. Todos caíram de lado, gritando. Jasper aterrissou em Call antes de rolar sobre Devastação. Call bateu a perna com força no banco. Tamara tombou por cima do amigo, o cabelo caindo na boca de Call e o joelho acertando um lugar que o menino não queria pensar.

Ai.

Em seguida, a van arrancou novamente, e eles rolaram para o lado oposto.

— Ei! — gritou Call, quando recuperou o ar. — Achei que ninguém deveria se machucar!

Após mais alguns minutos de arrancadas, a van estabilizou e passou a flutuar mais suavemente. Eles ficaram no chão até terem certeza de que era seguro, e depois voltaram para os bancos.

Jasper esfregou o pescoço.

Tamara estava quieta ao lado de Call. Respirando fundo, ele esticou uma de suas mãos algemadas e pegou a dela. Estava quente e macia, e ele segurou firme enquanto voavam para a fortaleza que outrora havia pertencido ao verdadeiro Inimigo da Morte.

CAPÍTULO QUATRO

Horas se passaram, durante as quais Call cochilou e acordou. Ele estava alerta, mas também exausto. Não parava de pensar em Alastair; como seu pai saberia onde ele estava? O homem receberia as notícias da fuga de Call. Muito em breve, todos no mundo dos magos saberiam que havia um Makar à solta. Call pensou na preocupação do pai e se sentiu vazio por dentro.

Tamara não dormiu. Toda vez que Call abria os olhos, via a garota olhando arrasada para o escuro. Em dado momento, notou que lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Ficou imaginando se estaria chateada com o fracasso de sua fuga da cadeia. Ou talvez estivesse com saudade de Aaron.

Tamara salvara a vida de Call quando Alex Strike tentou roubar sua magia do caos. Mas, ao salvar a vida dele, ela condenou Aaron... o melhor e mais gentil cara que Call já havia conhecido.

Ela poderia ter salvado qualquer um dos dois e escolheu Call. Ninguém em sã consciência o escolheria.

A pergunta de Call não era se Tamara havia se arrependido. Era *quanto*. Ou, pelo menos, era o que ele achava até ouvir as palavras de Anastasia.

Agora já não sabia o que pensar. Por um lado, queria acreditar. Por outro, a fonte era Anastasia, e a mulher não era exatamente confiável.

A van finalmente aterrissou com um solavanco que derrubou todos no chão. As portas traseiras foram abertas por Alex Strike. Call sentiu nojo mais uma vez ao ver Alex, e ficou imaginando se algum dia se acostumaria. Se algum dia não sentiria o impulso de fazer a cabeça do garoto inchar e explodir, como uma fruta que amadureceu demais.

Não queria se acostumar.

— Bem-vindos ao lar — ironizou Alex, recuando para que pudessem saltar da van.

Ele não estava sozinho. Havia um semicírculo de Dominados pelo Caos atrás dele. Mestre Joseph não estava à vista.

Acima, o sol se punha em um esplendor de vermelhos e roxos. Estavam em uma ilha, no meio de um rio largo; as margens eram visíveis dos dois lados, ao longe. Capim crescia sem aparo entre lilases.

Em frente às vans erguia-se uma enorme casa de pedra amarela com torres, como as de um castelo. Havia uma imensa entrada sob um pórtico. A construção colocava a casa de Tamara no chinelo em termos de tamanho, apesar de as ervas daninhas ao redor estarem grandes demais, e o lugar em si parecer ao mesmo tempo um pouco estranho e há muito abandonado.

Devastação, livre do confinamento da van, latiu alto. Call estava prestes a mandá-lo se calar, quando um coro de latidos e uivos respondeu.

Os olhos de Tamara se arregalaram.

— Outros lobos Dominados pelo Caos — constatou.

O barulho era lindo e sinistro. Devastação parecia não saber o que fazer consigo mesmo; ele avançou com curiosidade, antes de se encolher novamente junto à perna de Call. O garoto fez carinho em sua cabeça.

Alex riu.

— Bicho idiota.

Tamara se irritou.

— Não fale assim dele.

— Quem disse que estou falando de Devastação? — retrucou Alex.

Ele começou a subir as escadas até a porta da frente da casa. Os Dominados pelo Caos começaram a se mover também, guiando Call, Jasper e Tamara para a entrada.

Eles atravessaram as enormes portas da frente e chegaram a uma entrada, também enorme. Um lustre de vitral gigantesco pendia do teto, perdido nas sombras acima. Uma ampla escadaria erguia-se a partir da entrada, levando a sabe-se lá quantos andares. Acima de uma lareira estava a máscara de prata de Constantine Madden — a mesma que Mestre Joseph usava na primeira vez que Call o viu, a mesma que permitiu que ele se passasse por Constantine por tanto tempo enquanto esperava Call crescer para tomar o lugar do Inimigo da Morte.

Acima dela, pendia o Alkahest, o ar a seu redor brilhando de forma a indicar alguma espécie de defesa mágica. Outrora criado para destruir um praticante do Caos, Alex, de algum jeito, o modificou para roubar o Caos. Ele o utilizou para matar Aaron e roubar seu poder. Se não fosse pelo Alkahest, não haveria um bando de Dominados pelo Caos obedecendo Alex. Se não fosse pelo Alkahest, Aaron não estaria morto.

Jasper emitiu um ruído impressionado. Tamara o encarou.

— Sim, é um belo chalezinho — disse Alex, vagamente. — Venham. E vocês — ele estalou os dedos para os Dominados pelo Caos —, podem ficar aqui.

Call e seus acompanhantes foram atrás de Alex até uma sala espaçosa, onde havia uma grande mesa de madeira ao centro. Mestre Joseph estava ali, mexendo no conteúdo de um enorme caldeirão com uma colher pesada de metal.

— Ah — disse ele. — Que bom que chegou. Veja, tudo aqui é muito civilizado. Não é como a prisão onde estava.

Mas ainda é uma prisão, pensou Call. Mesmo assim, ele deixou que Mestre Joseph dissesse algumas palavras sobre suas algemas e o libertasse delas. Call esfregou a pele outrora coberta pelo metal, constrangido.

— Onde está Anastasia? — perguntou.

A mulher o deixava desconfortável, mas Call realmente acreditava que ela queria seu bem.

— Lá em cima, se preparando para o jantar — respondeu Mestre Joseph, e, então, indicou o conteúdo do caldeirão.

— Olho de salamandra? — perguntou Call. — Ensopado de pata de sapo?

— Meu famoso chili superpicante, na verdade — revelou Mestre Joseph. — Drew sempre adorou.

A menção ao filho morto de Mestre de Joseph fez Call congelar. O homem havia dito que não culpava Call pela morte de Drew, apesar de ele ter sido, pelo menos parcialmente, responsável por ela. Call tinha certeza de que parte do Mestre o detestava, e esse ódio poderia vir à tona a qualquer momento.

Mestre Joseph queria que Call fosse Constantine Madden renascido. Ele queria o Inimigo da Morte. Callum Hunt, mesmo

carregando sua alma, seria uma constante fonte de decepção.

— O que quer que eu faça com Call e seus assistentes? — perguntou Alex em tom de tédio.

— Os aposentos de Call e Tamara são na Ala Vermelha — disse Mestre Joseph. — Quanto a nosso convidado inesperado... — Ele olhou para Jasper. — Acomode-o no antigo aposento de Drew.

— Ah, não — reclamou Jasper. — Isso parece sinistro.

Mestre Joseph lançou a Jasper um sorriso que era metade rosnado.

— Nós, aqueles que lutam nobremente contra a morte, já fomos acusados de sermos macabros. De ficarmos confortáveis demais com a morte. Não gostamos de dar crédito a esse tipo de falácia. Simplesmente nos recusamos a reconhecer a morte como um fim. Só isso.

Jasper não pareceu reconfortado.

— Além disso, os quartos são os únicos lugares que os Dominados pelo Caos não visitam — acrescentou.

— Por outro lado — disse Jasper —, isso é bom.

Mesmo assim, ele continuou olhando fixamente para Call enquanto subiam, e mexeu a boca formando a frase *É tudo culpa sua* antes de ser conduzido a algo chamado de Ala Verde por um Dominado pelo Caos silencioso.

Call e Tamara foram levados por um corredor de paredes vermelhas. Tamara foi conduzida a um quarto do outro lado do corredor, enquanto Alex levou Call pessoalmente ao dele, inclinando-se sobre o garoto para acender a luz.

— Anastasia cuidou da decoração — explicou ele. — O que acha?

À primeira vista, o quarto parecia tranquilo. Era normal, simples, com lençóis e travesseiros listrados de branco e azul-marinho. Apenas lentamente, o horror do que estava vendo se apresentou. Fotos de família preenchiam todas as superfícies: Constantine Madden, rindo com o irmão Jericho. Acenando para os pais através de uma grade. Em um acampamento com toda a família.

Fotos de Constantine sozinho, recebendo prêmios na escola, em cerimônias onde novas pedras eram postas em sua pulseira.

Sorrindo no uniforme do Ano de Prata. Fotos alegres com amigos tinham sido afixadas às molduras dos espelhos, acima da cama.

Amigos que, em sua maioria, estavam mortos, assassinados na Terceira Guerra dos Magos.

— Todos os livros aqui eram os favoritos de Constantine — revelou Alex, com um tom de júbilo. — Todas as roupas no armário são as roupas que ele usava quando tinha sua idade. Estão torcendo para que isso ative algumas enxurradas de lembranças, mas não acredito que vá funcionar.

— Saia daqui — disse Call.

A seu lado, Devastação gania, inquieto. Conseguia sentir o aborrecimento de Call, mas não sabia por quê.

Alex se apoiou no batente na porta.

— Mas isso é tão engraçado.

Call se lembrou de quando admirava Alex. Achava que ele fosse apenas o assistente de Mestre Rufus, um aprendiz mais velho e legal que era gentil com Call. Mas toda aquela gentileza tinha sido falsa, como o ilusionismo que ele praticava.

— Vou me trocar para o jantar — avisou Call. — Saia daqui, ou assista enquanto eu fico pelado; a escolha é sua.

Alex revirou os olhos e desapareceu, fechando a porta atrás de si.

Call se aproximou a fim de analisar as fotos colocadas na moldura do espelho. Constantine e os amigos. Ele reconheceu um Alastair Hunt muito mais jovem, com o braço em volta de Constantine, sorrindo e apontando para alguma coisa ao longe. E lá estava a mãe de Call, Sarah, parecendo muito jovem, com o cabelo solto e um sorriso bonito. Ela estava ao lado de Constantine, e alguma coisa lhe pendia do quadril.

Miri. A faca que Sarah tinha feito. Ela estava com Miri. Call sentiu o fundo da garganta começar a doer ao lembrar que a mãe usara aquela faca para talhar as palavras na parede de gelo da caverna onde morreu.

MATE A CRIANÇA.

Call foi até o guarda-roupa e abriu as portas.

As roupas lá dentro provavelmente teriam sido mais perturbadoras para alguém que não tivesse crescido com Alastair

Hunt, e que, portanto, fazia compras em muitos brechós e empórios vintage. Muitos jeans pretos com joelhos rasgados e longas bermudas cargo. Ao lado, camisas de inverno, camisetas brancas e muita flanela. Havia também uma jaqueta jeans surrada. Os anos noventa tinham voltado e viviam no armário de Call.

Apesar do que Alex dissera, Call torceu para que Mestre Joseph tivesse comprado roupas de segunda mão. Isso já seria sinistro o suficiente, mas, ao examinar a jaqueta jeans, que tinha patches e coisas escritas, chegou à conclusão ainda mais sinistra de que tudo aquilo pertencera mesmo a Constantine Madden.

Call torceu muito para que as cuecas fossem novas. Ele não queria usar as roupas íntimas de um Suserano do Mal.

A porta se abriu, e Jasper entrou.

— Eu não c-c-c-consigo — gaguejou ele. — Não consigo ficar lá!

— O que foi agora? — Call estava cansado das reclamações de Jasper. Afinal de contas, nenhum deles queria ter sido sequestrado. Nenhum deles queria dormir naquele lugar. — Não pode ser mais perturbador que isso!

Jasper olhou em volta, assimilando tudo. Depois virou novamente para Call.

— Venha comigo. — Havia uma tristeza em sua voz que fez com que Call o seguisse, com Devastação logo atrás.

Eles passaram do corredor vermelho para um verde, atravessaram duas portas até chegar a uma terceira, que Jasper abriu.

Era um cômodo grande, com uma janela ampla. A luz que entrava iluminava teias de aranha ao redor. Poeira havia assentado na maior parte das superfícies. Parecia que ninguém entrava ali desde a morte de Drew. Era sinistro, Call precisava admitir. Principalmente pela quantidade de cavalos.

Havia uma parede tomada de prateleiras, cada uma delas contendo centenas de cavalos. E havia pôsteres de cavalos. Cavalos na lâmpada da cabeceira. Cavalos correndo pelos lençóis.

— São muitos... — Call conseguiu falar, encarando.

— Viu? — disse Jasper. — Não posso dormir aqui!

Até Devastação pareceu um pouco assustado e farejou o ar, preocupado.

— Suponho que toda a obsessão com pôneis não fosse apenas parte do disfarce de Drew — admitiu Call, que precisou concordar: aquele quarto era, na verdade, pior que o seu.

— Eles ficam me olhando — comentou Jasper, já assombrado. — Não importa para onde vá, eles ficam olhando com esses olhos pretos de bolinha de gude. É horrível.

Tamara entrou no quarto. Atrás da garota, no corredor vermelho, uma porta estava ligeiramente aberta.

— O que vocês estão olhando... Uau! — Ela piscou os olhos para os cavalos.

— Como é seu quarto? — perguntou Jasper.

— Não importa — respondeu Tamara, rápido demais. — Totalmente sem graça.

Call cerrou os olhos para ela, desconfiado.

— Será que posso dormir lá?

Jasper pareceu muito alegre com a ideia, como se o problema da situação fosse as acomodações. Ele foi para a porta ligeiramente aberta no corredor vermelho.

— Não! — exclamou Tamara, indo atrás dele. — E não tem por que você olhar...

Mas, àquela altura, ele já tinha terminado de abrir a porta. Por um instante, Call achou que o rosto de Jasper tinha ruborizado, mas foi apenas um reflexo do interior do quarto. Era rosa. Muito, muito, muito rosa.

Tamara soltou um longo suspiro.

— Sei que temos problemas maiores, mas meu quarto é constrangedor!

As paredes eram pintadas de rosa-claro. Sobre a cama de dossel rosa-escuro caía um tecido transparente como gaze. A roupa de cama era rosa néon e coberta de laços. Em cima havia um unicórnio de pelúcia gigante, com um chifre de tecido prateado. No chão, um tapete rosa peludo em formato de coração.

— Uau! — espantou-se Call.

— Você precisa ver as roupas no armário — continuou Tamara. — Não, na verdade ninguém jamais deveria ver as roupas no armário.

Lá de baixo veio um chamado.

— Jantar!

— Acham que isso é alguma trama maligna de Mestre Joseph para se certificar de que a gente não consiga dormir? — Call quis saber enquanto desciam. — Os cultos não tentam fazer lavagem cerebral exaurindo a pessoa?

Tamara franziu o nariz, como se fosse discordar, mas não o fez. Em vez disso, parecia considerar a possibilidade.

Enquanto se dirigiam ao recinto com a mesa comprida, posta para seis e com comida suficiente para doze, Call teve que considerar que Mestre Joseph poderia ter outro esquema maligno. Além da privação do sono, os cultos não deveriam alimentar as pessoas de maneira satisfatória. Só que Mestre Joseph parecia pretender alimentá-los em excesso.

O chili borbulhava no caldeirão ao centro da mesa, parecendo delicioso com muito queijo por cima. Havia mais queijo ralado com cebolinha em um prato e um balde de *sour cream*. Quadrados dourados de broa de milho estavam empilhados em formato de pirâmide ao lado de um monte de manteiga, com uma faca espetada e um jarro de mel. No aparador havia três tortas — duas de nozes e uma de batata-doce. O estômago de Call rugiu tão alto que Jasper se virou surpreso, como se pudesse haver um lobo Dominado pelo Caos a seu lado.

Uma pessoa Dominada pelo Caos pousou uma jarra do que parecia chá doce com força o bastante para derramar um pouco, depois olhou para Call, a expressão vazia, inclinou a cabeça para a frente, em uma espécie de reverência, e se retirou do recinto. O menino contemplou a violência com que os Dominados pelo Caos se moviam. Call sempre achou que eles lutavam por serem ordenados a fazê-lo, mas talvez tivessem tendências assassinas.

Em seguida, ficou ocupado demais babando para pensar em qualquer outra coisa.

Mestre Joseph pareceu satisfeito com a reação do grupo.

— Sentem, sentem. Os outros já vão chegar.

Após muitos meses de prisão alimentando-se de uma comida nojenta, Call não precisava de incentivo. Ele tomou um assento e colocou o guardanapo na camisa, ansioso.

— Acha que pode estar envenenado? — sussurrou Tamara, sentando-se a seu lado. Jasper ficou do lado oposto, inclinando o corpo para ouvir melhor.

— Ele também vai comer — indicou Call, direcionando o olhar para Mestre Joseph.

— Ele pode ter tomado o antídoto — insistiu Tamara. — E dado para Alex e Anastasia.

— Ele não sequestraria você e Call e ofereceria quartos personalizados só para envenená-los em seguida — sussurrou Jasper de volta. — Vocês são dois idiotas. A única pessoa que ele envenenaria sou eu.

As portas se abriram, e Anastasia entrou, seguida por Alex. Call quase tinha se esquecido de que eles se conheciam bem; Anastasia havia se casado com o pai do garoto em uma tentativa de esconder sua identidade como Eliza Madden. Ela parecia uma rainha em seu terninho branco e uma camisa preta com uma mariposa na frente. Uma camisa bem legal, na verdade, e Call se pegou desejando ter uma também (por outro lado, *de fato* parecia algo que um Suserano do Mal poderia usar).

Alex se sentou e imediatamente começou a se servir de chili. Depois que terminou, Jasper pegou a colher, e logo todos estavam comendo (exceto Anastasia, que apenas mordiscava as pontas de uma broa de milho).

Na primeira colherada de chili, os sabores explodiram na boca de Call — doce, apimentado, defumado. Não era comida de presídio e não era líquen.

— A comida do mal é muito boa — murmurou para Tamara à sua esquerda.

— É assim que eles conquistam — devolveu ela, mas já estava repetindo a broa de milho.

— Encantador — disse Mestre Joseph, olhando em volta com uma expressão enganosamente benigna. — Eu me lembro de refeições assim com Constantine e seus amigos. Jasper, você daria um belo Alastair Hunt, e você, Tamara, seria Sarah, é lógico.

Tamara pareceu horrorizada com a ideia de ser comparada à mãe de Call. A conversa deixou o garoto tão horrorizado quanto.

— Aham — disse Alex, parecendo entretido. — Então quem eu sou?

— Não é Jericho — assegurou Anastasia, secamente.

— Você é Declan — respondeu Mestre Joseph. — Ele era um bom menino.

Declan Novak era o tio de Call. Havia morrido no Massacre Gelado, protegendo Sarah. Apesar de nunca ter conhecido Declan, Call tinha certeza de que ele não tinha nada a ver com Alex.

— Eu deveria ser Constantine — murmurou Alex.

Seu olhar se dirigiu à outra sala, onde a máscara de prata e o Alkahest pendiam sobre a lareira.

— Uau! — exclamou Jasper em voz alta, interrompendo o silêncio desconfortável que seguiu-se a essa afirmação. — Quem está pronto para a torta? Sei que eu estou.

Ele se levantou com o prato, mas Mestre Joseph gesticulou para que ele ficasse onde estava.

— Deixe Call escolher o primeiro pedaço — disse Mestre Joseph. — Nesta casa, tudo serve ao Inimigo da Morte.

Alex bateu com o garfo.

— Então temos que fazer tudo o que ele diz só porque tem a alma de um morto?

— Sim — respondeu Mestre Joseph, cerrando os olhos para o menino.

Jasper engoliu em seco e sentou, sem torta.

— Mas ele nem *quer* isso! — explodiu Alex. — Ele não se importa em fabricar mais Dominados pelo Caos! Não quer conduzir um exército contra o Magisterium!

— Não existe Call — afirmou Mestre Joseph. — Existe apenas Constantine Madden. É nosso dever fazer com que Callum Hunt entenda quem ele é.

— Isso não é verdade — disse Tamara, com a voz falhando. — Call é Call. O que quer que tenha transformado Constantine em alguém tão perturbado, não aconteceu com Call.

— O que deixou Constantine tão perturbado, mocinha — argumentou Mestre Joseph —, foi ter perdido o melhor amigo, seu irmão. Seu *contrapeso*. Está dizendo que isso não aconteceu a Call?

Com a menção a Aaron, a visão de Call foi tingida de vermelho. Ele agarrou a faca ao lado do prato e a apontou para Alex.

— Eu não *perdi* meu melhor amigo. Alex o matou. Ele *roubou* seu poder de Makar. Mas nunca será metade do que Aaron foi.

Os olhos de Alex arderam em fúria.

— Sou duas vezes mais que qualquer um de vocês! Aprendi sozinho a modificar o Alkahest e tomei o poder de comando do caos de outro mago. Sou o primeiro Makar a ter feito isso. Aprendi a criar Dominados pelo Caos em poucos meses, enquanto você *nunca* o fez!

Call pensou em como fora sua tentativa de trazer Jennifer Matsui de volta, e não disse nada.

— Você é nojento — disse Tamara. — Ter orgulho disso é *nojento*.

— Vocês dois! — repreendeu Mestre Joseph. — *Todos* vocês! Sei que vai ser difícil encontrarem um território comum, mas isso não está ajudando. Você conquistou muitas coisas, Alex, mas todas a partir das descobertas de Constantine. Vamos dar a Call a oportunidade de descobrir quem ele é; se isso não acontecer, eu arrancarei seu poder pessoalmente.

Call perdeu o fôlego, pensando no Alkahest e do que ele era capaz. Mestre Joseph tinha passado anos desejando o poder do Caos. Agora ele poderia tê-lo, se estivesse disposto a tomá-lo.

Jasper se levantou e cortou um grande pedaço da torta de nozes. Todos pararam de gritar e o observaram enquanto ele servia o próprio prato, sentava e levava uma grande garfada à boca.

— O quê? — perguntou ele, ao perceber que estava sendo observado. — Isso *está* ajudando. Agora eles não precisam brigar pelo primeiro pedaço.

Alex parecia prestes a saltar por cima da mesa e estrangular Jasper. Call frequentemente tinha a mesma vontade. Mas, naquele momento, a impertinência de Jasper lhe pareceu heroica.

Mestre Joseph cortou mais fatias da torta. Call comeu um pedaço enorme da de nozes e da de batata-doce, entremeando cada mordida com um olhar maligno, tentando provar seu domínio por meio de um consumo superior de torta. Alex fez uma

degustação patética da própria fatia; tirou as nozes do topo e do meio, deixando a crosta no prato. Call fez uma careta para ele.

Finalmente, Mestre Joseph se levantou.

— Foi um longo dia, e me parece hora de descansar. Call, tem carne moída de hambúrguer para Devastação na geladeira. Pode pegar o que quiser. Espero que tenham percebido a tolice que seria tentar fugir. Há Dominados pelo Caos em todas as portas para impedir sua saída.

Call não disse nada, considerando que não havia nada a dizer. Ele era prisioneiro novamente... E, dessa vez, Jasper e Tamara também.

Anastasia se retirou com um afago breve e desconfortável no ombro de Call e um beijo em sua cabeça. Ele ficou parado, tentando não fazer careta. Jamais tivera uma mãe, mas não era assim que ele achava que deveria ser.

Uma vez que se viram sozinhos no alto da escada, Tamara voltou-se para Jasper e Call com um olhar determinado e jurou com um sussurro ríspido:

— *Nós vamos sair daqui*.

CAPÍTULO CINCO

Fizeram a reunião no quarto cor-de-rosa, esticados no tapete felpudo de coração. Enquanto montavam uma estratégia, Tamara arrancou furiosamente as rendas das bainhas e das mangas de uns vestidos em tom pastel verdadeiramente estranhos. Cor-de-rosa deveria deixar as pessoas mais calmas, porém Call só se sentia deprimido e muito, muito cheio.

— Não posso acreditar que seu plano original de fuga requer *outro* plano de fuga — disse Jasper. — Você é péssima nisso.

Tamara olhou fixamente para ele.

— Suponho que quanto mais escaparmos, melhores ficaremos em nossas fugas.

Após um momento, Jasper se alegrou.

— Talvez não seja *tão* ruim que tenhamos sido sequestrados. Quero dizer, isso tudo é muito dramático. Quando Celia entender o que me aconteceu, ela vai se sentir péssima por ter me dispensado. Vai segurar minha foto junto ao coração, temendo por minha vida e derramando uma lágrima pelo amor que compartilhávamos. *Se ao menos ele voltar*, ela vai pensar, *implorarei para que seja meu namorado outra vez!*

Call encarou Jasper, sem fala.

— Mas, quero dizer, só se não escaparmos rápido demais — prosseguiu Jasper. — Ela precisa de tempo para descobrir que eu sumi, e chegar a todo esse sofrimento épico. Talvez algumas semanas. Afinal, a comida aqui é muito boa.

— E se até lá ela arranjar outro namorado? — alfinetou Tamara. — Quero dizer...

— Certo — cortou Jasper, interrompendo-a. — O que vamos fazer? Tem que ser hoje.

— Já chequei as janelas; pelo menos as desse quarto. São elementares, como as que usam no Panóptico — explicou Tamara. — Não quebram. Talvez a gente consiga atravessar com magia, mas isso daria muito trabalho e pode acionar algum alarme.

— Então, nada de atravessar janela — concordou Jasper. — E quanto a mandar um recado para Ravan?

Tamara balançou a cabeça.

— Para fazer isso, ainda assim temos que sair daqui. Eu poderia tentar chamar outro elemental do fogo e pedir que a encontre, mas isso é muito avançado. Nunca fiz nada parecido.

— Bem, Mestre Joseph disse que eu devia alimentar Devastação com coisas da geladeira, e ele deve saber que precisamos levá-lo para passear — disse Call. — Isso ao menos nos coloca do lado de fora do prédio.

— Não poderemos *todos* sair com ele — observou Tamara. — Mestre Joseph não deve ser tão burro.

Jasper fez uma careta.

— Não. Mas deve haver outros Dominados pelo Caos por aqui, certo? Esta é a fortaleza do Inimigo da Morte. Aqui é onde todos estão.

— E daí? — perguntou Tamara, arrancando outra renda de uma saia, deixando vários fios pendurados. — Isso não é pior ainda para a gente?

Jasper lançou um olhar na direção de Call.

— Não, porque significa que há alguns aqui que ele pode controlar. E se formos passear com Devastação e Call conseguir um de *seus* Dominados pelo Caos para lutar contra os de Alex? Seria distração o bastante para escaparmos.

Call respirou fundo.

— Talvez vocês dois devam fugir. Podem levar Devastação para passear, como disseram, e aí simplesmente continuam andando. Devastação pode mantê-los protegidos contra qualquer coisa no bosque, e eu fico para trás a fim de impedir que sejam seguidos. Vocês devem buscar ajuda. O mundo dos magos pode me odiar, mas eles não me querem com Mestre Joseph... vão achar perigoso.

— Call, se fugirmos, Mestre Joseph provavelmente vai sair daqui e levar você com ele — argumentou Tamara. — Ele não vai ficar esperando a gente voltar com a Assembleia e um exército. Precisamos ir juntos.

— Além disso — completou Jasper —, se a Assembleia descobrir que você está com Mestre Joseph, vai concluir que foi por

vontade própria.

Jasper, pensou Call, tinha o péssimo hábito de imaginar o pior que as pessoas poderiam pensar. Provavelmente, porque sua mente também funcionava assim. Mas isso não tirava sua razão.

— Tudo bem — concordou Call. — Então qual é o plano?

Tamara respirou fundo.

— Os Dominados pelo Caos — respondeu ela.

— Vamos fazê-los lutar entre si, como eu sugeri? — Jasper pareceu feliz. — Sério?

— Não — disse Tamara.

— Talvez todos na casa sirvam a Alex — especulou Call.

— Acho que não. Lembre-se do que ele disse: *eu fiz esses*. Ele não pode ter feito todos os Dominados pelo Caos dentro e em volta da casa. São muitos. Alguns devem ter sido feitos por Constantine e são leais a você.

Call se lembrou do serviçal Dominado pelo Caos na sala de jantar e da maneira como ele abaixou a cabeça.

— Acho que sei onde procurar — disse Call lentamente.

O ar noturno estava frio, então eles se separaram para pegar casacos e se encontraram novamente no corredor do lado de fora dos quartos. O casaco de Jasper tinha um cavalo. Tamara usava um longo vestido verde-claro, com a renda arrancada, a jaqueta jeans e um boné de jornaleiro. Call estava com Devastação ao seu lado preso na coleira.

— Vamos lá — chamou Tamara, sombriamente.

Os três desceram sorrateiramente as escadas até a grande entrada. Estava escura, as luzes fracas. Call entregou a coleira de Devastação a Tamara e foi até a sala de jantar exatamente quando Mestre Joseph veio descendo.

— O que estão fazendo? — perguntou ele a Tamara e Jasper.

Call aproximou o olho do buraco da porta. Mestre Joseph estava usando um roupão cinza felpudo, o que deveria ter sido hilário, mas não era. Havia uma crueldade em seu rosto que ele tinha ocultado durante o jantar.

— Precisamos passear com Devastação — anunciou Tamara, erguendo o queixo. — Se não formos, coisas ruins vão acontecer. Com o seu chão. E os seus tapetes.

Devastação ganiu. Mestre Joseph suspirou.

— Muito bem — disse ele. — Fiquem perto da casa.

Para surpresa de Call, o homem ficou parado e assistiu enquanto Tamara e Jasper abriam a porta da frente e — com olhares incrédulos um para o outro — saíam pela varanda. Ele conseguiu ver água ao longe; o rio que se colocava entre eles e o continente. A casa tinha o que provavelmente era considerada uma vista muito boa, mas Call estava mesmo começando a odiá-la.

Mestre Joseph ficou parado um instante conforme a porta se fechava atrás deles, depois virou-se e seguiu pelo corredor.

Call sentiu certo pânico ao se dar conta da escuridão da sala de jantar. Será que Mestre Joseph se importava tão pouco com Jasper e Tamara que os deixaria ir embora? Será que tentava demonstrar que podiam confiar nele? Ou havia algo horrível lá fora que os manteria presos... ou até mesmo os machucaria?

— Mestre — chamou uma voz.

Call deu um pulo. Uma sombra tinha saído da escuridão. Era o Dominado pelo Caos que havia se curvado a ele anteriormente.

Tinha o cabelo escuro e os olhos reluzentes de todos os Dominados pelo Caos. Mancava ao andar, provavelmente fora ferido antes de morrer. Às vezes era difícil para Call lembrar que os Dominados pelo Caos eram cadáveres que se locomoviam. Ele conteve um arrepio ao pensar que talvez não fosse difícil para outras pessoas.

— Leve-me para fora — ordenou. — De um modo que Mestre Joseph não perceba.

— Ssssim.

O Dominado pelo Caos virou, levando Call para fora da sala de jantar, e o conduziu por uma série de passagens. O menino viu rapidamente uma enorme sala com um ralo no chão, como um chuveiro, e outra cheia de prateleiras com elementais brilhantes presos em jarros. Call teve até mesmo a impressão de vislumbrar uma sala com algemas presas às paredes.

Caramba!

O Dominado pelo Caos o levou por um último corredor até uma porta que abria após o arrastar de diversos parafusos enferrujados. Além dela, ficava a lateral da casa e o gramado enorme.

Ele tinha conseguido.

Bosques cercavam o gramado, bosques de árvores estranhas. O ar também parecia frio demais para setembro. Deviam estar ao norte. Ele seguiu na direção do bosque, abraçando o próprio corpo. Poderia se preocupar com o frio depois.

— Certo — disse o menino ao Dominado pelo Caos, que o seguiu de modo perturbadoramente silencioso. — Vou esperar aqui. Vá até meus amigos, uma garota de boné, um lobo e um menino com um corte de cabelo estranho, e diga a eles onde me encontrar. Quero dizer, não com palavras. Eles não vão entendê-lo. Mas poderia apontar?

O Dominado pelo Caos o encarou com seus olhos espiralantes por um longo tempo. Call se perguntou se deveria ter feito a descrição de Tamara, Devastação e Jasper de outro jeito. Talvez os Dominados pelo Caos não tivessem uma compreensão do que era um corte de cabelo estranho. Talvez tivessem mau gosto.

— Ssssim — respondeu ele, novamente.

Apesar de parecer estranho, o Dominado pelo Caos também acalmou as preocupações de Call quando foi pesadamente até a frente da mansão.

Call sentou-se sobre um tronco próximo, observando a enorme construção. Apesar de todas as luzes que ele sabia estarem acesas, a casa parecia inteiramente escura e solitária — abandonada. Mais ilusões de magia do ar. Call teria que tomar cuidado para procurar por outras coisas que não estavam realmente ali.

Ele se sentia estranho em relação à partida. Não que quisesse ficar — não gostava de Mestre Joseph, detestava Alex, e Anastasia lhe dava arrepios —, mas também não gostava da ideia de voltar para a prisão. E, por mais que Tamara quisesse mantê-lo em segurança, ele não acreditava que isso fosse ser simples.

O mundo dos magos queria se vingar de Constantine e não se importava com o que lhe acontecesse.

Call tinha a sensação de que ninguém se importava com ele, apenas Constantine.

Ouviu o ruído de passos se aproximando, e conteve esse pensamento triste. Tamara se importava. Devastação se importava.

Jasper meio que se importava — ou, pelo menos, não pensava em Call como Constantine.

E Alastair se importava. Talvez Call e o pai pudessem deixar o país. Afinal, Alastair jamais quis que o filho caísse nas mãos dos magos... por esse exato motivo. Ele provavelmente estava preparado. E as vendas de antiguidades na Europa deviam ser muito especiais.

— Call! — chamou Tamara, correndo até o amigo. — Você conseguiu.

Jasper olhou para o Dominado pelo Caos e estremeceu. Nervoso, Devastação farejava o ar. Ao longe, ouviu-se um uivo.

— Ele pode nos ajudar mais — disse Call, apontando para o Dominado pelo Caos. — Leve-nos até a estrada maior e mais próxima.

— Ssssim — respondeu o Dominado pelo Caos. — Por aqqqui.

Preparando-se para mais uma longa caminhada no escuro com a perna doendo, Call se levantou.

Os cinco seguiram ao luar o mais rápido possível, Devastação checando o caminho à frente e depois voltando. Call ia atrás. Ele não estava mais acostumado a caminhadas. Seu único exercício ao longo de meses foi andar de um lado para o outro da cela, e ir até a sala de interrogatório. Sua perna ardia.

Por sorte, o Dominado pelo Caos seguia o ritmo de Call.

— Eles vão perceber que sumimos — avisou Jasper, com um olhar suplicante para o menino. — Virão atrás de nós.

— Estou indo o mais rápido que posso — sussurrou Call de volta, furioso. Ele detestava que isso estivesse acontecendo por sua causa, detestava ser quem desacelerava tudo.

— Não será fácil nos encontrar — argumentou Tamara, olhando fixamente para Jasper. — Eles não sabem que caminho tomamos. E aposto que não sabem que temos um guia conosco.

Call ficou grato por Tamara defendê-lo, mas ainda se sentia mal. Porém, logo se alegrou quando o terreno mudou para o asfalto preto de uma estrada ampla o suficiente para ter duas faixas.

Devastação latiu animado.

— Shhh! — pediu Call, apesar de ele próprio também estar animado.

Desceram pela colina.

— Hum — disse Call ao Dominado pelo Caos. — Acho que você vai ter que esperar aqui, tudo bem? Voltaremos para encontrá-lo.

O Dominado pelo Caos imediatamente parou de se mover, parando como uma estátua horrorosa. Call ficou imaginando se alguém passaria por ali e tentaria colocá-lo na mala de um caminhão, como Alastair frequentemente fazia com estátuas que encontrava nas margens das estradas.

— Se houver carros — sussurrou Jasper, enquanto se apressavam pela estrada, procurando por um local mais iluminado onde pudessem encontrar um veículo passageiro. — Deve haver uma ponte, um jeito de sair desta ilha...

Call não tinha pensado nisso, mas a lógica aliviou um pouco a pressão em seu peito. Talvez estivessem mais próximos da liberdade do que ele imaginara. Se houvesse uma ponte e eles conseguissem uma carona para atravessá-la, então praticamente estariam fora do alcance de Mestre Joseph. Ele olhou para a estrada... parecia deserta. Tinham dobrado uma esquina, então não conseguiam mais ver o Dominado pelo Caos.

De repente, luzes vieram em sua direção. Tamara engasgou de leve. Era uma van de entregas que dizia FLORES DAS FADAS com uma caligrafia desagradavelmente fofinha na lateral.

— Uma van de entrega de flores — anunciou Jasper, soando aliviado.

Parecia muito não sinistra, considerando todo o resto que havia naquela ilha.

Tamara correu para o meio da estrada, acenando. Poderia ter chamado mais a atenção com magia do fogo, pensou Call, mas isso teria aterrorizado uma pessoa comum.

A van parou, cantando pneu. Um homem de meia-idade, com cabelo curto e um boné virado para trás, colocou a cabeça para fora da janela.

— O que houve?

— Estamos perdidos — respondeu Tamara. Ela tirou o boné, deixou as tranças caírem e piscou os olhos inocentemente. Com aquele vestido em tom pastel, lembrava alguém que tinha fugido de uma caça a ovos de páscoa. — Remamos até a ilha para darmos

uma olhada, mas nosso barco sumiu quando estávamos distraídos. Aí a noite caiu e... — Ela fungou. — Será que o senhor pode nos ajudar?

Call teve a impressão de que o *senhor* foi um pouco exagerado, mas o cara pareceu convencido.

— Óbvio — disse o homem, parecendo espantado. — Suponho. Hum, entrem, crianças.

Ao se aproximarem, ele esticou o braço pegajoso. Havia uma grande tatuagem preta em seu bíceps que lembrava um pouco um olho. Parecia estranhamente familiar.

— Ei, ei. O que é isso? — Ele apontou para Devastação.

— É meu cachorro — disse Call. — Ele se chama...

— Não me importo com o nome — interrompeu o cara. — O bicho é enorme.

— Não podemos deixá-lo. — Tamara olhou para o homem com olhos arregalados. — Por favor! Ele é manso.

E foi assim que Call se viu entrando com Jasper e Devastação na parte de trás vazia da van, que não tinha assentos, apenas piso de metal e paredes sem janelas. Hugo (o motorista) colocou Tamara sentada na cabine com ele. Ela lançou um olhar de desculpas para Call e Jasper quando Hugo puxou a porta de mental e os trancou lá.

— Traído — disse Jasper. — Mais uma vez, por uma mulher.

A van deu a partida. Call sentiu os músculos relaxarem assim que o automóvel começou a se locomover. Podia estar sentado no breu com Jasper, mas estava escapando de Mestre Joseph e de Alex.

— Sabe — começou ele —, esse tipo de atitude não vai ajudar a recuperar Celia.

Uma luz brilhou. Uma pequena brasa de magia do fogo, queimando na mão de Jasper, iluminou o interior do caminhão e a careta pensativa de seu criador.

— Sabe — retrucou Jasper —, não tem cheiro de flor aqui.

Assim que o garoto tocou no assunto, Call percebeu que ele estava certo. E não havia pétalas ou caules espalhados pelo chão perto de seus pés. Havia um cheiro na van, mas era químico; mais parecido com formaldeído.

— Não fui com a cara daquele sujeito — avisou Jasper. — Nem de sua tatuagem.

Call de repente se lembrou de onde já tinha visto aquele olho. Sobre os portões do Panóptico. O presídio que nunca dormia. Seu coração acelerou. Será que o homem era um guarda que deveria levá-lo de volta?

Da cabine, Call ouviu Tamara dizer:

— Não, por aí não. Não!

Hugo respondeu alguma coisa. Chegaram a uma estrada de terra e começaram a ir de um lado para o outro, de modo que Call não conseguiu identificar direito as palavras.

Então pararam. Após um momento, a traseira da van se abriu.

Mestre Joseph surgiu com uma expressão séria no rosto. Hugo os tinha levado de volta à fortaleza do Inimigo da Morte.

— Venha, Callum — disse ele. Sua voz estava tranquila e calma, mas Call pôde ver que as mãos estavam cerradas em punhos junto às laterais do corpo. Estava furioso, mesmo que não quisesse que Hugo notasse. — Precisamos conversar. Eu pretendia fazer isso amanhã em circunstâncias mais favoráveis, mas não posso permitir que fique vagando pela ilha.

Tamara desceu do banco do passageiro, parecendo derrotada. Call e Jasper saltaram da traseira, seguidos por Devastação, que colocou o focinho na palma da mão de Call, nitidamente confuso quanto a tudo o que estava acontecendo.

Infelizmente, Call entendeu bem demais. A prisão de Mestre Joseph não era só a casa; era a ilha inteira.

— Foi uma honra sequestrá-lo, senhor — disse Hugo a Callum, com um sorriso largo. — Você provavelmente não se lembra de mim, mas eu o vi no Panóptico. — Ele cutucou a tatuagem no braço. — Eu também estava lá, preso... desde a guerra. Muitos de nós estávamos. Mas, depois que você chegou, sabíamos que ficaria tudo bem. Nunca deixamos de acreditar em você, nem mesmo quando disseram que estava morto. Se alguém pode ressuscitar, esse alguém é o Inimigo da Morte.

Jasper e Call olharam para Tamara, que estava com a mão na boca. O ataque ao Panóptico não foi apenas para libertar Call,

afinal. Mestre Joseph usou Anastasia para ajudá-lo a libertar também os seguidores de Constantine.

— Não quero ficar nesta ilha — disse Call. — Não acha que, se está me servindo, deve fazer o que desejo?

— Obrigado por trazê-los tão depressa — agradeceu Mestre Joseph, antes que as palavras de Call pudessem ter algum efeito sobre Hugo.

O motorista sorriu novamente, acenou com a cabeça para Call e subiu de volta na van.

— Boa sorte na recuperação das memórias — disse ele. — Em breve lembrará por que quer estar aqui.

Com o coração pesado, Call observou a van se afastar, levando consigo o plano de fuga.

Ele estava deprimido o suficiente para seguir Mestre Joseph de volta para a casa, com Tamara, Devastação e Jasper atrás. O homem tirou uma chave do bolso e destrancou uma saleta onde não tinham estado antes. Não parecia aquecida, estava tão fria quanto o ambiente externo. Havia portas duplas do outro lado da sala, e dois sofás, no centro.

Mestre Joseph indicou para que se sentassem, mas ele mesmo permaneceu de pé.

— Eu poderia retirar sua mágica e sua vida — ameaçou. — Poderia pegar seu poder para mim. Prefere que seja desse jeito?

— Se é isso que planeja fazer, então o que está esperando? — perguntou Call.

Tamara e Jasper se levantaram do sofá, como se achassem que uma briga estava por vir. Devastação rosnou.

Mas Mestre Joseph apenas riu.

— Tenho uma proposta para você... que tal? Callum, depois que completar a tarefa que eu lhe der, você pode deixar a ilha com seus amigos se ainda o desejar.

— Uma tarefa? — perguntou Call. — Isso é algum truque em que terei que domesticar um elemental impossível ou separar sujeira da areia de uma praia inteira?

Mestre Joseph sorriu.

— Nada do tipo.

Ele abriu as portas do outro lado da sala. Após um instante, Call e os demais se juntaram a ele na entrada.

Ali havia um grande cômodo pintado de branco. Não havia nada além de uma mesa de metal. Sobre ela, um corpo perfeitamente preservado, coberto até o pescoço por um fino lençol branco.

— A tarefa — anunciou ele — é despertar Aaron Stewart dos mortos.

CAPÍTULO SEIS

Call ouviu o engasgo horroroso de Tamara. Jasper segurou a garota pelo braço quando ela cambaleou para trás. O próprio Call não poderia ter ajudado. Ele estava completamente congelado.

Era definitivamente Aaron na mesa. Estava deitado de costas. O cabelo louro fora penteado. Os olhos verdes estavam abertos e vazios.

Devastação inclinou a cabeça para trás e soltou um único uivo terrível de solidão, abandono e horror. Foi como se emitisse o som que Call não conseguia emitir. O uivo ecoou infinitamente nos ouvidos de Call, ali parado, seu corpo começando a tremer.

— Meu Deus, pare com esse barulho... — Era Alex Strike, surgindo com seu pijama preto de seda. Estava desarrumado, sonolento e irritado, mas a expressão logo se transformou em um sorriso. — Ah. Vejo que resolveu mostrar a eles o que *realmente* está acontecendo por aqui.

Tamara, Call e Jasper assistiram escandalizados enquanto ele ia até a mesa e puxava o lençol. Aaron vestia o que provavelmente planejaram que usasse no enterro — seu uniforme do Ano de Bronze. Alex tocou na pulseira que brilhava em um de seus punhos. Era ornamentada com pedras de heroísmo e pedras dos anos de Ferro, Cobre e Bronze. Além da pedra preta do caos, porque ele foi um Makar.

E que bem fez a ele, pensou Call, amargo. Alex roubara sua magia, e ele agora era apenas uma casca; uma casca que outrora guardou a vida, a animação, o caos e Aaron.

— Não toque nele — rosnou Call.

Alex soltou a mão de Aaron, que caiu pesada sobre a mesa.

— Morto — anunciou, alegremente. — *Muerto*.

— Acho que já entendemos — disse Jasper. — Obrigado.

— O que está acontecendo? — perguntou Tamara, com a voz engasgada. — Por que Aaron está aqui? O Magisterium vai notar que o corpo sumiu!

Da porta, Mestre Joseph os observava com uma tranquilidade sinistra. Então, veio em direção ao centro da sala, os olhos passando pelo corpo de Aaron, como se este fosse algo em uma placa de petri.

— Ah, eles já sabem. Aaron foi tirado de lá há algum tempo. Não foi divulgado porque não seria conveniente que o mundo dos magos ficasse sabendo que eles estragaram tudo nesse quesito também. Perder o cadáver de um Makar depois de terem passado três anos sem perceber que o Inimigo da Morte estava entre eles? A Assembleia explodiria.

— Em defesa de Call — disse Jasper —, não teria sido muito fácil adivinhar que ele era o IDM. Ele é muito astuto.

Depois de muito ser puxado, Call soltou Devastação. Estava entorpecido demais para se preocupar se o animal atacaria Mestre Joseph, tentando mordê-lo no rosto ou não.

Mas ele não o fez. Em vez disso, Devastação foi até a mesa onde estava o corpo de Aaron, soltou um ganido triste e se deitou ali embaixo.

— Não entendo — disse Tamara, segurando as lágrimas.— Qual é o objetivo disso tudo? Ninguém pode ressuscitar os mortos! Constantine não conseguiu, e é por isso que temos os Dominados pelo Caos.

— Constantine *podia* ter conseguido — revelou Mestre Joseph. — Ele estava a poucos dias desse avanço quando a Terceira Guerra dos Magos eclodiu. Depois, por causa do Massacre Gelado, foi forçado a recomeçar. Mas ele... você... pode fazer isso agora. O conhecimento estava em sua alma, e a alma de Constantine está aqui, em você, Call!

Call olhou para Aaron sobre a mesa. Pela primeira vez, o que Mestre Joseph estava dizendo não parecia tanta loucura. A morte era terrível; Alastair ainda sofria por Sarah, e já fazia mais de uma década desde sua morte. Call teria gostado de ter uma mãe, mesmo que ela tivesse algumas reservas em relação ao próprio filho. E todas as pessoas que o detestavam, assim se sentiam porque Constantine Madden havia lhes tirado alguém. Se ele, Callum Hunt, realmente pudesse reviver os mortos — não pela metade, como aqueles Dominados pelo Caos assustadores, mas de verdade,

realmente trazê-los de volta à vida —, elas o perdoariam. Perdoariam qualquer coisa.

E ele poderia ter seu melhor amigo outra vez. Aaron, vivo e rindo. Aaron renascido. Tamara não teria que se preocupar com ter feito a escolha errada ao salvá-lo. Call poderia parar de sentir saudades. Tudo poderia voltar a ser como antes.

— Eis o acordo que estou preparado a fazer — prosseguiu Mestre Joseph. — Callum, você fica aqui e trabalha a fim de trazer Aaron de volta dos mortos. Alex vai ajudá-lo, considerando que ele foi o arquiteto desse acidente infeliz.

Call ia começar a dizer que a morte de Aaron não tinha sido acidente e que Alex era um assassino, mas Mestre Joseph continuou falando:

— Você terá acesso às anotações de Constantine e à minha experiência. Depois que ressuscitar Aaron, pode escolher assumir seu destino e vencer a morte... ou ir embora de vez. Se escolher ir embora, Callum, terá minha permissão. Aceitarei que não tem Constantine Madden o suficiente em você e o libertarei de sua sina.

Por um instante, Call não teve certeza se estava escutando direito. Após todo esse esforço, Mestre Joseph simplesmente o deixaria ir?

— E quanto a Tamara e Jasper? — perguntou. — E Aaron?

— Todos vocês — prometeu Mestre Joseph. — Tamara, Jasper, Aaron, Devastação. Todos podem ir. Isso é tudo que peço: você leva Aaron até a Assembleia e mostra a eles do que somos capazes. Se ainda quiserem guerra, que seja. Mas tenho a sensação de que ver uma pessoa amada ressuscitada fará com que mudem de ideia. Porque, se você puder trazer de volta seu amigo, poderá trazer também os amigos deles. Os maridos e as esposas. Os pais. Os filhos. *Todo mundo* perdeu alguém. Todo mundo, bem no fundo do coração, gostaria de ter um pouco mais de tempo para viver.

Tamara pigarreou. Tinha parado de olhar para o corpo de Aaron em cima da mesa, embora Call soubesse que ela queria fazê-lo.

— Parece justo — disse ela.

Call sentiu uma onda de alívio. Estava feliz por não estar sozinho. Se Tamara queria, então tudo bem ele também querer.

— Mas Callum — prosseguiu Mestre Joseph. — Se você sentir que seu coração balançou com o que fez, se concluir que os membros da Assembleia são os covardes que são, temerosos quanto a mexer nas profundezas da magia do caos e com medo de permitir que qualquer pessoa o faça, então terá que ficar conosco. Tamara e Jasper, eu os treinarei enquanto estiverem aqui. Precisamos de jovens magos inteligentes como vocês. Vocês ouviram muito sobre os seguidores do Inimigo da Morte. Provavelmente foram convencidos de que somos vilões, mas, depois que tiverem passado algum tempo aqui, podem nos enxergar de outra maneira, assim como conseguiram separar Call das histórias horrorosas que correm sobre Constantine Madden.

— Você vai nos treinar? — indagou Jasper. — Em quê?

Mestre Joseph sorriu para eles.

— Talvez você tenha se esquecido de que já fui professor no Magisterium. Desenvolvi muitos grandes aprendizes, a maioria completamente desinteressada pela magia do caos. Fui professor dos pais de alguns dos atuais alunos do Magisterium.

Call imaginava que esses pais não estariam se gabando agora de terem sido alunos de Mestre Joseph. Ficou imaginando se os filhos saberiam.

— Você aceita o acordo? — perguntou Mestre Joseph a Call.

O garoto olhou para o corpo do amigo e quis dizer sim. Se houvesse alguma chance de trazer Aaron de volta, ele queria aceitar.

Mas aquilo não representava apenas muitos pontos em sua lista de Suserano do Mal. Era basicamente a lista em si. Toda ela. Dizer sim o tornaria um Suserano do Mal. E não um Suserano do Mal qualquer. Aquilo o tornaria o Inimigo da Morte.

Mesmo assim, Tamara não tinha se oposto... e não estava se opondo agora. Nem Jasper estava falando nada contra a ideia. Eles também queriam Aaron de volta. Call sabia disso. Constantine quis trazer de volta o irmão, mas aquilo fora diferente. Porque Aaron era uma boa pessoa. Não deveria estar morto.

— Sim — respondeu Call. — Eu faço. Eu o trarei de volta.

O sorriso de Mestre Joseph foi radiante. Alex encarou Call ameaçadoramente.

— Existe apenas uma complicação que não mencionei — disse Mestre Joseph.

— Você não pode mudar o acordo — insistiu Tamara.

— Ah, não. Nada desse tipo. — Qualquer traço amigável tinha deixado de existir em Mestre Joseph. Ele parecia duro, frio e assustador, assim como quando Call o conheceu. — É só o seguinte: se fugirem outra vez, destruirei o corpo de Aaron de modo que não haverá mais chance de trazê-lo de volta. Se fugirem depois disso, mato um de vocês. Cumprirei os termos do acordo, desde que os três cumpram suas partes.

Jasper respirou fundo.

— Não pode matar Call — argumentou ele. — Você precisa dele. É seu mago do caos.

— Alex também tem o poder do caos agora — respondeu Mestre Joseph, com a mesma voz assustadora. — E nós temos o Alkahest. Não só matarei Call se precisar, como disponho dos meios para isso. E para me apossar de seu poder.

Call pensou nas palavras sinistras de Mestre Joseph no jantar: *Vamos dar a Call a oportunidade de descobrir quem ele é; se isso* não *acontecer, eu arrancarei seu poder pessoalmente*.

— Tenho certeza, porém, de que não chegaremos a tanto. Agora, vão se deitar. — A expressão assustadora desapareceu, e Mestre Joseph voltou ao normal. Ao normal dele, ao menos. — Iniciaremos nossos estudos pela manhã.

O grupo foi conduzido para longe do corpo de Aaron, e a porta, trancada ao saírem.

Com uma última olhada para trás, Call seguiu para a escada. Ao subir, sentiu-se completamente exausto. Tinha começado o dia na prisão e, no fim, concordado em fazer a única coisa que achou que jamais poderia: tentar ressuscitar os mortos.

Quando chegou ao topo da escada, se dirigiu à porta do quarto e não teve certeza se conseguiria encarar. Virou-se para Tamara, que se encaminhava para o dela.

— Posso dormir no chão do seu quarto? — perguntou. — O seu é o único que não dá arrepios.

— Eu também? — pediu Jasper, pegando carona na ideia.

Tamara sorriu timidamente.

— Sim. Seria ótimo.

Jasper desapareceu a fim de pegar suas coisas para dormir. Call fez o mesmo. Colocou um pijama e foi arrastando seu colchão até o quarto cor-de-rosa, onde o ajeitou ao pé da cama.

Tamara estava perto da janela, usando um pijama branco de rendinha. Ela levantou os olhos quando Call entrou, e ele notou quanto ela parecia abalada.

Ele parou onde estava. Tamara parecia ter perdido todo o seu espírito de luta.

— O q... o que foi? — perguntou ele.

— Aaron. É horrível que ele tenha morrido, mas Mestre Joseph roubar seu corpo... o jeito que ele *estava*, todo branco e frio naquela mesa...

Os pés do garoto se moveram inconscientemente. Ele não podia deixá-la ali, parecendo tão arrasada. Então, atravessou o quarto em direção a ela e esticou a mão, com a intenção de afagar seu ombro. Mas, assim que chegou perto, Tamara o abraçou e afundou o rosto em seu peito.

Call ficou chocado, mal conseguia respirar. Seu coração parecia um balão desamarrado, voando pelo peito. Ele a abraçou com gentileza, seu corpo frágil e morno. Call às vezes se esquecia de quanto ela era pequena, pois a coragem a deixava enorme a seus olhos.

Tamara cheirava a sabonete e sol. Ele queria respirá-la, mas reconhecia que isso pareceria um comportamento estranho e possivelmente assustador.

Pensou nas palavras de Anastasia, e, apesar do horror da situação que tinham acabado de vivenciar, sua pulsação acelerou tanto que ele temeu que Tamara pudesse notar.

— Call — disse ela, com a voz abafada. — Tive medo de que, após a morte de Aaron, você não quisesse mais ser meu amigo.

O coração do garoto bateu forte.

— Tive o mesmo medo.

— Mas não é verdade, certo? — Ela o encarou, com preocupação. — Ainda somos amigos. Sempre seremos, independentemente de tudo.

Ele se flagrou afagando gentilmente o cabelo de Tamara. Acariciando, até. Sentia-se outra pessoa, não Callum Hunt. Alguém que merecia a consideração de Tamara Rajavi.

— Sim — assegurou, surpreso e ligeiramente apavorado com as palavras que lhe saíam da boca. — Desde que te conheci...

A porta abriu, e Tamara e Call se afastaram quando Jasper entrou apressado, vestindo um pijama com estampa de cavalo e arrastando um cobertor. Ele se enrolou na coberta ao lado da cama de Tamara, que voltou para sentar-se à beira do colchão. Call, parecendo indiferente, deitou em sua cama improvisada.

— Eu estava falando agora com Call — disse Tamara. — Precisamos ter cuidado. Muito cuidado.

— Isso é novidade? — perguntou Jasper.

— Mestre Joseph está cogitando extrair o poder de Call com o Alkahest — alertou Tamara, dirigindo-se a Call. — Pense só: Mestre Joseph poderia ser *ele mesmo* o Inimigo da Morte. Não precisaria tentar obrigar Call a fazer o que ele quer; ele mesmo poderia fazer.

— Mas ele valoriza a alma de Constantine — observou Jasper.

— Eu sei — disse Tamara. — Ele definitivamente acha que Call tem mais chance de despertar os mortos, do contrário já teria retirado seu poder. Por isso Call foi esperto o suficiente para fingir a Mestre Joseph que ressuscitaria Aaron.

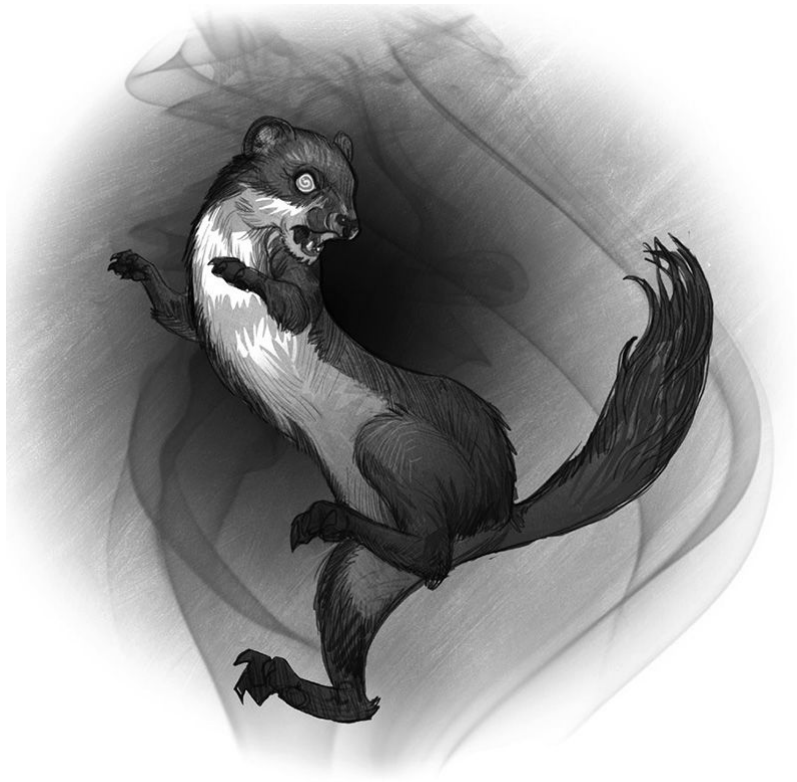
Fingir? Call, que sentia como se estivesse flutuando, agora tinha caído de volta à Terra. Tamara achava que ele estava *fingindo* para Mestre Joseph, que não tinha sido sincero quando falou sobre trazer Aaron de volta? Mas isso jamais havia passado pela cabeça dele. Call achou que estivessem em sintonia. Acreditou que, pela primeira vez na vida, não estivesse fazendo a coisa errada.

Estavam tão próximos há um instante. Agora tudo parecia errado, como se ele de algum modo a tivesse enganado.

— Vamos dar um jeito de sair daqui — disse Tamara a ele. — E vamos tentar descobrir uma forma de conseguir o Alkahest. Se pudéssemos roubá-lo ou, melhor ainda, destruí-lo, você ficaria muito mais seguro. Você só precisa fingir que está tentando despertar Aaron enquanto isso.

— Sim! — disse Call, com mais força do que pretendia. — Fingir. Definitivamente. Era exatamente isso que eu ia fazer.

Mas, enquanto se permitia relaxar para dormir, com o corpo quente de Devastação ao seu lado, ele já sabia que estava mentindo. Call ainda traria Aaron dos mortos.

Talvez não fosse a coisa certa, mas, se tudo pudesse voltar a ser como era antes, se Aaron estivesse vivo e todos pudessem ser felizes, ele não se importava com certo ou errado.

CAPÍTULO SETE

O café da manhã no dia seguinte foi servido por Dominados pelo Caos, como se Call e os outros estivessem estudando no colégio interno mais estranho do mundo. Os Dominados pelo Caos pousavam as louças com força, como se estivessem derrubando pedras, fazendo com que ocasionalmente a comida caísse e fosse direto para a boca de Devastação. Mesmo assim, a mesa estava farta, com torradas cheias de manteiga, bacon, ovos mexidos, suco de laranja fresco e aveia.

Tamara e Jasper estavam muito bem-comportados, aparentemente tentando convencer Mestre Joseph de que Seguiam Seu Plano. Ela usava um vestido azul-claro, com apenas parte das rendinhas arrancadas, e havia cavalos na camisa e na calça de Jasper.

Alex também estava lá, embora não tivesse comido nada, apenas tomado café preto. Call tinha a impressão de que Alex também tinha uma lista de Suserano no Mal, mas sua pontuação funcionava de outro jeito. Ele provavelmente se dava um ponto cada vez que se vestia todo de preto ou ameaçava crianças. Talvez uma estrelinha dourada se fizesse os dois ao mesmo tempo.

Após o café, Mestre Joseph levou Jasper e Tamara para as aulas na biblioteca, enquanto Alex — agitado por causa do café — e Call voltavam para a sala onde haviam deixado o corpo de Aaron.

Não se falaram no caminho. Call estava resignado quanto a ter que passar algum tempo com Alex, apesar de não haver ninguém no mundo a quem ele odiasse mais. Alex passara anos mentindo para ele, havia matado seu melhor amigo, lhe tirado Aaron. Call não lamentaria vê-lo morto. Sabia que era uma postura bem Suserana do Mal, mas aceitava; mesmo enquanto lembrava a si mesmo de que Alex era o caminho *de volta* até Aaron. Ele sabia mais que Call sobre os métodos de Constantine.

Call não conseguia decidir se estava aliviado ou não quando descobriu que o corpo de Aaron tinha sido levado. Em vez dele,

havia uma mesa de metal diferente na sala. Nela, pairava algo pequeno, duro e morto.

Call se retraiu.

— Eca. O que é isso?

— É um arminho comum de jardim — respondeu Alex, andando de um lado para o outro atrás da mesa. — Temos que ressuscitá-lo. Para praticar. — Ele ergueu uma sobrancelha ao ver a expressão de Call. — Isso é necromancia, Callum. Pode ser confuso e perigoso. Se o corpo de Aaron for danificado, não terá conserto.

— Como Mestre Joseph roubou o corpo de Aaron? — quis saber Call, enquanto Alex ia até uma prateleira e pegava dois pares pesados de luvas de lona. Entregou um par a Call e pegou o outro.

— Anastasia estava no Magisterium após o enterro. — Ela combinou com Mestre Joseph de soltar um elemental do ar, e esse elemental veio carregando o corpo até aqui. — Alex sorriu enquanto vestia as luvas pretas. — Aposto que deu para ouvir aqueles Mestres gritando por todo o sistema de cavernas.

— Então, você não sente falta, eu suponho — disse Call, vestindo as próprias luvas. — O Magisterium. Kimiya.

— Kimiya? — Alex gargalhou. — Acha que estou sofrendo por Kimiya? Acha que me sinto mal por ter mentido?

— Suponho que teria sido constrangedor dizer a ela que você era um assassino em conluio com Mestre Joseph — argumentou Call.

Alex ergueu uma sobrancelha.

— Não vi você por aí revelando a todos o seu segredinho, *Constantine*.

— Bem — disse Call. — Agora todos sabem.

Alex lançou um olhar estranho para ele.

— Sim, sabem. E Kimiya sabe sobre mim. — Ele se inclinou sobre o arminho. — Então.

— Então — ecoou Call. — É hora de compartilhar sua sabedoria. Como se desperta os mortos?

— Anastasia disse que você despertou Jen Matsui — comentou Alex.

— Sim, mas ela ficou... Dominada pelo Caos. — Call estremeceu. — Toda errada.

— Ela conseguiu responder perguntas. Dominados pelo Caos não conseguem fazer isso. É um começo.

Call franziu o rosto para Alex. Certamente os Dominados pelo Caos conseguiam responder perguntas. Eles podiam falar! Será que isso significava que Alex não conseguia ouvir os dele?

Agora que Call estava pensando no assunto, era estranho que Jen tivesse voltado e que todos conseguissem ouvi-la. Será que isso significava que Call tinha feito algo diferente com ela, algo que Alex não fazia com os próprios Dominados pelo Caos?

Call estendeu suas mãos enluvadas.

— Pensei que você fosse o especialista aqui. Achei que estivesse praticando com seus “métodos de Constantine”, ou seja lá o que for.

— Sei muita coisa — disse Alex, irritado. — Para começar, somos magos do caos. O caos é uma energia instável. Nosso instinto é pegar esse caos e colocá-lo em um corpo vazio, sem alma. É assim que se obtém os Dominados pelo Caos.

— Aham. — Call estava acompanhando, apesar de a parte do instinto ser arrepiante.

— Mas todo elemento tem acesso a seu oposto. E o oposto do caos é a alma. A parte humana que faz as pessoas serem o que são. Arminhos também. — Alex parecia estar se divertindo. — Temos que alcançar algum lugar, encontrar uma alma de furão para esse furãozinho e colocá-la de volta em seu corpo, assim como Constantine colocou a alma em você.

— Certo — concordou Call.

Ele se lembrou de como foi procurar pela alma de Jennifer Matsui. Call e Aaron tinham capturado traços da menina para fazê-la falar, mas, depois, isso começou a desbotar, voltando ao nada. Ele a tinha segurado, mas Jen se partira em pedaços. Como tinha canalizado sua magia naqueles pedacinhos brilhantes para sustentá-la.

Jen havia acordado Dominada pelo Caos.

— Certo — disse Alex, como se Call não estivesse ouvindo.

— Só isso? — perguntou o garoto.

Horrorizado, Call percebeu que Alex não sabia mais que ele sobre trazer algo de volta dos mortos.

E o que significava isso quando Alex deveria estar estudando os métodos de Constantine e Call tinha encontrado a mesma técnica — ou possivelmente uma melhor? Será que Mestre Joseph estava certo em relação a Call; será que ter a alma de Constantine *automaticamente* o fazia melhor em despertar os mortos?

Alex o encarou com uma expressão de superioridade.

— Pode achar que não é muito, mas não é tão fácil quanto parece.

Call suspirou.

— Eu já tentei.

— O quê? — Alex franziu o rosto. — Não tentou...

Call não gostava de Alex, nem de sua atitude.

— Foi assim que trouxe Jennifer de volta. Eu não pretendia que ela voltasse Dominada pelo Caos. Mas não tinha sobrado o suficiente de sua alma.

Por um momento, Call achou que Alex fosse lhe bater.

— Eu sei de coisas, sei *segredos* — disse ele, apontando o dedo para Call.

Mas estava nítido que não sabia de nada.

— Se o que você está falando realmente funcionasse, então não teríamos que conduzir nenhum experimento. Mestre Joseph disse que Constantine estava prestes a fazer uma descoberta, não que a tinha feito. — Call suspirou. — Quero ver seus cadernos pessoalmente.

— Por quê?

Nada naquela situação ia de acordo com a vontade de Alex, mas ele evidentemente não estava disposto a ceder um palmo.

Call estava cansado de discutir.

— Se você não me deixar vê-los, Mestre Joseph com certeza vai.

— Vamos simplesmente tentar trazer esse arminho de volta — declarou Alex. — Vamos... concentre-se.

— Não sei... — disse Call.

— Então, eu mesmo faço. — Alex fechou os olhos com força, como se estivesse tentando estourar uma veia na testa.

Call podia sentir a magia do caos no ar, quase podia sentir o cheiro, como um vento quente.

O animal começou a se mexer. Seu corpo inteiro estremeceu. As patas traseiras giraram. Os bigodes balançaram. E, depois, ele abriu seus olhos de redemoinho.

Dominado pelo Caos.

Alex abriu os próprios olhos com expectativa, mas, quando viu o que estava na mesa, socou a parede.

— Você devia ter me ajudado — acusou. — Precisamos é de mais poder!

O arminho saltou da mesa e corria para a porta quando Devastação acordou e começou a persegui-lo. Call ouviu alguma coisa bater, e, depois, um grito agudo.

— E de um arminho diferente — disse Call a Alex, jurando jamais permitir que ele chegasse perto do corpo de Aaron.

↑≋△○@

Decidiram fazer uma pausa para o almoço, apesar de Call não estar exatamente com fome. *Várias horas com um arminho morto dão nisso*, pensou.

Enquanto Alex ia para a sala de jantar, Call desviou até a cozinha a fim de preparar uma refeição rápida... Tudo para não ter que ver Alex enquanto comia. Ali, ele encontrou um jovem rapaz colocando material de chá em uma bandeja.

— Olá — cumprimentou o jovem.

Call, não querendo ser grosso, respondeu:

— Oi.

Ao ver a confusão de Call, o jovem riu sem malícia e disse:

— Meu nome é Jeffrey, e eu ajudo por aqui. Não passei nas provas para entrar no Magisterium, mas Mestre Joseph ofereceu me ensinar assim mesmo, em vez de cortar minha magia.

— Ah — disse Call.

Ele precisava admitir que era uma boa maneira de obter recrutas, apesar de Call não saber ao certo quanta magia podiam aprender. Mas e se a resposta fosse muita? Call pensou em Hugo dirigindo o caminhão, em todos os prisioneiros no Panóptico, e ficou imaginando quantas pessoas havia na ilha.

— Você é Callum, certo? — perguntou Jeffrey.

— Sou.

— Venha comigo. Tarquin queria que eu o levasse até ela quando saísse da aula.

Call não sabia exatamente o que Jeffrey achava que estava fazendo, mas foi até uma saleta vitoriana onde o jovem repousou a bandeja com sanduíches sobre uma mesa, entre duas poltronas grandes de veludo.

Havia uma janela grande com vista para o gramado verde, onde um Dominado pelo Caos guiava um cortador de grama seguindo um padrão estranho. Na saleta encontrava-se Anastasia, vestindo mais um de seus terninhos brancos. Ela indicou que Call se sentasse na poltrona a sua frente.

Jeffrey saiu, e o garoto se sentou em uma das poltronas, sentindo-se desconfortável. A bandeja prateada de bolos com coberturas e sanduíches cortados e sem casca estava entre eles. Call pegou um de salada de ovo e o segurou com cuidado.

— Você deve estar bravo comigo — comentou Anastasia.

— Você acha? — ele deu uma mordida no sanduíche. Em geral, preferia líquen. — Porque mentiu para Tamara, nos traiu e deixou que Mestre Joseph nos sequestrasse? Por que eu ficaria bravo com isso?

Os lábios da mulher se enrijeceram.

— Call, você estava no Panóptico. Precisei fazer o que podia para tirá-lo de lá. Acha que haveria liberdade para você? Não. Você teria sido perseguido pelos magos assim que se dessem conta de que você desaparecera.

— Não vejo diferença entre ser pego por eles ou por você e Mestre Joseph. Isso aqui é só uma prisão com sanduíches.

— Ao longo da vida, aprendi que alianças não importam. Você pode ser destruído por aqueles que se autointitulam bons tão facilmente quanto por aqueles que são mais nitidamente egoístas. Tudo o que importa para mim, Call, é que você permaneça vivo e seguro. — Anastasia se inclinou para a frente. — Obedeça Mestre Joseph. Ele vai ajudá-lo a despertar Aaron dos mortos. Depois, quando o tiver de volta, você pode ir até o Magisterium e mostrar o que fez. Realmente acha que eles rejeitarão um dom desses? Todo mundo odeia a morte, Call.

— Mas nem todo mundo tem que ser inimigo dela.

Ela balançou a cabeça.

— Você não entende. Estou dizendo que vão aceitá-lo. Receberão você como seu Makar, assim como vão receber sua magia e usá-la para trazer de volta os próprios entes queridos. Você não correrá mais perigo.

— Não sei se isso vai funcionar — murmurou Call, mas Anastasia não pareceu ouvir.

— Enchi seu quarto com seus pertences... pertences de Constantine. Sei que ainda está lutando contra quem você é. É irônico, porque Con sempre foi teimoso. — Os olhos de Anastasia estavam suaves enquanto ela o encarava. — Você passou tanto tempo enterrando quem é. Deixe as fotos e as roupas o cercarem... deixe que sua alma se lembre. — A mulher suspirou. — Queria poder ficar. Contaria histórias sobre você todos os dias, sobre o que Constantine fazia quando era pequeno.

Isso parecia a pior coisa que Call podia imaginar.

— Você vai embora? — perguntou ele, cauteloso.

— Tenho que voltar ao Magisterium e contar a eles uma boa história sobre como você foi levado, e como escapei com vida. Com sorte, serei convincente o bastante para conseguir ficar de olho em seus planos por mais um tempo.

— E se eu não conseguir fazer o que Mestre Joseph quer? — perguntou Call, pensando no corpo frio de Aaron sobre a mesa. Sim, ele queria seu amigo de volta, mas não permitiria que Alex o despertasse como um Dominado pelo Caos. Faria o que precisasse ser feito para garantir que isso nunca acontecesse. — Constantine não conseguiu ressuscitar os mortos... talvez eu também não consiga. Se eu fracassar, Mestre Joseph vai usar o Alkahest para tirar meu poder.

Anastasia lhe lançou um olhar penetrante.

— Mestre Joseph precisa de você. Ele só vai usar o Alkahest para extrair seu poder se ficar encurralado. Não o coloque nessa posição, Call. Ele precisa de nós... e nós precisamos dele.

— Você não se importa que ele me ameace? — perguntou Call. — Não acha que deveríamos nos preocupar?

— Se eu achasse que existisse um lugar mais seguro para ir, eu iria. Mas sua alma, essa alma inquieta, jamais foi feita para ter paz, Con. Ela foi feita para ter poder. — Anastasia se aproximou de Call. — Você é poderoso. Não pode simplesmente desistir desse poder. O mundo não permitirá. Não permitirá que você se esconda por medo de se ferir. No fim, pode ser que você chegue a essas duas opções: governar o mundo ou ser esmagado por ele.

Isso pareceu sombrio e dramático, mas Call apenas assentiu, tentando parecer pensativo em vez de assustado. Anastasia o tocou uma vez na bochecha, saudosa, e depois se levantou.

— Tchau, meu querido.

Por mais estranha que ela ficasse perto de Call, e por mais que ele não quisesse ouvi-la falar o tempo todo sobre quanto ele se parecia com Constantine, o garoto ficava um pouco triste com sua partida. Anastasia queria que ele *fosse* seu filho perdido, e isso não era possível, mas, pelo menos, ele sentia que ela estava mais ou menos do seu lado.

Mestre Joseph não estava, independentemente de quanto fingisse. Call comeu o resto do sanduíche de salada de ovo sozinho, assistindo enquanto o Dominado pelo Caos empurrava o cortador de grama para o rio.

Depois disso, procurou por Jasper e Tamara pela casa, torcendo para que conseguisse persuadir Mestre Joseph a que todos tivessem lições juntos. Como não os encontrou, voltou para a sala de treinamento. Alex estava lá com dois novos arminhos parcialmente descongelados.

Call se sentiu um pouco enjoado.

— Aqui — disse Alex, jogando violentamente um caderno preto com folhas de anotações extras sobre a mesa. — Este foi o último caderno de Constantine. E, se quiser ver os outros, não precisa ir muito longe para procurar. Estão em seu quarto, nas prateleiras, exatamente como Mestre Joseph e Anastasia insistiram.

— Obrigado — agradeceu Call, com má vontade, pegando o caderno.

— Agora é sua vez — disse Alex, apontando para as pequenas criaturas sobre a mesa.

Call olhou para os arminhos. Não tinha certeza se seria capaz. Mas queria Aaron de volta. E, se houvesse alguma chance...

Ele alcançou a magia do caos e a direcionou a uma das criaturas. Pôde sentir o frio remanescente ali, os resquícios prateados de onde a alma estivera. Alguma coisa ainda permanecia.

Tentou capturá-la, tentou aquecê-la e trazê-la à vida. Mas havia muito pouco. No desespero, tentou inflar o possível. *Precisamos de mais poder*, havia dito Alex.

Call respirou fundo, reunindo o caos dentro de si, alcançando na escuridão, na violência e no movimento em redemoinho que só um Makar conseguia enxergar. Ele agarrou o caos, como se estivesse fazendo isso com as duas mãos, empurrando-o desesperadamente para a alma inflada do animal, como se estivesse tentando acender uma fogueira no meio de um campo de gelo.

Call sentiu a faísca ativar e crescer...

Alex gritou. Call se abaixou quando um barulho alto ecoou pelo recinto. Quando se levantou novamente, pontos pretos dançavam diante de seus olhos. Ele se sentiu fraco e exausto, drenado de toda energia e magia.

Alex o olhou, furioso. Estava todo respingado de pedaços de algo impronunciável que Call não queria especular.

— Você explodiu o arminho — disse Alex.

— Explodi?

Call estava impressionado, mas a infeliz evidência se espalhou por todos os lados. Ele se livrara do pior indo para baixo da mesa, mas Alex e seu jeans de grife não tiveram a mesma sorte.

Alex tirou as luvas e as jogou sobre a mesa.

— Por hoje já deu.

Ele saiu irritado, e, após um minuto, Call o seguiu. Ninguém queria ficar sozinho em uma sala com dois arminhos mortos, um deles aos pedaços.

Torceu para que Jeffrey não ficasse encarregado da limpeza.

↑≈△○@

— Como foi? — perguntou Mestre Joseph durante o jantar.

Todos se reuniram na sala de jantar outra vez, apesar de a cadeira de Anastasia continuar vazia. A mesa estava farta de comida: salada de batata, repolho, costelas brilhando com molho picante, grãos caramelizados, couve verdinha. Jasper já tinha comido um pedaço inteiro de costela.

— Call explodiu um arminho — contou Alex.

Ele parecia muito limpo, como se tivesse tomado um banho, e depois outro.

— Não se pode esperar acerto logo no começo — relevou Mestre Joseph, mordendo uma costela. — Mas espero que vá evoluindo aos poucos.

— Tenho certeza de que outra pessoa poderia se sair tão bem nisso quanto Call — argumentou Alex.

Ele olhava fixamente para Mestre Joseph. Parecia querer transmitir sua esperança de que o homem fosse extrair de uma vez os poderes de Call com o Alkahest para poderem dar continuidade a partir dali.

— Tenho certeza de que não — respondeu Mestre Joseph, apesar de ter enrijecido a mandíbula. Call o observou fascinado.

Será que ele realmente queria usar o Alkahest e tomar a magia do Caos para si? Primeiro viveu à sombra de Constantine e, agora, estava à de Call. Será que isso o incomodava? Era difícil dizer; sua voz soou calma quando Mestre Joseph retrucou:

— Nunca tivemos dois Makars trabalhando nesse projeto antes. Até Constantine fez isso sozinho.

Definitivamente estou sozinho, pensou Call. Alex era pior que nada. Mas Alex apenas lançou a ele um sorriso desagradável.

— Continuaremos amanhã — disse o garoto.

Depois do jantar, Tamara e Jasper foram para o quarto de Call trocar informações sobre os respectivos dias. Mestre Joseph os havia ensinado a formar superfícies sólidas e inquebráveis a partir de ar e água.

Mas, depois de conhecer Jeffrey, Call se dera conta de que não eram os únicos com aulas por ali. Havia outros magos, outros grupos. Hugo lecionava para dez jovens alunos, e Tamara e Jasper viram pelo menos mais quatro grupos de aprendizes; grupos

maiores que os permitidos no Magisterium. Jeffrey provavelmente também estava ensinando.

— Mas ele não nos deixou fazer nada afiado — revelou Jasper. — O que acho que faz sentido, já que não nos quer armados. Achamos que tem alguma espécie de elemental do ar formando barreiras de proteção em volta do Alkahest; uma espécie de guardião. — Ele forçou um sorriso. — Mas tudo bem. Vamos dar um jeito de passar.

— E você, Call? — Tamara parecia ansiosa. — Foi muito ruim?

Call se deteve perto de uma prateleira de livros. Nela, havia inúmeros retratos de Constantine e seus amigos. Era difícil não perceber que, em todas, o rapaz aparecia rindo no centro de um grupo. As pessoas sempre o procuravam com o olhar.

— Foi tranquilo — mentiu. — Só estou fingindo mesmo.

— Vou tentar me aproximar de Mestre Joseph — revelou Jasper. — Agir como se estivesse começando a me interessar por toda essa coisa do mal, para ver se ele me conta as coisas. Até porque seu plano não pode ser simplesmente trazer Aaron dos mortos. Isso não basta para dominar o mundo.

— Acha que ele tem um exército? — perguntou Call. — Quero dizer, além dos prisioneiros e dos alunos. Um exército de Dominados pelo Caos?

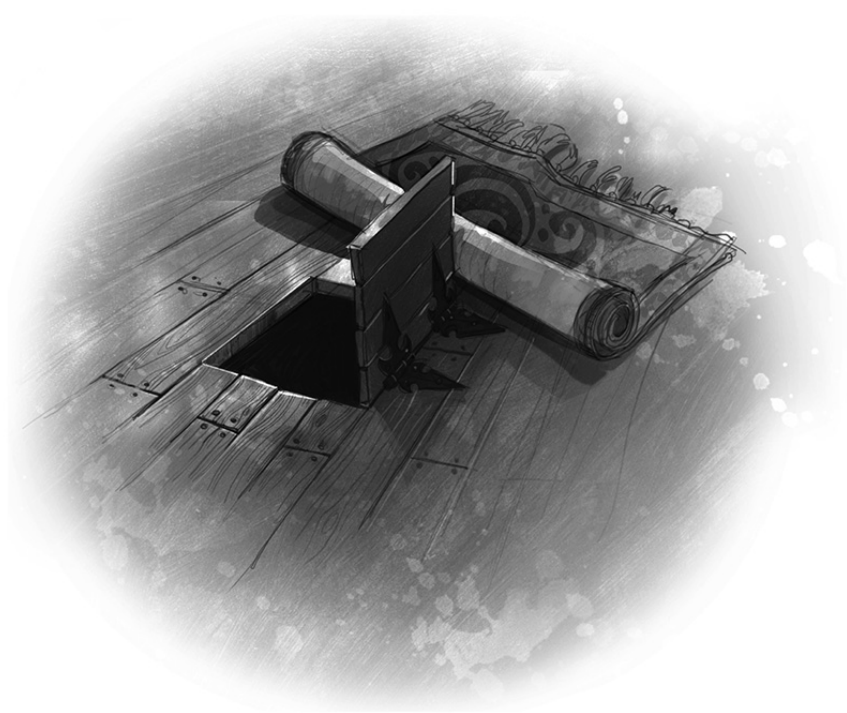
— *Todo mundo* acha que ele tem um exército — respondeu Jasper. — Mas todos nós achávamos que o Inimigo da Morte ainda estava vivo, criando mais e mais Dominados pelo Caos. Se a única pessoa que pode fazer mais deles for mesmo Alex, então, talvez, o exército não seja tão grande assim.

Call olhou para eles e viu Tamara observando uma foto em sua cabeceira: Constantine e os pais.

— É engraçado vê-los assim — comentou Tamara. — Nunca daria para saber que um desses aprendizes arrasaria o mundo dos magos.

Call olhou para o espelho. Ele não tinha se lembrado de escovar o cabelo de manhã, e havia uma mancha de molho em sua camisa. Ele também não parecia grande ameaça, mas tinha a desconfortável sensação de que as próximas semanas definiriam seu destino.

Apesar de terem se reunido no quarto de Call, foram todos para o de Tamara na hora de dormir. Enquanto os outros caíam no sono, o garoto se flagrou olhando para o teto, com seu lobo encolhido ao lado. *Sua alma*, dissera Anastasia. *Sua alma inquieta nunca foi feita para ter paz*.

Você não me conhece, pensou Call. *Não conhece minha alma*. Ele rolou e fechou os olhos com força, mas ainda demorou muito a adormecer.

CAPÍTULO OITO

Alex podia ter esperado por coisas grandiosas, mas o segundo dia foi pior que o primeiro. Call passou metade do tempo olhando as anotações de Constantine, feitas em colunas organizadas que deixaram o menino desesperado quanto à própria caligrafia. Se você precisava ter a alma de alguém, pensou Call, seria legal ter a caligrafia incrível dessa pessoa também. Constantine anotara muitos números, indicando experimentos e, depois, medidas que pareciam relativas ao caos. Havia determinado a energia mínima exigida para trazer de volta um dos Dominados pelo Caos, e, então, organizado listas com melhorias que poderiam ser obtidas com mais caos e um manuseio mais delicado da alma.

Falar era uma delas, o que irritava Alex.

Mas o espírito — a essência do que faltava em uma pessoa — parecia ser algo que Constantine não tinha conseguido definir ou recriar. Apesar da insistência de Mestre Joseph de que estavam perto de um avanço, Call não viu nada nas anotações que indicasse isso.

O que Constantine fez foi jogar sua alma no corpo de outra pessoa. Sem dúvida, uma magia impressionante e que lhe salvou a vida, mas não era o mesmo que ressuscitar os mortos.

Naquela noite, no jantar, tanto Jasper quanto Tamara pareceram agitados de um jeito que intrigou Call. Era como se estivessem ligados com uma energia estranha, e Tamara ficava lançando Olhares Cheios de Significado para Call, apontando para a massa artesanal. Ele não fazia ideia do que ela tentava dizer.

Pensou na alegação de Anastasia de que Tamara gostava dele. Celia fez muitas coisas confusas e inexplicáveis enquanto gostava de Call. Talvez Anastasia tivesse razão, mas isso não explicava o que Tamara queria que ele *fizesse*.

— Progredimos hoje — mentiu Alex, e ficou olhando para Mestre Joseph como se à espera de aprovação.

— Não force. Relaxe. A habilidade está aí — afirmou Mestre Joseph, e simplesmente olhou para Call.

O garoto encarou Tamara. Ela estava fazendo uma mímica que parecia um gesto de recolher algo do chão. Pegar? Recolher? Catar?, perguntou ele, mexendo a boca sem emitir som. Tamara fez que sim e, depois, moveu os braços, como se estivesse dançando. Mas o quê... Call estava desconcertado. Será que Tamara tinha ficado louca? Isso não era hora para dançar ritmos latinos. Lambada? Cumbia? O que Tamara estava pensando?

— Eu realmente acho que podemos fazer alguns avanços — continuou Alex, interrompendo os devaneios de Call. — Mudar a maneira como a mágica é feita.

Ele observou Tamara, como se estivesse torcendo para que *ela* ficasse impressionada. Aquilo deixou Call furioso. Tinha parado de prestar atenção na mímica, e olhou fixamente para Alex, desejando poder socá-lo.

Call estava com ciúme. Ciúme de Alex, porque ele era o tipo de cara de quem as pessoas gostavam. Call sabia que Tamara o odiava por ter matado Aaron, e, mesmo que isso nunca tivesse acontecido, ela *ainda* não gostaria de Alex, porque ele tinha feito sua irmã chorar. Call sabia disso tudo, mas não ajudava.

Se Tamara tinha de fato ou não uma paixonite por Call, não fazia diferença. Ele gostava dela.

Gostava mesmo e teria que confessar a ela.

— Então — começou Jasper, percebendo o silêncio tenso. Ele gesticulou para o aparador. — Alguém vai querer aquele bolo de chocolate?

Depois do jantar, Jasper, ainda trabalhando em seu plano de impressionar Mestre Joseph, perguntou ao mago se ele poderia ensinar como criar campos de força a partir do ar e que barrassem as janelas. Alex, que era um mago do ar, imediatamente se ofereceu para ajudar a ensiná-lo.

— Você não vai conseguir utilizar essa informação para escapar, você sabe, certo? — avisou Alex, com visível prazer. — É magia muito avançada. Além disso, mesmo se saísse da casa, jamais sairia da ilha.

— Ah, não — negou Jasper. — Não estava pensando em tentar escapar.

Mestre Joseph lançou a ele um sorriso indulgente.

— Óbvio que não. Venha comigo. — Ele o conduziu para uma das salas de treinamento.

Assim que desapareceram, Tamara pegou a mão de Call.

— Vamos.

Ela o arrastou para fora da sala de jantar em direção à saleta, depois fechou a porta e se apoiou ali.

— Preciso contar uma coisa — revelou, olhando em volta, como se alguém pudesse estar à espreita nas sombras. Tamara usava outro vestido em tom pastel, desta vez em um tom bem claro de laranja, com uma saia de renda.

Era isso. Ela ia contar para Call que gostava dele.

Não, ele deveria contar primeiro. Porque, depois que ela começasse a falar, ele ia travar e fazer papel de trouxa. Buscaria dizer a coisa certa, mas acabaria calado.

— Eu gosto de você! — soltou, de repente. — Acho que você é bonita, e gosto de você e sempre gostei, mesmo quando você não gostava muito de mim. Você é corajosa e inteligente, e acho que vou parar de falar agora.

— Tem túneis embaixo da casa — disse Tamara, quase ao mesmo tempo.

O chão pareceu se inclinar sob os pés de Call. Ela não estava prestes a confessar seus sentimentos. Na verdade, olhava para ele como se o menino fosse alguma nova espécie de inseto que ela jamais havia visto antes.

Seu rosto esquentou.

— Túneis? — repetiu Call, entorpecido.

— Eu e Jasper ouvimos Hugo e Mestre Joseph falando sobre isso. Aparentemente, as entregas vêm por eles; e também servem para armazenar alguns suprimentos extras. Eles chamaram de catacumbas — completou Tamara, um pouco afetada, como se estivesse chocada com a novidade de Callum.

— Ah — disse Call, entendendo com atraso a mímica que Tamara fizera no jantar. — Você estava tentando sinalizar *catacumba*.

— Desculpe — lamentou ela. — Mas, se vamos explorá-las, temos que ir agora. Enquanto Jasper distrai Mestre Joseph. Podemos conversar mais tarde.

— Estou pronto — avisou Call, tentando agir normalmente. — Mas não precisamos conversar sobre o que eu disse. Tipo, nunca.

Anastasia tinha se enganado; lógico que tinha. Tamara não gostava de Call. Jamais sequer ficara a fim do amigo.

Ele só acreditou porque queria que fosse verdade.

Tamara sorriu discretamente para Call e passou por ele indo em direção ao centro da sala. Havia um felpudo tapete persa no chão. Ela começou a enrolá-lo, revelando o quadrado de uma portinhola. Então, olhou para cima.

— Venha me ajudar.

Call se ajoelhou a seu lado, mesmo com a perna doendo. Por vários minutos, ambos lutaram contra a portinhola, tentando encontrar uma maçaneta ou um ponto de pressão que a abrisse.

— Vou tentar uma coisa — disse Call, finalmente, mordendo o lábio.

Ele colocou a mão no topo da porta e pensou muito na magia do caos que vinha fazendo, em vasculhar o vazio em busca de algo. A vastidão selvagem e agitada do elemento do caos. Ele ergueu aquela escuridão, como se estivesse elevando fumaça, e permitiu que fluísse de sua mão.

Uma escuridão completa vazou da porta. Tremeu sob a mão de Call e desapareceu em direção ao vazio, revelando uma escada que levava para baixo.

— Foi difícil? — sussurrou Tamara, soltando o ar.

— Não — respondeu Call.

Era verdade. Utilizar magia do caos já tinha sido difícil, mas agora estava se tornando cada vez mais parecido com a manipulação de qualquer outro elemento. Ele não sabia se isso deveria assustá-lo ou não.

O único problema era que havia acabado de consumir um pedaço do chão, então, qualquer pessoa que passasse por cima do tapete cairia. Mas, no momento, com o coração partido, ele não sabia se conseguia se importar.

Pelo menos, eles eram amigos, disse a si mesmo. Pelo menos sempre o seriam.

Desceram por um longo túnel escuro com paredes de pedra. Mestre Rufus o ensinou que o caos em si não era maligno. Era um

elemento como outro qualquer. Mas havia muitos lugares onde Makars eram mortos ao nascer, porque o caos tinha muito poder de destruição. Foi por isso que Anastasia se mudou com Constantine para os Estados Unidos depois que ele nasceu, para salvar sua vida.

E veja no que deu.

Tamara acendera uma pequena chama na palma da mão. Usava aquela luz para se orientar, seu brilho laranja iluminando as curvas e esquinas dos corredores, as muitas salas que desembocavam ali. A maioria estava vazia. Algumas exibiam caixotes ou jarros evidentemente destinados a conter elementais. Uma das salas tinha um monte de correntes de aço que Call reconhecia; Mestre Joseph já utilizara uma para aprisionar Aaron.

Tamara parou em frente a uma porta.

— Aqui — disse, sussurrando.

Eles entraram, e Call logo viu o que ela notara. Havia um arco e uma flecha em uma parede, e uma lança afiada apoiada em outra. A sala inteira era uma miscelânea de itens estranhos: livros, álbuns de fotografia, roupas masculinas, móveis, equipamentos esportivos.

Uma sensação fria se alojou no estômago de Call. Tamara pegou uma adaga marcada com as iniciais *JM*.

— Jericho Madden. Devem ser as coisas dele.

— O que está acontecendo aqui embaixo? — perguntou ela.

Call franziu o cenho.

— Provavelmente Constantine guardou tudo para quando trouxesse o irmão de volta.

Os objetos deveriam estar ali havia mais ou menos vinte anos. E agora, que o corpo de Jericho fora destruído, ficariam por muito tempo mais.

Call não conseguia deixar de imaginar onde estariam as coisas de Aaron, mas não podia tocar no assunto. Definitivamente, faria Tamara desconfiar de que ele estava considerando trazê-lo de volta.

Aaron, que definitivamente não riria se Call lhe contasse sobre a estupidez que tinha cometido.

Tudo bem, Aaron não era perfeito. Ele talvez tivesse rido.

Afastando esses pensamentos, Call levantou pilhas de coisas e olhou em volta. Encontrou alguns livros didáticos e romances, e, em

seguida, um pequeno caderno de couro sem etiqueta. A caligrafia em suas páginas parecia a de um adolescente. Desenhos de lagartos e outras crianças decoravam as margens das páginas. Diferente das anotações de Constantine, não eram apenas gráficos e experimentos.

Estou desenvolvendo um projeto especial com Mestre Joseph e Con. Mestre Rufus me deu esse caderno e pediu para eu fazer anotações sobre o que acontecer, então, é isso que farei. Até agora, ser irmão do Makar significa que sou arrastado para onde ele for. Mal sou considerado mais um mago. Todo mundo só me considera seu contrapeso. Ninguém quer saber quanto é estranho sentir sua alma puxando a minha.

Call levantou o caderno com um tremor para mostrá-lo a Tamara.

— Jericho tinha um diário — contou a ela.

As sobrancelhas da garota se ergueram. Ela observava uma polaroid que mostrou a Call. Era de Anastasia e dois garotinhos vestidos de branco. Na foto, ela usava um vestido florido, sentada na grama, sem sorrir. Tamara virou a fotografia. Alguém tinha escrito o ano no verso.

Com um suspiro, já que Call sabia como tudo isso acabaria, ele guardou o diário no bolso da camisa de flanela para ler mais tarde.

— Talvez tenham deixado passar alguma coisa por aqui — argumentou Tamara. — Alguma coisa que não permitiriam que tivéssemos acesso, mas que guardariam para ele?

— Como um telefone para chamadas de emergência? — perguntou Call, pensando no aparelho de Mestre Rufus que ele mesmo usara para fazer contato com o pai quando chegou ao Magisterium.

— Bom demais para ser verdade — rebateu Tamara.

Eles procuraram por muito tempo, mas não encontraram mais nada que parecesse útil. A única coisa remotamente interessante era uma porção de livros velhos sobre Makars de todo o mundo e suas conquistas duvidosas. Alguns deles foram chamados de coisas como Foice das Almas, Francelho Encapuzado, Devorador de Homens, o Boca, Construtor da Carne, o Flagelo de Luxemburgo, Ceifeiro das Faces; definitivamente, inspirações para o “Inimigo da Morte” de Constantine. Muitos alegaram ter descoberto o segredo

da imortalidade, além de outras coisas assustadoras, mas obviamente os livros não diziam quais eram de fato os segredos. Finalmente, Tamara se sentou em uma cadeira próxima.

— É melhor voltarmos antes que alguém perceba que sumimos.

Call assentiu, de repente ciente de que estavam sozinhos, e de que ele tinha acabado de abrir seu coração para Tamara. Sem Jasper por perto para fazer comentários ácidos, ou Mestre Joseph e Alex olhando daquele jeito assustador. Só ele e ela.

— Olhe, Tamara — começou ele. — Tudo o que eu disse antes foi tolice. Você provavelmente gostava de Aaron. Provavelmente nem teve a intenção de me salvar em vez dele. Provavelmente tem muitos arrependimentos.

Tamara esticou o braço e pegou uma das mãos de Call. Ele não tinha percebido quanto estava frio até sentir o calor de sua pele.

— Eu acordo toda noite lamentando não ter salvado Aaron. Mas, Call, não lamento ter salvado você.

Ele não conseguiu respirar.

— Não?

Ela se inclinou em direção a ele. Os rostos estavam muito próximos. Ele conseguia ver o pequeno colar de Fátima brilhando no pescoço de Tamara.

— Achei que você soubesse como eu me sentia.

— Como você se sentia?

Call ficou imaginando se estaria condenado a repetir tudo o que ela dizia. Ela lhe segurava as duas mãos agora, nervosa. Seus olhos estavam enormes, escuros e fixos no garoto.

— *Call* — disse Tamara, e ele a beijou.

Em retrospecto, Call não saberia dizer, com certeza, o que o fizera tomar tal atitude, ou o que havia sugerido que seria uma boa ideia. Ele não fazia ideia de qual instinto lhe dissera que não levaria um tapa ou, pior ainda, seria informado de que era realmente um bom amigo, mas que Tamara não gostava dele desse jeito.

Mas nenhuma dessas coisas aconteceu. Tamara fez um barulhinho e se mexeu para ajustar melhor a posição, e o que no princípio tinha sido Call pressionando a boca nervosamente contra os lábios de Tamara se tornou outra coisa. Algo que fez parecer que seu coração explodia dentro do peito. Tamara colocou as mãos

gentilmente nas laterais do rosto de Call, e o beijo continuou por tanto tempo que as orelhas do garoto rugiam com a pulsação acelerada.

Quando por fim se afastaram, Tamara estava muito ruborizada, mas parecia contente. E Call se sentia feliz. Pela primeira vez desde a morte de Aaron, ele se sentia feliz.

Quase tinha se esquecido de como era.

Acabei de dar meu primeiro beijo em uma fortaleza do Inimigo da Morte, em uma sala cheia das coisas de seu finado irmão, pensou Call. É a *história de minha vida*.

Mas ele não se importou. Por enquanto, não se importava com nada.

— Vamos — chamou Tamara. As bochechas tinham desbotado para um tom de cor-de-rosa. — Antes que alguém entre na saleta e perceba que abrimos a portinhola.

Call discordava. Por ele, deveriam ficar e se beijar mais um pouco. Era uma invenção subestimada, ou pelo menos uma que ele não tinha estimado até então.

Tamara deu a mão a ele, e, em uma espécie de torpor, os dois seguiram pelas catacumbas com as mãos dadas em um aperto forte. Dar as mãos também era algo surpreendentemente incrível. Toda vez que eles dobravam uma esquina, ela apertava os dedos de Call e lhe enviava ondas de energia pelo braço.

Tiveram que se separar quando chegaram à escada que levava à saleta. Tamara foi primeiro, e ambos perderam algum tempo ajeitando a sala, se certificando de que ficasse parecendo como se nunca tivessem estado ali. Encontraram algumas tábuas para colocar sobre o buraco, tábuas que pareciam capazes de sustentar o peso de uma pessoa.

Saíram sorrateiramente da sala e subiram as escadas. Call estava prestes a conferir se Tamara queria ficar mais um pouco de mãos dadas quando Jasper surgiu das sombras.

— Onde vocês *estavam*?

Call ficou olhando fixamente para Jasper. Ele vivia falando sobre romance — era de se imaginar que soubesse identificar quando não o queriam por perto. Mas Jasper nunca se deu conta dos próprios defeitos de personalidade, bastante severos.

— Exploramos as catacumbas conforme o planejado — respondeu Tamara, acenando para a direção de onde tinham vindo.

Naquele instante, Call se lembrou de que Jasper e Tamara haviam passado o dia todo juntos, planejando coisas.

O ciúme voltou, apesar de Call ter acabado de beijá-la. Afinal de contas, Jasper era um velho amigo de Tamara e, de algum jeito, ele tinha convencido a última menina que gostou de Call a gostar mais dele.

O pensamento foi como um balde de água fria. Subitamente, Call percebeu diversas coisas: (1) beijar criava um torpor de estupidez que durava no mínimo dez minutos; (2) agora que tinha passado, ele não fazia ideia do que significava o beijo em Tamara; e (3) ele não tinha ideia do que fazer agora.

Veio então um impulso avassalador de agarrar Jasper pelo colarinho e forçá-lo a revelar todos os seus segredos românticos. Antes, Call fizera pouco caso deles, mas agora estava prestes a ouvir, sem ceticismo.

— Bem, eu enrolei o máximo que pude, mas é melhor irem para os quartos antes que Mestre Joseph perceba sua ausência — avisou Jasper, menos irritado. — Encontraram alguma coisa?

Tamara apenas assentiu. Os três seguiram para o quarto rosa, Call na retaguarda. Dormir no mesmo cômodo fazia com que se sentisse estranho. Call se lembrou de ter dormido ao lado da garota na cama da garagem de Alastair. Tinha sido um pouco esquisito, mas nada comparado ao que seria dividir o quarto agora.

Tamara era linda, corajosa e incrível. Call achava que seu destino era ficar com alguém heroico, como Aaron, ou com algum aristocrata idiota, feito Jasper. A ideia de que ela gostava dele, afinal — uma vez que ele já tinha tido certeza de que gostava, e depois de que não gostava — ainda fazia sua cabeça girar.

Call olhou de esguelha para Jasper, ainda pensando em aristocratas idiotas, enquanto se ajeitava no colchão no chão. Tamara foi até o banheiro e saiu com um pijama roxo de babados nos ombros.

Só de olhar para ela, o peito do menino doía de um jeito novo, em pânico. Se Call sabia algo a respeito de si mesmo, era sua

capacidade de pegar qualquer coisa boa e transformar em uma bagunça.

— O que descobriram? — perguntou Jasper.

— O diário de Jericho — respondeu Call. — Ainda não li, mas talvez tenha alguma coisa interessante. — Então, fez uma pausa, se dando conta de que o que queria com o diário não era nada parecido com o que os outros queriam. — Digo, sobre pegar o Alkahest ou sair desta ilha, ou sobre o exército desaparecido.

— Temos que voltar e ver se deixamos escapar alguma coisa — decidiu Tamara.

Seria um convite para mais beijos? Call não sabia ao certo. Ele observou Tamara, mas ela olhava para o telhado.

Jasper fez que sim com a cabeça.

— Estou colado em Mestre Joseph, mas, até agora, a única coisa que descobri foi a receita do chili. A aula sobre campos de força mágicos não foi muito informativa.

Call não trocou de roupa para deitar. Ele se esticou no colchão com a cabeça cheia por causa do beijo e de toda a confusão que o acompanhava.

— Boa noite, Call — desejou Tamara, com um sorriso que parecia conter diversos segredos.

Jasper lançou um olhar estranho para ele. Call decidiu que amanhã perguntaria a Jasper tudo o que ele sabia sobre garotas. Só torcia para que não fosse tarde demais.

Pela primeira vez, seus sonhos não foram carregados de caos.

CAPÍTULO NOVE

Quando Tamara, Jasper e Call acordaram no dia seguinte, os meninos foram para os próprios quartos a fim de tomar banho e se vestir para o café. Call acenou para Tamara ao sair, mas ela pareceu não notar.

Após um banho rápido, com desgosto ele puxou a seleção de roupas de Constantine para o dia: mais uma camisa de flanela. Desejou ter as próprias coisas para vestir.

Ao puxar sua jaqueta jeans de volta, o diário de Jericho caiu do bolso interno. Call o pegou, virando-o lentamente nas mãos. Um objeto que havia sido do irmão de Constantine. Que continha seus escritos. Jamais pensara em Jericho como uma pessoa. Nunca tinha pensado nele, e ponto. Mesmo quando esteve diante do corpo preservado de Jericho na tumba do Inimigo, Call só pensou no que Constantine devia ter sentido quando o irmão morreu.

Mas, agora, contava com o diário de Jericho para entender melhor o que as anotações de Constantine falharam em oferecer.

Ouviu uma batida na porta. Houve tempo para Call guardar o diário de volta no bolso antes de Jasper esticar a cabeça para dentro.

— Hugo esteve aqui — avisou ele, entrando no quarto de Call sem permissão. — Ele disse que eu e Tamara teremos a tarde livre quando acabarem as aulas da manhã. Ele vai a algum lugar com Mestre Joseph, e eu vou segui-los. — Cerrou os olhos para Call. — Está me ouvindo?

— Quero saber tudo o que você sabe sobre garotas — exigiu Call.

— Eu tinha a certeza de que você eventualmente se curvaria a meus conhecimentos superiores sobre romance — retrucou Jasper, convencido.

— Como fazer uma garota perceber que você gosta dela? — perguntou Call. — E, se você beija essa garota, isso significa que vocês estão em um relacionamento?

Jasper se inclinou contra a parede, a mão embaixo do queixo.

— Isso depende, cara — respondeu ele, cerrando os olhos, como se estivesse usando um monóculo. — Quão bem você conhece a dama?

— Muito bem — disse Call, lutando contra o instinto de mostrar a Jasper que ele estava ridículo.

Jasper franziu o cenho.

— É estranho que você esteja me perguntando isso agora — comentou ele. — Considerando que estamos presos aqui, no meio do nada, sem nenhuma garota por perto além de... Tamara. — Um olhar de choque cruzou seu rosto. — Você e *Tamara*?

Call se arrepiou.

— Parece tão improvável assim?

— Parece — respondeu Jasper. — Tamara é sua amiga. Ela não está... ela não gosta de você assim.

— Porque sou o Inimigo da Morte? — Call se irritou. — Porque sou podre por dentro e não mereço ficar com ela? Obrigado, Jasper. Muito obrigado.

O garoto olhou para Call sem falar por um longo tempo.

— Sabe por que eu e Celia terminamos?

— Ela se cansou da sua cara?

— Eu contei que ia visitar você na prisão, e ela falou que eu não podia. Disse que você era o Inimigo da Morte, que era um assassino. E que eu teria que escolher entre vocês dois.

Call piscou os olhos. Parte dele sentiu mágoa, mesmo agora, pelas palavras de Celia, uma dor profunda e distante. O restante estava chocado com Jasper.

— *Você* me defendeu?

Jasper pareceu arrependido de ter aberto a boca.

— Não gosto que me digam o que pensar.

Call não queria se sentir grato a Jasper, mas não conseguiu evitar. Estava extremamente agradecido.

— Obrigado, cara.

Jasper descartou o agradecimento com um aceno.

— Sim, sim, mas o que estou tentando destacar é que, quando digo que Tamara não gosta de você, não estou dizendo que você seja má pessoa. Só acho que ela... Bem, Call, só acho que ela gostava de *outra pessoa,* se é que você me entende.

Aaron. Ele estava falando de Aaron.

Queria protestar e dizer que *Anastasia* achava que Tamara gostava de Call, mas podia imaginar como Jasper responderia a isso — dizendo que, na melhor das hipóteses, Anastasia não fazia ideia do que estava falando, e que certamente não parecia especialista no amor. Somado a isso, Tamara não havia olhado para ele naquela manhã, e não tinha falado muita coisa desde o beijo. E também não havia mencionado como se sentia em relação a Call, só que achava que sabia.

Jasper pareceu pensativo.

— E se ela o beijasse, provavelmente seria por não querer morrer sozinha, e porque ela respeita Celia demais para se atirar em mim.

Não foi nada disso, Call queria dizer.

— Mas eu ainda posso pedir Tamara em namoro, certo? — perguntou Call.

Afinal, mesmo que tivesse sido um erro, talvez fosse um erro que ela quisesse repetir algumas vezes.

— Pode, se quiser ser rejeitado — respondeu Jasper. — Mas relaxe. O mar está cheio de peixes. Existe um chinelo velho para todo pé cansado. Até para o seu.

Call quis socar a cara de Jasper, o que era confuso, porque ainda se sentia grato por Jasper ter sido dispensado por sua causa.

De má vontade, Call percebeu que o conselho do garoto não faria a sensação estranha em seu estômago melhorar. Na verdade, tinha até piorado.

↑≋△○@

Os dias seguintes passaram em um borrão de teoria do caos. Mestre Joseph dava aulas para Call e Alex pela manhã, e depois os deixava fazendo experimentos durante toda a tarde enquanto ministrava aulas para Tamara, Jasper e os outros alunos.

Call precisava admitir que Mestre Joseph era um professor empolgante. Ele queria que experimentassem coisas, testassem novas ideias, e não era particularmente preocupado com riscos. Call aprendeu muito sobre o caos, aprendeu a segurá-lo nas mãos,

manuseá-lo e moldá-lo. Aprendeu a trazer criaturas do caos pelo vazio e a mantê-las com ele durante todo o dia, formas escuras que passavam por suas pernas e deixavam Devastação agitado. Aprendeu a olhar para o vazio em si, um lugar de sombras para onde quanto mais se olhava, mais as sombras pareciam ser justamente o oposto, feitas de todas as cores de uma vez, girando nos olhos de Call.

À noite, jantavam juntos. Às vezes Mestre Joseph cozinhava. Outras, encomendava comida a um de seus capangas. Naquela noite, estavam comendo frangos deliciosamente fritos com muitos acompanhamentos. Call mordiscava um osso de modo pensativo. O Mal definitivamente tinha a culinária a seu lado.

— Amanhã — começou Mestre Joseph — vou passar o dia todo fora, então gostaria que vocês dois, Call e Alex, se concentrassem nas experiências. Quanto a vocês, Jasper e Tamara, lhes deixarei alguns exercícios.

Tamara buscou o olhar de Call do outro lado da mesa, mas ele não conseguia mais interpretar seus olhares. Ela provavelmente queria dizer *Ótimo, Mestre Joseph vai passar o dia fora, então devemos vasculhar a casa*, mas ele queria que ela estivesse dizendo *Ótimo, ele vai estar fora, então podemos dar uma escapada e ficar juntos.*

Não tinham mais se beijado desde o dia no quarto de Jericho, e Call estava começando a ficar um pouco enlouquecido. *Ela gostava de outra pessoa*, dissera Jasper. *Se ela o beijasse, provavelmente seria por não querer morrer sozinha*. Suas palavras assombravam Call.

Ele realmente precisava parar de pensar em Tamara quando sua fuga e suas vidas corriam risco? Provavelmente.

Jasper dava piscadelas e tentava comunicar alguma coisa do outro lado da mesa. *Depois do jantar*, disse ele silenciosamente. *No meu quarto*.

Alex olhou para eles preguiçosamente. Call jamais conseguia precisar quanta atenção Alex prestava a qualquer coisa que faziam. Ele parecia ter as próprias questões, que envolviam se trancar no quarto — que ficava no outro extremo da casa — manipulando

metais pesados e colecionando casacos de grife com caveiras estampadas.

Depois do jantar, Call e Tamara seguiram para o quarto de Jasper. A maioria dos cavalos de pelúcia tinha sido guardada embaixo da cama, e o quarto parecia estranhamente vazio.

— O que está acontecendo, Jasper? — perguntou Tamara, com as mãos nos quadris. Ela usava um vestido azul pastel, e o cabelo solto lhe caía pelos ombros.

— Amanhã — respondeu Jasper. — Temos que sair por pelo menos algumas horas durante a tarde. Precisamos distrair Alex e talvez Hugo.

— Por quê? — indagou Call.

— Porque temos que ver uma coisa — respondeu Jasper. — Mestre Joseph entra e sai daqui montado em elementais, mas eles não aterrissam perto da casa. Vi um aterrissando uma noite dessas e segui para ver o local.

— Sério? — Tamara estava incrédula. — Por que não nos levou junto?

— Um lobo solitário caça sozinho — argumentou Jasper. — Além disso, não dava tempo de chamar vocês. Enfim, eu não encontrei o elemental. Mas achei outra coisa.

— O quê? — perguntou Call.

Mas Jasper balançou a cabeça. Parecia perturbado.

— Terão que ver com os próprios olhos. Não quero falar nisso aqui.

Por mais que Call e Tamara pressionassem, ele não disse mais nada, porém os fez prometer que parariam o que estivessem fazendo para se encontrar com ele no dia seguinte, antes do almoço, perto da trilha onde passeavam com Devastação.

— É melhor levarmos Devastação também — comentou Call. — Ele pode ser nosso álibi se alguém perguntar o que estamos fazendo do lado de fora.

Tamara franziu a testa.

— Você acha que consegue se livrar de Alex?

— Sem problema — respondeu Call, embora duvidasse de que, de fato, não fosse ser um problema.

— Tudo bem. Estou indo dormir, então — disse Tamara. — Estou exausta.

Ela foi para a porta, depois parou, virou e beijou a boca de Call.

— Boa noite — desejou com um pouco de timidez, e praticamente saltitou para fora do quarto.

Jasper encarou Call.

— Caramba! — exclamou, depois que a porta se fechou.

Call não disse nada. Estava chocado e em silêncio. Então, pigarreou porque todas as suas terminações nervosas pareciam expostas.

— Agora você sabe por que preciso de conselhos.

Jasper riu para si mesmo.

— Você tem problemas sérios — avisou ele. — Sinto muito por você, filho.

— Sai fora, Jasper. Você não está ajudando.

— Estamos no *meu* quarto — observou Jasper.

Call tinha que admitir que era verdade. Ele voltou para o próprio quarto e ficou acordado praticamente a noite inteira. Sonhando vez por outra que Aaron estava de pé outra vez, e que ele e Tamara estavam se afastando de Call para nunca mais voltar.

↑≋△○@

O dia seguinte chegou, e quis o destino que estivesse nublado, com ameaça de chuva por toda a manhã.

Alex parecia estar com um humor particularmente ruim. Call franziu o cenho para ele ao tentarem, sem sucesso, formular novas ideias a fim de ressuscitar um arminho que não fosse nem Dominado pelo Caos nem estivesse prestes a explodir.

Call viu uma oportunidade de se afastar. Se ao menos pudesse utilizar seu superpoder de ser irritante, Alex provavelmente se retiraria por conta própria.

A primeira coisa que Call fez foi começar a cantarolar, desafinado, para si mesmo enquanto examinava os livros de alquimia que Mestre Joseph separara para eles. Alex o encarou.

Em seguida, Call pegou um livro histórico sobre um Makar chamado Vincent de Maastricht — um dos poucos que não tinha

sido relegado ao porão — e começou a ler em voz alta:

— Pouco se sabe sobre os métodos empregados por Vincent para garantir os corpos para seus experimentos, mas acredita-se que...

— Vamos voltar ao trabalho? — interrompeu Alex.

Call fingiu não o escutar até Alex lhe arrancar o livro. Depois olhou com indiferença.

— Hein?

— Eu disse que é melhor voltarmos ao trabalho — aconselhou Alex, nitidamente tentando lançar seu melhor olhar de Suserano do Mal a Call.

O garoto bocejou exageradamente.

— Eu estou trabalhando. Estou pensando coisas grandiosas. Afinal de contas, *eu sou* Constantine Madden. Se alguém vai descobrir como despertar os mortos, serei eu.

— Você? — Alex mordeu a isca, sua voz murchando. — Tudo o que você quer fazer é coisa chata. Poderíamos estar produzindo mais Dominados pelo Caos. Poderíamos estar tentando trazer *pessoas* de volta do reino dos mortos, em vez de arminhos. Poderíamos até tentar moldar carne e fabricar alguma coisa totalmente nascida do caos. Constantine Madden não passaria o dia sentado sem fazer nada. Isso é um tédio, assim como você.

— Vá catar coquinho — disse Call, sentindo-se um pouco estranho em relação ao insulto logo após verbalizá-lo. — Você não sabe o que Constantine faria.

— Sei o que ele *deveria* fazer — rebateu Alex, dando as costas a Call e se retirando.

Aquilo foi ameaçador o suficiente para preocupar Call, mas ele não tinha tempo para isso. Em vez disso, tinha que encontrar Jasper e Tamara. Ao que parecia, conseguira a tarde livre. Só não estava muito certo de quanto isso iria lhe custar.

↑≋△○@

Tamara e Jasper o aguardavam, olhando para a água do jardim da frente. Ao caminhar em sua direção, imediatamente pararam a conversa que estavam tendo, e Call teve a sensação desconfortável

de que falavam dele. Podia apostar que Jasper tinha muito a dizer sobre ela tê-lo beijado... e nada era coisa boa.

— Tem certeza de que Alex não seguiu você? — perguntou Jasper, enquanto Devastação pulava em Call para colocar as patas em seu peito.

Call olhou nervoso por cima do ombro.

— Acho que não.

— Vamos — chamou Tamara. — Antes que alguém nos veja.

Jasper pareceu ansioso enquanto atravessavam o bosque. Ele estava tão tenso que, quando Devastação caçou preguiçosamente uma borboleta, ele deu um salto.

— Aqui — disse ele, conduzindo-os por um bosque.

Do outro lado, havia o que lembrava uma pedreira antiga. Era talhada direto no morro, com água acumulada no fundo, como se alguém tivesse conseguido perfurar através da base da ilha e o mar minasse por baixo.

— O que estavam extraindo? — perguntou Tamara. Em seguida, cerrando os olhos, ela respondeu a própria pergunta. — Parece granito.

— Tem uma trilha na lateral — avisou Jasper, apontando para uma área que descia.

Era ampla o suficiente para abarcar um veículo, mas também íngreme o bastante para Call ficar com medo de tropeçar e rolar até lá embaixo. Ele se segurou em galhos enquanto passava.

— Precisamos mesmo descer por aí? — perguntou. — Não pode simplesmente nos contar o que viu?

Jasper balançou a cabeça, sombriamente.

— Não, vocês precisam ver com seus próprios olhos.

Levaram um tempo para chegar até a água. Tamara segurou a mão de Call e o ajudou a descer, o que foi gentil e também um pouco constrangedor. Ela sabia sobre sua perna e o tinha beijado assim mesmo, então, isso não devia incomodá-la. Mas Callum não tinha tanta certeza de que não incomodasse a ele mesmo.

Assim como não tinha tanta certeza quanto ao que os beijos haviam significado. Jasper estava muito convencido de que Tamara não gostava dele, e Anastasia do oposto. Mas Tamara o beijou *na frente* de Jasper e isso tinha que contar alguma coisa.

Call precisava falar algo. Ele não sabia quando ficariam sozinhos novamente.

— Hum — disse ele, com sua incrível habilidade de conversação.

Tamara olhou para ele, nitidamente esperando por algo.

Call tentou se lembrar das dicas de Jasper, sobre como fazer garotas gostarem de alguém, mas tudo o que conseguia se lembrar era de que não devia piscar, e, como Tamara estava andando a seu lado, ele não sabia nem se ela conseguia notar.

— A gente está saindo? — perguntou Call, finalmente. Quando ela não respondeu de pronto, ele continuou: — Eu sou seu namorado?

Então, ele se deu conta de que teria que afastar a mão porque estava começando a suar. Enquanto o silêncio se estendia, Call começou a pensar que cair rolando pela colina não seria a pior coisa do mundo. Pelo menos, significaria uma mudança automática de assunto.

— Você quer ser meu namorado? — indagou por fim Tamara, olhando-o de viés através dos longos cílios.

Pelo menos, essa não seria a primeira vez que ele faria papel de trouxa na frente dela.

— Quero — respondeu.

— Tudo bem. — Tamara lhe lançou um sorriso brilhante. — Serei sua namorada.

Na resposta, Call escutou qual teria sido a pergunta certa: *Quer ser minha namorada?* Mas ela não parecia irritada. Simplesmente apertou sua mão e o fez sentir, por um instante, que coisas boas podiam acontecer, mesmo com ele.

Você errou!, ele queria gritar para Jasper. *Ela gosta de mim, afinal! Não de Aaron, de mim!*

A trilha acabou, desembocando em uma praia de areia onde a água batia contra pequenos pedaços de granito. Era bonita — ou teria sido, pensou Call, até ver o que havia *embaixo* da água.

Inicialmente, pareceram pedras, como o fundo raso da pedreira, exceto pelas profundezas escuras entre elas. Não. O que Call via eram cabeças, cabelos esvoaçando na corrente, como algas. Centenas — não, milhares — de corpos Dominados pelo Caos.

Todos em fileiras organizadas, esperando pela invocação que os levaria de volta à batalha.

Call parou, fazendo Tamara parar a seu lado. Eles soltaram as mãos e encararam. Jasper já estava na beirada da água, apontando para baixo.

O vento soprou o cabelo de Call em seu rosto. Ele o afastou com a mão. Não conseguia parar de olhar.

— São muitos — sussurrou Tamara. — Como... Alex não fez todos estes.

— Não. — Jasper continuava olhando para a água. — Agora vocês sabem por que eu queria que vissem com os próprios olhos.

— Constantine fez — disse Call. — Eu sei.

Ele não conseguia explicar exatamente como sabia. Não tinha lembranças da vida de Constantine. Mas vinha lendo o que Jericho dissera sobre o irmão, e tinha os próprios sentimentos. Ele *sabia*.

— Durante todo esse tempo, achávamos que só existiam os Dominados pelo Caos que vimos — disse Tamara, com um tom preocupado na voz. — Mas há muitos mais.

— Todo mundo disse que a maioria havia sido destruída na Guerra dos Magos — comentou Jasper.

— Tenho certeza de que a maioria dos que foram para a batalha foram destruídos — disse Call. — Mas ele teria feito mais. Constantine era precavido. Ele queria um exército grande o bastante para marchar sobre o Magisterium, o Colégio, a Assembleia, tudo.

— Temos que destruí-los — declarou Tamara, com uma voz mais segura. — Se todos nós usássemos fogo elementar... mas... Não, não podemos queimá-los embaixo da água. Talvez uma bomba?

Call sentiu uma onda de afeição por Tamara. Ela não pensava pequeno.

— Ou Call pode comandá-los a se autodestruir — sugeriu Jasper.

— Se eles realmente forem meus... de Constantine — argumentou Call, de repente tomado pela dúvida.

Então, se virou novamente para a água. Os Dominados pelo Caos continuavam parados, feito árvores que haviam crescido embaixo da água da pedreira. Como se já estivessem ali quando o

buraco inundou; nunca tivessem saído, como aquelas cidades que submergem quando reservatórios são construídos.

Call estendeu a mão, a palma voltada para a frente.

— Dominados pelo Caos! — chamou. — Ergam-se! Venham até seu criador!

Silêncio. O vento frio soprou. Call já estava acreditando que tivesse errado, quando a superfície da água começou a se mexer e escurecer. Estavam se movendo. Os Dominados pelo Caos estavam se movendo sob a superfície. Jasper gritou quando uma cabeça surgiu da água próxima a seus pés. Era um homem, o rosto encharcado, olhos arregalados e cegos. Ele começou a se virar na direção de Call.

Tamara pegou o braço do garoto.

— Agora não — pediu ela. — Faça com que voltem para baixo.

Call olhou nos olhos vazios do Dominado pelo Caos.

— Quais são suas ordens? — perguntou Call.

Quando o Dominado pelo Caos respondeu, Call soube que Tamara e Jasper só ouviriam rugidos e rosnados sem sentido. Mas ele ouvia palavras. A língua que compartilhava com os mortos, aquela que mais ninguém falava.

— Erguer — disse o Dominado pelo Caos. — Destruir.

— *Call* — exigiu Tamara.

Ele se virou para ela.

— Eles são perigosos.

— Eu sei — admitiu ela. — Agora faça com que voltem para baixo.

— O momento não chegou — disse Call a eles. — Voltem para a água e esperem.

Em consonância, os Dominado pelo Caoss desapareceram para baixo da superfície outra vez. A mente de Call disparou. Ele podia ordenar que destruíssem uns aos outros. Talvez até pudesse mandá-los de volta ao vazio se abrisse um portal. Mas, com todos eles sob seu comando, poderia destruir a casa de Mestre Joseph, reduzi-la a pó. Poderia destruir tanto Alex quanto Mestre Joseph. Talvez também fosse nisso que Tamara estivesse pensando.

Tinha apenas um problema: Aaron.

— Temos que alertar alguém — decidiu Jasper. — Precisamos ir embora daqui.

— Você consegue comandar todos esses Dominados pelo Caos? — perguntou Tamara.

Call anuiu, mas sentiu um aperto no coração.

— Ótimo — disse Tamara, traçando planos enquanto caminhavam de volta para casa. — Iremos embora hoje à noite, e levaremos o exército de Mestre Joseph conosco. É assim que você vai limpar seu nome, Call! Ninguém poderá duvidar de você se levar a vitória à Assembleia.

Por um instante, o garoto foi induzido a se imaginar na liderança heroica de um exército de Dominados pelo Caos, um exército que comandara a se ajoelhar diante da Assembleia. Talvez eles realmente o aceitassem de volta. Talvez ele realmente pudesse ser perdoado.

Mas, se partissem esta noite, deixariam Aaron para trás.

E, por mais que Call tivesse aprendido muito sobre a magia do caos e muito sobre preencher almas com esse elemento, ainda não havia descoberto como despertar Aaron dos mortos. E depois que escapassem da ilha, não haveria como ressuscitá-lo.

A não ser que fizesse isso aquela noite.

↑≋△○@

Foi mais fácil se desvencilhar de Tamara e Jasper do que tinha sido se livrar de Alex. Call apenas disse que iria se encrencar se não fosse, e nenhum dos dois o questionou.

Uma vez sozinho, pegou o diário de Jericho e foi até a saleta. Se antes tinha passado os olhos em busca de experimentos e segredos, agora lia com fervor. Se Jericho soubesse de *qualquer coisa* que pudesse oferecer a Call alguma pista sobre como trazer Aaron de volta, então ele precisava encontrá-la. Enquanto as páginas passavam, um senso de pavor o preencheu. Então, Call chegou a uma anotação que fez seu sangue gelar:

Não existe ninguém para quem eu possa contar como me sinto, mas a cada dia fico mais cansado e tenho mais medo do futuro. Logo que me tornei o contrapeso de Constantine, parecia ser uma

honra muito grande manter meu irmão mais velho em segurança. Mas nenhum de nós realmente entendia o que um contrapeso podia fazer.

Mas, então, Constantine aprendeu a extrair de minha alma regularmente, sem comprometer a dele. Ele me esgota até quase a morte, diversas vezes. Depois, devolve só um pouco de minha força, quase nem é o bastante para me manter consciente, e é pouco demais para permitir que eu realize qualquer magia por conta própria. Temo que minha alma seja inteiramente gasta antes que ele perceba o que está fazendo. Ele nem sempre foi assim, mas mudou muito no último ano, e sinto que não o conheço. Estou com tanto medo, e ninguém acredita em mim, tomados que estão pelo encanto de Constantine.

Call virou mais algumas páginas.

Detesto tudo que envolve trazer animais para os experimentos de Constantine, mas trazer corpos humanos de hospitais é ainda pior.

Call virou a página, com relutância. Era como ler um livro de terror, porém mais assustador. Um livro de terror sobre você mesmo.

Não sou Constantine, disse a si mesmo. Mas estava mais difícil agora. Anastasia achava que ele era Constantine. Assim como Mestre Joseph. A única pessoa que realmente não compartilhava dessa opinião era Tamara. Ela acreditava que ele fosse Call, uma pessoa independente. Aaron também acreditava nele. E veja no que deu...

Uma coisa terrível aconteceu. Eu estava cansado demais para trazer um corpo do cemitério para Constantine, então ele invocou um elemental do ar e nos levou para o hospital. Aterrissamos no heliporto, e ele riu disso. Ele me ajudou a descer as escadas e, por um instante, pareceu que era novamente o irmão de quem eu me lembrava, o irmão que cuidava de mim. Perguntei por que tinha me trazido com ele, e ele disse que só queria que nos divertíssemos juntos.

Passamos direto pelo necrotério e entramos no corredor do CTI. Ele utilizou magia do ar para disfarçar nossa presença para as enfermeiras. Foi arrepiante estar entre todas aquelas pessoas doentes que não sabiam que estávamos ali.

Entramos em um quarto onde havia uma senhora deitada com os olhos fechados e um tubo na garganta. Os olhos de Con brilhavam. Entendi o que ele queria fazer, mas era tarde demais.

— Con, ela não está morta.

— Mas talvez essa seja a chave — disse ele. — Ela está quase morta. Talvez seja preciso colocar o caos dentro dela enquanto ainda há um sopro de vida.

— Deixe essa mulher em paz — pedi. — Ela está viva.

Fiquei repetindo enquanto ele me empurrava de lado e esticava a mão para ela. Caos sombrio derramava de seus dedos. Vi o corpo da mulher balançar e tremer.

Senti alguma coisa me beliscar no peito. Engasguei e caí de joelhos no exato instante em que a senhora abriu os olhos; estavam vazios, mas girando em cores, como os olhos dos animais Dominados pelo Caos. Eles se fixaram em mim, e de algum modo achei que ela tivesse me reconhecido. Jericho*, diziam seus olhos.* Jericho.

Constantine não estava me usando só pela energia, percebi. Ele estava usando pedaços de minha alma... como se fossem pilhas, enfiando-as nos Dominados pelo Caos, nessa mulher, como um choque elétrico capaz de trazê-la de volta à vida.

Não vi a mulher morrer. Deu para ouvir Con exclamando irritado por ela ter morrido. Mais uma experiência fracassada. Tudo o que pude fazer foi imaginar como minha alma estava, agora que meu irmão a despedaçara.

Call deixou o diário de lado. Estava respirando tão forte que havia ficado tonto. As palavras no papel eram como um tapa na cara. Ele conhecia Constantine Madden como o Inimigo da Morte, a causa do falecimento de sua mãe, o monstro com quem a Assembleia preferia manter uma trégua por medo de recomeçar a guerra, mas, mesmo assim, isso era terrível de um modo diferente. Era pessoal — o que ele fizera com o irmão, arrancando pedaços de sua alma. Constantine não tinha feito isso para salvar alguém que amava. Não tinha matado aquela mulher por desespero. Foi um experimento. Só porque estava curioso. E era cruel.

Constantine Madden não fora levado a fazer escolhas terríveis em função da dor. Vinha fazendo escolhas horríveis desde muito

antes da morte do irmão.

E, por mais que Mestre Joseph o tivesse influenciado no início, ele evidentemente havia se encaixado muito bem com o mal.

Call foi até a janela, olhando para o sol da tarde que tingia a grama. Temia que fosse vomitar. Sentia-se como se houvesse uma tempestade em sua cabeça.

Mas, após alguns instantes, voltou a recobrar os sentidos. E depois, alguns minutos mais tarde, algo novo lhe ocorreu. Durante anos, Call temeu ser sarcástico demais, maldoso demais e excessivamente disposto a seguir pelo caminho mais fácil. Imaginava uma linha acumulando Pontos de Suserano do Mal demais, desde não tirar o lixo ou comer a última fatia de pizza até liderar um exército de Dominados pelo Caos.

No entanto, ele sabia que jamais faria o que Constantine fizera com Jericho; jamais roubaria pedaços da alma de alguém que amasse. Jamais mataria alguém sem motivo. Se ser mau era isso, ele não seguiria esse caminho por acidente.

Talvez devesse parar de se preocupar com estar se tornando Constantine Madden e passar a se preocupar com Alex. Alex, que queria poder e não tinha medo de matar para isso. Alex, que poderia estar disposto a fazer tudo o que Constantine havia feito e mais.

Tamara e Jasper tinham razão: precisavam ir embora da ilha, e rápido, antes que Alex se acostumasse com o que seu poder podia fazer, antes que Mestre Joseph deixasse de acreditar em Call e utilizasse o Alkahest.

Porém, mesmo com toda a maldade, Constantine estava certo em relação a uma coisa: a morte não era justa. Aaron não devia ter morrido, e, se Call pudesse trazê-lo de volta, trazê-lo de volta à *vida*, não como um Dominado pelo Caos, então, alguma coisa boa resultaria dos terríveis experimentos de Constantine, de sua guerra terrível.

Para isso, ele precisaria decifrar o código. Ao longo dos dias em que passaram ali, Call tinha ouvido e lido sobre tantos dos experimentos realizados por Constantine. Em que ele não tinha pensado?

Tinha que haver alguma coisa, alguma pista.

Call pensou no registro que havia lido no diário, no qual Jericho falava ter-se visto espelhado no rosto da mulher; como se ela estivesse sendo animada por um pedaço de sua alma.

Tinha algo ali, algo que cutucava os pensamentos de Call.

Quando ele era bebê, Constantine devia ter feito alguma coisa bem parecida com isso — colocado toda a sua alma no corpo de Callum Hunt. Por que aquilo tinha funcionado?

Call franziu o rosto, se concentrando.

E depois, de repente, teve uma ideia. Uma ideia de fato, não uma dessas ideias tropeçando-no-escuro, talvez-funcione, do tipo que ele e Alex perseguiam com suas experiências infrutíferas.

Enfiando o diário no bolso da camisa de flanela, Call foi até a sala de experiências onde Aaron estava sendo mantido, e fez aquilo que vinha evitando: aproximou-se da mesa e removeu a coberta de cima de seu rosto.

— Espero que me perdoe — pediu.

Se ele fizesse aquilo direito, tudo ficaria bem. Todos poderiam fugir para o Magisterium, e Call eventualmente nem seria preso, considerando que não havia como prender alguém pelo assassinato de uma pessoa viva. Retornariam triunfantes, com o exército de Dominados pelo Caos de Mestre Joseph. E, se Tamara só queria ser namorada de Call por estar abalada pelo luto ou coisa do tipo, como Jasper pensava, bem, então talvez ela passasse a gostar do garoto. Talvez Call pudesse convencê-la.

Desde que Aaron estivesse bem, Call tinha certeza de que ela o perdoaria pelas medidas necessárias a fim de que isso acontecesse.

A sala estava cheia de sombras. Aaron, ali sobre a mesa, tinha seu rosto morto branco como cera. Parecia Aaron e não parecia. O que quer que conferisse a Aaron sua personalidade e sua força havia desaparecido.

Sua alma, disse Call a si mesmo. *Chame do que é.* Ele não acreditava em almas antes de estudar no Magisterium, mas Mestre Rufus havia lhe ensinado a enxergar a de Aaron.

Call pousou as mãos no peito de Aaron. Já o tinha tocado antes, na presença de Alex, mas agora parecia estranho. Como se ele estivesse se despedindo do amigo.

Mas não estava. Muito pelo contrário. Tinha afastado sua mente dos caminhos sombrios que ela queria seguir, os caminhos que o lembravam de que estava sozinho na sala com um cadáver. Lembranças de todos os filmes de terror que já assistira competiam para assustá-lo. *Esse é Aaron*, lembrou a si mesmo. *A pessoa menos assustadora que eu conheço*.

Constantine tinha utilizado a alma do irmão, lhe arrancara pedaços para seus experimentos. Mas o que não havia feito era o que Call estava prestes a fazer. Não tinha utilizado um pedaço da *própria* alma.

Call manteve as mãos no peito de Aaron e vasculhou no fundo de si. Tentou se lembrar de como era ver a alma do amigo. Pensou no que o tornava ele — suas primeiras lembranças: o rosto de Alastair, as ruas da sua cidade, o asfalto rachando sob seus pés. Os portões do Magisterium, a pedra preta em sua pulseira, o jeito como Tamara olhava para ele. A sensação da magia de Aaron puxando-o a partir do peito, como era ser um contrapeso, a escuridão do caos...

Escuridão em forma de fumaça se espalhou a partir de seus dedos, derramou sobre o peito de Aaron, como tinta, contornando seu corpo.

Call engasgou. A energia parecia vazar dele através das mãos, fazendo seu corpo vibrar. Dava para sentir a própria alma pressionando o interior das costelas.

Ele fechou dedos imaginários em torno dessa alma e a pressionou. Foi como se uma faísca tivesse saltado e atravessado suas veias, penetrando em Aaron. O corpo de Aaron estremeceu; espasmos percorreram suas mãos, seus pés bateram contra a mesa de metal.

Call estava ensopado de suor, estremecendo dos pés à cabeça. A faísca estava dentro de Aaron; Call podia sentir. Conseguia até enxergar. Aaron tinha começado a brilhar de dentro, como se uma luz tivesse sido acesa em seu interior. Sua boca abriu, e ele respirou profunda e lentamente.

Callum entrou em pânico, imaginando ter jogado caos em outro corpo, lembrando-se de como os olhos de Jennifer Matsui tinham aberto e girado infinitamente com o caos.

— Por favor — implorou a Aaron. — Seja você. Lute para ser você. Por favor.

Se Aaron retornasse como um Dominado pelo Caos, Call jamais se perdoaria.

Eu não devia ter feito isso, pensou. Era arrogante; era arriscado demais. No entanto, depois de ler o diário, Call teve tanta certeza de que não era como Constantine... E talvez não fosse, pois nem Constantine chegou a experimentar de fato em Jericho. Até Constantine era mais sensato que isso.

O peito de Aaron subiu e desceu, como se estivesse dormindo, mas ele continuou de olhos fechados.

— Aaron — chamou Call, baixinho. — Aaron, por favor, seja você.

Então, Aaron se mexeu, passando a mão no vazio, rolando o corpo. Ele virou para o lado, se sentou e, com um tremor, abriu os olhos.

Não estavam reluzindo.

Não exibiam nada, além de um verde claro e firme.

— Aaron? — Call tinha a sensação de que mal conseguia produzir qualquer som.

— Call — disse Aaron.

Não soou como ele mesmo; ainda não. Talvez por sua garganta não ser usada há tanto tempo, mas havia um estranho vazio na maneira como falava, uma estranha falta de inflexão.

Call não se importou. Aaron estava vivo. O que quer que houvesse de errado com ele, agora poderia ser consertado. Call jogou os braços no amigo, sentiu a pele aquecer enquanto seu corpo se mexia com mais firmeza. Deu-lhe um abraço forte.

Aaron estava com um cheiro estranho, não de coisa morta ou podre, mas como ozônio, como o ar após a queda de um raio.

— Você está bem! — exclamou Call, como se dizer essas palavras as tornasse reais. — Você está bem! Está vivo e bem!

O braço de Aaron foi para as costas de Call, afagando-o no ombro. Mas, quando Call recuou, o rosto de Aaron estava pálido e tenso. Ele olhou em volta sem conseguir reconhecer.

— Call — falou com a voz rouca. — O que você fez?

CAPÍTULO DEZ

— Está tudo bem — tranquilizou Call.

Ele pegou as mãos de Aaron. Estavam frias, mas não *geladas*. Definitivamente, eram mãos vivas. Call sabia que era preciso esfregar as mãos das pessoas para aquecê-las, então, foi o que fez.

Aaron olhou em volta. Movia-se muito lentamente, como se todos os seus músculos estivessem duros.

— Onde estamos?

— Você precisa se concentrar apenas em melhorar — disse Call.

— Melhorar? — Aaron sem dúvida soava como alguém que estava acordando após um longo sono, mas fazia sentido. — Quando eu fiquei doente?

Call não sabia como responder a essa pergunta. Em vez disso, perguntou:

— Qual é a última coisa da qual você se lembra?

— Estávamos no bosque — disse Aaron. A cor começava a voltar para seu rosto. Os olhos estavam verdes, como sempre foram, sem qualquer indício de cores giratórias. E nenhum Dominado pelo Caos era capaz de conversar, Call lembrou a si mesmo. Não assim, com frases completas e normais. — Estávamos procurando por Tamara...

Ele franziu o nariz, pensativo. Call soltou suas mãos, e Aaron flexionou os dedos. Mãos normais, pele corada, pulsação na garganta... o coração de Call estava acelerado. Tinha conseguido, trouxera Aaron de volta, havia conquistado o impossível...

— E, depois, Alex nos traiu — continuou Aaron. Estava franzindo mais o cenho. — Ele era o traidor, o tempo todo. Ele tinha o Alkahest. E nos fez ajoelhar...

Opa. Calma. Call notou que as coisas estavam prestes a ficar ruins.

— Aaron, tudo bem. Você não precisa...

Mas Aaron tinha começado a tremer. Não tremores leves, como se estivesse com frio, mas espasmos que faziam todo o seu corpo se encolher. Ele agarrou a borda da maca.

— Nós nos ajoelhamos — continuou ele. — Aconteceu uma explosão. Você foi jogado para longe de mim. Vi a luz branca do Alkahest. Ela preencheu o céu. Call... — ele ergueu os olhos verdes assombrados. — O que aconteceu? Por favor, me diga que não foi o que estou pensando.

Call só conseguiu balançar a cabeça. Aaron fitava as próprias mãos. Estavam pálidas e pareciam normais para Call. Mas Aaron parecia ter repulsa a elas.

Call, então, percebeu o que Aaron via: suas unhas tinham crescido e estavam longas e endentadas. *Unhas e cabelos crescem após a morte*, lembrou-se Call. O cabelo de Aaron também estava comprido, ondulando abaixo das orelhas.

— Call — chamou Aaron. — Eu estava... eu estava...?

Ele o interrompeu, desesperadamente.

— Não temos tempo. Precisamos dar o fora daqui. Temos que sair antes que alguém nos encontre. Aaron, por favor!

O garoto hesitou... depois, assentiu. O desespero na voz de Call pareceu ter vencido suas suspeitas. Ele deslizou para fora da maca, aterrissando sobre pés descalços.

Suas pernas fraquejaram instantaneamente. Ele caiu encolhido no chão e rolou, resmungando. Call se inclinou sobre o amigo enquanto Aaron se curvava encolhido e agoniado. Seu cabelo estava grudado de suor na testa.

— Minhas pernas... elas estão *queimando*...

Uma risada atravessou o recinto. Uma risada alta, dura e incrédula.

— Você só pode estar brincando.

Call se esticou. Era Alex, em mais uma de suas roupas pretas, parado na entrada. O coração de Call despencou.

Aaron se apoiou nas próprias mãos, ajoelhando. Estava com uma cor branca que parecia cera.

— Você não — disse ele. — Você não pode estar aqui. Não.

— Nunca achei que você fosse fazer. — Alex entrou na sala. — Nunca achei que teria a coragem, Constantine Júnior.

Call se colocou entre Aaron e Alex.

— Fique longe dele... de nós — exigiu Call.

— Certo. — Alex falou de maneira arrastada. — Vou apenas me retirar e fingir que você *não* acabou de ressuscitar um morto, coisa que literalmente ninguém jamais conseguiu antes...

Aaron gritou.

Foi um barulho horrível. Tanto Call quanto Alex recuaram ao ouvirem o uivo animalesco que saiu da garganta de Aaron. Ele arranhou o chão, com os ombros tremendo, mas não havia lágrimas em seu rosto. Não estava chorando.

— Aaron! — Call se ajoelhou. — Você precisa se acalmar. Por favor, se acalme.

Aaron perdeu a força.

— Estou morto — sussurrou. — Eu *morri*. É por isso que tudo parece cinzento e... e horrível...

As portas se abriram. Mestre Joseph invadiu a sala, seguido por Jasper e Tamara. Estava com a mão erguida, com um núcleo de fogo ardendo na palma. Tinha vindo em resposta ao grito de Aaron, mas agora estava parado, olhando chocado para ele. Mestre Joseph, de repente, pareceu muito mais velho, com a pele esticada demais, a boca reta.

— Meu Deus! — exclamou ele.

Alex soltou um riso amargo.

— Nada relativo a Deus aqui.

— Levante-o — pediu Mestre Joseph, com a voz rouca. — Ponha-o de pé. Preciso ver que ele está vivo.

Call deu uma volta para proteger Aaron, mas Alex já estava lá, puxando o menino para colocá-lo de pé. Aaron ergueu o rosto, olhando para além de Mestre Joseph, vendo Tamara e Jasper na entrada. O rosto de Jasper era uma máscara de surpresa, mas Tamara... Ela parecia ter sofrido uma longa queda e perdido todo o ar do corpo. Como se não conseguisse respirar.

— Tamara — sussurrou Aaron.

A garota colocou as duas mãos na boca e deu um passo para trás, quase batendo em Jasper, que a segurou pelo braço. Ela sacudia a cabeça para trás e para a frente, as tranças escuras chicoteando seu rosto. Call sentiu uma onda de enjoo.

— Tamara — começou a dizer.

— Quietos — disse Mestre Joseph. — Todos vocês, fiquem quietos.

Mestre Joseph olhava fixamente para Aaron, como se realmente estivesse vendo um fantasma. Como se jamais tivesse imaginado que seu plano poderia de fato funcionar. Como se jamais tivesse acreditado que Aaron fosse reviver.

— Você conseguiu — disse ele. Seu olhar estava em Aaron, mas ele obviamente falava com Call. — Eu tinha razão. Eu estava certo quando confiei a você a tarefa de despertar os mortos, Constantine. Você *conseguiu*!

— Call. — A voz de Jasper tinha se tornado um sussurro seco. — *Você* fez isso?

Callum percebeu que deveria ter planejado a ação muito melhor. Não devia ter despertado Aaron sem um jeito de tirá-lo dali, sem uma maneira de todos escaparem, como Tamara queria. Devia ter encontrado um modo de fazer isso quando a comoção não fosse acordar a casa inteira.

Mas ele não tinha ideia de que conseguiria. Não sabia quanto tempo ia levar, ou quanto isso o esgotaria.

De repente, Call se sentiu muito tonto.

Foi então que se lembrou: tinha perdido um pedaço da alma.

Percebeu que estava prestes a desmaiar. Instintivamente, esticou o braço para agarrar alguém, mas não havia ninguém.

Quando Call caiu no chão, caiu inteiramente sozinho.

↑≈△○@

Call acordou no velho quarto de Constantine. Assustadoramente, Anastasia estava sentada na ponta de sua cama, com um terno branco e um broche em uma das lapelas. Nele, uma pedra da lua piscou para o garoto.

Call conteve um berro.

Qualquer som abafado que tivesse emitido a alertou para o fato de que estava acordado.

— O que você está fazendo aqui?

Ela ajeitou as cobertas sobre seu peito.

— Mestre Joseph me contou o que você fez. Você sabe que salvou o mundo, certo?

Call balançou a cabeça.

— Mudou o conceito de ser mago. Ah, Call, você mudou tudo. Constantine não será mais lembrado como um monstro. O legado de meu filho será honrado. *Seu* legado.

Um terrível tremor percorreu o corpo de Call. Ele realmente não tinha pensado nesse tipo de consequência. E ela não entendia. O que ele havia feito não era fácil de ser replicado. Ele não podia simplesmente arrancar pedaços da própria alma o tempo todo. Não fazia ideia de como o que alcançara lhe afetaria os poderes. Talvez jamais conseguisse repetir o feito.

Mas Call afastou esse pensamento para mais tarde.

— Aaron... ele ainda está bem? — perguntou.

— Está descansando. Como você estava.

— Ele está... bravo comigo?

Anastasia piscou os olhos, confusa.

— Mas, Con, por que alguém estaria bravo com você? Você operou um milagre.

Ele lutou para conseguir se sentar. As cobertas estavam firmes sobre seu corpo.

— Preciso falar com Aaron. Preciso ver Tamara.

Anastasia suspirou.

— Tudo bem. Espere um pouco. — Ela se levantou, ajeitando o terninho. Seus olhos brilhavam. — Você não sabe o que isso significa. Não sabe quem mais poderia trazer de volta. Você penetrou as barreiras da morte, Con. Existem... existem *razões* pelas quais as pessoas queriam os Makars mortos lá no velho continente. Mas você mudou tudo isso.

Call sentiu o estômago revirar enquanto Anastasia saía do quarto. Razões pelas quais as pessoas queriam os Makars mortos? Além do óbvio? Ele não conseguia imaginar. Precisava ver Aaron. Ele jamais ressuscitaria alguém, jamais voltaria a tocar em um pedaço da própria alma outra vez. Mas reviver Aaron tinha valido a pena. Tinha que valer.

Anastasia retornou, dessa vez com Tamara, que estava com um vestido feito de rendas brancas. Ela entrou com a cabeça baixa,

sem olhar nos olhos de Call.

Anastasia foi até a porta e se retirou, apesar de Call ainda conseguir enxergar sua sombra. Ela estava no corredor, escutando.

Call decidiu que não se importava. Estava tão feliz em ver Tamara outra vez que seu corpo todo gelou e, depois, aqueceu novamente. Queria poder ver sua expressão.

— Tamara — começou ele. — Sinto muito...

Ela o interrompeu.

— Você mentiu para mim.

— Sei que está com raiva. E tem todo o direito de estar. Mas, por favor, me escute.

Ela levantou o rosto. Estava com os olhos vermelhos de choro, mas ardiam com emoção.

— Sim, você não deveria ter mentido, mas a questão não é essa, Call. E eu não estou com raiva... estou assustada.

Mais uma vez, ele sentiu um frio percorrer todo o corpo.

— Você não deveria ter feito aquilo. Não deveria ter *conseguido* fazer. Só existe uma pessoa capaz de manipular almas, e que até chegou perto de ressuscitar os mortos. Apostei tudo em você não ser o Inimigo da Morte. Tirei você da prisão por acreditar nisso. Mas me enganei. — Tamara balançou a cabeça. — Você *é* Constantine.

Call se encolheu, como se ela o tivesse acertado. Pensou nos dias em que esteve preso, acreditando que ela pudesse lhe dizer essas palavras. E agora ali estavam elas.

— Eu só queria Aaron de volta. — Call tentou explicar. — Achei que pudesse consertar as coisas.

Tamara enxugou os olhos.

— Eu também queria. Quero acreditar que ele voltou, exatamente como era antes, mas não sei...

Call começou a se levantar da cama. Suas pernas estavam fracas, mas ele se forçou a levantar, agarrando-se a um dos pés do móvel.

— Tamara, ouça. Ele não é Dominado pelo Caos. Usei um pedaço da minha própria alma para despertá-lo. É Aaron. Ele consegue falar. Tem lembranças. Ele se lembra de ter sido assassinado por Alex.

— Depois que você desmaiou, ele começou a gritar — comentou Tamara, secamente. — Simplesmente gritar e gritar.

— Ele está assustado. Qualquer um estaria. Ele está assustado e...

— Não parecia medo.

O rosto de Tamara lembrava uma estátua. Call não queria que ela tivesse razão, mas sentia um frio no estômago. Ela não era muito de errar.

— Ele é nosso melhor amigo — disse Call, a voz arranhando a garganta. — Eu não podia simplesmente deixá-lo.

— Às vezes nós *precisamos* deixar as pessoas. Às vezes acontecem coisas que não podem ser consertadas.

— Você achou que precisasse deixar Ravan. Sua família disse... todo o mundo dos magos disse que ela estava praticamente morta depois que usou magia do fogo em excesso e foi devorada pelo elemento. Mas ela foi parte do seu plano de fuga. Você confiou nela o bastante para isso. Então, deve achar que ela é sua irmã, pelo menos em parte do tempo. Você sabe que magos podem errar.

— É diferente, Call. Ela não está morta; ela foi Devorada.

— É mesmo diferente? — ele respirou fundo. — Sei que se preocupa com as implicações de meus atos, mas as pessoas odeiam Constantine porque ele foi um psicopata do mal, líder de um exército gigantesco de mortos-vivos, que tentou destruir o mundo dos magos; não porque ele queria ressuscitar os mortos. Todo mundo quer isso. Por isso Constantine teve tantos seguidores. Porque todo mundo perdeu alguém. Porque, quando perdemos alguém, parece tão sem sentido, tolo e aleatório que não existe resposta. Talvez Constantine fosse uma pessoa terrível, e talvez eu também seja. Mas posso ser a pessoa terrível que salvou Aaron.

— Espero que sim — disse Tamara. — Quero acreditar nisso. Senti tanta saudade de Aaron que tudo o que quero é acreditar que sua morte tenha sido um erro horroroso. Mas, se ele não for ele, Call, se não tiver realmente voltado, então você precisa me prometer que vai deixá-lo partir de uma vez por todas.

Call a encarou. Ela parecia triste em vez de esperançosa.

— Prometo. Eu jamais deixaria Aaron ser um Dominado pelo Caos. Jamais faria nada para machucá-lo.

Tamara pegou uma das mãos de Call e a apertou com força. Ele ficou tão agradecido e aliviado que queria abraçá-la, segurá-la, como tinha feito antes. Mas se conteve.

— Se você deixar de confiar em mim, Call, então as únicas pessoas que estará ouvindo serão Mestre Joseph e Alex. E eles não são do bem. Eles não querem o melhor para você. Nem para Aaron.

— Eu sei.

— Então, precisa confiar em mim. Se eu disser que Aaron não é ele mesmo, você precisa acreditar em mim.

— Eu vou. Confio em você. Se você disser que não é Aaron, vou acreditar em você.

— É bom mesmo — disse Tamara, indo para a porta. — Porque, se não acreditar, eu também vou parar de confiar em você.

Call voltou para a cama, se inclinando para fazer carinho na cabeça de Devastação. O lobo ganiu uma vez, como se tivesse entendido o que Tamara dissera.

Depois que ela saiu, Call sentia-se cansado demais para levantar, mas chateado demais para descansar. Queria ver Aaron, se convencer de que ele estava bem e de que Tamara se enganou, mas morria de medo de que ela pudesse ter razão. E se Aaron não tivesse realmente voltado? E se o uso da alma de Call só tivesse atrasado todo o processo dos olhos com redemoinhos? Pensamentos sombrios preencheram sua mente até que Call ouviu mais uma batida na porta.

— Pode entrar — disse, certo de que seria Anastasia, com mais afirmações arrepiantes sobre quão incrível ele era.

Para sua surpresa, era Alex.

Ele vestia ainda mais preto que antes, se é que era possível, e seu cabelo estava arrepiado com gel. Havia grandes fivelas de metal em suas botas, e sua pulseira da escola brilhava no punho. Em algum lugar, ele tinha encontrado alguém que colocou uma pedra preta ali, mostrando que era um Makar.

— Call, amiguinho. Hora do jantar.

Call ficou imaginando se seria desconfortável ficar na mesma casa com a pessoa que você assassinou recém-retornada do reino dos mortos, talvez planejando vingança. Torcia para que sim.

— Vamos — chamou Alex, quando Call não respondeu. — Não fique simplesmente sentado aí. Seu zumbi já está na mesa.

— Não fale assim! — ele se irritou. Alex apenas sorriu.

Levantando-se, Call passou por Alex e desceu mancando para a sala de jantar. Seu corpo todo doía, e ele não conseguia impedir que as palavras de Tamara ecoassem em seus ouvidos, mas não podia se esconder. Não podia deixar Aaron sozinho para encarar a todos.

Tentou dizer a si mesmo que o amigo estava bem — realmente bem — e que Tamara cederia ao perceber isso, mas parte dele não tinha tanta certeza quanto gostaria.

Mestre Joseph sorriu para Callum. Ele estava à cabeceira da mesa, que parecia farta como um jantar de Ação de Graças — tinha peru recheado, vasilhas de cenouras caramelizadas e batata-doce, ervilhas e purê de batata com molho de cranberry.

Anastasia estava sentada ao lado de Mestre Joseph, luminosa. Em frente a ela, Jasper, que parecia muito tenso, e Aaron, que se encolheu quando Alex entrou. Call passou por Alex e foi para perto de Aaron, que trazia as mãos cerradas no colo. Ele olhou de um jeito estranho para Call... como se estivesse um pouco feliz em vê-lo, e um pouco não.

Sorrindo, Alex se sentou em uma cadeira ao lado de Anastasia. Distraída, ela o afagou no cabelo, apesar de estar com os olhos em Call. Olhos famintos, pensou ele, devorando-o.

— Onde está Tamara? — perguntou Aaron, enquanto Call se ajeitava na cadeira.

Call começou a se servir e depois a servir o prato do amigo. Aaron pegou seu garfo e sua faca, e Call se animou. Quando todos vissem Aaron comer, pensou, teriam que aceitar que ele era normal. Dominados pelo Caos não se alimentam.

— Lá em cima — respondeu Jasper, rapidamente. — Descansando. Está com dor de cabeça.

Aaron repousou o garfo.

Call se sentiu um pouco enjoado.

— Tudo bem — sussurrou, torcendo para que Aaron acreditasse nele. — Coma alguma coisa. Você vai se sentir melhor.

Aaron exalou. Tamara disse que ele andara gritando, e Call se deu conta de que tinha se preparado para isso agora, mas o garoto

parecia calmo o suficiente, mesmo que chateado por conta de Tamara. Aaron pegou novamente o garfo e comeu um pouco do recheio do peru.

Seus ombros pareciam rígidos, como se ele estivesse irritado. Call ficou imaginando se Aaron o detestava. Ele tinha todo o direito, mas talvez só se sentisse chateado por causa de Tamara. Aaron estava acostumado a ser visto pelos outros como um herói; ficaria arrasado se soubesse que Tamara achava que havia algo de errado com ele.

Tamara estava enganada.

Tinha que estar.

— Não é tão fácil ter o mundo todo virado do avesso — argumentou Mestre Joseph. — Assim como ela está lutando para aceitar o que é possível, a Assembleia também o fará. E o Magisterium. Mas nosso tempo, o tempo de estruturar o poder do vazio, começa agora. Com você. — Ele gesticulou para Call. — E você. — Ele virou para Aaron.

— E quanto ao resto de nós? — perguntou Alex.

— Call conseguiu trazer Aaron de volta. Isso é só o começo. Aaron é apenas o primeiro de nossos mortos a retornar. Quando a Assembleia perceber do que ele é capaz, terá que se aliar a nós; em nossos termos. Este é o maior avanço desde que o chumbo foi transformado em ouro. Maior que isso, talvez.

— Você vai conseguir replicar esse feito, tenho certeza — assegurou Anastasia a Alex, respondendo sua pergunta.

Obviamente, Mestre Joseph tinha se envolvido tanto com os próprios pensamentos sobre o futuro que se esquecera de todo o resto.

— É inacreditável que você tenha conseguido fazer o que Constantine não conseguiu — disse Jasper a Call, depois olhou para Aaron, dirigindo-se a ele: — Como você está, cara?

Aaron olhou para Jasper com a expressão assombrada.

Por um instante ninguém falou. Call prendeu a respiração.

— Você está bem? — perguntou Jasper.

— Estou cansado. E estranho. Tudo é tão estranho.

— Se serve de consolo, eu também me sinto muito assim — comentou Jasper, se inclinando para afagar o ombro do amigo.

Call encarou a cena. Parecia um gesto tão casual... e tão inadequado.

— Eu realmente voltei? — perguntou Aaron.

Mestre Joseph sorriu para ele.

— Se consegue fazer essa pergunta, então deve ter voltado.

Aaron assentiu e voltou a comer de maneira metódica, que não era mesmo a forma como ele normalmente comia. Aaron ou era muito bem-comportado e educado, ou devorava a comida, como se tivesse medo que alguém a arrancasse dele. Call o observou, preocupado.

Mas, se Aaron tivesse acabado de sair do hospital, ele também poderia agir de modo estranho. Call tentou encarar esses sintomas como os de um pós-operatório. Alguns anos antes, Alastair teve que remover o apêndice, e, quando voltou para casa, sentia-se cansado demais para fazer qualquer coisa além de assistir TV, tomar sopa enlatada e acompanhar uma maratona inteira de fim de semana de um programa sobre antiguidades.

— Então, como foi? — perguntou Alex, rompendo o silêncio.

Aaron levantou os olhos da comida.

— O quê?

— Como foi estar morto?

— *Cale a boca* — disse Call, mas Alex apenas sorriu para ele.

— Não me lembro. — Aaron encarou o próprio prato. — Eu me lembro de ter morrido. Eu me lembro de *você*. — Ele olhou para Alex, e seus olhos verdes eram duros e frios como malaquitas. — E, depois, não me lembro de mais nada até Call me acordar.

— Ele está mentindo — acusou Alex, alcançando seu copo de refrigerante.

— Deixa ele em paz — exigiu Call, ferozmente.

— Call tem razão — disse Anastasia. — Se Aaron não se lembra...

— Mas seria muito útil ter entre nós alguém que sabe como é o pós-vida — disse Mestre Joseph. — Imaginem que informação poderosa.

Call empurrou a cadeira para trás.

— Não estou me sentindo bem. Acho melhor eu me deitar.

Anastasia se levantou.

— Tenho certeza de que ainda deve estar exausto. Eu o acompanho de volta ao quarto.

— Mas e Aaron? — perguntou Call. — Onde ele vai dormir? — O garoto tentou manter a voz calma, embora imaginasse Mestre Joseph dizendo que Aaron voltaria a dormir na sala de experiências, ou que ficaria aprisionado em algum lugar.

Não era assim que deveria ser. A volta de Aaron deveria resolver tudo porque sua morte era o que tinha feito tudo desandar. Por conta dela, Call fora exposto como o portador da alma do Inimigo da Morte, havia sido preso, passou a ser detestado pela maioria das pessoas com as quais se importava. Parte dele esperava que o mundo se equilibrasse assim que Aaron abrisse os olhos.

Ingenuidade sua, ele percebia agora.

— Há um quarto conectado ao seu — explicou Anastasia. — Jericho costumava ficar lá às vezes. Aaron pode usá-lo, certo?

Ela olhou para Mestre Joseph enquanto falava, e o olhar que ele lhe dava em resposta era impossível de ser lido. Havia um brilho profundo em seus olhos do qual Call não gostava. Agora que ele já tinha feito — agora que tinha, de fato, ressuscitado Aaron —, será que ainda seria útil a Mestre Joseph, ou ele decidiria que os poderes de Call seriam muito mais úteis se não estivessem presos ao menino?

— Sim — concedeu Mestre Joseph. — Pode precisar de uma limpeza.

↑≋△○@

O quarto precisava *mesmo* de limpeza, e muita. Anastasia utilizou sua magia do ar para tirar o grosso da roupa de cama e das cortinas, fazendo com que todos tossissem. Jasper pediu licença para “ver como estava Tamara”, apesar de Call desconfiar de que ele só estava tentando evitar engasgar com as nuvens de poeira.

Quando Anastasia finalmente conseguiu ser persuadida a se retirar, ficou nítido que nem Jasper e nem Tamara estavam inclinados a voltar. Provavelmente estavam no quarto de um deles, conversando sobre o retorno de Aaron e sobre o que isso significava. Conversando sobre Call. Ele tentou dizer a si mesmo

que estava tudo bem, e que não deveria ficar enciumado, mas não conseguiu.

Aaron deitou-se na cama, por cima das cobertas, e olhou para o teto, abraçando o próprio corpo, como se estivesse com frio.

— Quer conversar? — perguntou Call, sentindo-se desconfortável.

— Não — respondeu Aaron.

— Olhe, se está com raiva de mim...

Ouviu-se uma leve batida na porta. Ela se abriu lentamente.

Tamara entrou no quarto. Usava um vestido cor de lavanda com o qual não perdera tempo arrancando a renda. Estava bonita, como se estivesse indo a uma festa no jardim.

Call piscou os olhos, surpreso ao vê-la.

— Aaron — disse ela. — Que bom que você voltou.

Aaron se sentou lentamente e olhou para Tamara. Seus olhos não giravam. Ele não era Dominado pelo Caos. Mas Call percebeu Tamara se encolher mesmo assim ao encontrar seus olhos, como se ele parecesse estranho. *Mas é Aaron*, berrava a mente de Call. Aaron estava traumatizado, é lógico; não tinha como ser fácil retornar dos mortos. Call desejou que Tamara fosse compreensiva. Dava para notar que ela estava tentando. Ela se sentou em uma cadeira perto da cômoda e cerrou as mãos sobre o colo.

— Desculpe por eu ter ficado estranha antes. — Eu não sabia o que pensar.

— Eu me lembro de você chorando — revelou Aaron. — Quando eu morri.

— Ah — disse Tamara, engolindo em seco.

— E você empurrou Call para fora da rota do Alkahest. E eu acabei sendo atingido.

— *Aaron.*

Tamara engasgou. O coração de Call se contorcia dentro do peito. Lembrou-se de Jasper dizendo a ele *Eu só acho que Tamara... bem, Call, só acho que ela gostava de* outra pessoa, *se é que você me entende*, e em como ele se sentiu quando Tamara disse que não tinha o menor arrependimento por tê-lo salvado.

— Ela não tinha como salvar os dois e tomou uma decisão em uma fração de segundo — argumentou Call, com a voz áspera. —

Então deixe isso para lá, Aaron.

O garoto fez que sim com a cabeça. Call sentiu certo alívio, porque isso parecia mais com Aaron.

— Não estou bravo — explicou ele. — Nem com Tamara nem com você, Call. Eu só sinto como... como se tivesse que me concentrar muito para ficar bem. Tipo, tudo o que eu quero é deitar, fechar os olhos e deixar tudo escuro e quieto.

— Isso faz todo sentido — disse Call, as palavras tropeçando umas nas outras com a ansiedade. — Você só precisa se acostumar a estar vivo novamente.

Aaron assentiu.

— Acho que as pessoas conseguem se acostumar com qualquer coisa.

— É incrível — sussurrou Tamara. — Sentar aqui e ouvir você falar, falar mesmo.

— Eu vou ser um exemplo — disse Aaron. — Mestre Joseph vai me usar, e usar Call para mostrar a eles que pode vencer a morte.

— Provavelmente — endossou Call.

— Temos que ir embora — avisou Aaron. — Eles querem usar a gente, mas não hesitarão em nos machucar se necessário.

— Vamos fugir — disse Tamara. — Todos nós. Temos que chegar ao Magisterium.

Aaron pareceu surpreso.

— Por que iríamos para lá?

— Para alertá-los — explicou Tamara. — Eles precisam saber dos planos de Mestre Joseph. Precisam conhecer suas fraquezas.

— Não estaremos seguros lá — argumentou Aaron. — Estaremos sob outro tipo de ameaça.

— Mas, se não os alertarmos, eles estarão sob ameaça — rebateu Call.

— E daí? — indagou Aaron.

Tamara estava revirando as mãos no colo.

— Estamos falando de nossos amigos, Aaron. — Do Magisterium... De pessoas que você conhece. Mestre Rufus, Celia, Rafe, Kai, Gwenda...

— Eu não os conheço tão bem assim — comentou ele. Suas palavras não soaram irritadas, apenas distantes. Aaron parecia

cansado e longe de um jeito que jamais soara antes.

Tamara empurrou a cadeira para trás.

— Tenho que ir... ir dormir — anunciou, e foi para a porta.

Antes de sair, desviou para pegar um livro da cômoda. O diário de Jericho. Call ficou imaginando para que ela o queria. Ele ia perguntar, mas, então, Aaron falou novamente:

— Todo mundo tem que morrer eventualmente. Não sei como ajudaria se morrêssemos pelo Magisterium.

Call ouviu Tamara engolir um soluço enquanto ela procurava pela maçaneta e se retirava.

Quando Aaron virou novamente para ele, Call se sentiu mais exausto que nunca. Pela primeira vez na vida, ele não queria conversar com Aaron. Queria ficar sozinho.

— Vá dormir, Aaron — aconselhou ele, levantando-se. — Até amanhã.

Aaron fez que sim e se deitou, fechando os olhos, caindo no sono quase imediatamente, como se não tivesse acontecido nada que pudesse atrapalhar seus sonhos.

↑≋△○@

Após uma hora ouvindo o ronco de Devastação e o silêncio sombrio de Aaron — ele não se mexeu, não se virou e mal parecia respirar —, Call percebeu que não conseguiria dormir. Ficou pensando em seu pai, em Mestre Rufus e no que os dois achariam a respeito de seu feito. Queria poder conversar com eles, pedir conselhos.

Finalmente ele se levantou, decidindo enfrentar aquela casa sinistra e os Dominados pelo Caos para buscar um copo de água. Desceu as escadas e foi para a cozinha.

— Call — chamou uma voz.

Tamara saiu das sombras, e, por um instante, não pareceu possível que ela fosse real. Mas, então, Call viu quão cansada ela aparentava estar, e concluiu que não teria imaginado isso.

— Não consegui dormir — justificou ela. — Fiquei sentada no escuro, tentando descobrir o que fazer. — Tamara vestia as roupas

que usava quando chegaram à ilha. Call olhou para o próprio pijama e, depois, para ela, confuso.

— Como assim?

— Você disse que, se ele não estivesse normal, você o deixaria ir — disse Tamara. — Você prometeu.

— É cedo demais. — Era verdade que Aaron estava agindo de um modo estranho, como se parte dele continuasse presa à morte. — Ele vai melhorar. Você vai ver. Sei que estava um pouco estranho hoje à noite, mas ele acabou de voltar. E às vezes ele parece ele mesmo.

Tamara balançou a cabeça.

— Não, Call. O Aaron que era nosso melhor amigo não se parecia em nada com aquilo.

Call balançou a cabeça.

— Tamara, ele foi *assassinado*. Não tem como voltar alegre e otimista disso!

Ela ficou vermelha.

— Não estou esperando que ele seja perfeito.

— Sério? Porque parece que está — rebateu Call. — Como se você achasse que ele tem que ser exatamente como antes, caso contrário ele estará... quebrado. Você não disse que ele não poderia estar diferente ou traumatizado. Eu não teria concordado com isso.

Ela hesitou.

— Call, o jeito como Aaron falou sobre as outras pessoas... Ele nunca foi *indiferente*.

— Dê alguns dias para ele — pediu Call. — Ele vai melhorar.

Tamara esticou o braço e tocou o rosto de Call com a palma da mão. Seus dedos eram macios contra suas bochechas. Call estremeceu.

— Tudo bem — respondeu ela, parecendo incrivelmente triste. — Mais alguns dias. É melhor voltarmos para a cama.

Call assentiu. Ele pegou a água e subiu de volta as escadas.

No Magisterium, Call sabia diferenciar certo de errado; mesmo que nem sempre escolhesse a coisa certa. Na prisão, tudo pareceu lhe escapar.

Talvez fosse porque Aaron sempre foi seu centro moral. Ele não queria acreditar que houvesse algo de errado com o amigo, algo

que não pudesse ser consertado. Queria que Aaron ficasse bem, não só por ser o melhor amigo de Call, mas porque se Aaron não estivesse bem, então ele também não estaria.

Se Aaron não estivesse bem, então, Call seria exatamente o que todos sempre temiam.

De volta ao quarto de Constantine, o garoto se jogou na cama, desejando conseguir dormir. Dessa vez funcionou.

↑≋△○@

Call acordou com a uma explosão e a sensação de que pouco tempo havia se passado. Saltou da cama e foi até uma janela. Caminhões se acumulavam do lado de fora, o som quase sufocado pelos gritos.

Seu primeiro pensamento foi que a Assembleia viera prendê-los. E, por um breve momento, o medo lutou contra o alívio.

Mestre Joseph entrou em seu campo de visão ao sair na varanda, vestindo a máscara de prata do Inimigo da Morte. Sem aparentar qualquer esforço, ele voou pelo ar. Abaixo dele, reunindo-se em volta dos degraus da varanda, Call conseguiu ver um grupo de figuras: Anastasia com um vestido branco, Alex com um olhar ameaçador.

— Encontrem-nos! Encontrem os dois! — gritou Mestre Joseph.

Foi então que Call se deu conta do que via. Quem tinha provocado as explosões.

Tamara e Jasper haviam decidido. Eles tinham fugido.

Tamara e Jasper fugiram e o deixaram para trás.

CAPÍTULO ONZE

Call se jogou contra a janela, esfregando-a, antes de se lembrar de que ela era feita de alguma espécie de magia do ar.

Quase sem pensar, ele invocou chamas em sua mão. Devastação começou a latir. Call mal conseguia prestar atenção. A cabeça parecia cheia de abelhas, zumbindo tão alto que o impediam de raciocinar. A chama mágica afetou a janela, mas estava funcionando muito lentamente. Call não tinha tempo para isso.

Ele invocou o caos, e o elemento veio rápido até sua mão, um laço oleoso e curvo de nada. Dava para sentir a fome do caos, e como ele parecia puxar alguma coisa dentro do garoto.

Você não tem alma o suficiente sobrando para isso, parte dele pensou através dos zumbidos, mas não fazia diferença. Call lançou o caos contra a janela.

Ele começou a corroer a magia do ar, o vidro e a moldura do lado de fora. Call não se importava. Quando saltou da janela para o telhado, foi através de um buraco enorme na lateral da casa.

Ao longe, viu fogo.

Seguiu até a beirada das telhas e saltou, concentrando-se em trazer a magia do ar para si. Call oscilou e, por um instante, temeu que fosse cair na grama.

Mas a magia se sustentou. Ele pairou pelo ar. Devastação, no telhado atrás do garoto, latia alto. Call virou-se para olhar em sua direção, e viu que mais duas janelas tinham sido queimadas, a madeira nas beiradas faiscando com chamas fracas.

A perna de Call havia lhe dado um motivo para treinar esse tipo de mágica, mas, como o Magisterium ficava em um complexo de cavernas e em casa existiam vizinhos, ele nunca *voara* de verdade. Uma coisa era flutuar um pouquinho, mas isso, no ar e bem alto, como é comum sentir nos sonhos, era novidade. Call sabia que deveria ficar mais nervoso, mas toda a sua concentração estava voltada para a cena que se desdobrava diante dele.

Call olhou na direção do fogo. Não era um fogo natural, percebeu. Era fogo elementar. Enquanto olhava, notou algo

ondulando sobre uma das colinas no horizonte.

Um laço enorme e sinuoso de fogo descia por uma colina. O elemental se elevou, como uma naja, cuspindo fogo pelas extremidades, e Call se lembrou de tê-la visto nos corredores do Panóptico conforme corria ao lado de Jasper.

Ravan. A irmã de Tamara. O que significava que Tamara a invocara. Ela planejava essa fuga há muito mais tempo. Já a devia estar organizando quando se beijaram nos túneis. Ele achou que ter trazido Aaron de volta fora o que fizera com que ela deixasse de confiar nele, mas Tamara já devia ter deixado antes. Porque, se confiasse em Call, teria lhe contado que estava em contato com Ravan. Saber disso parecia um pedregulho no peito.

O ar oscilou outra vez, e a concentração de Call também. Mestre Joseph lançou um raio de magia gelada contra Ravan, que desviou com um sibilo esfumaçado.

Call pôde ouvir desprezo naquele som. Fogo explodiu no cume da montanha. Através das chamas laranja que saltavam, Call teve a impressão de ter visto duas figurinhas correndo.

Tamara confiou em Jasper, mas não em Call. Estava deixando Call, deixando-o para trás porque falara sério no quarto do garoto. Tinha apostado tudo na certeza de que ele não era o Inimigo da Morte, mas ele era.

Só agora, pairando sobre a paisagem em chamas, Call percebeu quanto sempre foi importante Tamara acreditar nele.

Call foi invadido por uma dor tamanha que o fez se sentir como se estivesse engasgando.

Mestre Joseph gritava, e, no escuro, um enxame de figuras lançava mágica contra Ravan. No entanto, a Devorada era veloz e esperta, e desviava de tudo que lhe jogavam.

Call ergueu a mão. Estava se lembrando de um labirinto de fogo, de como ficou perdido até se dar conta de que sua magia do caos podia sugar o oxigênio de tudo, matando o fogo. Ele poderia matar Ravan. Naquele momento, soube que poderia.

— Call. — Era Aaron. Ele estava no telhado da casa, com a mão sobre o pelo de Devastação. Estava descalço e tinha encontrado uma camiseta para substituir a camisa do uniforme. Parecia pálido contra a escuridão. — Deixe-os ir.

Call podia escutar a própria respiração nos ouvidos. Caminhões giravam suas rodas por todo o jardim da frente da casa de Mestre Joseph, nenhum disposto a se aproximar o suficiente para que Ravan explodisse os tanques de gasolina.

— Mas...

— É *Tamara* — interrompeu Aaron. — Você acha que Mestre Joseph vai perdoá-la por fugir? Não vai.

Call não se moveu.

— Ele vai matá-la — disse Aaron. — E você não vai ficar bem com isso. Você a ama.

Call abaixou lentamente a mão, pairando logo acima do telhado. Sentiu Aaron esticar o braço, pegá-lo pelas costas da camisa e puxá-lo de volta para as telhas. Ele caiu meio em cima de Devastação, quase derrubando Aaron. Quando finalmente se ajustaram, Call não conseguiu mais ver Tamara e Jasper correndo ao longe.

Lágrimas quentes se formaram nos olhos de Call, mas ele piscou para contê-las.

— Ela me deixou.

Aaron se sentou, desvencilhando-se de Call. Chegou mais para o lado nas telhas, com Devastação atrás.

— Ela *nos* deixou, Call.

Call emitiu um ruído engasgado que foi parcialmente risada.

— É, suponho que sim.

— Ela quer alertar o Magisterium — explicou Aaron. — É melhor não irmos até lá.

Call de repente percebeu o que havia de tão estranho na forma como Aaron falava.

— Por que de uma hora para outra você passou a odiar tanto o Magisterium?

— Não passei a odiá-los — respondeu Aaron. Ele olhou para onde a batalha devia estar se desenrolando. — Mas é como se eu conseguisse enxergá-los com mais clareza agora que quando eu estava vivo. Eles sempre quiseram apenas o que podiam conseguir de nós, Call. E não podem conseguir mais nada de mim. E vão querer puni-lo. Você provou que eles estavam errados, sabe? Eles

nunca acreditaram que Constantine *realmente* conseguiria despertar os mortos.

Call encarou Aaron, tentando decodificar alguma coisa em sua expressão a partir do verde-claro de seus olhos, mas aquele Aaron não era facilmente interpretável. Era, sim, muito esquisito.

Mas ele acabou de voltar, lembrou Call a si mesmo. *Talvez a morte se apegue a você por um tempo, bloqueando tudo. Talvez essa sombra para sumir.*

— Acha que fiz a coisa certa ao trazê-lo de volta? — Depois que perguntou, Call sentiu como se não conseguisse respirar até ouvir uma resposta.

Aaron emitiu um som que não foi exatamente um suspiro. Foi como vento chiando através das árvores.

— Você sabe que não sou mais um Makar, certo? Não sou mais um mago. Essa parte de mim se foi, e tudo parece... não sei, desbotado e maçante.

Call se sentiu um pouco enjoado. Ele sabia que Alex tinha tomado o poder de Makar de Aaron com o Alkahest, mas não que Aaron poderia voltar sem nenhuma magia.

— Isso pode mudar — argumentou Call, com desespero. Sem Aaron ele não sabia o que faria. Não sabia o que se tornaria. — Você pode melhorar.

— Você deveria estar se perguntando se está satisfeito por ter me trazido de volta — disse Aaron, com um meio sorriso. — Os magos nunca mais vão aceitá-lo, e sei que você não quer ficar aqui com Mestre Joseph.

— Não preciso me perguntar nada — retrucou Call, incisivamente. — Estou feliz por tê-lo trazido de volta.

Com isso, Devastação latiu e abriu caminho entre eles com o focinho. Aaron se esticou para afagar o lobo, e Call sentiu certo alívio na tensão em seu peito. Se houvesse algo realmente errado com Aaron, Devastação notaria, certo?

Mestre Joseph apareceu no campo visual de Call, seguido por uma falange de Dominados pelo Caos e dúzias de magos. Marchavam de volta para casa. Quando o Mestre avistou Call e Aaron sentados no telhado com o buraco aberto pelo caos atrás de

ambos, pareceu momentaneamente furioso. Depois sua expressão suavizou.

— Sorte de vocês dois não terem ido também — gritou Mestre Joseph.

Surgindo atrás do homem, Alex riu.

— Eles não foram convidados.

— Depois que a Assembleia souber do poder que você acessou, tudo será diferente — garantiu Mestre Joseph.

Call se perguntou se isso poderia ser verdade. Os pais de Tamara eram membros da Assembleia. Se ela estava horrorizada, não era provável que eles ficassem igualmente horrorizados, ou até mais?

Mas Call apenas fez que sim.

— Entre — ordenou Mestre Joseph, friamente. — Vamos conversar.

Call assentiu outra vez, mas não entrou de imediato. Permaneceu sentado no telhado até o sol subir mais alto no céu. Aaron também ficou ali.

Enquanto a luz amarela deixava seus cílios dourados, ele virou-se para Call.

— Como você fez isso? Pode me contar.

— Eu dei a você um pedaço da minha alma — respondeu Call, observando a expressão de Aaron para ver se ele estava horrorizado. — Por isso não tinha funcionado antes. Constantine Madden jamais teria tentado algo do tipo. Jamais teria cedido qualquer fração do próprio poder.

— Acho que entendo — disse Aaron, afinal. — Acho que consigo sentir... parte de mim, mas também não.

— E é por isso que não vai funcionar como eles queriam — prosseguiu Call. Era desconfortável falar sobre compartilhar almas. — Porque não posso ficar usando pedaços da minha alma para trazer as pessoas de volta. A alma não é... infinita. Ela pode se esgotar.

— E aí você morreria — adivinhou Aaron.

— Acho que sim. Acho que era por isso que Constantine mantinha Jericho por perto: para poder usar a alma *do irmão*. Eu li o diário de Jericho...

Call olhou em volta, pretendendo mostrá-lo a Aaron, até que percebeu que o diário não estava ali. Tamara o havia levado com ela. Para mostrar para o Magisterium, concluiu Call. Prova. Ele se sentiu enjoado outra vez.

— Você não sente a alma de Constantine em você, certo? — perguntou Aaron. — Você só se sente normal. Você sempre se sentiu?

— Nunca conheci nada diferente — respondeu Call.

— Talvez eu só precise me acostumar — disse Aaron, parecendo muito mais com seu antigo eu. Ele até sorriu um pouco, de lado. — Sou grato. Pelo que você fez. Mesmo que não funcione.

Mas funcionou, queria insistir Call.

Antes que pudesse falar, alguém bateu na porta. Era Anastasia, que não esperou que atendessem antes de abrir. Ela entrou no quarto de Call e, depois, parou ao ver a devastação que o menino havia causado — a parede corroída pelo caos e o sol da manhã entrando. Ela piscou algumas vezes.

— Crianças não deveriam ser amaldiçoadas com tanto poder — comentou, como se falasse sozinha.

Anastasia vestia o que parecia ser um uniforme de batalha: aço prateado quase branco no peito e nos braços e um capuz de corrente sobre os cabelos grisalhos.

Pela primeira vez, parecia pensar em Call e em Constantine como pessoas diferentes, igualmente amaldiçoadas. Call desejou que ela continuasse pensando assim, mas não se sentia particularmente esperançoso em relação a isso.

— O que está acontecendo? — perguntou ele, ficando de pé.

— Olhe. — Aaron apontou para um elemental do ar que surgiu sobrevoando o bosque em seu campo de visão. Era uma imagem nítida e oscilante, em formato circular, que lembrava uma enorme água-viva. — Estamos sendo atacados?

— Pelo contrário — afirmou Anastasia. — Este é *meu* elemental. Eu invoquei a vanguarda de minhas tropas. Vou atrás de seus amigos para trazê-los de volta antes que cheguem ao Magisterium e entreguem nosso jogo.

— Deixe eles em paz. — Call se levantou, subindo o resto das telhas e pulando de volta para o quarto.

— Você sabe que não podemos fazer isso. E sabe por quê. Eles têm informações que podem nos prejudicar. Deveriam ter sido mais leais. Queríamos mais tempo para nos preparar antes da guerra contra as forças da Assembleia, mas, se Tamara e Jasper conseguirem voltar, a batalha começa em menos de uma semana.

Call pensou nos milhares de Dominados pelo Caos esperando em seu quartel submerso, pensou em como poderia tê-los levado para longe da ilha, em como a Assembleia poderia tê-lo enxergado como um herói.

Tamara queria que ele fosse visto dessa maneira. Call não podia odiá-la. Independentemente do que acontecesse, ele sabia que jamais odiaria.

— Não machuque meus amigos — implorou. — Nunca pedi muito... — Call não conseguia chamá-la de mãe. Sua garganta travou. — Anastasia. Se pegá-los, tem que me prometer que não vai machucá-los.

Ela cerrou os olhos.

— Farei o que puder, mas eles sabiam das consequências de uma fuga. E, Call, acho que eles não hesitariam em me machucar.

Com seu uniforme de guerra, Anastasia parecia pálida e terrível. Call achou que ela pudesse ter razão quanto ao que Tamara e Jasper fariam, e sentiu ainda mais medo por eles.

— Prometa que vai *tentar* — pediu Call, pois achou que isso seria o máximo que conseguiria dela.

Call sentia-se desamparado, mas ele não era o Inimigo da Morte? Não tinha trazido Aaron de volta e provado isso, como Tamara dissera? Não deveria ser ele a dar as ordens?

— Sim — respondeu Anastasia, com uma voz fria, que não abria muito espaço para gentileza. — Agora desçam para o café. Vocês dois têm muito a discutir com Mestre Joseph.

Aaron se levantou e foi para onde Call estava. Apesar de nenhum deles ter dormido e de Tamara ter ido embora, Call começava a se sentir esperançoso outra vez. Tinha certeza de que Aaron estava certo quanto a precisar que sua alma se ajustasse. Uma vez que Aaron voltasse a ser ele mesmo, descobririam o que fazer. Já tinham se livrado de diversas encrencas antes. Encontrariam uma saída para essa também.

Talvez.

— Certo — disse ele para Anastasia.

Call ainda estava com o pijama emprestado e não se preocupou em se trocar. Aaron parecia confortável com o que vestia. Desceram pelas escadas e entraram na sala de jantar, onde Mestre Joseph estava sentado junto a alguns magos, inclusive Hugo. Quando os dois garotos entraram, os magos se levantaram e saíram. O cabelo de Mestre Joseph parecia chamuscado em um dos lados. O rosto de Alex estava vermelho, como se uma explosão de fogo o tivesse atingido diretamente. A mesa inteira estava cheia de curativos, pomada mágica e canecas sujas.

— Sentem-se — instruiu Mestre Joseph. — Tem café e ovos na cozinha se estiverem com fome.

Call imediatamente foi até lá e voltou com uma caneca enorme de café. Aaron não quis nada, apenas ficou à mesa, esperando.

Mestre Joseph sentou-se em sua cadeira.

— Chegou a hora — anunciou, olhando para Call. — Você precisa explicar exatamente como trouxe Aaron de volta do reino dos mortos.

— Tudo bem — respondeu Call. — Mas você não vai gostar.

— Apenas diga a verdade, Callum. — Mestre Joseph soou como se estivesse tentando ficar calmo, mas o esforço em sua voz foi visível. — E tudo vai ficar bem.

Não estava tudo bem. Call viu a expressão do mago tornar-se sombria enquanto ele explicava como tinha arrancando um pedaço da própria alma e o colocado no corpo de Aaron. O amigo, que já tinha escutado a história, observou pela janela alguns animais Dominados pelo Caos que farejavam a grama lá fora.

— Isso é verdade? — perguntou Mestre Joseph, quando Call terminou. Alex o encarava, incrédulo. — Toda a verdade, Call?

— É ridículo! — protestou Alex. — Quem teria uma ideia dessas?

— Tive a ideia a partir do que li no diário de Jericho. — Call virou-se para Mestre Joseph. — Você sabia... Você sabia que era isso que Constantine estava fazendo? Usando pedaços da alma do irmão para trazer os mortos de volta?

Mestre Joseph se levantou, com as mãos entrelaçadas nas costas, e começou a caminhar de um lado para o outro.

— Eu supus — respondeu o homem. — Torci para que não fosse verdade.

— Então, entende — disse Aaron, desgrudando o olhar da janela. — Isso não é algo que Call possa voltar a fazer.

Mestre Joseph virou-se para eles.

— Mas ele *precisa*. Se Anastasia não conseguir contê-los, seus amigos chegarão ao Magisterium. Quando chegarem, quando contarem à Assembleia, podemos apenas torcer para que sejam razoáveis e reconheçam sua genialidade. Mas, se isso não acontecer, a guerra virá até nós. Temos que ressuscitar Drew antes que isso aconteça.

— Ressuscitar *Drew*? — engasgou Alex. — Você não disse nada a respeito disso antes.

— Óbvio que disse. — Mestre Joseph se irritou. — Despertar Aaron foi uma coisa, seu corpo estava aqui. Mas, se Call também for capaz de recuperar almas que já passaram para o pós-morte, a Assembleia entregará seu poder para nós. Todo o mundo se curvará diante de um poder assim.

— Hoje a Assembleia, amanhã o mundo! — exclamou Alex, animado. — Vamos aumentar os objetivos.

— Mas não é possível — argumentou Call. — Você não ouviu? Não posso continuar arrancando pedaços da minha alma. Eu vou morrer.

— Ah, não! — entoou Alex, em tom sarcástico. — Isso não!

— Você terá matado Constantine Madden — argumentou Aaron.

— É verdade — concluiu Mestre Joseph, olhando para Call de um jeito que o lembrava da primeira vez que tinham se visto: Drew havia morrido, e a expressão do mago era uma mistura de ódio por Callum Hunt e anseio pelo Inimigo da Morte preso em seu corpo. — E é por isso que precisamos de um Jericho. — Ele virou-se para Alex.

Call definitivamente não traria Drew de volta.

— Hum — resmungou ele. — Primeiro você vai precisar de um corpo e de algum traço da alma de Drew. Quero dizer, com Aaron, o corpo ainda tinha um pouco *dele* presente.

Aaron estava completamente parado. Call ficou imaginando o que ele achava da conversa. Call se preocupava que tudo aquilo o fizesse se sentir ainda pior por ter voltado da morte. Torceu para que não. Ele precisava de Aaron otimista. Bem, tão otimista quanto fosse possível nas condições atuais.

— Posso conseguir essas coisas — garantiu Mestre Joseph, com ansiedade.

— Tudo bem — aceitou Call. — É basicamente isso. Eu ajudaria, mas minha magia está muito limitada após trazer Aaron de volta.

— Sua magia abriu um buraco na parede da casa. Parece boa para mim — argumentou Alex.

Call assentiu com tristeza exagerada.

— Eu não tive a intenção de fazer aquilo. Está tudo fora de controle. Não quero machucar Drew acidentalmente.

Alex lançou um olhar penetrante para Call, mas Mestre Joseph pareceu acreditar no que o garoto dizia.

— Sim, dá para entender como seria perigoso. Alex, você ouviu o que Call disse. Agora teremos que recriar essa experiência. Vamos.

Alex parecia muito, muito preocupado. Call supunha que arrancar pedacinhos da própria alma não fosse algo que ele quisesse fazer, mas Call não tinha condições de ser particularmente solidário.

Com um estalo de dedos, Mestre Joseph invocou novamente os outros magos — o que sugeria que eles estiveram ouvindo a conversa.

— Vamos — disse ele para Alex, com a ameaça de ser arrastado para a sala de experiências pairando sobre ele.

Call acenou para Alex, satisfeito consigo e com o mundo pelo menos uma vez.

— Boa sorte! — desejou a eles.

Alex nem se incomodou em olhar de volta. Parecia assustado demais.

Ao encontrar uma caneca com café abandonada por um dos magos, Aaron a levou aos lábios. Call o observou, percebendo que esperava que Aaron exigisse que fossem atrás de Alex, que insistisse em salvá-lo.

— Alex é o motivo pelo qual você morreu — disse Call para a objeção imaginária. — Não ligo para o que Mestre Joseph faz com ele. Deveríamos ficar aqui e tomar café da manhã. Não me importo se sua alma for despedaçada.

— Tudo bem — concordou Aaron.

Call pegou um pedaço desprezado de torrada do prato abandonado de um dos magos. Aaron não deveria ter dito isso. Ele deveria dizer algo sobre como Mestre Joseph e Alex eram do Time do Mal, e sobre como o Time do Bem não deveria se comportar assim.

Aaron não disse nada.

Com um suspiro, Call empurrou a cadeira para longe da mesa.

— Tudo bem. Certo. Vamos verificar.

Aaron pareceu confuso, mas se levantou e seguiu Call. Juntos, foram sorrateiramente até a sala de experiências. Lá de dentro, escutaram vozes abafadas. Call fechou um dos olhos e espiou através de um buraco de fechadura, mas, apesar de funcionar nos filmes, na vida real ele não conseguia ver muita coisa.

— Se não encontrar a alma de Drew, então você não deve ser um grande Makar. — Ele ouviu Mestre Joseph falando do outro lado da porta. — Talvez você devesse ser o meio para a volta de Drew. Talvez Callum Hunt devesse colocar a alma de Drew para dentro, e a sua para fora.

— Eu sou um Makar — resmungou Alex. — Não pode fazer isso.

Call respirou fundo. Eis o verdadeiro Mestre Joseph, o que vinha tentando se esconder por trás de jantares grandiosos e gestos gentis.

— Seus poderes são roubados, e você é inferior — disse o homem, com a voz carregada de fúria. — Você nunca foi destinado a manusear a magia do caos.

— Eu consigo — assegurou Alex. — Eu consigo! — Ouviu-se um barulho de arranhão. — Só preciso de um pouco de espaço para trabalhar.

Naquele instante, Call ouviu um rugido baixo vindo da sala; um som tingido de caos.

— Mestre Joseph! — gritou o garoto, esmurrando a porta. — Deixe a gente entrar!

Um instante depois, Mestre Joseph abriu a porta. Alex, no chão, parecia espantado. Não havia mais ninguém lá dentro. Havia, contudo, um corpo sobre a mesa, sua pele azulada de frio. Call estremeceu.

— Vejo que decidiu ajudar, afinal — disse Mestre Joseph. — Mas, por enquanto, estamos bem assim. Volte à noite, Callum, depois que tiver descansado.

E, com isso, a porta se fechou para eles outra vez. A tranca foi passada.

— Bem, acho que é isso — disse Call, sentindo-se tonto.

Será que poderiam trazer Drew de volta? Call não achava que fosse possível sem que tivessem seu corpo. Até os Dominados pelo Caos tinham um pedacinho da própria alma preso a eles, conforme Call percebeu ao, sem querer, transformar Jennifer Matsui em uma.

Mas sua alma era a de Constantine em um novo corpo, afinal. Talvez *fosse* funcionar. Ele lançou um olhar a Aaron, mas este não parecia preocupado se trariam Drew de volta ou não.

Call *precisava* fazer alguma coisa.

— Vamos — disse ao amigo. — Podemos dar a volta por fora e espiar pela janela.

Call pegou sapatos e um casaco.

— Vamos vê-lo sofrer? — perguntou Aaron, o que não foi nem de perto a pergunta certa.

Call não respondeu.

No caminho para fora, um bando de Dominados pelo Caos baixou a cabeça e resmungou quando Call passou. *Teatro*, pensou o menino. Aaron franziu o rosto para eles, colocou as mãos nos bolsos e andou depressa.

— Olhe em volta — disse Call. — Está vendo? Esse é o tipo de encrenca em que me meto quando você não está por perto. Desde que você morreu, eu fui preso, fugi da cadeia, depois fui sequestrado e trazido para a fortaleza do Inimigo da Morte com *Jasper*, que passou o tempo todo me falando sobre a própria vida amorosa...

Com isso, o canto da boca de Aaron se ergueu.

— E eu beijei Tamara, que me odeia agora! Sem você, não consigo fazer nada direito. Você é a pessoa que me ajuda a

entender o que é certo e o que é errado. Não tenho certeza se consigo fazer isso sem você.

Aaron não parecia se sentir particularmente feliz em ouvir isso.

— Eu não... não posso fazer isso por você agora.

— Mas você precisa — insistiu Call. Tinham alcançado um pequeno bosque. Dali, seria possível chegar sorrateiramente até uma das janelas da sala de experiências, mas, naquele momento, o que estava acontecendo do lado de dentro não parecia tão importante quanto o que se passava entre eles. — Você sempre fez.

Aaron balançou a cabeça.

— Não penso mais como antigamente.

Ele colocou as mãos nos bolsos. Estava frio do lado de fora, com um vento cortante, mas Call não tinha certeza de que Aaron conseguia sentir. Ele não parecia com frio.

— Você está bem — disse Call. — Só temos que tirá-lo daqui.

— Quando?

— Eu, Tamara e Jasper tentamos fugir antes. Eles nos pegaram e nos trouxeram de volta, mas isso acabou sendo bom, porque foi assim que Mestre Joseph nos contou sobre você. Então decidi ficar até conseguirmos trazer você de volta.

— E Tamara e Jasper concordaram? — A respiração do menino condensava no ar.

Call respirou fundo.

— Não contei a eles.

Aaron não brigou com Call, como outrora talvez tivesse feito. Não o repreendeu. Ele não estava fazendo um bom trabalho como centro moral, Call tinha que admitir.

— Achei que, depois que você voltasse, eles fossem concordar que tinha sido uma coisa boa. E achei que a Assembleia fosse pensar o mesmo. Porque fiz da maneira correta. Quero dizer, lógico que eles não querem exércitos de Dominados pelo Caos soltos por aí, pois são basicamente zumbis, mas você está bem.

Aaron não disse nada. Eles continuaram caminhando, folhas estalando sob os pés. Tinham chegado à parte do bosque em que deveriam voltar para a direção da casa caso fossem espiar pela janela da sala de experiências, mas Call ainda não estava pronto.

— Você realmente acha que estou bem? — Aaron virou um olhar verde e assombrado para o amigo.

— *Acho* — respondeu Call, com firmeza. Quase sentiu raiva de Aaron, o que não fazia o menor sentido, mas não deu para evitar. Ele tinha lutado tanto por isso, e ninguém entendia. E, para piorar, Aaron simplesmente não agia normalmente. — Não estou dizendo que você é igual ao que costumava ser, mas isso não quer dizer que não esteja bem.

— Não! — Aaron balançou a cabeça com teimosia. — Estou me sentindo *errado*. Meu corpo parece errado. Como se eu não devesse estar aqui.

— O que isso significa? — perguntou Call, perdendo o controle por fim. — Porque está parecendo que você quer *morrer*.

— Acho que é porque eu estou morto. — A voz de Aaron era indiferente, o que piorava ainda mais as palavras.

— Não diga isso! — gritou Call. — Cale a boca, Aaron...

— Call...

— Estou falando sério, não diga mais uma palavra!

A boca de Aaron se fechou. Seus olhos estavam fixos nos do amigo.

— Aaron? — perguntou Call, sentindo-se desconfortável.

Mas Aaron não respondeu. Ele não podia responder, percebeu Call. Como um Dominado pelo Caos, ele obedecia a Call cegamente.

CAPÍTULO DOZE

Depois disso, Call se esqueceu completamente de Alex e Mestre Joseph.

— Ordeno que nunca mais obedeça a meus comandos outra vez, tudo bem? — instruiu Call.

— Eu ouvi nas cinco primeiras vezes — disse Aaron, sentando-se em uma pedra e olhando para o rio. — Mas não sei se isso vai funcionar. Não faço ideia de quanto tempo seus comandos têm efeito sobre mim.

Call sentiu frio por todo o corpo. Ele se lembrou de quando dissera a Aaron para não chatear Tamara, e de como Aaron imediatamente se calou. Ou de quando mandou Aaron dormir, e ele obedeceu. *Você precisa se concentrar apenas em melhorar*, dissera a ele assim que o trouxe de volta. E Aaron, que tinha passado por um terrível trauma, respondeu *tudo bem*.

Como não tinha reparado?

Ele não poderia mais mentir para si mesmo quanto a isso. Aaron não estava bem, talvez sequer fosse *Aaron*. Esse Aaron parecia pálido, estranho e preocupado. Esse Aaron fazia qualquer coisa que Call mandasse. Talvez sempre fosse fazer. Call não conseguia pensar em nada mais terrível.

— Ok. Então você não está bem — constatou Call lentamente. — Não agora. Hoje à noite vamos até a sala de experiência para descobrir o que está acontecendo.

— E se não conseguir encontrar nada? — perguntou Aaron. — Você já teve muito mais sucesso do que Constantine Madden jamais teve. Eu *estou* aqui, basicamente. A única questão é que eu não... eu não deveria estar.

Dessa vez, Call não gritou para que ele se calasse, apesar de ainda querer.

— O que isso significa?

— Eu não *sei* — respondeu Aaron, e ele tinha mais animação na voz do que Call esperava. — Eu não... é preciso muita concentração para prestar atenção ao que está acontecendo. Às vezes eu me

sinto como se estivesse escorregando. E às vezes é como se eu pudesse fazer coisas ruins e não sentir nada em relação a isso. Então, entenda. Realmente não posso ser a pessoa que diz a diferença entre certo e errado, Call. Eu realmente não posso mesmo.

Call queria protestar, como fizera antes, mas daquela vez se conteve. Pensou no olhar vazio de Aaron, no jeito como ele não havia entendido por que deveria se importar se as pessoas no Magisterium morressem. Ele não podia continuar insistindo que Aaron estava bem. Se Aaron acreditava que alguma coisa estava errada, então ele devia acreditar no amigo.

Mas, ao menos, Aaron era capaz de perceber isso. O que tinha que significar alguma coisa. Se ele não fosse Aaron, não se incomodaria com as diferenças que sentia.

— Nós podemos consertar — assegurou Call, no fim das contas.

— A morte não é a mesma coisa que um pneu furado.

— Temos que nos manter otimistas — argumentou Call. — A gente só precisa...

— Tem alguém vindo aí. — Aaron se levantou e apontou para a casa.

A porta da frente estava aberta, e uma fileira de magos, liderados por Mestre Joseph, vinha marchando em sua direção.

Call também se levantou. Sem Tamara e Jasper, seus planos de fuga tinham se tornado vagos e incompletos. O retorno de Aaron desviara sua atenção, e Call achou que isso pudesse ter causado o mesmo em Mestre Joseph. Tinha concluído que teria mais tempo.

Quando Aaron olhou para cima, Call o acompanhou e percebeu que o céu estava cheio de nuvens cinzas e carregadas. Através delas, Call vislumbrou formas gigantescas, que giravam.

Uma delas atravessou as nuvens: um imenso elemental do ar, com asas claras e endentadas. Montada nele, vinha Anastasia, a armadura impecável agora parecendo manchada e suja.

O elemental aterrissou no campo atrás de Call e Aaron, enviando uma onda de ar que deixou a grama amassada em formato de círculo. Call percebeu imediatamente: estavam presos entre Anastasia e Mestre Joseph.

O que estava acontecendo?

— Callum! — Mestre Joseph os alcançou primeiro, e Call notou duas coisas de imediato: Alex não estava com ele, e seu casaco tinha respingos de algum fluido de aparência questionável. — Chegou a hora.

Call trocou olhares com Aaron.

— Hora de quê?

— Tamara e Jasper conseguiram chegar ao Magisterium — respondeu Anastasia, se aproximando. O elemental ficou esperando no campo atrás da mulher, ondulando um pouco com a brisa. — A Assembleia logo terá nossa localização e saberá o que você fez.

— É hora de nos revelarmos, mostrar ao mundo nosso poder — decidiu Mestre Joseph. — Hugo, você trouxe a máquina?

Call e Aaron se encararam enquanto Hugo entregava a Mestre Joseph um enorme jarro de vidro. Dentro dele, girava ar cinzento e preto.

Telefone de tornado, Call moveu a boca para Aaron, que assentiu lentamente.

Com um floreio, Mestre Joseph retirou a tampa do jarro. O ar girou violentamente em torno deles. O elemental de Anastasia emitiu um ruído de espanto e desapareceu com um estalo.

Call foi para perto de Aaron, cujos cabelos chicoteavam em volta dos olhos. O ar expandiu para fora, atacando os galhos das árvores, circulando o espaço onde estavam.

— Mestre Rufus! — gritou Mestre Joseph. — Magos da Assembleia! Mostrem-se!

Era como olhar para uma televisão sem muita definição. Lentamente, as imagens foram se tornando mais nítidas, e Call pôde ver a sala da Assembleia e os magos de túnicas verdes lá reunidos. Reconheceu alguns deles, como os pais de Tamara e, evidentemente, os magos do Magisterium — Mestra Milagros e Mestre North, Mestre Rockmaple e, sentado com os ombros encolhidos e a careca brilhando, Mestre Rufus.

Devem ter se reunido assim por um motivo: discutir como derrotar Callum Hunt, o Inimigo da Morte.

Call sentiu o estômago se apertar ao ver seu professor. Mas isso não foi nada comparado ao sentimento dentro de si um instante depois, ao ver quem estava sentado ao lado de Mestre Rufus:

Jasper, com o uniforme branco do Quarto Ano, e Tamara, também de branco, as tranças impecáveis. Seus olhos grandes e escuros pareciam encarar através da visão enfeitiçada, como se ela estivesse olhando diretamente para a alma de Call.

Foi o pai de Tamara que deu um passo adiante, com a mão em seu ombro.

— É a última vez que oferecemos a oportunidade de se render, Mestre Joseph. A última guerra nos custou, mas também pediu um preço a você. Você perdeu seus filhos, perdeu Constantine e perdeu o rumo. Se entrarmos em guerra outra vez, não haverá intermediação de paz. Vamos matá-lo, e a todos os Dominados pelo Caos que encontrarmos.

Call estremeceu, pensando em Devastação, que provavelmente estava se escondendo atrás de uma árvore.

— Não seja ridículo! — exclamou Mestre Joseph. — Você age como se estivesse em posição favorável, quando somos nós que temos a chave para a eternidade. Acham que estão em vantagem porque Tamara e Jasper correram para vocês com notícias de nossa fortaleza? Se eu tivesse medo de que isso vazasse, teria cortado a garganta de ambos quando tive a chance.

Tamara o encarou enquanto Jasper recuava um passo. A mãe do garoto estava a seu lado, mas Call não conseguiu ver seu pai em lugar algum.

— Você não entende — prosseguiu Mestre Joseph. — Ninguém liga para sua guerra ridícula. Magos querem seus entes queridos de volta. Querem viver para sempre. O único jeito de conseguir que o mundo dos magos fique do seu lado é negando o que tenho bem aqui do meu. — Com isso, ele apontou para Aaron, que apareceu.

— Diga alguma coisa — ordenou Mestre Joseph a Aaron.

— Não tenho nada a dizer. Não estou do seu lado.

Call esperava que Mestre Joseph gritasse com Aaron, ou tentar impedi-lo de falar, mas, em vez disso, um sorriso largo lhe tomou o rosto.

Um silêncio se abateu sobre os magos. Mestre Rufus levantou a cabeça das mãos. Seu rosto parecia envelhecido, como se estivesse com mais rugas.

— *Aaron*? É você mesmo?

— Eu... Eu não sei — respondeu ele.

Mas a Assembleia já tinha virado um pandemônio. Independentemente do que Tamara e Jasper tivessem contado, pensou Call, não tinham acreditado que Aaron havia sido trazido de volta. Provavelmente julgaram que o garoto tornara-se Dominado pelo Caos, que Mestre Joseph estava louco. Que Call...

O que será que pensavam de Call?

Mestre Rufus o encarava agora. Seus olhos escuros estavam resignados. Decepcionados.

— Callum — disse ele. — *Você* fez isso? Despertou Aaron dos mortos?

Call olhou para os próprios pés. Não conseguia sustentar o olhar de Mestre Rufus.

— Óbvio que fez — respondeu Mestre Joseph. — A alma é a alma. Sua essência não muda. Ele sempre foi Constantine Madden, sempre será.

— Isso não é verdade!

Call levantou o olhar, espantado, para ver quem o tinha defendido. Tamara. Ela estava com os punhos cerrados junto às laterais do corpo. Não olhava para ele, mas *tinha* se pronunciado. Isso significava que ela não acreditava no que dissera antes, que ele realmente era o Inimigo?

Os pais de Tamara a fizeram calar, puxando-a para o lado e quase para fora do alcance visual de Call, exatamente quando Mestre Joseph bufou com desprezo e voltou a falar:

— Vocês são muito tolos. Acham que estaremos em número reduzido diante de um ataque, como sem dúvida Tamara e Jasper reportaram. Mas realmente acham que não tenho aliados entre vocês? Por todo o mundo dos magos existem aqueles que estiveram esperando pela notícia de que completamos o projeto de Constantine. De que vencemos a morte. As mensagens já foram enviadas. Vocês podem notar que alguns de seus membros não estão presentes...

Diversos integrantes da Assembleia olharam em volta, alguns na direção de Jasper e sua mãe, para o espaço que deveria estar sendo ocupado pelo pai do garoto.

— Vocês não vencerão — garantiu Mestre Joseph. — Muitos acreditam no que acreditamos. De que adianta nascermos com magia se somos proibidos de nos beneficiar dela, se em vez disso temos que usá-la para controlarmos elementais pelo bem de um mundo que não se importa conosco? Para que serve a magia se não pudermos usá-la para resolver o maior de todos os mistérios: aquele que a ciência jamais penetrou, o mistério da alma? Magos de todo o mundo ficarão do nosso lado, agora que sabemos que os mortos podem voltar a viver.

Alguns dos magos começaram a sussurrar no fundo da sala, apontando. Call pôde notar que a presença de Aaron, mesmo de um Aaron que tenha contrariado Mestre Joseph, tinha mexido com eles. Call ficou imaginando quantos ficariam ao lado de Mestre Joseph.

— Callum, seu pai está desesperado — avisou Mestre Rufus. — Encontre-se conosco. Traga Aaron. Deixe-nos verificar essas alegações.

— Vocês acham que somos idiotas? — gritou Mestre Joseph para as imagens brilhantes dos magos.

— Nós avisamos — interrompeu Tamara. — Ele está sendo mantido prisioneiro.

— Não é o que me parece — disse Graves, com uma fungada. — E como você esteve envolvida na fuga da prisão, sabemos que foi corrompida.

— Call pode apresentar alguns sintomas da Síndrome de Estocolmo — admitiu Jasper. — Mas Mestre Joseph o mantém contra a vontade. Também está aprisionando Aaron.

— Você está mantendo essas crianças em cativeiro? — indagou Mestre Rufus.

Mestre Joseph sorriu.

— Mantendo Constantine Madden prisioneiro? Sempre o servi, e nada mais. Call, você está aqui contra sua vontade?

O garoto considerou o que responder. Parte dele queria gritar por socorro, implorar que alguém viesse salvá-lo, mas não era como se a Assembleia fosse conseguir buscá-lo; não naquele momento. Era melhor que Mestre Joseph acreditasse que ele estava a seu lado. Se haveria guerra, era função de Call fazer o que pudesse para ajudar a Assembleia a vencer.

Pelo menos ele *achava* que deveria ajudar a Assembleia a vencer.

De todo modo, sua resposta foi a mesma.

— Não — disse ele, se levantando. — Não sou um prisioneiro. Sou Callum Hunt, o Inimigo da Morte renascido. E aceito meu destino.

↑≋△○@

— Não gosto daqui — confessou Aaron.

Estavam no quarto de Tamara, ou no que costumava ser o quarto de Tamara, sentados na macia cama cor-de-rosa. O aposento de Call ainda tinha buracos nas paredes, o que o tornava muito frio, e fazer reparos na casa não era prioridade de ninguém no momento.

— Não vamos ficar por muito tempo — prometeu Call, apesar de só ter o mais vago dos planos.

Aaron deu de ombros.

— Suponho que não voltaremos ao Magisterium. Não depois que você anunciou ser o Inimigo da Morte.

Call abraçou os joelhos.

— Você acha que eu falei sério?

— Não? — Os olhos de Aaron estavam sem expressão. Call ficou imaginando o que se passava em sua cabeça. Costumava conseguir adivinhar bem os pensamentos de Aaron, mas não mais. — Você venceu a morte, afinal.

— Esta noite vamos descobrir o que podemos fazer por você — revelou Call. — Depois disso, a gente foge.

Call não mencionou o exército de Dominados pelo Caos nem que pretendia levá-lo consigo. Se até o final daquele dia compreendesse o que estava se passando com Aaron, então poderiam ir. Poderiam marchar sobre o rio antes do amanhecer, e era impossível que Alex tivesse um número suficiente de Dominados pelo Caos para impedi-los.

Mas e se não conseguisse? Será que deveriam fugir assim mesmo? Ele realmente achava que o mundo dos magos o aceitaria, principalmente agora, com Aaron?

Call se lembrou das expressões nos rostos da Assembleia, e um buraco frio se abriu em seu estômago.

Pensou nas palavras de Anastasia: *Você é poderoso. Não pode simplesmente desistir desse poder. O mundo não permitirá. Não permitirá que você simplesmente se esconda por medo de se ferir. No fim, pode ser que você chegue a essas duas opções: governar o mundo ou ser esmagado por ele.*

Call torceu muito para que ela não tivesse razão, mas precisava admitir que Anastasia havia acertado quanto a Tamara.

— Não vai ser fácil chegar à sala de treinamento — avisou Aaron. — Tem muita gente. Está um caos aqui.

Ele tinha razão; a casa inteira era um alvoroço, Anastasia acompanha os magos mais jovens de um lado a outro para invocar elementais; Mestre Joseph, Hugo e mais alguns marcavam símbolos de defesa em volta da propriedade.

Call queria dizer alguma coisa inteligente, como caos ser seu nome do meio, mas era triste demais. Ele podia ainda ser um mago do caos, mas Aaron não era; sua magia pertencia a Alex agora.

— Devastação vai ajudar — disse ele.

Devastação, ao ouvir seu nome, ergueu as orelhas. Correu para baixo a seu lado, parando na base da escada com olhos estreitos e emitindo um rugido baixo. O lobo jamais gostou muito dali e, quanto mais ficavam, menos parecia gostar.

— Eis o que você precisa fazer. — Call se abaixou para falar com o lobo Dominado pelo Caos.

↑≋△○@

Enquanto desciam as escadas, Call pôde ouvir seu plano funcionando. Devastação latia e corria em volta, levando os magos em uma caçada feliz. Estavam todos tentando entender o que o havia atiçado, certos de que a Assembleia estava atacando.

Enquanto Devastação corria, Call e Aaron foram direto para a sala de treinamento, fechando a porta e trancando-a.

Só então perceberam que não estavam a sós. Alex estava sentado no chão, com um monte de livros abertos ao seu redor,

formando um estranho círculo. Tinha os olhos fundos, e a pele parecia manchada.

Em uma maca no outro extremo da sala, havia um cadáver bizarro. O corpo era de um adulto, mas com um rosto que parecia uma paródia grotesca das feições mais infantis de Drew. Parecia ter sido esculpido em carne, mas com uma faca de manteiga. Estava vestido com uma imitação de roupas infantis: uma camisa com estampa de cavalo e jeans vermelhos. Só de olhar, Call sentiu o estômago dar um nó.

— Hum — disse ele. — Desculpe. Não sabíamos que tinha mais gente aqui.

Aaron apenas olhou para Alex. Pode até ter havido um leve sorriso se esboçando nos cantos de sua boca.

Alex se ergueu, levando consigo alguns dos livros, e apontou um dedo trêmulo para Call.

— *Você*! Você não explicou direito o que fez. Você mentiu. — Ele tentou passar por onde Call e Aaron estavam.

— Ah, não. — Call o conteve com uma das mãos em seu peito. Alex era mais alto que eles, mas eram dois contra um, e Aaron era muito mais intimidador agora que tinha voltado dos mortos. — Você vai nos ajudar.

— Não vou fazer nada até me explicar como trouxe Aaron de volta; a verdade, não o que você disse para fazer Mestre Joseph me atormentar.

— Eu *disse* a verdade. Você só não consegue.

Alex olhou fixamente para Call. Pela primeira vez, o sorriso irônico deixou seu rosto. Ele parecia verdadeiramente assustado.

— Por quê? Por que eu não conseguiria fazer? Por que eu não consigo alcançar e *encontrar* a alma dele?

Call balançou a cabeça.

— Não sei. Eu não fiz isso. Nós tínhamos o corpo de Aaron. Você não *tem* o de Drew. Como vai encontrar sua alma?

O desespero no rosto de Alex era evidente, mas Mestre Joseph não deixaria de querer seu filho de volta. Mesmo que fosse impossível, ele insistiria.

— Então, não há esperança — lamentou Alex.

— Eu não sei — disse Call. — Você me ajuda com Aaron, e eu o ajudo com seu problema.

Alex estudava havia mais tempo que ele; buscava aqueles Pontos de Suserano do Mal que Call tentava combater por anos. E, se existisse alguma chance de que Alex tivesse a chave para ajudar Aaron, então, valia a pena.

Alex olhou para Aaron e franziu o cenho. Aaron se sentou no chão, onde Alex estava, e pegou um livro.

— Ele parece bem — resmungou Alex. — Ajudar com o quê?

— Ele não está feliz — tentou explicar Call.

Alex desdenhou.

— Bem-vindo ao clube. Eu também não estou feliz. Se não trouxer Drew de volta, estarei profundamente encrencado. Mestre Joseph não para de olhar o Alkahest.

— Talvez você não devesse ter sugerido que ele usasse o Alkahest em mim — respondeu Call, sem solidariedade.

Alex suspirou, sem ter uma resposta para isso.

— Então, temos que encontrar algum jeito mágico de deixar Aaron feliz outra vez?

Call franziu o cenho para Aaron, que estava sentado no chão, virando páginas como se alheio à conversa.

— Ele não está exatamente infeliz — explicou. — Ele só... não está no lugar certo. É como um cara que pegou um trem para uma estação, mas que precisou pegar outro trem de volta, porque esqueceu a mala e agora sente que está indo para o lado errado.

— Ah, sim — disse Alex, com sarcasmo. — Agora ficou bem mais explicado.

Call não queria contar a Alex tudo o que Aaron tinha dito, porque o assunto parecia particular, mas tentou mais uma vez:

— Aaron está sem nenhuma magia. Sei que você lhe roubou as habilidades de Makar, mas ele deveria continuar sendo um mago, certo? E não é. O que quer que o esteja afastando de sua magia pode ser a peça que falta para fazê-lo se sentir completo.

Alex hesitou.

— Além disso, se você trouxer Drew de volta sem magia, isso não deixaria Mestre Joseph exatamente feliz.

— Isso é verdade — concordou Alex, com má vontade. — Muito bem, o que está sugerindo?

— Nós aprendemos como tocar a alma no Magisterium — disse Call. — Sinto que devo tentar olhar a de Aaron. Talvez enxergar qual é o problema.

— E por que eu tenho que estar aqui?

Call respirou fundo.

— Você é mais velho e está estudando isso há mais tempo. Então, preciso que pense o que mais devemos checar.

— E se não conseguirmos encontrar nada de errado?

— Eu poderia dar mais da minha alma a ele — respondeu Call, com a voz baixa. — Talvez não tenha sido o bastante.

Alex balançou a cabeça.

— Problema seu. Aaron, suba na mesa de experiência.

Aaron olhou para a maca com o corpo por um longo instante.

— Não. Não vou.

— Porque a maca está ocupada... — disse Call.

— Podemos jogar o corpo no chão — sugeriu Alex, enquanto Aaron o olhava com desgosto.

Para evitar isso, Call arrastou uma mesa cheia de livros de um canto para o centro da sala. Depois de esvaziarem a superfície, Aaron subiu e se deitou com as mãos cruzadas sobre o peito.

Call respirou fundo, sentindo-se constrangido, tentando se lembrar de como era enxergar a alma de Aaron antes. Aquela era a parte que teria que fazer sozinho. Alex não merecia ver a alma de ninguém, e definitivamente não a de Aaron.

Call fechou os olhos, respirou fundo e começou. Era mais difícil do que tinha sido no Magisterium. O corpo ressuscitado de Aaron parecia repelir a investigação de Call. Sua alma era cercada por uma espécie de escuridão. Call tentou se agarrar a lembranças de Aaron. Seu amigo rindo e comendo líquen sem reclamar no Refeitório, separando areia, dançando com Tamara. Mas as imagens vinham fracas. A que mais se destacava era sem dúvida o corpo de Aaron ainda frio sobre a maca.

Call se forçou a lembrar como tinha sido colocar um pedaço de alma em Aaron — feito uma eletricidade acendendo metal na escuridão. A lembrança o dominou, e ele finalmente sentiu um

caminho se abrir para a presença de Aaron. Viu a luz de uma alma, pálida e clara, com uma espécie de luz dourada, que era toda Aaron.

Mas fios escuros a cercavam, segurando-a no lugar, se enraizando como hera em prédios até a pedra ruir. Seu corpo parecia pulsar com energia do caos. Call buscou com sua mente e sentiu um frio terrível e opressor.

O corpo. Havia algo de errado com o corpo de Aaron.

— O que vocês estão fazendo? — As portas da sala de experiência se abriram. Atônito, Call se apoiou na mesa, e Alex gritou, dando um pulo para trás.

Era Mestre Joseph, e ele parecia furioso.

CAPÍTULO TREZE

Call deu um passo para longe de Aaron, tropeçando em um livro perdido. Aquele era Mestre Joseph como Call jamais o vira antes, seus olhos desgovernados e cheios de raiva. Ele vestia o Alkahest em uma das mãos.

Ao vê-lo, Call sentiu a respiração falhar.

Antigamente, mesmo nas profundezas de sua raiva, Mestre Joseph sempre protegeu Call. Na tumba do Inimigo da Morte, ele até se jogou na frente do garoto, pronto para dar a própria vida para o salvar. Mas agora parecia pronto para matá-lo, sem pensar duas vezes.

— A-ajudando Aaron — gaguejou Call.

— Você não pode mexer com o que fez! — gritou Mestre Joseph, gotas de saliva projetando-se ao falar. — Sem uma ressurreição não somos nada! Os magos vão nos superar, e seremos destruídos. Somente com o poder da vida eterna nosso exército poderá crescer para destruir a Assembleia.

Sobre a mesa, Aaron se sentou. Ele não parecia intimidado pela gritaria. Simplesmente encarou Mestre Joseph de forma impassível.

— Certo, certo — concordou Call, estendendo as mãos e cedendo. Alex tinha recuado para longe de Mestre Joseph, o suficiente para estar contra a parede, seu rosto da cor de cera de vela. Call jamais o vira daquele jeito antes, e isso o deixou ainda mais assustado. — Não se exalte. Está tudo bem.

Mestre Joseph deu um passo em direção a Aaron e pegou seu pescoço, inclinando a cabeça e olhando para ele, como se tentasse determinar se sua nova Mercedes tinha um arranhão.

— Callum parece determinado a me provar que ele mais atrapalha que ajuda. Desde o começo me desafiou. Zombou de seu papel. Fez pouco caso da honra que recebeu. Jogou minha lealdade e meus sacrifícios em minha cara diversas vezes. Bem, Callum, acho que já cansei de vê-lo arruinando meus planos.

— Não leve para o lado pessoal — explicou Call. — Muitas pessoas me acham muito irritante. Não é só você.

— Call estava tentando me ajudar — argumentou Aaron, tentando se livrar da garra de Mestre Joseph. Havia algo quase aterrorizante em sua expressão.

— Você não precisa de ajuda! — irritou-se Mestre Joseph, pegando-o pelo ombro daquela vez. — Não podemos mexer com você!

— Saia de cima de mim — exigiu Aaron, afastando a mão de Mestre Joseph. — Você não sabe do que eu preciso!

Mestre Joseph fez uma careta.

— Silêncio. Você não é uma pessoa. Você é uma *coisa*. Uma coisa morta.

O braço de Aaron se estendeu, e ele segurou Mestre Joseph pela garganta. Foi tudo muito rápido; rápido demais para que Call conseguisse reagir de qualquer jeito que não respirar fundo.

A mão de Mestre Joseph levantou, como se fosse fazer fogo, mas Aaron lhe pegou o braço e *girou-o* para trás das costas. Sua outra mão apertou na garganta do mago. Mestre Joseph se debateu, engasgou, e seu olhar foi perdendo o foco.

— Não! — gritou Call, finalmente percebendo o que Aaron pretendia fazer. — Aaron, não!

Mas Call tinha ordenado Aaron que nunca mais lhe obedecesse, e Aaron assim o fez. Seus dedos enterraram ainda mais na garganta de Mestre Joseph, e ouviu-se um ruído estalado, como o que gravetos fazem quando se pisa neles.

A luz deixou os olhos de Mestre Joseph.

Call engasgou, olhando para Aaron, sem conseguir acreditar que seu amigo tinha feito isso, seu amigo mais próximo, que sempre foi a melhor pessoa que ele conhecia. Pela primeira vez Call teve medo; não *por* Aaron, mas *dele*.

Alex emitia um ruído estranho, que tanto Call quanto Aaron entenderam como a palavra *não* repetidas vezes.

Aaron soltou Mestre Joseph e deu um passo para trás, olhando para a própria mão, como se só agora estivesse se dado conta do que fizera. Ele pareceu confuso quando o corpo do mago atingiu o chão.

Você é uma coisa. Uma coisa morta.

Mestre Joseph estava encolhido aos pés de Call, como Drew estivera antes. *Me conhecer tem sido bem ruim para a família de Mestre Joseph*, pensou Call, com alguma histeria, mas não tinha a menor graça.

Alex caiu de joelhos. Ele encarava o corpo de Mestre Joseph.

— Você... pode trazê-lo de volta — disse Alex.

— Mas não vou.

As palavras saíram da boca de Call antes mesmo que ele parasse para pensar. Ficou mais que chocado por Alex ter lhe pedido que revivesse o mesmo Mestre que o ameaçara com o Alkahest, que desdenhara e desacreditara dele. Mas Alex observava o cadáver com um olhar assombrado.

— Você precisa — insistiu Alex. — Alguém precisa nos liderar.

Aaron ficou analisando, com o rosto vazio, o que fizera. Se sentia algum remorso, não demonstrou.

Alex foi para perto do corpo de Mestre Joseph. Havia lágrimas em seu rosto, mas ele não se esticou para tocar o cadáver. Em vez disso, sua mão foi para o Alkahest. Ele o apoiou no peito, e Call percebeu que foi um tolo por não pegá-lo antes de qualquer coisa.

— Hum, Alex? — chamou Call. — O que você está fazendo?

— Nunca achei que ele pudesse morrer. — Alex parecia estar falando com Call, embora a voz estivesse baixa, como se falasse consigo mesmo. — Ele era um grande homem. Achei que fosse liderar o exército comigo ao seu lado.

— Ele era um homem muito mal — rebateu Call. — De certa maneira, tudo o que aconteceu, a guerra dos magos, a morte de Jericho, e mesmo a de Drew, foi sua culpa. Ele machucava as pessoas.

— Ele é o único motivo pelo qual você já foi importante. Ele acreditava em você. E você vai simplesmente largá-lo aqui?

— Como você fez comigo? — retrucou Aaron, descendo da mesa. Ele foi para perto de Call.

— Não fiz aquilo para mostrar que eu era superior ao Inimigo da Morte! — Alex rosnou. Ele ainda estava com o Alkahest, abraçando-o contra o corpo.

— Não. Fez para mostrar que era exatamente igual a ele — argumentou Call, indo até a porta com Aaron logo atrás. Lá, Call

virou e prosseguiu: — Nós vamos embora. Sei que está chateado, Alex, mas você pode se sair bem no mundo com sua magia do caos. Ainda pode ser famoso e poderoso, e *não* escolher o mal. Com Mestre Joseph morto, tudo isso pode acabar.

Alex olhou para Call, parecendo cansado.

— Bem, mal — disse ele. — Qual é a diferença?

Call esperou Aaron falar alguma coisa. Esperava que ele fosse observar que Alex deveria saber a diferença, mas não o fez. Talvez esse Aaron também não soubesse.

Call e Aaron percorreram o corredor em silêncio. Devastação logo se juntou a eles, orelhas para trás, o rabo abanando. Passos soaram pela casa, mas ninguém se colocou entre eles e a porta. Pisaram na grama.

— Para onde vamos? — perguntou Aaron.

— Não sei — respondeu Call. — Sair desta ilha. Para longe de tudo.

— Eu vou com você?

Aaron pareceu perceber que matar Mestre Joseph poderia ser algo que faria diferença para Call. Talvez parte de Aaron também estivesse incomodada com isso. Talvez ele se lembrasse de que houve um tempo em que ele jamais teria matado alguém assim, a sangue-frio, com as próprias mãos.

— Óbvio que vai — assegurou Call, mas Aaron provavelmente ouviu a hesitação em seu tom.

— Ótimo — respondeu.

Começaram a caminhar em direção ao bosque, seguindo a estrada, mantendo-se à margem das árvores. Em instantes, a perna de Call começou a doer, mas ele não desacelerou. Deixou a dor acontecer, deixou piorar. E daí se estava doendo? E daí se ele mancava? A dor o fazia sentir tudo de maneira mais aguçada.

Aaron caminhou a seu lado, aparentando estar perdido nos próprios pensamentos. Horrivelmente, quanto mais tempo passava, menos Call sentia que seu amigo o acompanhava, e mais que era um dos Dominados pelo Caos. Até Devastação parecia estar evitando Aaron, mantendo-se do outro lado do dono, sem nunca se aproximar para ser afagado. Apesar de Devastação ter buscado carinho na véspera, parecia explícito que o lobo também achava

que Aaron mudara desde que voltou dos mortos. Aaron *tinha* mudado. Mas por que isso teria acontecido?

Pelo menos estavam perto da água agora. Call podia ouvir as ondas batendo na costa. E, então, de repente, aquele ruído foi sufocado pelo ronco de motores. Caminhões rugiam pela estrada. Acima, um elemental que parecia um laço cortou o céu.

Call virou-se, agarrou Aaron pelo ombro e o empurrou para o mato.

— Corra! Precisamos correr!

Mas Call sabia que sua perna não o permitiria ir rápido.

De súbito, vindo do bosque, surgiram Hugo e diversos magos, e, marchando atrás do grupo, os Dominados pelo Caos de Alex.

Mesmo com Mestre Joseph morto, Call e Aaron não conseguiriam escapar.

— Eu sou o Inimigo da Morte! — gritou Call. — Sou a pessoa que está no comando. São minhas ordens que vocês devem seguir. E eu digo que voltem para casa! Acabou. Eu sou Constantine Madden! Sou o Inimigo da Morte! E digo que acabou!

Hugo deu um passo em direção a Call, com um sorriso no rosto. Com um medo crescente, Call percebeu que não eram apenas os magos que ele vira antes. Não eram apenas fugitivos do Panóptico ou aprendizes, como Jeffrey. Havia outros; até pessoas com roupas da Assembleia, que provavelmente tinham acabado de chegar. Traidores, todos reunidos para lutar pelo lado errado. Call teve a impressão de ter reconhecido o pai de Jasper.

Devastação começou a latir alto.

— Você pode ter a alma de Constantine, mas não está no comando — disse Hugo. — Mestre Joseph me deu instruções bastante específicas. Se alguma coisa acontecesse com ele, deveríamos seguir Alex Strike, e Alex disse para levá-lo de volta; à força se necessário.

— Mas eu sou o Inimigo da Morte! — insistiu Call. — Vejam, fui eu que ressuscitei Aaron. Vocês estão todos aqui para desvendar os mistérios da morte, certo? Bem, eu sou o segredo do cadeado da morte! Sou a chave do galpão estranho que ela guarda nos fundos!

Por um instante, depois que Call falou, todos ficaram em silêncio. Ele não sabia ao certo se os tinha impressionado com sua

lógica ou não. Por um momento, torceu para que realmente o deixassem ir.

— Talvez você seja... todas essas coisas — argumentou Hugo. — Mas vai ter que voltar para a casa assim mesmo. Haverá uma batalha em breve, e todos precisamos estar prontos. O bosque não é seguro para você nem para Aaron agora. Pode haver membros da Assembleia em qualquer lugar.

— Não vou voltar com vocês.

Ao dizer isso, Call ergueu a mão, invocando o caos. Talvez o liberassem se mostrasse do que era capaz. Se percebessem que ele estava disposto a lutar, talvez temessem machucá-lo. O poder começou a se reunir lentamente dentro de si, embora Call tivesse ficado quase exaurido ao tentar ver o que havia de errado com Aaron. Com um pedaço da alma faltando, ele estava fraco. Precisava de mais poder.

Por hábito, ele alcançou Aaron, seu contrapeso. Mas alcançá-lo era como enfiar um braço em água gelada. Um nada frio e escuro lavou sua mente. Call soltou um grito quando o mundo escureceu.

↑≋△○@

Call acordou com as mãos amarradas atrás de si, a cabeça caindo para o lado. Por um momento, depois que recobrou a consciência, achou que estivesse de volta ao Panóptico. Só quando viu o que o cercava — a saleta vitoriana arrepiante de Mestre Joseph — é que se lembrou de tudo o que tinha acontecido. Mestre Joseph... Tamara... Aaron.

Aaron.

Ao olhar para baixo, viu que estava preso a uma cadeira, com os tornozelos amarrados rentes às pernas, e os punhos atados atrás das costas.

— Você está acordado — constatou Aaron.

A voz tinha vindo de trás de Call, perto o bastante para que tivesse certeza de que o amigo também estava amarrado a uma cadeira. As cadeiras provavelmente estavam amarradas uma à outra. Call se mexeu um pouquinho para testar a hipótese, e o peso a confirmou.

— O que aconteceu? — perguntou.

Aaron se mexeu um pouco.

— Você parecia prestes a invocar alguma magia, mas simplesmente desmaiou. Eu não tenho magia, então não pude ajudar muito. Devastação também não. Eles nos amarraram. Alex correu de um lado para o outro, dando ordens. Acho que Hugo falou a verdade sobre a batalha.

— Alex realmente está no comando? — indagou Call, incrédulo.

— Ele alega... — começou Aaron.

Antes que pudesse concluir, no entanto, Hugo entrou, seguido de Alex. Quando a porta se abriu, Call ouviu Anastasia falando com outros magos. Por um instante, ele pensou ter ouvido uma voz que reconhecia, mas não conseguia situá-la.

Alex vestia um longo casaco preto abotoado até o pescoço, o cabelo cuidadosamente penteado para fora do rosto. Não parecia mais cansado nem assustado. Seus olhos cintilavam, e o Alkahest em seu braço brilhava, como se tivesse acabado de ser polido...

— Sério? Você está em um teste para o próximo Matrix — disse Call, e depois percebeu que, talvez, não devesse fazer esse tipo de provocação enquanto estivesse amarrado a uma cadeira.

— Estou no comando agora, como sempre deveria ter estado — disse Alex. — Tenho todo o conhecimento de Constantine e toda a habilidade de Mestre Joseph. Eu sou o novo Inimigo da Morte.

Call teve que morder o lábio para não fazer outra piada.

— Eu poderia transferir seu poder de Makar para mim e ser o mais poderoso usuário do caos que já existiu. Seja leal a mim e se torne meu fiel escudeiro, Callum, ou o mato aqui e agora.

— É uma oferta tentadora — analisou Call. — Mas você sequer tem certeza de que o Alkahest funciona desse modo.

— Você não pode matá-lo — disse Aaron, com gentileza. — Assim como não pode me matar. Sem nós, seu exército não se sustenta.

A boca de Alex se contorceu em uma careta.

— É óbvio que se sustenta.

— É óbvio que não — contestou Call, seguindo a linha de Aaron. — Essas pessoas querem o retorno dos mortos, e quem fez isso fui eu, não você. Todos sabem.

— Ele está certo — insistiu Aaron. — Essa gente veio para seguir Call e Mestre Joseph, não um adolescente que não conhecem.

— Por favor — zombou Alex. — Call explicou como trazer de volta os mortos. Ele usou a própria alma. Posso fazer o mesmo quando quiser, então não preciso mais dele. Preciso de *você*, é lógico. *Você* é prova de que isso funciona, mas Call é dispensável.

— Se ele morrer, não vou te ajudar — lançou Aaron, sem qualquer emoção. — Pode ser que não faça isso sob qualquer condição.

Alex parecia pronto para bater o pé, mas, em vez disso, sacou uma faca do bolso interno do casaco. A lâmina curva, de aparência vil, fez Call pensar em Miri, a própria lâmina, que estava no Magisterium. Forçou um sorriso.

— Então, Call. Você quer correr o risco de que eu cumpra a ameaça assim mesmo, ou promete ser leal? Vai lutar a meu lado no conflito iminente?

— Eu luto a seu lado — decidiu Call. — Afinal, Aaron e eu não temos para onde ir. Você me viu correndo atrás de Tamara e Jasper? Não me ouviu quando disse para a Assembleia inteira que não estava aqui contra minha vontade? Todos os outros me odeiam. Você deveria ter começado seu argumento com esse fato.

Alex sorriu e se inclinou para cortar as cordas que os prendiam. Call se levantou e sentiu a perna ruim doer. Aaron se levantou lentamente depois dele.

— Venham — chamou Alex, marchando para fora da sala.

O sol tinha se posto enquanto Call e Aaron estavam amarrados. Pelas janelas, enquanto seguiam Alex pelo corredor, viram que já estava escuro do lado de fora. Ao passarem pela saleta, Call pôde notar que os enormes gramados do lado de fora da casa estavam acesos com esferas ardentes de fogo mágico.

Eles chegaram à varanda da casa e ficaram ali parados, encarando, Alex sorrindo ao lado. Sob a luz oscilante do fogo, o gramado era um campo de batalha sombrio. Um bando de magos com túnicas verdes da Assembleia e os uniformes pretos do Magisterium estavam diante da casa. De costas para o prédio, se postavam as forças de Mestre Joseph.

Eram forças de Alex agora. Call não as discernia muito bem, mas sabia que eram muitos. Teve a impressão de ter reconhecido Hugo e alguns magos. Eles formavam um muro espesso na frente da propriedade, olhando para o norte com grande determinação.

Havia um buraco mais ou menos do tamanho de um campo de futebol entre eles e os magos da Assembleia. Call foi até a grade da varanda e ouviu um latido.

— Devastação! — exclamou.

O lobo correu em torno da casa e subiu os degraus para se aproximar da perna de Call. O garoto exibiu uma careta de dor, mas baixou a mão para afagar o animal. Era um alívio vê-lo, o único de seus amigos que não mudara.

Arriscou uma olhada de esguelha para Aaron. O perfil era bem delineado pela luz vermelho-alaranjada. Fazia os olhos verdes parecerem mais escuros. Call lembrou-se de como Aaron tinha apertado a garganta de Mestre Joseph até que estalasse, e sentiu uma dor por dentro. De certa forma, ele sentia mais a falta de Aaron agora do que quando ele estava morto. Era como se tivesse trazido Aaron de volta, e, a partir daquele momento, tudo o que fazia Aaron ser ele mesmo tivesse desaparecido, como a bruma evaporando de um rio.

Mas por quê? O pensamento atiçou o subconsciente de Call. O problema era o corpo de Aaron. Se ele o tivesse colocado em um corpo diferente, se tivesse transferido a alma de Aaron, como Constantine transferiu a dele... será que teria feito diferença?

Devastação latiu outra vez quando a porta da frente se abriu e Anastasia foi para a varanda. Estava com sua armadura, o cabelo preso com peltre. Ela deslizou em direção a Call.

— Callum — disse ela. — Estou feliz que tenha enxergado a razão e decidido lutar ao lado de Alex.

— Não enxerguei a razão — respondeu Call. — Ele simplesmente me ameaçou se eu fizesse o contrário.

Anastasia piscou os olhos. Call não pôde deixar de imaginar: será que para ela não faria diferença se Alex matasse a alma de Constantine? Mas quaisquer concessões que Anastasia fizera, há tempos, a fim de aceitar as ações do filho, seu desejo de consegui-lo de volta assim mesmo, deviam lhe estar bloqueando a mente.

— Depois que a luta acabar — continuou ela —, vamos para algum lugar, vamos ressuscitar Jericho e viveremos em paz.

— Chega, Anastasia — ameaçou Alex. — Mestre Joseph tolerava esse devaneio ridículo, mas eu não. Callum não é seu filho. Não me importa o que você pensa. Call não é Constantine Madden, e todo o seu encanto por ele não fará a menor diferença. Ele não te ama.

A expressão de Anastasia imediatamente tornou-se severa. A cortina de fumaça começava a se erguer, e Call não sabia ao certo se Alex gostaria de ver o que tinha por baixo.

— Alex, seria muito bom para você se lembrar de que precisa de mim — aconselhou Anastasia. — E de meus elementais.

— E seria muito bom para *você* se lembrar de que, se deve considerar alguém como seu filho, esse alguém sou eu.

— Eu conheço a alma de Call — retrucou Anastasia, embora o menino não achasse que isso fosse verdade. — Não a sua.

O rosto de Alex se contorceu.

— Há muitas coisas acontecendo aqui — interrompeu Aaron, como se ninguém estivesse falando.

Alex o encarou, e Call olhou em volta da ilha.

Era verdade. O exército de Dominados pelo Caos tinha sido conduzido para fora do lago. Os mortos-vivos estavam em fileiras organizadas e vestiam trapos após tanto tempo submersos. Perto deles, havia elementais: cobras compridas e aeradas curvavam-se em torno das árvores, lagartos em chamas, aranhas enormes totalmente feitas de pedra. Call não viu nenhum elemental da água, mas, se havia algum, provavelmente estava no rio.

Ele olhou novamente para os magos. Teve a impressão de ter ouvido uma voz familiar antes, mas agora percebia que conhecia *várias* pessoas ali. Alguns membros da Assembleia estavam ao lado de Hugo, assim como diversos pais que ele reconhecia do Magisterium. O pai de Jasper estava lá, o que fez Call perder o fôlego.

Mas, entre a multidão, havia alguém que chocou Call mais ainda — a irmã mais velha de Tamara, Kimiya.

Kimiya, que segundos depois se jogou nos braços de Alex.

— Estou tão feliz por você estar bem — disse ela sem ar.

Até Alex pareceu surpreso.

— Kimiya?

— Kimiya, o que você está pensando? Você deveria estar do mesmo lado que suas irmãs — afirmou Call.

Ela se virou e o olhou, furiosamente.

— Ravan não é minha irmã — retrucou. — Ela foi destruída pelo fogo. Agora é um monstro. Minha melhor amiga, Jen, está morta... — Seus lábios tremeram. — Detesto a morte — anunciou. — Se Alex quer destruí-la, então ficarei a seu lado.

Alex lançou um olhar superior a Call por cima da cabeça de Kimiya.

— Vá e pegue uma arma para você, querida — instruiu ele, acariciando seus longos cabelos pretos. — Vamos lutar juntos.

Kimiya desapareceu para dentro. Alex sorriu para Call, que mal conteve o impulso de pular em cima dele e esganá-lo. Mas Alex o interrompeu, indo para perto de Call e o pegando pelas costas da camisa com a mão que não estava coberta pelo Alkahest. Hugo, a seu lado, cuidou de Aaron.

— Leais seguidores! — gritou ele, e Call e Aaron foram lançados para a frente pela escada, para o centro de um holofote brilhante que estava sendo projetado por diversos magos. — Aqui estão, Callum Hunt, a reencarnação de Constantine Madden, e sua maior conquista: Aaron Stewart, ressuscitado dos mortos!

Uma onda de vibração se ergueu. Call ouviu as pessoas gritando o nome de Aaron. Ele se sentiu tonto. Era muito parecido com a vez que Aaron foi revelado como o Makar, o herói do Magisterium, mas, ao mesmo tempo, totalmente diferente.

— E agora... — começou Alex. Mas Hugo o interrompeu.

— Mestre Strike — disse ele. — O outro lado está acenando uma bandeira branca.

— Eles se renderam? — Alex pareceu desapontado. — Já?

Hugo balançou a cabeça.

— Significa que querem conversar antes da batalha.

— Eles nos mandaram um recado. Realmente é o que desejam. Mas só com Call — disse Anastasia, parecendo tensa.

— Não — negou Alex. — Eu proíbo.

Aaron parecia pronto a discutir em seu nome, mas Call pôs a mão em seu braço.

— Ótimo — disse para Alex. — Eles provavelmente me pegariam, concluindo que o exército seria inútil sem mim.

— *Eu* estou liderando esse exército — retrucou Alex com raiva.

Call sorriu.

— Eu ainda sou o Inimigo da Morte.

Alex virou-se para Anastasia. Ele parecia petulante o suficiente para insistir.

— Por que querem conversar com Callum?

Kimiya havia reaparecido de dentro da casa, segurando um machado feito de pedra. Tinha muitos símbolos de ar e terra talhados, o que Call desconfiava que o tornava leve o bastante.

— Foi ideia de Tamara — avisou Kimiya. — Ela persuadiu nossos pais de que ele era confiável. Que sua palavra teria valor. — Ela balançou a cabeça. — Na verdade, acho que ela quer se despedir mais uma vez.

Um sorriso cruel brotou no rosto de Alex.

— Eu não sabia que estava rolando alguma coisa entre você e Tamara, Callum.

— Não é nada disso. — A voz de Call soou como um resmungo ridículo o bastante para que Aaron erguesse as sobrancelhas. Dava para perceber que Call estava mentindo.

— Eu me enganei. Você *vai*, Callum Hunt — decidiu Alex, com uma risada, evidentemente acreditando que isso deixaria Call chateado. — Você vai, e vai dizer exatamente o que eu quero que diga. Vai levar minha palavra aos magos da Assembleia, e eles vão aprender quem é o verdadeiro líder deste exército.

Call tentou parecer triste, mas suas entranhas estavam se revirando. Essa era a sua chance de ajudar a Assembleia. Mas como?

Ele respirou fundo. Precisava transmitir a eles uma ideia das forças que iriam enfrentar. Uma estimativa por alto de quantos elementais, Dominados pelo Caos e magos. Eles precisariam da informação. E de que Mestre Joseph estava morto.

— Não volte — sussurrou Aaron.

Call balançou a cabeça.

— E deixar você aqui? Nunca.

Aaron não disse mais nada. Não insistiu, não explicou.

— Eu ouvi isso — disse Alex. Todo de preto, ele parecia uma ave de rapina encarando os magos da Assembleia. — Estarei de olho para ver se está correndo para eles, Call. Observando caso queira me trair. E, se o fizer, comandarei todos os Dominados pelo Caos a atacar e não parar até o matarem.

Kimiya engasgou. Call virou-se para ver que uma linha de fogo se espalhava a partir da fila de magos da Assembleia sobre a grama vazia, em direção às forças de Alex.

A grama não queimou; o fogo pareceu navegar sobre ela, expandindo enquanto voava. Alex cerrou os olhos.

— Eles estão vindo — avisou ele. — Call, me ajude a comandar os Dominados pelo Caos...

— Não! — Kimiya colocou a mão no punho de Alex. — É Ravan.

— Ela está *atacando*!

A voz de Alex se elevou a um grito, mas Ravan já os tinha alcançado. Ela havia se transformado em uma coluna de chamas, erguendo-se da grama. Uma fumaça cinzenta e tingida com linhas laranjas de fogo surgiu...

E condensou. Tornou-se cada vez mais sólida até uma menina cinza estar diante deles. Ela era sólida e parecia real. As dobras de um vestido de fumaça esvoaçavam em torno da jovem. Seu cabelo comprido, que outrora havia sido preto, agora brilhava em prata. Seu rosto lembrava Tamara, e Call sentiu um nó por dentro.

Três dos magos ergueram um escudo gelado entre ela e as forças de Alex, mas a elemental apenas riu.

— Acompanharei Callum até o outro lado — disse ela. — Estou pacífica agora, mas, se me atacarem, queimarei a terra por um raio de um quilômetro e meio.

Será que ela realmente podia fazer isso?, Call ficou imaginando. Quão horrível essa batalha se tornaria?

— Monstra — xingou Kimiya, com a voz furiosa.

Ravan deu um sorriso torto.

— Irmã — disse ela para Kimiya, e esticou a mão para indicar que Call andasse a sua frente. — Callum. Temos que nos apressar.

Call lançou a Aaron um olhar que dizia que ele voltaria antes de desviar o escudo de gelo e seguir a irmã de Tamara pela grama.

Tudo estava assustadoramente quieto. Mal havia vento enquanto atravessavam o terreno, o que permitiu que Ravan mantivesse a forma humana. Ao se aproximarem do outro lado, Call viu que três figuras esperavam por ele. A pele negra de Mestre Rufus contrastava com a túnica verde-oliva da Assembleia. A seu lado estava Tamara, com o uniforme escolar, seu cabelo muito preto contra o branco. E ao lado de Tamara estava Jasper, seu rosto furioso enquanto observava a aproximação de Call.

Quando ele os alcançou, Ravan começou a se espalhar, e cinzas vieram em ondas. Por um instante, enquanto se dissolvia, ela olhou para Call. Seus olhos estavam laranja, cheios de chamas.

— *Não magoe minha irmã* — sussurrou. — *Ela gosta de você.*

E, então, sumiu.

Call parou diante deles: seu amigo, sua ex-namorada e seu antigo professor. Nenhum deles falou.

— Call... — começou Tamara.

— Não tenho muito tempo — interrompeu Call.

Ele não se julgava capaz de suportar o que a garota tinha a dizer. Começou a falar depressa, sem olhar diretamente para nenhum deles. Explicou mais ou menos do que consistia o exército de Alex, e o que tinha acontecido com Mestre Joseph. Enquanto falava, um dos membros da Assembleia, Graves, saiu de onde estava e foi até eles. Nunca foi muito fã de Call, e Call tentou ignorar sua presença.

À medida que Call diminuía o ritmo, a expressão de Mestre Rufus foi mudando de neutra para preocupada.

— Callum — interrompeu ele, afinal. — Está me dizendo que Mestre Joseph está *morto*? E que Alex Strike e Anastasia Tarquin estão liderando as tropas?

Call assentiu.

— Mas principalmente Alex. Olhe, eu me rendo! Eu me rendo! Isso tudo foi um grande erro. Só me prometam que nada vai acontecer a Aaron, e farei o que quiserem.

Com a menção ao nome de Aaron, todas as expressões ficaram sombrias. Graves apontou um dedo magro para ele.

— Callum Hunt, o que você fez pode ter criado uma ruptura no mundo dos magos que jamais será corrigida. Os mortos não devem voltar. Aaron precisa ser destruído, pelo bem de sua alma, se não houver nenhum outro motivo.

— É isso que você acha? — Call virou-se para Tamara.

Os olhos da menina brilhavam, como se ela estivesse contendo lágrimas, mas a voz soou firme:

— Acho que você trouxe de volta parte de Aaron, mas não ele todo. Não acredito que ele gostaria de viver assim.

Mas e se eu estiver começando a entender o que eu fiz de errado?, queria perguntar a ela, mas já sabia qual seria a resposta. Era tarde demais. *E se eu ainda puder consertar? Consertar Aaron?*

Call não tinha certeza se era possível. Era apenas a semente de um pensamento no fundo de sua mente. Tinha algo a ver com o corpo de Aaron, um corpo que estivera morto... O corpo do próprio Call estava vivo quando Constantine lhe transferiu a alma...

Mas o que ele estava pensando era algo que possivelmente jamais poderia ser feito.

Jamais *deveria* ser feito.

— Deixe Aaron escolher — pediu Call, olhando para o chão.

— Como se ele pudesse fazer escolhas — desdenhou Graves. — Ele consegue falar?

Tamara ruborizou. Call encarou Graves.

— Sim, ele consegue escolher fazer as coisas. Foi ele que matou Mestre Joseph, e o fez por conta própria.

Tamara perdeu o ar.

— Aaron matou Mestre Joseph?

— Sim — respondeu Call. — E ele deve poder escolher se quer viver, morrer, ou para onde vai! Eu o trouxe de volta. Devo isso a ele.

— Não tem a menor importância — retrucou Graves, embora ele parecesse abalado. — Você não pode voltar para o Magisterium.

— Então me mandem de volta ao Panóptico — sugeriu Call. — Me prendam. Mas não a Aaron.

— Você não pode voltar para nós, Callum — disse Rufus gentilmente, mas Graves o interrompeu.

— Não negociamos com você para oferecer ajuda. Nem a você e nem a seu monstro. Pedimos para conversar porque sua família e seus amigos acreditam que você possa ser persuadido a fazer a coisa certa. — Ele olhou em volta, como se não conseguisse acreditar na burrice dessas pessoas.

— A coisa certa? — repetiu Call, sem a menor certeza do que estavam sugerindo.

A única certeza que tinha era a de que não iria gostar.

— Já estivemos em guerra com as forças do Inimigo antes — prosseguiu Graves. — E sim, talvez Alex seja muito inferior, mas suas forças não. Ele é um Makar, e não temos mais nenhum Makar lutando do nosso lado.

Call abriu a boca, mas Jasper balançou a cabeça, e, pela primeira vez na vida, Call se calou. Queria que o pai estivesse presente para participar da conversa. Supunha que Alastair deveria ter pedido, mas entendia por que não o deixaram vir. Ele iria direto ao assunto e contaria o que realmente estava se passando.

— Tivemos mais traidores e desertores do que contávamos. Só existe uma maneira de acabar de uma vez por todas com isso. Você deve ser verdadeiro com o seu caos e destruir Alex Strike e a si mesmo.

Call respirou fundo.

— *O quê?* — exclamou Jasper.

Tamara explodiu em fúria.

— Não foi esse o acordo! Ele deveria destruir Mestre Joseph, e tudo seria perdoado! — Ela virou-se para olhar para Call. — Eu disse a eles que você não foi sincero quando falou que era o Inimigo da Morte, que você só disse isso para que Alex e Mestre Joseph não soubessem que você estava a nosso favor. Sei que você ressuscitou Aaron porque o ama, Call, e por nenhum outro motivo.

— Graves, isso é intolerável — disse Mestre Rufus. — Ele é uma criança. Não pode pedir para ele se destruir.

Call começou a recuar. Estava enjoado. Mestre Rufus podia discutir, mas a Assembleia já havia decidido, e a Assembleia estava no comando. Ela o queria morto. Não havia nada que pudesse fazer quanto a isso.

— Call — chamou Mestre Rufus. — Call, volte...

Mas Call já tinha partido, correndo pela grama em direção ao exército de Alex, em direção a Anastasia e aos Dominados pelo Caos. Depois de tanto tempo tentando se livrar deles, Call jamais pensou que correria para eles.

Devastação veio recebê-lo, latindo, os olhos coruscantes brilhando ao luar, como pontas de fogo. Call agarrou-se em seu pelo e correu o resto do caminho apoiando no lobo, a perna fraca doendo, assim como a cabeça.

Ele teria voltado para a casa, mas havia muitos Dominados pelo Caos e a Assembleia bloqueando sua passagem. Alex estava de pé ao lado de Kimiya e Anastasia. Ele estava sorrindo. Aaron postou-se um pouco atrás. Hugo trazia a mão em seu ombro — não era amigável, mas um alerta.

— Então, como foi, Call? — perguntou Alex. — Kimiya me contou que eles queriam que você se sacrificasse para derrotar Mestre Joseph. Ela ouviu Graves falando. É bom saber quanto o Magisterium o valoriza, não?

Call sentiu o coração despencar ainda mais. Por foi isso que Alex o deixou ir conversar. Não por confiar em Call ou por ter sido enganado por sua encenação de que estava chateado, mas por acreditar que ele não se sacrificaria.

E ele acertou. Call fugiu dos magos da Assembleia. Pensou em seu primeiro ano aprendendo magia. O final de seu poema particular. *Call quer viver.*

— Tamara — disse Kimiya. — Tamara estava bem? Ela não vai lutar, vai?

Call abriu a boca, depois a fechou novamente. Kimiya não merecia saber da irmã. Não merecia fingir se importar com Tamara quando a tinha abandonado.

— Eu tenho o Alkahest — avisou Alex, erguendo o braço. — Você luta conosco, Call, ou morre com Aaron. Agora entende isso, certo?

Call respirou fundo, tentando se recompor. Estava com vontade de gritar. Estava com vontade de chorar. Mas não podia fazer nenhuma das duas coisas.

— Sim, eles me fizeram uma proposta ofensiva. E daí? Eles já me abandonaram. — Call olhou bem para Alex, tentando

transformar a raiva que sentia em confiança. — Eu já disse que não tinha para onde ir.

O sorriso de Alex oscilou.

— Que bom saber que não o fizeram mudar de ideia.

Aaron foi até ele, mas não perguntou como ele estava, não colocou a mão em seu ombro.

— Muitas pessoas vão morrer hoje, não é?

Sua pergunta não o fez soar particularmente preocupado, apenas curioso.

— Suponho que sim — respondeu Call.

Ainda parecia impossível, estúpido, mas estava acontecendo. Muitas pessoas, pessoas boas, iam se machucar. Iam morrer, como sua mãe tinha morrido.

— Você vai liderar o exército de Dominados pelo Caos do Inimigo da Morte do lado esquerdo — decidiu Alex. — Vou liderar o meu à direita. Anastasia vai comandar os elementais por cima. Hugo vai liderar os magos, que vão nos apoiar de uma distância segura. Vamos destruí-los. Você não se importa de estar na vanguarda, certo?

— É óbvio que não — respondeu Call.

Ele tinha certeza de que Alex considerava os Dominados pelo Caos de Constantine os mais descartáveis, e estava disposto a sacrificar Call na primeira oportunidade. Talvez até providenciasse um pequeno incidente.

— Aaron ficará comigo — disse Alex, tornando o cenário do “acidente” ainda mais provável.

— Não quero fazer isso — avisou Aaron, com um tom neutro que deixou Call um pouco nervoso.

— Bem, mas você vai — retrucou Alex. — Não se preocupe com Call. Ele não ficará sozinho. Devastação pode ir com ele.

Ao ouvir seu nome, o lobo Dominado pelo Caos latiu uma vez.

Call olhou para Aaron. Ele teria insistido para que seu amigo fosse junto, a não ser pelo fato de que Alex iria expor Call ao máximo perigo possível, e isso significava que o mesmo valeria para Aaron.

Ele pensou no que Graves havia lhe dito ao chamar os Dominados pelo Caos para si e comandá-los a se organizar em

fileiras curtas. Pareciam um exército de soldadinhos de brinquedo, só que em tamanho aumentado e apavorantes.

Call tentava evitar aquele momento desde que descobriu que sua alma já havia pertencido a Constantine Madden. Tinha medo de se tornar o Inimigo da Morte, de ser motivo de dor e de medo e de destruição. Ele tentou fazer boas escolhas, mas, apesar de cada uma parecer boa isoladamente — bem, a *maioria* ao menos —, elas ainda o haviam levado até o momento presente.

Ele podia arrumar desculpas, mas elas não importavam. E Graves ser tão idiota também não, porque ele tinha razão. Mesmo que nada disso fosse culpa de Call, ele ainda era a pessoa que poderia corrigir a situação.

Só tinha que descobrir como.

— Vá — ordenou Alex. — Comande-os.

— Tudo bem — disse Call a seus Dominados pelo Caos. — Hora de marchar.

— Ssssim — rosnaram na língua que apenas Call entendia.

O grupo começou a se mover.

Seus pés trovejaram sobre o chão em direção ao ponto onde o exército da Assembleia ainda se reunia à beira da água. O ar acima estalava com magia elementar. Atrás deles vinham os Dominados pelo Caos de Alex e os magos.

Call jamais se sentira tão despreparado para nada na vida. É exatamente como no Julgamento de Ferro, disse a si mesmo. *Você só precisa perder.*

Ele iria se certificar de que seu lado perdesse de maneira espetacular.

CAPÍTULO CATORZE

Era como nas fotos que Call tinha visto da última Guerra dos Magos, aquela em que Verity Torres morreu no campo de batalha, encarando Constantine Madden.

A não ser pelo fato de que agora ele *era* Verity, preparando-se para morrer. Aaron tinha falado com Call sobre seu medo de morrer no campo, como Verity, um Makar sacrificado pelo bem da Assembleia dos Magos. Mas era Call que morreria assim. Call, a quem a Assembleia odiava.

De algum modo, ele era Verity e Constantine ao mesmo tempo. Pensou em ambos ao marchar à frente dos Dominados pelo Caos, com Devastação ao lado. Conseguia ouvir seus sussurros na estranha língua morta. Estavam lhe pedindo instruções, perguntando o que ele queria.

Sua tropa se aproximava dos magos da Assembleia pelo oeste. Call conseguia ver Alex chegando pelo lado leste — Alex, que vestia a máscara de prata do Inimigo da Morte. Ela o tornava inumano, meio fantasma, meio monstro. Call ouviu Alex gritar, e viu o Alkahest brilhar em cobre enquanto Alex gesticulava para seus Dominados pelo Caos atacarem.

Eles avançaram a seu redor, assim como os traidores da Assembleia — comandados por Hugo. Apenas Aaron não se mexeu. Ele ficou onde estava, uma figura solitária e sombria, o outrora Makar esquecido, como uma pedra no meio de um rio enquanto os Dominados pelo Caos fluíam por ele.

O grupo foi ao encontro da lateral leste dos magos da Assembleia, e houve gritos. Call procurou apavorado por Tamara e Jasper, mas não conseguiu ver nenhum aluno entre os combatentes. Torceu para que tivessem sido empurrados para o fim das filas, onde estariam protegidos.

Não havia mais nenhum trecho livre entre as duas linhas de combate. Restava apenas pandemônio — o pai de Jasper trocando afiados raios de gelo com Mestre Rufus. Mestre Rockmaple,

combatendo diversos Dominados pelo Caos com uma espada alquímica curva, fatiou vários corpos que, trêmulos, sucumbiram.

Envolta em fumaça, Ravan pairava no ar acima dos magos da Assembleia, trocando explosões de fogo com Anastasia que, apesar de ter a armadura parcialmente queimada de preto, estava se sustentando bem.

— Call! — Era Alex gritando furiosamente sobre as colisões da batalha. — Call, *ataque*!

Ele respirou fundo. Sabia o que tinha que fazer. Com os Dominados pelo Caos sob seu comando, o lado de Alex poderia vencer os magos da Assembleia. Sem eles, seria muito mais difícil sair vitorioso.

Call extraiu da magia do vazio; seu objetivo era impor sua vontade aos Dominados pelo Caos para que entendessem totalmente seus desejos.

— Vocês, que eu criei! — invocou-os. — *Dancem!*

Imediatamente, como um *flashmob*, eles fizeram os movimentos sincronizados que Call pediu. Chutaram as pernas e giraram, gemendo ao mesmo tempo com uma melodia que mais ninguém escutava. Jogaram as mãos para o alto. Rebolaram. Foram até o *chão*.

Foi totalmente ridículo. Tão ridículo que, por um instante, todo mundo parou. Até os elementais pareceram curiosos.

Alguns magos até riram.

Mas Alex não estava rindo. Parecia absolutamente furioso.

— Seu *idiota*! — gritou ele, voando na direção de Call. — É a última vez que você me faz de bobo!

A máscara de prata captou a luz, e Call viu ali o próprio reflexo. Então, Alex a retirou. Por baixo, seu rosto estava rubro de raiva. O Alkahest brilhou em seu braço, e Call não teve dúvida quanto ao que ele planejava.

Pelo menos, Call estava certo de que seus Dominados pelo Caos estavam ocupados, e assim continuariam por um tempo. Transmitiu magia o suficiente em seus comandos para que ficasse difícil para Alex interromper, mas isso deixou Call desgastado antes mesmo do início da luta. E, considerando que sua magia vinha se

esgotando mais depressa desde que ele tinha doado parte de sua alma, derrotar Alex não seria fácil.

Mas ele não precisava sobreviver para vencer.

Utilizando seu poder, Call abriu um buraco no vazio. Dava para sentir o Caos lá dentro, frio, oleoso e pulsando com a promessa de muito poder.

Alex ergueu o braço que tinha o Alkahest e o apontou direto para Call, que tentou extrair forças do caos e jogá-las contra Alex, mas foi lento demais.

Devastação chegou primeiro.

O lobo Dominado pelo Caos pulou em Alex, mordendo seu punho coberto de metal. O raio que devia ter atingido Call atingiu o animal em seu lugar.

— Devastação! — gritou o garoto.

Mas a descarga elétrica tinha sido desferida bem no peito do lobo, erguendo seu corpo no ar. E, então, esse mesmo corpo ficou flácido, e Devastação caiu no chão.

Call parou de pensar em magia, em guerras, em tudo. Superando a dor na perna, foi para cima de Alex e deu um soco em seu rosto.

De lábio cortado e parecendo mais surpreso que qualquer coisa, Alex cambaleou. Os nós dos dedos de Call doeram. Ele nunca havia batido em ninguém antes.

Com uma careta, Alex acertou o Alkahest na têmpora de Call, derrubando-o sobre a grama. Call viu o corpo de Devastação caído no campo a uma pequena distância. O lobo não se mexia.

Ele se levantou enquanto Alex mirava o Alkahest outra vez. E, então, de repente, Aaron surgiu, arrancando-o de seu braço. Os dois lutaram, segurando em lados opostos do objeto.

— Dominados pelo Caos! — gritou Alex. — A mim!

Call foi engatinhando até Devastação e cobriu o corpo do lobo com o seu antes de invocar o caos novamente. A energia girou em torno dele, escura e cheia de promessas.

Callum o alimentou com raiva. Raiva do Mestre Joseph por tê-lo privado de fazer suas escolhas, por tê-lo sequestrado e o forçado a ser Constantine. Raiva da morte por ter levado Aaron. Por ter levado

sua mãe. Por ter levado Devastação. Por tê-lo deixado com um buraco sombrio de perda no meio do peito.

Ele alimentou o caos com raiva e perda, com dor e, finalmente, com medo, o medo da própria morte, o medo do que havia do outro lado de seu sacrifício.

Ao alimentar o caos, Call sentiu energia irradiando de si. Tudo em seu corpo estava concentrado em irradiar o poder do nada. Alex gritava enquanto os fios pretos pesados o cercavam, como as curvas de uma cobra.

Call engasgou. Ele sentia a gravidade da terra puxando-o para baixo. Estava enfraquecendo. Conseguia ver Aaron sozinho no campo de batalha. Os Dominados pelo Caos ignoravam a presença de Aaron: ele não era nada para eles, não era um mago e, talvez, assim como eles, sequer estivesse vivo.

Aaron encarava Call, balançando a cabeça. Call sabia que era porque deveria estar alcançando seu contrapeso naquele momento. Mas ele não tinha um contrapeso; e, mesmo que tivesse, não sabia ao certo como fazer isso. Era magia demais. Tocava sua alma.

Alex lançou o caos contra Call em uma nuvem sufocante, que o penetrou.

Call pensou em Ravan, em como ela devia ter se sentido ao usar tanta magia do fogo que se tornou uma Devorada. E, nesse exato momento, viu Ravan voando pelo ar em uma chuva de faíscas. Não era mais humana. Ele não queria se tornar uma criatura de caos. Então, com o resto de magia que possuía, ele afastou o caos — jogou tudo de volta no vazio... com Alex. Alex lutou, enviando flechas giratórias de energia do vazio contra Call, mas o garoto foi buscar poder no fundo de sua alma.

O rosto de Alex se contorceu ao perceber o que Call fazia. Antes que pudesse sequer gritar, tinha desaparecido, fora sugado pelo vazio. Todos os Dominados pelo Caos uivaram por ele — um som demorado e terrível que pairou sobre o campo de batalha e que cessou do nada, como um brinquedo sem pilha.

Call olhou para onde Aaron estava antes, mas não o viu mais. Virou-se para tentar encontrá-lo, avistar alguém, mas sua visão estava turva e era difícil ajustar o foco por causa da tontura. Encolhendo-se, sentiu a escuridão fechar o canto de sua visão. Não

tinha certeza se estava caindo no caos ou em alguma coisa mais profunda.

Fique acordado, ordenou a si próprio.

Fique vivo.

— Callum! — chamou Mestre Rufus. — Callum, você consegue me ouvir?

Ele não sabia ao certo quanto tempo havia passado.

— Call. Por favor esteja bem. Por favor.

Era Tamara, e ela soava como se tivesse chorado, o que não fazia sentido, considerando quão furiosa tinha ficado.

Call tentou falar, tentou lhe dizer que estava bem. Não conseguiu. Talvez não estivesse bem, afinal.

Abriu ligeiramente os olhos. Provavelmente muito pouco para que qualquer um notasse. Sua visão ainda estava turva, mas ele tinha razão: Tamara se inclinava sobre seu corpo, chorando. Ele queria dizer para ela não chorar, mas talvez não fosse ele o motivo das lágrimas. Talvez estivesse chateada por Devastação. Fazia mais sentido. Se Call tivesse dito que estava bem, e ela estivesse mesmo chorando por Devastação, teria sido muito constrangedor para ambos — principalmente porque ele provavelmente também começaria a chorar por causa do lobo.

— Você conseguiu — sussurrou ela. — Você salvou todo mundo. Call, por favor, por favor acorde.

Ao ouvir essas palavras, ele tentou se mexer com mais vontade, mas, mesmo assim, não conseguiu. Era como se todas as suas partes estivessem pesadas, e até abrir um olho por completo parecia uma luta contra esse peso.

— Vou contar a ele uma coisa que vai alegrá-lo. — Era a voz de Jasper do outro lado.

O garoto era um borrão de cabelo escuro em algum lugar atrás de Tamara. Se Call pudesse rosnar, ele o teria feito.

— Call, voltei com Celia. Não é ótimo?

Por um breve instante, Call cultivou a fantasia de que todos socariam Jasper por ele, mas ninguém o fez. Não era justo.

— Ele está morrendo — disse alguém. Mestre Graves, sua voz seca inconfundível. Ele não soou particularmente infeliz com a

constatação. — Usou magia do caos demais para qualquer um sobreviver. Sua alma deve estar dominada pelo elemento.

Mestre Rufus virou-se lentamente, e, mesmo com dificuldade, Call pôde ver a fúria no olhar que ele lançou ao outro mago.

— Ele fez isso por sua causa — acusou. — Você provocou isso, Graves, e não pense que algum de nós vai esquecer.

Ouviu-se um som fungado de Graves, então Call escutou outra voz, mais próxima. Tamara levantou o olhar, e sua postura mudou, embora não tenha se movido nem dito nada quando a outra figura se aproximou. Alguém que Call reconheceu, apesar do borrão.

Aaron.

Aaron ajoelhou-se a seu lado. Ele colocou uma mão fria e calma no peito de Call.

— Eu posso ajudá-lo — anunciou.

— O que você vai fazer? — perguntou Tamara.

Call ficou imaginando se ela se lembrava do que tinha dito a ele: que Aaron se importava com Call por ter um pedaço de sua alma dentro de si.

Aaron era um borrão com uma auréola de cabelo claro. Sua voz soou firme, quase como o velho Aaron de antes.

— Call não pode morrer. Eu que deveria estar morto.

Tamara respirou fundo. Call lutou para arregalar os olhos, lutou para dizer alguma coisa, para impedir Aaron, mas, então, sentiu a mão do amigo pressioná-lo, e alguma coisa se moveu no fundo de seu peito.

De repente, havia ar para respirar de novo. Algo se movia dentro de suas costelas. Aaron não era mais um mago, não era Makar. E por que se dar ao trabalho? Ele queria saber como era sentir a alma de alguém piscar e morrer?

— O que você está fazendo? — sussurrou Tamara. — Por favor, não o machuque. Ele já se machucou o suficiente.

Aaron não disse nada. Call sentiu novamente, o toque profundo no peito. Sua alma ferida estava se acalmando. Era como se o senso de alguma coisa estivesse lhe sendo restaurado, algo que só agora havia se dado conta de que estava faltando.

Ele engasgou e abriu os olhos. O borrão desapareceu, e tudo ficou irradiado de luz. Seu corpo estremeceu.

— Ele está vivo — anunciou Mestre Rufus impressionado. — Call! Call, está me ouvindo?

O garoto fez que sim; a cabeça doía, mas ele não estava mais engasgando nem se sentindo tonto. Encarou Aaron.

— O que você fez?

— Devolvi sua alma — respondeu Aaron. — O pedaço que você usou para me trazer de volta. Coloquei-o de volta em você.

— Aaron — suspirou Tamara.

— Tamara — disse Aaron. — Está tudo bem.

Havia uma gentileza em sua voz que Call não ouvia desde que Aaron morrera. Call sentia como se algo estivesse expandindo no peito, algo tão grande que poderia quebrar suas costelas e fazê-lo gritar. Ele quase conseguia enxergar os fios invisíveis o conectando a Aaron; fios de alma dourados, finos como seda, entre os dois.

E o oposto do caos é a alma humana.

Mestre Graves estava tagarelando.

— Mas isso é impossível. Não tem como ser feito. Almas não podem ser passadas e repassadas assim, como cartas de baralho!

Call sentou-se. O campo de batalha estava coberto de fumaça. Magos andavam de um lado para o outro, apagando focos de incêndio, reunindo Dominados pelo Caos e traidores. Call viu o pai de Jasper ser levado por dois magos robustos da Assembleia, embora não tivesse visto Kimiya em lugar algum.

— Então, estou bem? — perguntou, olhando de Tamara para Aaron e para Mestre Rufus. — Nós dois estamos bem?

Mas Aaron não disse nada. Estava muito pálido e abraçava a si mesmo, como se estivesse com frio.

— Call — disse ele, sem fôlego. Seus lábios estavam azulados. — Nunca tinha que ter sido eu. Eu não sou o herói. Você é. — Impossivelmente Aaron deu um esboço torto de sorriso. — Sempre foi você.

— Aaron! — gritou Call.

Mas Aaron tinha caído entre ele e Tamara. Soluçando, ela colocou a mão no ombro de Aaron e o sacudiu, mas o garoto estava imóvel.

Call sentiu a própria alma se debater desesperadamente em direção aos fios dourados que o conectavam ao amigo. Como se a

própria alma não suportasse deixar Aaron partir. Por um instante, a sensação foi tão intensa que Call achou que pudesse desmaiar novamente. Ele se concentrou em se segurar, em reunir toda a sua energia e seu poder, em puxar os fios dourados para si.

— Aaron se foi — sussurrou Tamara.

Call abriu os olhos. Aaron parecia em paz, ali deitado no chão. Talvez fosse melhor assim, talvez devesse enxergar dessa forma, mas Call estava horrorizado. A ideia de perdê-lo, e também de perder Devastação, parecia demais para suportar.

Call olhou em volta procurando seu lobo, mas não o encontrou. Não estava onde havia caído. Será que alguém movera seu corpo?

Um tremor percorreu seu corpo. Call queria o pai. Queria Alastair...

Foi quando sentiu mãos suaves tocaram seu ombro. Mestre Rufus. Não se lembrava de Mestre Rufus agindo com delicadeza, mas não tinha nada além de gentileza em seu toque. A dor no peito de Call não passava. Sua cabeça zumbia.

Havia grupos de magos percorrendo o campo, colocando os cadáveres em macas. Um deles se aproximou para levar o de Aaron.

— Cuidado com ele — pediu Call fracamente, enquanto erguiam a maca e começavam a ir. — Não o machuquem.

— Aaron não pode ser machucado — disse Mestre Rufus, suavemente. — Ele está além disso tudo, Call.

Tamara chorava baixinho nas próprias mãos. Até Jasper estava em silêncio, o rosto manchado de terra.

Call desejava se levantar e correr atrás da maca, tirar Aaron dali e trazê-lo de volta para seus amigos. O que era ridículo, porque Aaron estava morto. Morto além das habilidades que Call pudesse ter para chamar de volta sua alma, mesmo que fosse tolo o suficiente para fazer uma escolha tão terrível duas vezes. Mas Call precisava se certificar de que, daquela vez, seu amigo teria um enterro.

Mesmo que ele estivesse de volta ao presídio e não pudesse comparecer. Call pensou nas paredes de sua antiga cela no Panóptico. Não seria tão ruim voltar para lá agora. Talvez descansasse.

Então, se lembrou do estado em que deixaram o local. Bem, ele tinha certeza de que havia outros presídios para magos. Provavelmente um deles serviria.

— Tudo bem, Call — disse Mestre Rufus, como se pudesse ler os pensamentos do garoto. — Ele vai ter um enterro de herói. O nome de Aaron jamais será esquecido.

Uma sombra recaiu sobre todos eles.

— Callum, você terá que vir comigo — chamou Graves, que parecia desapontado por Call ter sobrevivido.

— Ele não vai a lugar algum — avisou Mestre Rufus. — Call salvou a todos nós e quase se sacrificou para isso. Se tentar prendê-lo, vou prender você em pedra. Callum Hunt é um herói, exatamente como Aaron disse.

— É — disse Tamara. — Encoste em Callum Hunt, e queimarei seus dedos.

Call olhou impressionado para ela. Achou que Tamara agora via que ele não era de fato mau, mas acreditou que tinha perdido sua amizade para sempre.

No entanto, lançou um sorriso sem graça para ela, mesmo com lágrimas nos olhos; Tamara sorriu de volta.

E então ouviu-se um latido vindo da multidão. Call virou-se a tempo de ver Devastação se aproximar. Jogou os braços em volta de seu pescoço e enterrou o rosto no pelo quente.

— Você está bem — sussurrou ele.

Em seguida, recuou para ter certeza. E, ao encarar Devastação, ele notou que os olhos do animal não estavam mais coruscantes. Eram de um dourado profundo e firme. O Alkahest deve tê-lo atingido, afinal, mas, em vez de o matar, tirou o caos de dentro dele. Devastação era um lobo normal agora.

Um lobo normal que lambeu a bochecha de seu dono com uma língua rosa.

Mestre Rufus e Tamara ajudaram Call a se levantar. Enquanto os magos voavam sobre o campo de batalha, apagando focos de incêndios e prendendo os últimos magos renegados, Call e seus amigos foram até Ravan, uma coluna em chamas ao lado dos outros elementais, que estava sendo preparada para o voo de volta ao Magisterium.

Já tinham quase chegado até ela quando Call ouviu. Um breve sussurro no fundo da mente. Uma voz, carinhosa, curiosa e amigável, tão familiar que pareceu cavar um buraco em seu peito. Tão familiar que ele sentiu o eco da alma tocá-lo totalmente e quase tropeçou.

Acho que realmente voltei desta vez, Call, disse a voz de Aaron. *Agora que diabos vamos fazer?*

EPÍLOGO

Era um dia claro, e o sol brilhava sobre uma cidade cercada por montanhas. A cidade existia há centenas de anos; seus muros foram desgastados por chuva e neve, e exibiam um tom dourado fraco. A luz caía junto com a tarde, e o povo da cidade começava a sair para as ruas a fim de fazer as compras noturnas quando o som de uma enorme explosão cortou o céu.

No espaço entre duas montanhas, sobre um vale de grama verde, o céu parecia ter se dividido ao meio, revelando uma terrível escuridão. Era uma escuridão mais do que escuridão. Não era ausência luz, mas ausência de tudo. Era o vazio.

Os animais no vale começaram a se espalhar quando um barulho de trovão veio de dentro do vazio. Fez-se um ruído rasgado, e da escuridão veio Alex Strike, montado nas costas de um grande monstro metálico que os magos da Assembleia outrora chamaram de Automotones.

Alex não era mais humano. Tinha se tornado uma coisa que o mundo jamais havia visto antes. Tinha se tornado um Devorado do caos. Ele era o caos, e o caos vivia nele e piscava por trás de seus olhos pretos. Estalava em seus ossos, cabelo e sangue. A máscara de prata não era mais uma coisa independente. Tinha substituído seu rosto, móvel e expressiva, como suas feições haviam sido antes.

Atrás dele, um rio de elementais e animais outrora consignados ao caos. Havia lobos com olhos coruscantes, magos com olhares mortos empunhando armas, e a serpente elementar Skelmis pairava sobre ele, sibilando e chicoteando o rabo feito de ar.

Alex cavalgou Automotones até a beira do vale. Olhou para a cidade abaixo, onde as pessoas já corriam pelas ruas, feito pequenas formigas pretas assustadas.

Ele estendeu a mão, e, em sua palma, o caos se enroscou como fumaça.

Ele sorriu.

MAGISTERIUM

A TORRE de OURO

HOLLY BLACK

CASSANDRA CLARE

Galera Junior

HOLLY BLACK
CASSANDRA CLARE

A TORRE de OURO

MAGISTERIUM

LIVRO 5

Tradução
Ivanir Alves Calado

3ª edição

GALERA
junior

RIO DE JANEIRO
2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H691t
Holly, Black, 1971-
A torre de ouro [recurso eletrônico] / Holly Black, Cassandra Clare; tradução Ivanir Alves Calado. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Junior, 2021.
recurso digital (Magisterium; 5)

Tradução de: The golden tower
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-069-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clare, Cassandra. II. Calado, Ivanir Alves. III. Título. IV. Série.

21-72926 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Título original:
The Golden Tower

Publicado mediante acordo com as autoras e Baror International, INC., Armonk, New York, USA.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-069-7

Para Cammie e Elliot, que são bons em serem maus.

↑≋△○꩜

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

Pela primeira vez na vida, Call achou que a casa em que cresceu parecia pequena.

Alastair parou o carro e os dois saíram junto com Devastação, que correu pela beirada do gramado, latindo. Alastair olhou para Call antes de trancar o carro — não havia malas nem sacolas de lona com que se preocupar. Call tinha voltado da casa de Mestre Joseph sem nada.

Não exatamente nada, disse a voz de Aaron em sua cabeça. *Você me trouxe.*

Call tentou não sorrir. Seria estranho se seu pai o visse rindo de coisa nenhuma, principalmente porque nos últimos tempos não existiam muitos motivos para tal — o Mestre Joseph e suas forças tinham sido derrotados pelo Magisterium, mas à custa de um grande número de mortes. O melhor amigo de Call, Aaron, fora trazido de volta dos mortos somente para morrer outra vez.

Até onde todos sabiam.

— Você está bem? — perguntou Alastair, estreitando os olhos. — Parece que comeu alguma coisa estragada.

Call abandonou a tentativa de não sorrir.

— Só estou feliz em voltar para casa.

Alastair o abraçou, sem jeito.

— Não culpo você.

Por dentro, a casa também parecia menor. Call entrou no próprio quarto, Devastação ofegando logo atrás. Ainda era estranho ver o lobo com os olhos verdes, normais, em vez dos olhos reluzentes dos Dominados pelo Caos. Call se curvou para coçar as orelhas do bicho, que bocejou com a cauda batucando no chão.

Call andou pelo quarto, segurando e largando coisas distraidamente. Seu velho uniforme do Ano de Ferro. Seixos lisos das cavernas do Magisterium. Uma foto dele ao lado de Aaron e Tamara, os três sorrindo de orelha a orelha.

Tamara. Sentiu um nó no estômago.

Call não falava com ela desde quando ela se ajoelhara junto ao seu corpo no campo de batalha perto da fortaleza do Metre Joseph. Naquele momento tinha parecido possível que o sentimento dela fosse recíproco, mas o silêncio que veio em seguida deixou a situação mais compreensível. Afinal de contas, uma coisa era não desejar a morte de alguém; outra completamente diferente era querer falar com esse alguém quando vivo.

Para começo de conversa, Tamara não queria que Call trouxesse Aaron de volta dos mortos, e, uma vez que Aaron estava de volta, ela achou que ele não era mais o mesmo. Para ser justo, Aaron *não* estava mais agindo como ele mesmo. No fim das contas, provou-se que trazer uma alma de volta para um corpo ligeiramente apodrecido provocava reações adversas. Ironicamente, Aaron era muito mais ele mesmo agora que chacoalhava dentro da cabeça de Call. Mas Tamara não sabia que Aaron continuava por ali, e Call tinha certeza, baseado em reações anteriores, que ela ficaria muito desconfiada se descobrisse. Ela já achava que Call era um mago das forças do mal, ou ao menos com tendência a isso.

Call realmente não queria pensar no assunto porque, dentre todas as pessoas do mundo, Tamara sempre havia sido quem mais acreditava nele.

Ainda vamos ter de contar a ela, você sabe.

Call levou um susto. Apesar de Aaron ter estado com ele na Enfermaria do Magisterium durante toda a recuperação dos efeitos do uso excessivo de magia do caos durante a batalha com Alex, ter outra pessoa ouvindo e respondendo aos seus pensamentos nunca deixava de ser inquietante.

Houve uma batida à porta e Alastair entrou.

— Quer jantar? Posso fazer uns sanduíches de queijo quente com pimentão. Ou podemos pedir uma pizza.

— Sanduíche está ótimo — disse Call.

Alastair fez os sanduíches com cuidado, passando manteiga na frigideira de modo que o pão ficasse bem tostado e abrindo uma lata de sopa de tomate. O pai de Call nunca fora um grande cozinheiro, mas jantar à mesa com ele — e disfarçadamente oferecer as migalhas a Devastação por baixo da mesa — era muito melhor do

que o banquete mais delicioso que o Mestre Joseph pudesse conjurar.

— Bem — começou Alastair, assim que os dois começaram a comer. A sopa de tomate estava equilibrada entre o salgado e o doce, e o queijo com pimentão tinha o tempero exato. — Precisamos falar do futuro.

Call levantou os olhos, perplexo.

— Futuro?

— Você vai cursar o Ano de Ouro no Magisterium. Todo mundo concorda que você... uhm... aprendeu magia suficiente para considerar que o Ano de Prata esteja concluído. Você vai passar pelo portão assim que voltar para a escola no outono.

— Eu não posso voltar ao Magisterium! Todo mundo me odeia.

Alastair empurrou o cabelo escuro para trás, distraidamente.

— Provavelmente já nem tanto. Você é herói outra vez. — O pai de Call era um ótimo pai em muitos sentidos, mas ainda precisava melhorar bastante o tato. — De qualquer modo, só precisa aguentar mais um ano de estudos. E, sem o Mestre Joseph, a coisa deve ficar bem calma.

— O Collegium...

— Você não precisa ir para o Collegium, Call. E eu até acho que seria melhor se você não fosse. Agora que Aaron morreu você é o único Makar que resta. Eles vão tentar usá-lo e nunca vão confiar em você. Você não vai conseguir ter uma vida de mago normal.

Call não tinha certeza de que algum mago tivesse vida normal.

— Então o que eu vou fazer? Estudar numa faculdade comum?

— Eu não cursei faculdade alguma — disse Alastair. — Nós poderíamos tirar um tempo de folga, viajar um pouco. Eu posso ensinar a você o que eu faço, quem sabe abrir um negócio em algum lugar, de pai e filho. Tipo na Califórnia. — Ele remexeu a sopa com a colher. — Quero dizer, a gente precisaria trocar de nome. Evitar o Magisterium e a Assembleia. Mas vale a pena.

Call estava sem palavras. No momento, a ideia de nunca mais lidar com a Assembleia e seus pontos de vista sobre os Makars, ou com o ódio que as pessoas sentiam por Constantine Madden, o Inimigo da Morte, cuja alma vivia no corpo de Call, parecia ideal. Mas...

— Olha, eu preciso contar uma coisa — disse Call. — O Aaron não morreu de verdade.

Alastair franziu a testa com preocupação.

Putz, pensou Aaron. *Espero que ele não pire de vez.*

— Como assim? — perguntou Alastair com cuidado.

— Ele ainda está na minha cabeça. Tipo... está vivendo dentro de mim.

Não tinha a menor necessidade de contar isso, disse Aaron. O que era bem engraçado, vindo dele, a mesma pessoa que acabara de dizer que os dois precisavam contar para Tamara.

Alastair assentiu lentamente e o alívio fez os ombros de Call relaxarem. O pai estava recebendo bem a notícia. Talvez tivesse algumas ideias quanto ao que fazer.

— Esse é um bom modo de enxergar a coisa — disse Alastair finalmente. — Você está lidando muito bem com tudo isso. Eu sei que o luto é uma coisa difícil, mas o melhor a fazer é manter as lembranças e...

— Você não entendeu — interrompeu Call. — Aaron fala comigo. Eu *escuto*.

Alastair continuou assentindo.

— Às vezes eu também sentia isso quando perdemos sua mãe. Era quase como se eu pudesse escutar a voz de Sarah me dando bronca. Especialmente na vez em que deixei você engatinhando lá fora e não vi quando você comeu terra.

— Eu comi terra?

— É bom para a imunidade — respondeu Alastair, ligeiramente na defensiva. — Você está ótimo.

— Talvez, mas essa não é a questão. A questão é que Aaron está realmente, realmente comigo.

Alastair pôs a mão com gentileza no ombro de Call.

— Sei que está.

E depois disso Call não teve coragem de dizer mais nada.

↑≋△○@

Na noite anterior à partida para seu último ano no Magisterium, Call ficou acordado na cama enquanto a lua criava um rastro branco

sobre as cobertas. Havia arrumado uma mala de ombro para a viagem ao Magisterium, onde vestiria o uniforme vermelho de aluno do Ano de Ouro. Lembrava-se de Alex Strike com esse mesmo uniforme, com uma aparência superdescolada e confiante com os amigos. Agora Alex estava morto. *Ainda bem*, pensou Call. Alex tinha assassinado Aaron e merecia tudo que havia recebido.

Call. A voz de Aaron era um sussurro. *Não pense nessas coisas. Você só precisa passar pelo dia de amanhã.*

— Mas todo mundo vai me odiar.

Call sabia que Alastair discordava, mas tinha quase certeza de que estava certo quanto a isso. Ele estivera do lado certo na última batalha, tinha salvado o Magisterium, ok. Só que, ainda assim, era o portador da alma corrompida de Constantine Madden.

Devastação ganiu e esfregou o focinho na mão de Call, depois começou a tentar se enfiar embaixo das cobertas. Era bonitinho quando ele era filhote, mas era uma coisa totalmente perigosa num lobo adulto, mesmo não estando Dominado.

Para com isso, Devastação, pensou Aaron, e Devastação balançou a cabeça para cima, piscando. *Ele me ouve!* Aaron adorou isso.

— Você está imaginando coisas — disse Call.

Houve uma batida à porta.

— Call? Você está no telefone? — perguntou Alastair.

— Não! — gritou Call. — Só estou... falando com Devastação.

— Ok.

Alastair pareceu em dúvida, mas seus passos se afastaram.

Você tem Tamara, Devastação e eu, disse Aaron. *Enquanto nós continuarmos juntos, vamos ficar bem.*

CAPÍTULO DOIS

Sentado no banco do carona do carro de Alastair, um Rolls-Royce Phantom 1937 prateado, indo novamente para o Magisterium, Call pensou em sua viagem para o Julgamento de Ferro, quatro anos antes. Lembrou-se do jeito com que Alastair tinha dito que, se ele não passasse nos testes, não precisaria estudar na escola de magia — o que era bom, porque, se fosse para lá, poderia morrer nos túneis.

Agora Call sabia qual era a verdadeira origem da preocupação do pai: que descobrissem que Call era o portador da alma de Constantine. E tudo que Alastair temia acabou acontecendo, exceto pela parte de morrer nos túneis.

Embora essa ainda não fosse uma possibilidade a ser descartada.

Você sempre pensa nas piores coisas possíveis?, perguntou Aaron. *Tipo esse sistema de pontos de Suserano do Mal. A gente precisa mesmo conversar sobre isso.*

— Pode parar de me julgar — disse Call.

Alastair olhou para ele de um jeito estranho.

— Não estou julgando, Callum. Embora você tenha ficado muito quieto nessa viagem.

Call precisava mesmo parar de responder Aaron em voz alta.

E Aaron realmente precisava parar de ficar fuçando suas lembranças.

— Está tudo bem — disse Call ao pai. — Só estou um pouco nervoso.

— É só mais um ano. — Alastair entrou na estrada que ia até as cavernas da escola. — E aí os magos não vão poder dizer que você é perigoso por não ter treinamento ou qualquer besteira desse tipo. Mais um ano e você vai ficar livre dos magos para sempre.

Alguns minutos depois Call estava descendo do carro com a mala de ombro a tiracolo. Devastação saiu atrás dele, farejando o vento. Um ônibus liberava outros alunos, novos, recém-saídos dos Julgamentos de Ferro. Para Call pareciam todos muito pequenos, e

foi impossível não se preocupar imediatamente. Alguns olhavam para Call, apontando e sussurrando entre si.

Call deixou isso de lado e ficou torcendo para que Warren, um lagarto esquisito que morava nas cavernas, guiasse os novatos para uma fenda.

Sem dúvida isso iria garantir a você um daqueles Pontos de Suserano do Mal, disse Aaron.

— Quer parar de ficar bisbilhotando meu cérebro? — murmurou Call baixinho.

Alastair se aproximou e deu um abraço de despedida e um tapinha no ombro. Com um susto, Call percebeu que os dois estavam quase da mesma altura.

Era possível ouvir sussurros em volta, perceber os olhares voltados para ele e seu pai. Quando Alastair recuou, seu maxilar estava tenso.

— Você é um bom garoto — disse ele. — Eles não merecem você.

Com um suspiro Call, o olhou se afastar no carro, depois foi para as cavernas do Magisterium. Devastação foi atrás.

Tudo parecia familiar e estranho ao mesmo tempo. O cheiro de pedra foi ficando cada vez mais forte à medida que ele se aprofundava no labirinto de túneis. O som de pequenos lagartos correndo e o brilho do musgo. Os outros alunos encarando e cobrindo a boca para sussurrar também era familiar, mas muito menos agradável. Até alguns Mestres estavam fazendo isso. Call flagrou o Mestre Rockmaple boquiaberto enquanto ele se aproximava da porta do seu apartamento no alojamento, e fez uma careta de volta.

Bateu com a pulseira na porta, que se abriu. Entrou, esperando que a sala estivesse vazia.

Não. Tamara estava sentada no sofá, já vestida com o uniforme do Ano de Ouro.

Você achou mesmo que ela não estaria aqui?, perguntou Aaron. *O apartamento também é dela.*

Pela primeira vez Call não respondeu a Aaron em voz alta, mas só porque havia um trovão em seus ouvidos e ele só conseguia pensar em Tamara. Em como ela era linda, o cabelo brilhando em

uma trança pesada e como tudo nela parecia perfeitamente no lugar, desde as sobrancelhas bem definidas até o uniforme impecável.

Cara, que esquisito..., disse Aaron. *É como se a sua mente inteira tivesse se desfeito em fumaça ou sei lá. Call? Alô? Terra chamando Call?*

Call precisava dizer alguma coisa. Sabia que precisava dizer alguma coisa, especialmente porque ela continuava olhando para ele, como se esperasse exatamente isso.

Mas ele se sentia malvestido, desajeitado e completamente idiota. Não sabia como explicar que, embora não tenha feito as escolhas certas, no fim das contas elas tinham funcionado e ele não estava com raiva dela por ter fugido com Jasper, deixando-o na Central do Suserano do Mal com Mestre Joseph e Alex, então ela provavelmente não deveria estar com raiva dele por ter trazido Aaron dos mortos e...

Não, você não pode dizer nada disso, declarou Aaron com firmeza.

— Por quê? — perguntou Call.

Imediatamente se deu conta de que tinha feito isso de novo, falado em voz alta. Resistiu a dar um tapa na boca, o que só iria piorar tudo.

Tamara se levantou do sofá.

— *Por quê?* É só isso que você tem para me dizer?

— Não! — respondeu Call, percebendo que não havia pensado no que *deveria* dizer.

Repita o que eu falar, disse Aaron. *Tamara, sei que você tem motivos para estar com raiva de mim e sei que vou precisar reconquistar a sua confiança, mas espero que um dia possamos voltar a ser amigos.*

Call respirou fundo.

— Sei que você tem motivos para estar com raiva de mim — disse, sentindo-se mais idiota ainda, se é que era possível. — E sei que vou precisar reconquistar a sua confiança, mas espero que um dia possamos voltar a ser amigos.

A expressão de Tamara se suavizou.

— Podemos ser amigos, Call.

Call não conseguia acreditar que havia funcionado. Aaron sempre sabia o que dizer. E agora, com Aaron na cabeça, Call também saberia! Incrível.

— Ok — disse Call, já que não estava recebendo mais nenhuma instrução. — Que bom.

Tamara se curvou e coçou os pelos em volta do pescoço de Devastação, fazendo a língua do lobo ficar pendurada para fora, tamanha felicidade.

— Ele ficou ótimo assim, sem estar Dominado. Nem parece tão diferente.

Agora diga que você gosta dela, que fez algumas escolhas ruins e que está arrependido, sugeriu Aaron.

Não vou falar isso!, pensou Call de volta. *Se eu contar que gosto dela, ela vai rir de mim. Mas se eu não disser mais nada, talvez tudo isso acabe.*

Tudo que ele recebeu de Aaron foi silêncio. E mau humor.

— Eu gosto de você — disse Call, e Tamara empertigou as costas bruscamente. Ela e Devastação o olharam com surpresa. — Fiz escolhas ruins. Escolhas muito ruins. Tipo as piores escolhas que alguém já fez.

Não passe do ponto, meu velho. Aaron parecia alarmado.

— Eu queria o Aaron de volta — disse Call. Em sua cabeça, Aaron ficou em silêncio. — Você e Aaron... são os melhores amigos que eu já tive. E Devastação. Mas ele não julga.

Devastação latiu. O lábio de Tamara estremeceu um pouco, como se ela estivesse tentando não sorrir.

— Não quero pressionar você — disse Call. — Demore o tempo necessário para decidir como se sente. Só queria que você soubesse que sinto muito.

Tamara ficou em silêncio por um longo momento. Depois foi até ele e lhe deu um beijo no rosto. A energia zumbiu no corpo de Call e ele lutou contra a vontade de abraçá-la.

Eca, disse Aaron, mas de um jeito ameno.

Tamara recuou.

— Isso não quer dizer que eu perdoo você totalmente nem que nós voltamos ao ponto em que estávamos — disse ela. — Não estamos namorando, ok?

— Eu sei.

Call não esperava outra coisa, mas mesmo assim foi como levar um soco no peito.

— Mas nós *somos* amigos. — Os olhos dela brilhavam ferozmente. — Olha, agora cada um aqui acredita numa coisa diferente com relação a você. Eles não sabem nada a seu respeito agora, não sabem que Aaron foi trazido de volta. Sabem que o Mestre Joseph sequestrou você e sabem que você ajudou a derrotar Alex e ele.

— Que bom? — perguntou Call, com cautela. — Isso parece... bom?

— Mas agora todo mundo sabe que você está com a alma do Inimigo da Morte. Todo mundo sabe, Call. Não sei até que ponto eles vão entender que você *não* é ele.

— Eu poderia ficar nessa sala o ano todo. — Call olhou em volta. — Posso conseguir comida enfeitiçando mortadela, como o Mestre Rufus fez quando a gente chegou aqui.

Tamara balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Em primeiro lugar, não temos mortadela. Em segundo, nós vamos sair daqui e encarar. Você precisa levar uma vida normal como mago, Call. Precisa mostrar a todo mundo que você é só você, que não é um monstro.

Talvez eu nunca tenha uma vida como mago, pensou Call. *Deve ser isso.*

Em sua cabeça, Aaron continuou em silêncio. Call tinha quase certeza de que não deveria contar a Tamara sobre a sugestão de seu pai de não ir para o Collegium e abandonar totalmente o mundo dos magos. Ele próprio estava muito confuso.

— Certo — disse. — Concordo. O que você quer fazer primeiro? Ir à Galeria?

— Primeiro tenho que te entregar uma coisa — respondeu Tamara, surpreendendo-o. Em seguida, entrou no quarto dela, a trança balançando, e saiu trazendo... uma faca. A faca *de Call*, feita pela mãe dele, o cabo e a bainha decorados com padrões espirais.

— Miri — ofegou ele, pegando a arma de volta. — Tamara... obrigado.

Agora, se alguém no Refeitório ficar incomodando, você pode decepar a cabeça da pessoa, pensou Aaron, animado.

Call começou a engasgar, mas por sorte Tamara considerou que era emoção e lhe deu tapinhas nas costas até o soluço passar.

CAPÍTULO TRÊS

Ao entrar no Refeitório, Call teve uma sensação não muito diferente de um *déjà-vu*. O lugar era familiar, mas nada parecia muito certo. E percebeu que era porque reconhecia pouquíssimos alunos. Todos os mais velhos haviam ido embora. Ele não conhecia ninguém do Ano de Ferro, mal conhecia alguém do Ano de Cobre ou do de Bronze, e até os alunos dos anos de Ouro e de Prata que ele conhecia estavam muito diferentes. Alguns tinham o que parecia o começo de uma barba rala.

Call levou a mão ao rosto. Deveria ter se barbeado de manhã. Tamara provavelmente gostaria disso.

Foco, disse Aaron.

Se Aaron estivesse aqui, num corpo separado, teria se lembrado de fazer a barba. Daria forma ao pelos do rosto com confiança e habilidade naturais, e todo mundo iria admirá-lo por isso.

Vamos arranjar um corpo para mim logo, logo, disse Aaron.

Calma aí. *O quê?*, pensou Call.

Mas antes que pudesse analisar a ideia, Tamara deu um cutucão nele indicando a comida. Call sentira o estômago embrulhado ao longo da viagem até o Magisterium, então não tinha comido muito. Mas ter Tamara ao lado o fazia se sentir tão melhor que ele descobriu que estava com fome.

Pegou um pouco de líquen esverdeado, algumas fatias de cogumelo grande e uns bolinhos roxos, redondos, em molho azul.

Pegue uns bolos de nabo, disse Aaron. *São bons.*

Call nunca havia se interessado pelos pálidos bolos de nabo, que pareciam feitos de peixe cego, mas mesmo assim colocou alguns no prato. Pegando uma xícara de chá, acompanhou Tamara até uma das mesas vazias. Então pousou a bandeja e olhou em volta, como se desafiasse alguém a se aproximar.

Ninguém fez isso. Muita gente olhava para a mesa deles e sussurrava, mas ninguém chegava perto.

— Ei, ah... como está Kimiya? — perguntou Call finalmente, só para dizer alguma coisa.

Tamara revirou os olhos, mas, surpreendentemente, também riu.

— De castigo em casa. Vai ficar longe do Collegium um ano inteiro porque namorou com o Alex Suserano do Mal. E também por ter se juntado ao exército maligno dele.

— Uau.

Call levantou os olhos e viu três garotos do Ano de Ferro vindo até a mesa. Um garoto pálido de cabelo quase branco de tão louro, um de pele negra e cabelo cacheado e outro coberto de sardas.

— Ah, oi — disse o garoto pálido. — Sou Axel. Você é mesmo o Inimigo da Morte?

— É lógico que não! — respondeu Tamara.

— Bem — disse Call. — Eu estou com a alma dele, acho. Mas não sou ele. Não precisam ter medo de mim.

Os três garotos do Ano de Ferro haviam dado um passo atrás quando ele começou a falar, por isso Call não teve certeza se fora convincente. Os três o olhavam como se esperassem que ele mostrasse os dentes, quando Jasper surgiu atrás deles.

— Fora, seus pirralhos! — gritou, ao que os três gritaram e correram de volta para a mesa onde estavam.

Jasper soltou uma gargalhada. Estava com um corte de cabelo ainda mais estranho do que antes — espetado e desgrenhado ao mesmo tempo — e usava uma jaqueta de couro por cima do uniforme.

— Isso não ajuda — disse Tamara. — A gente precisa mostrar compreensão, e não assustá-los como se fossem criancinhas no Halloween.

Jasper fez uma careta.

— É bom ver vocês também! — disse, e foi na direção de Celia e da comida.

Call não conseguia deixar de olhar para Celia, que estava com uma faixa de cabelo no lugar das presilhas brilhantes que usava quando era mais nova. Antigamente ela havia sido uma amiga muito boa. Até quis *namorar* com Call. Agora nem olhava para ele.

— Oi!

Call se virou e viu Gwenda segurando uma bandeja. Ela se sentou diante deles e começou a comer calmamente. Call estava

evidentemente surpreso. Ou Gwenda estava totalmente por fora das fofocas da escola ou não se importava com *nada*.

— E aí? — perguntou ela.

— Eu sou o Inimigo da Morte — disse Call, para o caso de ela não ter escutado.

Ela revirou os olhos.

— Eu sei. *Todo mundo* sabe. Uma pena o que aconteceu com o Alex. Ele era um gato.

— Ele não era um gato, ele era *do mal* — disse Tamara.

— Do mal, é. Todo mundo sabe disso, também — concordou Gwenda. E acenou para o outro lado do salão. — Kai! Rafe! Aqui!

Kai e Rafe estavam parados perto de uma enorme terrina de sopa. Os dois se entreolharam e deram de ombros antes de irem para a mesa. Ambos assentiram para Call antes de começar a comer.

— Jasper e Celia estão juntos de novo — disse Gwenda, sinalizando com o garfo.

Call acompanhou o olhar dela e viu que Jasper e Celia tinham mesmo levado as bandejas até uma mesa separada e estavam com os lábios grudados como dois aspiradores de pó. Jasper estava com as mãos no cabelo louro de Celia.

— Depois de toda a batalha na fortaleza do Mestre Joseph, Celia decidiu que Jasper era um herói — observou Rafe. — Amor instantâneo.

— Reataram instantaneamente, certo? — corrigiu Gwenda. — Celia tinha dado o fora nele antes.

Logo todos estavam conversando sobre quem tinha se separado ou se juntado na escola, quem eram os novos Mestres e que filmes passavam na Galeria. Aaron ficou quieto, ouvindo. Tudo parecia normal: tão normal que Call começou a relaxar.

Nesse momento, Celia se soltou de Jasper e cruzou o olhar com o de Call. Sua expressão era pura frieza. Jasper tentou atraí-la de volta, mas ela estava de pé e pisou firme até a mesa de Call.

— Você — disse ela rispidamente, apontando. Todo o salão ficou em silêncio, como se estivessem esperando por esse momento. — Você é o Inimigo da Morte, seu *mentiroso*.

Tamara saltou de pé.

— Celia, você não entende...

— Entendo sim. Entendo tudo! Ele mentiu para todo mundo! Constantine Madden era ardiloso e mau, e agora Call voltou para o Magisterium e Aaron Stewart está *morto* por causa dele.

Não é por sua causa, pensou Aaron baixinho. *Não dê ouvidos a isso.*

Mas Call não podia evitar.

— Celia — disse Jasper, vindo por trás dela e colocando as mãos em seus ombros. — Celia, vamos nessa. Call está mais para Amigo-Inimigo da Morte.

Mas ela o afastou bruscamente.

— Eu tenho parentes que ainda estariam vivos se não fosse você — disse Celia. — Constantine Madden matou todos. E isso significa que *você* os matou, como matou Aaron.

— Eu não matei Aaron — Call conseguiu dizer.

Seu rosto estava quente e o coração acelerado. O refeitório inteiro olhava para eles.

— É como se tivesse matado! O Inimigo da Morte é Dominado, e todos os capangas dele procuravam você. Estavam fixados em você. Você é o único motivo para algum deles ter estado no Magisterium.

Arrasado, Call não conseguia pensar em nenhuma resposta.

Não é culpa sua, disse Aaron, mas ele estava errado.

— Desculpe — respondeu Call finalmente. — Não me lembro de ser qualquer outra pessoa além de eu mesmo, mas faria qualquer coisa para ter o Aaron de volta. Faria qualquer coisa para que ele não tivesse morrido.

Celia pareceu perder o ímpeto. Olhou para as pessoas à mesa com Call, para Tamara. Os olhos de Celia tinham um brilho estranho, como se ela estivesse tentando não chorar.

— Você está tentando virar o jogo, fazer parecer que eu é que sou má — disse.

— Você se lembra de quando espalhou fofocas sobre o Aaron? — perguntou Tamara. — Você não é perfeita, Celia.

O pescoço de Celia ficou vermelhíssimo.

— Call é o *Inimigo da Morte*. É um monstro megalomaníaco, mas acho que, como ele não faz *fofoca*, tudo bem, né?

— Call é uma boa pessoa — reagiu Tamara. — É um herói. Por causa dele os capangas do Inimigo debandaram. Por causa dele Mestre Joseph está morto.

Esse fui eu que matei, disse Aaron, o que quase fez Call bufar e dar uma gargalhada de surpresa. Ainda bem que não o fez, caso o contrário Magisterium inteiro talvez desse razão a Celia.

— É um truque — disse Celia. — Eu sei que é, mesmo que todos vocês sejam idiotas demais para enxergar.

E com isso ela girou nos calcanhares e saiu do Refeitório pisando firme.

— A gente... é... ainda está resolvendo as coisas — disse Jasper, correndo atrás dela.

Call se levantou, também querendo ir embora dali. Todo mundo estava olhando para ele e tudo que Call queria era voltar para a sala de aula e ficar sozinho com Tamara e o Mestre Rufus. Não dava para continuar fingindo que tudo estava normal.

Um anúncio ecoou pelo salão:

— Todos os aprendizes devem ir para o hall de entrada principal. As aulas estão canceladas na primeira metade do dia em virtude de uma assembleia geral.

Frustrado, Call teve certeza de que isso tinha alguma coisa a ver com ele.

CAPÍTULO QUATRO

Parado no grande hall de entrada, Call se lembrou da primeira vez em que estivera ali, ouvindo o Mestre Rufus, o coração batendo com tanta força quanto agora. Lembrou-se de como havia ficado maravilhado com o piso de mica reluzente, as paredes de calcário, as estalagmites e estalactites enormes, o brilhante rio azul serpenteando pelo salão, fazendo com que as pessoas precisassem andar com atenção apesar de o lugar ser enorme.

Naquela época estivera preocupado com peixes cegos e se perder nos túneis. Agora essas pareciam as preocupações de uma pessoa totalmente diferente.

Tamara segurou sua mão e apertou, surpreendendo-o.

Isso significava que ela ainda gostava dele? Que eles poderiam ficar juntos de novo, afinal de contas? Jasper tinha voltado com Celia, e Jasper era um saco, então talvez Call tivesse uma chance.

Celia também é um saco, disse Aaron, o que, para ele, era uma maldade. *Ela não deveria ter dito aquelas coisas a você.*

— Achei que você gostava da Celia — disse Call, e Tamara o olhou com surpresa.

Ele tinha falado baixinho, mas não o suficiente.

— Eu gosto — reagiu ela. — Gostava. Mas dizer aquelas coisas a você... Tipo, ela estava insultando a todos nós, sabe? Eu sei que ela acha que somos capangas que passaram por uma lavagem cerebral. — Tamara ficou vermelha de raiva. — Por mim, ela que vá comer um peixe cego!

Mais e mais alunos se aglomeravam no hall de entrada. Call foi obrigado a chegar ligeiramente mais perto de Tamara, o que, para ele, estava ótimo.

— O que aconteceu com o lance de ser compreensiva?

— Dei um tempo nisso — respondeu Tamara. — Olha, a Celia poderia mudar de opinião, ela simplesmente é muito...

Um som parecido com um enorme gongo de metal ressoou pelo salão. Magia de metal. Presa ao quadril, Call sentiu Miri vibrar no mesmo tom. Houve um deslocamento de ar e de repente Mestre

Rufus pairava acima de todos eles, olhando para baixo. Ao seu lado havia outros magos, professores conhecidos e desconhecidos. De um lado pairava Mestre North, do outro Mestre Rockmaple e a Mestra Milagros.

Call não via Mestre Rufus desde o campo de batalha. A lembrança causou um arrepio que subiu por suas costas. Call estivera muito perto da morte. E mais perto ainda de perder tudo que era importante para ele.

— Alunos — trovejou o Mestre Rufus, a voz amplificada por magia do ar. — Chamamos todos aqui porque sabemos que os boatos correndo por aí estão deixando vocês ansiosos. Este é de fato um tempo de grande instabilidade no mundo mágico. Mestre Joseph, um capanga do Inimigo da Morte, tentou destruir o mundo dos magos em nome de Constantine Madden e foi *derrotado.* — A palavra trovejou em desafio. — Todos nós conhecemos pessoas que passaram para o lado do Inimigo por egoísmo e medo.

Houve um burburinho. Call percebeu que algumas pessoas olhavam para Jasper e de repente veio a ele a lembrança, quase esquecida, de um guarda da Assembleia arrastando o pai de Jasper, com as mãos amarradas, para fora do campo de batalha.

— Agora muitos desses magos estão no Panopticon ou sob custódia da Assembleia. Peço que tratem com compaixão os que têm familiares sendo reabilitados. O desapontamento que sentem em relação aos entes queridos já é suficientemente grande.

O rubor de Jasper era intenso e ele baixou o olhar.

— Essa lição nos ensina que não podemos permitir que o medo nos governe — continuou o Mestre Rufus. — As fofocas, a suspeitas contra seus colegas aprendizes, tudo isso é fruto do medo. Mas o medo não tem lugar no coração de um mago. Foi o medo da morte que fez Constantine Madden agir como agiu. Quando o medo nos governa, esquecemos quem somos de verdade. Esquecemos de que somos capazes de fazer o bem.

Todos escutavam em silêncio.

— Talvez existam entre nós pessoas as quais vocês temem por não entendê-las — continuou o Mestre Rufus. — Mas Callum Hunt, o nosso Makar, ajudou a encerrar esse último capítulo do trágico legado do Inimigo da Morte. Na hora crucial ele se colocou ao lado

da lei e da ordem, da bondade e da humanidade. O mal sempre surgirá, mas o bem sempre irá derrotá-lo. — Rufus cruzou os braços sobre o peito. — Uma salva de palmas para Callum Hunt.

Os aplausos foram fracos. Tamara largou a mão de Call para bater palmas, e lentamente outros a acompanharam. Não foi exatamente uma ovação, mas era alguma coisa. A salva de palmas cessou tão rapidamente quanto Mestre Rufus e os outros magos desceram ao solo e saíram do salão em passos majestosos, sinalizando que a reunião estava encerrada.

— Bem... e agora? — perguntou Call, ficando para trás enquanto os outros alunos saíam. Não queria atrair mais atenção.

Tamara deu de ombros.

— Temos tempo. Acho que poderíamos voltar para o alojamento.

— Certo.

Call estava com sentimentos dúbios. Ele queria ficar sozinho com Tamara, mas isso também o preocupava porque talvez ele não soubesse o que dizer. Afinal de contas, ela só não estava furiosa com ele graças ao discurso orientado por Aaron. E se ela gostava das coisas que Aaron dizia, talvez tenha sido dele que ela sempre gostara. Era o que Jasper tinha achado. Era o que Call também tinha achado, se fosse honesto consigo mesmo. Todo mundo gostava mais de Aaron do que de Call. Por que ela seria diferente?

Ela falou que gosta de você, disse Aaron, e Call se encolheu. Não era incômodo que Aaron ouvisse a maior parte das coisas que ele pensava, mas seria bom poder esconder os pensamentos que tivessem a ver com ele.

Bem, não é possível, disse Aaron.

Com um suspiro, Call caminhou pelos corredores do Magisterium, tentando se concentrar em não pensar. Talvez pudesse levar Devastação para outro passeio. O bicho gostava de passear.

Quando balançou a pulseira e a porta se abriu, Mestre Rufus os aguardava. Sentado no sofá, ele olhava para Call e Tamara por baixo das sobrancelhas fartas e expressivas.

— Bem-vindos de volta ao Magisterium — disse ele. — Espero que estejam felizes por estar aqui.

— É melhor do que o Panopticon — respondeu Call. — Foi um tremendo discurso.

— É. Também achei. Espero que os dois estejam prontos para a próxima lição. Vocês podem ter aprendido magia suficiente para passar pelo Portão de Prata, mas não aprenderam o mesmo conteúdo que foi passado aos outros grupos de aprendizes. Terão que correr para acompanhar os demais.

Call revirou os olhos.

— Que ótimo.

Ignorando o comentário, Mestre Rufus continuou:

— Como Tamara sabe muito bem, ao final do Ano de Ouro os alunos recebem prêmios que irão ajudá-los a avançar no Collegium e no mundo dos magos. Não há tempo para vadiar se vocês quiserem ganhar alguma coisa.

— O senhor deve estar brincando — disse Call. — Nada que eu faça no meu Ano de Ouro vai impedir que as pessoas pensem em mim como o cara que era o Inimigo da Morte.

— Talvez. Mas e Tamara?

Call olhou para ela, sentindo-se culpado.

— Ela vai se sair muito bem — respondeu, querendo que isso fosse verdade.

Pensar em Tamara sem receber todos os prêmios que merecia fez Call sentir-se péssimo. Ela havia sido a melhor nos testes do Julgamento de Ferro. Ela era a melhor em *tudo*. Se não vencesse, seria culpa dele. Não era de espantar que Call precisasse de Aaron para guiar suas palavras nesse sentido.

— Vou tentar — corrigiu Tamara, dando uma cotovelada em Call. — Nós dois vamos tentar.

Diga a ela que você vai se esforçar ao máximo, insistiu Aaron.

— Vou fazer o melhor que eu puder — disse Call, e Tamara e o Mestre Rufus o olharam com surpresa.

— Que bom ouvir isso. — O Mestre Rufus se levantou. — Estão prontos para ir?

Call levou um susto — não tinha percebido que a lição começaria *imediatamente*.

— Acho que sim — respondeu.

Call achou que Tamara estava olhando para ele de um jeito esquisito, mas assim que chegaram ao corredor ela começou a andar ao lado dele e até trombou em seu ombro, então talvez ele estivesse imaginando coisas. Mestre Rufus ia à frente, abrindo caminho pelos bandos de alunos que voltavam do saguão de entrada.

Logo passaram para um corredor menos cheio de gente, desceram uma escada com degraus de pedras naturais e desembocaram em uma caverna do tamanho de uma catedral. Uma piscina subterrânea azul reluzia no centro; Call havia se esquecido como o Magisterium podia ser estranhamente lindo.

— O que você acha que vai ser? — perguntou Call baixinho. — O que eu perdi?

— Você perdeu tudo — disse Tamara, mas sem rancor. — Mas bem, acho que pode ser controle melhor da magia do fogo, controle de tempestades, magia do clima, metalurgia, ou...

A perna de Call doía muito quando chegaram ao piso de seixos da caverna. A tal perna quebrada na infância e que nunca tinha ficado totalmente boa. Várias cirurgias depois, Call teve certeza de que isso jamais seria possível. Outros alunos já estavam presentes; Call reconheceu Gwenda, Celia, Rafe, Kai e Jasper, parecendo carrancudos. A Mestra Milagros também estava ali, e explicou rapidamente que eles seriam divididos em equipes. Ela designou Celia e Jasper como capitães.

— Que ótimo — murmurou Call para Tamara. — Agora nunca vou ser escolhido.

Celia foi a primeira e escolheu Rafe. Então foi a vez de Jasper. Ele andou para um lado e para o outro diante da fila de alunos que esperavam, como um sargento em um filme de guerra inspecionando uniformes dos soldados. Estava até com um dos olhos meio fechado e mastigava um charuto imaginário, gestos que Call achou exagerados.

— Escolha difícil, escolha difícil — anunciou Jasper finalmente, parando com as mãos às costas. — Muitos candidatos bons.

— Jasper, ande logo com isso — disse o Mestre Rufus. — É um exercício, e não um compromisso para o resto da vida.

Jasper suspirou, como se dissesse: *sempre incompreendido*.

— Callum Hunt — escolheu.

Houve um burburinho baixo. Até Tamara pareceu espantada. Call estava perplexo demais para se mexer, até que Tamara o cutucou nas costas. Quando se juntou a Jasper, todos os olhares estavam fixos nos dois.

Celia estava com o rosto vermelho de irritação. Jasper olhou para ela com tristeza.

— Ela não entendeu por que escolhi você — disse enquanto Call se juntava a ele.

— Nem eu — respondeu Call.

— É justo — continuou Jasper. — Considere como pagamento por você ter tomado a decisão certa no campo de batalha. E por todas as vidas que você salvou. Agora estamos quites.

Call levantou as sobrancelhas. Ser o escolhido por último era sempre chato, mas ser o primeiro escolhido não parecia uma recompensa suficiente por ter salvado vidas.

— Eu sei — explicou Jasper. — Eu não deveria ter feito isso. Por que sou sempre tão bondoso? Eu luto contra isso, mas meu espírito nobre sempre se adianta. Você não entenderia.

— Ninguém entenderia — disse Call.

Aaron riu.

Era a vez de Jasper de novo, e em rápida sucessão ele escolheu Gwenda, Tamara e Kai, enquanto Celia ficou com duas alunas do Ano de Ouro, Malinda e Cindy.

— Bem, isso vai ser um saco — disse Gwenda cheia de animação assim que todos estavam agrupados. — Jasper, no que você estava pensando?

— Ele estava sendo nobre — explicou Call.

— É porque ele quer ter na equipe alguém que faça com que ele pareça melhor — disse Tamara.

Jasper lançou um olhar de sofrimento para ela, mas não a contradisse.

— Equipes — disse a Mestra Milagros, atraindo a atenção de todos. Ela estava segurando uma cesta. — Quero que cada aprendiz pegue uma dessas hastes de metal e a enfeitice para encontrar outro metal. O Magisterium é rico em depósitos de metal.

Vocês decidem qual tipo querem detectar. A equipe que encontrar mais depósitos dentro de uma hora vence.

Olhando para o Mestre Rufus, pareceu evidente que o professor esperava que levantassem a mão e perguntassem alguma coisa, tipo *como* enfeitiçar as hastes.

— Boa sorte! — disse a Mestra Milagros, e as duas equipes correram até ela para pegar os suprimentos.

O Mestre Rufus balançou a cabeça e Call sentiu que, mesmo antes de começar, ele talvez já tivesse fracassado em algum teste importante.

O metal era frio contra sua pele e mais pesado do que ele esperava.

— Certo — disse ele à equipe. — Agora... o que a gente faz?

Gwenda revirou os olhos e prendeu um cacho atrás da orelha.

— Está vendo, Jasper?

A gratidão de Call por Gwenda estar disposta a sentar-se com ele estava evaporando rapidamente.

— Eu estava na *cadeia* e depois fui *sequestrado* — reagiu Call rispidamente. — Não fiquei deitado numa praia bebendo baldes de refrigerante, sabe?

— Ouvi dizer que foi Tamara que sequestrou você — disse Kai, virando o olhar curioso na direção dela.

— Pelo bem da equipe — pediu Tamara — vamos simplesmente nos concentrar na tarefa?

— Ótimo — disse Gwenda. — Basicamente nós vamos transformar essas hastes em varas de rabdomancia para metal, em vez de para água. Concentrem-se no metal e pensem nas propriedades que vocês querem encontrar. Essas hastes contêm partículas de todos os outros metais, de modo que vocês podem fazer com que ela rastreie ouro, cobre, alumínio ou qualquer outra coisa.

— Nossa melhor chance é dividir os metais — sugeriu Tamara, o que foi mesmo inteligente.

Gwenda assentiu.

— Vou escolher tungstênio — disse ela. — Kai, pegue cobre. Tamara, você pega ouro e...

— *Eu* sou o capitão da equipe — lembrou Jasper. — Eu vou pegar ouro. Tamara pode ficar com a prata. O resto está bom. Call pode ficar com o alumínio.

Call nem tinha certeza de como era o alumínio propriamente dito, a não ser pelo papel alumínio comum que Alastair costumava usar para embrulhar sobras de comida. Mesmo assim, só lhe restava concordar.

— Ok.

Call começou a se concentrar na haste de metal em sua mão. Tentou pensar nela como uma varinha mágica. Afinal de contas, ainda que a realidade de um mago, em termos gerais, não tivesse nada a ver com o retrato dos magos na televisão, eles ainda balançavam varinhas e diziam *abracadabra*. Ele balançaria essa e ela iria guiá-lo na direção do metal mais entediante de todos. Talvez mais tarde desse para embrulhar um sanduíche de líquen.

Ele então se concentrou, tentando encontrar dentro do metal em sua mão algo que se parecesse com o papel que via sempre em casa. Concentrou-se numa luz prateada, reluzente, até sentir uma ressonância.

Você está conseguindo, encorajou Aaron.

Call sentiu movimento na haste. Ela se enrolou um pouco, depois ficou reta, quase como se o puxasse para frente. Call simplesmente obedeceu: era parecido com quando Devastação o arrastava pela guia. As vozes dos outros, cheias de empolgação e consternação, eram nítidas. Estavam todos trabalhando para encontrar seus metais. Call, por sua vez, sendo obrigado a seguir na direção do lago, imaginou se a haste iria arrastá-lo para baixo da água. Pelo que sabia, poderia haver depósitos de alumínio três metros abaixo do solo. Ele estremeceu de alívio quando a haste pareceu manobrá-lo para dar a volta em um pedregulho.

Foi preciso se espremer por um espaço estreito entre ele e a parede de rocha. Quando a tarefa estava começando a ficar ridiculamente claustrofóbica, um alargamento. Logo Call se viu em uma área um pouco maior do que uma cabine telefônica, com teto alto de catedral visível lá em cima. Ele olhou em volta. A haste agora estava imóvel, mas Call não viu nada que se parecesse com alumínio.

Cuidado, disse Aaron de repente, e Call saltou de lado justo quando uma coisa passou assobiando perto da sua orelha e bateu no chão. A coisa reluzia ligeiramente: era uma bola de algo que parecia nitidamente alumínio. Call observou aquilo por um longo momento.

— Isso acabou de...

— Callum Hunt.

Aquela voz áspera, meio sibilante, Call conhecia bem. Ele esticou o pescoço para trás e viu o lagarto de fogo agarrado à rocha acima da sua cabeça. As escamas preciosas de Warren reluziam e seus olhos de um tom dourado avermelhado giravam como cata-ventos.

— Um presente para você.

Warren tinha jogado aquilo? Call se abaixou e pegou a bola, então encarou o lagarto com o olhar cheio de suspeita.

— Por que está me ajudando? — perguntou.

Warren deu um risinho.

— Os velhos amigos se ajudam, é, os velhos amigos fazem isso. — Ele inclinou a cabeça. — Eu não esperava dois de vocês.

Acho que ele consegue sentir minha presença, pensou Aaron, parecendo meio nervoso.

— Call!

Quando Gwenda se juntou a ele no espaço estreito, Call quase deu um pulo.

— O que você... — Ela parou de repente, espiando Warren com os olhos arregalados. — Isso aí é um elemental do fogo?

— Esse é o Warren — respondeu Call. — É só um lagarto que eu conheço.

— Que falta de gentileza! — sibilou Warren. — Nós somos amigos.

— E ele fala — maravilhou-se Gwenda. — Como você o encontrou?

— Acho que você quer dizer como ele *me* encontrou — explicou Call. — Warren aparece quando quer. O que houve agora, Warren? Está precisando de um favor ou algo assim?

— Vim alertá-lo — respondeu Warren. — Andam falando muito no mundo dos elementais. Ouvi os elementais da água no rio e os

elementais do ar no céu. Um novo grande surgiu.

— Um novo grande o quê? — perguntou Gwenda.

— Os elementais do metal falam dos gritos de Automotones — respondeu Warren.

— Mas Automotones está morto, ou no caos, ou sei lá o quê — disse Call. — Qual é, Warren. Você não está dizendo coisa com coisa.

Warren soltou um chiado de frustração.

— O fim está mais perto do que você imagina.

Gwenda quase largou sua varinha de metal.

— Sinistro esse papo, hein?

— Que nada — disse Call. — Ele sempre fala essas coisas.

— Call! — Era Tamara, parecendo preocupada. — Call, cadê você?

— Tantos amigos.

A língua de Warren saltou para fora da boca e lambeu seu próprio olho, um hábito que Call achava que o lagarto devia treinar quando estava sozinho.

Tamara saiu do espaço apertado, piscando na direção de Gwenda e depois de Warren.

— Ei. Pensei ter escutado você falando com alguém e...

A frase morreu aí, provavelmente porque Tamara percebeu como pegava mal achar incomum Call estar conversando com outra pessoa. Ainda que, infelizmente, talvez isso fosse verdade.

— O que está acontecendo?

— Nada de mais — respondeu Call ao mesmo tempo em que Gwenda dizia:

— O amigo aí, o lagarto bizarro, estava dando um alerta arrepiante.

Tamara cruzou os braços e olhou seriamente para Call.

— Ele disse alguma coisa sobre Automotones estar gritando ou algo assim — admitiu Call. — Mas eu falei que ele deve ter se enganado, porque Automotones está no caos. Aaron o mandou para lá quando a gente estava procurando meu pai.

Mandei mesmo. Aaron pareceu satisfeito.

Call se virou para fazer um gesto na direção de Warren, mas o pequeno elemental tinha sumido. Call ergueu as mãos em sinal de

frustração.

— Ah, qual é! Warren? Volta aqui!

— Então é isso que acontece com vocês? — perguntou Gwenda. — Um lagarto esquisito aparece e de repente tudo fica torto e vocês estão lutando contra um elemental enorme, um exército tomado pelo Caos ou algo assim? Bom, vou dizer uma coisa: não estou nem um pouco a fim disso.

— Ninguém está pedindo sua ajuda — reagiu Call, mal-humorado, pegando a bola de alumínio.

Mas é meio assim que a coisa acontece, disse Aaron.

Nesse momento houve um som agudo, como um sino distante, seguido pela voz da Mestra Milagros chamando-os de volta. Mal tinham começado a procurar. Call não conseguiu acreditar que o exercício já havia terminado.

— Vocês acharam alguma coisa? — perguntou.

Tamara negou com a cabeça.

— Acho que não tem prata nesses túneis.

Gwenda pareceu meio presunçosa.

— Encontrei um veio de tungstênio na outra sala e marquei. Trombei com você quando estava começando a procurar mais um.

Os três se espremeram pelo túnel e encontraram Kai e Jasper empolgados, marcando num mapa o que haviam encontrado. Call notou que era o único, no entanto, que tinha uma amostra de metal. Esperava que isso fosse bom, mas quando mostrou o que conseguira ao Mestre Rufus, ele olhou perplexo para a bola de alumínio.

Malinda e Cindy tinham encontrado quantidades impressionantes de seus metais entranhados nas paredes. A equipe de Celia obviamente havia vencido, se bem que nenhum dos Mestres fez estardalhaço com isso.

— Agora que vocês encontraram tanto metal no Magisterium, amanhã iremos à biblioteca descobrir as propriedades de cada um deles — anunciou a Mestra Milagros. — Para que tipo de magia cada um desses metais é apropriado? E como vocês fariam uma arma com o que encontraram hoje? Queremos ver seus projetos e suas ideias.

Celia, obviamente esperando um prêmio em vez de outra tarefa, suspirou profundamente.

A Mestra Milagros continuou:

— Temos mais uma coisa a fazer hoje, algo que acontece muito raramente, mas que não deixa de ter precedentes. O Mestre Rufus e eu andamos discutindo o que seria mais útil para o aprendizado de vocês, e decidimos que Gwenda e Jasper se tornarão aprendizes do Mestre Rufus e eu vou tutelar alguns dos aprendizes órfãos dos Mestres que perdemos na batalha recente. Nesse momento todo mundo está um pouco sobrecarregado, e esse é um modo de ajudar.

Mais Jasper? Por que o universo me odeia?, pensou Call.

Tamara cruzou os braços. Call não sabia direito o que isso significava, mas pelo menos ela não estava pulando de alegria.

Mas Celia parecia estar fumegando. Provavelmente estava bem chateada por seu namorado ter sido transferido para outro grupo de aprendizes, e logo um grupo que tinha o Inimigo da Morte. Isso não melhoraria as coisas entre ela e Call.

— Jasper não fez muito segredo de que desde o início queria ser aprendiz do Mestre Rufus — disse Gwenda. — Mas por que eu?

— Não lembra? — respondeu a Mestra Milagros. — Você pediu para ser trocada de grupo.

Por um momento Gwenda pareceu prestes a sufocar, e de repente Call se lembrou de como ela havia entrado nos aposentos deles muito tempo atrás para reclamar que Jasper e Celia estavam sempre se agarrando. Ela havia perguntado se eles poderiam convencer o Mestre Rufus a aceitá-la como aprendiz. Pelo jeito eles não eram os únicos com quem Gwenda havia falado sobre isso.

— Mas aquilo foi no Ano de Bronze! E definitivamente eu não queria ficar num grupo *com o Jasper* — disse Gwenda.

A frase resumiu tão perfeitamente os sentimentos de Call que ele não conseguiu deixar de pensar que talvez fosse divertido tê-la como colega de alojamento.

Mas, gostando ou não deles, ter novos aprendizes no grupo seria estranho. Desde sempre havia sido ele, Tamara e Aaron. E, mesmo que Tamara não soubesse, ainda era assim. Além disso, Call tinha assuntos importantes para resolver com Tamara. Como

iria reconquistá-la tendo Jasper por perto o tempo todo? Como eles arranjariam tempo para conversar?

Como você vai dar um jeito de falar sobre mim?, perguntou Aaron, e nesse pensamento havia uma coisa que fez Call se lembrar de que, para Aaron, podia parecer que ele estava sendo substituído.

— Jasper e Gwenda, vocês vão se mudar para os aposentos de Tamara e Call, por isso peguem suas coisas e vamos reenfeitiçar suas pulseiras — disse o Mestre Rufus. — Esta noite vou me encontrar com vocês para determinar quais são seus pontos fortes e fracos.

Jasper parecia chocado. Havia passado seu Ano de Ferro tentando entrar para o grupo de aprendizes do Mestre Rufus, o mago professor mais famoso e com a habilidade de escolher aprendizes que fariam coisas importantes — para o bem ou para o mal. Ele tinha sido tutor de Constantine Madden, mas também de membros proeminentes da Assembleia e de magos do Collegium. Agora Jasper teria finalmente sua chance. Call se perguntou se ele ainda queria isso.

— Certo — disse Jasper lentamente, como se ainda estivesse tentando processar o que estava acontecendo.

Gwenda o empurrou para fazerem as malas. Celia foi até a Mestra Milagros, provavelmente para reclamar. Call decidiu que era melhor voltar para o quarto e garantir que Devastação estivesse bem comportado para receber a mudança.

Tamara o acompanhou.

— Bem — disse ela. — O que você achou do aviso do Warren?

Com tudo que estava acontecendo, essa era a última coisa que Call esperava que ela dissesse, mas Tamara era uma pessoa que raramente se deixava distrair do que era importante.

— Será que Automotones pode ter mesmo escapado do vazio? — perguntou Call, apesar de não esperar de fato uma resposta.

Não, disse Aaron. *Impossível*.

— Não sei — respondeu Tamara. — Mas a gente pode ir hoje à noite até a biblioteca e pesquisar. Talvez tenha existido outro elemental como Automotones.

— Tipo um primo dele? E você acha que talvez os amigos do Warren tenham confundido os dois porque Automotones é o famoso?

Tamara lançou um olhar de aborrecimento.

— Aham, óbvio — disse. — Porque Automotones está em todas as revistas de fofoca do mundo dos elementais...

Aaron deu um risinho. *Essa foi ótima.*

Ah, cala a boca!, pensou Call, percebendo uma coisa que quase deixara passar.

— Nós vamos à biblioteca hoje à noite?

Tipo um encontro? Um encontro misturado com estudo?

Tamara assentiu.

— Acho melhor a gente checar, só por garantia. Warren é um chato, mas já esteve certo antes. — Ela pôs a mão no queixo. — Vamos precisar de ajuda para fuçar em todos aqueles livros. Jasper pode servir. Afinal de contas ele é nosso novo colega de quarto.

Estudo sem encontro, percebeu Call. Aaron imitou Zazu, de *O Rei Leão*, e começou a cantar “tenho uma dúzia de cocos tão bonitiiiiinhos” enquanto os dois seguiam pelos corredores da caverna, só para animá-lo.

CAPÍTULO CINCO

A mudança não demorou muito, Gwenda gostava de cachorros e, para surpresa de Tamara e Call, tanto ela quanto Jasper concordaram em acompanhá-los à biblioteca naquela noite, antes de irem se encontrar com o Mestre Rufus. Gwenda parecia curiosa, e Jasper — bem, Call nunca tinha certeza das motivações de Jasper em relação a qualquer coisa. O garoto pareceu desolado ao ver Celia indo para a Galeria com metade da turma do Ano de Ouro, mas logo se recompôs e acompanhou Call e Tamara.

A biblioteca era um dos locais prediletos de Call no Magisterium, não porque ele fosse particularmente fã de livros, mas por ter vivido muitos momentos bons com Tamara e Aaron naquele salão. Agora ele, Tamara, Gwenda e Jasper passaram sob a inscrição que dizia "o conhecimento é grátis e não está sujeito a regras", e tomaram lugar a uma das compridas mesas de madeira no centro da sala.

— Certo — disse Tamara, tomando a dianteira. — Estamos procurando o seguinte: informações sobre Automotones; e será que existem outros elementais como ele? E também sobre o caos: alguma coisa já retornou de lá? Sabemos alguma coisa sobre o reino do caos?

— *Você* não sabe? — perguntou Gwenda, olhando para Call. — Quero dizer, você é o mago do caos.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não faço ideia. Eu posso mandar coisas para lá, mas não tenho nenhuma ideia do que existe do outro lado.

O grupo se dividiu e partiu para corredores diferentes da biblioteca; Call foi parar na seção de magia do caos. Sentiu-se culpado ao perceber que havia um monte de livros que provavelmente já deveria ter lido: livros sobre a história dos magos do caos, o significado dos contrapesos e a descoberta da magia do caos. Ele estava estendendo a mão para alcançar *Alma e Vazio: Teoria Preliminar*, quando Aaron falou:

Preciso de um corpo. Não posso ficar na sua cabeça para sempre.

Call se apoiou na estante. Ele sabia que isso iria acontecer. Seria um alívio voltar a ficar sozinho com seus próprios pensamentos, mas, mesmo assim, a fala pareceu uma certa rejeição. Além do mais, ele não tinha ideia de como conseguir isso.

— Não é tão fácil conseguir um corpo — murmurou.

Talvez alguém morto?

— Não podemos usar um cadáver. Até parece que você não se lembra do que aconteceu da última vez, Aaron. Você ficou todo esquisito com um cérebro que já havia estado morto. E isso porque empurramos sua alma de volta para o corpo que era *seu*. Imagine como seria com um cadáver qualquer? — Ele fez uma pausa. — E nem adianta falar em bebê. Foi o que aconteceu comigo. Você perderia todas as suas lembranças. Seria outra pessoa. Uma pessoa pequenininha e impotente.

Não quero ser um bebê. Aaron pareceu chocado. *E definitivamente não quero empurrar a alma de um bebê para fora.*

— A gente poderia ir ao hospital — disse Call, percebendo como essa conversa estava mórbida. — Encontrar alguém que esteja perto de morrer.

Mas eu não acabaria morrendo se entrasse no corpo de um moribundo?

— A gente poderia consertar a pessoa com magia, não? — sugeriu Call, mesmo sabendo que não era uma ideia realista: nenhum deles conhecia magia curativa a esse ponto.

Nesse caso a gente provavelmente deveria curar a pessoa e deixar que ela vivesse. A nobreza de Aaron era irritante, mas para Call era prova de que ele estava bem. Era prova de que Aaron estava vivo e não era um monstro morto-vivo assustador, e havia uma grande parte de Call que queria desistir sem sequer tentar, mesmo que isso significasse ter Aaron para sempre dentro do próprio crânio.

— Se você continuar detonando todas as minhas sugestões, vai continuar preso aqui — lembrou Call.

Um som de risada veio de um corredor próximo. Call olhou em volta, preocupado com a possibilidade de alguém tê-lo escutado falar sozinho. Foi quando viu Tamara sentada em cima da mesa,

balançando as pernas, com Jasper ao lado, aparentemente dizendo alguma coisa engraçada. Call estreitou os olhos.

A gente vai pensar em alguma coisa. Aaron parecia desesperado.

A gente poderia matar alguém, pensou Call, os olhos se estreitando ainda mais quando Tamara ria a cada gracinha de Jasper, que estava todo metido a besta. Sem dúvida eles estavam flertando. *A gente poderia matar o Jasper, por exemplo.*

Não vamos matar o Jasper. Não quero ser assassino.

Você matou o Mestre Joseph, pensou Call, e ficou surpreso consigo mesmo porque era algo que ele não teria dito a Aaron em voz alta. Call não queria mencionar nada do que tinha acontecido naquele tempo horrível. Mas pelo jeito não conseguia parar de pensar. *Você praticamente arrancou a cabeça dele como um tomate...*

Eu não era eu, protestou Aaron. Call não disse nada. Ouviu Tamara rir de novo, mas não teve coragem de olhar. Ele não tinha qualquer direito sobre ela. Ela poderia namorar Jasper se quisesse, ainda que esse pensamento fizesse Call ter vontade de esmagar a própria cabeça numa estalactite.

Também não havia sentido em ficar com raiva de Aaron. Nada disso era culpa dele. Era culpa do Mestre Joseph. Culpa de Alex Strike. Culpa de Constantine Madden. E culpa do próprio Call.

Acho que pular de um corpo para outro sempre vai ser assassinato, pensou Aaron, sombrio. *A gente sempre vai matar a alma de outra pessoa. Por isso é uma coisa maligna. Por isso todo o negócio do Inimigo da Morte era errado. Acabou provocando um monte de mortes em vez de revertê-las.*

Acho que sim. Call levou *Alma e Vazio: Teoria Preliminar* até a mesa onde Gwenda já havia se juntado a Tamara e Jasper. Eles estavam conversando sobre Automotones, Tamara e Jasper contando a Gwenda sobre a batalha no velho depósito de carros de Alastair, especialmente o heroísmo de Devastação.

Você se lembra?, pensou Call, mas Aaron ficou em silêncio.

Não era justo. Ele se sentia mal por ter magoado os sentimentos de Aaron, mas era impossível não pensar em coisas idiotas, horríveis. Call não conseguia impedir que elas flutuassem na

superfície da sua mente o tempo todo. No passado, ele mal se continha para não dizer em voz alta seus piores pensamentos; como iria se impedir de pensá-los? E então Aaron resolveu se esconder em seu subconsciente e não revelar nada. Talvez os pensamentos de Aaron fossem piores ainda do que os de Call, mas Call jamais saberia.

Escutou a voz de Gwenda sentada diante da mesa cheia de livros:

— Então o Call arrastou vocês até um enorme cemitério de carros procurando o pai dele e aí um elemental atacou vocês, e Call *continuou* não dizendo que ele era o Inimigo da Morte?

— Acho que era difícil dizer em voz alta — respondeu Jasper, surpreendendo Call. — Provavelmente ele nem tinha certeza se a gente acreditaria. Ou não. É óbvio que na hora eu ia fingir que sim, já que eu estava sendo sequestrado e a gente nunca deve chamar o sequestrador de maluco.

— Você vive sendo sequestrado — disse Gwenda, incrivelmente antipática.

— Agora que você mencionou... É mesmo — concordou Jasper. — Por que estou defendendo o Call de novo? Ele é o *motivo* para eu viver sendo sequestrado.

— Porque vocês são superamigos? — disse Gwenda, parecendo confusa. — Você é o ajudante dele. Bem, um dos ajudantes.

— Tem razão — disse Tamara. — Na verdade, Devastação é o ajudante principal.

— Não, não, não, não, não! — reagiu Jasper, obviamente chocado. — Não acredito que você pensou em mim nesse papel. Eu sou rival dele! Call e eu sempre batemos de frente em matéria de guerra e paz. Estamos sempre empatados! Sou rival dele!

— Se você diz... — observou Gwenda.

Mesmo contra a vontade, Call precisou sorrir.

Gwenda olhou seu relógio.

— Precisamos encontrar o Mestre Rufus — disse, parecendo aliviada. — O que eu acho ótimo, porque esse negócio é meio chato. Não acredito que estamos aqui porque um lagarto deu uma dica.

— Warren já esteve certo antes — insistiu Call, em dúvida se estava defendendo Warren ou a si mesmo. — Vamos levar esses livros para o alojamento e continuar examinando até encontrar alguma coisa.

— Como quiser. — Gwenda estalou os dedos na direção de Jasper, que parecia incrédulo. — Anda. O tempo urge.

— As pessoas estalam os dedos para *cachorros* — protestou Jasper, saindo da sala atrás de Gwenda. — Não vem com essa, ok?

Gwenda estalou os dedos de novo, rindo, e os dois se foram, sob protestos de Jasper.

Balançando a cabeça, Tamara dividiu os livros com Call.

— Talvez a gente esteja paranoico. Talvez Warren não tenha falado a sério.

— Bem, não dá para culpar a gente depois de tudo que passamos.

Call queria Aaron se manifestando outra vez, oferecendo a coisa certa a dizer para Tamara, que parecia cansada e preocupada, mas ele continuava teimosamente escondido.

Tamara baixou a cabeça.

— Acho que não.

O que ela estava *pensando*? Call queria bater com a cabeça numa parede, mas tinham chegado ao alojamento e Tamara logo abriu a porta com a pulseira. Os dois largaram os livros na mesa. Call estava prestes a sugerir que fossem até a Galeria comer alguma coisa quando Tamara pegou o *Alma e Vazio* e olhou a contracapa.

— “O oposto do caos” — leu Tamara em voz baixa — “é a alma humana”. — Ela engoliu em seco. — Call, eu... sinto muito. Não por ter dito para você não trazer o Aaron de volta, mas por não ter tentado entender melhor seus motivos para achar que isso era necessário. Todo mundo estava dizendo que você era responsável pela morte dele. Todo mundo estava tratando você como culpado. Você deve ter sentido que o único jeito de consertar as coisas era trazê-lo de volta.

Call sentiu que provavelmente era má ideia ser honesto. Mas já não sabia mais o que fazer, nem o que dizer.

— Eu não queria trazer o Aaron de volta para me sentir melhor. Quero dizer, ok, eu me sentia culpado, mas ao mesmo tempo eu também tinha medo de fazer isso. Eu estou sempre preocupado com o que pode acontecer se eu não estiver me vigiando o tempo todo, sempre alerta para garantir que não fique totalmente mau. Mas o Aaron era meu amigo e acreditava em mim, e eu não queria que ele morresse. Só isso.

Os olhos de Tamara brilharam como se ela estivesse contendo as lágrimas.

— E eu simplesmente fui embora — disse ela. — Você deve ter pensado que eu não acreditava em você... Eu percebi meu erro no minuto em que cheguei de volta ao Magisterium. Achando que os magos iriam nos salvar, que a Assembleia ajudaria, que eles eram adultos e que nós éramos crianças. Só que eles também são humanos, também têm seus defeitos. Não podem consertar tudo.

— Ninguém pode consertar tudo. — Call viu que Tamara estava tão triste que sentiu uma vontade desesperada de abraçá-la, mas será que ela gostaria? — Você não tem culpa de ter confiado neles...

— Eu confio em *você*. Você é meu amigo, Call, e eu...

— Não quero ser só seu amigo.

Ela o encarou com os olhos arregalados, como se não conseguisse acreditar que ele havia dito isso. Call sentia o coração martelando em todo o corpo. Ele mesmo não acreditava que havia dito aquilo.

— Me desculpa, mas é verdade. Eu gosto de você, Tamara. Na verdade eu...

Tamara ficou nas pontas dos pés e beijou Call. Um relâmpago pareceu eletrificar todo o corpo dele. Quando se beijaram pela primeira vez, ele havia ficado atônito demais para esboçar uma reação de verdade, mas nesse momento ele a envolveu com os braços, como tinha desejado fazer antes. Tamara o abraçou de volta e a sensação era incrível. Ela acariciou gentilmente o rosto dele durante o beijo, o que foi ainda mais espantoso. Ela cheirava a rosas e Call teve quase certeza de que aquele era o melhor beijo que qualquer pessoa já provara, sem dúvida um dez olímpico em beijo, se beijo fosse uma categoria olímpica.

ECA! EU AINDA ESTOU AQUI! O grito de Aaron, aparentemente horrorizado com o beijo, ressoou na cabeça de Call, fazendo-o se afastar de Tamara.

— Call? — perguntou Tamara, confusa.

Ela o olhava com um sorriso sonhador. Call teve vontade de beijá-la novamente, mas ela provavelmente ficaria com muita raiva quando ficasse sabendo sobre Aaron.

— Ah — disse Call, procurando alguma coisa, algum motivo para parar e que significasse que poderiam recomeçar mais tarde. — Acho que estamos indo rápido demais. Acho que precisamos... — Pronto, os pensamentos o abandonaram.

PARAR, disse Aaron.

— Parar — ecoou Call.

Tamara piscou para ele, parecendo magoada.

— Certo — disse ela, em voz baixa. — Mas achei que era isso que você queria.

— Eu quero! — respondeu Call, talvez um pouco ansioso demais. — Quero mesmo, de verdade. É só que...

Eu acho que a gente deveria... é... dar um tempo para garantir que está certa disso, disse Aaron.

Call repetiu as palavras. Pareciam boas. Sensatas. Maduras. Mas Tamara estava olhando para ele de um jeito esquisito outra vez.

Para garantir que estamos construindo isso sob um alicerce de confiança, disse Aaron.

Call também repetiu isso, tentando dar convicção às palavras, tentando ser a pessoa que acreditava nelas. Tamara cruzou os braços e o encarou com os olhos estreitados.

— Parece o Aaron falando — disse ela.

— Isso é bom, não é?

— É alguma coisa — respondeu ela, o que não pareceu totalmente uma concordância. — Acho que nós dois sentimos falta dele, cada um a seu modo. — Ela pôs a mão quente em seu rosto. — Boa noite, Call.

E com isso foi para o quarto. Call fez o mesmo e se jogou em sua cama pequena. Devastação pulou junto, fazendo um círculo antes de se sentar direto nos pés de Call, que sequer foi capaz de reunir energia suficiente para se incomodar.

Por um tempo as coisas fluíram tão bem com Tamara que ele quase se esquecera desse outro segredo. Ela já havia suportado tanta coisa... Será que sequer acreditaria nele?

Call, disse Aaron. *Precisamos conversar.*

Sei o que você vai dizer. Call olhou para o teto de mica brilhante, lembrando-se de como havia sido incrível aquele momento de intimidade em que nada mais importava. *Que eu simplesmente deveria confiar nela. E eu sei que deveria. Que deveria contar a ela. Mas tudo que eu quero é que as coisas sejam normais.*

Não é isso. Eu encontrei uma coisa na sua cabeça. Uma coisa... esquisita.

Uma coisa na *cabeça*? Atingido por um cansaço gigantesco, Call fechou os olhos. O que quer que Aaron soubesse, ele não queria ouvir. *Agora, não*, disse. *Outra hora, por favor.*

CAPÍTULO SEIS

Call sonhava. Ele era um mago adulto e estava em uma cidade que não reconhecia. Quando levantou as mãos, um relâmpago preto — relâmpago do caos — saltou entre elas. Call sentiu uma grande certeza e um poder avassalador. A sensação lembrava o caos percorrendo seu corpo, só que agora ele sabia como canalizar.

Ser Constantine Madden deve ter sido assim.

O fogo preto saltou de seus dedos. Era como se ele fosse Zeus; seria fácil incendiar o mundo inteiro. Ele conduziu o fogo destruidor, golpeando outros magos que tentavam fugir. Mais fogo irrompia dos tetos das construções. Uma torre de pedra queimava. Call não tinha contrapeso, mas isso não importava. Nada importava. Nada importava, a não ser o poder.

↑≋△○@

Sentou-se, ofegando. O cabelo estava grudado na testa com o suor. Demorou um tempo enorme para se lembrar de quem ele era e onde estava — na própria cama, no Magisterium.

Chutou as cobertas, esperando que o choque do ar frio o acordasse e afastasse ainda mais o sonho. Tinha sido horrível, de um jeito maravilhoso...

Você está bem? Aaron parecia preocupado.

Acho que sim. Quero dizer, estou. Foi só um pesadelo.

Foi Constantine, disse Aaron. *As lembranças dele. Tem de ser.*

Já tive sonhos esquisitos antes. Eles não necessariamente significam alguma coisa.

Desculpe o que eu fiz antes, disse Aaron. *Você precisa escutar o que descobri, ok? Depois talvez a gente consiga deduzir como enfrentar... os beijos... enquanto eu ainda estiver aqui.*

Call suspirou.

— Provavelmente não beijando — disse Call, melancólico. Pelo menos em seu próprio quarto era possível falar em voz alta com

Aaron sem que alguém pensasse que ele estava maluco. — Certo, manda ver.

Tem alguma coisa trancada aqui dentro, explicou Aaron. *Não sei como descrever, mas é como um espaço grande com janelas. Eu posso olhar através delas e, então, é como se estivesse olhando pelos seus olhos. Existem correntes, emoções, que passam por mim, e seus pensamentos são como palavras na minha mente. Mas antes, quando estávamos sem nos falar, foi como se eu batesse contra uma porta fechada. No meio da sala. Tem alguma coisa fechada dentro dela.*

— Tipo uma lembrança reprimida? — perguntou Call, perplexo.

Acho que são as lembranças de Constantine. Acho que alguém as trancou aqui, para você não ter acesso a elas.

— Por que alguém faria isso?

Não sei. Aaron parecia frustrado. *Talvez por você ser bebê quando ele pulou dentro do seu corpo, sua mente não tenha sido capaz de lidar com todas as informações, por isso elas foram trancadas.*

Isso fazia algum sentido.

— Ou talvez elas me fizessem perceber que eu era um adulto preso no corpo de um bebê. Talvez ele tenha achado que isso me deixaria louco, não é?

Não sei, mas acho que a gente deveria abri-las.

Call estava de pé e fora da cama, balançando a cabeça, mesmo sabendo que Aaron não podia vê-lo.

— Não. Não!

Por quê?

— Durante todo o tempo em que eu estive com o Mestre Joseph, toda vez em que eu estava perto de Anastasia Tarquin, tudo que eles queriam era que eu me lembrasse de ser Constantine Madden, porque achavam que essas lembranças... não sei... iriam *se sobrepor* às minhas. Mas e se elas me fizerem deixar de ser eu?

Aaron ficou em silêncio por um longo tempo. *Pensei que elas seriam apenas lembranças, algo parecido com ter a mim dentro da cabeça. Eu ainda sou eu, apesar de ouvir os seus pensamentos.*

— Mas a alma de Constantine era a *minha* alma. Talvez as lembranças pareçam ser minhas. Mas, mesmo que não pareçam, e

se elas forem muito, muito ruins?

Call percebeu que estava com medo de algo mais do que apenas a possibilidade de se transformar em Constantine. Medo de enfrentar todas as coisas horríveis que Constantine havia realmente feito. E se Call se lembrasse de cada coisa feia, medonha? E se tivesse de se lembrar da morte de sua própria mãe?

Acho que não pensei em nada disso, observou Aaron. *Mas se você quiser olhar as lembranças, eu estarei aqui com você. E vou fazer todo o possível para garantir que você continue sendo quem é, ok?*

Call se sentiu covarde.

— Eu vou pensar a respeito.

Era cedo, mas ele sabia que não conseguiria voltar a dormir. Em vez disso, se levantou, pegou a toalha e uma roupa e foi para o banheiro, Devastação atrás. Tomou um banho rápido enquanto Devastação estourava bolhas de sabão com a língua, espirrando e depois rosnando para elas.

Quando saiu do chuveiro, levou um susto ao ver Jasper, sem camisa, fazendo flexões na área compartilhada do alojamento.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Me preparando para o dia de hoje — respondeu Jasper, como se Call fosse o esquisito. — Entrando na postura mental correta para a magia.

— Ah. Claro.

Quando voltou do passeio com Devastação, Gwenda e Tamara já estavam de pé. A primeira tinha uma boina de seda roxa por cima dos cachos e Tamara bocejava ao levar a pasta de dente para o banheiro. A ficha de que Jasper e Gwenda eram mesmo os novos colegas de quarto de Call e de que faziam parte do mesmo grupo de aprendizes estava começando a cair, e Call ainda não tinha certeza de como se sentia em relação a isso. Pelo lado positivo, pelo menos eles não tinham surpreendido Call e Tamara se beijando.

Call havia acabado de colocar ração para Devastação quando a porta se abriu e o Mestre Rufus entrou.

— Hoje, aprendizes, vamos continuar a aprender sobre metais, tanto de uma perspectiva científica quanto de uma perspectiva

mágica. Call. Você vai se juntar a nós depois de se encontrar com um membro da Assembleia.

— Isso não parece bom — disse Call.

— É um encontro informal, e o Sr. Rajavi me garantiu que você ficará muito pouco tempo longe das aulas.

O Mestre Rufus não parecia particularmente preocupado, o que era tranquilizador. E Call conhecia o Sr. Rajavi. Talvez não fosse algo tão ruim.

— Meu pai está aqui? — perguntou Tamara.

— Ele mandou lembranças a você, Tamara. Lamentou não poder encontrá-la, mas há regras proibindo visitas a aprendizes.

A não ser que esse aprendiz fosse um Makar que também podia ser um Suserano do Mal. Aí você recebia um monte de visitas.

— Call, o Sr. Rajavi estará esperando por você na minha sala. Vou acompanhar os outros até o Refeitório.

E em seguida eles saíram, deixando Call para comer um pouco de cereal e ir sozinho até a sala do Mestre Rufus.

Call pegou o caminho que seguia junto a um dos muitos rios subterrâneos do Magisterium. A água reluzia num azul fantasmagórico à luz do musgo. No caminho ele espiou em volta, procurando Warren. Até chamou algumas vezes o nome do lagarto, a voz ecoando nas cavernas. Tinha certeza de que iria encontrá-lo durante a curta travessia de barco, mas quando chegou à outra margem percebeu que Warren o estava evitando.

Quando chegou à porta de Rufus, bateu e escutou a voz do Sr. Rajavi ecoar lá dentro.

— Entre.

A sala tinha praticamente a mesma aparência de sempre. Os mesmos papéis grudados nas paredes, cobertos com o que agora Call reconhecia serem equações alquímicas. O grande sofá havia sumido, substituído por mais estantes de livros, e a velha estação de trabalho fora substituída por uma feita de material translúcido e brilhante: quartzo, supôs Call. O pai de Tamara estava sentado atrás da mesa de tampo corrediço.

Ah, meu Deus, pensou Call. *O pai de Tamara.* E ele tinha acabado de beijar Tamara. Seria por isso que o Sr. Rajavi estava aqui?

Não seja ridículo, disse Aaron. *Você acha que ele é paranormal ou algo assim?*

Kimiya estava de castigo por ter namorado com o Alex Suserano do Mal — pelo menos era o que Tamara dissera. O Sr. Rajavi tinha uma política bem estabelecida de não gostar que suas filhas namorassem Suseranos do Mal.

Call sentou-se na cadeira diante da mesa, com os olhos arregalados. O Sr. Rajavi o encarou sem sorrir. Usava um terno preto, parecendo caro, e um grosso relógio de ouro num pulso. Sua barba estava perfeitamente aparada.

Preciso dizer uma coisa sobre Tamara, pensou Call.

Não precisa nem um pouco, disse Aaron, parecendo alarmado.

Preciso tranquilizá-lo, protestou Call.

Tranquilizá-lo de quê? Você BEIJOU Tamara. Só fique de boca fechada, Call.

— Minhas intenções são honrosas! — disse Call bruscamente.

Queria falar mais, porém Aaron tinha provocado um zumbido furioso em sua cabeça, parecendo uma abelha gigante.

O Sr. Rajavi piscou.

— Isso é bom, filho. É bom ouvir que, apesar de ter a alma de Constantine Madden, você quer levar uma vida honrada.

Essa foi por pouco, murmurou Aaron, que ao menos tinha parado com o barulho de abelha. Call se remexeu na cadeira, sentindo-se desconfortável.

— Vou direto ao ponto — disse o pai de Tamara. — Sua mãe, Anastasia Tarquin, andou perguntando por você.

— Ela não é minha mãe. — Uma onda de raiva atravessou Call, apagando o embaraço anterior. — Ela era mãe de Constantine Madden, e eu *não sou ele*.

O Sr. Rajavi deu um pequeno sorriso.

— Gosto da sua convicção. E sei que minha filha o considera muito. Mas comecei a suspeitar das pessoas que minhas filhas estimam.

Talvez você devesse *contar a ele que beijou Tamara*, disse Aaron. *O cara é um sacana.*

Ele sempre foi assim. Você nunca percebeu porque ele não agia dessa forma com você.

Call se sentiu instantaneamente mal por ter pensado isso, mas não quis deixar que o silêncio se estendesse demais enquanto tentava explicar coisas a Aaron.

— Se o senhor está falando de Alex Strike, também estou feliz por ele ter morrido — disse Call bruscamente. — Mas não quero ver Anastasia.

— Ela está no Panopticon. A sentença saiu esta tarde. Foi condenada à morte.

A notícia foi um choque para Call. Ele tentou não demonstrar, mas suas mãos apertaram os braços da cadeira. Talvez devesse de fato vê-la, mas tentar se imaginar de volta no Panopticon, do outro lado do vidro mágico, era medonho. Além disso, ele não tinha nada a dizer a Anastasia. Não podia ajudá-la. E não queria continuar fingindo que estava tudo bem quando ela o chamava de Constantine.

Pensou nas lembranças que Aaron havia encontrado trancadas em sua cabeça. Talvez estivessem ali alguns dos sentimentos que Anastasia esperava encontrar. Mas isso só o deixou mais decidido a não destrancar essas lembranças.

— Eu preciso ir? — perguntou.

— Evidente que não. — O Sr. Rajavi pareceu aliviado com a ideia de que Call realmente estava recusando. Talvez ele também não quisesse ir ao Panopticon. — Se você mudar de ideia, diga ao Mestre Rufus.

Call se levantou, presumindo que a reunião havia terminado, mas o Sr. Rajavi ficou onde estava. Depois de um momento incômodo, Call se sentou de novo.

— Há mais alguma coisa?

— Uma oferta. Logo você vai se formar. Assim que terminar o seu Ano de Ouro, será um mago de verdade, muito poderoso, um Makar. Quero que você vá para o Collegium. Vou garantir que você seja aceito nos melhores programas de lá. Vou abrir o caminho para que você se torne um mago muito importante, talvez até membro da Assembleia, um dia. Mas queremos que você pare de usar magia do caos, a não ser com a permissão explícita da Assembleia. Queremos que seja o *nosso* Makar.

Call ficou atônito. Afinal de contas, ele não andava por aí usando magia do caos o tempo todo, apenas por diversão. Mas aquele era o mesmo Sr. Rajavi que tinha levado Aaron a realizar truques com magia do caos numa de suas festas. Por que não havia problema naquilo, mas nisso tinha?

Talvez a Assembleia dê permissão para você fazer truques com o caos em festas, também, disse Aaron com um cinismo surpreendente.

— Como o senhor saberia? — perguntou Call.

As sobrancelhas do Sr. Rajavi se ergueram. Call supôs que aquela não parecia a pergunta de alguém que estava planejando ser honesto.

— Bem — disse o Sr. Rajavi. — Nós escolheríamos um novo contrapeso para você.

Um novo contrapeso? Call se surpreendeu com o tamanho da repulsa que a ideia lhe causava. Aaron era seu melhor amigo. Por isso ele estivera disposto a ser o contrapeso de Aaron e vice-versa.

Ainda sou seu melhor amigo, disse Aaron. *Se você começar a pensar como se eu estivesse morto, isso vai me pirar de vez.*

— E se eu não quiser? — perguntou Call ao Sr. Rajavi.

— Vamos torcer para que você queira — disse ele, o que era ao mesmo tempo uma promessa e uma ameaça.

— Preciso pensar.

O Sr. Rajavi ficou de pé e estendeu a mão para Call, que se levantou para cumprimentá-lo. Call percebeu de novo como crescera. Estava olhando de cima para a cabeça do Sr. Rajavi.

— Pense bem — disse o Sr. Rajavi. — Você tem um futuro brilhante pela frente.

Enquanto caminhava de volta pelos túneis, incomodado, Call pensou em Anastasia e na oferta da Assembleia. Também pensou em Alastair e na promessa de que, assim que o Ano de Ouro terminasse, os dois poderiam viajar e ir morar em outro lugar, adotar novas identidades.

Call chegou ao lugar onde seu grupo de aprendizes estava treinando. Tamara estava moldando seu metal num círculo luminoso, líquido e ofuscante. Jasper cutucava algumas pepitas de ouro e Gwenda tentava instigar uma poça de bronze amolecido a

virar uma pulseira. O Mestre Rufus estava sentado numa pedra, parecendo desanimado.

Se Call fosse embora com Alastair nunca mais veria nenhum deles, mas se aceitasse a oferta da Assembleia, estariam sempre por perto. Eles poderiam ir juntos para o Collegium. Ele não faria mais magia do caos; não que quisesse fazer, de qualquer modo. O Sr. Rajavi talvez nem colocasse Tamara de castigo por namorar com ele.

Você está se esquecendo de uma coisa, disse Aaron.

De quê?

De mim.

CAPÍTULO SETE

Durante o almoço no Refeitório, Gwenda e Tamara conversavam animadamente. Jasper parecia afundar em sua melancolia, olhando frequentemente para a mesa ali perto, onde Celia estava cercada por amigos dos anos de Ouro e Prata. Call reconheceu alguns deles — um garoto quieto e de cabelo castanho chamado Charlie e uma garota com cabelo preto, curto e espetado, cujo nome ele pensou ser Jessie. Outros, no entanto, eram totalmente estranhos para ele. Talvez porque Call tivesse passado tanto tempo longe do Magisterium, percebeu — e talvez porque, mesmo quando estava ali, ele ficava envolvido demais em seu confortável grupo de três para notar muita coisa.

Às vezes Jasper acenava para Celia. Ela acenava de volta, atenciosamente, ignorando todos os outros na mesa. Tamara apenas revirava os olhos — todos riam e faziam piadas, menos Call, que permanecia quieto. A tensão de Aaron era palpável. Ele sempre havia amado esses grupos grandes, brilhado em meio ao bom humor e o afeto.

É como ser um fantasma, disse Aaron agora. *Posso ver tudo, mas não posso fazer nada. Nem dizer nada.*

— O que está rolando, Jasper? — perguntou Gwenda finalmente, depois que ele trocou outro aceno esquisito com Celia. — Vocês estão juntos ou não?

— É complicado — respondeu Jasper. — Celia quer que eu renuncie Call e proteste por ter sido transferido para o grupo de aprendizes do Mestre Rufus.

— Isso é ridículo — disse Kai. — Metade da escola mataria para estudar com o Mestre Rufus.

— Bem, parece que o Mestre Rufus de fato *GOSTA DE ASSASSINOS* — gritou Celia, que obviamente tinha escutado e estava furiosa.

Todos baixaram as vozes.

— Bem, você obviamente não pode fazer isso — sussurrou Gwenda.

— Lógico que não — reagiu Jasper.
— Call é seu amigo — disse Rafe.
— Não é isso — protestou Jasper. — Tem a ver com não ceder! Um deWinter não faz o que mandam. Somos independentes!
Call pensou em como o pai de Jasper não era nem um pouco independente. Estava trancado no Panopticon, manchando o nome da família deWinter. Jasper gostava de reclamar — *muito* — sobre coisas pequenas, mas nunca sobre a situação do pai. No entanto, isso devia pesar para ele.
— Celia não pode continuar sendo tão ridícula — observou Tamara. — É inacreditável que ela esteja recebendo algum apoio.
— Eu diria que mais ou menos metade da escola sente o mesmo que ela — disse Kai em voz baixa. — Tem muita gente que não gosta do Call e não confia nele, e algumas acham que ele é basicamente o Inimigo da Morte usando um uniforme do Ano de Ouro.
— E as pessoas que gostam de mim? — perguntou Call, sentindo-se enjoado.
— Estão todas nessa mesa — respondeu Gwenda.
— Não é verdade! — protestou Tamara. — Existem pessoas que gostam de você, Call. E Devastação. E Warren.
— Warren não gosta de ninguém — disse Call.
Ele empurrou o prato para longe e pensou em seu sonho com o Collegium. Não seria simplesmente uma continuação disso aqui?
Kai se levantou de repente. Seus olhos castanhos se viraram para os de Call e ele balançou a cabeça, triste.
— Desculpe — disse, atravessando a sala para se sentar à mesa de Celia.
Todos observaram, perplexos. Rafe rompeu o silêncio.
— Charlie é namorado dele, e está completamente do lado de Celia. Vocês precisam entender, tem sido difícil de verdade para o Kai.
Jasper ficou sério.
— As linhas de batalha estão sendo definidas — disse, e pela primeira vez não estava brincando.
Call quase imaginou que podia ver uma linha luminosa separando a mesa deles da de Celia.

Arrastando um garfo pelo líquen em seu prato, soube que precisaria fazer alguma coisa. Só queria saber o quê.

↑≋△○@

Depois do almoço houve exercícios do lado de fora, na floresta, com a participação de alunos do Ano de Ouro e de Ferro. Eles deveriam acompanhar os mais novos explorando a área em volta do Magisterium e experimentar alguma magia recém-aprendida.

— Não deixem que eles se afastem demais — disse o Mestre Rufus. — Isso vai ser bom para vocês, assumir responsabilidade por magos mais jovens, ajudá-los e também perceber até que ponto vocês chegaram em seus estudos.

— Ninguém vai querer ficar comigo — disse Call a Tamara, depois ficou meio envergonhado.

Seus amigos já estavam enfrentando a hostilidade de pessoas de quem eles gostavam por causa de Call. Ele não precisava reclamar, ainda por cima.

Tamara lhe deu um tapinha no ombro.

— Talvez haja algum serzinho maligno. — Ele a encarou com raiva e ela sorriu de volta, animada. — Esse é o espírito. Seu fãzinho malvado vai gostar disso.

Ele riu, mesmo contra a vontade.

Enquanto isso, Jasper estava começando a se achar o máximo com a ideia de que alguém ficaria impressionado com ele.

— Tenho muita sabedoria a oferecer — disse ele a Gwenda. — O importante é encontrar um aprendiz digno de mim.

— Realmente acho que nenhum deles merece você — disse Gwenda, e ele assentiu, pensativo.

— Está certíssima.

— Ah — disse ela. — Sei que estou.

Assim que passaram pelo Portão da Missão, Call não conseguiu deixar de perceber que a floresta estava estranhamente silenciosa. Nenhum pio de pássaro vinha das árvores. Ele nem conseguia escutar os grilos.

Olhou para os outros. Tamara e o Mestre Rufus também tinham parado. O silêncio era mesmo fantasmagórico. Florestas nunca

ficavam totalmente em silêncio — sempre há cantos de pássaros ou o som de animais distantes na vegetação rasteira. Mas não havia nada. Call estava prestes a dizer alguma coisa ao Mestre Rufus quando os portões do Magisterium se abriram de novo e mais e mais aprendizes saíram com seus Mestres. De repente ficou mais difícil ouvir o silêncio da floresta acima das conversas dos humanos.

— Já determinamos os pares — disse o Mestre Rockmaple, suficientemente alto para que os aprendizes começassem a ficar quietos. — Vou chamar o nome de um aluno do Ano de Ouro e depois o do Ano de Ferro que vai ser seu par.

Uma brisa soprou entre as árvores, e um instante depois de o Mestre Rockmaple terminar de falar, Call ficou irritado de novo ao ouvir o assobio do vento pelos galhos e nada mais. Nenhum som de animais. Mas havia o ruído de outra coisa. Algo familiar a Call.

— Rockmaple — disse o Mestre Rufus. — Acho que deveríamos voltar e adiar esse exercício por mais um...

Então Call lembrou. Era o som que ouvira quando ele e o pai foram às Cataratas do Niágara. Um chiado gigantesco, como se o ar estivesse rachando.

Um burburinho cresceu entre os alunos, mas não havia tempo para mais nada. Antes que o Mestre Rufus pudesse terminar a frase, um elemental apareceu acima das árvores.

Call ouviu Tamara ofegar.

— Um *dragão*.

A criatura era enorme, de um preto brilhante e sinuoso, com asas pequenas, membranosas, e enormes mandíbulas cheias de dentes. Os olhos eram de um vermelho brilhante. Havia um humano montado em suas costas — com uma capa comprida que balançava ao vento.

Call estendeu a mão para Tamara, que a apertou com força. Ele podia *sentir* Aaron dentro de sua cabeça, encolhendo-se com incredulidade — e horror.

Mesmo sendo impossível, o cavaleiro era Alex. Transformado, mas ainda reconhecível, apesar de uma nuvem de trevas circular sua cabeça. Era como se alguém tivesse cortado a luz do céu ao redor dele. Seus olhos eram enormes buracos negros que reluziam, como se estivessem cheios de estrelas.

Os aprendizes gritaram e muita gente começou a correr de volta para o Magisterium. Nem todos reconheciam Alex, mas sem dúvida reconheciam algo ruim. Call e Tamara ficaram firmes, mas o Mestre Rufus se moveu para bloqueá-los da visão direta de Alex.

Ele está morto. Aaron parecia atônito. *Ele tem de estar morto. Ele foi sugado para o caos.*

O dragão abriu as mandíbulas enormes e cuspiu um fogo preto, crestando os topos das árvores ao redor e incendiando-as. Elas queimavam sem luz, sem calor. Call se lembrou de seu sonho, da chama preta que se espalhava das suas mãos. O dragão soprava puro fogo do caos.

— Rápido, todo mundo para dentro! — gritou o Mestre Rufus, sinalizando para os alunos voltarem. — Tamara! Call! Saiam daqui!

Os Mestres estavam correndo, arrebanhando os aprendizes de volta até o portão do Magisterium. Alunos do Ano de Ferro corriam, quase tropeçando uns nos outros, ansiosos para voltar ao portão.

— Esperem! — gritou um Mestre. — Fiquem perto...

Mas era tarde demais. O dragão voou baixo, com Alex grudado em suas costas, e pegou dois alunos do Ano de Ferro. Um deles era Axel, o menino que tinha se mostrado curioso com Call quando este chegou ao Magisterium. Ele parecia aterrorizado, mas não chorava. Parecia tentar morder as garras do dragão do caos. Ao seu lado, uma menina do Ano de Ferro gritava e tentava se soltar com chutes. Mas o dragão os segurava com força e subiu pelo céu com os dois presos nas garras.

Rindo, Alex gritou, sua voz trovejando na floresta:

— Parem! Todos os mestres do Magisterium, parem onde estão! Sou Alexander Strike, o primeiro Devorado do Caos, e vou destruir todos vocês, a não ser que sigam minhas ordens.

Um Devorado do Caos? Call olhou para o Mestre Rufus, mas o Mestre Rufus estava olhando para Alex. Parecia furioso. Todos os Mestres pareciam, mas estavam imóveis, sabendo que não existia opção. Acima deles os dois alunos gritavam, embora o som chegasse fraco ao ser trazido pelo vento.

Call se virou para Tamara, que tremia de fúria.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse ela.

As labaredas pretas cresciam, devorando mais árvores. *Fogo*, pensou Call. Ele já havia apagado fogo antes.

Isso quase matou você, protestou Aaron. *Agora, sem um contrapeso...*

Alex ainda estava falando:

— Primeiro libertem Anastasia Tarquin do cativeiro ou eu largo esses pirralhos no fogo e depois acabo com o resto de vocês. Mas só *depois* que vocês virem os dois queimar.

Um murmúrio atravessou o grupo de alunos. *Anastasia Tarquin?* Nem todo mundo sabia que ela era madrasta de Alex; até Call ficou perplexo ao perceber que Alex gostava dela a ponto de se incomodar em tirá-la da prisão.

Foi o Mestre Rufus que se adiantou para falar.

— Precisamos de tempo para isso — gritou. — Precisamos contatar o Panopticon.

A risada de Alex era selvagem. Call só conseguia imaginar o prazer que ele estava sentindo em dar ordens aos seus antigos professores.

— Tragam um telefone de tornado para cá em cinco minutos ou eu torro um pirralho.

O Mestre Rockmaple se virou e entrou correndo no Magisterium.

— Call e Tamara — disse Alex, virando seu olhar de estrelas escuras para eles. Seu rosto parecia um pergaminho por trás do qual ardia uma luz preta e brilhante. — Que reencontro fantástico! — Ele inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

— Você deveria ter ficado no vazio — gritou Call enquanto se concentrava em afastar o ar do fogo caótico que comia as árvores.

Mas, mesmo que puxasse com toda a vontade, as chamas nem mesmo estremeciam. Não era um fogo comum, alimentado pelo ar. Call não sabia qual era seu comburente, mas enquanto sua magia voava na direção das chamas, ele não sentiu calor nem luz. Se o oposto do caos era alma, então ele temia que o fogo se alimentasse da própria substância do mundo.

Não podia apagar o fogo desse modo, mas ele era um Makar. Deveria ser capaz de controlá-lo. Então direcionou poder em direção às chamas do caos, concentrando-se em impedi-las de se espalhar.

Parecia que estava funcionando: o fogo começou a diminuir e a apagar quando parou de encontrar combustível.

— E você nunca deveria ter nascido — disse Alex a ele, parecendo sentir grande prazer. — Você é uma paródia de tudo que o Inimigo da Morte era, uma imitação débil.

— Ele é um Devorado — disse Tamara baixinho a Call. — É meio como um elemental. Você poderia controlar um elemental do caos, não é?

Boa ideia, pensou Aaron.

Call sorriu com uma esperança vingativa. Se pudesse controlar Alex, teria dificuldade para não obrigá-lo a fazer alguma coisa idiota e humilhante — depois, claro, de colocar o garoto e a garota no chão. Ele estendeu sua magia outra vez, não mais na direção do fogo, mas na de Alex...

... e bateu no que parecia ser uma parede pegajosa de nada. Seu poder foi arrastado na direção de Alex e o puxou de volta com o que parecia ser força física. Alex havia se tornado alguma coisa poderosa demais para Call controlar.

O Mestre Rockmaple voltou correndo pelo Portão da Missão, seguido pelo Mestre North e o Sr. Rajavi — que claramente não havia ido embora. O Mestre North carregava um telefone de tornado.

Tamara olhou para o pai. Ele lhe lançou um olhar rápido, mas não falou com ela, o que provavelmente era a coisa certa. Era melhor que Alex não se lembrasse do relacionamento dos dois. Era melhor que Alex não pensasse num modo novo de ferir um deles.

— Não podemos ceder — disse o Mestre North.

Então viu as crianças penduradas nas garras do dragão, o pânico cada vez maior, cada vez mais certas de que seriam engolidas pelo caos.

— Por enquanto — disse o Sr. Rajavi, ativando o telefone de tornado.

Do outro lado da linha atendeu um guarda no Panopticon. Call reconheceu o uniforme com um tremor.

— Precisamos que você vá até Anastasia Tarquin e a prepare para ser solta. Mas primeiro traga a prisioneira aqui. Precisamos vê-

la e garantir que ela esteja bem ao ser libertada — disse o Sr. Rajavi.

— Anastasia *Tarquin*? — perguntou o guarda, perplexo. — Com que autoridade?

— Em nome da Assembleia, da qual sou porta-voz — respondeu o Sr. Rajavi.

O guarda pareceu reconhecer com quem falava e a confusão que acontecia ao fundo. Então empalideceu e partiu correndo.

Alex sorriu, presunçoso. Quando o dragão abriu as garras, a menina escorregou e o grito chegou até eles. O dragão pegou-a de novo, como se ela fosse uma bola e ele estivesse brincando. Os gritos então não pararam mais.

— Pare! — gritou o Sr. Rajavi. — Já estamos dando o que você quer! Devolva as crianças...

— Eu vou mandá-las de volta... ligeiramente chamuscadas.

Ao ouvir a risada de Alex, Call pensou que era isso que ele sempre quisera ser. Era assim que ele sempre havia pensado que o Inimigo da Morte deveria ser: esse horror maníaco, uivante.

— As crianças são inocentes — disse o Mestre Rufus. — Elas não tem nada a ver com isso. Leve a mim.

— Drew era inocente — rosnou Alex.

Call lutou para não dizer que isso não era nem um pouco verdade. Não achou que fosse ajudar.

— E vocês o assassinaram, todos vocês. Vocês são os mestres das mentiras!

— Ele vai pirar de vez — sussurrou Tamara, pálida. — Precisamos fazer alguma coisa.

— Ela está aqui! — gritou o Mestre North.

Atrás do redemoinho de ar no telefone de tornado via-se Anastasia com o uniforme folgado do Panopticon, sendo guiada pela porta da frente da prisão por dois guardas corpulentos. Ela estava piscando, mas obviamente incólume.

Alex rosnou:

— Soltem Anastasia!

Os guardas ficaram de lado e a prisioneira olhou em volta, atônita. Estava nítido que Anastasia não fazia ideia do que estava acontecendo. Sua voz chegava fraca através do telefone.

— O que está acontecendo? Quem está aí?

— Solte as crianças! — gritou Rufus.

Alex deu um sorriso desagradável.

— Hmmm. Será que devo?

— É melhor fazer isso logo! — gritou Tamara. — Todo mundo sabe como Anastasia é, e também que ela é uma traidora. Se você não pegá-la primeiro, qualquer mago de passagem pode agarrá-la e jogá-la de volta na prisão. Ou coisa pior!

Alex mostrou os dentes. Toda a multidão ficou tensa e o dragão avançou e mergulhou, abrindo as garras. Os dois alunos começaram a cair, mas a velocidade da queda diminuiu pouco antes de baterem no chão. Os dois se sentaram, para alívio de Call. Mas Axel estava segurando o braço, e Call supôs que os Mestres não tinham conseguido suavizar sua queda o suficiente.

O Mestre Rockmaple correu em direção aos dois. O dragão de Alex recuou soltando um jato de fogo preto.

— Vocês não vão me seguir — disse Alex, e estendeu a mão.

Uma escuridão brotou dela. Call se lembrou novamente de seu sonho. Uma cidade inteira devastada pelo caos.

A escuridão começou a formar um redemoinho de vazio, como um funil preto. À medida que ele se espalhava na direção do Magisterium, sugava folhas e pedras. Queimava o chão por onde passava.

O redemoinho estava mais perto do Mestre Rockmaple porque ele tinha corrido para pegar as duas crianças. Ele levantou as mãos e um fogo saltou entre elas. Com uma expressão séria, o mago lançou seu fogo na direção do caos...

E a onda preta saltou adiante.

Com um uivo, o Mestre foi arrastado para o vazio.

Desapareceu.

As pessoas voltaram a gritar, virando-se para correr de volta para o Magisterium, mas a confusão criou um bloqueio no portão. Elas estavam se encurralando do lado de fora. Seria um massacre.

Call estendeu a mão, buscando a magia dentro dele. *O contrapeso do caos é a alma*. Ele conhecia a torneira por onde ela jorrava, como encontrar energia de sua própria força vital, e partiu

para ela sem pensar, ignorando a dor quase física enquanto a agarrava.

Me use!, gritou Aaron. *Use minha energia também!*

Call apenas balançou a cabeça. Seu cabelo chicoteava ao vento do vazio do caos. Tamara puxava seu braço, tentando fazer com que ele recuasse. Ele dobrou os dedos ligeiramente, como fizeram no sonho...

O vazio começou a se fragmentar, se despedaçando como vidro preto.

Mas a escuridão circundava Call e ele se sentiu caindo.

CAPÍTULO OITO

Call acordou assustado. Por um momento pensou estar perdido no caos, até ouvir o zumbido familiar de vozes e o nítido cheiro mineral das cavernas do Magisterium. Sentou-se, assustando a Mestra Amaranth.

Estava na Enfermaria. Relaxou e caiu de volta no travesseiro.

A maga veio até ele, o cabelo cor de cobre puxado para trás e sua cobra enrolada na cabeça como uma tiara enorme. Hoje a cobra estava com uma cor verde amarelada e brilhante que virou azul e depois roxo. Um instante depois, listras vermelhas surgiram nas escamas.

Você quase morreu, disse Aaron em sua cabeça.

— Ah.

Call se lembrava de algo assim. De alguma coisa sobre o buraco rasgado no caos, de tentar fechá-lo usando sua própria alma.

Eu tentei me segurar a você, mas era como se você estivesse escorregando para longe, continuou Aaron. Ele parecia em pânico e com raiva. Call supôs que isso fazia sentido. Se ele morresse, Aaron também morreria.

NÃO é essa a questão... começou Aaron, mas a Mestra Amaranth interrompeu:

— Apesar do meu conselho, você não está sozinho aqui.

Por um momento bizarro Call pensou que ela estava falando de Aaron, antes de se virar e ver Tamara sentada na cama ao lado. Ela pousou o livro de anatomia que estivera lendo e foi rapidamente até a cama dele.

— Desculpe — disse Call, mas não tinha certeza se estava falando com ela ou com Aaron. — Acho que não sou muito bom em derrotar inimigos, não é?

— Não seja idiota — disse Tamara, carinhosamente. — Você não tem por que se desculpar.

Você não entende, insistiu Aaron. *Eu não ia morrer. Se sua alma fosse consumida, eu ficaria sozinho aqui.*

Call supôs que seria um modo de Aaron ganhar um corpo.

Não tem graça, disse Aaron.

Tamara sentou-se na cadeira ao lado da cama. Estava sorrindo, e Call ficou tremendamente aliviado ao vê-la. As coisas não pareciam boas quando ele perdeu a consciência.

— Você está bem? — perguntou. — Está todo mundo bem?

— Quase todo mundo — respondeu Tamara. — Você despedaçou o tornado do caos, desmaiou e depois disso eu não consegui notar qualquer coisa . — Ela ficou vermelha. — Mas basicamente Alex escapou no meio da gritaria. — Ela mordeu o lábio. — E nós perdemos o Mestre Rockmaple.

— Desculpe — disse Call de novo. Sabia que deveria ter agido antes.

— Você não tem culpa, eu já disse. — Tamara voltou ao tom autoritário de sempre. — Mas não sei o que vamos fazer com relação ao Alex. Depois que você desmaiou, eu consegui falar com meu pai. Ele disse que Alex estava certo, que nunca houve antes um Devorado do Caos. Existem poucos Makars e pouquíssimos magos se tornam Devorados, e isso nunca aconteceu antes com um Makar. Não sabemos como impedi-lo. Nem sabemos muito sobre os Devorados. O mundo dos magos não gosta de admitir que isso pode acontecer.

Call pensou na irmã de Tamara, Ravan, e no professor do Mestre Rufus, Mestre Marcus. Os dois tinham se tornado Devorados e eram realmente assustadores. Não eram mais totalmente humanos nem totalmente elementais. Call nunca soube de que lado eles estavam, e ninguém parecia saber o quanto do eu anterior deles permanecia.

Se bem que, se é que isso servia de alguma coisa, Alex parecia exatamente o mesmo cara maligno e desagradável de antes. Só que com muito mais poder.

— Isso é péssimo — disse Call. — Não tenho ideia de como impedi-lo.

Tamara suspirou.

— Eu também não.

Você não pode dizer isso a ela, censurou Aaron. *Diga alguma coisa encorajadora.*

— Mas tenho certeza de que vamos pensar em alguma coisa, não é? — tentou Call, debilmente.

Tamara franziu a testa.

Diga “se trabalharmos juntos, vamos descobrir um modo de derrotar Alex. Nós sempre descobrimos”.

Call repetiu as palavras, tentando parecer que realmente sentia isso. Do modo como Aaron teria dito.

Tamara ergueu uma das mãos.

— Não. Absolutamente não. Por que você está falando desse jeito? O Call que eu conheço jamais diria isso. O Call que eu conheço estaria falando em fazer as malas e fugir para algum lugar remoto onde a gente pudesse se disfarçar e se esconder. E mais tarde, não sem relutância, talvez o Call que eu conheço fizesse alguma coisa heroica.

Tamara encarou Call com uma suspeita profunda.

— Tem alguma coisa acontecendo.

Call se encolheu e pensou em Alastair, que pouco tempo atrás havia sugerido que eles fugissem para algum lugar remoto. Tamara o conhecia assustadoramente bem. Ele não podia mais adiar a revelação.

— Ah... — disse. — Aaron está dentro da minha cabeça.

— Call, não *minta* para mim. Não é hora.

— Não estou mentindo, nem brincando — disse Call num sussurro áspero. — Quando Aaron morreu, no campo de batalha, a alma dele entrou em mim. E não era aquele Aaron morto-vivo esquisito, mas o Aaron de verdade. A alma dele está viva e está dentro da minha cabeça.

Tamara ficou boquiaberta. Obviamente tentava decidir se Call precisava de uma dose de medicação.

Diga a ela que você pode provar, instruiu Aaron.

— Eu posso provar. Me dê uma chance.

Depois de uma longa hesitação, ela concordou.

Me deixe falar, pediu Aaron. *Só um minuto.*

Call não sabia exatamente o que ele queria dizer, mas concordou. Tamara encarava Call — definitivamente notando que ele assentia sem motivo —, mas Call não se importava mais.

Precisava que alguém acreditasse que isso era verdade. *Vá em frente.*

— Tamara — disse.

Call não tivera a intenção de falar, a palavra simplesmente saiu de sua boca. Ele ficou parado. Era como ouvir Aaron. O que ele diria em seguida?

— Você se lembra daquela primeira noite depois do Julgamento de Ferro? — perguntou Aaron.

Tamara assentiu, de olhos arregalados.

— Call foi deitar cedo. Nós estávamos sentados na sala e você disse: “Não se preocupe porque ele está no nosso grupo de aprendizes. Ele não vai durar uma semana”.

Ela o encarou por um longo momento.

— Você pode ter contado isso ao Call.

Era bom sinal o fato de ela estar agindo como se falasse com Aaron. Era bom, mas esquisito. Call dera permissão para Aaron controlar seu corpo, mas continuava não gostando.

— Certo — Aaron fez a boca de Call dizer. — Que tal isso? Quando eu fiquei na sua casa naquele verão, seu pai ficava andando de um lado para o outro vestido com aquele roupão branco com acabamento dourado e um dia você vestiu o roupão e fingiu que era ele, eu fiquei rindo, e aí ele flagrou a gente. Lembra? Eu morri de medo de ele me expulsar, mas ele só foi embora e todos nós fingimos que isso nunca aconteceu.

— Aaron! — gritou Tamara, e abraçou Call. Ela estava soluçando. — É você. Ninguém mais sabia disso.

— Não acredito — murmurou Call.

Ele estava gostando de abraçar Tamara, mas não gostava de nada do que Aaron dissera.

— Vocês dois queriam se livrar de mim! Vocês são horríveis!

Tamara se afastou um pouco, os olhos brilhando de lágrimas.

— A gente superou isso — disse.

Call não estava sentindo que tivesse superado isso totalmente, mas ficou feliz por Tamara acreditar nele. Quando ela o olhou outra vez, havia algo novo em seu rosto, algo que ele nunca tinha visto antes.

— Call. Eu estava errada. Você fez uma coisa incrível. Não sei como, mas você trouxe o Aaron de volta dos mortos.

— E isso é bom — disse Call, sem saber ao certo como se orientar em uma conversa tão pesada. — Não é?

Bem, obviamente eu acho que sim, respondeu Aaron.

— Eu sempre penso em uma coisa que você disse quando chegou ao Magisterium, quando estava começando a aprender sobre o mundo dos magos. Você não entendia por que Inimigo da Morte era um nome tão assustador. Você se lembra do que falou? *Quem quer ser Amigo da Morte?*

Call não se lembrava de ter dito isso. Balançou a cabeça.

— Eu pensei bastante a respeito — continuou Tamara. — Em como não há nada de errado em desejar que não exista mais morte. Todos nós queremos isso. Esse não era o problema do Constantine, e trazer Aaron de volta é incrivelmente bom. É fantástico. Call, você fez uma coisa que ninguém fez antes.

— Bem, só que existem dois problemas — disse Call, embora estivesse relutante em abrir mão da opinião favorável de Tamara. — Um: Aaron mais ou menos foi sugado para dentro da minha cabeça quando tentou me impedir de ser destruído pelo caos, e não sei bem se a gente poderia fazer uma coisa dessa outra vez. E... dois: nós precisamos arranjar um corpo para o Aaron.

Os olhos dela se arregalaram um pouco.

— Ah, é.

Antes que pudessem falar sobre os aspectos práticos da ética de roubar corpos, a Mestra Amaranth voltou acompanhada de um membro da Assembleia que Call reconheceu, mas cujo nome não sabia. A cobra da Mestra Amaranth estava com um tom intenso de laranja e sua cabeça pairava no ar acima de um dos ombros da Mestra, como se quisesse atacar o visitante.

— Callum — disse a Mestra Amaranth. — Apesar do meu conselho, membros importantes da Assembleia vieram ao Magisterium e estão ansiosos para encontrar com você e alguns de seus amigos. Imaginei que eles seriam um pouco mais pacientes, mas esperar não parece ser o forte deles.

O membro da Assembleia que estava ao lado dela tinha uma expressão cada vez mais franzida e insatisfeita, mas não mordeu a

isca.

— Sentimos muito — disse ele. — Mas é urgente. Alex Strike fez exigências que envolvem vocês dois.

↑≋△○@

Os membros da Assembleia estavam reunidos no grande salão de pedra, em volta da mesma mesa redonda onde Call já estivera diante deles — de modo mais notável quando trouxe a cabeça de Constantine Madden dentro de uma sacola. Aquela tinha sido uma grande vitória, pelo menos era o que Call gostava de pensar.

Quando entrou com Tamara, ficou surpreso ao encontrar Jasper ali, falando em voz baixa com um dos membros. Call chegou suficientemente perto para ouvir que a conversa era sobre o pai de Jasper, detido no Panopticon. Se Anastasia fora condenada à morte, qual seria o castigo do pai de Jasper? *Não poderia ser algo pior, certo?,* pensou Call, tentando se tranquilizar. Sem dúvida Jasper teria contado a eles. Mas, olhando o rosto sério dos magos, um arrepio o atravessou.

— Chega. Já basta.

Uma voz ríspida interrompeu as conversas enquanto Call e Tamara se sentavam. O Mestre Rufus sentou-se diante deles, de braços cruzados. Alguns professores do Magisterium o acompanhavam.

— Basta. Silêncio, todo mundo — gritou Graves; velhíssimo e carrancudo, ele era uma das vozes mais importantes da Assembleia. — Temos negócios a discutir.

Todos se acomodaram. Call tentou atrair o olhar de Jasper, mas ele observava as próprias mãos cruzadas.

— Hoje sofremos uma grande perda — disse o Mestre North. — O Mestre Rockmaple, depois de uma longa vida dedicada ao serviço altruísta aos seus colegas magos, se foi.

— Não é tão simples assim — contrapôs a Mestra Milagros com os olhos vermelhos. — Ele foi sugado para o caos. Quem sabe onde sua alma pode estar vagando?

— Ele estava salvando dois alunos — disse o Mestre Rufus. — Será lembrado como um herói. Assim como Call — acrescentou ele,

lançando um olhar para Graves. — Se não fosse por nosso Makar, Alexander Strike poderia ter assassinado ainda mais inocentes.

— E foi para falar sobre Alexander Strike que convocamos essa reunião — disse Graves. Em seguida, levantou um pedaço de papel da mesa de pedra, como se fosse um objeto desagradável. — Tenho aqui a lista de exigências dele, que chegou a nós depois que Alex foi visto no Panopticon "resgatando" Anastasia Tarquin de um castigo muito merecido.

— Ele mandou uma *carta*? — sussurrou Tamara. — Quem ainda faz isso?

— Que tipo de exigências ele fez? — perguntou rispidamente o Mestre North.

O resto do grupo estava agitado.

— Não temos motivo para ceder a qualquer exigência dele! — disse o Mestre Taisuke. — Ele não está mais com reféns. Não deveríamos cooperar.

— De certo modo todos nós somos reféns dele — retrucou Rufus. — Ninguém sabe o que um Devorado do Caos pode fazer.

— Ele pode queimar a floresta — disse Tamara. — Pode criar buracos negros de caos que só Call pode desfazer. E Call praticamente se matou fazendo isso.

Graves olhou para ela por cima do nariz comprido.

— Tamara Rajavi — disse ele. — Imagino que queira ouvir esta lista de exigências, já que ela menciona especificamente você. Ou prefere ficar falando bobagens?

Call segurou a mão de Tamara por baixo da mesa antes que ela pudesse pular por cima do tampo e dar um soco em Graves. O velho Mago pigarreou, equilibrou os óculos no nariz e começou a ler:

Aos magos do Magisterium

Neste ponto vocês sabem que eu, Alexander Strike, me tornei um Devorado do Caos. Eu sou o caos e o caos é Alex Strike. Posso liberar seu poder destruidor sobre a terra quando bem entender. Posso queimar cidades e evaporar oceanos. Posso destruir o mundo.

Vocês só têm uma chance: obedecer a mim. Eu consideraria uma trégua com o Magisterium se os magos forem postos imediatamente à minha disposição para construir uma fortaleza. Anexei um desenho. Ela será enorme, feita de mármore e granito. Quero construí-la perto do Magisterium, para que todo aprendiz precise

olhar para ela sempre que sair das cavernas, e quero que ela tenha uma grande sala de cinema e também uma sacada. Ela deve fazer com que qualquer fortaleza que Constantine Madden já teve pareça insignificante.

Assim que a fortaleza estiver construída irei ocupá-la. Então vocês me trarão mais coisas que eu quero. Entreguem-me Callum Hunt, Tamara Rajavi e Jasper deWinter, atados de modo que não possam fazer magia. Na verdade, quero os três amordaçados, especialmente Call. Por fim, quero que Kimiya Rajavi também seja entregue a mim, embora saiba que ela virá espontaneamente.

Alexander Strike

— Isso é ridículo! — disse o Mestre Taisuke no momento em que Graves terminou a leitura, levantando-se para dar um tapa na mesa. — O texto não pode dizer realmente isso. Parece a carta de uma criança petulante! Não são pedidos razoáveis. Ele quer uma mansão e... o quê? Seus inimigos para serem castigados? Uma garota? Ele quer bancar o vilão de uma fábula?

— Ele acredita que minha filha Kimiya estava apaixonada por ele — explicou o Sr. Rajavi. — Ela é uma garota boba, mas sente muita vergonha de ter se desviado do caminho. Ficar com ele de novo é a última coisa que ela desejaria.

Graves lançou a ele um olhar cético, mas não comentou.

— Eu vi Alex — continuou o Sr. Rajavi. — Ele não se parecia nem um pouco com o rapaz que eu conheci. Estava com uma capa enorme e parecia estar adorando nos causar medo. Todas as suas exigências podem parecer absurdas, mas ele realmente tem poder e a infantilidade de seus desejos. Para mim isso os torna muito mais apavorantes. Uma mente adulta é razoável, mas a mente de uma criança é caprichosa.

— Um Devorado do Caos — disse Graves depois de um momento. — Não temos experiência com isso, temos?

Houve silêncio.

— Não — disse ele, depois de vários instantes. — Callum, como Makar, o que você sabe sobre isso?

Call pigarreou e começou a entrar em pânico. Esse era o tipo de situação na qual ele nunca se saía bem. Ele sempre dizia a coisa errada.

Você também não sabe nada, disse Aaron. *Só diga isso a eles.*

— Eu conheço um lagarto — disse Call.

Call ouviu o gemido de Aaron, mas continuou, teimoso:

— Ele me alertou sobre uma coisa que tinha sido mandada para o caos. A única coisa que eu acho que sei, então, é que talvez Alex tenha trazido elementais do caos com ele. Provavelmente aquele dragão.

Graves não pareceu impressionado.

— *Você* poderia se tornar um Devorado do Caos?

— O quê? — reagiu Call bruscamente.

Graves ajeitou os óculos.

— Se você usasse sua capacidade de manipular o caos sem um contrapeso, poderia ser arrastado e transformado também em um Devorado, certo? Você seria uma criatura do caos, não totalmente humana. Mas talvez pudesse derrotar Alex. Seria um ato muito heroico.

Call apenas ficou olhando para ele. Não conseguia acreditar que Graves estava realmente sugerindo uma coisa dessas, mas então se lembrou de que Aaron sabia que o estavam tratando bem porque eventualmente pediriam que ele morresse por eles. Agora Call era o único Makar. Infelizmente para a Assembleia, gratidão nunca foi o forte de Call.

Você achou que eu era um sacana? É isso?, perguntou Aaron.

— Não! — disse Call, depois percebeu que havia respondido a Graves mais diretamente do que pretendera.

— Call está certo. Ele não vai fazer isso. Seria suicídio — disse o Mestre Rufus, interrompendo qualquer objeção possível. — Call, Jasper, Tamara, quero que vocês entendam o que está acontecendo aqui, porque contar a vocês que Alex quer que sejam entregues a ele é um risco. Um risco que nem todo mundo aqui achava que deveríamos correr. — Ele olhou irritado para Graves, que o encarou de volta do mesmo modo. — Agora que vocês sabem quais são as exigências de Alex e sabem do perigo que ele representa diretamente para vocês, podem se sentir justificados se não quiserem se envolver com isso. Alex acha que jamais contaríamos que ele pediu vocês como prisioneiros por medo de que fujam, mas confio em vocês. Confio que não vão fugir sabendo da morte e da destruição que isso causaria a pessoas inocentes.

Ele fez uma breve pausa antes de continuar:

— Não planejamos entregar vocês, mas sugiro que comecemos a construir a fortaleza, porque isso fará com que ele acredite que estamos cooperando e vai nos dar algum tempo. Vocês precisam agir nesse intervalo. Call, você é nosso único Makar. Procure dentro de você. Encontre seu poder. Descubra como derrotar Alex.

Todo mundo olhou para Call.

Diga que você vai se esforçar ao máximo, sugeriu Aaron.

— Se tenho de fazer isso sozinho — a voz de Call saiu áspera —, se preciso descobrir como derrotar Alex, apesar de ainda ser um estudante, quero uma coisa de vocês. Independentemente do que eu fizer, do que meus amigos decidirem que precisamos fazer para destruir um Devorado do Caos, vocês não podem ser empecilhos. Eu preciso que vocês me ajudem. Chega de me tratarem como inimigo, como *o* inimigo. Entenderam?

Houve um silêncio. A expressão no rosto do Mestre Rufus era ilegível; Call se perguntou se teria ido longe demais.

Graves tirou os óculos e franziu os olhos para Call.

— Entendemos, Sr. Hunt — respondeu ele. — Entendemos muito bem.

— Ótimo — disse Call, e se levantou. Para seu alívio, Tamara e Jasper também se levantaram, obviamente para ir aonde ele fosse. — Então farei o melhor que puder.

CAPÍTULO NOVE

Call chegou ao alojamento antes que sua explosão de coragem o abandonasse. Gwenda estava na sala, e algo em seu nervosismo, em sua expressão ansiosa, derrubou o que restou da força de Call. Ele desmoronou no sofá com o rosto entre as mãos.

— Não posso fazer isso — disse ele. — Não posso.

Tamara sentou-se no sofá ao lado dele e pegou sua mão. Call percebeu Jasper notando o gesto, mas não se importou. A essa altura, e daí que Jasper ou qualquer pessoa suspeitasse sobre seu relacionamento com Tamara?

— Vamos ajudar você — disse Tamara.

Call ficou feliz por ela não ter dito “vai ficar tudo bem”. Tamara era inteligente demais para dizer isso. Ela sabia que esse tipo de promessa não significava nada e só fazia promessas que pudesse cumprir.

— Você não vai estar sozinho. — Ela levantou os olhos. — Certo, Jasper?

Ele assentiu.

— É. Lógico.

E eu vou estar aqui, disse Aaron. *Você se lembra de quando era eu sentado nesse sofá? Lembra de quando eu joguei meu sapato porque sabia que ser o Makar significava que teria de morrer pelo Magisterium?*

Lembro, respondeu Call.

— E eu também vou ajudar — disse Gwenda, e depois de uma pausa, acrescentou: — Espera aí, eu prometi ajudar com o quê?

Jasper contou a ela rapidamente sobre a reunião e a mensagem de Alex.

— Quer dizer que você precisa descobrir um modo de derrotar um Devorado do Caos? — perguntou Gwenda, incrédula. — Na verdade, espera aí, *a gente* precisa descobrir um modo de derrotar um Devorado do Caos, já que eu acabei de prometer que ajudava? Não acredito. Eu sempre me perguntei como vocês acabam sendo sugados para essas coisas, Tamara e Jasper, e agora sei.

— Exatamente — disse Jasper. — Como é que a gente acaba falando essas coisas? Quem quer se envolver nesse tipo de negócio?

— Vocês não precisam se envolver, se não quiserem — declarou Call.

— Não seja ridículo — reagiu Jasper. — Lógico que eu quero. Na verdade, eu não *quero*, mas você entendeu. Qual será nosso primeiro passo?

— Vocês acham que o Alex tem aliados? — perguntou Gwenda, sentando-se à mesa. — Além de Anastasia Tarquin, sei lá.

— Não como o Mestre Joseph tinha — respondeu Call. — Alex não é o Inimigo da Morte. Ele não está interessado em acabar com a morte e o sofrimento. Ele só quer poder. Então acho que muitas pessoas que seguiam Constantine provavelmente não vão seguir Alex.

— E aquele dragão? — perguntou Gwenda. — Devia ser um elemental do caos, mas era *enorme*. Era o Automotones? Você acha que era sobre isso que Warren quis alertar a gente?

— Automotones é enorme também, mas é um elemental diferente. Mas quem sabe o que mais voltou de lá com Alex? — disse Tamara. — A gente precisa presumir que, mesmo que não tenha *seguidores*, ele ainda pode controlar monstros suficientes para que um ataque direto seja arriscado.

— Ninguém sabe como deter um Devorado do Caos — disse Call. — Quero dizer, eu nem sei muita coisa sobre os Devorados e ponto. Parece que o pessoal por aqui não gosta de falar sobre eles.

Tamara suspirou.

— É. Quando Ravan se transformou, minha família fingiu que ela estava morta. Acharam melhor assim. Mas quando eu precisei de ajuda, ela ajudou. Ainda se considerava minha irmã.

— Ela é... humana? — perguntou Gwenda, parecendo desconfortável.

Tamara balançou a cabeça.

— Ela não precisa ser humana para importar.

Na última vez em que Call vira Ravan de perto, ela estava tirando Jasper e ele do Panopticon, uma coluna de fogo aterrorizante. Na última vez em que a vira de longe, ela estava

ajudando Tamara e Jasper a escapar do Mestre Joseph. Dessa vez em forma de uma pluma de chamas.

Não se esqueça do campo de batalha, observou Aaron. *Ela estava lá, também.*

— Alex parece ser exatamente o mesmo imbecil de antes — disse Call. — Mas Ravan... espera aí, você ainda consegue se comunicar com ela?

— Por quê? — perguntou Tamara.

— A gente poderia perguntar a Ravan sobre como é ser uma Devorada. Sobre os pontos fortes e fracos. Talvez ela possa ajudar a gente a descobrir um modo de derrotar o Alex.

— Os magos ainda estão procurando por ela — disse Jasper. — Eles não gostam de deixar Devorados soltos por aí. Se eles a pegarem, vão trazê-la de volta para o Magisterium e trancá-la novamente.

— Não vamos facilitar para eles.

Call olhou para Tamara de um jeito que ele esperava ser inocente e esperançoso.

Ela suspirou.

— Sim, eu posso entrar em contato com ela, mas Jasper tem razão. Ela estaria se arriscando se respondesse a mensagem. Talvez ela não se arrisque.

— Nesse ponto, tudo é uma possibilidade remota — disse Call.

— Acho que enquanto isso a gente deveria tentar achar o Warren de novo — sugeriu Gwenda. — Aposto que ele sabe mais do que está dizendo.

— Ele *sempre* sabe mais do que diz — admitiu Call.

— Bem — disse Jasper. — Está na hora de arrancarmos a informação dele. Vamos interrogar aquele lagarto. Colocar um holofote na cara dele, amarrá-lo numa cadeira e dizer que ele vai dormir com os peixes se não contar tudo o que sabe.

Tamara ergueu as sobrancelhas.

— Ele sempre dorme com os peixes — disse ela. — Ao menos quando não está comendo os peixes.

— A gente poderia atraí-lo com um prato de comida — sugeriu Gwenda. — O que vocês acham que ele gostaria de comer?

Debateram isso durante um tempo e terminaram usando magia, uma ida ao Refeitório, uma rede e revirando suas próprias gavetas para montar um prato que chamaria a atenção de Warren. Nele havia grilos de caverna, peixes cegos, pedras preciosas, carvões e líquen com gosto de algodão-doce.

Os quatro, com Devastação atrás, caminharam pela caverna gritando: “Warren!”, e finalmente puseram o prato no chão para esperar.

Nada aconteceu. Jasper começou a assobiar. Gwenda começou um jogo da velha com Tamara.

— A hora está mais próxima...! — disse Call em voz alta, esperando que o pequeno lagarto fosse incapaz de resistir a terminar sua frase predileta.

— O quê? — perguntou Gwenda, e então deu um gritinho quando Warren saiu rapidamente das sombras. Ele foi direto para o prato e devorou um grilo.

— Delicioso — exclamou Warren. — Muito obrigado pela comida gentilmente fornecida.

— Warren — disse Call. — Precisamos de ajuda.

— Warren adivinhou isso — retrucou Warren, descartando o líquen. Em seguida, engoliu mais alguns grilos. — Vocês viram o Devorado do Caos, é? Vocês sabem por que Warren avisou vocês.

— É, a gente sabe — confirmou Call.

— Se bem que no futuro a gente agradeceria se os avisos fossem mais concretos, sabe? — disse Jasper, fracassando totalmente em agarrar Warren para interrogá-lo. — Chega de embromar. Diga o que você quer dizer.

O lagarto o encarou com um ar sombrio e comeu o último grilo.

— Venham com Warren. Tenho uma coisa para mostrar.

— Ele sempre fala de si mesmo na terceira pessoa? — sussurrou Gwenda enquanto todos seguiam Warren pelo corredor.

— Nem sempre — respondeu Call. — Não é um negócio consistente.

Gwenda murmurou algo sobre não conseguir acreditar que estavam fazendo isso. Era tarde e os corredores estavam pouco iluminados. Não havia ninguém perambulando enquanto se apressavam atrás do lagarto, que virava as esquinas tão

rapidamente que logo todos estavam perdidos. Call sentiu os colegas ficando inquietos à medida que o chão ia descendo cada vez mais e as paredes tornavam-se mais manchadas de umidade. Era como se sentisse o peso de toda a montanha acima dele.

Finalmente chegaram a uma passagem que de tão estreita se parecia mais com uma fenda na rocha. Warren entrou, obviamente esperando que os outros viessem atrás. Grande demais para passar, Devastação parou junto da entrada, inquieto.

Call olhou para Tamara, que engoliu em seco e deslizou no espaço atrás do lagarto. Precisaram arrastar os pés de lado para prosseguir, com a pedra comprimindo as costas e a barriga. Call podia ouvir Jasper reclamando que deveria ter comido menos líquen no jantar. *Por favor, por favor, não me deixe morrer entalado aqui*, rezou Call, *e eu vou fazer tudo que puder para derrotar o Alex.*

Ouviu Tamara ofegar com alívio, e um instante depois saiu do espaço estreito como uma rolha saltando de uma garrafa.

Por toda volta havia paredes de rocha vulcânica endurecida, preta e áspera. O calor era intenso. Jasper e Gwenda também estavam ofegantes ao chegar. O fogo era audível à distância, estalando como um trovão.

— Onde estamos? — Jasper olhou ao redor.

Um corredor largo passava entre duas longas fileiras de jaulas com barras feitas de ouro reluzente esculpidas com símbolos de fogo. Call já havia estado ali, mas tinha acessado o local pelo escritório de Anastasia Tarquin.

— É aqui que eles mantêm os Devorados — disse Tamara baixinho. — Os que foram consumidos pelos elementos. Essa área é para o fogo.

— Warren? Warren, o que você está fazendo? — perguntou Call. — Como viemos parar aqui?

— Há uma passagem secreta em cada lugar — respondeu Warren. — E alguém aqui quer ver vocês.

Ele começou a andar rapidamente pelo corredor. Depois de um momento os quatro foram atrás. Estava tão quente que Call sentia os pulmões queimando a cada respiração. Tamara e os outros também pareciam péssimos. Call ficou feliz por Devastação não ter

vindo: um casaco de pele era a última coisa da qual alguém precisaria aqui.

A maioria das jaulas estava ocupada pelo que pareciam fogueiras rugindo; algumas eram azuis ou verdes, a maioria vermelha e dourada. Numa delas pingava lava do teto, como uma chuva feroz. Uma roda de fogo girava no ar.

Tamara parou diante de uma jaula vazia. O interior era de pedra escurecida. Seu lábio tremeu.

— Ravan — disse, tocando as barras.

— Sua irmã está livre.

A voz estalou como o próprio fogo. Call soube imediatamente quem era. Todos se viraram para a jaula do outro lado.

Marcus, Devorado do fogo, estava sentado num trono ardente dentro de sua jaula. Era inteiro feito de fumaça preta, a não ser por dois olhos ardentes, feitos de fogo. Marcus fora professor de Mestre Rufus, até que deixou o fogo controlá-lo.

Warren correu guinchando para a jaula de Marcus e subiu por uma perna enfumaçada. Empoleirou-se no joelho do Devorado, que começou a coçar suas costas escamosas. Warren fechou um pouco os olhos e ronronou. Call tinha visto muitas coisas esquisitas, mas precisou admitir que essa era uma das mais estranhas.

— Uau — sussurrou Gwenda.

Por dentro, Call concordou. Foi até as barras da jaula, o mais perto que podia sem se queimar.

— Marcus, precisamos da sua ajuda — disse. — Você nos ajudou antes.

— E qual foi o benefício para mim? Ainda estou aqui, dentro dessa jaula.

— Você fez o bem para o mundo — declarou Tamara com firmeza. — Você nos ajudou a derrotar o Mestre Joseph.

— E agora o aprendiz dele se ergue mais poderoso do que ele jamais foi. Talvez não exista vitória, crianças do Rufus.

— Ele só se tornou meu Mestre recentemente — explicou Jasper. — Quero dizer, só para deixar claro.

— Marcus — disse Call com firmeza. — O que você sabe sobre Alex Strike? O Devorado do Caos.

— Ouvi boatos de que uma criatura assim havia surgido. A princípio não acreditei. Ser Devorado do Caos é ser dominado pelo vazio. Pelo que não existe. O buraco oco no coração do redemoinho.

— Bem, pode acreditar — disse Tamara. — Automotones voltou?

— Muitos retornaram — respondeu Marcus. — O Primeiro Devorado foi consignado ao caos. Mas ele conseguiu rasgar uma porta para o nosso mundo e voltar. Trouxe os que ele achou que poderiam ser úteis aqui: Azhdala, o Grande Dragão. Automotones. Os mais violentos Dominados pelo Caos que já foram lançados no vazio. Todos retornaram ao lado dele.

— E Stanley? — perguntou Jasper.

— Quem, diabos, é Stanley? — reagiu Gwenda.

Até Marcus ficou perplexo. Call suspirou.

— Stanley foi um Dominado leal a Constantine. A mim. Sei lá. E também não acho que Stanley era o nome verdadeiro dele; é só como eu o chamava.

— *Stanley?* — perguntou Gwenda.

— Esquece — disse Tamara. — Marcus, precisamos saber como matar um Devorado do Caos.

— Precisam mesmo — respondeu Marcus.

Call estava frustrado e suado.

— Por que você queria ver a gente? Warren disse que você pediu para nos trazer aqui.

Ao ouvir seu nome, o lagarto subiu rapidamente até o ombro de Marcus e começou a massageá-lo como um gato faria, projetando a língua no ar quente. Call supôs que eram mais íntimos do que ele imaginava.

— Foram vocês que procuraram o Warren — lembrou Marcus. — Eu mandei que ele os guiasse até mim por causa de Rufus. Se eu não tivesse me tornado um Devorado, o Mestre Rufus poderia se distrair menos, ficar menos disposto a permitir que o Mestre Joseph se aproximasse de Constantine. Todos nós somos parcialmente responsáveis pelo Inimigo da Morte, e eu gostaria de me desincumbir da minha parcela ajudando a derrotar essa nova ameaça.

— Ótimo — disse Call. — Então me ajude. *Nos* ajude!

Marcus o encarou com olhos ardentes.

— Tudo de que você precisa já está com você.

Ele está falando de mim?, perguntou Aaron.

— Isso não está ajudando! — reagiu Call. — Explique o que diz, para variar. Chega de charadas!

— Boa sorte, magos — disse Marcus, depois explodiu numa coluna de chamas.

Quando o fogo morreu, não havia ninguém ali a não ser Warren, as pedras preciosas em suas costas reluzindo mais do que nunca.

— Agora vou levar vocês para casa — disse o pequeno lagarto, disparando à frente deles sem esperar resposta, obrigando-os a correr atrás.

— Aquele era o *Mestre Marcus* — disse Gwenda. — Não acredito que você o conhece. E não acredito que a gente acabou de falar com ele. Ele é uma lenda. E é aterrorizante. Uma lenda aterrorizante.

— É. — Jasper estava um pouco pálido. — Para ver como nós somos maneiros.

A perna de Call doía enquanto ele percorria os túneis com dificuldade, sentindo-se o oposto de "maneiro". Diante da Assembleia tinha agido como se fosse capaz de descobrir um modo de impedir Alex. Mas, no caminho das partes menos sufocantes do Magisterium, ele começou a desanimar.

Vamos ficar bem, disse Aaron, mas não parecia totalmente seguro.

Warren fez uma pausa, subindo numa pedra acima de um riacho sinuoso que atravessava as cavernas. Estavam de volta a um ambiente familiar.

— A hora é agora — disse Warren.

— Espera aí — reagiu Gwenda. — Achei que ela estava *mais perto do que a gente imaginava*.

— A hora é agora — repetiu Warren, depois disparou para as sombras.

Gwenda se virou para Call.

— Ele sempre diz *isso*? Por favor, diga que isso é normal.

— Ah... — respondeu Call. — Não.

— Deixem os enigmas do Warren para lá — disse Tamara, espanando seu uniforme e prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Talvez a gente esteja pensando demais. Talvez a gente precise é de uma arma.

Jasper a encarou.

— Que tipo de arma?

O olhar de Tamara era feroz.

— É isso que vamos descobrir.

↑≋△○@

Algumas horas depois tinham coberto a mesa, o sofá e um grande trecho do piso da sala compartilhada com livros trazidos da biblioteca. Cada um deles tinha uma pilha e folheava páginas em busca de armas que pudessem ser úteis contra Alex.

Notaram que os magos tinham feito muitas coisas no decorrer dos anos, ainda que poucas chegassem ao nível de algo como o Alkahest, que podia matar usuários do caos com sua própria magia e que Alex modificara para roubar as habilidades de Makar de Aaron e que, felizmente, havia sido destruído. A maioria dessas ferramentas era útil, mas ao mesmo tempo eram coisas bobas como facas que voltavam à mão de quem as lançava. Algumas eram simplesmente esquisitas.

— Encontrei uma machadinha que corta a cabeça de três pombos com um único lançamento — disse Jasper, levantando o olhar do livro e franzindo a testa. — Quem perderia tempo fazendo uma coisa assim?

— Alguém que realmente odeie pombos — respondeu Gwenda bocejando.

Nesse momento houve uma batida à porta. Ao abri-la, Call deu de cara com alguns alunos do Primeiro Ano, inclusive Axel e a menina que fora carregada pelo dragão.

— A gente só queria agradecer — começou Axel. — Porque você é incrível.

— Eu me chamo Lisa — disse a menina, estendendo um desenho para Call. — A gente queria que você soubesse que nunca

vamos acreditar em nada de ruim que alguém fale a seu respeito. Você é legal e salvou a gente, e eu fiz um desenho disso.

Call não podia negar que era um desenho muito bom. O rosto realmente se parecia com o dele, mas o corpo era muito mais musculoso e mostrava a camisa rasgada, revelando uma barriga de tanquinho.

— Ah... — reagiu Call, sem graça.

Tamara pegou o desenho das mãos dele.

— Isso *é incrível* — disse com um entusiasmo que Call teve certeza que era resultado de zombaria. — Você é talentosa de verdade. Vamos pendurar isso na parede.

— Com certeza não vamos — contrapôs Jasper, que adoraria se o desenho fosse sobre ele.

Agradeça a eles, disse Aaron. *Diga que o desenho está ótimo.*

Com Celia dizendo por aí que ele era maligno, Call supunha não poder se dar ao luxo de manchar ainda mais a própria imagem. Talvez aquelas crianças do Ano de Ferro pudessem ajudá-lo a ser benquisto novamente pelos outros alunos

— Obrigado — disse a Lisa. — Está ótimo.

— Está *mesmo* — concordou Tamara.

— A gente só queria que você soubesse — explicou Axel. — Qualquer coisa que você quiser, a gente faz. A gente vai ajudar. De verdade, qualquer coisa.

— Vocês são um doce — disse Tamara.

Um riso malicioso surgiu no rosto de Call. Esse era um presente com o qual ele sabia o que fazer.

— Ótimo — declarou. — Como vocês podem ver, nós estamos muito ocupados, então que tal irem ao Refeitório e trazer um pouco daqueles bolos de líquen com gosto de pizza? Depois eu preciso de mais uns livros da biblioteca...

— Call! — exclamou Tamara, interrompendo-o.

Ele lançou a ela um olhar inocente.

— Talvez só os bolos de líquen, por enquanto — disse aos alunos do Ano de Ferro.

Eles concordaram e obedeceram.

— Eles não são seus serviçais — reagiu Tamara.

— Acho que você vai acabar percebendo que são — disse Call, depois admitiu: — Acho que ganhei um Ponto de Suserano do Mal por isso.

— O quê? — perguntou Tamara.

— Depois eu te explico.

Call percebeu que talvez não quisesse que ela soubesse sobre a lista de Suserano do Mal. E definitivamente não queria que Jasper e Gwenda, que olhavam para ele de um jeito estranho, começassem a contar pontos para ele.

Se não existir nenhuma arma nesses livros, vamos precisar pegar pesado, disse Aaron. *Sei que você não quer olhar as lembranças, mas talvez elas sejam nossa única esperança de derrotar Alex.*

Não vai ajudar ninguém se eu virar uma bomba em vias de explodir, pensou Call de volta. Sentia falta dos dias em que acreditava que colar numa prova ou pegar a última fatia de pizza bastava para transformá-lo num cara mau. As lembranças bloqueadas eram perigosas e tentadoras. E se ele pudesse salvar o mundo, mas se perdesse no caminho?

Se ele virasse Constantine, no entanto, será que desejaria derrotar Alex?

Call voltou à tarefa, porém a cada página que virava sentia as opções diminuindo.

↑≋△○@

Quando terminaram de examinar todos os livros, os bolos de líquen eram uma lembrança distante. Estavam frustrados e com fome. Por fim, Gwenda se levantou e se espreguiçou.

— Ok — disse. — A gente precisa descansar um pouco.

— Você acha que Alex está fazendo isso? — perguntou Jasper. — O mal nunca descansa, Gwenda.

— Bem, Gwenda está certa. A gente precisa parar — disse Tamara. — Vamos à Galeria nadar um pouco. Quem sabe alguma ideia surge se estivermos com a mente relaxada.

— Açúcar pode ajudar — concordou Call. — Açúcar e cafeína.

— Ótimo — disse Jasper, percebendo que todos estavam contra ele. — Mas não vamos pendurar aquele desenho do Call na parede.

— Isso mesmo — concordou Tamara. — Vamos pendurar na geladeira.

E assim o fez.

↑≋△○@

A Galeria estava surpreendentemente cheia de alunos. Call achava que, depois dos eventos traumáticos do dia, especialmente a morte do Mestre Rockmaple, o lugar estaria escuro e desanimado. Mas estava apinhado de gente fazendo barulho e se divertindo.

Tamara deu de ombros.

— Negação.

As pessoas entravam e saíam das piscinas quentes e frias. Havia vários sofás macios, de veludo dourado, ao redor do ambiente e uma tonelada de alunos se esparramava neles, tomando bebidas de cores fortes: azuis, verdes, laranjas e cor-de-rosa.

— As pessoas precisam se distrair. É normal.

Gwenda e Jasper já estavam no comprido balcão de pedra, enchendo pratos com doces e líquens crocantes com sabor de queijo nacho. Call pegou um chá gelado e açucarado e Tamara um copo de alguma coisa com framboesa e lichias enormes.

Todos iam para os sofás moles quando Call parou de repente. Celia estava sentada ali com Charlie e Kai, usando uma blusa amarela florida e rindo. Parecia despreocupada — pelo menos até que se virou e o viu, e seu rosto ficou imóvel.

— Talvez seja melhor a gente ir para outro lugar — murmurou Call.

— Ora, mas vejam só quem teve o desplante de aparecer aqui — disse alguém.

Não era Celia. Era um garoto que usava camisa de brim e short de natação, tinha cabelo ruivo e pernas compridas e magricelas. Call achou que o conhecia, mas não teve certeza.

Colton McCarmack, disse a voz de Aaron em sua cabeça. *Ele era amigo de Jennifer Matsui, antes de ela morrer.*

Call sentiu um frio no estômago. Ele tinha trazido Jen de volta para a vida como uma Dominada pelo Caos. Não por escolha, mas mesmo assim foi terrível.

— Olha, não queremos encrenca — disse, levantando a mão. — Vamos sentar em outro lugar.

— Basta você estar no Magisterium para existir encrenca — disse uma garota sentada perto de Colton. Tinha cabelo preto e curto com franja tingida de um azul forte.

Yen Ly, disse Aaron. *Namorada dele.*

Você conhece TODO MUNDO?, pensou Call, exasperado.

Só estou tentando ajudar. Aaron pareceu chateado.

— Você era amigo do Alex — disse Colton, inclinando-se à frente. — Não era?

— Que negócio é esse, Colton? — perguntou Tamara, com as mãos nos quadris. — Alex fingiu que era nosso amigo. Ele matou Aaron, que era o contrapeso do Call. Sem dúvida você não vai sugerir que nós somos grandes fãs dele.

— Deixem o Call em paz — disse Kai, parecendo meio sem graça, e então pigarreou: — Todo mundo viu quando ele salvou aquelas crianças hoje à tarde. E quando destruiu a magia do caos de Alex Strike. Obviamente ele está do nosso lado.

— Obviamente demais — disse Colton. — Alex já tinha conseguido o que queria. Acho que tudo foi combinado para parecer que o Call estava lutando contra o Devorado, quando na verdade está mancomunado com ele.

— Mancomunado com ele? — ecoou Jasper. — Quem fala assim?

— E você. — Colton se virou para Jasper. — Seu pai não se juntou com o Mestre Joseph? Você fala como se nós tivéssemos motivo para acreditar que você é leal aos magos, mas de algum modo, quando Call foi tirado da prisão, você e Tamara estavam lá. Tamara, cuja irmã Kimiya é namorada de Alex. Todo mundo sabe que vocês dois são tão corruptos quanto ele.

À menção de seu pai, Jasper pareceu se encolher.

A fúria saltou dentro de Call.

— Não viaja — disse rispidamente. — Ninguém está mancomunado com Alex. Jasper nem gosta tanto assim de mim, e

nós vamos arriscar a vida de novo para salvar vocês, então a não ser que queiram ocupar meu lugar lutando contra o Devorado, acho melhor vocês deixarem a gente em paz.

— Celia tem razão — disse Colton. — Você não é de confiança, e qualquer um que tope ficar perto de você também não é.

E com isso ele foi andando, com a namorada e os amigos atrás.

Call e os outros voltaram para o alojamento com o coração pesado. Gwenda, que não tinha falado com Colton e também não fora acusada de ser maligna, provavelmente estava avaliando os benefícios potenciais de ser amiga daquele grupo. Call tinha quase certeza de que a conta não estava a seu favor.

CAPÍTULO DEZ

Quando abriu a porta com o balanço da pulseira, Call viu que a parede de pedra estava pegando fogo. Por um momento apenas piscou, até que viu que o fogo escrevia palavras.

me encontre no lugar na hora da sua idade.

As letras viraram cinza e sumiram, sem deixar nada para trás.

— Mais esquisitices — disse Gwenda, mal-humorada.

— É uma mensagem de Ravan — explicou Tamara. — Ela se comunica com fogo. É a linguagem dela. E a caligrafia é dela.

— Certo — concordou Jasper. — Mas o que ela quis dizer?

— O "lugar" é provavelmente o lugar onde eu me encontrei com ela no ano passado — respondeu Tamara. — No terreno do Magisterium.

— Lá fora? — perguntou Gwenda.

Tamara assentiu.

— Mas "a hora da sua idade"? Ela quer dizer o dia do meu aniversário?

— Ou a hora em que você nasceu? — interveio Jasper. — Como você saberia? A não ser que ligasse para sua mãe, ou algo assim.

Dezesseis horas, disse Aaron.

Call abriu a boca para dizer que Aaron tinha deduzido, quando se lembrou de que isso seria um erro.

— Quatro da tarde — disse. — Porque ela tem dezesseis anos!

— Isso só nos dá vinte minutos! — exclamou Gwenda, e eles correram para fora.

Call levou Devastação. O lobo podia não estar mais Dominado, mas nunca se sabe quando vai precisar da lealdade de um bicho como ele.

Correram pelos túneis do Magisterium em direção ao Portão da Missão. Uma vez do lado de fora, Call não conseguiu deixar de pensar na chegada de Alex com o dragão, especialmente porque, à distância, a torre idiota que ele exigira estava sendo construída. Magos voavam levantando blocos de pedra com sua magia, cada qual pousando em cima do outro à medida que o edifício ia

crescendo. Podia ser ridículo, mas o negócio estava sendo feito e Call ia ficando sem tempo.

— É aqui — disse Tamara quando chegaram a um bosque. Ela subiu numa pedra e se sentou.

Por um momento esperaram, absorvendo o cheiro das folhas de pinheiro. Longe dali, um lobo uivou e Devastação levantou as orelhas.

Então, de repente, como uma fagulha voando de uma fogueira, Ravan surgiu.

Estava mais parecida com uma garota do que Call jamais tinha visto. Uma nuvem de chamas a cercava, e a mão direita era toda feita de fogo, como um Alkahest ardente. Os olhos também eram labaredas e o cabelo lançava fagulhas. As formas, no entanto, ainda eram as de uma garota, e, embora fosse irritante, Call podia ver a semelhança com Tamara. Isso o deixou desconfortável por motivos que ele não conseguia articular para si mesmo.

Porque a ideia de uma coisa assim acontecendo com Tamara deixa você maluco, disse Aaron. *Porque você gosta dela.*

E DAÍ?, pensou Call. *Não é da sua conta.*

É sim, enquanto eu estiver preso aqui. Além disso, espero que vocês, seus malucos, façam a coisa dar certo.

— Ravan. — Tamara se levantara, parecendo entender que era a porta-voz não oficial do grupo. — Obrigada por vir.

— Você é minha irmã. — Fagulhas voavam da boca de Ravan enquanto ela falava. — Você queria que eu viesse e eu vim. O que houve?

Tamara ficou mexendo em seu colar.

— Precisamos saber como matar um Devorado.

Ravan começou a rir, um gesto que se parecia com fogos de artifício explodindo. Jasper recuou alguns passos, obviamente com medo de fagulhas baterem na sua roupa.

— Por que eu contaria isso?

— Porque, se não contar, Alex Strike vai me matar, e vai matar Kimiya também — respondeu Tamara.

Ravan parou de rir e ficou ali, pairando e queimando enquanto Tamara explicava o que estava acontecendo: a construção da torre, as exigências de Alex, a incapacidade de Call feri-lo usando o caos.

— Não queremos fazer mal a nenhum outro Devorado — terminou Tamara. — Mas precisamos nos livrar de Alex, Ravan. Caso contrário, ele pode matar um monte de gente.

— Sei. Posso dizer que nunca ouvi falar de um Devorado do Caos. Um Devorado é morto como os elementais: são destruídos por seu elemento oposto. Eu poderia ser morta por um Devorado da água, ou por uma enorme quantidade de magia de água, meu fogo sendo apagado para sempre. — Ela parecia cheia de pavor. — Mas o caos...

— O oposto do caos é a alma — disse Call. — Não existe uma coisa como um Devorado da alma.

— Não pode existir — concordou Ravan. — Uma pessoa não pode ser devorada pela própria alma. Seria como ser assassinado pela vida.

— Bom, então o que a gente deve fazer? — perguntou Gwenda. — Não podemos mandar almas contra ele.

— Não sei — disse Ravan. — Eu ajudaria se pudesse.

Tamara pareceu tremendamente desapontada.

— Então, se você ouvir algum outro elemental ou Devorado falando sobre um modo de se livrar de Alex, pode me dizer? Por favor?

— É óbvio, irmãzinha. Fique em segurança. Se precisar de mim, eu virei de novo.

E, com isso, Ravan explodiu num tornado de chamas, girando no ar e depois desaparecendo em fagulhas, como se nunca tivesse estado ali.

Os quatro ficaram sentados em silêncio, suas esperanças destroçadas. A mente de Call estava a mil — sem dúvida tinha de haver alguma alternativa, alguma outra ideia, mais alguém a quem pudessem perguntar. Devastação latiu quando uma fagulha passou perto demais de seu pelo. Call achou que até o lobo parecia deprimido.

Longe dali um uivo ecoou na mata.

— O que foi isso? — perguntou Jasper, se empertigando.

— Provavelmente um dos lobos Dominados... — disse Gwenda, deixando a frase no ar.

Desde que chegaram ao Magisterium, a floresta era cheia de criaturas Dominadas pelo Caos. A Ordem da Desordem tinha até vindo para estudá-los. Mas então a Assembleia arrebanhou todas, e ainda que Call as tivesse salvado desse destino, elas não estavam mais na floresta.

— Talvez eles tenham voltado.

Tamara pulou da pedra e foi até a beira da mata.

Outro uivo soou, este muito mais perto. Então, vindo da direção oposta, um dos lobos surgiu. Era uma forma escura, como se tivesse sido recortada de papel, com o nada ocupando o lugar onde o animal deveria estar. Os pelos das costas de Devastação se eriçaram. Esses não eram lobos Dominados, pelo menos não mais. Tinham voltado do vazio com Alex e agora eram elementais do caos, muito mais poderosos e aterrorizantes.

Um fogo surgiu no centro da palma da mão de Tamara e a bola foi crescendo à medida que ela se levantava. Devastação mostrou os dentes e correu na direção das feras.

— Não! — gritou Call.

Ele correu atrás do lobo e tropeçou, caindo dolorosamente sobre os joelhos enquanto Gwenda saltava para ficar ao lado de Tamara, levantando as mãos. Pequenos pedaços de ferro e níquel serrilhado começaram a brotar da terra enquanto Gwenda invocava metal, depois voaram na direção das criaturas do caos que saíam de todas as direções da floresta.

Umas poucas uivaram e caíram para trás, com o metal rasgando buracos em seus corpos de fumaça. Call conseguia ver a floresta *através* dos ferimentos.

— Fiquem de costas com costas — gritou Jasper.

Call se levantou, pronto para mandar os elementais de volta para o caos. A questão é que as criaturas haviam chegado perto demais de Tamara, e Call temia que a abertura de um portal pudesse puxá-la como fizera com o Mestre Rockmaple.

Devastação chegou perto de Tamara e ficou entre ela e as criaturas do caos, rosnando.

Precisamos fazer alguma coisa, disse Aaron, o que não era particularmente encorajador.

Call lançou um raio de energia do caos para um dos lobos que chegavam mais perto. O bicho desapareceu, dispersado por ele e transformado em nada.

Dois dos lobos correram para Gwenda, vindo de direções opostas. Ela sacou metal e lançou contra um deles, acertando a criatura na garganta, fazendo-a voar para trás. Jasper se jogou na frente do outro lobo, criando um vendaval enorme que quebrou os galhos das árvores e fez o bicho voar contra uma pedra.

Tamara lançava fogo contra os lobos perto dela, porém outros se reuniam em volta. Call começou a sentir pânico, disparando raios de caos na direção dos lobos. Gwenda ainda estava atirando metal, buracos profundos se formavam no chão ao seu redor, e ela começava a entrar em desespero. Call sabia que sua reserva de metal estava acabando. Tamara e Jasper estavam com o rosto tenso de exaustão.

Eram muitos lobos, perto demais de Tamara, Gwenda e Devastação. Seria impossível mandar todos para o vazio a tempo. Um deles saltou para a garganta de Tamara, os dentes se fechando perto da pele.

As lembranças, pensou Call, em pânico. Acessando as lembranças de Constantine ele saberia o que fazer. Constantine era o Inimigo da Morte. Ele lidaria com essa situação.

Call respirou fundo. *Aaron...*

Tem certeza?

— Destranque — disse Call. — Agora.

Certo.

Foi como se alguma coisa estivesse sendo rasgada dentro da cabeça de Call. Ele tombou de joelhos, apertando as têmporas. Devastação correu até ele e colocou a pata em seu braço; Call baixou a cabeça, consciente de que havia fogo e metal voando ao redor. Sua perna lançava pontadas de dor que o atravessavam, tão intensas quanto a pressão e a dor em sua cabeça.

Aaron, disse ele. *Aaron, o que quer que você esteja fazendo, acho que não consigo...*

O bloqueio em sua mente se abriu bruscamente como um portão, inundando o cérebro com imagens. Tinha consciência de

Devastação fazendo um barulho terrível, uma espécie de ganido enquanto saltava para longe de Call, encolhendo-se.

Uma força brotou dentro de Call, brutal e aterrorizante. Ele se colocou de pé, ao mesmo tempo em que a floresta ao redor parecia se mexer e oscilar — outras lembranças se sobrepunham a essa floresta, de florestas de árvores antigas e densas, de caminhos escuros serpenteando, cheios de ferozes monstros elementais.

E, através de tudo isso, Call enxergava algo que nunca tinha visto. O caos, caos vivo, suas linhas pretas correndo pelo mundo. O céu e a terra escurecidos. Era por isso que o caos tinha tanto poder, pensou — porque ele fazia parte de tudo, de cada pedra, árvore e nuvem; estava dentro e em volta de todas as coisas. Era o coração giratório do mundo.

Estendeu as mãos como se desejasse pegar algo simples como um copo ou uma pedra. Alcançou as espirais dessa energia e puxou todas ao mesmo tempo, tecendo uma enorme chama preta e giratória entre as mãos.

Os outros gritavam seu nome, mas não importava. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Em algum lugar na sua mente Aaron gritava. Call estendeu os braços e a chama preta explodiu de seus dedos, golpeando os lobos elementais e rasgando-os em pedaços sombrios.

Jasper tinha se jogado na frente de Gwenda e Tamara. Todos olhavam, atônitos, os lobos virando cinza e um fogo preto subindo e descendo pelos braços de Call, estalando como relâmpagos.

— Call! — gritou Tamara. — *Call!*

Mas Call não escutava. Tudo que via e ouvia era o fogo preto, todas as suas lembranças eram de coisas queimando. Na verdade, as lembranças jorravam em sua mente num maremoto incontrolável. Enquanto rolava para dentro da escuridão, percebeu que ele mesmo gritava.

CAPÍTULO ONZE

Estava numa caverna de gelo. O frio fazia sua respiração cristalizar no ar. Podia senti-lo mesmo através da capa pesada, mesmo através de sua magia. Sentia uma dor terrível no peito e a toda volta havia mortos e moribundos.

Precisava agir rápido se não quisesse virar um deles.

Tinha vindo aqui para golpear os velhos e enfermos, os fracos, porque sabia, por longa experiência, que o medo era mais palpável do que o poder. Não lhe dava prazer atacar idosos, crianças, pessoas doentes. Mas a pessoa mais fria é sempre a vencedora, e ele queria vencer. Estava disposto a fazer o que fosse preciso, independentemente do quão horrível fosse, e estava disposto a fazer pessoalmente em vez de confiar a tarefa a algum subalterno.

Jamais imaginaram que um grupo de pessoas tão fracas e sem firmeza montasse uma reação dessas. Os Dominados pelo Caos que ele havia trazido estavam destruídos, caídos em sua segunda morte, e ele mesmo estava ferido. Tremendamente ferido.

Seu corpo falhava, o coração ficava lento, os pulmões se afogavam no próprio sangue. Procurou um novo invólucro. Sarah Hunt, que tinha mandado as facas mágicas contra seu peito? Ele tinha conseguido virar algumas lâminas de volta para golpeá-la, e agora ela estava encostada na parede, mortalmente ferida, espiando os movimentos dele com olhos cautelosos, cada vez mais opacos. Não, ela não viveria por muito mais. Olhou alguns dos avós, cujos corpos protegiam crianças. Mortos, todos mortos.

Um grito fraco, esgarçado, soou, e ele viu um bebê ainda vivo nos braços de um homem — Declan Novak, irmão de Sarah. Declan escorregara contra a parede perto da irmã. O mago fez cálculos rápidos. Não sabia se seu poder de Makar iria com ele ao entrar nessa criança. Em todas as outras ocasiões tinha tomado o cuidado de possuir o corpo de um Makar — se o poder não fosse junto, talvez finalmente encontrasse seu fim.

Deu um passo longo e poderoso mais para perto do bebê, ignorando os gritos de Sarah para ficar longe. A criança chorava, o

que era um bom sinal. Ainda estava forte, era uma sobrevivente, com cabelos pretos e punhos que se sacudiam raivosos.

Um bebê. Como um bebê, ele não poderia fazer magia nem sair da caverna. Ficaria indefeso. Teria de se arriscar à possibilidade de alguém chegar. Pior, tinha medo de que a mente não formada fosse esmagada com toda a vastidão de suas lembranças. No entanto, o corpo de Constantine se esvaía depressa. Nunca duraria tempo o bastante para encontrar outro candidato.

Suas lembranças precisariam ser trancadas dentro daquela mente nova e vulnerável, ele decidiu rapidamente. Era uma boa solução, de certa forma: só quando aquele bebê fosse um mago forte e suficientemente sábio para encontrar essas lembranças dentro da própria cabeça elas seriam libertadas. O bebê receberia toda aquela sabedoria apenas quando estivesse pronto para isso. Afinal de contas, sem suas lembranças, como ele voltaria à glória?

E ele, Maugris, a Foice das Almas, o Devorador de Homens, o Inimigo da Morte, era destinado à glória. Glória para sempre e sempre, por todos os tempos.

Respirando fundo pela última vez em seu corpo ferido, sua alma saiu do que restava de Constantine Madden e entrou no bebê que chorava, o bebê que tinha sido Callum Hunt.

Esse não é o meu fim, prometeu.

↑≋△○@

Call acordou com um grito e continuou gritando. Alguém o amarrara a uma cama e havia marcas de queimadura na parede, marcas que Call não se lembrava de ter feito. Também não se lembrava das paredes nem do quarto.

— Call?

Era a voz de Jasper e, por um momento, Call ficou quieto. Sabia onde estava, afinal. Ou pelo menos achava que sabia, antes que o quarto se inclinasse e tudo escorregasse para longe.

Então pareceu que estava em mil lugares ao mesmo tempo, que havia uma multidão passando diante dele, tentando falar com ele. Mil vozes gritando. Magos com mantos da Assembleia, homens e

mulheres com pele queimada e escurecida, brandindo os punhos cerrados.

— Eu derrotei você em Praga! — gritou Call de volta para um deles. — Era eu, e vou derrotá-lo de novo!

— Isso realmente não é bom — disse a voz de Jasper.

Call se pegou de volta no próprio corpo. Seus pulsos estavam amarrados às colunas de uma grande cama cujo dossel tinha marcas de furos, danos provocados por água e fumaça. Seus ombros doíam.

— Sou eu — disse Call, com a voz rouca e a garganta doendo. — Cadê o Aaron?

Estou aqui, disse a voz de Aaron na sua cabeça. — *Call, você precisa se controlar. Empurre as lembranças para longe, tranque-as de novo. Você estava certo...*

Jasper parecia preocupado. Call não sabia por que ele estava perto da sua cama.

— Aaron morreu — disse ele. — Call? Você sabe onde está? — Em seguida correu até a porta. — Tamara! Ele está falando!

Uma garota entrou correndo no quarto. Tinha pele marrom, cabelo escuro, era linda. Call a conhecia, mas a lembrança escapava para longe. Ele agarrou as cordas presas nos pulsos, tentando se segurar.

— O que está acontecendo? — perguntou. — O que aconteceu?

A garota — *Tamara, Tamara* — chegou perto da cama com os olhos cheios de lágrimas.

— Call, qual é a última coisa da qual você lembra?

— A caverna de gelo — respondeu Call, e viu os dois o encararem horrorizados logo antes de ele despencar.

Estava num enorme cômodo de pedra. Constantine Madden andava para um lado e para o outro diante de uma grande plataforma de granito, com a máscara de sempre baixada sobre o rosto cheio de cicatrizes. Em cima de uma grande plataforma de granito havia uma tumba, e dentro da tumba um corpo — um corpo que Maugris

reconheceu facilmente. Ele conhecia muito bem os irmãos Madden. Era Jericho, irmão de Constantine.

Jericho estava imóvel, morto, mas Constantine era o oposto. Andava de um lado para o outro, a máscara prateada que escondia metade do rosto coberto de cicatrizes brilhava. Falava repetidamente com o irmão, dizendo que iria trazê-lo de volta, que ele nunca deveria ter morrido, que o Magisterium pagaria. A própria morte seria destruída.

Maugris olhava com interesse. Ele entendia o ódio contra a morte. Tinha passado gerações e séculos evitando-a. Olhando os dedos elegantes, mas enrugados de sua própria mão — dessa vez era a mão de uma mulher — soube que poderia ter facilmente uma década ou três no corpo. No entanto, Constantine, em seu estado atual, poderia não durar tanto. Iria se exaurir: era todo feito de ambição e impulso e nenhuma estratégia.

Mestre Joseph fizera um bom trabalho, isolando-o do Magisterium, das pessoas que gostavam dele. Maugris se permitiu um momento de prazer e orgulho ao apreciar aquele mago. Um homem derrotado a ponto de ser manipulado, derrotado a ponto de derrotar aquela criança, tinha sido uma escolha excelente como aprendiz. No entanto, ele nunca havia suspeitado qualquer coisa de sua Mestra, a não ser de inflamar suas próprias ambições. Certamente nunca suspeitou de que ela era Makar. A boca do corpo de mulher que ele usava se curvou num sorriso.

A última vez em que ascendeu no poder, a última vez em que tentara arrancar um naco do mundo dos magos, fora num passado suficientemente distante para que jamais o conectassem aos que tinham vindo antes. Esse era o valor de permanecer discreto durante várias gerações: dava tempo para o mundo esquecer. Mas esse novo Makar tinha executado alguns experimentos interessantes. Fracassara em trazer os mortos de volta, mas havia dado a Maugris uma ideia para um exército. Um exército impossível de ser derrotado.

Era hora de se tornar Constantine Madden.

Isso tudo já foi e será de novo.

Call abriu os olhos novamente, de volta ao quarto de pedra com a cama. As marcas de queimadura não estavam mais na parede, mas ele não tinha certeza se as havia imaginado ou se simplesmente tinham sido lavadas. Escutou um uivo. Devastação? Lobos do caos?

— Call? — disse uma voz suave, e ele virou a cabeça. — Agora está se lembrando de quem você é?

Celia estava ali, o cabelo louro e fino puxado para trás e preso com uma faixa, o rosto tão pálido que destacava a vermelhidão em seus olhos. Call franziu a testa para ela, tentando situá-la em suas lembranças. Ela não gostava dele.

Será que ele havia derrubado a torre dela e queimado todas as suas terras? Assassinado sua família? Cuspido na sopa dela? Havia crimes demais se agitando em sua cabeça.

— Call? — repetiu ela, e ele percebeu que não havia respondido.

— Você... — grasnou ele, levantando um dedo para apontar.

Ela também havia feito alguma coisa, ele se lembrava disso.

— Sinto muito — disse Celia. — Sei que você deve estar imaginando por que estou aqui depois de ter sido tão horrível. E eu fui mesmo horrível. Eu estava com medo. Tinha pessoas da minha família aqui no Magisterium quando seu pai... e *você*, quero dizer, não você de verdade, mas *ele*. — Ela parou de falar, nitidamente atrapalhada com as palavras. — Quando Constantine estava na escola, ninguém achava que ele iria se transformar no Inimigo da Morte. Sabiam que ele se achava o máximo por ser o Makar, ele acreditava que podia fazer coisas que mais ninguém podia, e nada disso parecia muito ruim. Até que ficou. Eu perdi vários parentes na Guerra dos Magos, e ao longo da vida eu fui repetidamente alertada de que precisaria ser corajosa para enfrentar Constantine, mas que se alguém tivesse feito isso, nenhuma dessas coisas teria acontecido.

Assassinei a família dela, pensou Call. *Foi isso que eu fiz.*

Call, disse uma voz em sua cabeça, uma voz que lhe deu um susto. *Call, você precisa se concentrar. Empurre as lembranças para longe.*

— Sei que isso é uma desculpa — disse Celia. — Mas é também uma explicação, e eu queria oferecer isso a você. Eu estava errada e sinto muito.

— Por que agora?

Por que ela havia decidido perdoá-lo quando estivera certa o tempo todo? Ele não era digno de confiança. Nem tinha certeza de que ele era Call.

— Você quase morreu para salvar Jasper — disse ela. — Constantine não faria isso. Talvez ele tivesse feito algumas das outras coisas para parecer que era bom, mas eu não consegui pensar em nenhum motivo para fazer o que você fez, a não ser por amizade a Jasper, Tamara e Gwenda. E então comecei a pensar nos passeios que a gente dava com Devastação e em como seria horrível se todo mundo pensasse alguma coisa ruim a meu respeito por causa de algo que eu não pudesse controlar. E aí pensei que não era justo que você precisasse estar à beira da morte para que eu refletisse melhor a seu respeito. Então ouvi dizer que você não estava bem e imaginei se as coisas seriam diferentes se a gente não tivesse... se eu não tivesse...

— Não foi isso — começou ele.

Só que de repente a sala se inclinou de novo e seus pulmões se encheram de fumaça. Call estava no convés de um navio e, à distância, viu toda uma esquadra pegando fogo. Viu magos pulando ao mar, tentáculos subindo das profundezas para agarrá-los nesse mesmo instante. Ele precisava avisar a ela. À garota. A garota que sentia muito.

— Existem elementais — disse a ela com urgência. — Embaixo das ondas. Esperando. Vão afogar você, se você deixar.

— Ah, Call — ouviu a garota dizer, a voz suave e entrecortada por soluços.

↑≋△○@

Estava deitado numa cama estreita, de madeira. Sabia que estava morrendo. Sua respiração estava ofegante e o corpo parecia cheio de fogo.

Não era *isso* que tinha planejado para a vida. Havia sido um aluno brilhante do melhor Magisterium do império. Seu professor, o Mestre Janusz, tinha sido o Mestre mais sábio e mais poderoso, que o escolhera primeiro no Julgamento de Ferro. Ele era um Makar, capaz de dar forma ao caos. Tinham-lhe garantido uma vida longa, de poder e riquezas.

E então tinham começado as tosses. A princípio ele havia desconsiderado o sintoma, atribuindo-o à exaustão e às longas noites trabalhando no laboratório que compartilhava com seu Mestre. Então, certa noite, as tosses o dobraram ao meio e ele viu o primeiro jato de sangue vermelho no chão.

O Mestre Janusz trouxera os melhores magos da terra para curá-lo, mas eles nada puderam fazer. Seu poder tinha se esvaído junto com a saúde e ele se tornara um prisioneiro em seu sótão, comendo apenas quando sua senhoria ou o Mestre Janusz traziam comida, esperando furioso pelo inevitável.

Pelo menos até o dia em que percebeu.

Ele sempre soubera. O oposto do caos é a alma. Mas nunca tinha pensado verdadeiramente no que isso significava. Quando finalmente a ideia lhe atingiu, ficou deitado na cama avaliando as possibilidades, analisando o método, a oportunidade...

A porta de seu sótão se abriu. Era o Mestre Janusz. Ainda um homem em seu auge, ele foi rapidamente até a cama do mago agonizante. O homem na cama odiava seu ex-mestre. Como ele ousava ter saúde e um futuro quando já vivera tantos anos?

Fumegou enquanto o Mestre Janusz mexia com seus travesseiros e usava magia do fogo para acender a vela ao lado da cama. O quarto já estava escurecendo. Ouviu o mago mais velho resmungando sobre como ele ficaria bom logo, assim que o tempo esquentasse mais.

— Bobagem — disse, quando não aguentou mais. — Vou morrer. Você sabe, tanto quanto eu.

O Mestre Janusz parou, abalado.

— Pobre Maugris. É uma pena. Você poderia ter sido um grande Makar. Um dos maiores que o mundo já conheceu. É uma vergonha e uma pena você morrer tão novo.

A fúria dominou Maugris. Ele não queria pena.

— Eu teria sido o maior Makar que a história conheceu! — gritou. — O mundo teria tremido diante de mim!

Foi então que o Mestre Janusz cometeu seu erro. Foi na direção do homem deitado na cama, estendendo os braços.

— Acalme-se, meu rapaz...

O mago agonizante usou toda a sua força, não do corpo, mas da mente. A ideia que havia ardido dentro dele ganhou vida. Ele era um manipulador do caos. Por que não manipular também a alma?

Penetrou então em Mestre Janusz com as mãos feitas de fumaça e nada, e viu os olhos do outro se arregalarem. Com toda a força, arrancou a própria alma das amarras que a prendiam e empurrou-a para dentro de Mestre Janusz, ouvindo o grito minúsculo do mago quando sua alma foi forçada para fora, para o nada...

Alguns instantes depois, a porta se abriu com um estrondo. A senhoria, ouvindo a agitação, subiu a escada correndo. Viu a cena que havia esperado: seu jovem inquilino havia morrido, jazia com o rosto branco e imóvel na cama. O Mestre Janusz estava de pé no centro do quarto com uma expressão atordoada.

— O garoto — disse ela. — Morreu?

O Mestre então fez uma coisa muito estranha. Riu de orelha a orelha.

— Sim. Está morto. Mas eu vou viver para sempre.

↑≋△○@

— Aaron. — Era a voz de Tamara. — Aaron, sei que você está aí.

Call abriu os olhos. As pálpebras pareciam muito pesadas. Celia tinha ido embora, se é que realmente havia estado ali. Tamara, sentada perto da cama, segurava sua mão.

Mas era meio estranho ela chamá-lo de Aaron. Tinha quase certeza de que ele não era Aaron. Só que não tinha certeza absoluta. Lembranças giravam em redemoinhos em sua cabeça — um filhote de lobo Dominado, uma torre pegando fogo, um monstro feito de metal, uma sala cheia de magos, e ele era um deles. Um a um foi matando todos, de modo que nunca pudessem agir contra ele. Olhou todos caírem e gargalhou...

— Eu fui a Foice das Almas — grasnou. — O Francelho Encapuzado, Ludmilla de Praga, o Flagelo de Luxemburgo, o Comandante do Vazio. Fui eu que queimei as torres do mundo, que abri o mar, e a morte morrerá antes de mim!

Tamara fez um som engasgado.

— Aaron — disse ela. — Sei que você está aí. Sei que Constantine está fazendo isso. Ele está enlouquecendo Call.

Não é Constantine. As palavras subiam num redemoinho dentro da mente de Call. Ele não sabia direito o que elas significavam, mas tinham uma urgência enorme. Descobriu que palavras se derramavam subitamente de sua boca.

— Não é Constantine — ofegou. — Há outro mago. Mais maligno ainda e mais antigo. As lembranças dele foram bloqueadas, mas nós as desbloqueamos e elas estão explodindo o cérebro do Call.

Os olhos de Tamara se arregalaram.

— Aaron. — O corpo dela saltou para frente. — Aaron, você precisa salvar o Call. Precisa trancar essas lembranças! Criar um muro! E Call, você precisa ajudá-lo. Precisa deixar que ele faça isso.

Por um momento pareceu que ele havia caído de volta no pântano de memórias, que o tempo tinha escorregado e corrido de lado outra vez, mas então outro sentimento surgiu, como um pano frio encostado em sua testa. Era o sentimento de quando alguém entrava em seu quarto bagunçado e guardava tudo por você, mas nos lugares certos, nos lugares onde você mesmo tinha pretendido colocar as coisas.

— Aaron? — perguntou Call, conseguindo se separar da torrente outra vez.

Estou aqui, disse a voz de Aaron. *Você sabe quem você é?*

— Sei.

Na beirada da cama, Tamara estava olhando para Call, preocupada, obviamente tentando usar o bom senso para avaliar se o fato de Call falar consigo mesmo em voz alta era bom ou mau sinal.

E quem, exatamente, você é?, perguntou Aaron, parecendo instigar um gato.

— Callum Hunt. — Ele se virou para Tamara. — Está tudo bem agora, Tamara. Eu sei que sou Callum Hunt. Eu me lembro... bem, me lembro de um bocado de coisas.

Ela soltou o ar dos pulmões e relaxou contra a madeira ao pé da cama.

— Quanto tempo eu fiquei... assim?

Call sentiu a barriga roncar. A cascata de lembranças parecia ao mesmo tempo instantânea e interminável. Ele ainda podia senti-las nos cantos da mente, sussurrando.

— Cinco dias — respondeu Tamara, e Call a olhou boquiaberto.

— Dias?

— Vou trazer um pouco de comida.

Tamara se levantou. Ele segurou seu pulso enquanto ela ia para a porta.

— Preciso contar umas coisas — disse rapidamente.

Ela deu um sorriso suave que não combinava com sua ferocidade usual.

— Mais tarde — disse.

Call estava exausto e desgastado demais para protestar. Viu Tamara sair do quarto e aos poucos, lenta e dolorosamente, foi sentando-se. O corpo inteiro doía, e o pior de tudo era a perna.

Nas lembranças, habitando aqueles outros corpos, sua perna não doía. Mas ele não sentia falta da sensação. Tinha sido horrível ser aquele mago maligno, que não morria. E ser sugado por tais lembranças fora como se afogar, ofegando na busca da consciência como se buscasse ar. Não sabia o que Aaron tinha feito para controlar aquilo.

Você está bem?, perguntou a Aaron. E depois, como estavam sozinhos, perguntou: *Está com medo?*

Estou, respondeu Aaron. Por um longo momento houve apenas silêncio na cabeça de Call. *As duas coisas.*

Tamara voltou carregando pratos de líquen e bebidas doces e gaseificadas. Gwenda e Jasper vieram atrás, trazendo ainda mais comida — sanduíches, pizza — e colocando-as de modo que Call pudesse pegá-las sem sair da cama. Logo seu cobertor estava repleto de pratos.

Tamara voltou para a porta enquanto Gwenda e Jasper se sentavam perto de Call.

— Certo, precisamos contar ao Mestre Rufus que você acordou, mas queríamos falar com você antes — disse em voz baixa. Então estalou os dedos. — E tem mais alguém querendo ver você.

Devastação entrou. Parecia meio triste e olhou nervoso para Call. Para um lobo, ele tinha um jeito fantástico de olhar de esguelha.

— Ei, garoto — disse Call, rouco, lembrando-se de como Devastação tinha se encolhido para longe dele na floresta. — Ei, Devastação.

Devastação veio para perto e cheirou a mão de Call. Aparentemente satisfeito, deitou-se no chão e balançou as patas no ar.

— O Mestre Rufus acha que você ficou doente porque usou magia do caos demais — disse Jasper, mas parecia em dúvida. Provavelmente porque tinha ouvido Call falando sobre as lembranças e sobre queimar cidades.

— Não foi isso que aconteceu — explicou Call.

Ninguém pareceu muito surpreso. Gwenda pegou um sanduíche e mordeu a beirada.

— Olha, preciso contar uma coisa e prometo que é o último segredo que tenho. Tipo, ao menor sinal de outro segredo vindo na minha direção, eu vou desviar.

Mentiroso, disse alguma parte dele. Alguma parte que não era Aaron, mas que ele não podia esconder de Aaron. Afinal de contas, Gwenda e Jasper ainda não sabiam da existência de duas almas dentro dele. Mas pelo menos tinha contado a Tamara. Pelo menos não teria nenhum segredo para ela.

— Ceeeerto — disse Gwenda lentamente. — Então você se lembrou de ter sido Constantine?

— Mais ou menos. Mas me lembro de ter sido outra pessoa também.

— Tipo vidas passadas? — perguntou Jasper.

— Exatamente como vidas passadas, se em vez de reencarnação vocês me imaginarem como um mago que aprendeu a tirar as almas de pessoas vivas e colocar a dele dentro.

— Tipo saltar de um corpo para outro? — perguntou Gwenda, franzindo o nariz.

— Exatamente. Agora imagine que ele só pula de um Makar para outro, porque não quer perder seus poderes do caos. Imagine esse cara, eu, expulsando do corpo a alma de vários Makars e se tornando diferentes Suseranos do Mal ao longo da história.

— Quantos? — perguntou Tamara.

Gwenda se levantou e foi na direção da porta. Call suspirou. Deveria ter esperado isso.

— Aonde você vai? — perguntou Jasper.

Call quis dizer para ele calar a boca, para não fazer Gwenda dizer qualquer coisa medonha que ela estivesse pensando, porque Call não precisava ouvir. Mas não fez isso porque não queria que Jasper também fosse embora. Especialmente não queria que Tamara fosse atrás deles.

Mas Gwenda voltou um instante depois com um grande livro chamado *Makars Através da História*.

— Certo — disse ela, com os olhos brilhando. — Você foi o Monstro de Morvonia?

— Acho que não — respondeu Call. — Esse nome não me lembra nada.

— Acho que é bom que você não tenha sido *todos* os magos malignos da história — observou Tamara.

— O Francelho Encapuzado? — perguntou Gwenda.

— Fui — respondeu ele. — Infelizmente.

Ela ergueu as sobrancelhas. Tamara se curvou para ver a página que Gwenda estava lendo.

— Eca — disse ela. — Diz aqui que ele usava o caos para revirar as entranhas das vítimas. Nojento. Tipo um batedor de ovos mágico.

— Será que dá para não falar assim? — pediu Jasper. — Eu estou comendo líquen.

— E Ludmilla de Praga? — perguntou Gwenda.

Call assentiu.

— Sem dúvidas essa daí eu fui.

— Ela mandou uma peste de besouros contra os homens de Praga quando um deles se divorciou de uma amiga dela — disse

Gwenda, dando um risinho.

— Sem aprovar os Suseranos do Mal, ok? — disse Jasper, e se virou para Call. — Olha, a gente passou por um monte de coisas juntos. Tanto que posso dizer que realmente não me importo com que mago maligno você tenha sido na vida passada.

— Vidas — corrigiu Call, melancólico.

— São águas passadas — insistiu Jasper.

— Mas você *foi* Constantine Madden — disse Gwenda. — Certo?

— Fui, mas é complicado. Parece que esse mago maligno original, Maugris, encontrou Constantine *depois* que ele já havia se tornado o Inimigo da Morte. Maugris pulou no corpo dele e ninguém notou a diferença, provavelmente porque Constantine já era bastante mau. Mas isso explica por que Constantine não tentou trazer Jericho dos mortos depois disso e simplesmente o levou para um mausoléu. Maugris não se importava com Jericho.

Tamara estremeceu.

— Não imagino como é ter as lembranças de outra pessoa chegando todas ao mesmo tempo. Não é de espantar que você tenha ficado tão desorientado.

Nem me fale, disse Aaron.

Call assentiu. Muito deliberadamente, omitiu que, se sua alma havia começado em alguém chamado Maugris, aquelas lembranças não pertenciam a outra pessoa. Pertenciam a ele, ainda que ele desejasse que não fosse assim.

— Mas houve uma coisa — disse. — Eu... digo, Maugris... está por aí há muito, muito tempo. Então ele viu coisas. Tipo outro Devorado do Caos.

Por um momento todos ficaram em silêncio, olhando-o.

— Sério? — perguntou Gwenda. — Você não está só se confundindo? Maugris viu um Devorado do Caos?

Call assentiu.

— Você sabe como deter Alex? — perguntou Tamara, quase prendendo a respiração.

— Existe um modo — respondeu ele. — Maugris conseguiu tirar o caos do Devorado contra o qual lutou. Segundo as regras da alquimia, foram necessários quatro Devorados de quatro elementos

diferentes para conseguir isso. Se pudermos arrancar o caos do corpo de Alex, poderemos lutar contra ele normalmente.

Eu gostaria de poder entrar nessa briga, disse Aaron. *Queria dar um soco na cara dele.*

— Então ele sobreviveria? — perguntou Tamara.

Sem saber se ela estava desapontada ou não, Call assentiu.

— Se ele tivesse sido Devorado por mais tempo, talvez não restasse muita coisa, mas acho que Alex será forte o suficiente para ser perigoso. Lembrem-se, ele ainda é um Makar.

— Então ele poderia fazer isso também — disse Jasper. — Poderia arrancar a alma de alguém. Poderia pular em outro corpo quando estivesse morrendo, como Maugris fez.

Call levou um susto.

— Mas ele não sabe que poderia fazer isso.

— Qual é, Call. Pense como um Suserano do Mal — insistiu Jasper. — Ele sabe o que Constantine Madden fez. Sabe como ele sobreviveu ao Massacre Gelado.

Tamara assentiu.

— Jasper tem razão. Precisaremos ter muito cuidado.

O início de uma ideia brotou na cabeça de Call.

— Ao menos temos um plano — disse Gwenda, pegando um refrigerante e tomando um longo gole. — Achei que nunca iríamos bolar um. Na verdade, isso é bem empolgante.

Jasper balançou a cabeça, como se sentisse falta da antiga Gwenda razoável.

↑≋△○@

Call achava que, depois de ter passado todo aquele tempo inconsciente e delirando, não conseguiria dormir, mas, por acaso, estava exausto depois de comer e falar. As visões não tinham sido nem um pouco tranquilas. Felizmente, nessa noite ele não se lembrou dos sonhos.

Quando a campainha tocou, ele se levantou, espreguiçou-se, fez um carinho em Devastação e foi para a sala compartilhada. Mestre Rufus o aguardava.

— Callum — disse Rufus. — Fico aliviado ao vê-lo de pé e em movimento. Estávamos todos preocupados com você, algo que acontece com bastante frequência atualmente. Desde a morte de Aaron você vem assumindo muitos riscos. Quantas vezes você usou suas forças além do normal? Quantas vezes fez magias que seriam perigosas mesmo que você tivesse um contrapeso, coisa que você não tem?

Call olhou para o chão.

— Escolha outro contrapeso, e logo. Não, essa pessoa não será o Aaron, mas vai manter você vivo.

Call continuou sem falar.

O Mestre Rufus suspirou profundamente.

— Não posso dizer a você que seja mais cuidadoso quando a Assembleia está mandando você atrás de Alex. Mas se isso tem a ver com culpa...

— Não tem — disse Call rapidamente.

O Mestre Rufus pôs a mão em seu ombro.

— A morte do Aaron nunca foi culpa sua.

Call assentiu, desconfortável.

Ele está certo, disse Aaron.

— Nada disso é culpa sua, Callum. Afirmar isso seria o mesmo que se culpar por ter nascido.

Mestre Rufus esperou um momento, como se esperasse que Call respondesse, mas ele não fez isso.

— Andei pensando — continuou o Mestre Rufus — na minha situação. Em como às vezes precisamos encarar coisas desconfortáveis.

— O senhor vai contar ao seu marido? — perguntou Callum. — Que é um mago?

O velho deu um sorriso pesaroso.

— Se conseguirmos sair dessa, vou.

Houve uma batida à porta. Mestre Rufus atendeu a visita: Alastair.

O pai de Call parecia abatido e pálido, como se tivesse passado alguns dias sem dormir. O cabelo estava desgrenhado.

— Call!

Alastair passou por seu antigo professor e abraçou o filho com força.

— Seu pai estava muito preocupado — disse o Mestre Rufus, quando Alastair parou de bater nas costas de Call e deu um passo atrás para olhá-lo. — Ele está no Magisterium desde que você caiu de cama.

— Pensei ter ouvido a sua voz — disse Call, lembrando-se das palavras do pai emboladas no meio da torrente de outras lembranças e visitas.

Alastair pigarreou.

— Rufus, será que posso ficar um tempo a sós com Call?

— Sem dúvida.

Educado como sempre, Rufus saiu.

Alastair e Call sentaram-se no sofá enquanto Devastação se aproximava para investigar. Depois de farejar a perna da calça de Alastair, ele se enrolou e dormiu sobre seu sapato.

— Certo, Call — disse Alastair. — Sei que você não pegou uma gripe, ok? O que aconteceu com você? Você estava gritando sobre queimar cidades e marchar à frente de exércitos. Isso tem alguma coisa a ver com o Inimigo?

Cuidado com o que você vai contar, Call, alertou Aaron. *Se ele pensar que você está em perigo, vai convencer o Magisterium inteiro disso.*

Call sabia que Aaron estava certo. Por isso contou uma versão resumida dos acontecimentos: que as lembranças de Constantine estavam presas dentro de sua cabeça, que ele as havia soltado quando achou que precisava salvar os amigos, que elas o dominaram até que ele assumiu o controle e as trancou de novo.

Alastair já estava meio fora do assento.

— Não gosto nem um pouco disso. Deveríamos falar com o Mestre Rufus. Certamente os magos podem fazer alguma coisa para garantir que essas informações permaneçam trancadas ou sejam removidas para sempre.

Não, alertou Aaron. *Se eles começarem a remexer aqui é impossível saber o que vai acontecer.*

— Calma — disse Call. — O que eles contaram a você? Falaram sobre Alex Strike?

— O garoto que voltou como Devorado do Caos? Sim, mas...

— Contaram que eles esperam que eu descubra um modo de derrotá-lo?

Alastair afundou de volta na poltrona.

— Você? Mas você é só um garoto.

— Sou o único Makar que eles têm. E ninguém sabe como derrotar um Devorado do Caos.

Alastair o olhou horrorizado.

— Meu carro está lá fora — disse em voz baixa. — Nós podemos fugir, Call. Você não precisa ficar aqui. Nós poderíamos desaparecer facilmente no mundo normal.

— Mas nesse caso acho que muita gente morreria.

— Mas *você viveria.*

Alastair o encarou com intensidade. Para Call foi bom saber que seu pai colocava a vida dele acima de todo o resto do mundo, mas a única coisa que tornaria Call diferente de Constantine ou de Maugris seria justamente não pensar assim.

De novo se lembrou do Cinquain, da frase que ele tinha acrescentado: *Call quer viver*. Tinha pensado nisso inúmeras vezes, sentindo vergonha. Agora a frase parecia penetrar no coração do desejo terrível que o havia levado a virar um monstro.

Certo, vários monstros diferentes.

Call, disse Aaron. *Todo mundo quer viver.*

E todo mundo merecia viver. Mesmo que Call tivesse que arriscar a própria vida para tanto.

— Realmente preciso tentar — disse ao pai. — E até tenho um plano. Ele só... eu preciso da ajuda de alguns Devorados. Conheço uma Devorada do fogo, mas preciso de mais três, um de cada elemento.

— E o que vai acontecer com eles? — perguntou Alastair.

Call balançou a cabeça.

— Eles vão des-Devorá-lo. Vão regurgitá-lo. Fazer com que Alex seja vomitado para fora do caos. E vão correr o mesmo risco que o resto de nós, lutando contra um Makar regurgitado e furioso de verdade.

Alastair piscou algumas vezes. Por fim, balançou a cabeça e disse:

— É, eu conheço um cara.

— Conhece?

— Em Niágara. Ele esteve na guerra. Foi Devorado lá. Ele pode ouvir, se nós apresentarmos o problema.

— Você pode pegar o carro?

— O quê? — perguntou Alastair. — Agora?

— Imediatamente.

Call se levantou e começou a bater à porta dos amigos para acordá-los.

CAPÍTULO DOZE

Uma hora depois o Phantom voava pela interestadual com a cabeça de Devastação para fora da janela, a língua rosada balançando ao vento. Call estava no banco do carona junto com o lobo. Tamara, Gwenda e Jasper ocupavam o banco de trás.

Já haviam parado para comer alguma coisa e acabaram com uma caixa de frango frito. Refrigerantes gelados estavam equilibrados nos colos.

— Ainda mais gostoso do que líquen — dissera Jasper em êxtase, mastigando uma coxa.

O rádio estava sintonizado numa estação de jazz. Call inclinou a cabeça para trás e começou a pensar no futuro. Assim que Alex fosse derrotado ele convidaria Tamara para sair, um encontro de verdade. Ela gostava de sushi, então iria levá-la a algum restaurante onde fariam uma bela refeição à base de peixe. Depois talvez fossem ao cinema ou passear, tomar sorvete. Começou a visualizar isso preguiçosamente quando percebeu que não estava sozinho na própria cabeça. Rapidamente tentou pensar em outra coisa.

Gostaria de comprar uma guia nova para Devastação. É, isso era bom.

E um novo corpo para mim, lembrou Aaron. *Se um dia quiser beijar Tamara de novo sem a minha presença.*

Call suspirou.

— Vocês todos são bons garotos, ajudando o Callum — disse Alastair, o que fez Call se sentir humilhado e também com uns sete anos de idade.

Tamara riu.

— Alguém precisa tentar convencê-lo a ficar fora de encrenca.

— Alguém deveria fazer isso — disse Jasper. — Uma pena esse alguém não ser você.

Gwenda lhe deu um soco no ombro.

— Por que você é assim?

— As pessoas me amam — respondeu Jasper.

— E como está Celia? — perguntou Gwenda, provocando uma carranca em Jasper. — Ainda com raiva por você ser amigo do Call?

— A gente vai se resolver — disse Jasper.

— Ouvi dizer que ela também não gostou do fato de seu pai ter sido preso por ter ajudado o inimigo. — Gwenda deu de ombros quando todos olharam para ela. — O quê? As pessoas falam, Jasper.

— A gente vai resolver — repetiu ele entredentes.

— Acho que não gosto dessa tal de Celia — observou Alastair.

— Ela foi me visitar quando eu estava doente — contou Call. — E pediu desculpas.

— Ela *foi*?

Tamara estava com os olhos arregalados.

Jasper pareceu aliviado.

— Eu disse.

Gwenda deu um risinho.

— Ela pediu desculpas ao Call. Talvez ela possa namorar com *ele*.

— Mas... — começou Tamara.

Jasper a encarou com olhos inocentes.

— Mas o quê?

— Nada.

Tamara cruzou os braços e olhou pela janela. Estava escurecendo e a estrada estava praticamente deserta. O GPS indicava que estavam na Pensilvânia, perto da Floresta Nacional Allegheny. Árvores altas e pontudas ladeavam a estrada.

Alastair lançou um olhar de lado, divertido, para Call, mas não falou nada, e a conversa rumou para outros assuntos. Call permaneceu em silêncio, pensando no que havia pela frente.

Depois de mais meia hora, Alastair saiu da estrada e entrou no estacionamento de um hotel que tinha uma lanchonete ao lado. O anúncio em néon prometia torta de cereja e sanduíche de filé com queijo. Call e os outros entraram atrás de Alastair, que alugou quartos separados para todos e disse para se encontrarem do lado de fora em quarenta e cinco minutos para jantar.

Call estava vestindo uma camisa limpa e se esforçando ao máximo para ajeitar o cabelo revolto, usando água, quando bateram

à porta.

Era Jasper, usando uma camiseta onde se lia unicórnios raivosos também precisam de amor. Call piscou.

— O que foi?

Jasper entrou e se sentou na cama. Call deu um suspiro. Não se lembrava de Jasper jamais ter esperado para ser convidado a entrar em lugar algum.

— Isso tem a ver com Celia? — perguntou Call.

— Não — respondeu Jasper depois de uma pausa. — Tem a ver com o meu pai.

— Seu pai?

O pai dele ainda está no Panopticon com todos os outros que se juntaram ao Mestre Joseph, disse Aaron, solícito.

Eu sei!, reagiu Call. *Só não sei por que ele quer falar sobre isso comigo.*

Talvez ele ache que você é um cara compreensivo.

Jasper continuou:

— Um membro da Assembleia me disse que estão pensando em condenar à morte todos os magos que se juntaram com o Mestre Joseph.

Call ficou boquiaberto.

— Eu...

Jasper balançou a mão, impaciente.

— Não precisa dizer nada. Mas nós estamos indo nessa grande missão para ajudar o Magisterium. E se tivermos sucesso você vai ser um herói. — Ele cruzou os braços. — Se isso acontecer, queria que você intercedesse junto à Assembleia porque eles vão fazer o que você quiser. Diga para soltarem meu pai.

Por um momento Call teve outra vez aquela sensação estranha em que o mundo se inclinava de lado, mas não porque as lembranças de um mago maligno estavam se embolando com as suas. Mas porque esse não deveria ser o seu papel.

Ele não era herói. Jasper não deveria pedir favores nem agir como se ele fosse importante.

Aaron era o herói. Deveria ser Aaron.

Ei, disse a voz na sua cabeça. *Acho bom que não seja eu. Na época eu também achava bom que não fosse eu, mas não existia*

mais ninguém. E agora não existe ninguém além de você.

Call assentiu.

— Se nós realizarmos com sucesso essa missão, você também vai ser herói. Você mesmo poderia pedir a eles.

A expressão de Jasper era de dúvida.

— Só diga que você faria isso. Você é o Makar.

— Não posso dizer para soltarem o seu pai, Jasper, mas posso insistir que não deem a ele a pena de morte, independentemente do resultado do julgamento. E posso insistir para que ele tenha um julgamento justo.

Por um momento, Jasper ficou em silêncio. Então deu um longo suspiro.

— Promete?

— Prometo. Quer cuspir na mão e depois apertar, para selar o trato?

Jasper fez uma careta.

— Não. Confio em você. Além do mais, isso é nojento.

Call riu, feliz por Jasper agir de modo normal com ele. Foram juntos para a lanchonete ao lado do hotel. Alastair já estava lá com Gwenda e Tamara, ocupando um reservado. Até já haviam pedido bebidas: Alastair estava tomando café e as meninas milk-shakes.

A luz amarelada do teto piscava, o linóleo era gasto e rachado, mas atrás do vidro havia tortas perfeitas, brilhantes, além de bolos altos com cobertura de cereja e flocos de coco. Call ficou com a boca cheia d’água.

Jasper se sentou ao lado de Gwenda e Tamara, deixando Call para ficar junto de Alastair. Tamara sorriu para Call enquanto ele deslizava no banco para ficar diante dela.

A garçonete voltou e anotou os pedidos. Jasper escolheu um refrigerante de laranja e um enorme hambúrguer com bacon. Tamara quis um sanduíche de atum. Gwenda pediu um de carne assada no pão árabe. Alastair escolheu bife com ovos. Call pediu um sanduíche de pernil, batata frita e uma panqueca com pedaços de chocolate. Depois pediu mais dois hambúrgueres para viagem, malpassados, para Devastação.

— Tenho notícias — disse Alastair. — Falei com o Mestre Rufus pelo telefone de tornado. A torre de Alex está ficando pronta. Eles

acham que podem embromá-lo, mas só por mais uns três dias. O Mestre Rufus disse que precisamos concluir a missão nesse tempo.

— *Mais três dias?* — guinchou Call. — Como vamos encontrar três Devorados tão depressa?

— Vamos nos concentrar na tarefa mais próxima — respondeu Alastair. — Vamos convencer Lucas, e talvez ele possa indicar outros Devorados.

— Mas e se ele não puder? — perguntou Call, o que evidentemente não era a coisa mais heroica a ser dita.

— Você acha mesmo que esse plano vai funcionar? — perguntou Alastair.

Call assentiu.

— Então vamos dar um jeito — garantiu seu pai.

A comida chegou e, apesar da aparência deliciosa, Call não sentiu o gosto.

Naquela noite ficou se revirando na cama, dormindo em períodos curtos. Devastação lambeu seu rosto para não restar dúvidas de que estava ali, com ele. Isso ajudou, mas mesmo assim Call ficou acordando toda hora, e despertou completamente quando viu pela janela o alvorecer surgindo lá fora.

Era hora de ir para as Cataratas do Niágara.

↑≋△○@

Algumas horas depois, segurando um enorme copo de café, Call entrou no Rolls-Royce de Alastair. Hoje havia menos bate-papo no carro e mais tensão. Todos pareciam estressados, e quando pararam para almoçar num McDonald’s, até Jasper parecia abalado, porque só conseguiu comer cinco hambúrgueres e um saco de batata frita.

Depois de algumas horas, todo mundo no carro havia cochilado, menos Devastação, Call e, obviamente, Alastair.

— Desculpe — disse Alastair, olhando pelo retrovisor para se certificar de que os outros estavam dormindo. — Eu nunca deveria ter sugerido que a gente fugisse, lá no Magisterium.

Call levou um susto.

— Você estava certo — disse Call. — No início. Eu nunca deveria ter ido para o Magisterium.

Alastair balançou a cabeça.

— Não, o Mestre Joseph acabaria nos encontrando. Eu estava sendo covarde, estava errado. Você não saberia como se proteger dele. Poderia ter morrido junto com todas as pessoas que você salvou.

Call ficou em silêncio. Pensava em si mesmo como alguém que lutava tão frequentemente contra o mal que jamais parava para pensar em qualquer bem que podia ter feito.

A estrada continuava. Depois de um tempo, Call cochilou. Foi acordado num posto de gasolina pelo cheiro de café e bolinhos de canela aquecidos no micro-ondas. Tomou um pouco de café, espreguiçou-se, foi ao banheiro e decidiu não lavar o rosto com a água ligeiramente marrom que saía da torneira.

De volta ao carro, tomou mais café e comeu três bolinhos de canela açucarados. Quando chegaram ao estacionamento do Parque Estadual das Cataratas do Niágara, Call já se sentia pronto para se levantar de seu banco, como um beija-flor que acabou de se entupir de açúcar.

Encontraram um lugar para estacionar e continuaram a pé, ignorando o aquário e as outras atrações turísticas e indo direto para o centro de visitantes. Ali ficaram sabendo que poderiam ir à torre de observação e, de lá, se quisessem, pegar um elevador e descer até a base das Cataratas do Niágara para um passeio de barco. Havia um lugar chamado “ninho do corvo”, onde certamente ficariam com o rosto molhado pelos borrifos de água.

Call imaginou que o elevador seria feito de vidro, mas era de metal comum. Quando chegaram embaixo, a porta se abriu para uma torrente de barulho. Saíram rapidamente para o deque. Turistas andavam pelos deques de madeira, vestidos com capas amarelas brilhantes. Os deques eram ligados por passarelas também de madeira que subiam e desciam.

As cataratas jorravam tão perto que Call ficou pasmo, apesar de não estarem ali para fazer turismo. Quando a água batia nas pedras do fundo, explodia em névoa branca, depois escorria em torrentes

pelos pedregulhos, passando pelas quedas e se afastando a uma velocidade incrível.

— Atrás de mim — disse Alastair em voz baixa.

Desceram por várias passarelas, espremendo-se entre turistas encapuzados. Todos estavam se molhando no aguaceiro e a perna de Call começou a doer. Alastair foi até a beirada de um deque e os chamou para perto, depois pulou com agilidade por cima do parapeito. Ajudou Call a pular em seguida — era uma queda pequena. E os outros, até Devastação, pousaram rapidamente ao lado deles.

Pousaram num caminho estreito que seguia perto da água. Alguma coisa sugeriu a Call que aquele era um caminho mágico, invisível para os olhos normais. Talvez o fato de que não havia mais ninguém ali além deles. Talvez o fato de que as únicas pegadas na terra não fossem pegadas, e sim marcas que pareciam ter a forma do símbolo do elemento da água.

O sol havia nascido e os secou enquanto prosseguiam, com o ruído do rio abafando qualquer conversa que não fosse aos gritos. Alastair parou num trecho onde o caminho se projetava para a água num pequeno promontório. Pôs as mãos em concha em volta da boca.

— Lucas! — gritou. — Lucas, está me ouvindo?

Tamara ficou sem ar.

— Olhem! — gritou. — Ali. Tem uma criança se afogando.

E apontou.

Um menino com capa impermeável amarela havia escorregado, mesmo com todas as precauções e os parapeitos. Estava sendo carregado, girando como uma folha, pela torrente que espumava sobre as pedras. Por um momento desapareceu e voltou à superfície. Call não sabia se ele estava consciente ou não, não sabia com que força ele havia batido nas pedras.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse Tamara, correndo para a beirada d'água.

— Tentem pegá-lo. Jasper e eu vamos nos concentrar em acalmar a água. Gwenda, garanta que ninguém note — gritou Call.

Jasper assentiu. Gwenda franziu o rosto, concentrando-se. Ela intensificou a névoa dos borrifos d'água, escondendo todos eles.

Então intensificou dois arco-íris, de modo que ficassem lindos a ponto de distrair os espectadores. Talvez isso não bastasse para impedir que a família do menino notasse o que estava acontecendo, mas talvez para que mais ninguém estivesse olhando.

Call nunca tinha sido particularmente bom com magia da água, mas mesmo assim começou a usá-la, tentando controlar o fluxo das corredeiras e abrir um caminho para Tamara. Viu que Jasper se concentrava em diminuir a velocidade da água perto do garoto, que começou a subir lentamente no ar e veio flutuando na direção deles.

O garoto abriu os olhos, mas, quando fez isso, Call viu que ele tinha os olhos cheios de água. A magia de Tamara o trouxe mais para perto, mas quanto mais próximo ele chegava, menos se parecia com um menino. A pele ondulou e ficou translúcida, como se ele não fosse feito de carne. Então se desfez numa poça, e a criança desapareceu, só restou uma capa amarela.

— *Mas o quê...* — disse Jasper.

Um gêiser saltou da água, e dele saiu uma forma parecida com um homem.

— Vocês passaram no meu teste — disse ele numa voz gorgolejante. — Agora o que desejam?

— Você me reconhece, não é, Lucas? — perguntou Alastair.

— Alastair Hunt. — O homem era translúcido, mas a água formava uma imagem nítida de suas feições, até os esboços de um cabelo encaracolado. — Faz muito tempo.

— Estes são o meu filho e os amigos dele. Precisamos de um favor.

— Um favor?

— Precisamos da sua ajuda. Há um Devorado do Caos que veio para ocupar o lugar de Constantine Madden, lutando contra o mundo dos magos.

— E o que eu posso fazer? — perguntou Lucas.

— Junto com outros três Devorados, um de cada de elemento, você poderia arrancar o caos dele — respondeu Call. — Ele voltaria a ser apenas um mago e aí nós poderíamos enfrentá-lo. Meu pai disse que você lutou na guerra. Alex é o último dos subordinados de Constantine que tem algum poder. Assim que ele estiver derrotado, a guerra finalmente chegará ao fim.

— Isso foi quando eu era humano — disse o Devorado. — Agora não sou mais.

— Você poderia viver em qualquer lugar — observou Tamara. — Mas escolheu este aqui.

— Gosto de Niágara. Gosto do poder da cachoeira, do movimento da água.

— E das pessoas — disse Tamara. — Você poderia estar no mar, longe de qualquer um. Poderia estar num dos grandes rios. Poderia até escolher uma cachoeira distante. Mas não, escolheu um lugar onde sempre haverá seres humanos por perto. E você nos testou mostrando uma criança humana em perigo. Acho que, independentemente do que você seja, você ainda se importa com as pessoas.

— Talvez. — Lucas girou lentamente na água. Gwenda e Jasper olhavam maravilhados. — Acho que não gosto da ideia de a humanidade ser varrida do mapa. Vou ajudar vocês.

Os ombros de Call se afrouxaram com alívio.

— Ótimo. Você conhece mais algum Devorado? De outros elementos?

Lucas franziu a testa.

— Esse não parece um plano muito bem pensado.

— Nós já temos Ravan, Devorada do fogo — disse Tamara rapidamente. — Só precisamos de um Devorado da terra e um do ar.

Lucas fez um som pensativo, como de água caindo.

— Talvez Greta — disse. — Na última vez em que ouvi falar, ela estava morando num sumidouro perto de Tampa.

— Greta Kuzminski? — perguntou Alastair. — Ela virou Devorada da terra? Por gostar de terra ou porque odeia pessoas?

— Acima de tudo ela odeia pessoas — respondeu Lucas. — Foi traída pela Assembleia. Eles estavam dispostos a dizer qualquer coisa para atraí-la para a guerra contra Constantine, mas depois da trégua renegaram todas as promessas que fizeram. Vou dizer exatamente onde talvez possam encontrá-la, mas é provável que seja mais difícil convencê-la do que foi a mim.

— Fantástico — murmurou Gwenda. — Eu sabia que isso estava fácil demais.

— Você não conhece *nenhum outro* Devorado da terra? — perguntou Jasper. — Alguém mais amigável?

— Não. — Fiel à sua palavra, Lucas lhes deu orientações detalhadas, que Call tentou memorizar. — Boa sorte. Quando tiverem reunido tudo de que precisam, toquem na água e chamem meu nome. Vou ser convocado à presença de vocês.

Com isso ele se dissolveu na água, transformando-se em espuma e névoa.

↑≋△○@

Quando todos estavam de volta ao carro de Alastair, Tamara desfazia suas tranças e Call sentiu como se sua roupa encharcada pesasse cinquenta quilos. Depois de olhar em volta para garantir que não havia ninguém espiando, Tamara invocou fogo mágico suficiente para criar uma fogueira miniatura em que todos puderam se esquentar. (A não ser Devastação, que só ficou saltando e sacudindo a água do pelo.)

— E então, quem é Greta? — perguntou Call a Alastair. — Uma antiga namorada ou algo assim?

— Só uma colega de escola mal-humorada. Acho que algumas coisas não mudam. — Estendendo as mãos para a fogueira, Alastair pareceu distraído. — É uma pena que ela esteja lá em Tampa. É uma viagem longa para vocês.

— Uma viagem longa para *nós*, você quis dizer? — perguntou Call, surpreso.

Alastair balançou a cabeça.

— Acho que tenho uma pista para um Devorado do ar, mas dá para irmos juntos se quisermos voltar ao Magisterium a tempo. Só se certifiquem de convencer Greta, e eu encontro vocês lá.

— Você quer que eu leve o carro? — perguntou Call.

O Phantom de Alastair era seu pertence mais amado; ele cuidava daquele carro todo final de semana, polindo e fazendo reparos. Call não conseguia acreditar que Alastair deixaria o carro com ele.

— Só tome cuidado com ela, ok? — disse Alastair, que se referia ao carro no feminino.

Ele pegou a carteira, tirou de dentro um punhado de notas de vinte dólares e enfiou a mão no bolso para pegar as chaves.

— Você é um bom motorista e um bom garoto. Vai ficar tudo bem.

Call olhou as chaves e o dinheiro nas mãos. Pensou em sugerir que fossem voando, mas sabia que sua própria magia só iria levá-los até certo ponto. E não tinham tempo para encontrar um elemental que os carregasse.

— O que você vai fazer?

— Tenho um amigo que pode me dar uma carona. Não se preocupe. Estarei no Magisterium com um Devorado do ar quando vocês chegarem. — Alastair deu um tapinha nas costas de Call. Depois, mudando de ideia, puxou-o para um abraço apertado e rápido. — Isso já vai acabar.

Depois de soltá-lo, Alastair acenou para os outros garotos. Assobiando, atravessou o estacionamento em direção à estrada.

— Você acha que ele pode mesmo convencer um Devorado do ar? — perguntou Gwenda.

— É melhor acreditarmos que sim.

Call sentou atrás do volante do Rolls-Royce. A última vez em que estivera naquele banco ele era um garotinho, fingindo dirigir, fazendo *vrum, vrum* com a boca.

Tamara ocupou o banco do carona, deixando Gwenda com Devastação e Jasper atrás.

Call girou a chave e apertou o acelerador, dando partida.

Lembre-se de quando eu precisava dirigir porque você não sabia, disse Aaron.

Ainda não tenho certeza se sei, pensou Call de volta.

Tamara mexeu no rádio enquanto Call levava o carro cuidadosamente para fora do estacionamento, até a estrada.

— Você tem carteira, não tem? — perguntou Gwenda.

— Provisória — respondeu ele.

— Como assim? — quis saber ela, parecendo preocupada.

— É uma carteira provisória. Não tenho muita experiência, já que fiquei preso, fui sequestrado, quase morri e depois fiquei morando numa caverna.

Isso não pareceu acalmar Gwenda, mas Jasper parecia despreocupado. Fez um carinho em Devastação e olhou pela janela.

— Gosto de viajar de carro — disse ele, olhando a paisagem. — E de jogos de viagem de carro. A gente deveria jogar um.

Gwenda lhe deu um soco no ombro.

— Ai! — gritou ele.

— Fusca Azul. — Ela sorriu. — O que foi? Achei que você gostava de jogos de viagem de carro.

Ele estendeu a mão e fez cócegas embaixo dos braços dela, provocando ataques de riso enquanto ela tentava se afastar. Devastação latiu e tentou se ajeitar no banco.

— Gwenda é fantástica — disse Call a Tamara, olhando para eles pelo retrovisor. — Finalmente encontrei alguém que gosta do Jasper menos do que eu.

Tamara revirou os olhos, dando a entender que ele não estava apenas errado, mas que possivelmente também era um idiota. Como Call não tinha ideia do que tinha dito de tão idiota e não queria admitir, ficou de olho na estrada.

Talvez ela estivesse com ciúme. Talvez não quisesse ouvi-lo elogiar outra garota. Mas Tamara não parecia particularmente desconfortável. Estava encostada na janela, o cabelo preso numa trança grudada no couro cabeludo, olhando os carros passando com um sorrisinho no rosto.

Algumas horas depois ninguém mais sorria. Estavam todos entediados, inquietos e com fome. A estrada os levou de volta por onde tinham vindo, atravessando de novo a Pensilvânia, depois passando pela Virgínia Ocidental, a Virgínia, as Carolinas do Norte e do Sul e, finalmente, pela Geórgia, até chegar à Flórida. Demorariam quase um dia inteiro — dezoito horas — para chegar a Tampa. Call achou que poderiam dividir o tempo em dois longos dias de viagem, com outro hotel no meio-tempo.

Acabou parando no estacionamento de um Taco Bell. O carro estremeceu ligeiramente ao ser desligado, coisa que deixou Call nervoso. Esperava não ter de consertar sozinho um carro notoriamente tão cheio de frescuras.

— Minha bunda está dormente — disse Tamara, descendo. — Vamos pegar alguma coisa para viagem e encontrar um lugar para

dormir.

Todos estavam morrendo de fome e voltaram para o carro carregados com refrigerantes e tacos. Jasper tentou usar o celular para arranjar um hotel e houve muitos gritos durante o processo, tendo em vista que Call seguiu na direção errada e precisou pegar retornos. Até que chegaram ao Red Roof Inn e Jasper usou o cartão de crédito do pai para pegar três quartos, os únicos disponíveis.

— Tamara e Gwenda podem ficar juntas — anunciou ele. — E Call e eu podemos ficar cada um com um quarto.

Houve um coro de descontentamento, mas Jasper observou que era o pai dele quem tinha arcado com a hospedagem, por isso ia ficar com um, e se uma das garotas quisesse dormir com Call, tudo bem. No fim, terminaram comendo tacos e nachos no pátio do hotel enquanto o sol se punha à distância.

Naquela noite, Call ficou por um longo tempo tentando dormir. Tudo parecia um peso em seus ombros. Era difícil se concentrar sabendo que era ele o motivo de estarem todos ali, o motivo para terem de lutar contra Alex, o motivo para praticamente tudo de ruim que já havia acontecido no mundo.

O que era só um pouquinho de exagero.

Isso não é verdade, disse Aaron.

Houve uma batida à porta. Call se arrastou para fora da cama, imaginando se Jasper tinha vindo pedir outro favor. Mas não era Jasper. Era Tamara.

— Posso entrar? — perguntou ela, nervosa.

Estava vestida de pijama e pantufas. A cor de pêssego do pijama fazia sua pele brilhar.

— Eu... ah... — disse Call.

Ah, só diga sim, reagiu Aaron, irritado.

— Sim, lógico.

Call ficou de lado para deixar Tamara passar. Sentiu-se feliz por estar usando seu moletom menos puído e uma camiseta limpa. E por ter tomado uns cinco banhos por ainda se sentir imundo das águas do Niágara.

Tamara entrou e se sentou na beirada da cama. Na verdade, tão na beirada que parecia a ponto de despencar.

— Call — disse ela, mexendo no cordão pendurado no pescoço. — Olha, eu queria falar com você sobre...

— Quer namorar comigo? — reagiu Call bruscamente.

Ah, não, agora não, gemeu Aaron.

— Cala a boca — exclamou Call.

Tamara levantou as sobrancelhas.

— Sei que você está falando com o Aaron — disse ela. — Talvez fosse melhor esperar para ter essa conversa quando a gente estiver a sós.

Ah, vá em frente, murmurou Aaron. *Não tenho mais nada para fazer.*

— Aaron disse que não tem mais nada para fazer.

— Não sei bem se isso é romântico — observou Tamara.

— Mas a questão é essa — disse Call. — Você me conhece desde o início e sempre enxerga o melhor em mim. Embora eu já tenha sido dezessete magos malignos diferentes.

Dezoito — corrigiu Aaron. *Mas quem está contando?*

— Você sabe a verdade a meu respeito. Toda ela. Tudo que ninguém sabe, a não ser o Aaron. E mesmo assim você sempre... bem, talvez não a princípio... sempre acreditou em mim. Você me inspira a querer fazer coisas boas, Tamara. Você faz com que eu queira salvar as pessoas só para deixar você feliz.

— Mas não porque você gostaria de salvá-las?

Call sentiu que talvez seu discurso tivesse soado meio estranho.

— Mais ou menos. Às vezes. Em outras vezes eu gostaria que outra pessoa fizesse isso.

— É justo — disse ela, e sorriu. — Continue.

— Bem, eu quero namorar com você. Sei que eu trouxe um monte de coisas esquisitas para a sua vida e nesse momento estou possuído pelo nosso melhor amigo, isso sem mencionar todo o lance do Inimigo da Morte, então eu entendo que talvez você esteja de saco cheio de mim. Mas, caso não esteja, caso esteja se perguntando como eu me sinto, saiba que eu quero namorar com você.

O sorriso de Tamara hesitou um pouco.

— Call, eu gosto de você de verdade.

Epa, exclamou Aaron, o que não melhorou o ânimo de Call.

— Tudo bem — disse Call, interrompendo-a, porque já sabia a resposta. — Não precisa falar nada agora. Só pense a respeito. Você pode me dizer depois que a gente der um jeito no Alex.

Ela ficou quieta por um tempo longo e angustiante, depois soltou o ar dos pulmões de uma vez só.

— Tem certeza de que quer esperar?

Call assentiu e deu um bocejo falso.

— Acho que seria bom se a gente dormisse um pouco.

Tamara se inclinou e lhe deu um beijo no rosto, o que deixou Call ao mesmo tempo quente e confuso. Quando Tamara saiu, ele sentiu uma pontada de arrependimento. Talvez devesse chamá-la de volta e ouvir a coisa horrível que ela queria dizer.

Mas não fez isso.

E também não dormiu muito.

CAPÍTULO TREZE

A Flórida estava quente e pegajosa. O carro não tinha ar-condicionado, por isso mantiveram as janelas abaixadas e se abanaram bastante. Passaram por Tallahassee até um trecho de pantanal perto do rio Sopchoppy, onde Lucas disse que Greta morava.

Call virou para a estrada, seguindo a orientação do GPS do celular de Jasper, embora estivesse muito nervoso. Era uma estrada de terra, cheia de calombos e totalmente inadequada para um carro antigo e elegante.

A estrada seguia ao longo do rio, cuja água cor de café corria suave. Por toda volta havia ciprestes cheios de musgo. As raízes se estendiam para a água como dedos. Uma cobra — Call achou que talvez fosse uma serpente-mocassim-cabeça-de-cobre — nadou tranquilamente por um aglomerado de flores, passando por algo que Call achou que podia ser o focinho de um jacaré.

A estrada estava se transformando rapidamente em lama e o caminho ia ficando menos nítido.

— Tem certeza de que é por aqui? — perguntou Call.

— Quem sabe? — disse Jasper. — O GPS está indicando para a gente virar de novo, mas não tem outra curva.

O Rolls diminuiu a velocidade, em parte porque Call tinha apertado o freio e em parte porque a lama estava ficando mais densa. Call teve a sensação desconfortável de que o carro afundava um pouco na gosma.

— A gente deveria sair — sugeriu Tamara. — Agora.

— A gente não pode ficar atolado aqui — disse Call. — Meu pai vai me matar se eu não levar o carro dele de volta.

— Ao menos sabemos onde estamos? — perguntou Gwenda.

— Meu celular sabe — respondeu Jasper. — Mas talvez seja melhor irmos a pé a partir daqui.

Todos saíram do Rolls e escorregaram na lama. O carro pareceu afundar um pouco mais quando se afastaram.

— Isso é areia movediça? — perguntou Tamara.

— Putz! — disse Call, segurando a cabeça. — Achei que areia movediça só existia em filmes. Filmes ruins. Não achei que fosse de verdade.

— A gente pode tirá-lo com magia — lembrou Gwenda. Os pneus tinham desaparecido quase completamente. — Pessoal, concentrem-se.

Gwenda, Jasper e Call invocaram a magia do ar enquanto Tamara invocava a da terra. Call se concentrou no vento, empurrando o carro para cima, formando um lençol quase sólido entre a lama e o metal. Com um som nojento de sucção, o carro emergiu do pântano, foi empurrado alguns metros de volta ao que restava da estrada de terra e depois, sem cerimônia, *caiu* enquanto eles cessavam a magia.

O estalo e o rangido de metal que soaram quando o Rolls bateu no chão fez Call se encolher. Será que ele ainda funcionaria? Quantos amassados eles tinham acabado de provocar no chassi?

Não havia tempo para se preocupar com isso.

— Por aqui — disse Jasper, levantando o celular.

Os outros o acompanharam pela trilha ao lado do rio Sopchoppy, ouvindo o zumbido de insetos, os sapos coaxando e o trinar constante dos pássaros no alto.

Um calor úmido pesava nas costas e mosquitos vinham em nuvens, com seu chiado agudo. Call pensou, com crueldade, que talvez Lucas os tivesse enganado de propósito. Talvez não existisse nenhuma Greta.

Jasper parou. Sacudiu o celular.

— Qual é o problema? — perguntou Tamara.

Ele o sacudiu de novo.

— Sem sinal.

— Você só pode estar brincando — disse Gwenda. — E agora? A gente está perto? Tem alguma ideia de para onde a gente precisa ir?

— Para ali — respondeu Jasper, acenando vagamente por cima da água, em direção a um agrupamento de árvores.

— Greta! — gritou Call, fazendo alguns pássaros voarem dos galhos próximos. Pelo menos um deles, de modo assustador, era

um urubu. — Desculpe incomodarmos você, mas Lucas disse que talvez você pudesse nos ajudar!

Não houve resposta. Call sentia-se derrotado, como se tivesse despontado a todos. Se bem que, na verdade, Jasper é que tinha feito bobagem com o celular. Call abriu a boca para fazer essa observação.

Não, disse Aaron. *Não temos tempo para culpar uns aos outros. Além disso, aposto que ele já está se sentindo mal.*

Call franziu a testa e olhou para Jasper, que ainda balançava o aparelho. Ele parecia bem. Mas Call supôs que Aaron estivesse certo.

Nesse momento houve uma ondulação na superfície do rio. Todos pararam junto a uma curva. A água era de um marrom acinzentado e lamacento. Ciprestes altos margeavam o leito do rio.

— Talvez seja um jacaré — disse Gwenda, nervosa. — Às vezes eles sobem na margem e comem pessoas.

— Por que você sabe tanto sobre jacarés? — perguntou Jasper.

— Porque eu odeio eles! São como dinossauros com dentes enormes e... o que é *aquilo*?

As ondulações na água viraram um redemoinho, girando em volta dos ciprestes. De repente houve outro barulho de sucção, como um vulcão cuja erupção fosse de fora para dentro. As árvores começaram a afundar na água.

— É um sumidouro — disse Tamara. — Já assisti a vídeos que mostram isso. Para trás!

Todos recuaram, olhando pasmos enquanto as árvores e a terra na margem do rio eram arrastadas para o sumidouro que se abria com um ruído alto, nauseante. As árvores eram esmagadas e se despedaçavam, seus galhos estalando enquanto eram arrastados para baixo da superfície. A água borbulhava, e dela emergiu uma coisa enorme.

Um gigante feito inteiramente de terra e lama. A boca de Call se abriu enquanto a criatura se erguia acima deles, deixando cair peixes que se sacudiam e minhocas enormes. Um fedor de lixo podre dominou o pântano enquanto o gigante abria dois enormes olhos marrons, cor de lama.

— Ela está tentando assustar a gente — sussurrou Tamara enquanto os outros recuavam engasgando. — Lucas disse que ela odeia pessoas.

— Está dando certo — disse Jasper, enxugando os olhos lacrimejantes. — Estou apavorado.

— Vão embora, magos.

A voz de Greta rolava e trovejava. Mais lama caiu no pântano.

Call pigarreou.

— É um prazer conhecê-la — gritou. — A... é... a lama e as minhocas são muito legais, parecem muito... é... poderosas.

Greta estendeu a mão e partiu uma árvore ao meio.

— Isso vai acontecer com a sua coluna — murmurou Jasper.

Elogios não vão funcionar, disse Aaron. *Mas aposto que ela não curte muito a Assembleia.*

— Olha — disse Call. — Sentimos muito por incomodar você, mas não temos alternativa. Precisamos da sua ajuda.

Greta piscou, fazendo a lama cascatear para dentro d’água.

— Por que os ajudaria?

— Sabemos que o Magisterium abandonou você durante a guerra — disse Call. — Deixou você virar uma Devorada e depois expulsou você.

Greta assentiu.

— Existe um Devorado do Caos — continuou Call. — O nome dele é Alex. O Magisterium está construindo uma enorme torre de ouro para ele, e dentro de alguns dias todos vamos ser entregues a ele, para que ele possa nos matar.

— Não é verdade — sussurrou Tamara. Depois de uma pausa, ela acrescentou: — De fato acho que é tecnicamente verdade.

— Por que eu deveria me importar? — perguntou Greta, falando de um jeito mais pensativo. — O que os magos já fizeram por mim?

— Outros dois Devorados vão nos ajudar — disse Gwenda. — Ravan, do fogo, e Lucas, da água.

— A Assembleia teria de reconhecer o que você fez — acrescentou Call. — Os membros sentiriam vergonha do modo como trataram você.

Greta fez um ruído grave, como um trovão. Call percebeu que o fedor terrível sumira e que Greta estava ligeiramente diferente —

não deixava mais cair minhocas e peixes. Em vez disso cresciam flores pelas cristas de seu corpo rochoso, junto com cogumelos multicoloridos.

— A Assembleia deve admitir a própria vergonha — disse Greta. — Nós somos Devorados, e não elementais. Somos magos. Não deveríamos ser aprisionados nem tratados como monstros.

— Esta seria uma oportunidade de mostrar exatamente isso. E vocês também podem salvar pessoas — observou Call. — Se Alex não for impedido, não há como dizer o que ele pode destruir. Ele poderia devastar o mundo inteiro, e isso afetaria você e os outros Devorados também.

Greta ribombou pensativamente

— O Devorado do Caos gosta de sapos?

Todos ficaram em silêncio. Seria melhor ou pior se ele gostasse?

Acho que você deveria dizer que não, disse Aaron. *Na verdade Alex não gosta de nada.*

— Ele provavelmente quer que sejam destruídos — respondeu Call.

— Então ele precisa ser impedido — disse Greta. — Eu gosto de sapos. São meus amigos.

— Diga como podemos invocar você — pediu Call. — Prometo que só faremos isso quando todos os Devorados estiverem reunidos e for chegada a hora de lutar contra Alex.

Alguma coisa saiu do chão entre os pés de Call. Um pedaço de quartzo reluzente, parecendo um geodo.

— Quebre isso numa pedra — respondeu Greta — e eu irei até onde estiverem.

Ela bateu preguiçosamente em alguma coisa na água: era um jacaré com a cabeça verde e cheia de dentes se projetando brevemente da superfície.

— Espero ver a vergonha estampada na face de todos os magos.

Enquanto ela afundava de novo na água, Jasper soltou o fôlego.

— Espero que isso tenha sido boa ideia.

— Nós não morremos — disse Gwenda. — Isso deve significar alguma coisa.

Voltaram ao carro sem ser atacados por jacarés, sapos ou passar por um buraco enorme se abrindo embaixo deles. O carro não tinha sido sugado para outro sumidouro. Melhor ainda, quando Call virou a chave, ele ligou com um tremor. O som não parecia o mesmo de quando Alastair o deixou pegá-lo, mas o veículo se moveu suficientemente bem para permitir que percorressem a estrada de terra.

Assim que chegaram à via expressa, um gemido agudo no carro — algo que Call achou que poderia ser a ventoinha — ficou mais nítido. Ele continuou dirigindo, lançando um pouco de magia de resfriamento no motor, para o caso de estar certo.

Seguiram para o norte, enlameados, cheios de picadas de mosquito e exaustos. Pararam para comprar mais comida em uma lanchonete na fronteira da Virgínia e chegaram às cavernas do Magisterium à noite.

A torre de ouro se erguia no céu. Ao luar, já parecia terminada.

Tinham mais um dia. Vinte e quatro horas antes de enfrentar Alex de novo.

Call parou o carro de Alastair no canto de uma clareira perto do portão da frente. Em seguida entrou com Devastação e os outros aprendizes, todos cansados demais até para falar. Call planejava tomar um banho, mas assim que chegaram aos aposentos caiu no sono, a lama ainda grudada nos jeans.

CAPÍTULO QUATORZE

Quando acordou, Call tomou banho e, nervoso, foi ao Refeitório para o café da manhã. Tamara, Jasper e Gwenda foram com ele.

— Achei que seu pai vinha encontrar com a gente aqui — disse Jasper.

— Tenho certeza de que ele vem.

Call tentou colocar fé na resposta. Talvez Alastair já estivesse ali. Eles tinham entrado tarde da noite; talvez ele estivesse em outra parte da escola, só isso.

Call encheu seu prato com cogumelos e líquen, mas depois de se sentar não teve certeza se conseguiria comer. Estava preocupado em enfrentar Alex, preocupado em dar o que havia prometido a Greta, preocupado com tudo.

Foi então que Colton McCarmack foi até a mesa deles, o cabelo ruivo brilhando como uma moeda de cobre nova. Dois de seus amigos o acompanhavam, mas pararam antes de chegar perto demais.

— Nós estávamos apostando se vocês tinham fugido.

— Espero que você não tenha perdido muito dinheiro — disse Call. — Calma aí, na verdade espero que você tenha perdido.

Call deveria estar chateado por Colton vir incomodá-lo, mas sempre que ficava nervoso, também ficava irritadiço, e era bom colocar um pouco dessa irritação para fora.

— Nós estávamos conversando e nos lembramos de como o Alex era. Um cara maneiro. Um bom sujeito. Ele nunca teria feito uma coisa dessas — disse Colton, com uma risada de escárnio.

Tamara lançou a ele um olhar tão fulminante que Call ficou surpreso que o cabelo de Colton não tenha entrado em combustão mesmo sem que magia estivesse envolvida.

— Por que não vai bater um papo com seu velho amigo Alex? — perguntou Call, levantando-se. — Se vocês são tão amigos, talvez ele possa torná-lo o capanga número um dele.

Jasper gargalhou.

Colton pareceu mais indignado.

— Se ele está como você diz, sei que você teve alguma coisa a ver com isso. Você fez alguma coisa com ele. Você o corrompeu. O maligno é você.

— Ah, não — disse Celia, indo até eles e pondo o braço no de Colton. — Call vai fazer uma coisa corajosa amanhã.

Colton a encarou.

— Até você? — disse, e saiu pisando firme.

— Boa sorte — disse Celia baixinho a Call, depois foi atrás de Colton, com um olhar estranho na direção de Jasper.

— Que negócio foi esse? — perguntou Tamara.

Jasper deu de ombros, sem graça.

— Ela foi me procurar hoje cedo. Talvez a gente não resolva as coisas.

Call estava chateado demais para entender a vida amorosa de Jasper. Estava pensando em Alex, em como tinha achado que ele era amigável, engraçado, legal. Pensou que Alex era uma boa pessoa, assim como Aaron. Mas tudo aquilo era superficial, fingimento. A alma de Alex tinha sido terrível o tempo todo.

Todos nós achávamos que ele era legal, disse Aaron. *Era o que ele queria que a gente pensasse.*

Evidentemente, Call também tinha uma alma maligna. E talvez Colton estivesse certo quanto a isso, porque de repente Call soube como iria vencer. E não era um plano que alguém poderia descrever como bom.

— Tamara — disse —, posso falar com você um segundo?

Nesse momento o Mestre Rufus foi até a mesa deles.

— Que bom que vocês voltaram. Recebi uma mensagem de Alastair dizendo que vai se atrasar. Ele vai estar aqui amanhã. Mas hoje a Assembleia quer ver vocês. Todos vocês. Eles querem examinar o plano final. Se terminaram o café da manhã, venham comigo.

Tamara, Gwenda e Jasper se levantaram. Enquanto acompanhavam o mestre Rufus, saindo do refeitório, Call pôs a mão no braço de Tamara.

Tem certeza?, perguntou Aaron.

— Preciso contar uma coisa — disse Call a ela. — Porque não quero que a gente tenha nenhum segredo.

No caminho até a Assembleia ele sussurrou, explicando tudo que tinha pensado. Ela não o contradisse, nem quando ele achou que ela faria isso. Não disse que ele estava errado.

Só perguntou:

— Você acha que vai funcionar?

— Espero que sim — respondeu Call, e então entraram para enfrentar a Assembleia.

↑≋△○@

Os membros da Assembleia sempre pareciam sérios. Naquele momento, aparentavam estar num velório. Call olhou ao longo da comprida mesa de madeira, reconhecendo os rostos — os Mestres do Magisterium, pessoas de famílias importantes, como os Rajavis, com Graves presidindo.

— Sr. Hunt — disse Graves, sinalizando para Call e Tamara chegarem diante da mesa.

A mesa ficava em cima de um tablado, de modo que os membros da Assembleia olhavam para eles de cima para baixo, alguns impassíveis, alguns com pena.

— Sabemos que vocês andaram orquestrando um plano.

— Isso — respondeu Call, tentando projetar toda a autoridade que nunca imaginara que possuiria. — Vamos arrancar Alex do caos.

— Vocês acham que podem torná-lo des-Devorado? — perguntou a Mestra Milagros. — Isso nunca foi feito.

— Na verdade foi — disse Call. — São necessários quatro Devorados, representando cada um dos quatro elementos.

— E você quer que nós forneçamos Devorados das nossas celas? — perguntou Graves. — É impossível.

— Não será necessário — interveio Tamara, com raiva. — Já montamos nossa equipe.

— Embora vocês tenham prometido cooperar e ajudar — acrescentou Call.

— Nós prometemos não ficar no caminho — declarou Graves. — E não ficamos.

— Então é melhor continuarem assim — disse Call. — Porque todo esse plano depende de Tamara, Jasper e eu fazermos o que vocês querem. E em troca nós queremos uma coisa.

— Que seria? — perguntou o Mestre North.

— Queremos deixar Alex Strike viver — respondeu Call.

Um murmúrio percorreu a sala. Call ouviu as palavras *traidor*, *nunca* e, como sempre, *inimigo*. A raiva cresceu por dentro e ele se permitiu senti-la. Era melhor do que medo.

Não sou quem vocês acham que eu sou, pensou ele, olhando a Assembleia. *Sou pior.*

Tamara falou acima do burburinho:

— Ficamos sabendo que talvez Alex não esteja no controle de si mesmo. Talvez esteja dominado por outra pessoa. Talvez nunca tenha *escolhido* fazer essas coisas.

Jasper virou a cabeça rapidamente na direção de Call. Gwenda franziu a testa. O Mestre Rufus também. Todos obviamente queriam interrompê-lo, mas não fizeram isso.

— Sob o controle de quem ele poderia estar? — perguntou Graves. — Todos nós o vimos no campo de batalha. Todos o vimos comandar um exército de Dominados pelo Caos. E se ele estivesse sob controle do Mestre Joseph, o feitiço terminaria quando Joseph morreu.

Call respirou fundo.

— Da madrasta dele, Anastasia Tarquin.

Todos ficaram boquiabertos, olhando uns para os outros. Anastasia Tarquin fora membro da Assembleia. Só depois da última batalha é que descobriram sua traição e perceberam quem ela realmente era: mãe de Constantine Madden, trabalhando nos bastidores para ajudar o Mestre Joseph a dominar Call, esperando que ele se lembrasse de seu passado.

— Se Alex for derrotado e ficarmos sabendo que por acaso ele não estava agindo sozinho, queremos apenas que vocês concordem em não trancafiá-lo no Panopticon — disse Call. — Sei como é passar por um julgamento injusto. Sei qual é a sensação de as pessoas acharem que você é mau quando na verdade as circunstâncias o empurraram nessa direção e você não tinha escolha.

— E você acredita mesmo nisso, com relação ao Alex? — perguntou o Mestre Rufus, erguendo suas sobrancelhas expressivas.

— Sei como é sentir que a gente não pode voltar, que não tem nenhuma esperança de uma segunda chance.

Call tentou parecer tão compassivo e heroico quanto possível, mas tinha medo de estar dando a impressão apenas de uma pessoa com os olhos arregalados. Por outro lado, seus olhos não poderiam estar mais arregalados do que os de Jasper.

— Se você acredita que pode derrotar Alex e deixá-lo vivo — disse Graves —, então acredita que ele pode ser aprisionado?

— Isso é ridículo — reagiu o Sr. Rajavi, olhando incrédulo. — Ele ainda será um Makar sem controle.

— Não será — disse Call rapidamente. — Tirar todo o caos dele vai tirar também os poderes de Makar. Ele será um mago comum.

Graves balançou a cabeça lentamente.

— Isso é loucura.

— Pensem no que ele sabe — disse Tamara de repente. — Toda a magia do Mestre Joseph, os segredos de Anastasia. Se ele morresse e nós nunca ficássemos sabendo dessas coisas...

Os olhos de Graves brilharam.

— Vocês entendem que, se ele parecer rebelde e resistir, precisaremos matá-lo.

— Sim — concordou Call. — Entendemos. Só achamos que existe uma pessoa boa lá dentro, presa sob as ordens de Anastasia.

— Assim que Alex Strike for dominado ele terá de se apresentar à Assembleia e fazer um relato de todos os seus malfeitos e do papel de Anastasia neles. Então decidiremos em que acreditar — declarou Graves.

— Entendo — disse Call. — Obrigado. Mas há mais uma coisa. Quero que mudem a política em relação aos Devorados.

— Você não pode estar falando sério! — reagiu o Mestre North.

— Estou. Se eles nos ajudarem a derrotar Alex, vão querer ser tratados com justiça. Não como criminosos e monstros.

— A maioria deles vive discretamente em meio à natureza — acrescentou Jasper de repente. — Ninguém está dizendo a vocês que não se deve prender um Devorado que faz algo de errado, mas

também é errado presumir que eles são maus sem darem uma chance.

— Isso tem a ver com a sua irmã — disse Graves, espiando Tamara com os olhos estreitos. — Não é?

— Ravan é um bom exemplo — respondeu ela com teimosia. — Ela nunca fez nada de errado.

Jasper soltou uma tosse que pareceu dizer *fugiu da prisão*. Call e Tamara o ignoraram.

— Ela ajudou a derrotar o Mestre Joseph — disse Tamara. — E por isso está sendo caçada.

— Ela é perigosa — declarou Graves.

— Muitas coisas são perigosas — interveio a Sra. Rajavi em tom seco. Seu marido a olhou como se quisesse comunicar alguma coisa, mas ela estava olhando em frente. — Ainda que a Assembleia conclua que minha decisão é tendenciosa, eu gostaria de dizer que o fato de conhecer Ravan me revelou que, ainda que os Devorados não sejam como eram antes da transformação, também não são elementais. Deveríamos tratá-los melhor e poderíamos tê-los como aliados.

Graves pigarreou.

— Isso é tremendamente irregular.

Call esperou, não querendo ceder.

— Vamos discutir e informaremos nossa decisão a vocês — disse Graves finalmente, insatisfeito. — E agora queremos desejar sorte a vocês três amanhã. Estaremos prontos para ajudá-los assim que Alex for... subjugado. Estaremos lá, com os escudos, para garantir que Alex não possa invocar mais nenhuma criatura do caos. Seremos testemunhas da sua coragem.

Mas não iremos ajudar vocês.

— Ah, obrigado — disse Call. — Ótimo. E quando tivermos terminado voltaremos para discutir nossa recompensa.

— *Recompensa?* — gaguejou Graves. — Que recompensa?

— Vocês saberão — prometeu Call, rindo na direção de Jasper.

Se conseguissem fazer o resto, tirar o pai de Jasper da prisão seria moleza.

Enquanto saíam juntos da Assembleia, Call ouviu o Mestre Rufus sendo interrogado e se sentiu um pouco mal. Mas era difícil

sentir culpa demais quando ainda estava tão nervoso com a realização de seu plano.

— O que foi aquilo lá dentro? — quis saber Gwenda.

— Como assim? — perguntou Call com inocência.

— Você acha mesmo que Alex está sendo controlado por outra pessoa?

Ela pôs a mão no quadril e lhe deu o tipo de olhar de quem acredita ser capaz de detectar uma mentira a partir de algum cacoete físico. Call esperava que isso não fosse verdade.

— Talvez — respondeu.

— Ótimo. Não me diga. Vou voltar para o quarto. Jasper, vamos.

Ela saiu pisando firme. Surpreendentemente, Jasper a acompanhou sem comentários.

Tamara suspirou, parecendo culpada.

Você sabe que não terminamos, não é?, perguntou Aaron.

Como assim?

Bem, você não vai gostar, mas tem mais uma pessoa que você vai ter de colocar a bordo.

Quem?, perguntou Call, apesar de ter uma sensação ruim, de que já sabia.

Anastasia Tarquin. Você precisa convencê-la a confirmar sua história.

Ela não vai fazer isso.

Call explicou a Tamara sobre Anastasia Tarquin e que Aaron achava que eles deveriam entrar em contato com ela.

— Mas eu nem sei como fazer isso.

— A gente deveria ligar para ela — sugeriu Tamara. — Pelo telefone de tornado.

— Isso não vai funcionar! — disse Call. — Alex provavelmente está por aí fazendo maldades com ela. Não creio que ela esteja parada esperando telefonemas.

— Bem, se não funcionar, vamos precisar tentar outra coisa.

Tamara mudou de direção e foi rumo à sala de Rufus.

Não quero fazer isso, pensou Call. *Nunca sei o que dizer à Anastasia.*

Olha, disse Aaron. *Eu passei algum tempo em lares adotivos. Sei como falar com pessoas que querem que você as chame de*

mãe.

Call não tinha como questionar. Acompanhou Tamara até a sala de Rufus, um caminho que os levou ao longo do rio subterrâneo. Lembrou-se da primeira vez em que ele, Tamara e Aaron viajaram juntos por esse mesmo rio, a bordo de um barco com Rufus. Ficaram maravilhados ao vê-lo invocar elementais da água para impelir o barco. Call se lembrou das risadas de Tamara e Aaron ricocheteando nas paredes da caverna.

Lembranças enevoadas, translúcidas, de como nós éramos, disse Aaron.

Call fungou. Chegaram à sala do Mestre Rufus e Tamara manteve a porta aberta para ele. O telefone de tornado estava sobre a mesa e pela primeira vez Call notou uma foto perto dele, mostrando Rufus de pé com o braço em volta de um homem que usava óculos com aro de ouro. Parecia um sujeito legal, do tipo que poderia ser dono de uma livraria ou de um teatro. Call se perguntou como o sujeito se sentiria ao descobrir que era casado com um ninja mágico secreto.

Tamara pôs a mão no vidro que continha telefone de tornado.

— Anastasia Tarquin — disse ela.

A fumaça dentro do vidro girou em uma amálgama. Call viu os contornos do que parecia um apartamento moderno: um espaço grande com muita madeira, objetos cromados e janelas grandes com vista para o que ele supôs ser Nova York. Anastasia, parada junto a uma grande pia de metal, levantou os olhos com surpresa quando a fumaça focalizou seu rosto.

— Quem é? — sibilou ela, olhando em volta.

— Eu. Callum Hunt.

A expressão de Anastasia mudou. Ela hesitou, depois disse:

— Não é seguro falar. Ele pode voltar a qualquer segundo.

— Ela está falando do Alex — murmurou Tamara.

Diga que você sentiu falta dela, sugeriu Aaron.

— Senti sua falta — disse Call.

Ela não iria acreditar, pensou. Call se recusara a visitá-la na prisão. Mas a expressão de Anastasia se suavizou.

— Encontre-se comigo na aldeia abandonada da Ordem — pediu ela. — Lá poderemos conversar. — De longe veio o som de

uma porta se abrindo. Ela balançou a mão freneticamente. — Vá! Vejo você em uma hora!

Tamara tirou a mão do vidro e a imagem dentro dele girou até voltar a ser fumaça, mas não sem antes dar a Call um vislumbre de Alex entrando no apartamento. Ele parecia irradiar trevas, mesmo através do mecanismo do telefone.

— Estou me sentindo péssimo — disse Call, olhando para a fumaça.

— Não tanto quanto a gente vai se sentir depois de falar com ela — reagiu Tamara em um tom casual. — A aldeia fica bem longe, é melhor irmos logo.

— Acho que você não deveria ir — disse Call, sabendo que ela não gostaria disso.

— É lógico que vou. Não seja ridículo.

— Pode ser uma armadilha. Não *acho* que seja, acho que ela falou a sério, mas Anastasia pode decidir que precisa me manter em segurança e me sequestrar de novo. É sempre uma possibilidade.

— Então eu vou estar lá para ajudar você a fugir.

— Mas se Anastasia realmente for, talvez seja mais fácil convencê-la se eu estiver sozinho.

Call suspirou. Também não queria ir sozinho, mas sabia que deveria.

Pelo menos eu vou estar junto, disse Aaron.

— Ok — concordou Tamara. — Não vou até lá com você, mas vou ficar no topo da colina para garantir que nada aconteça. Se Anastasia trair você ou tentar te sequestrar, pelo menos posso avisar às pessoas. Pelo menos a gente vai poder ir atrás de você.

Call suspirou.

— Está bem.

Mas ele se sentia péssimo mesmo assim.

Os dois saíram discretamente pelo Portão da Missão. Quando passaram por outros alunos, Call notou alguns sussurros, mas não pareceu nada de muito ruim. Ninguém estava carrancudo nem parecia estar com medo. Eram como Call antigamente, olhando os alunos mais velhos saírem para uma missão importante.

Caminharam juntos pela floresta, Tamara pegando a mão de Call quando precisavam passar por cima de uma área rochosa ou pular

um tronco. Call pensou na noite em que ela havia ido ao seu quarto de hotel e na conversa que quase tinham tido. Talvez devesse dizer alguma coisa. Mas talvez não fosse a melhor hora para falar do relacionamento, já que havia a possibilidade de Anastasia tentar arrancar sua cabeça com magia do vento no momento em que o visse.

Ainda estava tentando pensar no que dizer quando chegaram ao topo da colina.

Tamara se inclinou e beijou o rosto dele.

— Para dar sorte — disse diante de sua expressão de surpresa. — Boa sorte ao Aaron também. Vocês vão se sair muito bem.

O que era meio esquisito, mas ele ficou feliz em ouvir.

— Se escutar um grito aterrorizado, esganiçado, saiba que sou eu — disse Call, e começou a descer a colina.

Anastasia já estava parada no que restava da aldeia da Ordem da Desordem, com um elemental do ar flutuando atrás dela. As casas pareciam ainda mais destruídas e havia mais mato crescido do que na última vez em que tinham estado ali, quando lutaram contra Alex e Aaron morrera. Era horrível ver o mesmo lugar de novo, com os jogadores em posições tão semelhantes.

Nem me fale, observou Aaron. O nervosismo em sua voz preocupou Call. Afinal de contas, estavam no lugar onde Aaron morrera. Tentou afastar o pensamento, para que Aaron não precisasse compartilhá-lo.

Anastasia sorriu quando Call apareceu e ele sorriu de volta. Ele tentou sentir simpatia. Afinal de contas, a mulher amava Constantine apesar de tudo que ele tinha feito. Ela o amava o suficiente para trazê-lo ao Magisterium e trabalhar por trás dos panos para garantir que ele ficasse em segurança, mesmo depois de ter se transformado num monstro, em uma pessoa completamente diferente.

Ela tinha amado Constantine mais ou menos como Alastair amava Call, só que Call não achava que Alastair teria aguentado tanta coisa do Inimigo da Morte. Mas talvez ele estivesse errado. Talvez Alastair o amasse mesmo que ele fosse um Suserano do Mal.

Call não sabia direito no que acreditar. Mas isso o fez sentir-se um pouquinho mal por Anastasia.

Diga a ela que nós destrancamos algumas lembranças, sugeriu Aaron. *Só não diga quais. Diga que você lamenta não ter se lembrado dela antes.*

— Tenho uma coisa a dizer, Anastasia — disse Call.

Ela o encarou com uma mistura de hesitação e esperança.

— Eu realmente não me lembrava de você, e sinto muito — continuou ele. — Mas depois de Alex vir para cá, percebi que Constantine tinha trancado as lembranças dele dentro da minha cabeça. Ele estava preocupado pensando que um bebê não suportaria as lembranças de um adulto, então arranjou as coisas de modo que eu pudesse me lembrar apenas quando estivesse pronto para isso.

— E você está pronto?

— Acho que sim. Nós fomos atacados por lobos, e as lembranças simplesmente se abriram. Vi a mim mesmo andando de um lado para o outro na frente do túmulo de Jericho.

Diga que conseguiu vê-la. O tom de Aaron estava firme.

— E eu pude ver você, mãe. Eu sei o quanto você me amava e o quanto se importava com o meu destino.

O rosto de Anastasia começou a desmoronar. Sua maquiagem cuidadosamente aplicada escorreu enquanto as lágrimas desciam pelas bochechas.

Diga que a culpa não é dela.

— Nada do que aconteceu comigo foi sua culpa — disse Call.

— Ah, Con.

Ela ofegou e se jogou para cima dele, agarrando-o num abraço apertado. Call firmou os calcanhares na terra macia para não ser arrancado do chão. Era tão alto quanto Anastasia, mas ela tinha a força da histeria.

— Só que agora eu preciso da sua ajuda — disse Call.

Não tão impaciente. Vá com calma.

— Por favor — acrescentou Call. — Tem a ver com o Alex.

Ela recuou, perturbada.

— Sei que ele está com muita raiva — disse Anastasia. — Ele culpa você, e não deveria. Ele não entende que você não lembrava.

Tenho certeza de que quando você explicar...

Explicar a Alex?, Call conteve uma gargalhada.

— Não vai ser possível — disse. — O Magisterium acertou as coisas de modo que Alex e eu teremos de lutar. Eles querem que eu o mate.

— Selvagens! — O rosto de Anastasia ficou sombrio. — Forçar um irmão a lutar contra o outro.

Ela não pode pensar a sério que somos irmãos.

Você não pode contradizer Anastasia, insistiu Aaron. *Faça com que ela entenda o perigo. Você e Alex podem morrer.*

— Você sabe como eu sou forte — disse Call, tentando olhá-la como Constantine teria feito. — Se Alex e eu lutarmos, vamos matar um ao outro.

Ela parecia estar com medo.

— Ele é um Devorado do Caos.

— Acho que nenhum de nós dois vai sobreviver. É por isso que preciso da sua ajuda.

— Nós poderíamos fugir. Nós três. Vivermos juntos, eu e meus dois filhos.

Ela o encarou com os olhos cheios de lágrimas.

— Não enquanto Alex for um Devorado do Caos. Pense nisso como uma doença que a gente precisa curar. Enquanto o caos estiver em Alex, ele vai me odiar e um dia vai começar a odiar você também.

— Os Devorados não podem ser curados — protestou Anastasia.

— Podem. — Call tentou passar confiança enquanto Aaron falava com ele silenciosamente. — Eu planejei tudo. O Magisterium insiste que esse confronto aconteça e eu sei como retirar o caos dele. Assim que isso acontecer, todos vamos ficar bem: desde que você diga a eles que Alex só fez as coisas ruins que fez porque você pediu.

— Porque eu pedi? — Ela recuou. — Como isso vai ajudar?

— É o que eles já pensam, de qualquer modo.

Não conte a ela que eles pensam isso porque você disse.

Call ignorou isso.

— Eles precisam acreditar que não era ele. Caso contrário, irão persegui-lo até os confins da terra e executá-lo. Mas você pode assumir a culpa e escapar.

Diga a ela que não é realmente culpada. Que ela vai ser uma heroína. Muitas pessoas vão pensar que ela fez a coisa certa.

Call respirou fundo.

— Muita gente não concorda com as decisões do mundo dos magos. O modo como eles matam os Makars na Europa. O modo como tratam os Devorados. O modo como culparam Constantine quando tudo que ele... tudo que *eu* estava tentando era acabar com a morte e o sofrimento.

Anastasia assentiu com o olhar fixo nos olhos dele. Call sentiu que estava fazendo o discurso mais importante da sua vida.

— Tenho certeza de que, quando você se levantar e falar, muitos ficarão ao seu lado — disse Call. — E você pode fugir em seu elemental do ar. Certifique-se de que ele esteja a postos.

Fale sobre o futuro, pediu Aaron.

— O Magisterium vai perdoar Alex. E então iremos até você e nós três vamos deixar o mundo dos magos para trás. Podemos passar a vida viajando. — Ele pensou nas palavras semelhantes que Alastair lhe dissera ao pedir que ele deixasse o Magisterium. — Nós podemos ficar juntos.

Os olhos frios e cinzentos de Anastasia reluziram.

— Muito bem — disse ela, lentamente. — É melhor você me contar exatamente como esse plano vai acontecer.

CAPÍTULO QUINZE

Call se sentia culpado enquanto subia a colina. Quando viu Tamara no topo, sua expressão estava soturna.

— Não deu certo? — perguntou ela.

— Deu. Eu só estava pensando em como talvez eu entenda por que as pessoas sentem medo dos magos do caos. Talvez elas *devessem* ter medo.

Tamara pôs a mão no ombro de Call.

— Não é justo que tenha que lidar com tudo isso só por ser Makar. Não foi justo quando era o Aaron, e não é justo quando é você. Nós ainda somos praticamente crianças. Talvez não tão crianças como quando chegamos no Magisterium, mas somos novos demais para sermos responsáveis pela vida de tantas pessoas. Acho que você está se saindo bem demais.

— Se você acha, então imagino que deve ser verdade.

Isso é minha culpa, disse Aaron.

Não é, não, pensou Call de volta. *Dessa vez não é culpa de nenhum de nós.*

Tamara pegou a mão dele e ficou segurando-a até voltarem ao Portão da Missão. Quando eles passaram, Jasper e Gwenda estavam esperando, sérios.

— O que aconteceu? — perguntou Call, falando acima das outras vozes.

Gwenda pareceu abruptamente sem graça, e uma pontinha de medo o atravessou.

— É melhor vocês virem — disse Jasper. — Agora.

E começou a andar pelos túneis tão rápido que Call precisou pedir que ele diminuísse a velocidade duas vezes. Quando chegaram à sala compartilhada, o Mestre Rufus estava à espera, muito sério.

Ao lado dele havia um Devorado do ar: uma névoa acinzentada que saía da forma de seu corpo para se evaporar. Suas feições foram ficando cada vez menos nítidas enquanto o formato de nuvem de seu corpo mudava.

Call podia ver os óculos, a forma do rosto, até a silhueta translúcida de cabelos castanhos e grisalhos. Call o conhecia. Não queria, mas conhecia.

O Devorado era Alastair, seu pai.

Por um momento a perna ruim de Call quase cedeu. Ele tombou de lado e se firmou numa mesa. Todos os seus pensamentos tinham fugido. Ele não queria acreditar no que estava olhando. Não queria ver o que estava à sua frente. Não queria compreender.

— Pai — disse, a palavra saindo embargada.

Tamara perdeu o ar.

Ele deve mesmo amar você, disse Aaron, o que pareceu totalmente errado para Call, ao mesmo tempo em que era verdade.

— Pai — repetiu ele.

A forma enevoada fluiu em sua direção, envolvendo-o em um redemoinho de vento. Não havia nada de reconfortante nesse toque. Era inumano demais, frio demais.

— Call — disse a voz de Alastair. — Sinto muito. Mas era o único modo que eu tinha de ajudar você.

— Nós teríamos encontrado outra pessoa — disse Call, em desespero.

— Não havia tempo.

— Mas você odeia magia! — gritou Call, agora com raiva.

Não era justo que Alastair precisasse se sacrificar. Nada daquilo era justo, nada daquilo jamais tinha sido, mas Alastair não deveria precisar abrir mão de tudo.

— Como você vai às vendas de garagem agora? Como vai trabalhar com carros? Como sequer vai dirigir? O que vai acontecer com todos os seus carros antigos? E a nossa vida juntos? E a *nossa vida*?

— Preciso ajudar você, Call. Não existe vida para mim se alguma coisa acontecer com você. Você é meu filho.

— E o senhor é pai dele! — interveio Tamara. — Não deveria ter feito isso! Call precisa do senhor.

— Eu também não queria isso — disse Alastair. — Vou sentir falta de irmos ao cinema, de trabalharmos juntos nos carros, de passearmos com Devastação, de sermos pai e filho. Fazer parte da

vida dele enquanto ele ficar mais velho e se casar, balançar um neto nos joelhos.

Tamara parecia abalada.

— Talvez esse seja o preço que eu preciso pagar por não ter contado a Call a verdade sobre a magia durante tantos anos — disse Alastair. — Por todas as vezes em que não confiei nele. Nós precisamos confiar em quem amamos.

— Agora é mais importante ainda que a Assembleia mude as regras com relação aos Devorados — disse Jasper em tom sombrio. — Para que Alastair possa estar com Call algumas vezes. E para que você possa ver Ravan, Tamara.

— Ravan. — Ela ofegou baixinho. — Precisamos convocá-la e os outros. A gente não precisa estar na torre do Alex ao amanhecer?

— Alastair — disse o Mestre Rufus em um tom de voz trovejante. — Você fez uma coisa nobre. Nobre e dolorosa. Ainda que o Magisterium não aja, eu farei todo o possível para ajudá-lo.

— Obrigado, bom mestre — disse Alastair. — Esperarei vocês todos do lado de fora do Portão da Missão ao amanhecer.

Ele se dissolveu no ar e sumiu. Call se jogou sobre a mesa. Nesse momento, não se importava com Alex. Não se importava com nada, a não ser o pai. Não conseguia pensar em qualquer outra coisa além de Alastair e em como ele estava *bem* e ao mesmo tempo *nem um pouco bem, e nunca mais ficaria bem.* Sentiu-se completamente entorpecido. Entorpecido e estranho.

— Tamara, Gwenda, Jasper — disse Rufus. — Vão se preparar para amanhã. Providenciamos novos uniformes para vocês, com feitiços na trama que repelem magia sombria.

Não sabia que vocês podiam fazer isso, maravilhou-se Aaron.

— Callum, fique aqui um momento — pediu Rufus. — Quero trocar uma palavra com você.

Os outros saíram, Tamara com relutância; Call viu que ela queria ficar com ele. Ele também precisava se preparar. Todos deveriam sair de manhã cedinho. Mas sentiu que não conseguia ficar de pé. De algum modo, o que Alastair fizera havia sido a gota d’água.

— Call — disse o Mestre Rufus. — Preciso que você saiba de uma coisa. Eu tive muitos alunos no decorrer dos anos. Alguns dos

melhores que já entraram no Magisterium. E alguns dos piores.

Call ficou olhando com ar perdido, à espera de que o Mestre Rufus dissesse que ele era um desapontamento.

— Sei que nem sempre estive perto quando você precisou de mim. Senti que você, acima de todos os outros, precisava encontrar seu próprio caminho. Frequentemente era doloroso não estender a mão. Mas mesmo quando teve chance de fugir para não enfrentar um Devorado do Caos, você não fez isso. — O Mestre Rufus inclinou a cabeça. — Acho que, dentre todos os meus alunos, você foi o que me deixou mais orgulhoso.

Hunf, disse Aaron.

— Eu estarei lá para ajudar você, amanhã — continuou Rufus. — O que quer que aconteça, estarei ao seu lado e ao lado de Tamara. Eu não poderia me sentir mais honrado.

Call pigarreou.

— Obrigado, Rufus.

Rufus assentiu e foi embora como sempre fazia, sem cerimônia. Call foi para seu quarto, exausto. Devastação, que estivera fechado lá dentro, pulou em cima dele, empolgadíssimo. Call caiu na cama e tentou dormir.

Não achou que conseguiria, mas, exausto e sentindo-se esmagado, dormiu.

↑≋△○@

Quando acordou, sentiu-se melhor em relação ao mundo. Ainda temia por seu pai, mas estava começando a perceber que ser um Devorado do ar talvez não fosse a pior coisa. Pelo menos Alastair não ficaria velho nem morreria como os pais dos outros. Alastair viveria mais do que Call. E talvez Alastair não pudesse preparar o jantar e cuidar dele exatamente como antes, mas ele nunca foi o melhor cozinheiro do mundo, e provavelmente Call iria para o Collegium. Se não morresse.

A atitude positiva não durou muito, disse Aaron.

— Você me conhece — respondeu Call. — Não é fácil morar junto, especialmente na mesma cabeça, mas acho bom que você esteja comigo. Acho bom que seja você na minha cabeça.

Independentemente do que acontecer, você é o melhor amigo do mundo.

Não é muita gente que concordaria com minha presença, disse Aaron. *E quase ninguém teria se arriscado como você a me trazer de volta à vida. Você sempre age como se devesse me agradecer por ser seu amigo, só porque sou legal, educado e consigo fazer com que as pessoas gostem de mim. Mas sou eu que deveria agradecer, Call. E agradeço.*

Call riu. Sentia-se meio sem graça, mas no geral estava surpreendentemente calmo enquanto vestia o uniforme que o Magisterium lhe dera. Amarrou as botas, enfiou Miri no cinto e foi para a sala compartilhada. Ali viu Gwenda e Jasper se embolando no sofá, o que foi meio como entrar num campo de margaridas numa bela manhã de verão e ser atropelado por um caminhão.

Eca!, disse Aaron.

— Meus olhos! — gritou Call, cobrindo-os com a mão.

Tamara saiu de seu quarto bem a tempo de ver Jasper e Gwenda se separando.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, franzindo a testa. — Ouvi um grito.

O pescoço de Jasper estava meio vermelho.

— A gente estava... é... só resolvendo umas coisas.

Gwenda olhava timidamente para o chão. Um sorrisinho curvava sua boca.

— Eu não fazia a menor ideia — disse Call, meio atordoado.

— Está brincando? — Tamara deu-lhe uma cotovelada. — Isso está rolando há séculos! O que você achou que era aquele flerte todo no carro?

— Flerte? — perguntou Jasper.

Agora ele estava chateado. Mas Gwenda e Tamara compartilharam um sorriso.

— Vamos, gente — disse Tamara. — Precisamos tomar café e depois seguir para nossa batalha com o Suserano do Mal. O *verdadeiro* Suserano do Mal.

Comeram rapidamente. Gwenda e Jasper ficaram de mãos dadas o tempo todo e Call pensou se deveria puxar Tamara para um beijo, segurar a mão dela ou alguma outra coisa. Não era justo que

Jasper fosse bastante ridículo e ainda assim soubesse mais do que Call sobre relacionamentos, garotas e, às vezes, até magia.

Tamara gosta de você, disse Aaron. *Lembre: hoje estamos otimistas.*

— Você é sempre otimista — murmurou Call, baixinho.

Nesse momento houve uma batida à porta e o tempo de discussão chegou ao fim. O Mestre Rufus estava ali com a Mestra Milagros e Graves. Tinham trazido corda mágica.

— Não vamos amarrar seus braços com força — declarou Graves. — Mas precisamos dar a aparência de que estamos obedecendo às ordens dele.

— Tamara — disse a Mestra Milagros. — Sua irmã está aqui e quer falar com você.

— Ravan?

— Não, Ravan ainda não foi invocada. É Kimiya. Ela está esperando do lado de fora do portão.

De repente Call se lembrou de que Alex tinha ordenado que Kimiya também fosse entregue a ele, que ele achava que ela ainda era sua namorada.

Também se lembrou da última vez em que tinham visto Kimiya. Ela estava com os braços em volta de Alex enquanto ele contava vantagens e Tamara parecia ter levado um soco no estômago. Call não se sentia muito inclinado a gostar dela.

Tamara engoliu em seco.

— Certo. Quero falar com ela.

Foram pelo corredor atrás do Mestre Rufus. O clima otimista de Call estava se transformando rapidamente em tensão enquanto passavam por grupos de alunos que os encaravam em silêncio. Ele tinha quase certeza de que a maioria não sabia o que estava acontecendo, mas sabiam o suficiente para entender que não se tratava de coisas boas. Afinal de contas, muitos tinham visto o ataque de Alex e acompanharam a torre de ouro se erguendo no horizonte como uma faca apontada para o céu.

Call ficava olhando ao redor enquanto eles passavam. A porta de seu antigo alojamento, o que ele tinha compartilhado com Tamara e Aaron. O corredor para o Refeitório. O caminho sinuoso para a biblioteca. Os padrões reluzentes de pedras nas paredes. A

escada que levava à Galeria. Não conseguia parar de se perguntar se essa era a última vez que veria tudo isso.

De repente houve um latido alto. Devastação tinha saído bruscamente pela porta do apartamento e vinha a toda velocidade pelo corredor. Quase trombou com Call, pulando para colocar as patas no peito dele e ganir freneticamente.

— O que está acontecendo? — Call deu um tapinha na cabeça de Devastação. — O que houve, garoto?

Nada, explicou Aaron. *Ele quer ir com você.*

— Ele só quer ir — disse Tamara. — A gente não deveria deixá-lo para trás.

— Mas ele não é mais Dominado. Não é justo levá-lo.

— Não é melhor que ele queira ir com você por amor e lealdade, e não porque está ligado a você pelo caos? — perguntou Rufus. — Ele é o seu lobo, e acho que ele mereceu o lugar ao seu lado.

Saíram pelo Portão da missão em um grupo de seis: o Mestre Rufus, Tamara, Gwenda, Jasper e Call, com Devastação atrás.

Call viu Kimiya imediatamente. Ela estava com o Sr. e a Sra. Rajavi, juntos como um grupo familiar unido. Todos olhavam cautelosos para um Alastair translúcido que pairava perto — mas não perto demais — de vários membros da Assembleia.

Dado o que havia acontecido com Ravan, Call sentiu que não podia culpar os Rajavis por olhar Alastair daquele modo. Qualquer tipo de Devorado devia horrorizá-los. Ainda assim ele os culpou.

Tamara se destacou imediatamente do grupo e correu para sua família, enquanto Call e os outros iam na direção de Alastair e dos magos. Devastação e Call cumprimentaram Alastair, que passou a mão feita de ar pelos cabelos do filho, agitando os fios sem exatamente tocá-los. Devastação farejou Alastair e latiu preocupado quando atravessou as pernas dele.

Em volta, alguns membros da Assembleia conversavam com outros magos que Call não conhecia e que estavam explicando sobre a torre. Pelo jeito eles realmente haviam construído aquela coisa enorme, com uma sala de TV e um monte de quartos, mas tinham usado os mesmos materiais enfeitiçados que empregavam no Panopticon. Seria muito mais difícil para Alex invocar criaturas do

caos quando estivesse lá dentro — e eles planejavam lacrar a entrada assim que Call e seu pessoal tivessem entrado.

Isso também permitiria que os magos enxergassem através dos materiais, indo ao auxílio de Call se fosse possível.

— Se bem que isso cria o perigo de Alex Strike ser capaz de invocar mais elementais do caos — disse Graves.

Diga a ele que você não vai precisar de ajuda, sugeriu Aaron. *As pessoas gostam de ouvir esse tipo de coisa.*

Mas e se a gente precisar?, quis saber Call.

Só diga. Ele não estará mais ou menos capacitado para ajudar, independentemente do que você disser. Mas vai achar que você é corajoso e vai gostar mais de você.

Às vezes Aaron dava um pouco de medo. Não: muito medo.

— Eu posso cuidar do Alex — disse Call.

Graves realmente pareceu aliviado.

Antes que precisasse prometer mais alguma coisa, Call foi até onde Tamara falava com a família.

— Eu estava dizendo a todo mundo que sinto muito — disse Kimiya. — Não percebi como Alex estava cheio de ódio. Achei que seria meio divertido construir nossa própria organização, ter uma coisa nossa. Alex disse que a Assembleia tinha mentido para todo mundo, que Constantine estava morto havia muito tempo e que eles só queriam que todo mundo ficasse com medo. E quando percebi que era verdade, que Constantine *tinha* morrido, acreditei em todas as outras coisas que ele disse. Nunca pensei que ele faria mal ao Aaron. Se soubesse... *tudo* seria diferente.

Tamara olhou para a irmã parecendo duvidar.

— Ele queria machucar as pessoas. Ele fez isso.

— Eu tentei a sorte com alguém de quem eu gostava — disse Kimiya olhando objetivamente para Call. O que era totalmente injusto. Bom, um pouco injusto. — E errei. Mas agora estou aqui para ajudar a derrotá-lo.

Tamara olhou para a irmã sem carinho nem confiança. Às vezes Call se esquecia de como ela podia ser inflexivelmente teimosa.

— Você não vai ser contida — disse ela à irmã. — Você vai ter que tomar a dianteira no ataque, ok? Assim que estivermos dentro,

será sua função garantir que os Devorados tenham tudo de que precisam para se manifestar. Inclusive Ravan.

Houve uma explosão suave quando o nome de Ravan foi dito. Ela apareceu, uma pluma de fumaça e chamas.

— Ravan — disse Tamara, suspirando aliviada. — Você veio.

A Devorada do fogo chegou mais perto, queimando. Agora era possível enxergar sua forma, o cabelo comprido e o rosto jovem, feito de chamas. Ela falou:

— Minha pequena família, feita de cera e pavio. Estão com medo de mim?

A Sra. Rajavi balançou a cabeça.

— Não consigo olhar.

Ela virou o rosto molhado de lágrimas.

— Mãe, você não me vê? — preguntou Ravan, tremulando. — Vai dizer que não me conhece?

— Ravan — disse a Sra. Rajavi, com uma tristeza imensa na voz. — Nós conhecíamos você, mas não temos certeza se conhecemos agora.

— Talvez eu seja impossível de ser reconhecida. — Ravan tremulou uma vez. — Mas mesmo assim vou queimar por vocês.

— Minhas filhas. — A Sra. Rajavi começou a soluçar. — Ah, Ravan. Ah, Tamara e Kimiya, será que vou perder todas vocês? Como isso pôde acontecer? Por que com a nossa família?

Tamara e Kimiya se adiantaram para reconfortar a mãe. Call sempre tivera sentimentos confusos com relação aos Rajavis. Eles tinham sido frios com ele, apesar de serem gentis com Aaron, e lhe pareciam sérios e cruéis. Mas a ideia de que aqueles pais corriam o risco de perder *todas* as filhas fez Call recuar para lhes dar espaço.

Foi imediatamente abordado pelo Mestre Rufus.

— Call. É hora de invocar os outros dois Devorados.

Call acompanhou o Mestre Rufus até o centro de um círculo de magos. Jasper e Gwenda já estavam lá. Os magos olharam em silêncio Jasper invocar uma pequena poça d’água, que borbulhou em volta dos pés dele. Jasper se ajoelhou e a tocou.

— Lucas — disse, e pulou para trás, surpreso, quando a poça saltou para cima numa coluna, formando a figura de Lucas. Os magos ficaram chocados e vários recuaram.

Era a vez de Callum. Ele tirou o geodo de Greta do bolso, abaixou-se e bateu com o cristal com toda a força na lateral de uma pedra.

O geodo se despedaçou em fragmentos brilhantes. Todos observaram os cacos com expectativa, mas nada aconteceu.

— Está funcionando? — sussurrou Jasper no ouvido de Call.

— Iu-hu — disse uma voz entediada e todos se viraram para ver Greta surgir e se deslocar ruidosamente como uma pilha de pedras até pairar perto da borda do círculo. — Estou aqui.

Ela e Lucas acenaram um para o outro. Alastair foi lentamente até eles, e Ravan pairou junto, deixando uma trilha de fagulhas. Todos os magos se afastaram para dar espaço aos Devorados, ou talvez para dar espaço entre eles e os Devorados.

Ouvindo gritos, Call se virou e encontrou Gwenda tendo uma discussão feroz com o Mestre Rufus.

— Mas eu *tenho* que ir — disse ela. — Eu faço parte do grupo de aprendizes! Eu ajudei a reunir os Devorados!

O Mestre Rufus balançou a cabeça.

— De jeito nenhum, Gwenda. Call, Jasper e Tamara vão porque Alex exigiu. Não vou sacrificar a segurança de mais uma aluna sem ter um bom motivo.

— Mas esse *é* um bom motivo — insistiu Gwenda. — Eu posso ajudar a protegê-los! — Ela girou e viu Call. — Call, diga a ele que eu tenho que ir com vocês.

Call hesitou.

— Gwenda, você tem sido uma boa amiga, e salvou nossa pele várias vezes desde o início do Ano de Ouro. Desculpe se algum dia subestimei você, mas de jeito nenhum Alex deixaria você ir com a gente. No minuto em que vir alguém que ele não pediu, ele vai soltar o caos.

Os olhos de Gwenda reluziram com fúria, mas Call percebeu que ela sabia que ele não estava mentindo.

— Não quero ficar para trás.

Call olhou para o Mestre Rufus.

— Ela não pode ir com os professores e a Assembleia? — perguntou. — Seria justo.

O Mestre Rufus suspirou.

— Verei o que posso fazer.

— Ouçam todos! — Era a voz de Graves, amplificada e ecoando. — Callum Hunt. Tamara Rajavi. Jasper deWinter. Por favor, venham até mim.

Tamara se afastou da família com relutância. Jasper saiu de perto de Lucas e, alguns segundos depois, todos estavam à frente de Graves, junto com Devastação, que tinha se enfiado ao lado de Call.

— Esse lobo Dominado... — começou Graves com raiva.

— Ele não está Dominado — disse Call. — É só um lobo comum.

Graves olhou para Devastação, que piscou com os olhos de lobo, normais, grandes e esverdeados. Graves pareceu irritado.

— Amarrem as mãos deles — disse.

A Mestra Milagros e o Mestre North se aproximaram por trás. Call e os outros levaram as mãos às costas e os professores começaram a enrolar tiras de metal flexível enfeitiçado em seus pulsos. Call sabia que isso era necessário, mas mesmo assim a raiva fervia por dentro dele.

— Essas amarras vão se soltar quando vocês fizerem força três vezes rapidamente — disse Graves. — Mas também serão destruídas, de modo que, por favor, não testem antes.

Tamara o olhou com culpa. Obviamente estava prestes a fazer isso.

Alastair girou no ar, tornando-se apenas vento, soprando em volta da cabeça de Call.

— Estarei com você — prometeu.

Um instante depois, um apito de metal caiu nas mãos atadas de Call. Ele fechou os dedos com força em volta do objeto. Quando olhou para Jasper, uma garrafa d’água estava enfiada no bolso dele. Tamara estava com uma bolota de carvalho e Kimiya com um par de palitos de fósforo que pareciam chamuscados numa ponta, como se Ravan tivesse se negado a parar de queimar.

— Preparem-se — disse Graves. — Vamos voar até a torre.

Os magos se ergueram no ar. Call sentiu-se sendo levantado, sentiu o vento soprando abaixo, mas com Alastair tão perto, mesmo tendo sua magia atada, não podia sentir medo. Lembrou-se de

como tinha desejado não ter peso, de como quisera voar para evitar todas as dificuldades de uma perna que doía tanto.

Mas isso havia sido um desejo de criança. Agora seus problemas não podiam ser resolvidos por um pouco de magia.

Talvez eles possam ser resolvidos por um monte *de magia*, disse Aaron.

Voaram por cima de campos e estradas cinzentas que serpenteavam lá embaixo, com a floresta e o Magisterium ficando para trás. Call viu Devastação girando pelo ar, as patas balançando, e Tamara perto, o cabelo escuro voando como um estandarte. Ela olhou para ele e deu um sorriso encorajador.

À distância a torre de ouro se erguia, cada vez mais perto. Apesar de ter sido construída tão rapidamente e sem nenhum propósito a não ser atrasar Alex, ela era ao mesmo tempo linda e formidável. Call se perguntou que propósito ela poderia ter depois do dia de hoje.

Presumindo, lógico, que o propósito não fosse ser sua tumba.

Pousaram num gramado diante da única porta da torre. Assim que seus pés tocaram o chão, uma nuvem carregada passou no céu, sinalizando a chegada de Alex com um relâmpago que acertou um trecho de folhagens, escurecendo-o e fazendo todo mundo pular.

— Essa *criança* ridícula — resmungou Graves.

No céu, Alex e seu séquito ficaram visíveis.

Alex ainda estava montado em seu elemental do caos em forma de dragão, mas agora sua roupa estava ainda mais elaborada. Ele usava preto — óbvio — e enormes botas pretas com grandes fivelas prateadas na forma de relâmpagos. Também tinha uma capa sobre os ombros.

Aquilo é mesmo uma capa?, perguntou Aaron.

Aham, respondeu Call.

O cabelo de Alex estava espetado para cima, com gel. Voando ao seu lado havia mais dois elementais do caos, ambos com formas de cavalo que pareciam muito menos fixas. Às vezes pareciam ter asas; em outros momentos, em vez de pernas pareciam ter tentáculos de polvo, compridos e móveis. Call supôs que um era para Anastasia. Temeu que o outro fosse para Kimiya.

Enquanto Alex pousava, sua capa se agitou no ar e Call viu a coroa de metal opaco na cabeça dele, as pontas parecendo dentes. Por um momento, embora soubesse que tudo aquilo era calculado, que Alex só se importava com a ilusão, a ilusão funcionou. Call sentiu um fiapo de medo e estremeceu.

— Membros da Assembleia dos magos e outros luminares, fico feliz por terem decidido se curvar às minhas exigências e reconhecer minha superioridade — disse Alex. — Essa torre que construíram para mim é bem interessante. Não quero fazer nada nojento, estilo Inimigo da Morte, como reanimar pessoas ou animais. Esse não é o meu barato. Meu barato é todo mundo saber como sou espantoso e apavorante.

— Quer dizer, todo mundo no mundo dos magos? — perguntou Graves. Mesmo sendo só para aparentar, ele parecia furioso. — Você ainda pretende manter os grandes segredos da magia, não é?

Alex gargalhou e a multidão de criaturas em volta dele uivou e riu. Era uma coisa muito mais amedrontadora do que tudo que ele havia dito. Ele podia ser uma criança ridícula, como Graves tinha dito, mas tinha acesso a um poder enorme e a criaturas que podiam usá-lo.

— Manter o quê? — perguntou zombando.

— O silêncio do mundo dos magos! — trovejou Graves. — Nós não contamos aos que não possuem magia sobre a existência da magia. Isso coloca todos nós em perigo. Já foi suficientemente difícil construir essa torre idiota sem chamar atenção para o que estava acontecendo...

— Minha torre não é idiota — reagiu Alex, e fez um gesto casual na direção de Graves.

Um fogo preto saltou de seus dedos e engoliu o membro da Assembleia. Em segundos não restava nada além de um círculo de grama chamuscada.

Kimiya gritou, depois conteve o som com um esforço óbvio enquanto Alex franzia a testa para ela. Os magos também gritavam, vozes ecoando na clareira. Jasper olhou para Gwenda, com o rosto franzido de preocupação. Tamara apenas balançou a cabeça, séria.

O Mestre Rufus se adiantou, entrando no círculo escurecido.

— Alex Strike — disse.

Alex gargalhou.

— Mestre Rufus. Joseph falava de você o tempo todo. O grande mago que tinha ensinado a Constantine Madden. Mas ser seu assistente não revelou nenhuma grandeza. Constantine foi o que foi apesar de você, e não por sua causa. — Ele virou os olhos na direção de Call, com a boca se esticando num riso. — Afinal de contas, veja como você se saiu mal com Callum.

— Você pode fazer comigo o mesmo que fez com Graves — disse Rufus, e Call ficou tenso.

Achou que não suportaria se Alex varresse seu professor da face do mundo. Teria de se soltar das amarras, e isso arruinaria tudo.

— Mas então você não terá nada do que deseja. Estará declarando guerra contra a comunidade dos magos e, como você mesmo disse, você não quer isso. Quer ser deixado em paz.

— Verdade — disse Alex, examinando as próprias unhas.

— Seria mais fácil para você, também, se o mundo comum não ficasse sabendo sobre os magos — disse Rufus. — Pense no que você poderia fazer. Poderia usar sua magia para enganá-los e ganhar milhões.

Alex gargalhou.

— Talvez você *seja* brilhante, Rufus. Está bem. Vou manter a magia escondida. — Ele virou seus olhos reluzentes, cheios de estrelas, na direção de Kimiya. — Venha, querida. Você ainda me ama?

Kimiya deu um sorriso luminoso. Call ficou inquieto enquanto ela corria pela grama na direção de Alex e segurava o braço dele. Ou ela estava fingindo coragem ou iria trair todos eles.

Alex se inclinou para beijá-la. Tamara fez um som de revolta. Felizmente foi um beijo rápido e Alex se separou rindo, o braço em cima dos ombros de Kimiya.

— Mandem os reféns se adiantarem — disse Alex. — Façam com que eles andem para a entrada.

Os olhares de Tamara e Call se encontraram. Pelo menos estavam juntos nisso. Aaron também. Os três contra o mundo. Quem imaginaria que, quando Rufus os havia escolhido, eles se tornariam as pessoas mais importantes da vida de Call? Ele olhou

para Jasper, para o rosto decidido do garoto. Call nunca havia pensado que os dois seriam amigos, mas, de algum modo, sempre que sua vida precisava ser salva, Jasper estava ali, estendendo a mão — em geral com alguma fala sarcástica, mas mesmo assim presente.

Call deu um passo à frente e os outros fizeram o mesmo. Foram pela grama até o lugar onde o chão passava a ser de cascalho. O solo ainda estava revirado pelos pés dos magos que trabalharam na construção da torre. Devastação se colocou ao seu lado, mantendo o corpo peludo bem próximo à sua coxa, de modo protetor.

Call olhou para trás. Os magos da Assembleia pareciam muito distantes. Só podia ver Gwenda e Rufus...

Com um movimento do pulso Alex lançou uma chama de fogo do caos na direção de todos eles. Call conteve um grito ao perceber que Alex não estava atacando, mas lançando um bloqueio. O fogo subiu por uma parede interminável que se curvou ao redor deles, separando Jasper, Call, Tamara, Kimiya, Devastação e Alex dos magos, mas permitindo que acessassem a torre.

Alex deu um risinho.

— Vejamos nosso novo lar. Callum, pode ir na frente.

Com um último olhar para o fogo que o separava do Mestre Rufus, Call foi arrastando os pés na direção da entrada da torre, uma enorme porta de madeira pesada. Como não era capaz de abri-la, ficou parado até que um dos elementais do caos se aproximou. A criatura estendeu um tentáculo para a porta, mas no ponto onde ela tocou a madeira havia apenas um buraco onde antes estivera a maçaneta.

— Automotones! — gritou Alex. — Faça.

O enorme elemental do metal saiu da fumaça que os rodeava e avançou para a porta. Call ficou olhando: todos tinham lutado contra Automotones uma vez e quase foram mortos.

Automotones dirigiu-se pesadamente até a porta. Seus olhos, que eram engrenagens, giravam fazendo barulho. Sua mão disparou adiante, e uma lâmina vibrando e zumbindo apareceu em sua extremidade. Ele serrou a porta até que um enorme pedaço caiu com estrondo no chão.

Alex vai ter de mandar consertar essa porta, pensou Call. *Definitivamente não é um cara que costuma planejar a longo prazo.*

Automotones recuou, e todos entraram com vários níveis de relutância. O primeiro andar era um grande cômodo redondo, totalmente vazio a não ser por um tapete e uma escadaria espiral.

Call subiu e os outros foram atrás.

O segundo andar era um salão gigantesco com janelas enormes através das quais Call podia ver as copas das árvores. Havia vários sofás e uma cozinha pequena, junto com uma tela grande como a da Galeria, onde Alex costumava projetar filmes. Como Call não tinha certeza de para onde Alex queria que ele fosse, parou e foi na direção do canto mais distante. Tamara foi atrás, e depois Jasper.

— Agora — disse Call a eles.

Em seguida fez força três vezes contra as cordas e suas mãos estavam livres. Depois levou o apito à boca e soprou. Nenhum som saiu, apenas um vento louco que percorreu o salão até se amalgamar na forma de Alastair e depois desaparecer de novo. Ao seu lado, Lucas se manifestou — e em seguida Greta. Mas os dois sumiram quando Alex entrou no salão. Call manteve as mãos às costas, apesar de não estarem mais atadas. Tamara e Jasper fizeram a mesma coisa.

Alex deu um sorriso presunçoso, girando para admirar sua nova casa, com a capa farfalhando atrás dele. Estava segurando uma das mãos de Kimiya. Call achou que o sorriso no rosto dela parecia forçado.

Esperou que fosse mesmo.

— É bem legal aqui, não é? — disse Alex, balançando um braço para indicar todo o espaço: o piso de mármore, os grandes sofás com almofadas, a TV enorme. — Mãe! Estou em casa!

Anastasia, pensou Aaron. *É óbvio que ela está em algum lugar aqui.*

— Alex? — todos ficaram imóveis enquanto Anastasia descia a escadaria, vinda do andar de cima. Ela usava um vestido branco e uma espécie de capa branca e diáfana. Seu cabelo cor de gelo estava preso num coque apertado.

Ela olhou firme para Call por um longo momento, e ele não conseguiu decifrar sua expressão. Sentia-se gelado por dentro: e se

ela tivesse visto pela janela o que havia acontecido com Graves? E se estivesse reconsiderando tudo?

Calma, disse Aaron. *Você não sabe disso.*

Mas ele também parecia apavorado.

Anastasia atravessou o salão até ficar perto de Alex, que sorriu de orelha a orelha. Ele olhou para Call com um riso de desprezo que parecia exagerado, como se tivesse sido ensaiado diante de um espelho.

— Você achava mesmo que o Magisterium valorizava a vida de vocês o suficiente para salvá-los, não é, Call Hunt? — Ele gargalhou. — Mas eles entregaram vocês três imediatamente. São covardes, como todos os magos. Eu li todos aqueles livros na casa do Mestre Joseph, e durante a leitura percebi que nós tínhamos ficado fracos. Antigamente os magos eram importantes, usavam o poder para algo diferente de manter as pessoas a salvo dos elementais. Logo você vai estar morto, Callum. E então todo mundo terá de reconhecer que eu sou o maior mago de qualquer geração, aquele que derrotou o Inimigo da Morte.

— Você não me derrotou — disse Call. — Foi o Magisterium que me amarrou, não você.

— Ninguém se importa com detalhes técnicos! — gritou Alex. — Ninguém se importa com a história real. Você acha que as pessoas se importaram com o fato de que Constantine amava o irmão dele ou que a mãe dele o amava? Não, porque isso é uma chatice. E não vão se importar com a facilidade com que o Magisterium permitiu que matassem você, também. Só vão se importar em saber que fui eu que fiz isso.

— Mas não Tamara, certo? — perguntou Kimiya. — Ela é minha irmã.

Alex hesitou.

— Ela é leal ao meu inimigo, Kimiya.

— Talvez a gente possa matar os dois garotos e trancar a garota na masmorra — disse Anastasia em tom tranquilizador.

— Esse lugar tem uma masmorra? — perguntou Jasper.

— Lógico que tem — respondeu Alex rispidamente. — E não abra a boca a não ser que eu me dirija a você, deWinter. Você *deveria* ter sido leal a mim. Seu pai foi leal ao Mestre Joseph.

— Meu pai estava errado — disse Jasper baixinho.

Call ficou olhando. Achava que nunca tinha ouvido Jasper dizer isso, antes.

— Eu mandei você não falar! — gritou Alex.

— Ou então vai fazer o quê? — perguntou Jasper. — Me matar?

— Chega — disse Call. — Talvez ninguém precise morrer. Talvez a gente possa fazer algum acordo.

— Nada de acordos, Hunt — reagiu Alex. — Dessa vez você não tem nada que eu queira. Não estou interessado em trazer pessoas de volta dos mortos. Estou interessado no poder. E na vingança. — Ele riu. — Quero que vocês façam fila à minha frente — disse ele, e as estrelas pretas em seus olhos reluziam como furos de alfinete. — Primeiro Tamara. Depois Jasper. Depois você, Call. Vou matar vocês nessa ordem, para que você veja seus amigos morrendo, Makar.

— Você disse que não iria machucar Tamara! — berrou Kimiya.

— Mudei de ideia.

Alex levantou a mão. Ela estava brilhando com luz escura, um halo de obscuridade em volta dos dedos.

Kimiya saltou para longe dele, pegando a caixa de fósforos com as mãos trêmulas.

Alex girou na direção dela, com fumaça envolvendo as mãos. Call se virou para olhar Tamara e Jasper, ambos pálidos, mas eles balançaram a cabeça como se dissessem: *Ainda não.*

— O que você está fazendo? — perguntou Alex a Kimiya.

— Eu só estava...

Kimiya pareceu ficar sem palavras. Recuou para longe de Alex que se aproximava dela, obviamente aterrorizada. A caixa de fósforos caiu das suas mãos.

— Você vai mesmo me trair? — perguntou Alex. — A mim? Que ia salvar você de toda a sua velha vida tediosa?

— Não foi assim que você disse que iria ser — disse Kimiya. — Você nunca disse que ia machucar as pessoas.

— Então você conspirou contra mim? Com esses fracassados?

Alex balançou a cabeça. Em seguida levantou a mão e um relâmpago de caos cresceu a partir da palma; Tamara voou para cima dele, abandonando o fingimento de que estava com as mãos

atadas. Ele girou o braço com a força do caos, jogando-a de lado, e as mãos de Call também se separaram à medida que foi tomado pela fúria. Como Alex ousava tocar em Tamara? Como ousava ameaçar seus amigos?

Ainda estava invocando o caos dentro de si quando Alex soltou um raio de fogo preto... Que acertou Kimiya em cheio.

No mesmo momento o caos explodiu da mão de Call. As duas confluências de luz escura se encontraram no ar, mas nenhuma se dissolveu. Chocaram-se e ricochetearam na parede da torre, explodindo a pedra e transformando-a em pó.

— Uau — disse Jasper.

Call concordou. O caos tinha atravessado pedra, metal e vidro, e agora havia um buraco do tamanho de um caminhão na parede da torre. Do outro lado do buraco Call podia ver o campo. A parede de fogo do caos se esvaía, mas os magos ainda não podiam atravessá-la. Muitos deles olhavam boquiabertos para a torre, alguns apontando.

Então a cara imensa e metálica de Automotones preencheu aquele espaço. Kimiya gritou. Tamara estendeu a mão para a irmã e a puxou para o chão. A bolota de carvalho rolou de sua mão. Jasper derrubou a garrafa, espalhando água em toda parte. Call tirou o apito do bolso, segurando-o com força.

Anastasia se abaixou e pegou a caixa de fósforos.

Alex se virou para Call, com o sorriso grudado na cara.

— Ah, então vocês acharam que iam lutar contra mim! Foi por isso que vieram voluntariamente. O Magisterium e a Assembleia vão pagar por ter aprontado contra mim, mas vocês vão pagar primeiro.

— Vou? — perguntou Call.

— Eu sou o caos! — gritou Alex. — Eu me tornei o vazio!

— Ah, cala a boca — disse Call. — Ninguém está interessado.

Alex o encarou boquiaberto. Call não pôde evitar. Tinha começado a rir. Porque atrás de Alex, Alastair estava girando, o ar se amalgamando para formar sua figura gigantesca. Devastação latiu enquanto Lucas se erguia da poça d’água no chão, reluzindo e prateado. E da bolota de carvalho de Tamara, que fora esmagada, Greta emergiu, um rio de pó e terra erguendo-se no ar.

— O que é isso? — Alex girou e olhou para aquilo com incredulidade, levantando a mão de novo. — *Devorados*. Mas por que estão aqui? *Por que vocês estão aqui?*

— Anastasia — gritou Call. — Acenda um fósforo!

Os olhos claros dela se viraram para ele, com a expressão estranha.

Mãe. Você deveria dizer "Mãe", lembrou Aaron, mas era tarde demais. Call não tinha feito isso, e agora ela sabia que ele estivera mentindo.

Tudo ia dar errado.

Anastasia deu um passo na direção de Call, o olhar relampejando. Um borrão cinza voou entre eles — era Devastação, que cravou as mandíbulas no pulso dela. A mulher gritou e largou os fósforos. Alex lançou outro relâmpago de caos contra Devastação, mas o lobo saltou e o fogo preto se chocou contra a parede da torre. Mais pedras desmoronaram.

— Você está me fazendo arruinar minha torre! — gritou Alex para Call. — Você sempre destrói tudo!

Call não podia negar. Mais do que ser um Makar, esse era praticamente o seu superpoder.

Kimiya estava com os fósforos de novo. Com as mãos trêmulas ela pegou um e o riscou. Ele pegou fogo e logo Ravan estava presente, chamejando.

Ela olhou para as irmãs e um sorriso malicioso cresceu em seu rosto.

— Preparem-se — disse Call baixinho.

Prontos, respondeu Aaron.

— O que vocês estão fazendo? — gritou Alex enquanto os Devorados corriam para ele.

E de repente foi como se o mundo desmoronasse sobre si mesmo. Cada elemento colidindo com o caos: a força do ar, o calor intenso do fogo, o caráter implacável da água, o peso enorme da terra. Todos caíram sobre Alex com a força destrutiva de mil tornados rasgando campos, mil vulcões explodindo com uma intensidade que escurecia o céu, mil terremotos corcoveando e rasgando cidades e mil inundações carregando populações inteiras num turbilhão de água. Eles eram humanos, mas não eram

humanos; Call protegeu o rosto com a mão enquanto os Devorados rasgavam violentamente o caos que envolvia Alex, enquanto arrancavam pedaços com as mãos, retalhos oleosos de nada que se dissolviam completamente no ar.

Alex soltou um enorme berro de agonia que fez um relâmpago de medo atravessar Call. E se eles o matassem? E se destruíssem seu corpo?

Esse não era o plano.

Automotones inclinou a cabeça para trás e berrou, depois virou as mandíbulas na direção de Jasper. Ele girou nos calcanhares e lançou fogo contra Automotones, sucessivas explosões de chamas que fizeram o monstro de metal recuar girando, suas placas e engrenagens reluzindo vermelhas de calor.

É bom ver Jasper finalmente pegando o jeito com o fogo, disse Aaron.

Automotones cambaleou na direção deles outra vez. O fogo preto do caos tinha morrido lá fora e os magos corriam para a torre, batendo na porta fechada. A torre tremeu.

Alex ainda estava gritando. Ele inclinou a cabeça para trás com um uivo e a escuridão irrompeu de seus olhos — duas longas trilhas obscuras que saltaram no ar. Kimiya gritava feito louca. Tamara estava de pé, criando um escudo de ar para protegê-la.

Alex virou a cabeça de lado. Estava cercado pelos Devorados. Lágrimas pretas escorriam de seus olhos. Ele estendeu a mão.

— Mãe — grasnou. — *Mãe*.

Anastasia cambaleou para longe dele. Seu rosto era uma máscara de horror. O rosto de Alex se retorceu e um último raio de caos disparou de sua mão. Foi fraco — Call pôde sentir —, mas tinha força suficiente. O raio acertou Anastasia no peito, levantando-a do chão e largando-a com um buraco preto aberto onde tocara.

Alex ficou frouxo.

Agora, disse Aaron.

Call invocou tudo que tinha aprendido sobre a torneira da alma e mandou sua concentração girando na direção de Alex. Podia *ver* a alma de Alex, a luz que vinha dela, não mais escurecida pelo caos. Sentiu-a, quase como se a segurasse nas mãos, pulsando e soltando fagulhas, envolvida com cordas de ódio, ambição e dor.

Call podia ver o garoto que antes gostava de ser popular, que gostava de ser o assistente do Mestre Rufus, mas que nunca achou isso suficiente. Viu o garoto que tinha criado ilusões elaboradas a partir de filmes, colocando neles seus amigos e ele próprio, sempre ele — como o vitorioso, a pessoa que no final ganhava tudo. Call viu a parte de Alex que tinha se sentido abandonada com a morte do pai, trocada por uma mulher que tinha objetivos próprios, uma obsessão própria. Viu a ambição de Alex crescer, florescer e se deturpar. Viu o ódio dele contra Call, o ressentimento, o desejo de ser o vencedor. Viu tudo isso, viu a alma de Alex, inteira, humana e com defeitos.

Com toda a força Call se firmou — e tentou arrancá-la do corpo de Alex.

Sentiu um eco terrível ao fazer isso. O corpo em que ele vivia era roubado, e agora ele estava roubando outro. Mas, mesmo fraco, Alex era um Makar e lutou contra isso. Fez força também, firmando-se contra a consciência de Call, forçando o corpo físico de Call a ficar de joelhos.

Você nunca vai me derrotar, declarou a voz de Alex, ecoando na cabeça de Call. Por um momento Call se sentiu desenraizado, à deriva. E se fosse mais difícil permanecer em seu corpo, já que não tinha nascido nele? E se não conseguisse se segurar quando Aaron o deixasse para trás? O pânico começou a brotar em seu peito. O peso de Alex empurrando de volta o lançou contra o chão, os cotovelos firmados, os ombros fazendo força.

Não posso fazer isso, pensou. *Não posso.*

Talvez um de nós não possa, mas nós dois vamos fazer, disse a voz de Aaron, segura e forte. Ele juntou os pensamentos aos de Call e, unidos, os dois se lançaram de volta contra Alex, soltando-o das linhas brilhantes que ancoravam sua alma ao corpo, empurrando-o para fora. Empurrando-o para o nada.

As cordas que prendiam a alma de Alex ao corpo se esgarçaram e se partiram, e ele foi embora sem emitir ao menos um grito. Call não sabia para onde as almas iam — achou que ninguém sabia —, mas tinha certeza de que para algum lugar muito além do vazio.

Aaron, pensou Call. *Aaron, você precisa ir.*

Então foi como se sentisse a alma de Aaron hesitante, nervosa. Call estendeu o pensamento para Aaron uma última vez: para seu contrapeso, para aquela alma que era a mais familiar do mundo além de sua própria. Era como se suas mãos roçassem a alma de Aaron, segurando-a por um momento e depois libertando-a.

O corpo de Alex se sacudiu uma vez e ele respirou ofegante.

Aaron, pensou Call. *Deu certo?*

Mas não houve resposta. Só existia um silêncio cheio de ecos dentro da cabeça de Call. Ele estava sozinho. Não tinha percebido como estava desacostumado a ficar realmente sem companhia na própria cabeça.

Os sons chegaram com um estrondo quando Call percebeu que a batalha continuava. O dragão do caos tinha comido outra parte da torre. Dezenas de magos tinham voado para o segundo andar, ajudados por Alastair e o poder do ar, e estavam se juntando a Jasper e Tamara na luta contra Automotones. Greta, Lucas e Ravan também tinham se juntado: Greta estava jogando pedras contra os elementais do caos, Lucas direcionava jatos de água superaquecida contra eles e Ravan atirava relâmpagos de fogo.

Dentro da torre, Kimiya estava com Anastasia no colo e parecia que tentava impedir que ela morresse.

Call cambaleou, ficando de pé.

— A... Alex?

Alex abriu os olhos. Kimiya ofegou: eles tinham voltado a ser azuis, não mais pretos e cheios de estrelas. Tossindo violentamente e parecendo atordoado, Alex ficou de joelhos.

Os gestos pareciam familiares. Ele não se movia como Alex. Movia-se como Aaron. Tinha os gestos dele. O coração de Call batia na garganta. Estaria imaginando ou será que o plano dos dois havia dado certo?

O Mestre Rufus subiu correndo a escada e entrou intempestivamente no salão; atrás dele vinham o Mestre North e a Mestra Milagros. Olhavam a cena à frente: Anastasia morrendo, os Devorados ainda pairando no salão que tinha enormes pedaços das paredes arrancados.

E Alex no meio daquilo tudo.

— Alex! — gritou Call. — Alex, impeça as criaturas do caos. Mostre a elas que você está do nosso lado.

— Parem — gritou Alex, numa voz que era ao mesmo tempo como a sua voz de sempre e diferente. — Parem, todas vocês, criaturas do caos! Eu *ordeno* que parem!

O dragão interrompeu os movimentos bruscamente. Automotones rugiu. Fora da torre houve mais sons ecoantes enquanto as criaturas do caos o ouviam.

— Voltem para o caos! — gritou Alex. — Voltem ao lugar de onde vocês vieram!

Mais Mestres estavam se apinhando atrás de North, Rufus e Milagros. Todos olhavam para Alex, que estava de pé com as mãos estendidas, ordenando que as criaturas do caos se dispersassem.

— Elas estão indo — disse Milagros, pasma. — Olhem!

Através do buraco aberto na parede Call viu as criaturas do caos darem meia-volta e recuar, com Automotones à frente. Enquanto se afastavam, pareciam tremeluzir e desvanecer, deixando apenas manchas de escuridão que pairavam como fumaça no céu.

Os magos do Magisterium comemoravam. Ravan, Lucas, Greta e Alastair tinham desaparecido, provavelmente preocupados, achando que não seriam particularmente bem-vindos agora que o perigo imediato acabara.

— Call. Venha cá — chamou Kimiya, ansiosa.

Tamara estava ajoelhada ao seu lado, invocando magia da terra para curar Anastasia.

Call não tentou impedi-la. Nada iria ajudar Anastasia naquele momento. Ela sorriu para ele e havia sangue em seus dentes.

— Con — sussurrou ela.

Tamara mordeu o lábio, com um vermelho surgindo nas bochechas. Ela sempre odiava quando Anastasia chamava Callum pelo nome de Constantine Madden.

— Con — repetiu Anastasia. — Sei o que você fez. Eu sei.

Ele estendeu a mão e tocou a dela, porque nunca pretendera que ela se machucasse. Nunca pretendera que ninguém se machucasse.

— Sinto muito — disse. — Sinto muito, de verdade.

— Às vezes você não se parece nem um pouco com o meu filho, nem um pouco — disse ela, depois levantou a voz. — Magos do Magisterium, tenho uma última confissão!

Alex se agachara novamente.

— Era eu que controlava Alex — continuou Anastasia, e todos os magos no salão ficaram sem fôlego e silenciosos, ouvindo. — Era eu que controlava tudo: não era o Mestre Joseph, nem Constantine Madden. Era eu. Eles sempre foram meus peões. Vocês todos eram meus peões.

— Como? — perguntou o Mestre North. — Como você fez isso?

— Eu aprendi com o melhor. Meu filho Constantine, o Inimigo da Morte. Ele manteve Jericho sob controle durante anos, obrigando-o a ser seu contrapeso e a entregar pedaços de sua própria alma. Quando Alex se tornou meu filho adotivo, comecei a controlá-lo. A princípio eram coisas pequenas. Mais tarde fiz dele totalmente obediente ao Mestre Joseph. Ele não tinha escolha, a não ser obedecer. — Ela tossiu e o sangue espirrou em sua roupa branca. — Façam o que quiserem com ele. Não me importa. Eu nunca o amei.

— Então por que está contando isso? — perguntou o Mestre Rufus.

— Eu quero ficar com o crédito — grasnou Anastasia. — Fui eu que o tornei um Devorado, fui eu que fiz com que essa torre fosse construída. O Magisterium tirou meu filho, mas no fim isso serviu a mim e aos meus desejos. — Ela olhou para Call. Ele se obrigou a sorrir, e algo no rosto dela relaxou. — Vocês não podem mais me machucar — disse num sussurro e seus olhos se fecharam. A cabeça tombou de lado.

Tamara soltou um grito. Gwenda correra pelo salão indo até Jasper e ele a abraçou, sério.

Alex olhava para ela com o rosto pálido.

— O que eu fiz? — perguntou, e isso parecia uma pergunta perfeitamente adequada, vinda de um lugar no fundo dele. Alex olhou para os magos, para o Mestre Rufus. — Vocês deveriam me prender. Alguém deveria me prender.

— Esperem! — disse Call. — Vocês ouviram Anastasia. Ela o obrigou a fazer todas aquelas coisas. Ela o obrigou a se tornar

Devorado do Caos. Vocês concordaram em perdoá-lo.

— Nós concordamos em entrevistá-lo — disse o Mestre North. — Pelo menos Graves concordou. E graças a ele, Graves está morto.

Alex baixou a cabeça. *Aaron*, pensou Call. *Aaron, olhe para mim.*

Mas ele não olhou. E Call não sabia se deveria pensar nele como Alex ou Aaron, não sabia se a alma de Aaron estava intacta dentro daquele corpo ou se Aaron estava em agonia, esmagado pela culpa, pelo horror ou por um milhão de outras coisas. Ou talvez a alma dele tivesse sido despedaçada — talvez agora ele não fosse ninguém, nem Alex nem Aaron.

E então Call notou Devastação. O lobo tinha ido para perto de Alex e estava focinhando gentilmente a mão dele, como fazia antigamente com Aaron. E, distraidamente, Alex — Aaron, tinha de ser Aaron — acariciou a cabeça do lobo.

Call viu o Mestre Rufus espiando o lobo com os olhos estreitados. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, o Sr. e a Sra. Rajavi subiram correndo a escadas e entraram na sala para abraçar Tamara e Kimiya.

— Vocês conseguiram, queridas — disse a Sra. Rajavi, beijando as duas. — São minhas heroínas. Tenho muito orgulho de vocês.

Em particular, Call pensou que Tamara merecia todo o crédito, mas ficou quieto.

Alastair apareceu num redemoinho de ar, assustando a todos.

— Os outros foram embora — disse ele. — Parece que finalmente acabou.

— Vai acabar assim que eles deixarem Alex livre — insistiu Call, e seu pai lhe deu um olhar muito confuso.

Aaron (porque Call tinha certeza de que Alex era Aaron, certeza absoluta, só que realmente desejava que Aaron dissesse alguma coisa para confirmar) não falou nada.

— Chega — disse o Mestre Rufus. — Vamos sair dessa torre. Não fará mal a ninguém se contivermos... Alex. Vamos manter as mãos dele atadas até ele ser julgado diante da Assembleia.

— Vamos levar o corpo de Anastasia para o Collegium, e prepará-lo para o enterro — disse o Mestre Cameron, um dos

magos que Call reconheceu de sua breve visita ao Collegium durante o Ano de Bronze.

Rufus assentiu. Estava nítido que agora todos olhavam para ele como antes olhavam para Graves.

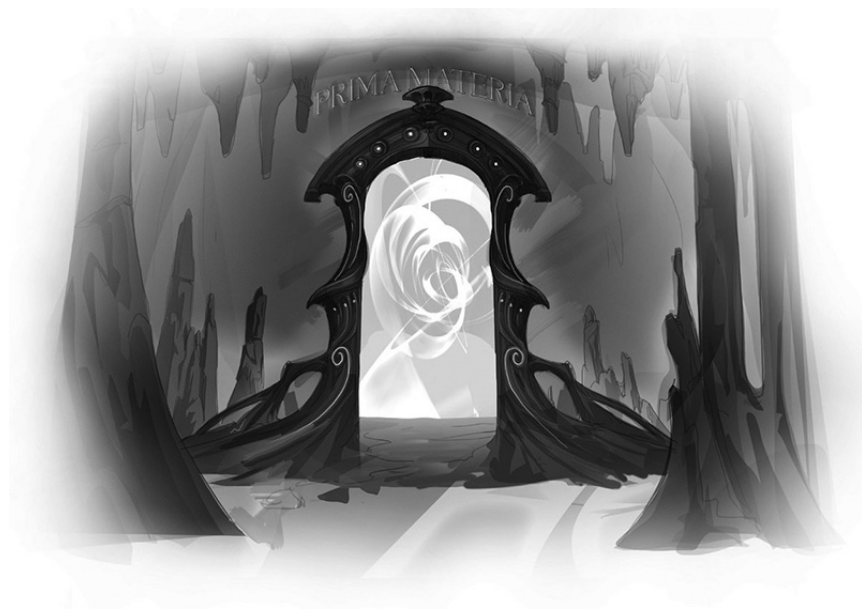
— Assim que tivermos certeza de que ninguém mais está muito ferido, decidiremos o que fazer com Alex.

— Por que você está agindo como se estivesse no comando? — perguntou o Mestre North, que não parecia ter entendido o recado.

— Eu recebi o pedido de entrar para a Assembleia e concordei. Durante muito tempo desejei ficar longe do mundo dos magos. Não é fácil ter ganhado fama por ter sido tutor de um dos nossos grandes inimigos. Mas desta vez eu disse sim. — O mestre Rufus pareceu sério. — Agora podemos levar esses alunos para algum lugar seguro? Eles arriscaram o suficiente por nós.

Call tentou dizer alguma coisa a Aaron, mas o Mestre North já o estava levitando no ar. Tamara também estendeu a mão para Aaron, mas ele passou sem reagir. Os olhares de Call e Tamara se encontraram, ambos com a mesma pergunta.

Aaron estava ali? E, em caso positivo, estaria bem?

PRIMA MATERIA

CAPÍTULO DEZESSEIS

A viagem de volta ao Magisterium foi um borrão. Call foi levado rapidamente para a Enfermaria, depois enrolado em cobertores pela Mestra Amaranth. Tamara e Jasper foram enrolados em outros cobertores ao lado dele. Chegou a notícia de que Anastasia tinha sido declarada morta, coisa que Call já sabia. Mesmo assim as palavras eram duras.

Gwenda abraçou todos eles. Trouxe Rafe e Kai, que abraçaram Jasper e fizeram *high-fives* com Tamara e Call. Informaram que a escola estava comemorando e que todo mundo estava agindo como se nunca tivesse suspeitado de Call. Já que Kai e Rafe agiam também como se eles mesmos nunca tivessem suspeitado de Call, ele acreditou.

Alastair disse que ele, Greta, Lucas e Ravan estavam indo embora antes que acabassem trancafiados junto com Alex. Tinha, no entanto, recebido a promessa do Mestre Rufus de que na próxima reunião discutiriam a criação de um sistema melhor para lidar com os Devorados, mas que até lá deveriam ficar longe.

— Verei você quando tiver se formado — prometeu Alastair a Call. — Não se preocupe comigo. Preciso voltar para casa e garantir que todas as minhas coisas sejam bem-cuidadas.

Os dois fizeram uma pausa, sem jeito, por um momento. Alastair tocou o rosto de Call. O gesto pareceu um sopro de ar.

— Eu sinto muito — disse Call bruscamente. — Isso tudo aconteceu por minha causa. Por minha causa você é um Devorado do ar e nunca mais vai consertar carros nem ir ao cinema.

— Eu vou ao cinema. — A voz de Alastair soou gentil. — Vou ficar nos fundos. Não vou precisar pagar para entrar!

— Você entendeu.

— Escute, Call. Durante toda a vida eu quis ser capaz de fazer mais. Mais para derrotar o Inimigo da Morte. Para vingar Sarah. E percebi que agora esse sentimento passou, como se eu finalmente o tivesse posto para dormir. Finalmente pude fazer o suficiente.

— Destruindo Alex? — perguntou Call.

— Criando você. Você é uma pessoa boa, Call, é um guerreiro. E um tremendo mago. — Seus olhos brilharam. — Não consigo nem explicar o quanto isso valeu a pena.

Call sentiu o coração se animar. Quase perguntou a Alastair quando iriam para casa juntos, mas a Mestra Amaranth estava olhando para eles carrancuda. Alastair piscou e desapareceu.

Call suspirou.

— Mestra Amaranth? Será que eu poderia ir descansar no meu quarto? Não estou com dor, mas estou cansado demais.

A Mestra Amaranth o olhou com suspeita. Ele supôs que ela já tivera um monte de gente tentando entrar ou sair dos seus cuidados. Sua cobra, enrolada nos ombros como uma estola, reluzia entre azul-celeste e amarelo.

— Se você realmente acha que deve, Callum. Se ficar tonto ou parecendo que vai desmaiar, volte imediatamente.

— Posso ir com ele? — perguntou Tamara, levantando-se e afastando o cobertor.

A Mestra Amaranth levantou as mãos.

— Acho que sim. Afinal de contas, quem sou eu para retardar os heróis do Magisterium com uma coisa insignificante como garantir que eles estejam bem?

Jasper também parecia a ponto de pedir para ir embora, até que Gwenda entrou na Enfermaria e abraçou todos eles. Então, de repente, ele pareceu sentir uma dor na perna que exigiu que Gwenda se sentasse na sua cama e dissesse como ele tinha sido corajoso.

Call escapou para o corredor, com Tamara atrás.

— Vamos ver o Aaron, não é? — perguntou ela.

Ele confirmou.

— Se conseguirmos descer. Não temos mais a chave.

— Warren levou a gente até lá uma vez — disse Tamara, e começou a chamar o pequeno lagarto. — Waaaaaarrrrrrren, cadê você? O tempo acabou. Nós conseguimos. Acabou. Mas precisamos da sua ajuda uma última vez.

Uma língua saltou do teto, acertando Tamara no nariz e fazendo com que ela o esfregasse com força, gritando:

— Que nojo! Isso é nojento, Warren.

O lagarto elemental soltou um chiado que poderia ser uma gargalhada. Depois desceu do teto e a cada movimento ia ficando maior. As pedras preciosas em suas costas brilhavam com uma luz feroz enquanto ele crescia e crescia. Quando terminou, estava maior do que Devastação, com a boca cheia de dentes que eram pedras preciosas.

— Uh — disse Call. — Epa. Não sabia que você podia fazer isso. Por que eu não sabia que você podia fazer isso?

— No seu passado está o seu futuro — respondeu Warren. — E no seu futuro está o seu passado.

Call suspirou, percebendo que não havia chance de Warren, independentemente do tamanho, dar uma resposta honesta.

— Você pode levar a gente pelo caminho secreto até onde Aa... digo, *Alex*, está preso?

— Outro segredo? Sim, Warren vai guardar outro segredo. Warren vai levar vocês ao lugar. Mas vocês vão dever a Warren, e um dia Warren vai pedir alguma coisa também.

— Achei que salvar o mundo era o que já tínhamos feito em troca — disse Tamara, irritada.

Ignorando-a, Warren partiu. Na verdade era mais fácil acompanhar sua versão maior. Ele ainda era capaz de subir pelo teto, o que deixou Call meio nervoso. E se aquela coisa enorme caísse em cima dele?

Passaram pela entrada secreta até a prisão dos elementais, pela câmara de fogo e depois pela do ar, onde estranhos elementais chiavam dentro de jaulas de cristal transparente que fizeram Call se lembrar do tempo passado no Panopticon.

Viram Aaron facilmente, sentado no chão de uma pequena cela.

Diante dela, o Mestre Rufus andava de um lado para o outro.

— Daqui a alguns minutos vamos à reunião da Assembleia — disse ele. — Mas primeiro quero que você me diga o que está acontecendo.

Aaron olhou para a parede. Era chocante como, para Call, agora ele se parecia com Aaron, e não com Alex. Como se a forma de seu rosto tivesse mudado sutilmente. Call sabia que ele jamais responderia ao Mestre Rufus, já que a resposta poderia deixar Call e Tamara encrencados.

— Como assim, o que está acontecendo? — perguntou Call. — O senhor ouviu o que Anastasia disse. Alex estava dominado por ela. Agora está livre.

As sobrancelhas expressivas de Rufus subiram.

— E exatamente o que vocês estão fazendo aqui? Em um lugar onde não deveriam estar. Tenho certeza de que isso também não é mistério.

— Ah... — disse Call.

Sem Aaron dentro de sua mente era muito mais difícil bolar o tipo de resposta das quais os professores gostavam.

Rufus balançou a cabeça.

— Seja qual for a resposta, eu não acredito — disse ele diretamente. — Controlar alguém é uma magia poderosa, do tipo que exige supervisão constante. Mas Anastasia raramente visitava o Magisterium.

— Ela esteve aqui durante o Ano de Bronze — explicou Tamara. — Foi quando Alex começou a ficar maligno.

— Mesmo que ele estivesse sendo controlado — disse Rufus —, mesmo que a morte dela o tenha libertado, ele ainda seria Alex Strike. Mas Devastação se aproximou dele e o tratou como se ele fosse um de vocês. Alguém que ele conhecia e amava.

Na jaula, Aaron balançou a cabeça muito ligeiramente. Call desejou ainda ser capaz de ler a mente dele e saber o que ele tentava comunicar.

— Quando você disse que queria dar uma segunda chance ao Alex, eu me perguntei o que você estaria pensando — disse Rufus. — Sabia que você jamais perdoaria Alex por ter matado Aaron. Mas você insistiu em que ele vivesse. E aqui ele está, parecendo incólume. E parecendo não ser mais Alex.

Tamara engoliu em seco e sussurrou:

— Como assim?

— Acho que vocês estão entendendo o que eu quero dizer. Mas quero que *vocês* digam. Mas antes vou deixar uma coisa explícita: a reunião da Assembleia que determinará o destino de Alex está para começar. Se vocês não me disserem a verdade, vou me opor à liberdade dele de todos os modos possíveis. Se contarem agora, eu *posso* ajudá-los.

— Não é uma proposta fantástica — disse Call.

O Mestre Rufus cruzou os braços.

— É a única que você vai receber.

— Ótimo — suspirou Call, jogando fora toda a cautela. — Esse aí não é o Alex. É o Aaron.

Aaron olhou para o chão. O Mestre Rufus não pareceu surpreso.

— Aaron não morreu no campo de batalha.

— A alma dele entrou em mim — respondeu Call. — Eu estava carregando ele dentro da cabeça esse tempo todo, mas nós sabíamos que ele precisava de um corpo. E Alex matou Aaron! *Assassinou*, sem motivo! Era justo que fosse ele quem desse um corpo e a vida de volta a Aaron.

— E você sabia disso, Tamara? — perguntou Rufus.

Tamara segurou a mão de Call. Mesmo na tensão do momento Call notou o calor dos dedos dela; seu toque lhe deu confiança e ele endireitou um pouco mais a postura.

— Eu sabia de tudo — respondeu ela. — Concordei em proteger Call *e* Aaron. Se Aaron não tivesse tomado o corpo do Alex, Alex não iria parar até que Call estivesse morto. E machucaria muito mais pessoas. O senhor viu o que ele fez com Graves. Agora uma pessoa boa está viva graças ao que fizemos.

— Distribuindo vida e morte como se fossem pequenos deuses — disse o Mestre Rufus. — O que eu ensinei a vocês? O que há nos meus métodos que encoraja meus alunos a tamanhas demonstrações de arrogância? — Essa última parte saiu em voz muito mais alta do que Rufus costumava falar com eles, mesmo quando estava desapontado.

Call ficou pasmo, mas foi Aaron que falou:

— Não foi culpa sua. Ou acho que, se foi, é porque o senhor vive escolhendo Makars.

Rufus lhe deu um olhar demorado.

— Continue, Sr. Stewart.

Aaron suspirou.

— A magia do caos é diferente. Aposto que existe um monte de garotos no Magisterium que usariam a própria magia para todo tipo de coisas esquisitas. Falsificar e vender pedras preciosas, enfeitiçar coisas mágicas para fazer com que pessoas não mágicas pulem

num pé só ou sei lá o que, mostrar filmes com finais modificados. É esse o resultado de testar os limites da magia comum. Mas testar os limites da magia do caos resulta... nisso.

— Você está falando como você mesmo, Aaron — declarou Rufus. — Se eu não estivesse com tanta raiva ficaria pasmo.

— Não queremos mais encrenca — disse Call. — Eu não queria *nenhuma* encrenca. Nem queria estudar aqui, se é que o senhor lembra.

Rufus parecia a ponto de questionar isso, mas Call o interrompeu:

— Eu não estava certo quanto a isso, mas o que estou tentando dizer é que nós não vamos mais brincar com a vida e a morte, nem nada assim. Vamos para o Collegium e não vamos mais nos meter em encrencas.

— Muito bem — disse o Mestre Rufus. — Vou pensar nisso e tomar minha decisão na reunião da Assembleia. — Ele balançou uma das mãos e a parede transparente que mantinha Aaron trancado sumiu. — Mesmo que não possa dizer toda a verdade — aconselhou a Aaron — fale com o coração.

Tamara abraçou Aaron com força.

— Estou tão feliz que você esteja de volta!

Call sentiu um tremor de ciúme familiar, mas empurrou o sentimento para longe, simplesmente feliz por ter o amigo de volta no mundo. Aaron foi até Call e o abraçou com a mesma força com que Tamara e ele tinham se abraçado.

— Obrigado — disse em voz baixa. — Por tudo. Pela minha vida. Você é meu contrapeso, meu equilíbrio. Sempre vai ser.

— Venha. — O Mestre Rufus guiou Aaron para que andasse à sua frente. Com um movimento dos pulsos de Rufus, Aaron estava amarrado. — Mas estamos atrasados para a reunião da Assembleia.

Call e Tamara acompanharam o Mestre Rufus, saindo dos corredores dos elementais e passando por algumas câmaras cheias de ecos, até chegarem ao grande salão que a Assembleia tinha usado. A mesma mesa estava ali e dessa vez Aaron foi posto no centro. Ficou de pé, com todo mundo encarando-o. Call se lembrou de como era a sensação.

— Alex Strike — começou a Sra. Rajavi, e Call escutou a raiva na voz dela. — Você assassinou um dos nossos membros à nossa frente. Você é responsável por muitas outras mortes e muitas dores de cabeça. No entanto, alega que estava sob influência de Anastasia Tarquin. Você tem alguma prova disso?

— Ela confessou — respondeu Aaron. — Tudo que fiz foi sob a influência dela.

— Você se lembra de ter sido controlado? — perguntou o Mestre North, sentado no lugar antes ocupado por Graves. — Lembra-se do que você fez?

Aaron balançou a cabeça.

— Não tenho nenhuma lembrança de ter sido um Devorado do Caos — respondeu. O que era verdade, supôs Call. — Nem de trair o Magisterium. Sou leal ao Magisterium e odeio o Mestre Joseph. — Ele falou isso com um veneno que seria difícil fingir.

— Você compreende que não é fácil acreditar nisso, certo? — disse a Mestra Milagros, mas sua voz estava mais suave. — Todos nós vimos você queimar a floresta em volta do Magisterium. Vimos você torturar crianças e assassinar o Mestre Rockmaple.

— Foi Anastasia.

Aaron parecia mais nervoso, provavelmente porque agora *estava* mentindo, o que sempre o deixava desconfortável. Não tinha sido Anastasia, tinha sido Alex.

Agora os dois estão mortos, pensou Call, com o máximo de força que pôde. Pela primeira vez sentiu falta de sua comunicação telepática com Aaron. *Você não está machucando nenhum dos dois. Não importa o que pensem sobre eles, só importa que você esteja bem.*

— Por que ela fez tudo isso? — perguntou o Mestre Rufus. Sua expressão era impossível de ser decifrada. — Por que usar você para derrubar a escola, a Assembleia?

— Ela culpava e odiava todos os magos pela morte dos filhos — respondeu Aaron. — A princípio eu achei que seria um novo filho para ela, mas na verdade fui só um brinquedinho. Ela havia aprendido algumas coisas com os livros de Constantine. Conseguiu segurar um pequeno pedaço da minha alma e tomar o controle dela, do mesmo modo como a Ordem da Desordem controla os animais

da floresta. Quando todo mundo ficou sabendo sobre Aaron, ela agiu. Assumiu o controle e me fez assassiná-lo e tomar seus poderes de Makar. Depois disso não me lembro de mais nada.

Tamara bateu com o ombro no de Call.

— Isso foi bastante bom — sussurrou. *Uma mentira bastante boa*, foi o que ela quis dizer.

Murmúrios percorreram o salão. Call ouviu alguém dizer:

— Ela confessou.

E:

— Mas e se ele estiver mentindo?

— E se eles estavam nisso juntos? — disse outra pessoa.

— Acho que é hora de votarmos — declarou o Mestre North. — Todos que sejam a favor de aceitar a história de Alex Strike como verdadeira e que queiram permitir sua volta ao Magisterium levantem a mão.

Call sabia que ele e Tamara não podiam votar. Tamara estava olhando para seus pais num pedido mudo: depois de um longo tempo os dois levantaram as mãos. Pareceu a Call que muitas pessoas tinham votado a favor de Aaron, mas, para seu horror, viu que a mão do Mestre Rufus estava abaixada. Aaron olhou para seu Mestre, pálido de choque.

— Certo — disse o Mestre North, fazendo uma anotação. — Agora, todos que sejam a favor de mandar Alex Strike para o Panopticon levantem a mão.

Um número igualmente grande de mãos se levantou, dentre elas a da Mestra Milagros. Mas o Mestre Rufus continuou com as mãos sobre a mesa.

— Rufus? — perguntou North, parando com uma caneta na mão.

— Eu me abstenho — disse Rufus em um tom de voz seco como cascalho.

O Mestre North deu de ombros.

— Então está empatado — disse. — Rufus, você precisa votar. Precisamos de um desempate.

— Ele precisa — sussurrou Tamara. — Ele *precisa* votar a favor... a favor *dele*.

Tamara olhou para Aaron. Call mal conseguia permanecer sentado. Suas unhas estavam cravadas com tanta força nas palmas das mãos que doía.

O Mestre Rufus se levantou.

— Há uma coisa que pode determinar a verdade — disse ele. — Em vez de um voto dado apenas pela intuição, eu gostaria de ver Alexander Strike e Callum Hunt passarem pelo Quinto Portão.

O salão explodiu em balbúrdia. O Mestre Rufus permaneceu inexpressivo, como uma pedra no meio de um rio turbulento.

— Call é meu aprendiz — continuou Rufus. — Alex era meu assistente. Posso dizer que os dois estão prontos para isso. O Quinto Portão, o Portão de Ouro, tem a ver com fazer boas obras no mundo, com pretender fazer o bem genuinamente. Se o portão permitir que passem, é sinal de que aprenderam essa lição. Notem que Constantine jamais passou por esse portão; ele saiu da escola antes que pudessem pedir que o fizesse. Se Alex conseguir cruzar para o ouro lado, acredito que devamos aceitar que qualquer coisa que ele tenha sido obrigado a fazer foi por circunstâncias adversas, mas que, na verdade, ele tem coração puro.

Os magos se acalmaram ouvindo Rufus falar. Quando ele terminou houve um longo silêncio.

— Muito bem — disse, enfim, o Mestre North. — Eu gostaria muito de ver esses dois serem testados pelo portão. Na alquimia o ouro é considerado o metal mais puro, portanto o Portão de Ouro testará a pureza do coração de vocês. Se fracassarem, meus filhos, vocês serão aprisionados para sempre. Não haverá mais chances. Voltem para seus aposentos, vistam os uniformes e se preparem.

— Se eles vão passar pelo portão — disse Tamara —, eu também vou.

— E se fracassar você vai compartilhar o destino deles? — perguntou o Mestre North.

O Mestre Rufus não pareceu satisfeito.

— Não — respondeu a Sra. Rajavi, levantando-se. — Evidente que não. Ninguém duvida de que Tamara vem agindo a favor do Magisterium e do mundo dos magos. O destino dela não está sendo questionado.

O Sr. Rajavi se levantou junto com a esposa.

— Deixem nossa filha fora disso.

— Eu libertei Call da prisão. Acredito em Alex — disse Tamara aos magos. — Acredito o suficiente para compartilhar do destino deles. Vou passar com eles. E se o portão me rejeitar, não mereço nada diferente do que eles receberem.

— Tamara... — começou Call.

Ele acreditava que ela conseguiria passar pelo portão, mas não gostava nem da mais remota ideia de ela e o Panopticon se aproximarem.

— Muito bem — disse o Mestre North, interrompendo Call. — Vão se preparar. Encontro vocês três no Hall dos Graduados.

Enquanto voltava ao alojamento, Call sentia o corpo inteiro tremer com uma tensão liberada pela metade. Tamara deu a mão para ele. Aaron estava arfando, como se lutasse contra um ataque de pânico.

— Acho que conseguimos — disse Call finalmente, enquanto entravam no alojamento. — Só precisamos passar pelo portão final. Teremos completado o Magisterium e evitado a prisão.

Aaron assentiu lentamente, soltando um suspiro longo e se sentando no sofá.

— Só vamos esperar que esse tal Portão de Ouro deixe a gente passar. E obrigado a vocês dois por me trazerem de volta à vida. É meio esquisito dizer isso, mas foi muito mais esquisito conseguir.

Tamara deu-lhe um soco no ombro.

— Bem-vindo de volta — disse, e ele a envolveu num abraço.

Os dois sorriram, e Call também estava sorrindo.

— Qual é a sensação? — perguntou Call. — De estar totalmente de volta?

Aaron se virou para ele e, mesmo sendo o rosto de Alex, era fácil ver sua alma brilhando.

— Como é não estar chacoalhando dentro da sua cachola, você diz? É meio estranho, como se esse corpo fosse uma roupa que ainda não se ajusta direito. Mas é legal e tranquilo. Morar na sua cabeça era como viver numa espécie de redemoinho de autorrecriminação, teimosia e ideias ridículas. — Ele se virou para Tamara. — Sério. Você tinha que ver as coisas que ele não diz em

voz alta. Ele estava bolando um modo de derrotar Alex que envolvia chiclete, clipes de papel e...

— *Certo* — disse Call, interrompendo enquanto guiava Aaron para o quarto de Jasper, onde ele esperava que houvesse algum uniforme extra. — É melhor a gente se preparar. Não podemos deixar os magos esperando.

Ele e Tamara foram para seus quartos, trocar de roupa. Devastação dormia na cama de Call com as patas para cima. Call sentiu uma pontada de dor: quem cuidaria de Devastação se ele não conseguisse atravessar o portão? Passou a mão na cabeça do lobo, tentando não pensar em mais nada, e foi em direção ao armário.

Um uniforme do Ano de Ouro, de um vermelho profundo e limpo, estava pendurado ali. As roupas anteriores de Call estavam arruinadas, cobertas de lama e sangue. Num determinado ponto, as séries que cada um estava tinham começado a ficar muito pouco claras. Este não era o primeiro portão pelo qual passavam numa ocasião diferente do resto dos colegas de turma. Mas seria a última.

Trocou de roupa e foi pegar Miri, que estava em sua mesinha de cabeceira. Prendeu-a ao cinto. Estava pronto.

Só que não totalmente. Houve uma batida à porta e Tamara entrou. Também estava usando o uniforme do Ano de Ouro, as bochechas vermelhas, o cabelo preso numa trança na nuca. Call achou que ela estava linda e ficou aliviado porque, pela primeira vez, não havia ninguém em sua cabeça para zombar dele. Podia simplesmente olhar para Tamara e pensar em como gostava dela. E ainda que um dia ela não gostasse dele, e se esse dia fosse hoje, desde que ela continuasse sendo sua amiga, tudo bem.

— Vim porque queria dizer uma coisa — começou ela. — Uma coisa que não consegui falar antes.

Call ficou imediatamente alarmado.

— O quê?

— Isso — disse ela, abraçando-o e lhe dando um beijo.

Por um segundo Call se preocupou com a possibilidade de estar chocado demais para se mexer, mas não foi o caso. Ele envolveu Tamara com os braços e retribuiu o beijo. Foi como voar. Ela passou os braços em volta de seu pescoço e ele a segurou mais perto ainda

num beijo incrivelmente suave e doce. Era como se estrelas e cometas explodissem no cérebro.

Ela recuou só um pouco e tinha lágrimas nos olhos.

— Pronto — disse. — Eu não podia fazer isso enquanto o Aaron estava na sua cabeça.

— Sério? Tipo, você quer dizer que... que gosta de mim? Porque eu amo você, Tamara, e quero namorar com você.

E pouco antes tinha achado bom se ela fosse apenas sua amiga, pensou Call. Algum surto de loucura, só podia ser. Ele encarou Tamara com ansiedade enquanto ela estreitava os olhos. Ah, meu Deus, ela ia dizer não. Ia dizer que aquele beijo tinha sido apenas para colocar um ponto final na história, ou porque sentia pena dele, ou porque presumia que ele iria morrer logo.

— Também amo você — disse ela. — E realmente odeio a ideia de outra pessoa ser sua namorada, por isso acho melhor que seja eu.

Desta vez foi Call que deu o beijo, e ela ficou nas pontas dos pés para retribuir. Ainda estavam se beijando quando Devastação começou a latir. E quando eles se separaram, rindo, Devastação estava arranhando a porta do quarto de Call.

— Argh, isso quer dizer que tem alguém aí — disse Tamara, se afastando dele com relutância. — Acho melhor a gente ver se é o Mestre Rufus.

Saíram para a sala de mãos dadas. Mas não era o Mestre Rufus. Eram Gwenda e Jasper. Jasper olhou os dois de mãos dadas e levantou as sobrancelhas.

— Será a realização de um conto de fadas? — perguntou.

— Cala a boca, Jasper. — Gwenda lhe deu um soco de leve no ombro.

— É — disse Call, sem sentido.

Jasper podia tirar sarro da cara deles por se beijarem, mas naquele momento ele não sentia mais vontade de tirar sarro da cara de ninguém. Estava feliz demais e apavorado demais, uma combinação estranha.

— Pediram para a gente levar vocês até o último portão — explicou Jasper. — Os outros magos estão esperando. Só não acho justo que vocês se formem antes do tempo e eu não. Sem dúvida

isso vai fazer com que seja mais provável o Collegium dar um lugar bom para vocês. — Ele suspirou. — Mas... pelo menos meu pai vai ficar bem.

Call assentiu. Não conseguia se obrigar a se sentir mal porque o pai de Jasper permaneceria preso, mas estava feliz por Jasper, porque nada a mais iria acontecer com ele.

— É mais provável que o Collegium barre a gente — disse ele, tentando animar Jasper. — Para evitar que a gente queime tudo, até os alicerces.

— É — concordou Tamara. — E as opções eram "formatura adiantada" ou "ir para a prisão, não terminar o curso e não ganhar um milhão de dólares".

Nesse momento, Aaron saiu do quarto de Jasper. Todos pararam imediatamente. Ele estava usando um uniforme que cabia direito, por isso Call supôs que não era de Jasper.

O sorriso de Aaron saiu esperançoso e cheio de nervosismo.

— Eu não era... eu mesmo. Antes. Mas agora sou. Espero que vocês possam me perdoar.

— Você agora está mesmo no Time dos Bons? — perguntou Jasper.

Aaron confirmou com a cabeça.

Jasper lhe deu um olhar longo e firme.

— Hã.

— Vamos — disse Gwenda. — Vamos descobrir se ele está numa boa.

Foram juntos pelas cavernas do Magisterium, passando por uma sala com estalagmites compridas e lama fumegante que esquentava o ar. Enfiaram-se por outra porta e chegaram ao Hall dos Graduados. Um arco que Call nunca tinha visto tremeluzia com luz dourada. As palavras em relevo *Prima Materia* brilhavam na parede acima, como se fossem iluminadas por dentro dos sulcos.

Um grupo menor tinha se reunido para testemunhar o evento. Mestre Rufus, Mestra Milagros, o Mestre North e os Rajavis.

Gwenda e Jasper murmuraram últimas palavras desejando sorte a Call e Tamara antes de atravessar a sala e ficar ao lado dos professores e os membros da Assembleia.

O Mestre Rufus estava com um sorriso tenso, que relaxou quando eles entraram.

— Tamara, Alex, Call. Vocês estão prontos para passar pelo último portão do Magisterium, o Portão do Equilíbrio. Antes seus estudos lhes permitiram passar pelo controle, a afinidade, a criação e a transformação. Há muito tempo vocês passaram pelo Primeiro Portão, o Portão do Controle, e se tornaram magos por natureza. Agora, quando passarem pelo Portão do Equilíbrio, serão não apenas magos, mas membros do mundo dos magos. Passar por ele exige que sejam capazes de pôr de lado os próprios desejos e emoções pelo bem dos outros. Se conseguem ver o portão, estão prontos para ser testados. Tamara Rajavi, você primeiro.

Com a postura ereta, Tamara caminhou até o portão. Como tinha feito com o primeiro portão pelo qual havia passado, ela ergueu a mão para tocá-lo. Então sumiu de vista.

— Agora você, Alex Strike.

— Certo — disse Aaron, parecendo nervoso.

Em seguida, enxugou as mãos nas calças. Indo até o portão, respirou fundo e passou, também desaparecendo.

Call não conseguia ver nenhum dos dois. Não sabia se eles tinham chegado ao outro lado. Só conseguia ver a expressão implacável do Mestre Rufus e os olhos dos outros magos, esperando que ele fosse julgado.

— Callum Hunt — disse o Mestre Rufus. — É a sua vez.

Call engoliu em seco e foi na direção do portão.

— Espere! — gritou uma voz. — Pare!

Call girou. Para sua surpresa, Alastair estava ali. Tinha praticamente a aparência de sempre, só que ligeiramente turvo nas bordas, e não usava mais óculos. Olhou para o Mestre Rufus, e Call percebeu que o professor devia ter invocado seu pai para a cerimônia.

— Precisamos fazer isso *agora* — disse o Mestre North.

Alastair desapareceu e reapareceu de novo a apenas trinta centímetros de Call. Call foi na direção do pai e os dois se abraçaram rapidamente. Alastair estava começando a parecer substancial: Call quase podia sentir a textura do paletó dele.

— Eu passei pelo Portão do Equilíbrio — murmurou Alastair. — Você também consegue. Você é meu filho.

— Eu sei.

Uma grande calma tinha dominado Call. Ele soltou o pai. Em algum lugar alguém murmurava sobre a presença de Devorados no Hall dos Graduados, mas ninguém se moveu para fazer qualquer coisa a respeito.

Muita coisa havia mudado no Magisterium, pensou Call, dando o último passo na direção do Portão do Equilíbrio. Gritos de estímulo soaram atrás: Alastair, Gwenda, Jasper, até os Rajavis.

Ele não passaria sozinho. Estava resguardado na retaguarda e seus dois melhores amigos o aguardavam do outro lado.

Respirou fundo e passou.

Era o olho de um tornado. Imagens da sua vida relampejavam ao redor: uma caverna de gelo, seu velho skate, a cozinha na casa de Alastair, o Refeitório cheio de alunos, o Mestre Rufus dando aula, Aaron e Tamara rindo, Devastação ainda filhote enrolado dentro do seu casaco. O amor por todas essas coisas cresceu por dentro dele, expandindo-se dentro do peito.

Call viu a torre de ouro cair, Alex em seu dragão, Drew pendurando Aaron acima do monstro do caos, Anastasia morrendo, o Mestre Joseph vigiando-o. Mas não sentiu raiva. Ele tinha sido melhor do que aquelas coisas, aquelas pessoas. Tinha vencido. A melhor parte dele tinha saído vitoriosa e não havia lembranças que não fossem suas naquele momento. Não existiam lembranças de Constantine Madden nem de Maugris. Apenas lembranças que pertenciam a *ele*.

Ele sabia quem realmente era.

Callum Hunt.

O tornado se afastou girando e a calma que veio em seguida foi quase ensurdecedora. Ele estava do outro lado, com Aaron e Tamara; ambos rindo. Eles tinham conseguido. Por enquanto as outras pessoas não podiam vê-los — mas Call enxergava os magos à distância, olhando ansiosos para o portão. Em breve a parede de ilusão sumiria, mas por enquanto eles estavam juntos, sem ser vistos.

— Conseguimos — disse Tamara. Em seguida segurou a mão de Aaron e a de Call. — Nós conseguimos, juntos.

Call e Aaron também se deram as mãos.

— E vamos prometer que não seremos como os outros usuários do caos — disse Aaron a Call, apertando sua mão com força. — Não seremos como Maugris. Quando estivermos velhos e chegar a hora de morrer, vamos partir. Nunca mais vamos fazer nada assim.

Call assentiu.

— Nada de ficar pulando de corpo em corpo.

— Nada de ficar pulando de corpo em corpo — disse Tamara. — Vocês vigiem um ao outro. E eu vou vigiar os dois. E se um de vocês violar o pacto, o outro tem de impedir. Junto comigo. Entendido?

Aaron sorriu e havia alguma coisa em seu olhar, algo estranho naqueles olhos que nem sempre haviam pertencido a ele.

— Prometo — disse. — Prometo de verdade. Enquanto eu viver, nunca, jamais vou roubar outro corpo.

Call olhou nos olhos de Aaron.

— Eu também prometo. De agora em diante vamos jogar segundo as regras.

Ele sorriu para Aaron, afastando um fiapo de dúvida. Agora ele era uma pessoa boa. Os dois eram.

Só precisavam continuar assim.

Magisterium

Skoob de Holly Black
https://www.skoob.com.br/autor/350-holly-black

Site de Holly Balck
http://blackholly.com/

Wikipédia de Holly Black
https://pt.wikipedia.org/wiki/Holly_Black

Goodreads de Holly Black
http://www.goodreads.com/author/show/25422.Holly_Black

Twitter de Holly Black
https://twitter.com/hollyblack?lang=pt

Skoob de Cassandra Clare
https://www.skoob.com.br/autor/161-cassandra-clare

Site da Cassandra Clare
http://www.cassandraclare.com/

Wikipédia da Cassandra Clare
https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Facebook da Cassandra Clare
https://www.facebook.com/Cassandraclare/

Goodreads da Cassandra Clare
http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Tumblr da Cassandra Clare
http://cassandraclare.tumblr.com/

Twitter da Cassandra Clare
https://twitter.com/cassieclare?lang=pt

Instagram da Cassandra Clare
https://www.instagram.com/cassieclare1/

ÍNDICE

A CHAVE DE BRONZE

A MÁSCARA DE PRATA

A TORRE DE OURO

Edição de

Corrente de Ouro

CASSANDRA CLARE

AS ÚLTIMAS HORAS

Da autora de
OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Galera

Corrente de ouro (Vol 1. As últimas horas)

Clare, Cassandra

9786555871586

598 páginas

Compre agora e leia

O mal se esconde à vista de todos. O amor corta mais profundamente que qualquer lâmina.

Da autora best-seller do *New York Times* Cassandra Clare, *Corrente de ouro* é o primeiro volume da trilogia *As últimas horas.*

Seja bem-vindo ao período eduardiano londrino! Um tempo de luzes elétricas e sombras extensas, a celebração da beleza artística e a selvagem busca pelo prazer, com demônios à espreita no escuro. Por anos a paz reinou no mundo dos Caçadores de Sombras. James e Lucie Herondale, filhos dos famosos Will e Tessa, cresceram e desenvolveram-se em um ambiente harmônico com sua família e amigos, ouvindo histórias sobre o bem derrotando o mal e o amor como o grande vencedor... Mas tudo muda quando as famílias Blackthorn e Carstairs vêm para Londres, assim como uma espécie de praga nunca vista antes, implacável e inevitável.

Cordelia Carstairs é uma Caçadora de Sombras, uma guerreira treinada desde a infância para enfrentar demônios. Quando seu pai foi acusado de um terrível crime, ela e seu irmão viajam a Londres na esperança de evitar a ruína de sua família. Sua mãe, Sona Carstairs, quer que a filha se case... mas Cordelia está mais determinada a ser uma heroína do que uma esposa. Logo, Cordelia

encontra James e Lucie Herondale, seus amigos de infância, e é levada a seu universo de bailes reluzentes, tarefas secretas e salões sobrenaturais, onde vampiros e bruxos se misturam a sereias e feiticeiros.

Enquanto isso, ela precisa esconder sua paixão secreta por James, que jurou se casar com outra pessoa.

Quando o desastre atinge, depois de tanto tempo, os Caçadores de Sombras, James, Cordelia e seus amigos mergulham em uma aventura descontrolada que os revelará sombrios e incríveis poderes, o verdadeiro e cruel preço de ser um herói... e de se apaixonar.

Ao mesclar enredos complexos, um cenário histórico e personagens cativantes, *Corrente de ouro* se torna uma verdadeira jornada onde os fãs dos Caçadores de Sombras aprenderão o valor do amor, do ódio, da paixão e da amizade, excedendo todas as expectativas.

"A potência da fantasia *young adult* de Cassandra Clare retorna com uma nova geração de Caçadores de Sombras, mais uma vez abordando temas como amor, amizade e família, e entregando uma emocionante história – nostálgica para fãs de longa data, e, ainda assim, acessível para novos leitores." – *Booklist*

Sex Education: Um guia para a vida

Paramor, Jordan
9786559810703
192 páginas

Todas perguntas que você sempre teve vontade (e vergonha) de fazer são respondidas em Sex Education: Um guia para a vida. Um jeito simples e divertido de aprender sobre anatomia, confiança na aparência, consentimento, sexualidade e gênero, com citações dos personagens da série fenômeno da Netflix.

Vamos falar sobre s-e-x-o!
Se você está questionando seu corpo, sem ter certeza sobre como se sente a respeito de si ou não sabe o que fazer no campo minado que é o amor moderno, Sex Education: Um guia para a vida traz esses e outros tópicos vistos na série sensação da Netflix de uma maneira igualmente dinâmica e livre de julgamentos.
Com prefácio de Laurie Nunn, criadora da série, e as ilustrações fofas de Fionna Fernandes, o guia abrange de tudo um pouco, desde anatomia, autoestima e autoaceitação, até situações que você pode passar em um relacionamento amoroso e o que fazer para evitar IST's.
Se você não pode ter o Otis como seu guru particular de sexo, este livro é o que você precisa.
Sex Education: Um guia para a vida além de contextualizar os temas do guia com as várias experiências dos personagens que todos aprendemos a amar, teve a consulta de vários especialistas para fornecer informações precisas. Trata-se de um guia compreensivo, interseccional e inclusivo.
*
A série Sex Education é elogiada por abordar tópicos importantes

como sexualidade, identidade e relacionamentos. A primeira temporada foi vista em 40 milhões de lares nas primeiras quatro semanas e é amplamente celebrada por retratar a maneira como os adolescentes lidam com sexo com honestidade e sensibilidade.

SARAH J. MAAS

Autora de Trono de vidro

CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Ela roubou uma vida.
Agora deve pagar com o coração.

Galera

Corte de espinhos e rosas - Corte de espinhos e rosas - vol. 1

J. Maas, Sarah
9788501107114
434 páginas

Compre agora e leia

Ela roubou uma vida. Agora deve pagar com o coração.
Nesse misto de A Bela e A Fera e Game of Thrones, Sarah J. Maas cria um universo repleto de ação, intrigas e romance. Depois de anos sendo escravizados pelas fadas, os humanos conseguiram se libertar e coexistem com os seres místicos. Cerca de cinco séculos após a guerra que definiu o futuro das espécies, Feyre, filha de um casal de mercadores, é forçada a se tornar uma caçadora para ajudar a família. Após matar uma fada zoomórfica transformada em lobo, uma criatura bestial surge exigindo uma reparação. Arrastada para uma terra mágica e traiçoeira — que ela só conhecia através de lendas —, a jovem descobre que seu captor não é um animal, mas Tamlin, senhor da Corte Feérica da Primavera. À medida que ela descobre mais sobre este mundo onde a magia impera, seus sentimentos por Tamlin passam da mais pura hostilidade até uma paixão avassaladora. Enquanto isso, uma sinistra e antiga sombra avança sobre o mundo das fadas e Feyre deve provar seu amor para detê-la... ou Tamlin e seu povo estarão condenados.

VAI SER UMA VIAGEM E TANTO!

NETFLIX

UMA SÉRIE NETFLIX

PÉ NA ESTRADA

SEX EDUCATION

KATY BIRCHALL

Galera

Sex Education: Pé na estrada

Birchall, Katy
9786559810710
224 páginas

[Compre agora e leia]

A aclamada série da Netflix em uma história inédita com seus personagens favoritos. Em Sex Education: Pé na estrada acompanhe Maeve, Otis, Eric e Aimee em uma aventura para solucionar um mistério. A pré-venda acompanha um marcador de páginas.

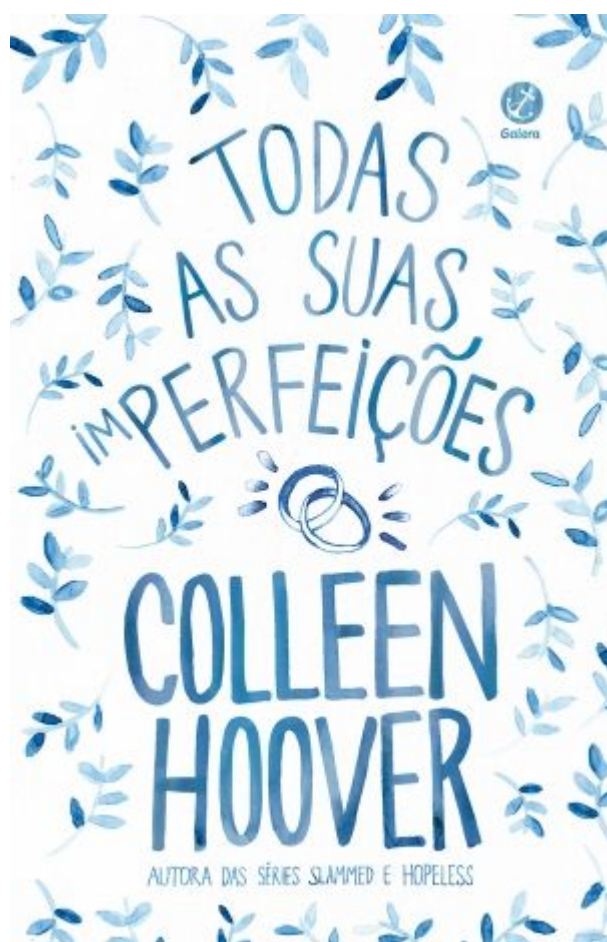
O irmão de Maeve, Sean, se meteu em (mais) uma encrenca. Mas dessa vez a coisa parece estar bem séria. Um grupo de playboys o acusa de roubo e as provas parecem irrefutáveis. Se ele não conseguir limpar seu nome, a prisão será seu novo endereço. Disposto a provar a inocência, ele aciona a inteligente e esperta Maeve. Mesmo sem estar segura sobre a inocência do irmão, ela é a única com quem Sean pode contar. E ela não daria as costas para ele.
Mas Maeve não estará sozinha nessa missão. Com Otis, o improvável guru adolescente de sexo, ao seu lado, a leal amiga Aimee no volante e Eric, o exuberante melhor amigo de Otis, os quatro colocarão todas as suas habilidades de detetive à prova para descobrir o que realmente aconteceu e tentar livrar Sean da confusão.
Entre sobreviver uns aos outros, solucionar um crime de verdade e lidar com as emoções da viagem, os amigos de Moordale farão uma jornada que promete ser inesquecível.
Apesar de ser ambientado no universo da série, o livro apresenta uma história independente. Mas traz tudo o que os fãs mais amam em Sex Education: grandes amizades, amadurecimento,

autoconhecimento, honestidade e aventuras hilárias.
E não há spoiler! A história do livro complementa, mas não revela nada sobre a série.
*
A série Sex Education é elogiada por abordar tópicos importantes como sexualidade, identidade e relacionamentos. A primeira temporada foi vista em 40 milhões de lares nas primeiras quatro semanas e é amplamente celebrada por retratar a maneira como os adolescentes lidam com sexo com honestidade e sensibilidade.

Galera

TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES

COLLEEN HOOVER

AUTORA DAS SÉRIES SLAMMED E HOPELESS

Todas as suas (im)perfeições

Hoover, Colleen
9788501117915
304 páginas

Compre agora e leia

Uma história de amor perfeita é suficiente para manter vivo o casamento entre duas pessoas imperfeitas?

Quando a dança começa, a sincronia é perfeita, os passos seguem o ritmo, as mãos não se soltam, os olhos jamais se deixam. Mas a música pode acabar a qualquer momento... É possível valsar no silêncio? Quinn e Graham se conhecem no pior dia de suas vidas; ela chega mais cedo de uma viagem para surpreender o noivo, ele testemunha a traição da namorada. E é assim que ambos acabam no corredor de um prédio, trocando confidências, biscoitos da sorte e palavras de conforto. Fim da dança... se o destino não tivesse outros planos para os dois.

Meses mais tarde, os acordes tocam para o casal mais uma vez e eles se reencontram. Graham está convencido de que são almas gêmeas. Quinn jamais se sentiu dessa forma antes. A intensidade do sentimento os assusta, mas, ainda assim, eles mergulham de cabeça.

O casamento é tudo o que sonhavam, a parceria perfeita. Mesmo nos momentos difíceis, sabem que podem contar com o outro. Nenhum deles desiste do amor que sentem. Até que a primeira nota dissonante abala a sinfonia do casal. Quinn parece estar disposta a trocar tudo o que é pela única coisa que não consegue ser: mãe.

A luta do casal por um filho arrisca os alicerces da relação. Quinn não pode engravidar. Graham não é um candidato para adoção por conta de um erro do passado. O impasse os deixa parados no salão, no silêncio. A orquestra está em suspenso. Os dois parecem surdos para a música do amor de ambos.

Será que é possível voltar a ouvir? A dançar? Ou será que vão descobrir a mais triste verdade de todas... que, às vezes, apenas amar não é o bastante?